UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Douglas Ricardo Herminio Reis

A literatura no jornal: José de Alencar e os folhetins de *Ao correr da pena* (1854-1855)

São José do Rio Preto
2011

Douglas Ricardo Hermínio Reis

A literatura no jornal: José de Alencar e os folhetins de *Ao correr da pena* (1854-1855) – Volume 1

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração – Literaturas em língua portuguesa, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profª. Drª. Lúcia Granja

São José do Rio Preto
2011

Reis, Douglas Ricardo Hermínio.
A literatura no jornal: José de Alencar e os folhetins de *Ao correr da pena* (1854-1855) / Douglas Ricardo Hermínio Reis. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.
555 f. : 93 il. ; 30 cm.

Orientador:Lúcia Granja
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. José de Alencar. 2. Jornal. 3. folhetim. I. Granja, Lúcia. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. A literatura no jornal: José de Alencar e os folhetins de *Ao correr da pena* (1854-1855).

CDU -

Douglas Ricardo Hermínio Reis

A literatura no jornal: José de Alencar e os folhetins de *Ao correr da pena* (1854-1855)

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração – Literaturas em língua portuguesa, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Lúcia Granja
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Arnaldo Franco Júnior
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Jefferson Cano
UNICAMP - Campinas

São José do Rio Preto
09/Agosto/2011

Dedico este trabalho

A meus pais, João e Sônia, à minha esposa Gislaine, pelo incentivo constante e pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Haveria muitos a quem agradecer, portanto desde já me desculpo por aqueles de quem houver esquecido.

Agradeço à minha orientadora, Profª Drª Lúcia Granja, professora, orientadora e amiga, pela paciência e sabedoria em me ouvir, pelas discussões sempre produtivas e por ter acreditado em meu potencial e me incentivado todo o tempo na elaboração deste trabalho.

Aos professores Arnaldo Franco Júnior e Antônio Manoel dos Santos Silva, que participaram da minha qualificação com orientações preciosas que engrandeceram este trabalho, meus agradecimentos pela paciência e leitura atenciosa.

A todos os funcionários do AEL (arquivo Edgar Leuenroth), da UNICAMP, pela atenção que me foi dispensada quando da coleta dos microfilmes dos jornais utilizados neste trabalho. À minha amiga Raquel Lima Silva, que me acompanhou nesta jornada por Campinas, minha gratidão pela companhia e ajuda.

A meus pais João e Sônia, responsáveis por tudo de bom que sou, minha eterna gratidão e amor pela vida que me deram e pela oportunidade de estar aqui.

À minha esposa Gislaine, meu amor e meu agradecimento pela paciência das horas de convívio roubadas por meus estudos e por ter acreditado mais em mim do que eu próprio seria capaz de fazer. Obrigado, minha companheira de todas as horas. A meu filho Daniel que, tão pequeno, ainda tem a felicidade de não entender a dimensão da vida e de nossos compromissos; seu sorriso e seu olhar de alegria me empurraram nos dias difíceis em que o receio da falha se avizinhou. Um dia você entenderá o quanto foi importante nesta jornada, filho.

“É uma arte difícil esta, de dizer tudo não dizendo nada.”

José de Alencar

RESUMO

O que é hoje denominado crônica tem seu surgimento datado do ano de 1836, pela publicação do primeiro número do jornal francês *La Presse,* de Émile de Girardin, no espaço de rodapé da página do jornal, designado como *feuilleton,* entre nós denominado folhetim. Neste sentido, o primeiro expoente desta geração foi José de Alencar, que escreveu semanalmente para o *Correio Mercantil* e para o *Diário do Rio de Janeiro*, de 1854 a 1855, através da seção *Ao correr da pena*. O presente trabalho tem o objetivo de acompanhar as transformações histórico-culturais do folhetim no Brasil, com enfoque específico em um de nossos maiores escritores, José de Alencar. A pesquisa verificará, na crônica, o desenvolvimento da literariedade da prosa de José de Alencar, mas também a maneira como ele adequou sua prosa à tipologia textual do folhetim-variedade, que ocupava os rodapés dos jornais da época. Para atingir tais objetivos, serão utilizados como apoio teórico os estudos de Michel Espagne sobre os modelos de transferência cultural, que criam um novo sistema a partir de um modelo anterior assimilado, bem como o trabalho de Marie-Éve Thérenty sobre as relações entre literatura e jornalismo no século XIX, centrado na tensão dialética entre literatura e imprensa, da qual resulta a forma do folhetim e sua utilização por diversos escritores em diferentes países, incluindo o uso do formato por José de Alencar, no Brasil. Ao final do trabalho, espera-se demonstrar que a inflexão do José de Alencar cronista para o folhetinista e, posteriormente, romancista, deu-se tanto na adoção de procedimentos ficcionais na construção da crônica como na transposição da materialidade da crônica para o romance.

Palavras-chave: *José de Alencar*. Jornal. Folhetim. Crônica.

ABSTRACT

What is now called chronicle has its dated appearance of the year 1836, published the first issue of the French newspaper La Presse, by Émile de Girardin, within the bottom of the page of the newspaper designated as feuilleton among us called serial. In this sense, the first exponent of this generation was José de Alencar, who wrote for weekly for the *Correio Mercantil* and *Diário do Rio de Janeiro*, from 1854 to 1855, through *Ao correr da pena*'s section. This study aims to follow the historical and cultural transformations of the feuilleton in Brazil, with specific focus on one of our greatest writers, José de Alencar. The survey will check, in the chronicle, the development of the literariness of the prose of José deAlencar, but also the way he has adapted his prose to the text of the variety-feuilleton type, which occupied the footers of the newspapers. To achieve these goals, will be used to support the theoretical studies of Michel Espagne on models of cultural transfer, creating a new system from a previous model assimilated, as well as the work of Marie-Eve Thérenty on relations between literature and journalism in the nineteenth century, centered on the dialectical tension between literature and press, which results in the form of the feuilleton and its use by different writers in different countries, including the use of the format by José de Alencar, on Brazil.

Keywords: *José de Alencar.Journal. Feuilleton. Chronicle.*

Sumário

Volume 1

Introdução 10

1. Jornalismo no séc. XIX: início da era midiática no Brasil? 14

2. José de Alencar: o cronista do *Correio Mercantil* dialoga com o modelo francês.....80

3. A fase do *Diário do Rio de Janeiro*: a desilusão com a realidade ou uma curta introdução do folhetim romanesco.....176

Conclusões.....221

Referências Bibliográficas.....230

Volume 2

Anexos

A - ***Ao correr da pena 02***

B - ***Reprodução dos folhetins mostrados no trabalho.....276***

Volume 1

Introdução

No século XIX, na França, vislumbra-se um cenário em que grandes romancistas e poetas já consagrados passam a ocupar as páginas dos jornais, como no caso de Balzac, Victor Hugo, Frederic Soulié e outros. Surge nas páginas do *La Presse*, em 1836, o *feuilleton*, espaço no rodapé da página do jornal destinado a abrigar as mais diversas tendências e estilos, incluindo crítica teatral, moda, costumes e, ainda, romances partidos em fascículos e mostrados ao público leitor a cada número.

No Brasil do mesmo período, diferentemente, não são escritores consagrados que se aventuram nas páginas dos jornais, mas jornalistas iniciantes que lá comparecem, para depois, em muitos casos, alçarem voos mais ambiciosos em direção à carreira de escritor. Estes dois movimentos, de ordem inversa, encontram-se unidos por um fator: o surgimento de uma indústria jornalística a reboque das inovações técnicas que permitiriam uma maior eficácia e o aumento do alcance dos jornais em relação a um público leitor que, se não era ainda numeroso – especialmente no caso brasileiro – por outro lado viria a constituir o embrião do que se poderia chamar de uma cultura de massa no Brasil, no rastro da era midiática que se iniciava em território francês.

E é neste cenário que surge a mais importante figura do romantismo brasileiro. Entre 1854 e 1855, o então jovem José de Alencar, do alto dos seus 25 anos, assume a seção *Ao correr da pena*, em duas séries de folhetins publicados neste período, primeiro no jornal *Correio Mercantil*, a seguir em uma série mais curta nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*. Havia um modelo a ser seguido e o jovem jornalista não se furta a fazê-lo, exercitando o *folhetim-variedade*, passando em revista os fatos da semana pelo olhar do folhetinista. Já demonstrando, todavia, a inquietude e o gosto pela polêmica que o acompanharia por toda a vida, Alencar não se limitou a assimilar e ser subserviente ao modelo estrangeiro, mas dentro deste dialogou e, não raro, o contestou e enfrentou.

O objeto de análise deste trabalho será, portanto, a produção folhetinesca de Alencar dentro dessa seção, mas sob o ponto de vista da inserção do autor dentro de um novo modelo e suporte, ou seja, no seio da nascente indústria midiática e do componente que inaugura este período, ou seja, o jornal e, mais especificamente, no rodapé da página do jornal, no espaço destinado à opinião e a visão subjetiva dos fatos descritos no alto da página.

E tal não será possível sem que se trace a linha que vai desde o chamado *ano um* da era midiática, com a edição do *La Presse* de Emile de Girardin, até os folhetins de Alencar e o trânsito do autor na área de intersecção entre o que Marie-Ève Therenty (2007) chama de *matriz midiática* e *matriz literária*.

Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar que o modelo iniciado por Emile de Girardin em 1836 foi assimilado no Brasil e que, no caso específico de José de Alencar, ocorreu um movimento de assimilação do modelo, em constante diálogo com o alto da página do jornal.

Também será demonstrado que, gradualmente, o autor se afastou dos fatos descritos pelo jornal, derivando para uma concentração do esforço metalinguístico e a adoção de expedientes literários dentro do suporte, com características que serão apresentadas e desenvolvidas no decorrer desta pesquisa.

Para tanto, este estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro, será apresentado o início da era midiática na França e as características do jornal precursor deste período, o *La Presse*, e a transposição de tal modelo para o Brasil, respondendo ao questionamento sobre o paralelismo de tais processos. Neste capítulo, recorrer-se-á às proposições teóricas de Marie-Ève Thérenty, Dominique Kalifa, Allain Vaillant, Lise Dumasy Keffelec, Alain Corbin, Roger Chartier, e Michel Espagne. Nosso objetivo será mostrar o início da chamada indústria midiática na França e a posterior massificação cultural constituíram um modelo adotado também no Brasil, por meio de transferência cultural, o qual se desenvolveu em nosso país com aspectos próprios, apoiado em Marlyse Meyer, Jefferson Cano, Sandra Guardini Vasconcelos e Antonio Cândido.

Neste sentido, cumpre esclarecer que o conceito de indústria midiática a ser adotado e mencionado no decorrer deste estudo será aquele defendido pelos autores acima mencionados, adotando como termo inicial o ano de 1836, do lançamento por Emile de Girardin do jornal *La Presse*, bem como o termo significando o cenário resultante do conjunto de condições que permitiu ao jornal atingir a um maior público, seja pela evolução técnica que resultou no incremento da produtividade e a posterior redução de custos e do preço final aos leitores, seja ainda pelo aumento do público leitor.

No segundo capítulo já estabelecida a transposição do modelo jornalístico francês para o Brasil, o objetivo será discorrer acerca dos escritos de José de Alencar na seção *Ao correr da pena*, em sua fase do *Correio Mercantil*, em sua assimilação do modelo francês do *feuilleton*, exercendo o folhetim-variedade, mas com características próprias. Ainda, proceder-se-á à análise dos folhetins no suporte em que foram concebidos, através da reprodução dos originais dos folhetins, cujas microfilmagens foram obtidas no AEL (Arquivo Edgar Leuenroth) da Unicamp, comparando o suporte jornal com a reunião de tais textos em coletâneas posteriores, tais como a edição de 1874, obtida no sítio da Brasiliana de José Mindlin, hoje lotada na USP, tomando como base para citação neste trabalho dos folhetins de Alencar a edição elaborada por João Roberto Faria, demonstrando que a transposição de um suporte a outro modifica e muitos casos o conteúdo dos folhetins originais, ainda o modo como são lidos.

Tais questões serão discutidas com o apoio teórico dos autores franceses já mencionados, mais os escritos de Marlyse Meyer, Antonio Cândido, Walter Benjamin, Roland Barthes, Antônio Manoel dos Santos Silva e Lúcia Granja.

No terceiro capítulo, serão abordados os escritos de Alencar para a mesma seção que foram publicados no *Diário do Rio de Janeiro*, mostrando um afastamento do alto da página do jornal e a intensificação na adoção de expedientes literários no rodapé da página do jornal, utilizando para tanto os mesmos autores já mencionados.

No final, serão apresentadas as conclusões do estudo, onde se pretende apresentar uma linha que vai do início da era midiática em 1836, com o *La Presse*, até José de Alencar e o modo como tais folhetins foram tratados dentro de cada suporte no decorrer do tempo.

Será abordado ainda o exercício constante de Alencar não apenas do folhetim-variedade, mas de um pensamento contestador dentro do mesmo modelo, consistindo em um esforço metalinguístico e a adoção de procedimentos literários no rodapé da página do jornal, com um início de diálogo com os fatos descritos no alto da página e um gradual afastamento até o encerramento da seção.

O que se pretende é apresentar uma perspectiva diversa sobre o estudo da era midiática na França e no Brasil e dos folhetins de Alencar, ao buscar a fonte em que foram publicados, com o suporte constituindo elemento importante da concepção textual, seja na adaptação do autor ao espaço determinado para escrita, seja na intensidade maior ou menor do diálogo do folhetinista com o alto da página.

Não há a pretensão, aqui, de esgotar assunto que pode constituir, parafraseado Marlyse Meyer, um poliedro de infinitas faces. Entretanto, o que vai a seguir apresentado tem o escopo de ser mais um tijolo nesta enorme construção que é a análise da crônica (como é chamada atualmente) ou do folhetim e de seu papel na literatura e na cultura brasileiras, com o foco em um dos mais importantes escritores brasileiros e sua incessante inquietação, propulsora do romancista consagrado que se revelaria tempos depois.

1. Jornalismo no séc. XIX: início da era midiática no Brasil?

A fim de compreender o papel desempenhado pelo jornalismo na carreira de escritores como José de Alencar, faz-se necessária uma análise mais detida do surgimento e desenvolvimento da era midiática, tanto na França como no Brasil, verificando ainda a possibilidade de um paralelo no desenvolvimento deste evento em ambos os países. Esse processo se deu em paralelo? E, ainda, em tais países a indústria midiática se desenvolveu livremente ou tratou-se de um modelo de transferência cultural? Tais questões serão o eixo principal de discussão deste tópico.

E o primeiro passo para o nascimento da era midiática se deu fora do território francês, vale dizer, na Inglaterra. A se adotar o ponto de vista de Ian Watt, em *A ascensão do romance* (2010), com o crescimento do gosto pela leitura de romances, especialmente entre o público feminino da época, bem como o mercantilismo na produção literária, com o surgimento da figura dos livreiros ou editores, em lugar dos antigos mecenas, o que terminou por consagrar a produção literária em série, a fim de atender um público leitor crescente e ávido por novidades.

Já no século XVIII, aponta Watt (2010, p. 37):

> Em seu *English literature and society in the eighteenth century* [Literatura e sociedade inglesa no século XVIII], Leslie Stephen afirma que "a extensão gradual da classe leitora afetou o desenvolvimento da literatura a ela dirigida" e aponta o surgimento do romance, bem como do jornalismo, como exemplos fundamentais do efeito das mudanças no público literário.

Já no século XVIII, portanto, vislumbrava-se a oportunidade de expansão do público leitor, em um processo análogo ao que ocorreria na França no século XIX, e que foi descrito por Dominique Kalifa (2001), conforme veremos adiante. Na Inglaterra, antes de a literatura surgir no jornal, já havia escritores buscando adaptação ao gosto de um público leitor crescente, público este que encontrava duas dificuldades principais ao seu crescimento, segundo Watt (2010).

E o primeiro obstáculo, segundo o autor inglês, seria justamente a pouca oportunidade de instrução da população, "instrução não no sentido do século XVIII, ou seja, de conhecimento das línguas e literaturas clássicas, mormente a latina, mas na acepção moderna de capacidade de ler e escrever a língua materna." (WATT, 2010, p. 39). Outro fator, considerado o mais importante pelo autor mencionado, seria o econômico, no sentido de que o alto custo dos livros no século XVIII dificultaria o acesso destes à população mais pobre, sem contar que o hábito da leitura seria considerado pernicioso aos mais pobres, tanto pelas classes mais ricas quanto por religiosos, em associação com aqueles.

Tais obstáculos, entretanto, especialmente o econômico, começaram a ser superados por outras práticas que facilitariam o acesso à leitura daqueles que não possuíam recursos para comprar livros e, posteriormente, revistas e jornais. Trata-se das bibliotecas públicas ou circulantes, constituídas principalmente de romances. Watt (2010, p. 45) descreve tal fenômeno da seguinte forma:

> Pode-se ter uma ideia da medida em que os fatores econômicos retardaram a expansão do público leitor, em especial o do romance, pelo rápido sucesso das bibliotecas públicas ou circulantes, como passaram a ser chamadas após 1742, quando surgiu o termo. [...] As taxas de inscrição eram módicas: em geral variavam de meio guinéu a um guinéu por ano, e muitas vezes se podia emprestar livros por um *penny* o volume ou três *pence* o habitual romance de três volumes.
>
> [...]
>
> Assim, é provável que até 1740 o alto preço dos livros impedisse que uma parcela substancial do público leitor tivesse participação integral na vida literária e que essa parcela se compusesse basicamente de possíveis leitores de romance, muitos dos quais seriam mulheres.

Watt ainda aponta que o público leitor na Inglaterra do século XVIII, principalmente no início do processo de popularização da leitura, dava preferências a livros que se referiam a assuntos religiosos. Com o tempo, todavia, passou o mesmo público a expandir seus gostos de leitura.

Essa transição para a literatura religiosa e a laica ou, nas palavras de Watt (2010), "entre as belas-letras e a orientação religiosa" (p. 53), ganha impulso justamente com a criação de dois periódicos, o *Tatler* em 1709 e o *Spectator* em 1711, bem como do *Gentleman's Magazine*, em 1731, em paralelo com a ascensão dos livreiros ou editores, que na Inglaterra adquiriram uma posição social e econômica considerável (basta mencionar que o *Gentleman's Magazine* era dirigido por um jornalista e livreiro, que tinha como principais colaboradores "escribas de aluguel e amadores") (WATT, 2010, p. 55).

E os livreiros, seguindo a análise de Watt, não promoveram a promoção e o aprimoramento do romance, mas o submeteram às leis de mercado, encomendando a seus escritores o que o público queria ler, ou seja, aquilo que lhes trouxesse mais lucro. Com isso, acabaram por interferir no próprio modo de escrita:

> Contudo, se os livreiros pouco ou nada fizeram para promover o surgimento do romance, há alguns indícios de que, ao retirar a literatura da tutela dos mecenas e colocá-la sob o controle das leis de mercado, eles indiretamente contribuíram para o desenvolvimento de uma das inovações técnicas características da nova forma – suas copiosas descrições e explicações – e possibilitaram a notável independência de Defoe e Richardson em relação à tradição crítica clássica que constituía condição indispensável de sua realização literária.
>
> Uma vez que o principal objetivo do escritor deixava de ser satisfazer os padrões dos mecenas e da elite literária, outras considerações adquiriram uma nova importância. Pelo menos duas delas devem ter estimulado a prolixidade do autor: primeiro, escrever de maneira bem explícita e até mesmo tautológica podia ajudar os leitores menos instruídos a compreendê-los facilmente; e segundo, como quem lhe pagava era o livreiro e não o mecenas, rapidez e volume

> tendiam a se tornar as supremas virtudes econômicas.(WATT, 2010, p. 59)

A mercantilização inova o modo de escrever e, portanto, a literatura, que passa a ser vista como um ofício e não mais como um protetorado artístico.

Observando o quanto escrito por Watt com relação ao romance no século XVIII, é possível verificar um processo semelhante a ocorrer na França do século XIX, com características próprias que serão discutidas a seguir, mas seguindo uma trilha semelhante: expansão do público leitor, inovação técnica e mercantilização do trabalho literário, com a escrita atendendo à demanda do público leitor.

Em contraponto, Roger Chartier (1996) assinala a imprecisão no que diz respeito à aferição do público leitor pelo método utilizado na Inglaterra retratada por Watt (2010), ao se tomar como base o número de assinaturas em livros de casamentos, método que, segundo o autor francês referido, faria supor um público leitor bem maior do que o realmente existente.

O movimento dos romances ingleses em direção à França é anotado por Sandra Guardini Vasconcelos (2005, p. 18-19), em seu estudo sobre a chegada de romances ingleses à França ainda no século XVIII e, posteriormente, ao Brasil:

> "Traduit de l'anglais": foi assim que a maior parte dos romances ingleses do século XVIII chegou à França, depois de haver tomado a Inglaterra de assalto e se tornado uma verdadeira mania entre os leitores comuns. A travessia do Canal da Mancha foi, no entanto, apenas a primeira etapa que esses romances cumpririam na sua longa viagem por terras e mares estrangeiros. Se *Pamela,* ou *virtude recompensada*, romance de Samuel Richardson publicado em 1740, fez escola, transformando-se num paradigma imitado por inúmeros romancistas ingleses, não foi menor seu impacto no continente europeu. Traduzida para o francês por Prévost em 1742, a história da heroína que resiste a todas as tentativas de sedução por parte de seu senhor, acabando por conquistar casamento e ascensão social como recompensa, foi recebida com elogios e entusiasmo pela maneira como Richardson conseguia combinar realismo e edificação moral. Divertir

> enquanto ensinavam era o mote dos romances de Richardson, matriz de quase todas as novelas escritas no período, produzindo modelos de comportamento para as mocinhas casadoiras de então. Com Pamela, nascia a heroína com papel "civilizatório", que iria habitar as páginas dos romances na Inglaterra, cruzar o canal da mancha e deixar marcas no imaginários dos romancistas. Na esteira dele, vieram centenas de outros romances que, tanto na Inglaterra como na França, ocuparam o tempo livre de suas leitoras, seu público privilegiado, e abriram definitivamente espaço para a consolidação do novo gênero.

Assinala ainda a autora a inauguração do primeiro gabinete de leitura em território francês no ano de 1759, iniciando a expansão e diversificação do publico leitor, fator que culminaria, junto a outros fatores, no início da era midiática na França (KALIFA, 2001). Mas a caminhada até tal ponto ainda levaria décadas, em um processo que será comentado adiante.

Na década de trinta do séc. XIX, apesar da mitificação de Balzac, Paris é apenas uma província, com poucas opões culturais (VAILLANT, 2006, p.11), mas um fator importante já se mostrava no horizonte, apontando para o surgimento de uma nova modalidade de difusão cultural: a existência de um público apto à leitura. Associe-se a esses fatores a revolução técnica dos métodos de impressão, com a conseqüente diminuição dos custos, atingindo um maior público leitor, e estarão lançadas as bases para o nascimento da cultura de massa na França.

Desse modo, o jornal, que mais adiante será o suporte inicial da produção de literária de José de Alencar no Brasil, simboliza, na França, a passagem para uma indústria cultural de massa e o início da era midiática, com a disseminação posterior da literatura pelas páginas dos jornais (THERENTY, VAILLANT, 2001).

No entender de Dominique Kalifa (2001), esse surgimento e ascensão do jornal na França se deu a reboque de dois processos de evolução: o primeiro é um processo *legal*, com um arcabouço de leis para a regulamentação da imprensa e o

segundo representado por uma evolução *técnica*, com o avanço nas técnicas de impressão, permitindo atingir uma maior tiragem com custos menores, abarcando um espectro antes não alcançado de leitores. Ou, nas palavras do autor [1]:

> Precedida pela edição impressa, a preços muito baixos, o jornal, no entanto, simboliza a transição para a produção e o consumo de massa. [...]
>
> Este crescimento é suportado por dois desenvolvimentos positivos. A primeira é a lei ea lei de imprensa. O Segundo Império estabelece rigorosa censura contra jornais políticos, pensados de acordo com o poder privado e plutocrático. Ele se mostra, no entanto, liberal em relação a outros jornais, tais como o Le Petit Journal, ao abandonar todos os seus discursos públicos. [...]
>
> E o segundo acontecimento refere lançamento e uso de técnicas. O processo de inovação aqui é contínuo (ver Capítulo IV), permitindo que os jornais para aumentem suas impressões, profissionalizem seu conteúdo e garantam uma difusão mais ampla. (KALIFA, 2001, p. 6-7)[2]

Nesse sentido, pode-se afirmar que o jornal assinala a passagem para uma indústria cultural de massa na França, sendo que tal ascensão, além da revolução técnica já mencionada, trouxe também bases legais, com o avanço das leis reguladoras da atividade de imprensa. Logo, como dito por Dominique Kalifa, a revolução midiática antecedeu a eclosão da cultura de massa na França, ou seja, a

[1] A partir de então, todas as citações em francês ou em outra língua estrangeira serão apresentadas traduzidas pelo autor no corpo do trabalho, com o texto original transcrito em nota de rodapé.

[2] Devancé, par l'edition d'imprimés à très bas prix, le journal symbolise pourtant le passage à une production et à une consommation de masse. (...)

Cet essor est porté par deux évolutions favorables. La première concerne le droit et la législation de la presse. Le Second Empire instaure une sevère censure à l'égard des journaux politiques, pensés comme des puissances privées et ploutocratiques. Il se montre em revanche libéral à l'égard de quotidiens comme *Le Petit Journal*, censés donner toute sa place à la parole publique.(...)

Se second évolution concerne les techiniques de presse. Le train d'innovations est ici continu (cf. chapitre IV), permettant aux journaux d'augmenter leurs tirages, de profissionnaliser leurs contenus et d'assurer une diffusion de plus en plus large. (KALIFA, 2001, p. 6-7)

evolução da cultura midiática e posterior massificação da cultura passou, necessariamente, pela diversificação e especialização do suporte.

E esse nascimento e ascensão da indústria midiática na França, tomado o conceito apresentado e desenvolvido na introdução deste trabalho, promoveu as primeiras manifestações literárias dentro do novo suporte, em um diálogo tenso entre o que Marie-Ève Thérenty (2007) chama de *matriz midiática* e *matriz literária,* quando houve a contaminação de um pelo outro.

Com o advento do folhetim, o escritor ouve e se deixa influenciar pelo gosto do público leitor, difundido pela massificação promovida pelo suporte, bem como se submete ao espaço físico que lhe é destinado dentro do novo veículo.

Por outro lado, o jornal, na tentativa de organizar o caótico panorama que pretende retratar em suas páginas, não raro lança mão de expedientes tipicamente literários, como a criação de "ganchos" entre notícias, deixando o leitor em suspense (algo que ocorre até os dias de hoje como, por exemplo, nos chamados "artigos seriados" ou "reportagens em série" sobre determinados assuntos), técnica que, depois, seria assimilada por suportes diversos como o cinema e, posteriormente, a televisão.

O uso de diversas figuras de linguagem e de um tom mais pessoal do jornalista ao se dirigir ao leitor, para angariar a confiança deste, também se mostram como exemplos deste diálogo constante entre matriz midiática e matriz literária.

Como afirmado por Marie-Ève Thérenty (2007, p. 354):

> Há de fato uma literalização [3] contínua da imprensa no século XIX, literalização esta a qual uma das manifestações essenciais consiste em uma ficcionalização latente da matéria textual.
>
> [...]

[3] (*trad. Livre*)

> Outra intenção desse volume foi para destacar a dupla matriz que determina o fazer jornalístico: uma matriz midiática cuja especificidade deve ser entendida além do jornal, uma matriz literária que, paradoxalmente, vem do antigo sistema comunicacional que o jornal quer suplantar.[4]

Assim, há que se distinguir, dentro desta análise, os momentos distintos do nascimento da cultura midiática e do que é chamado cultura de massa, na medida em que por primeiro proporcionou-se o suporte necessário com o aprimoramento da legislação e, principalmente, das técnicas de composição e impressão.

Já em um segundo momento, adicionou-se o fator de aumento do público leitor, uma vez que, com o empobrecimento da zona rural, esse mesmo público passa a migrar para os centros urbanos – Paris, em especial – misturando-se ou tornando-se parte das classes trabalhadoras após a revolução burguesa de julho de 1830.

Mas o aprimoramento de legislação e de técnicas de publicação de nada adiantariam sem um outro movimento, em sentido diverso, que viria ao encontro da revolução do suporte: trata-se do aumento e incremento do público leitor na França, mediante o aumento da alfabetização entre os franceses, bem como a massificação da leitura.

Esse aumento na formação de novos leitores, e a difusão de práticas de leitura é assinalado por Dominique Kalifa (2001, p. 23):

> A aceleração do processo de alfabetização disponibiliza novos leitores, até então restritos às fronteiras da escrita.
>
> [...]

[4] Il existe en effet une littérarisation continue de la presse au XIXe siècle, littérarisation dont une des manifestations essentielles consiste em une ficcionnalisation latente de la matière textuelle. [...] Une autre volonté de ce volume était de mettre en évidence la double matrice qui conditionne l'atelier journalistique : une matrice médiatique dont la especificité est de s'entendre au-delà du journal; une matrice littéraire qui, paradoxalement, vient de l'ancien régime communicationnel que le journal veut suplanter. (THÉRENTY, 2007, p. 354)

> Ao prazer da leitura, que se estende gradualmente nos meios populares, somam-se um processo muito amplo de aculturação e de homogeneização cultural.[5]

Esse amplo processo de homogeneização cultural, entretanto, não se deu de forma homogênea: o termômetro de alfabetização na França, na década de 60 do século XIX, correspondia ao número de pessoas capazes de assinar seu contrato de casamento.

Tal indicador se mostra impreciso, especialmente se se levar em conta que, nas palavras de Dominique Kalifa (2001), coexistiam duas Franças, onde a noroeste a alfabetização se deu de forma mais profunda e precoce, enquanto que no sudoeste o processo de disseminação da leitura deu-se mais pela difusão oral.

Em Paris, segundo Kalifa (2001, p. 24), a situação quanto à profusão de leitores é diversa em relação ao restante do território francês, incluindo a divisão territorial acima citada:

> O acesso a impressos segue claramente "os ritmos e espaços. "No século XVIII, por exemplo, o povo de Paris pode ler, escrever, contar, e nota-se a presença de material impresso (livros religiosos, comerciais e de transporte, canards (obs: sem tradução precisa, estórias supostamente fantásticas ou fantasiosas inseridas em jornais)), em seu seio. [6]

Sob tal ponto de vista, um autor crucial para entender a evolução das práticas de leitura, dentro da perspectiva deste estudo e em comparação com o quanto escrito por WATT (2010) e já mencionado, é Roger Chartier (1996), ao comentar as ligações entre livro e leitura, dando uma visão do que seria o suporte

---

[5] L'accélération du processus d'alphabétisation rend disponibles de nouveaux lecteurs, jusque-là tenus en lisère du monde de l'écrit. [...] Au plaisir de la lecture, qui s'étend peu à peu dans les milieux populaires, s'ajouent les effets d'um très ample processus d'acculturation et d'homogénéisation culturelle. (KALIFA, 2001, p. 23)

[6] L'accès à l'imprimé suit donc clairement "des rythmes et des espaces". Dès le XVIIIe siècle, par exemple, le peuple de Paris sait lire, écrire, compter, et l'on note la presence d'imprimés (ouvrages de pieté, de colportage, canards) en son sein. (KALIFA, 2001, p. 24)

que então surgia, pelo menos do modo aqui comentado, ou seja, o jornal, em razão de um público leitor já formado, e que crescia constantemente.

Sob tal prisma, Kalifa (2001) defende que um estudo das práticas de leitura, considerado o suporte em que se inserem, deve ser construído contra a tradição mais recente da sociologia histórica da cultura, pois ao se adotar tal perspectiva, deveria ser considerado que determinados textos circulariam em uma escala social restrita.

Tal fator se mostra, dentro de uma perspectiva histórica, inválido, uma vez que os textos de teor mais, digamos, "popular", circularam entre as camadas mais abastadas da sociedade, bem como textos eruditos circularam entre camponeses e se difundiram, muitas vezes, pela leitura oral.

Em "O acesso à leitura", Chartier (1996) discorre sobre a forma como a leitura se difundia na sociedade francesa. Afirma que o método anteriormente utilizado para mensurar o número de pessoas letradas dentro da sociedade, qual seja, a consulta a assinaturas de livros de casamentos, hipótese construída para a Inglaterra do séc. XVII, não se mostra um método preciso, pois supõe-se que o número de pessoas letradas é muito superior ao número de assinaturas em livros de casamento. Essa hipótese levantada pelo autor pode ser generalizada da Inglaterra para a França e, em seguida, dos homens para as mulheres.

Para tanto, cita exemplos literários nos quais o aprendizado da leitura por mulheres surge como meio de desestabilização de relacionamentos e do ambiente familiar, como em peças de Molière, por exemplo. Mais tarde, Flaubert daria uma maior amplitude a este fenômeno, como um ato de libertação, em *Madame Bovary*.

A seguir, Chartier discorre acerca das diferenças entre leitura oral e silenciosa, letramento tradicional e extensivo, argumentando que a leitura passa a ser vista, também, como uma atividade prática e não apenas religiosa, fator que também será determinante para a massificação cultural que se seguiria. Referido autor também distingue a produção de textos e de livros, com a utilização de

efeitos específicos pelo autor para atingir determinado público, bem como o efeito que a tipologia ou o modo de publicação terão sobre o público leitor na recepção do texto.

Afinal, em "O exemplo dos livros azuis", o mesmo autor exemplifica o quanto dito antes, mencionando a coleção de livros da chamada *biblioteca azul*, apropriando-se e textos clássicos e remodelando-os para atender àquilo que seria entendido como o "gosto popular" de então, com o expediente de multiplicar capítulos, aumentar o número de parágrafos, tornando-os mais curtos e, mesmo, suprimindo passagens inteiras, consideradas desnecessárias ao desenvolvimento da trama, tornando menos carregada a distribuição do texto sobre a página. Mas tal esforço, segundo o autor, apenas torna o texto mais obscuro e incompreensível:

> [...] segunda intervenção editorial sobre os textos: uma estratégia da redução e da simplificação. Com efeito, na maior parte dos casos, as edições de Troyes encurtam de duas maneiras os textos que reproduzem. A primeira consiste em dilatar o texto, em abreviar certos episódios, em operar cortes às vezes severos. Nos romances publicados na forma de livro azul, tais reduções amputam os textos das narrativas supérfluas, mas sobretudo das descrições de propriedades sociais e dos estados psicológicos, tidos como inúteis ao desenrolar da ação. Um segundo conjunto de transformações redutoras situa-se na escala da própria frase, com a modernização de fórmulas envelhecidas ou difíceis, o enxugamento das frases, depuradas de suas relativas ou incisos, a supressão de numerosos adjetivos ou advérbios. A leitura implícita postulada através de um tal trabalho é uma leitura capaz de apreender somente os enunciados simples, lineares, cerrados. Os distanciamentos aparentemente insignificantes entre os textos das edições azuis e o da edições "eruditas" que retomavam, traduzem, portanto, de fato, a maneira com que os impressores de Troyes (ou aqueles que trabalhavam para eles) concebiam as capacidades léxicas, limitadas ou particulares, de massa de seus leitores potenciais.
>
> Mas, feito rápida e pouco cuidadosamente, esse trabalho parece, com freqüência, chegar a um resultado inverso: os cortes operados nas narrativas as tornam, frequentemente, difíceis de serem compreendidas, a constituição dos parágrafos faz-se, às vezes, à custa do sentido, cortando em dois a mesma frase, e as negligências de cópia ou compreensão multiplicam as incoerências. A opacidade dos textos é, portanto, introduzida pelo próprio processo que

> pretende tornar mais fácil a sua leitura."(CHARTIER, 1996 , p.102)

Conclui Chartier, então, que abordar tais práticas de leitura por uma perspectiva sociológica seria uma conclusão apressada, pois o que foi adotado para trazer textos consagrados a leitores menos letrados faz com que o texto, ainda que de forma inapropriada, cruze fronteiras sociais e se estabeleça em quaisquer classes sociais.

Observa-se, do quanto exposto pelos autores acima comentados e citados, que a trajetória das práticas de leitura e massificação de leitores, ainda que venha imbuída de um componente social – como dito por Kalifa, pois a ampliação do público leitor e sua consolidação passam por reformas educacionais e pela industrialização do país, com um maior número de pessoas migrando para centros urbanos e obtendo melhores oportunidades de alfabetização – por outro lado, deve-se também ao aprimoramento das técnicas de constituição do suporte, que teve papel decisivo no processo de massificação cultural.

E com o texto literário ocupando seu espaço no jornal e, ainda, permeando todo o discurso jornalístico e sendo por este também influenciado, completa-se o ciclo que descreve o surgimento e o crescimento da indústria midiática na França e, por conseqüência, inaugura a cultura em massa neste país, processo este que se repetiria no Brasil, com algumas características próprias.

Nas palavras de Marie-Ève Thérenty (2007, p. 18):

> Devido à sua popularidade, o jornal tornou-se rapidamente o principal sistema discursivo, suporte de uma representação do mundo: a literatura assiste ao triunfo do sistema midiático e não pode muito mais do que aproveitar as estruturas comunicacionais que lhe oferece o jornal.[7]

[7] En raison de son succès populaire, le journal devient rapidement le principal système discursif, support d'une représentation du monde: la littérature assiste au triomphe du système médiatique et ne peut au mieux que profiter des structures communicationelles que lui offre le journal. (THÉRENTY, 2007, p. 18)

Em vista do que supusemos anteriormente, para os efeitos deste estudo, será seguido o parâmetro apresentado por Thérenty, Vaillant e Kalifa, que assinalam o ano de 1836 como o marco temporal inicial da era midiática.

Na história do jornal, data de 1836 a primeira experiência bem sucedida no sentido de baratear os custos de produção e maior tiragem: trata-se do *La Presse*, de Émile de Giradin, com um menor investimento na captação de assinaturas, barateamento do preço do exemplar, com o custo suportado pelos anunciantes. Tal estratégia mostra-se bem sucedida: com o movimento sendo seguido por outros periódicos, a tiragem dos jornais parisienses salta de 80000 para 180000 exemplares e o *La Presse* atinge 35000 exemplares em 1854. (KALIFA, 2001, p. 8)

Segundo autores como Alain Vaillant, Marie-Ève Thérenty (2001) e Dominique Kalifa(2001), 1836 é considerado o "ano um" da era midiática, com o lançamento das diretrizes do *La Presse*, experiência que depois seria aprimorada, a partir de 1863, com o lançamento do *Le Petit Journal*. Os jornais e o jornalismo, no entanto, já existiam bem antes deste ano fatídico em que se inicia o processo de massificação cultural na França, em um processo que se expandiria para outros países, adotando tais parâmetros como modelo. O que diferencia, então, o *La Presse* dos jornais anteriormente publicados, para que tais autores afirmem que o lançamento deste periódico seria considerado como marco inicial de uma nova era na escrita e na difusão da leitura?

Segundo os autores acima mencionados, os jornais anteriores ao *La Presse* representavam principalmente a opinião de um grupo político; Émile de Girardin, editor de jornais, homem de letras e fundador do *La Presse*, cuja trajetória será apresentada mais detalhadamente adiante, afasta o seu novo jornal desse segmento e aposta no viés cultural, somando tal tendência à redução do preço do exemplar e da assinatura, com um maior investimento na publicidade dentro do periódico, aumentando a receita através dos anúncios. Disso foi consequência um aumento do espectro econômico e ideológico do público leitor.

Girardin era, antes de tudo, um homem de negócios, que estava atento ao movimento em direção às cidades e às perspectivas de atingir um número maior de leitores através da variação dos assuntos em seu periódico e da redução dos preços. Não se pode afirmar, portanto, que o criador do *La Presse* fosse um visionário ou um homem à frente de seu tempo, como se poderia supor apressadamente.

Em verdade, como será comentado adiante, o jornal que inaugurou a era midiática na França era, até mesmo, conservador do ponto de vista formal, e o ponto de inflexão reside justamente na mudança de estratégia comercial ancorada na evolução das técnicas de impressão que se encontrava a todo vapor na época, bem como na percepção de que o mundo cada vez mais urbano e a vida cada vez mais intensa exigiam um novo modo de expressão, mais veloz e fragmentado.

Assim, pode-se afirmar que o surgimento da era midiática se deu, basicamente, em três frentes: no território da evolução das técnicas de impressão, que permitiram um barateamento dos custos de produção e um conseqüente investimento no incremento dos ganhos em publicidade, resultando na redução do preço final do jornal avulso e de suas assinaturas, com um conseqüente aumento do público leitor.

Ainda, pode-se considerar o aumento desse público leitor nas grandes cidades, em especial Paris, com a grande urbanização que se encontrava em curso e, principalmente, com a mudança no modo de escrever para esse novo público, já acostumados à simplificação e ao corte, como exemplificado por Chartier ao falar da coleção dos *livros azuis.*

É este o jornal: fragmentado, breve, com seu ritmo alterado em relação à literatura de então. E a literatura, ao invadir posteriormente os jornais dessa nova era, adaptar-se-á ao espaço do jornal e a própria forma de escrever mudará. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que a literatura que se contaminou com o jornal também o contaminará com seus expedientes, em um diálogo constante, uma

porosidade na qual, muitas vezes, será difícil distinguir onde começa o jornalismo e termina a literatura, e vice-versa.

Ou, nas palavras de dois dos autores já mencionados:

> Finalmente, em um plano mais estritamente artístico e literário, manifesta-se por múltiplas rupturas de ritmos da escrita e da fala: irrupção das formas breves, em prosa como em poesia: rejeição *flaubertiana* do grande e belo período oracional; primazia do *ver* sobre o *dizer*, de Baudelaire ao surrealismo; presença do espasmo cômico, no coração de todas as novas poéticas. (VAILLANT; THÉRENTY, 2001, p. 9)[8]

Mas, como afirmado, o *La Presse* é, principalmente, uma experiência técnica e econômica, e a transformação do modo de escrita que lá se insere, bem como a via de mão dupla entre alto e baixo da página do jornal, que depois se estabeleceria, não foram primeiramente planejados, mas mostram-se como decorrência de um estilo adequado ao espaço disponível.

Aqui se destaca a importância de um jornal como o *La Presse* para a literatura por três características essenciais: o jornal é *periódico, midiático e coletivo*, como afirmado por Alain Vaillant (2001). E essa matriz midiática, nas palavras de Marie-Ève Thérenty (2007), viria a revolucionar o modo de escrever e, por corolário, mudar a própria matriz midiática.

E o jornal *La Presse*, fundado por Girardin e considerando pelos autores já citados como inaugural da era midiática na França, reúne os elementos antes descritos e os consolida, em um processo que seguirá para outros lugares e lá tomará formas diversas da original, embora sempre respeitando os parâmetros citados, inclusive no que diz respeito a José de Alencar, como será visto adiante.

---

[8] Enfin, sur un plan plus strictement artistique et littéraire, celle-ci se manifeste par les multiples dérèglements des rythmes de l'écriture et de la parole: irruption des formes brèves, en prose comme en poésie: rejet flaubertien de la grande et belle période oratoire; primat du *voir* sur le *dire*, de Baudelaire au surréalisme; présence du spasme comique, au coeur de toutes les poétiques nouvelles. (VAILLANT; THÉRENTY, 2001, p. 9)

O jornal é *periódico*, vale dizer, o ritmo da escrita se modifica: antes obedecendo quase exclusivamente à vontade de quem escreve, passa a escritura a se adaptar à velocidade de uma era da expansão da vontade social, ditando o modo como queria receber o que era produzido. Ou, melhor explicando:

> Até então, a iniciativa pertenceu ao autor: ele voltou a escrever, tendo o tempo necessário e depois que ele tinha a dizer, então foi só numa segunda fase, que surgiu o problema da publicação. Ao contrário, no caso do jornal, é porque a publicação em um ritmo que ninguém tem o direito de atrasar, é essencial para encontrar os autores – ou de fornecedores de textos. O ritmo da escrita não reflete o jogo das forças individuais, mas uma realidade social. O que é verdade então para o jornal que é, nos dias de hoje, para grande parte das formas de comunicação: por mais íntimo que seja o sentimento expresso pelo autor, o tempo da criação, doravante, lhe é dado do exterior. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 10-11) [9]

Importante notar também que, com o advento do folhetim e, especialmente, do romance folhetinesco, que esse tempo da escrita condicionada à periodicidade e ao tempo exterior influenciará o próprio modo de escrita, com o uso de um menor número de descrições e a maior utilização de frases curtas e o lançamento de "ganchos" pelo autor ao final de cada capítulo ou parte, por exemplo, com a necessidade de cumprimento de prazos e os expedientes lançados por escritores para manter o leitor em suspense, até a publicação próximo episódio.

Tal estratagema seria também utilizado no alto da página do jornal, como nas reportagens seriadas que englobam determinado assunto, normalmente polêmico. É a literatura a serviço da escrita jornalística.

---

[9] Jusque là, l'initiative appartenait à l'auteur : il lui revenait d'écrire, en prenant le temps qu'il fallait et suivant ce qu'il avait à dire, et c'était donc seulement dans une second étape que se posait le problème de la publication. Au contraire, dans le cas du journal, c'est parce qu'il y a publication, à un rythme que rien n'a le droit de ratarder, qu'il est indispensable de trouver des auteurs – ou de founisseurs de textes. Le rythme de l'écriture ne reflète plus le jeu de forces individuelles, mais une realité sociale. Ce qui est vrai alors du journal l'est, ajourd'hui, de la plupart des formes de communication : aussi intime que soit ou le sentiment qu'ait exprimer un auteur, le *tempo* de la création lui est donné désormais de l'extérieur. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 10-11)

E os precedentes literários desta escrita periódica nascida nos jornais inspiram respeito, como relata Marie-Ève Thérenty (2007, p. 54):

> Mas a civilização é acompanhada também visivelmente de novas práticas de escrita de escritores que – as correspondências comprovam – se submeteram muito mais claramente do que suas contrapartes nos séculos anteriores a uma programação regular de escrita e composição. Conhece-se, assim, o emprego do tempo de escritores como George Sand, Honoré de Balzac, Victor Hugo e Emile Zola, todos eles ligados a uma periodicidade regular de escritura.[10]

Nesse sentido, pode-se afirmar que nesta época em que o tempo da escrita acompanha os passos da sociedade que se industrializa e urbaniza, o autor projeta uma "arquitetura" de seus textos pensando no jornal em sua periodicidade de publicação, ciente de que o próprio jornal ainda pode alterar esta estrutura, constituindo um modo de escrita exterior às próprias intenções e estratégias do escritor, levando às duas características que serão comentadas adiante.

Finalmente, o ritmo dos periódicos termina por influenciar a publicação dos livros, atendendo ao gosto do público:

> Mais e mais vezes durante o último século, a literatura e a livraria pensam conjuntamente as entregas, coleções e ciclos que tentam integrar a periodicidade à criação literária. Um elo intermediário entre o jornal e o livro nasceu para o sucesso do romance de série, que apresenta o ritmo periódico na literatura. (THÉRENTY, 2007, p. 60) [11]

[10] Or la civilisation du journal s'accompagne aussi visiblement de nouvelles pratiques d'écriture des écrivains, qui – le correspodances en témoignent – s'assujettissent beaucoup plus nettement que leurs homologues des siècles précédents à des horaires réguliers d'écriture et de composition. On connaît ainsi l'emploi du temps d'écrivains comme George Sand, Honoré de Balzac, Victor Hugo ou Émile Zola, tous attachés à une periodicité quotidienne et régulière d'écriture. (THERENTY, 2007, p. 54)

[11] De plus en plus souvent au cours du siècle, la littérature et la librairie pensent ensemble des livraisons, des collections et des cycles qui tentent d'intégrer la périodicité à la création littéraire. Un maillon intermédiaire enttre le périodique et le livre naît a la faveur du succès du roman-feuilleton, qui introduit le rythme périodique en littérature.

Dizer que o jornal é *midiático* é reconhecer o papel de mediar esferas, de socializar a intimidade e criar um terreno em que o público e o privado se interceptam. Assim, o jornalista e, especificamente, o folhetinista, transitam nesta zona cinzenta, com conhecimento da máquina de imprensa , bem como dos mecanismos de interação com o público, mais o conhecimento das técnicas narrativas mais eficazes para cooptação e fidelização deste público leitor.

Em outras palavras:

> O jornal é midiático, não sendo, como o editor tradicional, a transferir a fala da esfera privada ao espaço público, funciona como um instrumento de mediação e intermediação entre as pessoas. Livre, é claro, que a escrita íntima reinventa, através de diversas estratégias de diversão, um espaço dedicado à palavra socializada. O escritor-repórter aparece como o único tipo de autor a conhecer de dentro o jogo da comunicação moderna, e jogá-lo sem reticências: é o seu pecado original, ele continuará a ter de expiar aos olhos da cultura literária. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 11) [12]

Essa definição de que o jornal seja midiático, extraída deste estudo conjunto coordenado por Alan Vaillant e Marie-Ève Thérenty (2001) não faz parte de estudo posterior publicado pela própria Marie-Ève Thérenty (2007) e também utilizado neste trabalho, no qual a autora adota o conceito de *matriz midiática* e enumera suas características, dentre elas a *coletividade*, o que pode ser apontado como outra das características do jornal.

O jornal também é *coletivo* não apenas uma voz se pronuncia em suas páginas, ou de um determinado grupo político ou artístico, mas de vários grupos

[12] Le journal est médiatique, il ne sert pas, comme l'éditeur tradicitionnel, à transférer une parole de la sphère privée à l'espace public, il fonctionne comme un instrument de médiation et d'intermédiation entre les personnes. Quitte, bien sûr ; à ce que le language de l'intime réinvestisse, par diverses stratégies du détournement, ce lieu dédié à la parole socialisé. L'écrivain-journaliste apparaît ainsi comme le seul type d'auteur à connaître de l'intérieur le jeu de la communication moderne, et à le jouer sans réticence : c'est son peché originel, qu'il ne cessera de devoir expier aux yeux de la culture lettrée. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 11)

ou segmentos da sociedade, em uma multiplicidade de vozes que acaba por tomar a forma de polifonia, com inúmeras vozes ecoando acerca do que é escrito.

E mais, as vozes exteriores ao jornal, do público leitor, também passam a ecoar nas páginas escritas e influenciam tudo o que é produzido *a posteriori*, em um diálogo quase sempre caótico e carregado de estática, mas que resulta naquilo que é a essência do jornal, ou seja, uma obra verdadeiramente coletiva. E este processo ainda se reflete a seguir na produção dos folhetins romanescos, com seus escritores sempre se esforçando por apurar os ouvidos à receptividade dos leitores.

Esta polifonia esta equivalente à descrita por Mikhail Bakhtin (2003, p. 199):

> Em toda parte há *certa intersecção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo interior das personagens.* Em toda parte, *certo conjunto de ideias, pensamentos e palavras se realiza em várias vozes desconexas, ecoando a seu modo cada uma delas.* O objeto das intenções do autor não é, de maneira alguma, esse conjunto de ideias em si como algo neutro e idêntico a si mesmo. Não o objeto das intenções é precisamente a *realização do tema em muitas e diferentes vozes, a multiplicidade essencial e, por assim dizer,* inalienável *de vozes e a sua diversidade.*

Dito de outro modo:

> Finalmente, o jornal é coletivo, com algumas exceções - inclusive a de folhetim - seus artigos também não são assinados. Cada número é o produto de uma comunidade de redatores, liderado por uma personalidade marcante: comunidade de colaboradores, mas também, de acordo com um termo empregado pejorativamente por Henri de Latouche, em seguida, recuperados pelo jornalista Baudelaire, "camaradas" que estão unidos por uma verdadeira cumplicidade, pelas ligações cuja natureza escapa evidentemente ao público, mas também, em um título a outro,

> na vasta nebulosa de escritores e jornalistas. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 11) [13]

E é bom que se diga que o parágrafo acima aponta o folhetim como exceção dentro do universo coletivo do jornal, apenas por considerar a questão da simples assinatura, ou a presença/ausência de autoria quando , na verdade, pode-se afirmar que o universo do folhetim também é permeado pelo signo da coletividade midiática, na medida em que, como já afirmado, a escrita literária dentro do jornal também passa a reverberar as vozes e vontades do leitor, bem como os casos de criação coletiva, de escrita a quatro mãos, por exemplo, casos narrados por Marie-Ève Thérenty (2007).

E justamente para organizar essa multiplicidade de vozes dentro do jornal é que os responsáveis pela editoração do periódico usam expedientes para hierarquizar informações e alocá-las em partes fixas do jornal, a fim de facilitar a compreensão do leitor do que está sendo escrito e onde está sendo escrito. Trata-se de outra característica apontada por Marie-Ève Thérenty como componente da matriz midiática, qual seja, a *rubricidade (rubricité)*, que consiste na tentativa de organizar o caos do mundo dentro de um espaço – no caso a página do jornal –, seguindo determinados critérios. Assim ocorre com o *La presse*, que desde o seu primeiro número mostra ao autor o lugar e dia que cada assunto ocupará nas páginas do jornal.

E essa hierarquização da informação dentro das páginas do jornal se dá principalmente, segundo a autora já citada, no território das páginas internas do jornal, com a sua divisão fixa em colunas e a localização, também fixa, de

[13] Enfin, le journal est collectif ; à quelques exceptions près – notamment celle du feuilleton – , ses articles ne sont d'ailleurs pas signés. Chaque numéro est l'émanation d'une collectivité de rédacteurs, animée par une personnalité remarquable : collectivité de collaborateurs, mais aussi, suivant un terme imployé péjorativement par Henri de Latouche puis récuperé par le journaliste Baudelaire, de « camarades » qui sont unis par une vraie connivence, par des liens dont la nature èchappe évidemment au public, et qui sont d'ailleurs tissés à l'intérieur d'un journal, mais aussi, d'un titre à l'autre, au sein de la vaste nébuleuse des écrivains-journalistes. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 11)

determinados assuntos dentro de um território dentro da página. Ou, como dito por Marie-Ève Thérenty (2007, p. 77-78):

> O jornal não escolheu um tratamento cronológico ou histórico do dia como o faria a crônica ou a narrativa, e não mais elegeu um tratamento tipológico ou temático da informação; ele privilegia uma escolha mista, tentando por sua vez priorizar tanto as informações resumidas (em temas como "fait divers" ou "notícias de Paris" , que aglutinavam as notícias mínimas, mesmo então que o "premier-Paris" sob a Monarquia de Julho se proponha a refletir sobre o fato essencial), a triagem através de temas e gêneros de novidades (debates, judiciais, política exterior, debates parlamentares, bolsa, e, bem mais tarde, classificados, notícias esportivas), mas de projetar as rubricas visivelmente genéricas em torno de diferentes escrituras, jornalísticas(a crônica, o folhetim, a reportagem)
>
> [...]
>
> A rubrica é, o espaço regularmente assinalado no interior do jornal para um certo tipo de novidade ou de escritura, é o instrumento-chave deste sistema. A rubrica indica a existência de uma temporalidade mais durável do que a efemeridade do cotidiano: ele estabelece continuidade de leitura de uma edição a outra. [14]

Dito de outro modo, a escrita do jornal na era midiática que se iniciava privilegiava a organização dos fatos por assunto em vez da enumeração cronológica adotada em outras espécies de suporte. Assinale-se que o fator cronológico faz parte da própria essência extra-textual do suporte, de circulação

[14] Le journal ne choisit pas un traitement chronologique ou historique du jour comme le ferait la chronique ou le récit, in n'élit pas non plus un traitement typologique ou thématique de l information ; il privilégie un choix mixte, tentant à la fois de hiérarchiser sommairement l'information (d'où des rubriques comme « faits divers » ou « faits-Paris » qui agglomérement des faits minimes, alors même que le premier-Paris sous la monarchie de Juillet se propose de réflechir sur le fait essentiel), de la classer par thèmes et par genres de nouvelles (débats, judiciaires, politique extéreieure, débats parlamentaires, Bourse, puis, plus tard, petites annonces, rubriques sportives), mais ausse de designer des rubriques visiblement génériques autour de différentes écritures, journalistiques (la chronique, le feuilleton, le reportage) [...] La rubrique, c'est-à-dire l'espace regulièrement assigné à l'intérieur du quotidien à un certain type de nouvelle ou d'écriture, est l'instrument clé de ce système. La rubrique manifeste l'existence d'une temporalité plus pérenne que l'éphémère du quotidien : elle établit une continuité de lecture de numéro en numéro. (THÉRENTY, 2007, p. 77-78)

periódica. Deste modo, a escrita em um espaço organizado por assuntos dentro de períodos curtos de tempo (no início, nem todos os jornais eram diários) termina por perenizar o efêmero, como dito pela autora acima mencionada, resultando em um amalgama de fragmentos da atualidade, que não termina jamais e que se repete dia após dia.

É claro que essa organização do mundo nas páginas do jornal significa que os assuntos são escolhidos e dispostos no suporte segundo uma visão de mundo dos responsáveis pela edição do jornal e da sociedade para a qual será editado o periódico, vale dizer, pois a era midiática se inicia, como já mencionado, por uma revolução técnica e econômica.

A intenção do jornal é atingir um maior número de leitores, aumentar o espectro de consumo do que passa a ser tratado não apenas como um lugar para expressão da ideologia de um grupo fechado, mas para servir de representação de uma sociedade que surge, ou seja, o jornal passa a ser um produto, com o intuito de organizar o mundo que surge ante os olhos do público, e atrair o interesse dos novos leitores.

Dentro dessa organização do mundo em colunas de uma folha de papel, todavia, ainda se encontra espaço para lugares de ruptura, onde a organização de assuntos é deixada de lado, ainda que, muitas vezes, não completamente, dando lugar ao texto menos comprometido com essa hierarquização encontrada nas páginas interiores. É o caso do rodapé da página do jornal, designado por *feuilleton*, como descrito por Thérenty (2007, p. 80):

> À composição de rubricas tradicional em separação de colunas se juntam outras rupturas: o folhetim, graças a uma fronteira horizontal, indica um espaço à parte que será geralmente utilizada para uma escrita de contraponto (ficção, ironia, literatura) [15]

[15] Au rubricage traditionel en séparations de colonnes s'ajouent d'autres ruptures : le feuilleton, grâce à un liseré horizontal, indique un espace à part qui sera souvent utilisé pour une écriture du contrepoint (fiction, ironie, littérature) (THÉRENTY, 2007, p. 80)

E é neste espaço claramente delimitado no jornal que o leitor sabe o que vai encontrar antes de ler o texto: um contraponto à seriedade do restante do jornal e sua organização hierárquica rígida, uma leveza que contrasta com a séria tentativa de organização do mundo no restante do jornal. Deste modo, o jornal se mostra um suporte de múltiplas funções, dentre as quais se agrega a mudança de percepção do leitor, que penetra o território de leitura vendo antes de ler, sabendo que mesmo no local dos textos mais leves ou mais densos há um lugar para cada coisa. A rubrica constitui, então, o modo de ser das páginas interiores, nas palavras de Marie-Ève Thérenty.

E qual o efeito que essa rubrica dos jornais teria sobre a literatura produzida nas páginas dos jornais e mesmo fora delas? Pode-se afirmar que nessa via da estrada de mão dupla entre jornal e literatura foi a busca obsessiva pelo formato mais adequado para a leitura, a correta calibragem das frases e períodos, uma depuração do estilo que impunha o uso de ganchos em momentos chave onde a leitura ficava em suspenso para o próximo número, bem como a preocupação em organizar e mostrar o mundo dentro de um microcosmo de relações, como fez Balzac, por exemplo, em *A comédia humana*, citando o exemplo mencionado por Marie-Ève Thérenty (2007, p. 89), em que a autora afirma que Balzac utiliza tal sistema como base de construção de sua obra:

> O sistema de rubricas escolhido para impulsionar a *comédia humana* permite a leitura sequencial da obra semelhante àquela operada por um leitor interessado apenas em uma seção específica do jornal. A *comédia humana* está baseada em três momentos de incorporação de informações e produção do jornal: a fragmentação, a circulação, a montagem.[16]

Além da organização do espaço do mundo dentro das páginas do jornal, outro elemento que sofreu mudanças na sua distribuição pelas páginas dos

[16] Le système de rubricage choisi pous *La comédie humaine* permet de plus une lecture séquentielle de l' oeuvre semblable à celle qu'opère un lecteur uniquement intéressé par une rubrique spécifique du journal. *La comédie humaine* s'appuie sur les trois moments de constitution de l'information et de fabrication du journal : la fragmentation, la circulation, le montage. (THÉRENTY, 2007, p. 89)

periódicos é o fator tempo, condensado por outra das características apontadas por Marie-Ève Thérenty como componente da matriz midiática, qual seja, a *atualidade*.

E este componente tem ligação com a preponderância dos jornais e seu ritmo diário ou semanal de publicação em relação ao ritmo mensal das revistas. A distância entre passado e presente torna-se menor, com os fatos chegando ao conhecimento do leitor em menor tempo, o que, se de um lado satisfaz o leitor mais rapidamente, por outro lado torna menor o tempo de reflexão acerca dos fatos, resultando em uma discussão menos aprofundada.

Ou, nas palavras de Marie-Ève Thérenty (2007, p. 92-93):

> O jornal abandona pouco a pouco a revista, que tinha um ritmo mensal, com sua função de reflexão sobre a história. É necessário ainda notar, para atenuar esse constante pessimismo, que o diário continua a diversificar seus ritmos: de um lado, as múltiplas edições diárias dos jornais parisienses contribuem para acelerar o ritmo de produção e a reativação das redações; de outro, certas rubricas de ritmo semanal, como a crônica, deixa aos jornalistas em um ritmo menos frenético.[17]

Assim, a crônica pode ser considerada tributária desta atualidade: em seu formato original, publicado no rodapé da página do jornal (*feuilleton*), ao cronista cabe dispor os assuntos mais recentes de outro ponto de vista, mas respeitando uma linha temporal a ser adotada por quem escreve. E, como comentado acima, o próprio tempo não é trabalhado dentro do jornal da mesma forma: o ritmo mais leve e estendido da crônica, não raro, contrasta com a necessidade e urgência das notícias do alto da página ou das páginas internas. O cronista é, portanto, um manipulador do tempo comprimido pela atualidade da matriz midiática.

[17] Le quotidien abandonne petit à petit à la revue, qui suit un rythme mensuel, la fonction de réflexion sur l'Histoire. Il faut cependant noter, pour atténuer ce constant pessimiste, que le quotidien continue à diversifier ses rythmes : d´un côté, les multiples editions quotidiennes de journaux parisiens contribuent à accélérer le rythme de production et la reáctivité dans les rédactions ; de l'autre, certaines rubriques au rythme hebdomadaire, comme la chronique, laissent aux journalistes un rapport au temps moins frénétique. (THÉRENTY, 2007, p. 92-93)

E essa compressão do tempo, essa urgência proveniente da atualidade da matriz midiática dentro do jornal também se reflete na literatura que será produzida dentro deste suporte, com resultados que serão ainda sentidos pelos leitores mesmo após o retorno dos textos literários ao suporte dos livros.

De fato, a literatura folhetinesca segue esse espírito da atualidade da matriz midiática, ao promover a aparição de uma prosa que segue o ritmo do jornal, mais rápida e fragmentada, com a utilização do espaço a favor do ritmo da narrativa e, mais ainda, promovendo um diálogo entre o tempo do rodapé e o tempo do alto da página, em um movimento que aproxima passado e presente.

Como afirmado por Thérenty (2007, p. 111):

> Portanto, a atualidade da ficção não se define como referencialidade; trata-se antes de uma atualidade mediata, de uma intertextualidade com o material do jornal, muito claro no diário. O que interessa é o conto da atualidade, que não é tanto a reprodução do evento em vias de produzir quanto um trabalho sobre o texto jornalístico servindo de mediação entre realidade e ficção.[18]

Assim, a literatura a ser publicada no rodapé dos jornais seria contaminada pela atualidade e urgência da matriz literária: narrativas mais velozes, economia nas descrições em relação aos romances não publicados em jornal, digressões, peripécias das personagens e ligação, ainda que indireta, entre passado e presente.

Essa influência que a literatura sofre da matriz midiática, apontada pelos estudiosos aqui mencionados, será fator recorrente na literatura folhetinesca produzida na França e, posteriormente, no Brasil, como será apontado no capítulo seguinte, ao se proceder à análise da produção do José de Alencar cronista, influenciado que foi pelos elementos componentes da matriz midiática, apontados

[18] Car l'actualité de la fiction ne se définit pas comme référentialité ; il s'agit plutôt d'une actualité médiate, d'une intertextualité avec la matière du journal, très nette dans le quotidien. Ce qui intéresse le conte d'actualité, ce n'est pas tant la retranscription de l'événement en train de se produire qu'un travail sur le texte journalistique servant de médiation entre le réel et la fiction. (THÉRENTY, 2007, p. 111)

pelos autores já referidos e que se inicia com a publicação do *La Presse,* o que será comentado adiante.

Isso só demonstra aquela que pode ser considerada a principal característica dessa contaminação da matriz literária pela matriz midiática, qual seja, a *porosidade* entre alto e baixo da página, com limites muitas vezes difíceis de aclarar uma área cinzenta onde literatura e jornalismo se fundem.

E, no que diz respeito ao folhetim romanesco, é possível estender os conceitos de atualidade da matriz midiática e da porosidade entre alto e baixo da página para afirmar que aproximação temporal se dá não apenas entre o tempo real e o tempo próximo, como no folhetim-variedade, mas também na aproximação de um tempo histórico ficcionalizado nas páginas do jornal e o tempo da atualidade da publicação.

Tal conceito é exposto tendo em vista um cenário social e a visão do autor sobre esse cenário, bem como suas ideias acerca do momento vivido pela literatura publicada no rodapé dos jornais. É o tempo mediado pelo folhetinista, destinado a transmitir, em alguns casos, um determinado ponto de vista sobre o tempo refletido nas páginas dos jornais.

Para reforçar tal teoria, antes de passar a comentar acerca do *La Presse,* como nos folhetins, uma pequena digressão é necessária, a título de comentário, a fim de que adiante se discorra sobre esse fenômeno que ocorreu tanto na França como no Brasil, exemplificando na leitura de *O Guarani*, de Alencar.

Em seu estudo acerca do romance histórico em José de Alencar, Valéria De Marco, em seu trabalho *A perda das ilusões,* defende um ponto de vista acerca d'*O Guarani* que, de certa forma, liga por uma linha temporal a reconstituição histórica empreendida por José de Alencar em seu folhetim e o momento que era vivido e que se mostrava nas páginas dos jornais.

Em 1857, ano da publicação d'*O Guarani* em folhetins nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro,* vivia-se ainda momento posterior à independência do

Brasil e o país buscava a identidade como povo que Alencar procurava mostrar através do projeto literário que empreendia, começando pelas duras críticas feitas ao poema *A confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, nas oito cartas escritas e publicadas nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, e terminando com a publicação de *Iracema*, resposta prática ao pretenso épico de Magalhães.

Em meio a tais eventos, Alencar traz à luz *O Guarani*, publicado em 54 capítulos nas páginas do jornal acima citado, entre janeiro e abril de 1857, o qual se tornaria o maior sucesso de público e repercussão da carreira de Alencar. Neste romance que saiu na época da conciliação, as lutas políticas estavam presentes nos jornais da época, Alencar exercita na ficção expedientes que já o haviam marcado em sua produção na seção *Ao correr da pena*, tais como a reflexão sobre a atualidade nas páginas ocupadas pelo folhetinista.

Dessa vez, contudo, o fez de forma diversa: pela construção do romance histórico, regrediu aos tempos de formação da nação brasileira, para apresentar ao leitor um cenário onde se travam as lutas pela formação do país, refletido e representado principalmente pelo triângulo de relações entre o índio Peri, a branca Ceci e o guerreiro europeu Álvaro, em uma representação das pretensões do autor de harmonização entre os diversos segmentos responsáveis pela formação do Brasil como país e nação politicamente organizada.

Valéria De Marco nota que, ao construir e apresentar o cenário ao leitor, Alencar, com seu olhar de dramaturgo e já pensando na recepção do leitor de seu folhetim (outro sentido da atualidade da matriz midiática, vale dizer, a sensibilidade ao gosto do leitor e a facilitação de sua compreensão do que está sendo lido, algo diretamente ligado ao dramaturgo que Alencar também foi nesta época), apresenta ao leitor o solar dos Mariz, incluindo a casa principal de D. Antonio de Mariz, a cabana de Peri e o lugar dos aventureiros que acompanham o fidalgo português em forma de semicírculo, como o cenário teatral onde se desenvolverá o romance:

> A eminência do lugar cabe à casa de D. Antonio de Mariz e ao edificá-la o narrador, deixando aflorar seu olhar de dramaturgo, constrói o palco em que se travarão os conflitos. Desenha-se um "semicírculo" que terá uma função centrípeta no desenvolvimento da ação. (MARCO, 1993, p. 31)

Alencar mostra a ocupação do espaço pelo homem como engenhosa mas limitada, como ocupação da escrita nas páginas do jornal. Ainda, ao representar a edificação do cenário, Alencar faz mais do que simplesmente dispor uma localização e apresentá-la como o palco da ação; ele também fornece uma ordem e hierarquia a ser mirada no presente do leitor:

> Ao completar a edificação das três moradas o narrador já apresenta também o primeiro esboço da hierarquia existente entre elas bem como os parâmetros em função dos quais ela se estabelece. São eles os vínculos entre o homem e a terra e as relações de trabalho. (MARCO, 1993, p. 32)

E prossegue a autora:

> A escolha do lugar para edificar o cenário é uma ponte que Alencar constrói entre os tempos de outrora e o presente dos habitantes da corte. A referência à Serra dos Órgãos não só localiza a narrativa no Rio de Janeiro mas carrega o leitor para um recanto bem pertinho da corte, onde é possível chegar com as indicações dadas. (MARCO, 1993, p. 32)

E no topo da hierarquia deste lugar encontra-se D. Antonio de Mariz, que representa muito mais um perfil histórico, um parâmetro para o leitor da atualidade, do que uma representação tão fiel quanto possível da personagem histórica. Neste sentido, Alencar mostra um D. Antonio de Mariz inflexível, austero, com um código de ética e um senso de justiça próprios, em uma época em que a lei era aplicada pelo senhor do território, como nos antigos feudos da Idade Média.

E neste contexto onde há uma personalidade que baliza os destinos das demais personagens do romance, o tratamento dado por Alencar a Peri resulta de uma apropriação seletiva do autor das fontes históricas que lhe convinham a fim de compor um paradigma para a atualidade do país, na época em que o folhetim foi publicado:

> Visto nesse contexto da obra, Peri não pode ser considerado como reverência aos cânones românticos do bom selvagem ou do cultivo do exótico e da cor local. Alencar apropria-se desses caminhos abertos pelo romantismo de maneira muito particular, pois trabalha no sentido de demarcar a participação do nativo na construção dos valores que desejava ver como constitutivos do país. Por isso, é preciso forjar a imagem do índio como homem sábio, inteligente e virtuoso para afirmá-lo para afirmá-lo como companheiro indispensável ao branco que quer fixar-se à terra e colonizá-la. Define-se assim uma aliança política necessária. (MARCO, 1993, p. 70)

Dos elementos acima, pode-se extrair a conclusão de que *O Guarani* encerra o desejo de Alencar de dar, nas palavras de Antônio Cândido, "a uma nação de história curta a profundidade do tempo lendário." (CANDIDO, 1969, p. 224). Ou como afirmado pela autora já referida:

> Assim, o romance termina ao propor na mescla dos mitos a mestiçagem racial como traço diferenciado e particular do país. Mas, ao levar ao horizonte Ceci e Peri, Alencar afirmou muito mais sobre sua visão do passado e do presente da nação em que vivia. Queria ele apresentar uma interpretação para o passado colonial, apontando elementos construtivos e destrutivos; queimar as forças desestabilizadoras; destruir as cenas de confronto e extrair daquele "longe dos tempos de agora" (p. 304) valores para pautar a atuação presente e projetos futuros. Nesse sentido, certamente se poderia dizer que uma linha contínua no romance estaria na indagação sobre formas de harmonizar conflitos. (MARCO, 1993, p. 88)

Não obstante o enfoque histórico do estudo de Valéria De Marco, a associação das pretensões de Alencar, apontadas pela autora, às características do suporte no qual o romance foi primeiramente veiculado, é perfeitamente possível. Isso porque a atualidade, anotada por Marie-Ève Thérenty como componente da matriz midiática, a nosso ver, se estende em dois planos: o que aproxima o tempo presente mostrado no alto do jornal e nas páginas internas com o tempo próximo do folhetim-variedade e seus comentários acerca dos acontecimentos retratados.

No caso do folhetim romanesco de caráter histórico, como em *O Guarani*, em que a documentação histórica do autor aproxima o tempo remoto da formação de uma nação com o tempo atual do leitor e do autor, já constituindo – na apresentação de cenário, personagens e ações que movimentam a narrativa – uma ponte entre um passado que teria sido e um tempo presente como deveria ser.

A atualidade, então, é midiática porque, como no exemplo citado acima, interliga linhas temporais diversas e a literatura no jornal se mostra como expediente eficaz para tal escopo, pois a perenidade do fazer literário sofre uma contaminação das questões contemporâneas suscitadas em outros setores do jornal.

Expostas as principais características da matriz midiática e as suas origens, há que se comentar o periódico que deu início a este período de preponderância de um modelo cultural, que terminaria por se espalhar por diversos lugares do mundo, incluindo o Brasil. Está-se falando do *La Presse*, de Emile de Girardin, a primeira experiência da era midiática, que será aqui comentada em seus principais aspectos.

E o formato e as diretrizes do *La presse* se mostram desde o seu edital publicado no primeiro número, conforme abaixo reproduzido:

Figura 1 - Reprodução do 1º número do jornal La Presse (1º de julho de 1831)

Prix pour un an, 40 fr. — Pour six mois, 20 fr. — Pour trois mois, 12 fr.

1er JUILLET 1836

LA PRESSE

VENDREDI Nº 1.

PARIS, RUE SAINT-GEORGES, N. 16.

FRANCE.

LE FEUILLETON.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: www.gallica.bnf.fr

Cabe aqui uma análise das condições em que o suporte foi disposto. Para tanto, reproduzimos abaixo o cabeçalho do jornal:

Figura 2 - ampliação do cabeçalho da primeira página do La Presse (figura 1)

Prix pour un an, 40 fr. — Pour six mois, 20 fr. — Pour trois mois, 12 fr.

1er JUILLET 1836

Les abonnements datent des 1 et 15 de chaque mois.

LA PRESSE

VENDREDI Nº 1.

Le prix des Annonces est fixé à 1 fr. 50 cent. la ligne.

PARIS, RUE SAINT-GEORGES, N. 16.

fonte: www.gallica.bnf.fr

Dentro desse cabeçalho, antes do início da leitura do jornal em si, já se nota alguns termos do projeto de Girardin que fariam do *La Presse* um sucesso de popularidade entre os leitores e, por conseqüência, o pontapé inicial da massificação dos leitores e da cultura midiática: o preço mais baixo das assinaturas, especialmente a anual, a qual, segundo Dominique Kalifa (2001), era de 80 francos por assinatura anual até 1835, quando Girardin lança o *La Presse* em 1836, o preço por assinatura anual cai a 40 francos, bem como já aparece no topo do jornal, à direita, o preço para anunciar no periódico, visando atrair anunciantes e cobrir os custos de impressão e distribuição.

Ainda, há também que se mencionar um outro fator que se conjugou aos já citados para o sucesso do *La Presse*, qual seja, o momento ruim pelo qual passava a imprensa francesa como um todo naquela época. Ou, nas palavras de Allan Vaillant e Marie-Ève Thérenty (2001, p.25-26):

> Mas a receita é conhecida: baixa do preço por número, financiamento do déficit pela publicidade, apelo aos maiores nomes da literatura para fazer do diário um jornal literário, confiança na alfabetização crescente da população e na difusão do jornal por meios de transporte cada vez mais rápidos. Esquece-se sem dúvida outros ingredientes suplementares: um gosto pela polêmica – ainda que o jornal se defenda -, um claro suporte de setembro de 1836 a abril de 1837 à equipe governamental no poder, o desenvolvimento de teorias sociais e políticas aptas a seduzir as classes médias que podem adquirir assinaturas. Mas sobretudo o sucesso do *La Presse* de Girardin não pode ser compreendido sem um olhar para o passado e destacando uma coincidência histórica profunda: uma certa esclerose dos jornais políticos franceses, o advento de um novo fazer jornalístico em torno de revistas, jornais de caricaturas, "revistas" e, especialmente, da maturação de uma personalidade única, um aventureiro da Monarquia de Julho, Emile de Girardin, que usa a imprensa como uma história de origens, aquela em que, como bom substituto paternal, oferece-lhe um nome, um poder, uma história. Essa conjuntura provavelmente explica o terremoto

> que atravessa a imprensa francesa em 1836 e que provocará mesmo a morte do homem. [19]

Exageros dos autores à parte acerca da personalidade de Girardin, fato é que o cenário que se apresentava na imprensa francesa de então também deu sua colaboração para o lançamento das bases do *La Presse,* em oposição aos fatores que engessavam as publicações da época, as quais serão comentadas adiante.

O primeiro destes fatores era a legislação de imprensa aplicada à época, particularmente rígida, especialmente com relação às publicações de cunho mais político ou econômico, que representavam a maior parte do que era publicado naquele período. Girardin dá a seus periódicos, em especial o *La Presse,* uma conotação menos política, com o investimento em notícias diversas e eventos culturais, driblando a severa censura daquele tempo.

Ainda, os jornais anteriores e contemporâneos ao *La Presse* se destacavam por seus posicionamentos políticos definidos em tempos de monarquia, podendo ser citados como exemplos o *Moniteur,* que seria uma espécie de diário oficial da monarquia francesa, publicando leis e decretos, bem como debates parlamentares da Assembleia. E também o *Journal des Débats*, um dos mais antigos órgãos da imprensa tradicional da monarquia de julho, fundado em 1789 por Barrère e Louvet, destacando que tal jornal teria sido o primeiro a publicar um texto literário no rodapé de suas páginas em 1829.

---

[19] Mais on connaît sa reccette : baisse du prix du numéro, financement du déficit par la publicité, appel aux plus grandes signatures de la littérature pour faire du quotidien un journal littéraire, confiance dans l'alphabétisation grandissante de la population et dans la difusion du journal par des moyens de transport de plus en plus rapides. On oublie sans doute quelques ingrédients supplémentaires : un goût pour la polémique - bien que le journal s'en défende -, un soutien net de septembre 1836 à avril 1837 à l'équipe governamentale en place, le développement de théories sociales et politiques aptes à séduire ces classes moyennes qui pouvaient s'offrir l'abbonnement. Mais surtout le succès de *La Presse* de Girardin ne peut se comprendre sans un regard vers le passé et la mise en évidence d'une coïncidence historique féconde : une certaine sclérose des quotidiens politiques français, l'avénement d'une nouvelle donne journalistique autour des revues, des journaux de caricature, de « magazines », et surtout da maturation d'une personnalité singulière, un aventurier de La monarchie de Juillet, Émile de Girardin, qui se sert de la presse comme d'un roman des origines, puisque celle-ci, en bon substitut paternel, lui offre un nom, un pouvoir, une histoire. Cette conjucture explique sans doute le séisme que traverse la presse française en 1836 et qui provoquera même mort d'homme. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 25-26)

Havia, ainda, os jornais posicionados na oposição parlamentar, tais como o *Le National*, o mais importante dos jornais de oposição, comandado pelo enérgico e irascível republicano Armanda Carrel, morto brutalmente em duelo por, veja-se, Emile de Girardin. Finalmente, havia os jornais chamados de legitimistas, que pregavam o retorno da dinastia de *Charles X*, dentre os quais se destacam o *La Quotidienne*, a *Gazette de France*, dentre outros.

Foi nesse cenário de imobilismo da imprensa que Emile de Girardin se inseriu após 1830, em paralelo com a criação das revistas literárias como a *Revue de Paris* e a *Revue des Deux Mondes* (1829) e de caricatura como o *La Silhouette*, o *La Caricature* e o *Le Charivari*, revistas com periodicidade bi ou trimestral. Há também as *magazines*, com conteúdo mais informativo e enciclopédico, como o *Le Magasin pittoresque*, fundado em fevereiro de 1833, ou o *Le Magazin Universel*¸ fundado em outubro do mesmo ano.

E o intuito de Emile de Girardin já se manifesta antes do lançamento do *La Presse*, quando da fundação do *Le Voleur*¸ em 5 de abril de 1828, primeiro espécime industrial dos "jornais reprodutores", constituindo um compêndio de matérias e artigos publicados em outros jornais e revistas. Segundo Vaillant, o *Le Voleur* atinge grande sucesso e é posteriormente muito imitado. Ainda, o periódico em questão não se limitava a reproduzir artigos de outros periódicos, mas também a abrir espaço para participações especiais dentro de suas páginas, com artigos assinados, por exemplo, por Balzac, que escreve dezenove artigos publicados entre 30 de setembro de 1830 e 31 de março de 1831, intitulado *Lettres sur Paris*. O *La Presse* não deixaria de adotar esse expediente em 1836, ao trazer para suas páginas artigos inéditos assinados por personalidades célebres do tempo, sem segmentação política, refletindo uma diversidade de pensamentos e tendências.

E a inquietude de Girardin, que o tornaria o mais prolífico homem de letras e comunicação de seu tempo, também se concretizaria no anseio do célebre editor em alcançar todo tipo de público, com publicações como as revistas *La mode*,

dirigido primordialmente ao público feminino, ou o *Journal des connaissances utiles*, dirigido ao público masculino, bem como o *Le musée des familles*, com a democratização no coração do projeto da revista:

> Uma alta mentalidade toda francesa, toda nacional, presidiu a fundação do *Musée des familles;* não temos a intenção de fazer desta coletânea uma monótona compilação britânica, mas uma galeria onde todos os nossos grandes escritores apareçam, em uma revista cujo baixo preço faça moda, cuja publicidade *restitua a literatura popular*, cujo quadro seja sempre variado e novo, cujo título por si só determine a escolha de temas e estilo dos autores nos limites do decoro dentro dos quais se devem se pautar toda obra literária que aspire a entender à civilização, em substituição insensivelmente ao uso de termos grosseiros e muitas vezes perigosos, o hábito da leitura, relaxamento do trabalho e divertimento do espírito. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 37) [20]

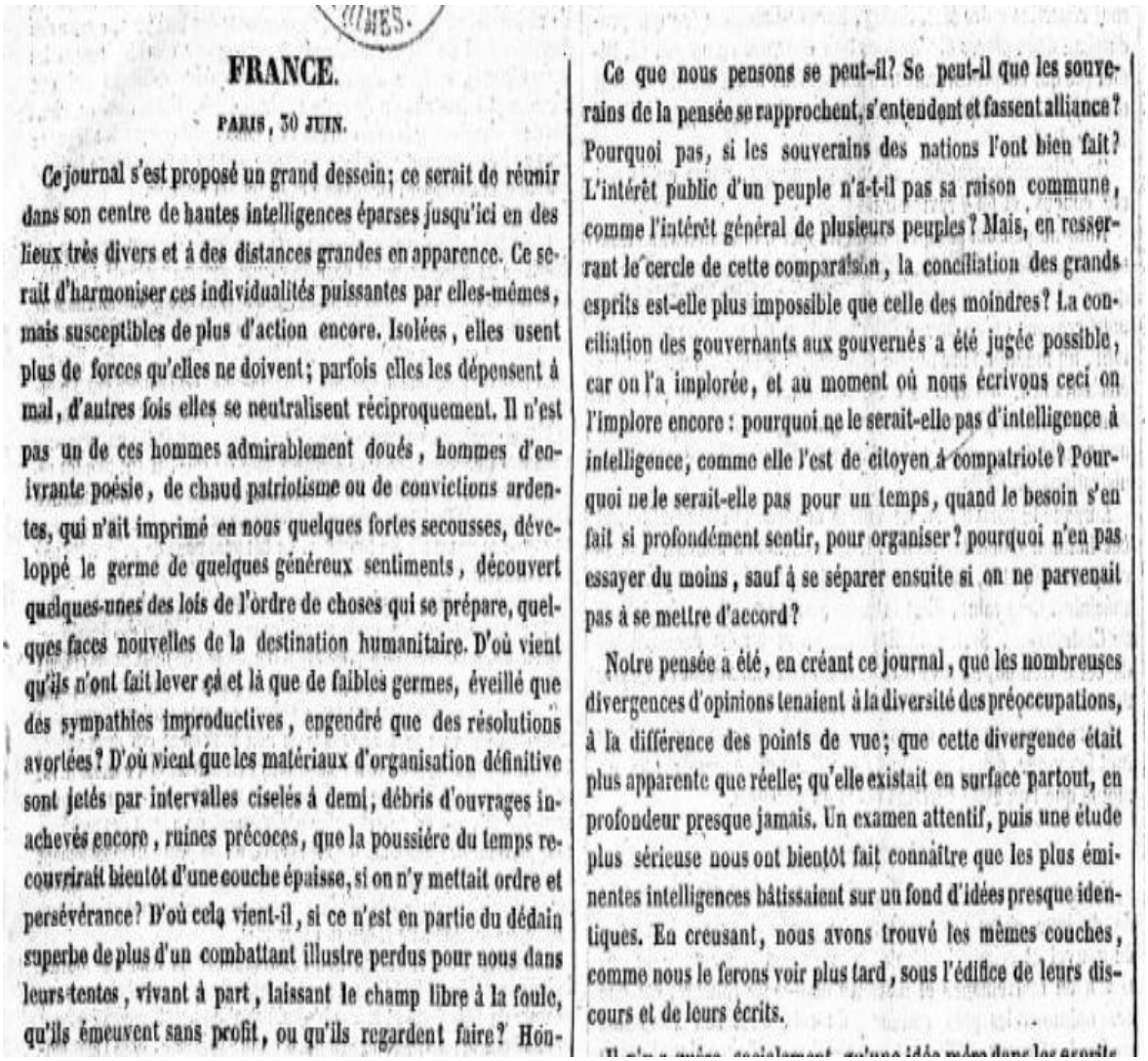
Conforme será mostrado a seguir, o projeto desenhado para a revista, e aqui reproduzido, será o mote exposto já no primeiro número do *La Presse*, ou seja, a reunião daqueles considerados pelo editor como as melhores cabeças pensantes da França, não importando tendência política ou cultural, a publicidade a serviço do baixo preço e, no caso da revista acima referida, da boa literatura, entendida como aquela destinada a desenvolver a nação e estimular o gosto pela leitura, com uma opção a preços baixos.

E essa intenção de reunir escritores de diversas tendências já se manifesta no número inicial do *La Presse*, cujo trecho abaixo reproduzido e destacado já dá uma ideia da linha a ser seguida por Girardin para atrair o público leitor crescente e tirar o jornalismo francês do imobilismo no qual se encontrava:

---

[20] Une haute pensée toute française, toute nationale, a presidé à la fondaction du *Musée des familles ;* nous n'avons point voulu faire de ce recueil une montone compilation britannique, mais une galerie où tous nos grands écrivains vinssent poser ; une revue dont le bas prix fit la vogue, dont la publicité *rendit la littérature populaire*, dont le cadre fût toujours varié et nouveau, dont le titre seul traçât au choix des sujets et au style des auteurs les limites de convenance dans lesquelles dois se refermer toute ouevre littéraire qui aspire à étendre la civilisation, en substituant insensiblement à l'usage de jeux grossiers, souvent dangereux, l'habitude de la lecture, délassement du travail et jouissance de l'esprit. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 37)

Figura 3 - ampliação de trecho do edital do 1º número do La Presse (cf. figuras 1 e 2)



FRANCE.

PARIS, 30 JUIN.

Ce journal s'est proposé un grand dessein; ce serait de réunir dans son centre de hautes intelligences éparses jusqu'ici en des lieux très divers et à des distances grandes en apparence. Ce serait d'harmoniser ces individualités puissantes par elles-mêmes, mais susceptibles de plus d'action encore. Isolées, elles usent plus de forces qu'elles ne doivent; parfois elles les dépensent à mal, d'autres fois elles se neutralisent réciproquement. Il n'est pas un de ces hommes admirablement doués, hommes d'enivrante poésie, de chaud patriotisme ou de convictions ardentes, qui n'ait imprimé en nous quelques fortes secousses, développé le germe de quelques généreux sentiments, découvert quelques-unes des lois de l'ordre de choses qui se prépare, quelques faces nouvelles de la destination humanitaire. D'où vient qu'ils n'ont fait lever çà et là que de faibles germes, éveillé que des sympathies improductives, engendré que des résolutions avortées? D'où vient que les matériaux d'organisation définitive sont jetés par intervalles ciselés à demi, débris d'ouvrages inachevés encore, ruines précoces, que la poussière du temps recouvrirait bientôt d'une couche épaisse, si on n'y mettait ordre et persévérance? D'où cela vient-il, si ce n'est en partie du dédain superbe de plus d'un combattant illustre perdus pour nous dans leurs tentes, vivant à part, laissant le champ libre à la foule, qu'ils émeuvent sans profit, ou qu'ils regardent faire? Hon-

Ce que nous pensons se peut-il? Se peut-il que les souverains de la pensée se rapprochent, s'entendent et fassent alliance? Pourquoi pas, si les souverains des nations l'ont bien fait? L'intérêt public d'un peuple n'a-t-il pas sa raison commune, comme l'intérêt général de plusieurs peuples? Mais, en resserrant le cercle de cette comparaison, la conciliation des grands esprits est-elle plus impossible que celle des moindres? La conciliation des gouvernants aux gouvernés a été jugée possible, car on l'a implorée, et au moment où nous écrivons ceci on l'implore encore: pourquoi ne le serait-elle pas d'intelligence à intelligence, comme elle l'est de citoyen à compatriote? Pourquoi ne le serait-elle pas pour un temps, quand le besoin s'en fait si profondément sentir, pour organiser? pourquoi n'en pas essayer du moins, sauf à se séparer ensuite si on ne parvenait pas à se mettre d'accord?

Notre pensée a été, en créant ce journal, que les nombreuses divergences d'opinions tenaient à la diversité des préoccupations, à la différence des points de vue; que cette divergence était plus apparente que réelle; qu'elle existait en surface partout, en profondeur presque jamais. Un examen attentif, puis une étude plus sérieuse nous ont bientôt fait connaître que les plus éminentes intelligences bâtissaient sur un fond d'idées presque identiques. En creusant, nous avons trouvé les mêmes couches, comme nous le ferons voir plus tard, sous l'édifice de leurs discours et de leurs écrits.

fonte: www.gallica.bnf.fr

Destacamos dois trechos a partir da imagem acima: o início do editorial, no qual Girardin propõe o objetivo principal do jornal: o de reunir as mais altas inteligências da França em suas páginas, debatendo e harmonizando pontos de vista, conforme abaixo transcrito:

> Esse jornal se propõe a um grande plano; que seria o de reunir em seu núcleo as altas inteligências esparsas até aqui de lugares muito diferentes e à distâncias aparentemente grandes. Isso seria harmonizar estas poderosas individualidades por

> elas mesmas, mas suscetíveis de mais ação ainda. (LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1) [21]

Também citamos o último parágrafo acima reproduzido, em que o editor argumenta que a divergência de pontos de vista pode ser harmonizada, por se tratar de uma discordância mais aparente que real:

> Nosso pensamento foi, em criando esse jornal, que as numerosas divergências de opinião teriam a diversidade de preocupações, que as muitas diferenças de opinião e a diversidade de interesses em diferentes pontos de vista que essa diferença , que essa divergência seria mais aparente do que real, que ela existiria na superfície em todos os lugares, nunca em profundidade. (LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1) [22]

Assim, a era midiática, de massificação cultural, iniciada com o *La Presse*, segundo a proposta do editor, apolítica e diversionista.

Em outro trecho deste editorial, Girardin dá outra de suas diretrizes: a popularização do jornal e o aumento do número de leitores. Por conta de tal desiderato é que o editor afirma, a certa altura: "Não há pouco, socialmente, em uma ideia mãos nos espíritos. O problema todo se resolve a isto : *a maior felicidade para um maior número possível.*" (LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1) [23]

---

[21] Ce journal s'est proposé un grand dessein ; ce serait de réunir dans son centre de hautes intelligences éparses jusqu'ici en de lieux très divers et á des distances grandes en apparence. Ce serait d'harmoniser ces individuallités puissantes par elles-mêmes, mais suscpetibles de plus d'action encore. (LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1)

[22] Notre pensée a été, en créant ce journal, que les nombreuses divergences d'opinions tenaient à la diversité des préoccupations, à la différence des points de vue ; que cette divergence était plus apparente que réelle, qu'elle existait en surface partout, en profondeur presque jamais. (LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1)

[23] Il n'y a guère, socialement, qu'une idée mère dans les esprits. Le problème a résourdre est toujours celui-ci: *Le plus de bonheur pour le plus grand nombre possible. (*LA PRESSE, n. 1, 1836, p. 1)

Tratava-se de um expediente até então pouco comum em outros periódicos que não aqueles capitaneados por Girardin: a reunião de uma pluralidade de pensadores em um jornal que se destacava pelo barateamento de preços de assinaturas e de anúncios publicitários, a fim de atingir um número maior de leitores, sem mirar prioritariamente em qualquer segmento político ou social, como faziam muitos dos jornais concorrentes.
Esse modelo criou uma guerra de preços e de vaidades entre o *La Presse* e seus mais diretos concorrentes, como o *Journal de Paris* e o *Le National*, por exemplo.

Se, do ponto de vista da reunião de ideias tão diversas dentro do mesmo espaço e no que diz respeito à revolução econômica, Girardin promoveu uma revolução, no que tange ao formato das páginas e sua disposição para leitura, ou seja, do ponto de vista da avaliação do suporte, pode-se dizer que o *La Presse* ainda constitui um projeto mais conservador e formal do que o propagado pelo próprio editor.

O *La Presse* sempre manteve esse formato de quatro páginas, com três colunas por páginas, rasgadas nas páginas 1 e 2 pelo *feuilleton* que ocupava a primeira e, em alguns números também as outras páginas do jornal. Detalhe: o primeiro folhetim, que mostramos anteriormente, é uma espécie de programa do que será escrito naquele espaço, como se fosse um editorial do rodapé de página, foi escrito por Frederic Soulié, antigo colaborador de Girardin. No segundo número, o folhetinista é ninguém menos que Alexandre Dumas, mostrando a aplicação e a determinação de Girardin de constituir, no espaço de folhetim de seu jornal uma equipe de grandes folhetinistas, como o futuro de tais autores nos mostraria.

E até mesmo este espaço à parte do restante do jornal foi objeto de uma tentativa de organização por Girardin pois, segundo Vaillant (2001), em 21 de setembro de 1836 o editor promete uma "ordem mais perfeita" da disposição dos textos a serem publicados no rodapé da página, incluindo um folhetim sobre teatro aos domingos, por Alexandre Dumas (que duraria pouco tempo) ou, no sábado,

com diários de viagem, entre outros assuntos fixos tratados durante a semana. A título de comparação, note-se que muitos jornais de hoje ainda seguem uma ordem fixa de cronistas, a fim de que o leitor saiba o tipo de texto que encontrará em cada dia de publicação.

E se é certo que esse programa diário de Girardin não foi integralmente respeitado, certo é, também, que o folhetim constituiu uma das rubricas mais importantes do *La Presse* e um instrumento essencial de conquista da confiança do público leitor. Essa fixação de uma forma de publicação e organização do espaço do jornal, ainda que muitas vezes apenas tentada e não concretizada, dá o tom conservador de Girardin na ocupação da página, em contraponto à diversidade de conteúdo.

E o conservadorismo na forma visa justamente tornar o leitor fiel e cativar a sua atenção, constituindo a *rubricidade* da matriz midiática aqui já comentada, uma tentativa de organizar diferentes ideias sob uma forma já conhecida do leitor. A forma do *La Presse* é assim descrita por Vaillant e Thérenty (2001, p. 65):

> O primeiro número anuncia assim uma ordem de matérias precisa e lógica. Ele se divide em duas grandes seções : a primeira, « polêmica", compreende as "doutrinas literárias, políticas e industriais" e se pretende um "exame aprofundado das questões colocadas pelo interesse público à ordem do dia", enquanto que a segunda, chamada "publicidade", é consagrada à "reprodução metódica dos fatos, sem mescla com comentários". Esse sistema binário não se anula, no corpo do jornal, por uma estrita divisão entre dois tipos de artigos.[24]

[24] Le p'remier numéro annonce ainsi un ordre des matières précis et logique. Il se divise en deux grandes sections : la première, « Polémique », comprend les « doctrines littéraires, politiques et industrielles » et se veut un « examen approfondi des qustions mises par l'intérêt public à l'ordre du jour », tandis que la seconde, appelée « Publicité », est consacrée à la « reproduction méthodique des faits, sans mélange de commentaires ». Or, ce système binaire ne se traduit nullement, dans le corps du journal, par un strict decoupage entre deux types d'articles. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 65)

As rubricas aparecem seguidamente nos números e o leitor, ao verificar o local onde está inserido e o título da rubrica, já sabe o que vai encontrar antes de tomar conhecimento do conteúdo a ser lido, como se vê dos títulos *Nouvelles de l'étranger*, *Premier-Paris* (correspondente ao editorial dos jornais conhecidos hoje), a *Chronique*, primeira forma do folhetim-variedade, com a enumeração cronológica dos fatos marcantes do cotidiano da cidade; a seção *Débats de la presse*, com a exposição dos principais debates políticos estampados nos jornais da cidade; o *Actes du gouvernement*, rubrica esta que assume, após o segundo número, o título de *Départements ministériels*, *Nouvelles et faits divers*, com os fatos relevantes para a moralidade pública, tais como mortes por assassinato ou por suicídio, misturado com novidades do comércio e industria local, por exemplo; e, finalmente, a seção *Débats législatifs*, com os resumos das seções das duas câmaras do poder legislativo francês e os debates parlamentares.

Especificamente quanto à *chronique*, como já comentado, a questão principal acerca do gênero, é que a crônica, ou o folhetim como designado mais comumente neste trabalho, seja na modalidade variedade ou no enfoque romanesco, termina por sofrer do mesmo processo de porosidade e polifonia do jornal que o originou.

Sobre a crônica, afirma Marie-Ève Thérenty (2007, p. 238-239):

> Existe uma primeira forma mínima da crônica presente no início do século XIX, a lista, que apresenta os principais eventos ocorridos depois do último número do jornal ou de uma revista. Em um diário, os eventos listados são os eventos políticos que não deveriam fornecer matéria para desenvolvimento [...] em 1834, em um artigo consagrado à crônica, Auguste Pourrat testemunha a importância do novo gênero jornalístico. Para ele, a crônica semanal constitui a ferramenta reflexiva do jornalista e o cronista, "jornalista sem sê-lo", tornar-se-á em alguns anos o personagem chave do jornal.[25]

[25] Il existe une première forme minimale de la chronique présente dès le début du XIXe siècle, la liste, qui repértoire les principaux événements intervenus depuis le dernier numéro d'un journal ou d'une revue. Dans un quotidien, les événements inventoriés sont les événements politiques qui ne doivent pas donner matière à développement.

Analisar o *La Presse* e todo o caminho percorrido pelos jornais franceses e especialmente o caminho trilhado por Girardin até chegar a este momento, como feito acima, é mostrar, também, o esforço de organização de uma estrutura variável: o editor informa a seus leitores o projeto a ser seguido e as mudanças a serem feitas, em um esforço que pode ser comparado, por analogia, no campo literário, a um proceder metalinguístico.

Isto posto, pode-se dizer que o *La Presse* constituiria um marco de transição entre a leitura de jornais e de livros entre a população de novos leitores da época, ainda não acostumados ao hábito da leitura.

Ou, como afirmado pelos autores já mencionados:

> Ainda aqui, *La Presse* constitui um belo objeto transitório. Arcaico de uma certa maneira dentro da matriz de transmissão da atualidade, ela constitui, por outro lado, um reflexo das práticas jornalísticas da época e ela tenta enunciar um certo número de obrigações do jornalismo. Constata-se ainda uma imensa lacuna entre esse embrião de reflexão e as práticas jornalísticas mais artesanais. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 80) [26]

Apenas a diversificação e a especialização do suporte, contudo, não seriam suficientes para alavancar e, principalmente, manter a circulação dos jornais parisienses e o interesse do público: a outra iniciativa, tão importante quanto o lançamento do *La Presse*, é a invenção do folhetim ou *roman-feuilleton* , conjuntamente reivindicada por Émile de Girardin e Armanda Dutacq, diretor do *Le siècle*.

(...)En 1834, dans un article consacré à la chronique, Auguste Pourrat témoigne de l'importance nouvelle du genre journalistique. Pour lui, la chronique hebdomadaire constitue l'outil réflexif du journaliste et le chroniqueur, « journaliste sans l'être », est devenu en quelques annés le personnage clé du journal. (THÉRENTY, 2007, p. 238-239)

[26] Ici encore, *La Presse* constitue un bel objet transitoire. Archaïque d'une certaine manière dans la maîtrise de la transmission de l'actualité, elle constitue cependant un miroir de réflexion sur les pratiques journalistiques de l'époque et elle tente d'énoncer un certain nombre d'obligations du journalisme. Il faut cependant constater un immense écart entre cet embryon de réflexion et des pratiques journalistiques très artisanales. (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 80)

Neste sentido, cabe mencionar, com esteio no quanto afirmado por Allan Vaillant e Marie-Ève Thérenty, que a publicação de ficção em partes não é nova e já vinha ocorrendo na França desde, pelo menos, 1829, com o primeiro número da *Revue de Paris,* onde foi publicada uma série de Charles Nodier, intitulada *les souvenirs et portraits de la Révolution française.*

O primeiro romance folhetinesco, publicado com destino a ocupar as páginas dos jornais, contudo, vem à luz em 1836, nas páginas do *La Presse*: está-se falando de *La vieille fille,* de Balzac, que saiu entre 23 de outubro de 1836 e 4 de novembro do mesmo ano, com uma única interrupção em 31 de outubro.

E aqui Vaillant e Thérenty (2001, p. 243) afirmam que, embora *La vieille fille* tenha sido a primeira publicação no rodapé das páginas do *La Presse,* tal obra não poderia ser considerada o primeiro romance folhetinesco publicado:

> Sem mesmo se deter sobre qualquer característica narrativa de *La vieille fille* (extensão da exposição, leitura alegórica imposta, ausência de peripécias, escolha de uma moldura espacial esclerosada...) pouco aptas a incentivar a leitura necessária dentro do espaço de uma publicação em episódios, sem insistir acerca do posicionamento ideológico de *La vieille fille* que oferece ao leitor do *La Presse*, geralmente partidário da monarquia de julho, o lugar simbólico da personagem fraca do romance, Du Bousquier – o folhetim romanesco, antes de tudo, será contaminada por estas distorções entre sua ideologia e aquela do jornal que a abriga -, parece que a força da escrita irônica apresentada em *La vieille fille* engendra os fenômenos de polifonia e de ilegibilidade pouco compatíveis sem dúvida com a repartição em inúmeras edições em um jornal submetido à lei das assinaturas.
>
> [...]
>
> Mesmo convencionalmente, é difícil considerar este texto balzaquiano como o "primeiro folhetim romanesco". [27]

[27] Sans même s'attarder sur quelques caractéristiques narratologiques de *La vieille fille* (longueur de l'exposition, lecture allégorique imposée, manque de péripeties, choix d'un cadre spatial sclérosé...) peu aptes à lancer la lecture heletante nécessaire dans le cadre d'une parution morcelée, sans insister sur le positionnement idéologique de *La vieille fille* qui offre au lecteur de *La Presse*, généralement plutôt partisan de la monarchie de Juillet, la place symbolique du personnage impuissant du roman, Du Bousquier – le roman-feuilleton, après tout, sera contumier de ces distorsions entre son idéologie et celle du journal qui l'héberge -, il semble que la force de l'écriture ironique mise en place dans *La vieille fille* engendre des phénomènes de polyphonie et

A primeira tentativa de Girardin de inserção do romance folhetinesco no rodapé das páginas do *La Presse*, segundo os autores acima citados, soa como a inserção de um corpo estranho dentro do organismo da página, por suas características, por assim dizer, pouco folhetinescas: a fluência linear do tempo narrativo, as longas descrições de lugares e personagens, a quase ausência de digressões e peripécias das personagens, a valorização de um mesmo espaço narrativo. Mas há também outro fator que apóia a afirmação de Vaillant: a falta de atualidade da publicação, não no sentido estrito do tempo, mas na conjugação da perenidade do fazer literário em diálogo com o tempo do alto da página.

Há que se acrescentar aos motivos expostos pelos autores mais um que, do ponto de vista estritamente material, de análise do suporte, milita contra a consideração de *La Vieille Fille* como o primeiro folhetim romanesco publicado: trata-se do fato de que, pesquisando-se a edição de 23 de outubro de 1836, em que foi publicada a primeira parte do romance nas páginas do *La Presse*, constata-se que o texto de Balzac não foi publicado no rodapé da página do jornal, mas na seção *Varietés*, como mostra a ampliação abaixo:

d'illisibilité peu compatibles sans doute avec la parution en pluisieurs livraisons dans un journal soumis à la loi de l'abonnement. [...] Même convetionellement, il est difficile de considérer ce texte balzacien comme « le premier roman-feuilleton ». (VAILLANT ; THÉRENTY, 2001, p. 243)

Figura 4 - Detalhe do início da publicação de La vieille fille nas páginas do La Presse

et sa famille, se rendant en Allemagne.

BOUCHES-DU-RHONE. — *Marseille.* — M. Méry, notre collaborateur, vient, assure un journal, de soumissionner pour obtenir la direction des théâtres de Marseille pendant l'année 1837. M. Méry se réunirait avec M. Rey, directeur actuel.

VARIÉTÉS.

LA VIEILLE FILLE.

SCÈNE DE LA VIE DE PROVINCE.

I.

LA CHASTE SUZANNE ET SES DEUX VIEILLARDS.

Beaucoup de personnes ont dû rencontrer dans certaines provinces de France plus ou moins de chevaliers de Valois : il en existait un en Normandie, il s'en trouvait un autre à Bourges, un troisième florissait en 1816 dans la ville d'Alençon, peut-être le Midi possédait-il le sien ; mais le dénombrement de cette tribu valésienne est ici sans importance. Tous ces chevaliers, parmi lesquels il en est sans doute qui sont Valois comme Louis XIV était Bourbon, se connaissaient si peu entre eux, qu'il ne fallait point leur parler des uns aux autres ; tous laissaient d'ailleurs les Bourbons en parfaite tranquillité sur le trône de France, car il est un peu trop avéré que Henri IV devint roi, faute d'un héritier mâle dans la première branche d'Orléans, dite de Valois. S'il existe des Valois, ils proviennent de Charles de Valois, duc d'Angoulême, fils de Charles IX et de Marie Touchet, de qui la postérité mâle s'est également éteinte, jusqu'à preuve contraire. Aussi ne fut-ce jamais sérieusement que l'on prétendit donner cette illustre origine au mari de la fameuse Lamothe-Valois, impliquée dans l'affaire du collier.

fonte: www.gallica.bnf.fr

Logo, além dos motivos estilísticos já citados, há um impedimento de ordem material que milita contra a classificação do texto de Balzac como sendo um folhetim: o fato de que o *feuilleton* designa, *a priori*, um lugar no jornal, o rodapé da página, com um espaço a ser respeitado por edição, o que termina por impor ao autor adaptações destinadas a manter o leitor em suspense e interessado na leitura do próximo episódio a ser publicado.

O que se nota aqui é justamente o uso do espaço de forma pouco disciplinada: o texto começa na última coluna da página 3 e atravessa praticamente toda a página 4 do jornal. Nesse caso, foi o suporte que se submeteu ao tamanho do texto, e não o contrário, como costuma acontecer nos folhetins.

Tal expediente se repete nas edições posteriores pesquisadas, onde *La vieille fille* era normalmente publicado na seção *varietés*, iniciando-se na terceira página, sem uma marcação fixa de coluna de início e atravessando para a página seguinte, terminando em meio a uma das colunas, enquanto o rodapé da página

era ocupado pelos folhetins escritos sobre os mais diversos assuntos, incluindo economia e cultura (teatro).

Deste modo, possível afirmar que *La vieille fille* não foi mesmo o primeiro folhetim romanesco publicado, pois sequer foi encaixado no espaço destinado ao *feuilleton* no *La Presse*.

Isto porque o folhetim, antes de tudo, designava não uma modalidade literária ou jornalística, mas um espaço específico do jornal: tratava-se do rodapé da página ou o *bas-de-page*, como afirmado por Marlise Meyer (2005, p. 57-58):

> Aquele espaço de vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos – o esboço do *Caderno B*, em suma. E numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos ou menos colunas.

E, seguindo o argumento de Marlise Meyer, pode-se afirmar que, no caso francês, outro espaço onde a realidade do jornal e a ficcionalização do cotidiano ocuparam o mesmo espaço foi justamente em um corolário do folhetim romanesco, chamado de *fait divers*. Trata-se de um assunto que poderia mesmo ser tratado à parte, tamanho o interesse que desperta, mas que, neste trabalho, será mencionado essencialmente como um dos componentes do folhetim romanesco que será, posteriormente, popularizado dentro das páginas dos jornais. Essa seção surgiu, segundo Marlyse Meyer, nas páginas do *Petit Journal*, em 1863, como uma seção de notícias diversas com um tom altamente ficcional ou pouco verossímil.

Também Marie-Ève Thérenty (2007, p. 270) discorre sobre o assunto:

> Como a crônica, o *fait divers* constitui no jornal um contraponto à escritura do *Premier-Paris*. Ele participa das variedades jornalísticas e deriva de uma escritura de divertimento. Espelho falso, reflexo invertido, ele possui a dupla qualidade de ser em aparência uma escritura do real ao mesmo tempo em que faz aparecer uma lógica desviante, dos destinos insólitos, ao provar que o não-excepcional pode sê-lo também surpreendente, revelando a dimensão romanesca dos destinos comuns.[28]

Falar dos *fait divers* é mencionar a vida em seu lado mais obscuro, retratado nas páginas dos jornais: os crimes, os assassinatos brutais de todo tipo, a violência, a desavença, descobertas científicas mirabolantes e com fonte não referida, criaturas fantásticas trazidas para a realidade do leitor, tudo o que puder chamar a atenção de quem lê, enfim. É também deste material que se alimentará o folhetinista ficcional mais adiante, mostrando quão tênue é a fronteira jornalística entre realidade e ficção e o nível de contaminação e porosidade entre essas duas esferas.

O verbete acerca do *fait divers* do *Grand Larousse universel* do séc. XIX, extraído do livro de Marlyse Meyer (2005, p.99) , dá uma ideia dessa mistura:

> Sob essa rubrica os jornais agrupam com arte e publicam regularmente as mais diferentes notícias que correm pelo mundo: pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes hediondos, suicídios de amor, pedreiro caindo do quinto andar, assalto a mão armada, chuva de gafanhotos ou de sapos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, raptos misteriosos, execuções capitais, casos de hidrofobia, de antropofagia, de sonambulismo e de letargia;. Salvamentos e fenômenos da natureza, tais que o bezerro com

[28] Comme la chronique, le fait divers constitue dans le journal un contrepoint à l'écriture du premier-Paris. Il participe de la varieté journalistique et dérive vers une écriture du divertissement. Miroir faussé, reflet inversé, il possède la double qualité d'être en apparence une écriture du réel et dans le même temps de faire apparaître une logique déviante, des destins insolites, de prouver que le non-exceptionnel peut lui aussi être étonnant, révélant la dimension romanesque de destins ordinaires. (THÉRENTY, 2007, p. 270)

> duas cabeças, gêmeos grudados pelo ventre, anões extraordinários, etc.

E é justamente nesse terreno que transita o folhetim, com a ficção fazendo uso da realidade descrita no jornal para a eficácia de suas técnicas e, posteriormente, o *fait divers* fazendo da realidade uma obra de ficção, cindindo o conceito de verossimilhança em favor da ficcionalização do cotidiano.

Em *A estrutura da notícia* [29], Roland Barthes (2007, p. 57-58), discorre acerca da estrutura desta peculiar espécie jornalística, assinalando que o *fait divers*:

> [...] procederia de uma classificação do inclassificável, seria o refugo desorganizado das notícias informes; sua essência seria privativa, só começaria a existir onde o mundo deixa de ser nomeado, submetido a um catálogo conhecido (política, economia, espetáculos, ciências, guerras, etc); numa só palavra, seria uma informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis, que se classificam em geral pudicamente sob a rubrica dos *Varia*, tal como o ornitorrinco que deu tanto trabalho ao infeliz Linné.

O *fait divers* constituiria, portanto, uma notícia que possui importância apenas por existir, um instantâneo ou, quando muito, uma notícia de memória curta, que se destaca não pelo valor exterior ao fato e às associações que dele podem decorrer, mas da relação de causa e efeito inusitada provocada pela própria notícia em si. A análise empreendida por Barthes nos permite vislumbrar a importância desta inusitada espécie jornalística como a ponte entre o real e o imaginário que cinde o conceito de verossimilhança, como dito acima, e que se consubstancia em matéria primordial do folhetim romanesco.

Ou, seguindo com Marlyse Meyer (2005, p. 224):

---

[29] em francês, *structure du fait divers*, expressão que não possui um correspondente exato em português.

> O folhetim ficcional inventando fatias de vida servidas em fatias de jornal, ou os *fait divers* dramatizados e narrados como ficção, ilustrados ambos com essas gravuras de grande impacto, ofereciam às classes populares o que desde os tempos da oralidade e das folhas volantes as deleitava: mortes, desgraças, catástrofes, sofrimentos e notícias – tais como nossos folhetos de época nordestinos as continuam narrando – reatualizados nos termos da modernidade industrial e urbana. Ou seja, com diz Walter Benjamin, "injetar o veneno da sensação à experiência vivida, quase por via endovenosa".

A relação de contrariedade do *fait divers* se baseia, ainda, segundo BARTHES (2007), em uma figura de retórica fundamental no discurso de nossa civilização, qual seja, a *antítese*. O teórico aponta também que esse movimento é bem conhecido da tragédia clássica, e denominado de *cúmulo*, que seria " a expressão de uma situação de azar" (BARTHES, 2007, p. 65).

Dessa invenção do folhetim e seu subproduto posterior, o *fait divers*, decorre o que Michel Gillet, citado por Marlyse Meyer, chama de "folhetinização da informação", vale dizer, uma forma de falseamento e manipulação jornalística com um de seus elementos constituindo a visão fragmentada e personalizada dos fatos sociais (apud MEYER, 2005, p. 225):

> Ora, isso nos remete diretamente à própria origem do folhetim, à técnica inventada por Girardin e realizada triunfalmente no novo gênero romanesco: o folhetim-romance, forma *sui generis* de narrativa apoiada no fragmento. O fragmento que mantém acesa a expectativa do leitor sem lhe permitir uma visão de conjunto, análogo ao trabalho entrecortado, à novidade do trabalho fabril. É a mesma técnica fragmentária que caracteriza a transmissão de notícias, uma "fragmentação noticiosa que cai como uma luva para as mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo, sem nenhum fio ordenado". "Uma fragmentação que traduz uma forma geral de disposição do mundo nascido da relação do homem com o processo fracionado de trabalho"."A produção fragmentada de notícias é uma técnica [...] mercadológica" como foi a grande matriz folhetinesca e seu imediato subproduto, o *fait divers*, folhetinizado na técnica e na subjetividade personalizada de seu conteúdo.

Apenas a título de curiosidade, vale mencionar um legítimo produto brasileiro do *fait divers*. Está-se falando do jornal *Notícias populares*, conhecido como NP, que circulou de 15 de outubro de 1963 a 20 de janeiro de 2001 e que elevou o *fait divers* a manchete e notícia principal do jornal, sempre estabelecendo uma relação de causa e efeito inusitada, com muitos crimes, façanhas e outros fatos extraordinários. Como exemplo, apresentamos abaixo apenas uma de suas inúmeras primeiras páginas:

[30]

Figura 6 - Manchete do jornal Notícias populares

Veja-se a típica estrutura de *fait divers* aqui representada: o simples fato de um aluno ser expulso da escola não seria notícia, o que fez do fato manchete no NP foi o inesperado e prosaico motivo. Há aqui um movimento de cúmulo, e a exploração da metáfora no hilário subtítulo que acompanha a chamada de capa e

[30] Imagem obtida em www.infoescola.com.br/jornalismo/notíciaspopulares

na foto que faz parte da linguagem, com os pés do aluno expulso em primeiro plano e o restante da imagem em segundo plano.

Embora não seja objeto central deste estudo, o *fait divers* e seus reflexos até dias mais recentes, como acima mostrado, mostra justamente essa ponte entre o real e o ficcional, que será um dos alicerces do folhetim romanesco.

Voltando ao rodapé da página, ele foi, de início, concebido para acolher os mais diversos e desconexos assuntos e passa a ocupar um lugar que deu destaque à literatura, quando acolheu os primeiros romances publicados em tal formato. E a primeira publicação, lançada pelo *Le siècle*, é *Capitain Paul*, de Alexandre Dumas (lançado posteriormente no Brasil como *Capitão Paulo*, no *Jornal do Comércio*, a partir de 1838), que fez o jornal atingir mais de 5000 assinaturas em 1838 (KALIFA, 2001, p. 8).

Não nos esqueçamos, também, de Balzac, que no mesmo ano lança *La vieille fille*, em outubro de 1836, o mesmo Balzac que em *Os Jornalistas* afirma que os folhetinistas são "entre todos estes estraga-papel, o Subgênero mais feliz: ele vive nas folhas como um verme na seda, todo inquieto, como este inseto, em relação a tudo que tece."(BALZAC, 2004, p. 113). Vale lembrar ainda a posição aqui já exposta de Vaillant e Thérenty, no sentido de que *La vieille fille*, não obstante o seu lançamento como folhetim, não pode ser tratado como um folhetim romanesco, pelos motivos já apresentados neste estudo.

Assim, se Emile de Girardin inventou o conceito do folhetim romanesco, vale dizer também que Armand Dutacq, fundador do *Le siècle*, aperfeiçoou a forma idealizada por Girardin em seu jornal.

Discorrendo acerca do romance-folhetim e fixando uma cronologia desta modalidade, afirma Marlise Meyer (2005, p. 64):

> Um historiador do movimento operário, Edouard Dollèans, situa entre 1830 e 1871 o duro caminho da luta para a organização operária. São esses também os marcos que, grosso modo, assinalam diferentes aspectos do romance-folhetim. Seu nascimento, elaboração, apogeu, morte e

> ressurreição coincidem – e não será por acaso – com as três séries de datas 1836-1850, 1851-1871 e 1871-1914. São três grandes momentos da História em que se inscreve o tempo histórico do romance-folhetim.

Mas outros autores viriam a se consagrar através do formato jornalístico: percebendo a fonte de lucro propiciada pela publicação das tramas nos rodapés das páginas dos jornais, diversos autores se consagram na França através desse formato. Além de Alexandre Dumas, outro nome de relevo neste início de massificação da cultura foi Eugène Sue, que alcançou enorme sucesso com a publicação no *Le Constitutionnel*, a partir de 1842, de *Les mystères de Paris*, ou *Os mistérios de Paris*, obra que granjeou enorme fama e popularidade à Sue, que viria a publicar, posteriormente e também no formato folhetim, *Le Juif errant*, ou *O Judeu errante*, no mesmo jornal, entre 1844 e 1845.

Além desses autores citados e de outros que fizeram fama nos rodapés dos jornais, destaca-se ainda o incansável Ponson du Terrail e as intermináveis aventuras de Rocambole, as quais, no Brasil, chegaram a ser reunidas em edições para venda, pelo editor Baptiste-Louis Garnier.

Ademais, como afirmado por Dominique Kalifa, "é o folhetim, notam os numerosos contemporâneos, que introduzem o industrialismo e a democracia em uma literatura até então largamente transformada em mercadoria." [31]. (KALIFA, 2001, p. 9). Ou ainda:

> Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim "folhetinesco" de Eugène Sue, Alexandre Dumas pai, Soulié, Paul Féval, Ponson du Terrail, Montépin, etc, etc.(MEYER, 2005, p. 59)

[31] c'est Le feuilleton, notent de nombreux conteporains, qui introduit l'industrialisme et la démocratie dans une littérature désormais transformée en merchandise (KALIFA, 2001, p. 9)

Deste modo, não obstante as afirmações acima, pode-se dizer que a democratização da literatura apontada por Kalifa, bem como o surgimento de um novo gênero romanesco, como apontado por Meyer, devem ser vistos não como a criação de uma modalidade literária, mas como consequência da ocupação de um espaço dentro de um suporte, qual seja, o jornal. Vale dizer, o romance, para ocupar o espaço a ele destinado no rodapé das páginas dos jornais, aderiu a um modelo construído à parte da concepção romanesca adaptando-se a essa nova conformação. Ou seja, o romance adaptou-se ao suporte, e sobreviveu.

Mais que isso: segundo Alain Vaillant (2001), o romance é o gênero literário mais afetado pelo nascimento da cultura midiática. E com razão. Assim como a crônica que antecede a ocupação do *bas-de-page* pelo folhetim, o romance é uma protoforma, mutante, permeável e adaptável às incertezas do formato jornalístico. Como a crônica que tratava dos mais variados assuntos e ecoava inúmeras vozes, o romance também é permeado pela já conhecida polifonia ou multiplicidade de vozes que acabou por casar-se perfeitamente com a ascensão do jornal como propulsor da cultura midiática e da massificação da cultura, como mosaico da aventura humana.

Essa visão democrática e polifônica do romance folhetinesco, contudo, não é uníssona. Em uma visão mais próxima da crítica ao sistema político-econômico que gerou a indústria midiática, Lise Dumasy-Queffelec(1999), em sua introdução à *La Querelle du roman feuilleton*, aponta a necessidade de lucro do capitalismo como fator de deterioração da literatura folhetinesca. Afirma:

> Industrial, a literatura folhetinesca é, segundo os críticos, porque ela submete à empresa da ideologia capitalista produtiva: é preciso produzir rápido, muito e à baixo preço, e pouco importa que o produto seja submetido a uma baixa de qualidade... (DUMASY-QUEFFELEC, 1999, p. 12) [32]

[32] Industrielle, la littérature feuilletonesque l'est, selon les critiques, parce qu'elle subit l'emprise de l'idéologie capitaliste productiviste: il faut produire vite, beaucoup, à bas prix, et peu importe que le produit subisse alors une baisse de qualité... (DUMASY-QUEFFELEC, 1999, p. 12)

Aponta ainda a autora citada que essa necessidade de rapidez na escrita degenera em uma negligência na construção do estilo, prejudicial à literatura como arte. Alain Corbin afirma que a proliferação e o sucesso do folhetim constituem parte do "controle do lazer" no séc. XIX, época em que o culto ao trabalho se consolida, fazendo-se necessário também o controle do lazer, evitando as formas artísticas "anarquistas" e privilegiando as distrações "racionais". Trata-se do controle do tempo livre do trabalhador, com a consequente aceleração do cotidiano, almejando maior produtividade e alienação através de uma diversão que poderia ser considerada "inferior". Está-se falando, portanto, de uma crítica à massificação do lazer e da cultura, que subjugariam o trabalhador.

Tais concepções vão de encontro ao que Adorno qualificava como *indústria cultural*, que forçaria a aproximação do que o autor chamou de arte "inferior" e "superior", com o prejuízo de todos, transformando o público em objeto e não comandante da indústria cultural. Assim, a arte, que deveria ser libertadora, escraviza o homem a quem deveria libertar.

Não obstante a importância de tais apontamentos – a se considerar o elemento dominação social pelo poder econômico existente na história da arte, constituindo os meios de cultura em massa uma seara prolífica – , também não é possível deixar de afirmar que a revolução midiática que massificou a cultura e, no caso em estudo, a literatura e o romance como gênero, foi altamente influenciada pela vontade dos leitores, o que não era ignorado por editores, por exemplo. Classificar determinado tipo de manifestação artística como superior ou inferior, além de vago e pouco científico, mostra um preconceito incompatível com o objetivo da análise literária.

Logo, a indústria midiática e a cultura de massa constituíram um sistema que democratizou e ampliou o acesso à literatura, com a ocupação do rodapé da página por autores que se eternizariam neste espaço como romancistas de qualidade, servindo, é claro, à necessidade de lucro dos jornais, que aumentaram seu poder e atingiram um maior número de leitores. Trata-se de uma relação

simbiótica, que iniciou uma revolução que segue até os dias de hoje, com a proliferação de blogs, o novo espaço dos cronistas do *bas-de-page* cibernético.

No Brasil, fortemente influenciado pela cultura francesa até, pelo menos, o final da primeira metade do século XX, o nascimento e o desenvolvimento de uma cultura midiática deram-se quase ao mesmo tempo. Um dos fatores essenciais para esse desenvolvimento paralelo ao modelo francês foi a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, trazendo consigo o progresso em diversas áreas, dentre as quais pode-se citar a abertura dos portos, de estradas, medidas de saneamento que até então inexistiam no país e, ainda, a instalação do Banco do Brasil, melhorias que permaneceram no país após o retorno da corte em 1820.

Antes desse período, no entanto, mais precisamente no século XVIII, aponta Sandra Guardini de Vasconcelos (2005, p. 26) que os romances ingleses já chegavam ao restrito leitorado brasileiro, difundido inclusive pelos gabinetes de leitura que começavam a ganhar impulso nas maiores cidades do então Brasil Colonial. Assinala a autora mencionada:

> Com exceção das obras dos fundadores do romance inglês – Defoe, Richardson, Fielding, Smollet e Sterne – produzidas entre 1719 e 1760, a maior parte da produção novelística que chegou ao Brasil cobre o período que vai de 1770 a 1820. Isso coincidiu com a fase de consolidação do gênero na Inglaterra, o que não significa necessariamente garantia de qualidade literária. Muitas das obras que aportaram por aqui faziam parte da "biblioteca" popular, que, repetindo velhas fórmulas conhecidas, não trazia grandes avanços do ponto de vista formal. O levantamento dos romances ingleses em circulação no Brasil permite verificar também a presença de um respeitável "segundo time", do qual fazem parte algumas romancistas bastante conhecidas e lidas na Inglaterra durante o século XVIII: Fanny Burney, Mrs. Inchbald, Sophia Lee, Anne Radcliffe, e aquelas "descobertas" por Marlyse Meyer – Elisabeth Helme, autora de *Sinclair das Ilhas* e Regina-Maria Roche, autora de *Amanda e Oscar*. Há, entre as obras que chegaram ao Brasil, representantes de todo tipo de romance correntes na Inglaterra do século XVIII. Temos, por exemplo, o romance doméstico e sentimental de um Richardson, o gótico de Walpole e Anne Radcliffe, o romance de costumes de Fanny Burney, o romance de doutrina de Willian Godwin, a fantasia oriental de *Rasselas*, de Johnson, e *Vathek*, de

> Beckford. Sem falar no romance histórico de Walter Scott, presença constante em todos os catálogos.

Se em 1770 já chegavam tais obras ao país, ainda não se podia falar em uma circulação massiva de literatura ou de uma era midiática, a qual ainda dependia, para a eclosão, de providências que criassem as condições anteriormente mencionadas. Em 1808 foi criada no Brasil a *imprensa regia*, iniciando, neste mesmo ano, a publicação de jornais. Assim como visto no capítulo anterior e retomando o quanto afirmado por Dominique Kalifa (2001), deu-se no Brasil o primeiro passo para o nascimento da indústria midiática, qual seja, a formação de uma estrutura que permitiu ampliar e diversificar a produção, com a conseqüente redução de custos.

E no Brasil, como na França, também existia um público leitor ao qual era destinada a produção midiática. Havia, contudo, diferenças nos cenários no que diz respeito ao espectro de leitores. Nesta época, o Rio de Janeiro era a capital do império e o principal centro receptor e produtor de cultura no Brasil. Mas o Rio de Janeiro também não é Paris, e o potencial público leitor é muito reduzido, limitando-se às classes sociais mais abastadas do ponto de vista político e econômico. O grau de alfabetização da população é muito menor se comparado a Paris, e o habitante do Brasil no tempo do império, em geral, é analfabeto, ao contrário de parte de seus congêneres franceses.

A fim de que se tenha uma breve noção da escassez do público leitor, bem como da precariedade dos meios de distribuição no que diz respeito à circulação de romances no Rio de Janeiro, vale mencionar o trabalho de Hélio de Seixas Guimarães (2004), no qual o autor, com o intuito de abordar a recepção aos romances de Machado de Assis, logo no início de sua obra, faz um retrato do público leitor no século XIX, tomando como exemplo a figura dos livros vendidos por “um preto de balaio no braço”, descrita pelo cronista João do Rio em um texto de 1908, ano da morte de Machado de Assis.

Quanto ao potencial de leitores, oportuno transcrever trecho da obra acima citada, o qual, embora longo, parece preciso quanto à condição do público leitor do Brasil no século XIX:

> [...] Não por acaso a norte-americana Elizabeth Agassiz registrou, em seu *Viagem ao Brasil 1855-1856* que "nada impressiona tanto o estrangeiro como essa ausência de livros nas casas brasileiras". Vão no mesmo sentido as informações de José Veríssimo, que em 1833 refere-se a uma espécie de fobia à "letra redonda", mesmo entre os segmentos instruídos da população:
>
> *Entre nós contam-se as casas, a não ser de algum médico que tem os seus livros de medicina, e a de algum advogado que tem os seus livros de direito, que possuam meia dúzia de volumes. E a respeito de 'homens formados', direi de passagem que, segundo me têm comunicado os livreiros desta capital, são eles os que menos livros contam. Os doutores parece têm horror à letra redonda.*
>
> A capital a que se refere Veríssimo é Belém do Pará, mas os dados de todo o país confirmam a situação descrita. Ao longo de todo o século 19 os alfabetizados não ultrapassaram os 30% da população brasileira, e não se verificam as alterações de perfil e dimensão do leitorado semelhantes às que acompanharam a emergência do romance na França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1872, apenas 18,6% e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever, segundo dados do recenseamento; entre a população em idade escolar (6 a 15 anos), que somava 1.902.454 meninos e meninas, apenas 320.749 frequentavam escolas, ou seja, 16,9%. Já em 1890, a porcentagem diminuiu: apenas 14,8% sabiam ler e escrever. Ainda segundo o censo de 1872, que apurou uma população de quase 10 milhões de habitantes, apenas 12 mil freqüentavam a educação secundária e havia 8 mil bacharéis no país. Esses dados indicam o leitorado potencial, o que significa que o número de pessoas efetivamente capazes de ler e escrever era muito menor. (GUIMARÃES, 2004, p. 65-66)

Mas as diferenças, no que diz respeito ao espectro de alcance do público leitor, não invalidam o fato de que a era midiática, no Brasil, inicia-se quase que paralelamente à França, com a proliferação de jornais, seguindo o modelo já consagrado em território francês. Jefferson Cano (2002) afirma datar de 1836 a

primeira referência à crônica no Brasil, ocupando o espaço destinado e ocupado posteriormente pelo folhetim.

Aponta ainda o mesmo autor que a introdução do folhetim no Brasil coube a Justiniano José da Rocha, mais precisamente em 5 de outubro de 1836, nas páginas d'*O Chronista*, jornal carioca no qual o então novel folhetinista batiza o espaço de *folha*, em uma tradução que considera aproximada do termo *feuilleton*, rejeitando as possibilidades de se adotar *folhetão* ou *folhinha*, por considerar que o aumentativo e o diminutivo não seriam epítetos adequados ao espaço. E assinala Justiniano que tal *folha* poderia ser dividida em subgêneros, tais como *folha literária, folha crítica, folha científica*, dentre outros. (CANO, 2005, p. 24)

Mais que a simples designação de um nome em português para o espaço, assinala Cano (2005, p. 25) que mais importante ainda era a designação do que seria produzido em tal espaço:

> Talvez fosse a primeira vez que uma voz da imprensa brasileira definia não apenas a nova modalidade jornalística – o folhetim – , mas uma civilização do recreio, por assim dizer, em que o hábito da leitura não se confundia necessariamente com a árdua busca da ciência, mas correspondia ao *desejo* de descanso e distração. Criava-se uma esfera na qual o ato de ler fundia os impulsos da inteligência e da vontade, consolidando a imaginação como atributo privilegiado do intelecto.

Esse território apontado pelo autor como aquele em que o jornal poderia ser encarado também como passatempo ou distração constitui o terreno fértil para a proliferação da modalidade literária no rodapé da página, o folhetim romanesco.

E no que diz respeito ao folhetim romanesco, a era midiática também se inicia como mera reprodutora dos modelos franceses para, a seguir e até concomitantemente, seguir seu próprio caminho. Nesse sentido, Antonio Manoel dos Santos Silva (2006, p. 13) diz:

> Pode-se afirmar que a narrativa de ficção brasileira começou ao mesmo tempo em que surgiu, no Brasil, a imprensa escrita,

> desta recebendo algumas técnicas de narração. Está claro que a imprensa escrita não tinha na época o alcance que se costuma atribuir hoje aos meios de comunicação em massa, mas era o meio mais amplo enquanto possibilidade de leitura e o de maior abrangência informativa, servindo até como o canal para publicação de capítulos de romances, de "seriados", de contos. O jornal foi também o espaço de acolhimento, talvez de formação e de desenvolvimento, de um gênero híbrido que posteriormente seria conhecido como "crônica".

E, se na França, os escritores se tornaram jornalistas ou escritores/jornalistas, no Brasil, não obstante a similitude de evolução técnica e de procedimentos, o que se testemunha é o caminho inverso, ou seja, os primeiros romancistas foram, antes de tudo, jornalistas e nas páginas dos jornais perpetraram suas primeiras incursões. Os primeiros romancistas brasileiros, Alencar dentre estes, foram primeiramente folhetinistas. Novamente, nas palavras do autor acima citado (2006, p. 14):

> Com o passar do tempo, jornais e revistas passam a estampar as traduções dos textos franceses, principalmente os textos que alguns críticos e historiadores tratam como subliteratura e que se podem considerar, ao lado da crônica literária, como um produto da imprensa escrita: os folhetins. Com outras palavras, os folhetins, cujos padrões narrativos se definem por modelos e técnicas próprios do jornal (séries encadeadas, sucessão marcada por transições em suspenso, ausência de pensamento crítico, representações facilmente reconhecíveis pelo leitor e, acima de tudo, entretenimento) darão a base para muitas narrativas de ficção brasileiras, pelo menos as narrativas demandadas pelos novos leitores da pequena e média burguesias.

Mais uma vez, observando-se as citações acima, podemos constatar a existência de fatores paralelos aos casos franceses e brasileiros: a instalação de um suporte técnico, mais a existência de um público leitor, ou seja, demanda para a proliferação de novos jornais e, por consequência, do novo modelo de leitura constante do rodapé dos jornais que é o folhetim. Mas é possível falar na existência desse "público" de leitores de folhetins? Marlyse Meyer (2005, p. 292-293) responde positivamente a esta questão:

> Tão fulgurante e rápida penetração do folhetim francês sugere a constituição no Brasil, nas décadas de 1840 e 1850, de um corpo de leitores e ouvintes consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem do jornal que as publica e livros que as retomam.
>
> [...]
>
> Mas se essas "interessantes novelas" e os folhetins são produtos civilizatórios de Paris, já está bem configurada a produção nacional. *A moreninha*, de 1844 em diante, e outras obras de Macedo encabeçam muita lista de livros oferecidos sistematicamente a esse leitor que vem se formando desde as longínquas listas de 1830, 31, 35, etc, e permitem falar num *público*.

Veja-se o papel do jornal junto ao escritor e jornalista: em uma era marcada pela ascensão de uma nova classe social surgida no seio do ainda nascente capitalismo de base industrial, o escritor ou, no caso específico do folhetim, o romancista, passa a atender não apenas à sua individualidade como criador, mas passa, principalmente, a mirar o público no momento de escrever, atuando não apenas como elemento criador, mas como componente de uma engrenagem social e econômica, encontrando limites nos fatores sociais que permeiam a criação literária na era da reprodução em série. Em tal sentido, Antonio Cândido (2000, p. 74) discorre sobre o papel do escritor ou criador em tal sistema:

> [...] pois nas sociedades civilizadas a criação é eminentemente *relação* entre grupos criadores e grupos receptores de vários tipos.
>
> Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas de leitores ou auditores.

A difusão de tal conteúdo, no Brasil, se dava não somente através do público leitor, mas, também, através da difusão oral, em um tempo em que, como

já afirmado, boa parte da população ainda era analfabeta, mesmo entre alguns integrantes de classes mais abastadas. E o folhetim, com seus lances grandiosos e reviravoltas inverossímeis, com seu insuspeito gosto pelo extraordinário e, em alguns casos, pelo melodramático, encontra um terreno fértil para a difusão oral. Como exemplo da contribuição desse tipo de difusão para o fortalecimento do folhetim romanesco, transcrevemos trecho de obra do Visconde De Taunay, acerca da recepção d'*O Guarani*, retirado de livro de Nelson Werneck Sodré (Visconde de Taunay, *Reminiscências*, S. Paulo, 1923, pags. 85 e 86 apud SODRÉ, 1964, p. 238):

> Em 1857, talvez 56, publicou *O Guarani* em folhetim no *Diário do Rio de Janeiro*, e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às exclusivas preocupações do comércio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político. [...] Quando a S. Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalo, então reuniam-se muitos e muitos estudantes numa *república*, em que houvesse qualquer feliz assinante do *Diário do Rio*, para ouvirem, abortos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por algum deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora – ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor.

Deste modo, retomando o quanto já dito, tanto no caso francês quanto no brasileiro, o início e ascensão da era midiática e da massificação cultural se deram mediante um processo de aprimoramento das técnicas de impressão, aliado a um barateamento de custos do jornal e possibilidades de ampliação de um público leitor, com algumas particularidades que distinguem ambos os cenários.

No Brasil, pode-se tomar como parâmetro um espectro de leitores bem mais modesto, em comparação com o caso francês, com a difusão de folhetins, muitas vezes, por via oral, em concomitância com a simples leitura, bem como

uma burguesia diversa no caso brasileiro, especialmente do ponto de vista cultural e, mesmo, do nível de alfabetização, porquanto essa nova classe burguesa brasileira era muito mais ligada às elites oligárquicas e a grandes latifundiários.

Esses fatores diferenciam, mas não afastam os processos de massificação cultural, que encontraram tanto na França como no Brasil um caminho que não possuía mais volta.

A fim de deixar claro o paralelismo entre os modelos francês e brasileiro, evidenciando o quanto defendido por Espagne (1988) e exposto neste trabalho, vale a transcrição de trecho inicial do artigo de Jefferson Cano (2002, s/d, p.1):

> Em 5 de outubro de 1836 encontra-se a primeira referência à introdução do folhetim na imprensa brasileira. O jornal era *O Chronista*, do Rio de Janeiro, e o folhetinista era Justiniano José da Rocha. Deixando claro tratar-se de uma adaptação ao jornalismo carioca de um gênero que já era bem conhecido do público pelas folhas francesas que por aqui chegavam, dois elementos devem ser ressaltados na definição do gênero, como era feita naquele primeiro artigo. Em primeiro lugar, quanto à apresentação material, ou seja, o folhetim como espaço físico estabelecido no rodapé da primeira página do jornal:
>
> "Se por ventura, amigo leitor, entendeis a língua francesa, quando vos vêm às mãos algum periódico francês, quando ansioso desdobrais suas extensas páginas, sede ingênuo, confessai para onde primeiro se dirigem vossos olhos? Por nós vos julgamos (e este é o melhor meio de quase sempre acertar nos juízos, que dos outros fazemos), haveis de necessariamente com um rápido lanço d'olhos abranger todas as colunas de alto a baixo...se nada interrompeu vosso raio visual; como que esperáveis achar cousa que não achastes, mostrai-vos meio triste, ledes à pressa essas monstruosas colunas para poderdes, abrindo outro número, ver se sereis mais feliz. Pois bem nesse outro número, quase em fim da página, um grande traço negro mais carregado interrompe vossa vista indagadora por baixo desse traço, letras maiúsculas que dizem FEUILLETON aparecem radiantes, fascinadoras, feiticeiras. Então dais um suspiro de contentamento,- vosso predileto FEUILLETON é posto de parte, é mimosamente reservado para ser lido com vagar, para ser saboreado a contento, para servir de *sobremesa* a vosso banquete de leitura."

Já para João Roberto Faria, o pioneiro do Folhetim no Brasil foi Francisco Otaviano, no sentido daquela seção do jornal caracterizada pela leveza de estilo e variedade de assuntos. Afirma o autor, em sua introdução ao volume que reúne as crônicas da seção *ao correr da pena*, de José de Alencar, que "com a seção intitulada "A semana", que manteve entre 1852 e 1854 no *Jornal do Comércio*, ele foi o verdadeiro criador desse gênero no Brasil, segundo a opinião abalizada de Alceu Amoroso Lima." (FARIA, 2004, XVII)

Passa o rodapé de página, desde tal época, a ocupar espaço de destaque no jornal. Segundo o autor acima citado a designação definitiva de folhetim a tal lugar nos periódicos viria a ser adotada primeiramente em 1839, pelo *Jornal do Comércio,* com o início da publicação de *Edmundo e sua prima*, de "Paulo de Kock", como lá descrito. No que diz respeito à crônica e seu papel de relatar e comentar, através da pena do cronista, acerca dos mais diversos assuntos que movimentam a sociedade, importante é o início da publicação da seção *A pacotilha,* no *Correio Mercantil*, no ano de 1851, na qual o cronista reconhece a necessidade de abordar os mais variados assuntos,apontando o hibridismo da crônica, conforme abaixo transcrito do texto de Jefferson Cano (2002, p. 4):

> "Tenho de encetar uma tarefa, senão árdua, ao menos superior às minhas forças; mas enfim farei o que for possível e, *ad impossibilia nemo tenetur*, que em trocos miúdos quer dizer: 'Cada um enterra seu pai como pode'. Arranjar a pacotilha periodicamente, remetê-la por esse jornal para a corte e províncias, a fim de publicar o que possa ser publicado, além do que já tenha sido, das precisas observações e análises, tal é a principal base do meu programa. Sabem todos que uma pacotilha em si compreende mercadorias de diferente gênero e natureza, e assim fica entendido que variados assuntos terão de cair debaixo dos bicos da pena do escritor que ora submisso pede vênia de se arrojar às alturas, se bem já por outros devassadas."

Observa-se uma absorção do modelo francês da crônica de variedades, acrescido da posterior adaptação à realidade vivida no Brasil de então. Também no que diz respeito à "ofensiva folhetinesca", na expressão de Marlise Meyer, a transferência se faz presente, primeiramente na publicação de folhetins franceses

nas páginas dos jornais brasileiros, como no *Jornal do Comércio*, no qual os folhetins são praticamente diários entre 1839 e 1842, com a edição de títulos hoje esquecidos que vão da aventura ao melodrama, como *O noivo do além-túmulo, Os tenebrosos mistérios da Torre de Londres*, dentre outros (MEYER, 2005, p.283).

O mesmo acontece com a esperada chegada de *Os mistérios de Paris* às páginas do *Jornal do Comércio*, em setembro de 1844, publicado até 20 de janeiro de 1845. E esse folhetim francês, dirigido a franceses, faz enorme sucesso nas páginas de um jornal brasileiro e inicia a moldar, junto com outras obras do gênero, uma consciência literária que guiaria os escritores brasileiros do período, como José de Alencar, por exemplo, como será comentado no capítulo seguinte, Alencar que, em sua infância, conforme dito em *Como e porque sou romancista*, era um leitor apaixonado de *Saint-Clair des isles*, fazendo, ainda pequeno, leituras dramatizadas do meloso folhetim para as mulheres da família.

Marlise Meyer (2005, p. 284) afirma sobre o aludido impacto dos folhetins franceses em território brasileiro:

> Não faltam testemunhos do impacto de *Os mistérios de Paris.* Por exemplo, esta deixa em *O diletante*, de Martins Pena, peça datada de 30 de setembro de 1844: "O que não se extasia com os suaves encantos da harmonia não tem alma[...][é] antropófago. [...] estou persuadido que Robespeierre, Pedro Espanhol, os ladrões da Caqueirada e todos aqueles de que nos fala *Os mistérios de Paris* não gostavam de música."
>
> O Visconde de Taunay, neto do Taunay da missão francesa, filho de Félix Taunay, um daqueles pré-românticos franceses da Tijuca, era "insaciável devorador de romances", nos seus tempos de colégio, década de 1850. Um gosto que se estendia à admiração, respeito e emulação dos alunos na "aula de história e corografia do Brasil, regida pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, o Macedinho, como era costume chamá-lo [...] aquele home rodeado de auréola, então muito brilhante, de primeiro romancista brasileiro".
>
> Para mim começara esse furor de leitura desde fins de 1852 [...] e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho novo, de trazer de lá livros, não havia como fartar-me. Assim, da biblioteca do tio Beaurepaire tirei *O judeu errante*, oito grossos volumezinhos, edição de Bruxelas, que devorei sem parar.

Eis exemplos claros da influência do modelo francês sobre o jornalismo brasileiro. Assim, pode-se afirmar que o estabelecimento da indústria midiática deu-se paralelamente ao que ocorreu na França, com a adoção de modelos franceses não somente na estruturação e distribuição dos jornais, como também na importação dos modelos da crônica e do folhetim, da ocupação do rodapé dos jornais. E se, de início, especialmente no que diz respeito ao folhetim, prevalecia a importação do produto francês, não demorou para que cronistas e folhetinistas brasileiros se destacassem e tomassem o seu devido lugar tanto em relação ao folhetim-variedade, em um primeiro momento, como no folhetim romanesco, posteriormente.

Em *Les transferts culturels franco-allemands*, Michel Espagne (1988) defende a ideia de que as transferências culturais se processam na medida em que um objeto da periferia de um sistema cultural desloca-se para o centro e que, posteriormente, um determinado sistema cultural passa a dialogar com outro, exterior a este, resultando no aparecimento de um novo sistema, com pontos de semelhança e distanciamento em relação às bases anteriores.

Mas o aparecimento desse novo sistema não resulta de simples absorção, mas de assimilação, com o surgimento de um novo modelo a partir de outro. Assim, em um primeiro momento ocorre a adoção de uma estrutura externa, para depois os elementos sociais e econômicos inerentes à sociedade receptora se intercalarem com o sistema assimilado, resultando em um novo objeto. Ocorre, então, a reinterpretação cultural em outro ambiente, utilizando elementos que servem de "ponte" para o surgimento desse novo cenário cultural.

E essa nova estrutura, no Brasil, assimilada do modelo francês, ou seja, a reprodutibilidade técnica e as conseqüências econômicas advindas de tal revolução midiática, encontrou um ponto de diferenciação em território brasileiro: o folhetim brasileiro inicia-se como reprodução dos hábitos franceses no país, como no caso dos folhetins-variedade, tornando-se este cada vez mais

curto e crítico com relação ao próprio formato para, depois, quando do folhetim romanesco, passar a um ponto de divergência com relação ao modelo francês, principalmente no que diz respeito aos autores do séc. XIX, na busca do romantismo por uma literatura que representasse ou idealizasse uma origem e um presente para o Brasil.

Tudo isso vem aliar uma pretensão dos autores românticos da época, através dos expedientes do nacionalismo e do indianismo, com a literatura de alta rotatividade dos jornais. Está traçado o caminho para o romantismo brasileiro, na sua chamada primeira fase, cujo marco inicial é justamente uma revista, a *Nitheroy*, elaborada e impressa em Paris, por um grupo de brasileiros residentes na França, liderados por Gonçalves de Magalhães, a qual seria lançada justamente em 1836, considerado pelos autores franceses já mencionados neste estudo como o "ano um" da era midiática.

Vê-se, então, no que diz respeito ao folhetim, nesse movimento de absorção de uma estrutura para outro contexto, dois movimentos: um de aproximação, no que concerne às técnicas de impressão e expedientes de veiculação dos jornais, em um processo paralelo àquele adotado na França; outro de diferenciação ou afastamento, na medida em que a temática dos folhetinistas brasileiros, Alencar incluído, evolui da reprodução do folhetim-variedade francês para, mesmo já dentro desse modelo, passar a uma consciência literária e estética a serviço de um ideal romântico, de nacionalização dos temas através de duas vertentes principais: o indianismo e o retrato dos costumes urbanos, sendo a primeira destas vertentes a principal a ser explorada pelos românticos da primeira geração surgidos no país, dentre os quais José de Alencar.

Desse modo, passa-se da fase da simples assimilação de um modelo anteriormente existente para o surgimento de um novo modelo, um pensar acerca da elaboração da crônica e do folhetim no Brasil. Um dos expoentes desse movimento foi José de Alencar, cronista e folhetinista que não somente exerceu

ambas as modalidades com maestria, mas também foi um ativo pensador e polemista dentro desse modelo, conforme se verá no capítulo seguinte.

2. José de Alencar: o cronista do *Correio Mercantil* dialoga com o modelo francês.

Como vimos, João Roberto Faria aponta Francisco Otaviano como o pioneiro do folhetim no Brasil, com sua seção no *Jornal do Comércio*, a partir de 1852. É justamente pelas mãos de Otaviano que José de Alencar inicia sua caminhada, fazendo-o através do jornal e, especialmente, pelo rodapé das páginas do *Correio Mercantil*, com a "benção" de Otaviano, a quem Alencar considerava seu mentor intelectual.

E o caminho do jornal, para um escritor iniciante como Alencar, era incontornável. Enquanto que, na França, o surgimento e ascensão da indústria midiática pelo jornal foi o caminho para a consagração de diversos escritores já maduros do ponto de vista intelectual, no Brasil, o jornal se mostrou o caminho de entrada para jovens talentos.

Destaque-se, em tal sentido, a criação do grupo que editou na França a revista literária *Nitheroy*, em 1836. Apesar de terem sido publicadas apenas duas edições da revista, tal empresa auxiliou no surgimento e evolução de um grupo que, nos primeiros anos da era midiática[33] no Brasil, ditaria o rumo das manifestações artísticas e, especialmente, da literatura no país; grupo este capitaneado por Gonçalves de Magalhães, renomado poeta da época e preferido do Imperador D. Pedro II. O mesmo Gonçalves de Magalhães que traria à luz em 1856 aquele que se pretendia o poema épico de formação da identidade brasileira, *A confederação dos Tamoios*, que seria duramente atacado nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* por meio de oito cartas inicialmente publicadas por um certo

[33] Nesse sentido, toma-se o conceito de "era midiática" das definições já trazidas e comentadas no capítulo anterior, extraídas de Allan Vaillant e Marie-Ève Thérenty (2001), Marie-Ève Thérenty (2007) e Dominique Kalifa (2001), como sendo o início do ciclo de revoluções técnicas e culturais das quais veio a decorrer a massificação cultural na França, com um desenvolvimento paralelo no Brasil, com características próprias.

Ig., que posteriormente se revelaria como o próprio José de Alencar, em uma acirrada polêmica, bem ao gosto do escritor cearense.

Nesse sentido, como afirmado por Weslei Roberto Cândido (2009, p. 125)

> O jornal, no século XIX brasileiro, exerceu uma importante função na formação e consolidação das letras no país. Órgão divulgador da literatura francesa que chegava nos paquetes e logo era traduzida nos rodapés dos jornais, a imprensa também funcionou como divulgadora dos novos escritores nacionais, como o próprio Alencar e ainda serviu de palco para polêmicas e debates literários que talvez não tenham se repetido mais na história da literatura brasileira.

Mas antes da polêmica travada por Alencar acerca do poema de Magalhães, veio o então jovem aspirante a escritor, com apenas 25 anos de idade, a ocupar as páginas do *Correio Mercantil*¸ a partir de 3 de setembro de 1854, com a seção intitulada *Ao correr da pena*, tendo escrito neste jornal a primeira série de folhetins – trinta e sete ao todo –, a qual foi encerrada, em sua primeira fase, em 8 de julho de 1855. Nessa ocasião, Alencar pediu demissão do cargo que ocupava no jornal, por não concordar com modificações feitas em sua última crônica, na qual atacara a febre de especulação financeira que grassava no Rio de Janeiro, bem como aos especuladores.

E o escritor inicia sua jornada pelos rodapés dos jornais em 3 de setembro de 1854, com a publicação da crônica cujo original é reproduzido abaixo, em uma revisão dos fatos recentes que eram reproduzidos nas páginas dos jornais de então, especialmente o *Correio Mercantil*,como reproduzido abaixo:

Figura 5 - reprodução de folhetim de José de Alencar - Correio Mercantil de 3 de setembro de 1854

PAGINAS MENORES.

3 de setembro.

AO CORREIO DA TARDE.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

E Alencar inicia essa ocupação do *bas-de-page* do jornal com uma característica que o seguiria por praticamente toda a sua produção de folhetinista: o comentário das notícias do país e do mundo, em pleno diálogo com o que se noticiava na parte superior do jornal, aliado a intermitentes mas sempre presentes incursões lúdicas, com maior grau de literariedade.

Tal se mostra logo no início do texto, no qual o cronista explica o motivo da escolha do nome da seção que será utilizado em boa parte de sua produção de folhetinista usando de uma explicação mais assemelhada à fantasia, com um conto de fadas (literalmente, pois aqui o autor faz referência a uma fada), dirigindo-se diretamente ao leitor, e afirmando que "...há de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantástico; mas isto me é indiferente, convencido como estou de que escritos ao correr da pena são para serem lidos ao correr dos olhos."(ALENCAR, 2004, p.5).

Ao ampliar a imagem colhida do original publicado no *Correio Mercantil*, pode-se verificar a terminologia empregada por Alencar e a diagramação utilizada na composição do texto:

Figura 6 - ampliação de folhetim (figura 5)

PAGINAS MENORES.

Rio, 2 de setembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

O titulo que leva este artigo me lembra um conto de fada, que se passou não ha muito tempo, e que desejo contar por muitas razões, porque acho-o interessante, porque me livra dos embaraços de um começo, e me tira de uma grande difficuldade, dispensando-me de uma explicação, que de qualquer modo seria obrigado a fazer. Ha de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantastico, mas isto me é indifferente, convencido como estou de que aquillo que se escreve ao correr da penna, deve ser lido ao correr dos olhos.

Um bello dia, não sei de que anno, uma linda fada, que chamareis, como quizerdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um moço de talento, um pouco volavel como de ordinario são as fantasias ricas e brilhantes, que gostão de admirar o bello em todas as fórmas. Ora dizem que as fadas não podem soffrer a inconstancia, no que lhes acho toda a razão; e por isso a fada do meu conto, temendo a rivalidade dos anjinhos cá deste mundo, onde os ha tão bellos, tomou as fórmas de uma penna, penna de cisne, linda como os amores, e entregou-se ao seu amante de corpo e alma.

Não serei eu que desvendarei os mysterios desses amores fantasticos, e que vos contarei as horas deliciosas, que correrão no silencio do gabinete, mudas e sem palavras. Só vos direi, e isto mesmo em confidencia, que depois de muito sonho e de muita inspiração, a penna se lançava sobre o papel, desfolhava docemente, brincava como uma fada que era, borboleando as flores mais delicadas, destillando perfumes mais exquisitos que todos os perfumes do Oriente. As folhas se ouviu, bem ao perto, a penna correr em ondas e pé varrido e voltavão ás vezes brilhantes de graça e possivel desejo.

Por fim á deshoras, quando já não havia mais papel, quando a luz a morrer apenas empallidecia as sombras da noite, a penna tremula e vacillante cahia sobre a mesa sem forças e sem vida, e soltava uns accentos doces, umas notas estremecidas como de cordas de harpa feridas pelo vento. Era o ultimo beijo da fada que se despedia, o ultimo canto do cysne moribundo.

Assim se passou muito tempo: mas já não ha amores que durem sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quaes o symbolo de constancia é uma borboleta. O poema fantastico acabou no fim de dous annos; e um dia o heróe do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua penna de ouro. O outro acceitou-a como um deposito sagrado: sabia o que lhe esperava, mas era um sacrificio que devia á amizade, e por conseguinte assentou de carregar aquella penna que já adevinhava seria para elle como uma cruz pesada que teria de levar ao calvario.

Com effeito a fada tinha soffrido uma mudança completa: quando a lançavão sobre a mesa só fazia correr. Havia perdido as fórmas elegantes, os meneios feiticeiros, e deslisava rapidamente sobre o papel sem aquella graça e aquella faceirice de outr'ora. Já não tinha flores nem perfumes, e nem scentelhas de ouro e de poesia: erão letras, unicamente letras, que nem sequer tinhão o merito de serem da praça, o que consolaria um pouco o espirito mais prosaico. Por fim de contas, o outro, depois de riscar muito papel e de rasgar muito original, convenceu-se que, a escrever alguma cousa com aquella fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão — *ao correr da penna*.

De facto começou a escrever ao correr da penna, e como se trata de conto phantastico, não vos admirareis de certo se vos achardes de repente e sem esperar a ler o que elle escreveu. Estou persuadido que não gastareis o vosso tempo a censurar o titulo, que vale tanto como qualquer outro. Quanto ao artigo correi os olhos, como já vos disse, deixai correr a penna, e posso assegurar-vos que, ainda assim nem uns nem outros, correrão tão rapidamente como os ministros hespanhoes diante das pedradas e do motim revolucionario de Madrid.

Já sabeis em que [illegible] e por isso prefiro contar-lhe [illegible] razões [illegible]

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

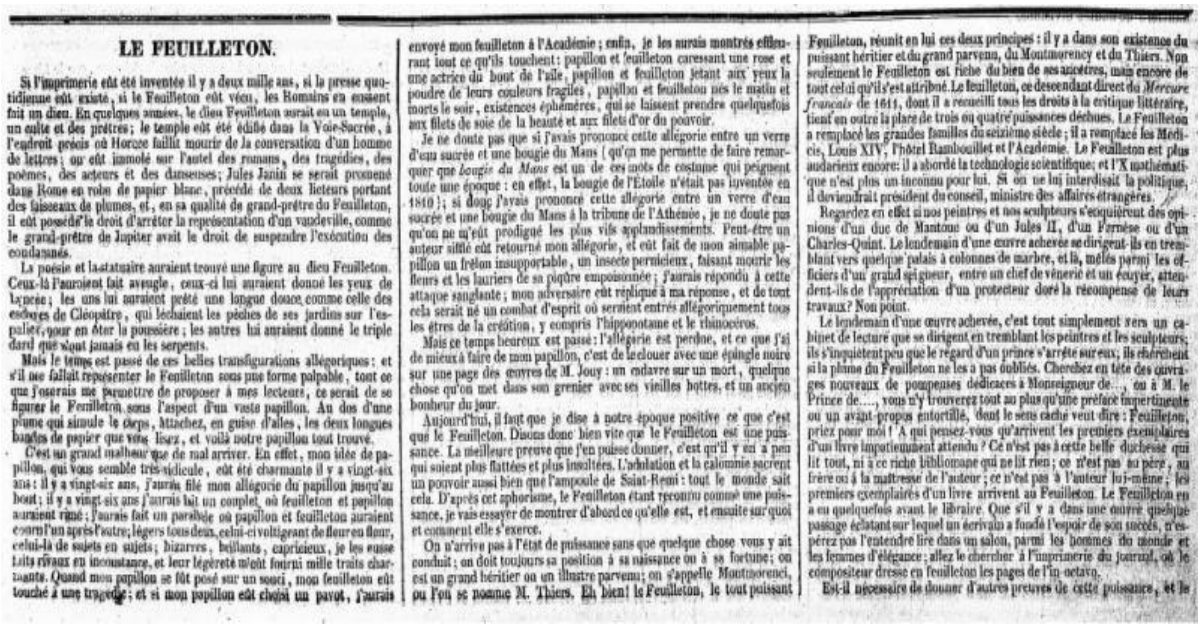
Pode-se observar aqui algumas características do suporte ao qual a escrita original de Alencar se encontra vinculada. A primeira delas é a designação do espaço ocupado pelo folhetinista, chamado no jornal de *páginas menores*. A

primeira designação do espaço do rodapé da página do jornal ocupado por Alencar não é aquela correspondente ao seu congênere francês, mas nomeado pelo título inicial de *páginas menores*, com o intuito de demarcar o lugar das ideias defendidas pelo folhetinista dentro do espaço jornalístico.

Aqui não se trata mais do conceito da delimitação de um espaço físico dentro do jornal, mas de uma diminuição do valor da defesa de pontos de vista individuais no contexto polifônico e fragmentado da parte de cima do jornal. Vale dizer, a porosidade entre alto e baixo da página impõe ao folhetinista, como no caso aqui comentado, o exercício da subjetividade de quem escreve em favor das notícias da semana, que também são veiculadas no jornal.

Veja-se, a título de comparação, página da edição número 1 do *La Presse*, de 30 de junho de 1836, na qual a designação do espaço jornalístico de rodapé da página já aparecia descrita como *feuilleton:*

Figura 7 - recorte mostrando o rodapé da página do La Presse de 30 de junho de 1836



LE FEUILLETON.

Si l'imprimerie eût été inventée il y a deux mille ans, si la presse quotidienne eût existé, si le Feuilleton eût vécu, les Romains en eussent fait un dieu. En quelques années, le dieu Feuilleton aurait eu un temple, un culte et des prêtres; le temple eût été édifié dans la Voie-Sacrée, à l'endroit précis où Horace faillit mourir de la conversation d'un homme de lettres; on eût immolé sur l'autel des romans, des tragédies, des poèmes, des acteurs et des danseuses; Jules Janin se serait promené dans Rome en robe de papier blanc, précédé de deux licteurs portant des faisceaux de plumes, et, en sa qualité de grand-prêtre du Feuilleton, il eût possédé le droit d'arrêter la représentation d'un vaudeville, comme le grand-prêtre de Jupiter avait le droit de suspendre l'exécution des condamnés.

La poésie et la statuaire auraient trouvé une figure au dieu Feuilleton. Ceux-là l'auraient fait aveugle, ceux-ci lui auraient donné les yeux de lynxes; les uns lui auraient prêté une longue douce comme celle des esclaves de Cléopâtre, qui lèchaient les pêches de ses jardins sur l'escalier, pour en ôter la poussière; les autres lui auraient donné le triple dard qui tout jamais en les serpents.

Mais le temps est passé de ces belles transfigurations allégoriques; et s'il me fallait représenter le Feuilleton sous une forme palpable, tout ce que j'oserais me permettre de proposer à mes lecteurs, ce serait de se figurer le Feuilleton sous l'aspect d'un vaste papillon. Au dos d'une plume qui simule le corps, attachez, en guise d'ailes, les deux longues bandes de papier que vous lisez, et voilà notre papillon tout trouvé.

C'est un grand malheur que de naître. En effet, mon idée de papillon, qui vous semble très-ridicule, eût été charmante il y a vingt-six ans: il y a vingt-six ans, j'aurais filé mon allégorie du papillon jusqu'au bout; il y a vingt-six ans j'aurais fait un complet où feuilleton et papillon auraient rimé; j'aurais fait un parallèle où papillon et feuilleton auraient couru l'un après l'autre; légers tous deux, celui-ci voltigeant de fleur en fleur, celui-là de sujets en sujets; bizarres, brillants, capricieux, je les eusse faits rivaux en inconstance, et leur légèreté m'eût fourni mille traits charmants. Quand mon papillon se fût posé sur un souci, mon feuilleton eût touché à une tragédie; et si mon papillon eût choisi un pavot, j'aurais envoyé mon feuilleton à l'Académie; enfin, je les aurais montrés effleurant tout ce qu'ils touchent: papillon et feuilleton caressant une rose et une actrice du bout de l'aile, papillon et feuilleton jetant aux yeux la poudre de leurs couleurs fragiles, papillon et feuilleton nés le matin et morts le soir, existences éphémères, qui se laissent prendre quelquefois aux filets de soie de la beauté et aux filets d'or du pouvoir.

Je ne doute pas que si j'avais prononcé cette allégorie entre un verre d'eau sucrée et une bougie du Mans (qu'on me permette de faire remarquer que *bougie du Mans* est un de ces mots de couture qui peignent toute une époque: en effet, la bougie de l'Etoile n'était pas inventée en 1840); si donc j'avais prononcé cette allégorie entre un verre d'eau sucrée et une bougie du Mans à la tribune de l'Athénée, je ne doute pas qu'on ne m'eût prodigué les plus vifs applaudissements. Peut-être un auteur sifflé eût retourné mon allégorie, et eût fait de mon aimable papillon un frelon insupportable, un insecte pernicieux, faisant mourir les fleurs et les lauriers de sa piqûre empoisonnée; j'aurais répondu à cette attaque sanglante; mon adversaire eût répliqué à ma réponse, et de tout cela serait né un combat d'esprit où seraient entrés allégoriquement tous les êtres de la création, y compris l'hippopotame et le rhinocéros.

Mais ce temps heureux est passé: l'allégorie est perdue, et ce que j'ai de mieux à faire de mon papillon, c'est de le clouer avec une épingle noire sur une page des œuvres de M. Jouy: un cadavre sur un mort, quelque chose qu'on met dans son grenier avec ses vieilles bottes, et un ancien bonheur du jour.

Aujourd'hui, il faut que je dise à notre époque positive ce que c'est que le Feuilleton. Disons donc bien vite que le Feuilleton est une puissance. La meilleure preuve que j'en puisse donner, c'est qu'il y en a peu qui soient plus flattées et plus insultées. L'adulation et la calomnie sacrent un pouvoir aussi bien que l'ampoule de Saint-Remi: tout le monde sait cela. D'après cet aphorisme, le Feuilleton étant reconnu comme une puissance, je vais essayer de montrer d'abord ce qu'elle est, et ensuite sur quoi et comment elle s'exerce.

On n'arrive pas à l'état de puissance sans que quelque chose vous y ait conduit; on doit toujours sa position à sa naissance ou à sa fortune; on est un grand héritier ou un illustre parvenu; on s'appelle Montmorenci, ou l'on se nomme M. Thiers. Eh bien! le Feuilleton, le tout puissant Feuilleton, réunit en lui ces deux principes: il y a dans son existence du puissant héritier et du grand parvenu, du Montmorency et du Thiers. Non seulement le Feuilleton est riche du bien de ses ancêtres, mais encore de tout celui qu'il s'est attribué. Le feuilleton, ce descendant direct du *Mercure français* de 1611, dont il a recueilli tous les droits à la critique littéraire, tient en outre la place de trois ou quatre puissances déchues. Le Feuilleton a remplacé les grandes familles du seizième siècle; il a remplacé les Médicis, Louis XIV, l'hôtel Rambouillet et l'Académie. Le Feuilleton est plus audacieux encore: il a abordé la technologie scientifique; et l'X mathématique n'est plus un inconnu pour lui. Si on ne lui interdisait la politique, il deviendrait président du conseil, ministre des affaires étrangères.

Regardez en effet si nos peintres et nos sculpteurs s'acquièrent des opinions d'un duc de Mantoue ou d'un Jules II, d'un Farnèse ou d'un Charles-Quint. Le lendemain d'une œuvre achevée se dirigent-ils en tremblant vers quelque palais à colonnes de marbre, et là, mêlés parmi les officiers d'un grand seigneur, entre un chef de vénerie et un écuyer, attendent-ils de l'appréciation d'un protecteur doré la récompense de leurs travaux? Non point.

Le lendemain d'une œuvre achevée, c'est tout simplement vers un cabinet de lecture que se dirigent en tremblant les peintres et les sculpteurs; ils s'inquiètent peu que le regard d'un prince s'arrête sur eux; ils cherchent si la plume du Feuilleton ne les a pas oubliés. Cherchez en tête des ouvrages nouveaux de pompeuses dédicaces à Monseigneur de..., ou à M. le Prince de...., vous n'y trouverez tout au plus qu'une préface impertinente ou un avant-propos entortillé, dont le sens caché veut dire: Feuilleton, priez pour moi! A qui pensez-vous qu'arrivent les premiers exemplaires d'un livre impatiemment attendu? Ce n'est pas à cette belle duchesse qui lit tout, ni à ce riche bibliomane qui ne lit rien; ce n'est pas au père, au frère ou à la maîtresse de l'auteur; ce n'est pas à l'auteur lui-même; les premiers exemplaires d'un livre arrivent au Feuilleton. Le Feuilleton en a eu quelquefois avant le libraire. Que s'il y a dans une œuvre quelque passage éclatant sur lequel un écrivain a fondé l'espoir de son succès, n'espérez pas l'entendre lire dans un salon, parmi les hommes du monde et les femmes d'élégance; allez le chercher à l'imprimerie du journal, où le compositeur dresse en feuilleton les pages de l'in-octavo.

Est-il nécessaire de donner d'autres preuves de cette puissance, et le

fonte: www.gallica.bnf.fr

Observe-se aqui a designação do nome da seção apenas por sua localização na página do jornal, sem a adoção de subtítulos ou nome de seção, como ocorre no *Correio Mercantil*. Aqui o suporte delimita o espaço mas não faz o mesmo com a temática. Não há uma subordinação decorrente do uso do nome *páginas menores*, como ocorre com a seção capitaneada por Alencar. Tais elementos, constitutivos do suporte, mostrar-se-ão de grande importância.

Outra característica da versão brasileira na qual Alencar escreveu é a rubrica menor, abaixo do título da seção e impressa em fonte menor, entre parênteses, designada por *revista*. A aplicação de tal rubrica, aparentemente de menor importância, em verdade diz respeito ao objetivo da ocupação deste espaço do jornal, qual seja, a passagem em retrospectiva dos principais acontecimentos acerca do cotidiano da corte, bem como das notícias vindas do exterior, as quais também eram reproduzidas nas páginas dos jornais de então.

Tal rubrica se repetiria nos folhetins que se seguiriam. Cumpre notar também que, quando da reunião de tais folhetins em volume, tais rubricas desaparecem, fazendo crer que tais procedimentos eram inerentes ao suporte inicial no qual os folhetins de Alencar foram inseridos.

Para efeito de comparação e comprovação do quanto afirmado acima, basta afirmar que na edição de 1874 dos referidos folhetins, a primeira edição na qual os textos foram reunidos, com autorização do autor, já se nota que alguns dos elementos constituintes da página do jornal foram retirados, bem como acrescentou-se uma rubrica mais generalizada, entre parênteses, especificando tratar-se da "Revista Hebdomadária das Páginas Menores do *Correio Mercantil* de 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855". Trata-se de uma marcação de tempo característica da edição ou compilação de textos já datados e que perderam o seu caráter de atualidade de quando foram publicados no suporte jornal.

Ainda, nesta mesma edição, no índice ao final do livro os folhetins ainda são chamados de *revista*, e os assuntos tratados dentro de cada *revista* publicada são enumerados, com a indicação da página respectiva em que cada assunto é

tratado pelo folhetinista. Afinal, referida enumeração de assuntos constante do índice da primeira edição de 1874 foi adotada, posteriormente, em edições seguintes da coletânea, como a da Editora Edigraf, de São Paulo, sem data, na qual cada folhetim é dividido em capítulos, como no formato de romance, por exemplo, bem como na edição organizada por João Roberto Faria (2004) , a qual serve de base deste trabalho quando se trata do suporte livro, na qual o autor citado usa tais enumerações como rubricas no início de cada folhetim reproduzido.

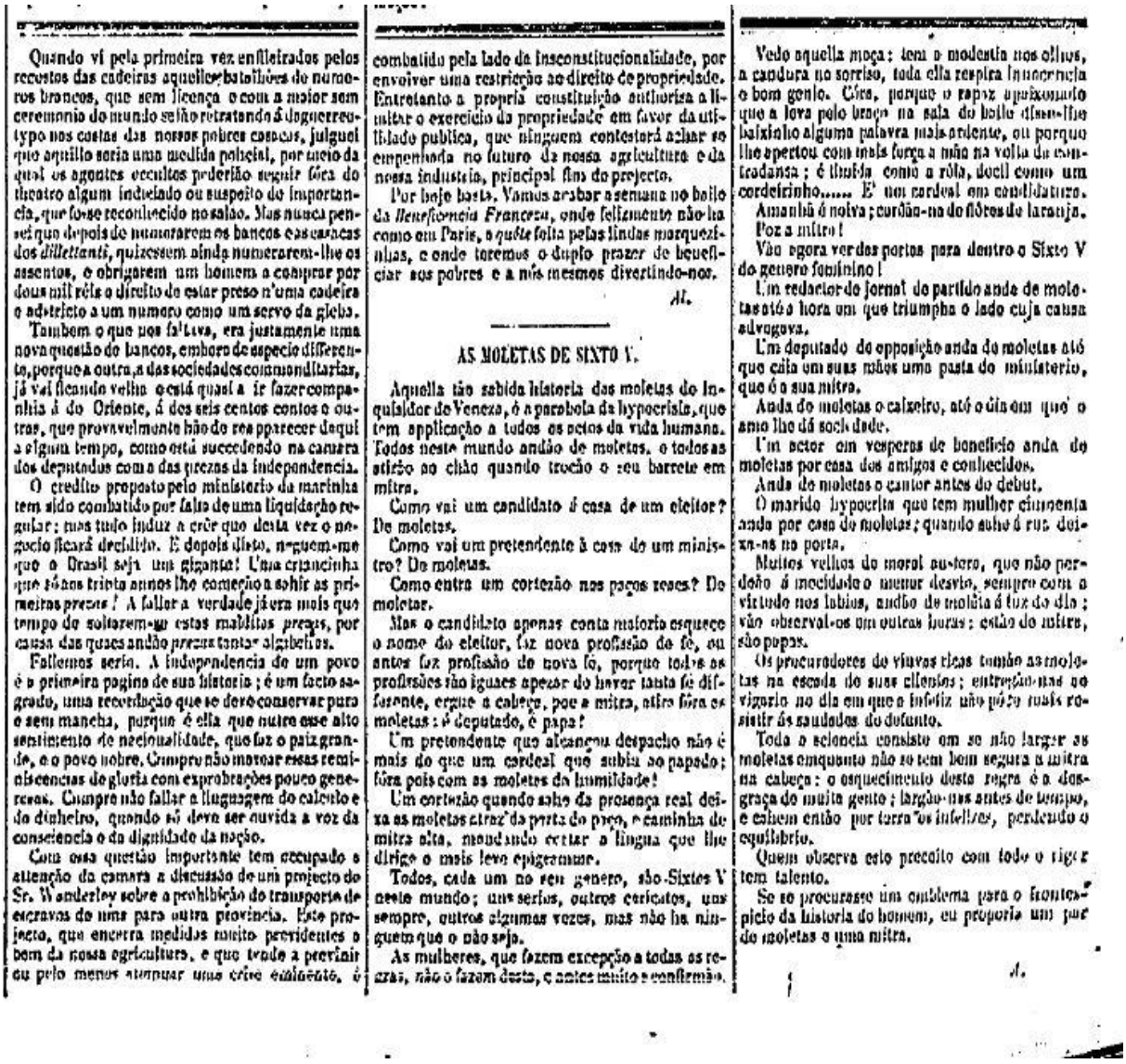
As modificações apontadas, no que diz respeito à mudança de suporte, tanto do modelo francês para o brasileiro no qual Alencar se inseriu, bem como *a posteriori* na compilação dos textos escritos em jornal para a edição em formato livro, bem denotam a metamorfose do texto jornalístico para o literário, no qual o conteúdo híbrido manuseado pelo cronista, embora permaneça datado pela ligação com o tempo da escritura, mantém a integridade com o direcionamento mediante a adoção de expedientes para localização do leitor.

Tal também ocorre na utilização de rubricas e índices e até mesmo, como no exemplo já citado da edição da Edigraf, em uma partição artificial dos folhetins em "capítulos", provavelmente com o intuito de ligar o leitor do Alencar romancista ao Alencar folhetinista, leitor este já em muitos anos avançado em relação à publicação dos jornais nos quais os folhetins circularam primeiramente.

Tal adoção de técnicas para situar ou fisgar o leitor e facilitar a compreensão do texto lido é crucial no caso da crônica denominada folhetim-variedade, indo ao encontro do que Roger Chartier chama de *práticas de leitura*, já comentado no capítulo anterior.

Já neste primeiro folhetim, o preenchimento da página do jornal não se dá de maneira uniforme como no congênere francês, acima mostrado. Para tanto, apresenta-se abaixo o final da página deste primeiro texto de Alencar:

Figura 8 - ampliação de folhetim de José de Alencar - Correio Mercantil de 3 de setembro de 1854



Quando vi pela primeira vez enfileirados pelos recostos das cadeiras aquelles batalhões de numeros brancos, que sem licença e com a maior sem ceremonia do mundo estão retratando á daguerreotypo nos costas das nossos pobres cascos, julguei que aquillo seria uma medida policial, por meio da qual os agentes occultos poderião seguir fóra do theatro algum individuo ou suspeito de importancia, que fosse reconhecido no salão. Mas nunca pensei que depois de numerarem os bancos e as cascas dos *dilettanti*, quizessem ainda numerarem-lhe os assentos, e obrigarem um homem a comprar por dous mil réis o direito de estar preso n'uma cadeira e adstricto a um numero como um servo da gleba.

Tambem o que nos falta, era justamente uma nova questão de bancos, embora de especie differente, porque a outra, a das sociedades commanditarias, já vai ficando velha e está quasi a ir fazer companhia á do Oriente, á dos seis centos contos e outras, que provavelmente hão de ressuscitar daqui a algum tempo, como está succedendo na camara dos deputados com a das prezas da independencia.

O credito proposto pelo ministerio da marinha tem sido combatido por falta de uma liquidação regular; mas tudo induz a crêr que desta vez o negocio ficará decidido. E depois disto, negue-me que o Brasil seja um gigante! Uma criancinha que já nos trinta annos lhe começão a sahir as primeiras *prezas*! A fallar a verdade já era mais que tempo de soltarem-se estas maldittas *prezas*, por causa das quaes andão *prezas* tantas algibeiras.

Fallemos serio. A independencia de um povo é a primeira pagina de sua historia; é um facto sagrado, uma recordação que se deve conservar pura e sem mancha, porque é ella que nutre esse alto sentimento de nacionalidade, que faz o paiz grande, e o povo nobre. Cumpre não manchar essas reminiscencias de gloria com exprobrações pouco generosas. Cumpre não fallar a linguagem do calculo e do dinheiro, quando só deve ser ouvida a voz da consciencia e da dignidade da nação.

Com essa questão importante tem occupado a attenção da camara a discussão de um projecto do Sr. Wanderley sobre a prohibição do transporte de escravos de uma para outra provincia. Este projecto, que encerra medidas muito peccidentes a bem da nossa agricultura, e que tende a perfazer ou pelo menos *augmentar uma cifra eminente*, é combatido pela lado da inconstitucionalidade, por envolver uma restricção ao direito de propriedade. Entretanto a propria constituição outhorisa a limitar o exercicio da propriedade em favor da utilidade publica, que ninguem contestará achar-se empenhada no futuro da nossa agricultura e da nossa industria, principal fim do projecto.

Por hoje basta. Vamos acabar a semana no baile da *Beneficencia Franceza*, onde felizmente não ha como em Paris, o *quilt* feito pelas lindas marquezinhas, e onde teremos o duplo prazer de beneficiar aos pobres e a nós mesmos divertindo-nos.

M.

AS MOLETAS DE SIXTO V.

Aquella tão sabida historia das moletas do Inquisidor de Veneza, é a parabola da hypocrisia, que tem applicação a todos os actos da vida humana. Todos neste mundo andão de moletas, e todos as atirão ao chão quando trocão o seu barrete em mitra.

Como vai um candidato á casa de um eleitor? De moletas.

Como vai um pretendente á casa do um ministro? De moletas.

Como entra um cortezão nos paços reaes? De moletas.

Mas o candidato apenas conta maioria esquece o nome do eleitor, faz nova profissão de fé, ou antes faz profissão de nova fé, porque todas as profissões são iguaes apezar de haver tanta fé differente, ergue a cabeça, põe a mitra, atira fóra as moletas: é deputado, é papa!

Um pretendente que alcançou despacho não é mais do que um cardeal que subia ao papado; fóra pois com as moletas da humildade!

Um cortezão quando sahe da presença real deixa as moletas atraz da porta do paço, e caminha de mitra alta, mandando certar a lingua que lhe dirige o mais leve epigramma.

Todos, cada um no seu genero, são Sixtos V neste mundo; uns serios, outros ericatos, uns sempre, outros algumas vezes, mas não ha ninguem que o não seja.

As mulheres, que fazem excepção a todas as regras, *não* o fazem desta, e antes muito o confirmão.

Vede aquella moça: tem a modestia nos olhos, a candura no sorriso, toda ella respira innocencia e bom genio. Cára, porque o rapaz apaixonado que a leva pelo braço na sala do baile disse-lhe baixinho alguma palavra mais ardente, ou porque lhe apertou com mais força a mão na volta da contradança; é timida como a rôla, docil como um cordeirinho..... E' um cardeal em candidatura.

Amanhã é noiva; cerdão-na de flôres de larangeira. Por a mitra!

Vão agora ver das portas para dentro o Sixto V do genero feminino!

Um redactor do jornal do partido anda de moletas até a hora em que triumpha o lado cuja causa advogava.

Um deputado da opposição anda de moletas até que cáia um suas mãos uma pasta do ministerio, que é a sua mitra.

Anda de moletas o caixeiro, até o dia em que o amo lhe dá sociedade.

Um actor em vesperas de beneficio anda de moletas por casa dos amigos e conhecidos.

Anda de moletas o cantor antes do debut.

O marido hypocrita que tem mulher eminente anda por casa de moletas; quando sahe á rua deixa-as no porta.

Muitos velhos de moral austera, que não perdoão á mocidade o menor desvio, sempre com a virtude nos labios, andão de moletas á luz do dia; vão observal-os em outras horas: estão de mitra, são papas.

Os procuradores de viuvas ricas tomão as moletas na escola de seus clientes; entregão-nas ao vigario no dia em que o infeliz não póde mais resistir ás saudades do defunto.

Toda a sciencia consiste em se não largar as moletas emquanto não se tem bem segura a mitra na cabeça: o esquecimento desta regra é a desgraça de muita gente; largão-nas antes de tempo, e cahem então por terra os infelizes, perdendo o equilibrio.

Quem observa este preceito com todo o rigor tem talento.

Se eu procurasse um emblema para o frontespicio da historia do homem, eu proporia um par de moletas e uma mitra.

M.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Veja-se que o folhetim, no original publicado, termina antes que o espaço do rodapé da página termine, fazendo com que Alencar complete o restante com um novo folhetim denominado *As moletas de sixto V*, com comparações e preceitos morais, pequeno folhetim este que já não se encontrava presente na edição reunida em 1874, bem como ausente de todas as outras edições, que sequer mencionam o trecho retirado.

Não se trata de aquilatar a importância ou insignificância literária deste pequeno folhetim, pois o próprio autor, que era tão cioso da publicação de suas obras, não objetou à exclusão deste pequeno texto das edições que se seguiriam. Trata-se de assinalar a imposição do espaço sobre o fazer literário, porquanto o rodapé do jornal deveria ser preenchido por inteiro e, para tanto, o folhetinista o completou com um texto menor, que sequer foi considerado posteriormente. O autor ainda tateava no espaço do rodapé de página, buscando a configuração que melhor se adaptasse ao modelo.

No mais, em seu primeiro folhetim, Alencar preserva outra característica importante do folhetinista, qual seja, a convivência do viés literário com os comentários acerca dos principais assuntos que também se encontravam nas páginas dos jornais, dentro da relação de porosidade entre as partes de cima e de baixo do jornal, nos quais cita os "paquetes vindos do oriente" – meios de transporte marítimo que traziam os jornais e revistas estrangeiros, especialmente os franceses, com notícias que eram reproduzidas nos jornais brasileiros, ainda que com atraso considerável – e o *Le Constitutionnel* (um dos jornais franceses que vinham juntamente com os tais paquetes), encerrando o texto com comentário acerca da opera, diversão comum da época e divulgada nos jornais de então.

E apenas como parêntese, vale mencionar que Alencar foi um dos folhetinistas pioneiros, mas não foi o primeiro a tecer comentários acerca da cena lírica da então capital do império. Tal posto cabe a Martins Pena, que foi crítico do teatro lírico do Rio de Janeiro entre setembro de 1846 e outubro de 1847, escrevendo nas páginas do *Jornal do Commercio,* segundo estudo de Priscila Renata Gimenez, intitulado *Os folhetins teatrais de Martins Pena*, publicado na coletânea já mencionada, organizada por Antonio Manoel dos Santos Silva (2010).

E a autora traça um perfil do folhetinista Martins Pena como um crítico especializado, conhecedor do seu ofício como crítico musical e também um arguto

observador do público a quem tais espetáculos se dirigiam, conforme abaixo transcrito:

> Os folhetins de Pena trazem, também, informações sobre o comportamento do público, especialmente dos diletantes, na noite do espetáculo. Assim, é com a seção folhetinesca "A Semana Lírica", que se estabelece a crítica teatral/musical como atividade regular dentro do espaço do folhetim, no Brasil. Martins Pena, de sua parte, tem grande mérito por ter produzido essa seção especializada, rara por aqui na época.
>
> Conquanto o folhetim seja um gênero fronteiriço, nosso folhetinista fez uma crítica com alto grau de especialização, o que demonstra, além de seu domínio sobre o assunto, a sincronia de seu folhetim com a Europa, por exemplo, os de Théophile Gautier, no periódico francês *La Presse*, escritos entre o fim da década de 1830 e o início da década de 1840. Confirmamos a notabilidade dos folhetins de Martins Pena constatando que, no período de publicação de seus folhetins, no *Jornal do Commercio*, não houve publicações regulares de críticas do mesmo tipo nos dois outros principais jornais brasileiros.
>
> Embora algumas críticas sobre o teatro lírico tenham sido produzidas antes de "A Semana Lírica", é essa seção folhetinesca que, além de fixar a matéria musical no espaço do folhetim com publicações semanais, será a única tão especializada (sobre o teatro lírico) dentre a produção folhetinesca posterior, da qual destacamos as de dois grandes escritores brasileiros, José de Alencar e Machado de Assis, que, entre outras atividades ligadas ao jornal, escreveram crônicas" (SILVA, 2010, p. 19-20)

Assim, conquanto Alencar não fosse um crítico especializado como Martins Pena, é de se notar que o público destinatário do teatro lírico da época, especialmente os diletantes, eram o assunto favorito do folhetinista Alencar, que veria, anos mais tarde, sua obra *O Guarani* transformada em ópera. Por fim, deve-se mencionar também a clássica análise de Vilma Arêas em *Em torno do cronista Pena* (1993).

Fechado o parêntese e voltando à estrutura do folhetim, cumpre afirmar que esse conceito de porosidade, como já comentado anteriormente, vem de Marie-Ève Thérenty (2007). A porosidade está no caráter narrativo do folhetim e

na proximidade com o leitor torna esse setor do jornal mais receptivo à ficção, mas sem deixar de lado a parte de cima do jornal, em uma análise subjetiva dos fatos. Ou, nas palavras da autora acima citada:

> Entre ficção e não-ficção, existe uma série de estados intermediários e ambíguos de ficcionalização (histórias fictícias, *canards*, parábolas, romances folhetinescos, narrativas reais ficcionalizadas, ficções "desficcionalizadas" , as quais permitem tirar partido das qualidades divertidas e heurísticas da ficção que escapam às acusações de "lorotas" ou de "mentiras". A modelação histórica e genérica desta ficcionalização do jornal está no centro e na sequência desta reflexão. (THÉRENTY, 2007, p. 129-130) [34]

No folhetim de 24 de setembro de 1854, conforme se nota do abaixo reproduzido, não há o problema da sobra de espaço no rodapé da página e sim da falta de espaço, o que obrigaria Alencar a continuar no mesmo espaço nas páginas internas do jornal, procedimento este também adotado no modelo francês assimilado nos jornais brasileiros.

[34] Entre fiction et non-fiction, il existe une série d'états intermédiaires et ambigus de fictionnalisation (histoires fictives, canards, paraboles, romans-feuilletons, récits réels fictionnalisés, fictions défictionnalisés) qui permettent de tirer parti des qualités divertissantes et heuristiques de la fiction en échappant aux accusations de « menteries » ou de « conteries ». La modélisation historique et générique de cette ficcionnalisation du journal est au centre de la suite de cette réflexion. (THÉRENTY, 2007, p. 129-130)

Figura 9 - reprodução do folhetim do Correio Mercantil de 24 de setembro de 1854

PAGINAS MENORES.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

E justamente nesse folhetim em que o espaço foi insuficiente para uma página apenas é que Alencar discute os problemas de definir o gênero no qual escreve, dado o constante diálogo entre a escrita do cronista e os assuntos que povoam as páginas dos jornais, bem como da vida cultural e política da corte:

> É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam – folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias às avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia, que, com as anotações de certos críticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatório onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéia. Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho! (...) Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. Quando queremos jantar, vamos ao Hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o

> teatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnan. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para seu livro ou o seu artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora da regra geral, e ser uma espécie de panacéia, um tratado de *omni scibili et possibili*, um dicionário espanhol que contenha todas as coisas e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível. (ALENCAR, 2004, p. 25-26)

E prossegue Alencar em sua comparação acerca do folhetim e do papel do folhetinista, que inicialmente era comparado pelo autor a um colibri esvoaçante, para neste texto sofrer um rebaixamento daquele que se atreve a exercitar a escrita em tal espaço:

> Ainda isto não é tudo. Depois que o mísero folhetinista por força de vontade conseguiu atingir a este último esforço da volubilidade, quando à custa de magia e de encanto fez que a pena se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. Cuida que é uma borboleta que quebrou a crisálida para ostentar o brilho fascinador de suas cores; mas engana-se: é apenas uma formiga que criou asas para perder-se. (ALENCAR, 2004, p. 26)

Nas comparações utilizadas por Alencar, percebe-se um movimento de rebaixamento do papel do folhetinista: antes um *colibri*, como escrito em seu primeiro folhetim, passa à ilusão de que seria uma borboleta de vôo gracioso e cores vivas, mas o folhetinista aviso ao leitor: trata-se de uma *formiga*, dando a entender que o trabalho do folhetinista é árduo e com resultado pouco visível. Essa indefinição do papel daquele que escreve folhetins, para Alencar, também apresenta a consequência de rebaixar o papel do folhetinista, árduo, pesado e despido de leveza e graciosidade.

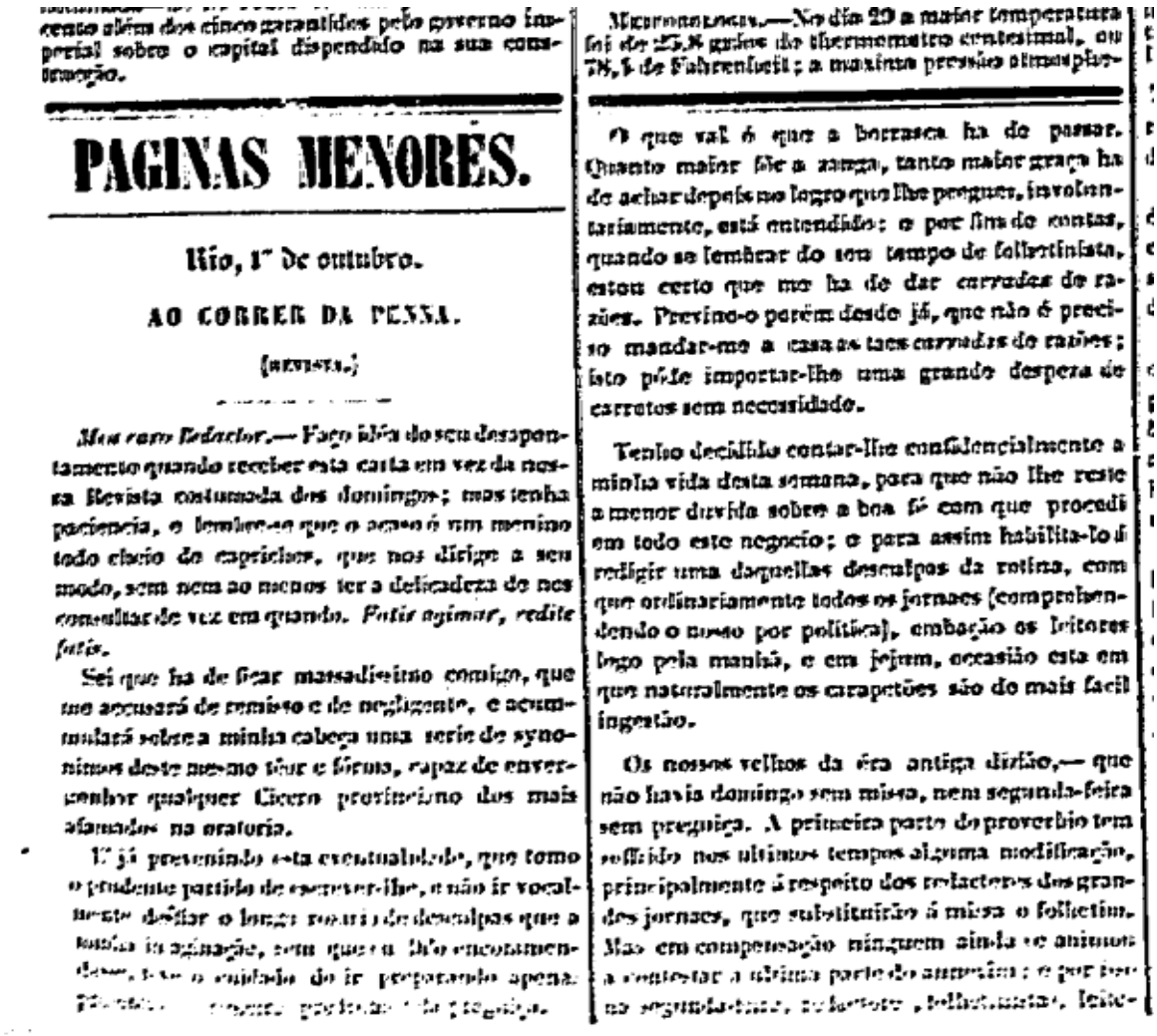
Além da definição de folhetim cuja impossibilidade foi atestada por Alencar, contudo, reside também um modo de fazer o folhetim herdeiro do

formato francês, mas adaptado às suas peculiaridades, como nos diz Lúcia Granja (2010, p. 129-130):

> Nesse caso, o *Jornal* não trabalhou com a medida flexível do folhetim, variando a altura dele (número de linhas), como era frequente, mas, quase contrariando as leis da física, dois corpos passaram a ocupar o mesmo espaço, sem que pudessem realmente compartilhá-lo, a não ser que pensemos que nessa coabitação, e com o perdão da comparação prosaica, tal qual num bom casamento, ambas as partes se misturam e se guardam ao mesmo tempo.
>
> Disso tudo nos vem ainda uma vez a ideia de que os folhetins de crítica, variedades, romance, entre outros fundiram-se em suas características ao sul do Equador e cremos que isso tenha algo a ver com o surgimento da moderna crônica, praticada no Brasil pela maioria dos nossos escritores, na qual notícia, política, análise, comentário e elaboração ficcional se fundem de uma forma peculiar.

No caso, o folhetinista não apenas se contentava em pensar acerca da definição e do papel desempenhado pelo folhetim dentro da estrutura do jornal, mas também exercitava o aspecto lúdico da relação com o leitor, como se mostrasse a este, indiscretamente, os bastidores da composição da crônica. E isto Alencar faz de forma extremamente bem-humorada no folhetim publicado em 1 de outubro de 1854:

Figura 10 - ampliação de detalhe do folhetim publicado no Correio Mercantil de 1º de outubro de 1854



cento além dos cinco garantidos pelo governo imperial sobre o capital dispendido na sua construcção.

PAGINAS MENORES.

Rio, 1º de outubro.

AO CORREIO DA TESTA.

(REVISTA.)

Meu caro Redactor.— Fago idéa do seu desapontamento quando receber esta carta em vez da nossa Revista costumada dos domingos; mas tenha paciencia, e lembre-se que o author é um menino todo cheio de caprichos, que nos dirige a seu modo, sem nem ao menos ter a delicadeza de nos consultar de vez em quando. *Fatis agimur, redite fatis.*

Sei que ha de ficar massadissimo comigo, que me accusará de remisso e de negligente, e acumulará sobre a minha cabeça uma serie de synonimos deste mesmo teor e fórma, capaz de enverzenhar qualquer Cicero provincino dos mais afamados na oratoria.

E já prevenindo esta eventualidade, que tomo o prudente partido de escrever-lhe, e não ir vocalmente desfiar o longo rosario de desculpas que a minha imaginação, sem que eu lho encommendasse, teve o cuidado de ir preparando apenas [illegible]

Meteorologia.—No dia 29 a maior temperatura foi de 25,8 grãos do thermometro centesimal, ou 78,4 de Fahrenheit; a maxima pressão atmospher-

O que val é que a borrasca ha de passar. Quanto maior fôr a zanga, tanto maior graça ha de achar depois no logro que lhe pregar, involuntariamente, está entendido: e por fim de contas, quando se lembrar do seu tempo de folhetinista, estou certo que me ha de dar *carradas* de razões. Previno-o porém desde já, que não é preciso mandar-me a casa as taes *carradas* de razões; isto póde importar-lhe uma grande despeza de carretos sem necessidade.

Tenho decidido contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor duvida sobre a boa fé com que procedi em todo este negocio; e para assim habilita-lo a redigir uma daquellas desculpas da rotina, com que ordinariamente todos os jornaes (comprehendendo o nosso por politica), embação os leitores logo pela manhã, e em jejum, occasião esta em que naturalmente os carapetões são do mais facil ingestão.

Os nossos velhos da éra antiga dizião,— que não havia domingo sem missa, nem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte do proverbio tem soffrido nos ultimos tempos alguma modificação, principalmente á respeito dos redactores dos grandes jornaes, que substituirão á missa o folhetim. Mas em compensação ninguem ainda se animou a contestar a ultima parte do anexim; e por isso no segunda-feira, redactor, folhetinista, leito-

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Nesse folhetim que também não coube no rodapé da primeira página e continuou no rodapé de páginas interiores, Alencar usa o formato de carta para compor uma pretensa justificativa ao redator do jornal para a falta de uma crônica da semana, terminando, de fato, por fazê-la. Para tanto, desfia desculpas para cada um dos dias da semana em que não pode escrever, em um folhetim cujo assunto é, em verdade, a falta de assunto.

E continua exercendo o seu pensar acerca do folhetim, ao afirmar que:

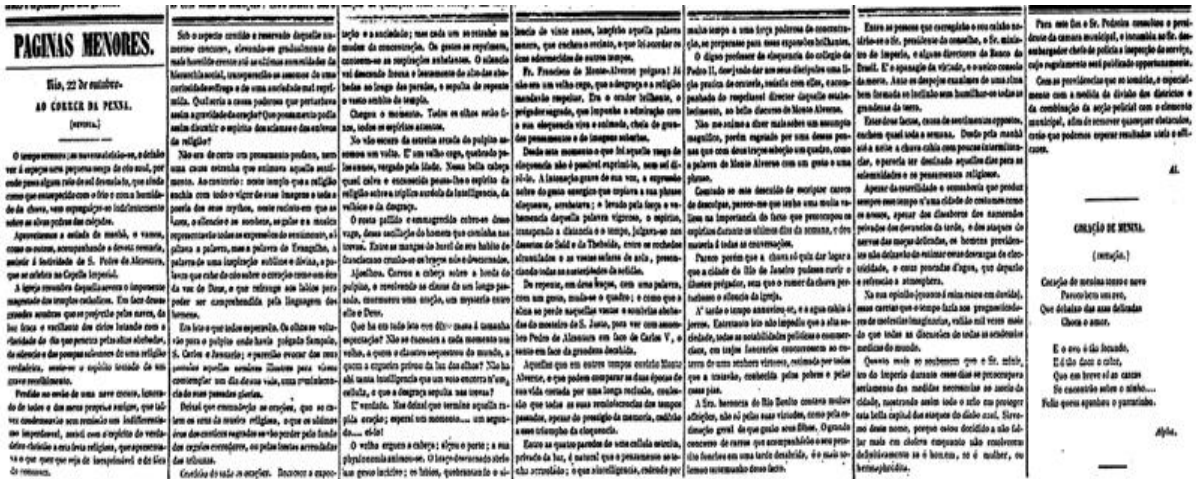
> Os nossos velhos da era antiga diziam que não havia domingo sem missa, nem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte deste provérbio tem sofrido nos últimos tempos alguma modificação, principalmente a respeito dos redatores dos grandes jornais, que substituíram à missa o folhetim. (ALENCAR, 2004, p. 34-35)

O que se constata, em um caso como este, é que Alencar exercita uma narrativa paródica, fingindo dirigir-se ao redator do jornal quando, em verdade, está dirigindo-se diretamente ao leitor num processo que considera, portanto, o papel que este tem na composição de suas crônicas. E o autor usa desse expediente ainda em diversos folhetins que se seguem, sempre levando em conta o papel central que o leitor tem em sua obra, seja como folhetinista, seja posteriormente como romancista.

Assim, não se pode negar o papel que o leitor desempenha sobre aquilo que o cronista escreve ou publica. Desta forma, mesmo na narrativa, o leitor não pode ser ignorado.

Para além do esforço metalingüístico comentado anteriormente, por diversas vezes, Alencar também exercita o fazer literário que caracterizaria sua produção romanesca posterior, dando ares de folhetim romanesco a descrições de momentos do dia-a-dia da corte, como ocorre no folhetim de 22 de outubro de 1854, no qual o autor intercala, dentro do mesmo espaço de jornal, o uso de expedientes típicos da prosa ficcional para descrever uma cerimônia religiosa junto com comentários mais “terrenos”, como, por exemplo, o asseio da cidade.

Figura 11 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 22 de outubro de 1854



PAGINAS MENORES.

Rio, 22 de outubro.

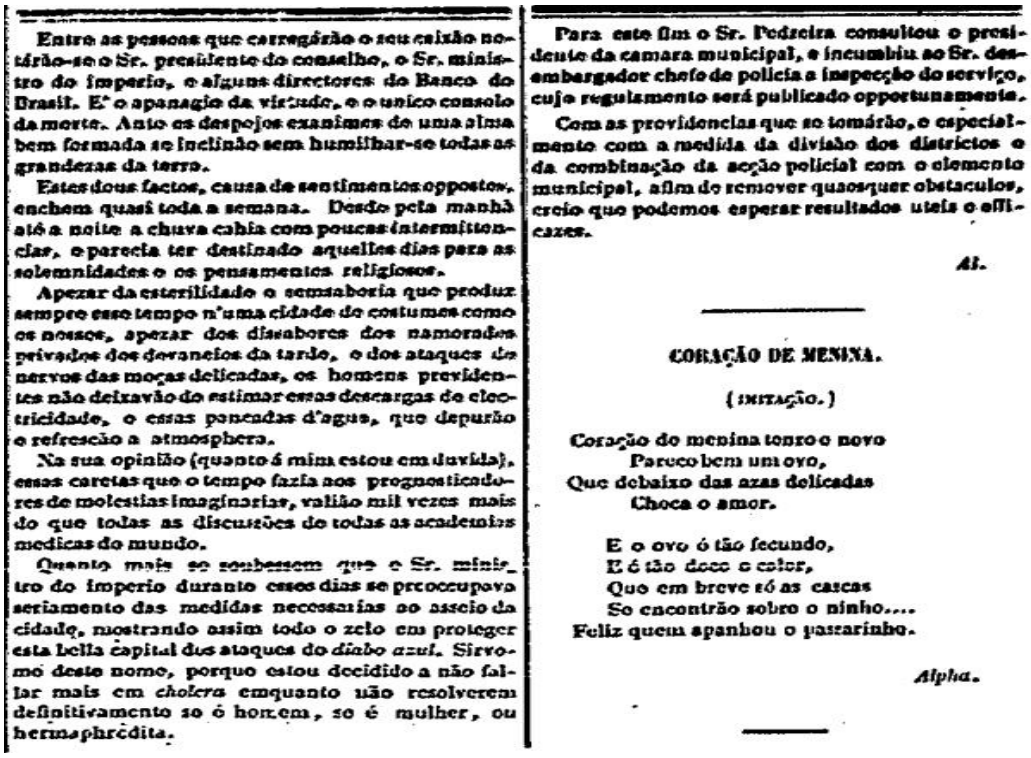
AO CORREIO DA TARDE.

(revista.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Primeiro, nota-se mais uma vez a ocupação irregular do espaço do rodapé da página do jornal, pois sobra espaço e, para tanto, em vez de um pequeno folhetim do próprio autor, como no primeiro exemplar já comentado, é inserido um pequeno poema, destinado a preencher o rodapé da página, senão vejamos, pela ampliação do espaço referido.

Figura 12 - ampliação de trecho final do folhetim reproduzido na figura 11



Entre as pessoas que carregárão o seu caixão notárão-se o Sr. presidente do conselho, o Sr. ministro do imperio, e alguns directores do Banco do Brasil. E' o apanagio da virtude, e o unico consolo da morte. Ante os despojos exanimes de uma alma bem formada se inclinão sem humilhar-se todas as grandezas da terra.

Estes dous factos, causa de sentimentos oppostos, enchem quasi toda a semana. Desde pela manhã até a noite a chuva cahia com poucas intermittencias, e parecia ter destinado aquelles dias para as solemnidades e os pensamentos religiosos.

Apezar da esterilidade e semsaboria que produz sempre esse tempo n'uma cidade de costumes como os nossos, apezar dos dissabores dos namorados privados dos folguedos da tarde, e dos ataques de nervos das moças delicadas, os homens previdentes não deixavão de estimar essas descargas de electricidade, e essas pancadas d'agua, que depurão e refrescão a atmosphera.

Na sua opinião (quanto á mim estou em duvida), essas caretas que o tempo fazia aos prognosticadores de molestias imaginarias, valião mil vezes mais do que todas as discussões de todas as academias medicas do mundo.

Quanto mais se soubessem que o Sr. ministro do imperio durante esses dias se preoccupava seriamente das medidas necessarias ao asseio da cidade, mostrando assim todo o zelo em proteger esta bella capital dos ataques do *diabo azul*. Sirvo-me deste nome, porque estou decidido a não fallar mais em *cholera* emquanto não resolverem definitivamente se é homem, se é mulher, ou hermaphrodita.

Para este fim o Sr. Pedreira consultou o presidente da camara municipal, e incumbiu ao Sr. desembargador chefe de policia a inspecção do serviço, cujo regulamento será publicado opportunamente.

Com as providencias que se tomárão, e especialmente com a medida da divisão dos districtos e da combinação da acção policial com o elemento municipal, afim de remover quaesquer obstaculos, creio que podemos esperar resultados uteis e efficazes.

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(IMITAÇÃO.)

Coração de menina tenro e novo
Parece bem um ovo,
Que debaixo das azas delicadas
Choca o amor.

E o ovo é tão fecundo,
E é tão doce o calor,
Que em breve só as cascas
Se encontrão sobre o ninho....
Feliz quem apanhou o passarinho.

Alpha.

---

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Esse pequeno poema intitulado “coração de menina”, com a designação entre parênteses de “imitação”, e assinado sob o pseudônimo *Alpha*, ocupa apenas a posição de preenchimento de espaço do jornal, pois não se encontra destinado a um público específico, como o do folhetim, nem possui ligação com qualquer dos assuntos tratados cotidianamente pela parte de cima do jornal.

Pode-se conjecturar, contudo, que estes pequenos poemas sejam da lavra do próprio Alencar, pois segundo Lira Neto (2006), biógrafo mais recente do autor cearense, este, à época se encontrava apaixonado por um dos partidos mais disputados da corte, Chiquinha Nogueira da Gama, filha do Visconde Nogueira da Gama, mordomo-mor do palácio imperial. A rica morena, então com quinze anos de idade e grandes olhos negros, tinha uma legião de admiradores, dentre eles Alencar, que também faz referências veladas de sua paixão em alguns de seus folhetins. Não soa absurdo supor, portanto, que tais poemas, além da função de

preenchimento do restante do espaço de rodapé da página, também teriam endereço particular.

Tal paixão de Alencar, que teria supostamente ensejado a publicação de tais poemas sob pseudônimo, é também referida por outro biógrafo mais remoto de Alencar, Luís Viana Filho (1979, p. 49), em *A vida de José de Alencar*:

> Como fugir do amor quando se tem vinte e cinco anos? Não admira, portanto, que o sisudo folhetinista se apaixonasse pela formosa Chiquinha Nogueira da Gama. Jovem, herdeira de uma das fortunas assentadas no café, integra a *jeunesse dorée* dos salões. Frequenta os bailes do Cassino, e as festivas reuniões da casa do Cons. Nabuco de Araújo, onde dela se enamora Alencar. Breve *flirt*, talvez um olhar de esperança. Nâo mais que isso.
>
> [...]
>
> Mas, se ela não aceita a corte que este lhe faz, também a família não admite o casamento com o filho de Nova Friburgo. Ambos os romances morrem na imaginação.

Cumpre ressaltar, do quanto afirmado acerca da autoria dos poemas publicados no rodapé do jornal e referidos neste trabalho, que as informações aqui prestadas o são apenas a título de argumentação e suposição, com base nos relatos de biógrafos de Alencar, não existindo argumento literário que justifique tal afirmação. Pode-se dizer, entretanto, que a relevância de tais colocações é evidente, porquanto uma das características dessa era midiática iniciada nos jornais e com destaque para o folhetim no caso em discussão, é justamente a aproximação entre as esferas privada e pública, a subjetivação em contraponto à objetividade do alto da página do jornal, como téncnica de fildelização do leitor, inclusive.

Ademais, impossível não chamar a atenção do leitor ou leitora do jornal com a curiosidade sobre a autoria de versos tão apaixonados publicados em uma página de jornal, bem como da destinatária de referido poema. É a matriz midiática que mistura público e privado.

A seguir, para contar o episódio da celebração das festividades de São Pedro de Alcântara na Capela Imperial, o folhetinista descreve primeiramente o cenário para, depois, colocar-se como um narrador e observador dentro deste cenário:

> A igreja ressumbra a severa e impotente majestade dos templos católicos. Em face dessas grandes sombras que se projetam pelas naves, da luz fraca e vacilante dos círios lutando com a claridade do dia que penetra pelas altas abóbadas, do silêncio e das pompas solenes de uma religião verdadeira, sente-se o espírito tomado de um grave recolhimento.
> Perdido no esvão de uma nave escura, ignorado de todos e dos meus próprios amigos, que talvez condenavam sem remissão um indiferentismo imperdoável, assisti com o espírito do verdadeiro cristão a esta festa religiosa, que apresentava o que quer seja fora do comum. (ALENCAR, 2004, p.55-56)

E continua o folhetinista utilizando de expedientes narrativos para conduzir o leitor pelos meandros da cerimônia que se realizava e de personagens que o narrador/folhetinista julgava importante apresentar, fixando momentos de importância na retina do leitor:

> Chegou o momento. Todos os olhos estão fixos, todos os espíritos atentos.
>
> No vão escuro da estreita arcada do púlpito assomou um vulto. É um velho cego, quebrado pelos anos, vergado pela idade. Nessa bela cabeça quase calva e encanecida pousa-lhe o espírito da religião sob a tríplice auréola da inteligência, da velhice e da desgraça.
>
> O rosto pálido e emagrecido cobre-se desse vago, dessa oscilação do homem que caminha nas trevas. Entre as mangas do burel de seu hábito de franciscano cruzam-se os braços nus e descarnados.
>
> Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do púlpito, e, revolvendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mistério entre ele e Deus.
>
> Que há em tudo isto que desse causa à tamanha expectação? Não se encontra a cada momento um velho, a quem o claustro seqüestrou do mundo, a quem a cegueira privou da luz dos

> olhos? Não há aí tanta inteligência que um voto encerra numa célula, e que a desgraça sepulta nas trevas?
>
> É verdade. Mas deixai que termine aquela rápida oração; esperai um momento... um segundo... ei-lo!
>
> O velho ergueu a cabeça; alçou o porte; a sua fisionomia animou-se. O braço descarnado abriu um gesto incisivo; os lábios, quebrantando o silêncio de vinte anos, lançaram aquela palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os ecos adormecidos de outros tempos.
>
> Fr. Francisco de Monte Alverne pregava! Já não era um velho cego, que a desgraça e a religião mandava respeitar. Era o orador brilhante, o pregador sagrado, que impunha a admiração com a sua eloqüência viva e animada, cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas. (ALENCAR, 2004, p. 57-58)

Mais uma vez vislumbram-se os procedimentos que fazem do folhetinista personagem de sua própria narrativa: a descrição do imponente cenário, a convivência dentro da narrativa do recolhimento e do êxtase, descrevendo o silêncio que antecede o grande momento. A fixação de Alencar em uma personagem que reflete, ao mesmo tempo, aquilo que, ao ver do autor, representa o papel a religião e também da igreja, a humildade que se revela imponência e superioridade no momento necessário, aqui ilustrado pela descrição da figura então humilde do frade, que se transfigura no momento da pregação em um ícone de maior imponência.

Aqui se mostra o papel do folhetinista de dialogar com a realidade mostrada e anunciada na parte de cima da página do jornal, sem transmiti-la diretamente, contudo, porque o jornal já o fizera, mas trabalhando elementos literários utilizando o cotidiano como base, representado pela escolha do narrador por um ponto de vista e a fixação de sua pena em uma personagem que não seria o protagonista – no caso, o frade retratado pelo folhetinista – , com um narrador heterodiegético, típico do romance folhetinesco, não referencial com qualquer das personagens descritas no trecho comentado; lembrando, ainda, que a celebração tinha como homenageado o imperador D. Pedro II, escolhendo o narrador/folhetinista como foco o orador da cerimônia, personagem mais humilde

e subalterna ao homenageado da celebração, mas que, na visão do autor, representa o ideal religioso de humildade, respeitabilidade e imponência no momento de maior importância.

Em seguida, o autor comenta acerca do funeral da Baronesa do Rio Bonito, ocorrido em um chuvoso dia seguinte ao da cerimônia religiosa descrita, alternando um ato de êxtase e outro de recolhimento, fazendo, também, uma relação de paralelismo com os dias chuvosos, sombrios, enunciados no folhetim.

Termina passando a um assunto mais comezinho, qual seja, a preocupação das autoridades com o asseio do passeio público da cidade, especialmente do então Ministro do Império, com Alencar ironizando o cólera, que então preocupava a cidade, com o folhetinista decidido a chamar a doença de *diabo azul*, "enquanto não resolverem definitivamente se é homem, se é mulher ou hemafrodita" (ALENCAR, 2004, p. 61-62).

Enfim, neste folhetim mostram-se algumas das características principais do folhetim enquanto suporte, como já mencionado, quais sejam: o diálogo com a parte de cima do jornal, alimentando-se dos acontecimentos da semana para deles obter um efeito que oscila entre a referência ao acontecimento e a utilização de expedientes narrativos para produzir nestes um tratamento literário; a incompletude e a fragmentação do espaço físico narrativo, ao completar o espaço do rodapé da página com um pequeno poema totalmente dissociado do conteúdo do folhetim e do restante do jornal e, ainda, o passeio do folhetinista pelos assuntos da semana sem perder a verve literária.

E, falando em passeio, no folhetim seguinte, de 29 de outubro de 1854, Alencar conclama os seus leitores a exercitar um costume francês que contribuiria para o asseio físico e "moral" da cidade, segundo o autor, qual seja, a *flânerie*, folhetim este que saiu publicado nas páginas do *Correio Mercantil* conforme consta a seguir.

Figura 13 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 29 de outubro de 1854

PAGINAS MENORES.

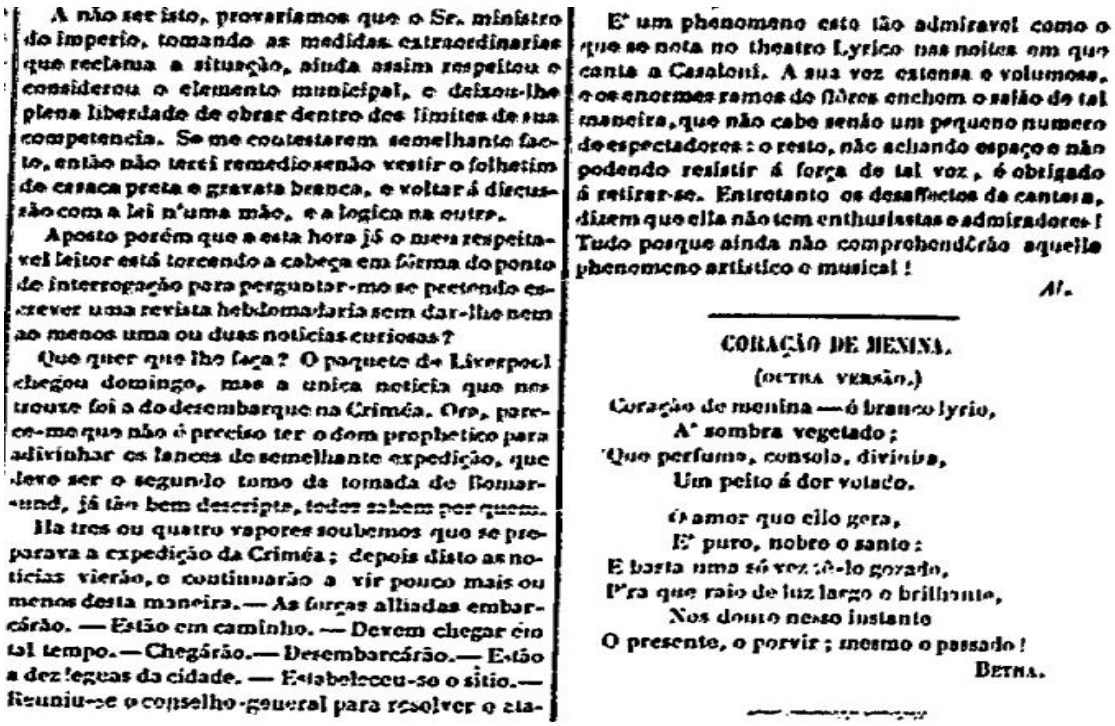
Rio, 29 de outubro.

AO CORREO DA TARDE.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Note-se mais uma vez a ocupação irregular do rodapé da página pelo folhetinista. Assim é que, novamente, é publicado um novo poema, provavelmente pelo mesmo autor, mas assinando com outro pseudônimo, com destinatária certa, conforme se vê da ampliação abaixo reproduzida.

Figura 14 - ampliação de trecho final do folhetim representado na figura 13



A não ser isto, provariamos que o Sr. ministro do imperio, tomando as medidas extraordinarias que reclama a situação, ainda assim respeitou e considerou o elemento municipal, e deixou-lhe plena liberdade de obrar dentro dos limites de sua competencia. Se me contestarem semelhante facto, então não terei remedio senão vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e voltar á discussão com a lei n'uma mão, e a logica na outra.

Aposto porém que a esta hora já o meu respeitavel leitor está torcendo a cabeça em fórma de ponto de interrogação para perguntar-me se pretendo escrever uma revista hebdomadaria sem dar-lhe nem ao menos uma ou duas noticias curiosas?

Que quer que lhe faça? O paquete de Liverpool chegou domingo, mas a unica noticia que nos trouxe foi a do desembarque na Criméa. Ora, parece-me que não é preciso ter o dom prophetico para adivinhar os lances de semelhante expedição, que deve ser o segundo tomo da tomada de Bomarsund, já tão bem descripta, todos sabem por quem.

Ha tres ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméa; depois disto as noticias vierão, e continuarão a vir pouco mais ou menos desta maneira.— As forças alliadas embarcárão. — Estão em caminho. — Devem chegar em tal tempo.— Chegárão.— Desembarcárão.— Estão a dez legoas da cidade. — Estabeleceu-se o sitio.— Reuniu-se o conselho-geueral para resolver o ata-

E' um phenomeno este tão admiravel como o que se nota no theatro Lyrico nas noites em que canta a Casaloni. A sua voz extensa e volumosa, e os enormes ramos de flôres enchem o salão de tal maneira, que não cabe senão um pequeno numero de espectadores: o resto, não achando espaço e não podendo resistir á força de tal voz, é obrigado á retirar-se. Entretanto os desaffectos de cantora, dizem que ella não tem enthusiastas e admiradores! Tudo porque ainda não comprehendêrão aquelle phenomeno artistico e musical!

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(OUTRA VERSÃO.)

Coração de menina — é branco lyrio,
A' sombra vegetado;
Que perfuma, consola, diviniza,
Um peito á dor votado.

O amor que elle gera,
E' puro, nobre e santo:
E basta uma só vez tê-lo gozado,
Pra que raio de luz largo e brilhante,
Nos doure nesse instante
O presente, o porvir; mesmo o passado!

BETHA.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

E neste folhetim novamente o autor desenvolve o diálogo entre o rodapé e o alto do jornal, fazendo menção ao asseio do passeio público, assunto já discutido pelo autor no folhetim anterior, fazendo-o desta vez como gancho, contudo, para a celebração de um hábito francês que o folhetinista recomenda seja adotado no país, qual seja, a *flânerie*, assinalando o hábito brasileiro, de "macaquear" dos franceses "tudo quanto eles têm de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo nosso dinheiro brasileiro para transformamo-nos em bonecos e bonecas parisienses" (ALENCAR, 2004, p. 66), enquanto o hábito de flanar ainda seria palidamente exercido pelos brasileiros, que teriam o costume de fechar-se em suas casas à noite.

E o que seria a *flânerie*? Nas palavras do próprio folhetinista:

> Sabeis o que é a *flânerie*? É o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. O companheiro inseparável do

> homem quando flana é o charuto; o da senhora é o seu buquê de flores.
>
> O que há de mais encantador e de mais apreciável na flânerie é que ela não produz unicamente o movimento material, mas também o exercício moral. Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espírito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções. (ALENCAR, 2004, p. 66)

E esse costume da *flânerie*, cuja apologia é feita por Alencar neste folhetim, pode-se dizer que é produto de dois fatores que mostraram seus reflexos na vida e na literatura: na vida, o crescimento industrial das grandes cidades – como Paris, por exemplo - , e na literatura, pelo nascimento e expansão da era midiática, com a massificação no consumo e popularização do jornal como meio de divulgação de notícias e do fazer literário adaptado a seu espaço.

Somente nas grandes cidades é possível o exercício do vagar sem rumo definido por ruas e galerias, sob o véu da multidão que se movimenta e somente no rodapé da página do jornal, somente pelo *feuilleton* é possível vagar pelo universo disperso e fragmentado do alto da página, ordenar o caos e submeter a realidade a um olhar particular, uma representação que oscila entre o literário e o documental.

Entre os franceses, foi Baudelaire, principalmente, quem mais referências fez a este estilo de ociosidade tão cultuado em uma época onde a valorização do trabalho atingia um ponto de ebulição. Marcos Antônio Menezes (2009, p. 12-13), em artigo sobre Baudelaire, assim descreve a visão do poeta acerca do *flâneur*:

> Baudelaire foi o *flâneur* do século XIX. Tal vivência urbana pode ser entendida pela leitura do texto *O pintor da vida moderna*, em que ele fala do caricaturista Constantin Guys. No fragmento transcrito a seguir, Baudelaire louva o artista moderno que mergulha na multidão, recolhe impressões e as joga no papel assim que regressa ao seu *studio*. Para ele, uma incursão na paisagem urbana não deve ter direção nem propósito; é uma rendição passiva ao fluxo aleatório de surpreendentes e inumeráveis ruas.

> *Para o perfeito Flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito. O amador da vida faz do mundo a sua família, tal como o amador do belo sexo compõe sua família, com todas as belezas encontradas e encontráveis ou inencontráveis; tal como o amador de quadros vive numa sociedade encantada de sonhos pintados. Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade.*
>
> E o poeta prossegue em sua descrição, comparando o *flâneur* a um espelho tão grande quanto a multidão, ou a um caleidoscópio equipado com consciência que – a cada mexida no tubo – capta a configuração de uma vida multifacetada e do grandioso movimento de todos os seus elementos. O surgimento de espaços públicos de prazer/lazer criou uma figura pública com disposição para vagar, observar e folhear as cenas de rua: o *flâneur* – elemento central na literatura crítica da modernidade e da urbanização. Na literatura, ele foi descrito como o observador arquétipo da esfera pública das grandes cidades européias do século XIX, em crescimento e mudando rapidamente.

E o folhetim, ao ocupar espaço aparentemente menos privilegiado da página e ao funcionar como instrumento de observador do cotidiano, mostra-se como o resultado material do passeio de livres associações feitas pelo folhetinista diante daquilo que lhe salta aos olhos e que se encontra fragmentariamente representado no alto da página do jornal, assim é que um Alencar incógnito como observador organiza e flana sobre os mais diversos assuntos, organizando a realidade sob a ótica do folhetinista, maravilhando-se com o crescimento da cidade e cobrando das autoridades providências para que as ruas, cada vez mais, sejam convidativas ao livre passeio e ao exercício do "asseio moral".

A submissão da estilhaçada realidade a um olhar particular encontrou seu espaço no rodapé da página e no folhetim sua materialização. Não se trata de submissão de um modelo a outro, mas sim de um diálogo entre formas, em que o

suporte permite a convivência entre alto e rodapé da página, bem como da multidão vista por um olhar particular.

No mais, neste folhetim ainda, Alencar comenta a iminência do início das obras para a instalação da iluminação a gás no passeio público e critica o regulamento de condutas do passeio público, não poupando a ironia aos idealizadores e aplicadores do dito regulamento.

Na parte final do folhetim, Alencar argumenta com o leitor acerca da escassez de notícias para comentar os acontecimentos de então, como a guerra da Criméia e, em âmbito local, acerca das noites de ópera do teatro lírico. O olhar de Alencar sobre a cidade, misturando admiração e preocupação, também se reflete no folhetim seguinte, datado de 3 de novembro de 1854, no qual ele tece elogios à inauguração de uma confecção no Rio de Janeiro, exaltando a força de trabalho das operárias (e, claro, os pés destas, obsessão recorrente de Alencar, segundo biógrafos como Lira Neto (2006) e Luis Viana Filho (1979), ao mesmo tempo em que ataca a especulação financeira que começava a avultar, assunto que será comentado mais detidamente adiante, fazendo novos comentários sobre o asseio do passeio público e cobrando providências.

Mas o que mais chama a atenção não é propriamente o assunto tratado pelo autor, mas sim a forma como o folhetim é disposto na página do jornal. Note-se pela ampliação do início do rodapé da página:

Figura 15 - folhetim publicado no Correio Mercantil em 3 de novembro de 1854

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Figura 16 - ampliação do início do folhetim representado na figura 15

FOLHETIM.

Rio, 3 de novembro.

MAQUINAS DE COSER.

Meu caro collega.—Acho-me seriamente embaraçado na maneira por que descreverei a visita que fiz hontem á fabrica de coser de Mme Bosse, sobre a qual já os nossos leitores tiverão uma ligeira noticia nesse mesmo jornal.

O que sobretudo me incommoda é o titulo que leva o meu artigo. Os litteratos, apenas o lerem, entenderão que o negocio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas aclamão o assumpto prosaico, e talvez indignão de preoccupar os vôos do pensamento. Os commerciantes, como não se trata de uma sociedade em commandita, é de crer bem pouca attenção deem a esse melhoramento da industria.

Por outro lado tenho contra mim o bello sexo, que não póde deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga.

Aquelles lencinhos embainhados, penhor de um amante fiel; e aquellas camisinhas de cambraia destinadas á um primeiro filho, primores de arte e [illegible] primeiras deidades da maternidade,

As mãozinhas delicadas da amante, ou da mãi extremosa, tremulas de felicidade e emoção, não se occuparão mais com aquelle doce trabalho, fructo de longas vigilias, povoadas de sonhos e de imagens risonhas. Que coração sensivel póde supportar tão infame semelhante profanação do sentimento?...

Declarando-se as senhoras contra nós, quasi que podemos contar com uma conspiração geral, porque é cousa rabida que desde o principio do mundo os homens gastão a metade do seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que ellas fazem.

Por conseguinte, reflectindo bem, só nos restão para leitores alguns homens graves e sisudos, que não se deixão dominar pela influencia dos bellos olhos e dos sorrisos provocadores. Mas como é possivel distrahir estes espiritos preoccupados com as altas questões do estado, e fazê-los descer das summidades da sciencia e da politica á uma simples questão de costura?

Parece-lhe isto talvez uma cousa muito difficil; entretanto tenho para mim que não ha nada mais natural. A historia, essa grande mestra de verdades, nos apresenta innumeros exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos povos da antiguidade, não só a arte de coser, como as outras que lhe são necessarias.

Eu podia commemorar o facto de Hercules fiando aos pés de Omphale, e mostrar o importante papel que representou na antiguidade a téa de Pene-

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Pela primeira vez desde o início da publicação da seção pelo *Correio Mercantil*, desaparecem os identificadores *páginas menores*, bem como o nome da seção, *ao correr da pena* e, ainda, a sua designação menor, *revista*, as quais, diga-se, voltam a aparecer nos folhetins seguintes. Todas estas marcas identificadoras do rodapé da página foram substituídas pela designação *folhetim* e um título para o texto escrito, algo que ainda não havia ocorrido.

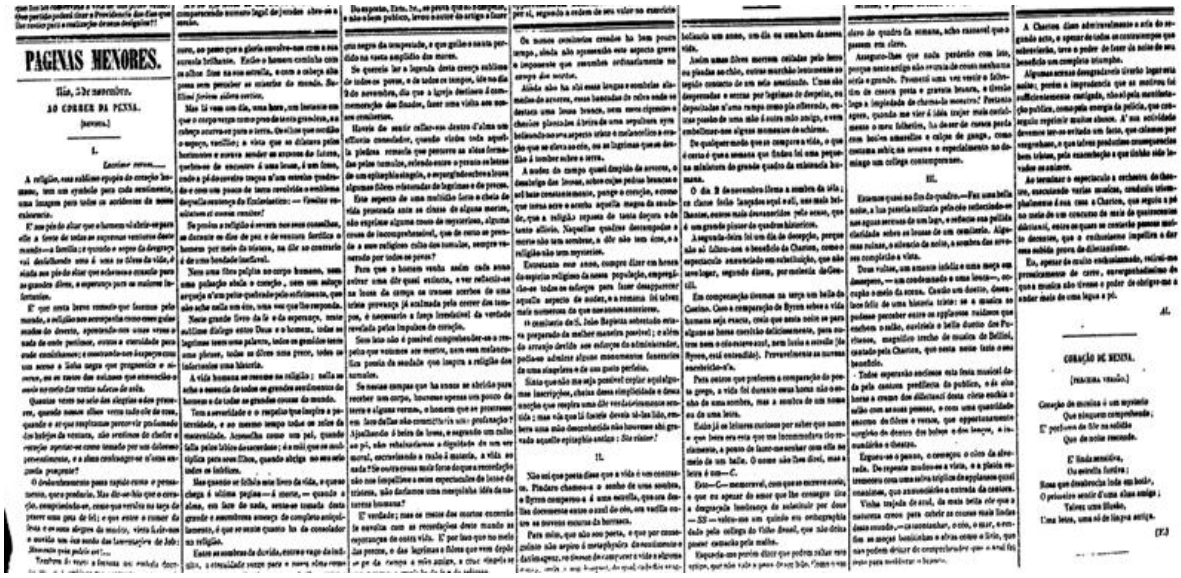
Levando-se em conta que tal expediente não se repetiria nos folhetins posteriores, que voltaram a assumir a forma original, pode-se supor que Alencar estaria experimentando o modelo francês do folhetim romanesco, não em seu conteúdo ainda, mas em sua forma, tateando o espaço dentro do suporte no qual o autor deveria se mover. E mover-se dentro desse espaço, no caso de Alencar, significa flexibilizar as rubricas adotadas dos folhetins franceses e lançar-se a uma diversidade de assuntos e modos de expor tais assuntos, mediados pela imagem que o folhetinista possui acerca da repercussão de seus leitores e, principalmente, leitoras. Ou, como afirma Lúcia Granja (2010, p. 123):

> Voltando à metáfora de Proteu, o folhetim, que é nomeado indiferentemente também de "crônica" no trecho apresentado, exige do escritor a invenção de seu texto e, ao mesmo tempo, a invenção da rubrica em que o escrito deve caber, assim como de seu gênero e tom. A medida do talento do escritor-jornalista quem dá é o público, representado aqui pela imagem da leitora que amarrota, enfadada, o jornal, em oposição (imaginária a partir da crônica) àquela que estará interessada no escrito.

O exercício de expedientes literários dentro do espaço jornalístico viria algum tempo depois, como será comentado adiante.

No folhetim de 5 de novembro de 1854, este é assim configurado no rodapé da primeira página do *Correio Mercantil:*

Figura 17 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 5 de outubro de 1854



PAGINAS MENORES.

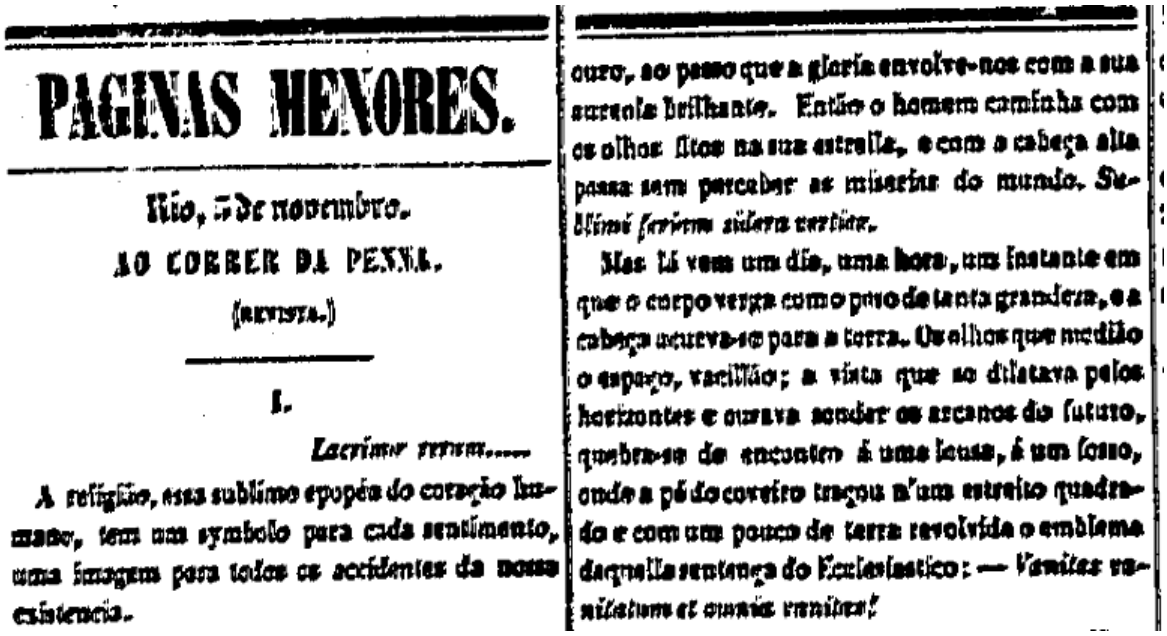
Ilha, 2 de novembro.

AO CORREIO DA MANHÃ.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Nota-se, novamente, a disposição irregular do escrito dentro do espaço da página, com a inserção de um novo poemeto para complementar o espaço faltante. Mais uma vez o suporte delimita a ação do folhetinista e interfere no resultado final. Veja-se também que o espaço voltou a assumir os títulos e subtítulos originais na página, abandonando, por ora, a designação *folhetim* e o título, anteriormente utilizados.

Figura 18 - ampliação do início do folhetim reproduzido na figura 17



PAGINAS MENORES.

Rio, 7 de novembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

I.

Lacrimæ rerum.....

A religião, esse sublime epopéa do coração humano, tem um symbolo para cada sentimento, uma imagem para todos os accidentes da nossa existencia.

ouro, ao passo que a gloria envolve-nos com a sua aureola brilhante. Então o homem caminha com os olhos fitos na sua estrella, e com a cabeça alta passa sem perceber as miserias do mundo. *Sublimi feriemur sidera vertice.*

Mas lá vem um dia, uma hora, um instante em que o corpo verga como pau de tanta grandeza, e a cabeça acurva-se para a terra. Os olhos que mediam o espaço, vacillão; a vista que se dilatava pelos horizontes e ousava sondar os arcanos do futuro, quebra-se de encontro á uma lousa, á um fosso, onde a pá do coveiro traçou n'um estreito quadrado e com um pouco de terra revolvida o emblema daquella sentença do Ecclesiastico: — *Vanitas vanitatum et omnia vanitas!*

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

Logo de início, a configuração do folhetim segue o modelo de edições anteriores, com "páginas menores" ocupando a posição de título e o nome da seção, "ao correr da pena", aparece no espaço da página com fonte menor, com a indicação de um subtítulo, e a característica objetiva de tais escritos, "revista", em fonte ainda menor, dando ao leitor a ciência da hierarquia do espaço do folhetinista dentro do suporte jornal, ou seja, de que o folhetim posicionado no rodapé da página é um complemento do quanto noticiado no alto da página, um resumo, uma "revista" dos fatos pelo olhar do folhetinista.

Em seguida, nota-se um subtítulo introdutório em latim, *lacrimae rerum*, o que em uma tradução livre significa "lágrimas das coisas". Tal expressão teria sido pinçada por Alencar da linha 462 do livro I de *A Eneida,* de Virgílio, em trecho no qual o heroi, Eneias, lamenta a inutilidade da guerra e a o desperdício de vidas humanas. O que faria parte da existência humana seria a capacidade de viver e suportar o sofrimento até o inevitável fim.

Esta epígrafe, que foi mantida em edições posteriores quando da reunião dos folhetins em forma de coletânea, incluindo a versão de 1874, dirige-se

certamente a um leitor capaz de compreender tal ligação, pois o folhetinista inicia sua revista justamente falando do papel da religião (no caso a cristã e, mais ainda, a católica) na vida e, principalmente, na morte do ser humano, eis que se tratava do folhetim publicado logo após o feriado de finados, no qual o folhetinista, antes de passar em revista os acontecimentos dos últimos dias, deita um olhar particular sobre as agruras e consolos da morte.

Mas Alencar (2004, p. 86-87) não fala apenas do papel da religião na vida e na morte das pessoas, aproveita o assunto mais abstrato para passar a questões mais práticas, como o aspecto e a conservação dos cemitérios:

> Os nossos cemitérios, criados há bem pouco tempo, ainda não apresentam este aspecto grave e imponente que ressumbra ordinariamente no campo dos mortos.
>
> Ainda não há aí essas longas e sombrias alamedas de árvores, essas bancadas de relva onde se destaca uma lousa branca, nem esses ciprestes e chorões plantados à beira de uma sepultura simbolizando no seu aspecto triste e melancólico a oração que se eleva ao céu, ou as lágrimas que se desfiam a tombar sobre a terra.
>
> A nudez do campo quase despido de árvores, o desabrigo das lousas sobre cujas pedras brancas o sol bate constantemente, punge o coração, e como que torna acre e acerba aquela mágoa da saudade, que a religião repassa de tanta doçura e de tanto alívio. Naquelas quadras descampadas a morte não tem sombra, a dor não tem ecos e a religião não tem mistérios.
>
> Entretanto este ano, cumpre dizer em honra do espírito religioso da nossa população, empregaram-se todos os esforços para fazer desaparecer aquele aspecto de nudez, e a romaria foi talvez mais numerosa do que nos anos anteriores.

Já na segunda parte do folhetim, a título de passar a limpo os acontecimentos da semana, Alencar discorre acerca da ausência de espetáculos na opera e, como compensação, da realização de um baile, no qual o autor faz referências à mulher que era então objeto de suas atenções e a quem, provavelmente, são dedicados os versos que ajudam a preencher o restante do rodapé da página. Alencar não se conformava com a indiferença de Chiquinha

Nogueira da Gama no baile e usava o espaço destinado a passar os acontecimentos da semana para referir-se à sua paixão de forma velada:

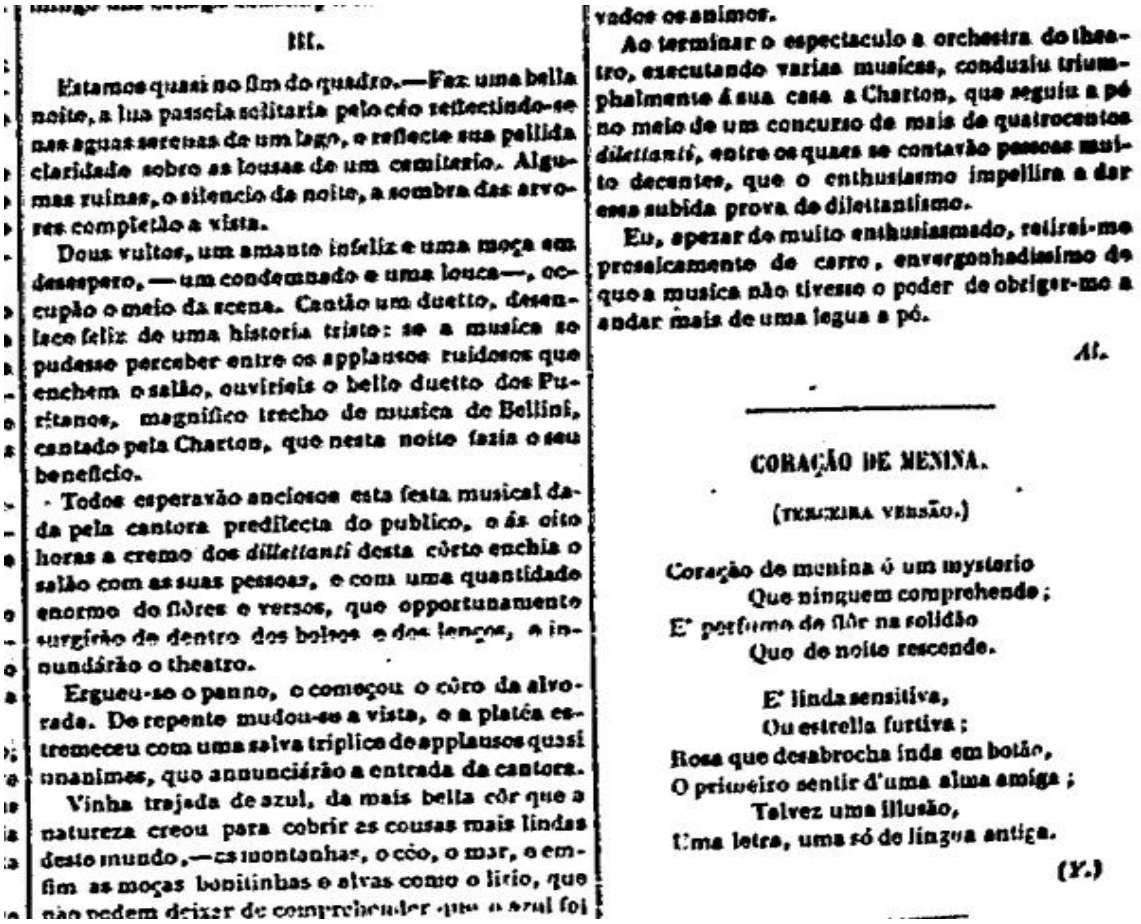
> Estão já os leitores curiosos por saber que nome e que letra era esta que me incomodava tão seriamente, a ponto de fazer-me sonhar com ela no meio de um baile. O nome não lhes direi, mas a letra é um - C. (ALENCAR, 2004, p 89)

Novamente o cruzamento entre os acontecimentos da semana e o olhar pessoal do folhetinista, como costuma acontecer ao gênero, só que desta vez com o pêndulo oscilando para o olhar subjetivo do escritor, com os fatos servindo de pretexto para expor sua paixão.

Na terceira e última parte do folhetim, Alencar destaca o espetáculo lírico de uma das cantoras mais famosas da época, a Charton , e da participação dos aficionados pela cantora, com uma rivalidade ferrenha em relação aos admiradores de outra cantora que se apresentava na corte na mesma época, a Casaloni. Tais admiradores eram chamados de diletantes ou *dilletanti*, como grafado por Alencar em seu folhetim. O autor, ao mesmo tempo em que rasga elogios à cantora, também desfia críticas aos *dilletanti* e seu comportamento pouco educado, na opinião do autor, conduta abusiva que teria sido reprimida pela polícia.

Ao final, não tendo preenchido totalmente o rodapé da página, foi novamente feita a inserção de um pequeno poema, provavelmente escrito pelo próprio Alencar e com destinatária certa:

Figura 19 - ampliação do final do folhetim reproduzido na figura 17



III.

Estamos quasi no fim do quadro.—Faz uma bella noite, a lua passeia solitaria pelo céo reflectindo-se nas aguas serenas de um lago, e reflecte sua pallida claridade sobre as lousas de um cemiterio. Algumas ruinas, o silencio da noite, a sombra das arvores completão a vista.

Dous vultos, um amante infeliz e uma moça em desespero, — um condemnado e uma louca—, occupão o meio da scena. Cantão um duetto, desenlace feliz de uma historia triste: se a musica se pudesse perceber entre os applausos ruidosos que enchem o salão, ouviriels o bello duetto dos Puritanos, magnifico trecho de musica de Bellini, cantado pela Charton, que nesta noite fazia o seu beneficio.

Todos esperavão anciosos esta festa musical dada pela cantora predilecta do publico, e ás oito horas a cremo dos *dilettanti* desta côrte enchia o salão com as suas pessoas, e com uma quantidade enorme de flôres e versos, que opportunamente surgirão de dentro dos bolsos e dos lenços, e inundárão o theatro.

Ergueu-se o panno, e começou o côro da alvorada. De repente mudou-se a vista, e a platéa estremeceu com uma salva triplice de applausos quasi unanimes, que annunciárão a entrada da cantora.

Vinha trajada de azul, da mais bella côr que a natureza creou para cobrir as cousas mais lindas deste mundo,—as montanhas, o céo, o mar, e emfim as moças bonitinhas e alvas como o lirio, que não podem deixar de comprehender que o azul foi

vados os animos.

Ao terminar o espectaculo a orchestra do theatro, executando varias musicas, conduziu triumphalmente á sua casa a Charton, que seguia a pé no meio de um concurso de mais de quatrocentos *dilettanti*, entre os quaes se contavão pessoas muito decentes, que o enthusiasmo impellira a dar essa subida prova de dilettantismo.

Eu, apezar de muito enthusiasmado, retirei-me prosaicamente de carro, envergonhadissimo de que a musica não tivesse o poder de obrigar-me a andar mais de uma legua a pé.

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(TERCEIRA VERSÃO.)

Coração de menina é um mysterio
Que ninguem comprehende;
E' perfume de flôr na solidão
Que de noite rescende.

E' linda sensitiva,
Ou estrella furtiva;
Rosa que desabrocha inda em botão,
O primeiro sentir d'uma alma amiga;
Talvez uma illusão,
Uma letra, uma só de lingua antiga.

(Y.)

---

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

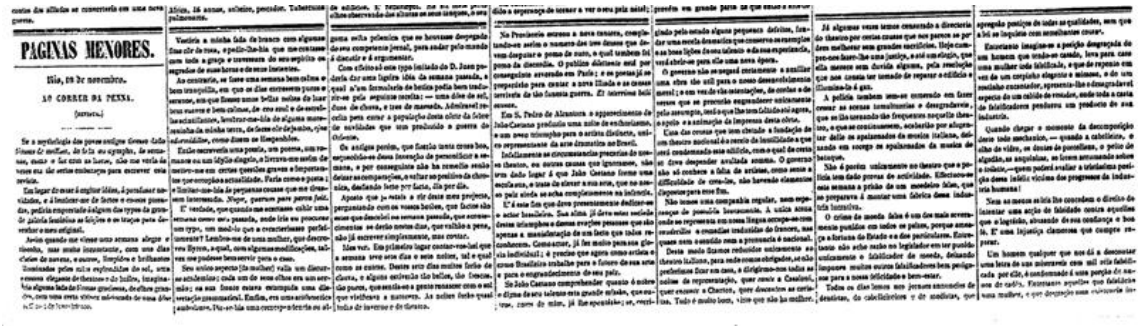
Mais uma vez o suporte impõe o preenchimento do espaço restante do rodapé do jornal com um texto que não possui ligação com o folhetim escrito pelo autor, o que caracteriza , em paralelo com o hibridismo do gênero crônica, como apontado por Alencar quando fala da indefinição da crônica, também o caráter fragmentário do suporte no qual o folhetim está inserido, vale dizer, a convivência dentro do mesmo espaço de página do folhetim e do poema, sem prejuízo de um pelo outro dentro do espaço ocupado no suporte.

A referida série de poemas mostradas nestes folhetins, poemas estes que, diga-se, não foram incluídos nas edições em livro, mostra que a ocupação da página do jornal era medida que se impunha, não importando o tamanho do folhetim a ser publicado.

No folhetim de 19 de novembro, o modo de adequação do conteúdo ao rodapé da página permanece e não há mudanças significativas, mas o que chama a atenção é um esforço que se mostrará cada vez mais constante na escrita de Alencar, qual seja, o de entremear seus comentários acerca dos fatos da semana com observações de caráter subjetivo sobre o papel do folhetim, em um procedimento metalingüístico, bem como em assuntos que dizem respeito ao autor.

E com este procedimento metalinguístico na obra do folhetinista Alencar, fator que ainda viria a ser explorado outras vezes em seus escritos para jornal, especialmente no final de sua fase do *Correio Mercantil* e em praticamente toda a fase do *Diário do Rio de Janeiro,* tal proceder deixa mais evidente ao leitor as fronteiras entre jornalismo e literatura, as quais, muitas vezes, encontram-se embaralhadas e pouco discerníveis a quem lê.

Figura 20 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 19 de novembro de 1854



PAGINAS MENORES.

Rio, 19 de novembro.

AO CORRER DA PENNA.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leueroth)

E Alencar (2004, p. 105) assim inicia este folhetim:

> Se a mitologia dos povos antigos tivesse dado formas de mulher, de fada ou ninfa, às semanas, como o fez com as horas, não me veria às vezes em tão sérios embaraços para escrever esta revista.
>
> Em lugar de estar a cogitar idéias, a parafusar novidades, e a lembrar-me de fatos e coisas passadas, pediria emprestado a algum dos tipos da grande galeria feminina as feições e os traços para desenhar o meu original.

E com tal afirmação Alencar lamenta a falta de assuntos da semana passada para escrever seu folhetim, classificando-a como "uma dose de sol, duas de chuva e três de maçada" (ALENCAR, 2004, p. 107). O autor passa com graça por esse terreno movediço da escassez de assuntos para comentar em sua crônica, usando da ironia que lhe era peculiar:

> Aposto que já estais a rir deste meu projeto, perguntando com os vossos botões que fatos são estes que descobri na semana passada, que acontecimentos se deram nestes dias, que valham a pena, não já escrever simplesmente, mas contar.
>
> Ides ver. Em primeiro lugar, contar-vos-ei que a semana teve sete dias e sete noites, tal e qual como as outras. Destes sete dias muitos foram de chuva, e alguns estiveram tão belos, tão frescos, tão puros, que sentia-se a gente renascer com o sol que vivificava a natureza. As noites foram quase todas de inverno e de teatro. (ALENCAR, 2004, p. 107)

Com este trecho, Alencar passa a outro de seus assuntos preferidos, qual seja, o teatro. E para o folhetinista o teatro no Brasil seria uma das formas de afirmação da arte nacional. Nesse sentido ele comenta, ao afirmar que cabia ao maior ator da época, João Caetano, a tarefa de liderar a criação de um teatro que o autor considerava nacional:

> Se João Caetano compreender quanto é nobre e digna de seu talento esta grande missão, que outros, antes de mim, já lhe apontaram; se corrigindo pelo estudo alguns pequenos defeitos, fundar uma escola dramática que conserve os exemplos e as boas lições de seu talento e a sua experiência, verá abrir-se para ele uma nova época. (ALENCAR, 2004, p. 109)

Os *pequenos defeitos* aos quais Alencar se referia visavam justamente o estilo de interpretação de Caetano, que o folhetinista considerava exagerado, grandiloqüente, sem poupar a falta de comprometimento do ator com o que considerava a causa do teatro genuinamente brasileiro. Afirma João Roberto Faria

que João Caetano não teria ficado indiferente aos apelos e críticas de Alencar, mas que teria agido demasiado tarde.

Neste sentido, Alencar partilha, nesse momento, das idéias de toda uma nova geração de intelectuais acerca do teatro, idéias vindas da França, com o realismo teatral iniciado por Alexandre Dumas Filho com *A dama das camélias*, em 1852, na qual já vigorava o estilo de interpretação considerado mais *natural*, sem lances dramáticos artificiais.

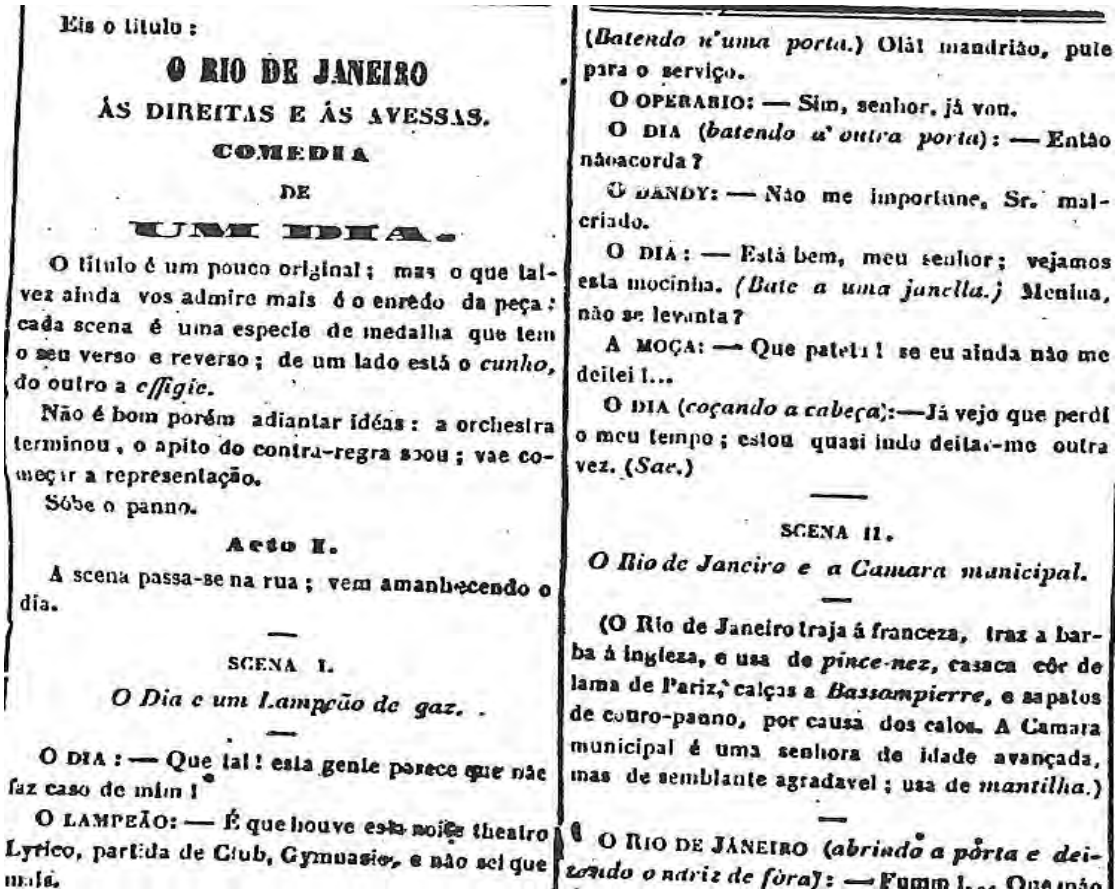
E os apelos de Alencar são finalmente atendidos em março de 1855, pelo empresário Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos, que funda o *Teatro Ginásio Dramático*, em resposta à estagnação do Teatro São Pedro de Alcântara, que era liderado por João Caetano. Inspirado no *Gymnase-Dramatique*, reduto dos realistas franceses, o *ginásio* acolheria a encenação de peças do repertório de seu congênere francês. Ademais, já se preocupava o autor com questões que até hoje são discutidas no meio artístico, como a autonomia do teatro em relação a subvenções governamentais.

Em novembro de 1855, Alencar encerra a seção *ao correr da pena*, mas em 1856 ainda escreve alguns folhetins, mesmo que de forma dispersa, sendo que, segundo João Roberto Faria, apenas dois interessam para demonstrar o interesse de Alencar pela carreira de dramaturgo. São os folhetins de 12 de junho e 1 de julho de 1856, nos quais o escritor, em vez de *conversar* com seus leitores, apresenta no espaço uma comédia, intitulada *O Rio de Janeiro às direitas e às avessas: comédia de um dia*, a qual teve apenas três atos publicados e restou inacabada. Afirma o autor sua intenção no folhetim de 12 de junho:

> O título é um pouco original; mas o que talvez ainda vos admire é o enredo da peça; cada cena é uma espécie de medalha que tem o seu verso e o seu reverso; de um lado está o *cunho*, do outro a *efígie*. (ALENCAR apud FARIA, 1987, p. 7)

E assim ficaria o início da sua *comédia dramática*, que não viria a ter continuação nos jornais:

Figura 21 - ampliação de trecho do folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro de 12 de junho de 1856



Eis o titulo:

O RIO DE JANEIRO

ÁS DIREITAS E ÁS AVESSAS.

COMEDIA

DE

UM DIA.

O titulo é um pouco original; mas o que talvez ainda vos admire mais é o enredo da peça: cada scena é uma especie de medalha que tem o seu verso e reverso; de um lado está o *cunho*, do outro a *effigie*.

Não é bom porém adiantar idéas: a orchestra terminou, o apito do contra-regra soou; vae começar a representação.

Sóbe o panno.

Acto I.

A scena passa-se na rua; vem amanhecendo o dia.

SCENA I.

O Dia e um Lampeão de gaz.

O DIA: — Que tal! esta gente parece que não faz caso de mim!

O LAMPEÃO: — É que houve esta noite theatro Lyrico, partida de Club, Gymnasio, e não sei que mais.

(*Batendo n'uma porta.*) Olá! mandrião, pule para o serviço.

O OPERARIO: — Sim, senhor, já vou.

O DIA (*batendo n'outra porta*): — Então não acorda?

O DANDY: — Não me importune, Sr. malcriado.

O DIA: — Está bem, meu senhor; vejamos esta mocinha. (*Bate a uma janella.*) Menina, não se levanta?

A MOÇA: — Que pateta! se eu ainda não me deitei!...

O DIA (*coçando a cabeça*):—Já vejo que perdi o meu tempo; estou quasi indo deitar-me outra vez. (*Sae.*)

SCENA II.

O Rio de Janeiro e a Camara municipal.

(O Rio de Janeiro traja á franceza, traz a barba á ingleza, e usa de *pince-nez*, casaca côr de lama de Paiz, calças a *Bassampierre*, e sapatos de couro-panno, por causa dos calos. A Camara municipal é uma senhora de idade avançada, mas de semblante agradavel; usa de *mantilha*.)

O RIO DE JANEIRO (*abrindo a pôrta e deitando o nariz de fóra*): — Fumm!... Que não

fonte: FARIA, J.R. *José de Alencar e o teatro*.

Outra peculiaridade na *peça* apresentada por Alencar é que as personagens não possuem nomes, mas são nomeadas por tipos específicos que compõem a sociedade de então, e até mesmo instituições. Assim, fazem parte da trama o Bacharel, o comércio, a indústria e a pérfida política, por exemplo.

Assim é que pouco tempo depois Alencar viria a estrear nos palcos sua primeira peça, *O Rio de Janeiro, verso e reverso*, que foi muito bem recebida por crítica e público, e que encorajou Alencar a escrever outras importantes peças da segunda metade do século XIX, dentre as quais *O Demônio Familiar*, seu maior sucesso de público e *As asas de um anjo*, suas peça mais polêmica, dentre outras, s quais, segundo o autor, seguiam (ou deveriam seguir) os preceitos da escola

realista oriunda do teatro francês e que tinha como expoente maior Alexandre Dumas Filho, de *A Dama das Camélias*.

Mostra-se necessário o salto aqui empreendido em relação à análise dos folhetins escritos para o *Correio Mercantil* na medida em que a ligação das observações do autor sobre o teatro em seus folhetins também se revelariam na experimentação levada a efeito por Alencar ao iniciar sua carreira de dramaturgo, mostrando mais uma vez que o suporte jornal serviu como campo de experiências do dramaturgo e como termômetro de receptividade junto ao público, iniciando uma frutífera carreira na dramaturgia, que seguiria o sucesso do romancista.

Assim, tanto na literatura como no teatro, José de Alencar se mostra um experimentador, primeiro fazendo algo mais amplo, ou genérico, em um exercício da escrita teatral semelhante ao que seria feito em sua literatura, com a publicação de *Cinco minutos*, para depois lançar-se em uma empreitada mais ambiciosa e bem sucedida, com *O Guarani*. E o folhetim comentado é apenas o início de uma série de comentários acerca do teatro brasileiro no espaço do rodapé da página, como mostrado.

Convém lembrar, entretanto, que embora Alencar tenha sido um contumaz folhetinista teatral e lírico em sua série de textos publicados nas páginas dos jornais, que o pioneiro e mais especializado folhetinista lírico foi Martins Pena, com sua seção "A semana lírica", conforme afirmado por Priscila Renata Gimenez (2009, p. 33-34) em seu estudo sobre Martins Pena:

> Conquanto o folhetim seja um gênero fronteiriço, o nosso folhetinista fez uma crítica com alto grau de especialização, o que demonstra, além de seu domínio sobre o assunto, a sincronia de seu folhetim com os da Europa, por exemplo, os de Théophile Gautier, no periódico francês *La Presse*, como veremos.
> Confirmamos a notabilidade dos folhetins de Martins Pena constatando que no período de publicação de seus folhetins, no *Jornal do Commercio*, não houve publicações regulares de críticas do mesmo tipo nos dois outros principais jornais brasileiros.
> Embora algumas críticas sobre o teatro lírico tenham sido produzidas antes das de "A Semana Lírica", é essa seção

> folhetinesca que, além de **fixar** a crítica musical no espaço do folhetim com publicações semanais, será a única tão especializada (sobre o teatro-lírico) dentre a produção folhetinesca posterior, da qual destacamos as de dois grandes escritores
> brasileiros, José de Alencar e Machado de Assis, que, entre outras atividades ligadas ao jornal, escreveram crônicas.
> Conquanto a seção de Martins Pena fosse específica sobre o teatro lírico, sem dúvida, tais folhetins compõem, ao mesmo tempo, uma crônica social quando, por meio da crítica voltada ao palco, o folhetinista não deixa de representar a sociedade espectadora do teatro e o contexto de produção e realização das óperas.

De fato, pode-se afirmar que os folhetins de Alencar onde é comentado o teatro e a ópera se voltam muito mais a um caráter não-especializado, muito mais focado na sociedade que freqüente tais lugares, bem como em impressões subjetivas e pouco técnicas acerca do desempenho das cantoras e do comportamento o público. Quanto ao teatro, como acima demonstrando, Alencar era muito mais um experimentador do que um observador, conquanto se observa que, tempos depois de encerrada sua carreira como folhetinista, emenda o autor uma produção de textos que o tornariam o mais destacado dramaturgo brasileiro do século XIX.

E o folhetim, produto da era midiática nascida junto com o jornal, mostra-se nas mãos de Alencar o grande condensador de diversas tendências, abrigando em seu diminuto espaço a revisão e os comentários dos fatos recentes, bem como a experimentação literária e a visão do folhetinista acerca da arte e de seus diversos ramos, como o teatro, por exemplo.

Mas quem escreve no rodapé da página também se adapta às incontinências do tempo, podendo comprimir dentro de um mesmo espaço a revista sobre mais de um dia. Assim é feito, por exemplo nos folhetins publicados em 3 e 4 de dezembro de 1854, publicados no dia 4, conjuntamente, como abaixo se mostra:

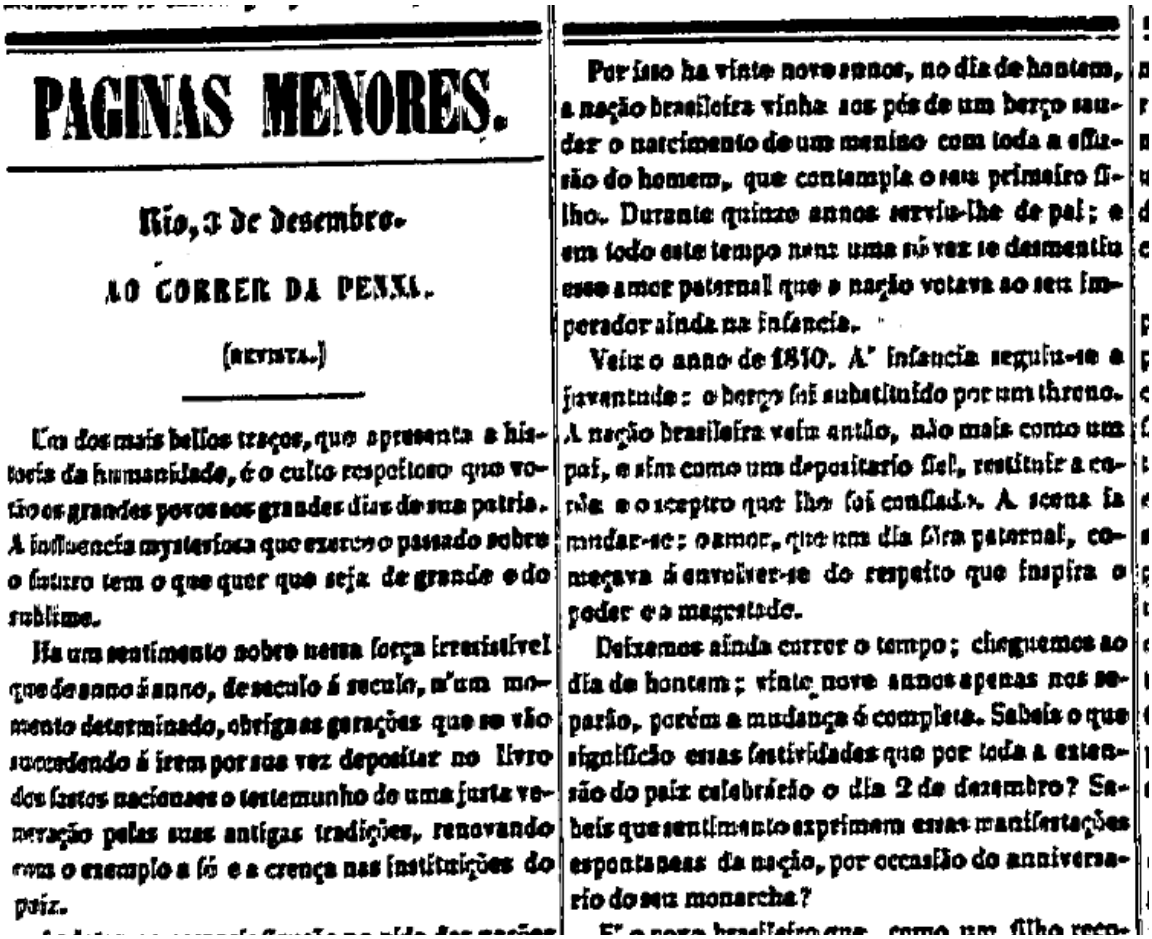
Figura 22 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 4 de dezembro de 1854

PAGINAS MENORES.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Para melhor visualização, veja-se as ampliações a seguir, datando o folhetim de 3 de dezembro e do início do folhetim de 4 de dezembro, ocupando o mesmo rodapé do jornal que somente seria publicado em 4 de dezembro:

Figura 23 - ampliação do início do folhetim da figura 22



PAGINAS MENORES.

Rio, 3 de dezembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Um dos mais bellos traços, que apresenta a historia da humanidade, é o culto respeitoso que votão os grandes povos aos grandes dias de sua patria. A influencia mysteriosa que exerce o passado sobre o futuro tem o que quer que seja de grande e do sublime.

Ha um sentimento sobre nessa força irresistivel que de anno á anno, de seculo á seculo, n'um momento determinado, obriga as gerações que se vão succedendo á irem por sua vez depositar no livro dos fastos nacionaes o testemunho de uma justa veneração pelas suas antigas tradições, renovando com o exemplo a fé e a crença nas instituições do paiz.

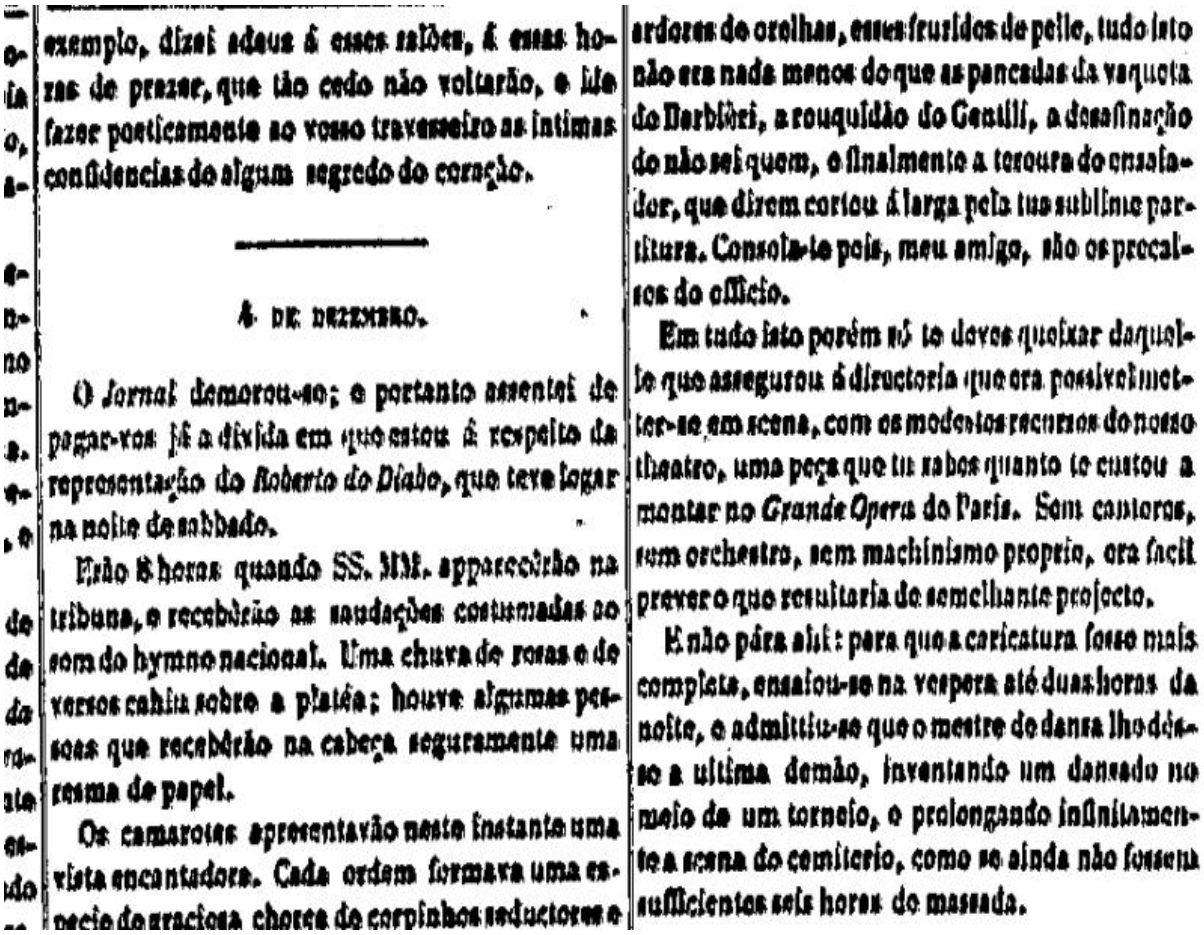
Por isso ha vinte nove annos, no dia de hontem, a nação brasileira vinha aos pés de um berço saudar o nascimento de um menino com toda a effusão do homem, que contempla o seu primeiro filho. Durante quinze annos servio-lhe de pai; e em todo este tempo nem uma só vez se desmentiu esse amor paternal que a nação votava ao seu imperador ainda na infancia.

Veio o anno de 1810. A' infancia seguio-se a juventude: o berço foi substituido por um throno. A nação brasileira veio então, não mais como um pai, e sim como um depositario fiel, restituir a corôa e o sceptro que lhe foi confiado. A scena ia mudar-se: o amor, que um dia fôra paternal, começava á envolver-se do respeito que inspira o poder e a magestade.

Deixemos ainda correr o tempo; cheguemos ao dia de hontem; vinte nove annos apenas nos separão, porém a mudança é completa. Sabeis o que significão essas festividades que por toda a extensão do paiz celebrárão o dia 2 de dezembro? Sabeis que sentimento exprimem essas manifestações espontaneas da nação, por occasião do anniversario do seu monarcha?

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Figura 24 - reprodução de trecho do folhetim da figura 23 - início do folhetim de 4 de dezembro



exemplo, dizei adeus á esses salões, á essas horas de prazer, que tão cedo não voltarão, e lêde fazer poeticamente ao vosso travesseiro as intimas confidencias de algum segredo do coração.

---

4 DE DEZEMBRO.

O *Jornal* demorou-se; e portanto assentei de pagar-vos já a divida em que estou á respeito da representação do *Roberto do Diabo*, que teve logar na noite de sabbado.

Erão 8 horas quando SS. MM. apparecêrão na tribuna, e recebêrão as saudações costumadas ao som do hymno nacional. Uma chuva de rosas e de versos cahiu sobre a platéa; houve algumas pessoas que recebêrão na cabeça seguramente uma resma de papel.

Os camarotes apresentavão neste instante uma vista encantadora. Cada ordem formava uma especie de graciosa choreа de corpinhos seductores e ardores de orelhas, esses frusidos de peito, tudo isto não era nada menos do que as pancadas da vaqueta do Barbieri, a rouquidão do Gentili, a desafinação do não sei quem, e finalmente a tesoura do ensaiador, que dizem cortou á larga pela tua sublime partitura. Consola-te pois, meu amigo, são os precalços do officio.

Em tudo isto porém só te deves queixar daquelle que assegurou á directoria que era possivel metter-se em scena, com os modestos recursos do nosso theatro, uma peça que tu sabes quanto te custou a montar no *Grande Opera* de Paris. Sem cantores, sem orchestro, sem machinismo proprio, era facil prever o que resultaria de semelhante projecto.

E não pára ahi: para que a caricatura fosse mais completa, ensaiou-se na vespera até duas horas da noite, e admittiu-se que o mestre de dansa lhe désse a ultima demão, inventando um dansado no meio de um torneio, e prolongando infinitamente a scena do cemiterio, como se ainda não fossem sufficientes seis horas de massada.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Disposta assim a página do folhetim, fica a questão: por que o autor não fez apenas um folhetim dos dois, já que seriam publicados no mesmo espaço e no mesmo dia?

Uma provável resposta é a de que o folhetim veio dividido por dias como que em capítulos, já que o próprio Alencar promete contar fatos posteriores a 3 de dezembro no folhetim deste dia, como que aguardando novos fatos, fazendo-o somente no folhetim do dia 4. Como o jornal foi publicado no dia 4, reuniram-se ambos os textos.

E o próprio autor dá pistas desta continuidade e do suspense em que deixa o leitor para acompanhar o folhetim seguinte, ao afirmar no dia 3 de dezembro:

> Além desses fatos, que se prendem necessariamente ao dia 3 de dezembro, tiveram ontem lugar alguns extraordinários, que foram reservados para este dia, para assim receberem maior realce e se realizarem sob os auspícios felizes de uma data memorável para o Brasil. (ALENCAR, 2004, p. 126)

Percebe-se que mesmo sendo este folhetim datado de 3 de dezembro, o autor já faz menção ao dia da publicação, 4 de dezembro, promovendo um encadeamento dos folhetins publicados, que se encontram no mesmo passo temporal, despertando a atenção do leitor e convidando-o a continuar a leitura. Neste mesmo folhetim, o autor faz menção à apresentação da peça *Roberto do Diabo,* deixando o leitor em suspense:

> O dia que começara tão artisticamente devia acabar da mesma maneira, e de fato acabou com a representação do Roberto do Diabo no Teatro Lírico. Apesar de estarmos conversando hoje, creio que compreendeis bem a razão por que não vos conto alguma coisa dessa representação que se deu ontem: são coisas da imprensa. (ALENCAR, 2004, p. 127)

Ao utilizar a expressão "coisas da imprensa", Alencar se refere aos problemas decorrentes do tempo da publicação, ou seja, que se tratam de notícias do dia 3 publicadas apenas no dia 4. Deste modo, a compressão destes dois folhetins em um só produz um efeito de continuidade e suspense, características comuns ao folhetim romanesco.

Essa é uma das características apontadas por Marie-Ève Therenty como constituintes da chamada matriz midiática, ou seja, fala-se, aqui, da *periodicidade (periodicité)*, pela qual o modo como o tempo da escrita é tratado no jornal condiciona o leitor e produz conseqüências na escrita do folhetim. Logo, o autor projeta uma "arquitetura" de seus escritos pensando no jornal, mas o próprio jornal, ao publicar os escritos do folhetinista, termina por alterar esta estrutura.

Já no folhetim de 4 de dezembro, presente no mesmo rodapé de página, Alencar retoma o "gancho" lançado no folhetim anterior para contar sobre a peça de teatro vista:

> O Jornal demorou-se; e portanto assentei de pagar-vos já a dívida em que estou a respeito da representação do Roberto do Diabo, que teve lugar na noite de sábado. (ALENCAR, 2004, p. 131)

E a partir de então o autor passa a descrever os pormenores da representação da peça mencionada como havia prometido no folhetim anterior.

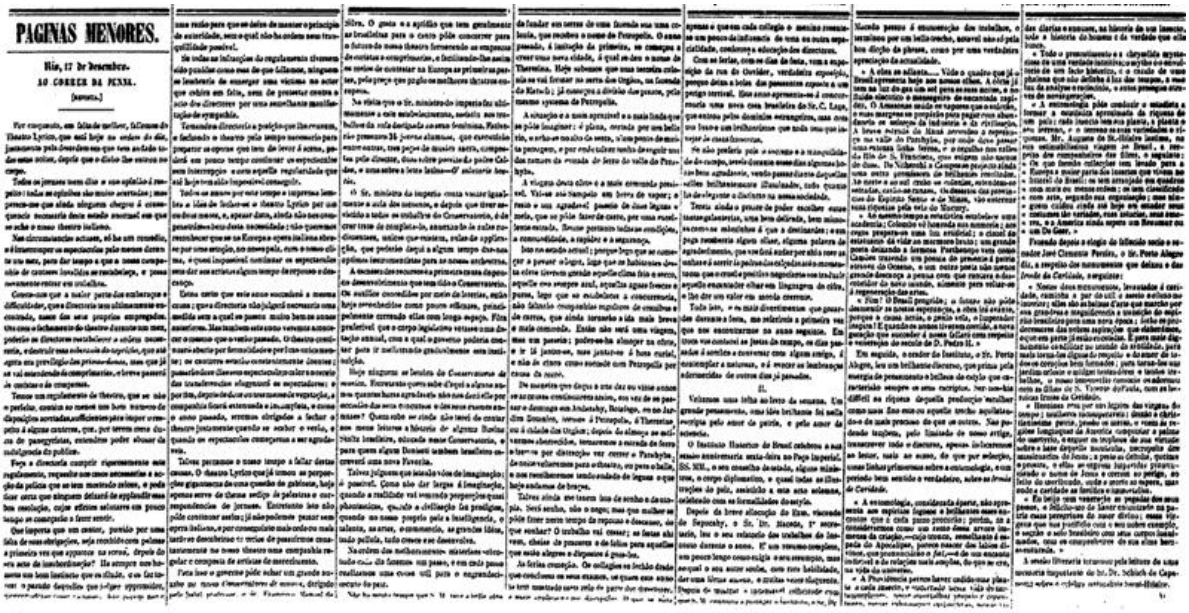
Com tal expediente, além da periodicidade já assinalada, ressalta-se outro componente da matriz midiática, como apontado por Marie-Ève Therenty, qual seja, a *atualidade (actualité)*, traduzida no tempo que decorre entre a publicação do texto e a chegada deste às mãos do leitor.

Como o jornal, no caso, saiu somente em 4 de dezembro, o folhetim de 3 de dezembro se liga a este e produz um efeito de "notícia fresca". Poderia ser dito que o intervalo de um dia não é suficiente para tornar uma notícia ou um comentário sobre esta datado, mas também se pode dizer que, muito antes da era da internet, nos primórdios da era midiática, já existia a preocupação com a rapidez e a atualidade da informação.

Portanto, apesar do conteúdo simples dos folhetins comentados, o modo como estes foram dispostos e publicados mostra-se revelador dos expedientes do jornal para a publicação de textos e de como o folhetinista adapta o seu tempo de escrita às exigências do suporte nascido na era midiática.

Outro exemplo de tais características, apontadas como constantes do folhetim anterior, mostram-se de modo evidente no folhetim de 17 de dezembro de 1854, com a localização do folhetinista dentro da linha temporal anterior à publicação, bem como nas modificações empreendidas em função da publicação no original em jornal e na publicação posterior em formato de livro, conforme será a seguir mostrado.

Figura 25 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 17 de dezembro de 1854



PAGINAS MENORES.

Rio, 17 de Dezembro.

AO CORREIO DA PENNA.

[illegible]

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

E o folhetim acima começa como a maioria dos outros publicados nesta seção por Alencar, com o título *ao correr da pena* e a designação *revista*, como é mostrado na ampliação reproduzida a seguir:

Figura 26 - ampliação de trecho do folhetim reproduzido na figura 25

PAGINAS MENORES.

Rio, 17 de dezembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Por emquanto, em falta de melhor, fallemos do Theatro Lyrico, que até hoje na *ordem do dia*, justamente pela desordem em que tem andado todas estas noites, depois que o diabo lhe entrou no corpo.

Todos os jornaes teem dito a sua opinião á respeito: todas as opiniões são muito acertadas; mas parece-me que ainda ninguem chegou á consequencia necessaria deste estado anormal em que se acha o nosso theatro italiano.

Nas circumstancias actuaes, só ha um remedio, e é interromper os espectaculos pelo menos durante um mez, para dar tempo a que a nossa companhia de cantores invalidos se restabeleça, e possa *novamente entrar em trabalhos*.

Consta-nos que a *maior* parte dos embaraços e difficuldades, que a directoria tem ultimamente encontrado, nasce dos seus proprios empregados. Ora com o fechamento do theatro durante um mez, poderão os directores restabelecer a ordem necessaria, e destruir essa *soberania do capricho*, que até agora era privilegio das *primas-donas*, mas que já se vai estendendo ás comprimarias, e breve passará ás coristas e ás comparsas.

uma razão para que se deixe de manter o principio de autoridade, sem o qual não ha ordem nem tranquillidade possivel.

Se todas as infracções do regulamento tivessem sido punidas como essa de que fallamos, ninguem se lembraria de aggravar uma victima no acto que estava em falta, nem de protestar contra o acto dos directores por uma semelhante manifestação de sympathia.

Tomando a directoria a posição que lhe convem, e fechando o theatro pelo tempo necessario para preparar as operas que tem de levar á scena, poderá em pouco tempo continuar os espectaculos sem interrupção e com aquella regularidade que até hoje tem sido impossivel conseguir.

Todos os annos por este tempo a imprensa lembra a idéa de fechar-se o theatro Lyrico por um ou dous mezes, e, apesar disto, ainda não nos compenetrámos bem desta necessidade: não queremos reconhecer que se na Europa a opera italiana abre-se por uma estação, no nosso paiz, com o nosso clima, é quasi impossivel continuar os espectaculos sem dar aos artistas algum tempo de reposo e descanço.

Estou certo que este anno succederá a mesma cousa; que a directoria não julgará necessaria uma medida sem a qual se passou muito bem os annos anteriores. Mas tambem este anno veremos acontecer o mesmo que o verão passado. O theatro continuará aberto por formalidade e por fim unicamente: os cantores estarão constantemente doentes; passarão dous dias sem espectaculo; o calor e o receio das transformações affugentará os espectadores: o

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

O autor inicia comentando o teatro lírico, defendendo o fechamento temporário da casa de espetáculos, a fim de preservar a saúde e a qualidade dos artistas. A seguir, discorre acerca dos problemas enfrentados pelo conservatório musical da cidade, problemas, estes, que deveriam merecer maior atenção das autoridades, a fim de que se aumentasse a possibilidade de revelação de novos talentos.

Veja-se que em ambos os casos, aqui passados rapidamente, pois não são o assunto principal comentado; o folhetinista não se atém ao tempo próximo, característica comum de uma *revista*, mas chama a atenção das autoridades para aspectos do que o folhetinista considera importante para seus leitores.

Tais detalhes, contudo, não chamam mais a atenção do que o final do folhetim, já em sua segunda parte que, na versão publicada em livro, assim termina:

> Voltemos uma folha ao livro da semana. Um grande pensamento, uma idéia brilhante foi nela escrita pelo amor da pátria, e pelo amor da ciência.
>
> O Instituto Histórico do Brasil celebrou a sua sessão aniversária sexta-feira no Paço Imperial. SS.MM., o seu Conselho de Estado, alguns ministros, o corpo diplomático, e quase todas as ilustrações do país, assistiram a este ato solene, celebrado com as formalidades do estilo.
>
> Depois da breve alocução do Exmo. Visconde de Sapucaí, o Sr. Dr. Macedo, 1.º Secretário, leu o seu relatório dos trabalhos do Instituto durante o ano. É um resumo completo, um pouco longo, como exigia o seu assunto, mas ao qual o seu autor soube, com rara habilidade, dar uma forma amena, e muitas vezes eloqüente. Depois de mostrar a incansável solicitude com que S.M. continua a proteger o Instituto, o Sr. Dr. Macedo passou à enumeração dos trabalhos, e terminou por um belo trecho, notável não só pela boa dicção da frase, como por uma verdadeira apreciação da atualidade. (ALENCAR, 2004, p. 154-155)

Ocorre que o "belo trecho" mencionado por Alencar em seu folhetim não aparece nas versões publicadas em formato de livro, incluindo a primeira edição, revisada pelo próprio autor. Veja-se que referido trecho consta da versão publicada nas páginas do *Correio Mercantil* naquela data:

Figura 27 - recorte do trecho final do folhetim publicado no Correio Mercantil e representado pela figura 25

apenas é que em cada collegio o menino recebe um pouco de influencia de uma ou outra especialidade, conforme a educação dos directores.

Com as férias, com os dias de festa, vem a exposição da rua do Ouvidor, verdadeira exposição, porque deixa a bolsa dos pensionistas exposta a um perigo terrivel. Este anno apresenta-se á concurrencia uma nova casa brasileira do Sr. C. Lage, que entrou pelos domínios estrangeiros, mas com tino feliz e um brilhantismo que nada tem que invejar ás casas francezas.

Se não preferis pois o socego e a tranquillidade do campo, terás durante estes dias alguns horas bem agradaveis, vendo passar diante daquelles salões brilhantemente illuminados, tudo quanto ha de elegante e distincto na nossa sociedade.

Terás ainda o prazer de poder escolher entre muitas galanterias, uma bem delicada, bem mimosa como as mãosinhas á que a destinardes; e em paga receberás algum olhar, alguma palavra de agradecimento, que vos fará andar por ahi com as orelhas á sorrir ás pobrezinhas calçadas, até momentaneamente que o cruel e positivo negociante vos traduzir aquelle encantador olhar em linguagem de cifra, e lhe dar um valor em moeda corrente.

Tudo isto, e os mais divertimentos que gozardes durante a festa, me referireis a primeira vez que nos encontrarmos no anno seguinte. Em troca vos contarei as festas do campo, os dias passados á sombra a conversar com algum amigo, á contemplar a natureza, e á evocar as lembranças adormecidas de outros dias já passados.

II.

Voltemos uma folha ao livro da semana. Um grande pensamento, uma idéa brilhante foi nella escripta pelo amor da patria, e pelo amor da sciencia.

O Instituto Historico do Brasil celebrou a sua sessão anniversaria terça-feira no Paço Imperial. SS. MM., o seu conselho de estado, alguns ministros, o corpo diplomatico, o quasi todas as illustrações do paiz, assistirão a este acto solemne, celebrado com as formalidades do estylo.

Depois da breve allocução do Exm. visconde do Sapucahy, o Sr. dr. Macedo, 1º secretario, leu o seu relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno. É um resumo completo, um pouco longo como exigia o seu assumpto, mas ao qual o seu autor soube, com rara habilidade, dar uma fórma amena, e muitas vezes eloquente. Depois de louvar a incessante solicitude com

Macedo passou á enumeração dos trabalhos, e terminou por um bello trecho, notavel não só pela bôa dicção da phrase, como por uma verdadeira apreciação da actualidade.

« A obra se adianta..... Vide o quadro que já o Brasil apresenta hoje aos nossos olhos. A côrte já tem na luz do gaz um sol para as suas noites, e no fluido electrico o mensageiro do encantado rapidez. O Amazonas sente os vapores que o sulcam, e suas margens se povoarão para pagar com abundancia os esforços da industria e da civilisação. A bocca entrada do Mamé pertence á esperança na valle do Parahyba, por onde deve passar uma estrada ferra, e o orgulho nos valles do Rio. De Nitherohi a Campos se projecta ainda uma outra promettendo os brilhantes resultados. No norte e ao sul crião-se colonias, estudam-se metaes, variedades novas, as desertas das provincias do Espirito Santo e de Minas, vão entornar suas riquezas pela veia do Mucury.

« Ao mesmo tempo a estatistica estabelece uma academia: Colombo vê honrada sua memoria; aos cegos prepara-se uma luz artificial; o cinzel do estatuario dá vida ao marmore bruto; uma grande ponte deixando a formosa Portbeagpe vem como Camões trazendo um pouco do pensamento á patria atravez do Oceano, e um outro porta não menos grande descança a penna com que cantava o descobridor do novo mundo, afinando para voltar-se á regeneração das artes.

« Sim! O Brasil progride; o futuro não póde desmentir as nossas esperanças, a obra irá avante, porque a causa nobre, o genio vela, o Imperador inspira! E quando os annos tiverem corrido, a nova geração que succeder á nossa fallará com respeito e veneração do seculo de D. Pedro II. »

Em seguida, o orador do Instituto, o Sr. Porto Alegre, leu um brilhante discurso, que prima pela energia do pensamento e belleza do estylo que caracterisão sempre os seus escriptos. Ser-nos-hia difficil na riqueza daquella producção escolher como mais fino este ou aquelle trecho aquilatando o de mais preciso do que os outros. Não podendo tambem, pelo limitado de nosso artigo, transcrever todo o discurso, apenas lembraremos ao leitor, mais ao acaso, do que por selecção, umas linhas primorosas sobre a entomologia, o um periodo bem sentido e verdadeiro, sobre as *femias de Caridade*.

« A entomologia, considerada á parte, não apresenta aos espiritos fogosos e brilhantes esses encantos que a cada passo procurão; porém, se a considerarmos como um ramo desse arvore immensa da criação,—cujo tronco, semelhante á espada do Apocalipse, parece nascer dos labios divinos, que pronunciárão o *fiat*,—é de um encanto indizivel e de relações mais amplas, do que se crê, na vida do universo.

« A Providencia parece haver cedido uma planta a cada insecto, e sucedendo outra vida de metamorphoses, [illegible] das diarias e enxames, na historia de um insecto, toda a historia do homem e da verdade que elle busca.

« Todo o procedimento é a chrysalida mysteriosa de uma verdade intuitiva; o myrtho é o envolucro de um facto historico, e o casulo de uma phalena que não definha á luz dos tempos, a mesma luz da analyse e reclectismo, o antes proseguem através de novas gerações.

« A entomologia póde conduzir o estadista a formar a estatistica aproximada da riqueza de um paiz: cada insecto tem sua planta, a planta o seu terreno, e o terreno as suas variedades e riquezas. Mr. Augusto de St.-Hilaire lastima, na sua estimabilissima viagem ao Brasil, a respeito dos companheiros das flôres, o seguinte: « Os que formão collecções tem levado para a « Europa a maior parte dos insectos que vivem no « littoral do Brasil; os tem arranjado em quadros « com mais ou menos ordem; os tem classificado « com arte, segundo sua organisação; mas ninguem cuidou ainda até hoje em estudar seus « costumes tão variados, suas astucias, seus amores. e a America ainda espera um Reaumur ou « um De Geer. »

Fazendo depois o elogio do fallecido socio o senador José Clemente Pereira, o Sr. Porto Alegre diz, a respeito dos monumentos que deixou o das *Senda da Caridade*, o seguinte:

« Nestes dous monumentos, levantados á caridade, caminha a par do util o bello ao luxo no interior; elles são as balisas d'arte que marcão por sua grandeza e magnificencia a transição do espirito brasileiro para uma nova época; talvez os pensamentos das nobres aspirações que elaborámos, o que em parte já estão encetadas. E para mais dignamente os edificar no mundo da actualidade, para mais torna-los dignos do respeito e do amor de todos os corações bem formados; para torna-los um jardim celeste e mitigar tantas dôres e tantos trabalhos, o nosso benemerito conselho os adornou com as filhas de S. Vicente de Paula, com as heroicas Irmãs da Caridade.

« Recebeu-as com as honras dos templos das virgens do templo; mulheres incomparaveis: deixão a christianissima patria, pessoas de nome, e vem ás regiões longinquas da America conquistar a palma do martyrio, e arguir os trophéos de sua virtude sobre a base daquelle monticulo, necropolis dos missionarios de Jesus: a peste as debilita, queima e prostra, e ellas se erguem heroicas proseguindo o nome de Jesus e correm ao perigo, ao leito do moribundo, onde a morte as espera, mas onde a caridade as fortifica e immortalisa.

« Eu beijo com veneração as pegadas dos seus passos, e felicito-me de haver encontrado na patria essas peregrinas do amor divino: essas virgens que nos purificão com o seu nobre exemplo, o sagrão o solo brasileiro com seus corpos inanimados, com os companheiros de sua alma hermosa e suave. »

A sessão litteraria terminou pela leitura de uma memoria importante do dr. Fr. Schlich de Capanema sobre o [illegible] Saint-Hilaire.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Para melhor localização, veja-se o início do item II na primeira coluna da figura. Pois o texto publicado, nas versões reunidas em forma de livro dos folhetins Alencarianos, encerram o texto no final do primeiro parágrafo da segunda coluna. A partir de então, inicia-se o trecho omitido, que seria uma transcrição do trecho do pronunciamento do Dr. Macedo, referido pelo folhetinista no parágrafo que encerra a versão resumida publicada em livro. Segue ainda o

relato do folhetinista acerca do discurso do "Sr. Porto Alegre", orador do instituto, o qual

> [...] prima pela energia de pensamento e beleza de estilo que caracterizam sempre seus escritos. Ser-nos-ia difícil na riqueza daquela produção escolher este ou aquele trecho aquilatando-o de mais precioso que os outros. Não podendo também, pelo limitado de nosso artigo, transcrever todo o discurso, apenas indicaremos ao leitor, mais por acaso que por seleção, umas linhas primorosas sobre a entomologia, e um período bem sentido e verdadeiro sobre as *Irmãs de Caridade.* (ALENCAR, *Correio Mercantil, 17 de dezembro de 1854, p.1*)

Nota-se que, de fato, tanto o trecho do Discurso do Sr. Macedo, mencionado no final da versão publicada em livro, como o trecho do discurso de Porto Alegre, mencionados por Alencar no jornal, foram sumariamente extirpados do folhetim desde a primeira versão publicada em livro. Vê-se, também, que a adoção de tal expediente, embora não tenha causado grande prejuízo ao leitor do livro, resulta em uma solução de continuidade em relação às duas versões, pois o folhetim publicado em livro faz menção, em seu final, a algo que não aparece no texto.

É possível conjecturar que o próprio Alencar, avesso a cortes e interferências em seus textos, não tenha ordenado ou visto tal corte antes da publicação da coletânea em sua primeira edição, em 1874. Mas também é possível dizer que Alencar, ou quem tenha feito a reunião e revisão dos folhetins, tenha levado em conta o público leitor da época em que o livro foi lançado e concluído que tal inserção não mais se fazia necessária cerca de vinte anos após a publicação do original no rodapé de página do *Correio Mercantil.*

Em tais casos, quando da diferenciação entre o público leitor de livros e o leitor de jornais, entra a visão daquele que escreve ou publica em relação ao público leitor ao qual a obra é direcionada. E isso porque os discursos que constavam na versão publicada originalmente no *Correio Mercantil* encontravam-

se em consonância com o público leitor da época, ou seja, o fator atualidade, já comentado aqui e pertencente ao jornal não mais se fazia presente quando da edição da coletânea dos folhetins publicados duas décadas antes.

Não se pode, portanto, negar o papel que o leitor desempenha em relação àquilo que o cronista escreve ou publica. Desta forma, o leitor não pode ser ignorado. Como afirma Todorov:

> A imagem do narrador não é uma imagem solitária; desde que aparece, desde a primeira página, ela é acompanhada do que se pode chamar "a imagem do leitor". Evidentemente, esta imagem tem tão poucas relações com um leitor concreto quanto a imagem do narrador com o autor verdadeiro. Os dois encontram-se em dependência estreita um do outro, e desde que a imagem do narrador começa a sobressair mais nitidamente, o leitor imaginário encontra-se também desenhado com mais precisão. Estas duas imagens são próprias a toda obra de ficção: a consciência de ler um romance e não um documento leva-nos a fazer o papel deste leitor imaginário e ao mesmo tempo apareceria o narrador, o que nos relata a narrativa, já que a própria narrativa é imaginária. Esta dependência confirma a lei semiológica geral segundo a qual "eu" e "tu", o emissor e o receptor de um enunciado, aparecem sempre juntos. (TODOROV, 1972, p. 246)

Com o seu trabalho como folhetinista, tanto no *Correio Mercantil* como no *Diário do Rio de Janeiro*, José de Alencar passa a tratar sua percepção do público leitor em outro nível, mais próximo. Essa porosidade entre autor e público, mediada pela obra, também ocorre com Alencar na transposição de seus folhetins do suporte jornal para o suporte livro, em uma relação que envolve um nível de tensão claramente perceptível. Como afirmado por Antônio Cândido (1975, p.74 – grifos no original):

> Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um ***papel social***, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades

> profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.

Desse modo, o ato aparentemente irrelevante de exclusão de um trecho do original publicado em jornal quando da reunião de tais escritos em forma de livro, cerca de vinte anos depois, dá uma mostra da visão de quem escreve ou publica em relação ao público leitor, em uma diferenciação que influencia as técnicas de escrita e de leitura. Trata-se, no caso, como muitas vezes ocorre em tal espécie de transposição, da perenidade da literatura se sobrepondo à atualidade ou ao imediatismo da matriz midiática.

Os trechos dos discursos que foram excluídos na transposição para o livro, não seria absurdo afirmar, poderiam ter sido considerados datados ou irrelevantes para o leitor da coletânea, que não situaria os fatos comentados à época de sua leitura, principalmente se considerarmos a oposição de elementos temporais em relação ao jornal e ao livro, atualidade e perenidade, como já dito.

E Alencar encerra o ano de 1854 com um folhetim já não voltado ao comentário dos fatos da semana, em sua principal característica de revista, mas fazendo um esforço em passar a limpo alguns dos fatos ocorridos no ano. E não o faz da forma comum ao folhetinista, relatando os fatos e os comentando, mas através de um esforço ficcional, introduzindo elementos da imaginação à realidade, relatando o diálogo do folhetinista com o ano que finda, já em seu último dia, em uma divertida troca de cobranças e censuras.

Figura 28 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 31 de dezembro de 1854

PAGINAS MENORES.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Apesar do precário estado de conservação do original quando microfilmado e aqui reproduzido, é possível notar que o folhetim publicado originalmente no jornal foi totalmente conservado quando da sua transposição para o formato livro, com apenas uma diferença: no trecho ampliado e abaixo reproduzido, nota-se a inserção de uma quebra que, embora não comprometa a continuidade da narrativa, quando suprimida da edição em livro (consta da primeira edição de 1874), não influi no todo do folhetim, quando lido.

Ademais, enquanto que no original publicado no *Correio Mercantil* o folhetim veio sem qualquer título ou epígrafe, já na primeira edição de 1874, ao final do volume, onde os folhetins reunidos foram separados por epígrafes como se fossem capítulos de um livro, tal folhetim veio designado ao final com a epígrafe *um conto de Hoffmann*, com isto o editor da coletânea fazendo referência a Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822), escritor e pintor associado ao romantismo alemão e um dos mestres do chamado conto fantástico.

Com isso, quem publicou a coletânea, forçoso concluir, terminou por associar o teor do quanto escrito por Alencar e o papel central do autor no período romântico da literatura brasileira para equiparar o folhetim a um conto fantástico, no estilo daqueles escritos por Hoffmann. Já em edições posteriores da Edigraf, aqui também considerada, bem como na edição preparada por João Roberto Faria, o folhetim leva a rubrica *um conto fantástico*, já não mais associando Alencar a um autor ou movimento, mas ao gênero manipulado pelo autor na escrita do folhetim.

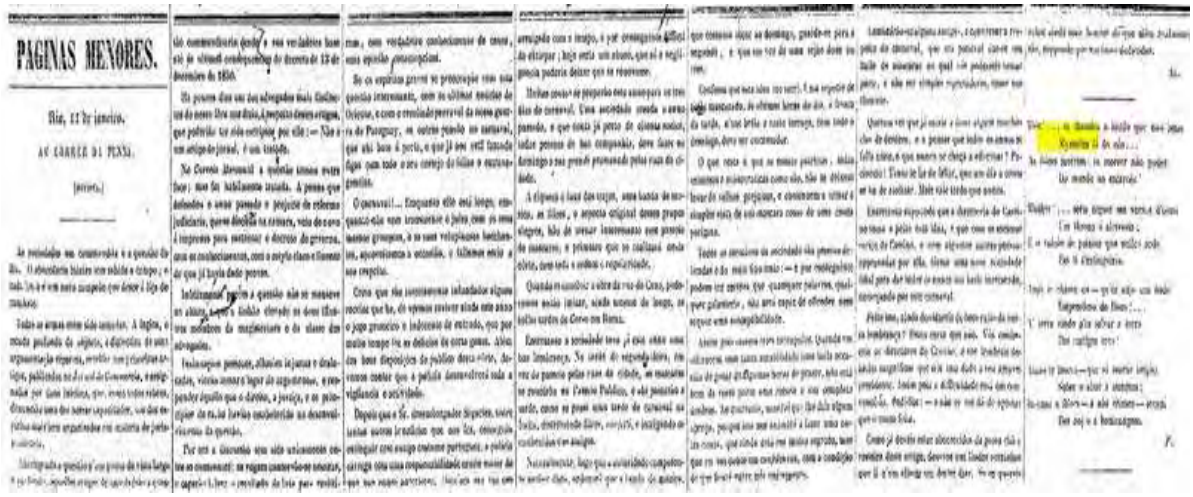
Tal mudança de rubricas, ao longo das edições faz notar o crescente distanciamento do leitor do jornal em relação ao leitor do livro, pois se faz necessário localizar o leitor ao longo do tempo, com relação aos objetivos do folhetinista. Assim é que, na edição de 1874, a referência direta a Hoffmann na epígrafe certamente não soava estranha ao leitor de então, ainda familiarizado com a obra do autor alemão, falecido há não muitos anos. E nas edições seguintes, já passado mais de um século da morte do autor alemão, não é absurdo afirmar que ao editor não mais interessava a comparação direta entre Alencar e Hoffmann, razão pela qual a referência, nas edições seguintes, apenas ao gênero ao qual se vincula o folhetim publicado.

Deste modo, não apenas a transferência de suporte interfere na forma de leitura do folhetim, mas também a passagem do tempo dentro do mesmo suporte e as escolhas feitas por quem publica, respeitado o momento não mais da crônica, mas do leitor da crônica.

Com tais considerações, fica, mais uma vez, reforçado o caráter híbrido do folhetim, no qual o autor passa a limpo os principais assuntos da semana (como o nome revista designa) ou do ano, como no caso desse folhetim de encerramento do período, mesclado a um esforço ficcional, dentro do campo do fantástico, e mesmo com elementos de ironia, aproximando este folhetim do final de 1854 da crônica desenvolvida no século XX e posteriormente, chamando a atenção do leitor para a realidade por meio de expedientes ficcionais.

Adentrando ao ano de 1855, ainda publicando seus folhentins no *Correio Mercantil*, o primeiro texto a se destacar é aquele publicado em 14 de janeiro, não apenas pelos assuntos visitados por Alencar, mas também pela forma como o suporte foi utilizado no espaço do rodapé do jornal:

Figura 29 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 14 de janeiro de 1855



PAGINAS MENORES.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Nesse folhetim, Alencar faz jus ao subtítulo *revista* da seção e passa a limpo, segundo sua ótica, os assuntos mais comentados da semanda. Começa falando das sociedades comanditárias ou, mais especificamente, do projeto de lei que as regula e que seria alvo de discussão pelos jornais, especialmente pelo *Jornal do Comércio*. Escreve Alencar (2004, p. 196-197) sobre o assunto:

> As sociedades em comandita, eis a questão do dia. O abecedário inteiro tem saído a campo; e cada letra é um novo campeão que desce à liça do combate.
>
> Todas as armas têm sido tomadas. A lógica, o estudo profundo do objeto, a dialética de uma argumentação vigorosa, ressaltam nos primeiros artigos, publicados no Jornal do Comércio e assinados por duas iniciais, que, como todos sabem, denunciam uma das nossas capacidades, um dos espíritos mais bem organizados em matéria de jurisprudência.

> Abrangendo a questão num ponto de vista largo e profundo, aqueles artigos desenvolveram a questão comanditária desde a sua verdadeira base até as últimas conseqüências do decreto de 13 de dezembro de 1850.
>
> Há poucos dias um dos advogados mais distintos do nosso foro nos dizia, a respeito destes artigos, que poderiam ter sido escritos por ele: Não é um artigo de jornal, é um tratado.
>
> No Correio Mercantil a questão tomou outra face; mas foi habilmente tratada. A pena que defendeu o ano passado o projeto de reforma judiciária, que se discutia na câmara, veio de novo à imprensa para sustentar o decreto do governo, com os conhecimentos, com o estilo claro e fluente de que já havia dado provas.
>
> Infelizmente, porém a questão não se manteve na altura a que a tinham elevado os dois ilustres membros da magistratura e da classe dos advogados.
>
> Insinuações pessoais, alusões injustas e deslocadas, vieram tomar o lugar de argumentos, e responder àquilo que o direito, a justiça e os princípios de razão haviam estabelecido no desenvolvimento da questão.

Destaca-se o assunto abordado aqui pelo folhetinista e pelo qual, neste caso, o autor passa rapidamente, pois mais à frente Alencar retoma a questão das sociedades comanditárias e da eferevescente especulação financeira, desferindo duros ataques aos especuladores, o que resultou no corte de diversos trechos de tal folhetim e culminou no pedido de demissão de Alencar do *Correio Mercantil*, aposentando temporariamente a pena de folhetinista para, posteriormente, fazê-la correr novamente nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*.

A seguir, Alencar passa a discorrer sobre o carnaval que se aproxima e faz sugestões que considera pertinentes para que a festa transcorra da melhor forma possível, sugerindo a organização de um baile de máscaras pela diretoria do *Casino*. Em folhetim anterior, o autor já havia condenado a brincadeira do entrudo, assinalando o modo como Alencar comemora o progresso do Rio de Janeiro, tanto do ponto de vista material como da evolução social.

Como afirmado por João Roberto Faria, "um dos traços marcantes dos folhetins "Ao correr da pena" é o elogio do progresso" (FARIA, 2004, XXV).

Esse encantamento com o progresso acompanha o folhetinista Alencar em harmonia com o progresso dos meios de comunicação de massa no século XIX, no caso, do jornal, bem como no que diz respeito aos constantes elogios de determinados hábitos europeus, como a *flânerie*, por exemplo.

Esse "elogio do progresso" apontado por Faria, contudo, não vem dissociado de contradições no que diz respeito a determinados pontos de vista do escritor. E isto porque Alencar se encantava, diga-se, com o progresso material, como no folhetim no qual elogio a abertura de uma galeria equivalente àquelas que se encontrava na França ou na descrição elogiosa que faz da nova confecção e das modernas máquinas de costura, por outro lado no que diz respeito a suas convicções políticas e sociais, o folhetinista ainda se mostrava um renhido conservador, como o folhetim no qual ataca o mercado de capitais então em desenvolvimento no Rio de Janeiro, no episódio que resultaria em sua demissão do *Correio Mercantil*.

Outro bom campo para se avaliar essa face contraditória de Alencar se mostra fora dos folhetins. Encerradas suas atividades como folhetinista, a partir de 1857 inicia-se a carreira do dramaturgo que se converteria no mais renomado repertório dramático do século XIX dentre os autores brasileiros.

E os textos tetrais de Alencar expõem justamente o espírito contraditório do escritor, tanto do ponto de vista formal, na medida em que se dizia adepto do então nascente realismo francês, mas usava de diversos expedientes românticos nas soluções de suas peças, como em *As asas de um anjo*, ou no polêmico desfecho de *O demônio familiar*, no qual o travesso escravo Pedro recebe como "castigo" de seu senhor a liberdade, após todas as confusões que provoca entre as personagens da peça.

De um lado, portanto, Alencar via o progresso material com bons olhos, mas resistia em pagar o preço da evolução social, por outro lado, ao defender posições anti-abolicionistas em sua obra teatral e nas *Cartas de Erasmo ao Imperador*, nas quais faz uma defesa da manutenção da escravatura e argumenta,

em síntese, que a pura e simples extinção do regime de escravidão jogaria o país em um caos social, acreditando Alencar que a solução seria o desaparecimento gradual da raça negra, que seria absorvida pela raça branca no decorrer de gerações de miscigenação.

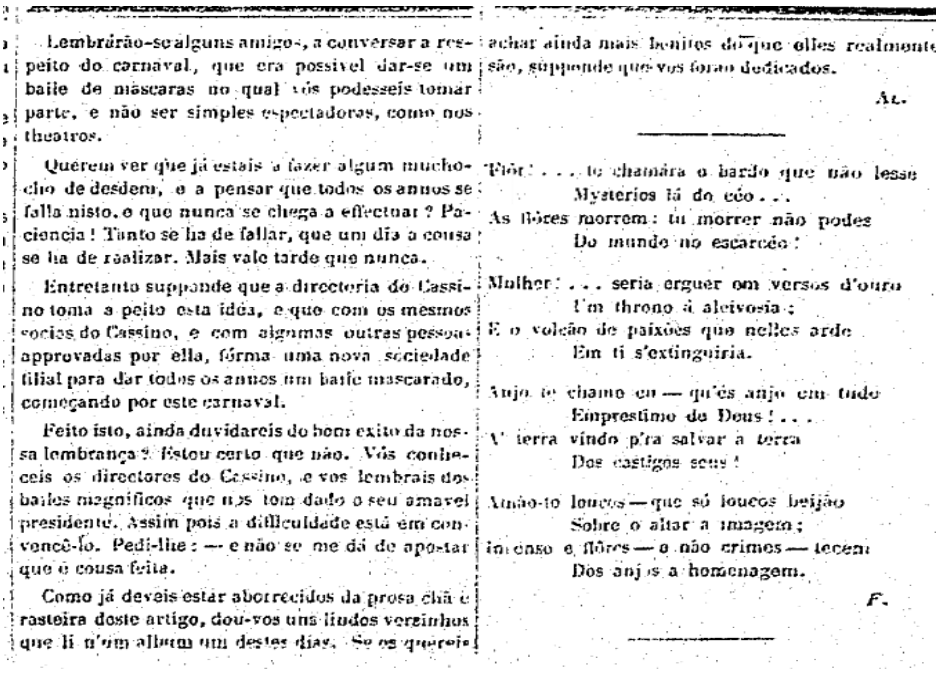
Logo, esse caráter contraditório acompahou toda a obra do escritor, oscilando entre o encanto com o progresso e o ataque à instituições burguesas estabelecidas e a valorização da simplicidade e da honra, em contraste com uma pretensa sofisticação.

Interessante, ainda, notar que o olhar de Alencar, não obstante a ironia de muitos dos seus textos, é um olhar muito mais ameno do que o de outros folhetinistas, como João do Rio, por exemplo, que usava de uma ironia mais mordaz e impiedosa com a nova sociedade que surgia no Rio de Janeiro da época, debochando das reações deslumbradas do fluminense face à chegada de novas máquinas e novos hábitos, sempre com a ressalva, por óbvio, da diferença entre os períodos em que os textos de cada autor foram escritos.

No que concerne à ocupação do rodapé da página, nota-se que Alencar escreve ao final da versão do folhetim que foi publicada em livro, tanto na edição de 1874 quanto naquela mais recente, organizada por João Roberto Faria: “Como já deveis estar aborrecida da prosa chã e rasteira deste artigo, dou-vos uns lindos versinhos que li num álbum um destes dias. Se os quereis achar ainda mais bonitos do que eles realmente são, suponde que vos foram dedicados”. (ALENCAR, 2004, p. 201)

Tais versos, que não foram publicados nas coletâneas posteriores, saíram do modo como reproduzido abaixo:

Figura 30 - recorte e ampliação do trecho final do folhetim reproduzido na figura 29 - no final o poema mencionado



Lembrárão-se alguns amigos, a conversar a respeito do carnaval, que era possivel dar-se um baile de mascaras no qual vós podesseis tomar parte, e não ser simples espectadoras, como nos theatros.

Quérem ver que já estais a fazer algum muchocho de desdem, e a pensar que todos os annos se falla nisto, e que nunca se chega a effectuar? Paciencia! Tanto se ha de fallar, que um dia a cousa se ha de realizar. Mais vale tarde que nunca.

Entretanto suppondo que a directoria do Cassino toma a peito esta idéa, e que com os mesmos socios do Cassino, e com algumas outras pessoas approvadas por ella, fórma uma nova sociedade filial para dar todos os annos um baile mascarado, começando por este carnaval.

Feito isto, ainda duvidareis do bom exito da nossa lembrança? Estou certo que não. Vós conheceis os directores do Cassino, e vos lembrais dos bailes magnificos que nos tem dado o seu amavel presidente. Assim pois a difficuldade está em convencê-lo. Pedi-lhe: — e não se me dá de apostar que é cousa feita.

Como já deveis estar aborrecidos da prosa chã e rasteira deste artigo, dou-vos uns lindos versinhos que li n'um album um destes dias. Se os quereis achar ainda mais bonitos do que elles realmente são, suppondo que vos forão dedicados.

A.

Flôr! . . . te chamára o bardo que não lesse
Mysterios lá do céo . . .
As flôres morrem: tu morrer não podes
Do mundo no escarcéo!

Mulher! . . . seria erguer em versos d'ouro
Um throno á aleivosia;
E o volcão de paixões que nelles arde
Em ti s'extinguiria.

Anjo te chamo eu — qu'és anjo em tudo
Emprestimo de Deus! . . .
A terra vindo p'ra salvar a terra
Dos castigos seus!

Ajoelho-te louco — que só loucos beijão
Sobre o altar a imagem;
Incenso e flôres — e não crimes — tecem
Dos anjos a homenagem.

F.

---

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Unindo o final do folhetim publicado em livro à continuação aqui reproduzida, vê-se que, não obstante a pouca importância do poemeto para o leitor, porquanto utilizado provavelmente apenas para a ocupação do espaço faltante no rodapé da página, ao leitor do livro a extirpação do trecho que constava do suporte original resulta em uma solução de continuidade que causa estranhamento, pois o poema anunciado pelo folhetinista não aparece para o leitor da coletânea publicada no suporte livro.

Tal efeito já foi comentado acima, cabendo apenas acrescentar que a transposição em tais casos do suporte jornal para o livro com a modificação ou retirada de trechos do original em relação ao que foi republicado decorre da ausência de uma das principais características da matriz midiática, ou seja, a *atualidade*. Quando tal característica deixa de ser relevante à compreensão do leitor, a transposição para um novo suporte com as alterações já comentadas

termina por causar uma sensação de estranhamento ao leitor mais atento, mas não prejudica a leitura ou compreensão do texto, já desvinculado do período em que foi publicado.

Outra face dessa transposição a ser observada diz respeito à *coletividade* da matriz midiática ou do suporte jornal em relação ao livro, ou seja, ao acrescentar um poema que não seja de sua autoria para completar o espaço do rodapé da página, Alencar transforma o seu espaço de escrita em obra coletiva, agregando uma voz diversa da sua ao folhetim.

Essa alternância de vozes, típica do romance moderno, embora não tenha nascido com este, torna a questão da autoria menos compacta, mais fragmentada, comum ao jornal, obra coletiva que é. Na modificação para o suporte livro, tais traços de coletividade autoral vão desaparecendo na medida em que o livro é publicado como uma coletânea de folhetins de determinando autor, no caso José de Alencar, apagando-se os traços de autoria coletiva, mesmo que referidos pelo autor, como no caso dos poemas que completaram algumas publicações, como no caso discutido, ou do discurso transcrito por Alencar em folhetim anterior já comentado.

Já o folhetim de 21 de janeiro de 1855 é um dos mais interessantes desta série, por conter elementos que, agrupados, dizem respeito tanto à experimentação que Alencar gostava de praticar em seus escritos, bem como na questão de transposição de um suporte a outro, contrastando com critérios anteriores já mostrados aqui e que serão comentados adiante.

Figura 31 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 21 de janeiro de 1855

PAGINAS MENORES.

Rio, 21 de janeiro.

AO CORREIO DA TARDE.

(Secunda.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Não obstante a ausência da continuação do folhetim quando da microfilmagem levada a efeito para este trabalho, é possível extrair alguns elementos que dizem respeito a questões acerca da manipulalção da narrativa por Alencar, bem como na transposição do suporte, senão vejamos.

O início do folhetim, por ocasião do aniversário de fundação da cidade do Rio de Janeiro, mostra-se como um misto de narrativa histórica e lenda de formação, na qual o narrador volta no tempo e segue até os dias de independênicia do país, como mostrado no trecho:

> A imaginação se lança no espaço, percorre mundos desconhecidos, atravessa o tempo e a distância, e vai muitas vezes acordar os ecos do passado, revolver as cinzas das gerações extintas, ou contemplar as ruínas de uma cidade opulenta, de um vasto império abatido.
> A história se desenha então como um grande monumento. Ao volver-lhe as páginas, volvem-se os séculos. Os anos correm por minutos. As raças que desapareceram da face da terra se levantam do pó, e passam como sombras fugitivas. Cada folha do grande livro, é o berço de um povo, ou o túmulo de uma religião, um episódio na vida da humanidade.
> Era tarde da noite.
> [...]
> O tempo, por uma coincidência notável, parece ter confiado ao mês de janeiro os maiores acontecimentos, os destinos mesmos desta grande cidade que dele recebeu o seu nome,

que com ele surgiu do seio dos mares aos olhos dos navegantes portugueses, e neles recebeu o primeiro influxo da civilização e ergueu-se das entranhas da terra para um dia talvez vir a ser a rainha da América.

E todas essas recordações se traçavam no meu espírito vivas e brilhantes. As sombras se animavam, os mortos se erguiam, o passado renascia.

Aquela massa negra da cidade que se destacava no meio da escuridão da noite levantava-se aos meus olhos como um pedestal gigantesco, onde de momento a momento vinha colocar-se uma grande figura de nossa história, que se desenhava no fundo luminoso de um quadro fantástico.

Era uma visão como o sonho de Byron, como a cena da gruta no Mackbeth de Shakespeare.

Vi ao longe os mares que se alisavam , as montanhas que se erguiam, as florestas virgens que se balouçavam ao sopro da aragem, sob um céu límpido e sereno.

Tudo estava deserto. A obra de Deus não tinha sido tocada pela mão dos homens. Apenas a piroga do índio cortava as ondas, e a cabana selvagem suspendia-se na escarpa da montanha.

A bela virgem da Guanabara dormia ainda no seio desta natureza rica e majestosa, como uma fada encantada por algum condão das lendas de nossos pais.

A aurora de um novo ano - de 1531 - surgia dentre as águas, e começava a iluminar esta terra inculta. Algumas velas brancas singravam ao longe sobre o vasto estendal dos mares.

Passou um momento. A figura de Martim Afonso destacou-se em relevo no fundo desta cena brilhante, e tudo desapareceu como um sonho que era.

Mas um novo quadro se desenhou no meu espírito.

No meio de um povo em lágrimas, ergue-se o vulto imponente de um fidalgo português. Sua vida lia-se no dístico gravado sob o pedestal em letras de ouro:

Arte regit populos, bello proecepta ministrat;
Mavortem cernit milite, pace Numam

Ergueu-se. Era o Conde de Bobadela. Contemplou um instante esta cidade que havia governado vinte e nove anos e cinco meses, esta cidade que tinha aformoseado e engrandecido. Depois deitou-se no seu túmulo e passou. Um grande préstito fúnebre o seguiu.

Novo quadro ainda se desenhou no meu espírito.

Vi um combate naval.. Vi o assalto de uma fortaleza - de Villegaignon. A fumaça envolve os combatentes; ronca a artilharia; a de flecha voa com o pelouro; a piroga do selvagem lança-se no ataque..

Um cavalheiro desconhecido atira-se ao mais forte da peleja e anima os combatentes portugueses. Seu corpo é invulnerável, suas palavras excitam o entusiasmo e a coragem. Dir-se-ia que uma auréola cinge a sua cabeça.

> Mais longe o general português expira, e seus soldados redobram de esforço e de valor para vingar a sua morte, e para ganhar enfim uma vitória tão valentemente disputada pelos franceses.
> Terminou o combate. Aquele soldado, que com a ponta de sua espada, ainda tinta do sangue do inimigo, traça sobre o campo da batalha a planta de uma nova cidade - é Estácio de Sá, o fundador do Rio de Janeiro.
> A pequena colônia começou a estender-se pelas ribeiras da baía, e cresceu no meio desta terra cheia de força e de vigor. De simples governo passou a vice-reinado; depois à capital de um reino unido; e por fim tornou-se a corte de um grande Império.
> Mas que vulto é este que assoma no meio do entusiasmo e da exaltação patriótica do povo agradecido? Não tem ainda a coroa, nem o manto; mas há nele o tipo de um grande imperador, de um herói.
> É D. Pedro I, que, em resposta à representação do senado, da câmara e do povo da cidade, profere essa palavra memorável, que decidiu do futuro do Brasil, e que, firmando as primeiras bases da nossa independência política, concorreu igualmente para elevar o Rio de Janeiro a capital do novo Império.
> Contemplei por muito tempo, tomado de santo respeito, esse tipo simpático de um monarca cavalheiro, que deixou na nossa história os mais brilhantes traços de sua vida.
> Lançando os olhos sobre esta cidade, que ele tanto amara seu rosto expandiu-se. Viu o comércio e a indústria florescerem, criando esses grandes capitais que alimentam as empresas úteis para o país. Viu o amor e a dedicação nos degraus daquele trono em que se sentara. Viu por toda a parte a paz e a prosperidade.
> Volveu ainda um último olhar, e sumiu-se de novo nas sombras do passado. (ALENCAR, 2004, p. 202-207)

Conforme se nota do trecho reproduzido, Alencar inicia o texto com uma narrativa típica do folhetim romanesco, posicionando o leitor em um cenário transposto para o passado, com o olhar do narrador guiando o leitor por personalidades e cenários presentes na fundação e evolução do Rio de Janeiro.

Segue o autor citando Martim Afonso de Souza, fundador da Vila de São Vicente em 1531, como o primeiro desbravador, que seria seguido por Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro, bem como o conde de Bobadela, que se chamava Antonio Gomes Freire de Andrade e que governou o Rio de Janeiro por quase

trinta anos e, no final desta linha histórica traçada na narrativa de Alencar, D. Pedro I, proclamador da independencia do país.

Tais personagens aparecem nesta primeira parte do folhetim cercados de cenários e lutas descritos por Alencar com cores romanescas. Nesse sentido, o folhetinista experimenta o folhetim mesclando personagens e situações hsitóricas com toques fictícios, entrelaçando os dois planos com o intuito de criar um clima de verossimilhança do quanto narrado. E Alencar usa o espaço do rodapé da página do jornal como espaço de experimentação do que viria a ser depois parte do seu fazer literário.

As características acima enunciadas dizem respeito, especialmente, a duas obras posteriores do autor, *O Guarani (1857)* e *Iracema (1865)*. Assim como fez em relação ao teatro, como acima descrito, o uso do suporte é determinante para o escritor, que daria o passo seguinte segundo a recepetividade do texto. Trata-se da influência da literatura sobre a matriz midiática, com um diálogo entre alto e rodapé da página, bem como entre os suportes jornal e livro: o jornalismo se "ficcionaliza" ao mesmo tempo em que a literatura busca elementos caros ao jornalismo, tais como a busca da concisão e da frase precisa, em lugar das delongadas descrições, por exemplo. No caso, matriz midiática e literária se entrecruzam.

O próprio Alencar (2004, p. 207) admite o experimentalismo neste folhetim: "O que acabais de ler é uma página perdida, é uma folha arrancada a um livro desconhecido, que talvez daqui a algum tempo vos passará pelos olhos, se não tiver o destino de tantos outros, que, antes de nascidos, vão morrer entre as chamas".

Estes elementos que se entrelaçam, essa relação porosa entre realidade e ficção, já comentados no capítulo anterior, são pedras fundamentais daquele que é considerado por Marie Éve-Therenty (2007) a invenção fundamental do século XIX, no princípio do que foi chamado era midiática: trata-se do romance folhetinesco (*feuilleton fictionel* ou *roman-feuilleton*), cujo nascimento, segundo a

autora, é datado tradicionalmente de 1836, considerados por esta autora e por Dominique Kalifa como o ano um da era midiática. Tal posição, dentre autores brasileiros, encontra ressonância no quanto escrito por Marlyse Meyer (2005), que identifica três fases do romance folhetim: as séries históricas de 1836-1850, 1851-1871 e 1871-1914 (p. 64).

Em *como e porque sou romancista,* o próprio Alencar admitia, dentre suas influências, a leitura de romances folhetinescos como uma de suas recordações de infância, afirmando:

> Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam a *Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas, Celestina* e outros de que já não me recordo.
>
> Esta escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária, que mais tarde deviam servir aos informes esboços do novel escritor. (ALENCAR, 1893, p. 21-22).

Na sequência do folhetim, Alencar aproveita o "gancho" da origem e história do Rio de Janeiro por seus personagens para falar dos tempos atuais, louvando o progresso da indústria e do comércio, ao mesmo tempo em que ataca um dos braços deste progresso, a desenfreada especulação com ações das companhias, com dinheiro gerando dinheiro. Afirma o escritor:

> Ide à Praça. Vereis que agitação, que atividade espantosa preside às transações mercantis, às operações de crédito, e sobretudo às negociações sobre os fundos de diversas empresas. Todo o mundo quer ações de companhias; quem as tem vende-as, quem não as tem compra-as. As cotações variam a cada momento, e sempre apresentando uma nova alta no preço.
>
> Não se conversa mais sobre outra coisa. Os agiotas farejam a criação de uma companhia; os especuladores estudam profundamente a idéia de alguma empresa gigantesca. Enfim, hoje já não se pensa em casamento rico, nem em sinecuras; assinam-se ações, vendem-se antes das prestações e ganha-se

> dinheiro por ter tido o trabalho de escrever o seu nome. (ALENCAR, 2004, p. 208)

Neste mesmo folhetim, Alencar segue fazendo uma defesa da livre concorrência e, por conseqüência, uma crítica ao monopólio, em especial com relação às companhias que promovem a emigração de mão-de-obra para o trabalho no campo. Ou seja, em sequência a um trecho com a narração de fatos históricos, os olhos do folhetinista se voltam para a realidade da época da escrita, em um diálogo do escritor com a realidade.

E segue encerrando o assunto anterior e falando do passeio público e do teatro, dirigindo-se às leitoras de sua seção: "Voltai! Voltai depressa esta folha, minha mimosa leitora! São coisas sérias que não vos interessam. Não lestes?... Ah! fizestes bem!" (ALENCAR, 2004, p. 215)

Esse expediente encerra o assunto anterior, considerado demasiado sério pelo autor, para o fim de iniciar um comentário sobre assuntos que não estejam ligados à história, à política e à economia, como o estado do passeio público e a temporada do teatro lírico.

E Alencar (2004, p. 217) arremessa outro "gancho" em seu folhetim, usando da palavra italiana *dilettanti* para ironizar os movimentos que tentavam eliminar os estrangeirismos da língua portuguesa, referindo-se especialmente a uma matéria do *Correio Mercantil* da segunda-feira anterior à publicação. Escreve o folhetinista:

> Mas que quer dizer nacionalizar a língua portuguesa? Será misturá-la com o tupi? Ou será dizer em português aquilo que é intraduzível, e que tem um cunho particular nas línguas estrangeiras?
>
> Há de ser isso. Mãos à obra. Daqui em diante, em vez de se dizer passei num coupé, se dirá andei num cortado. Um homem incumbirá a algum sujeito que lhe compre entradas, e ele lhe trará bilhetes de teatro em vez de étrennes. E assim tudo o mais.

> Quanto a termos de teatro, fica proibido o uso das palavrinhas italianas, porque enfim é preciso nacionalizar a língua.

E termina o folhetim com um poema escrito por Andrada Machado em homenagem ao poeta português Almeida Garret, morto em dezembro de 1854. Neste caso, digno de comentário é o fato de que o poema publicado no suporte original foi, desta vez, mantido quando da transposição para o livro, desde a edição de 1874 até aquela utilizada como base deste trabalho, organizada por João Roberto Faria.

Interessante também notar que a epígrafe de cada das edições que reuniram os folhetins publicados no *Correio Mercantil* trataram referido trecho de forma diferente e dão uma pista importante do porquê da manutenção do poema deste folhetim na publicação em livro, quando outros pequenos poemas e, mesmo, trechos de discursos foram extirpados da republicação, com uma solução de continuidade visível, embora não seja totalmente prejudicial à compreensão do leitor.

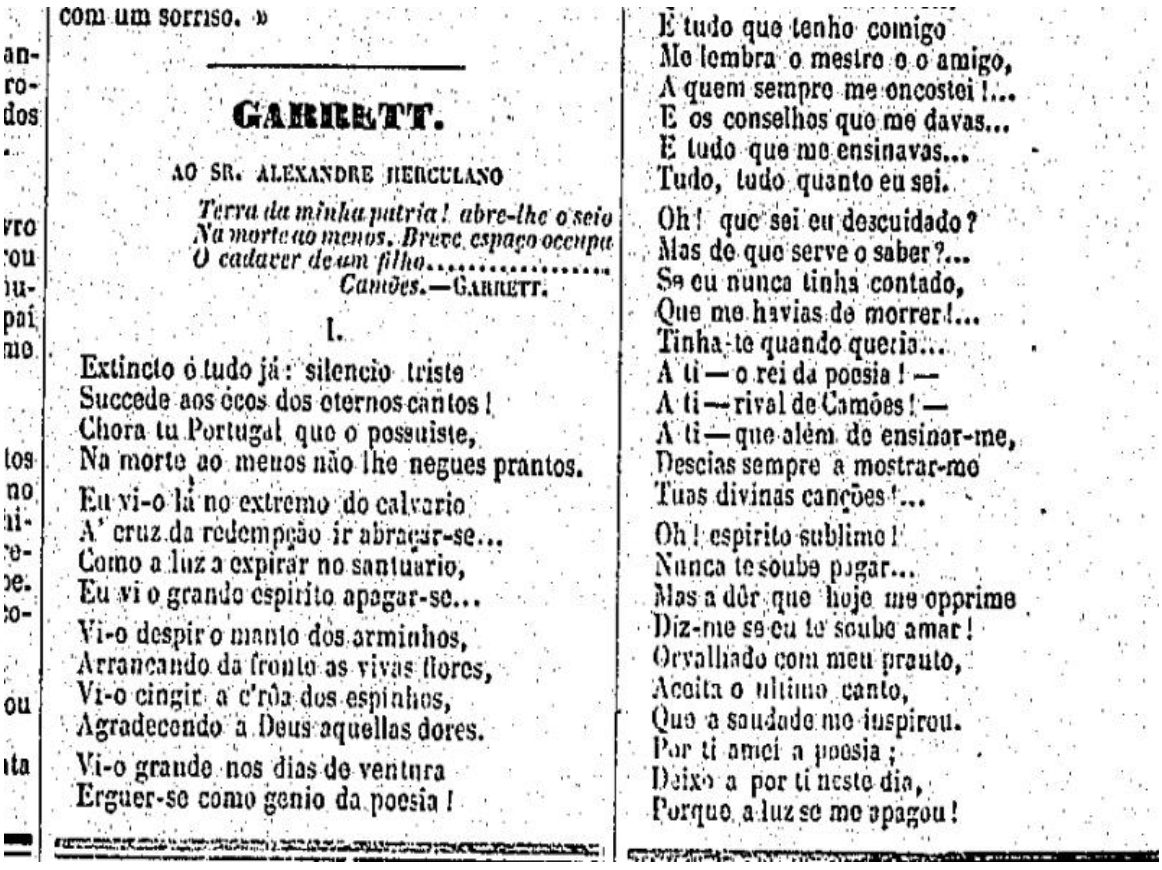
Almeida Garrett é um dos principais nomes do romantismo português, poeta admirado por diversos expoentes do romantismo brasileiro, dentre os quais Alencar. Assim, e considerando a importância dada a tal escritor, a perenidade do fazer literário sobrevive à efemeridade do jornal, dando a entender, por quem publica, que a manutenção do poema em homenagem a Garret interessará ao leitor da coletânea.

Neste sentido, a edição de 1874 define intitula sua rubrica como *uma lágrima sobre a lousa de um grande poeta*. A permanência do poema em homenagem a Garrett em uma edição publicada vinte anos após sua morte dispensa a referência direta ao poeta na rubrica. Já a epígrafe da edição organizada por João Roberto Faria encontra-se inscrita como *Andrada e Machado e Garrett*, com tal expediente localizando o leitor da edição mais atual em relação ao poeta que homenageia e ao poeta homenageado.

Em meio a tantos cortes feitos na transposição de um suporte a outro, a manutenção de um dos raros poemas publicados na coletânea mostra a convivência entre a perenidade da literatura e o imediatismo do jornal, com o rodapé da página, neste caso, servindo de território para a harmonização de dois estilos, mitigando a *atualidade* da matriz midiática em favor da divulgação do fazer literário.

Note-se, finalmente, que o próprio alto da página, em vez das notícias comumente veiculadas, publica em parte de sua folha um poema do próprio Garrett, em homenagem a Alexandre Herculano:

Figura 31 - recorte e ampliação de trecho ao alto da página do Correio Mercantil em 21 de janeiro de 1855 – poema em homenagem a Almeida Garret



com um sorriso. »

GARRETT.

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO

Terra da minha patria! abre-lhe o seio
Na morte ao menos. Breve espaço ocupa
O cadaver de um filho.....
Camões.—GARRETT.

I.

Extincto é tudo já: silencio triste
Succede aos écos dos eternos cantos!
Chora tu Portugal que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
A' cruz da redempção ir abraçar-se...
Como a luz a expirar no santuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da fronte as vivas flores,
Vi-o cingir a c'rôa dos espinhos,
Agradecendo a Deus aquellas dores.

Vi-o grande nos dias de ventura
Erguer-se como genio da poesia!

É tudo que tenho comigo
Me lembra o mestre o o amigo,
A quem sempre me encostei!...
E os conselhos que me davas...
E tudo que me ensinavas...
Tudo, tudo quanto eu sei.

Oh! que sei eu descuidado?
Mas de que serve o saber?...
Se eu nunca tinha contado,
Que me havias de morrer!...
Tinha-te quando queria...
A ti — o rei da poesia! —
A ti — rival de Camões! —
A ti — que além de ensinar-me,
Descias sempre a mostrar-me
Tuas divinas canções!...

Oh! espirito sublime!
Nunca te soube pagar...
Mas a dôr que hoje me opprime
Diz-me se eu te soube amar!
Orvalhado com meu pranto,
Acceita o ultimo canto,
Que a saudade me inspirou.
Por ti amei a poesia;
Deixo a por ti neste dia,
Porque a luz se me apagou!

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Referido folhetim, portanto, mostra-se um dos mais interessantes da série, pois dentro de um mesmo espaço mescla elementos literários e referências históricas, com um gancho remetendo aos assuntos da semana, misturando o comentário mais sisudo em relação à especulação financeira ao mais leve, referente ao cenário artístico e ao uso da língua portuguesa, encerrando com a publicação de um poema que, inclusive, terminou mantido na transposição para o suporte livro, em um exemplo acabado de folhetim, com grande porosidade entre o alto e o rodapé da página do jornal.

Outro exemplo dessa porosidade entre o folhetim e as notícias relatadas no jornal pode ser encontrada na comparação entre o folhetim de 25 de fevereiro de 1855 e o alto da página da edição seguinte, de 4 de março, mostrando que essa porosidade de que fala Marie-Ève Thérenty constitui um diálogo nem sempre harmônico e concordante, capaz de mostrar os contrastes referentes a notícias de um lugar e de outro.

Figura 32 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 25 de fevereiro de 1855

PAGINAS MENORES.

Rio, 25 de fevereiro.

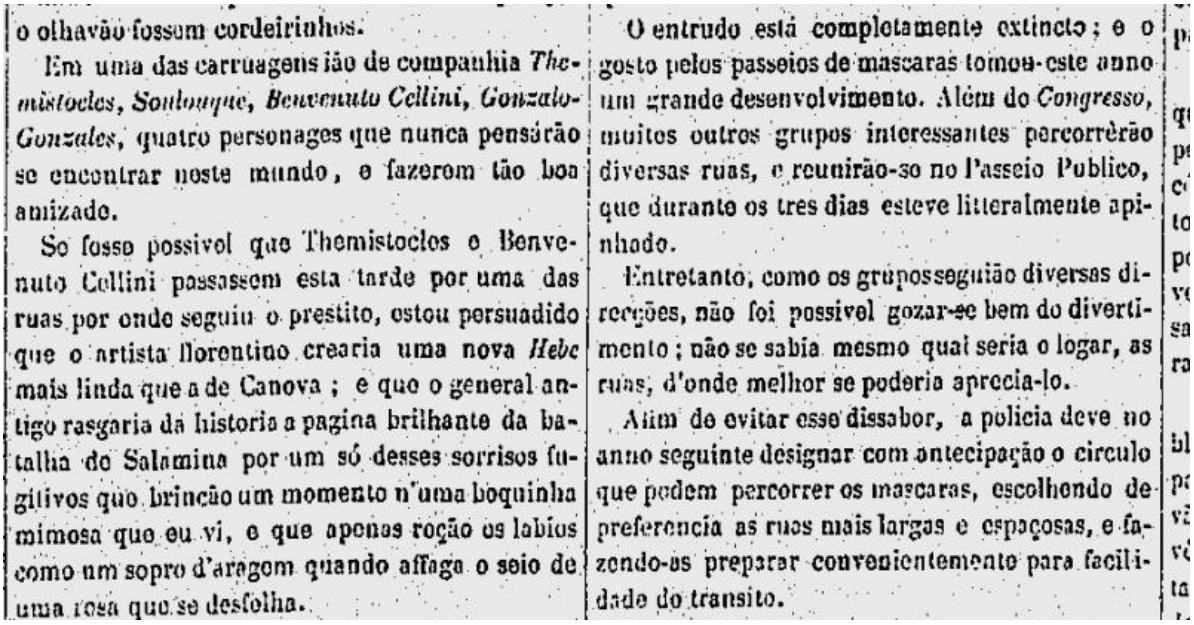
AO CORRER DA PENNA.

(variedades.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Acima, a reprodução de corpo inteiro do folhetim publicado. Nesse caso, a reprodução no suporte jornal e sua transposição para o suporte livro deram-se sem alterações ou conseqüências. O ponto de discussão aqui diz respeito ao quanto comentado por Alencar acerca do carnaval e o quanto foi escrito na edição seguinte, que será devidamente reproduzida. Abaixo, reprodução do trecho em que Alencar comenta a extinção do hábito do entrudo e a substituição deste expediente pelos bailes de máscaras:

Figura 33 - recorte e ampliação do folhetim representado na figura 32 - trecho em que Alencar comenta acerca do entrudo no carnaval



o olhavão fossem cordeirinhos.

Em uma das carruagens ião de companhia *Themistocles*, *Soulouque*, *Benvenuto Cellini*, *Gonzalo-Gonzales*, quatro personages que nunca pensárão se encontrar neste mundo, e fazerom tão boa amizade.

So fosse possivel que Themistocles e Benvenuto Cellini passassem esta tarde por uma das ruas por onde seguiu o prestito, estou persuadido que o artista florentino crearia uma nova *Hebe* mais linda que a de Canova ; e que o general antigo rasgaria da historia a pagina brilhante da batalha de Salamina por um só desses sorrisos fugitivos que brincão um momento n'uma boquinha mimosa que eu vi, e que apenas roção os labios como um sopro d'aragem quando affaga o seio de uma rosa que se desfolha.

O entrudo está completamente extincto ; e o gosto pelos passeios de mascaras tomou este anno um grande desenvolvimento. Além do *Congresso*, muitos outros grupos interessantes percorrêrão diversas ruas, e reunirão-se no Passeio Publico, que durante os tres dias esteve litteralmente apinhado.

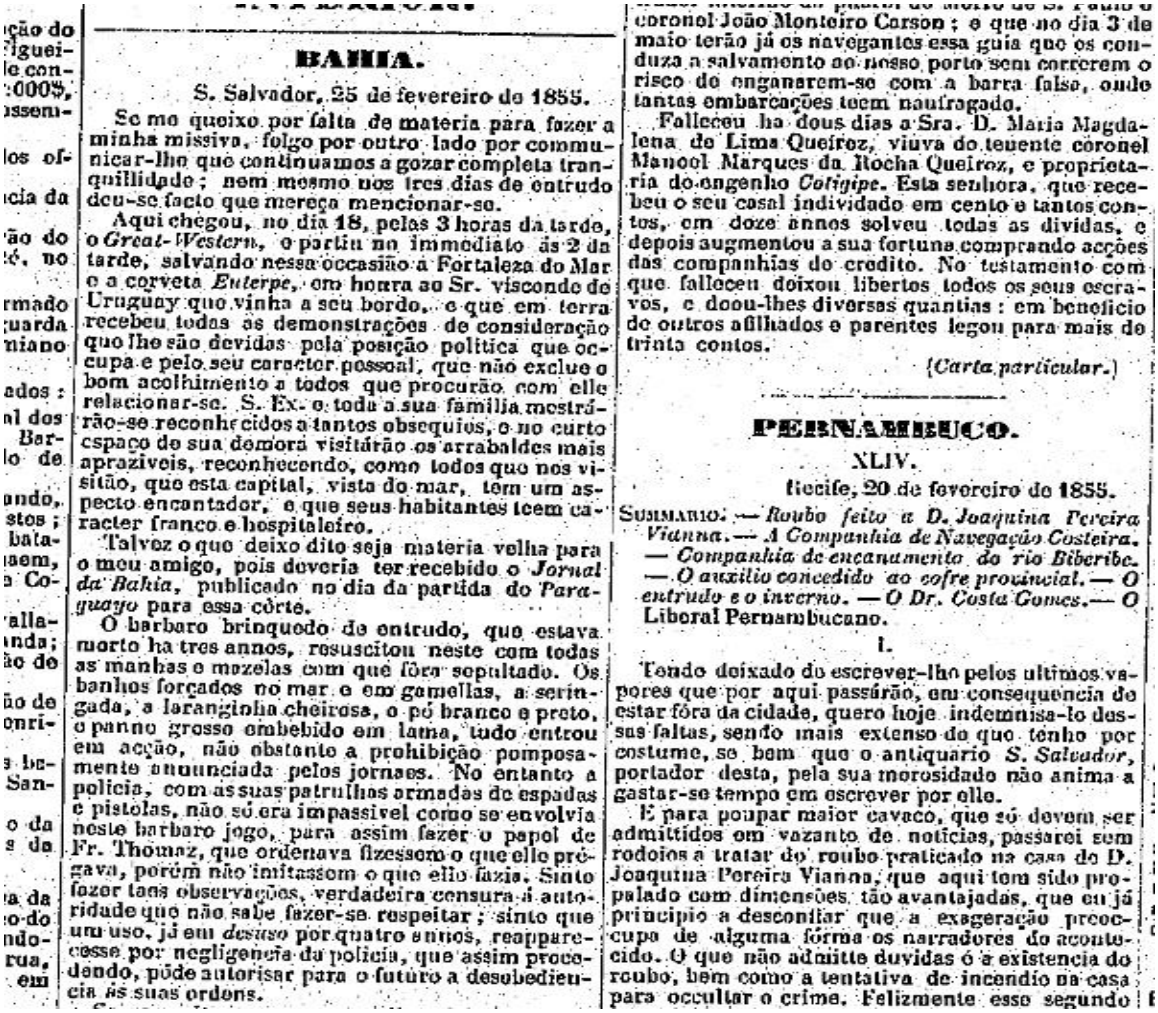
Entretanto, como os grupos seguião diversas direcções, não foi possivel gozar-se bem do divertimento ; não se sabia mesmo qual seria o logar, as ruas, d'onde melhor se poderia aprecia-lo.

Afim de evitar esse dissabor, a policia deve no anno seguinte designar com antecipação o circulo que podem percorrer os mascaras, escolhendo de preferencia as ruas mais largas e espaçosas, e fazendo-os preparar convenientemente para facilidade do transito.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Nesta ampliação, escreve Alencar que “o entrudo está completamente extinto; e o gosto pelos passeios de máscaras tomou este ano um grande desenvolvimento” (segunda coluna, primeiro parágrafo). Ocorre que a edição seguinte do próprio Correio Mercantil traz notícia diversa no alto a página, com relatos vindos de Salvador:

Figura 34 - recorte e ampliação de trecho do alto da página do Correio Mercantil de 25 de fevereiro de 1855, comentando acerca do retorno da brincadeira do entrudo ao carnaval



BAHIA.

S. Salvador, 25 de fevereiro de 1855.

Se me queixo por falta de materia para fazer a minha missiva, folgo por outro lado por communicar-lhe que continuamos a gozar completa tranquillidade; nem mesmo nos tres dias de entrudo deu-se facto que mereça mencionar-se.

Aqui chegou, no dia 18, pelas 3 horas da tarde, o *Great-Western*, o partiu no immediato ás 2 da tarde, salvando nessa occasião a Fortaleza do Mar o a corveta *Euterpe*, em honra ao Sr. visconde de Uruguay que vinha a seu bordo, e que em terra recebeu todas as demonstrações de consideração que lhe são devidas pela posição politica que occupa e pelo seu caracter pessoal, que não exclue o bom acolhimento a todos que procurão com elle relacionar-se. S. Ex. e toda a sua familia mostrárão-se reconhecidos a tantos obsequios, e no curto espaço de sua demora visitárão os arrabaldes mais aprazeis, reconhecendo, como todos que nos visitão, que esta capital, vista do mar, tem um aspecto encantador, e que seus habitantes teem caracter franco e hospitaleiro.

Talvez o que deixo dito seja materia velha para o meu amigo, pois deveria ter recebido o *Jornal da Bahia*, publicado no dia da partida do *Paraguayo* para essa côrte.

O barbaro brinquedo de entrudo, que estava morto ha tres annos, resuscitou neste com todas as manhas e mazelas com que fôra sepultado. Os banhos forçados no mar e em *gamellas*, a seringada, a laranginha cheirosa, o pó branco e preto, o panno grosso embebido em lama, tudo entrou em acção, não obstante a prohibição pomposamente annunciada pelos jornaes. No entanto a policia, com as suas patrulhas armadas de espadas e pistolas, não só era impassivel como se envolvia neste barbaro jogo, para assim fazer o papel de Fr. Thomaz, que ordenava fizessem o que elle prégava, porém não imitassem o que elle fazia. Sinto fazer taes observações, verdadeira censura á autoridade que não sabe fazer-se respeitar; sinto que um uso, já em *desuso* por quatro annos, reapparecesse por negligencia da policia, que assim procedendo, póde autorisar para o futuro a desobediencia ás suas ordens.

coronel João Monteiro Carson; e que no dia 3 de maio terão já os navegantes essa guia que os conduza a salvamento ao nosso porto sem correrem o risco de enganarem-se com a barra falsa, onde tantas embarcações teem naufragado.

Falleceu ha dous dias a Sra. D. Maria Magdalena de Lima Queiroz, viuva do tenente coronel Manoel Marques da Rocha Queiroz, e proprietaria do engenho *Cotigipe*. Esta senhora, que recebeu o seu casal individado em cento e tantos contos, em doze annos solveu todas as dividas, e depois augmentou a sua fortuna comprando acções das companhias do credito. No testamento com que falleceu deixou libertos todos os seus escravos, e doou-lhes diversas quantias: em beneficio de outros afilhados e parentes legou para mais de trinta contos.

(*Carta particular.*)

PERNAMBUCO.

XLIV.

Recife, 20 de fevereiro de 1855.

SUMMARIO: — *Roubo feito a D. Joaquina Pereira Vianna.* — *A Companhia de Navegação Costeira.* — *Companhia de encanamento do rio Biberibe.* — *O auxilio concedido ao cofre provincial.* — *O entrudo e o inverno.* — *O Dr. Costa Gomes.* — *O Liberal Pernambucano.*

I.

Tendo deixado de escrever-lhe pelos ultimos vapores que por aqui passárão, em consequencia de estar fóra da cidade, quero hoje indemnisa-lo dessas faltas, sendo mais extenso do que tenho por costume, se bem que o antiquario *S. Salvador*, portador desta, pela sua morosidade não anima a gastar-se tempo em escrever por elle.

E para poupar maior cavaco, que só devem ser admittidos em vazante de noticias, passarei sem rodeios a tratar do roubo praticado na casa de D. Joaquina Pereira Vianna, que aqui tem sido propalado com dimensões tão avantajadas, que eu já principio a desconfiar que a exageração preoccupe de alguma fórma os narradores do acontecido. O que não admitte duvidas é a existencia do roubo, bem como a tentativa de incendio na casa para occultar o crime. Felizmente esse segundo

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

No quarto parágrafo da primeira coluna pode-se ler que “o bárbaro brinquedo do entrudo, que estava morto há três anos, ressuscitou neste com todas as manhas e mazelas com que fora sepultado” (*Correio Mercantil*, 1855, p. 1).

Pode-se observar, de um lado, a visão subjetiva do folhetinista comentando a extinção do entrudo no carnaval carioca, de outro o relato da prática da brincadeira no carnaval baiano. O leitor atento do jornal confiará mais na versão do folhetinista, restrita ao que viu na festa popular ou na versão mais objetiva do

jornalista baiano? Ambas as versões podem ser verdadeiras ou não, o que reafirma o caráter de entrelaçamento entre realidade e ficção no jornal.

Em nenhum outro local como no rodapé da página o jornal se mostra como obra de ficção em face da realidade, pois a visão dos fatos é filtrada pela pena do folhetinista, trata-se do que Marie-Ève Therenty chama de "ficcionalização do cotidiano", consistente na contaminação da matriz midiática pela matriz literária, expressão emprestada de Marie-Ève Thérenty e com a qual se pode estabelecer a analogia com uma característica de influência recíproca, com o jornalismo se ficcionalizando ao mesmo tempo em que a literatura bebe da fonte das técnicas jornalísticas.

Ou, como afirmado por Marie-Ève Thérenty:

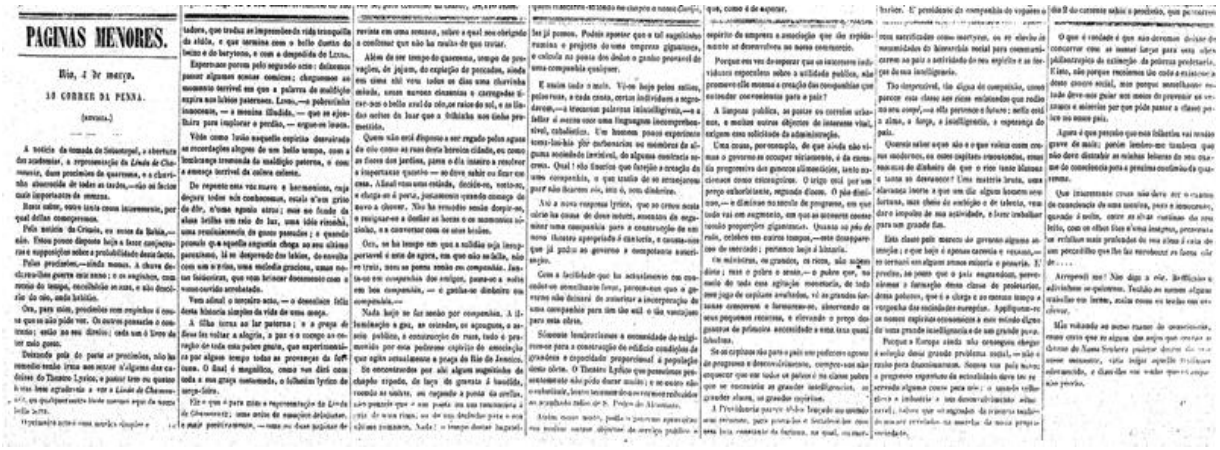
> A ficção, índice essencial da literariedade segundo Gerard Genette, é mesmo um elemento essencial dos jornais do século XIX: trata-se então de propor aqui uma modelação histórica das implicações da ficção nos jornais do século XIX e de refletir a que isso induz uma escrita jornalística fundada sobre a ficcionalização. (THÉRENTY, 2007, p. 125) [35]

Tal espécie de escrita jornalística é justamente o que ocorre no rodapé da página, onde um folhetinista como Alencar filtra a realidade pela lente de sua subjetividade, o que, por si, já indica um grau de ficcionalização do cotidiano. Assim como a própria ficção, tanto a exercida nas páginas dos jornais quanto aquela a ser produzida em suporte diverso também beberia da fonte da escrita jornalística para formar a ponte entre o real e o ficcional, como ocorreria posteriormente, já no século XX, no caso do *new journalism* norte americano ou no romance policial americano, de Chandler e Hammett, por exemplo, tributários diretos do jornalismo policial.

[35] La fiction, índice essentiel de la littérarité selon Gerard Genette, est même um élément essentiel du quotidien au XIXe siècle: il s'agit donc de proposer ici une modélisation historique de l'implication de la fiction dans le journal au XIXe siècle et de réfléchir à ce qu'induit une écriture journalistique fondée sur la ficcionalisation. (THÉRENTY, 2007, p. 125

E os efeitos acima mencionados decorrem de outra das características fundamentais da escrita do folhetim, qual seja, o diálogo entre o rodapé e o alto da página, com o folhetinista comentando os principais assuntos discutidos não apenas no alto da página do jornal, mas também acrescentando o que o folhetinista vê pelas ruas, bem como nas conversas com leitores. Temos um exemplo deste procedimento no folhetim de 4 de março de 1855:

Figura 35 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 4 de março de 1855



PAGINAS MENORES.

Rio, 4 de março.

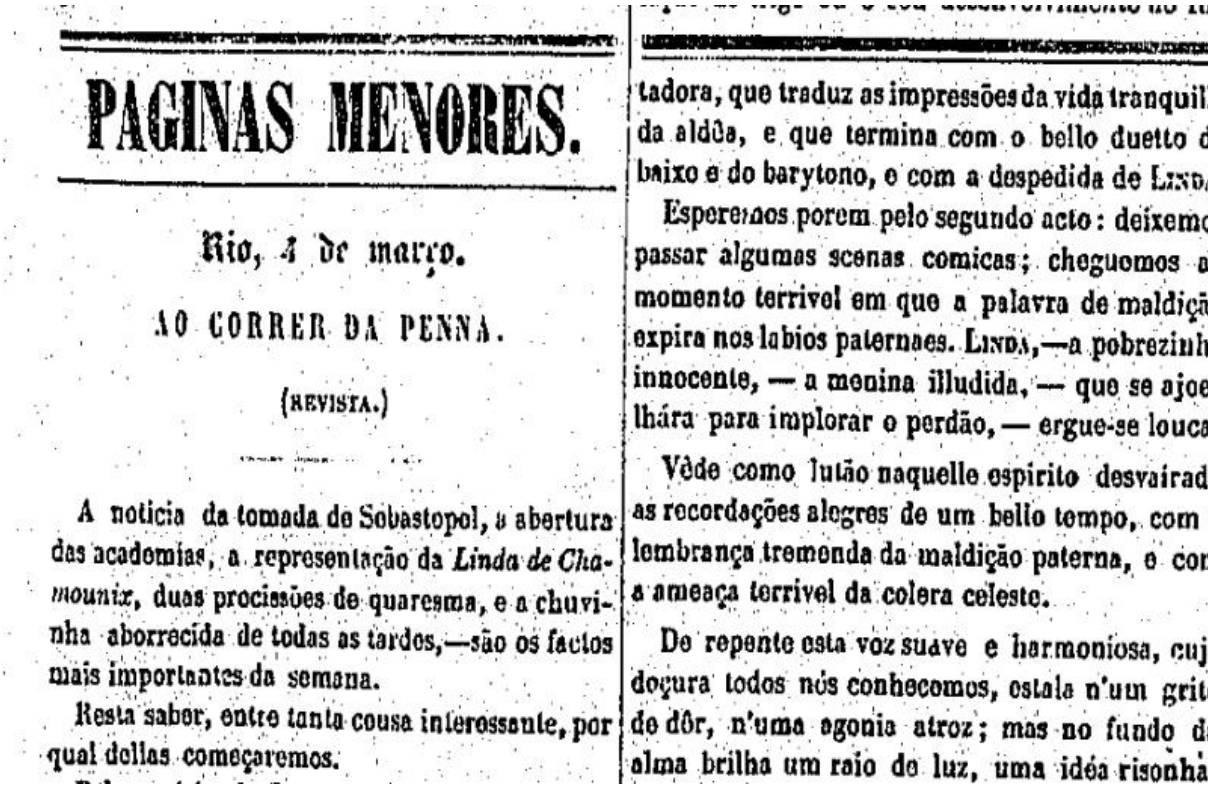
AO CORRER DA PENNA.

(revista.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Nota-se, primeiro, que a composição do texto obedece ao tamanho do rodapé da página, sem espaço para ocupações com poemas sem relação com o publicado, como acontece em outros folhetins, bem como não falta espaço a ser ocupado em outra página do jornal. Na ampliação abaixo reproduzida, constata-se a configuração padrão da seção do jornal, com o título maior "páginas menores", a data, o nome da seção "ao correr da pena" e o seu caráter principal, "revista":

Figura 36 - recorte e ampliação do início do folhetim representado na figura 35



PAGINAS MENORES.

Rio, 4 de março.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

A noticia da tomada de Sebastopol, a abertura das academias, a representação da *Linda de Chamounix*, duas procissões de quaresma, e a chuvinha aborrecida de todas as tardes,—são os factos mais importantes da semana.

Resta saber, entre tanta cousa interessante, por qual dellas começaremos.

tadora, que traduz as impressões da vida tranquil
da aldôa, e que termina com o bello duetto d
baixo e do barytono, e com a despedida de Lind

Esperemos porem pelo segundo acto: deixemo
passar algumas scenas comicas; cheguemos a
momento terrivel em que a palavra de maldiçã
expira nos labios paternaes. Linda,—a pobrezinh
innocente, — a menina illudida, — que se ajoe
lhára para implorar o perdão, — ergue-se louca

Vêde como lutão naquelle espirito desvairad
as recordações alegres de um bello tempo, com
lembrança tremenda da maldição paterna, e cor
a ameaça terrivel da colera celeste.

De repente esta voz suave e harmoniosa, cuj
doçura todos nós conhecemos, estala n'um grit
de dôr, n'uma agonia atroz; mas no fundo d
alma brilha um raio de luz, uma idéa risonha

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Pode-se notar, pelo primeiro parágrafo, que Alencar já tece um sumário das notícias que ele considera relevantes na semana que passou, mesclando notícias internacionais como a tomada de Sebastopol, episódio da guerra da Criméia, a outras locais, como uma representação teatral, as procissões religiosas da época da quaresma e o tempo chuvoso de todas as tardes.

A partir desta relação de notícias do início, o folhetinista passa a exercer sua escolha sobre o tema que prefere discorrer, passando a comentar sobre a apresentação do teatro lírico: “Deixando, pois, de parte as procissões, não há remédio senão irmo-nos sentar nalguma das cadeiras do Teatro Lírico, e passar três ou quatro horas bem agradáveis a ver a Linda de Chamounix, ou qualquer outra linda mesmo aqui da nossa bela terra”. (ALENCAR, 2004, p. 232)

E descreve então a apresentação a que assistiu, comentando acerca de cada um dos três atos da peça, acrescentando, ao fim deste trecho, como um gancho para o assunto seguinte:

> Eis o que é para mim a representação da Linda Chamounix; uma noite de emoções deliciosas, e mais positivamente, uma ou duas páginas de revista em uma semana, sobre a qual sou obrigado a confessar que não há muito de tratar.
>
> Além de ser tempo de quaresma, tempo de provações, de jejum, de expiação de pecados, ainda em cima aí vêm todos os dias uma chuvinha miúda, umas nuvens cinzentas e carregadas tirar-nos o belo azul do céu, os raios do sol, e as lindas noites de luar que a folhinha nos tinha prometido. (ALENCAR, 2004, p. 233)

E o folhetinista salta do primeiro assunto comentado e resumido no primeiro parágrafo para outros dois também apontados logo no início do folhetim, ou seja, o período de quaresma e o tempo que vinha fazendo na cidade, tecendo uma analogia entre o tempo de expiação dos pecados que a quaresma representa com a angústia proporcionada pelo tempo instável e chuvoso da época, obrigando o folhetinista à solidão, afirmando, ao fim do trecho, que, diante da chuva que vem e volta insistentemente, que remédio não resta senão "despir-se e resignar-se a desfiar as horas e os momentos sozinho, e a conversar com o seus botões" (ALENCAR, 2004, p. 233).

A partir de então, Alencar usa de um argumento aparentemente inofensivo como o tempo chuvoso e a solidão por ele proporcionado como "gancho" para a introdução de um assunto mais sério e específico a ser comentado pelo folhetinista, qual seja, a febre da organização de companhias mercantis que grassava no Rio de Janeiro da época:

> Ora, se há tempo em que a solidão seja insuportável, é este de agora, em que não se fala, não se trata, nem se pensa senão em companhia. Janta-se em companhia dos amigos, passa-se

> a noite em boa companhia, e ganha-se dinheiro em companhia.
>
> Nada hoje se faz senão por companhia. A iluminação a gás, as estradas, os açougues, o asseio público, a construção de ruas,tudo promovido por este poderoso espírito de associação que agita atualmente a praça do Rio de Janeiro.
>
> Se encontrardes por aí algum sujeitinho de chapéu rapado, de laço de gravata à bandida, roendo as unhas, ou coçando a ponta da orelha, não penseis que é um poeta ou um romancista à cata de uma rima ou de um desfecho para seu último romance. Nada! o tempo destas bagatelas já passou. Podeis apostar que o tal sujeitinho rumina o projeto de uma empresa gigantesca, e calcula na ponta dos dedos o ganho provável de uma companhia qualquer.
>
> E assim tudo o mais. Vê-se hoje pelos salões, pelas ruas a cada canto, certos indivíduos a segredarem, a trocarem palavras ininteligíveis e a falar *à mezza* você uma linguagem incompreensível, cabalística. Um homem pouco experiente tomá-los-ia por carbonários ou membros de alguma sociedade invisível de alguma confraria secreta. Qual! são finórios que farejam a criação de uma companhia, e que tratam de se arranjarem para não ficarem sós, isto é, sem dinheiro.
>
> Até a nova empresa lírica, que se criou nesta corte há coisa de dois meses, assentou de organizar uma companhia para a construção de um novo teatro apropriado à cantoria, e conta-nos que já pediu ao governo a competente autorização. (ALENCAR, 2004, p. 234 - 235)

Do trecho acima transcrito, pode-se notar o uso de um assunto mais trivial, como o tempo que fazia na cidade, para o folhetinista, mediante uma palavra transformada em sua semântica, introduzir um assunto por ele considerado mais sério, tratando do fato com acidez e ironia. Mas também, no final do trecho, é possível perceber a utilização de um novo gancho, qual seja, o fato de até a nova companhia de teatro citada por Alencar constituir-se na forma de companhia, para falar da necessidade da construção de um novo teatro para a cidade, e cobrando do governo a responsabilidade por tal empreendimento:

> Assim como neste, podia o governo aproveitar em muitos outros objetos de serviço público o espírito de empresa e

> associação que tão rapidamente se desenvolveu no nosso comércio.
>
> Porque, em vez de esperar que os interesses individuais especulem sobre a utilidade pública, não promove ele mesmo a criação das companhias que entender convenientes para o pais?
>
> A limpeza pública, as postas, os correios urbanos, e muitos outros objetos de interesse vital, exigem essa solicitude da administração. (ALENCAR, 2004, p. 235-236)

Ao mesmo tempo em que atacava a especulação financeira e a criação exagerada de companhias, Alencar também cobrava a iniciativa do Estado em setores que o folhetinista considerava estratégicos, como o da carestia de alimentos, assunto seguinte deste folhetim, cobrando um olhar mais atento do governo aos mais necessitados.

E, finalmente, encerra o folhetim interrompendo a cadeia de assuntos sérios abordados no texto e dirige-se diretamente às suas leitoras, em um tom mais confessional:

> Agora é que percebo que este folhetim vai muito grave demais; porém lembro-me também que não devo distrais as minhas leitoras do seu exame de consciência para a próxima confissão da quaresma.
>
> Que interessante coisa não deve ser o exame de consciência de uma menina pura e inocente, quando à noite, entre as alvas cortinas de seu leito, com os olhos fitos numa imagem, perscruta os refolhos mais profundos de sua alma à cata de um pecadinho que lhe faz enrubescer as faces cor de...
>
> Arrependi-me! Não digo a cor. Reflitam e adivinhem se quiserem. Tenham ao menos algum trabalho em lerem, assim como eu tenho em escrever.
>
> Mas, voltando ao nosso exame de consciência, estou certo que, se algum dos anjos que cercam o trono de Nossa Senhora pudesse descer do céu nesse momento, viria beijar aquele rostinho adormecido, e dizer-lhe em sonho que os anjos não pecam. (ALENCAR, 2004, p. 238-239)

Neste folhetim, mais importante que os assuntos tratados e aqui comentados, para este estudo importa a maneira como Alencar encadeou os temas tratados, usando elementos de um assunto para iniciar o seguinte, com a manipulação semântica de uma palavra (companhia), ou pelo esforço em passar de um assunto a outro com a maior fluidez possível, até mesmo pela interrupção dos assuntos mais sérios, em tom quase jornalístico, para dirigir-se diretamente às suas leitoras.

Deste modo, em um folhetim como este, o autor exercita o relato de fatos ocorridos durante a semana e comentários sobre assuntos que considera relevantes usando de técnicas literárias para tanto, diferenciando a crônica dos assuntos relatados pela parte de cima do jornal, que são feitas em tom mais objetivo, sendo referidas técnicas a utilização de *ganchos* ou palavras-chave para encadear um comentário a outro ou da auto-referência, ou do esforço metalingüístico, de perscrutar a estrutura do folhetim e abri-lo a seus leitores.

O uso de tais técnicas, nascidas ou não dentro do rodapé do jornal, diferenciam o folhetim do alto da página do jornal, mas também promovem este intenso diálogo entre ambos os lados, resultando na "porosidade" de que fala Marie Éve-Therenty, ao tratar da crônica como gênero que transita entre o literário e o não-literário. Essa questão da delimitação da crônica dentro de um determinado gênero, contudo, mostra-se meramente didática, pois aquela, literária ou não, sofre da mesma porosidade do jornal que o originou.

Este tipo de folhetim, acima descrito, é o que Marie-Ève Thérenty chama de *chronique-liste*: "Existe uma forma primária da crônica, presente no início do século XIX, a lista, que relata os principais acontecimentos ocorridos depois do último número de uma jornal ou revista. Em um jornal, os eventos listados são aqueles de ordem política que não puderam ser desenvolvidos". (THERENTY, 2007, p. 238) [36]

[36] Il existe une première forme minimale de la chronique présent dês le debut du XIXe siècle, la liste, qui repertorie les principaux événements intervenus depuis le dernier número d'um journal

No caso de Alencar, o folhetinista não se limita a "listar" os eventos da semana, mas usa de expedientes literários para encadear assuntos, carrega as descrições de determinados fatos com adjetivações típicas do narrador romântico, bem como usa do recurso da ironia, por exemplo, para exercer a crítica sobre determinados fatos listados. Essa liberdade do folhetinista no rodapé do jornal permite revestir a realidade tratada de certo grau de literariedade, demonstrando o intenso e conflituoso diálogo entre a realidade e o olhar, alto e rodapé da página.

Outro exemplo do quanto comentado acima pode-se encontrar no folhetim de 6 de maio de 1855:

Figura 37 - folhetim publicado no Correio Mercantil em 6 de maio de 1855

PAGINAS MENORES.

Rio, 6 de maio.

AO CORRER DA PENNA.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

ou d'une revue. Dans um quotidien, les événements inventoriés sont les événements politiques qui ne doivent pas donner matière à développement. (THERENTY, 2007, p. 238)

Acima, é possível notar um detalhe pertinente à disposição do folhetim no rodapé do jornal: é que o tamanho deste rodapé mostra-se variável, em alguns casos já mostrados ocupando um espaço menor da primeira página do jornal, em outros, como neste caso, com colunas maiores. Essa irregularidade na ocupação do espaço da página torna a escrita do folhetinista mais flexível do que o seu original francês, que segue uma diagramação mais rígida. Em muitos casos destas publicações de Alencar no *Correio Mercantil*, não há sequer espaço suficiente na primeira página para terminar o folhetim, fazendo com que o texto continue em página diversa, em uma flexibilização mais radical ainda da natureza do suporte.

Neste caso, como se vê da ampliação abaixo, a configuração inicial das páginas anteriores é mantida, com título da seção, subtítulo e a denominação *revista* entre parênteses:

Figura 38 - recorte e ampliação do início do folhetim representado pela figura 37

PAGINAS MENORES.

Rio, 6 de maio.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Hontem por volta de nove horas do dia sahi de casa com tenção de visitar o novo estabelecimento optico do Reis na rua do Hospicio n. 71.

Tinhão-me feito tantos elogios deste armazem, do seu arranjo e elegancia, que assentei de julgalo pelo meus proprios olhos.

Não foi porém esta a unica razão que excitou a minha curiosidade. O que principalmente me levava áquella casa era um sentimento egoista, um desejo de myope.

Les yeux sont les fenêtres de l'âme,—diz Alphonse Karr n'um livrinho espirituoso que dedicou ás mulheres.

Ora, ha muitas almas que teem a felicidade de

As almas francas e leaes debrução-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentão os conhecidos, e ás vezes offerecem a casa á algum dos seus intimos.

Outras, ao contrario, nunca se reclinão á janella; ficão sempre por detraz da cortina, e olhão o que se passa por uma pequena fresta. Deste numero são as almas dos diplomatas, dos *jesuitas* e dos ministros do estado.

Em compensação ha tambem algumas almas, que quando pilhão o espirito descuidado, saltão pela janella como um estudante vadio, e vão *flanar* pelas estrellas, abandonando por um instante o corpo, seu hospede e companheiro:

Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis.

As almas das andalusitas, e de algumas mulheres *coquetes* que eu conheço, teem um costume mui lindo de chegar á janella.

Escondem-se e começão á brincar com as cortinas, á fazer tantos requebros graciosos, tantos meneios encantadores, que seduzem e martyrisão

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

O que mais chama a atenção neste folhetim, no entanto, não é a disposição do texto dentro do suporte, mas o uso que o folhetinista faz do texto em sua composição, lançando mão de técnicas narrativas para a descrição da realidade presenciada no decorrer da semana. E, no caso, trata-se não apenas de comentar o cenário político descrito secamente nas páginas dos jornais, mas também de expor o que se encontra abaixo da superfície das notícias, desmascarando comportamentos e atitudes.

E para ver além do que as notícias superficialmente relatam, Alencar faz uso de um estratagema narrativo: o autor inicia o folhetim relatando a visita a um novo estabelecimento ótico inaugurado na cidade, fazendo aproximações entre as lentes e os olhos ou, mais especificamente, o olhar, aproveitando o dito popular de que *os olhos são as janelas da alma.*

Em um clima de conto fantástico (como em um conto de Hoffmann, já comentando anteriormente), o folhetinista descreve a visita a tal estabelecimento encontro com um objeto que lhe permitirá ver a realidade por outro ângulo:

> Chegamos finalmente, aos óculos, e entre todos aqueles primores d'arte, no meio de tantos trabalhos delicados e de tantas invenções admiráveis, causou-me reparo uma velha luneta de grossos aros de tartaruga, de feitio tão grosseiro que me pareceu ser uma das primeiras obras do inventor dos óculos.
>
> Estava metida numa caixa de marroquim roxo, sobre o qual se destacavam uns traços apagados, que me pareciam de letras desconhecidas de alguma língua antiga.
>
> Disse-me o proprietário que esta luneta lhe viera por acaso entre uma coleção de elegantes pince-nez que lhe chegara ultimamente da Europa; excedia o número da fatura, o que fazia supor que naturalmente tinha-se confundido com as outras, quando o fabricante as arrumara na caixa.
>
> Embora não me dê a estudos de antiquário, contudo aprecio esses objetos de outros tempos, que muitas vezes podem ter um caráter histórico.
>
> Continuei a examinar a luneta, levei-a aos olhos, e por acaso fitei o amigo que me acompanhava.

> Horresco referens!
>
> Li na boca do meu companheiro, em letras encarnadas, estas formais palavras:
>
> -Forte maçante! Está me fazendo perder o tempo!
>
> Agarrei mais que depressa a minha alma que ia lançar-se à janela; e, disfarçando a minha surpresa, voltei-me para o proprietário.
>
> Através do seu ar amável e cortês, li ainda o seguinte:
>
> -Que extravagância! Com tantos óculos bonitos, ocupar-se com uma luneta velha que não vale nada! (ALENCAR, 2004, p. 308-309)

Essa luneta com propriedades mágicas apresentada ao leitor mostra o poder do olhar do folhetinista, ampliado em relação ao observador comum, como o jornalista que apenas relata um fato, objetivamente. O folhetinista, com esta lente diferenciada, dialoga com a realidade retratada no alto do jornal mas faz do rodapé um espaço diferenciado, um lugar para a apreciação mais subjetiva e minudente do cenário que de descortina a sua frente.

Alencar (2004, p. 310-311), então, passa a refletir sobre o esforço de escrita do folhetim e usa o encontro com a lente fantástica como pretexto para a composição da parte do folhetim com ares ficcionais, mas que em verdade usa da ironia e da figuração para retratar a visão do folhetinista sobre o cenário político daquele momento:

> Depois de almoçar, senti-me mais senhor de mim, e pude refletir friamente sobre a posse da minha luneta.
>
> Lembrei-me que era escritor, e avaliei o alcance imenso que tinha para mim aquele vidro mágico.
>
> Bastavam-me três ou quatro coups de lorgnon, para escrever uma revista que antes me roubava bem boas horas de descanso e sossego.
>
> Não precisava mais estar preso a uma banca, a escrever, a riscar, a contar as tábuas do teto em busca de uma idéia a esgrimir contra a musa rebelde.

> O meu folhetim tornava-se um agradável passeio, um doce espaciar, olhando à direita e à esquerda, medindo a calçada a passos lentos, e rindo-me das coisas engraçadas que me revelaria a minha luneta.
>
> Assim, pois, não é um artigo *ao correr da pena* que ides hoje ler, mas um simples passeio, uma revista *ao correr dos olhos*.

Em um único folhetim, Alencar combina vários planos, quais sejam, os da ficção e da realidade, da narrativa fantástica e do esforço metalingüístico, na medida em que o expediente ficcional seria útil ao folhetinista e facilitaria a composição do seu texto, em uma visão que o escritor considera mais apurada da realidade, quando em verdade entra em ação o subjetivismo do folhetinista, vale dizer, sua visão acerca do momento político do país. Fundem-se no folhetinista o jornalista, o ficcionista, o homem político e o ser social.

Este também é o papel descrito por Antônio Cândido (2000, p. 74) em *Literatura e sociedade,* ao afirmar:

> [...] Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores.
>
> [...] A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco entre qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Alencar tinha ciência do papel do jornalista e do escritor como homem social e não se furtava a ironizar a insipidez do cenário político da época, cuja oposição ele julgava incipiente. Mas, como folhetinista, Alencar não se limita a

relatar ou comentar, ele faz uso da ficção e da ironia dentro da fantasia, suas armas para ridicularizar o cenário real que se lhe apresentava na política brasileira. E justamente Alencar que, além de jornalista e escritor, foi político dos mais atuantes e combativos, de vertente conservadora e monarquista. E, para defender suas ideias, usa do artifício da ironia para atacar a oposição:

> São duas horas.
>
> É a hora da flânerie parlamentar.
>
> Lá vêm braço a braço dois deputados oposicionistas.
>
> Oposicionistas?... Quero dizer queixosos. Oposicionista é uma palavra antediluviana, cujo sentido se perdeu na confusão das línguas da Torre de Babel, e que naturalmente existiu no tempo que havia governo.
>
> Oposicionistas ou queixosos eram dois belos tipos a estudar. Isto é, eu pensava que eram dois: mas, fitando-lhes a minha luneta, vi com pasmo que ambos pensavam não só da mesma maneira, mas com as mesmas palavras. (ALENCAR, 2004, p. 311)

E segue o narrador com sua *luneta* observando um jovem político lamentando os rumos do mercado de então na sanha monetarista já comentada por Alencar em textos anteriores, seguido de mais referências irônicas do folhetinista ao *Jornal do Comércio,* considerando pelo autor "mensageiro fiel dos segredos de Estado" e que, posteriormente, "não passa de um *canard* , que por aí anda mariscando à beira da praia os *poissons* de primeiro de abril!" (ALENCAR, 2004, p. 313), fazendo crer que mesmo o jornal que se considerava de oposição não o faz mais da mesma forma. Vale acrescentar que o termo *canard* a que Alencar faz referência dizia respeito à imprensa sensacionalista, que vivia de rumores vazios ou boatos.

Chega o folhetinista, com sua luneta, a bisbilhotar a pasta de um ministro de estado e sua agenda, mais uma vez ironizando o seu conteúdo. Nem mesmo os próprios folhetinistas e escritores escapam à nova luneta, com a lente bisbilhotando dentro da pasta de outro ministro e constatando:

> Tinha já visto tanta coisa, faltava-me ver o que existe dentro de uma pasta de ministro.
>
> Em primeiro lugar, havia o rascunho de um projeto para estabelecer o emprego de escritor público, à guisa do promotor, do professor e do advogado público.
>
> Necessidade de marcar-se um bom ordenado ao escritor público, o qual deve ser examinado como o professor, e marchar de acordo com a polícia como o promotor. (ALENCAR, 2004, p. 315-316)

Termina Alencar seu texto guardando a luneta fantástica e tratando de "escrever alguma coisa, para que os meus leitores não me tomem por negligente" (ALENCAR, 2004, p. 317). E encerra esse folhetim comentando acerca do teatro lírico e da nova empresa lírica que se encontra na cidade.

Com esse interessante folhetim, é possível vislumbrar a utilização por Alencar de recursos ficcionais para comentar o cotidiano da corte, incluindo o cenário político e artístico da cidade. O recurso fantasioso do uso da luneta mágica dá ao folhetinista predominância do seu olhar sobre os acontecimentos, permitindo o uso de outras formas de expressão, sendo a mais notável delas, neste caso, da ironia.

Essa ironia, quando se trata do jornal e do folhetinista, se expressa não somente pela oposição de elementos através do contraste e da caricatura, mas também da paródia de elementos literários como os romances fantásticos e de fantasia para compor um quadro da realidade pelos olhos do escritor. Falamos, aqui, de paródia enquanto assimilação e utilização de um modelo literário com intenções críticas, como no caso do folhetim em discussão.

Posteriormente, na publicação de folhetins romanescos, tanto de Alencar como de outros escritores, pode-se falar no procedimento que Marlise Meyer chamou de *pilhagem narrativa*, uma apropriação de elementos com finalidade lúdica, "com intenções meramente utilitárias: uma racionalização capitalista, por

assim dizer, para melhor adequação à economia do mercado folhetinesco..." (MEYER, 2005, p. 165).

Mas a ironia do folhetinista ainda se registra na medida em que o jornalista mostra uma certa inquietude e melancolia por suas próprias limitações como narrador e observador diante da realidade que se lhe apresenta. E Marie-Ève Thérenty chama tal característica de *puffismo*, expressão retirada do inglês *puff*, designando a propaganda abusiva ou chamativa que normalmente era veiculada em jornais de menor expressão ou de conteúdo mais sensacionalista. A autora vê na ironia ácida do folhetinista uma boa dose de culpa por sua inserção dentro da própria máquina que faz parte do sistema que ironiza. Assim, a ironia tem um certo tom depreciativo e uma boa dose de culpa:

> A ironia empregada no jornal não o é somente para incomodar a maquinaria séria e apresentar um contraponto, ela testemunha também sem dúvida uma inquietude culpada do escritor em se dedicar à escrita jornalística. O jornal também é uma máquina auto-irônica onde o jornalista se coloca constantemente em situações ambíguas que manifestam por sua vez o perfeito domínio da máquina midiática e um certo mal-estar. (THERENTY, 2007, p. 163)[37]

O folhetinista, misto de jornalista e literato, assume o papel da mistificador quando ironiza e faz parte do próprio contexto ironizado: "O século XIX é o século da mistificação, e os principais mistificadores e disseminadores desta cultura são os jornalistas, atores por excelência desta prática cultural e os primeiros também a fazer dela matéria textual". (THÉRENTY, 2007, p. 164) [38]

[37] L'ironie employée dans le journal quotidien n'est pas là seulement pour inquiéter la machinerie sérieuse et y opposer un contrepoint, elle témoigne aussi sans doute d'une inquietude coupable de l'ecrivain de se dévoyer dans l'écriture journalistique. Le journal est donc aussi une machinerie auto-ironique où le journaliste se met constamment em scène dans des situations ambigües qui manifestent à la fois as parfaite maîtrise de la machine médiatique et um certain malaise. (THERENTY, 2007, p. 163)

[38] Le XIXe siècle est le siècle de la mystification, et les principaux mystificateurs et dispensateurs de cette culture sont des journalistes, acteurs par excellence de cette pratique culturelle et premiers aussi à en faire de la matière textuelle. (THÉRENTY, 2007, p. 164)

Alencar, como folhetinista, exerce a ironia em seu olhar sobre o cenário político e econômico da então capital do império e, para tanto, a sua ácida crítica vem cercada por elementos que denotam a inserção do próprio folhetinista dentro da máquina midiática, que é também parte do tecido social.

Mas nessa era midiática que se iniciava em pleno século XIX, a massificação da comunicação e da escrita em especial também tornaria visível outra face deste poliedro, qual seja, a profusão da escrita íntima nos rodapés da páginas dos jornais, com o folhetinista exercendo uma escrita confessional, como se estivesse revelando seus segredos a alguém muito próximo, quando está, de fato, revelando a seus leitores.

Esse expediente, que seria posteriormente exercido por Alencar em sua ficção, aparece claro no folhetim abaixo reproduzido, de 17 de junho de 1855:

Figura 39 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 17 de junho de 1855

PAGINAS MENORES.

Rio, 17 de junho.

AO CORRER DA PENNA.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Aqui nota-se a configuração padrão no que diz respeito à distribuição do folhetim dentro do jornal, ocupando o rodapé da página e com espaço suficiente

para o texto completo do folhetinista. E, mais uma vez, é necessário citar o papel das epígrafes nas edições posteriores à publicação em jornal, como o elemento de atualidade inerente a cada suporte e já mencionado acima. E isto porque Alencar (2004, p. 381) cita no decorrer de seu texto, após falar sobre a carta que recebera, da nomeação ministerial de um certo *Sr. Wanderley*:

> Por isso, como nada tinha que me interessasse, meti-a no bolso e fui ouvir Ana Bolena, sem mesmo ler-lhe o sobrescrito.
>
> Aí levei a conversar sobre a nova reorganização ministerial; e, quaisquer que fossem as opiniões daqueles com quem falei, a todos ouvi o mesmo pensamento e a mesma idéia sobre o novo ministro, o Sr. Wanderley.
>
> É inegável que este nome dá nova força e novo prestígio ao gabinete, que decerto não podia fazer uma melhor aquisição.

O Sr. Wanderley a quem Alencar se refere parece muito claro ao folhetinista, pelo menos quanto aos leitores a quem o escritor julga atingir, pois não faz maiores referências acerca da identificação de referido Ministro.

Neste sentido, pode-se mencionar que na edição organizada por João Roberto Faria, mais recente, a epígrafe faz referência a "O Sr. Wanderley", enquanto que na primeira edição, também apontada neste trabalho, a rubrica consta como "o gabinete de 6 de setembro e o Sr. Wanderley". Enquanto que neste modelo de epígrafe, a intenção é situar o leitor quanto a um acontecimento recente da história do país em relação á publicação deste volume, qual seja, a nomeação pelo Imperador Dr. Pedro II do conselho de ministros, onde um grupo de parlamentares nomeados pelo imperador faziam as vezes de um primeiro ministro, experiência que começou em 1847 e se estendeu até a proclamação da república, em 15 de novembro de 1889.

O gabinete de seis de setembro a que a rubrica da primeira edição faz referência foi um destes conselhos de ministros, que eram nomeados pelo

Imperador D. Pedro II e nos quais se revezavam conservadores e liberais, que eram também chamados de *luzias* e *saquaremas*.

Na rubrica da edição organizada por João Roberto Faria, a menção ao Sr. Wanderley não é tão específica pela distância entre os acontecimentos que atingem o leitor que já se encontra no século XXI. Referidos elementos tem toda a importância quando se fala da aplicabilidade do suporte em relação à recepção do texto. Enquanto no jornal não há utilização de epígrafe, na edição de 2004 a menção na rubrica do folhetim é concisa e não traz maiores referências. A atualidade da matriz midiática, mencionada por Marie-Ève Thérenty, aqui se manifesta de formas opostas com resultados semelhantes, tendo em vista a atualidade do jornal que dispensa referências externas ao leitor de então e a distância do tempo e da história que tornam remotos os acontecimentos referidos por Alencar no folhetim em relação ao leitor do livro de 2004.

Já no que diz respeito à primeira edição, de 1874, o acontecimento referido pelo autor já se passara há mais de vinte anos mas o país ainda se encontrava sob o regime imperial e dos gabinetes ministeriais, que, como já afirmado, só se extinguiram quando da proclamação da república. Assim, o editor, além de mencionar na rubrica o gabinete de seis de setembro, ainda publicou em nota de rodapé na página 335 a composição do referido gabinete.

O mesmo se dá na referência que faz Alencar à nomeação de Eduardo Olimpio Machado, então presidente da província do Maranhão, para presidir a província do Amazonas. Enquanto que a edição de João Roberto Faria não faz referência a tal assunto; na edição de 1874 tal assunto é destacado já em sua rubrica, sob o título “O Dr. Eduardo Olimpio Machado”, encontrando-se ,ainda, na página 337, uma nota de rodapé explicando que referida personagem não chegou a presidir a província do Amazonas, havendo falecido ainda na província do Maranhão antes de partir para assumir seu novo posto, seguido de diversos elogios à pessoa do referido governante, que também havia sido muito elogiado pelo próprio Alencar em seu folhetim.

O papel das rubricas e notas comentadas acima é muito importante no modo como o leitor recebe o texto dentro de cada modalidade de suporte dentro de determinada época. Quando o texto se insere no presente, como jornal, ou no futuro já distante do fato, como na edição de 2004, ambos os suportes não fazem questão de esclarecer o leitor quanto ao fato comentado pelo folhetinista. Já na edição de 1874, o editor e responsável pela publicação teve o cuidado de mencionar nas rubricas os nomes referidos por Alencar no folhetim, bem como de acrescentar notas de rodapé explicativas do quanto comentado.

Veja-se que na data de publicação da coletânea, nunca é demais lembrar, o país ainda se encontrava sob o regime dos gabinetes ministeriais de D. Pedro II e os fatos comentados haviam se passado pouco mais de vinte anos antes. Pode-se afirmar, portanto, que esta linha temporal que separa a atualidade do passado remoto, com o passado recente em meio ao percurso, mostrou-se fator determinante na construção do texto dentro do suporte respectivo.

Outro aspecto a ser observando neste folhetim, ainda, é o modo como Alencar molda a chamada *escrita íntima* ao seu texto, encontrando um amálgama entre o tom confessional do cronista e o comentário das notícias da semana. E o recurso de mencionar uma carta supostamente recebida pelo autor é um modo de angariar a simpatia e a cumplicidade do leitor. Alencar (2004, p. 379-380) escreve:

> A carta é um livro numa folha de papel, é uma história em algumas linhas, um poema sem cantos; pode ser um testamento, uma confidência, uma entrevista, um desafio, uma boa notícia, ou o anúncio de uma boa desgraça.
>
> É um pássaro, uma ave de arribação, que voa a longes terras, aos climas mais remotos para levar ao amigo ausente as palavras e os pensamentos da amizade ou do amor.

A partir de então, ele passa a fazer uma analogia entre a carta ou epístola e as cartas do baralho e até mesmo as cartas políticas, dentre as quais ele enumera como um traço comum o seu caráter aleatório. A carta a que o folhetinista alude teria sido por ele recebida de uma remetente misteriosa, escrita em francês sob o

pseudônimo de *elle* e conteria um poema. Mais à frente, o autor, após transcrever a carta e o poema nela contido no rodapé do jornal, afirma haver chegado à conclusão de que tudo não passaria de uma "caçoada" e que tal carta não poderia ser levada a sério, dando a entender, na verdade, que o próprio folhetinista não a teria levado muito a sério.

O mais importante desta face do folhetim aqui comentado é essa técnica romanesca de aliar um tom confessional ao que se escreve, atrair a cumplicidade do leitor para depois, pelo menos no caso do folhetim, expor seu ponto de vista sobre assuntos diversos, vale dizer, o uso de uma técnica típica do romance dentro de um folhetim variedade.

Esclareça-se, ainda, que quando se fala de tom confessional, não se está falando, necessariamente, de sinceridade. Pode-se também aventar a utilização de tal recurso como mais um expediente ficcional, destinada a criar um efeito de sinceridade e, por conseguinte, angariar a cumplicidade do leitor.

Neste sentido, é possível afirmar que, com a massificação dos meios de difusão de informação e arte pelo início da era midiática, que essa mecanização trouxe consigo a possibilidade de muitos se tornarem escritores, o que faz com que a revelação de uma intimidade, real ou fictícia, se torne um expediente eficaz de condução e cooptação do leitor, tanto no jornal como em livro.

Sobre tal fenômeno, afirma Walter Benjamin (1986, p. 184):

> Durante séculos, houve uma separação rígida entre um pequeno número de escritores e um grande número de leitores. No fim do século passado, a situação começou a modificar-se. Com ampliação gigantesca da imprensa, colocando à disposição dos leitores uma quantidade cada vez maior de órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais e regionais, um número crescente de leitores começou a escrever, a princípio esporadicamente. No início, essa possibilidade limitou-se à publicação de sua correspondência na seção "Cartas dos leitores". Hoje em dia, raros são os europeus inseridos no processo de trabalho que em princípio não tenham uma ocasião qualquer para publicar um episódio de sua vida profissional, uma reclamação ou uma reportagem. Com isso a diferença essencial entre autor e público está a

> ponto de desaparecer. Ela se transforma numa diferença funcional e contingente. A cada instante, o leitor está a ponto de converter-se num escritor. Num processo de trabalho cada vez mais especializado, cada indivíduo se torna bem ou mal um perito em algum setor, mesmo que seja num pequeno comércio e como tal pode ter acesso à condição de autor.

Essa aproximação entre escritor e autor, referida por Benjamin, é usada pelo folhetinista como técnica, tanto na ocupação do rodapé do jornal quanto, posteriormente, em sua produção romanesca. E o romance, gênero que ganha notoriedade no século XIX, junto com a massificação dos meios de comunicação, já usava anteriormente desta proximidade do leitor para ganhar sua atenção.

Assim, nota-se mais uma vez o diálogo não apenas entre alto e rodapé da página do jornal, mas também das técnicas nascidas no seio do romance e aquelas oriundas das páginas dos jornais, mais uma vez evidenciando o caráter híbrido do folhetim.

Esse expediente da escritura íntima como técnica de fidelização do leitor, trazida para o jornal, também é comentada e evidenciada por Marie-Ève Thérenty (2007, p. 200-202):

> Significativamente, em um dos primeiros manuais de jornalismo, no início do século XIX, a escrita íntima se constituía como um artifício eficaz de se conciliar os favores do leitor: “não hesite, no caso, a se colocar em cena e relatar seus pequenos casos. Comece um artigo sobre a questão do Oriente mencionando que esteve em um café ou em um ônibus. Insista sobre os detalhes : diga o que bebeu e se viajou sobre a plataforma. O bravo homem que tem o hábito de lê-lo, terá sempre, em seu íntimo, uma certa simpatia por você: ele fica feliz de penetrar na sua intimidade.”
>
> [...]
>
> Para muitos jornalistas, a escrita íntima não constitui uma digressão, mas uma operação de centralização do mundo pelo

> ponto de vista do *eu*, uma escrita de experiência novecentista e republicana das relações entre o indivíduo e a Nação.[39]

Soa sintomático o quanto escrito pela autora e transcrito acima: não somente no folhetim ora discutido como em outros publicados nos rodapés dos jornais em que atuou, Alencar faz uso deste tom confessional em seus escritos para trazer o leitor para a sua esfera de atração, como uma deliberada técnica.

Não é demais comentar, ainda, que o leitor faria uso de estilo semelhante ao desenvolvido nos folhetins no seu primeiro romance publicado nas páginas dos jornais, *Cinco minutos,* narrado em primeira pessoa e com um tom declaradamente confessional, de escritura íntima.

Deste modo, possível reconhecer o desenvolvimento pelo folhetinista de técnicas e modos de escrever que seriam posteriormente reutilizados em sua produção romanesca.

Aproveita também o jovem jornalista para despedir-se de sua pena de folhetinista, "minha amiga de tantos dias, companheira inseparável de meus prazeres, confidente de meus segredos, de minhas mágoas, de meus prazeres."(ALENCAR, 2004, p. 413)

Mas a aposentadoria da pena de folhetinista não duraria muito tempo, pois em outubro de 1855 Alencar assume como redator-gerente do *Diário do Rio de Janeiro,* jornal que passava à época por sérias dificuldades financeiras. Com

---

[39] Significativement, dans un des premiers manuels de journalisme, au début du XXe siècle, l'écriture diariste est constituée comme um artífice efficace pour se concilier les fauvers du lecteur: "N'hésitez pas, le cas échéant, à vous mettre en scène et à raconter vos petites affaires. Commencez um article sur la question d'Orient en racontant que vous étiez au café ou en omnibus. Insistez sur des détails précis: dites quelle bière vous buviez et si vous voyagiez sur la plate-forme. Le brave homme qui a l'habitude de vous lire, a toujorus, au fond de lui-même, une certaine sympatie pour vous: il est ravi de pénétrer dans votre intimité" (...) Pour beaucoup de journalistes, l'écriture diariste ne constitue donc pas une digression, mais une opération de recentrage du monde par le biais du *jê*, une écriture de l'expérience dix-neviémiste et républicaine du rapport entre l'individu et la Nation. (THÉRENTY, 2007, p. 200-202)

tantas atribuições seria de se esperar que Alencar deixasse de lado sua atividade intelectual, incluindo a de folhetinista. Mas o escritor reativa a sua pena e passa a corrê-la em uma nova série de folhetins publicados a partir de 7 de outubro de 1855, em uma fase mais curta, de fato, de sete textos, que seriam publicados até 25 de novembro de 1855.

Mas a carreira de escritor já se iniciara: em 1856 é publicado o primeiro romance do autor, *Cinco minutos*, bem como as oito cartas nas quais o autor desanca *A confederação dos Tamoios,* de Gonçalves de Magalhães. Em 1857 Alencar publica aquele que se tornaria seu maior sucesso, *O Guarani*, publicado originalmente em formato de folhetim nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro.*

O caminho trilhado por José de Alencar, acima resumido, mostra um escritor de capital importância, com lugar de centro na história do romantismo brasileiro, nas palavras de Alfredo Bosi, surgindo ao mesmo tempo em que nasce e se dissemina a indústria midiática no Brasil, a partir do modelo francês, um escritor que nasceu folhetinista e que, portanto, adotaria em seus escritos, inclusive em sua obra posterior à aposentadoria da seção *Ao correr da pena*, tudo o que aprendeu e desenvolveu ocupando o rodapé das páginas dos jornais. Trata-se, enfim, de um caso de literato nascido de um processo de transferência cultural, confirmando o já descrito por Espagne e comentado neste trabalho.

Mas Alencar não se limita a absorver o modelo francês da crônica e a trabalhar dentro dele, mas também exerce um "pensar" acerca da crônica, de suas características, do papel que exerce na sociedade e também da literariedade do folhetinista.

E nada melhor para exemplificar o raciocínio acima desenvolvido do que transcrever parte da obra do Alencar cronista, como adiante se faz.

O hibridismo da crônica e a alegada dificuldade de delimitação de sua natureza, entre jornalismo ou literatura, é comentado pelo próprio José de Alencar(2004, p. 27-28), na crônica do dia 24 de setembro de 1854, já mencionada antes:

> É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam – folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias às avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia, que, com as anotações de certos críticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatório onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéia. Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho! (...) Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. Quando queremos jantar, vamos ao Hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o teatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnan. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para seu livro ou o seu artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora da regra geral, e ser uma espécie de panacéia, um tratado de *omni scibili et possibili*, um dicionário espanhol que contenha todas as coisas e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível.

Nesta primeira fase para o *Correio Mercantil*, Alencar ainda demonstra menor grau de literariedade, mais apegado ao formato de *folhetim-variedade*, comum à época. É de se notar o ar descompromissado do autor nas crônicas deste período, mas também é possível perceber um esforço metalingüístico, um "pensar" acerca da crônica, de seu formato e papel dentro do contexto literário, em uma consciência acerca do papel da cultura midiática na massificação da cultura em geral. Começa pelo autor buscando uma definição mais precisa do gênero no qual escreve e, como é comum nos escritores da época, aguardando uma definição do padrão europeu.

Essa linha de conduta de Alencar, envolvendo o esforço metalinguístico dentro do suporte jornalístico com expedientes narrativos típicos do romance será aprofundada na curta série de folhetins escritos em 1855 para o *Diário do Rio de Janeiro,* os quais serão objeto do capítulo seguinte, demonstrando a definitiva assimilação do modelo francês do *feuilleton*, mas com características próprias desenvolvidas pelo escritor, que serão adiante explicitadas.

3. A fase do *Diário do Rio de Janeiro*: a desilusão com a realidade ou uma curta introdução do folhetim romanesco

Em sua biografia sobre José de Alencar, afirma Lira Neto (2006., p. 47) que em julho de 1855, o escritor comprovaria que sua pena de folhetinista não era tão livre quanto ele supunha:

> Em 3 de julho, as duas primeiras páginas do *Correio Mercantil* e dos demais concorrentes viriam inteiramente preenchidas, de alto a baixo, com uma extensa relação de nomes dos subscritores da Estrada de Ferro D. Pedro II. Ao lado do nome de cada acionista, que na lista somavam às centenas, vinha a devida informação do número de ações que a cada um pertencia. Era uma terça-feira. No domingo seguinte, Alencar não hesitaria em denunciar o que considerara um atestado público de especulação financeira.

E assim fez o escritor no folhetim publicado nas páginas do Correio Mercantil, publicado em 8 de julho de 1855 e abaixo reproduzido:

Figura 40 - folhetim publicado no Correio Mercantil de 8 de julho de 1855

PAGINAS MENORES.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

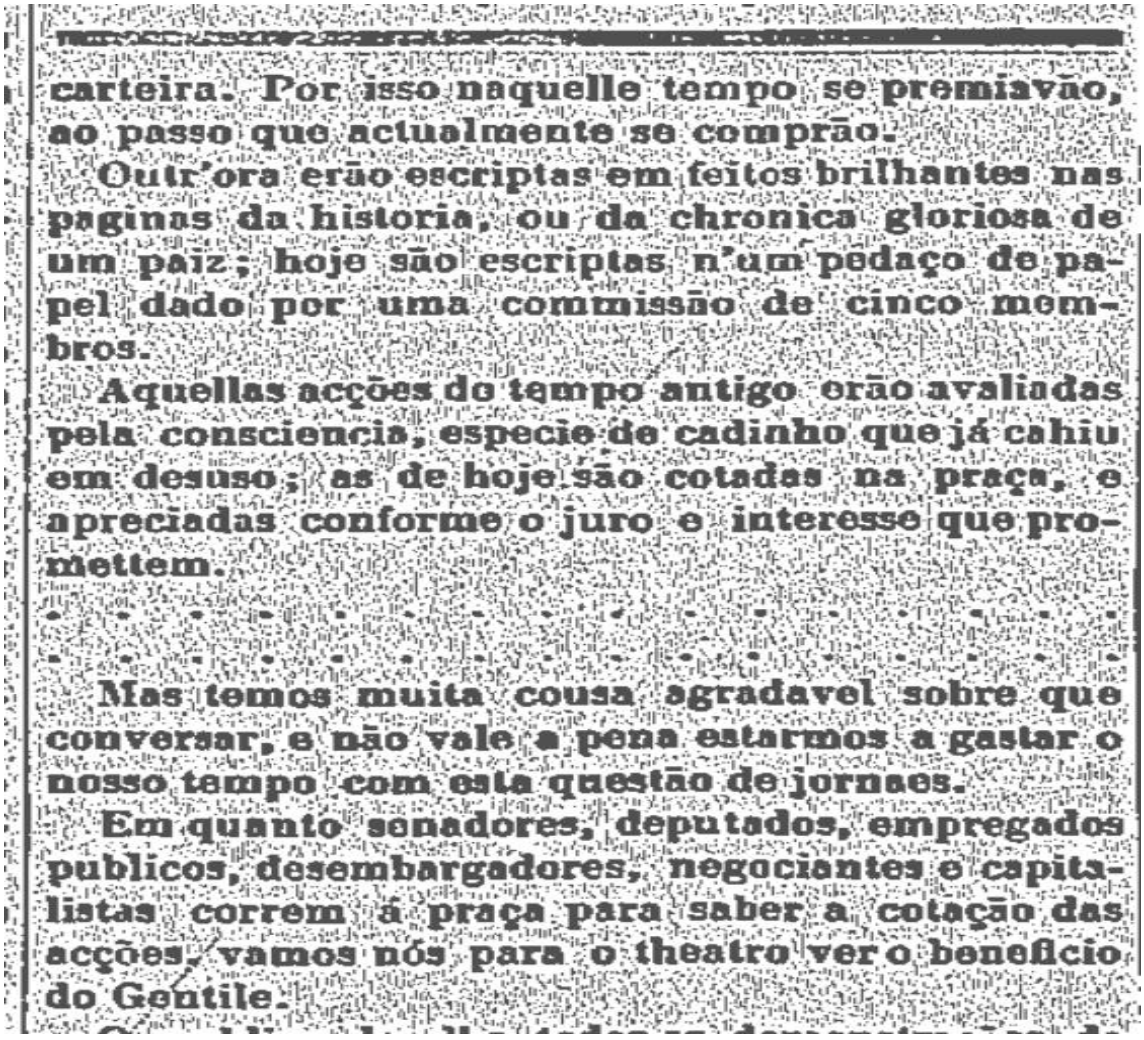
Neste último folhetim, Alencar faz uma dura crítica à febre acionária que grassava naquele momento no país. O folhetinista voltava então suas baterias e sua ácida ironia contra os especuladores e o papel preponderante do dinheiro na sociedade de então.

E assim escreveu:

> Quanto mais se soubésseis o que é realmente para toda a sociedade a lista que publicaram na terça-feira os jornais diários da corte.
>
> É uma espécie de cadastro, de registro, de livro negro da polícia, no qual se acham escritas as ações de cada um, por conseguinte o seu talento, a sua virtude, a sua consideração na sociedade.
>
> As moças lá vão procurar os nomes dos noivos; os negociantes indagar se os seus devedores merecem a continuação do crédito; os amigos saber o grau de amizade que devem despender mutuamente.
>
> Os curiosos divertem-se com as comparações, e os parasitas estudam os nomes daqueles a quem devem tirar o chapéu ou fazer simplesmente um cumprimento de proteção.
>
> E assim são as coisas deste mundo.
>
> Dantes os homens tinham as suas ações na alma e no coração; agora tem-nas no bolso ou na carteira. Por isso naquele tempo se premiavam, ao passo que atualmente se compram.
>
> Outrora eram escritas em feitos brilhantes nas páginas da história, ou da crônica gloriosa de um país; hoje são escritas num pedaço de papel dado por uma comissão de cinco membros.
>
> Aquelas ações do tempo antigo eram avaliadas pela consciência, espécie de cadinho que já caiu em desuso; as de hoje são cotadas na praça e apreciadas conforme o juro e interesses que prometem. (ALENCAR, 2004, p. 408-409)

Tão duro ataque foi demais para o dono do jornal, Muniz Barreto, que determinou que um trecho do folhetim, para sempre perdido, fosse extirpado antes de sua publicação, substituindo o quanto escrito por pontinhos, conforme abaixo reproduzido do jornal, trecho este que também não aparece em todas as outras edições posteriores dos folhetins de Alencar aqui pesquisadas, incluindo a primeira edição de 1874 aqui já mencionada:

Figura 41 - recorte e ampliação do folhetim representado na figura 40 - note-se a linha dupla pontilhada que substituiu o trecho suprimido no qual Alencar atacava os especuladores



carteira. Por isso naquelle tempo se premiavão, ao passo que actualmente se comprão.

Outr'ora erão escriptas em feitos brilhantes nas paginas da historia, ou da chronica gloriosa de um paiz; hoje são escriptas n'um pedaço de papel dado por uma commissão de cinco membros.

Aquellas acções do tempo antigo erão avaliadas pela consciencia, especie de cadinho que já cahiu em desuso; as de hoje são cotadas na praça, e apreciadas conforme o juro e interesse que prometem.

. . . . . .

. . . . . .

Mas temos muita cousa agradavel sobre que conversar, e não vale a pena estarmos a gastar o nosso tempo com esta questão de jornaes.

Em quanto senadores, deputados, empregados publicos, desembargadores, negociantes e capitalistas correm á praça para saber a cotação das acções, vamos nós para o theatro ver o beneficio do Gentile.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

É possível verificar, na reprodução acima, as duas fileiras de pontilhados substituindo o trecho mais duro do folhetim cuja retirada foi determinada. Ainda segundo Lira Neto (2006), Alencar teria sabido com antecedência da censura ao trecho e ainda tentou demover a direção do jornal de tal iniciativa, sob pena do folhetinista pedir sua sumária e inegociável demissão caso a supressão fosse mantida. De nada adiantou, contudo: no dia 8 de julho de 1855 o folhetim saiu no rodapé da primeira página do *Correio Mercantil* com a censura determinada pelo dono do jornal.

Face a tal procedimento, Alencar terminou por cumprir o que prometera:

> Vencido, Alencar esvaziou as gavetas, pegou o chapéu, tirou o paletó do cabide, despediu-se dos amigos e desapareceu, cabeça erguida, pela porta da rua. Antes, escreveu numa tira de papel algumas linhas, que pediu a Otaviano que fossem incluídas ao final do artigo, para compensar o espaço deixado pelo texto suprimido. (LIRA NETO, 2006, p. 125)

E foi justamente o final do folhetim, no qual Alencar (2004, p. 413-414) se despedia de seus leitores da seção, quase, pode-se dizer, uma analogia ao que hoje já se presenciou como um "pedido de demissão ao vivo":

> E agora, vem minha boa pena de folhetinista, minha amiga de tantos dias, companheira inseparável dos meus prazeres, confidente de meus segredos, de minhas mágoas, dos meus prazeres.
>
> Vem! Quero dizer-te adeus! Vamos separarmo-nos, e talvez para sempre!
>
> Tenho saudade desses dias em que brincava comigo sorrindo-me, coqueteando, desfolhando as flores da imaginação, e levando-me por estes espaços infindos da fantasia.
>
> Oh! tenho muita saudade! Sempre me lembrarei dessas nossas conversas íntimas ao canto de uma mesa, com os olhos nos ponteiros do relógio, aproveitando as últimas claridades do crepúsculo para recordar ainda algum fato esquecido.

> Mas é necessário. Faço-te este sacrifício, bem que me pese, bem que o levem a mal os meus melhores amigos.
>
> Os outros te esquecerão, mas eu me lembrarei sempre de ti: basta isto para consolar-te.

Vemos aqui um exemplo de como o jornal, obra coletiva que é, novamente ostenta sua interferência na pena do escritor: o ato de censura do dono do jornal em relação ao quanto escrito por Alencar termina por alterar o conteúdo da obra.

Referida atitude, se não resulta em deturpação do sentido do leitor, eis que a supressão do trecho já mencionado termina por não importar em gritante solução de continuidade na leitura, por outro lado surtiu efeito sobre o próprio folhetinista, que publicou uma despedida de seus leitores como uma espécie de *post scritptum*, alterando novamente o sentido do folhetim e fragmentando ainda mais a leitura de quem contempla o folhetinista saltando de um assunto a outro, em um autêntico exercício de folhetim-variedade. É a matriz midiática, em sua coletividade, interferindo na obra como um todo, dando novo sentido ao quanto escrito.

Cerca de três meses depois, Alencar já assumia o posto de diretor do *Diário do Rio de Janeiro,* que na época lutava contra grandes dificuldades financeiras. Afirma Lira Neto (2006, p. 133) sobre tal episódio:

> O decadente *Diário do Rio de Janeiro,* então conhecido como "jornal do vintém", lutava aos trancos e barrancos para ter de volta a posição que um dia lhe pertencera. A edição de 5 de outubro do ano anterior circulara com um aviso ao público, comunicando que, a partir daquela data, a folha estaria sob nova direção. "Uma alta inteligência, um talento incontestável vai dirigir dora em diante a publicação do decano da imprensa brasileira", ficavam sabendo os leitores do *Diário*.
>
> "Ao Sr. José de Alencar cabe hoje a gloriosa missão de conduzir incólume ao posto de honra este velho e simpático jornal; a ele cumpre conquistar o lugar que lhe compete por tantos títulos", anunciava a nota, que encerrava fustigando a concorrência: "[O novo diretor] terá de arrostar a ignóbil prepotência do monopólio; mas jovem ainda, deverá opor um dique às audaciosas pretensões dos parasitas da imprensa nacional".

E junto às funções de direção e edição do "jornal do vintém", Alencar retoma sua pena de folhetinista para uma nova e curta série de apenas sete folhetins, de 7 de outubro a 25 de novembro de 1855, série esta que, se não se mostra tão extensa quanto aquela escrita nas páginas do *Correio Mercantil*, se equipara a esta em importância para o estudo aqui empreendido: é aqui que Alencar começa a oscilar e, pode-se dizer, se afastar do modelo de folhetim-variedade e cada vez mais fixar sua pena nos procedimentos ficcionais que o tornariam célebre posteriormente. Basta lembrar que foi no rodapé das páginas do *Diário do Rio de Janeiro* que Alencar trouxe à lume seus dois primeiros romances, *Cinco minutos* e, ainda, *O Guarani*.

Trata-se de um movimento de afastamento do alto da página do jornal, vale dizer, o Alencar que esvoaçava como um colibri, na definição do autor, pelos assuntos da semana, comentando-os e filtrando-os para seus leitores, esse folhetinista passa a cultivar no rodapé das páginas do *Diário do Rio de Janeiro* um maior interesse pelos procedimentos de produção do folhetim, do processo de escritura do próprio jornal, bem como de outros modos de produção literária que usam o jornal como seu palco de atuação, caso do folhetim romanesco, por exemplo.

Essa mudança de ponto de vista e modos de procedimento primeiro se dá nas páginas do jornal, como a seguir será mostrado, mas também ocorre dentro dos próprios procedimentos de construção dos romances e caracterização das personagens empreendidos por Alencar em suas obras, como atestado por Valéria de Marco, na obra já mencionada neste estudo. Para tanto, a autora compara *O Guarani* e *As minas de prata* , tratando-os como momentos distintos no que diz respeito à visão de Alencar no percurso que vai da crença na solução de conflitos pela conciliação até a desilusão com o palco de desordem, falando sobre tal cenário de maneira cifrada na última obra acima referida.

Neste caso, pode-se dizer que o episódio da saída do autor do *Correio Mercantil* foi emblemático: a palavra-chave aqui é desilusão, na medida em que Alencar afastou-se da realidade por ele comentada e que causou a sua "queda" como folhetinista, passou a assumir um processo de afastamento da realidade retratada no jornal, especialmente a política e econômica, só voltando a pena com mais energia para o alto da página quando o objetivo era comentar espetáculos artísticos.

Basta dizer também que a polêmica seguinte a tal entrevero em que Alencar se meteu foi a publicação das *Cartas sobre a Confederação dos Tamios*, na qual o autor, escaldado, inicia a publicação dos primeiros números sob o pseudônimo *Ig*. E posteriormente nas *Cartas de Erasmo ao imperador*, escreve novamente sob pseudônimo, agora para falar de política. Em ambos os casos e em outras polêmicas na quais Alencar se envolveu, não mais o terreno do folhetim foi o escolhido para o embate.

Aqui, vale a transcrição de trecho do livro de Valéria de Marco (1993, p. 232) que fala do romancista, mas que bem pode ser aplicada ao folhetinista e intelectual Alencar:

> Em todo o percurso que fizemos é clara a trajetória de desilusão vivida por Alencar. Ela expressa-se no descenso das formas de ficção, no movimento descendente de seu olhar, nos correspondentes modos simétricos à estruturação do romance usados para apropriar-se da historiografia e no processo de transformação da personagem que representa o intelectual.
>
> Como esse percurso descendente desenvolve-se a partir de uma projeção do olhar do escritor sobre o passado, forja-se uma imagem da História do Brasil, como um lento processo de descenso, de decadência. Dois elementos são considerados pelo autor como vetores decisivos para a determinação do movimento a ser imprimido à representação do corpo social: a política da conciliação e o papel do intelectual. E Alencar vincula-os através de uma relação de absoluta dependência. Para ele a construção e o progresso do país só poderiam ser viabilizados se a deliberação política emanasse de um projeto feito com o objetivo de conciliar interesses e divergências, para solucionar eventuais conflitos e evitar impasses. No

> entanto, tal missão somente poderia ser cumprida por intelectuais independentes, vale dizer, por intelectuais que estivessem acima dos interesses.

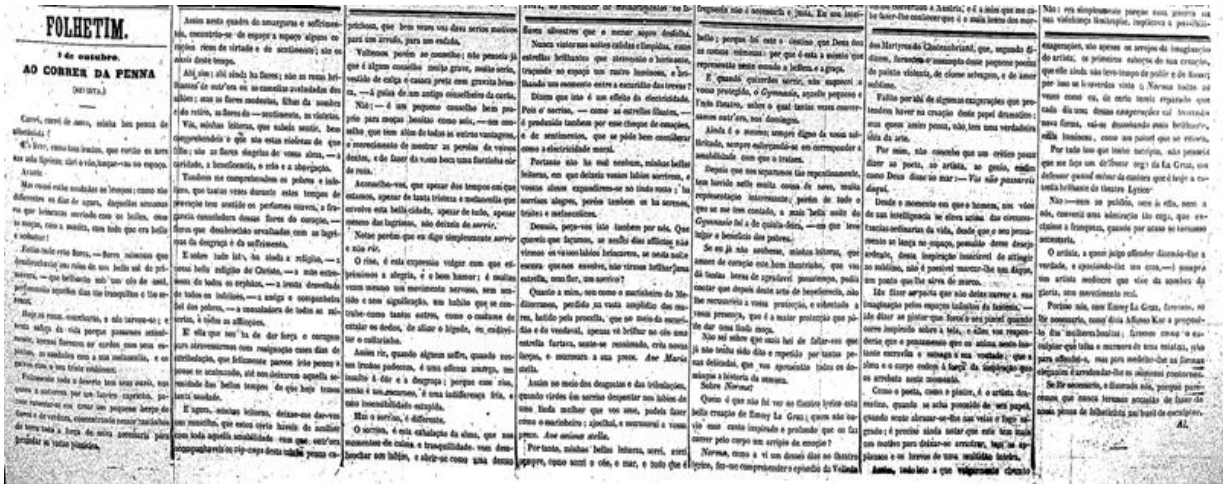
Aqui, a analogia é válida: o afastamento do alto da página faz com que o folhetinista baixe o olhar para o próprio rodapé da página, bem como para o uso de procedimentos narrativos típicos do romance folhetinesco nas páginas dos jornais, evoluindo para um modelo que seria adotado por Alencar em *O Guarani*, por exemplo, mas sem se afastar daquilo que o autor via como um modelo histórico para os dias que se seguiam, como já comentado no capítulo anterior.

Deste modo, Alencar antecipa um movimento chamado por Marie-Ève Thérenty (2007) de *cisão*, comum ao romance do século XX e antecipado por Alencar no século XIX. Esse movimento consistiria no afastamento entre literatura e jornal, em que aquela promove uma abstração do discurso jornalístico e passa a utilizar expedientes próprios.

Esse afastamento do alto da página é precedido de um esforço metalinguístico que posiciona o folhetinista/narrador em relação ao leitor, bem como de uma "contaminação" da realidade pelos expedientes literários do folhetinista. É o que se verá na análise que se segue.

E Alencar inicia sua nova e curta série de folhetins em 8 de outubro de 1855, com o texto que abaixo segue reproduzido em seu original:

Figura 42 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro em 8 de outubro de 1855



FOLHETIM.

8 de outubro.

AO CORRER DA PENNA

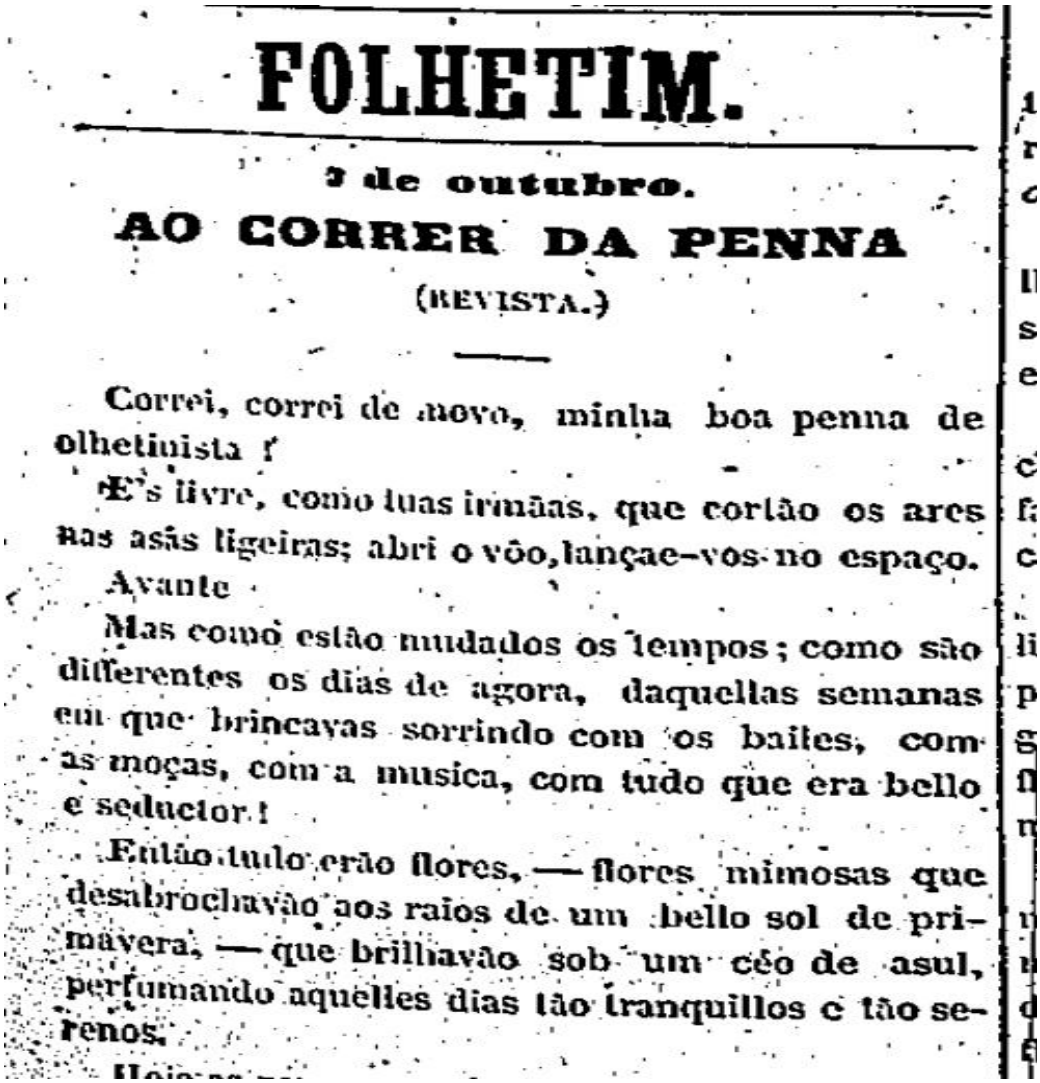
(REVISTA.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Por primeiro, nota-se a disposição do artigo, novamente dentro do rodapé da página do jornal, como ocorria no período em que o escritor exerceu tal função no *Correio Mercantil*. O estudo da forma como o texto foi colocado no suporte dá algumas pistas sobre os movimentos que se seguirão por parte do folhetinista, aliado à análise do quanto escrito.

A reprodução abaixo do início da seção pode fornecer alguns elementos a serem destacados:

Figura 43 - recorte e ampliação do folhetim representado na figura 42



FOLHETIM.

3 de outubro.

AO CORRER DA PENNA

(REVISTA.)

Correi, correi de novo, minha boa penna de folhetinista!

E's livre, como tuas irmãas, que cortão os ares nas asas ligeiras; abri o vôo, lançae-vos no espaço.

Avante.

Mas como estão mudados os tempos; como são differentes os dias de agora, daquellas semanas em que brincavas sorrindo com os bailes, com as moças, com a musica, com tudo que era bello e seductor!

Então tudo erão flores, — flores mimosas que desabrochavão aos raios de um bello sol de primavera, — que brilhavão sob um céo de asul, perfumando aquelles dias tão tranquillos e tão serenos.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Convém primeiro destacar a troca do título anteriormente utilizado no *Correio Mercantil*, quando o espaço era intitulado de *páginas menores*, trocando pela designação real de rodapé da página que este possui, ao passar a nomear este território da página do jornal por *folhetim*, adotando inclusiva a designação utilizada por jornais franceses como o *La Presse*, conforme já mostrado anteriormente, que já designava originalmente tal seção por *le feuilleton*.

Tal distinção, cremos, é significativa, na medida em que o movimento gradual de afastamento de Alencar do alto da página começa por uma espécie de demarcação de território: o espaço que antes era chamado de *páginas menores*, como que subordinado ao que se poderia chamar de maior, ou seja, o restante do jornal, passa a dispor de um território próprio, no rodapé da página, daí se poderia afirmar da adoção, a partir de então do título *folhetim*. Ainda, essa inflexão que Alencar fará rumo aos expedientes típicos do folhetim romanesco são mais afeitos ao modelo francês, com o qual Alencar já dialogava em sua fase do *Correio Mercantil* e cujo aprofundamento se dá nesta fase do *Diário do Rio de Janeiro*.

Note-se ainda que o subtítulo da seção adotado por Alencar continua o mesmo, *Ao correr da pena*. Ao mesmo tempo em que o rodapé da página demarca o seu território com mais nitidez, o folhetinista aqui continua adotando uma identidade que remeta o leitor ao anteriormente escrito, apostando na fidelização do público que antes o acompanhava nas páginas do *Correio Mercantil*. Trata-se da "rubricidade" da matriz midiática já comentada, em que determinados sinais constantes da composição da página no suporte remetem o leitor a uma modalidade de texto que mais lhe agrade, fidelizando esse leitor.

E essa demarcação de território aqui apontada na composição do folhetim dentro do jornal também aponta para uma menor porosidade entre alto e baixo da página: como já afirmado, Alencar não se afasta totalmente dos acontecimentos retratados pelo jornal ao exercitar sua pena de folhetinista, mas o faz com muito mais sobriedade. Para tanto, neste primeiro folhetim de sua nova fase, o escritor evoca a recuperação da liberdade de escrever nas páginas de um jornal e lamenta os tempos sombrios que presencia:

> Correi, correi de novo, minha boa pena de folhetinista!
>
> És livre, como tuas irmãs, que cortam os ares nas asas ligeiras; abri o vôo, lançai-vos no espaço.
>
> Avante.
>
> Mas como estão mudados os tempos; como são diferentes os dias de agora, daquelas semanas em que brincavas sorrindo

> com os bailes, com as moças, com a música, com tudo que era belo e sedutor!
>
> Então tudo eram flores, - flores mimosas que desabrochavam aos raios de um belo sol de primavera, - que brilhavam sob um céu azul perfumando aqueles dias tão tranqüilos e tão serenos.
>
> Hoje as rosas murcharam, o céu turvou-se; e nesta sáfara da vida por que passamos atualmente, apenas florescem os cardos com seus espinhos, as saudades com a sua melancolia, e os goivos com o seu triste emblema.
>
> Felizmente todo o deserto tem seus oásis, nos quais a natureza por um faceiro capricho, parece esmerar-se em criar um pequeno berço de flores e de verdura, concentrando nesses cantinhos de terra toda a força de seiva necessária para fecundar as vastas planícies. (ALENCAR, 2004, p.415-416)

Possível vislumbrar aqui o folhetinista celebrando a volta da liberdade para compor seu texto, bem como lamentando os tempos que correm mas saudando ainda a existência de um "oasis" em meio a tão lastimável deserto, que seria, ao ver do folhetinista, o espaço do jornal onde sua liberdade poderia ser melhor exercida.

Outra característica que marca este folhetim de Alencar é o tom de intimidade do autor com suas leitoras, aplicando outra das técnicas já comentadas no capítulo anterior, o de aproximar folhetinista e leitor (ou leitora), contrastando com o tom impessoal do alto da página, obtendo uma maior fidelidade de quem lê.

Esse tom confessional e intimista pode ser comprovado no trecho abaixo transcrito:

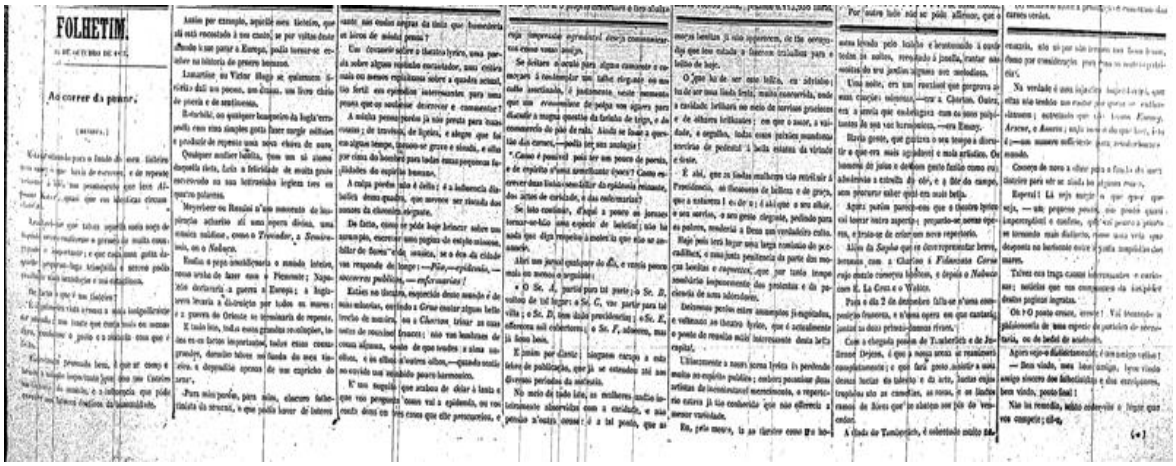
> E agora, minhas leitoras, deixai-me dar-vos um conselho, que estou certo haveis de acolher com toda aquela amabilidade com que outrora acompanháveis os ziguezagues desta minha pena caprichosa, que bem vezes vos dava sérios motivos para um arrufo, para um enfado.
>
> Voltemos porém ao conselho; não penseis já que é algum conselho muito grave, muito sério, vestido de calça e casaca preta com gravata branca, - à guisa de um antigo conselheiro da coroa.

> Não; - é um pequeno conselho bem próprio para moças bonitas como sois, - um conselho que tem além de todas as outras vantagens, o merecimento de mostrar as pérolas de vossos dentes, e de fazer da vossa boca uma florzinha cor-de-rosa.
>
> Aconselho-vos, que apesar dos tempos em que estamos, apesar de tanta tristeza e melancolia que envolve esta bela cidade, apesar de tudo, apesar mesmo das lágrimas, não deixeis de sorrir. (ALENCAR, 2006, p. 417-418)

Ainda, referido folhetim concentra assuntos que não estão relacionados à política ou à economia, em um tom que se mostrará preponderante nos demais folhetins que serão analisados a seguir, mostrando o movimento de afastamento do alto da página ou cisão. Neste sentido, Alencar prefere comentar assuntos relacionados à ópera ou ao teatro, por exemplo. Neste texto ainda não se verifica com maior intensidade o uso de expedientes literários, não obstante o já apurado grau de subjetivação.

E nesse processo de afastamento do alto da página do jornal, pode-se notar também um aprofundamento do esforço do folhetinista e discorrer acerca do seu mister e, ainda de sua escrita em relação ao jornal como um todo. É o que se pode notar no folhetim de 21 de outubro de 1855, abaixo reproduzido:

Figura 44 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro de 21 de outubro de 1855



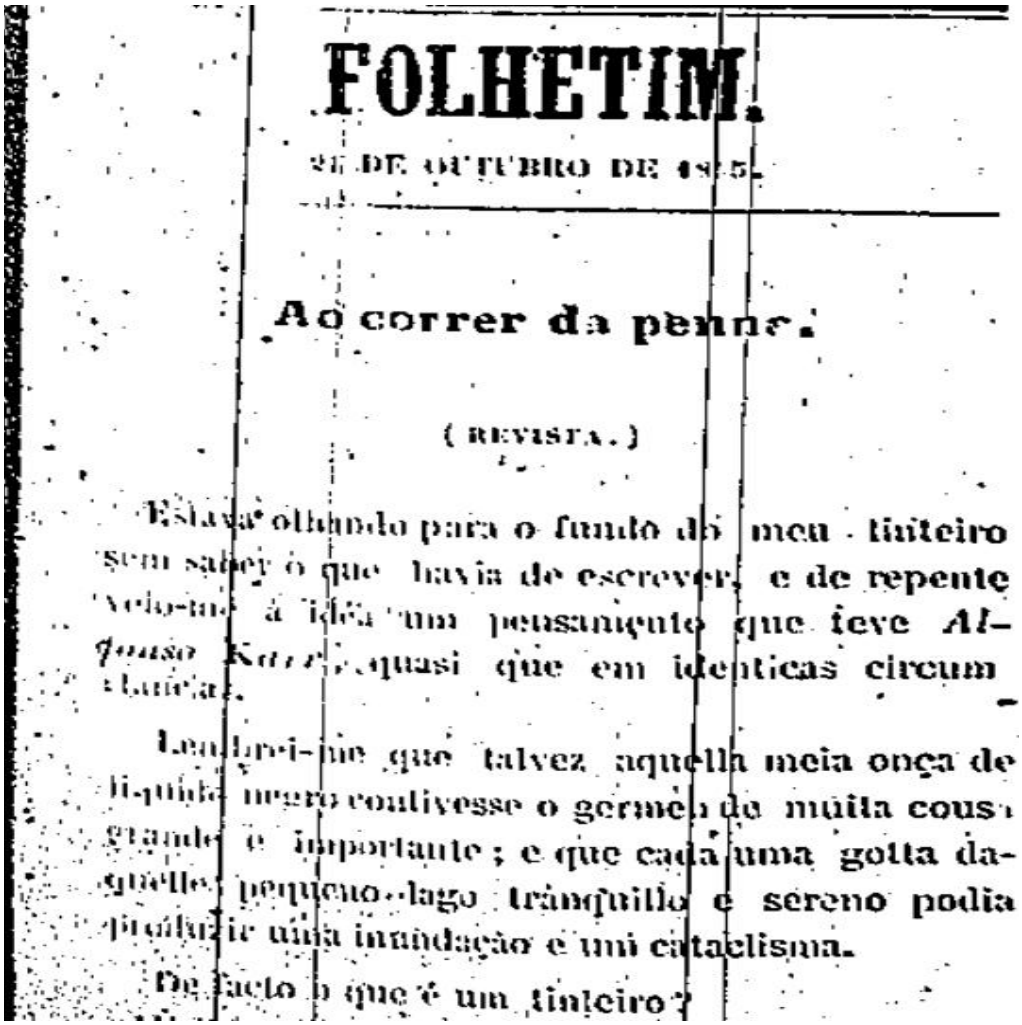
FOLHETIM.

Ao correr da penna.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Nesta reprodução pode-se notar, primeiramente, a ocupação uniforme da página do rodapé da página do jornal, sem a necessidade do uso de expedientes para preenchimento do espaço ou para a continuação em outra página, o que, do ponto de vista do suporte, vai se mostrar uma constante nesta série, ao contrário do quanto visto na série publicada no *Correio Mercantil*. Ainda aqui reproduzimos recorte do referido folhetim, onde se nota a configuração padrão adotada nesta série pelo autor:

Figura 45 - recorte e ampliação do início do folhetim representado pela figura 44



FOLHETIM.

21 DE OUTUBRO DE 1855.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

Estava olhando para o fundo do meu tinteiro sem saber o que havia de escrever, e de repente veio-me á idéa um pensamento que teve *Alfonso Karr*, quasi que em identicas circumstancias.

Lembrei-me que talvez aquella meia onça de liquido negro contivesse o germen de muita cousa grande e importante; e que cada uma gotta daquelle pequeno lago tranquillo e sereno podia produzir uma inundação e um cataclismo.

De facto o que é um tinteiro?

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Mais uma vez, como nos outros folhetins desta série do *Diário do Rio de Janeiro,* Alencar utiliza a designação *folhetim* como rubrica da seção, e o título *ao correr da pena* em fonte menor e a designação *revista* em fonte ainda menor. Cumpre chamar a atenção aqui para o fato de que a disposição dos elementos da página desempenha um papel importante na forma como o folhetinista disporá aquilo que escreve no espaço do jornal. A designação como *revista* com a menor das fontes adotadas, em tamanho utilizado no corpo do próprio texto, diz muito sobre as intenções do folhetinista, como a seguir será visto.

E, do ponto de vista do conteúdo do folhetim, Alencar opta pelo tom mais intimista com seus leitores e começa quase em tom de devaneio, discorrendo acerca das possibilidades de abordagem de quem escreve, usando como metáfora a função do tinteiro, remetendo ao crítico, jornalista e escritor francês Alphonse Karr (1808–1890), fazendo referência à importância da palavra para a "história do gênero humano" , como escrito pelo folhetinista:

> Estava olhando para o fundo do meu tinteiro sem saber o que havia de escrever, e de repente veio-me à idéia um pensamento que teve Afonso Karr, quase que em idênticas circunstâncias.
>
> Lembrei-me que talvez aquela meia onça de líquido negro contivesse o germe de muita coisa grande e importante. E que cada uma gota daquele pequeno lago tranqüilo e sereno podia produzir uma inundação e um cataclismo.
>
> De fato o que é um tinteiro?
>
> É a primeira vista a coisa mais insignificante do mundo; um traste que custa mais ou menos caro, conforme o gosto e a matéria com que é feito.
>
> Entretanto, pensando bem, é que se compreende a missão importante que tem um tinteiro na história do mundo, e a influência que pode exercer nos futuros destinos da humanidade. (ALENCAR, 2004, p. 423-424)

E como o folhetinista que atua no rodapé da página e faz seus escritos *ao rés do chão*, usando a expressão de Antonio Cândido, Alencar fala sobre o uso de

do tinteiro que fazem Lamartine e Victor Hugo, depois grandes poetas e historiadores, o papa, Napoleão e o banqueiro Rotschild, para chegar até o folhetinista que habita o rodapé daquela página, lamentando novamente a transformação de seu estilo e sua desilusão, como já fizera no texto anterior:

> Para mim porém, para mim, obscuro folhetinista da semana, o que podia haver de interessante nas ondas negras da tinta que umedecia os bicos de minha pena?
>
> Um devaneio sobre o teatro lírico, uma poesia sobre algum rostinho encantador, uma crítica mais ou menos espirituosa sobre a quadra atual, tão fértil em episódios interessantes para uma pena que os soubesse descrever e comentar?
>
> A minha pena porém já não presta para essas coisas; de travessa, de ligeira, e alegre que foi em algum tempo, tornou-se grave e sisuda, e olha pôr cima do ombro para todas essas pequenas futilidades do espírito humano. (ALENCAR, 2004, p. 425)

E, para justificar essa mudança no tom adotado por sua pena, lamenta a invasão da parte de cima do jornal pelas notícias sobre epidemias e doenças, que terminam por tomar o espaço das notícias sobre espetáculos que antes ocupavam os jornais, na visão do folhetinista.

Para ilustrar esse fastio, escreve:

> Se deitais o óculo para algum camarote e começais a contemplar um talhe elegante ou um colo acetinado, é justamente neste momento que um economista de polpa vos agarra para discutir a magna questão da farinha de trigo, e do comércio do pão de rala. Ainda se fosse a questão das carnes, - podia ter sua analogia!
>
> Como é possível pois ter um pouco de poesia, e de espírito numa semelhante época? Conto escrever duas linhas sem falar da epidemia reinante, dos atos de caridade, e das enfermarias?
>
> Se isto continua, daqui a pouco os jornais tornar-se-ão uma espécie de boletim; não há nada que diga respeito à moléstia que não se anuncie. (ALENCAR, 2004, p. 426)

Aqui Alencar faz referência a um fenômeno característico da era midiática que então se iniciava no Brasil e que trazia consigo a massificação da informação: seria uma maior "impessoalidade" na transmissão das notícias, decorrentes do jornal de maior tiragem atingindo um número maior de pessoas em uma população crescente de uma cidade como o Rio de Janeiro da época.

Para contrapor tal característica, Alencar se afasta da objetividade fria das notícias do alto da página para falar de arte com suas leitoras, a quem se dirige diretamente, em mais uma vertente da escrita íntima já comentada no capítulo anterior: usa da primeira pessoa em diversos trechos para criar um laço mais estreito com quem lê, lamentando de início as opções limitadas do teatro lírico, para depois festejar a chegada de novas óperas que comporão a temporada que se inicia. Aqui novamente o contraste: de um lado, a involução do alto da página com suas notícias impessoais; de outro a evolução da cena artística com a nova temporada do teatro lírico.

E Alencar (2004, p. 429-430) finaliza o folhetim com um interessante esforço ficcional, no sentido de dar ao tinteiro e não ao folhetinista a prerrogativa de encerrar o texto:

> Começo de novo a olhar para o fundo do meu tinteiro para ver se ainda há alguma coisa.
>
> Esperai! Lá vejo surgir o que quer que seja, - um pequeno ponto, um ponto quase imperceptível e confuso, que vai pouco a pouco se tornando mais distinto, como uma vela que desponta no horizonte entre a vasta amplidão dos mares.
>
> Talvez nos traga coisas interessantes e curiosas; notícias que vos compensem da insipidez destas páginas ingratas.
>
> Oh! O ponto cresce, cresce! Vai tomando a fisionomia de uma espécie de porteiro de secretaria, ou de bedel de academia.
>
> Agora vejo-o distintamente; é um amigo velho!
>
> -Bem-vindo, meu bom amigo, bem-vindo, amigo sincero dos folhetinistas e dos escritores, bem-vindo, ponto final!
>
> Não há remédio, senão ceder-vos o lugar que vos compete; ei-lo.

E é este o trecho mais interessante do texto, pois o folhetinista, usando do recurso ficcional de autoridade ao tinteiro do folhetinista, comparando o ponto ao "porteiro de secretaria" ou ao "bedel de academia", como aquele que impõe limites e anuncia a hora de parar com algo. Mais ainda, Alencar eleva o ponto final não mais a um simples sinal gráfico que compõe o corpo do texto, mas ao patamar de importante elemento em igualdade com qualquer outra expressão escrita.

Não é comum esse grafismo em autores da época e o autor aqui comentado, embora não se torne recorrente o uso de tal expediente, mostra aqui uma evolução do apuro técnico, mostrando o exercício da escrita por um viés ficcional e mostrando um elemento gráfico como o ponto final na condição primordial do texto, pois demarca o seu final.

Novamente em um caso como este se nota a influência do suporte sobre a composição do texto e sobre a própria escrita: a demarcação do território dos textos dentro da página do jornal e sua organização em determinada arquitetura, respeitada uma hierarquia entre o que é publicado em determinado local da página e as técnicas de impressão sempre em evolução terminam por chamar a atenção para o grafismo dos textos.

E Alencar, ao usar do recurso acima comentado, ainda que de forma tênue, mostra que o autor tem ciência do uso dos sinais gráficos como elementos de reconhecimento do texto pelo leitor, aliada à comparação do tinteiro com um limitador, ou seja, o elemento material ou técnico limitando os devaneios do folhetinista, como ocorre no jornal, antes de mais nada uma obra técnica.

E o meio no qual o texto se insere originalmente e a sua reprodutibilidade técnica é que destacam o texto mesmo após a sua retirada do suporte original e a sua reprodução em outras espécies de suporte, destacando os seus elementos de diferenciação. É a apreciação do objeto no instante e nas condições em que este é produzido.

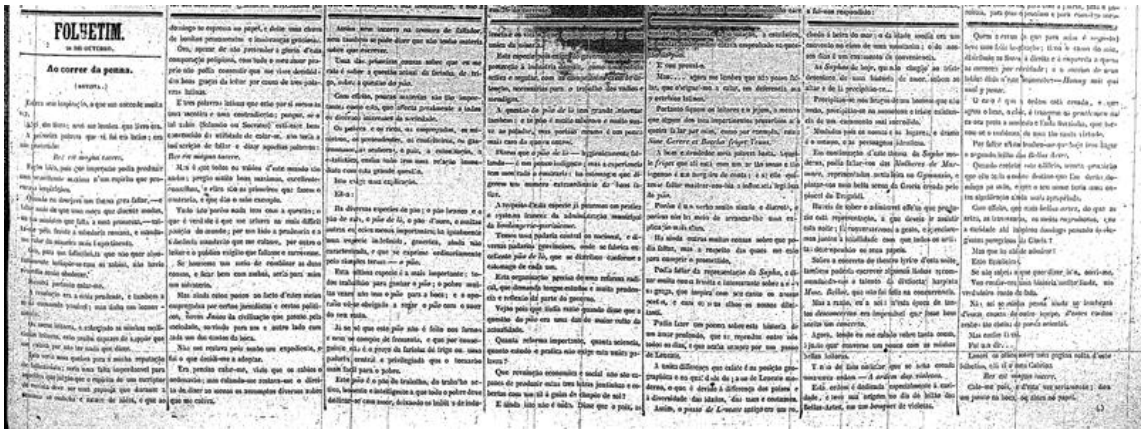
Não soa absurdo afirmar aqui que o leitor do folhetim, já no suporte livro, muito tempo depois, não compreenda plenamente o uso de tal recurso pelo autor, ou o compreenda fora do contexto em que foi originalmente produzido. Por tais motivos a análise do texto dentro do suporte original auxiliar no entendimento do folhetim, aqui neste caso, como um todo, pois Alencar passa o texto a lamentar as limitações do folhetinista e o afastamento das notícias frias e objetivas do alto da página do jornal, para depois associar um elemento material como o marcador do início e o fim do seu texto, minimizando o papel da inventividade do folhetinista.

Tal só é possível com a visualização da obra no momento e lugar em que é produzida, pois, como afirmado por Benjamin (1985, p. 171), "com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual".

De todo o comentado, pode-se extrair, portanto, a importância do folhetim acima comentado com um dos mais importantes desta série, na medida em que apresenta elementos que serão cada vez mais recorrentes na obra de Alencar, até os momentos que antecedem o encerramento de suas atividades como folhetinista de variedades e seu início no folhetim romanesco: a gradual desilusão com a realidade e a oscilação em relação ao alto da página do jornal, a visão do elemento técnico como limitador dos devaneios do folhetinista.

E o desenvolvimento dos expedientes narrativos bem como o uso dos recursos do suporte como componentes da narrativa seguem no folhetim de 28 de outubro de 1855, abaixo reproduzido:

Figura 46 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro em 28 de outubro de 1855



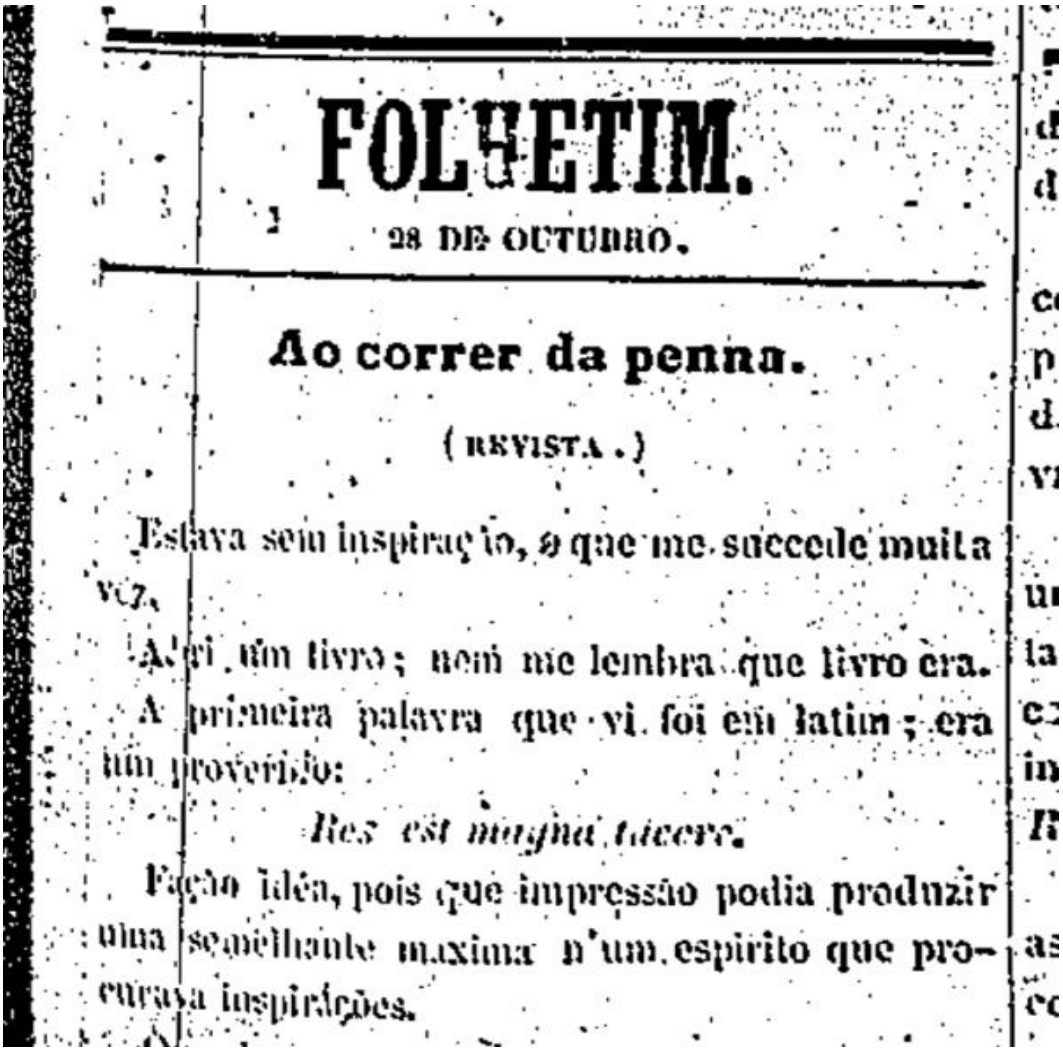
FOLHETIM.

Ao correr da penna.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Mais uma vez nota-se a ocupação regular da página do jornal, com o folhetinista obedecendo fielmente ao espaço do rodapé da página. E, conforme reproduzido abaixo, a manutenção dos caracteres comuns a esta série, com a designação maior de *folhetim*, mais o título em fonte menor *ao correr da pena* e *revista*:

Figura 47 - recorte e ampliação do início do folhetim representado na figura 46



FOLHETIM.

28 DE OUTUBRO.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

Estava sem inspiração, o que me succede muita vez.

Abri um livro; nem me lembra que livro era.

A primeira palavra que vi foi em latim; era um proverbio:

Res est magna tacere.

Fação idéa, pois que impressão podia produzir uma semelhante maxima n'um espirito que procurava inspirações.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

E Alencar (2004, p. 431-432) inicia o folhetim com um estratagema narrativo interessante, que introduzirá adiante os assuntos da semana: queixa-se da falta de inspiração e relega sua disposição para a escrita ao acaso:

> Estava sem inspiração, o que me sucede muita vez.
>
> Abri um livro, nem me lembra que livro era.
>
> A primeira palavra que vi foi em latim; era um provérbio:
>
> Res est magna tacere.

> Façam idéia, pois, que impressão podia produzir uma semelhante máxima num espírito que procurava inspirações.
>
> Quando eu desejava um tema para falar, - e falar mais do que uma moça que discute modas, ou um ministro que falta a uma promessa, - salta-me pela frente a sabedoria romana, e manda-me calar da maneira mais impertinente.
>
> Ora para um folhetinista que não quer absolutamente indispor-se com os sábios, não havia remédio senão obedecer.
>
> Resolvi portanto calar-me.

Mas Alencar não se cala, e sob o pretexto de calar-se passa a escrever o folhetim da semana, fazendo, por assim dizer, da falta de assunto um assunto. Antes do comentário sobre os acontecimentos da semana, portanto, o folhetinista aqui simula expor as vísceras de seu proceder criativo aos leitores, transformando estes bastidores em um assunto para escrita, introduzindo o primeiro assunto da semana sobre o qual queria discorrer:

> Era preciso calar-me, visto que os sábios o ordenavam; mas, calando-me, restava-me o direito de dizer ao menos os assuntos diversos sobre que me calava.
>
> Assim nem incorro na censura de falador, nem também se pode dizer que não tenho matéria sobre que escrever.
>
> Uma das primeiras coisas sobre que eu me calo é sobre a questão atual da farinha de trigo, sobre a questão do pão. (ALENCAR, 2004, p. 433-434)

A partir de então o texto se aproxima novamente do folhetim-variedade, na medida em que passa a comentar assuntos mais ligados ao cotidiano que é retratado no alto da página do jornal, não sem antes associar o pão ao trabalho da população mais pobre, sobre o que Alencar cobra uma maior atenção do governo, usando aqui o pão como metáfora para a já existente divisão entre ricos e pobres no Brasil.

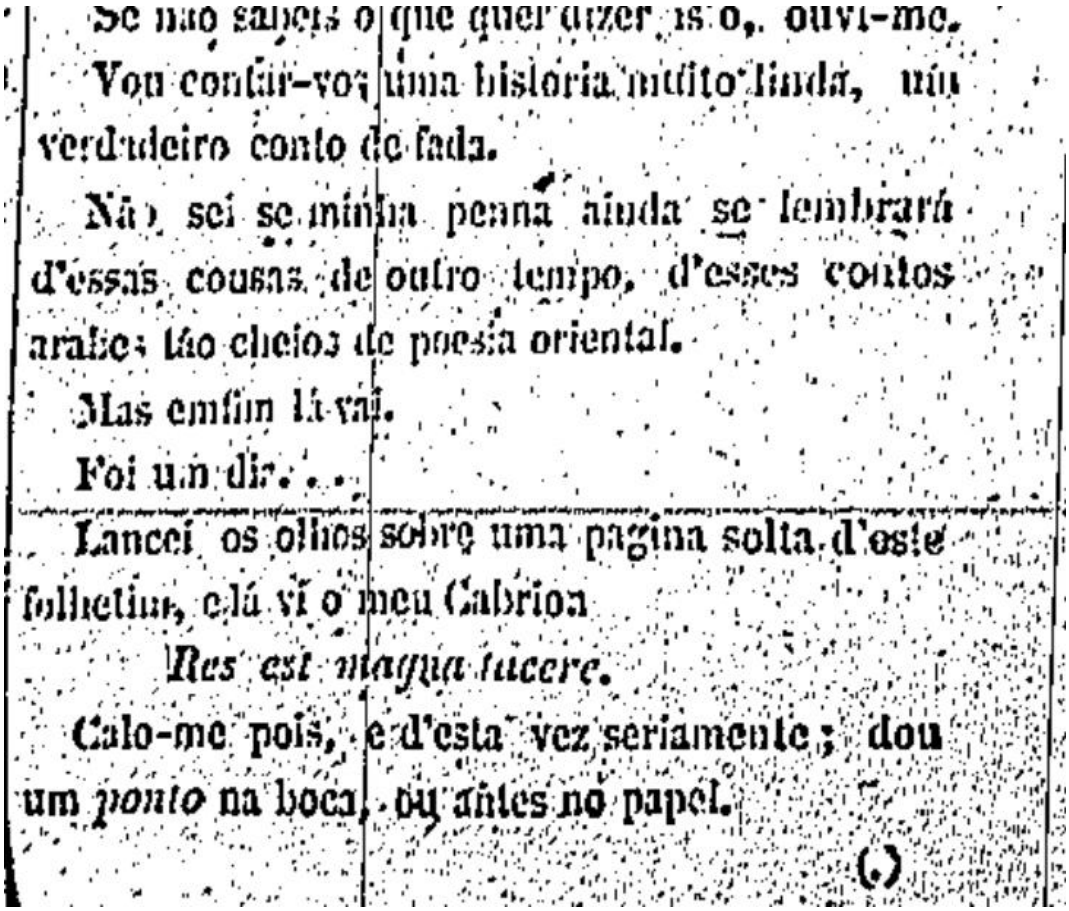
E quando passaria a discorrer mais longamente sobre as questões associadas à palavra *pão*, lembra-se de que "não posso falar, que obriguei-me a calar, em deferência aos provérbios latinos." (ALENCAR, 2004, p. 436). E então usa uma série de verbos no condicional, como o "podia", para passar em revista outros assuntos, como as novas apresentações no teatro do Ginásio Dramático, em especial das *Mulheres de mármore*, uma das mais conhecidas peças do realismo francês, modelo que seria o paradigma de Alencar em sua obra dramatúrgica.

No trecho final do folhetim, encerra o autor ensaiando o início de uma estória ficcional a contar a seus leitores, quando por fim se lembra dos limites impostos pelo espaço e pela ocupação deste com a realidade e os acontecimentos da semana:

> Vou contar-vos uma história muito linda, um verdadeiro conto de fada.
>
> Não sei se minha pena ainda se lembrará dessas coisas de outro tempo, desses contos árabes tão cheios de poesia oriental.
>
> Mas enfim lá vai.
>
> Foi um dia...
>
> Lancei os olhos sobre uma página solta deste folhetim, e lá vi o meu Cabrion.
>
> Res est magna tacere.
>
> *Calo-me pois, e desta vez seriamente; dou um ponto* na boca, ou antes, no papel. (ALENCAR, 2004, p. 439)

Quanto ao final do folhetim aqui reproduzido, cabe uma observação: a fonte em itálico usada na edição de João Roberto Faria que é adotada neste estudo, acima reproduzida, consta com idêntica extensão na versão de 1959 da obra completa de Alencar (v. 4, p. 833). Contudo, conforme reproduzido abaixo, o grifo em itálico, no original, possui extensão diferente:

Figura 47 - recorte e ampliação do final do folhetim representado na figuran 45 - note-se na última linha do texto a aplicação da fonte em itálico apenas na palavra ponto



Se não sabeis o que quer dizer isto, ouvi-me.
Vou contar-vos uma historia muito linda, um verdadeiro conto de fada.
Não sei se minha penna ainda se lembrará d'essas cousas de outro tempo, d'esses contos arabes tão cheios de poesia oriental.
Mas emfim lá vai.
Foi um dia...
Lancei os olhos sobre uma pagina solta d'este folhetim, e lá vi o meu Cabrion
Res est magna tacere.
Calo-me pois, e d'esta vez seriamente; dou um *ponto* na boca, ou antes no papel.
(.)

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Veja-se que, no original, o grifo em itálico da última oração do texto se dá apenas na palavra *ponto*, o que faz muito mais sentido do que o grifo estendido das versões da obra completa do escritor da coletânea de João Roberto Faria. No caso acima reproduzido, o grifo associa a palavra ao símbolo gráfico que encerra o folhetim; nas versões antes mencionadas a extensão do grifo tira a força representativa da utilização do itálico.

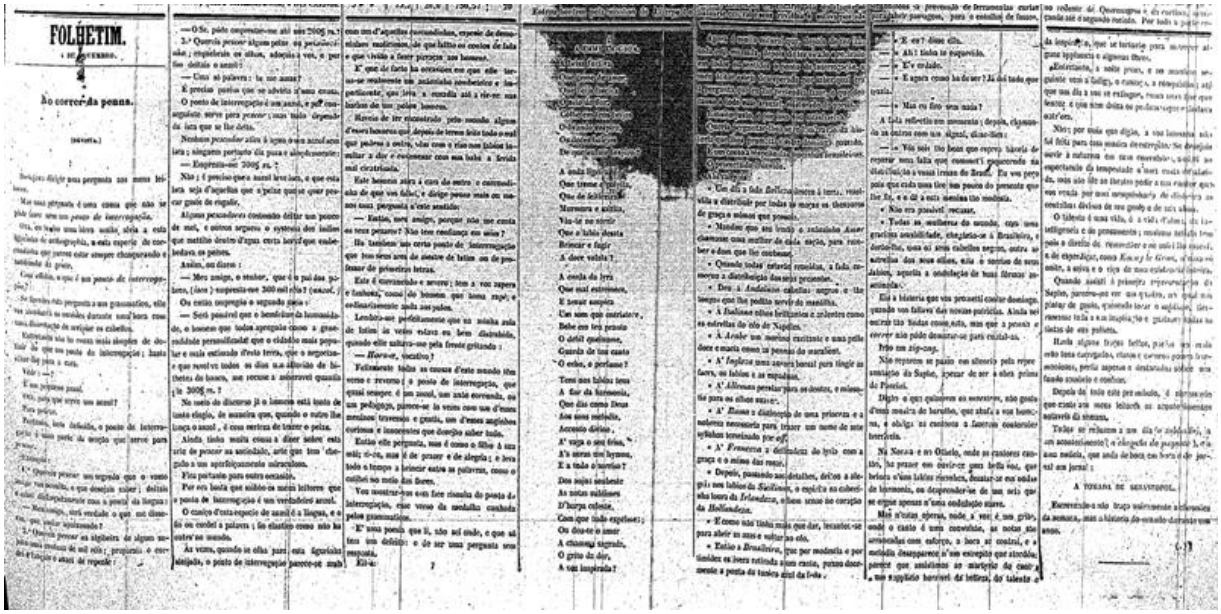
Em um caso como este um detalhe, aparentemente pequeno, afeta a compreensão posterior do texto, quando da transposição do suporte: na matriz midiática do jornal, a correta utilização de fontes e a racional ocupação do espaço

podem fazer a diferença para o leitor tanto quanto o próprio conteúdo do texto e, não raro, são parte do conteúdo, como também ocorre no folhetim anterior.

Nota-se, portanto, mais um exemplo em que a limitação do espaço para a escrita interfere diretamente no modo de expressão do escritor e de como esse usa de expedientes narrativos, como o pretexto de calar-se para falar, lançado como um gancho para atrair a atenção do leitor. E, finalmente, como uma alteração na transposição de um suporte a outro altera o sentido do que se escreve.

Já no folhetim de 4 de novembro de 1855, abaixo reproduzido, Alencar se afasta um pouco mais do alto da página e incorpora outros aspectos em sua escrita no rodapé da página, os quais serão apontados adiante:

Figura 48 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro em 4 de novembro de 1855



FOLHETIM.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

E novamente Alencar (2004, p. 440-441) aproveita a aproximação gráfica entre um sinal gráfico e uma correspondência sua no mundo real para iniciar o assunto de seu folhetim, como um "gancho":

> Desejava dirigir uma pergunta aos meus leitores.
>
> Mas uma pergunta é uma coisa que não se pode fazer sem um ponto de interrogação.
>
> Ora, eu tenho uma birra muito séria a esta figurinha de ortografia, a esta espécie de corcundinha que parece estar sempre chasqueando e zombando da gente.
>
> Com efeito, o que é um ponto de interrogação?
>
> Se fizerdes esta pergunta a um gramático, ele vos atordoará os ouvidos durante uma hora com uma dissertação de arrepiar os cabelos.
>
> Entretanto, não há coisa mais simples de definir do que um ponto de interrogação; basta olhar-lhe para a cara.
>
> Vede: - ?
>
> É um pequeno anzol.

E a partir de então passa a discorrer sobre a "isca" certa para cada "anzol", acompanhada de perguntas que poderiam ser úteis aos leitores, como um galanteio bem lançado um preciso pedido de empréstimo, com a ironia peculiar do folhetinista. Fala também que o ponto de interrogação pode ser sisudo e severo, como o do professor de latim que perguntava aos alunos aos gritos, por exemplo, mas também fala da face risonha do ponto de interrogação, ilustrando com um poema em homenagem à cantora Emmy La Grua, que se encontra em uma única coluna do jornal, como acima já reproduzido.

Alencar não atribui autoria certa ao poema que introduz no folhetim, dizendo apenas que seria um poema que teria lido não sabia onde. Mais uma vez, como já comentado no capítulo anterior, destaca-se uma das características da matriz midiática presentes no texto do folhetinista, qual seja, a *coletividade*, com

o texto do rodapé da página assumindo características típicas do jornal, obra coletiva que é.

A seguir, retoma a promessa feita em texto anterior e passa a contar a estória interrompida pelo ponto final do folhetim publicado anteriormente, em um encadeamento temporal que remete ao folhetim romanesco, com a remissão a um "capítulo" anterior e a retomada da narrativa, com um conta das *mil e uma noites*. E narra uma pequena fábula acerca da origem das qualidades da mulher brasileira, em um tom que aproxima a narrativa dos relatos fantásticos.

E encerra a pequena narrativa com uma promessa às suas leitoras: "Eis a história que vos prometi contar domingo, quando vos falava das nossas patrícias. Ainda sei outras tão lindas como esta, mas que a *pena a correr* não pode demorar-se para contá-las. Irão em ziguezague." (ALENCAR, 2004, p. 448) .

Novamente Alencar deixa um gancho para uma possível ou eventual continuação em suas narrativas, o que não chega a concretizar, mas que dá uma mostra do uso cada vez mais intenso pelo folhetinista de técnicas mais comuns ao folhetim romanesco, denotando um movimento de afastamento do alto da página do jornal, a cisão mencionada por Marie-Ève Thérenty (2007) e citada no início deste capítulo.

Outros sinais desta oscilação aparecem ao final deste folhetim: o despretensioso comentário de Alencar acerca da ópera e uma representação da peça *Sapho*, e o final do texto, no qual o autor dá uma mostra de sua pouca proximidade com os fatos relatados pelo alto da página do jornal:

> Depois de todo este preâmbulo, é necessário que conte aos meus leitores os acontecimentos notáveis da semana.
>
> Todos os reduzem a um dia (o sábado), a um acontecimento (a chegada do paquete), e a uma notícia, que anda de boca em boca e de jornal em jornal:
>
> A TOMADA DE SEBASTOPOL

> Escrevendo-a, não traço unicamente a crônica da semana, mas a história do mundo durante um ano. (ALENCAR, 2004, p.449-450)

Note-se a ironia do folhetinista: ele denomina praticamente todo o texto de *preâmbulo*, e resume toda a semana a um único acontecimento, quando se sabe que o alto da página do jornal retrata muitos outros acontecimentos, os quais, ao que se denota, para o folhetinista não possuem maior importância, sejam estas notícias sobre política ou economia. Aqui o afastamento do alto da página é evidente e o folhetinista não faz questão de disfarçar o pouco caso com os acontecimentos noticiados no alto da página.

E novamente o ponto final vem destacado do restante do texto, como que encerrando e demarcando o espaço do folhetim dentro da página do jornal e também no que diz respeito ao conteúdo do jornal, ao afirmar que a tomada de Sebastopol seria o único assunto relevante a freqüentar a parte de cima do jornal que se apresentasse como relevante para comentário do folhetinista.

Muito desta reflexão de Alencar acerca do folhetim e do seu papel dentro da estrutura midiática manifesta-se nas próprias palavras e intenções do autor, bem como na adoção de procedimentos que seriam utilizados posteriormente em seus romances, como em *O Guarani*, que seria publicado em 1857, menos de dois anos após o encerramento das atividades de José de Alencar como cronista.

Note-se ainda que tal adoção de procedimentos literários no rodapé da página e, mais ainda, a apresentação de tais procedimentos ao leitor, dizem muito a respeito desta oscilação em relação ao alto da página e suas conseqüências na produção posterior do escritor.

Ressalte-se ainda que não se trata de um afastamento abrupto ou simples abandono dos comentários acerca das notícias da semana, mas de um movimento que poderia ser chamado de pendular, de afastamento e aproximação, pelo qual o escritor parece tatear em busca de um modelo que satisfaça suas aspirações

literárias, ao mesmo tempo em que se equilibra na sua condição de folhetinista dos assuntos da semana.

Esta oscilação entre o literário e o não literário e o seu entrelace dentro do rodapé da página do jornal é bem ilustrado pelo folhetim publicado em 11 de novembro de 1855, abaixo reproduzido:

Figura 49 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1855

FOLHETIM.

Ao correr da penna.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Quanto à disposição do texto dentro do suporte, remetemos aos comentários já feitos, na manutenção do nome da seção como *folhetim*, bem como na ocupação regular do rodapé, sem a necessidade de preenchimento do espaço com textos exteriores ao folhetim, bem como a desnecessidade de espaço adicional. O que resta realmente passível de análise no texto aqui comentado é o uso pelo folhetinista de expedientes ficcionais que fariam parte da produção romanesca posterior de Alencar, especialmente no que diz respeito à publicação de *O Guarani*, em 1857.

A título de exemplo, transcrevemos trechos que ilustram a afirmação, como nesta crônica de 11 de novembro de 1855, na qual o autor dirige-se ao leitor pretendendo fazer um ‘romance’:

> Estou decidido a não escrever hoje a minha revista, e como os meus leitores não quererão dispensar o seu folhetim dos domingos, não há remédio; vou fazer um romance. Um romance!
>
> Não é qualquer coisa, é uma história dividida em capítulos, que principia rindo e acaba chorando, ou vice-versa; e na qual devem entrar necessariamente um namorado, uma moça bonita, um homem mau, e diversas outras figurinhas de menos importância. Um romance em regra só pode começar de manhã ao romper do dia, de tarde ao rugido da tempestade, e de noite ao despontar da lua: excetuam-se os romances domésticos, que não têm hora certa, e que regulam-se pelo capricho do autor.
>
> Ora, o romance que eu pretendo fazer está inteiramente fora da regra, porque não tem começo, nem fim; e quanto aos personagens limitam-se a dois unicamente. Enfim, sem mais preâmbulo, vou contá-lo aos meus leitores, que lhe darão o apreço que entenderem.
>
> Foi há muito tempo.
>
> A Malibran, a bela e poética Malibran, cismava sozinha, com a cabeça indolentemente caída sobre o ombro, e os grandes olhos negros e melancólicos vagando no espaço. A noite estava límpidas e serena; as estrelas cintilavam no azul do céu; o vento que suspirava na ramagem das árvores mal quebrava o silêncio das horas mortas.(ALENCAR, 2004, p. 451-453 – grifo nosso)

Aqui, Alencar inicia seu processo de construção do “romance” com a localização do leitor no tempo e no espaço, bem como a apresentação da heroína Malibran, posicionada no cenário, com um alto grau de adjetivação. Este procedimento, ainda que vá ser desconstruído pelo autor no folhetim que ora se comenta, será um dos princípios adotados em seus romances, como em *Cinco Minutos* e *O Guarani*, já posteriormente.

Apesar do tom irônico do folhetinista que pretende escrever um romance e conta a seus leitores o procedimento a adotar, verifica-se, como no trecho grifado, o peso das descrições das personagens, bem como a estrutura narrativa que viria a ser adotada em *O Guarani*, procedimento este tipicamente folhetinesco, marcando o esforço metalingüístico do autor dentro de um modelo francês adotado no Brasil.

E o autor entremeia o seu "romance" com intervenções do "narrador", que oscila entre a ficção retratada e os procedimentos internos ao folhetim: "Aqui termina a primeira parte do romance. Se quereis saber o resto, continuai a ler; se não, voltai a folha, e lede os anúncios, que não deixam de ter o seu interesse, sobretudo para quem tem de alugar amas de leite". (ALENCAR, 2004, p. 455)

A partir de então Alencar continua ainda parte do seu "romance", com o rouxinol descrito na primeira parte voando até um lugar da Grécia e descreve o quanto visto pelo rouxinol, com o romance de duas estátuas gregas, assumindo o narrador o ponto de vista do pássaro, em mais um exemplo da utilização de uma técnica narrativa típica do romance dentro do espaço do folhetim.

Mas o autor aproveita o ensejo para trazer os leitores de volta à realidade e ao comentário dos assuntos da semana, embora lamente tal fato:

> Adivinhem os leitores, ou antes esperem pelo dia 2 de dezembro, em que nos consta se representará Romeu e Julieta: aí acharão o fim deste romance, se é que ele tem fim.
>
> Depois de ter escrito um romance, é duro fazer uma crônica, ainda mesmo de uma semana como esta, em que nada de bom há a dizer.(ALENCAR, 2004, p. 456)

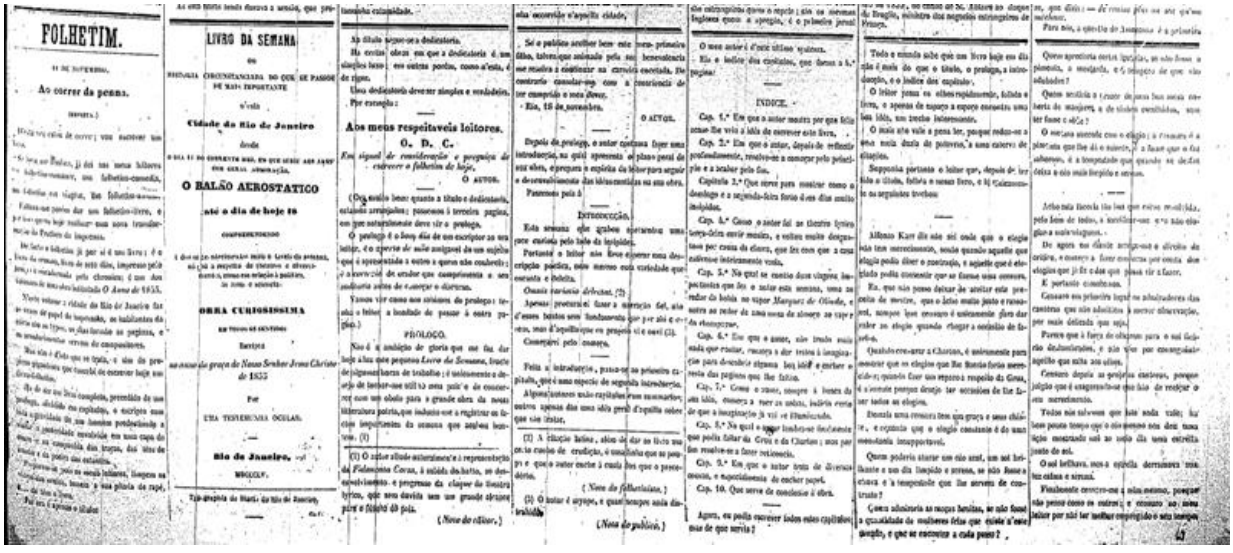
Ainda assim, Alencar envereda em seu trecho de folhetim-variedade para comentários sobre a cena artística da cidade, comentando a ópera e o defendendo a peça *Mulheres de Mármore*, que era encenada à época no Ginásio Dramático de uma acusação de imoralidade que o autor considera injusta.

O que se pode afirmar sobre tal folhetim é o distanciamento cada vez maior de Alencar do alto da página do jornal, a porosidade cada vez mais tênue entre o rodapé e as notícias veiculadas, inclusive aquelas vindas do exterior, como no exemplo da tomada de Sebastopol relatada quando do comentário acerca do folhetim anterior.

Fato é que, em tais casos, observa-se um Alencar cada vez mais distante da cena retratada nas páginas dos jornais e cada vez mais ligado aos procedimentos ficcionais que depois seriam exercitados plenamente nestas mesmas páginas, mas que nesse momento soa muito mais como uma forma de paródia do autor em relação a seus leitores, dizendo que vai escrever um "romance", não o fazendo efetivamente, entretanto, não sem antes mostrar ao seu leitor os "bastidores" da escrita, ainda que em tom irônico, mas já testando procedimentos que seriam posteriormente adotados por Alencar em sua produção romanesca posterior.

Tais expedientes se aprofundam na página do jornal conforme demonstra o folhetim de 18 de novembro de 1855, abaixo reproduzido:

Figura 50 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro em 18 de novembro de 1855



FOLHETIM.

Ao correr da penna.

LIVRO DA SEMANA

Cidade do Rio de Janeiro

O BALÃO AEROSTATICO

até o dia de hoje

OBRA CURIOSISSIMA

Rio de Janeiro.

Aos meus respeitaveis leitores.

O. D. C.

INTRODUCÇÃO.

PROLOGO.

INDICE.

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

No penúltimo folhetim desta série, Alencar lança mão de um maior número de recursos, todos para dar a entender ao seu leitor que suas pretensões de escrita evoluíram para o que poderia ser determinado como outro patamar de sua produção, ou seja, escrever um "livro":

> Desta vez estou de verve; vou escrever um livro.
>
> Se bem me lembro, já dei aos meus leitores um folhetim-romance, um folhetim-comédia, um folhetim em viagem, um folhetim-álbum.
>
> Faltava-me porém dar um folhetim-livro, e pôr isso quero hoje realizar essa nova transformação do Proteu da imprensa.
>
> De fato o folhetim já pôr si é um livro; é o livro da semana, livro de sete dias, impresso pelo tempo e encadernado pela crônica; é um dos volumes de uma obra intitulada o Ano de 1855.
>
> Neste volume a cidade do Rio de Janeiro faz as vezes de papel de impressão, os habitantes da corte são os tipos, os dias formam as páginas e os acontecimentos servem de compositores.
>
> Mas não é disto que se trata, e sim do projeto gigantesco que concebi de escrever hoje um livro-folhetim.
>
> Há de ser um livro completo, precedido de um prólogo, dividido em capítulos, e escrito com toda a gravidade de um homem predestinado a visitar a posteridade envolvido em uma capa de couro e na companhia das traças, das teias de aranha e da poeira das estantes. (ALENCAR, 2004, p. 459-460)

Por primeiro, notem-se as designações dadas por Alencar aos modelos de folhetins anteriores a que o autor dá nome, como "folhetim-romance" ou "folhetim-comédia". Como já mostrado em outras oportunidades, como no final do capítulo anterior, quando do comentário do folhetim de 24 de setembro de 1854, uma das características mais marcantes do Alencar folhetinista é justamente esta consciência do caráter híbrido do folhetim e, mais ainda, das inúmeras possibilidades na ocupação do rodapé da página do jornal, entremeando

comentários acerca dos acontecimentos da semana enumerados pelo folhetinista à introdução, ainda que fragmentária, de poemas, esquetes teatrais, projetos de romance e até o projeto de um livro.

Mas neste caso não se trata apenas de um gênero "estranho" inserido no corpo da página do jornal, mas ainda a menção a um "livro" ocupando o espaço do jornal, como se mencionando um suporte dentro de outro. Ocorre que Alencar, como constantemente ocorre em seus escritos, usa de ironia para dizer que promoverá através de tal projeto um novo salto evolutivo nesse *Proteu* da imprensa.

E ao se referir ao deus grego filho de Poseidon, capaz de mudar para inúmeras formas, Alencar faz alusão à capacidade do suporte em questão de alojar diversas modalidades de escrita sem perder a sua unidade, assim como, quando compara o folhetinista a um *colibri*, faz menção à capacidade (ou à necessidade) do folhetinista de voar rapidamente sobre os assuntos da semana.

Quando Alencar, então, faz menção ao folhetim como o *proteu* da imprensa, faz-nos crer que está se referindo à forma, digamos, moldável ou gelatinosa do rodapé da página, propensa também ao concurso de formas jornalísticas (como a crítica teatral ou o *fait divers*) e também de formas não-jornalísticas (como o poema e o romance).

Quanto a tal aspecto, uma explicação interessante é fornecida por Antonio Manoel dos Santos Silva e Silvia Craveiro Gusmão-Garcia em *Folhetins, crônicas e afins: analectos de José de Alencar e Machado de Assis* (2010, p.148) ao comentarem acerca das duas faces de Alencar em relação à escrita e à recepção do leitor:

> ...O terceiro é que Alencar, ainda jovem, com boa cultura humanística, era romântico, portanto, um homem em que se aliavam contraditoriamente as duas faces do espírito romântico: a conservadora, que ajuda a explicar o seu nacionalismo, sua busca da identidade nacional e certa desconfiança, às vezes clara oposição, a certos aspectos da mentalidade burguesa do século XIX brasileiro, e, por outro, a sua face oposta, a titânica,

> que o fazia não apenas propor uma forma nova de narrar, mas também explorar, de modo problemático, alguns temas espinhosos: o da heroína marginal, o do poder do dinheiro na constituição da estrutura familiar, o do casamento por conveniência e interesse, o da perda da inteireza moral. Essas duas faces se espelham em sua concepção do gênero "crônica", tanto em si mesmo, como nova espécie de escrita, quanto nas suas relações constitutivas com o jornalista (produção) e com o leitor (recepção).

De fato, a força de Alencar reside no atrito entre o conservadorismo de certas ideias e o experimentalismo na busca das formas e na abordagem de temas controversos. Argumentam os autores citados, mais à frente, que tal manifestação de Alencar seria um exemplo de seu pouco caso com o livro e sua preferência pela imprensa, como ocorrera, segundo os mesmos autores, com o jovem Machado de Assis (p.149-150).

Acreditamos, contudo, que no caso de Alencar referida postura denote muito mais uma inquietude dentro das formas nas quais se movimenta, qual seja, no rodapé da página do jornal e, posteriormente, no formato livro, com sua posterior e extensa carreira de romancista. Como nos outros "experimentos" feitos pelo autor e apresentados em seus folhetins, a sua ironia parece muito mais um mecanismo de defesa quanto à reação dos leitores, fator que importava muito para Alencar. O expediente de apresentar um "projeto" de livro ao leitor de seu folhetim diz muito mais sobre as intenções do autor do que propriamente sobre seu ponto de vista acerca do jornal e do livro, por exemplo.

Afirmar acerca da possibilidade de um "folhetim-livro", portanto, é crer na coexistência de um e outro suporte, com a ironia do autor presente formando um pano de fundo em relação às possibilidades de um suporte dentro de outro.

O que leva ao trecho seguinte do início deste folhetim, no qual Alencar chama o folhetim de "livro da semana", cujo conteúdo seria os acontecimentos do período, e os habitantes da cidade suas personagens. É a crônica da vida real, com o folhetim fazendo as vezes de livro e moldura dos acontecimentos. A partir de

então, o autor apresenta o projeto de livro na página do jornal, ou seja, Alencar afirma que vai escrever um livro, mas apenas mostra ao leitor a sua composição, exatamente como feito em folhetim anterior, onde afirma que vai escrever um "romance".

Mas ao mostrar a composição de seu livro, Alencar (2004, p. 463-465) mais uma vez usa da ironia para referir que uma semana tão enfadonha renderia um livro, mostrando ainda para que serve cada parte de um livro, como a dedicatória e o prólogo, depois chegando a uma prévia de como serão os capítulos:

> Esta semana que acabou apresentou uma face curiosa pelo lado da insipidez.
>
> Portanto o leitor não deve esperar uma descrição poética, nem mesmo essa variedade que encanta e deleita.
>
> Omnis variatio delectat[2].
>
> Apenas procurarei fazer a narração fiel, não desses boatos sem fundamento que pôr aí correm, mas daquilo que eu próprio vi e ouvi[3].
>
> Começarei pelo começo.
>
> Feita a introdução, passa-se ao primeiro capítulo, que é uma espécie de segunda introdução.
>
> Alguns autores usam capítulos com sumários; outros apenas dão uma idéia geral daquilo sobre que vão tratar.
>
> O meu autor é deste último sistema.
>
> Eis o índice dos capítulos, que forma a 4ª página:
>
> Cap. 1º - Em que o autor mostra pôr que feliz acaso lhe veio a idéia de escrever este livro.
>
> Cap. 2º - Em que o autor, depois de refletir profundamente; resolve-se a começar pelo princípio e acabar pelo fim.
>
> Cap. 3º - Que serve para mostrar como o domingo e a segunda-feira foram dois dias muito insípidos.
>
> Cap. 4º - Como o autor foi ao teatro lírico terça-feira ouvir música, e voltou muito desgostoso pôr causa da
>
> chuva, que fez com que a casa estivesse inteiramente vazia.

> Cap. 5º - No qual se contam duas viagens importantes que fez o autor esta semana, uma ao redor da baía no vapor Marques de Olinda, e outra ao redor de uma mesa de almoço ao vapor do champanha.
>
> Cap. 6º - Em que o autor, não tendo mais nada que contar, começa a dar tratos à imaginação para descobrir alguma boa idéia e encher o resto das páginas que lhe faltam.
>
> Cap. 7º - Como o autor, sempre à busca da sua idéia, começa a roer as unhas, indício certo de que a imaginação já vai se iluminando.
>
> Cap. 8º - No qual o autor lembra-se finalmente que podia falar da Grua e da Charton; mas pôr fim resolve-se a fazer reticência.
>
> Cap. 9º - Em que o autor trata de diversas coisas, e especialmente de encher papel.
>
> Cap.10º - Que serve de conclusão à obra.
>
> Agora, eu podia escrever todos estes capítulos: mas de que servia?
>
> Todo o mundo sabe que um livro hoje em dia não é mais do que o título, o prólogo, a introdução, e o índice dos capítulos.
>
> O leitor passa os olhos rapidamente, folheia o livro, e apenas de espaço a espaço encontra uma boa idéia, um trecho interessante.
>
> O mais não vale a pena ler, porque reduz-se a uma meia dúzia de palavras, a uma caterva de citações.

No trecho acima reproduzido denota-se o que poderia ser definido como uma inquietude dentro do espaço do rodapé da página, como se Alencar desprezasse ou rejeitasse o formato livro e o que este representa. Já foi detectado por Antonio Manoel dos Santos Silva (2010) que tais escritos significariam uma desconforto de Alencar com relação ao romance e o seu formato, conforme já comentado acima.

Contudo, mais importante que tal rejeição, vale dizer, mais que o fato de o autor anunciar ao leitor que pretende escrever um “romance” e o tom irônico adotado ao se referir ao livro – e aos livros em geral – , mostra-se mais importante

o modo como o folhetinista abre ao leitor os seus procedimentos e, dentro desse esforço de unir a realidade dentro de um projeto ficcional, termina por produzir a verossimilhança que é o cerne da estrutura do romance.

No mais, o categórico desprezo que Alencar devota aos livros e a ironia com que trata o assunto mais uma vez denunciam essa interessante contradição alencariana, já apontada neste estudo: a de um autor que exerce toda a sua inquietude na manipulação das formas e que busca incessantemente a melhor maneira de ocupar o espaço do rodapé do jornal, mas que ainda não se mostra inteiramente disposto a pagar o preço do progresso que tanto admira, lembrando o quanto já afirmado por João Roberto Faria (2004), em sua introdução à edição de *Ao correr da pena* que também é usada nesta pesquisa.

Uma das características marcantes da matriz midiática já comentada neste estudo é a *coletividade*, associada às inúmeras vozes que se fazem ouvir no jornal, aglutinando todas dentro de um mesmo espaço. Como já dito também, um dos motivos pelos quais Marie-Ève Thérenty (2007), Allan Vaillant (2001) e Dominique Kalifa (2001) considerarem a edição do primeiro número do *La Presse* como ato fundador da era midiática é justamente o abandono do modelo de jornal que refletia apenas um segmento da sociedade.

Neste sentido, Emile de Girardin tinha como principal objetivo, e isso era explicitado na edição inaugural do *La Presse,* já reproduzida anteriormente, que seu principal objetivo era reunir as principais vozes influentes da França, não importando suas tendências, harmonizando-as e dando espaço às suas opiniões.

Pois o jornal como obra coletiva tinha um espaço em seu rodapé em que passou a reproduzir a mais individualista das formas literárias, qual seja, o romance. Mas o romance, como a consagração do *eu*, também não sobreviveria perante os leitores de jornal fechando-se em si mesmo, de modo que a voz do leitor passaria a reverberar sobre o que era escrito.

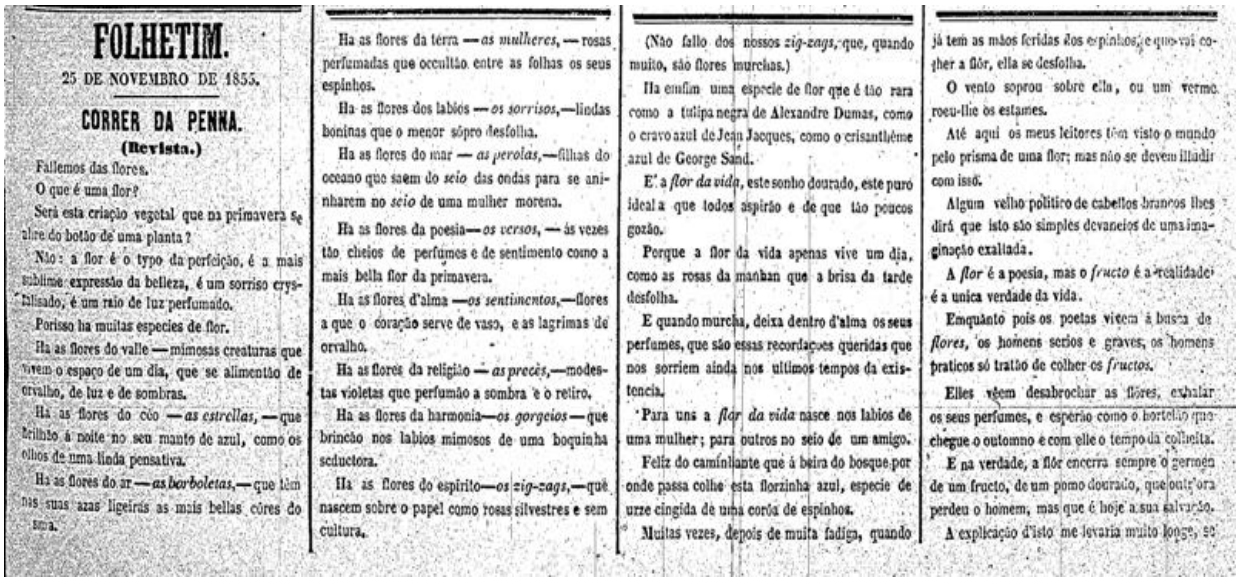
Essa orientação do romance é comentada por WATT (2010, p. 13):

> O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopéia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivado dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade.

Finalmente, ao adotar tais procedimentos e expô-los aos olhos do leitor, Alencar marca neste folhetim um distanciamento do alto da página do jornal, mas uma aproximação com o leitor, favorecendo o fator individual do romance em detrimento do da coletividade do jornal.

E o afastamento do alto da página do jornal e de suas notícias filtradas pelo olhar do folhetinista mostra-se, na desilusão de Alencar, no último folhetim da série *ao correr da pena*, publicado em 25 de novembro de 1855, aqui parcialmente reproduzido:

Figura 51 - folhetim publicado no Diário do Rio de Janeiro de 25 de novembro de 1855



FOLHETIM.

25 DE NOVEMBRO DE 1855.

CORRER DA PENNA.

(Revista.)

Fallemos das flores.

O que é uma flor?

Será esta criação vegetal que na primavera se abre do botão de uma planta?

Não: a flor é o typo da perfeição, é a mais sublime expressão da belleza, é um sorriso crystallisado, é um raio de luz perfumado.

Porisso ha muitas especies de flor.

Ha as flores do valle — mimosas creaturas que vivem o espaço de um dia, que se alimentão de orvalho, de luz e de sombras.

Ha as flores do céo — *as estrellas*, — que brilhão á noite no seu manto de azul, como os olhos de uma linda pensativa.

Ha as flores do ar — *as borboletas*, — que têm nas suas azas ligeiras as mais bellas côres do prisma.

Ha as flores da terra — *as mulheres*, — rosas perfumadas que occultão entre as folhas os seus espinhos.

Ha as flores dos labios — *os sorrisos*, — lindas boninas que o menor sôpro desfolha.

Ha as flores do mar — *as perolas*, — filhas do oceano que saem do *seio* das ondas para se aninharem no *seio* de uma mulher morena.

Ha as flores da poesia — *os versos*, — ás vezes tão cheios de perfumes e de sentimento como a mais bella flor da primavera.

Ha as flores d'alma — *os sentimentos*, — flores a que o coração serve de vaso, e as lagrimas de orvalho.

Ha as flores da religião — *as preces*, — modestas violetas que perfumão a sombra e o retiro.

Ha as flores da harmonia — *os gorgeios* — que brincão nos labios mimosos de uma boquinha seductora.

Ha as flores do espirito — *os zig-zags*, — que nascem sobre o papel como rosas silvestres e sem cultura.

(Não fallo dos nossos *zig-zags*, que, quando muito, são flores murchas.)

Ha emfim uma especie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean Jacques, como o crisanthême azul de George Sand.

E' a *flor da vida*, este sonho dourado, este puro ideal a que todos aspirão e de que tão poucos gozão.

Porque a flor da vida apenas vive um dia, como as rosas da manhan que a brisa da tarde desfolha.

E quando murcha, deixa dentro d'alma os seus perfumes, que são essas recordações queridas que nos sorriem ainda nos ultimos tempos da existencia.

Para uns a *flor da vida* nasce nos labios de uma mulher; para outros no seio de um amigo.

Feliz do caminhante que á beira do bosque por onde passa colhe esta florzinha azul, especie de urze cingida de uma corôa de espinhos.

Muitas vezes, depois de muita fadiga, quando já tem as mãos feridas dos espinhos, e quer colher a flôr, ella se desfolha.

O vento soprou sobre ella, ou um verme roeu-lhe os estames.

Até aqui os meus leitores têm visto o mundo pelo prisma de uma flor; mas não se devem illudir com isso.

Algum velho politico de cabellos brancos lhes dirá que isto são simples devaneios de uma imaginação exaltada.

A *flor* é a poesia, mas o *fructo* é a realidade: é a unica verdade da vida.

Emquanto pois os poetas vivem á busca de *flores*, os homens serios e graves, os homens praticos só tratão de colher os *fructos*.

Elles vêem desabrochar as flores, exhalar os seus perfumes, e esperão como o horticultor que chegue o outomno e com elle o tempo da collheita.

E na verdade, a flôr encerra sempre o germen de um fructo, de um pomo dourado, que outr'ora perdeu o homem, mas que é hoje a sua salvação.

A explicação d'isto me levaria muito longe, se

fonte: AEL (Arquivo Edgar Leuenroth)

Referido folhetim, que ocupou mais de uma página do *Diário do Rio de Janeiro* naquele dia, em sua constituição dentro do suporte não apresenta características diversas daquelas já apontadas neste capítulo, em relação a tamanho de fontes e disposição de título e subtítulo. A única diferença, aqui, está no que Alencar escreve neste último folhetim da coletânea.

E o autor inicia, como em outros folhetins desta última série, quase em tom de devaneio, de conversa informal com seus leitores, falando das flores e buscando uma definição que se destaque do real, passando a tratar a flor dentro de figurações, como as aqui transcritas:

> Há as flores do céu - as estrelas, - que brilham à noite no seu manto azul, como os olhos de uma linda pensativa.
>
> Há as flores do ar - as borboletas, - que têm nas suas asas ligeiras as mais belas cores do prisma.
>
> Há as flores da terra - as mulheres, - rosas perfumadas que ocultam entre as folhas os seus espinhos.

> Há as flores dos lábios - os sorrisos, lindas boninas que o menor sopro desfolha.
>
> Há as flores do mar - as pérolas, - filhas do oceano que saem do seio das ondas para se aninharem no seio de uma mulher morena.
>
> Há as flores da poesia - os versos, - às vezes tão cheios de perfumes e de sentimentos como a mais bela flor da primavera.
>
> Há as flores da religião - as preces, - modestas violetas que perfumam a sombra e o retiro.
>
> Há as flores da harmonia - os gorjeios - que brincam nos lábios mimosos de uma bonequinha sedutora.
>
> Há as flores do espírito - os ziguezagues, - que nascem sobre o papel como rosas silvestres e sem cultura.
>
> (Não falo dos nossos ziguezagues, que, quando muito, são flores murchas).
>
> Há enfim uma espécie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean-Jacques, como o crisântemo azul de George Sand.
>
> É a flor da vida, este sonho dourado, este puro ideal a que todos aspiram e de que tão poucos gozam.
>
> Porque a flor da vida apenas vive um dia, como as rosas da manhã que a brisa da tarde desfolha.
>
> E quando murcha, deixa dentro d'alma os seus perfumes, que são essas recordações queridas que nos sorriem ainda nos últimos tempos da existência. (ALENCAR, 2004, p. 468-469)

Nota-se aqui nesta série de comparações feitas por Alencar o total distanciamento do alto da página do jornal, a porosidade entre o rodapé e o restante do diário interrompida, e numa das metáforas desfiadas Alencar faz menção às *flores do espírito*, comparando às flores do folhetinistas que, quando muito, "nascem murchas". É a desilusão do folhetinista em seu ápice, o que se reflete quando o folhetim parece ter de se voltar para a *revista* dos fatos da semana, o que é recusado por Alencar (2004, p. 471):

> A explicação disto me levaria muito longe, se eu não me lembrasse que até agora ainda não escrevi uma linha de revista, e ainda não dei aos meus leitores uma notícia curiosa.
>
> Mas, a falar a verdade, não me agrada este papel de noticiador de coisas velhas, que o meu leitor todos os dias vê reproduzidas nos quatro jornais da corte, em primeira, segunda e terceira edição.

Aqui Alencar chama o folhetinista de "noticiador de coisas velhas", com o rodapé da página definitivamente dissociado do restante do jornal, nem mesmo o esforço do subjetivismo do folhetinista resta. A partir de então, Alencar volta a eventos como a expectativa em torno de um baile de máscaras a ser realizado, afirmando que:

> Neste tempo é que os folhetinistas baterão as asas de contentes, e não terão trabalho de escrever tiras de papel; preferirão ir ao baile, ao passeio, ao teatro, colher as flores de que hão de formar o seu bouquet de domingo.
>
> Enquanto porém não chega esta bela quadra, essa primavera dos salões, esse abril florido da nossa sociedade, não há remédio senão contentarmo-nos com o que temos, e em vez de rosas, apresentar ao leitor as folhas secas do ano. (ALENCAR, 2004, p. 471)

A expressão usada pelo autor se refere ao folhetinista "batendo asas", em comparação já vista quando Alencar comparou o folhetinista a um *colibri* ou a uma borboleta (*Correio Mercantil* – 24 de setembro de 1854), mas que, desta vez, ao invés de se livrar do trabalho de escrever "tiras de papel" , é obrigado a apresentar "ao leitor as folhas secas do ano". Possível perceber aqui que, dentro da insatisfação de Alencar com a obrigação de folhetinista de passar em revista os assuntos da semana, o que o autor, diga-se, termina não fazendo neste folhetim, há também uma total fragmentação do discurso, começando em devaneio para em seguida pular de um assunto a outro – ou em *ziguezague*, usando a expressão do folhetinista – sem realmente abordar a realidade representada no alto da página do jornal.

O modelo fragmentário de representação da realidade do jornal é assimilado pelo folhetinista; a realidade que o jornal tenta mostrar, todavia, encontra-se isolado do folhetim. Alto e rodapé da página, enfim, possuem menos pontos de intersecção que nunca.

O folhetim-variedade, exercido tão constantemente por Alencar em sua passagem pelo *Correio Mercantil*¸ alcança o grau máximo de ficcionalização dentro desta série do *Diário do Rio de Janeiro*, na qual o autor exerce com maior intensidade a experimentação ficcional dentro do espaço do jornal destinado ao folhetim, apresentando a seus leitores "romances", "peças de teatro", aparentando mostrar a seus leitores os procedimentos de construção, exercendo a sua costumeira ironia, mas dizendo muito mais sobre os expedientes ficcionais no rodapé do jornal do que se atendo a conteúdos ou aos acontecimentos retratados no jornal.

Alencar termina este folhetim falando de teatro lírico, com um divertido diálogo entre dois diletantes, posicionando o leitor como espectador privilegiado do diálogo entre ambos e depois posicionando o próprio leitor em conversa com um dos diletantes, em um trecho repleto de humor:

> A respeito de teatro, não falemos; é uma casa em cujo pórtico (digo pórtico figuradamente) a prudência parece ter gravado a inscrição de Dante: - Guarda e passa.
>
> Se desprezais o aviso e entrais, daí a pouco tereis razão de arrepender-vos.
>
> Sentai-vos em uma cadeira qualquer: a vossa direita está um guísta; a vossa esquerda um chartonista.
>
> Levanta-se o pano: representa-se a Norma ou a Fidenzata Corsa; canta uma das duas prima-donas, uma das duas prediletas do público.
>
> -Bravo! grita o gruísta entusiasmado.
>
> -Que exageração! diz o chartonista estirando o beiço.
>
> -Divino!
>
> -Oh! é demais!

> -Sublime!
>
> -Insuportável!
>
> E assim neste crescendo continuam os dois dilettanti, de maneira que o vosso ouvido direito está sempre em completa oposição com o vosso ouvido esquerdo.
>
> Cai o pano.
>
> No intervalo conversai um pouco com os vossos vizinhos.
>
> -É preciso ser completamente ignorante, diz o gruísta com o aplomb de um maestro, para não se apreciar a sublimidade do talento desta mulher!
>
> Vós, meu leitor, que não quereis assinar um termo de ignorante, não tendes remédio senão confessar-vos gruísta, e em lugar de dois pontos de admiração dais três.
>
> -Com efeito, é uma artista exímia!!!
>
> Apenas acabais a palavra, quando o chartonista vos interroga do outro lado.
>
> -É possível que um homem de gosto e de sentimento admita semelhantes exagerações?
>
> Ficais embatucado; mas, se não quereis passar por homem de mau gosto, deveis imediatamente responder:
>
> -Com efeito, não é natural.
>
> Daí a um momento o vosso vizinho da direita retruca:
>
> -Veja, todos os camarotes da 4ª ordem estão vazios.
>
> -É verdade!
>
> Torna o vizinho esquerdo:
>
> -Com esta chuva, que casa, hem!
>
> -Boa!
>
> Agora acrescentarei a isto as desafinações do Dufrene, a rouquidão do Gentile, os cochilos do contra-regra, e fazei idéia do divertimento de uma noite de teatro. (ALENCAR, 2004, p. 472-473)

Não obstante o humor do trecho, é possível notar a agilidade dos diálogos, a habilidade do narrador em posicionar o leitor primeiro como testemunha próxima da rivalidade entre os dois diletantes e depois como uma das personagens

do trecho que está lendo, em um proceder que cria alto grau de cumplicidade do leitor com o folhetinista, não apenas aproximando o leitor do quanto está sendo escrito pelo folhetinista, mas literalmente colocando o leitor dentro da narrativa, em um engenhoso expediente de que Alencar lança mão para angariar a simpatia do leitor, em uma mostra da imensa habilidade narrativa do folhetinista que se despedia de sua pena, pelo menos de forma constante.

Nesta série de folhetins publicados nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* mostra-se, portanto, um Alencar cada vez mais distante em seus escritos da realidade representada no jornal fora do terreno do *feuilleton* , em um movimento que, se não pode ser visto como de total afastamento, pode ser chamado de *oscilação*, na medida em que afloram os procedimentos narrativos experimentados pelo folhetinista, muito mais próximos do folhetim romanesco que seria exercido por Alencar posteriormente, quando ele publica *Cinco minutos* e, a seguir, *O Guarani*, com um ritmo e tempo de corte narrativo que o autor adquiriu enquadrando seus escritos ao espaço do rodapé do jornal.

Esta inflexão se deu também em um cenário de desilusão de Alencar com a realidade que o autor comentava com tanta propriedade nas páginas do *Correio Mercantil*, antes do episódio que culminaria na sua demissão do periódico, o que para um escritor altamente suscetível como Alencar significaria a necessidade de mudança dos rumos de sua produção, o que se deu dentro do ambiente do produto midiático por excelência do século XIX, qual seja, o jornal.

Conclusões

De todo o exposto neste trabalho, possível verificar que, para chegar até o José de Alencar folhetinista e os procedimentos que o tornaram célebre como homem de letras e figura central do romantismo brasileiro, necessária se fazia a análise dos primórdios, do nascimento da era midiática na França, com o lançamento do *La Presse,* em 1836, pelas ideias de Emile de Girardin.

Mais que isso, a coexistência entre romance e jornal dentro de um mesmo suporte se iniciou mesmo antes de 1836, com a consagração do romance como o gênero literário mais popular e consumido no século XVIII, como apontado por Ian Watt (2010). Com a ascensão do romance na Inglaterra, vieram as traduções para o francês e, posteriormente, o denominado *ano um* da era midiática, com o nascimento do *La Presse*, congregando à sua volta as mais destacadas personalidades literárias da época, como Frederic Soulié, Victor Hugo e outros, adotando expedientes narrativos típicos do romance em seu espaço, quando o jornal ainda buscava sua identidade para melhor atingir o público leitor em expansão.

Mas a literatura também se adapta ao suporte e passa a usar da página do jornal como campo de experimentação, seja no aprimoramento de expedientes narrativos, como, por exemplo, na economia das descrições e no senso de corte desenvolvido pelos escritores nas páginas dos diários, seja na experimentação de diversas formas narrativas e sua receptividade junto ao público leitor – como Alencar procedeu, por exemplo, ao apresentar uma "peça" de teatro a seus leitores em um de seus folhetins – , seja no incessante diálogo com o alto da página e sua tentativa de organizar o mundo sob uma ou mais rubricas.

Chegou-se ao ponto de não só o jornalista, como o próprio jornal e sua máquina de elevar e destruir reputações tornar-se personagem literário, como ocorre pela pena de Balzac, por exemplo, que em *Os jornalistas* (2004, p. 116), faz uma implacável e sarcástica exposição das principais figuras que transitam em

volta do ambiente midiático do século XIX. Este é o Balzac que esbanja cólera contra todos os tipos que fazem a imprensa, sanguíneo, rude até. Falando dos folhetinistas, afirma o autor:

> Geoffroy foi o pai do folhetim. O folhetim é uma criação que só pertence a Paris, e só pode existir em Paris. Em nenhum país poder-se-ia encontrar esta exuberância do espírito, essa zombaria em todos os tons, estes tesouros de razão gastos loucamente, estas existências que se dedicam ao estado de confusão, a uma parada semanal incessantemente esquecida, e que deve ter a infalibilidade do almanaque, a leveza da renda, e decorar com um cortinado o vestido do jornal todas as segundas-feiras. Agora, tudo na França tem seu folhetim. A Ciência e a Moda, o poço artesiano e a renda fina têm sua tribuna nos jornais. Baudran e Arago, Biot e Nattier se acotovelam nos *relatos*. Esta vivacidade de produção espiritual faz da Paria de hoje a capital mais *divertida*, mais brilhante, mais curiosa que jamais existiu. É um sonho perpétuo. Nela são consumidos os homens, as ideias, os sistemas, as brincadeiras, as belas obras e os governos, de causar inveja ao tonel das Danaides.
>
> O ofício do jornalista é tão difícil que só há dois em vinte que conseguem ser lidos com prazer, e cuja verve é esperada na segunda-feira. Um dos dois é um de nossos poetas mais distintos.

Do mesmo Balzac a imprensa também é importante personagem em outra de suas obras, componente da *Comédia humana*: em *Esplendores e misérias das cortesãs* (2007), dentre as inúmeras personagens que se movimentam entre a riqueza e a nobreza dos salões de ópera, a imprensa e os jornalistas aparecem com fascinação e pouca benevolência do autor que, embora menos direto e rude do que em relação à obra anteriormente comentada, não deixa de derramar seu sarcasmo sobre a imprensa, os jornais e os jornalistas:

> Alguém que tenha se envolvido com o jornalismo, ou que ainda esteja envolvido, tem a necessidade cruel de saudar os homens que despreza, de sorrir para o seu melhor inimigo, de pactuar com as baixezas mais fétidas, de sujar as mãos ao querer pagar seus agressores na moeda deles. (BALZAC, 2007, p. 24)

> ___ O senhor seria por acaso proprietário de uma revista ou de um jornal qualquer? – continuou Andoche Finot com a presunção impertinente que manifesta o explorador em relação a seu explorado.
>
> ___ Tenho coisa melhor – replicou Lucien, cujo orgulho ferido pela superioridade que adotava o redator-chefe deu-lhe o espírito para sua nova posição.
>
> ___ E o que o senhor tem, meu caro?
>
> ___ Tenho um partido. (BALZAC, 2007, p. 25)

Veja-se, não obstante a visão pouco elogiosa que Balzac demonstra pelo jornal, pelos jornalistas e mesmo pelos folhetinistas, que a literatura também se nutre da estrutura midiática originada pelos jornais, chegando mesmo a compor cenário e personagem literária. Assim como as personagens da *Comédie Humaine* de Balzac transitam em uma zona cinzenta que não distingue ricos de pobres, nobres e plebeus, honestos e vigaristas, também literatura e imprensa, quando seus ambientes se confundem, geram um incessante diálogo entre formas e procedimentos nos quais, não raro, torna-se difícil discernir onde começa um e termina o outro.

É desse cruzamento entre o que Marie-Ève Thérenty (2007) chama de *matriz midiátia* e *matriz literária* que se compõe a matéria cinzenta que dá vida ao jornal do século XIX, movimento que avança pelos tempos, porquanto o jornal não seria a realidade, mas uma *representação* da realidade, necessidade que a literatura e, em especial, o romance, também possui no sentido de buscar uma representação da realidade emoldurando o drama de suas personagens.

Ou, como afirmado pela autora acima referida:

> Com efeito, há uma literariedade contínua da imprensa do século XIX, a qual um de suas manifestações essenciais consiste em uma ficcionalização latente do material textual.
>
> [...]
>
> A combinação de uma matriz literária na escrita do jornal é explicada por esse período de transição que vive não somente

> a imprensa mas mais amplamente a sociedade. (THERENTY, 2007, p. 354-355) [40]

Assim, se o jornal trouxe expedientes da literatura para suas páginas, especialmente no que diz respeito ao folhetim, mostra-se também claro que, posteriormente, muitos folhetinistas promoveram verdadeiro diálogo entre literatura e escrita jornalística, seja adaptando seus escritos à forma e ritmo do jornal, seja manifestando sua inquietação e questionamento dentro desse formato.

O folhetinista exerceu, com mais liberdade do que os outros elementos formadores do jornal, o passeio pelos fatos da semana, submetidos ao subjetivismo de quem escreve, podendo o escrito no rodapé das páginas do jornais tratar-se de crítica teatral especializada, como no caso de Martins Pena, ou de o diário dedicar cada dia da semana a uma espécie de texto, como pretendia Emile de Girardin no *La Presse*.

Todavia, pelo menos no caso brasileiro e, especialmente com José de Alencar, o que prevaleceu foi a assimilação desse modelo francês de jornalismo, mas com características próprias: Alencar retrabalha elementos literários dentro da página do jornal, como o tom de conversa íntima com os leitores, mas também promove um passeio pelos fatos da semana, oferecendo ainda seus comentários aos leitores, sem maiores didatismos.

Nesse ponto, pode-se afirmar que o folhetim é o pedaço solto do jornal que destoa da tentativa do alto da página de conferir maior objetividade e ordem aos fatos que são apresentados ao leitor, um território que cinde a pretendida verossimilhança do jornal com expedientes que expõem ao leitor a visão de quem

[40] Il existe en effet une littérarisation continue de la presse au XIXe siècle, littérarisation dont une des manifestations essentielles consiste en une fictionnalisation latente de la matière textuelle. [...] La combinaison d'une matrice littéraire dans l'écriture du journal s'explique par cette période de transition que vit non seulement la presse mais plus largemente la societé. (THERENTY, 2007, p. 354-355)

escreve sobre os fatos e, ainda, os procedimentos literários que compõem o alicerce do que é apresentado.

E se se pode anotar que o folhetim é a *flânerie* do jornal, o passeio ocioso e desinteressado pela galeria de fatos do cotidiano, também é possível afirmar que José de Alencar foi o mais destacado *flâneur* jornalístico do início da segunda metade do século XIX. É certo que a carreira de Alencar como folhetinista não terminou com o último folhetim aqui analisado, mas após o encerramento de tal série, o autor viria a publicar apenas alguns folhetins esparsos, reunidos em edição diversa desta, que não fazem parte do objeto de estudo desta pesquisa.

É certo também que, após o término da seção *ao correr da pena*, Alencar passaria a uma carreira bem sucedida de autor teatral e, principalmente, como romancista de maior destaque do século XIX, com uma extensa e intensa obra, que se iniciaria, não é demais lembrar, com suas duas primeiras obras publicadas nas páginas dos jornais em 1857: *Cinco minutos* e, em seguida, *O Guarani*, maior sucesso de público do escritor.

Esta última obra mencionada iniciou sua caminhada nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, foi reunida em livro, tornou-se posteriormente ópera, peça teatral e atravessou dois séculos sendo readaptada a diferentes suportes, ganhando *sete* versões cinematográficas – a primeira em 1911 e a última em 1996 – e, já no século XXI, uma adaptação em HQ. A nosso ver, isso somente atesta o vigor da obra nascida no seio do produto da era midiática por excelência, ou seja, o jornal.

Neste sentido, também afirma Marlyse Meyer (2005, p. 311-312):

> Mais interessante do que registrar os meros imitadores seria examinar as influências concretas do folhetim à francesa na elaboração do romance "oficial" brasileiro. Desde as influências temáticas, em Macedo, *O moço loiro* ou *Os dois amores*, por exemplo, até o senso do corte dos capítulos, que Alencar conseguiu com tanto brio em *O guarani*, sabendo manter acesa a atenção diária do público. E, no mesmo *O guarani*, a elaboração do herói ou do vilão Loredano é tão folhetinesca quanto são folhetinescas as relações de lealdade e

> traição, estas não muito diferentes daquelas relações patriarcais que regem o mundo de D. Antonio de Mariz.
>
> E, tanto quanto o índio Peri, o sertanejo Arnaldo também tem tudo a ver com o herói da mais pura tradição do folhetim romântico, uma variante cabocla entre as tantas que iriam descambar no super-homem nietzchiano, a seguirmos a sugestão de Gramsci.

Para chegar a este ponto, contudo, Alencar promoveu no rodapé das páginas do *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro* não apenas um diálogo com o modelo francês do folhetim-variedade, mas também exerceu o que por muitos seria classificado como um mal-estar ou um desagrado do autor com o modelo folhetim, mas que aqui é chamado muito mais de uma inquietação formal de Alencar, a quem o folhetim propriamente não lhe parecia desagradar ou causar mal-estar, mas sim os limites formais que seriam impostos pelo modelo seguido no rodapé da página.

Nesse sentido, o mal-estar alencariano não pode ser comparado, por exemplo, ao de Charles Baudelaire (1985), notório *flâneur* , que em seus *quadros parisienses*, publicado em *As flores do mal* , olha a cidade com um misto de fascinação e horror, especialmente sobre as personagens que merecem uma atenção mais específica do poeta, como nos poemas *A uma mendiga ruiva*, *as velhinhas* e *os cegos* , por exemplo, nos quais o poeta assume o seu cristianismo particular, em permanente movimento de ascensão e queda, na expressão de Ivan Junqueira em suas notas à obra aqui referida.

Somente tais características, aqui resumidamente expostas, são suficientes para distinguir o mal-estar de Baudelaire do de Alencar: este é um cristão convicto, devoto e profundamente conservador, sua inquietação é exercida muito mais no modelo pelo qual o autor se expressa; já para o poeta francês o cristianismo representa o fascínio pela queda e pelos decaídos, mas não há redenção.

Ou, como afirmando por Ivan Junqueira, em suas notas à obra de Baudelaire (1985, p. 89):

> Ao longo de todos esses 'Tableux parisiens' adivinha-se a presença misteriosa da multidão, daquele "sinlencieux grouillement" pressentido por Hugo na Paris Noturna. Como se convidada a uma dança macabra, a multidão compacta avança com seus esqueletos e espectros que abraçam o transeunte já agora em plena luz do dia.

Como dito, a inquietação de Alencar não pode ser comparada a de Baudelaire, mas possui características próprias. A primeira delas foi a experimentação narrativa promovida por Alencar, na medida em que lançava mão de expedientes como a litotes, que é afirmação pela negação, fingindo se recusar a escrever quando, na verdade, termina por escrever o folhetim a ser apresentado ao leitor.

Também se vislumbra a inquietação mencionada nos experimentos consistentes em apresentar ao leitor no rodapé do jornal uma "peça" de teatro ou um "romance", com o autor fazendo expressa menção em um de seus folhetins a "folhetim-romance", o que leva a outro importante aspecto mostrado por Alencar em seus folhetins, qual seja, o esforço metalingüístico, consubstanciado na forma como o autor vê o folhetim e, ainda, o papel do folhetinista neste processo.

E, sob este prisma, poderia ser dito que Alencar desenvolve neste espaço uma "teorização" do folhetim, considerando-se o modo como o autor questiona a natureza do folhetim e seu caráter híbrido, de mescla entre jornalismo e literatura, promovendo o próprio Alencar, mesmo nos textos em que o comentário metalingüístico não é evidente, exemplos desse embaralhamento no rodapé da página.

E dentro desta discussão, se de um lado Alencar usa de recursos literários trazidos do folhetim francês, de outro lado questiona a utilização rígida de tais

recursos, ao discutir acerca do folhetim e do papel do folhetinista, em um diálogo entre alto e baixo da página, bem como entre jornalismo e literatura.

Tais aspectos já são apontados na proposta de estudo feita por Marie-Ève Thérenty (2007, p. 356) nas conclusões de sua obra:

> Sugerimos, por exemplo, estudar de maneira sistemática a intrusão da matriz midiática na literatura mostrando os efeitos da periodicidade (coleções, ciclos, séries), da coletividade (textos em colaboração, trabalhos sobre a polifonia), da rubricidade (trabalho sobre a redução de volume, sobre os capítulos) e da atualidade (surgimento do romance contemporâneo, do romance parisiense, do romance-crônica, do romance-reportagem) sobre a literatura.
>
> Propomos igualmente estudar a derivação dos gêneros jornalísticos e da dialética incessante que se dá entre o desenvolvimento midiático e a forma literária. O jornal, como vimos, emprega procedimentos e formas literárias que são retrabalhadas pela matriz literária.[41]

Do quanto exposto, possível concluir, ainda, que a linha que se inicia em 1836 com a publicação do primeiro número do *La Presse* leva até a Alencar, escritor que iniciou sua carreira nas páginas dos jornais, como folhetinista; escritor produto da era midiática, que dialoga com o modelo francês do folhetim-variedade e, posteriormente, do folhetim romanesco, enquanto questiona e teoriza dentro do modelo.

E tais movimentos se deram de forma distinta, primeiro como *assimilação*, especialmente no início da fase do *Correio Mercantil* ; depois, já no *Diário do Rio*

[41] Nous suggérons par exemple d'étudier de manière systématique l'intrusion de la matrice médiatique en Littérature en montrant les effets de la périodicité (livraisons, cycles, séries), de la colléctivité (écritures en collaboration, travail sur la polyphonie), de la rubricité (travail sur la contrainte volumétrique, sur le chapitre) et de l'actualité (émergence du roman contemporain, du roman parisien, du roman-chronique, du roman-reportage) sur la Littérature. Nous proposons également d'étudier la dérivation des genres journalistiques et la dialectique incessante qui s'opère entre développement médiatique et forme littéraire. Le journal, nous l'avons vu, empruente des procédés et des formes littéraires pour créer des genres journalistiques qui sont quelquefois retravaillés par la matrice littéraire. (THÉRENTY, 2007, p. 356)

de Janeiro, em uma *oscilação* em relação ao alto da página do jornal e com um maior questionamento do modelo de folhetim praticado, bem como com um maior grau de experimentação de novos procedimentos no rodapé da página do jornal; por fim, com a *cisão* em relação ao folhetim e ao alto da página, praticamente cessando a porosidade antes existente entre os dois territórios na página do jornal.

Após o encerramento da seção *Ao correr da pena*, como já afirmado, Alencar viria a publicar ainda uma pequena série de folhetins em 1856 sob o título de *Folhas soltas*, finalizando a seguir sua curta mas intensa carreira de folhetinista.

A trajetória do principal expoente do romantismo brasileiro, contudo, é emblemática: assim como o movimento e as ideias que ele representou, seu início se deu nas páginas do jornal, era notoriamente conservador, mas sempre exerceu sua inquietude formal nas páginas que escreveu, trouxe para o jornal a adoção de um modelo que primeiro assimilou e que depois contestaria, levaria para sua obra como romancista muitas das características desenvolvidas nas páginas dos jornais, como o apurado senso de corte e a habilidade de criar suspense a cada capítulo, como fez ainda nas páginas dos jornais em *Cinco minutos* e *O Guarani*, e faria posteriormente em *As minas de prata* e *A guerra dos mascates*, por exemplo.

E, finalmente, conclui-se que Alencar transitou com desenvoltura entre as duas matrizes apontadas por Marie-Ève Therenty (2007) em seu estudo aqui citado, da matriz midiática para a matriz literária, embora tal desenvoltura não signifique, de modo algum, conforto: José de Alencar sempre foi, ao longo de sua prolífica carreira, um contestador e um experimentador, que em muitos momentos mostrou desilusão com a realidade que o cercava e que ele não se furtava a comentar, mas que fez deste descontentamento matéria para a construção de seus escritos, movendo-se na zona cinzenta entre jornalismo e literatura de modo a erigir uma das mais significativas obras da literatura brasileira. E, neste caso, parafraseando Brás Cubas, o jornalista foi o pai do escritor.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, J. *Ao correr da pena.* Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Ao correr da pena.* Edição preparada por José Maria Vaz Pinto Coelho. São Paulo: Tipologia Alemã – Travessa do Comércio, 1874. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd>. Acesso em: 17/12/2010 às 16:36.

_____. Ao correr da pena. São Paulo: Instituto de Divulgação Cultural, [19--?]. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 17/12/2010 às 16:55.

_____. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

_____. *O guarani.* 20. ed. São Paulo: Ática, 1996 (Bom livro)

ARRIGUCCI JUNIOR, D. Fragmentos sobre crônica. In: ARRIGUCI, Davi. *Enigma e comentário.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALZAC, H. de. *Os jornalistas.* Tradução de João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. *Esplendores e misérias das cortesãs.* Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L & PM, 2007.

BARTHES, R. *Crítica e verdade.* Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. v. 1. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Brasília: Brasiliense, 1986.

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. 44. ed. São Paulo: Culltrix, 2006.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1959. v. 1.

_____. *Literatura e Sociedade.* 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: ____ et al. *A crônica:* o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas: Ed. UNICAMP, 1992. p. 13-22.

_____ *et al. A crônica:* o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

CÂNDIDO, W. R. José de Alencar e o processo de formação do campo intelectual brasileiro do século XIX. *Revista Iluminart do IFSP*, Sertãozinho, v. 1, n. 2, p. 117-138, 2009.

CANO, J. Áticos e beócios na República das Letras: aspectos da opinião pública no Rio de Janeiro (1836-1837). *Cad. AEL*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16/17, p. 13-54, 2002.

_____. Justiniano José da Rocha, cronista do desengano. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas:* capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CHARTIER, R. *A história cultural:* entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____ (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CORBIN, A. *L'avènement des loisirs (1850-1960)*. Paris: Aubier, 1995.

COUTINHO, A. (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

DUMASY-QUEFFELEC, L. *La querelle du roman-feuilleton. Littérature, presse et politique: un débat précurseur (1836-1848)*. Grenoble: Ellug, 1999.

ESPAGNE, M. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

FARIA, J. R. *José de Alencar:* folhetins dispersos. Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v. 46, n. 1/4, p. 73-79, jan./dez. 1985.

FARIA, J.R. *José de Alencar e o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1987.

GIMENEZ, P. R. *Martins Pena crítico-folhetinista:* um espectador ideal do teatro lírico na corte. São José do Rio Preto, 2009.

GRANJA, L. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais).* Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.

_____. Folhetins d'além e d'aquém mar: a formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, Sérgio Vicente; BUSATO, Susanna (Org.). *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GUIMARÃES, H. de S. *Os leitores de Machado de Assis:* o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

JAROUCHE, M. M. *Sob o império da letra:* imprensa e política no tempo das Memórias de um Sargento de Milícias. São Paulo: FFLCH-USP, 1997.

KALIFA, D. *La culture de masse en France.* 1: 1860-1930. Paris: La Découverte, 2001.

MARCO, V. de. *A perda das ilusões:* o romance histórico de José de Alencar. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MARTINS, E. V. *O mito Alencariano.* Londrina: Universidade de Londrina, [19-?].

MEYER, M. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: LIRA NETO. *O inimigo do rei:* uma biografia de José de Alencar, ou, A mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinou D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

ORTIZ, R.. "O guarani: um mito de fundação da brasilidade". *Ciência e cultura*, São Paulo, n. 40, n. 3, p. 261-269, mar. 1988.

RIBEIRO, L. F. *Mulheres de papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1996.

SILVA, A. M. dos S. *Os bárbaros submetidos:* interferências midiáticas na prosa de ficção brasileira. São Paulo: Arte e Ciência, 2006.

_____ (Org.). *Cronistas brasileiros do século XIX:* folhetins, crônicas e afins. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

THÉRENTY, M-E. *La littérature au quotidien – poéthiques journalistiques au XIXe siécle.* Paris: Editions du Seuil, 2007.

VASCONCELOS, S. G. T. *A formação do romance brasileiro (1808-1860): vertentes inglesas.* Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/formacao.pdf>. Acesso em: 20/05/2011.

VAILLANT, A.; THÉRENTY, M-E. (Org.). *1836 : l'an 1 de l'ère médiatique* – étude littéraire et historique du journal LA PRESSE, d'Émile de Girardin. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2001.

VIANA FILHO, L. *A vida de José de Alencar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

WATT, I. *A ascensão do romance.* Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Fontes primárias:

La Presse. Paris: julho de 1836.

Correio Mercantil. Rio de Janeiro: setembro de 1854 a julho de 1855.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: outubro e novembro de 1855.

Volume 2

ANEXO A – Transcrição de *Ao correr da pena*. (Edição virtual)

Ao Correr da Pena, de José de Alencar

Fonte:

ALENCAR , José de. Ao correr da pena. São Paulo : Instituto de Divulgação Cultural, [s.d.].

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Marciana Maria Muniz Guedes - São Paulo/SP

AO CORRER DA PENA

José de Alencar

(Crônicas publicadas no "Correio Mercantil", de 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855, e no "Diário do Rio", de 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro do mesmo ano, ambos os jornais do Rio de Janeiro).

P R I M E I R A P A R T E

FOLHETINS DO "CORREIO MERCANTIL"

(De 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855)

3 de setembro

O título que leva este artigo me lembra um conto de fada que se passou não há muito tempo, e que desejo contar por muitas razões; porque acho-o interessante, porque me livra dos embaraços de um começo, e me tira de uma grande dificuldade, dispensando-me da explicação que de qualquer modo seria obrigado a dar. Há de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantástico; mas isto me é indiferente, convencido como estou de que escritos ao correr da pena são para serem lidos ao correr dos olhos.

Um belo dia, não sei de que ano, uma linda fada, que chamareis como quiserdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um moço de talento, um tanto volúvel como de ordinário o são as fantasias ricas e brilhantes que se deleitam admirando o belo em todas as formas. Ora, dizem que as fadas não podem sofrer a inconstância, no que lhes acho toda a razão; e por isso a fada de meu conto, temendo a rivalidade dos anjinhos cá deste mundo, onde os há tão belos, tomou as formas de uma pena, pena de cisne, linda como os amores, e entregou-se ao seu amante de corpo e alma.

Não serei eu que desvendarei os mistérios desses amores fantásticos, e vos contarei as horas deliciosas que corriam no silêncio do gabinete, mudas e sem palavras. Só vos direi e sito mesmo, é confidência, que, depois de muito sonho e de muita inspiração, a pena se lançava sobre o papel, deslizava docemente, brincava como uma fade que era, bordando as flores mais delicadas, destilando perfumes mais esquisitos que todos os perfumes do Oriente. As folhas se animavam ao seu contato, a poesia corria em ondas de ouro, donde saltavam chispas brilhantes de graça e espírito.

Por fim, a desoras, quando já não havia mais papel, quando a luz a morrer apenas empalidecia as sombras da noite, a pena trêmula e vacilante caía sobre a mesa sem forças e sem vida, e soltava uns acentos doces, notas estremecidas como as cordas da harpa ferida pelo vento. Era o último beijo da fada que se despedia, o último canto do cisne moribundo.

Assim se passou muito tempo; mas já não há amores que durem sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quais o símbolo de constância é uma borboleta. Acabou o poema fantástico no fim de dois anos; e um dia o herói do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua pena de ouro. O outro aceitou-a como um depósito sagrado; sabia o que lhe esperava, mas era um sacrifício que devia à amizade, e por conseguinte prestou-se a carregar aquela pena, que já adivinhava havia de ser para ele como uma cruz pesada que levasse ao calvário.

Com efeito, a fada tinha sofrido uma mudança completa: quando a lançavam sobre a mesa, só fazia correr. Havia perdido as formas elegantes, os meneios feiticeiros, e deslizava rapidamente sobre o papel sem aquela graça e faceirice de outrora. Já não tinha flores nem perfumes, e nem centelhas de ouro e de poesia: eram letras, e unicamente letras, que nem sequer tinham o mérito de serem de praça, que serviria de consolo ao espírito mais prosaico.Por fim de contas, o outro, depois de riscar muito papel e de rasgar muito original, convenceu-se que, a escrever alguma coisa com aquela fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão - Ao correr da pena

De feito, começou a escrever ao correr da pena, e como se trata de conto fantástico, não vos admirareis de certo se vos achardes de repente e sem esperar a ler o que escreveu. Estou persuadido que não gastareis o vosso tempo a censurar o título, que vale tanto como qualquer outro. Quanto ao artigo, correi os olhos, como já vos disse, deixai correr a pena; e posso assegurar-vos que, ainda assim, nem uns nem a outra correrão tão rapidamente como os ministros espanhóis diante das pedradas e do motim revolucionário de Madri.

Já sabeis em que deu toda esta história, e por isso prefiro contar-vos outras notícias trazidas pelos dois últimos paquetes a respeito da questão do Oriente, que , segundo uma observação muito espirituosa, tomou para a Áustria certo caráter medicinal de muita importância. Napier, como velho teimoso, continuava de namoro ferrado com a soberba Cronstadt, que em negócio de amores parece-me ter mais fé nos cossacos do que nos ingleses velhos. Entretanto por prudência o nosso almirante foi-se arranjando com Bommarsund para passar o inverno. Bem mostra que é inglês e teimoso. Jurou que havia de passar, e, como não lhe deixam passar o canal, embirrou que havia de passar o inverno. Queira deus, porém, que não seja o inverno que passe por ele!

Enquanto os ingleses na Finlândia se conservam frios, não por causa dos gelos do norte, mas sim por causa do fogo da Rússia, os ingleses de Londres saíram do sério e deram a mais formidável pateada em Mário, o belo tenor, que cantava Cujus animam numa noite de representação em Convent-Garden.. A história desses motim teatral, contada pelo folhetim do Constitutionnel, deveria ser bem estudada por grande número dos nossos dilettanti, que se contentam em fazerem um barulho insuportável no teatro, desaprovando pobres artistas sem mérito, e deixando em paz os únicos responsáveis de semelhantes atos.

O povo de Londres é mais positivo; depois de ter desaprovado os cantores, obrigou a vir à cena o empresário, e a todos os seus speechs respondeu um só grito uníssono: money, money. A coisa não prestava, exigiam a restituição do dinheiro, o que era muito justo: até dez horas pagaram-se bilhetes recambiados! O empresário teve de repor dinheiro de sua algibeira, mas no dia seguinte Mário foi aplaudido com três salvas estrepitosas no romance da Favorita.

Decerto, a causa desta demonstração a favor de Mário não foi unicamente a sua bela voz de tenor e a sua presença agradável, mas também a influência da Favorita, que ainda nos desperta tantas emoções e na qual os parisienses, mais felizes do que nós, vão recordar atrasados ouvindo a Stoltz, que se esperava devia cantar no primeiro meado de agosto na ópera de Paris. Também nós tivemos esta semana nossas recordações bem doces da Stoltz e da Favorita e lembramo-nos com saudade de Arsace na noite do concerto Malavazi, que esteve brilhante em todos os sentidos. Nada faltou, houve de tudo, e até desgostosos, que sentiam que ainda faltava alguma coisa; o que isto era não sei; é provável que fosse o chá do costume, que, a falar a verdade, não atino com o princípio higiênico por que foi banido dos concertos.

Além destas recordações, tivemos a nossa festa musical na segunda-feira, noite do benefício do Ferranti. O ator simpático cantou como nos seus bons dias, e desempenhou primorosamente a cena dos Prigioni de Edimburgo, que, à custa de esforços seus, foi o mais bem ensaiado possível. Nesta noite as mãos pagaram os prazeres do ouvido, num e noutro sentido, e, depois de muitas salvas de aplausos, consta-nos que o nosso barítono brilhante saiu do teatro mais brilhante do que nunca entrara.

Tão feliz como Ferranti não foram dois inspetores de quarteirão lá das bandas de São Cristóvão, que faziam o seu benefício à nossa custa, sem nem ao menos terem a delicadeza de nos advertirem. A polícia, que nem sempre está ocupada em dar passaportes e prender negros fugidos, assentou que, sendo a semana de

benefícios, devia também fazer o nosso, o do público, demitindo-os, isto é, dispensando aqueles honrados cidadãos do grande obséquio que nos faziam em servir-nos de graça.

O excesso em tudo, porém, é prejudicial, e o benefício, quando não é pedido, é incômodo, como essa resolução dos números dos bilhetes de teatro que ontem foi posta em vigor. Tiram-nos os lenços e as marcas, que eram mais pitorescas e mostravam no

público uma delicadeza louvável. Acharam que isto era mau; dessem-nos coisa melhor, e não pusessem em homem grave na dura necessidade de ir ao teatro lírico recordar a tabuada. Além de não se saber que número terão as travessas e mochos, se pertencerão aos inteiros, aos quebrados ou aos décimos, faço idéia em que apertos não se verá um pobre homem que não souber ler ou que for míope, a procurar o tal número constante de um pedacinho de papel microscópio, que precisamente no momento necessário, e como para fazer pirraça, some-se no labirinto de uma carteira ou nas profundezas de um desses bolsos à maneira, de vastas dimensões!

Quando vi pela primeira vez enfileirados pelos recostos das cadeiras aqueles batalhões de números brancos, que sem licença e com a maior sem-cerimônia do mundo se iam retratando a daguerreótipo nas costas das nossas pobres casacas, julguei que aquilo seria uma medida policial, por meio da qual os agentes ocultos poderiam seguir fora do teatro algum indiciado ou suspeito de importância, que fosse reconhecido no salão. Mas nunca pensei que, quisessem ainda numerarem os bancos as casacas dos dilettanti, quisessem ainda numerar-lhes os assentos, e obrigar um homem a comprar por dois mil réis o direito de estar preso numa cadeira e adstrito a um número como um servo da gleba.

Também o que nos faltava era justamente uma nova questão de bancos, embora de espécie diferente, porque a outra, a das sociedades comanditárias, já vai ficando velha e está quase a ir fazer companhia à do Oriente, à dos seiscentos contos e outras, que provavelmente hão de reaparecer daqui a algum tempo, como está sucedendo na Câmara dos Deputados com a das presas da independência.

O crédito proposto pelo Ministério da Marinha tem sido combatido por falta de uma liquidação regular; mas tudo induz a crer que desta vez o negócio ficará decidido. E depois disto, neguem-me que o Brasil seja um gigante! Uma criancinha que só aos trinta anos lhe começam a sair as primeiras presas! A falar a verdade, já era mais que tempo de soltarem-se estas malditas presas, por causa das quais andam presas tantas algibeiras.

Falemos sério. - A independência de um povo é a primeira página de sua história; é um fato sagrado, uma recordação que se deve conservar pura e sem mancha, porque é ela que nutre esse alto sentimento de nacionalidade, que faz o país grande e o povo nobre.Cumpre não marear essas reminiscências de glória com exprobrações pouco generosas. Cumpre não falar a linguagem do cálculo e do dinheiro, quando só deve ser ouvida a voz da consciência e da dignidade da nação.

Com essa questão importante tem ocupado a atenção da Câmara a discussão de um projeto do Sr. Wanderley sobre a proibição do transporte de escravos de uma para outra província. Este projeto, que encerra medidas muito previdentes a bem da nossa agricultura, e que tende a prevenir, ou pelo menos atenuar uma crise iminente, é combatido pelo lado da inconstitucionalidade, por envolver uma restrição ao direito de propriedade. Entretanto a própria Constituição autoriza a limitar o exercício da propriedade em favor da utilidade pública, que ninguém contestará achar-se empenhada no futuro da nossa agricultura e da nossa indústria, principal fim do projeto.

Por hoje basta. Vamos acabar a semana no baile da Beneficência Francesa, onde felizmente não há, como em Paria, a quête feita pelas lindas marquesinha, e onde teremos o duplo prazer de beneficiar aos pobres e a nós mesmo divertindo-nos.

II

Rio, 17 de setembro de 1854

Estamos na primavera, dizem os folhetins dos jornais, e a folhinha de Laemmert, que é autoridade nesta matéria. Não se pode por conseguinte admitir a menor dúvida a respeito. A poeira, o calor, as trovoadas, os casamentos e as moléstias, tudo anuncia que entramos na quadra feiticeira dos brincos e dos amores.

Que importa que o sol esteja de icterícia, que a Charton enrouqueça, que as noites sejam frias e úmidas, que todo o mundo ande de pigarro? Isto não quer dizer nada. Estamos na primavera. Os deputados, aves de arribação do tempo do inverno, bateram a linda plumagem; a Sibéria fechou-se por este ano, os buquês de baile vão tomando proporções gigantescas, as grinaldas das moças do tom são perfeitas jardineiras, a Casaloni

recebe uma dúzia de ramalhetes por noite, e finalmente os anúncios de salsaparrilha de Sands e de Bristol começam a reproduzir-se com um crescendo animador.

Come, gentil spring! Vem, gentil quadra dos prazeres! Vem encher-nos os olhos de pó! Vem amarrotar-nos os colarinhos da camisa, e reduzir-nos à agradável condição de um vaso de filtrar água. Tu és a estação das flores, o mimo da natureza! Vem perfumar-nos com as exalações tépidas e fragrantes da Rua do Rosário, da Praia de Santa Luzia, e de todas as praias em geral!

Doce alívio dos velhos reumáticos, esperança consoladora dos médicos e dos boticários, sonho dourado dos proprietários das casinhas dos arrabaldes! Os sorveteiros, os vendedores de limonadas e ventarolas, os donos dos hotéis de Petrópolis, os banhos, os ônibus, as gôndolas e as barracas, te esperam com a ansiedade, e de suspirar por ti quase estão ficando tísicos (da bolsa).

Esta semana já começamos a sentir os salutares efeitos de tua benéfica influência! Vimos uma estrela do belo céu da Itália eclipsada por uma moeda de dois vinténs, e tivemos a agradável surpresa de ouvir o 1º ato do Trovatore e um epeech da polícia, tudo de graça.

Alguns mal intencionados pretendem que a noite não foi tão gratuita como se diz; mas deixai-os falar; eu, que lá estive, posso afiançar-vos que o espetáculo foi todo de graça, como ides ver.

A autoridade policial depois de participar que ficava suspensa a representação e que os bilhetes estavam garantidos, sendo por conseguinte aquela noite de graça, como esta notícia excitasse algum rumor, declarou formalmente, e com toda a razão, que se acomodassem, porque a polícia, quando tratava de cumprir o seu dever, não era para graças.

Os namorados que tiveram duas noites de namoro pelo custo de uma, os donos de cocheira que ganharam o aluguel por metade do serviço, o boleeiro que empolgou a sua gorjeta sem contar as estrelas até a madrugada, aqueles que lá não foram, não só riram-se de graça, como acharam nisto uma graça extraordinária.

Muito olhar suplicante vi eu nos últimos momentos, humilhando-se diante de um rostozinho orgulhoso e ofendido, clamar com toda a eloqüência do silêncio: grazia! grazia! É preciso advertir que o olhar estava no Teatro Provisório, e por isso não se deve admirar que falasse italiano; além de que, o olhar é poliglota e sabe todas as línguas melhor do que qualquer diplomata.

Finalmente, para completar a graça deste divertimento, as graças com os seus alvos vestidinhos brancos se reclinavam sobre a balaustrada dos camarotes, cheias de curiosidade, para verem o desfecho da comédia. E a este respeito lembra-me uma reflexão que fiz a tempos, e da qual não vos quero privar, porque é curiosa.

Os gregos, como gente prudente e cautelosa, inventaram unicamente três graças, e consta que viveram sempre muito bem com elas. Nós, de mal avisados que somos, queremos ter em todos os divertimentos, nos bailes, nos teatros e nos passeios uma porção delas, sem refletir que, logo que se ajuntarem muitas, podem formar necessariamente um grupo de dez graças.

Maldito calembur! Não vão já pensar que pretendo que as graças tenham sido a causa de tudo isto, nem também que todo aquele desapontamento fosse produzido por alguma graça da Charton. A prima-dona estava realmente doente, e, aqui para nós, suspeito muito os meus colegas folhetinistas de serem a causa daquela súbita indisposição com o formidável terceto de elogios que entoaram domingo passado. Lembrem-se que os elogios e os aplausos comovem extraordinariamente um artista. Ainda ontem vi como ficaram fora de si as tímidas coristas, unicamente porque lhe deram duas ou três palmas!

Em toda esta noite, porém, o que houve de mais interessante foi o fato que vou contar-vos. Um velho dilettante do meu conhecimento, ainda do tempo do magister dixit, e para quem a palavra da autoridade é um evangelho, teve a infeliz lembrança de justamente nesta noite encomendar um magnífico buquê para oferecer à Charton no fim da representação. Apenas se declarou o relâche par indisposition, o homem perdeu a cabeça, e, o que foi pior, com os apertos da saída perdeu igualmente a bengala, que lá deixou ficar com os ares de novo um chapéu comprado pela Páscoa.

No outro dia, o homem, que tinha seus hábitos antigos de comércio, viu-se em sérias dificuldades. Não podia deixar de acreditar, à vista da declaração da polícia, que o espetáculo da noite antecedente fora de graça; mas, ao mesmo tempo, tinha de dar saída no livro de despesas ao dinheiro que gastara com o aluguel do carro, com a gorjeta do boleeiro, com o par de luvas, com o buquê da Charton, o custo da bengala e o estrago do chapéu. Coçou a cabeça, tomou a sua pitada, e afinal escreveu o seguinte assento: Importe de um espetáculo gratuito no Teatro Provisório - 26$000!

O meu dilettanti ainda não sabia que a palavra grátis é um anacronismo no século XIX, e, quando se fala em qualquer coisa de graça, é apenas uma graça, que muitas vezes torna-se bem pesada, como lhe sucedeu. Provavelmente, depois deste dia, o velho lhe aditou ao seu testamento um codicilo proibindo terminantemente ao seu herdeiro os espetáculos gratuitos.

Assim a crônica futura desta heróica cidade consignará nas suas páginas que, pelo começo da primavera do

ano de 1854, tivemos um divertimento de graça. Os nossos bisnetos, não falo dos militares de boca aberta , hão de pasmar quando lerem um acontecimento tão extraordinário, e, se nesse tempo ainda estiver em uso o latim, clamarão com toda a força dos pulmões: Miserabile dictu!

Depois de uma semelhante noite, era natural que os dias da semana corressem, como correram, monótonos e insípidos, e que o baile do Cassino estivesse tão frio e pouco animado. Entretanto aproveitei muito em ir, pois consegui perder as minhas antipatias pela valsa, a dança da moda. É verdade que não era uma mulher que valsava, mas um anjo. Um pezinho de Cendrillon, um corpinho de fada, uma boquinha de rosa, é sempre coisa de ver-se, ainda mesmo em corrupios.

Fiz a amende honorable de minhas opiniões antigas, e, vendo nos rápidos volteios da dança voluptuosa passar-me por momentos diante dos olhos aquele rostinho iluminado por um sorriso tão ingênuo, não pude deixar de fazer uma comparação meio sentimental e meio cosmogônica, que talvez classifiqueis de original, mas que em todo o caso é verdadeira.

Quando o mar, que Shakespeare disse ser a imagem da inconstância, revolveu o globo num cataclisma e cobriu a terra com as águas do dilúvio, foi uma pomba o emblema da inocência, que anunciou aos homens a bonança, trazendo no bico um raminho de oliveira. Se algum dia uma paixão de loureira vos revolver a alma, e deixar-vos o desgosto e a desilusão, há de ser um anjinho inocente como aquele quem vos anunciará a paz do coração, trazendo nos lábios o sorriso do amor o mais casto e mais puro.

III

Rio, 24 de setembro

Domingo passado o caminho de São Cristóvão rivalizava com os aristocráticos passeios da Glória, do Botafogo e São Clemente, no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira. O Jockey Club anunciara a sua primeira corrida; e, apesar dos bilhetes amarelos, dos erros tipográficos e do silêncio dos jornais, a sociedade elegante se esforçou em responder à amabilidade do convite.

Fazia uma bela manhã: - céu azul, sol brilhante, viração fresca, ar puro e sereno. O dia estava soberbo. Ao longe o campo corria entre a sombra das árvores e o verde dos montes; e as brisas da terra vinham impregnadas da deliciosa fragrância das relvas e das folhas, que predispõe o espírito para as emoções plácidas e serenas.

Desde sete horas da manhã começaram a passar as elegantes carruagens, e os grupos dos gentlemen riders, cavaleiros por gosto ou por economia. Após o cupê aristocrático tirado pela brilhante parelha de cavalos do Cabo, vinha a trote curto o cabriolé da praça puxado pelos dois burrinhos clássicos, os quais, apesar do nome, davam nesta ocasião a mais alta prova de sabedoria, mostrando que compreendiam toda a força daquele provérbio inventado por algum romano preguiçoso: Festina lente.

Tudo isso lutando de entusiasmo e ligeireza, turbilhonando entre nuvens de pó, animando-se com a excitação da carreira, formava uma confusão magnífica; e passava no meio dos estalos dos chicotes, dos gritos dos cocheiros, do rodar das carruagens, e do rir e vozear dos cavaleiros, como uma espécie de sabat de feiticeiras, a começar no campo de Sant'Anna e a perder-se por baixo da sombra de meia dúzia de árvores do Prado e das tábuas sujas e carcomidas de uma barraca que por capricho chamam pavilhão, e que de velha já se está rindo das misérias do mundo.

Às 10 horas abriu-se a raia (turf), e começou a corrida com a irregularidade do costume. Os parelheiros pouco adestrados, sem o ensino conveniente, não partiram ao sinal e ao mesmo tempo, e disto resultou que muitas vezes o prêmio da vitória não coube ao jóquei que montava o melhor corredor, e sim àquele que tinha a felicidade de ser o primeiro a lançar-se na raia. A última corrida, que durou um minuto e dezenove segundos, teria sido brilhante se dois dos cavalos não se tivessem lembrado de imitar as pombinhas de Vênus, que dizem, voavam presas por um laço de amor.

A diretoria, que envidou todos os seus esforços para tornar agradáveis as novas corridas, deve tomar as providências necessárias a fim de fazer cessar estes inconvenientes, formulando com o auxílio dos entendidos um regulamento severo do turf. Convém substituir o sinal da partida por outro mais forte e mais preciso, e só admitir à inscrição cavalos parelheiros já habituados à raia.

Seria também para desejar que se tratasse de melhorar a quadra (sport) com as inovações necessárias para comodidade dos espectadores; e que desse alguma atenção à parte cômica do divertimento. Instituindo-se

corridas de burrinhos e de pequiras. Nós ganhávamos com isto uma boa meia hora de rir franco e alegre, e estou certo que por esta maneira o gosto dos passatempos hípicos se iria popularizando.

A uma hora da tarde estava tudo acabado, e os sócios e convidados disseram adeus às verdes colinas do Engenho Novo, e voltaram à cidade para descansar e satisfazer a necessidade tão trivial e comum de jantar, insuportável costume, que, apesar de todas as revoluções do globo e todas as vicissitudes da moda, dura desde princípio do mundo. À tarde, aqueles que tiveram a honra de um convite foram a Saúde assistir à inauguração do Instituto dos Cegos na casa que serviu de residência do primeiro Barão do rio-Bonito.

Há muito tempo que se esperava a realização desta bela instituição humanitária, destinada a dar às pobres criaturas privadas da luz dos olhos a luz do espírito e da inteligência. Devemos esperar do zelo das pessoas a quem foi confiada a sua administração que em pouco conseguiremos resultados tão profícuos como têm obtido a França e os Estados Unidos.

A inauguração fez-se em presença de SS.MM. e de um luzido e numeroso concurso de senhoras e de pessoas de distinção, que aí se achavam animados pelo mesmo sentimento, e como para realçarem aquele ato humanitário com a tríplice auréola da majestade, da virtude e da ilustração.

Depois de tudo isto, uma bela noite sem lua, fresca e estrelada; algumas partidas no Catete, um passeio agradável ao relento, ou o doce serão da família em redor da mesa do chá; e por fim cada um se recolheu a repassar lentamente na memória os prazeres do dia, e a lembrar-se de um sorriso que lhe deram ou de uns olhos que não viu.

Entretanto a mim não me sucedeu o mesmo. Tinha-me divertido, é verdade; mas aquele domingo cheio, que estreava a semana de uma maneira tão brilhante, fazia-me pressentir uma tal fecundidade de acontecimentos, que me inquietava seriamente. Já via surgir de repente uma série interminável de bailes e saraus, um catálogo enorme de revoluções e uma cópia de notícias capaz de produzir dois suplementos de qualquer jornal no mesmo

dia. E eu, metido no meio de tudo isto, com uma pena, uma pouca de tinta e uma folha de papel, essa tripeça do gênero feminino, com a qual trabalham alguns escritores modernos, à moda do sapateiro remendão dos tempos de outrora.

É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam - folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias às avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia, que, com as anotações de certos críticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatório onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéia.

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e graça e a mesma monchalance com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o mísero folhetinista por força de vontade conseguiu atingir a este último esforço da volubilidade, quando à custa de magia e de encanto fez que a pena se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. Cuida que é uma borboleta que quebrou a crisálida para ostentar o brilho fascinador de suas cores; mas engana-se: [e apenas uma formiga que criou asas para perder-se

De um lado um crítico, aliás de boa-fé, é de opinião que o folhetinista inventou em vez de contar, o que por conseguinte excedeu os limites da crônica. Outro afirma que plagiou, e prova imediatamente que tal autor, se não disse a mesma coisa, teve intenção de dizer, porque, enfim nihil sub novum. Se se trata de coisa séria, a amável leitora amarrota o jornal, e atira-o de lado com um momozinho displicente a que é impossível resistir.

Quando se fala de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos brejeiros, o velho tira os óculos de maçado e diz entre dentes:”Ah! o sujeitinho está namorando à minha custa! Não fala contra as reformas! Hei de suspender a assinatura”.

O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo toilette, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas ao domingo, as velhas porque não falou na decadência das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante porque não tratou das cotações da praça, e finalmente o literato porque o homem não achou a mesma idéia brilhante que ele ruminava no seu alto bestunto.

Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. Quando queremos jantar, vamos ao Hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o teatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no

Dagnan. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para seu livro ou o seu artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora da regra geral, e ser uma espécie de panacéia, um tratado de omni scibili et possibili, um dicionário espanhol que contenha todas as coisas e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível.

Façam idéia, estando ainda dominado por estas impressões da véspera, como não fiquei desapontado no dia seguinte, quando me fui esbarrar com a nova da chegada do paquete de Southampton, o qual parece que mesmo de propósito trouxe quanta notícia nova e velha havia lá pela Europa.

Nicolau, vendo que nada arranjava com os seus primos da Áustria e da Prússia, assentou de aliar-se com o Judeu Errante, um certo indivíduo inventado, no tempo em que ainda se inventava, e correto e aumentado no Século 19 por Eugênio Sue. Entretanto saiu-lhe a coisa às avessas, porque os ingleses e franceses com o cólera ficaram verdadeiramente coléricos e então não há mais nada que lhes resista. Tomaram Bommarsund, e é de crer que a esta hora já tenham empolgado Sebastopol.

Ao passo que eles lá no Oriente pelejam combates e batalhas para se distraírem durante a convalescença da moléstia, os Egípcios deram ao mundo uma grande lição de política constitucional a seu modo em duas palavras - pau e corda; e mostraram claramente que toda a ciência de governar está na maneira de empregar aqueles dois termos.

Se Abbas-Paxá tivesse aprendido na escola de Napoleão pequenino, em vez de mandar meter o bastão nos mamelucos para estes o enforcarem, teria usado da outra forma simbólica de governar, corda e pau, isto é, teria-os mandado enforcar num pau qualquer, e estaria agora vivo e bem disposto para mandar enforcar uma nova porção.

Políticos do mundo inteiro! Jornalistas do orbe católico! Publicistas, que desde Hugo Grocio queimais as pestanas a resolver a grande questão das formas de governo! Podeis fazer cartucho de vossos jornais, podeis vender os vossos enormes infólios para papel de embrulho, podeis dar aos vossos pequerruchos as memórias que elaborastes para que eles se divirtam a fazer chapéu armado! Paula majora canamus! Tudo quanto escrevestes, tudo quanto meditastes não vale aquela lição simples e grande dada por dois mamelucos!

Quereis ver como a coisa está agora clara e simples? Teoria do governo constitucional - pau e corda. Teoria do governo absoluto - corda e pau. Quanto à república, como é a forma de governo simples por excelência, será simbolizada unicamente pela corda. Os democratas estão livres do bastão, e contentam-se em enforcarem-se uns aos outros como na revolução inglesa, ou a guilhotinarem-se, como têm o bom gosto de fazer os nossos vizinhos do Sul.

Além destas notícias que vos tenho referido, todas as mais, trazidas pelo paquete, não valem uma ode que nos veio também por ele, e que foi publicada no Portuense. Não se riam, nem pensem que há nisto exageração! Leiam, e depois conversaremos. É um homem obscuro, lá de um recanto de Portugal, com o nome mais antipoético do mundo, que de repente sentiu na mente uma centelha de Vitor Hugo, recebeu uma inspiração do céu, tomou uma folha de papel, e lavrou a sentença da Inglaterra com uma ironia esmagadora, com um metro enérgico e uma rima valente. Leiam, e digam-me se neste pensamento grande, nesta concepção vasta, nesta forma imponente, não há como um pressentimento, como a profecia de um acontecimento, que talvez não esteja muito longe?

Ia-me esquecendo de outra notícia, a da aposentadoria do Sr. Delavat y Rincon, Ministro da Espanha, no caráter diplomático da missão que exercia no Brasil. Residindo entre nós há muitos anos, o Sr. D. José tem-se ligado intimamente ao Brasil, não só pelos laços de família que o prendem, como pelas atenções que sempre mostrou para com o nosso país.

Com tanta novidade curiosa chegada pelo paquete, e que oferece larga matéria à palestra e aos comentários, ainda assim não ficamos de todo livres de certas conversas divertidas, muito usadas nos nossos círculos.

Não sabeis talvez o que é uma conversa divertida? Pois reparai, quando estiverdes nalgum ponto de reunião, prestai atenção aos diversos grupos, e ouvireis um sem-número desta espécie de passatempo, que é na verdade de um encanto extraordinário.

Uma conversa divertida - é um pretendente que vos agarra no momento em que se vai dançar, para demonstrar a vantagem da reforma das secretarias. É um médico que aproveita a ocasião em que pode ser ouvido por todos, para proclamar a probabilidade da invasão da cólera no Brasil . É um sujeito que escolhe justamente o momento da ceia, para contar casos diversos de indigestão e congestões cerebrais. É um indivíduo qualquer que se vos posta diante dos olhos, como uma trave, e vos tira a vista da vossa namorada, para perguntar-vos com voz de meio-soprano: o que há de novo?

Na primeira revisão do Código Penal é preciso contemplar estes sujeitinhos nalgum artigo de polícia correcional. Uns furtam-nos o nosso tempo, que é um precioso capital - time is money, e, o que mais é, furtam

com abuso de confiança, porque se intitulam amigos; por conseguinte incorrem na pena de estelionato. Os outros são envenenadores, porque com as suas conversas de cólera e febre amarela vão minando surdamente a nossa vida com os ataques de nervos e com as terríveis apreensões que fomentam.

Enquanto, porém, aquela reforma não tem lugar, chamo sobre eles a atenção do Sr. Dr. Cunha, assim como também sobre a desordem que reina no teatro nas noites de enchente.

A princípio, um homem sentava-se comodamente para ver o espetáculo. Entenderam que isto era sibaritismo, estreitaram o espaço entre os bancos, e tiraram-nos o direito de estender as pernas.

Ainda a coisa não ficou aí: pintaram os bancos e privaram-nos do espreguiçamento do recosto. Julguei que tinham chegado ao maior aperfeiçoamento do sistema, mas ainda faltava uma última demão. Agora aqueles que querem ver ficam de pé; e os que

preferem ficar sentados têm o pequeno inconveniente de nada verem. Não cabem dois provérbios num saco, diz o provérbio: ou bem ver, ou bem sentar.

Isto pode ter muita graça para a diretoria; porém aquele que compra o direito de ver, sentado e recostado, não pode sofrer semelhante defraudação. É urgente proceder-se a uma rigorosa lotação das cadeiras do teatro, e proibir a introdução de mochos e travessas. Este expediente, acompanhado da severa inspeção na venda e recepção dos bilhetes, restituirá a ordem tão necessária num espetáculo onde a presença de Suas Majestades e de pessoas gradas exige toda a circunspeção e dignidade.

IV

Rio, 1.º de outubro

Meu caro redator. - Faço idéia do seu desapontamento quando receber esta carta em vez da nossa Revista costumada do domingos; mas tenha paciência, e lembre-se que o acaso é um menino cheio de caprichos que nos dirige a seu modo, sem ter ao menos a delicadeza de nos consultar de vez em quando.

Fatis agimur, cedite fatis.

Sei que há de ficar maçadíssimo comigo, que me acusará de remisso e negligente, e acumulará sobre a minha cabeça uma série de sinônimos de igual jaez de envergonhar qualquer Cícero provinciano dos mais afamados na oratória.

É já prevenindo esta eventualidade que tomo o prudente alvitre de escrever-lhe, e não ir verbalmente desfiar o longo rosário de desculpas que a minha imaginação, sem que lho recomendasse eu, teve o cuidado de ir preparando apenas pressentiu os primeiros pródromos da preguiça.

O que vale é que a borrasca há de passar. Quanto maior for a zanga, tanto maior graça há de achar depois no logro que lhe preguei involuntariamente, está entendido; a por fim de contas, quando se lembra do seu tempo de folhetinista, estou certo que me há de dar carradas de razões. Previno-o, porém, desde já que não é preciso mandar-me à casa as tais carradas de razões; isto pode importar-lhe uma grande despesa de carretos sem necessidade.

Decidi contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor dúvida sobre a boa-fé com que procedi em todo este negócio, e para assim habilitá-lo a redigir uma daquelas desculpas da rotina, com que ordinariamente os jornais (compreendido o nosso por política) embaçam os leitores, logo pela manhã, e em jejum, ocasião esta em que naturalmente os carapetões são de mais fácil digestão.

Os nossos velhos da era antiga diziam que não havia domingo sem missa, sem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte deste provérbio tem sofrido nos últimos tempos alguma modificação, principalmente a respeito dos redatores dos grandes jornais, que substituíram à missa o folhetim. Mas em compensação ninguém ainda se animou a contestar a segunda e última parte do anexim, e pó isso na segunda-feira redatores, folhetinistas, leitores e leitoras, todos desejariam poder saborear as delícias do dolce farniente.

Como isto não é possível a todos, o que se segue é que muitas vezes o corpo parece que trabalha, enquanto a mente, como uma sultana favorita, se embala molemente nas doces recordações do domingo e de toda a semana passada.

O redator estende a folha de papel para escrever o seu artigo de fundo; mas, quando procura pelo pensamento, vai descobri-lo no fundo de algum boudoir elegante, donde não há forças que o possam arrancar. Resulta daí que, depois de algumas horas de esforço baldado, o tal artigo de fundo fica no fundo do tinteiro.

A mocinha com os olhos quebrados e corpinho lânguido toma o seu bordado e começa a trabalhar. Pensa que está fazendo ponto de crochê! Qual! está fazendo namoro a crochê. Os olhos e a boquinha são os ganchos;

cada ponto é um olhar provocador; cada malha um jogo vivo de sorrisos à direita e à esquerda. Quando a agulha fere-lhe um dos dedinhos rosados, sou capaz de apostar que lembrou-se de um despeito, ou de um arrufo no baile.

A respeito do folhetinista não falemos. Na segunda-feira tem a cabeça que é um caos de recordações, de faros, de anedotas e observações curiosas. A imaginação toma ares de pintor chinês, e começa a desenhar-lhe flores e arabescos de um colorido magnífico. As idéias dançam uma contradança no Cassino. A memória passeia no meio do salão, de braço dado com a ironia, gracejando e fazendo reflexões a propósito.

Enfim os cinco sentidos põem-se ao fresco, e largam-se a passear cada um para seu lado. O ouvido a Flâner recorda a cabaleta do Trovatore. O paladar e o olfato sentam-se comodamente à mesa da ceia. O olhar erige-se em dagueorreotipeiro e diverte-se em tirar retratos d'après nature. E o tato vai estudar praticamente o magnetismo, para descobrir as causas misteriosas dos estremecimentos que produz a pressão doce e tépida de uma mãozinha delicada.

À vista disto, meu caro redator, já vê que a segunda-feira é um dia inteiramente perdido, e que só vem na folhinha para encher o número dos sete que formam a semana, assim como sucede nas listas tríplices para senador. Acredite que não se faz nada, nem mesmo quando se possui a receita infalível, que eu tenho sobre a mesa, de um libelo ou de uns provarás, cujo efeito poderoso o senhor deve conhecer.

Os antigos tinham razão. E estou certo que, se Josué vivesse no nosso século, havia de adotar o anexim português, e, pedindo licença a Galileu, todos os domingos à meia-noite faria parar o sol até terça-feira, para assim poder bem saborear o dia consagrado à preguiça, sem temer a claridade importuna que de madrugada, isto é, às desoras, vem bater-nos nas pálpebras, como um credor impertinente que não compreende a verdadeira organização do crédito.

Ora, eu sei que me podem objetar que a Bíblia manda trabalhar seis dias e descansar no sétimo. Mas aquele preceito foi inventado na primeira semana, isto é, quando não se tinha trabalho antes; e por isso podia haver preguiça na segunda-feira. Além de que, como ainda não se sabia ao certo o peso do trabalho da semana, julgou-se, que era bastante um só dia de descanso. Veja o senhor, que é deputado, o inconveniente de fazer leis sem primeiro estudarem-se profundamente as necessidades públicas.

Logo que os homens aprenderam por experiência própria quanto custavam os tais seis dias de trabalho, assentaram que era preciso pelo menos dois ou três dias de descanso. Daí veio que os antigos, pensando sobre a gravidade do caso, inventaram os dias santos para iludirem o preceito da Bíblia; e modernamente se instituiu nas semanas em que não há dias santos, o feriado da quinta-feira para estudantes e lentes, porém especialmente para estes.

Enfim o nosso amável redator sabe que a própria astronomia confirma a convicção profunda em que estou de que pelas leis divinas e humanas a segunda-feira deve ser

completamente consagrada à preguiça. A segunda-feira é o dia da lua, e ninguém ignora a influência poderosa que exerce esta senhora sobre os pobres mortais, a quem ela persegue como uma velha cheia de flatos e medeixes. Ora, não podendo o corpo assim indisposto entregar-se ao trabalho, é evidente que as próprias leis físicas, que regulam a harmonia e o equilíbrio do mundo, destinaram a segunda-feira para a calaçaria.

Parece-me que tenho provado o ponto controvertido, com argumentos dignos de figurar em uma conclusão magna. Está a segunda-feira, portanto, fora de toda a questão; e por isso, tranqüilo na minha consciência, não tenho o menor escrúpulo em confessar-lhe que naquele dia não trabalhei.

Passei o dia, como faço-lhe a justiça de acreditar que passou o seu, sem dar atenção às misérias deste mundo; e tratando de realizar aquele dito de Marcial, que apesar de poeta (com perdão de V.S.) disse um dia uma coisa boa, talvez mesmo por não se muito forte na poesia: Vivere bis, vita posse priore fruire

Acho escusado dizer-lhe que, apesar de ser o dia inteiramente contemplativo, não me descuidei da carne, e tive o cuidado de almoçar, jantar e cear. À noite fui ao Teatro Lírico ouvir ainda uma vez o Trovatore e ver Leonora morrer depois de nos ter dado algumas horas de vida deliciosa.

Desejava trazer alguma idéia boa para o nosso folhetim. Mas o senhor sabe o que é uma idéia; é a coisa mais bandoleira e mais volúvel que eu conheço. As idéias são as borboletas do espírito; são, como diz um provérbio oriental a respeito das mulheres, a sombra do nosso corpo que nos acompanha sempre, e que nos foge apenas as queremos apanhar.

Esperei por conseguinte pela terça-feira, em que verdadeiramente devia começar o trabalho da semana, segundo os princípios que já tive a honra de lhe expender. Entretanto, servindo-me eu daqueles mesmos princípios com que provei que os antigos tinham toda a razão de destinar a segunda-feira para o santo ócio, sucedeu que tive na terça-feira ao acordar uma lembrança luminosa, cujo peso deixo ao seu alto critério.

Se os antigos, que não tinham baile, nem teatros líricos, nem concertos, nem clubes, nem corridas, e que se contentavam com algum sarau de vez em quando, inventaram os dias santos para filarem assim dois dias de

descanso, nós, que temos durante a semana todo esse enorme acréscimo de trabalho imposto pela sociedade, nós que já fomos privados dos dias santos, devemos em todo o rigor da justiça lograr mais um dia de descanso, e juntar a terça-feira à segunda, a fim de poder na quinta encerrar o trabalho, com o espírito calmo e o corpo bem disposto.

Este argumento sem réplica calou-me no ânimo a convicção inabalável de que seria anti-racional e anti-filosófico trabalhar na terça-feira, principalmente estando todo preocupado com o baile do Cassino, que devia ter lugar à noite.

Por conseguinte, levei o dia literalmente a esperar pela noite, e a ler as notícias da Europa, chegadas pelo Maria 2.ª.

Tive um alegrão quando vi aquele carapetão da tomada de Sebastopol, inventado pelos passageiros do Candiá, que podem ser taxados de mentirosos, mas que pelo menos mostraram ser mais hábeis em estratégia e tática militar do que os generais franceses e ingleses, pois tomaram uma praça forte sem armas e sem soldados, somente com o auxílio da língua e de algum jeito para a petalogia.

Com este fato tinha eu base para um artigo brilhante sobre o futuro da guerra do Oriente; mas o meu contentamento foi passageiro, porque no dia seguinte li o desmentido do Jornal do Comércio, que nem sequer deixou à pobre notícia o tempo de correr.

A noite que eu esperava ansiosamente, chegou.Às 9 horas entrei no Cassino, onde tive o sumo prazer de encontra-lo, o que unicamente (espero terá a bondade de o acreditar) fez-me passar algumas horas bem agradáveis.

Se a falta do nosso folhetim de amanhã, a qual deploro igualmente com o senhor, não o traz ainda atordoado a esta hora, deve lembrar o baile magnífico pela elegância das senhoras, e pela sociedade que aí se reuniu.

Havia naturalmente de notar, com o seu conhecido bom gosto, a justeza de uma observação que fez Arséne Houssae, provavelmente ao meio de algum baile como aquele: - Il y a des femmes qui sont roses, il y a des femmes qui sont épines, il y a des femmes qui sont des sourires, il y a des femmes qui sont des grimaces.

A este pensamento eu acrescentaria que há mulheres que são verdadeiras rosas, e que por isso têm para aqueles que se chegam um perfume e um espinho ao mesmo tempo.

Também havia de ver, como eu, surgir naquela noite uma estrela suave a deslizar docemente num céu de azul. Era uma verdadeira estrela, bela como suas irmãs, brilhando no céu; porque o céu é a pátria da candura e da inocência.

Se não teve a felicidade de ver esta serena aparição no baile, tome o meu conselho. Vá a casa do Reis, na rua do Hospício n.º 72. É a melhor loja de instrumentos de óptica e de física que há nesta cidade: aí encontrará um sortimento magnífico de binóculos, de telescópios e lunetas.

Escolha a melhor jumelle eliptique que ele tiver, vá esta noite beneficiar os italianos ouvindo música italiana, e lá examine o céu do Teatro Lírico, que talvez tenha ocasião de ver a estrela de que lhe falei. Não fite muito o óculo; uma estrela é tudo o que há mais puro e de mais casto neste mundo.

Voltando ao baile, creio que não estranhará se durante toda aquela noite nem sequer me lembrasse do folhetim. A uma hora despedi-me como os outros até a noite seguinte, na qual nos devíamos encontrar no baile militar, ou nos salões de um estrangeiro distinto, que recebia em sua casa a sociedade elegante desta corte.

Enfim veio a quarta-feira, o dia em que sensatamente se deve dar princípio ao trabalho. Não comece já a pensar que vou apelar para algum sofisma, a fim de inutilizar também este dia. Não: a quarta-feira é um dia muito útil, o mais útil talvez da semana

A quarta-feira é destinada para se dispor o homem a começar os seus afazeres. Depois de três dias de descanso, é impossível que se tenha disposições para encetar de chofre o trabalho. Seria mesmo anti-higiênico passar repentinamente do repouso ao movimento.

Motus est causa caloris. Consulte um bom médico, e verá que ele lhe diz que isto importa tanto como as transições rápidas do frio para o calor e vice-versa, e que por conseguinte pode originar graves moléstias.

Não sei que sábio antigo disse que a natureza não vai aos saltos: Natura non facit saltus. Todas as línguas vivas e mortas que eu conheço têm um rifão que, despida a forma, contém aquele mesmo pensamento.

Ora, logo que a sabedoria, a higiene e a experiência popular consagram um princípio inconcusso, não é possível deixar de aderir principalmente quando há uma atração irresistível para ele. Foi o que me sucedeu, levei toda a quarta-feira a fazer tenções e

cálculos de trabalho para o dia seguinte. A fim de melhor dispor o espírito, não deixei de ir à reunião de que lhe falei, e tive ocasião de apreciar a amabilidade dos hóspedes e a graça das lindas convivas.

Na quinta-feira, resolvi logo pela manhã por-me de ponto em branco, isto é, todo de preto, para ir ao convento de Santo Antônio, assistir a um ofício fúnebre que os estudantes de medicina fizeram celebrar pela alma de

seu colega José Cândido de Almeida.

Embora já habituado a estas cenas de luto e de tristeza, a memória deste causa-me dolorosa impressão. Não me posso lembrar com indiferença daquele moço, cheio de vida e de talento, colhendo o germe da morte justamente quando, levado pelo amor do estudo, investigava com o escalpelo na mão os segredos da ciência.

O que consola o espírito quando me recordo deste fato é a efusão e a espontaneidade de sentimentos com que seus colegas demonstraram a mágoa que lhes deixou aquela morte prematura. Os estudantes de medicina deram nesta ocasião um exemplo, bem raro hoje, de espírito de classe; e nas demonstrações de sua dor substituíram quase para seu colega, morto longe do seio materno, as lágrimas sublimes de mãe.

A hora, que correu mais rapidamente do que eu pensava, obstou a realização do meu intento. Entretanto fiquei sempre debaixo daquela impressão, o que contudo não me afastava da idéia de começar decididamente o trabalho na quinta.

No correr do dia, refletindo melhor, assentei em duas coisas. Primeiro, que num clima tão doentio como é o do Rio de Janeiro todo mundo tem o direito incontestável de declarar-se doente pelo menos um dia por semana, ainda que não seja senão para poupar a saúde e não gasta-la toda de uma vez. Segundo, que todo o homem que cumpre exatamente os seus deveres durante todo o ano pode lá uma semana fazer um extra e destinar o dia para ir passar no campo e não fazer absolutamente nada, senão distrair-se.

E agora, meu caro redator, confesse francamente, não acha que é um impossível físico e moral fazer uma semana inteira com um dia somente, quando para isto é necessário em toda a folhinha sete dias e sete noites?

Como estou certo que não me responderá negativamente a esta pergunta, desde já me tenho por plenamente justificado para com a redação do jornal; lá quanto aos leitores, isto é coisa que lhe diz respeito, e na qual eu lavo as mãos.

Entretanto é pena que isto sucedesse, porque havia bastante que dizer-se sobre esta semana. Além dos divertimentos que lhe falei, do baile do Campestre, da chegada de um literato cego que nos veio pedir hospitalidade acompanhado de sua Antígone, houve um fato que interessa muito a população desta cidade.

O desembargador Figueira de Melo foi nomeado Chefe de Polícia desta corte, e deve tomar posse hoje, dia de São Jerônimo, seu patrão.

Não acha que esta coincidência é um presságio feliz para esta nomeação, e que o novo chefe de polícia continuará as tradições deixadas pelo Sr. Siqueira que durante a sua curta administração adquiriu títulos ao reconhecimento público? Eu inclino-me a crer que sim, e não estou longe de supor que nisso vamos de acordo.

A empresa lírica começa a ser administrada pela nova diretoria, e também há razões de esperar das pessoas que a compõem, se não todos, ao menos alguns dos melhoramentos que exige o nosso Teatro para poder elevar-se ao estado que comporta a civilização e os recursos desta corte.

Veja que pena! Com tanta notícia importante, não temos artigo hebdomadário! Mas console-se; a semana que vem não se anuncia menos brilhante. Teremos um baile esplêndido na Fileuterpe, e no Teatro de São Pedro um concerto vocal e instrumental, de música alemã e clássica, o que deve ser uma novidade artística digna de atrair todo aquele que se prezar de bom gosto. A orquestra será regida por um jovem professor nacional, o Sr. Stockemeyer, que já tem dado provas do seu talento.

Não se amofine por conseguinte, e creia na minha boa vontade.

Seu, etc.

S.C. 30 setembro. Al.

P. S. Agora, quase ao fechar esta, lembrei-me de um expediente aproveitável em tão críticas circunstâncias. A liberdade do folhetinista é ilimitada, a carta longa: portanto escreva-lhe em cima o nosso título - Ao correr da pena - e mande para a composição.

Não deixe transpirar coisa alguma; e amanhã o leitor com toda a sua finura pensará que isto foi uma idéia original que tivemos. Há de ver, que, no fim de contas, o negócio arranja-se às mil maravilhas.

V

Rio, 15 de outubro

Encontram-se às vezes na história da humanidade certas coincidências tão notáveis, que parecem revelar uma lei fatal e misteriosa, um elo invisível que através dos anos e dos séculos prende entre si os grandes

acontecimentos.

O tempo, dizia Píndaro, é o oceano imenso sobre o qual navega a humanidade. Quem sabe se, como o marinheiro lançado sobre a amplidão dos mares, batido pelos ventos e pelas tempestades, o gênero humano não percorre os caminhos já trilhados, e não atravessa as idades revendo na sua torna-viagem as mesmas plagas, os mesmos climas?

O espírito se confunde desde que intenta perscrutar tão altos arcanos, e se perde numa série de pensamentos elevados, como os que me assaltaram quando me pus a refletir sobre os destinos do dia 12 de outubro, que marca época nos anais do mundo, da América e do Brasil.

Quando se desdobra esta página do calendário, e se volve os olhos para o passado, vê-se surgir entre as sombras das gerações que morreram dois grandes vultos de heróis, que separados por mais de três séculos, parecem estender-se a mão por sobre o espaço, como para consolidar a sua obra.

No mesmo dia um descobriu um novo mundo, o outro fundou um grande império. Um chamava-se Colombo, o outro era Pedro I. Dois nomes que por si só valem uma história.

Entretanto a América e o Brasil deixaram-nos escritos apenas nos livros, como uma simples recordação; e, tomando um nome de empréstimo, nem ao menos copiaram no mármore ou no bronze aquela página de tantas glórias.

O viajante do velho mundo, que contemplou as pirâmides do Egito, as ruínas do Partenon, as abóbadas do Coliseu, os obeliscos e os arcos de triunfo, monumentos de

um século, de um povo, ou de um rei somente, não encontra nas plagas americanas nem sequer o nome desse semideus que criou um mundo!

Apenas a espaços, uma palavra perdida, uma exprobração amarga, e mesmo alguns esforços infrutíferos para levar a efeito a idéia de um monumento a Colombo e de uma estátua a D. Pedro.

Tudo isto, porém, passa no turbilhão das idéias que servem de pasto a uma agitação momentânea, e nada resiste a esse esquecimento fatal e prematuro. Dir-se-ia que o presente, temendo ser ofuscado por tão grandes feitos do passado, como que receia transmiti-los às gerações futuras.

Mas o eco das idades, esse brilho que ilumina os séculos, e a que o mundo chama a glória, não há forças que o abafem. Através do tempo ouve-se ainda e sempre esse sublime diálogo que formam, como diz L'Hermenier, as relações do gênio com a humanidade.

Assim, aqueles dois grandes vultos, que parecem perdidos nas sombras do passado, se refletirão com todo o seu brilho na posteridade, principalmente quando o primeiro tem para desenha-lo a pena de um homem como Lamartine, e o outro a história de uma nação como o Brasil.

Talvez que então, quando a marcha dos tempos tiver desvendado altos mistérios do destino, a humanidade possa compreender esse elo invisível que prende dois acontecimentos tão remotos, essa relação inexplicável entre dois homens, essa coincidência providencial de duas revoluções que em épocas diferentes se realizaram no mesmo dia.

Quem sabe se o fato que veio depois de três séculos não era o complemento e o remate do primeiro? Quem sabe se D. Pedro I não foi o continuador de Colombo? Quem sabe se a fundação do Império do Brasil não devia ser uma condição essencial nos futuros destinos da América?

Estes pensamentos nos levariam muito longe, muito além do presente, e nos fariam esquecer que nestas páginas somos o homem do passado, o simples cronista dos acontecimentos de uma semana. Deixemos, portanto, as altas elocubrações, e voltemos aos fatos da atualidade.

Falávamos de gênio, de talento, de glórias passadas e destinos futuros. O presente não é menos fértil em qualquer destas coisas, sobretudo em talento.

O talento! Divinae particulam aurae! Não há nada como o talento. Riquezas, honras, nascimento, nobreza, nada disso vale uma pequena dose daquela inspiração divina. Só ela tem o privilégio da divindade, o dom de criar e inventar.

Se duvidam do que estou dizendo, tomem qualquer jornal da semana, e corram-lhe os olhos, que terão a prova desta minha asserção.

O cólera-morbo andava muito sossegado lá pela Europa e nem sequer ainda se tinha lembrado de escrever o Brasil no seu itinerário ou jornal de viagem, quando um homem de talento necessariamente, teve a feliz idéia de afirmar que a moléstia já estava em caminho e não tardaria a chegar.

Imediatamente fez-se uma revolução, e tivemos uma verdadeira epidemia de cólera-morbo in nomine. Não se falava em outra coisa; não se escrevia sobre outro assunto. Os médicos dissertavam largamente, os profanos gracejavam ou discutiam, a Câmara Municipal trabalhava, e a Academia de Medicina fazia sessões públicas.

Ouvi queixar-se muita gente que de todas essas luminosas discussões nada se concluía; creio porém, que estão mal informados . Se fossem ao escritório de qualquer das folhas diárias desta corte, haviam de ver entrar para a caixa a conseqüência lógica e verdadeira de toda esta argumentação - a paga das correspondências e

publicações a pedido.

A epidemia foi tal, que até foram bulir com a pobre gramática, que estava bem sossegada, e chamaram-na a campo para decidir se o cólera-morbo era masculino ou feminino.

Não me devo meter em semelhante questão; mas, a falar a verdade, prescindindo da gramática, creio que aqueles que dão ao cólera o gênero feminino têm alguma razão, por isso que os maiores flagelos deste mundo, a guerra, a morte, a fome, a peste, a miséria, a doença, etc., são representadas por mulheres.

E o que torna-se mais notável ainda é que os gregos, gente sempre tida em conta de sábia, quando inventaram os seus deuses, fizeram homens Apolo e Cupido, e para mulheres escolheram as Parcas, as Fúrias e as Harpias.

Se as minhas amáveis leitoras não gostaram desta razão, que acho muito natural, chamem a contas os pintores e os poetas, que são os autores de tudo isto. Quanto a mim, não tenho culpa nenhuma das extravagâncias dos outros, e até estou pronto a admitir a opinião do meu colega A. Karr, que explica aquele fato pela razão de que as senhoras são extremos em tudo, tanto que as mais belas coisas deste mundo são também significadas por mulheres, assim como a beleza, a glória, a justiça, a caridade, a virtude e muitas outras que, como estas, não se encontram comumente pelo mundo, mas que existem no dicionário.

Ora, à vista da razão que apresentei, parecia que não devia haver mais dúvida sobre o gênero do cólera; porém o argumento do -h-, que ainda não tinha lembrado aos gramáticos antigos e modernos, veio mudar a face da questão. Homem, que é o símbolo do gênero masculino, começa por -h-; logo, desde que o cólera for escrito com -h- é masculino. A isto não há que responder; e por conseguinte, à vista de um tal argumento, persisto na minha antiga opinião.

Apesar de todas estas discussões interessantes com que se procura entreter o ânimo público, à noite os dilettanti não deixam de se encaminhar para o Teatro Lírico, embora tenham muitas vezes o desgosto de esbarrarem com o nariz na porta fechada, como sucedeu segunda-feira.

Disseram que a Charton estava um pouco incomodada, o que bem traduzindo quer dizer que não tinha nada absolutamente.

Ora, admitindo mesmo o caso do incômodo, desejava sinceramente que os espíritos dados às altas e importantes questões de utilidade pública, como sejam as do gênero do cólera, do contágio da moléstia, da sua antiguidade, etc., me elucidassem, por meio de uma discussão esclarecida, um ponto muito duvidoso para mim: e é se as primas-donas têm o direito de adoecerem em dia de representação, e deixarem-nos desapontados sem sabermos o que fazer da noite.

Na minha opinião entendo que uma prima-dona, quando muito, tem unicamente o direito de adoecer na véspera, a tempo de se publicar o anúncio da transferência do

espetáculo; e, quando quiser adoecer no mesmo dia, então deve adivinhar de véspera que na noite seguinte estará incomodada, a fim de se prevenir o público, e evitar-lhe uma desagradável surpresa.

Felizmente o incômodo da Charton foi passageiro, e as soirées Líricas continuaram sem mais transferências até sexta-feira, em que nos deram a Semiramide, em benefício da Casaloni. A noite foi ruidosa: aplausos, rumor, flores, versos, brilhantes, houve de tudo, até mesmo uma pateada solene. Foi por conseguinte uma festa completa.

Para fazer diversão à música italiana, ofereceram-nos, sábado da semana passada, no Teatro de São Pedro, um outro benefício de música alemã clássica, no qual os entendedores tiveram ocasião de apreciar coros magníficos a três e quatro vozes, e de gozar belas recordações dos antigos maestros, hoje tão esquecidos por causa das melodias de Rossini e Donizetti e das sublimes e originais inspirações de Verdi e Meyerbeer.

VI

Rio, 22 de outubro

O tempo serenou; as nuvens abriram-se, e deixam ver a espaços uma pequena nesga de céu azul, por onde passa algum raio de sol desmaiado, que, ainda como que entorpecido com o frio e com a umidade da chuva, vem espreguiçar-se indolentemente sobre as alvas pedras das calçadas.

Aproveitemos a estiada da manhã, e vamos, como os outros, acompanhando a devota romaria, assistir à festividade de São Pedro de Alcântara, que se celebra na Capela Imperial!

A igreja ressumbra a severa e impotente majestade dos templos católicos. Em face dessas grandes sombras

que se projetam pelas naves, da luz fraca e vacilante dos círios lutando com a claridade do sai que penetra pelas altas abóbadas, do silêncio e das pompas solenes de uma religião verdadeira, sente-se o espírito tomado de um grave recolhimento.

Perdido no esvão de uma nave escura, ignorado de todos e dos meus próprios amigos, que talvez condenavam sem remissão um indiferentismo imperdoável, assisti com o

espírito do verdadeiro cristão a esta festa religiosa, que apresentava o que quer seja fora do comum.

Sob o aspecto contido e reservado daquele numeroso concurso, elevando-se gradualmente do mais humilde crente até às últimas sumidades da hierarquia social, transpareciam os assomos de uma curiosidade sôfrega e de uma ansiedade mal reprimida. Qual seria a causa poderosa que perturbava assim a gravidade da oração? Que pensamento podia assim distrair o espírito dos cismas e dos enlevos da religião?

Não era de certo um pensamento profano, nem uma causa estranha que animava aquele sentimento. Ao contrário: neste templo que a religião enchia com todo o vigor de suas imagens e toda a poesia de seus mitos, neste recinto em que as luzes, o silêncio e as sombras, as galas e a música representavam todas as expressões do sentimento, só faltava a palavra, mas a palavra do Evangelho, a palavra de uma inspiração sublime e divina, a palavra que cai do céu sobre o coração como um eco da voz de Deus, e que refrange aos lábios para poder ser compreendida pela linguagem dos homens.

Era isto o que todos esperavam. Os olhos se voltavam para o púlpito onde havia pregado Sampaio, S. Carlos e Januário; e pareciam evocar dos seus túmulos aquelas sombras ilustres para virem contemplar um dia de sua vida, uma reminiscência de suas passadas glórias.

Deixai que emudeçam as orações, que se calem os sons da música religiosa, e que os últimos ecos dos cânticos sagrados se vão perder pelo fundo dos erguidos corredores ou pelas frestas arrendadas das tribunas.

Cessaram de todo as orações. Recresce a expectação e a ansiedade; mas cada um se retrai na mudez da concentração. Os gestos se reprimem, contêm-se as respirações anelantes. O silêncio vai descendo frouxa e lentamente do alto das abóbadas ao longo das paredes, e sepulta de repente o vasto âmbito do templo.

Chegou o momento. Todos os olhos estão fixos, todos os espíritos atentos.

No vão escuro da estreita arcada do púlpito assomou um vulto. É um velho cego, quebrado pelos anos, vergado pela idade. Nessa bela cabeça quase calva e encanecida pousa-lhe o espírito da religião sob a tríplice auréola da inteligência, da velhice e da desgraça.

O rosto pálido e emagrecido cobre-se desse vago, dessa oscilação do homem que caminha nas trevas. Entre as mangas do burel de seu hábito de franciscano cruzam-se os braços nus e descarnados.

Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do púlpito, e, revolvendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mistério entre ele e Deus.

Que há em tudo isto que desse causa à tamanha expectação? Não se encontra a cada momento um velho, a quem o claustro seqüestrou do mundo, a quem a cegueira privou da luz dos olhos? Não há aí tanta inteligência que um voto encerra numa célula, e que a desgraça sepulta nas trevas?

É verdade. Mas deixai que termine aquela rápida oração; esperai um momento... um segundo... ei-lo!

O velho ergueu a cabeça; alçou o porte; a sua fisionomia animou-se. O braço descarnado abriu um gesto incisivo; os lábios, quebrantando o silêncio de vinte anos, lançaram aquela palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os ecos adormecidos de outros tempos.

Fr. Francisco de Monte Alverne pregava! Já não era um velho cego, que a desgraça e a religião mandava respeitar. Era o orador brilhante, o pregador sagrado, que impunha a admiração com a sua eloqüência viva e animada, cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas.

Desde este momento o que foi aquele rasgo de eloqüência, não é possível exprimi-lo, nem sei dize-lo. A entonação grave de sua voz, a expressão nobre do gesto enérgico a copiar a sua frase eloqüente, arrebatava; e levado pela força e veemência daquela palavra vigorosa, o espírito, transpondo a distância e o tempo, julgava-se nos desertos de Said e da Tebaida, entre os rochedos alcantilados e as vastas sáfaras de areia, presenciando todas as austeridades da solidão.

De repente, em dois terços, com uma palavra, com um gesto, muda-se o quadro; e como que a alma se perde naquelas vastas e sombrias abóbadas do Mosteiro de São Justo, para ver com assombro Pedro de Alcântara em face de Carlos V, o santo em face da grandeza decaída.

Aqueles que em outros tempos ouviram Monte Alverne, e que podem comprar as duas épocas de sua vida cortada por uma longa reclusão, confessam que todas as suas reminiscências dos tempos passados, apesar do prestígio da memória, cederam a esse triunfo da eloqüência.

Entre as quatro paredes de uma célula estreita, privado da luz, é natural que o pensamento se tenha acrisolado; e que a inteligência, cedendo por muito tempo a uma força poderosa de concentração, se preparasse para essas expansões brilhantes.

O digno professor de eloqüência do Colégio de Pedro II; desejando dar aos seus discípulos uma lição de prática de oratória, assistiu com eles, e acompanhado do respeitável diretor daquele estabelecimento, ao belo discurso de Monte Alverne.

Não me animo a dizer mais sobre um assunto magnífico, porém esgotado por uma dessas penas que com dois traços esboçam um quadro, como a palavra de Monte Alverne com um gesto e uma frase.

Contudo, se este descuido de escritor carece de desculpas, parece-me que tenho uma muito valiosa na importância do fato que preocupou os espíritos durante os últimos dias da semana, e deu tema a todas as conversações.

Parece, porém, que a chuva só quis dar tempo a que a cidade do Rio de Janeiro pudesse ouvir o ilustre pregador, sem que o rumor das goteiras perturbasse o silêncio da igreja.

À tarde o tempo anuviou-se, e a água caía a jorros. Entretanto isto não impediu que a alta sociedade e todas as notabilidades políticas e comerciais, em trajes funerários, concorressem ao enterro de uma senhora virtuosa, estimada por quantos a tratavam, conhecida pelos pobres e pelas casas pias.

A Sra. Baronesa do Rio Bonito contava muitas afeições, não só pelas suas virtudes, como pela estimação geral de que gozam seus filhos. O grande concurso de carros que acompanharam o seu préstito fúnebre em uma tarde desabrida é o mais solene testemunho desse fato.

Entre as pessoas que carregaram o seu caixão notaram-se o Sr. Presidente do Conselho, o Sr. Ministro do Império e alguns Diretores do Banco do Brasil. É o apanágio da virtude, e o único consolo da morte. Ante os despojos exânimes de uma alma bem formada se inclinam sem humilhar-se todas as grandezas da terra.

Esses dois fatos, causa de sentimentos opostos, enchem quase toda a semana. Desde pela manhã até a noite a chuva caía com poucas intermitências, e parecia ter destinado aqueles dias para as solenidades e os pensamentos religiosos.

Apesar da esterilidade e sensaboria que produz sempre esse tempo numa cidade de costumes como os nossos, apesar dos dissabores dos namorados privados dos devaneios da tarde, e dos ataques de nervos das moças delicadas, os homens previdentes não deixavam de estimar essas descargas de eletricidade, e essas pancadas d'água, que depuram e refrescam a atmosfera.

Na opinião (quanto a mim estou em dúvida), essas caretas que o tempo fazia aos prognosticadores de moléstias imaginárias, valiam mil vezes mais do que todas as discussões de todas as academias médicas do mundo.

Quanto mais, se soubessem que o Sr. Ministro do Império durante esses dias se preocupava seriamente das medidas necessárias ao asseio da cidade, mostrando assim todo zelo em proteger esta bela capital dos ataques do diabo azul. Sirvo-me deste nome, porque estou decidido a não falar mais em cólera, enquanto não resolverem definitivamente se é homem, se é mulher ou hermafrodita.

Para este fim o Sr. Pedreira consultou o presidente da câmara municipal, e incumbiu ao Sr. Desembargador chefe de polícia a inspeção do serviço, cujo regulamento será publicado oportunamente.

Com as providências que se tomaram, e especialmente com a medida da divisão dos distritos e da combinação da ação policial com o elemento municipal, a fim de remover quaisquer obstáculos, creio que podemos esperar resultados úteis e eficazes.

VII

Rio, 29 de outubro

Quando estiverdes de bom humor e numa excelente disposição de espírito, aproveitai uma dessas belas tardes de verão como tem feito nos últimos dias, e ide passar algumas horas no Passeio Público, onde ao menos gozareis a sombra das árvores e um ar puro e fresco, e estareis livres da poeira e do incômodo rodar dos ônibus e das carroças.

Talvez que, contemplando aquelas velhas e toscas alamedas com suas grades quebradas e suas árvores mirradas e carcomidas, e vendo o descuido e a negligência que reina em tudo isto, vos acudam ao espírito as mesmas reflexões que me assaltaram a mim e a um amigo meu, que há cerca de um ano teve a habilidade de transformar em uma semana uma tarde no Passeio público.

Talvez pensareis como nós que o estrangeiro que procurar nestes lugares, banhados pela viração da tarde, um refrigério à calma abrasadora do clima deve ficar fazendo bem alta idéia, não só do passeio como do público

desta corte.

A nossa sociedade é ali dignamente representada por dois tipos curiosos e dignos de uma fisiologia no gênero de Balzac. O primeiro é o estudante de latim, que, ao sair da escola, ainda com os Comentários debaixo do braço e o caderno de significados no bolso, atira-se intrepidamente qual novo César à conquista do ninho dos pobres passarinhos. O segundo é o velho do século passado que, em companhia do indefectível compadre, recorda as tradições dos tempos coloniais, e conta anedotas sobre a Rua das Belas Noites e sobre o excelente governo do sr. Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos.

Assim, pois, não há razão de queixa. O passado e o futuro, a geração que finda e a mocidade esperançosa que desaponta, fazem honra ao nosso Passeio, o qual fecha-se às oito horas muito razoavelmente, para dar tempo ao passado de ir cear, e ao futuro de ir cuidar nos seus significados.

Quanto ao presente, não passeia, é verdade; porém, em compensação, vai ao Cassino, ao Teatro Lírico, toma sorvetes, e tem mil outros divertimentos agradáveis, como o de encher os olhos de poeira, fazer um exercício higiênico de costelas dentro de um carro nas ruas do Catete, e sobretudo o prazer incomparável de dançar, isto é, de andar no meio da sala, como um lápis vestido de casaca, a fazer oito nas contradanças, e a girar na valsa como um pião, ou como um corrupio.

Com tão belos passatempos, que se importa o presente com esse desleixo imperdoável e esse completo abandono de um bem nacional, que sobrecarrega de despesas os cofres do Estado, sem prestar nenhuma das grandes vantagens de que poderiam gozar os habitantes desta corte?

Quando por acaso se lembra de semelhante coisa, é unicamente para servir-lhe de pretexto a um estribilho de todos os tempos e de todos os países, para queixar-se da administração e lançar sobre ela toda a culpa. Ora, eu não pretendo defender o governo, não só porque, tendo tanta coisa a fazer, há de por força achar-se sempre em falta, como porque ele está para a opinião pública na mesma posição que o menino de escola para o mestre, e que o soldado para o sargento, isto é, tendo a presunção legal contra si.

Contudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso Passeio Público não é unicamente devido à falta de zelo da parte do governo, mas também aos nossos usos e costumes, e especialmente a uns certos hábitos caseiros e preguiçosos, que têm a força de fechar-nos em casa dia e noite.

Nós que macaqueamos dos franceses tudo quanto eles t~em de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformar-nos em bonecos e bonecas parisienses, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores coisas que eles têm, uma coisa que eles inventaram, que lhes é peculiar e que não existe em nenhum outro país a menos que não seja uma pálida imitação: a flânerie.

Sabeis o que é a flânerie? É o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. O companheiro inseparável do homem quando flana é o charuto; o da senhora é o seu buquê de flores.

O que há de mais encantador e de mais apreciável na flânerie é que ela não produz unicamente o movimento material, mas também o exercício moral. Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espírito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções.

A cidade do Rio de Janeiro, com seu belo céu de azul e sua natureza tão rica, com a beleza de seus panoramas e de seus graciosos arrabaldes, oferece muitos desses pontos de reunião, onde todas as tardes, quando quebrasse a força do sol, a boa sociedade poderia ir passar alguns instantes numa reunião agradável, num círculo de amigos e conhecidos, sem etiquetas e cerimônias, com toda a liberdade do passeio, e ao mesmo tempo com todo o encanto de uma grande reunião.

Não falando já do Passeio Público, que me parece injustamente votado ao abandono, temos na Praia de Botafogo um magnífico boulevard como talvez não haja um em Paris,

pelo que toca à natureza. Quanto à beleza da perspectiva, o adro da pequena igrejinha da Glória é para mim um dos mais lindos passeios do Rio de Janeiro. O lanço d'olhos é soberbo: vê-se toda a cidade à vol d'oiseau, embora não tenha asas para voar a algum cantinho onde nos leva sem querer o pensamento.

Mas entre nós ninguém dá apreço a isto. Contanto que se vá ao baile do tom, à ópera nova, que se pilhem duas ou três constipações por mês e uma tísica por ano, a boa sociedade se diverte; e do alto de seu cupê aristocrático lança um olhar de soberano desprezo para esses passeios pedestres, que os charlatães dizem ser uma condição da vida e de bem-estar, mas que enfim não têm a agradável emoção dos trancos, e não dão a um homem a figura de um boneco de engonço a fazer caretas e a deslocar os ombros entre as almofadas de uma carruagem.

A boa sociedade não precisa passear; tem à sua disposição muitos divertimentos, e não deve por conseguinte invejar esse mesquinho passatempo do caixeiro e do estudante. O passeio é a distração do pobre, que não tem saraus e reuniões.

Entretanto, se por acaso encontrardes o diabo Coxo de Lesage, pedi-lhe que vos acompanhe em alguma nova excursão aérea, e que vos destampe os telhados das casas da cidade; e, se for noite em que a Charton esteja doente e o Cassino fechado, vereis que a atmosfera de tédio e monotonia encontrareis nessas habitações, cujos moradores não passeiam nunca, porque se divertem de uma maneira extraordinária.

Felizmente creio que vamos ter breve uma salutar modificação nesta maneira de pensar. As obras para a iluminação a gás do Passeio Público e alguns outros reparos e melhoramentos necessários já começaram e brevemente estarão concluídos.

Autorizando-se então o administrador a admitir o exercício de todas essas pequenas indústrias que se encontram nos passeios de Paris para comodidade dos freqüentadores, e havendo uma banda de música que toque a intervalos, talvez apareça a uma banda de música que toque a intervalos, talvez apareça a concorrência, e o Passeio comece a ser um passatempo agradável.

Já houve a idéia de entregar-se a administração a uma companhia, que, sem nenhuma subvenção do governo, se obrigaria a estabelecer os aformoseamentos necessários, obtendo como indenização um direito muito módico sobre a entrada, e a autorização de dar dois ou três bailes populares durante o ano.

Não achamos inexeqüível semelhante idéia; e, se não há nela algum inconveniente que ignoramos, é natural que o Sr. Ministro do Império já refletido nos meios de leva-la a efeito.

Entretanto o Sr. Ministro que se acautele, e pense maduramente nesses melhoramentos que está promovendo. São úteis, são vantajosos; nós sofremos com a sua falta, e esperamos ansiosamente a sua realização. Mas, se há nisto uma incompetência de jurisdição, nessa caso, perca-se tudo, contanto que salve-se o princípio: Quod Dei Deo, quod Cesaris Cesare..

A semana passada já o Sr. Pedreira deu motivo a graves censuras com o seu regulamento do asseio público. E eu que caí em dizer algumas palavras a favor! Não tinha ainda estudado a questão, e por isso julgava que, não dispondo a Câmara Municipal dos recursos necessários para tratar do asseio da cidade, o Sr. Ministro do Império fizera-lhe um favor isentando-a desta obrigação onerosa e impossível, e a nós um benefício, substituindo a realidade do fato à letra morta das posturas.

Engano completo! Segundo novos princípios modernamente descobertos em um jornal velho, a Câmara Municipal não tem obrigação de zelar a limpeza da cidade, tem sim um direito; e por conseguinte dispensa-la de cumprir aquela obrigação é esbulha-la desse seu direito. Embora tenhamos as ruas cheias de lama e as praias imundas, embora a cidade às dez horas ou meia-noite esteja envolta numa atmosfera de miasmas pútridos, embora vejamos nossos irmãos, nossas famílias e nós mesmos vítimas de moléstias provenientes destes focos de infecção! Que importa! La garde meurt, mais ne se rend pas. Morramos, mas respeite-se o elemento municipal; salve-se a sagrada inviolabilidade das posturas!

Filipe III foi legalmente assassinado, em virtude do rigor das etiquetas da corte espanhola. Não é muito, pois, que nós, os habitantes desta cidade, sejamos legalmente pesteados, em virtude das prerrogativas de um novo regime municipal.

A pouco tempo eu diria que isto era mais do que um contra-senso, porém hoje, não; reconheço que o Ministro do Império não deve tocar no elemento municipal, embora o elemento municipal esteja na pasta do Ministro do Império, que aprova as posturas e conhece dos recursos de suas decisões.

Respeite-se, portanto, a independência da edilidade, e continuemos a admirar os belos frutos de tão importante instituição, como sejam a reedificação das casas térreas da Rua do Ouvidor, a conservação das biqueiras, o melhoramento das calçadas das Ruas da Ajuda e da Lapa, e a irregularidade da construção das casas, que se regula pela vontade do proprietário e pelo preceito poético de Horácio - Omnis variatio delectat.

Ora, na verdade um elemento municipal, que tem feito tantos serviços, que além de tudo tem poetizado esta bela corte com a aplicação dos preceitos de Horácio, não pode de maneira alguma ser privado do legítimo direito que lhe deu a lei de servir de valet de chambre da cidade.

Pelo mesmo princípio, sendo o pai obrigado a alimentar o filho, sendo cada um obrigado a alimentar-se a si mesmo, qualquer esmola feita pela caridade, qualquer instituição humanitária, como recolhimento de órfãos e de expostos, não pode ser admitido, porque constitui uma ofensa ao direito do terceiro.

E agora que temos chegado às últimas e absurdas conseqüências de um princípio arbitrário, desculpem-nos aqueles a quem contestamos o tom a que trouxemos discussão. Neste mundo, onde não faltam motivos de tristeza, é preciso rir ainda à custa das coisas as mais sérias.

A não ser isto, provaríamos que o Sr. Ministro do Império, tomando as medidas extraordinárias que reclama a situação, respeitou e considerou o elemento municipal, e deixou-lhe plena liberdade de obrar dentro dos limites de sua competência. Se me contestarem semelhante fato, então não terei remédio senão vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e voltar à discussão com a lei numa mão e a lógica na outra.

Aposto, porém, que a esta hora já o meu respeitável leitor está torcendo a cabeça em forma de ponto de

interrogação, para perguntar-me se pretendo escrever uma revista hebdomadária sem dar-lhe nem ao menos uma ou duas notícias curiosas.

Que quer que lhe faça? O paquete de Liverpool chegou domingo, mas a única notícia que nos trouxe foi a do desembarque na Criméia. Ora, parece-me que não é preciso ter o dom profético para adivinhar os lances de semelhante expedição, que deve ser o segundo tomo da tomada de Bommarsund, já tão bem descrita, todos sabem por quem.

Há três ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméia; depois disto, as notícias vieram, e continuaram a vir pouco mais ou menos desta maneira. - As forças aliadas embarcaram. - estão em caminho. Devem chegar em tal tempo. - Chegaram. - Desembarcaram. - Reuniu-se o conselho general para resolver o ataque. - O ataque foi definitivamente decidido. - Começou o assalto. - Interrompeu-se o combate para que os pintores ingleses tirem a vista da cidade no meio do assalto. - Continuou o combate. - Fez-se uma brecha. - Nova interrupção para tirar-se a vista da brecha.

Isto, a dois paquetes por mês, dá-nos uma provisão de notícias que pode chegar até para meados do ano que vem. Provavelmente durante este tempo mudar-se-ão os generais, e os pintores da Europa terão objeto para uma nova galeria de retratos, os escritores tema para novas brochuras, e os jornalistas matéria vasta para publicações e artigos de fundo. E todo este movimento literário e artístico promovido por um bárbaro russo, o qual com a ponta do dedo abalou a Europa e tem todo o mundo suspenso!

É um fenômeno este tão admirável como o que se nota no Teatro Lírico nas noites em que canta a Casaloni. A sua voz extensa e volumosa, e os enormes ramos de flores enchem o salão de tal maneira, que não cabe senão um pequeno número de espectadores; o resto, não achando espaço e não podendo resistir à força de tal voz, é obrigado a retirar-se. Entretanto os desafetos da cantora dizem que ela não tem entusiastas e adoradores! Tudo porque ainda não compreenderam aquele fenômeno artístico e musical!

VIII

Rio, 3 de novembro

MÁQUINAS DE COSER

Meu caro colega. - Acho-me seriamente embaraçado da maneira por que descreverei a visita que fiz ontem à fábrica de coser de M.^{me} Besse, sobre a qual já os nossos leitores tiveram uma ligeira notícia neste mesmo jornal.

O que sobretudo me incomoda é o título que leva o meu artigo. Os literatos, apenas ao lerem, entenderão que o negócio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas acharão o assunto prosaico, e talvez indigno de preocupar os vôos do pensamento. Os

comerciantes, como não se trata de uma sociedade em comandita, é de crer bem pouca atenção dêem a esse melhoramento da indústria.

Por outro lado, tenho contra mim o belo sexo, que não pode deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga.

Aqueles lencinhos embainhados, penhor de um amante fiel, e aquelas camisinhas de cambraia destinadas a um primeiro filho, primores de arte e de paciência, primeiras delícias da maternidade, tudo isto vai desaparecer.

As mãozinhas delicadas da amante, ou da mãe extremosa, trêmulas de felicidade e emoção, não se ocuparão mais com aquele doce trabalho, fruto de longas vigílias, povoadas de sonhos e de imagens risonhas. Que coração sensível pode suportar friamente semelhante profanação do sentimento?...

Declarando-se as senhoras contra nós, quase que podemos contar com uma conspiração geral, porque é coisa sabida que desde o princípio do mundo os homens gastam a metade de seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que elas fazem.

Por conseguinte, refletindo bem, só nos restam para leitores alguns homens graves e sisudos, e que não se deixam dominar pela influência dos belos olhos e dos sorrisos provocadores. Mas como é possível distrair estes espíritos preocupados com altas questões do Estado de faze-los descer das sumidades da ciência e da política a uma simples questão de costura?

Parece-lhe isto talvez uma coisa muito difícil; entretanto tenho para mim que não há nada mais natural. A

história, essa grande mestra de verdades, nos apresenta inúmeros exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos povos da antiguidade, não só a arte de coser, como as outras que lhe são acessórias.

Eu podia comemorar o fato de Hércules fiando aos pés de Onfale, e mostrar o importante papel que representou na antiguidade, a teia de Penépole, que mereceu ser cantada por Homero. Quanto à agulha de Cleópatra, esse lindo obelisco de mármore, é a prova mais formal de que os Egípcios votavam tanta admiração à arte da costura, que

elevaram aquele monumento à sua rainha, naturalmente porque ela excedeu-se nos trabalhos desse gênero.

As tradições de todos os povos conservam ainda hoje o nome dos inventores da arte de vestir os homens. Entre os gregos foi Minerva, entre os lídios Aracne, no Egito Isis, e no Peru Manacela, mulher de Manco Capa.

Os chineses atribuem essa invenção ao Imperador Ias; e na Alemanha, conta a legenda que a fada Ave, tendo um amante muito friorento, compadeceu-se dele, e inventou o tecido para muito friorento, compadeceu-se dele, e inventou o tecido para vesti-lo. Naquele tempo feliz ainda eram as amantes que pagavam os gastos da moda; hoje, porém, este artigo tem sofrido uma modificação bem sensível. As fadas desapareceram, e por isso os homens vão cuidando em multiplicar as máquinas.

Só estes fatos bastariam para mostrar que importância tiveram em todos os tempos e entre todos os povos as artes que servem para preparar o traje do homem. Além disto, porém a tradição religiosa conta que já no Paraíso, Eva criara, com as folhas da figueira, diversas modas, que infelizmente caíram em desuso.

Já não falo de muitas rainhas, como Berta, que foram mestras e professoras na arte de coser e fiar; e nem das sábias pragmáticas dos Reis de Portugal a respeito do vestuário, as quais mostram o cuidado que sempre mereceu daqueles monarcas, e especialmente do grande Ministro Marquês de Pombal, a importante questão dos trajes.

Hoje mesmo, apesar do rifão antigo, todo o mundo entende que o hábito faz o monge; e se não vista alguém uma calça velha e uma casaca de cotovelos roídos, embora seja o homem mais relacionado do Rio de Janeiro, passará por toda a cidade incógnito e invisível, como se tivesse no dedo o anel de Giges.

Assim, pois, é justamente para os espíritos graves, dados aos estudos profundos e às questões de interesse público, que resolvi descrever a visita à fábrica de coser de M.^{me} Besse, certo de que não perderei o meu tempo, e concorrerei quanto em mim estiver para que se favoreça este melhoramento da indústria, que pode prestar grandes benefícios, fornecendo não só à população desta côrte, mas também a alguns estabelecimentos nacionais.

A fábrica está situada à Rua do Rosário, n.º 74. Não é uma posição tão aristocrática como a das modistas da Rua do Ouvidor; porém tem a vantagem de ser no centro da cidade; e, portanto, as senhoras do tom podem facilmente e sem derrogar aos estilos da alta fashion fazer a sua visita a M.me Besse, que as receberá com graça e a amabilidade que a distingue.

Era na ocasião de uma dessas visitas que eu desejaria achar-me lá para observar o desapontamento das minhas amáveis leitoras (se é que as tenho, visto que estou escrevendo para os homens pensadores). Dizem que o espírito da indústria tem despoetizado todas as artes, e que as máquinas vão reduzindo o mais belo trabalho a um movimento monótono e regular, que destrói todas as emoções, e transforma o homem num autômato escravo de outro autômato.

Podem dizer o que quiserem; eu também pensava o mesmo antes de ver aquelas lindas maquinazinhas que trabalham com tanta rapidez, e até com tanta graça. Figurai-vos umas banquinhas de costura fingindo charão, ligeiras e cômodas, podendo colocar-se na posição que mais agradar, e sobre esta mesa uma pequena armação de aço, e podeis fazer uma idéia aproximada da vista da máquina. Um pezinho o mais mimoso do mundo, um pezinho de Cendrillon, como conheço alguns, basta para fazer mover sem esforço todo este delicado maquinismo.

E digam-me ainda que as máquinas despoetizam a arte! Até agora, se tínhamos a ventura de ser admitidos no santuário de algum gabinete de moça, e de passarmos algumas horas e conversar e a vê-la coser, só podíamos gozar dos graciosos movimentos das mãos; porém não se nos concedia o supremo prazer de entrever sob a orla do vestido um pezinho encantador, calçado por alguma botinazinha azul; um pezinho de mulher bonita, que é tudo quanto há de mais poético neste mundo.

Enquanto este pezinho travesso, que imaginareis, como eu, pertencer a quem melhor vos aprouver, faz mover rapidamente a máquina, as duas mãozinhas, não menos ligeiras, fazem passar pela agulha uma ourela de seda ou de cambraia, ao longo da qual vai-se estendendo com incrível velocidade uma linha de pontos que acaba necessariamente por um ponto de admiração (!).

Está entendendo que o ponto de admiração é feito pelos vossos olhos, e não pela máquina, que infelizmente não entende nada de gramática, senão podia-nos bem servir para elucidar as famosas questões do gênero do

cólera e da ortografia da palavra asseio. Questões estas muito importantes, como todos sabem, porque, sem que elas se decidam, nem os médicos podem acertar no curativo da moléstia, nem o Sr. Ministro do Império pode publicar o seu regulamento da limpeza da cidade.

Voltando, porém, à nossa máquina, posso assegurar-lhes que a rapidez é tal, que nem o mais cabula dos estudantes de São Paulo ou de medicina, nem um poeta e romancista a fazer reticências, são capazes de ganha-la a dar pontos. Se a deixarem ir à sua vontade, faz uma ninharia de trezentos por minuto; mas, se a zangarem, vai aos seiscentos; e então, ao contrário do que desejava um nosso espirituoso folhetinista contemporâneo, o Sr. Zaluar, pode-se dizer que quando começa a fazer ponto, nunca faz ponto.

Mau! Já me andam os calemburs às voltas! É preciso continuar; mas, antes de passar adiante, sempre aconselharei a certos credores infatigáveis, a certos escritores cuja verve é inesgotável, que vão examinar aquelas máquinas a ver se aprendem delas a arte de fazer ponto. É uma coisa muito conveniente ao nosso bem estar, e será mais um melhoramento que deveremos a M.^{me} Besse.

Aos Estados Unidos cabe a invenção das máquinas de coser, que hoje se têm multiplicado naquele país de uma maneira prodigiosa, principalmente depois dos últimos aperfeiçoamentos que se lhe têm feito. M.^{me} Besse possui atualmente na sua fábrica seis destas máquinas, e tem ainda na alfândega doze, que pretende despachar logo que o seu estabelecimento tomar o incremento que é de esperar.

M.^{me} Besse corta perfeitamente qualquer obra de homem ou de senhora; e, logo que for honrada com a confiança das moças elegantes, é de crer que se torne a modista do tom, embora não tenha para isto a patente de francesa, e não more na Rua do Ouvidor.

Além disto, como ela possui máquinas de diversas qualidades, umas que fazem a costura a mais fina, outras próprias para coser fazenda grossa e ordinária, podem também muitos estabelecimentos desta corte lucrar com a sua fábrica um trabalho, não só mais rápido e mais bem acabado como mais módico no preço.

Presentemente a fábrica já tem muito que fazer; mas, quando se possui seis máquinas, e por conseguinte se dá três mil e seiscentos pontos por minuto, é preciso que se tenha muito pano para mangas.

Sou, meu caro colega, etc.

IX

Rio, 5 de novembro

Lacrimae rerum...

A religião, essa sublime epopéia do coração humano, tem um símbolo para cada sentimento, uma imagem para todos os acidentes da nossa existência.

É aos pés do altar que o homem vê abrir-se para ele a fonte de todas as supremas venturas deste mundo - a família; e, quando o sopro da desgraça vai desfolhando uma a uma as flores da vida, é ainda aos pés do altar que achamos o consolo para as grandes dores, a esperança nos maiores infortúnios.

É que nesta breve romaria que fazemos pelo mundo, a religião nos acompanha como esses guias mudos do deserto, apontando-nos umas vezes o nada de onde partimos, outras a eternidade para onde caminhamos, e mostrando-nos a espaços com um aceno a linha negra que prognostica o simoun, ou os rastos dos animais que anunciam o oásis no meio das vastas sáfaras de areia.

Quantas vezes no seio das alegrias e dos prazeres, quando nossos olhos vêem tudo cor-de-rosa, quando o ar que respiramos parece vir perfumado dos bafejos da ventura, não sentimos de chofre o coração apertar-se como tomado por um doloroso pressentimento, e a alma confranger-se numa angústia pungente?

O deslumbramento passa rápido como o pensamento que o produziu. Mas dir-se-ia que o coração, comprimindo-se, como que vertera na taça do prazer uma gota de fel, e que entre o rumor da festa e os sons alegres da música, viera ferir-nos os ouvidos um eco surdo das lamentações de Jô: Memento quia pulvis est!...

Também às vezes a fortuna nos embala docemente, e a ambição nos empresta suas asas de ouro, ao passo que a glória envolve-nos com a sua auréola brilhante. Então o homem

caminha com os olhos fitos na sua estrela, e com a cabeça alta passa sem perceber as misérias do mundo. Sublimi feriam sidera vértice.

Mas lá vem um dia, uma hora, um instante em que o corpo verga com o peso de tanta grandeza, e a cabeça acurva-se para a terra. Os olhos que mediam o espaço vacilam; a vista que se dilatava pelos horizontes e ousava sondar os arcanos do futuro quebra-se de encontro a uma lousa, a um fosso, onde a pá do coveiro

traçou num estreito quadrado e com um pouco de terra revolvida o emblema daquela sentença do Eclesiástico: Vanitas vanitatum et omnia vanitas!

Se, porém a religião é severa nos seus conselhos, se durante os dias de paz e de ventura fortifica o homem por meio da tristeza, na dor ao contrário é de uma bondade inefável.

Nem uma fibra palpita no corpo humano, nem uma pulsação abala o coração, nem um soluço arqueja num peito quebrado pelo sofrimento, que não ache nela um eco, uma voz que lhe responda.

Nesse grande livro da fé e da esperança, neste sublime diálogo entre Deus e o homem, todas as lágrimas têm uma palavra, todos os gemidos têm uma frase, todas as dores uma prece, todos os infortúnios uma história.

A vida humana se resume na religião; nela se acha a essência de todos os grandes sentimentos do homem e de todas as grandes coisas do mundo.

Tem a severidade e o respeito que inspira a paternidade, e ao mesmo tempo todos os zelos da maternidade. Aconselha como um pai, quando fala pelos lábios do sacerdote; é a mãe que se multiplica para seus filhos, quando abriga no seu seio todos os infelizes.

Mas, quando se folheia este livro da vida, e que se chega à última página - à morte - quando a alma, em face do nada sente-se tomada desta grande e assombrosa ameaça do completo aniquilamento, é que se sente quanto há de consolador na religião.

Entre as sombras da dúvida, entre o vago do infinito, a eternidade surge para nossa alma como uma dessas estrelas furtivas que brilham entre o Cris negro da tempestade, e que guiam o nauta perdido na vasta amplidão dos mares.

Se queres ler a legenda desta crença sublime de todos os povos e de todos os tempos, ide no dia 2 de novembro, dia que a igreja destinou à comemoração dos finados, fazer uma visita aos nossos cemitérios.

Haveis de sentir calar-vos dentro d'alma um eflúvio consolador, quando virdes toda aquela piedosa romaria que percorre as aléias formadas pelos túmulos, relendo entre o pranto as letras de um epitáfio singelo, e espargindo sobre a lousa alguma s flores misturadas de lágrimas e de preces.

Este aspecto de uma multidão forte e cheia de vida prostrada ante as cinzas de alguns mortos não exprime alguma coisa de misterioso, alguma coisa de incompreensível, que decerto se prende a esse religioso culto dos túmulos sempre venerado por todos os povos?

Para que o homem venha assim cada ano avivar uma dor quase extinta, e ver refletir-se na lousa da campa os transes acerbos de uma triste provança já acalmada pelo correr dos tempos, é necessário a força irresistível da verdade revelada pelos impulsos do coração.

Sem isto, não é possível compreender-se o respeito que votamos aos mortos, nem essa melancólica poesia da saudade que inspira a religião dos túmulos.

Se nestas campas que há anos se abriram para receber um corpo houvesse apenas um pouco de terra e alguns vermes, o homem que se prostasse em face delas não cometeria uma profanação? Ajoelhando à beira da lousa e sangrando um culto ao pó, não rebaixaríamos a dignidade de um ser moral, escravizando a razão à matéria, a vida ao nada? Se outra coisa mais forte do que a recordação não nos impelisse a estes espetáculos de luto e de tristeza, não daríamos uma mesquinha idéia da natureza humana?

É verdade; mas os restos dos mortos encerram de envolta com as recordações deste mundo as esperanças de outra vida. É por isso que no meio das preces, e das lágrimas e flores que vem depor ao pé da campa a mão amiga, a cruz singela se ergue como o símbolo da fé e da religião. Os nossos cemitérios, criados há bem pouco tempo, ainda não apresentam este aspecto grave e imponente que ressumbra ordinariamente no campo dos mortos

Ainda não há aí essas longas e sombrias alamedas de árvores, essas bancadas de relva onde se destaca uma lousa branca, nem esses ciprestes e chorões plantados à beira de uma sepultura simbolizando no seu aspecto triste e melancólico a oração que se eleva ao céu, ou as lágrimas que se desfiam a tombar sobre a terra.

A nudez do campo quase despido de árvores, o desabrigo das lousas sobre cujas pedras brancas o sol bate constantemente, punge o coração, e como que torna acre e acerba aquela mágoa da saudade, que a religião repassa de tanta doçura e de tanto alívio. Naquelas quadras descampadas a morte não tem sombra, a dor não tem ecos e a religião não tem mistérios.

Entretanto este ano, cumpre dizer em honra do espírito religioso da nossa população, empregaram-se todos os esforços para fazer desaparecer aquele aspecto de nudez, e a romaria foi talvez mais numerosa do que nos anos anteriores.

O cemitério de São João Batista sobretudo estava preparado da melhor maneira possível; e, além do arranjo devido aos esforços do administrador, podia-se admirar alguns monumentos funerários de uma singeleza e de um gosto perfeito.

Sinto que não me seja possível copiar aqui algumas inscrições, cheias dessa simplicidade e dessa unção que

respira uma dor verdadeiramente sentida; mas vós que lá fostes deveis tê-las lido, embora uma mão desconhecida não houvesse aí gravado aquele epitáfio antigo: Sta viator!

II

Não sei que poeta disse que a vida é um contraste. Pindaro chamou-a o sonho de uma sombra, e Byron comparou-a a uma estrela, que ora desliza docemente entre o azul do céu, ora vacila entre as nuvens escuras da borrasca.

Para mim, que não sou poeta, e que por conseguinte não aspiro à metafísica do sentimento e das imagens, se tivesse de comparar a vida a alguma coisa, seria a um buquê, do qual cada flor simbolizaria um ano, um dia ou uma hora da nossa vida.

Assim umas flores morrem ceifadas pelo ferro ou pisadas ao chão, outras murcham lentamente ao tépido contato de um seio acetinado. Umas são desprezadas e secas por

lágrimas de despeito, ou depositadas numa campa como pia oferenda, outras passam de uma mão à outra mão amiga, e vem embelezar-nos alguns momentos de cisma.

De qualquer modo que se compare a vida, o que é certo é que a vida, o que é certo é que a semana que findou foi uma pequena miniatura do grande quadro da existência humana.

O dia 2 de novembro forma a sombra da tela; os claros foram lançados aqui e ali, uns mais brilhantes, outros mais desvanecidos pelo acaso, que é um grande pintor de quadros históricos.

A segunda-feira foi um dia de decepção, porque não só faltou-nos o benefício da Charton, como o espetáculo anunciado em substituição, que não teve lugar, segundo dizem, por moléstia do Gentili.

Em compensação tivemos na terça um baile do Cassino. Caso a comparação de Byron sobre a vida humana seja exata, creio que nesta noite, se para alguns as horas correram deliciosamente, para outros nem o céu esteve azul, nem luziu a estrela (de Byron, está entendido). Provavelmente as nuvens encobriram-na.

Para outros que preferem a comparação do poeta grego, a vida foi durante essas horas não o sonho de uma sombra, mas a sombra de um nome ou de uma letra.

Estão já os leitores curiosos por saber que nome e que letra era esta que me incomodava tão seriamente, a ponto de fazer-me sonhar com ela no meio de um baile. O nome não lhes direi, mas a letra é um - C.

Este - C - memorável, com que se escreve aceio, e que eu apesar do amor que lhe consagro tive a desgraçada lembrança de substituir por dois - SS - valeu-me um quinau em ortografia dado pelo colega do Velho Brasil, que não deixa passar camarão pela malha.

Esquecia-me, porém, dizer que podem saltar este artigo, que não vale a pena de ser lido. Como é um claro do quadro da semana, acho razoável que o passem em claro.

Asseguro-lhes que nada perderão com isto, porque neste artigo não se trata de coisa séria e grande. Prometi uma vez vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e tiveram logo a impiedade de chamá-lo monstro! Portanto agora, quando me vier a idéia

trajar mais curialmente o meu folhetim, há de ser de casaca parda com botões amarelos e calças de ganga, como costuma sair na semana e especialmente no domingo um colega contemporâneo.

III

Estamos quase no fim do quadro. - Faz uma bela noite, a lua passeia solitária pelo céu, refletindo-se nas água serenas de um lago, e reflete sua pálida claridade sobre as lousas de um cemitério. Algumas ruínas, o silêncio da noite, a sombra das árvores completam a vista.

Dois vultos, um amante infeliz e uma moça em desespero - um condenado e uma louca - ocupam o meio da cena. Cantam um dueto, desenlace de uma história triste; se a música se pudesse perceber entre os aplausos ruidosos que enchem o salão, ouviríeis o belo dueto dos Puritanos, magnífico trecho de música de Bellini, cantado pela Charton, que nesta fazia o seu benefício.

Todos esperavam ansiosos esta festa musical dada pela cantora predileta do público, e às oito horas a creme dos dilettanti desta corte enchia o salão com as suas pessoas, e com uma quantidade enorme de flores e versos, que oportunamente surgiram de dentro dos bolsos e dos lenços, e inundaram o teatro.

Ergueu-se o pano, e começou o coro da alvorada. De repente mudou-se a vista, e a platéia estremeceu com

uma salva tríplice de aplausos quase unânimes, que anunciaram a entrada da cantora.

Vinha trajada de azul, da mais bela cor que a natureza criou para cobrir as coisas lindas deste mundo, - as montanhas, o céu, o mar, e enfim as moças bonitinhas e alvas como o lírio, que não podem deixar de compreender que o azul foi feito para moldurar o branco.

A Charton disse admiravelmente a ária do segundo ato, e, apesar de todos os contratempos que sobrevieram, teve o poder de fazer da noite de seu benefício um completo triunfo.

Algumas cenas desagradáveis tiveram lugar esta noite; porém a imprudência que as motivou foi suficiente,mente castigada, não só pela manifestação pública, como pela energia da polícia, que conseguiu reprimir muitos abusos. À sua atividade devemos ter-

se evitado um fato, que calamos por vergonhoso, e que talvez produzisse conseqüências bem tristes pela exacerbação a que tinham sido levados os ânimos.

Ao terminar o espetáculo, a orquestra do teatro, executando várias músicas, conduziu triunfalmente à sua casa a Charton, que seguiu a pé no meio de um concurso de mais de quatrocentos dilettanti, entre os quais se contavam pessoas muito decentes, que o entusiasmo impelira a dar essa subida prova de diletantismo.

Eu, apesar de muito entusiasmado, retirei-me prosaicamente de carro, envergonhadíssimo de que a música não tivesse o poder de obrigar-me a andar mais de uma légua a pé.

X

Rio, 12 de novembro

Desta vez não há razão de queixa. O paquete de Southampton trouxe-nos uma boa coleção de notícias a respeito da guerra do Oriente. A curiosidade pública, suspensa há muito tempo, pôde finalmente saciar-se com alguns episódios interessantes, como o de uma batalha em campo raso, o da passagem de um rio, o da morte de um general e da fugida de um príncipe à unha de cavalo.

Passada a primeira impressão. Cada um tratou de comentar as notícias a seu modo, de maneira que já ninguém se entende, e não há remédio senão apelar para o vapor seguinte a fim de sabermos a verdadeira solução do negócio.

A tomada do rio Alma sobretudo abriu um campo vasto a essa guerra de ditos espirituosos e de epigramas, em que se acham seriamente empenhados os russos e turcos desta cidade.

Uns entendem que, à vista das notícias, é fora de dúvida que Mesckintoff deixara tomarem-lhe Alma, embora a muito custo escapasse com o corpo salvo das mãos dos franceses e ingleses. Entretanto, as próprias notícias dadas pelos jornais, ninguém pode duvidar que quem perdeu a alma não foi o príncipe russo, mas sim o General Saint-Arnaud.

No dia da chegada do paquete, um espirituoso redator de uma das folhas diárias da corte dizia, ao ler a descrição da batalha, que o êxito da guerra estava conhecido, e que a

Rússia nada podia fazer desde que Nicolau perdera Alma. Ao contrário - retrucou-lhe o seu colega - agora é que os ingleses e franceses estão em apuros, porque os russos, depois da batalha, ficaram desalmados e não há nada que lhes resista.

Muita gente, que sabe como os franceses são fortes nos trocadilhos e jogos de palavras, persuade-se que talvez todo este barulho da batalha de Alma não passe de algum calembur, que eles nos querem impingir. Não vou tão longe nas minhas suposições; porém, quando teio as duas participações de Lord Raglan e de Saint-Arnaud, não posso deixar de lembrar-me daquela antiga anedota dos dois compadres da aldeia, que descobriram o modo de se elogiar a si mesmos sem falar à modéstia.

Em toda essa batalha só há a sentir uma coisa; e é que os aliados fizessem poucos prisioneiros, e não pudessem ajuntar uma boa coleção de príncipes russos, que tivessem nomes de oito sílabas com a terminação em off, que é de rigor. Se isto acontecesse, seria uma felicidade para o gênero humano; porque os tais boiardos passariam à França, espalhar-se-iam pela Europa e talvez chegassem ao mercado do Brasil, onde imediatamente se havia de manifestar uma grande procura deles para noivos. Se viessem alguns da Hircânia, e uma meia dúzia de magias da Hungria, também não seria mau, para assim haver mais onde escolher conforme o gosto de cada um..

Enquanto, porém não lhe é possível mandar-nos esse gênero de que tanto necessitamos, a Europa vai nos enviando algumas cantoras exímias (é o termo do rigor), para nos distrair as noites de uma maneira agradável. Chegou ultimamente uma, que, se a reputação corresponder ao nome, terá de apagar de todo no espírito público as recordações que deixou a Stoltz, se não como cantora, ao menos como excelente trágica.

Criar-se á provavelmente um terceiro partido que se intitulará Raquelista, e então o teatro tornar-se-á interessantíssimo. Aplausos de um lado, pateada do outro, bravos, gritos, estalinhos, caixas de rapé a ranger, tudo isto formará uma orquestra magnífica, e realçará a voz das cantoras de uma maneira admirável. Isso pelo que toca ao ouvido; quanto à vista, tomando a diretoria o bom acordo de reduzir a iluminação brilhante do teatro, as nuvens de poeira, que se levantam da platéia, criarão o demi-jour necessário à ilusão ótica.

Que progresso! Possuiremos um Teatro Lírico, no qual não se ouvirá música e quase nada se enxergará! Só quem não tiver uso de freqüentar teatros é que poderá negar as grandes vantagens que resultam de tão engenhosa invenção.

Enquanto os empresários europeus se matam e se esforçam por contratar boas cantoras, ensaiar as melhores óperas, e adquirir pintores cenógrafos para satisfazer o público e dar-lhe espetáculos que agradem, nós descobriremos o meio de poupar todo este trabalho inútil e dispendioso.

Para isto bastam duas ou três cantoras com os seus competentes partidos, e, se houver também uma dançarina como a Baderna, melhor será. Com estes elementos conseguir-se-á por noite umas quatro pateadas e algumas salvas de palmas; a noite tornar-se á animada, e o gosto pela música italiana se irá popularizando cada vez mais.

Decerto, aquelas noites monótonas, em que levávamos a ouvir a Stoltz, comovidos e atentos aos seus menores movimentos, descobrindo um estudo da arte, uma inspiração do talento no seu gesto o mais simples, ou nas entonações graves de sua bela voz; essas noites frias e calmas, em que depois de longas horas de êxtases, a alma afinal transbordava de emoções e arrancava no fim da representação aplausos espontâneos; essas noites não valem os espetáculos animados, como temos agora, cheios de fervor e entusiasmo, e em que nos possuímos tanto do encanto da música, que todo o corpo se agita para dar a mais solene manifestação de amor à arte.

Um dilettante é hoje no Rio de Janeiro o homem que se acha nas melhores condições higiênicas e que deve menos temer a invasão do cólera, porque ninguém o ganha em exercício. A cabeça bate o compasso mais regularmente do que a baqueta do Barbieri; as mãos dão-se reciprocamente uma sova de bolos, como não há exemplo que tenha dado o mais carrasco dos mestres de latim de todo o orbe católico. Dos pés não falemos; são capazes de macadamizar numa noite a rua mais larga da cidade.

Ajunte-se a isto os bravos, os foras, os espirros, os espreguiçamentos (novo gênero de pateada), e de vez em quando um passeio lírico de uma légua fora da cidade, e ver-se-á que dora em diante, quando os médicos quiserem curar alguma moléstia que exija exercício, em vez de mandarem o doente para a serra ou para os arrabaldes, lhe aconselharão que se aliste nalgum dos partidos, chartonista ou casalonista, e vá ao teatro.

Um espírito observador, recorrendo a certos dados estatísticos, conseguiu também descobrir que o homem mais útil desta corte é o dilettante. Cumpre-me, porém, notar que, quando falamos em dilettante, não compreendemos o homem apaixonado de música, que prefere ouvir uma cantora, sem por isso doestar a outra. Dilettante é um sujeito que não tem nenhuma destas condições, que vê a cantora, mas não ouve a música que ela canta; que grita bravo justamente quando a prima-dona desafina, e dá palmas quando todos estão atentos para ouvir uma bela nota.

São muito capazes de levantar alguma questão gramatical sobre a minha definição, tachando-a de paradoxo, ou demonstrando por meio da etimologia da palavra que estou em erro. Mas isto pouco abalo me dá; os gramáticos que discutam, fazem o seu ofício, contanto que não se arvorem em alfaiates ou comecem atalhar carapuças.

Voltando, porém, a nossas observações, é fato provado que o dilettante é o homem que mais concorre para a utilidade pública. Em primeiro lugar, o extraordinário consumo que ele faz de flores não pode deixar de dar grande desenvolvimento à horticultura, e de auxiliar a fundação de um estabelecimento deste gênero, como já se tentou infrutiferamente nesta corte antes do dilettantismo ter chegado ao seu apogeu.

Os sapateiros e luveiros ganham também com o teatro, porque não há calçado nem luvas que resistam ao entusiasmo das palmas e das pateadas. Na ocasião dos benefícios, as floristas e os joalheiros têm muito que fazer; e os jornais enchem-se de artigos que para os leitores têm o título de publicações a pedido, e para o guarda-livros da casa o de publicações a dinheiro.

Além de tudo isto, além dos estalinhos, dos versos avulsos, das fitas para os buquês, é preciso não esquecer a carceragem que de vez em quando algum vai deixar na cadeia, onde se resigna a passar a noite, fazendo um sacrifício louvável pelo seu extremo amor à arte.

Isso sem falar das outras vantagens que já apresentamos, como de fazer que não se ouça a música e não se veja coisa alguma. De maneira que, assim, toda a ópera é boa e bem representada; e, estando o teatro escuro com a poeira, não há risco que as mocinhas troquem olhares malignos para as cadeiras. Só este último fato é de um alcance imenso; é uma garantia de moralidade pública!

Se a diretoria soubesse apreciar esses bons resultados, em vez de transferir constantemente o espetáculo por moléstias deste ou daquele, em vez de nos dar uma só representação por semana, regularizaria os espetáculos, e repetiria o Trovador cinqüenta vezes para que os moleques da rua aprendessem a assobiar de princípio a fim toda esta sublime composição de Verdi, a qual daqui a alguns meses aparecerá correta e aumentada numa porção de valsas, contradanças e modinhas.

Outra coisa, a que a diretoria não tem dado muita atenção, é ao estado do edifício e à decência deste salão, onde se reúne a flor da sociedade desta corte. Agora que se trata com tanta eficácia do asseio público, parece-nos que era ocasião que o asseio chegasse até o interior do teatro, e fizesse desaparecer essa pintura mesquinha, essas paredes sujas, e esse pó que cobre as cadeiras e que reduz as abas de nossas casacas à triste condição de espanador. A julgar pela poeira que se levanta quando aparece a Charton ou a Casaloni, creio que há no soalho do teatro terra para encher algumas carroças.

Se faltam à diretoria meios de remover essa terra, pode requisitá-los da administração da limpeza pública, que por certo não se recusará, à vista da atividade que tem mostrado ultimamente nos trabalhos que lhe foram incumbidos.

Com efeito, embora em começo, o serviço já tem conseguido apresentar bons resultados; e basta percorrer as ruas desta cidade, para reconhecer os sinais de uma vigilância ativa, que vai pouco a pouco substituindo o desleixo e a incúria que ali reinava entre a lama e os charcos.

O Sr. Ministro do Império tomou, nesta questão da limpeza, o verdadeiro partido de um bom administrador e o expediente de um homem de ação. Enquanto a discussão se ateava, tratou de realizar a sua idéia, e criar com os fatos argumentos irresistíveis, argumentos que calam imediatamente no espírito público. Os escrúpulos cessaram, apenas as nossas ruas começaram a mostrar o zelo da autoridade; e creio que, removendo a lama e o cisco das ruas, se removerá igualmente qualquer oposição extemporânea a uma medida de tanta utilidade.

Já podemos ter esperanças de ver nossa bela cidade reivindicar o seu nome poético de princesa do vale, e despertar de manhã com toda a louçania para aspirar as brisas do mar e sorrir ao sol que transmonta o cimo das serras. Talvez daqui a alguns meses seja possível gozar a desoras o prazer de passar à la belle étoile, durante uma dessas lindas

noites de luar como só as há na nossa terra; ou percorrer sem os dissabores dagora a rua aristocrática, a rua do Ouvidor, admirando as novidades chegadas da Europa, e as mimosas galantarias francesas, que são o encanto dos olhos e o desencanto de certas algibeiras.

Esses passeios, que hoje já vão caindo um pouco em desuso, ainda se tornarão mais agradáveis com algumas novidades interessantes que se preparam naquela rua, e que lhe darão muito mais realce, excitando as senhoras elegantes e os gentlemen da moda a concorrer a esse rendez-vous da boa companhia.

O Desmarais está acabando de preparar a sua antiga casa com uma elegância e um apuro, que corresponde às antigas tradições que lhe ficaram dos tempos em que aí se reunia a boa roda dos moços desta corte, e os deputados que depois da sessão vinham decidir dos futuros destinos do país. Ali tinham eles ocasião de estudar os grandes progressos da agricultura, fumando o seu charuto Regalia, e de apreciar os melhoramentos da indústria pelo efeito dos cosméticos, pela preparação das diversas águas de tirar rugas, e pela perfeição das cabeleiras e chinós.

Como o Desmarais, a Notre-Dame de Paris abrirá brevemente as portas do seu novo salão, ornado com luxo e um bom gosto admirável. As moirées, os veludos e as casimiras, todos os estofos finos e luxuosos, e destinados aos corpinhos sedutores das nossas lindezas, terão uma moldura digna deles, entre magníficas armações de pau-cetim; e o pezinho mignon que transpuser os umbrais desse templo da moda pousará sobre macios tapetes, que não lhe deixarão nem sequer sentir que pisam sobre o chão.

Assim, pois, quando os pais e os maridos passarem de longe, e virem este belo salão com toda a sua elegância, resplandecendo com o reflexo dos espelhos, com o brilho das luzes, apressarão o passo, e, se tiverem lido o Dante, lembrar-se-ão imediatamente da célebre inscrição:

Lasciate ogni esperanza, voi che entrate;

Ma guarda, e passa!

De todos esses progressos da Rua do Ouvidor o mais interessante, porém, pelo lado da novidade, é a Galeria Geolas, que deve nos dar uma idéia das célebres passagens

envidraçadas de Paris. A Galeria Geolas vai da Rua do Ouvidor à Rua dos Ourives; tem uma extensão suficiente; apesar de um pouco estreita, está bem arranjada.

Os repartimentos formam um pequeno quadrado envidraçado, e já estão quase todos tomados. Na locação desses armazéns seria muito conveniente, não só aos seus interesses, como aos do público, que o proprietário procurasse a maior variedade possível de indústrias, a fim de que a passagem oferecesse aos compradores toda a comodidade.

Os moços de boa companhia que se reúnem ordinariamente num ponto qualquer da Rua do Ouvidor deviam

tomar um daqueles repartimentos e formar como que um pequeno salão, que se tornaria o rendez-vous habitual do círculo dos flâneurs. Enquanto não pudéssemos ter um Clube, a passagem iria satisfazendo esta necessidade tão geralmente sentida.

Se ainda não estais satisfeito, meu amável leitor, com todas estas novidades, vou dar-vos uma, que suponho vos causará tanto prazer como me causa a mim; e é que estou fatigado de escrever, e por conseguinte termino aqui.

XI

Rio, 19 de novembro

Se a mitologia dos povos antigos tivesse dado formas de mulher, de fada ou ninfa, às semanas, como o fez com as horas, não me veria às vezes em tão sérios embaraços para escrever esta revista.

Em lugar de estar a cogitar idéias, a parafusar novidades, e a lembrar-me de fatos e coisas passadas, pediria emprestado a algum dos tipos da grande galeria feminina as feições e os traços para desenhar o meu original.

Assim, quando me viesse uma semana alegre e risonha, mas muito inconstante, com uns dias cheios de nuvens, e outros límpidos e brilhantes, iluminados pelos raios esplêndidos do sol, uma semana elegante de teatros e bailes, imaginaria alguma fada de formas graciosas, de olhos grandes, com uma certa altivez misturada de uma dose sofrível de loureirismo.

Vestiria a minha fada de branco com algumas fitas cor-de-rosa, pedir-lhe-ia que me contasse com toda a graça a travessura do seu espírito os segredos de suas horas e de seus instantes

Ao contrário, se fosse uma semana bem calma e bem tranqüila, em que os dias corressem puros e serenos, em que fizesse umas belas noites de luar bem suaves e bem calmas, de céu azul e de estrelas cintilantes, lembrar-me-ia de alguma moreninha da minha terra, de faces cor de jambo, ojos adormidillos, como dizem os espanhóis.

Então escreveria uma poesia, um poema, um romance ou um idílio singelo, e livrava-me assim de meter-me em certas questões graves, e importantes que ocupam a atualidade. Faria como o poeta; e limitar-me-ia às pequenas coisas que me tivessem interessado. Nugae, quarum pars parva fuit.

É verdade que, quando me acertasse cair uma semana como esta passada, onde iria eu procurar um tipo, um modelo que a caracterizasse perfeitamente? Lembro-me de uma mulher, que descreveu Byron, a qual, com algumas modificações, talvez me pudesse bem servir para o caso.

Seu único aspecto (da mulher) valia um discurso acadêmico; cada um de seus olhos era um sermão; na sua fronte estava estampada uma dissertação gramatical. Enfim, era uma aritmética ambulante. Dir-se-ia uma correspondência ou alguma velha polêmica que se houvesse despegado do seu competente jornal, para andar pelo mundo a discutir e argumentar.

Com efeito, só este tipo imitado de d. Juan poderia dar uma ligeira idéia da semana passada, a qual num formulário de botica podia bem traduzir-se pela seguinte receita: uma dose de sol, duas de chuva e três de maçada. Admirável receita para curar a população desta corte da febre de novidades que tem produzido a guerra do Oriente.

Os antigos, porém, que fizeram tanta coisa boa, esqueceram-se dessa invenção de personificar a semana, e por conseguinte não há remédio, senão deixar as comparações e voltar ao positivo da crônica, desfiando fato por fato, dia por dia.

Aposto que já estais a rir deste meu projeto, perguntando com os vossos botões que fatos são estes que descobri na semana passada, que acontecimentos se deram nestes dias, que valham a pena, não já escrever simplesmente, mas contar.

Ides ver. Em primeiro lugar, contar-vos-ei que a semana teve sete dias e sete noites, tal e qual como as outras. Destes sete dias muitos foram de chuva, e alguns estiveram tão belos, tão frescos, tão puros, que sentia-se a gente renascer com o sol que vivificava a natureza. As noites foram quase todas de inverno e de teatro.

No Provisório estreou a nova cantora, completando-se assim o número das três deusas que devem disputar o pomo de ouro, o qual também foi pomo da discórdia. O público dilettante está por conseguinte arvorado em Paris; e os poetas já se prepararam para cantar a nova Ilíada e as causas terríveis de tão funesta guerra. Et teterrimas belli causas

Em São Pedro de Alcântara o aparecimento de João Caetano produziu uma noite de entusiasmo e um novo

triunfo para o artista distinto, único representante da arte dramática no Brasil.

Infelizmente as circunstâncias precárias do nosso teatro, ou outras causas que ignoramos, não têm dado lugar a que João Caetano forme uma escola sua, e trate de elevar a sua arte, que no nosso país ainda se acha completamente na infância.É a este fim que deve presentemente dedicar-se o ator brasileiro. Sua alma já deve estar saciada destes triunfos e dessas ovações pessoais, que são apenas a manifestação de um fato que todos reconhecem. Como ator, já fez muito para sua glória individual; é preciso que agora como artista e como brasileiro trabalhe para o futuro de sua arte e para o engrandecimento de seu país.

Se João Caetano compreender quanto. É nobre e digna de seu talento esta grande missão, que outros, antes de mim, já lhe apontaram; se, corrigindo pelo estudo alguns pequenos defeitos, fundar uma escola dramática que conserve os exemplos e as boas lições do seu talento e a sua experiência, verá abrir-se para ele uma nova época.

O governo não se negará certamente a auxiliar uma obra tão útil para o nosso desenvolvimento moral; e, em vez de vãs ostentações, de coroas e de versos que se procuram engrandecer unicamente pelo assunto, terá o que lhe tem faltado até agora, o apoio e a animação da imprensa desta corte.

Uma das coisas que têm obstado a fundação de um teatro nacional é o receio da inutilidade a que será condenado este edifício, com o qual decerto se deve despender

avultada soma. O governo não só conhece a falta de artistas, como sente a dificuldade de cria-los, não havendo elementos dispostos para esse fim.

Não temos uma companhia regular, nem esperanças de possuí-la brevemente. A única cena onde se representa em nossa língua ocupa-se com vaudevilles e comédias traduzidas do francês, nas quais nem o sentido nem a pronúncia é nacional

Deste modo ficamos reduzidos unicamente ao teatro italiano, para onde somos obrigados, se não preferimos ficar em casa, a dirigirmo-nos todas as noites de representação, quer cante a Casaloni, quer encante a Charton, quer descantem as coristas. Tudo é muito bom, visto que não há melhor.

Já algumas vezes temos censurado a diretoria do teatro por certas coisas que nos parece se podem melhorar sem grandes sacrifícios. Hoje cumpre-nos fazer-lhe uma justiça, e até um elogio, que ela merece sem dúvida alguma, pela resolução que nos consta ter tomado de reparar o edifício e ilumina-lo a gás.

A polícia também tem-se esmerado em fazer cessar as cenas tumultuárias e desagradáveis que se iam tornando tão freqüentes naquele teatro, e que, se continuassem, acabariam por afugentar dele os apaixonados da música de batuque.

Não é, porém, unicamente no teatro que a polícia tem dado provas de atividade. Efetuou-se esta semana a prisão de um moedeiro falso, que se preparava a montar uma fábrica dessa indústria lucrativa.

O crime de moeda falsa é um dos mais severamente punidos em todos os países, porque ameaça a fortuna do Estado e a dos particulares. Entretanto não acho razão no legislador em tr punido unicamente o falsificador de moeda, deixando impunes muitos outros falsificadores bem perigosos para a nossa felicidade e bem-estar.

Todos os dias lemos nos jornais anúncios de dentistas, de cabeleireiros e de modistas, que apregoam postiços de todas as qualidades, sem que a lei se inquiete com semelhantes coisas.

Entretanto imagine-se a posição desgraçada de um homem que, tendo-se casado, leva para casa uma mulher toda falsificada. E que de repente, em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresenta-lhe o desagradável aspecto

de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificadores pendurou um produto de sua indústria.

Quando chegar o momento da decomposição deste todo mecânico - quando a cabeleira, o olho de vidro, os dentes de porcelana, o peito de algodão, as anquinhas se forem arrumando sobre o toilette - quem poderá avaliar a tristíssima posição dessa infeliz vítima dos progressos da indústria humana!

Nem ao menos as leis lhe concedem o direito de intentar uma ação de falsidade contra aqueles que o lograram, abusando de sua confiança e boa-fé. É uma injustiça clamorosa que cumpre reparar.

Um homem qualquer que nos dá a descontar uma letra de uns miseráveis cem mil réis, falsificada por ele, é condenado a uma porção de anos de cadeia. Entretanto aqueles que falsificam uma mulher, e que desgraçam uma existência, enriquecem e riem-se à nossa custa.

Deixemos esta importante questão aos espíritos pensadores, aos amigos da humanidade. Não temos tempo de tratá-la com a profundeza que exige; senão resumiríamos o quadro de todas as desgraças que produzem não só aquelas falsificações do corpo, mas também muitas outras, como um olhar falso, um sorriso fingido, ou uma palavra mentida.

Demais, temos ainda de falar de uma outra medida do chefe de polícia a respeito dos cães, e que interessa extraordinariamente a segurança pública. O que cumpre é zelar a sua execução para que não se torne morta, e faça cessar o perigo que corremos todos os dias de encontrarmos a cada momento na rua ou no passeio a morte do hidrófobo.

Afonso Karr levou dois anos a escrever para conseguir que a polícia de Paris adotasse esta útil medida de segurança pública a que ordinariamente damos tão pouco cuidado, e muitas vezes mesmo revoltamos por um mal entendido sentimento de humanidade.

Um dos maiores obstáculos que ele encontrou sempre foram certos prejuízos, certos erros consagrados e que todo o mundo repete, sem refletir, nem compreender o sentido das palavras que profere.

Assim, desde a antiguidade se diz que o cão é o amigo fiel do homem, o tipo e o modelo da amizade.

Este consentimento unânime, diz o escritor francês, é uma singular revelação do caráter do homem. O cão obedece sem reflexões, se submete a todos os caprichos e a todas as vontades sem distinção; quando o castigam, em vez de se defender, roja-se aos pés de seu senhor e caricia a mão que o castigou. E é isto o que o homem chama um amigo!

Já se vê que o sentimento não é tão nobre como o parece a princípio. Todas estas vãs declamações dos poetas sobre esse animal, que dizem representar o símbolo da fidelidade, dão uma bem mesquinha idéia do coração humano.

Não é pois, o prazer de possuir um autômato, que se move à nossa vontade, que pode compensar um dos maiores riscos a que estamos sujeitos, e para o qual olhamos indiferentemente.

XII

Rio, 26 de novembro.

O tempo corre, passam-se os dias, e o ano vai rapidamente chegando a seu termo; mais algumas semanas e ele cairá na eternidade como um grão de areia na ampulheta das horas.

A comparação não tem nada de novo, é muito antiga; mas por isso mesmo acho-a excelente para um ano velho e caduco, que está tão próximo a deixar-nos, que os historiadores já se preparam para disseca-lo e fazer-lhe autópsia.

Assim, esse pouco tempo que nos resta é consagrado ao adeus e às despedidas. Tudo se despede, e os dias vão correndo de despedida em despedida até que chegue o momento de dizermos a este ano, como se diz no Barbeiro de Sevilha ao massante D. Basílio: Buona sera, mio signor.

A primeira despedida foi a do Cassino ba segunda-feira. Pela última vez o baile aristocrático abriu os seus salões aos convidados. Para o não - se é exato o que nos prometem - em lugar desta casa antiga e desses repartimentos acanhados, veremos elevar-se nesse mesmo lugar algum palácio de fadas, que nos dará uma vez por mês, e sem ser preciso irmos ao Oriente, uma cópia fiel das Mil e uma noites.

Talvez isto faça reviver os belos tempos do Cassino, quando reunia nos seus salões a fina flor da sociedade desta corte. É verdade que então não se tinha ainda introduzido a

moda elegante das moças não gostarem de baile, provavelmente porque isto é um prazer comum, e ordinariamente têm quase todas as meninas aos dezoito anos.

Uma mocinha do tom - que se quer distinguir - deve aborrecer o baile, e gostar de alguma coisa que não seja trivial, como, por exemplo, de rezar, de ler anúncios, e sobretudo conversar com os diplomatas sobre questões de alta política internacional.

Por isso, naquele tempo o salão do Cassino foi uma espécie de palácio encantado, que a fada do prazer e da alegria criava por uma noite com um toque de sua varinha mágica; não era a todos que se revelava as palavras mágicas que serviam de chave à porta misteriosa desse recinto: Abre-te, Sésamo!

Apesar disto, porém, o último baile não esteve como era de esperar, à vista dos outros que houve este ano. Assim devia ser: era um baile de despedida, e os antigos freqüentadores não podiam deixar de sentir o desejo de dizer um último adeus a estas salas, a estas paredes, que foram testemunhas de tantos momentos deliciosos, cuja lembrança ainda o tempo apagou.

Outros, que ainda não têm tão remotas reminiscências, despediam-se da sociedade brilhante que se achava reunida aquela noite, e que daqui a alguns dias se irá dispersando como as folhas de uma árvore, que voam à discrição e aos dos ventos.

A força do verão já se vai fazendo sentir; e aqueles que não estão presos a vida da cidade estão já tratando de fugir desse clima ardente, e de procurar algures um refrigério aos calores da estação.

Petrópolis - a alva e graciosa Petrópolis, com suas brumas matinais, com suas casinhas alemãs, com seus jardins, seus canais, suas ruas agrestes - lá nos envia de longe um amável convite aos seus passeios poéticos, à

vida folgazã que se passa nos seus hotéis, à missa dos domingos na capelinha da freguesia, e a tantos outros passatempos campestres, que se gozam durante esses dias em que aí vivemos como aves de arribação, prontas a bater as asas ao primeiro sorriso da primavera.

Quanta cabecinha loura ou morena já não se está recordando do verão passado e refazendo na mente os gozos desses dias alegres e descuidosos! Quanta imaginação não começou já a fazer esta pitoresca viagem, e não vai singrando pelas águas límpidas e

azuis da nossa linda baía, a contemplar o formoso panorama que desenham as ribeiras do mar sobre a areia da praia e os recortes das montanhas nas fímbrias escarlates do horizonte!

Além de Petrópolis, muito ale, lá estão as serras, as matas ainda virgens, as florestas sombrias de nossa terra, as árvores seculares, os lagos, e as correntes d'água que atravessam os lagos e as planícies.

Aí se eleva a espaços pelas abas das montanhas, ou pelas margens de algum rio, a fazenda do agricultor, onde se vive a verdadeira vida do campo, onde as horas correm isentas de cuidados e de tribulações, no doce remanso de uma existência simples e tranqüila.

Como Petrópolis, como a Tijuca, como todos os arrabaldes da cidade, a serra também nos vai roubar uma a uma as mais belas flores da nossa cidade, as mais preciosas jóias dos nossos salões, as mais lindas estrelas do nosso céu. Uma bela noite, quando levantardes os olhos, tereis de vê-las deslizarem-se no horizonte, como esses astros de que fala Virgílio, deixando apenas nas trevas um longo rasto de luz:

Stellas

Praecipites coelo labi, noctisque per umbram

Flammarum longos a tergo albescere tractus.

No outro dia, quando procurardes por elas, terão completamente desaparecido. Irão caminho de mar ou de terra, buscar longe da cidade os ares puros que dão vida e saúde, que fazem voltar às faces empalidecidas, as cores frescas e rosadas.

Quanto a vós, que ficais curtindo as mágoas da ausência, consolai-vos com essa idéia; e, se durante a ausência encontrardes por acaso nalgum passeio pelos jardins uma linda florzinha azul, que os jardineiros chamam miosótis, e a que os alemães deram um nome de vergiss mein nicht, fazei, como Alfredo de Musset, alguma bela poesia à saudade, e mandai-ma, que eu a publicarei nas Páginas Menores.

Se isto ainda não vos consolar de todo, lede as notícias da guerra do Oriente, que cada vez se vão tornando mais interessantes. O último vapor trouxe-nos a notícia de que em honra de Saint-Arnaud se tinha levantado em Constantinopla uma cruz - a primeira

depois de quatrocentos anos. Ora, se é exato que o diabo foge da cruz, como diz um rifão português, é de crer que a esta hora toda caterva de turcos, principiando pelo sultão, tenham abandonado a formosa Estambul.

Quanto à tomada de Sebastopol, não se realizou ainda; mas pelo vapor seguinte teremos por aí infalivelmente esta portentosa notícia, que, a falar a verdade, já vai se parecendo alguma coisa com os anúncios do nosso Teatro Provisório.

De manhã os jornais avisam aos leitores que à noite haverá espetáculo lírico; à tarde aparece uma moléstia qualquer, e o espetáculo fica transferido para o dia seguinte. Novo anúncio de manhã, nova transferência de tarde.

Ora, isto não tem senão uma explicação, e é que os diretores entenderam que, sendo o teatro provisório, apesar do batismo, precisavam de vez em quando, principalmente neste tempos de chuva, publicar um anúncio para fazer constar que o edifício ainda existe, e não veio à terra.

Cumpre, porém, advertir que com isto não me refiro à transferência e ontem, a qual teve um motivo justo. Com aquele tufão que desabou sobre a cidade, arrancando árvores e fazendo estragos, qual seria o dilettante capaz de deixar o seu teto hospitaleiro para arrostar um tempo tão desabrido?

É verdade que a esta mesma hora, quando as rajadas do vento caíam mais forte e com mais violência, alguns atravessavam as ruas da cidade, e a um e um se iam reunir na sala das sessões do Instituto Histórico. Pouco depois chegou Sua Majestade, e a sessão se abriu com sete membros.

Se eu não tivesse lido há tempos que Metternich, ou não sei que outro diplomata, havia dito que a pontualidade é a política dos reis, quando de hoje em diante me sucedesse ouvir semelhante palavra, seria capaz de apostar que tinha sido lembrança de algum dos sete membros do Instituto, que, para fazer honra ao tempo, se entretiveram com a leitura de um trabalho sobre terremotos.

Achava-me muito disposto a terminar aqui, mas lembro-me que estou na obrigação de afirmar aos meus leitores que este artigo é escrito por mim mesmo, e não por um pseudônimo que me descobriram, e que se acha arvorado em redator de um periódico intitulado - O Brasil Ilustrado.

Quando a princípio me contaram semelhante coisa, quando me disseram que eu ia redigir um novo periódico

literário, duvidei; porém o fato é exato, e, o que mais é lá se acha a assinatura de um dos nossos literatos, o Sr. Porto alegre, que afirmou não ter assinado semelhante coisa.

Ora o Brasil, sendo tão ilustrado como se intitula, não pode ignorar certa disposição do Código Criminal que fala de assinaturas fingidas; por conseguinte, não há dúvida que os homens que se acham assinados naquela lista a que me refiro são nossos homônimos, os quais até hoje eram completamente desconhecidos.

Em tudo isto, pois, só temos a lamentar uma coisa, e é que o novo tão ignorados e obscuros, deixando de parte os verdadeiros Otavianos, Porto Alegres e Torres Homens.

XIII

Rio, 3 de dezembro

Um dos mais belos traços que apresenta a história da humanidade é o culto respeitoso que votam os grandes povos aos grandes dias de sua pátria. A influência misteriosa que exerce o passado sobre o futuro tem o que quer que seja de grande e de sublime.

Há um sentimento nobre nessa força irresistível que de ano a ano, de século a século, num momento determinado, obriga as gerações que se vão sucedendo a irem por sua vez depositar no livro dos fatos nacionais o testemunho de uma justa veneração pelas suas antigas tradições, renovando, com o exemplo, a fé e a crença nas instituições do país.

As datas memoráveis figuram na vida das nações como esses marcos que se colocam à beira do caminho para designar o espaço percorrido, e ao pé dos quais o viandante vem descansar, refazendo-se das fadigas e cobrando novas forças para continuar a jornada.

Assim, quando o historiador, elevando-se pelo pensamento acima das condições materiais da existência humana, lança os olhos sobre o quadro da humanidade, pode ver cada povo, cada nação, percorrendo seu caminho através dos séculos, como o indivíduo que transpõe dia por dia o curto espaço da vida.

Como o indivíduo, a nação passa por todas as vicissitudes da experiência, vai da infância à velhice, do mal ao bem, sofre todas as alternativas da fortuna. Como o

homem tem o germe de todos esses nobres sentimentos que vivem no coração, fortifica-os pela união, engrandece-os pelo entusiasmo e os transmite pela tradição.

Como nós, o povo sente todos os afetos, curte todas as dores, experimenta todos os estados da vida. Como nós, ama, odeia, chora, ou ri; é um pai ou um filho, um amigo ou um inimigo; é um menino frágil que precisa ser guiado, um delinqüente a quem se inflinge o castigo, e muitas vezes um soberano que dita a sua vontade e impõe a lei.

Por isso há vinte e nove anos, no dia de ontem, a nação brasileira vinha aos pés de um berço saudar o nascimento de um menino com toda a efusão do homem que contempla o seu primeiro filho. Durante quinze anos serviu-lhe de pai; e em todo esse tempo nem uma só vez se desmentiu esse amor paternal que a nação votava ao seu Imperador ainda na infância.

Veio o ano de 1840. À infância segui-se a juventude; o berço foi substituído por um trono. A nação brasileira veio então, não mais como um pai e sim como um depositário fiel, restituir a coroa e o cetro que lhe foi confiado. A cena ia mudar-se: o amor,que um dia fora paternal, começava a envolver-se do respeito que inspira o poder e a majestade.

Deixemos ainda correr o tempo; cheguemos ao dia de ontem; vinte e nove anos apenas nos separam, porém a mudança é completa. Sabeis o que significam essas festividades que por toda a extensão do país celebram o dia 2 de dezembro? Sabeis que sentimento exprimem essas manifestações espontâneas da nação, por ocasião do aniversário do seu monarca?

É o povo brasileiro que, como um filho reconhecido, veio aos degraus do trono para beijar a mão ao pai da nação, para agradecer-lhe os benefícios recebidos e pedir-lhe ainda a direção, a paz, o trabalho, a instrução, a indústria, a colonização, e todos esses germes da civilização, que o país encerra no seu seio, e que serão um dia fecundados pelo pensamento criador do seu governo.

A esta grande manifestação do seu povo, o Imperador respondeu agraciando-o na pessoa daqueles brasileiros cujos serviços entendeu mereciam ser remunerados. Algumas dessas mercês não são unicamente uma graça, mas uma antiga dívida que S.M. pagou em nome da nação a alguns velhos servidores do nosso país. Entre estes há especialmente alguns nomes que, para fazer-se o seu elogio aos brasileiros, basta despi-los do seu título e repeti-los.

Havia cinco anos que não se realizava esse poético costume das monarquias, de fazer a distribuição das graças nos dias aniversários de algum acontecimento feliz. Sempre uma contrariedade qualquer vinha obstar aquele ato. Este ano, porém, as circunstâncias favoráveis de uma atualidade calma e serena permitiram.que a munificência imperial pudesse ao mesmo tempo pagar as dívidas da nação e auxiliar a realização do pensamento de união e concórdia, que é o programa de governo do Sr. D Pedro II e o seu voto o mais ardente como Brasileiro e como soberano.

Este ano já a tolerância tinha passado a esponja por sobre todos estes nomes de guabiru e de praieiro, de luzia e de saquarema, de exaltado e conservador, aos quais outrora os ódios políticos fizeram representar na luta encarniçada dos partidos o papel de guelfos e gibelinos. S.M. por conseguinte podia lançar os olhos pela união brasileira, e ver unicamente cidadãos que se distinguiam pelo seu mérito e pelos seus serviços, sem que uma necessidade dolorosa do seu governo viesse, como nos anos anteriores, batiza-los de ministeriais, de descontentes, ou de oposicionistas. O preceito constitucional começou enfim a ser para os brasileiros uma verdade benéfica, precursora de novos melhoramentos.

Além desses fatos, que se prendem necessariamente ao dia 3 de dezembro, tiveram ontem lugar alguns extraordinários, que foram reservados para este dia, para assim receberem maior realce e se realizarem sob os auspícios felizes de uma data memorável para o Brasil.

Às dez horas do dia a Câmara Municipal desta corte inaugurava na sala de suas sessões, em presença de um grande concurso, o novo retrato de S.M. O salão está pintado com todo o apuro. O teto representa um quadro alegórico da indústria e do comércio, trazendo a abundância ao Brasil; aos lados estão os bustos de D. João VI e de D. Pedro I, do conde de Bobadela, de D. Luís de Vasconcelos, de Estácio de Sá e de José Bonifácio.

Todo o trabalho de pintura, executado por R, d'Agostini e Júlio Lechevrel, debaixo da direção dos Srs. Porto Alegre e Costa Ferreira, é digno de atenção pelo bem acabado e pelo risco do desenho; merece com efeito ser examinado pelas pessoas que sabem apreciar essas obras de arte, ainda bem raras em nosso país.

Depois desta solenidade teve lugar na Academia das Belas Artes, por volta do meio-dia, a inauguração da Pinacoteca Imperial pelo Sr. Ministro do Império. A medalha da inscrição gravada na casa da moeda, com o busto de S.M. numa face e o nome do fundador na outra, é um trabalho que mostra os progressos que vamos fazendo neste ramo de arte.

A fundação da Pinacoteca Imperial, destinada à exposição das obras dos artistas nacionais, vai dar um salutar impulso ao desenvolvimento da pintura, da escultura e da estatuária no nosso país. É com as suas grandes exposições anuais, com os seus prêmios de honra, que a França, promovendo uma nobre emulação entre os artistas e criando o bom gosto na população, tem conseguido elevar a arte a um grau de perfeição e desenvolvimento qu atualmente nada tem que desejar à Itália, a terra das obras primas, a pátria dos grandes pintores, dos grandes estatuários, dos grandes arquitetos.

O dia que começara tão artisticamente devia acabar da mesma maneira, e de fato acabou com a representação do Roberto do Diabo no Teatro Lírico. Apesar de estarmos conversando hoje, creio que compreendeis bem a razão por que não vos conto alguma coisa dessa representação que se deu ontem: são coisas da imprensa.

Contudo, como estamos no teatro, suponde que houve na cena uma mutação rápida, e que vos achais de repente num salão iluminado, no meio de música, de perfume, de flores, de espelhos, de moças, e de velhas também. Dança-se... Adivinhai o quê?

Não é nem quadrilha diplomática, nem a valsa estonteada, nem a schottish com os requebros, ou a polca com os seus pulinhos. É uma coisa que tem um pouco de tudo isto, é que me faz lembrar o meu bom tempo de colégio, porque há uma espécie de marcha que se executa ao som de palmas, tal e qual como nas classes. Chama-se esta dança Ril da Virgínia, terra donde eu sabia que vinha bom fumo, donde não me consta que nunca se despachassem danças na alfândega.

O caso é que, pela alfândega ou por contrabando, dança-se hoje no Rio de Janeiro o Ril da Virgínia, que os velhos bailarinos aborrecem de morte, pela razão muito simples de não admitir canelas de cinqüenta anos passados. Os moços, porém, adoram-no; e isto também por uma razão muito simples: porque cada um, embora tire seu par, nem por isso deixa de danças com todas as moças, e de ser ao mesmo tempo par de todos os pares dos outros.

De maneira que agora já não há risco de se ir tarde para o baile, e não encontrar o par que se deseja; nem de andar a catar pelo meio, e não encontrar o par que se deseja; nem de andar a catar pelo meio da casa moças bonitas e espirituosas. Outra vantagem ainda: como a dança é uma roda-viva, estamos dispensados de estar ai a inventar motivos de conversa, e de levarmos uma boa meia hora a esgrimir-nos contra um sim ou um não, que se encastelam nalguma boquinha arrebitada, donde não há força tira-los.

Ao menos se o sim fosse constante, eu começava logo por pedir alguma coisa que me conviesse. Mas qual! O sim e o não se revezam como duas sentinelas sempre alerta e prontas a impor o respeito à menor infração da

disciplina. Por conseguinte, o melhor é tomar-se o expediente de que uso - fazer-lhes a continência, e passar de largo.

Mas onde já ando eu? Comecei num salão de baile, e parece-me que estou nalgum corpo de guarda. Eis aí o risco de escrever ao correr da pena. Se eu tivesse um compasso e um tira-linhas, não me havia de suceder semelhante coisa. Riscaria primeiramente o meu papel, escreveria o meu artigo letra por letra, pensando maduramente sobre cada palavra, refletindo profundamente na colocação dos pontos e vírgulas; depois convocaria um conselho de sábios, e, discutido o artigo em conclusões magnas, entrega-lo-ia ao compositor, quando se findassem os nove anos de correção que impõe o preceito da Arte Poética. Então, cheio de entusiasmo ao contemplar o meu artigo metido entre quatro gravuras de pau, exclamaria como Sanzio: Anch'io son pittore! Agora já posso aspirar à honra de escrever um artigo ilustrado!

O que é verdade é que já não sei onde deixei a nossa agradável soirée, na qual se dançava com tanto prazer e animação o Ril da Virgínia, dança que daqui a alguns dias deve estar com muita razão no galarim da moda. E sobre isto desejo comunicar aos diretores das sociedades uma observação que fiz a propósito deste dançado. Tenho notado que, depois de um ril, cada um daqueles turcos transforma-se num cossaco temível; e então não há empadas nem chocolate que os farte. A respeito de gelo não falemos; seria necessário algum Himalaia ou Chimborazo feito sorvete. Por isso a moda tem muito razoavelmente destinado a dança para o fim da noite.]Com tudo isto, ainda não vos disse em que lugar da cidade nos achamos; mas contentai-vos em saber que estamos num dos nossos lindos arrabaldes, numa excelente casa de campo. E como já é perto de duas horas e as estrelas começam a fugir com as claridades precursoras do dia,

segui o meu exemplo, dizei adeus a esses salões, a essas horas de prazer, que tão cedo não voltarão, e ide fazer poeticamente ao vosso travesseiro as íntimas confidências de algum segredo do coração.

4 de dezembro

O Jornal demorou-se; e portanto assentei de pagar-vos já a dívida em que estou a respeito da representação do Roberto do Diabo, que teve lugar na noite de sábado.

Eram oito horas quando SS.MM. apareceram na tribuna e receberam as saudações costumadas ao som do hino nacional. Uma chuva de rosas e de versos caiu sobre a platéia; houve algumas pessoas que receberam na cabeça seguramente uma resma de papel.

Os camarotes apresentavam neste instante uma vista encantadora. Cada ordem formava uma espécie de graciosa Coréia de corpinhos sedutores e de lindos rostinhos, entre os quais aparecia a espaços a cabeça calva e a farda bordada de algum novo visconde, ou barão, ou comendador.

Muitas vezes é este o mais belo momento de uma noite de teatro em dia de gala. Com um simples lanço d'olhos corre-se todo esse painel magnífico, desenhado ao mesmo tempo pela natureza, pela arte e pela moda. Pode ver-se ali um tipo suave, uma bela face sempre pensativa, um pouco melancólica, como dessas almas puras, filhas do céu, que sentem na terra as saudades de sua menção divina. Além o rostinho moreno de uma huri de olhar cintilante e lábio risonho. Deste lado uma imagem de mulher, à qual a natureza deu a mais bela expressão de beleza altiva, e que recebeu de Deus, em vez de coração, a mania dos caprichos.

Depois de alguns recitativos, de dois sonetos, sobre os quais eu me calo, para seguir o exemplo do poeta, cantou-se o novo hino do Imperador; e os espectadores, atentos e cheios de curiosidades, esperavam o momento de ouvir pela primeira vez naquele teatro as harmonias de Meyerbeer.

Onde quer que te aches agora, sublime maestro, estou certo, que sábado à noite, até por volta de duas horas, em que o diabo na figura de Bouché sumiu-se pelo tablado, não pudeste conciliar o sono e levaste a rolar na cama, como se te perseguisse um exército de pulgas e mosquitos. Esses sobressaltos que naturalmente sentiste, esses ardores de

orelhas, esses pruridos de pele, tudo isto não era nada menos do que as pancadas da banqueta do Barbiere, a rouquidão do Gentil, a desafinação de não sei quem, e finalmente a tesoura do ensaiador, que dizem cortou à larga pela tua sublime partitura. Consola-te, pois, meu amigo, são os percalços do ofício.

Em tudo isto, porém, só te deves queixar daquele que assegurou à diretoria que era possível meter-se em cena, com os modestos recursos do nosso teatro, uma peça que tu sabes quanto te custou a montar no Grande Ópera de Paris. Sem cantores, sem orquestra, sem maquinismo próprio, era fácil prever o que resultaria de semelhante projeto.

E não pára aí: para que a criatura fosse mais completa, ensaiou-se na véspera até as duas horas da noite, e admitiu-se que o mestre da dança lhe desse a última demão, inventando um dançado no meio de um torneio, e

prolongando infinitamente a cena do cemitério, como se ainda não fossem suficientes seis horas de maçada.

Nem o hábil pincel do Bragaldi, nem a expressão original da música, às vezes terrível, às vezes singela e encantadora, puderam destruir a desagradável impressão que produziu nos dilettanti essa vigília lírica, que durou até à madrugada.

O Gentil, rouco como estava, não pôde fazer valer os seus recursos; o Bouché não estava em bom dia. A Charton, porém, foi apesar de tudo, para a cena e para os dilettanti, o bom anjo que protegia Roberto do Diabo; com a diferença, porém, que na cena vence o diabo, e no ânimo dos dilettanti, não pôde vencer o caiporismo fatal que presidiu à execução da partitura. O Duque da Normandia foi para o céu, a representação da ópera de Meyerbeer caiu no inferno.

Talvez muita gente nesta noite estivesse como Roberto na cena, às lutas com dois sentimentos opostos, tendo à direita o seu bom anjo, à esquerda o seu mau gênio. Queira Deus que a imagem encantadora de alguma Alice lhes tenha aparecido com seu ingênuo sorriso, e os salvasse de uma vez para sempre da tentação, guiando-os como sua boa estrela através dos escolhos da vida, e acenando-lhes de longe com suas asas cor-de-rosa, como o Anjo da Guarda que figura nas poéticas legendas da nossa religião.

XIV

Rio 10 de dezembro

Farewell! Farewell!... Adeus à corte, aos bailes, aos teatros! Adeus às belas noites do Rio de Janeiro; aos seus magníficos salões, aos seus brilhantes saraus!Até à volta! Chegou a época das viagens; é preciso partir.

A cidade vai ficando tão monótona e tão insípida, que já não há prazer em andar por aí a arruar, vendo sempre as mesmas ruas e as mesmas casas, algumas tristes e abandonadas, entregues ao gênio protetor dos lares domésticos.

A caminho, pois, meu amável leitor. Tomai o vosso bordão de tourista, o vosso saco de viagem, o vosso álbum de recordações; esquecei por alguns dias os negócios, esquecei as obrigações, esquecei tudo e segui-me. Viajaremos de companhia, iremos juntos procurar além novas impressões, outros cuidados.

Onde iremos? A Cantagalo, à Santa Cruz, à Nova Friburgo, ao Morro Queimado, a esses lugares onde o clima é doce e saudável, onde as águas são puras e cristalinas? Nada; vamos a Petrópolis, a terra das flores, a terra dos amores-perfeitos; vamos percorrer a Alemanha como sobre uma carta geográfica; vamos ver os nevoeiros da serra, os despenhadeiros das montanhas, e finalmente aquelas graciosas casinhas tão alvas e com suas janelinhas verdes, que se destacam aqui e ali pela beira do caminho, ou pela margem dos canais.

A barquinha de vapor corta ao largo resvalando docemente pela flor d'água, mas sem aquela excessiva velocidade que dá aos objetos um aspecto fantástico. A cidade do Rio de Janeiro vai fugindo à vista, e com o vago da distância começa a retratar-se no horizonte como um painel magnífico iluminado pela esplêndida claridade dos raios do sol.

Aqui e ali aponta sobre todo aquele confuso e variado panorama da cidade a torre de alguma igreja ou a cruz singela de algum campanário, como para advertir ao viajante que do meio das saudades da pátria, da família, ou de algum ente que se idolatra, o pensamento deve erguer-se a Deus no momento da partida.

Ali, onde as vagas se desfazem em alvos flocos de espumas, estão as Feiticeiras, célebres na crônica do mundo elegante, pelo quase naufrágio do Guarani. Quantas feiticeiras não conheço eu mesmo em terra, que já produziram e são capazes de produzir

ainda mais terríveis naufrágios! Há, porém, entre estas e aquelas, duas pequenas diferenças. A primeira é que em umas morre-se pela água, nas outras pelo fogo. A segunda diferença é muito mais curiosa. Nas feiticeiras do mar o Guarani salvou-se por ser um barco novo; nas feiticeiras de terra são justamente os barcos novos os que correm maior perigo.

Perdoai-me esta observação humorística, meu amável leitor e companheiro de viagem; prometo-vos que será a última. Abandonemos de uma vez, com os olhos e com o pensamento, esta cidade que já não tem encantos para nós. Quereis o belo sob outras formas, quereis a natureza da nossa terra em outros quadros? Lançai os olhos por este vasto estendal das ondas alisadas ao sopro acariciador da brisa; vede aqueles grupos de pequenas ilhas verdes e graciosas, que com a carreira da barca parecem que vão fugindo umas atrás das outras; vede as alvas praias de areia onde a vaga se espreguiça e murmura, ao longe os claros e escuros das encostas, e o vulto das montanhas que se debuxam no azul do céu.

Mas eis a ponte do desembarque que se alonga pela proa da barca; chegamos a Mauá. Saltemos, e, como o

lugar não tem nada que ver, como as construções da Companhia ainda estão em princípio e não oferecem nada de curioso, tratemos já de tomar os nossos lugares no vagão, e preparemo-nos para a nova viagem, tendo o nosso bilhete em mão segundo o regulamento.

Deu o sinal. Lá vamos levados pelo monstro de fogo que se lança, rugindo como uma fera, vomitando fumo, devorando o espaço. Alexandre Dumas já o disse; o prazer da velocidade tem um gozo, uma voluptuosidade inexprimível. A primeira vez, porém, a novidade, o vago do desconhecido, destroem em parte aquele prazer, e produzem uma espécie de embriaguez de espírito, que de alguma maneira paralisa o pensamento. Não há idéia fixa, não há preocupação, por mais forte que seja, que resista a esse choque súbito de tantas emoções, a esse tumulto confuso das impressões que se sucedem rapidamente, que se aglomeram, se repelem e se destroem.

Depois de dezenove minutos desse vôo fantástico, desse sonho acordado, despertais repentinamente aos gritos do cocheiro e aos trancos de um dos incômodos carros da Companhia, que vos faz imediatamente lembrar dos passeios ao Catete. Resignai-vos

como eu; e, se tendes alguma idéia favorita, alguma imagem suave, que vos ande a sorrir na mente, abri-lhe a vossa alma, e esquecei as misérias deste mundo. Quando mal pensardes, estareis no alto da serra.

Salve, louçã e faceira, Petrópolis! Salve, lindos chalés, casinhas campestres, montanhas, cascatas, canais! Como tudo isto é gracioso e simples; como a existência é doce e tranqüila nestes lugares aprazíveis e nesta convivência agradável da gente da terra! Que risonhas que são essas manhãs de cerração, que ao nascer do sol começam a desdobrar o seu véu branco, com toda a garridice e todo o disfarce de uma andaluza, quando entreabre a sua mantilha!

E contudo nunca Petrópolis esteve como agora entregue ao abandono e ao desleixo. O estado das ruas é péssimo; não se cuida da limpeza dos canais, e de outros melhoramentos urgentes. Ao passo, porém, que isto sucede, consome-se dinheiro em edificar uma capelinha no antigo hospital, que há muito se trata de remover. Compra-se um terreno para servir de matadouro público, e consente-se que um particular continue a cortar num açougue, infectando assim a principal rua da colônia - a Rua do Imperador.

Pelo menos, é isto o que dizem todos os habitantes de Petrópolis, cujo clamor é geral. Foi preciso que chegasse o tempo da viagem costumada de SS. MM. Para que se tratasse de melhorar os caminhos, e reparar algumas ruas que se acham em miserável estado e que oferecem pior trânsito do que a estrada da serra.

Enquanto o diretor da colônia não for obrigado a residir em Petrópolis, embora tenha boas intenções e grande atividade, não poderá prestar a devida atenção às necessidades do lugar, nem entregar-se completamente ao estudo dos objetos de sua competência. O governo devia tomar isto em consideração e regular melhor as obrigações da diretoria, ou então acabar com ela e substituí-la por outro qualquer meio de administração.

Entretanto, apesar do mau estado das ruas, meu leitor, se já não estais fatigado e não me abandonastes na viagem, vamos sair a passeio, e dar uma vista de olhos àquilo que nos parecer mais interessante e mais digno de atenção. Quereis ir ao Palacete, ver o jardim que se está concluindo? Quereis subir às colônias, e dar um giro a cavalo até a cascata de Itamarati? Ou preferis arruar sem destino, onde vos levar a fantasia?

Como quiserdes; mas, se estás disposto a seguir o meu conselho, não deixai de fazer uma visita aos dois colégios Kopke e Calógeras. O primeiro tem a grande vantagem de

ser uma casa construída de propósito para o fim a que foi destinada, e reúne por conseguinte todas as condições econômicas e higiênicas. Assim, o que se nota logo neste estabelecimento é o asseio, a limpeza, a claridade dos aposentos, a facilidade com que o ar se renova nos dormitórios, e finalmente as cores sadias, o vigor, a boa disposição que mostram os colegiais. A par disto, a regularidade dos trabalhos, a acertada divisão das classes e a vigilância ativa do diretor, tornam este colégio muito útil para a educação não só dos meninos filhos da corte, como daqueles que vêm das províncias, e que por conseguinte ainda mais necessitam do clima saudável de Petrópolis.

No estudo das primeiras letras, o Sr.Kopke adotou o método do ensino repentino com algumas modificações, e tem tirado deles grandes vantagens. Nos outros ramos, os seus alunos apresentam igualmente muitos progressos; e quando observamos que, apesar do adiantamento geral dos alunos, eram justamente que, apesar do adiantamento geral dos alunos, eram justamente os meninos de menor idade os que respondiam com mais acerto e maior segurança, confirmamo-nos na idéia de que isto era devido ao sistema de estudo seguido pelo diretor.

O Colégio Calógeras é um estabelecimento montado em grande escala, mas cujo edifício não foi construído com a idéia de adapta-lo à instrução primária e secundária. Possui alguns professores muito hábeis, começando pelo seu diretor e proprietário. Sobre os seus trabalhos nada posso dizer, porque apenas corri o edifício, e em horas destinadas ao repouso dos alunos.

Já temos viajado muito; portanto montemos a cavalo, e desçamos a serra com as primeiras claridades do dia, quando o sol mal desponta entre os cabeços da montanha. Correi os olhos por essas quebradas da serrania, por

essa névoa da manhã docemente esclarecida pela frouxa luz da aurora, e não tenhais receio que, como Horácio, os cuidados montem na garupa para seguir-vos: Post equitem sedit atra cura.

Quatro horas de caminho - e eis-nos de novo no Rio de Janeiro, restituídos aos nossos penates e às obrigações esquecidas durante três dias. Recomecemos a vida interrompida, voltamos a falar de teatros, de jornais, a criticar, palestrar, estudar a questão das carnes verdes, e a preparar-nos para a fome que nos ameaça se não tomarmos prontas

providências e se não cuidarmos seriamente deste objeto, procurando quanto antes os meios de evitar a escassez dos gêneros alimentícios.

Se bem me lembro, o Sr. Marquês de Abrantes iniciou a sessão passada no senado um projeto a respeito de pescarias, que era em minha opinião um dos grandes recursos a lançar mão para o futuro. Cumpre que o governo e as câmeras tomem a peito aquele projeto, que vem satisfazer uma grande necessidade e produzir um benefício que de há muito se devia ter realizado.

Com estas medidas e outras tendências a favorecer a criação de gados, isentando-a dos direitos de passagem e de barreiras, é de esperar que o governo consiga prevenir essas faltas de gêneros alimentícios, que não se deviam dar num país novo, de grandes recursos, e extraordinariamente produtivo, como é o nosso.

Estes fatos, porém, servem de despertar ainda mais a nossa atenção para a colonização, para a navegação de grandes rios, principalmente do Amazonas, cujas várzeas imensas estão aí incultas, e encerram nas suas matas virgens um manancial de riquezas, que convém quanto antes ser explorado.

Ultimamente, um moço destemido, sem recursos, sem meios, que penetrou por estes ínvios sertões, e desceu o grande rio desde o Chile até o Pará, escreveu um itinerário de sua viagem, que provavelmente há de conter observações novas e de muito interesse. Este moço é o Sr. Dutra. 2.º tenente da nossa armada, e que os leitores já devem conhecer pelo curioso artigo que publicou sexta-feira no Jornal do Comércio a respeito das origens da língua tupi.

É de crer que o Sr. Dutra publique oportunamente o relatório de sua viagem, e então o nosso governo não deixará sem remuneração os serviços prestados por ele, durante essa longa travessia cheia de tantos perigos e de tantos incômodos, que só um homem de gênio empreendedor se animaria a tenta-la com os mesquinhos recursos pecuniários que tinha à sua disposição. São serviços deste quilate, quase espontâneos, que é mister gratificar generosamente, para excitar em nossa mocidade esse espírito de louvável ambição, que é o móvel das grandes empresas.

Porém, quando ainda convém estimular os nossos oficiais a empreender coisas desta ordem, de tanta utilidade para o pais, visto que não temos, como têm a França e a Inglaterra no Oriente, um campo vasto onde se está ilustrando o seu exército e a sua

marinha, batendo-se com toda a galhardia contra o colosso inabalável do Império Russo.

Apesar, porém, de todos os seus esforços, Sebastopol, a sentinela avançada da Rússia, continua a resistir com firmeza. Os franceses e ingleses, que a princípio olhavam com desdém para essas massas de granito, cuja bruta resistência contavam vencer pela perícia de suas armas, viram de repente surgir de dentro das muralhas soldados em vez de homens indisciplinados, e conheceram no momento preciso que a defesa era digna do ataque.

Com efeito, quando marinheiros franceses, ao ler a ordem do dia do Almirante Hamelin - A França vos contempla - se arrojaram às muralhas e recusaram deixando mais de seiscentos mortos e feridos, é que a coisa era impossível, e que a Rússia, embora houvesse perdido a alma, defendia o seu corpo a todo transe.

Todas estas notícias, e muitos outros detalhes importantes a respeito das operações dos dois exércitos inimigos, vieram-nos pelo Severn, entrando quinta-feira. O Sr. Conselheiro Paulo Barbosa, que era esperado neste paquete, chegou dois dias depois num navio procedente do Havre. Tendo ido à Europa incumbido de uma missão importante pelo nosso governo, demorou-se para restabelecer a sua saúde gravemente alterada.

Sempre que um cidadão como o Sr. Paulo Barbosa volta à sua pátria, não são unicamente os seus amigos que têm motivos de felicitar-se, mas sim todo o país, todos aqueles que conhecem a honradez do seu caráter e a distinção de seu trato e de suas maneiras.

Como deveis estar fatigado da viagem que fizemos, e por conseguinte com muito pouca disposição para conversar, faço-vos os meus cumprimentos, meu caro leitor, até o próximo domingo, em que voltarei a fazer-vos a minha visita habitual. Good bye.

XV

Rio, 17 de dezembro

Por enquanto, em falta de melhor, falemos do Teatro Lírico, que está hoje na ordem do dia, justamente pela desordem em que tem andado todas estas noites, depois que o diabo lhe entrou no corpo.

Todos os jornais têm dito a sua opinião a respeito; todas as opiniões são muito acertadas; mas parece-me que ainda ninguém chegou à conseqüência necessária deste estado anormal em que se acha o nosso teatro italiano.

Nas circunstâncias atuais, só há um remédio, e é interromper os espetáculos, pelo menos durante um mês, para dar tempo a que a nossa companhia de cantores inválidos se restabeleça e possa novamente entrar em trabalhos.

Consta-nos que a maior parte dos embaraços e dificuldades que a diretoria tem ultimamente encontrado nasce dos seus próprios empregados. Ora, com o fechamento do teatro durante um mês, poderão os diretores restabelecer a ordem necessária e destruir essa soberania do capricho, que até agora era privilégio das primas-donas, mas que já se vai estendendo às comprimárias, e breve passará às coristas e às comparsas.

Temos um regulamento de teatro, que, se não é perfeito, contém ao menos um bom número de disposições acertadas, suficientes para impor o respeito a alguns cantores, que por terem meia dúzia de panegiristas, entendem poder abusar da indulgência do público.

Faça a diretoria cumprir rigorosamente este regulamento, requisite nos casos necessários a ação da polícia, que se tem mostrado zelosa, e pode ficar certa que ninguém deixará de aplaudir essa boa resolução, cujos efeitos salutares em pouco tempo se começarão a fazer sentir.

Que importa que um cantor, punido por uma falta de suas obrigações, seja recebido com palmas a primeira vez que apareceu na cena, depois do seu ato de insubordinação? Há sempre nos homens um bom instinto que ilude, e os faz tomar o partido daqueles que julguem oprimidos, que consideram como vítimas. Isto, porém, não é uma razão para que se deixe de manter o princípio da autoridade, sem o qual não há ordem nem tranqüilidade possível.

Se todas as infrações do regulamento tivessem sido punidas como essa de que falamos, ninguém se lembraria de enxergar uma vítima no ator que caíra em falta, nem de protestar contra o ato dos diretores por uma semelhante manifestação de simpatia.

Tomando a diretoria a posição que lhe convém, e fechando o teatro pelo tempo necessário para preparar as óperas que tem de levar à cena, poderá em pouco tempo

continuar os espetáculos sem interrupção, e com aquela regularidade que até hoje tem sido impossível conseguir.

Todos os anos por este tempo a imprensa lembra a idéia de fechar-se o Teatro Lírico por um ou dois meses, e, apesar disto, ainda não nos compenetrarmos bem desta necessidade; não queremos reconhecer que, se na Europa a ópera italiana abre-se por uma estação, no nosso país, com o nosso clima, é quase impossível continuar os espetáculos sem dar aos artistas algum tempo de repouso e descanso.

Estou certo que este ano sucederá a mesma coisa; que a diretoria não julgará necessária uma medida sem a qual se passou muito bem os anos anteriores. Mas também este ano veremos acontecer o mesmo que o verão passado. O teatro continuará aberto por formalidade e por luxo unicamente, os cantores estarão constantemente doentes; passarão doze dias sem espetáculo; o calor e o receio das transferências afugentará os espectadores; e por fim, depois de dois ou três meses de vegetação, a companhia ficará extenuada e incompleta, e, como o ano passado, seremos obrigados a fechar o teatro justamente quando se acabar o verão, e quando os espetáculos começarem a ser agradáveis.

Talvez percamos o nosso tempo a falar destas coisas. O teatro lírico, que já tomou as proporções gigantescas de uma questão de gabinete, hoje apenas serve de tema sediço às palestras e correspondências de jornais. Entretanto isto não pode continuar assim; já não podemos passar sem ópera italiana, e por conseguinte mais cedo ou mais tarde se descobrirão os meios de possuirmos constantemente no nosso teatro uma companhia regular e composta de artistas de merecimento.

Para isso o governo pode achar um grande auxílio no nosso Conservatório de Música, dirigido pelo hábil professor o Sr, Francisco Manuel da Silva. O gosto e a aptidão que têm geralmente as brasileiras para o canto pode concorrer para o futuro do nosso teatro, fornecendo as empresas de coristas e comprimárias, e facilitando-lhe assim os meios de contratar na Europa as primeiras partes, pelo preço que pagam os melhores teatros europeus.

Na visita que o Sr. Ministro do Império fez ultimamente a este estabelecimento, assistiu aos trabalhos da aula destinada ao sexo feminino. Estiveram presentes 34 jovens alunas,

que executaram, entre outras três peças de música sacra, compostas pelo diretor, duas sobre poesias do Padre Caldas, e uma sobre a letra latina - Ó salutaris hóstia.

O Sr. Ministro do Império conta visitar igualmente a aula dos meninos, e, depois que tiver assistido a todos os

trabalhos do Conservatório, é de crer trate de completá-lo, anexando às aulas rudimentais, únicas que existem, aulas de aplicação, que poderão daqui a algum tempo dar-nos ótimos instrumentistas para nossas orquestras.

A escassez dos recursos é a primeira causa do pouco desenvolvimento que tem tido o Conservatório. Os auxílios concedidos por meio de loterias estão hoje reconhecidos como pouco eficazes, principalmente correndo elas com longo espaço. Fora preferível que o corpo legislativo votasse uma dotação anual, com a qual o governo poderia contar para ir melhorando gradualmente esta instituição.

Hoje ninguém se lembra do Conservatório de Música. Entretanto quem sabe daqui a alguns anos quantas horas agradáveis não nos dará ele por ocasião dos seus concursos e dos seus exames anuais! Quem sabe se ainda não terei de contar aos meus leitores a história de alguma Rosina Stoltz brasileira, educada neste Conservatório, e para quem algum Donizetti também brasileiro escreverá uma nova Favorita.

Talvez julguem que isto são votos de imaginação: é possível. Como não dar largas à imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quase fantásticas, quando a civilização faz prodígios, quando no nosso próprio país a inteligência, o talento, as artes, o comércio, as grandes idéias,tudo pulula, tudo cresce e se desenvolve?

Na ordem dos melhoramentos materiais, sobretudo, cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma coisa útil para o engrandecimento do país.

Não há muito tempo que S.M. teve a bela idéia de fundar em terras de uma fazenda sua uma colônia, que recebeu o nome de Petrópolis. O ano passado, à imitação da primeira, se começou a criar uma nova cidade, à qual se deu o nome de Teresina. Hoje sabemos que uma terceira colônia se vai formar na Serra dos Órgãos, na fazenda do Marsch; já começou a divisão dos prazos, pelo mesmo sistema de Petrópolis.

A situação é a mais aprazível e a mais linda que se pode imaginar: é plana, cortada por um belo rio, e acha-se no alto da serra, num ponto de muita passagem, e por onde talvez tenha de seguir um dos ramais da estrada de ferro do Vale do Paraíba.

A viagem desta corte é a mais cômoda possível. Vai-se até Sampaio em barca de vapor; o resto é um agradável passeio de duas léguas e meia, que se pode fazer de carro, por uma excelente estrada. Reúne, portanto, todas as condições, a comodidade, a rapidez e a segurança.

Isto no estado atual; porque, logo que se começar a povoar o lugar, logo que os habitantes desta corte tiverem gozado aquele clima frio e seco, aquele céu sempre azul, aquelas águas frescas e puras, logo que se estabelecer a concorrência, não faltarão companhias regulares de ônibus e de carros, que ainda tornarão a ida mais breve e mais cômoda. Então não será uma viagem, mas um passeio; poder-se-á almoçar na corte e ir lá jantar-se, mas, jantar-se à hora curial, e não às cinco, como sucede com Petrópolis, por causa da maré.

De maneira que daqui a uns dez ou vinte anos, se as coisas continuarem, em vez de se passar o domingo em Andaraí, Botafogo, ou no Jardim Botânico, iremos a Petrópolis, a Teresina, ou a cidade dos Órgãos; depois do almoço, se estivermos aborrecidos, tomaremos a estrada de ferro e iremos por distração ver correr o Paraíba; de noite voltaremos para o teatro, ou para o baile, e nos recolheremos tendo andado de léguas o que hoje andamos de braças.

Talvez ainda me tachem isto de sonho e de utopia. Será sonho, não o nego; mas que melhor se pode fazer neste tempo de repouso e descanso, do que sonhar? O trabalho vai cessar, as festas aí vêm, cheias de prazeres e de folhas para aqueles que estão alegres e dispostos a goza-las.

As férias começam. Os colégios se fecham desde que concluem os seus exames, os quais este ano já têm mostrado mais zelo da parte dos diretores e mais aplicação nos discípulos. O que se nota apenas é que em cada colégio o menino ressente-se um pouco da influência de uma ou outra especialidade, conforme a educação dos diretores.

Com as férias, com os dias de festa, nem a exposição da Rua do Ouvidor, verdadeira exposição, porque deixa a bolsa dos passeantes exposta a um perigo terrível. Este ano apresenta-se à concorrência uma nova casa brasileira do Sr. C. Lase, que entrou pelos

domínios estrangeiros, mas com um luxo e um brilhantismo que nada tem que invejar às casas francesas.

Se não preferis, pois, o sossego e a tranqüilidade do campo, tereis durante esses dias algumas horas bem agradáveis, vendo passar diante daqueles salões,brilhantemente iluminados, tudo quanto há de elegante e distinto na nossa sociedade.

Tereis ainda o prazer de poder escolher, entre tantas galanterias, uma bem delicada, bem mimosa, como as mãozinhas a que a destinardes; e em paga recebereis algum olhar, alguma palavra de agradecimento, que vos fará andar por ai a roer as unha e a sorrir às pedras das calçadas até o momento em que o cruel e positivo negociante vos traduzir aquele encantador olhar em linguagem de cifra, e lhe der um valor em moeda corrente.

Tudo isto, e os mais divertimentos que gozardes durante a festa, me referireis a primeira vez que nos

encontrarmos no ano seguinte. Em troca vos contarei a festa do campo, os dias passados à sombra a conversar com algum amigo, a contemplar a natureza, e a evocar as lembranças adormecidas de outros dias já passados.

II

Voltemos uma folha ao livro da semana. Um grande pensamento, uma idéia brilhante foi nela escrita pelo amor da pátria, e pelo amor da ciência.

O Instituto Histórico do Brasil celebrou a sua sessão aniversária sexta-feira no Paço Imperial. SS.MM., o seu Conselho de Estado, alguns ministros, o corpo diplomático, e quase todas as ilustrações do país, assistiram a este ato solene, celebrado com as formalidades do estilo.

Depois da breve alocução do Exmo. Visconde de Sapucaí, o Sr. Dr. Macedo, 1.º Secretário, leu o seu relatório dos trabalhos do Instituto durante o ano. É um resumo completo, um pouco longo, como exigia o seu assunto, mas ao qual o seu autor soube, com rara habilidade, dar uma forma amena, e muitas vezes eloqüente. Depois de mostrar a incansável solicitude com que S.M. continua a proteger o Instituto, o Sr. Dr. Macedo passou à enumeração dos trabalhos, e terminou por um belo trecho, notável não só pela boa dicção da frase, como por uma verdadeira apreciação da atualidade.

XVI

Rio, 24 de dezembro

Estamos na véspera do Natal.

À meia-noite começa esta festa campestre, a mais linda e a mais graciosa da religião cristã. Vítor Hugo confessa que não há nada tão poético como esta legenda das Mil e Uma Noites escrita no Evangelho.

Com efeito, tudo é encantador nesta solenidade da igreja, nesses símbolos que comemoram a poética tradição do nascimento de um menino sobre a palha de uma manjedoura. A missa do galo à meia noite, os presepes de Belém, as cantigas singelas que dizem a história desse nascimento humilde e obscuro, tudo isto desperta no espírito uma idéia ao mesmo tempo risonha e grave.

Não é porém, na cidade que se pode gozar deste idílio suave da nossa religião. Censurem-me embora de um lirismo exagerado; mas afinal de contas hão de confessar comigo que no meio do prosaísmo clássico da cidade, entre essas ruas enlameadas, de envolta com o rumor das seges e das carroças, a festa perde todo o seu encanto, todo esse misterioso recolhimento que inspira a legenda bíblica.

É no campo, no silêncio das horas mortas, quando as auras apenas suspiram entre as folhas das árvores, quando a natureza respira o hálito perfumado das flores, que o coração estremece docemente, ouvindo ao longe o tanger alegre de um sinozinho de aldeia, que vem quebrar a calada da noite.

Daí a pouco, luz das estrelas, no meio dessa sombra mal esclarecida, distinguem-se os ranchos de moças, que se encaminham para a igrejinha rindo, gracejando, cochichando, bisbilhotando, como um bando de passarinhos a chilrear em tarde de outono.

A porta da capelinha está aberta de par em par; e a luz avermelhada dos círios, os vapores perfumados do incenso, os sons plangentes do órgão, o murmúrio das preces recitadas à meia voz, enchem todo o corpo do templo. De vez em quando um rumor do campo, o esvoaçar de alguma andorinha despertada de sobressalto pela claridade, vêm interromper alegremente a calma e placidez da festa.

Se quereis tomar o meu conselho, minha amável leitora, não ide à missa do galo nas igrejas da cidade.. Escolhei algumas capelinhas dos arrabaldes, a beira do mar, como a São Cristóvão, cercada de árvores, como a do Engenho Velho, ou colocada nalguma eminência, como a igrejinha de Nossa Senhora da Glória, tão linda com as suas arcadas e o seu vasto terraço.

Ouvi a vossa missa devotamente, isto é, olhando apenas uma meia dúzia de vezes para os lados, e estou certo que voltareis com a alma cheia das mais suaves e mais risonhas inspirações. Sentireis que o culto da religião, quando verdadeiro e sincero, é uma fonte rica de emoções doces, e não traz os dissabores deste outro culto do amor, no qual vós sois algumas vezes o anjo, e muitas a serpente do paraíso.

Bem entendido, se vos dou este conselho, é persuadido que não aspirais aos foros da alta fashion, porque

neste caso deveis ficar na cidade e ir ouvir missa nalguma igreja bem quente e bem abafada, para pilhardes uma boa constipação na saída.

A diretoria do Teatro Lírico, que tem o bom gosto de conservar o teatro aberto neste tempo, não devia deixar de dar algum espetáculo na noite de hoje, a fim de vos preparar por um banho russiano, para a visita das estufas nas igrejas.

É pena que não se lembrassem de repetir o Roberto do Diabo que acaba justamente às 2 horas, tempo em que cantam os galos.

Tudo neste mundo depende das ocasiões, disse-me um dilettante que vós conheceis: - Se a diretoria tivesse sabido aproveitar a noite de hoje, o Roberto do Diabo estaria apenas no purgatório donde naturalmente o conseguiria tirar algum artigo hieroglífico, maçônico ou brâmine, escrito unicamente para os espíritos sublimes. Então não se veria na dura necessidade de conservar o teatro aberto, recordando atrasados e obrigando os acionistas e os assinantes a pagarem as diabruras, não do Roberto, mas de algum São Bartholomeu que não conhecemos.

Eu não concordo com esta opinião. Julguei a princípio que convinha interromper-se os espetáculos por um mês, ao menos, porém hoje estou convencido que o teatro presta uma tão grande utilidade a esta corte, que a polícia devia intervir para que houvesse

representação todas as noites. Se duvidam, vou enumerar-lhes as enormes vantagens econômicas, higiênicas, políticas e morais que resultam do teatro.

Em primeiro lugar, cura constipações pelo sistema homeopático, alivia o reumatismo dos velhos, e dá às mocinhas do tom uma cor baça e amarela, do melhor efeito, a qual os poetas têm convencionado chamar - a palidez romântica. No fim de uma semana ou quinze dias, uma bela menina, viva e rosada, começa a definhar; desmaiam-lhes as cores, os olhos tornam-se febricitantes, o corpo toma um ar de lânguida morbidez.

Para o médico, homem positivo, isto é o sintoma funesto de alguma consunção; mas o poeta, espírito elevado, que tem a pretensão de viver de ar como os camaleões, extasia-se em face desse rosto macerado pelas vigílias satisfeito por achar uma ocasião de aplicar a sublime comparação do pálido lírio languidamente reclinado sobre a haste delicada.

No fim de contas, o médico faz um diagnóstico importante; o poeta escreve algumas centenas de versos no estilo de Byron, ou do Alfredo de Musset. O boticário avia receitas sobre receitas; e o tipógrafo tira duas edições do volume de poesias. Faz-se uma consulta de médicos, enquanto os folhetins e as revistas críticas dissecam e fazem a autópsia dos versos novamente dados à luz. Trava-se a discussão, e no momento justo em que os médicos enchem de cáusticos e cataplasmas a heroína do romance, o país atônito reconhece que surgiu alfim o seu Petrarca, seu Dante, o seu Tasso.

Eis aí, o Teatro Provisório concorrendo para o desenvolvimento literário, e fazendo aprofundar o estudo da medicina. Isto, porém, não é tudo. A diretoria, que empreendeu a regeneração da nossa ópera lírica, visa também a outros resultados mais reais e positivos.

A Charton é a cantora predileta do público, é o rouxinol das belas noites pintadas por Bragaldi, é a rosa perfumada em cujo cálice bubul fez o seu ninho gracioso, e onde se reclina soltando nos ares as ricas melodias de suas notas. Pois bem, a Chaarton continuará a representar pelo verão, sem ter nem sequer um mês de descanso; bubul cantará todo o estio como uma cigarra importuna; a flor se fanará exposta ao tempo, sem sombra e sem abrigo.

Um belo dia a Charton ficará com a voz cansada como a Zecchini; e este público caprichoso e exigente ficará ensinado, e aceitará aí qualquer comprimária que lhe queiram impingir na qualidade de cantora de cartelo.

Então, como a guerra do Oriente e a exposição de Paris não permitirão novos engajamentos na Europa, a empresa, livre de reclamações exageradas, poderá fazer importantes economias, contratando nesta corte algumas cantoras de modinhas para coristas, e promovendo por antiguidade as coristas e comprimárias e as primas-donas: teremos neste caso espetáculos baratos, a pataca e a quinhentos réis. O público tomará o seu banho de vapor pela quinta parte do que paga hoje.

Pouco tempo depois que a diretoria tiver obtido este grande resultado, o público se convencerá que se a música (do teatro lírico), como disse alguém, é o mais suportável dos barulhos, o teatro é o mais insuportável dos suadores.

Os espetáculos, pois, serão abandonados, o dilettante começará a ser uma espécie de mastodonte anti-robertiano, objeto do estudo dos arqueólogos e antiquários, e o barracão terá um destino muito semelhante ao que tem hoje, e ficará sendo uma dependência do Museu.

Não se pode, portanto, deixar de tributar todos os elogios a quem empreendeu e trata de executar com tanta habilidade a útil empresa de desacreditar a era italiana e de nos fazer aborrecer o teatro lírico. Todo o público desta corte deve auxiliar este projeto, por todas as razões, até mesmo porque é de melhor gosto, e mais elegante, nestas noites de calma ir suar no Provisório, do que tomar fresco no Passeio Público.

No teatro olha-se para um camarote, procura-se uma feição mimosa e acetinada, umas faces que são de suave cor-de-rosa, um colo alvo de jaspe, e tem-se o desprazer de ver um rosto açodado, vermelho, mudando de cores, um seio arfando dificilmente sem aquelas doces palpitações que lhe dão tanta graça e tanta sedução; vê-se enfim um belo quadro, uma tela amarrotada cheia de dobras.

Ao contrário, no Passeio Público o quadro realça com a luz do gás, que, ao longe, entre as árvores, semelha um pouco a claridade da luz; todas as noites, mas especialmente nos domingos, a concorrência é numerosíssima. Às nove horas a multidão se retira, o passeio torna-se mais agradável, e começa-se a encontrar-se de espaço a espaço uma ou outra família conhecida, das que freqüentam ordinariamente os nossos salões.

Não nos enganamos, pois, quando dizíamos há tempo que a iluminação a gás concorreria muito para a concorrência do Passeio, e daria ao público desta corte um ponto agradável de reunião. Resta, porém, que se trate de outros melhoramentos, como de reparar ao menos as grades da rua principal, de ceder-se aos dois pavilhões do terraço para neles se estabelecerem cafés decentes que possam servir às famílias, e de fazer-se com que haja música aos domingos, das oito até às dez horas.

Faça-se isto, faça-se alguma coisa mais que or conveniente; e todas as noites em que houver espetáculo lírico, durante a força do verão, eu terei o prazer de ver os mais entusiásticos dilettanti sentados nos bancos de pedra do círculo que forma a rua principal do Passeio, vendo, como eu, passarem os grupos das lindas passeadoras, enquanto apenas um ou outro melomaníaco, com os cabelos pregados na testa, contemplará heroicamente o holocausto lírico da voz da Charton, do Bouché e do Gentile, condenados à rouquidão para assegurar o futuro da ópera italiana, que ficara comprometida nesta corte, se não se cantar nos meses de dezembro e janeiro.

O natal, o teatro, o passeio me iam fazendo esquecer das questões sérias que este ano se guardaram para o tempo das festas, justamente para não deixarem nem um dia de férias ao jornalista. O livro do Sr. De Angelis sobre o Amazonas e ultima,mente o decreto do governo sobre as sociedades comanditárias vieram agitar a imprensa da corte, e fazê-la sair da rotina editorial. Sobre a primeira questão deveis ter lido não só a obra do Sr. P. de Angelis, como os artigos que publicou nesta folha um nosso patrício, conhecido pelo seu talento. Quanto à segunda, esperai mais alguns dias, e vereis sob que aspecto importante ela vai apresentar-se; não vos falo mais largamente a respeito, porque deveis saber que os advogados estão de férias, mais felizes nisso do que os folhetinistas, que não as têm.

Finalmente vou dar-vos uma boa nova. Como a festa é tempo de muita indigestão, podeis contar já com mais trinta e dois médicos, que no dia 18 deste mês receberam o seu grau na Academia Militar, em presença de SS. MM. e de um brilhante e numeroso concurso de pessoas gradas desta corte. O digno diretor da escola recitou um belo discurso e um dos doutorandos, designado pelos seus colegas, agradeceu em nome deles o grau que acabavam de receber, fazendo nesta ocasião acertadas considerações sobre o estudo da anatomia e da fisiologia.

Terminando a sua carreira, vão dar agora o primeiro passo no mundo, e trabalhar para um futuro que a esperança, companheira inseparável da mocidade, lhes aponta tão risonho e tão feliz. Deus os fade bem por interesse seu e da humanidade; e possam um dia, repassando na memória esta primeira página de sua vida, sentirem essas doces recordações do homem feliz que se revive no seu passado.

XVII

Rio, 31 de dezembro de 1854

Antes de tudo, preciso contar-vos um caso singular que me sucedeu há dois dias.

Tinha acabado de ler os contos de Hoffman, sentei-me à mesa, cortei as minhas tiras de papel, e ia principiar o meu artigo, quando chegou-me uma visita inesperada.

Se algum dia fordes jornalista, haveis de compreender como é importuno o homem que vem distrair-vos, justamente no momento em que a primeira idéia, ainda em estado de embrião começa a formar-se no pensamento e quando a pena impaciente espera o primeiro sinal para lançar-se sobre o papel.

Haveis de ver que não há nada neste mundo que se lhe compare; nem mesmo o sujeito que vem interromper-vos precisamente na ocasião em que ides fazer uma declaração de amor, ou o maçante que vos agarra e vos faz perder a hora do ônibus ou da barca.

Por isso, podeis imaginar com que mau humor, e com que terrível disposição de espírito, me prepararei para

receber a tal visita, que escolhera uma hora tão imprópria, a menos que não fosse uma mulher bonita, para quem estou persuadido que não se inventaram os relógios.

A porta abriu-se; e entrou-me um homem já idoso, vestido em trajes de pretendente, de calça, casaca e colete preto. Havia naquele carão um não sei que, um certo ar de ministro demitido, de deputado que não foi reeleito, ou de diplomata em disponibilidade.

Trazia debaixo do braço um maço enorme de jornais, de planos de estrada de ferro, de projetos de navegação fluvial e de regulamentos e leis brasileiras. Quando dei com aquela papelada, fiquei horrorizado e com a idéia de que o sujeito se lembrasse de a desenrolar.

Enfim o homem chegou-se, fez as duas cortesias do estilo, temperou a garganta, e dirigiu-me a palavra.

-É ao Sr. Al. que tenho a honra de falar?

-Um se criado.

-Pois, senhor, eu sou o Ano de 1854.

-O quê?

-Eu sou o Ano de 1854.

Desta vez não havia que duvidar; tinha ouvido bem. O tal homem dos papéis ou era um hóspede que se tinha escapado do Hospício de Pedro II, ou então queria caçoar comigo. Em qualquer dos casos, não ganhava nada com zangar-me; por conseguinte, tomei o bom partido de aceitar a minha visita por aquilo que ela se anunciava.

-Muito bem, senhor; respondi-lhe eu, queria ter a bondade de sentar-se, e dizer-me o que me dá a subida honra de ser visitado pelo Ano de 1854.

-O senhor não ignora que estou breve a concluir a minha carreira política, e a retirar-me de uma vez dos negócios.

-Não, senhor, não ignoro: depois de amanhã, creio que é dia de São Silvestre, dia em que todos os membros de sua família costumam abdicar.

-É verdade, replicou-me o sujeito com um suspiro; depois de amanhã terei cessado de reinar!

-Mas creio que não foi para me dar esta grande novidade que tomou o incômodo de procurar-me?

-Decerto: o que me trouxe aqui foi especialmente pedir-lhe a sua benevolência.

-Como; a minha benevolência?

-Pois o senhor não é folhetinista?

-Tenho esta honra.

-Ora, os folhetinistas costumam sempre fazer a despedida ao ano que finda, e emitir o seu juízo a respeito dos seus atos.

-Não me lembrava dessa! Assim...

-Vinha suplicar-lhe toda a indulgência para comigo, visto a boa vontade que sempre manifestei de bem servir, não só a este país, como a toda a humanidade.

-Meu amigo, a boa vontade só não basta. Os homens estão hoje muito positivos; exigem fatos.

-Passo a apresentá-los.

-Então vamos a isso: espere, deixe-me preparar o papel para tomar meus apontamentos. Agora estou às suas ordens.

-Em primeiro lugar, senhor, mencionarei a estrada de Mauá, o primeiro caminho de ferro que se construiu no Brasil. Isto é uma glória que ninguém me pode roubar; um fato pelo qual a posteridade me abençoará.

-Concordo, sim, senhor; mas que contas me dá das promessas brilhantes da estrada de ferro do Vale do Paraíba, que já se devia estar construindo?

-A culpa não é minha; foi herança que recebi e negócio que já vinha um pouco transtornado. Entretanto, eu organizei a companhia do Juazeiro, e dei começo aos seus primeiros trabalhos.

-Bem, escrevo cá nos meus apontamentos as estradas de ferro; passemos ao mais.

-O senhor lembra-se que fui eu que primeiro empreguei toda a solicitude no asseio e limpeza da cidade...

-Basta, basta!... Por aí advirto-lhe que vai mal. A respeito de limpeza e de asseio da cidade, temos contas a ajustar; o senhor comprometeu-me horrivelmente.

-Eu, senhor! Não é possível!

-Escute-me; quando o senhor começou com as suas azáfamas de asseio das ruas, de regulamentos, etc., eu julguei que o negócio era sério, fiz-lhe o meu elogio, e defendi-o

contra aqueles que o atacaram; mas hoje vejo que tudo aquilo quase que não passou de palavras, e que as ruas continuam a ser charcos de lama.

-Mas, senhor...

-Tenha paciência, deixe-me acabar. Há aí uma pretendida rega, que o senhor pôs em voga, e que só serve de enlamear os passeios todas as tardes: ao meio-dia tudo está seco; quando ameaça chover, aí temos as

carrocinhas a refrescarem as ruas, provavelmente para que a chuva não as constipe.

-Já vejo que neste ponto o senhor está prevenido contra mim.

-Prevenido, não. O senhor caçoou completamente conosco; não tem desculpas.

-Bem, não insisto mais sobre isso; mas creio que não me poderá negar a iluminação a gás.

-Ah! a iluminação a gás! Não estou bem certo, mas tenho uma lembrança vaga de que já é idéia do 53. Entretanto concedo que seja sua. Como se defende o senhor contra as acusações que se lhe têm feito de nos ter roubado o encanto dos belos luares, e de haver privado os namorados daquelas noites escuras tão favoráveis a uma conversinha de rótula, ou a um passeio de Rua do Ouvidor?

-Ora, senhor, esses homens não sabem o que dizem: todo o namorado, toda a mocinha - é coisa sabida - precisa de um pouco de gás. Quanto à lua, é já tão antiga que era bem tempo de acabar com ela. Entretanto esses ingratos, que falam de tudo, não se lembram que lhes fiz um grande benefício, livrando-os da lua.

-E esses eclipses não anunciados na folhinha, a má qualidade do gás, o preço exorbitante dos combustores, o cálculo excessivo da quantidade consumida! Como se defende desta e outras censuras graves que lhe têm feito os jornais?

-A falar a verdade, eu carreguei um pouco a mão; mas, além de outras razões, era preciso não desacreditar o gás, vendendo-o muito barato logo em começo.

-Bela teoria! Mas, como eu não possuo ações da companhia do gás, há de permitir que tome uma nota nos meus apontamentos: “iluminação à gás, ainda não satisfatória e muito cara”.

-Porém...

-É negócio decidido: que mais temos?

-A Rua do Cano.

-Isto é, o projeto da Rua do Cano.

-Eu não tenho culpa que o tempo não me chegasse para leva-lo a efeito.

-Mas tem culpa de haver demorado perto de quatro meses a incorporação da companhia; durante este tempo, se o senhor não se andasse divertido com questões de prerrogativas municipais, podia ter ao menos dado começo àquela obra importante.

-De maneira que o senhor não me concede nem a Rua do Cano?

-Concedo-lhe o projeto, e nada mais: a idéia creio que foi de 53.

-Pois bem, passemos agora a uma outra ordem de coisas. Fui eu que iniciei na Câmara dos Deputados diversos projetos importantes; que efetuei a reforma da instrução pública e reorganizei a Academia das Belas-Artes. Parece-me que esses fatos são títulos à estima pública.

-Certamente, sou o primeiro a confessar; é verdade que eu tenho minhas dúvidas sobre alguns desses melhoramentos; mas isto são coisas que eu tratarei de deslindar com o seu sucessor, que amanhã deve-se mandar o seu bilhete de faire part.

-É preciso não esquecer as condecorações do dia dois...

-O quê? O senhor toma-me por algum oficial da secretaria do Império?

-Como! O senhor mesmo já não me elogiou por ter tido a idéia deste fato?

-Está enganado; elogiei-o por ter cumprido o legado dos cinco anos passados; e, de mais, isto é uma coisa que pode dar glória a um dia como o 2 de dezembro, mas nunca a um ano como o senhor.

-Finalmente esta cidade não pode deixar de agradecer-me o não ter querido imitar aquele malvado 1850.

-Parece sepultis, meu caro.

-Perdão, senhor: não quero falar mal de ninguém; mas, à vista daquele ano, acho que se deve levar-me em conta a ausência da febre amarela e de outra qualquer epidemia.

-Ora, é boa! Nisso não fez o senhor mais do que cumprir o seu dever.

-Entretanto...

-Espere... espere... lembra-me agora; e aquele grande medo que o senhor nos meteu com o cólera!

-Ora, senhor! Retorquiu-me o sujeito com um risozinho malicioso!

-Explique-se.

-Aqui em segredo; aquilo foi um negócio com os médicos.

-Não se zangue, senhor; lembre-se do que eu fiz pelos advogados com a questão das sociedades comanditárias; do que fiz pelos jornalistas, à quem presenteei com uma boa quantidade de pufs; lembre-se, finalmente, que esse mesmo receio do cólera deu-lhe matéria para um folhetim em ocasião em que o senhor estava bem apertado.

-Bem; o dito por não dito. A respeito da salubridade pública pode ficar descansado.

-Agradeço infinitamente a V. S.

-Não se apresse tanto; talvez no fim tenha muito que agradecer-me. Até aqui tem o senhor alegado os seus

direitos; agora há de permitir-me que capitule as minhas queixas. Trate, portanto, de defender-se, bem.

-Farei o que puder.

Havia algum tempo que me parecia que o tal sujeito ia emagrecendo de uma maneira espantosa, e tornando-se delgado como um varapau; mas, como era alta a noite, atribuí isto à alucinação da vista, efeito talvez da fadiga e dos raios amortecidos da luz, que mal esclarecia o vasto aposento. Não fiz, portanto, muito caso disto, e tratei de continuar a minha singular conversação.

-Meu caro senhor, sinto dizer-lhe que o senhor, embora me desse alguns momentos de prazer, contudo fez-me muitos males, e um principalmente que eu não lhe posso por maneira alguma perdoar.

-Qual, senhor?

-O ter-me feito mais velho um ano.

O homem ficou fulminado. Eu continuei:

-Roubou-me uma boa parte daquelas ilusões dos primeiros anos da mocidade; desfolhou-me algumas dessas flores que nascem nos seios d'alma, orvalhadas com as primeiras lágrimas do coração, e que perfumam os sonhos mais belos desta vida.

Cada dia, cada hora, cada momento que passa, rouba-nos um pouco dessa poesia sublime, que embeleza os nossos prazeres e consola as nossas dores. Lá vem tempo em que a alma perde as suas asas de ouro, asas que Deus lhe deu para voar ao céu.

O que há neste mundo que valha os nossos sonhos cor-de-rosa, as nossas noites de plácida contemplação, os idílios suaves de nossa imaginação a conversar com alguma estrela solitária que brilha no céu, semelhante a essas amizades santas.

Qui se cachent parfois em nos heures d'azur,

Et reviennent à nous em entendant nos plaintes?

Quando todas essas flores murcham, que resta para encher o vácuo que fica em nossa alma? Nada: o tempo foge rapidamente, e apenas deixa uma ruga na face, alguns cabelos brancos na cabeça, e um número de mais à soma dos nossos dias.

-Não, Com os anos aí vem os pensamentos sérios, as grandes coisas, a glória, a ambição, a política, as honras, os estudos graves. Confesse que isto vale mais do que todas estas frivolidades que preocupam o espírito da mocidade, e com as quais se gasta o tempo inutilmente.

Chama a isso frivolidades? O que é então que há neste mundo de sério e de real? A glória, porventura? É interessante; trata-se de bagatela o amor, as verdadeiras afeições, as mais belas expansões de nossa alma, zomba-se do homem que segue por toda parte

em vestidinho de uma certa cor, que se mataria por um sorriso, e que guardaria preciosamente uma flor murcha que caísse de um buquê.

Entretanto vós, homem sério e grave, que calculas refletidamente, que do alto da vossa importância lançais um olhar de desprezo para essas futilidades do mundo, que fazeis vós?

Sacrificais a vida, a preguiça, o prazer, como diz Alfonse Karr, para um dia atar à gola da casaca uma fita de uma certa cor. Enquanto nós suplicamos um sorriso de uma bela mulher, vós daríeis um dedo da mão pelo sorriso do ministro ou do conselheiro de Estado.

Desprezais a moda; é uma coisa ridícula, mas sonhais noite e dia com a farda bordada. Se nós esquecemos tudo para, em um momento de expansão, colher numa linda boquinha rosada duas palavras que nos abrem o céu, vós renegais os amigos, prostituís a consciência unicamente para ter o prazer de ouvir (qu glória!) um passante dizer-vos - Sr.Barão.

Oh! se tudo é ilusão e quimera neste mundo, meu Deus, deixai-me os lindos sonhos da mocidade, deixai-me as visões poéticas de meus vinte anos, as minhas horas de cismar, deixai-me todas estas futilidades, e reservai para outros as coisas sérias, calmas e refletidas. Mas isto é um vão desejo. Daqui mais a alguns anos tudo terá passado, e também entraremos, como os outros, na luta dos homens graves e sisudos, e, como eles, lançaremos um olhar de desdém para essas páginas douradas da nossa vida. Apenas, nas horas da solidão, nos virá encantar a doce recordação desses belos dias em que tínhamos, como diz Lamartine:

Um flot calme, um vent dans as voile;

Toujours sur as tête une étoile,

Une espérance devant lui.

Não sei se dizia, ou se unicamente pensava todas estas coisas. Tinha-me esquecido do meu hóspede.

Deu meia-noite. Senti um estalar de juntas. Voltei os olhos para o sujeito. À última pancada do relógio, um outro homem se destacou do primeiro e desapareceu.

Obstupui, steteruntque comae, et vox faucibus hoesit. Fiquei pasmo. Decididamente passava-se naquele momento alguma coisa de fantástico e de sobrenatural.

Entretanto o sujeito, calmo, mas repentinamente emagrecido, olhava-me com um semblante tranqüilo, um

pouco melancólico.Compreendeu o meu espanto, e respondeu à pergunta muda que lhe fazia o meu olhar espantado:

-É o dia 29 que acabou, e que se foi embora. Só me restam agora dois dias de vida.

Esta resposta ainda mais me atordoou. Mas afinal, como o meu companheiro esperava pacientemente a continuação da conversa, tomei uma resolução; acendi o meu charuto na vela que estava quase a apagar-se, e fui por diante, disposto a não me admirar de mais coisa alguma.

Palestramos muito tempo. Dissertamos sobre a guerra do Oriente, sobre a Europa, e mais largamente sobre os futuros destinos do Brasil. Contou-me algumas crônicas escandalosas, que presenciou, referiu-me muita anedota engraçada e muita história galante.

Viemos a falar do teatro; e ele confessou-me francamente que, a princípio, tentou deita-lo a baixo com o negócio das tesouras, e mesmo com algumas chuvas e com a grande ventania do mês passado. Que infelizmente não o conseguiu; e por isso assentou de torna-lo a coisa mais ruim e a mais desenxabida, para ver se assim se resolvem cuidar da ópera lírica, e a construir um edifício digno desta corte.

Por fim, já pela madrugada, comecei a fechar os olhos insensivelmente, e não sei o que mais se passou.

Agora, meu leitor, se vos destes ao trabalho de ler o que ai ficou escrito, talvez desejeis saber a explicação disto. É muito simples. Tinha, como vos disse, acabado de ler alguns contos de Hoffman. Suponde que, como eu, folheais uma daquelas páginas, e segui a regra da antiga sabedoria - Nihil admirari.

XVIII

Rio, 8 de janeiro de 1855.

Et une annèe entière a replié ses ailes

Dans l'ombre d'une seule nuit!

(Lamartine)

Ainda vos lembrais do ano passado? Ainda não esquecestes a última noite de 1854?

Era uma noite de luar, mas turva e carregada. O céu cobria-se de nuvens. A natureza estava calma e sossegada. As horas corriam silenciosamente.

Deu meia-noite. Um ano terminava, um ano começava. Mas nem um sinal, nem um vestígio atestava essa grande revolução do tempo que se acabava de consumar.

Tudo continuava tranqüilo. A noite seguia o seu curso ordinário, e a lua deslizava solitária por entre as nuvens cinzentas e carregadas que alastravam o céu.

Que importava, com efeito, que essa hora que soava marcasse o termo de um ano? Que importava que a fraca inteligência do homem procure limitar a obra de Deus?

O tempo corre eternamente; os dias se sucedem como os meses, como os anos e os lustros. Um século que acaba, uma idade que finda, um mundo que desaparece, é sempre a rápida transição de um segundo, é apenas um instante que passa.

Todos nós sabemos isso; todos nós vamos correr o tempo com indiferença; e entretanto o coração nos palpita com emoção quando ouvimos soar esta hora fatídica da meia-noite, que marca o fim e o começo de um ano.

É quase impossível reprimir nesse instante solene um movimento involuntário, que nos faz volver um olhar saudoso ao passado e procurar no fundo d'alma algum vago pressentimento, alguma promessa risonha, que nasce subitamente como o novo ano que começa.

Na vida de alguns homens esse rápido instante é o cântico de um belo poema. Recordações dos dias que passaram, saudades de uma quadra feliz, culto respeitoso a algumas reminiscências sagradas, aspirações de glória e de ambição, fé em Deus, esperança no futuro, todas estas grandes coisas lhes perpassam confusamente na fantasia, brilham rapidamente, e se extinguem como esses fogos brilhantes que sulcam as trevas nas noites calmas e serenas.

Para aqueles que ainda se deixam involuntariamente dominar pela poética e graciosa ficção do ano-bom, este dia é um oráculo cheio de presságios e de vaticínios. Quanto desejo querido, quanto voto ardente, não vem afagar no fundo desses corações aquela primeira aurora do ano! Neste dia pensa-se naquilo que mais se ama no mundo, janta-se no seio da família, visita-se os amigos e troca-se mutuamente as boas entradas de ano, os presentes de amizade, as étrennes.

E assim no meio de tudo isto, no meio desses cuidados e desses prazeres, dos receios e das esperanças

novamente criadas, esquecemos a verdadeira e talvez única realidade deste dia. Um ano que passa - um outro ano que vem, e com ele a idade e a velhice..

Bem entendido, não falo aqui de certa gente, que desejaria que um ano fosse um minuto, e que passasse como uma hora de tédio, ou um dia de convalescença. Parece incrível, porém não é menos verdadeiro.

Logo em primeiro lugar temos o pretendente à senatoria, que se acha na idade crítica dos trinta e nove anos. Vem depois o órfão que espera os vinte para requerer suplemento de idade, e empolgar a herança paterna. Finalmente a menina que desterra as malditas calças e o vestido curto, e entra no rol das moças em estado de casar; e o estudantinho de latim, que todos os dias procura no queixo as promessas de um buço rebelde, e que suspira pelo dia em que se emancipará do colégio e conquistará a santa liberdade da academia e o direito de fumar o seu charutinho.

É preciso não esquecer o sujeito que tem os seus cinqüenta e nove anos, e que deseja os sessenta para ver-se livre da guarda nacional e do recrutamento; nem também o empregado público que suspira pelo último ano para a jubilação, e o juiz de direito que está a completar o tempo de ser promovido à primeira entrância.

Para esses o novo ano é sempre alegre e feliz; é o ano da salvação. Mas para nós, que não estamos nesse caso, que nos prometerá este ano, que nasceu no meio da chuva como um sapo, tendo por madrinha a lua cheia ?

Será isto, mau agouro, como entendem as velhas, ou será ao contrário um presságio de abundância e fertilidade, que nos livrará da carestia dos gêneros e não nos deixará mais à mercê das usuras de alguns marchantes?

Creio antes esta última versão. Já não me fascinam essas promessas brilhantes que nunca se realizam. Embora turvo e carrancudo, o ano novo para mim se anuncia cheio de futuro e de propriedade para o meu país.

Ninguém sabe que encantadores mistérios, que risonhos segredos ocultas no teu seio. Ninguém sabe quanto primor, quanta graça, quanto mimo de beleza, tuas asas de ouro esparzirão sobre alguma cabecinha virgem que ainda brinca com os sonhos da infância!

Vêm, novo ano! Vem como o hábil artista do tempo dar os últimos toques a alguma bela estátua moldada pela natureza, e arredondar a curva graciosa, as ondulações suaves de umas formas encantadoras!

Vem, como o sopro de Deus, como o fogo do céu, desabrochar uma rosa ainda em bastão; perfumar a florzinha delicada que apenas começa a abrir os seios às auras da vida, e tecer de fios de ouro os dias de uma existência pura e tranqüila!

Vem igualmente dar um pouco de juízo a muita cabecinha louca que aí anda às voltas por este mundo, tirando o juízo a quem o tem! Vem fértil de maridos, de bailes, de teatros, de modas, de casamentos. Traze-nos da Europa algumas boas cantoras; e não te esqueças de substituir a anarquia que hoje reina no teatro por uma ópera digna de ti e da boa sociedade desta corte. Para isto já tens o projeto de uma nova companhia lírica no Teatro de S. Pedro Alcântara, o qual podes realizar perfeitamente.

Quando tiveres feito todas estas coisas, meu caro, tem paciência, toma a vassoura e a carrocinha, e trata de varrer e de limpar as ruas da cidade, no que farás um grande serviço. Estimarei que removas ao menos a lama de algumas ruas, porque então ser-me-á possível especializar as outras, e defender-me assim da censura que me fizeram nesta folha e no Jornal do Comércio por ter falado geralmente; como se a culpa fosse minha, de não poder achar uma exceção à falta de asseio!

Acho escusado dizer-te que dispensamos o calor de oitenta graus, as febres de qualquer cor que sejam, as guerras por mais interessantes que te pareçam. Quando muito, para quebrares a monotonia do tempo, ficas com o direito salvo de elevares a temperatura até o ponto de desejar-se o sorvete e os gelados; e de produzir algumas intermitentes, para que os médicos não esqueçam de todo a ciência. Em vez de guerras do Oriente, podes fazer aparecer alguns processos monstros, daqueles que passam a quarta geração, e que os advogados ingleses dão de dote às suas filhas.

Se quiseres este programa essencialmente conciliador podes contar comigo. Escrever-te-ei as mais pomposas efemérides de que haja notícia no mundo; e em dezembro far-te-ei um epitáfio, digo, um retrospecto, que ocupará as colunas do Correio Mercantil durante oito dias consecutivos.

E para começar vou já cuidando em traçar a história desta primeira semana que começa pelas étrennes e acaba pelas cantilenas dos Reis. A chuva, as tardes de trovoadas, o tempo enfarruscado, entristeceram quase todos estes dias.

Na sexta-feira, porém, uma bela noite de luz, fresca e agradável, parecia convidar as alegres procissões que lembram a antiga tradição dos três reis magos, vindos do Oriente guiados por uma estrela para adorar o Menino Jesus.

Hoje, como todos os antigos costumes, esta festa vai caindo em desuso. Já quase não se vêem nesta corte aquelas romarias folgazãs, aqueles grupos de pastorinhas, aquelas cantigas singelas que vinham quebrar o silêncio das horas mortas.

A noite de Reis atualmente é apenas a noite das ceias lautas, dos banquetes esplêndidos; de maneira que, a julgar da tradição pelas festas de agora, dir-se-ia que os reis magos eram três formidáveis comilões, que vieram do Oriente unicamente para tomarem um fartão de peixe, de ostras, de maionese e gelatinas.

Em todas as épocas o homem teve a balda de desfazer no presente e de encarecer o passado. “No nosso tempo era outra coisa” dizem os velhos desde o princípio do mundo. Entretanto, seja pelo que for, seja que aquilo que passou exerça sobre a nossa imaginação um prestígio poderoso, o que é verdade é que nossos pais sabiam divertir-se melhor do que nós.

Outrora todas as festas tinham o seu quê de original, o seu cunho particular que as distinguia uma da outra. O Natal era a festa do campo; tinha a sua missa do galo à meia-noite, as suas alegres noitadas ao relento, os seus presepes toscos, mas encantadores. Logo depois vinham os Reis com as suas cantigas, as suas romarias noturnas, as suas coletas para o jantar do dia seguinte. São João tinha as suas fogueiras, os seus horóscopos à meia-noite. Ao Espírito Santo armavam-se as barraquinhas, e faziam-se leilões de frutos e de aves.

Presentemente todas as festas se parecem. Um baile, uma ceia, e tudo feito. Desde o princípio ao fim do ano vai-se ao baile ou ao teatro. Isto ainda seria suportável, se procurassem conformar esta espécie de divertimento à estação que reinasse.

Agora, Poe exemplo, que entramos na força do verão, como não seriam agradáveis alguns bailes campestres, onde se dançasse à fresca, entre as árvores, nalgum pavilhão elegante levantado no meio de jardins? As moças trajariam seus lisonjeiros vestidinhos brancos próprios da estação; os cavaleiros usariam de um toilette de verão. Nada de rigorismos diplomáticos e de penteados sobrecarregados de enormes jardineiras.

Há nesta corte uma Sociedade Campestre que se podia incumbir de realizar esta idéia; porém infelizmente parece que ela vai marchando rapidamente para sua completa extinção. De campestre só tem o título; no mais é uma sociedade como as outras, com a diferença que dá as suas partidas num pavilhão muito sujo, muito velho e de muito mau gosto.

Houve a lembrança o ano passado de reabilita-la, e para isso comprou-se um terreno para uma casa; distribuíram-se as ações pelos sócios, e recebeu-se a primeira prestação. Planejou-se, calculou-se, e por fim não se fez nada, na forma do costume. O terreno está a vender, e os sócios que esperem pelas calendas gregas para serem reembolsados do seu dinheiro.

Entretanto parece-me que a sociedade ainda tem muitos elementos que se podem aproveitar; e que, se alguém procurasse dar-lhe um salutar impulso, poderíamos vir a ter uma reunião bem agradável. Então a sociedade devia limitar as suas partidas campestres aos seis meses de verão, e deixar os outros seis meses para os bailes aristocráticos do Cassino e para os saraus brilhantes que costumam aparecer naquela quadra do ano.

Temos conversado tanto e sobre tantas coisas, que deixo ainda muita idéia bonita que aí fica com as outras no fundo do tinteiro, esperando a sua vez de se entenderem sobre o papel. Para as idéias é este um dia de baile; a pena faz-lhes o toilette, como uma criada grave; e, depois de bem vestidinhas e bem elegantes, largam-se pelo mundo a namorar, a torto e a direito, a fazer epigramas e a dizer graças, a bolir este e com aquele, até que um dia ninguém faz mais caso delas.

Antes, porém, de deixar-vos, minha gentil leitora, quero dar-vos as minhas étrennes, embora não vos lembrásseis de mandar-me as festas. O meu cadeau é uma notícia, que

creio haveis de apreciar tanto quanto ela merece. Com o novo ano vai continuar (ou já continuou) a ser publicado um lindo jornal italiano e português, do hábil professor Galleano Ravara. Já prevejo com que prazer acolhereis a fride, que, como uma boa mensageira, irá falar-vos a doce e rica linguagem do Tasso, do Dante e de Petrarca, e recordar-vos aquelas palavras de Romeu e Julieta, quando ouviam cantar o rouxinol e a cotovia ao raiar da alvorada.

Por enquanto contentai-vos com estas doces recordações que vos avivarão saudades da Stoltz e das belas noites do nosso teatro italiano. Dizem, porém, que daqui a algum tempo tereis mais do que simples reminiscência: prometem-vos uma cena lírica, onde verdadeiros artistas executarão as obras-primas dos maestros antigos e modernos. Cumprir-se-ão tão belas promessas?

Como sabeis, formou-se nesta corte uma associação para montar no Teatro de S. Pedro de Alcântara uma companhia italiana de primeira força. Já foram publicadas nesta folha as bases da nova sociedade que intenta levar a efeito aquele projeto.

No estado em que se acha a nossa cena lírica, semelhante idéia é um grande benefício. A nova empresa vem promover uma salutar emulação entre os dois teatros, e destruir o monopólio que até agora tem existido, com grave prejuízo do público.

Além deste melhoramento, que resulta do simples fato da concordância, a organização de uma sociedade deste gênero pode trazer muitas vantagens importantes. Os bons espetáculos, o exemplo e a lição de artistas de mérito, hão de necessariamente desenvolver entre nós o verdadeiro estudo da música italiana, e aproveitar muito aos talentos nacionais que aparecerem.

Se a nova sociedade realizar as suas idéias, se, em vez de amostras líricas, nos der verdadeiras óperas, ainda continuará a admitir-se a absoluta necessidade de uma subvenção do governo? Ainda haverá empresa desinteressada que receba 120 contos de réis do tesouro para carregar com um déficit enorme?

Estes exemplos de filantropia desaparecerão infelizmente; porém o governo economizará por ano uma centena de contos, que poderá destinar à construção de um teatro nacional ou de uma pequena ópera, feita pelo modelo dos melhores teatros da Itália e da Alemanha.

A nova empresa tem de lutar com imensas dificuldades; mas se conseguir vence-las, o teatro de S. Pedro de Alcântara virá a ter as suas belas noites, e reunirá no seu pequeno salão a fina flor da sociedade desta corte.

Que importa que estas noites custem mais caro?

Todos conhecerão que este aumento de preço é puramente nominal, uma noite em que, além de uma brilhante reunião se tem o prazer de ouvir a verdadeira música de Rossini, de Verdi e de Bellini, de Donizetti e de Meyerbeer, vale mais do que quatro ou cinco noites de ensaios no Provisório, onde algumas vezes se canta para os bancos e para os camarotes vazios.

Entretanto cumpre que a sociedade, desprezando os funestos precedentes do nosso teatro, guarde toda a lealdade nos seus empenhos com o público, e se esforce por manter aquela ordem e regularidade tão necessária à comodidade dos espectadores e aos próprios interesses da sociedade.

Assim, os espetáculos devem ter dias certos e determinados na semana, e começarem a horas precisas, nunca excedendo de meia-noite.

Seria muito útil que se estabelecesse também o costume de interromper os espetáculos durante os dois ou três meses da força do verão. Esta interrupção, cuja vantagem ainda não se compreendeu entre nós, facilita à empresa o estudo e preparo de novas óperas, e dá-lhe tempo de contratar novos artistas na Europa.

Realizando a nova sociedade estas condições, pode contar da nossa parte com um apoio fraco, mas leal. Ao contrário, se não corresponder às suas brilhantes promessas não se poderá livrar de uma grave censura; e os nomes que nela se acham empenhados terão de responder ao público e à imprensa pelos males que possam ocasionar ao nosso teatro.

XIX

Rio, 14 de janeiro

As sociedades em comandita, eis a questão do dia. O abecedário inteiro tem saído a campo; e cada letra é um novo campeão que desce à liça do combate.

Todas as armas têm sido tomadas. A lógica, o estudo profundo do objeto, a dialética de uma argumentação vigorosa, ressaltam nos primeiros artigos, publicados no Jornal do

Comércio e assinados por duas iniciais, que, como todos sabem, denunciam uma das nossas capacidades, um dos espíritos mais bem organizados em matéria de jurisprudência.

Abrangendo a questão num ponto de vista largo e profundo, aqueles artigos desenvolveram a questão comanditária desde a sua verdadeira base até as últimas conseqüências do decreto de 13 de dezembro de 1850.

Há poucos dias um dos advogados mais distintos do nosso foro nos dizia, a respeito destes artigos, que poderiam ter sido escritos por ele: Não é um artigo de jornal, é um tratado.

No Correio Mercantil a questão tomou outra face; mas foi habilmente tratada. A pena que defendeu o ano passado o projeto de reforma judiciária, que se discutia na câmara, veio de novo à imprensa para sustentar o decreto do governo, com os conhecimentos, com o estilo claro e fluente de que já havia dado provas.

Infelizmente, porém a questão não se manteve na altura a que a tinham elevado os dois ilustres membros da magistratura e da classe dos advogados.

Insinuações pessoais, alusões injustas e deslocadas, vieram tomar o lugar de argumentos, e responder àquilo que o direito, a justiça e os princípios de razão haviam estabelecido no desenvolvimento da questão.

Por ora a discussão tem sido unicamente entre as consoantes; as vogais conservam-se neutras, e esperam talvez o resultado da luta para emitirem, com verdadeiro conhecimento de causa, uma opinião conscienciosa.

Se os espíritos graves se preocupam com esta questão interessante, com as últimas notícias do Oriente, e com o resultado provável da nossa Guerra do Paraguai, os outros pensam no carnaval, que o seu cortejo de folias e extravagâncias.

O carnaval!... Enquanto ele está longe, enquanto ele não vem transtornar o juízo com os seus momos grotescos e suas voluptuosas bacantes, aproveitemos a ocasião, e falemos sério a seu respeito.

Creio que são inteiramente infundados alguns receios que há de vermos reviver ainda este ano o jogo grosseiro e indecente de entrudo, que por muito tempo fez as delícias de

certa gente. Além das boas disposições do público desta corte, devemos contar que a polícia desenvolverá toda a vigilância e atividade.

Depois que o Sr. Desembargador Siqueira, entre tantos outros benefícios que nos fez, conseguiu extinguir esse antigo costume português, a polícia carrega com uma responsabilidade muito maior do que nos anos anteriores. Outrora era um uso arraigado com o tempo, e por conseguinte difícil de extirpar; hoje seria um abuso, que só a negligência poderia deixar que se renovasse.

Muitas coisas se preparam ente ano para os três dias de carnaval. Uma sociedade criada o ano passado, e que conta já perto de oitenta sócios, todos pessoas de boa companhia, deve fazer no domingo a sua grande promenade pelas ruas da cidade.

A riqueza e luxo dos trajes, uma banda de música, as flores, o aspecto original desses grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio dos máscaras, o primeiro que se realizará nesta corte com toda a ordem e regularidade.

Quando se concluir a obra da Rua do Cano, poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as belas tardes do Corso em Roma.

Entretanto a sociedade teve já este ano uma boa lembrança. Na tarde de segunda-feira, em vez do passeio pelas ruas da cidade, os máscaras se reunirão no Passeio Público, e ai passarão a tarde, como se passa uma tarde de carnaval na Itália, distribuindo flores, confete, e intrigando os conhecidos e amigos.

Naturalmente, logo que a autoridade competente souber disto, ordenará que a banda de música que costuma tocar ao domingo guarde-se para a segunda, e que em vez de uma, sejam duas ou três.

Confesso que esta idéia me sorri. Uma espécie de baile mascarado, às últimas horas do dia, à fresca da tarde, num belo e vasto terraço, com todo o desafogo, deve ser encantador.

O que resta é que as nossas patrícias, todas mimosas e aristocráticas como são, não se deixam levar de velhos prejuízos, e continuem a temer a simples vista de uma máscara como de uma coisa perigosa.

Todos os membros da sociedade são pessoas delicadas e do mais fino trato; e por conseguinte podem ter certeza que quaisquer palavras, qualquer galantaria, não serão capazes de ofender nem sequer uma suscetibilidade.

Assim, pois, cessem estes escrúpulos. Quando vos oferecem com tanta amabilidade uma bela ocasião de gozar de algumas horas de prazer, não está bem da vossa parte uma recusa e um completo desdém. Ao contrário, mostrai que lhe dais algum apreço, porque isto nos animará a fazer uma outra coisa que ainda está em muito segredo, mas que eu vos conto em confidenza, com a condição de que ficará entre nós unicamente.

Lembram-se alguns amigos, a conversar a respeito do carnaval, que era possível dar-se um baile de máscaras no qual vós pudésseis tomar parte, e não ser simples espectadores, como nos teatros.

Querem ver que já estais a fazer algum muxoxo de desdém, e a pensar que todos os anos se fala nisto e que nunca se chega a efetuar. Paciência! Tanto se há de falar que um dia a coisa se há de realizar. Mais vale tarde do que nunca.

Entretanto suponde que a diretoria do Cassino toma a peito esta idéia, e que com os mesmos sócios do Cassino, e com algumas outras pessoas aprovadas por ela, forma uma nova sociedade filial para dar todos os anos um baile mascarado, começando por este carnaval.

Feito isto, ainda duvidareis do bom êxito da nossa lembrança? Estou certo que não. Vós conheceis os diretores do Cassino, e vos lembrais dos bailes magníficos que nos tem dado o seu amável presidente. Assim, pois, a dificuldade está em convence-lo. Pedi-lhe; e não se me dá de apostar que é coisa feita.

Como já deveis estar aborrecida da prosa chã e rasteira deste artigo, dou-vos uns lindos versinhos que li num álbum um destes dias. Se os quereis achar ainda mais bonitos do que eles realmente são, suponde que vos foram dedicados.

XX

Rio,21 de janeiro

Sexta-feira, era tarde da noite. Pensava, não me lembra a que propósito.

Se há coisa que dê asas ao pensamento, que solte o vôo à fantasia, é uma dessas mudas contemplações pelo silêncio da noite, quando num momento de tédio o espírito se revolta contra as misérias do presente, e procura além no futuro, ou nos tempos que passaram, um novo elemento de força e de atividade.

A imaginação se lança no espaço, percorre mundos desconhecidos, atravessa o tempo e a distância, e vai muitas vezes acordar os ecos do passado, revolver as cinzas das gerações extintas, ou contemplar as ruínas de uma cidade opulenta, de um vasto império abatido.

A história se desenha então como um grande monumento. Ao volver-lhe as páginas, volvem-se os séculos. Os anos correm por minutos. As raças que desapareceram da face da terra se levantam do pó, e passam como sombras fugitivas. Cada folha do grande livro, é o berço de um povo, ou o túmulo de uma religião, um episódio na vida da humanidade.

Era tarde da noite.

Ao redor tudo estava tranqüilo. A cidade dormia; o silêncio pairava nos ares. Apenas algumas luzes suspensas na frente de uma ou outra casa, e perdidas no clarão do gás, faziam reviver do esquecimento uma grande recordação da nossa história.

Havia apenas vinte dias que começara o novo ano; e esses dias, que agora corriam tão calmos e tranqüilos, há mais de três séculos passavam e repassavam sobre esta cidade adormecida, deixando-lhe sempre uma data memorável, escrevendo-lhe o período mais brilhante dos seus anais.

O tempo, por uma coincidência notável, parece ter confiado ao mês de janeiro os maiores acontecimentos, os destinos mesmos desta grande cidade que dele recebeu o seu nome, que com ele surgiu do seio dos mares aos olhos dos navegantes portugueses, e neles recebeu o primeiro influxo da civilização e ergueu-se das entranhas da terra para um dia talvez vir a ser a rainha da América.

E todas essas recordações se traçavam no meu espírito vivas e brilhantes. As sombras se animavam, os mortos se erguiam, o passado renascia.

Aquela massa negra da cidade que se destacava no meio da escuridão da noite levantava-se aos meus olhos como um pedestal gigantesco, onde de momento a

momento vinha colocar-se uma grande figura de nossa história, que se desenhava no fundo luminoso de um quadro fantástico.

Era uma visão como o sonho de Byron, como a cena da gruta no Mackbeth de Shakespeare.

Vi ao longe os mares que se alisavam , as montanhas que se erguiam, as florestas virgens que se balouçavam ao sopro da aragem, sob um céu límpido e sereno.

Tudo estava deserto. A obra de Deus não tinha sido tocada pela mão dos homens. Apenas a piroga do índio cortava as ondas, e a cabana selvagem suspendia-se na escarpa da montanha.

A bela virgem da Guanabara dormia ainda no seio desta natureza rica e majestosa, como uma fada encantada por algum condão das lendas de nossos pais.

A aurora de um novo ano - de 1531 - surgia dentre as águas, e começava a iluminar esta terra inculta. Algumas velas brancas singravam ao longe sobre o vasto estendal dos mares.

Passou um momento. A figura de Martim Afonso destacou-se em relevo no fundo desta cena brilhante, e tudo desapareceu como um sonho que era.

Mas um novo quadro se desenhou no meu espírito.

No meio de um povo em lágrimas, ergue-se o vulto imponente de um fidalgo português. Sua vida lia-se no dístico gravado sob o pedestal em letras de ouro:

Arte regit populos, bello proecepta ministrat;

Mavortem cernit milite, pace Numam

Ergueu-se. Era o Conde de Bobadela. Contemplou um instante esta cidade que havia governado vinte e nove anos e cinco meses, esta cidade que tinha aformoseado e engrandecido. Depois deitou-se no seu túmulo e passou. Um grande préstito fúnebre o seguiu.

Novo quadro ainda se desenhou no meu espírito.

Vi um combate naval.. Vi o assalto de uma fortaleza - de Villegaignon. A fumaça envolve os combatentes; ronca a artilharia; a de flecha voa com o pelouro; a piroga do selvagem lança-se no ataque..

Um cavalheiro desconhecido atira-se ao mais forte da peleja e anima os combatentes portugueses. Seu corpo é invulnerável, suas palavras excitam o entusiasmo e a coragem. Dir-se-ia que uma auréola cinge a sua cabeça.

Mais longe o general português expira, e seus soldados redobram de esforço e de valor para vingar a sua morte, e para ganhar enfim uma vitória tão valentemente disputada pelos franceses.

Terminou o combate. Aquele soldado, que com a ponta de sua espada, ainda tinta do sangue do inimigo, traça sobre o campo da batalha a planta de uma nova cidade - é Estácio de Sá, o fundador do Rio de Janeiro.

A pequena colônia começou a estender-se pelas ribeiras da baía, e cresceu no meio desta terra cheia de força e de vigor. De simples governo passou a vice-reinado; depois à capital de um reino unido; e por fim tornou-se a

corte de um grande Império.

Mas que vulto é este que assoma no meio do entusiasmo e da exaltação patriótica do povo agradecido? Não tem ainda a coroa, nem o manto; mas há nele o tipo de um grande imperador, de um herói.

É D. Pedro I, que, em resposta à representação do senado, da câmara e do povo da cidade, profere essa palavra memorável, que decidiu do futuro do Brasil, e que, firmando as primeiras bases da nossa independência política, concorreu igualmente para elevar o Rio de Janeiro a capital do novo Império.

Contemplei por muito tempo, tomado de santo respeito, esse tipo simpático de um monarca cavalheiro, que deixou na nossa história os mais brilhantes traços de sua vida.

Lançando os olhos sobre esta cidade, que ele tanto amara seu rosto expandiu-se. Viu o comércio e a indústria florescerem, criando esses grandes capitais que alimentam as empresas úteis para o país. Viu o amor e a dedicação nos degraus daquele trono em que se sentara. Viu por toda a parte a paz e a prosperidade.

Volveu ainda um último olhar, e sumiu-se de novo nas sombras do passado.

.....

O que acabais de ler é uma página perdida, é uma folha arrancada a um livro desconhecido, que talvez daqui a algum tempo vos passará pelos olhos, se não tiver o destino de tantos outros, que, antes de nascidos, vão morrer entre as chamas.

A história do Rio de Janeiro tem algumas páginas, como essa, tão belas, tão poéticas que às vezes dá tentações de arranca-las das velhas crônicas, onde jazem esquecidas para orna-las com algumas flores deste tempo.

Hoje não aparecem mais desses fatos brilhantes de coragem e heroísmo. A época mudou: aos feitos de armas sucederam as conquistas da civilização e da indústria. O comércio se desenvolve; o espírito de empresa, servindo-se dos grandes capitais e das pequenas fortunas, promove o engrandecimento do pais, e prepara um futuro cheio de riqueza e de prosperidade.

Ide à Praça. Vereis que agitação, que atividade espantosa preside às transações mercantis, às operações de crédito, e sobretudo às negociações sobre os fundos de diversas empresas. Todo o mundo quer ações de companhias; quem as tem vende-as, quem não as tem compra-as. As cotações variam a cada momento, e sempre apresentando uma nova alta no preço.

Não se conversa mais sobre outra coisa. Os agiotas farejam a criação de uma companhia; os especuladores estudam profundamente a idéia de alguma empresa gigantesca. Enfim, hoje já não se pensa em casamento rico, nem em sinecuras; assinam-se ações, vendem-se antes das prestações e ganha-se dinheiro por ter tido o trabalho de escrever o seu nome.

Este espírito da empresa e esta atividade comercial prometem sem dúvida alguma grandes resultados para o país; porém é necessário que o governo saiba dirigi-lo e aplica-lo convenientemente; do contrário, em vez de benefícios, teremos de sofrer males incalculáveis.

É preciso não conceder autorização para incorporação de companhias que não revertam em bem do país, que não tenham todas as condições de bom êxito. Não procedendo desta maneira, se falseará o espírito da lei e a natureza das sociedades anônimas, e se

perderá indubitavelmente o concurso deste poderoso elemento de riqueza e de engrandecimento.

Companhias que, como algumas que já existem, não forem criadas no pensamento de uma necessidade pública, ou de uma grande vantagem do país, não só esgotarão os capitais que podem servir para outras obras de maior alcance, como desacreditarão o espírito de empresa, desde que, como é natural, os seus lucros não corresponderem às esperanças do comércio.

Cumpre também - já falamos em companhias - que o governo trate de examinar se algumas empresas privilegiadas que existem nesta corte, principalmente navegação do costeio, têm satisfeito as condições de sua incorporação. Fala-se em tantos abusos, em tantas negligências, que é provável haver um fundo de verdade nas exagerações que costumam envolver certas censuras.

E sobre isto me parece que é tempo de quebrar-se esse círculo de ferro do exclusivismo e do monopólio, que tanto mal começa a fazer à nossa navegação de costeio. O privilégio é um agente aproveitável nos países novos; mas convém que seja empregado com muita reserva, e unicamente no período em que a indústria que se quer proteger ainda não tem o desenvolvimento necessário.

Atualmente que nos nossos estaleiros e na Ponta da Areia, já se constroem tantos vapores próprios para a navegação do interior, qual é a vantagem que resulta das empresas privilegiadas? Não é isto matar a concorrência, e impedir que uma indústria útil se desenvolva e se aperfeiçoe?

Repetimos. O governo deve examinar escrupulosamente este objeto; e não só abster-se de conceder incorporações de companhias privilegiadas desta natureza, como desautorizar, na forma do código comercial, a existência daquelas que não tiveram cumprido as condições da sua organização.

É porque desejamos unicamente o bem do país que tememos esses desvios no espírito de empresa que se está desenvolvendo tão poderosamente no Império, e sobretudo na praça do Rio de Janeiro.

Entretanto há algumas companhias, como por exemplo a da Rua do Cano, que se incorporou ultimamente com o nome de Reformadora, a qual deve merecer do governo

toda a proteção, por isso que para o futuro ela pode vir a realizar grandes melhoramentos urbanos, e criar um sistema de arquitetura de casa muito necessário ao aformoseamento da cidade e à higiene pública.

É inconveniente, porém, a demora que tem havido no regulamento da companhia, principalmente aparecendo na praça algumas apreensões (que julgo infundadas) a respeito de condições rigorosas que se supõe seriam impostas à sociedade. O objeto me parece maduramente estudado, esclarecido por uma luminosa discussão nas câmaras e pelos planos e dados estatísticos coligidos na municipalidade pelo Dr. Haddock Lobo. Não enxergamos, pois, uma razão plausível para essa tardança do regulamento, aliás tão prejudicial ao público e aos proprietários da Rua do Cano.

Depois da empresa Reformadora, organizou-se a companhia de colonização agrícola do Rio Novo, com um capital de quinhentos contos de réis, representado por 2.500 ações. Foi o Major Caetano Dias da Silva, fazendeiro na Província do Espírito Santo, Município de Itapemirim, quem teve a idéia da criação desta sociedade.

A importância do seu objeto, a inteligência e a longa prática do seu diretor, junta à fertilidade, a um clima salubre e à facilidade de comunicações com as grandes praças de comércio, asseguram a esta companhia grandes vantagens, que reverterão todas em proveito do país, e particularmente da Província do Espírito Santo.

A colonização para um novo e de vasto território, como o nosso, é a primeira condição de riqueza e de engrandecimento. O estrangeiro que procura o nosso país não nos traz unicamente braços e forças para o trabalho material; não é somente um número de mais que se aumenta ao recenseamento da população.

É uma inteligência prática que melhora a indústria do país e um grande elemento de atividade que desenvolve as forças produtivas da terra; é finalmente uma nova seiva que vigora, uma nova raça que vem identificar-se com a raça antiga aperfeiçoando-se uma pela outra. O nosso governo tem compreendido o grande alcance da colonização, e, o que é mais, tem-se empenhado em promove-la eficazmente.

Depois que o Sr. Conselheiro Euzébio de Queirós travou a última luta contra o tráfico, e conseguiu esmagar essa hidra de Lerna, cujas cabeças renascem do seu próprio sangue, o nosso governo tratou de aproveitar o favorável ensejo que lhe oferecia a crise proveniente da deficiência dos braços para a agricultura.

Começou-se então a olhar com mais atenção para as nossas pequenas colônias do Sul; e animou-se a Sociedade Hamburgo, à qual devemos neste ponto grandes serviços pela exatidão com que tem cumprido as suas obrigações e pelo zelo com que constantemente na Alemanha defende a nossa causa, contra os ridículos inventos de alguns detratores.

Consta-nos agora que o nosso governo acaba de tomar suas medidas, que são da maior importância, para o futuro da colonização.

A 1.ª é a autorização mandada ao nosso ministro em Londres a fim de promover a emigração de Chins para o Brasil segundo as bases e instruções que já lhe foram remetidas. Os bons resultados que se têm conseguido desta emigração nas colônias inglesas nalguns lugares da América Meridional nos deve dar boas esperanças para a nossa cultura do chá e do café.

A outra deliberação do governo que nos consta, que se deduz de alguns atos ultimamente praticados - é a da subvenção de 30$000 concedida por cada colono maior de dez anos e menor de 45, honesto e lavrador, sendo estabelecidos em colônias ou fazendas pertencentes a empresas agrícolas. O governo reservou-se muito prudentemente em que convém conceder o favor.

Esta medida inesquecivelmente é um poderoso auxílio para as companhias agrícolas, ao mesmo tempo que corta certas empresas mercantis muito prejudiciais, e que previne, de alguma maneira, a introdução de colonos que não tenham boa moral e uma vida honesta.

Depois destas rápidas observações, creio que se pode dizer com toda a franqueza de uma opinião sincera que o governo cumpriu o seu dever e faz mais do que se podia exigir dos poucos recursos de que dispõe.

Estamos, porém, em tempo de tratar, não de pequenas colônias, mas de uma colonização em vasta escala, de uma emigração regular que todos os anos venha aumentar a nossa população.

O governo, pois, que chame a atenção do corpo legislativo sobre este assunto e que inicie um projeto de lei, no qual se adotem as medidas tomadas pelos Estados Unidos para promover a emigração. Eu lembraria neste caso a conveniência de limitar os

favores concedidos unicamente àquelas nações cuja população desejaríamos chamar ao nosso país.

Não temos nada a invejar à América Inglesa em recursos naturais, em fertilidade do solo, em elementos de

riqueza. O nosso clima é mais salubre; desde o sul ao norte temos no alto das nossas serras uma temperatura quase européia. . Como país ainda inculto, oferecemos muito maior interesse ao colono agrícola que quiser explorar a terra.

Por que razão, pois, não havemos de ter a mesma emigração?

Porque temos ciúme do estrangeiro, porque guardamos como um avaro este título de cidadão brasileiro, e o consideramos como uma espécie de quinhão hereditário que se amesquinha à proporção que se divide. É por isso que vemos no estrangeiro um intruso, um herdeiro bastardo, que nos quer disputar a herança paterna, isto é, os empregos, os cargos eleitorais e as sinecuras.

Sacrifiquemos esses prejuízos ao interesse público, e pensemos ao contrário, que é levando por toda parte este título de cidadão brasileiro, que é recebendo na nossa comunhão todos os irmãos que nos estendem a mão, que um dia faremos aquele nome grande e poderoso, respeitado da Europa e do mundo.

Voltai! Voltai depressa esta folha, minha mimosa leitora! São coisas sérias que não vos interessam. Não lestes?... Ah! fizestes bem!

Com efeito, que vos importa a vós estas espécies de companhias, se tendes as vossas à noite, junto do piano, a ensaiar com alguma amiga um belo trecho da música, a cantar alguma ária, algum dueto de Trovador? Que vos importa nestes momentos saber o que vai algures, se as ações baixam, ou se uma pobre cabeça atordoada de pensar já não pode de tanto que lhe corre a pena?

Era melhor que tivesse tomado a boa resolução de ir fazer um giro pelo Passeio Público.

A aceitação dessas de outras idéias que temos lembrado nos anima ainda a dizer alguma coisa sobre os melhoramentos do Passeio Público, principalmente quando o Sr. Ministro do Império, como homem de bom gosto que é, se tem mostrado tão desejoso de embelezar este lugar e torna-lo um agradável ponto de reunião.

Para isso a primeira coisa a fazer é o asseio e a limpeza. As árvores ainda estão muito maltratadas; os dois tanques naturais sobre os quais se elevam as duas agulhas de pedra estão tão bem fingidos que são naturais de mais; pelo menos, têm lodo e limo como qualquer charneca de pântano. A arte deve imitar a natureza, mas nem tanto. Há também uma palhoça a um dos lados do passeio, que, a não estar ali como coisa exótica, não lhe compreendo a utilidade. Não digo que a deitem abaixo como uma parasita; mas é bom cuidar em faze-la seguir o destino das coisas velhas e feias.

Outro dia me disseram que o Sr. Conselheiro Pedreira tencionava renovar as grades das alamedas, e substituir o muro exterior por gradeados de ferro, para o que já se havia feito o orçamento.

A primeira idéia é muito acertada; todos sentem a necessidade, e nós mesmos já a lembramos. Quanto à segunda, não acreditamos. É impossível que o Sr. Ministro do Império tenha tido esta lembrança. Para que servem nos jardins as grades exteriores? Para descobrir a beleza das alamedas e abrir um lanço de vista agradável.

No Passeio Público, porém, servirão para mostrar árvores velhas, ruas estragadas, e finalmente o tal Nestor das casinhas velhas de que já falamos. Tratemos, pois, primeiro do interior.

Assim parece-nos que seria muito agradável e muito fácil, fazer correr veios de água límpida ao longo das alamedas, e construir-se nos quadros alguns repuxos e jets d''eau...

Ai! lá me caiu a palavra do bico da pena. Nada; vamos tratar de nacionalizar a língua; um correspondente do Correiro Mercantil de segunda-feira reclama de nós este importante serviço.

Mas que quer dizer nacionalizar a língua portuguesa? Será mistura-la com o tupi? Ou será dizer em português aquilo que é intraduzível, e que tem um cunho particular nas línguas estrangeiras?

Há de ser isso. Mãos à obra. Daqui em diante, em vez de se dizer passei num coupé, se dirá andei num cortado. Um homem incumbirá a algum sujeito que lhe compre entradas, e ele lhe trará bilhetes de teatro em vez de étrennes. E assim tudo o mais.

Quanto a termos de teatro, fica proibido o uso das palavrinhas italianas, porque enfim é preciso nacionalizar a língua.

E é bom que os dilettanti (perdão - amantes de música) fiquem desde já prevenidos disto, porque breve, parece que vamos ter uma excelente companhia.

A nova empresa de que vos falei há quinze dias organizou-se e nomeou a sua diretoria. Pelo Maria 2.ª, partem para a Europa duas pessoas encarregadas de contratar os artistas necessários, entre os quais virão quatro primeiras partes, escolhidas no que houver de mais notável na Europa. Levam ordem de oferecer honorários dignos das melhores reputações européias.

A empresa pode já contar com 2:500$000 por noite, de assinaturas tomadas até hoje; e espera aumentar esta soma. A primeira estação de quarenta récitas começará a 12 de julho deste ano e terminará a 12 de dezembro de 1856.

Basta. Vamos agora desfolhar algumas flores, e derramar uma lágrima de saudade sobre a lousa de um grande

poeta.

Enquanto seus irmãos na inspiração e na poesia vão acordar os ecos da morte com um cântico sentido, seja-me permitido a mim, humilde prosador, misturar um goivo às flores perfumadas da saudade, e derramar uma lágrima sobre o fogo sagrado.

A beira desse túmulo, onde o poeta dos grandes amores, das paixões ardentes, o poeta do coração, talvez que venha pender uma cabeça pálida, e que os ecos da tarde murmurem às brisas que passarem, aquela endeixa repassada de tanta mágoa:

Correi sobre estas flores desbotadas,

Lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,

Que a aridez do sepulcro as tem queimado.

Mas erguei os olhos! Nesses versos que aí vedes é um irmão que fala. Silêncio, pois! Deixemos ao poeta dizer as saudades da poesia. Lede a bela poesia do Sr. Andrada Machado sobre a morte de Garrett.

À MORTE DO INSIGNE POETA PORTUGUES

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Morrer! Porqu'extinguir-se assim tão rápida

A centelha vivaz que alumiava

Por entre os véus da noite a turba varia?

Morrer! E além perder-se fenecida

A fronte poderosa que abrigava

A vontade de Deus! - Nem mais seus olhos

Lerão nos astros a marcada rota

Que o mundo há de seguir.

De Lísia a musa - joelho em terra - pára

Junto da campa que entre a noite alveja!

Treme-lhe o corpo, como sacudido

Por ventania rija, e os olhos turvos

Em vão se esforçam por verter um pranto -

Consolo que lhe adoce a dor cruenta.

E as lágrimas enxutas se derramam

Por sobre a face em convulsivos traços

Do sangue coagulado que nas veias

De súbito estancou.

Que maldição, Senhor, açoita o século!

A morte hedionda, entrechocando os ossos,

Tripudia de júbilo, espreitando

A vítima infeliz. Seu peito cavo

Anseia de alegria. Os que mais alto

Erguem a fronte refulgindo glórias.

-Decrépita manceba - ela escolhe;

E tenta remoçar o amor adusto,

Chupando o sangue que mais puro gira

Em coração de homem.

E assim de um só ímpeto se apaga

Uma vida que rútila brilhara,

Seus raios desferindo a acalentaram

Com seu almo calor as mós do povo!

E assim resvala na solidão perdida

A voz que descantara em lira d'oiro,

Com coração pungido de amarguras,

A cruenta desgraça do poeta

Que morreu com a pátria.

Oh! Que sina tão negra a do poeta!

Escolhido da dor, perlustra a vida,

Rasgando o seio que a desgraça oprime,

A derramar nos cantos inspirados

Essa de vida seiva tão possante

Que pródigo oferece às multidões.

E por trôco o sofrer angustiado

Do maldito de Deus que vaga incerto

No caminhar contínuo.

Nenhum consolo sobre a terra ao pobre!

E quando era sentado sobre o marco,

Pendida à frente a descantar às auras

A dulia inefável de seu seio,

A morte lhe interrompe o canto suave,

Que ele vai terminar na eternidade

Junto ao trono de Deus.

Que plácido repouse nas alturas -

No remanso da paz - entre os arcanjos,

Que em seus braços o acolhem pressuroso!

E unindo sua lira em nota amena

Às harpas divinais, ufano entoe

Os hinos do Senhor.

Feliz, despiu a túnica poenta;

E, se prostrado jaz na loiza frígida

Estanguido seu corpo pela morte,

Eternos viverão seus divos cantos,

Que não há esquecer obras que o gênio

Com seu sopro inspirou.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado

XXI

Rio, 25 de fevereiro

Foi-se o carnaval. Passou como um turbilhão, como sabá de feiticeiras, ou como um golpe infernal.

Nesses três dias de frenesi e delírio a razão fugiu espavorida, e a loucura, qual novo Masaniello, empunhou o cetro da realeza.

Ninguém escapou ao prestígio fascinador desse demônio irresistível: cabeças louras, grisalhas, encanecidas, tudo cedeu à tentação.

Entre as amplas dobras do dominó se disfarçava tanto o corpinho gentil de uma moça, travessa, como o porte grave de algum velho titular, que o espírito remoçava.

Dizem até que a política - essa dama sisuda e pretensiosa - se envolveu um momento nas intrigas do carnaval, e descreveu no salão uma parábola que ninguém talvez percebeu.

Deixemos, porém, dormir no fundo do nosso tinteiro esses altos mistérios que se escapam à pena do folhetinista. Já não estamos no carnaval, tempo de livre pensamento - tempo em que se pode tudo dizer - em que é de bom gosto intrigar os amigos e as pessoas que se estimam.

Agora que as máscaras caíram, que desapareceu o disfarce, os amigos se encontram, trocam um afetuoso aperto de mão e riem-se dos dissabores que causaram mutuamente uns aos outros.

O nosso colega do Jornal do Comércio, que se disfarçou com três iniciais que lhe não pertenciam, compreende bem essas imunidades do carnaval.

Hoje, que o reconhecemos, não é preciso explicações: ele tem razões de sobra para acreditar que sinceramente estimamos o seu valioso auxílio na realização de uma idéia de grande utilidade para o país.

Nunca desejamos o monopólio; ao contrário, teríamos motivos de nos felicitar, se víssemos geralmente adotada pela imprensa do nosso país uma tentativa, um ensaio de publicação, cuja falta era por todos sentida.

Quando deixamos cair do bico da pena um ligeiro remoque à publicação do colega, não era que temêssemos uma imitação;não era porque receássemos uma emulação proveitosa entre os dois mais importantes órgãos da imprensa da corte.

Esta luta, mantida com toda a lisura e toda lealdade, nós a desejamos em bem do pais, embora nos faltem os recursos para sustenta-la com vantagem. É dela, é do calor da discussão, do choque das idéias, que têm nascido e que hão de nascer todos os progressos do jornalismo brasileiro.

O que nós receávamos era a reprodução de uma dessas lutas mesquinhas, indignas de nós ambos, e das quais a história da nossa imprensa apresenta tão tristes exemplos. Era um desses manejos impróprios de jornalistas, e aos quais o mecanismo complicado da nossa administração tanto favorece. Era enfim uma representação dessa ridícula farça de publicidade tão em voga nas nossas secretarias, nas quais se dão por favor as cópias dos atos oficiais ao jornal que quer fazer um favor publicando-as.

Temíamos uma luta desta natureza, porque não estamos ainda afeitos à chicana; porque, do momento em que ela se tornasse necessária, seríamos forçados a abandonar uma idéia, pela qual trabalhamos com todo o amor que nos inspira a nossa profissão.

É tempo, porém, de voltarmos ao carnaval, que preocupou os espíritos durante toda a semana, e deu matéria larga às conversas dos últimos dias.

Entre todos os festejos que tiveram lugar este ano cabe o primeiro lugar à sociedade Congresso das Sumidades Carnavalescas, que desempenhou perfeitamente o seu programa, e excedeu mesmo a expectativa geral.

No domingo fez esta sociedade o seu projetado passeio pelas ruas da cidade com a melhor ordem; foi geralmente recebida, nos lugares por onde passou, com flores e buquês lançados pelas mãozinhas mimosas das nossas patrícias, que se debruçavam graciosamente nas janelas para descobrirem entre a máscara um rosto conhecido, ou para ouvirem algum dito espirituoso atirado de passagem.

Todos os máscaras trajavam com riqueza e elegância. Alguns excitavam a atenção pela originalidade do costume; outros pela graça e pelo bom gosto do vestuário.

Nostradamus - uma das mais felizes idéias deste carnaval - com o seu longo telescópio examinava as estrelas, mas eram estrelas da terra. Um Merveilleux dandinava-se na sua carruagem, repetindo a cada momento o seu c'est admirable! quando a coisa mais incrível deste mundo é a existência de um semelhante tipo da revolução francesa.

Luis XIII, livre do Cardeal de Richelieu, tinha ao lado uma Bayadère, e parecia não dar fé do seu rival Lord Buckingham, que o seguia a cavalo no meio de um bando de cavaleiros ricamente vestidos.

Esquecia-me dizer que ao lado do Merveilleux ia um Titi de marinha, que atirava concetti em vez de confetti. Era o mais fácil de conhecer, porque a máscara dizia o que ele seria se as moças que o olhavam fossem cordeirinhos.

Em uma das carruagens iam de companhia Temistovles, Soulouque, Benevenuto Cellini, Gonzalo Gonzáles, quatro personagens que nunca pensaram se encontrar neste mundo, e fazerem tão boa amizade.

Se fosse possível que Temístocles e Benevenuto Cellini passassem esta tarde por uma das ruas por onde seguiu o préstito, estou persuadido que o artista florentino criaria uma nova Hebe mais linda que a da Canova; e que o general antigo rasgaria da história a página brilhante da batalha de Salamina por um só desses sorrisos fugitivos que brincam um momento numa boquinha mimosa que eu vi, e que apenas roçam os lábios como um sopro da aragem quando afaga o seio de uma rosa que se desfolha.

Quanto a Van Dick - que seguia-se logo após - este quebraria o seu pincel de mestre, desesperado por não achar na sua paleta essas cores suaves e acetinadas, essas linhas puras, esses toques sublimes que o gênio compreende, mas que não pode imitar.

Eram tantos os máscaras e os trajes ricos que se apresentaram, que me é impossível lembrar de todos; talvez que aqueles que agora esqueço sejam os mais geralmente lembrados; e, portanto, está feita a compensação.

Como foi este o primeiro ensaio da sociedade, de propósito evitamos fazer antes algumas observações a respeito do seu programa, com receio de ocasionar, ainda que involuntariamente, dificuldades e embaraços à

realização de suas idéias. Hoje, porém, essas reflexões são necessárias, a fim que não se dêem para o futuro os inconvenientes que houve este ano.

O entrudo está completamente extinto; e o gosto pelos passeios de máscaras tomou este ano um grande desenvolvimento. Além do Congresso, muitos outros grupos interessantes percorreram diversas ruas, e reuniram-se no Passeio Público, que durante os três dias esteve literalmente apinhado.

Entretanto, como os grupos seguiam diversas direções, não foi possível gozar-se bem do divertimento; não se sabia mesmo qual seria o lugar, as ruas, donde melhor se poderia aprecia-lo.

A fim de evitar esse dissabor, a polícia deve no ano seguinte designar com antecipação o círculo que podem percorrer os máscaras, escolhendo de preferência as ruas mais largas e espaçosas, e fazendo-as preparar convenientemente para facilidade do trânsito.

Desta maneira toda a população concorrerá para aqueles pontos determinados: as famílias procurarão as casas do seu conhecimento: os leões arruarão pelos passeios; e o divertimento, concentrando-se, tomará mais calor e animação.

Tomem-se estas medidas, preparem-se as ruas com todo esmero, e não me admirarei nada se no carnaval seguinte aparecerem pelas janelas e sacadas grupos de moças disfarçadas, intrigando também por sua vez os máscaras que passarem, e que ficarão desapontados não podendo conhecer através de um loup preto o rostinho que os obrigou a todas estas loucuras.

Se o Sr. Desembargador chefe de polícia entender que deve tomar essas providências, achamos conveniente que trate quanto antes de publicar um regulamento neste sentido, designando as ruas por onde podem circular os máscaras, e estabelecendo as medidas necessárias para a boa ordem e para a manutenção da tranqüilidade pública.

Estas últimas medidas são fáceis de prescrever, quando se tem um povo sossegado e pacífico, respeitador das leis e da autoridade, como é o desta corte. Nestes três dias que passaram, o divertimento e a animação foi geral; e entretanto numa população de mais de trezentas mil almas não tivemos um só desastre a lamentar. Exemplos como estes são bem raros, e fazem honra à população desta cidade.

Na terça-feira sobretudo houve no Passeio Público uma concorrência extraordinária. Grande parte das Sumidades Carnavalescas aí se achava; e a curiosidade pública não se cansava de vê-los, a eles e a muitos outros máscaras que também tinham concorrido ao rendez-vous geral deste dia.

Às oito horas da noite o Teatro de São Pedro abriu os seus salões, nos quais por volta de meia-noite passeavam, saltavam, gritavam ou conversavam perto de cinco mil pessoas;

era um pandemônio, uma coisa sobrenatural, uma alucinação fantástica, no meio da qual se viam passar figuras de todas as cores, de todos os feitios e de todos os tamanhos.

Mui8tas vezes julgareis estar nos jardins do profeta, vendo brilhar entre a máscara os olhos negros de uma huri, ou sentindo o perfume delicioso que se exalava de um corpinho de lutin que fugia ligeiramente.

Foi numa dessas vezes que, ao voltar-me, esbarrei face a face com Lorde Raglan, que acabava de chegar da Criméia e que deu-me algumas balas, não das que costuma dar aos russos; eram de estalo. Conversamos muito tempo; e o nobre deixou-me para voltar de novo à Criméia, onde naturalmente não deram pela sua escapula.

À meia-noite em ponto serviu-se no salão da quarta ordem uma bela ceia, que o Congresso ofereceu aos seus convidados e sócios. A mesa estava brilhantemente preparada; e no meio das luzes, das flores, das moças que a cercavam, e dos elegantes trajes de fantasia dos sócios, apresentava um aspecto magnífico, um quadro fascinador.

Bem queria vos dizer todas as loucuras deste último baile até as derradeiras arcadas do galope infernal; mas na quarta-feira de cinzas esqueci tudo, como manda a religião. Por isso ficais privados de muita crônica interessante, de muito segredo que soube naquela noite, mas que já não me lembro.

XXII

Rio,4 de março

A notícia da tomada de Sebastopol, a abertura das academias, a representação da Linda de Chamounix, duas procissões de quaresma, e a chuvinha aborrecida de todas as tardes, são os fatos mais importantes da semana.

Resta saber, entre tanta coisa interessante, por qual delas começaremos.

Pela notícia da Criméia, ou antes da Bahia - não. Estou pouco disposto hoje a fazer conjeturas e suposições sobre a probabilidade deste dato.

Pelas procissões - ainda menos. A chuva declarou-lhes guerra este ano; e os anjinhos, com receio do tempo, encolheram as asas, e não desceram do céu onde habitam.

Ora, para mim, procissões sem anjinhos é coisa que se não pode ver. Os outros pensarão o contrário: estão no seu direito: cada um é livre de ter mau gosto.

Deixando, pois, de parte as procissões, não há remédio senão irmo-nos sentar nalguma das cadeiras do Teatro Lírico, e passar três ou quatro horas bem agradáveis a ver a Linda de Chamounix, ou qualquer outra linda mesmo aqui da nossa bela terra.

O primeiro ato é uma música simples e encantadora, que traduz as impressões da vida tranqüila da ladeia, e que termina com o belo dueto do baixo e da barítono, e com a despedida de LINDA.

Esperemos, porém, pelo segundo ato; deixemos passar algumas cenas cômicas; cheguemos ao momento terrível em que a palavra de maldição expira nos lábios paternais. LINDA, a pobrezinha inocente, a menina iludida, que se ajoelhara para implorar o perdão, ergue-se louca.

Vede como lutam naquele espírito desvairado as recordações alegres de um belo tempo, com a lembrança tremenda da maldição paterna, e com a ameaça terrível da cólera celeste.

De repente esta voz suave e harmoniosa, cuja doçura todos nós conhecemos, estala num grito de dor, numa agonia atroz; mas bo fundo da alma brilha um raio de luz, uma idéia risonha, uma reminiscência de gozos passados; e, quando pensais que aquela angústia chega ao seu último paroxismo, lá se desprende dos lábios, de envolta com um sorriso, uma melodia graciosa, umas notas feiticeiras, que vêm brincar docemente com o vosso ouvido arrebatado.

Vem afinal o terceiro ato, o desenlace feliz desta história simples da vida de uma moça.

A filha torna ao lar paterno; e a graça de Deus faz voltar a alegria, a paz e o sossego ao coração de toda esta pobre gente, que experimentara por algum tempo todas as provanças da fortuna. O final é magnífico, como vos dirá com toda a sua graça costumada o folhetim lírico de terça-feira.

Eis o que é para mim a representação da Linda Chamounix; uma noite de emoções deliciosas, e mais positivamente, uma ou duas páginas de revista em uma semana, sobre a qual sou obrigado a confessar que não há muito de tratar.

Além de ser tempo de quaresma, tempo de provações, de jejum, de expiação de pecados, ainda em cima aí vêm todos os dias uma chuvinha miúda, umas nuvens cinzentas e carregadas tirar-nos o belo azul do céu, os raios do sol, e as lindas noites de luar que a folhinha nos tinha prometido.

Quem não está disposto a ser regado pelas águas do céu como as ruas desta heróica cidade, ou como as flores dos jardins, passa o dia inteiro a resolver a importante questão, se deve sair ou ficar em casa. Afinal vem uma estiada, decide-se, veste-se, e chega-se à porta, justamente quando começa de novo a chover. Não há remédio senão despir-se e resignar-se a desfiar as horas e os momentos sozinho, e a conversar com os seus botões.

Ora, se há tempo em que a solidão seja insuportável, é este de agora, em que não se fala, não se trata, nem se pensa senão em companhia. Janta-se em companhia dos amigos, passa-se a noite em boa companhia, e ganha-se dinheiro em companhia.

Nada hoje se faz senão por companhia. A iluminação a gás, as estradas, os açougues, o asseio público, a construção de ruas,tudo pe promovido por este poderoso espírito de associação que agita atualmente a praça do Rio de Janeiro.

Se encontrardes por aí algum sujeitinho de chapéu rapado, de laço de gravata à bandida, roendo as unhas, ou coçando a ponta da orelha, não penseis que é um poeta ou um romancista à cata de uma rima ou de um desfecho para seu último romance. Nada! o tempo destas bagatelas já passou. Podeis apostar que o tal sujeitinho rumina o projeto de uma empresa gigantesca, e calcula na ponta dos dedos o ganho provável de uma companhia qualquer.

E assim tudo o mais. Vê-se hoje pelos salões, pelas ruas a cada canto, certos indivíduos a segredarem, a trocarem palavras ininteligíveis e a falar à mezza você uma linguagem incompreensível, cabalística. Um homem pouco experiente tomá-los-ia por carbonários ou membros de alguma sociedade invisível de alguma confraria secreta. Qual! são finórios que farejam a criação de uma companhia, e que tratam de se arranjarem para não ficarem sós, isto é, sem dinheiro.

Até a nova empresa lírica, que se criou nesta corte há coisa de dois meses, assentou de organizar uma companhia para a construção de um novo teatro apropriado à cantoria, e conta-nos que já pediu ao governo a competente autorização.

Com a facilidade que há atualmente em conceder-se semelhante favor, parece-nos que o governo não deixará de autorizar a incorporação de uma companhia para fim tão útil e tão vantajoso para esta corte.

Somente lembraríamos a necessidade de exigirem-se para a construção do edifício condições de grandeza e capacidade proporcional à população desta corte. O Teatro lírico que possuímos presentemente não pode durar muito; e, se outro não o substituir, breve teremos de nos vermos reduzidos ao acanhado salão de S. Pedro de Alcântara.

Assim como neste, podia o governo aproveitar em muitos outros objetos de serviço público o espírito de empresa e associação que tão rapidamente se desenvolveu no nosso comércio.

Porque, em vez de esperar que os interesses individuais especulem sobre a utilidade pública, não promove ele mesmo a criação das companhias que entender convenientes para o pais?

A limpeza pública, as postas, os correios urbanos, e muitos outros objetos de interesse vital, exigem essa solicitude da administração.

Uma coisa, por exemplo, de que ainda não vimos o governo se ocupar seriamente é da carestia progressiva dos gêneros alimentícios, tanto nacionais como estrangeiros. O trigo está por um preço exorbitante, segundo dizem. O pão diminui, e diminui no século de progresso em que tudo vai em aumento, em que as menores coisas tomam proporções gigantescas. Quanto ao pão de rala, célebre em outros tempos, este desapareceu do mercado: pertence hoje à história.

Os ministros, os grandes, os ricos, não sabem disto; mas o pobre o sente, o pobre que, no meio de toda essa agitação monetária, de todo esse jogo de capitais avultados, vê as grandes fortunas crescerem e formarem-se, absorvendo os seus pequenos recursos, e elevando o preço dos gêneros de primeira necessidade a uma taxa quase fabulosa.

Se os capitais são para o país um poderoso agente de progresso e desenvolvimento, cumpre-nos não esquecer que em todos os países é na classe pobre que se encontram as grandes inteligências, as grandes almas e os grandes espíritos.

A Providência parece tê-los lançado no mundo sem recursos para prova-los e fortalecê-los com essa luta constante da fortuna, na qual, ou morrem sacrificados como mártires,

ou se elevam às sumidades da hierarquia social para comunicarem ao país a atividade do seu espírito e as forças de sua inteligência.

Tão desprezível, tão digna de compaixão, como parece esta classe aos ricos enfatuados que rodam no seu cupê, a ela pertence o futuro; nela está a alma, a força, a inteligência, a esperança do país.

Quereis saber o que são e o que valem esses cresos modernos, ou esses capitais amontoados, essas somas de dinheiro de que o rico tanto blasona e tanto se desvanece? Uma matéria brutal, uma alavanca inerte a que um dia algum homem sem fortuna, mas cheio de ambição e de talento vem dar o impulso de sua atividade, e fazer trabalhar para um grande fim.

Esta classe, pois, merece do governo alguma atenção; o que hoje é apenas carestia e vexame, se tornará em alguns anos miséria e penúria. É preciso, ao passo que o país engrandece, prevenirmos a formação dessa classe de proletários, dessa pobreza, que é a chaga e ao mesmo tempo a vergonha das sociedades européias. Apliquem-se os nossos espíritos econômicos a este estudo digno de uma grande inteligência e de um grande povo.

Porque a Europa ainda não conseguiu chegar à solução deste grande problema social, não é razão para desanimarmos. Somos um país novo; o progresso espantoso da atualidade deve ter reservado alguma coisa para nós; o mundo velho eleva a indústria a um desenvolvimento admirável; talvez que os segredos da ciência tenham de nos ser revelados na marcha da nossa própria sociedade.

O que é verdade é que não devemos deixar de concorrer com as nossas forças para essa obra filantrópica da extinção da pobreza proletária. E isto, não porque receemos tão cedo a existência deste cancro social, mas porque semelhante estudo deve-se guiar nos meios de prevenir os vexames e misérias por que pode passar a classe pobre no nosso país.

Agora é que percebo que este folhetim vai muito grave demais; porém lembro-me também que não devo distrais as minhas leitoras do seu exame de consciência para a próxima confissão da quaresma.

Que interessante coisa não deve ser o exame de consciência de uma menina pura e inocente, quando à noite, entre as alvas cortinas de seu leito, com os olhos fitos numa imagem, perscruta os refolhos mais profundos de sua alma à cata de um pecadinho que lhe faz enrubescer as faces cor de...

Arrependi-me! Não digo a cor. Reflitam e adivinhem se quiserem. Tenham ao menos algum trabalho em lerem, assim como eu tenho em escrever.

Mas, voltando ao nosso exame de consciência, estou certo que, se algum dos anjos que cercam o trono de Nossa Senhora pudesse descer do céu nesse momento, viria beijar aquele rostinho adormecido, e dizer-lhe em sonho que os anjos não pecam.

XXIII

Rio, 18 de março

A semana que passou foi a dos aniversários felizes.

Domingo festejaram-se os anos da nossa Princesa, que trocou a bela terra do Brasil pelo poético céu da Itália.

Quarta-feira teve lugar a solenidade do aniversário da nossa Imperatriz, que deixou as lindas ribeiras de Nápoles pela majestosa baía do Rio de Janeiro.

Assim, logo após da saudade, veio uma lembrança prazenteira. Se perdermos por algum tempo uma flor graciosa da nossa coroa imperial, ganhamos para sempre um anjo de bondade, um exemplo das belas virtudes.

E isto me faz lembrar do quanto somos devedores àquela boa terra de Itália, que nos confiou com tanto prazer a filha de seus reis, e acolheu com tanto amor a irmã do nosso monarca.

Sem falar dos artistas que daí nos têm vindo, e das belas noites de teatro que devemos à sua escola e aos seus gênios musicais, lembremo-nos que é lá, nessa terra clássica das artes e do belo, que muitos brasileiros se têm ilustrado e adquirido os conhecimentos que atualmente são aproveitados em bem do país.

Foi ainda no meio dessas ruínas seculares de tantas gerações que passaram, no solo onde viveu o povo rei, na terra em que nasceu Virgílio, que um poeta brasileiro foi

beber as últimas inspirações do seu poema nacional, como que para imprimir-lhe esse cunho de grandeza e de sublimidade que o tempo tem deixado na história daquele povo.

Tudo isto deve o Brasil à Itália; porém mais que lhe devesse o pagaria com o amor e a dedicação que consagra à sua Imperatriz, e da qual ainda quarta-feira deu uma prova bem solene.

Todo este dia foi votado às graças. De manhã apareceu a lista daqueles cujos serviços a munificência imperial, julgou dever remunerar. Logo depois vieram as graças daqueles que, não vendo seus nomes contemplados, motejavam dos outros e especialmente dos ministros. Á noite tiveram os dilettanti as graças do D. Pascoale, que é de crer fossem engraçadas.

Estive alheio inteiramente a tudo isto; mas uma coisa me deu que pensar seriamente. Acho o direito de agraciar uma das mais belas instituições da monarquia; compreendo que os homens possam ser crismados em barões, condes e marqueses; mas há uma coisa a que decididamente não me ajeito, e é como se poderá fazer um sujeito feio, desengraçado e sem elegância, um gentil-homem.

Está bem entendido que isto se refere a nenhum dos últimos agraciados, que são perfeitos cavalheiros, servidores antigos, e que todos mereciam o favor do monarca. É uma simples hipótese que por ora não tem aplicação, e que o espírito e bom-senso imperial repelem para não haver ocasião de se parodiar o dito de D. Pedro I a respeito do cavaleiro.

Um sujeito, contando-me ontem os festejos do dia quatorze, disse-me: “Houve graças, des-graças, e sem-graças. As graças os jornais publicaram; as des-graças sabem os que ficaram logrados; e as sem-graças foram as daqueles que esperavam uma coisa e tiveram outra”.

Até que ponto isto é exato não sei; apenas me lembro que já os nossos antigos diziam que não podia haver graça sem sal; razão esta porque naturalmente se inventaram os emolumentos, que algumas vezes são bem salgados.

Já é tempo de passar adiante e acabar por hoje com as graças, tanto mais quando já me saí mal por ter tido o arrojo de dizer que o país devia dar justiça de graça.

Como me escapou semelhante blasfêmia? Pois num tempo em que tudo se compra e se vende, em que até se trafica com o pensamento e com a consciência, é possível fazer-se coisa alguma gratuita?

Tudo tem um preço. A honra, a probidade, o dever, a reputação essas coisas sagradas que Deus confiou ao coração humano, têm a sua cotação. Porque a justiça sairá da regra geral, e deixará de receber a sua espórtula?

Já se vê que foi um absurdo em caí. Não há coisa mais razoável e mais sábia, como disse um correspondente do Jornal do Comércio, do que obrigar-se as partes a pagarem aos magistrados e oficiais de justiça, visto que estes empregados são instituídos para utilidade pública.

Ora, os ministros de estado, os presidentes de província, os militares, todos os funcionários públicos enfim são criados para utilidade pública; por conseguinte, em vez de ordenado, dêem-se-lhes custas. O ministro ganhará dois mil réis por cada nomeação, privilégio, ou graça que conceder; dez tostões por cada aviso ou portaria, etc..

Não vêem como simplifica-se de repente todo este mecanismo administrativo, que a França e a Prússia - nações ignorantes e atrasadas - tanto têm estudado, e tanto se esforçam para regularizar? Deixará de haver

tesouro, repartição de fazenda e leis de orçamento, e sistema de impostos, e receita e despesa pública. Tudo isto é burla. Quem precisar do empregado que o pague; o governo o nomeia, o país o tolera, e nisto já fazem muito.

Quem diria que a ciência administrativa, tão desenvolvida na Europa, tinha de ser completamente aperfeiçoada por um gênio brasileiro que oculta modestamente o seu nome com receio de assombrar o mundo?

Que força de dialética, que lógica de aço! Os franceses têm as epices; logo nós devemos conservar as custas. Pobre genuense! Que eras tu à vista deste portento?

E eu animei-me a tocar na arca santa, no sagrado paládio, no regimento das custas? Uma obra elaborada pelas sumidades pretorianas pode ser discutida aí por qualquer moço que ainda não tem, e nem quer ter, o cHarlatanismo necessário para se fazer alguma coisa?

Fechem-se as câmaras; mandem-se os senadores e deputados passear à Europa em missão especial ou geral; acabe-se de uma vez com a imprensa e com a tribuna. Não percamos o tempo, que é precioso. O ministro fará as leis, e, tendo-as feito, não haverá que retrucar, magister dixit.

Santo regime! Quando te veremos em inteiro vigor, para felicidade do país, para sossego e a paz do governo? Então a marcha da administração se aperfeiçoará. Os ministros serão os únicos que terão o direito de saber alguma coisa; e, depois deles, só os que estiverem dispostos a defende-los cegamente, sem critério e sem consciência.

Os outros, aqueles que julgam do seu dever expor francamente uma opinião contrária, mas que nada tem de ofensiva ao caráter do ministro, aqueles que entendem que a censura leal é a prova mais evidente da sinceridade de uma aliança de idéias e de princípios, estes serão classificados no rol dos ignorantes, porque não receberam de algum gênio engarrafado o placet da ciência e do estudo.

Assim, pois, o dito por não dito. O regimento das custas é uma obra perfeita, tão perfeita, que, sendo publicado a cinco deste mês, no dia oito, isto é, três dias depois, o presidente da relação se viu obrigado a oficiar três vezes ao ministro da justiça sobre a inteligência de algumas de suas disposições.

A razão disto não é a que muita gente supõe, não é o sentido dúbio e confuso das palavras empregadas. Qual! os homens são imperfeitos; e por isso não podem compreender toda a sabedoria daquele novo mandamento do monte Sinai, daquela lei das Doze Tábuas.

Querem ver outra perfeição do regimento de custas, que é muito sublime para ser compreendida por inteligência como a nossa?

Diz o art.169 que o porteiro dos auditórios perceberá meio por cento sobre o valor dos objetos arrematados. Suponhamos que o mínimo das arrematações civis e comerciais feitas nesta corte seja dois mil contos, o que é um cálculo muito restrito. Temos uma percentagem de dez contos de réis, que por três porteiros dá só por si um ordenado três vezes superior ao que tem qualquer juiz municipal, qualquer deputado, qualquer juiz de direito ou oficial de secretaria.

Pode-se duvidar da sabedoria de semelhante disposição?

É possível ainda negar a conveniência, a necessidade das custas, que produzem tantas vantagens práticas?

Lede o Art. 61, e comparai-o com o Art. 167. O presidente da relação tem por cada sentença que transitar pela chancelaria o mesmo que seu porteiro, isto é 300 rs. Como é belo para a justiça e para o prestígio da magistratura este exemplo de igualdade, que manda que o chanceler e o seu porteiro - os dois elos quase extremos da hierarquia judiciária - se toquem e estendam a mão para receber seis ou oito moedas de cobre!

Que emblemas, que símbolos inventados pelos povos da antiguidade valem semelhante lição? Que invenção moderna pode substituir a harmonia e a uniformidade desta sublime instituição das custas, que alguns vindouros querem que se reforme?

A princípio, quando comecei a escrever sobre o regimento tinha a idéia de que se deviam acabar com as custas, os emolumentos, e dar-lhes o caráter de uma contribuição percebida, como qualquer imposto, pela repartição competente. Assim, sobre as causas se cobraria, em vez de dízimos de chancelaria, uma percentagem que se julgasse acertada, e que a parte pagaria no ato de levantar o dinheiro da execução; e com isto remunerasse o Estado os seus empregados de justiça.

Hoje já nem me lembro de tal coisa. Era uma extravagância, que me passou, apenas pude apreciar as inúmeras belezas que formigam no regimento das causas.

E por hoje basta de tanta maçada; não achais, meu benévolo leitor? Deixemos em paz a justiça, que irá tranqüilamente fazendo seu negociozinho aos duzentos e trezentos réis, e vamos falar de outras coisas, tristes e alegres, por que esta é a ordem do mundo.

Já deveis saber que o Sr. Conselheiro Eusébio de Queirós foi acometido, na noite de segunda-feira, de uma moléstia grave, da qual felizmente já se acha melhor. S. Ex.ª tem sido visitado por seus numerosos amigos,

que deram ainda mais uma prova de grande consideração que votam ao distinto estadista brasileiro.

Desejamos de coração o pronto restabelecimento de S. Ex.ª tanto mais quando também acabamos de curtir à beira de um leito de dor todos os transes cruéis de sofrimento e de angústia.

São páginas negras do livro da nossa vida, que devemos voltar com paciência e resignação, para chegar às folhas brancas e douradas, às imagens risonhas de dias mais felizes e mais tranqüilos. A dor, disse Lamartine, remoça o homem, dá-lhe nova força, novo vigor. Tu fais l'homme, ô douleur!

Parece que, depois de uma crise de sofrimento, a alma se apura, adquire um tato finíssimo, capaz de sentir as mais delicadas impressões, uma sensibilidade esquisita para os menores prazeres.

A enfermidade tem um quer que seja das viagens.

É uma viagem um pouco perigosa, muito incômoda, e que, em lugar de ser feita em um vapor ou em um vagão, o é sobre um leito ou sobre uma enxerga. Às vezes naufraga-se, salta-se com explosão do vapor; mas, se chegamos ao porto, se saltamos em terra, tudo nos parece novo, tudo nos sorri, tudo é cor-de-rosa e perfumado. A água é uma bebida do céu, o pão é um manjar dos deuses, o dia é uma festa de reis, o sono é uma voluptuosidade do paraíso, sibaritismo do sultão.

Talvez seja por esta semelhança que se dá a coincidência de cair no mesmo tempo a quadra das moléstias e das viagens. Tudo parte, tudo vai mar em fora, ver novos climas, correr terras, para ter na volta o que contar.

Queixam-se por aí que tudo vai para a exposição. De Paris, menos os nossos produtos. Quem sabe? Talvez que a par da Estrela do Sul apareçam na exposição muitos outros produtos brasileiros, muitas raridades dignas de menção.

Os novos viajantes vão achar em Paris uma verdadeira epidemia bailante. Tem havido para mais de 500 bailes. A febre é geral: dança-se nos palácios, nas embaixadas, nos hotéis, nas casas, nos salões e nos prados, sobre a relva e sobre os tapetes.

Além da dança, a única coisa em que os franceses presentemente se ocupam é na conjugação do verbo fiar e seus compostos.

Assim, os homens fiam seu dinheiro por subscrição; as mulheres desfiam pano para os feridos da Criméia; o imperador confia nos seus generais e no seu exército; a gente timorata desconfia do feliz êxito da guerra; Bosquet enfia balas pelo corpo dos russos; Canrobert porfia no seu projeto de arrasar Sebastopol.

A guerra pode dizer-se que está reduzida a fios. Onde passou o fio da espada, aplicam-se fios de linho. Os homens incumbiram-se do primeiro; as mulheres do segundo. Que fases não tem tomado essa luta de gigantes?!

Antes de vos deixarmos, temos ainda um triste dever a cumprir. Celebrou-se a missa por alma do Deputado Aprígio, e, apesar de tantos amigos que o finado tinha nesta corte, aquele ato foi muito pouco concorrido.

Não é fácil explicar-se semelhante fato, pois que o aviso para a missa foi feito pela folha oficial, que a anunciou nas suas colunas como um holocausto do governo. É verdade que, não tendo os membros do gabinete feito um convite em seu nome, talvez entendessem os amigos do falecido que se tratava de uma solenidade muito particular, a que só deviam assistir as sumidades; e por isso guardaram a conveniente reserva, e não compareceram.

Não há remédio, pois, senão reunirem-se os amigos do Dr. Aprígio, e pagarem à sua memória o devido tributo de saudade e de estima, fazendo dizer uma missa solene, ou um ofício sem caráter político, sem reserva de pessoas; a este ato estamos certos que assistirá um numeroso concurso das pessoas mais distintas desta corte.

Acabamos por onde começamos, pelas graças. Temos algumas pequenas observações a fazer sobre os estilos oficiais em voga neste ponto.

Assim, nos parece mais regular desenglobar os despachos e cometer a cada ministério a referenda das graças concedidas por serviços feitos nas suas respectivas repartições, ou em objetos que lhe são anexos.

Conviria igualmente criar-se uma ordem destinada exclusivamente a premiar o merecimento literário, assim como existe uma para os serviços militares. Chame-se esta ordem a Estrela do Sul, à imitação do Cruzeiro, ou a Plêiade Imperial; demos-lhe enfim um nome que tenha alguma significação, e acabemos com o costume de premiar a inteligência com a mesma graça com que se remuneram serviços de uma ordem muito diversa.

Esta idéia, realizada com a sabedoria e a prudência que é de esperar, traria grandes vantagens, porque excitaria os estímulos, criaria, uma emulação salutar, e daria assim incremento ao nosso progresso literário. Apreciamos todos os serviços feitos ao país,

qualquer que seja a sua natureza; estimamos que todos sejam galardoados; mas desejamos que se dê ao talento, à inteligência, às ciências e às artes essa nobreza e essa distinção, que lhes cabe por todos os títulos.

E deixai-me dizer-vos uma coisa. Esta idéia me sorri ainda mais, porque o grão-mestre da ordem merecia sê-lo, ainda quando não tivesse uma coroa. Quanto aos dignitários, que seriam sete, no caso de adotar-se o título de Plêiade Imperial, deviam ser escolhidos de entre os que temos de mais distinto e de mais ilustre.

Para dar à condecoração maior merecimento e para tirar-se dela grande utilidade, podia fazer-se com que formasse uma verdadeira ordem, trabalhando em sessões regulares como o Instituto de França, e sob a presidência de Sua Majestade como grão-mestre, ou do dignitário mais antigo. Quem sabe daqui a alguns anos que importância não teria semelhante instituição, e que glória não daria ela ao nosso país?

Agora é que me lembro! Estou a perder o meu tempo! Não há dúvida que esta minha idéia é bela, é digna de um monarca erudito, e de um povo que tanto se distingue pela sua aptidão literária; mas não foi lembrada por um homem que já tenha alguns cabelos brancos e uma dose de importância e de morgue; portanto não presta decididamente.

Dizem que aos vinte anos se pode pensar assim por si, nem ter uma boa idéia. Entendem que a inteligência vigorosa e ardente dos moços deve estar ao serviço dos velhos, os quais brilham como essas flores parasitas que sugam das árvores novas e robustas a seiva com que alimentam a sua vegetação raquítica.

De que servem esses lampejos brilhantes, essas centelhas de fogo, que passam às vezes pelas almas jovens e iluminam de repente um mundo de idéias, ou desenham um horizonte vasto e imenso? É preciso que estas faíscas do talento sofram o bafo frio e enregelado dos velhos? Por que esta chama da inteligência, em vez de expandir-se livremente, há de ser condenada a aquecer a alma gasta e consumida de um corpo vergado pelos anos?

Não foi deus que estabeleceu esta tutela despótica e sem limites que a idade quer exercer. Não: Deus mandou respeitar os velhos, como as mulheres, porque são fracos; Deus mandou consultar aos velhos, como aos livros, porque neles se encerra a história da experiência; porém Deus deu à mocidade a força, a esperança, a ambição, confiou dela o trabalho, a ação, o progresso, e apontou-lhe o futuro.

Ninguém venera mais a velhice do que eu; ninguém sabe melhor compreender o que há de respeitável numa grande inteligência que alimenta ainda um corpo gasto pelos anos; mas o que acho irrisório é que pense que toda a ruga é um poço de ciência, que todo o cabelo branco é um título de capacidade.

Felizmente o tempo dos desenganos aí vai chegando; o círculo de ferro já se quebrou; e o país já começa a aborrecer-se dessas patentes de capacidade e de ilustração dadas num salão de baile, ou numa antecâmara de ministro.

XXIV

Rio,25 de março

Hoje é o dia do aniversário da nossa constituição, e ontem o Teatro Lírico representou um baile intitulado o Remorso. Se foi uma simples coincidência, ou um epigrama, não sei; o tempo não está para graças, e por isso não se pode com facilidade aventurar conjeturas.

Já houve um tempo em que, de fato, o dia de hoje devia ter sido o dia do remorso para o governo, para as autoridades, para o menor empregado de polícia; todos haviam perjurado, todos, por sede de mando ou por um espírito exagerado de reforma e progresso, haviam desrespeitado a constituição.

Felizmente passou esta quadra de tristes conseqüências para o país, e chegamos a uma época de adormecimento das paixões políticas, de inércia dos partidos, de calma nos espíritos, que, bem dirigida, pode ser aproveitada em grandes melhoramentos de que o país necessita, em excelentes reformas da legislação e de muitos outros ramos de administração.

Mal dirigida, porém, a situação atual há de caminhar rapidamente para uma crise tanto mais forte, tanto mais violenta, quanto foi profundo o letargo dos espíritos e a prostração proveniente da exacerbação das paixões.

Há uma febre surda que começa por abater as forças dos homens e acaba pelo delírio. Talvez que os observadores, os homens experientes e amestrados nessas oscilações políticas e sociais já tenham pressentido os primeiros pródromos, os sintomas característicos de uma próxima crise.

Entretanto parece-me que se enganam. Ainda é tempo de arrepiar caminho; e a situação atual, que começou tão rica de esperança, tão cheia de futuro, ainda tem muitos elementos que não foram sacrificados, e que, bem desenvolvidos, podem servir de programa às circunstância atuais.

Reabilite-se esta bela idéia da conciliação dos espíritos, evite-se que seja substituída por uma conciliação de interesses individuais; aceitem-se todas as adesões, mas não se suplique nem uma; chamem-se todas as inteligências a concorrer para o bem do país, mas não se exija uma transigência imoral que não pode ser duradoura; respeitem-se todas as opiniões e deixe-se a oposição inteiramente livre, porque se for leal,

auxiliará o governo, se for licenciosa, se desacreditará por si mesma.

Por hoje tenho feito os meus cumprimentos à constituição, dando-lhe os bons anos, e desejando-lhe muitos séculos de vida para gosto dos seus amigos e de toda a sua família; posso, portanto, dar uma vista de olhos pelo que me vai por casa.

Data veniam ! Permiti, mestre, que ainda uma vez profane o sagrado santuário da justiça, cuja guarda vos foi confiada. Estou convertido às custas; mas, como neófito ignorante, tenho algumas dúvidas a respeito.

Que fizeram as pobres irmandades e corporações de mão=morta para pagar ao juiz de capelas e resíduos um juro de 6% de um capital que não receberam? E isto sem terem demandas nem pleitos, e somente porque o Estado julgou conveniente inspecionar as suas contas.

Ai! perdão! não me lembrava que tinha sido erro de imprensa. Santa invenção de Gutemberg! Não há nada que te pague! Com que facilidade fazes do branco preto! A pena diz o que quer: a imprensa é quem paga as custas.

Depois da descoberta do erro de imprensa feita pelo P. do Jornal do Comércio, dezenove dias depois da publicação do regimento, está me parecendo melhor é abandonar a questão das custas, porque do contrário a nossa imprensa fica desacreditada para o estrangeiro

O meio por cento do porteiro? Erro de imprensa. Os seis por cento do juiz de capelas? Erro de imprensa. Os dez contos que há de lucrar o porteiro de órfãos? Erro de

imprensa. A ridicularia de estabelecerem custas de 200 rs. Até para Presidente da Relação, em vez de uma gratificação anual? Erro de imprensa.

Já estou com medo que não descubram que o título do regimento e a referenda do ministro são erros de imprensa.

Que papel ficamos nós fazendo, Sr. Conselheiro Ferraz, tendo gasto o nosso tempo a atacar apenas uns tipos trocados, e umas letras sem sentido, sem idéias!

Mas, que coisa célebre! Parece que os três jornais da corte se apostaram para errar justamente no meio por cento! E o erro foi tão imperceptível (era de cerca de dez contos anuais) que só depois de um escrupuloso exame de dezenove dias é que se deu com ele!

O próprio Sr. P., no seu artigo de quinta-feira, defendeu o erro de imprensa, iludido como nós; e só ontem é que fez a importante descoberta. Maldita imprensa! Eis a razão por que se prefere uma compilação do direito civil manuscrito, tendo-se uma em letra redonda, cujo único defeito é estar pronta.

A propósito, tomo a liberdade de pedir ao Sr. P. que assista ao curso de leitura repentina do Sr. Castilho.

Como deve saber, o curso foi aberto quinta-feira por um discurso de uma extrema simplicidade, e que talvez por esta mesma razão satisfez o auditório. Estavam presentes o Sr. Ministro do Império, o Sr. Marquês de Monte Alegre, Visconde de Itaboraí e Sapucaí, o Conselho de Instrução Pública, e muitas pessoas de distinção.

O Sr. Ministro dos Estrangeiros chegou tarde, porque foi de gôndola, segundo observaram os mirones.

Se o método do Sr. Castilho produzir vantagens reais, como esperamos, não acontecerá ao Sr. P. a mesma coisa que na quinta-feira, em que com as pressas de responder, mostrou não ter lido o meu artigo de domingo.

Onde viu o correspondente que me queixei? Onde foi que lhe pedi tempo para expor as minhas opiniões? Quando viu que me calei e fugi da questão?

A isto só uma resposta. Se o Sr. P. tem o costume de estudar, de trabalhar e escrever para a imprensa, quando um motivo grave de aflição exige todos os seus cuidados e preocupa inteiramente o seu espírito, eu o respeito como um homem forte, que não dá

peso às misérias da vida humana. Entretanto considero-me muito feliz por fazer-lhe o contraste.

Quem se queixa é o correspondente, que, depois de ter comungado com as defesas impróprias de certos campeões do regimento de custas, estranha que o motejo tenha substituído a argumentação, e pede não trilhemos a senda dos declamadores políticos.

Como nos responderam? Não quero reviver uma coisa de que felizmente parece-nos que os defensores do regimento estão arrependidos; e, já que o Sr. P. quer voltar à argumentação, pedimos-lhe que discuta, mas que não veja nas censuras feitas ao regimento uma contradição com o tempo que levou a elaborar-se. Isto pode ser uma circunstância agravante contra o regimento, e nunca uma contradição.

Com o artigo do correspondente, publicado no Jornal de ontem, lemos igualmente a notícia de ter professado um frade no Convento do Carmo desta corte.

Não sabemos quem autorizou semelhante ato, sobre o qual o nosso governo desde muito tempo guarda uma prudente reserva. Pretende-se acaso reabilitar as ordens monásticas, o claustro, e faze-lo concorrer para o bem público auxiliando a instrução pública, os estabelecimentos de caridade, a catequese, ou mesmo a vigilância das prisões, como se usa em Leão?

É tarde; os últimos restos de algumas ordens religiosas que tivemos não têm regra nem disciplina, nem

instrução que outrora adquiriam; e apenas vegetam entre quatro paredes, esperando o dia de sua completa extinção, que não há de estar muito remoto.

A regeneração do claustro no nosso país é uma obra impossível; alguns homens ilustres que hoje existem, como Monte Alverne, o bispo de Crisópolis e outros, são representantes ainda daqueles tempos de prestígio e de ilustração, em que a solidão do claustro era iluminada pelo fogo do céu.

Presentemente, se um ou outro moço se distingue, o que é raro, nada à clausura, e sim à sua inteligência, ao seu estudo, aos seus esforços pessoais; o frade antigo ainda pode existir, como uma velha ruína: mas a ordem, o espírito de união, o vínculo sagrado, desapareceu, e com ele, a existência dos conventos.

Se a regeneração, pois, não é possível, que explicação tem esse ato de profissão? Não descubro nenhuma; não me ocorre um motivo que possa atualmente justificar a inabilitação de um homem para os cargos públicos; a condenação de uma atividade e de um elemento de trabalho a que o país tem direito.

Para mim o frade é um tipo história, que passou como o antigo sacerdote, como os filósofos, os escolásticos, os eremitas, os cavaleiros, os maçons, e que, tendo feito o seu tempo, pertencem às lendas e às crônicas.

Não sabem quanto me pesa ter de falar contra os frades justamente na quaresma; mas não há outro remédio; e, como eu não falo contra os homens, e sim contra o burel ou a estamenha os cobre, a consciência não me acusa de pecado.

Outra coisa seria, se me desse na cabeça subir o morro de Santa Teresa, ou mesmo ir até o recolhimento da Ajuda, onde talvez me revelassem bem lindos mistérios!

Se o Sr. Ministro da Justiça quer fazer uma obra meritória, é dar a estes estabelecimentos um fim caritativo e de beneficência pública. O que lucra o país com ter uma casa para algumas doceiras presentearem as pessoas de amizade?

Ao contrário, se estes estabelecimentos pudessem criar mulheres como as Irmãs de Caridade, é fácil prever as vantagens que deles nos resultariam.

Demos um salto; e suponhamos que é chegado o domingo de Ramos, tempo em que já se pode tratar de coisas profanas. O Cassino não nos pretende dar bailes este ano?

Num tempo de tantas graças, acho que esta é demais; porém, se tal é a sua tenção, avise-nos, porque, com a febre de companhias que há, num momento se organizará uma empresa para bailes.

Vai criar-se uma de seguro geral. Não há nada melhor. Muito sujeitinho pretende segurar-se contra o casamento: os maridos vão segurar a vida da mulher na esperança de perder. De um finório sei eu que, acendendo uma vela a Deus e outra a Satanás, se propõe a segurar a oposição e o ministério; a dúvida é quanto à primeira, se aparecerá seriamente; e quanto ao segundo, se a companhia o aceitar.

Eu, se fosse a companhia, aceitava com algumas cláusulas e reservas, como, por exemplo, repelindo todos os erros... mesmo os de imprensa.

Não sabeis qual o verdadeiro erro de imprensa? Foi o de censurar o tal regimento de custas; foi o de discutir uma obra tão augusta; foi o de se ter animado a defender-se de insultos pagos policialmente.

Basta! nem mais uma palavra. Só agora é que me recordo que o ministério tem estado de dor de cabeça. O Sr. Marquês de Paraná, desde segunda-feira, sofre de uma moléstia de fígado, da qual costuma ser atacado. Felizmente tivemos a satisfação de saber que S. Exª acha-se sensivelmente melhorado.

No meio de todos os contratempos que tendem a embaraçar a marcha regular da justiça no nosso país, apraz-me ver como os magistrados novos vão dando alguns exemplos de integridade e firmeza.

Não há muito tempo o Dr. José Caetano pronunciou um homem que se dizia ter fortes proteções. Agora o Sr. Dr. Izidro condena uma pessoa que ocupa uma posição distinta na sociedade pelos seus grandes haveres e pela sua influência.

Não entramos no mérito da sentença, nem podemos apreciar os seus fundamentos; mas o que não se pode negar é que o juiz que lavrou uma condenação desta ordem, deu uma prova incontestável de inteireza e de retidão. Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a ditou foi da mais vigorosa eqüidade.

Agora, meu amável leitor, até 1º de abril.

Entendeis?

XXV

Rio, 1º de abril

Descobriu-se afinal! A questão das custas é uma querelle d'allemand! O regimento foi o pretexto, e a causa verdadeira não se pode conhecer.

Quem sabe! Talvez os que censuram o regimento sejam empregados da Secretaria da Justiça, ou eminentes jurisconsultos incumbidos da fatura de códigos civis!

Os defensores, estes, são homens independentes, que nunca solicitaram coisa alguma do Ministério da Justiça, que podem ter aceito uma comissão científica, sem por isso

haverem transigido com a sua consciência, ou desistido da mais ampla liberdade de pensamento.

O que, porém, há de notável nisto é que a censura não procura disfarçar-se com a capa do anônimo, ao passo que o elogio tem pejo, tem vergonha de aparecer em público com o seu verdadeiro nome. Como é bela e louvável essa modéstia dos grandes talentos!

Mas qual será essa verdadeira causa que não se pode conhecer? Será alguma das anedotas que se contam por aí a respeito da maneira por que vai a nossa repartição da justiça? Será um desses muitos mistérios de secretaria que já começam a divulgar-se, e a tomar as proporções de um grande escândalo?

Não estamos agora para investigar este ponto; mas, se os defensores do regimento desejam muito, estamos prontos a tentar com eles uma pesquisa, que talvez se torne interessante. A exemplo de Xavier de Maistre, de A. Karr e de Garrett, escreveremos a nossa viagem Autour du Palais de Justice.

Esta obra há de ser um monumento de glória para muita gente, um livro precioso, digno de ser estudado pelos pretendentes, profissão esta que ainda não tem um roteiro certo pelo qual se guiem aqueles que a seguem!

Mas, por falar nisto, ia-me esquecendo dizer o quanto me tem incomodado ver a causa do Sr. Ministro da Justiça - uma tão bela causa - comprometida sem dó por um dos P.P. do ministério, pelo P. do Jornal do Comércio.

Depois de ter falado (a propósito de custas) em fivelas de calção, em oráculos de Tênis e esfinges do Egito, nas histórias da vovó, nos iconoclastas, no Ministro Roland, e na abóbada celeste, acabou por chamar a justiça barata!

E então! Que me diz a isto o Sr. Ministro da Justiça? Vê como se desrespeita a S. Ex.ª, como se ridiculariza uma instituição de tanta gravidade sobre a nossa magistratura, e sobre todos os empregados dessa repartição?

Se a justiça é barata, segundo diz o P. do Jornal do Comércio, a conseqüência é fácil de tirar; razão por que o autor da lembrança tem o cuidado de declarar que é inteiramente alheio a essas coisas judiciárias e forenses.

Mais um título, por conseguinte, para bem tratar de questões desta natureza!

Quanto aos negócios das custas, já não tenho nada que dizer em semelhante discussão, visto que os defensores do regimento estão fazendo sabatina e destruindo mutuamente as objeções e argumentos que cada um apresenta.

O P. do Jornal do Comércio elogia as custas, a ciência de vovô, a razão dos séculos passados, as coisas velhas e carunchosas; o P. do Correio Mercantil aceita a idéia civilizadora da revogadora das custas, e condena o sistema emolumentário como usança obsoleta dos nossos antepassados. Um diz que temos justiça barata e gratuita, o outro que urge fazer os tribunais acessíveis ao rico e o pobre.

Assim, pois, lá se avenham os dois, que nós lavamos as mãos neste negócio: podem discutir livremente, podem brigar à sua vontade. Só peço a Deus, para bem do Sr. Ministro da Justiça, que não se realize o antigo anexim: Brigam as comadres, descobrem-se as verdades.

Com efeito, a questão está o mais interessante possível. As estrelinhas do Jornal do Comércio, depois de uma luminosa definição de imposto, declaram magistralmente que as custas não podem ser classificadas como uma contribuição daquela natureza. Ontem apareceu o P. da mesma folha, dizendo “que as custas se devem considerar como um imposto, que afinal recai integralmente sobre o demandista de má fé para punir a sua avidez”.

Parece mesmo uma coisa de propósito e caso pensado; um diz uma coisa, o outro contraria imediatamente, e, o que é mais engraçado, contradiz-se a si mesmo. Assim o Sr. P. do Jornal, que “pouco sabe de estilo forense e de fórmulas sacramentais”, declara dogmaticamente que não se devem prescrever essas palavras que ele nem compreende.

Mas o correspondente tem medo que, “condenando aquelas fórmulas como inúteis, se sacrifique uma garantia de precedência (não entendo) para com os direitos da parte”; e como o Sr. P. tem medo, está acabado, não se deve fazer a reforma.

Na verdade, que fortes garantias não existem nesses aranzéis dos termos antigos, nesses erros gramaticais que formam uma gíria, a que infelizmente se chama estilo forense!

Quando no começo de uma escritura se diz: “Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e cinqüenta e cinco, aos tantos de tal mês, etc.”, a parte tem mais garantia do que se escrevesse

simplesmente a data do ano e do mês.

Se o advogado no libelo se esquecer de traçar meia dúzia de letras maiúsculas, que traduzidas formam um palavreado de rábula, a causa está perdida, as leis da justiça ficam desrespeitadas!

E, portanto, conservamos essas frases ocas, que nada exprimem, que só servem de fazer da linguagem da justiça uma espécie de algaravia, uma gíria incompreensível que ainda mais auxilia a dependência em que vivem as partes a respeito dos homens de justiça.

Olhe, Sr. P., quem o obriga a falar dessas coisas comete uma impiedade, porque está comprometendo a sua reputação de anônimo, que já ia tão bom caminho com aqueles seus primeiros devaneios jurídicos, com aquelas glosas feitas à reforma judiciária.

Dizem que os motes vinham da Secretaria da Justiça, mas eu não creio em semelhante aleive. São coisas que espalham adrede os invejosos, que têm ciúme do seu gênio, da ciência infusa, capaz de tratar profundamente de questões de que pouco entende.

E o erro de imprensa? Não é interessante essa omissão em que falam todos os defensores do regimento, mas que nenhum deles sabe qual ela é? Não é tão regular que o regimento esteja em execução, que os porteiros vão recebendo o meio por cento, e que o ministro ativo e laborioso nem sequer se dê ao trabalho de expedir uma circular retificando a omissão do regulamento?

Todos os dias aparece um novo achado. O primeiro foi o erro de imprensa, depois os erros de cópia. Pobres compositores, pobres copistas, que carregais com as culpas de vossos ilustres colegas! quando digo vossos ilustres colegas, refiro-me aos que compõem códigos, e aos que copiam regulamentos e reformas dos livros franceses e das revistas de legislação.

Semelhante lembrança do erro de imprensa foi desgraçada; todos viram nisto uma confissão dos defeitos e das irregularidades do regimento de custas - confissão desairosa - porque nem ao menos tiveram a coragem de a fazer como uma declaração formal, como uma satisfação às justas e comedidas censuras que apareceram.

Mas entenderam que ficava mal aos mestres, aos decanos da ciência, aos novos Papinianos, dizem claramente que tinham errado, sobretudo quando discutiam com uns ignorantes, que não sabem coisa alguma, e que sem a menor modéstia ousam falar em

jurisprudência, quando homens como o Sr. P., sacudindo a sua cabeleira empoada, deixam cair o polme sucoso da ciência.

Esta última frase é augusta; servimo-nos dela, mas não sabemos o que quer dizer. Não faz mal: seguimos o exemplo do correspondente do Jornal do Comércio.

Concluindo, porém, este artigo, não podemos deixar de felicitar-mo-nos por ver que alguns dos mais distintos e extremos defensores do regimento de custas confirmam com o seu talento e os seus conhecimentos a necessidade de acabar com as custas que percebem os juízes, e de livrar a magistratura desse cancro, embora se conserve o regimento antigo para os ofícios de justiça.

Nunca desejamos reformas precipitadas. Quando atacamos em geral a instituição das custas, foi sempre na idéia de que, reconhecida ela como defeituosa, devia ser pouco a pouco substituída por um sistema mais perfeito.

Por isso, se o Sr. Ministro da Justiça pretende realizar semelhante melhoramento, poderá contar da nossa parte com aquela mesma pequena e pouco valiosa adesão que temos mostrado sempre que S. Ex.ª tem iniciado uma medida útil para a nossa legislação.

A pena que sem interesse nem considerações defendeu a sua reforma judiciária, e censurou o seu regimento de custas, desejaria poder fazer alguma coisa para a adoção de uma idéia cujo grande alcance todos compreendem.

Isto, porém, não quer dizer que voltamos da nossa maneira de pensar a respeito do regimento. Não: temos a este respeito uma opinião firme; mas, desde que atingimos o fim desejado, guarde cada um a sua convicção e unamo-nos para fazer um serviço à justiça do nosso país.

Quando a questão que presentemente se agita nos levar à extinção das custas que percebem os juízes, todos nós teremos motivos de nos felicitarmos.

Se a razão está da parte dos defensores do regimento, que sustentam a necessidade de uma autorização do corpo legislativo, cabe-nos a nós a iniciativa de uma idéia útil e conveniente.

Se, ao contrário, nós temos a justiça pelo nosso lado, os defensores do regimento terão prestado um relevante serviço à causa pública, dando o exemplo de uma discussão leal, aceitando a verdade de onde quer que ela venha, e auxiliando com as suas luzes uma reforma de grande interesse.

Agora, meu amável leitor, podemos conversar mais familiarmente sobre outras coisas da semana.

Esqueci que hoje é o 1.º de abril. O que vos tenho a dizer é muito sério. Pretendia escrever-vos um folhetim apropriado ao dia; mas neste tempo de custas tudo custa, e por isso resignai-vos à sensaboria da quadra.

Demais, os poissons do 1.º de abril começaram este ano tão cedo, que já perderam a graça.

O tudo e nada do Jornal do Comércio, que escreve sempre a segunda parte do seu artigo e nunca chega à primeira, descobriu que o regimento de custas era uma pulha.

No Maranhão os visionários espalharam que o Dr. Olímpio Machado fora demitido da presidência justamente no momento em que aquele digno funcionário merece toda a confiança do governo pela sua excelente administração.

Nesta corte o Teatro Lírico também nos pregou um formidável logro com o seu baile alcunhado de Remorso. Se alguma coisa há nesta farsa que se pareça com o título, é o sentimento do autor por tê-la composto, e o da diretoria por se ter animado a fazer representar uma coisa tão grotesca.

O outro logro foi a récita de quinta-feira, que se transferiu a pretexto de moléstia. Se esse foi o verdadeiro motivo, não sei; a diretoria soberana não dá satisfações ao público; mas diziam por aí que naquele dia, por volta do meio-dia, ainda não se tinha vendido um só bilhete de geral. Naturalmente os apaixonados da Zecchini estavam todos aflitos com a moléstia da terza-donna.

Ainda uma vez insistimos para que se acabe com esse monopólio lírico, tão prejudicial aos interesses do público. Não sei que razão, ou antes que escrúpulo pode fazer continuar semelhante estado, e recear uma concorrência cujas vantagens são geralmente reconhecidas.

Temos uma nova empresa lírica, que sem nenhuma subvenção se propõe dar espetáculos no Teatro São Pedro de Alcântara. O governo devia não só autorizar semelhante empresa, como facilitar-lhe todos os meios de levar a efeito o seu projeto; porque assim conseguimos ter excelentes representações, melhores artistas, e faríamos dentro de alguns anos uma grande economia, reconhecendo que podem existir empresas líricas não subvencionadas.

Outra grande vantagem desta empresa é a edificação de um grande teatro lírico com as proporções necessárias para facilitar a entrada a todas as classes da sociedade; para isto pede a empresa durante dez anos uma subvenção anual de 120 contos, ficando o teatro pertencendo ao governo no fim do prazo da duração da companhia, que é de quinze anos.

Ora, se atendermos a que o governo teria de despender mais de mil contos na edificação de um teatro daquelas proporções, se considerarmos na economia da subvenção, é evidente que muito ganhamos em auxiliar a nova empresa, e fazer com que ela realize o seu plano o mais breve possível.

E basta de idéias profanas; estamos na Semana Santa, no tempo da Sagrada Paixão, dos santos e poéticos mistérios da nossa religião; aí vêm os dias de prece e recolhimento, e as romarias pelas igrejas.

Este ano a Rua do Ouvidor deve estar brilhante. Além das belas casas que por este tempo costumam apresentar-se com todo o luzimento, teremos um novo estabelecimento preparado com o maior luxo e bom gosto.

A Notre-Dame de Paris abre amanhã o seu magnífico salão. A respeito de elegância e riqueza é delicadamente o primeiro estabelecimento deste gênero que existe na corte.

Que felicidade para os maridos e pais de família! Hão de pagar caro os vestidos e as modas; porém ao menos terão o consolo de reverem-se em magníficos espelhos, de pisarem macios tapetes, e recostarem-se em cômodas poltronas.

O que é verdade é que de amanhã em diante as mocinhas do tom terão um lindo palácio de fadas, e os homens casados um verdadeiro purgatório em vida.

Íamos fechar este artigo, quando nos contaram que a relação desta corte tinha absolvido ao procurador de causas Antônio Manuel Cordeiro. No lugar competente examinaremos

este processo, e apreciaremos a justiça dessa absolvição, dada a favor de um homem sobre o qual pesava tão grave acusação.

XXVI

Rio, 15 de abril

Nestor Roqueplan, o espirituoso escritor que tão exatamente descreveu o tipo do larmoyeur, esqueceu-se de classificar uma das espécies mais interessantes deste gênero de bípede implume: o larmoyeur jornalista.

É verdade que esta importante descoberta estava reservada para nossos dias. Conheciam-se diversas classes de larmoyeurs, como políticos, os parlamentares, os pretendentes, os conquistadores; mas o larmoyeur jornalista só apareceu pela primeira vez no sábado da aleluia, no dia de Judas.

Apareceu declarando que estava triste, muito triste, e queixando-se, e pedindo que o consolassem! Que pena!

Que pena!...

Lastimava-se por causa do dia? Não creio; é mais natural que se ressentisse de alguma injustiça grave, que estivesse possuído de algum despeito violento.

Que pena! Consolai-o, leitores, porque do contrário ficareis privados do vosso divertimento das quintas, da graça e do espírito de tão belos artigos. Napoleão quer abdicar; César recusa o império; Talma retira-se do teatro! Oh! desgraça!

Acho escusado dizer-vos a folha a que devemos essa tão curiosa invenção do larmoyeur, assim como o nome do seu abençoado autor.

Qual o jornal desta corte que se distingue pela brilhante iniciativa que tem tomado nos melhoramentos da imprensa?

O Jornal do Comércio.

O que é que exprimem as lágrimas com a sua eloqüência sublime, com a sua expressão irresistível? Tudo e nada.

Só vos peço, por bem de todos, que não deixeis de consolar o nosso larmoyeur, pelas razões que já vos disse. Escrevi algumas correspondências elogiando o seu estilo, o chiste dos seus artigos, e sobretudo que não vos esqueçam os lindos pós-escritos, dignos de rivalizar com as cenas de uma comédia espanhola!

É preciso também chamá-lo algumas vezes, a propósito, de sábio. De gênio, de portento. Gato ruivo do que usa, disso cuida, diz um provérbio nosso.

Demais, o homem é amigo de todo o mundo. Conselheiros de Estado, marqueses, viscondes, ministros, pertencem ao círculo dos íntimos. “Meu amigo Bellegarde, meu amigo Pedreira, meus amigos marqueses”, são frases que lhe v~em a todo o momento ao bico da pena.

E não cuidem que é por vangloriar-se; não, é simples força de amizade, é o poder da simpatia. O nosso escritor é o Pollux de todos os Castores, é o fidus Achates da humanidade ministerial.

Ora, um homem que se acha nesta posição, e que não é justamente apreciado, tem direito a ficar triste, a mostrar-se despeitado e a esmagar os outros com a sua ironia tranchante, chamando-os de sábios e de gênios; isto é: atirando-se em corpo e alma, em palavras e obras, sobre a cabeça daqueles que ainda o não reconheceram como tal!

E, a falar a verdade, o público tem sido injusto e o Jornal do Comércio ingrato. Já lá vão não sei quantos artigos, e nem sequer ainda fizeram sair a mais pequena publicação a pedido elogiando o luzeiro da imprensa, que tudo sabe e nada ignora, o amigo de todo o mundo.

Voltando, porém, ao meu autor, a aparição do Larmoyeur jornalista faz-me lembrar uma página sua que li há tempos, e que recomendo aos meus leitores.

Na opinião do espirituoso escritor, a arte de chorar a propósito é a primeira das artes, assim como as lágrimas são a única língua universal que existe na terra, e que provavelmente foi falada antes da Torre de Babel.

Quereis a prova?

Abri a boca e chorai... todo o mundo entenderá que tendes fome.

Chorai e bebei as lágrimas; e logo se conhecerá que estais morrendo de sede.

Levai a mão ao coração e chorai olhando uma mulher; e ela compreenderá que a amais.

Erguei ao céu os olhos rasos de prantos, juntai as mãos; e ninguém deixará de entender a prece muda de uma alma infeliz.

Voltai as algibeiras e deixai correr algumas lágrimas; e logo se verá que não tendes dinheiro nem crédito.

Uma lágrima isolada, que pende da pálpebra, e corre lentamente por um rosto pálido e triste, exprime uma dor silenciosa e concentrada; é como uma gota de fel que verte o coração.

Duas lágrimas límpidas que empanam às vezes o brilho dos olhos, e se desfilam docemente pelas faces, dizem uma saudade, uma suave recordação.

O pranto e os soluços são a expressão do desespero, assim como uns olhos rasos de lágrimas e um sorriso revelam o momento da suprema felicidade deste mundo.

E entretanto, apesar do poder irresistível desta linguagem universal, todo o mundo trata de rir, e ninguém sabe chorar. As lágrimas vão caindo em desuso; e apenas nas despedidas e nos enterros ainda se usa, bem que raras vezes, deste meio persuasivo.

O Sr. Ministro do Império na sua reforma da instrução pública esqueceu-se de criar uma aula especial desta arte, ou desta língua, como quiserem. Num tempo em que o ensino se multiplica, em que há escolas para tudo, é imperdoável que não exista uma escola onde se aprenda a chorar a propósito.

O choro, segundo o nosso autor, é um flux à deux robinets; é um jorro que inunda num instante, penetra pelos poros da vossa sensibilidade, e vos faz transbordas o coração.

É preciso, portanto, que cada homem tenha à sua disposição uma fonte lacrimal abundante, e sempre pronta a

soltar o repuxo. É preciso também que saiba usar dela conforme as regras darte.

Assim, às vezes é mais conveniente uma dessas lágrimas silenciosas de que já vos falei; outras, é preferível uma chuvinha, uma garoa; e alguns casos haverá que seja necessário uma inundação, um verdadeiro dilúvio lacrimal, do qual nem o mesmo Noé escaparia.

Só os mestres podem ensinar esses segredos darte, e adestrar os seus discípulos nestes rasgos, neste tropos, nestas figuras da eloqüência lacrimal; por conseguinte: uma escola do choro é indispensável.

Aberta a aula, os primeiros que se matriculam são os namorados de ambos os sexos; em segundo lugar os pretendentes, os candidatos à eleição; depois os oradores, os ministros e os jornalistas que aspiram à popularidade.

Finalmente se formará uma sociedade importante, uma ordem notável, uma corporação distinta, cujos membros terão o título de - chevaliers de la larme à l'oeil.

Não esqueçam, porém, uma coisa, e é que não sou eu que digo essas coisas; se não lhes agradam, queixem-se de Nestor Roqueplan, que foi quem as inventou. Eu o que fiz, apenas como bom tradutor, foi presumir alguns pensamentos que decerto lhe escaparam, e que ele naturalmente teria, se escrevesse nesta cidade, e não em Paris.

Isto posto, estou às vossas disposições; podemos conversar sobre o que nos parecer, sobre o D. Pascoal no Teatro Lírico, sobre as notícias do Paraguai, sobre o frio e sobre os divertimentos da semana.

Fostes sexta-feira à noite a Botafogo?

Vistes como estava brilhante a linda praia, com a sua bela iluminação, com as suas alegres serenatas, e com os bandos de passeadores que circulavam em frente do palácio?

Havia uma expansão de contentamento e de júbilo em todas estas demonstrações com que era acolhida e festejada a vida de Sua Majestade. O arrabalde aristocrático se desvanecia por ser durante algum tempo a residência da corte.

Uma banda de música desfilava ao longo da praia, soltando às brisas da noite e aos ecos harmoniosos daquela baía alguns temas favoritos do Trovador. Os grupos de mocinhas travessas e risonhas se encontravam e se confundiam um momento numa nuvem de beijos e abraços.

Aquelas areias felizes eram pisadas por muito pezinho mimoso, habituado a roçar com o seu sapatinho de cetim os macios tapetes e o lustroso soalho dos ricos salões; e por isso, se observásseis bem, havíeis de ver entre os passeadores perdidos na multidão muito Romeu, muito Ossian, muito Goethe improvisado.

As auras da noite, que agitavam aqueles cabelos aveludados, que roçavam por aqueles lábios maliciosos, que passavam carregados de ruído, de músicas, de perfumes, trouxeram-me no meio dos rumores da festa ao lugar onde estavam uma palavras soltas que pareciam a continuação de uma conversa interrompida.

A primeira voz que me chegou ao ouvido era doce e melodiosa, era de moça, e pelo timbre devia ser de uma boquinha bonita.

-Está tudo muito lindo, dizia a voz; mas acho que falta uma coisa.

-O quê? perguntou o cavalheiro, que naturalmente dava o braço, não à voz, mas à dona da voz.

-Devia haver um fogo de artifício.

-E o há com efeito.

-Mas onde? Não vejo.

-Nem o pode ver, porque está nos seus olhos.

-Engraçado!...

A brisa escasseou neste momento, e não me trouxe o fim da conversa; mas eu fiquei compreendendo a razão por que hoje não se usam como antigamente em todas as festas, as girândolas, as rodas de fogo, etc. foram substituídas por outra espécie de fogo de artifício.

O que se usava outrora tinha o inconveniente de queimar a gente; mas esta queimadura curava-se aí com qualquer remédio de boitica. O que está em moda presentemente é pior, porque em vez de queimar, abrasa, e dizem que por muito tempo.

O que eu sei é que é esta uma arte capaz de fazer concorrência do larmoyeur, e digna de sério estudo, não só para se poder bem usar dela, como para se evitarem os enganos e as ciladas em que pode cair quem não tiver perfeito conhecimento desses segredos da coquetterie.

Os homens que falam de tudo e nada dizem, têm aí um belo tema para dissertarem; podem mostrar a influência útil que deve ter aquele estudo sobre desenvolvimento da nossa arte dramática, tão desprezada e tão desmerecida entre nós.

E isto vem a propósito, agora que a nova empresa do Ginásio Dramático se organizou, e promete fazer alguma coisa a bem do nosso teatro.

Assistimos, quinta-feira à primeira representação da nova companhia no Teatro de São Francisco: foi à cena

um pequeno drama de Scribe, e a comédia do Dr. Macedo.

Embora fosse um primeiro ensaio, contudo deu-nos as melhores esperanças; a representação correu bem em geral, e em algumas ocasiões excelentes.

O que resta, pois, é que os esforços do Sr. Emílio Doux sejam animados, que a sua empresa alcance a proteção do que carece para poder prestar no futuro alguns serviços.

Cumpre que as pessoas que se acham em uma posição elevada dêem o exemplo de uma proteção generosa à nossa arte dramática. Se elas a encorajarem com a sua presença, se a guiarem com os seus conselhos, estou certo que em pouco tempo a pequena empresa que hoje estréia se tornará um teatro interessante, no qual se poderão ouvir alguns dramas originais e passar-se uma noite bem agradável.

Que vale entre tantas despesas de luxo a mesquinha assinatura de um pequeno teatro? Que importa que se sacrifique uma ou duas noites para dar um impulso à nossa arte dramática, e ganhar para o futuro um passatempo útil e agradável?

No momento em que se soubesse que algumas das nossas notabilidades, citadas pelo seu gosto e pelo seu amor à arte,eram assinantes do Ginásio, que as senhoras distintas prontas a aplaudir um belo lance dramático, não haveria mais pena que julgasse se desmerecia escrevendo para o teatro.

Assim, pois a essas pessoas compete dar o exemplo; quanto aos autores, estes estão prontos, e um dos mais distintos já tomou a iniciativa dando uma composição sua para a abertura do teatro.

Não é este o lugar próprio para uma crítica literária, e por isso nos abstemos de falar da espirituosa comédia do Dr. Macedo, a qual foi muito bem acolhida.

Tivemos esta semana boas notícias do Paraguai. A perspectiva de guerra desapareceu; e assim era de esperar, visto que aquela República não era de força para lutar conosco.

Tem, é verdade, as suas Três-bocas, mas cada um dos nossos vapores tem muito maior número de bocas; e não são bocas d'água, ou de rio, são bocas de fogo.

Nas altas regiões da política trata-se da vaga de senador pela província da Bahia.

Não faltam candidatos; mas há um que é recomendado pelo seu merecimento e pelos seus serviços, lembrado pelos homens mais ilustrados, e que será muito bem aceito pela província; falamos do Sr. Wanderley.

XXVII

Rio, 22 de abril

O Botafogo continua a ser o rendez-vous da sociedade elegante desta corte.

As tardes não têm sido tão lindas como deviam; mas felizmente aí vem o mês de maio, o mês das flores, da poesia, a verdadeira primavera da nossa terra.

Começa a estação dos bailes e dos saraus. O Campestre dá a sua primeira partida por estes dias; o Cassino nos promete uma bela noite antes do fim do mês.

Teremos naturalmente, como nos anos passados, uma febre dançante. Ninguém escapará à epidemia; e até alguns malévolos espelham que o próprio ministério fará uma contradança.

Venha, pois, o mês gentil, a estação das flores, com as suas belas tardes, com as suas lindas manhãs de cerração, com os seus dias puros e frescos!

Quanta coisa bonita que se prepara este tempo! Que belas noites, que alegres divertimentos nos promete ainda o arrabalde do Botafogo!

Uma regata, um baile popular, e um fogo de artifício suspenso sobre as águas límpidas da baía! Que magnífico espetáculo!

A minha pena, coitadinha, já está tremendo de susto, só com a idéia de que há de ser obrigada a descrever todas essas maravilhas! Que se arranje como puder; é coisa que bem pouco me embaraça.

Além destes encantadores divertimentos, ainda teremos outros que por ora estão em segredo, e que se revelarão a seu tempo; assim como muita novidade política que se está guardando para a abertura das câmaras.

Que novidades são estas? Não sei; correm tantas versões, que é impossível acertar com a verdadeira. Cada um descreve a situação à sua maneira, forma conjeturas, e acaba fazendo uma pergunta que está no pensamento de todos:

-Haverá oposição?

Entretanto, na minha fraca opinião, a situação é a mais bela e a mais esperançosa que é possível. Navegamos num mar de rosas ao sopro das brisas bonançosas; faz um tempo soberbo: tudo sorri, tudo brilha.

E, se não, lancem os olhos sobre a atualidade e estudem com atenção os prognósticos favoráveis que vão aparecendo.

Com a entrada da boa estação, as folhas de uma árvore que diziam carunchosas, as folhas da Constituição, reverdecem. Hércules reveste-se da túnica de Nesso, e dispõe-se a recomeçar os sete grandes trabalhos. A nossa marinha se enriquece consideravelmente com uma nau de pedra, invento que não possuem os países mais civilizados da Europa. Finalmente, o exército teve uma promoção!

Não há, pois, que duvidar. A época é toda de esperanças; e, se por aí se vêem esvoaçar urubus, não é porque o ministro esteja doente. Qual! é porque estamos tratando agora da limpeza das praias.

Há também uns sujeitinhos que espalham que o ministério já não regula. Que contra-senso! O ministério dos regulamentos! Bem se vê que são coisas a que não se deve dar o menor crédito.

Assim, pois, creio que se pode responder negativamente à pergunta que fazem todos os políticos. Não teremos oposição. Tratar-se-á de uma outra questão jurídica e administrativa; far-se-ão algumas interpelações, e nada mais.

Quatro meses depressa se passam; e os ministros, que gostam tanto do gabinete, mas que têm uma ojeriza particular às câmaras, tomarão um meio termo, e decidirão nos salões com os deputados as questões mais importantes da administração.

O salão é um terreno neutro entre a câmara e o gabinete. No gabinete só entram os íntimos, aqueles que estão no segredo do dono da casa e que gozam da sua familiaridade. A câmara é o aposento onde ordinariamente têm lugar os arrufos e as zanguinhas do marido com a mulher, onde de ralha e se passam algumas horas de mau humor.

No salão, porém, recebem-se todas as visitas de cerimônia ou de intimidade; dão-se bailes, reuniões dançantes e concertos. Conversa-se ao som da música; conferencia-se a dois no meio de muita gente, de maneira que nem se fala em segredo, nem em público.

Se a palestra vai bem, procura-se alguma chaise-longue num canto da sala, e, a pretexto de tomar sorvete ou gelados, faz-se uma transação, efetua-se um tratado de aliança.

Se a conversa toma mau caminho, aí aparece uma quadrilha que se tem de dançar, uma senhora a que se devem fazer as honras, um terceiro que chega à propósito; e acaba-se a conferência, e livra-se o ministro do dilema em que se achava, do comprometimento de responder sim ou não.

Um ministério prudente deve por conseguinte procurar sempre o salão antes de entrar na câmara, e isto até mesmo por uma analogia com o que se passa nas relações domésticas e na vida familiar.

Um namorado imprudente que, prescindindo das etiquetas, quisesse logo do primeiro dia penetrar na câmara de alguma beleza fácil que requestasse, corria seu perigo de ver-se obrigado a saltar pela janela, a quebrar uma perna, e talvez a ser agarrado pela polícia.

Ao contrário, um conquistador de tática, que primeiro se faz apresentar no salão, que concilia as boas graças da mamãe, e se inicia nos negócios do papai, que se faz necessário, daí a pouco passa à varanda, ao gabinete, e por fim conquista a câmara.

Bem entendido, conquista a câmara com o auxílio da igreja; assim como o ministério deve conquistá-la com o auxílio da justiça.

Está, pois, definido o programa da nossa situação política. O ministério deve abrir os seus salões, dar um baile as noites, e tratar de fazer com que haja bons espetáculos líricos, a fim de os teatros serem concorridos.

Realizando este programa, não deve ter medo dos deputados, porque ninguém deixará as belas salas iluminadas e as elegantes rainhas da moda com todas as fascinações, para se ir meter numa câmara velha e escura, que até já foi cadeia!

Além do sossego de espírito, ganharão os ministros uma popularidade espantosa entre as moças, entre os leões da cidade, e até entre os músicos e os sorveteiros, que abençoarão este diário consumo de notas e de sorvetes.

Nenhum folhetinista poderá deixar de fazer o seu elogio quando no domingo passar em resenha os magníficos saraus que tiverem lugar durante a semana, e acharem nas suas recordações as mais belas idéias e as mais bonitas inspirações para um artigo poético.

As moças com este trato contínuo fascinarão de todo os seus adoradores; e o número dos casamentos se multiplicará consideravelmente, trazendo um sensível aumento de população, devido unicamente à política do ministério.

Deixemos por um momento esta perspectiva brilhante, para olhar um quadro triste da semana, uma cena de luto em que devemos tomar parte.

Faleceu na noite de segunda-feira o Sr. Conselheiro João Duarte Lisboa Serra. Ainda na flor da idade, sucumbiu a uma enfermidade cruel, depois de um longo sofrimento de cerca de três meses.

Reunia às virtudes cívicas e à inteligência e integridade de vida pública os mais nobres sentimentos do homem; era um zeloso empregado, um cidadão honesto, um amigo leal, e um excelente pai de família.

Não há muito tempo, numa carta que nos dirigiu, ofereceu-nos uma poesia feita nas suas noites de insônia e de padecimento. Mal sabíamos nós, ao ler estes versos tão simples e tão repassados de mágoa e de sentimento, que ouvíamos o canto do cisne.

Aqui os copio com o trecho da carta. Os seus amigos, aqueles que o estimavam, ouvirão ainda uma vez as suas palavras.

“Adeus!

“Bem quisera terminar mandando-lhe alguma flor mimosa colhida como por encanto no meio das vastas e monótonas Campinas deste meu prosaico retiro. Mas apenas deparo com os ramos fúnebres do cipreste.

.....

“Leia, pois, no meio das esperanças que lhe sorriem, esses tristes versos do desengano; e receba no grito do moribundo uma lembrança indelével do amigo.

“É a minha oração da manhã.

Domine, exaudi orationem meam!

Morrer tão moço ainda! Quando apenas

Começava a pagar à pátria amada

Um escasso tributo, que devia

A seus doces extremos!

Morrer tendo no peito tanta vida,

Tanta idéia na mente, tanto sonho,

Tanto afã de servi-la, caminhando

Ao futuro com ela!...

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,

Educados por mim, legar-lhe o esforço...

Mas ah! que os deixo tenras florezinhas

À mercê dos tufões.

Vencerão das paixões o insano embate?

Sucumbirão na luta do egoísmo?

As crenças, a virtude, o sentimento,

Quem lhes há de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos

Deste mundo ilusório; mas suplico

Tempo de vida, quanto baste apenas

Para educar meus filhos.

É curto o prazo; dai-me embora ao fel

Dos sofrimentos; sorverei contente.

Lúcida a mente, macerai-me as carnes

Estortegai meu corpo.

E após, tranqüilo, volverei ao seio

Da eternidade. A fímbria do teu manto,

Face em terra, beijando, o meu destino

Ouvirei de teus lábios.

Andaraí, 1855.”.

Voltemos a página, e passemos dos dramas verdadeiros e reais aos dramas escritos, às cenas do teatro.

O Ginásio deu a sua terceira representação, na qual estreou uma espirituosa menina, que tem um belo talento

e as melhores disposições para a cena. Em algumas ocasiões especialmente representou com tanta inteligência, com tanta graça, que arrancou aplausos gerais.

A companhia vai perfeitamente, tanto quanto é possível aos modestos recursos de que dispõe. É conhecida geralmente a falta que temos de bons atores; e por isso não há remédio senão ir criando novos. O Ginásio por ora é apenas uma escola; mas uma escola que promete bons artistas.

A sala é pequena; entretanto a circunspeção que reina sempre nos espectadores, a lotação exata das cadeiras e gerais, a regularidade da representação, fazem que se passe uma noite agradável, e muito mais divertida do que no Teatro de São Pedro de Alcântara.

Se as minhas amáveis leitoras duvidam, vão examinar com os seus próprios olhos se falto a verdade. Vão assistir a uma noite de espetáculo, e ver brincar na cena com toda a naturalidade aquela interessante e maliciosa menina de que lhes falei.

As minhas leitoras se recusariam por acaso a fazer este benefício à arte, dando tom a este pequeno teatrinho, que tanto precisa de auxílio e proteção?

Estou certo que não; e está me parecendo que esta noite enxergarei pelos camarotes muito rostinho gentil, muito olhar curioso procurando ver se eu os enganei e faltei à verdade.

XXVIII

Rio, 28 de abril

Que linda noite, meu Deus!

Fazia um luar magnífico. As estrelas brilhavam no azul do céu. As brisas apenas murmurejavam entre as sombras das árvores.

Era uma noite de abril, uma dessas belas noites da nossa terra, noites de poesia e de romance.

Estávamos no Passeio Público. Éramos dois, e conversávamos sobre tanta coisa, fazíamos tantos sonhos acordados, tantos poemas de imaginação, que nem sei dizer.

Há muita gente que prefere o dia à noite. Eu, ao contrário, sou da seita dos peripatéticos, e sigo neste ponto a opinião de Meri.

Não há coisa mais bela e mais poética neste mundo do que sejam as estrelas. O sol é um astro egoísta, incômodo, e que demais a mais faz-se de espião e quer intrometer-se em tudo.

O sol causa dores de cabeça, queima as faces as mais mimosas, estraga as mais belas cores, obriga a gente a não sair de casa, rouba-nos o prazer de passar no campo, e gera um aluvião de insetos e mosquitos capaz de morder a todo gênero humano.

Decididamente prefiro a noite com as suas estrelas, com o silêncio de suas horas mortas, e as suas sombras pálidas e melancólicas.

É sempre de noite que temos as nossas melhores idéias; e quando se trata de tomar uma resolução importante, ninguém deixa de dormir sobre o caso.

Quanto à poesia, nem falemos. Se quereis sentir, se desejais ter inspirações, passeai de noite ao relento, conversando com as estrelas. Ficareis poeta por força.

O mesmo me aconteceu nessa noite de que vos falei. Conversávamos sobre música, sobre a representação dos Puritanos, sobre o teatro, e de repente senti em mim umas faíscas do fogo sagrado.

Lembrava-me da Charton, e parecia-me ouvir dessas belas volatas que brincam nos seus lábios, que se elevam gradualmente até confundir-se em ondas de harmonias, que morrem a pouco e pouco, e vão perder-se num sorriso ou num tênue suspiro que lhe parte o seio.

Muitas vezes faltavam-nos as imagens. Seria necessário recorrer a todas as artes, materializar o som, colorir a voz, dar corpo à música, para descrever todas as belezas desse canto inspirado.

Assim há umas notas que chamejam, irradiam como chispas brilhantes lançadas no ar; há outras que caem docemente como gota de orvalho da manhã. Umas são brilhantes que desferem raios de luz; outras são flores que exalam perfumes à noite.

Muitas sorriem, brincam com os lábios, aninham-se nas covinhas da boca, fazem mil travessuras, furtam um beijo - e fogem. Algumas suspiram, tremem, vacilam como a lágrima que se desfia pelas faces, palpitam como um seio oprimido, e por fim vem expirar suavemente dentro d’alma.

Às vezes dir-se-ia que o beija-flor se aninha no cálice de uma rosa; outras que bate as suas asas douradas e se

lança no espaço, colorindo-se aos raios do sol.

E todos esses arabescos e fantasias brilhantes que vos traça a imaginação, todas essas flores mimosas, esses raios de luz e esses lindos coloridos, não valem o drama cheio de emoções que se passa em vossa alma aos sons daquela voz harmoniosa.

Há muito tempo não tem o nosso teatro uma noite como a dos Puritanos; a representação correu perfeitamente, e todos os papéis foram mais ou menos bem desempenhados.

Dufrene, o novo tenor, apesar da pouca extensão de sua voz, agradou. É um excelente artista, e canta com muito estilo e muita expressão. Estou certo que, quando estivermos habituados como seu canto, o ouviremos com muito mais prazer do que nas primeiras noites.

Bouché foi perfeitamente no seu pequeno papel. A sua bela voz produziu o melhor efeito no magnífico dueto do segundo ato.

A Charton excedeu-se. Graciosa nas expansões infantis de um amor feliz, sublime no desespero, natural nos desvarios da paixão, foi artista desde o começo ao fim. Havia naquele dia o quer que seja que a animava, que a excitava a obscurecer os seus triunfos passados.

No dia antecedente já tínhamos ouvido a Charton; mas despida de todo este prestigio do teatro, de toda esta fascinação das luzes e da cena. Nem por isso a achamos menos brilhante.

Foi isto domingo na festa de São Francisco. A igreja estava armada com toda a simplicidade. Apenas algumas grinaldas de rosas se destacavam pelas alvas paredes e caiam do teto em festões.

Uma meia obscuridade, empalidecida pelos raios dos círios, realçava o aspecto grave e simples do templo, e dava-lhe uma expressão de recolhimento e de santidade, que não têm ordinariamente as nossas igrejas em dias de festa.

As litanias sagradas e os sons do órgão se confundiam um momento; depois o silêncio se restabelecia, e uma voz harmoniosa erguia ao céu uma prece traduzida nalguma bela melodia que se casava perfeitamente com as palavras do ritual.

Cantou a Casaloni, o Bouché, o Gentil, o Arnaud, e finalmente a Charton.

Receávamos uma desilusão; pensávamos que, fora do teatro, o seu canto não tivesse o mesmo poder. Mas o verdadeiro artista tem n'alma o fogo sagrado, a centelha divina, que, no instante em que se anima, dá brilho aos seus olhos e expressão aos seus gestos.

Um concurso numeroso enchia a igreja e assistia com satisfação a esta solenidade religiosa de uma das ordens mais importantes desta corte.

Este ano muitos melhoramentos se introduziram, devidos ao zelo de um dos definidores, o Sr. Miranda. Além da simplicidade com que ele fez ornar a igreja, admitiu o costume europeu, e mandou colocar na capela-mor elegantes assentos para as senhoras.

Tudo preparado com muita singeleza e bom gosto, de maneira que as senhoras podem assistir às solenidades, sem estarem expostas aos empurrões da multidão que às vezes se apinha na igreja.

O hospital da ordem teve também um grande melhoramento com o serviço da iluminação a gás que já se acha estabelecido, graças à generosidade de um dos definidores, o Dr. Isidro Borges Monteiro.

Estava em prática que o definidor incumbido do hospital carregava com a despesa da exposição anual que era costume fazer-se. Entendeu o Dr. Isidro que devia acabar com este precedente, que, além de não trazer utilidade alguma para a ordem, era excessivamente incômodo aos doentes. Nesta idéia dotou o hospital com a iluminação a gás, que monta a perto de dois contos de réis, e acabou com as exposições anuais.

Não foi, portanto, unicamente uma generosidade, mas um benefício real e muito proveitoso que o Dr. Isidro fez à ordem. O hospital pode ser visitado em qualquer dia pelas pessoas que solicitarem este favor; e estas poderão bem julgar do estado vantajoso em que se acha este estabelecimento.

Foi ainda por esforços destes dois membros da ordem que se acabou com o uso das mesas lautas e dos banquetes que se costumavam oferecer aos convidados depois da festa, fazendo assim da casa de Deus uma espécie de café ou de restaurante.

Neste ponto do meu artigo vi-me obrigado, pela primeira vez, a passar uma repreensão muito séria à minha pena, que desejava escrever uma dissertação sobre o culto da igreja.

Não houve remédio senão lembrar-lhe os desvios em que muitas vezes caem certas penas que escrevem sobre coisas de que não têm perfeito conhecimento.

Assim há nesta corte um periódico, de que nem sei o nome que se julgou habilitado a dirigir uma insinuação pérfida a um dos nossos mais distintos diplomatas, o Sr. Dr. José Maria do Amaral.

Responderíamos a este artigo, se não estivéssemos convencidos que o único nome do Sr. Amaral contém a maior defesa e o maior elogio que se possa fazer do seu caráter honesto a toda prova. Além de que, pessoa mais habilitada já mostrou todas as falsidades em que caiu o autor daquele escrito, o qual nem tem a coragem

de sua opinião.

Batido com as suas próprias palavras, carregando com a responsabilidade de uma acusação grave feita contra um alto funcionário público, devia ou aceitar a discussão que lhe ofereciam, ou distratar-se do que havia dito.Não o fazendo, classificou muito claramente a natureza dessa insinuação.

Depois de lembrar este exemplo à minha pena, lembrei-lhe o que já lhe tinha acontecido a respeito do tudo e nada.

Lembrei-lhe que numa das revistas passadas tinha-me comprometido horrivelmente e feito cometer uma injustiça clamorosa contra um dos mais notáveis escritores do Brasil.

E tudo isso produzido por uma vírgula travessa que saiu do seu lugar e foi-se intrometer onde aonde não era chamada.

Eis o caso em duas palavras: Numa das revistas passadas escrevi eu com a melhor boa-fé e sem malícia o seguinte:

“Os homens que falam de tudo e nada, dizem têm aí um belo tema para dissertarem, etc.”

Agora, passando os olhos o meu artigo, fiquei pasmo: em lugar do que eu tinha escrito havia uma blasfêmia deste teor:

“Os homens que falam de tudo e nada dizem, têm aí um belo tema para dissertarem, etc.”

E por isso vem o homem citando as tais malditas palavras: “Os homens que falam de tudo e nada dizem!”

Eu que sou o primeiro a reconhecer (como ponto de fé, como dogma) a graça esquisita, a fina elegância, o bom gosto, o espírito delicado do sublime escritor do Jornal do Comércio, podia cair naquele contra-senso e avançar que ele fala de tudo e nada diz?

Fala de tudo!... Que insinuação pérfida! Como podia eu dizer semelhante blasfêmia, se ele só fala de si e dos seus amigos?

E nada diz!... Outra falsidade. Não só diz, mas rediz, repete três e quatro vezes a mesma coisa. Queixa-se sempre de ser obrigado a escrever aquilo de que todos o desobrigam.

Só quem não tiver lido... Que disparate! Pois alguém pode deixar de ter lido o Tudo e nada? Não é possível! Depois da Quaresma, da Páscoa e das confissões, vem o tempo das penitências.

Já vêem os meus leitores que nunca foi minha intenção escrever aquele absurdo. A minha pena, que tem a balda dos calemburgos, fez, sem que eu o sentisse, uma transposição de vírgula, e arranjou-me assim este grave comprometimento.

O homem, porém, tomou o negócio ao sério; e, portanto, estou perdido. Que será de mim a lutar com uma pena que escreve com tinta simpática, e que por conseguinte tem a amizade de todo o mundo?

E por onde foi começar? Pelas minhas celebérrimas erratas! Que há de ser de mim? Fui meter-me no orçamento, eu que não estou habituado a somar o dinheiro da nação e a contar os emolumentos que às vezes se percebem pelos requerimentos das partes. É bem feito que o mestre me dê o quinau.

Demais, ele tinha justa razão de zangar-se. Eu ofendi-lhe um privilégio exclusivo, usurpei-lhe um direito sagrado, ataquei um elemento essencial de sua existência, esbulhei-o de um brevet de perfection, tirei-lhe um monopólio que ele exercia, enfim, errei sem pedir-lhe vênia e permissão.

E, antes que o ofenda segunda vez, vou mudar de assunto e falar de outras coisas.

O governo contratou finalmente a construção de um teatro com a primeira empresa que para este fim se organizou. Era tempo, porque o Provisório começa de novo a revoltar-se contra a permanência.

Na segunda-feira alguns barrotes do soalho entenderam que, estando passados os três anos de existência, tinham todo o direito de apodrecerem e partiram-se. E assim o fizeram, dando ao governo e à empresa um grande exemplo de exatidão e lealdade no cumprimento dos contratos.

A polícia, que assistiu ao fato, registrou-o, e, como o soalho estava no seu direito, assentou que seria uma violência inaudita o contrariá-lo.

Vejam que respeito se vota entre nós à lei dos contratos! Que boa-fé preside às convenções! O Teatro Provisório pode cair em cima das nossas cabeças, e ninguém tratará de prevenir semelhante desastre; porque enfim o edifício só tem obrigação de existir três anos e estes três anos estão concluídos.

Assim, pois, estamos bem servidos de teatros líricos; um está em projetos, o outro em ruínas. Veremos quem ganha a aposta: se o novo se construí antes do velho cair.

Quanto a mim, aposto pelo velho, apesar da boa vontade da empresa Pedro II, que se empenha em realizar a sua idéia o mais breve possível.

Desta vez deixemos em paz a política; os ministros estão muito ocupados com os relatórios. E um relatório vale por dez regulamentos.

XXIX

Rio, 6 de maio

Ontem, por volta de nove horas do dia, saí de casa com tenção de visitar o novo estabelecimento óptico do Reis, à Rua do Hospício nº. 71.

Tinham-se feito tantos elogios deste armazém, do seu arranjo e elegância, que assentei de julga-lo pelos meus próprios olhos.

Não foi, porém, esta a única razão que excitou a minha curiosidade. O que principalmente me levava àquela casa era um sentimento egoísta, um desejo de míope.

Les yeux sont les fenêtres de l'âme, diz Alfonse Karr num livrinho espirituoso que dedicou às mulheres

Ora, há muitas almas que têm a felicidade de poderem de manhã cedo abrirem as suas janelas de par em par, e se debruçarem nelas para espreitarem o que se passa diante do nariz.

Outras mais modestas, como as almas das mocinhas tímidas, abrem a meio as suas janelas, mas se escondem por detrás das gelosias que formam seus longos cílios de seda; e assim vêem tudo sem serem vistas

Algumas, porém, são tão felizes, que, quando abrem as suas janelas, vêem-se obrigadas a descerem imediatamente as empanadas. Estas são as almas dos míopes que usam de óculos fixos.

Estou, portanto, convencido que as janelas d'alma são em tudo e por tudo semelhantes às janelas das casas, com a única diferença do arquiteto.

Assim, há olhos de sacada, de peitoril, de persianas, de empanadas, de cortinas, da mesma maneira que há janelas azuis, pretas, verdes, de forma chinesa ou de estilo gótico.

Essas janelas d'alma são de todo o tamanho.

Umas excedem a medida da Câmara Municipal, e deviam ser multadas porque afetam a ordem e o sossego público; são os olhos grandes de mulher bonita.

Outras não passam de pequenas frestas ou seteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos que, quando olham, fazem cócegas dentro do coração.

O que, porém, dava matéria a um estudo muito interessante é o modo por que a alma costuma chegar à janela.

A alma é mulher, e como tal padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas há o menor barulho nas ruas, faz o mesmo que qualquer menina janeleira, atira a costura ao lado e corre à varanda.

Entretanto cada um tem o seu sistema diferente.

As almas francas e leais debruçam-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentam os conhecidos, e às vezes oferecem a casa a algum dos seus íntimos.

Outras, ao contrário, nunca se reclinam à janela, ficam sempre por detrás da cortina, e olham o que se passa por uma pequena fresta. Deste número são as almas dos diplomatas, dos jesuítas e dos ministros de Estado.

Em compensação, há também algumas almas que, quando pilham um espírito descuidado, saltam pela janela como um estudante vadio, e vão flanar pelas estrelas, abandonando por um instante o corpo, seu hóspede e companheiro.

Animula vagula, blandula,

Hospescomesque corporis.

As almas andaluzitas, e de algumas mulheres coquettes que eu conheço, têm um costume mui lindo de chegar à janela.

Escondem-se e começam a brincar com as cortinas, a fazer tantos requebros graciosos, tantos meneios encantadores, que seduzem e martirizam um homem.

Para exprimir esta travessura d'alma na janela, os espanhóis inventaram uma palavra mui doce, o verbo ojear, que não tem tradução nas outras línguas.

Ia eu meu caminho, pensando em todas estas coisas, e formando um plano de estudo sobre as janelas d'alma, quando encontrei um amigo que se prestou a me acompanhar.

Chegamos juntos ao armazém óptico da Rua do Hospício nº. 71. O seu proprietário nos recebeu com toda a amabilidade e cortesia, e nos mostrou o seu estabelecimento.

Com efeito, não eram exagerados os elogios que me tinham feito dessa casa, onde se encontra um sortimento completo de instrumentos e objetos de óptica, tudo perfeito e bem acabado.

Vi um telescópio que me asseguraram se o melhor que existe no Rio de Janeiro atualmente, e com o auxílio do qual pode um homem uma bela noite ir fazer uma visita aos planetas e examinar de perto os anéis de Saturno.

Vi muitos outros instrumentos para medir as distâncias, tomar as alturas das montanhas, estudar as variações da atmosfera, muita coisa enfim que os nossos avós teriam de certo classificado como bruxaria.

Chegamos finalmente, aos óculos, e entre todos aqueles primores d'arte, no meio de tantos trabalhos delicados e de tantas invenções admiráveis, causou-me reparo uma velha luneta de grossos aros de tartaruga, de feitio tão grosseiro que me pareceu ser uma das primeiras obras do inventor dos óculos.

Estava metida numa caixa de marroquim roxo, sobre o qual se destacavam uns traços apagados, que me pareciam de letras desconhecidas de alguma língua antiga.

Disse-me o proprietário que esta luneta lhe viera por acaso entre uma coleção de elegantes pince-nez que lhe chegara ultimamente da Europa; excedia o número da fatura, o que fazia supor que naturalmente tinha-se confundido com as outras, quando o fabricante as arrumara na caixa.

Embora não me dê a estudos de antiquário, contudo aprecio esses objetos de outros tempos, que muitas vezes podem ter um caráter histórico.

Continuei a examinar a luneta, levei-a aos olhos, e por acaso fitei o amigo que me acompanhava.

Horresco referens!

Li na boca do meu companheiro, em letras encarnadas, estas formais palavras:

-Forte maçante! Está me fazendo perder o tempo!

Agarrei mais que depressa a minha alma que ia lançar-se à janela; e, disfarçando a minha surpresa, voltei-me para o proprietário.

Através do seu ar amável e cortês, li ainda o seguinte:

-Que extravagância! Com tantos óculos bonitos, ocupar-se com uma luneta velha que não vale nada!

Enfim, olhei para o caixeiro da casa, e vi imediatamente a tradução de um sorriso complacente que lhe assomava nos lábios:

-Ah! se o homem me livra deste alcaide! Dizia o sorriso do caixeiro.

Não havia que duvidar. Tinha em meu poder a célebre luneta mágica de que falam os sábios antigos. Comprei-a por uma bagatela, apesar da insistência do proprietário que não queria abrir preço a um traste velho e sem valia.

Despedi-me do meu amigo, pedindo que desculpasse a maçada, guardei com todo o cuidado a minha luneta, e segui o meu caminho.

Precisava refletir.

Como é que aquele vidro mágico que se perdera na antiguidade, e que depois Frederico Soulié achou nas Memórias do Diabo, o emprestou um instante a Luigi, se achava nesse momento na minha algibeira?

Por que fatalidade o lorgnon de Delfina Gay viera parar ao Rio de Janeiro, e se achava naquela casa, desconhecido, ignorado de todos, podendo cair nas mãos do chefe de polícia, que então se veria obrigado a prender nove décimos da cidade?

Pensem que turbilhão de idéias, que torvelinho de pensamentos, me agitava a mente exaltada por este fato. Visões fantásticas surgiram de repente começavam a dançar um sabbat vertiginoso no meu cérebro escandecido.

Via cenas do Roberto do Diabo, de Macbeth, do Paraíso Perdido e da Divina Comédia, mais bem pintadas do que as de Bragaldi, de Dante, de Milton, e de todos os pintores e poetas do mundo.

Enfim, decidi-me e fui almoçar.

O almoço - e especialmente o almoço diplomático e parlamentar - é um dos mais poderosos calmantes que eu conheço. Atua sobre o espírito pelo sistema homeopático.

Se este ano pudesse haver a mais pequena sombra de oposição, aconselharia os ministros que pusessem em voga nesta estação os almoços parlamentares.

Depois de almoçar, senti-me mais senhor de mim, e pude refletir friamente sobre a posse da minha luneta.

Lembrei-me que era escritor, e avaliei o alcance imenso que tinha para mim aquele vidro mágico.

Bastavam-me três ou quatro coups de lorgnon, para escrever uma revista que antes me roubava bem boas horas de descanso e sossego.

Não precisava mais estar preso a uma banca, a escrever, a riscar, a contar as tábuas do teto em busca de uma idéia a esgrimir contra a musa rebelde.

O meu folhetim tornava-se um agradável passeio, um doce espaciar, olhando à direita e à esquerda, medindo a calçada a passos lentos, e rindo-me das coisas engraçadas que me revelaria a minha luneta.

Assim, pois, não é um artigo ao correr da pena que ides hoje ler, mas um simples passeio, uma revista ao correr dos olhos

São duas horas.

É a hora da flânerie parlamentar.

Lá vêm braço a braço dois deputados oposicionistas.

Oposicionistas?... Quero dizer queixosos. Oposicionista é uma palavra antediluviana, cujo sentido se perdeu na confusão das línguas da Torre de Babel, e que naturalmente existiu no tempo que havia governo.

Oposicionistas ou queixosos eram dois belos tipos a estudar. Isto é, eu pensava que eram dois: mas, fitando-lhes a minha luneta, vi com pasmo que ambos pensavam não só da mesma maneira, mas com as mesmas palavras.

-A falar a verdade, diziam os olhos de ambos, é uma asneira comprometer-me com o ministério, que parece estar seguro a duas amarras. O melhor é esperar!... entretanto vamos a ver se este sujeitinho, que aqui vai, toma a coisa ao sério, e mete-se na corriola!...

Quase ao mesmo tempo em que terminavam esta idéia luminosa, um deles virou-se para o outro:

-Então sempre está decidido?

-De pedra e cal.

-Pois conta comigo.

Um sorriso, um aperto de mão, e separaram-se na mais estreita entente cordiale.

Um tomou a direção do Caminho Novo de Botafogo; o outro entrou no Jornal do Comércio.

Estava ainda moralizando o fato, em pé na porta do Walerstein, quando descobri um moço político, esperanças da pátria, que vinha mordendo os beiços de uma maneira desesperada.

-Que lhe terá acontecido? Disse eu comigo.

E assestei-lhe a luneta.

Um interessante monólogo, que tinha lugar no seu espírito, acompanhava as furiosas mordeduras de beiços.

-Que época! Que época! pensava o homem. Le monde va de mal em pire.Tudo se profana! Tudo se desmoraliza!

"Não há mais crédito senão no comércio. Em política é vender a dinheiro e não fiar de ninguém.

"Esses oradores, que prometiam esmagar o ministério, nem se atrevem a tocar na casa dos marimbondos; antes de começarem os discursos, já adoçaram a boca; já beberam o copo d'água com açúcar.

"No tempo de Cícero e Demóstenes não se usava o copo d'água com açúcar; por isso nota-se que o estilo daqueles famosos oradores é forte e vigoroso.

"Os de hoje, ao contrário, levam mel pelos beiços, e por isso têm sempre palavrinhas doces e açucaradas.

"E tenha um homem princípios numa quadra como esta! Tudo é mentira! Tudo é falsidade!

"Fronti nulla fides! Não há homem hoje em dia no qual se possa acreditar.

"Até o reverendo consta-nos do Jornal do Comércio já não é uma verdade oficial, uma confidência de ministros, uma página da pasta....

”Esse pigeon ministerial, mensageiro fiel dos segredos de Estado, tornou-se velho, mudou de penas, e hoje não passa de um canard, que por aí anda mariscando à beira da praia os poissons de primeiro de abril!

“Há dias fez o Sr. José Ricardo tomar posse da presidência duas vezes; ontem nomeou um Chefe de Polícia que infelizmente o Ministro da Justiça não quis confirmar”.

Neste ponto do diálogo o nosso filósofo dobrou a esquina de modo que não pude mais acompanhar o seu monólogo.

Voltando-me, dei com um representante de província que caiu sob o raio do meu lorgnon.

Estava ocupado a guardar um livrinho verde; o seu Agenda.

Veio-me a curiosidade de ler uma página desse livro; e com o auxílio da luneta o consegui.

A primeira folha rezava assim:

LEMBRANÇAS

1.º -Encomendar um fraque de cor no Dagnan, e visitar os ministros.

2.º -Projeto para que se trate seriamente de providenciar a respeito do papel existente no mercado, a fim de que não se sinta falta com o consumo feito em regulamentos.

3.º -Proposta para que se autorize o governo a confeccionar um regimento de custas para a Câmara dos Deputados, com o fim de estimular o trabalho e fazer com que se abra a assembléia no dia marcado.

Pouco depois do representante, passou um folhetinista dando o braço a um personagem importante.

-Então como é isso? Dizia o personagem; desvaneceu-se a nuvem negra? Não há mais oposição?

-Não; tudo isto acabou.

-Ora, senhor...

-De que se admira, meu amigo?

-Pois esses homens que gritavam tanto...

-Ouviram a missa do Espírito Santo, meu caro.

-E então?...

-Ficaram inspirados.

-Ah! Intendo, como diz o Gentile.

-Por falar nisto, retrucou o folhetinista, lembra-se que na ocasião da abertura da assembléia, a música tocava a ária de tenor do 4.º ato do Trovador: Madre infelice, corro a salvarti!....

-Seria uma alusão?

-Não sei, meu amigo; mas a época é de calembures e trocadilhos..

Enganei-me: é um correio de ministro vestido em grande uniforme.

Depois que os estafetas de correio adotaram a jaqueta de pano com vivos, é justo que o estafeta do ministro, que constitui a aristocracia da classe, recorra à sobrecasaca militar. A tout seigneur tout honneur.

Tinha já visto tanta coisa, faltava-me ver o que existe dentro de uma pasta de ministro.

Em primeiro lugar, havia o rascunho de um projeto para estabelecer o emprego de escritor público, à guisa do promotor, do professor e do advogado público.

Necessidade de marcar-se um bom ordenado ao escritor público, o qual deve ser examinado como o professor, e marchar de acordo com a polícia como o promotor.

Vi também os papéis relativos à nomeação do novo inspetor da instrução pública, lugar que exerce interinamente o ilustrado e infatigável Dr. Pacheco da Silva.

Entre os nomes li o do Sr. Visconde de Sapucaí, do Sr. Marquês de Abrantes, e de muitas outras pessoas habilitadas; mas num cantinho descobri escrito de um modo especial o nome do Sr. Herculano Pena.

Deixei estes papéis, convencido que a dignidade e energia com que o Sr. Visconde de Itaboraí exerceu este cargo, exige que o governo medite bem antes de decidir-se na escolha do seu sucessor.

Vi também uma porção de pedidos de demissões de presidentes, de nomeações de outros, de lembranças a respeito que me deram a entender ia haver uma contradança geral nas altas posições administrativas.

Tudo isto, porém, ainda é segredo, e vos conto em confidência.

Parece que os Srs. Pena e Zacarias renunciaram as suas presidências, e que irá para o Alto Amazonas o atual Presidente do Maranhão, um dos mais dignos caracteres e dos mais notáveis administradores que temos.

Os Presidentes da Bahia e Rio Grande do Sul vêm assistir a esta sessão com a idéia firme de não reassumirem os seus cargos.

Ia-me esquecendo dizer que estava na tal pasta um voto de agradecimento da Província de Rio de Janeiro, por se acharem na vice-presidência e no cargo de chefe de polícia dois dignos fluminenses.

Vinha de envolta uma pequena queixa por ser tudo isto apenas uma interinidade; mas também, para uma província cuja deputação não tem em seu seio quem a possa reger, é ser muito exigente.

Passou o tal capitão improvisado e eu limpei os vidros da minha luneta, guardei-a cuidadosamente para me servir em melhores ocasiões, e fui tratar de escrever alguma coisa, para que os meus leitores não me tomem por negligente.

Li hoje um belo folhetim lírico, em que se acha mau tudo quanto o Mercantil caiu na asneira de achar bom. Li-o com muito prazer, e sem surpresa.

Quem julga que a Zechini encantou na Luísa Miller devia lógica e necessariamente achar que a Charton cantou como uma fúria nos Puritanos.

O Campestre deu sua partida no dia 28 de abril. O baile vai em decadência quanto à dança; mas, em compensação, o serviço é excelente e de uma profusão inesgotável. O Francioni conseguiu vencer a sorvete e à empada a carga cerrada dos cossacos e zuavos de vinte polegadas de altura.

A nova empresa lírica fez a eleição da sua diretoria, e da notícia que publicaram os jornais haveis de ver o acerto da escolha. O Sr. Visconde de Jequitinhonha aceitou a presidência.

No horizonte poético da bela sociedade já se lobriga um baile do cassino, uma regata em Botafogo, e algumas partidas familiares e encantadoras.

Venham essas flores do mês de maio, flores perfumadas dos salões, que apenas vivem uma noite, mas que

deixam na alma tantas reminiscências.

XXX

Rio,13 de maio.

Estou hoje com bem pouca disposição para escrever.

Conversemos

A conversa é uma das coisas mais agradáveis e mais úteis que existe no mundo.

A princípio conversava-se para distrair e passar o tempo mas atualmente a conversa deixou de ser um simples devaneio do espírito.

Dizia Esopo que a palavra é a melhor, e também a pior coisa que Deus deu ao homem.

Ora, para fazer valer este dom, é preciso saber conversar, é preciso estudar profundamente todos os recursos da palavra.

A conversa, portanto, pode ser uma arte, uma ciência, uma profissão mesmo.

Há, porém, diversas maneiras de conversar. Conversa-se a dois, en tête-à-tête; e palestra-se com muitas pessoas, en causerie.

A causerie é uma verdadeira arte como a pintura, como a música, como a escultura. A palavra é um instrumento, um cinzel, um craion que traça mil arabescos, que desenha baixos-relevos e tece mil harmonias de sons e de formas.

Na causerie o espírito é uma borboleta de asas douradas que adeja sobre as idéias e sobre os pensamentos, que suga-lhes o mel e o perfume, que esvoaça em ziguezague até que adormece na sua crisálida.

A imaginação é um prisma brilhante, que reflete todas as dores, que decompõe os menores átomos de luz, que faz cintilar um raio do pensamento por cada uma de suas facetas diáfanas.

A conversa a dois, ao contrário, é fria e calculada como uma ciência: tem alguma coisa das matemáticas, e muito da estratégia militar.

Por isso, quando ela não é um cálculo de álgebra ou a resolução de um problema, torna-se ordinariamente um duelo e um combate.

Assim, quando virdes dois amigos, dois velhos camaradas, que conversam intimamente e a sós, ficai certo que estão calculando algebricamente o proveito que podem tirar um do outro, e resolvendo praticamente o grande problema da amizade clássica dos tempos antigos.

Se forem dois namorados em tête-à-tête, que estiverem a desfazer-se em ternuras e meiguices, requebrando os olhos e afinando o mais doce sorriso, podeis ter a certeza que ou zombam um do outro, ou buscam uma incógnita que não existe neste mundo - a fidelidade.

Em outras ocasiões, a conversa a dois torna-se, como dissemos, uma perfeita estratégia militar, um combate.

A palavra transforma-se então numa espécie de zuavo pronto ao ataque. Os olhos são duas sentinelas, dois ajudantes-de-campo postos de observação nalguma eminência próxima.

O olhar faz as vezes de espião que se quer introduzir na praça inimiga. A confidência é uma falsa sortida; o sorriso é uma verdadeira cilada.

Isto sucede freqüentemente em política e em diplomacia.

Um ministério, aliás bem conceituado no país, e que se sente cheio de prestígio, vê-se incomodado por uma pequena oposição nas câmaras, e recorre à conversa.

Como faziam os exércitos antigos, como fez Roma e Alba, em vez de uma batalha campal, acha mais prudente e mais humano apelar para o juízo de Deus, e decidir a vitória pelo combate dos Horácios e dos Curiáceos.

Novo Horácio, separa os inimigos por uma ruse de guerre e combate, isto é, conversa com cada um dos inimigos.

Ora, todos nós sabemos, desde o tempo em que traduzimos Tito Lívio, que um Curiácio não é para se medir com um Horácio; por conseguinte, o resultado da conversa é sabido com antecedência.

Instâncias de uma parte, confidências da outra, protestos, acusações, queixas e promessas, tudo de mistura, eis em resumo os elementos de uma conversa ministerial e parlamentar.

De ordinário, esta conversa começa friamente. Caminham lado a lado, mas guardando uma certa distância. Nota-se na fisionomia alguma reserva, uma indecisão mesmo. As palavras trocam-se lentamente, e como que

medidas e pesadas.

São os primeiros passos, os botes preliminares de dois jogadores de florete.

Dentro em pouco tempo, há um pequeno arranhão, faz-se sangue. Os homens tomam fogo, falam ao mesmo tempo, gesticulam desesperadamente, e medem o assoalho a passos largos e desencontrados.

Depois de procelosa tempestade,

Sombras de oposição que leva o vento,

Traz a pasta serena claridade

Esperança de voto e salvamento.

(Camões)

A conversa chega ao seu terceiro período, à sua última fase. Passeiam então braço a braço, ou sentam-se nalgum canto, risonhos, contentes, satisfeitos, como dois amigos

que se encontram ao cabo de uma longa ausência, como dois amantes que se abraçam depois de pequeno arrufo.

Desde que começou a ter voga este gênero de conversa governativa, ou política, imediatamente certos espíritos metódicos e sistemáticos trataram de classificar por ela as diversas espécies de oposicionistas ou descontentes.

Assim, há hoje três classes distintas de oposicionistas: 1.ª) dos que já conversaram; 2.ª) dos que querem conversas; 3.ª) dos que não admitem conversa.

Esta última classe dizem que é das mais pobres, e com toda a razão. É preciso ser-se bem misantropo e anti-social para fugir a uma conversa tão amável e de tão grande interesse.

Não vão tomar à má parte esta expressão. Quando eu disse que a conversa ministerial é de grande interesse, foi no sentido de ser instrutiva e de deleitar o espírito, deixando impressões agradáveis.

Mas, voltando ao nosso assunto, é inegável a influência benéfica que exerce a conversa sobre a alma do homem civilizado.

Nos primeiros dias da sessão da câmara, como ainda há pouco se tinha conversado, a chapa ministerial da comissão de resposta à fala do trono sofreu um échec.

Porém neste dia mesmo conversou-se. O ministério tem neste ponto uma grande vantagem: é um senhor que conversa por seis bocas.

O resultado foi que a coisa tomou outro caminho, e entrou nos seus eixos.

Dizem, é verdade, que a nomeação dos Srs. Ferraz e Assis Rocha para as comissões de fazenda e justiça civil foi uma verdadeira derrota.

Não creio; estou mesmo convencido que o ministério desejou de coração que duas inteligências distintas, como são estes senhores, fossem aproveitadas, cada uma na sua especialidade.

E tanto isto é assim, tanto essas veleidades de oposição não tomam aspecto sério, que a resposta à falta do trono apresentada ontem mostra a inteira adesão que presta a câmara à política do governo e à marcha da administração.

Felizmente estamos no tempo das ironias; e não se me dá de crer que a câmara é capaz de aprovar aquela resposta, e pouco depois declarar-se em oposição aberta.

E nisto não fazia mais do que seguir o exemplo dos ministros que prometem, protestam, dão palavra, e amanhã nem se lembram do que disseram na véspera.

Ora, não vejo porque a câmara não aproveitará das lições dos seus mestres, ainda mesmo que seja para dar-lhes lição.

Terá medo de dissolução? Acreditará num boato que por aí espalham certos visionários?

Custa-me a crer. O tempo em que os ministérios dissolviam as câmaras já passou; agora estamos no tempo em que as câmaras é que hão de dissolver os ministérios.

Outrora, quando os deputados vinham por sua vontade, com toda a pressa, o ministério os mandava embora.

Atualmente, que é preciso que o governo mande buscar os deputados, é natural que estes mandem embora o ministério.

É a regra do mundo. Depois da ação vem a reação.

Aqui vejo-me obrigado a abrir um parêntese, e a trocar a minha pena de folhetinista por uma pena qualquer de escritor de artigos de fundo.

Não brinquem, o negócio é muito sério.

Vou escrever uma tirada política.

A situação atual apresenta um aspecto muito grave, e que pode ter grandes conseqüências para o país.

Chegamos talvez a esse momento decisivo em que os sentimentos políticos, por muito tempo adormecidos, vão novamente reaparecer e tomar um grande impulso.

No meio do indiferentismo e do marasmo em que se sepultavam os antigos partidos políticos, começam a fermentar algumas idéias, algumas aspirações, que talvez sejam o germe de um novo partido.

Os princípios desapareceram; as opiniões se confundem, as convicções vacilam, e os homens não se entendem, porque falta o pensamento superior, a idéia capital, que deve traçar a marcha do governo.

A política e a administração, deixando de ser um sistema, reduziram-se apenas a uma série de fatos que não são conseqüência de nenhum princípio, e que derivam apenas das circunstâncias e das necessidades do momento.

A conciliação apresentada como programa pelo ministério atual ficou sem realização.

Foi apenas um meio transitório a que se recorreu quando sentiu-se a necessidade de criar esperanças, que foram depois iludidas.

Todos os sintomas, pois, indicam que o organismo político, em que esteve o país, começa a fazer crise. Deste caos de opiniões, de idéias, de teorias, de convicções mortas e de opiniões que se vão criando, há de necessariamente sair um elemento novo, uma combinação de princípios que deve formar um grande partido.

Quais devem ser as tendências e as bases fundamentais dessa nova política? Quais serão as idéias, as reformas e os melhoramentos que constituirão o seu programa de governo?

É difícil, é quase impossível dize-lo; mas parece-me que a conciliação, que o ministério não conseguiu realizar nos homens, se há de operar nesta confusão de idéias extremas que deve formar o novo partido.

Há certos fatos necessários, que não dependem da vontade humana, e que entretanto podem ser dirigidos e modificados por ela.

Na época atual, o aparecimento de um partido filho das antigas facções políticas que dividiram o país, é uma necessidade, é uma conseqüência fatal do estado de coisas.

Cumpria, pois, que os homens eminentes que podem de alguma maneira imprimir a sua vontade nos acontecimentos tomassem a iniciativa, e, criando os elementos desse novo partido, lhe dessem uma influência benéfica e salutar.

Há no nosso país, há no seio da representação nacional, há nas altas posições administrativas homens que deviam incumbir-se dessa missão e levantar a bandeira, em torno da qual se agrupariam imediatamente todos os espíritos que hoje vacilam, todas as aspirações que agora vão nascendo.

Iniciado na tribuna, sustentado pela imprensa, acolhido pela opinião geral, esse novo pensamento, essa nova profissão de fé ficaria conhecida pelo país inteiro

A política não seria mais uma simples luta de interesses individuais, uma oposição de certos homens. A influência e o prestígio dos grandes nomes tornar-se-ia então um verdadeiro pronunciamento de idéias e princípios.

Todos esperam com ansiedade a discussão do parlamento; todos aguardam o momento decisivo de uma demonstração clara e expressa.

Se nem um desses homens de quem há pouco falamos tomar a iniciativa, então, perdida a fé que inspiram os nomes conhecidos no país, não haverá remédio senão caminhar sem eles.

Os homens novos, que não têm comprometimentos nem precedentes, trabalharão como simples soldados. Algum dia acharão um chefe; e, se não acharem, criá-lo-ão.

Os melhores generais foram soldados.

Já era tempo.

Vem de novo, minha boa pena de folhetinista, vamos conversar sobre bailes e teatros, sobre essas coisas agradáveis que não custam a escrever, e que brincam e sorriem sobre o papel, despertando tanta recordação mimosa.

Lembra-te do Cassino?

O lindo baile já não é aquela brilhante reunião de outros tempos, onde se viam agrupadas como flores de uma grinalda todas as moças bonitas desta terra.

Tudo passa; algumas daquelas flores, levadas pelas brisas do mar, lá se foram perfumar outros salões; muitas brilham aos raios de outro sol, e poucas ainda aí vão talvez ultimamente para sentirem as reminiscências de tempos passados.

É verdade que lá de vez em quando nesta grinalda já quase murcha desabrocha uma nova flor, que faz esquecer um momento todo o passado.

Nessa última noite era uma flor do Brasil que, depois de ter brilhado entre as pálidas anêmonas de Portugal, entre os alvos lírios da França, entre os suaves miosótis da

Alemanha, veio de novo aquecer-se aos raios do sol da pátria, e perfumar as belas noites de nossa terra.

Se vísseis como ela se balouçava docemente sobre a haste delicada, e se reclinava com tanta graça como para deixar cair as pérolas de orvalho e fragrância que destilavam do seu seio delicado!

No meio de um baile tudo é fascinação e magia.

Tocava a valsa, e a flor se transformava em sílfide, em lutin, em fada ligeira que deslizava docemente, roçando apenas a terra com a ponta de um pezinho mimoso, calçado com o mais feiticeiro dos sapatinhos de cetim branco.

Um bonito pé é o verdadeiro condão de um a bela mulher.

Nem me falem em mão, em olhos, em cabelos, à vista de um lindo pezinho que brinca sob a orla de um elegante vestido, que coqueteia voluptuosamente, ora escondendo-se, ora mostrando-se a furto.

Se eu me quisesse entender sobre a superioridade de um pé, ia longe; não haveria papel que me bastasse.

Apareceu também no Cassino uma bela roseira, coberta de flores, em torno da qual os colibris adejavam a ver se colhiam um sorriso ou uma palavra meiga e terna.

Mas a roseira só tinha espinhos para os que se chegavam a ela: os estames delicados guardavam o pólen dourado do seu seio para lança-lo talvez às brisas das margens do Reno ou do Mondego.

Depois do Cassino, o fato mais notável da crônica dos salões foi o benefício da Raquel Agostini com a representação da ópera Semíramis.

A Casaloni caricaturou outra vez o papel de Arsace. O elegante e ardente guerreiro da Babilônia desapareceu naquele porte sem nobreza, naqueles gestos sem expressão, naquela frieza de caráter,

Por outro lado, a beneficiada teria feito um verdadeiro benefício ao público se tivesse cortado do seu programa uma célebre ária do Roberto do Diabo e uma polca de invenção moderna que foi dançada pelo corpo de baile.

O Ginásio Dramático continua em progresso. A concorrência nestas últimas récitas tem sido numerosa; e o salão começa a ser freqüentado pelas melhores famílias e por muita gente da sociedade.

Por isso já esperava eu. Coloquei aquela pequena empresa sob a proteção das minhas amáveis leitoras; embora o meu valimento seja nenhum,eu sabia que, por amor da arte, elas não o deixariam de olhar com bons olhos para esse seu protegido.

Ce que femme veut, Dieu le veut. Se as minhas belas leitoras quiserem, em pouco tempo o Ginásio será um excelente teatro, e poderá criar artistas novos e dar-nos bem horas de agradável passatempo.

XXXI

Rio, 20 de maio

Domingo passado havia espetáculo no Teatro de São Pedro e no Ginásio Dramático.

Mais longe, num pequeno salão todo elegante, dançava-se e ouvia-se cantar Bouché, Ferranti, Dufrene e a Charton.

A harpa do Tronconi gemia, a flauta de Scaramella trinava como um rouxinol.

Seriam dez horas da noite.

Neste mesmo momento, e no meio desta alegria geral, uma grande catástrofe se consumava.

Uma faísca desprezada crescera, transformara-se em chama, e ameaçava devorar um quarteirão inteiro.

Os sinos dobravam, o povo apinhava-se em torno, a chama enroscava-se ao longo das paredes como uma serpente de fogo, e o incêndio lançava sobre toda esta cena um clarão avermelhado e sinistro.

Fizeram-se atos de heroísmo e de coragem, ações de bravura que passaram despercebidas no meio desta luta terrível do homem com o elemento.

Os ingleses portaram-se com o sangue-frio habitual; os franceses trabalharam com entusiasmo; alguns brasileiros sustentaram a honra do seu nome e os brios nacionais.

No dia seguinte apenas restava de tudo isto um acervo de ruínas ainda fumegantes, um epitáfio escrito pelo fogo, e que todos os passantes iam ler naquelas cinzas ardentes.

Durante dois oi três dias conversou-se sobre o incêndio, fizeram-se mil comentários, e entre muitas coisas que se disse apareceram algumas verdades bem tristes.

Asseguravam que as bombas do arsenal estavam desmanteladas, e que, depois de chegarem ao lugar do incêndio, descobrira-se que não tinham chaves, e portanto fora necessário esperar uma boa hora para que elas pudessem prestar serviço.

Não sei até que ponto chega a verdade deste fato; mas para mim ele nada tem de novo.

Se se tratasse de uma regata, de algum passeio de ministro a bordo dos navios de guerra, naturalmente tudo havia de estar pronto, as ordens seriam dadas a tempo e se desenvolveria um luxo de atividade e de zelo como não há exemplo, nem mesmo na Inglaterra, o país clássico da rapidez.

Tratava-se, porém, de um incêndio apenas, de cinco casas reduzidas a cinzas, e por isso não é de estranhar que não houvesse a mesma azáfama que costuma aparecer naqueles outros ramos mais importantes do serviço público.

Depois do fogo veio a chuva, como era natural; tinha reinado um elemento, era justo que o outro lhe sucedesse.

Toda a semana levou esta senhora a fazer-nos pirraças. Roubou-nos o belo divertimento da regata; e de vez em quando escondia-se atrás da porta, isto é, por detrás do Corcovado, e deixava que o sol brilhasse e que o céu se tornasse azul; e, apenas pilhava um homem na rua, começava a divertir-se à sua custa.

O arsenal de marinha, que não dá grande importância à extinção dos incêndios, podia ao menos tratar de livrar-nos do contratempo da chuva, e fazer a experiência da teoria de Méry. É natural que as suas peças de artilharia estejam em melhor estado que as suas bombas.

Entretanto, apesar da chuva, tivemos esta semana uma noite de Trovador e outra de Sonâmbula.

O Dufrene fazia a sua quarta estréia nesta última ópera. Na ocasião em que se representava uma das cenas do primeiro ato, um amigo que estava no meu lado lembrou-me as seguintes palavras de Balzac:

"Um artiste qui a le malheur d'être pleindre la PASSION qu'il veut exprimer ne saurait la peindre, car il est la CHOSE même, au lieu d'en être l'image."

O que é que Balzac e o meu amigo quereriam dizer com estas palavras? Não sei; um citou-as sem comentário; o outro escreveu-as sem segunda tenção.

Nesta mesma noite teve lugar a reunião da Sociedade Estatística na sala onde se achavam expostos os produtos industriais dos Estados Unidos, que o Sr. Fletcher oferecera a Suas Majestades e algumas corporações científicas desta corte.

Havia muita coisa a admirar naquela pequena exposição especialmente pelo que toca à fotografia, aos trabalhos de cromolitografia, e às cartas geográficas feitas pelo novo sistema da gravura sobre cera.

Vimos um busto de Webster, que o Sr. Fletcher nos afirmou ser feito com uma máquina, que por meio de um processo engenhoso copia os traços de um outro busto. A semelhança era completa, a julgar-se pelos retratos em fotografia que existiam na sala.

Aberta a sessão pelo Sr. Visconde Itaboraí, o Sr. Fletcher pronunciou um discurso em francês, no qual expôs as suas idéias e os projetos que o haviam animado a voltar ao Brasil.

Depois de falar sobre a ignorância absoluta e recíproca que existe no nosso país e nos Estados Unidos sobre a organização política, a administração e o progresso de uma e outra nação, mostrou os desejos que tinha, de fazer conhecido o Brasil na sua pátria e de estreitar assim as relações comerciais e políticas dos dois povos americanos.

Se o Sr. Fletcher conseguir realizar esta idéia, pela qual parece trabalhar com tanto entusiasmo, fará um grande serviço à América. Talvez dessas relações que vão começar nasça um grande pensamento de política americana, que no futuro venha a dirigir os destinos do novo mundo e a por um termo à intervenção européia.

E, se é exata uma notícia que nos deram, então é muito natural que os projetos do Sr. Fletcher venham a efetuar-se mais breve do que se pensa.

O Sr. William Trousdale, Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos na nossa corte, é um dos candidatos à futura presidência da Confederação; e, à vista dos valiosos serviços prestados por ele na Guerra do México, é de crer que esta candidatura seja bem aceita pelos diversos Estados.

Quanto à política, é hoje esse terreno tão inclinado, que nele não nos queremos aventurar, quando os chefes deixam os seus soldados errantes e dispersos combatendo em guerrilhas, em saberem ao certo que bandeira defendem.

A Câmara dos Deputados tem aprovado algumas naturalizações de sujeitos que entendem que as leis do país não passam de letra morta, e que reclamam, pela importância de seus nomes, dispensa naquelas leis.

Até reza a crônica que se deu o foro de cidadão brasileiro a um estrangeiro recomendado à polícia! Talvez que merecesse esse favor para poder ser empregado na espionagem da gente trêfega.

Desejava bem dar-vos alguma notícia da oposição; porém creio que os oposicionistas modernos procedem de uma maneira muito diferente da que se usava outrora.

Em vez de atacarem o governo, defendem-no; e por isso contaram-me que, perguntando o presidente a um deputado que pedira a palavra na resposta à fala do trono se era pró ou contra, respondera que seria como quisessem

É verdade que lá de vez em quando surge um campeão que não dá quartel ao governo, como sucedeu ontem na discussão da fala do trono.

Que de verdades se descobriram! O país está à borda de um abismo! Nós caminhamos a passos de gigante para o mais completo absolutismo!

Quereis as provas?

As medidas sobre a limpeza da cidade, os regulamentos de instrução pública e de óbitos, o método Castilho, e talvez que a reprovação de alguns professores - tudo isto, na opinião do orador, são golpes profundos que se têm dado à constituição e à nossa organização política.

Pobre constituição! A quanto não estais sujeita! É verdade que, depois que te arrancaram as folhas para as lançarem por aí aos domingos e quintas-feiras, não tinhas mais que esperar.

Esquecia-me de dar-vos uma notícia importante. Um candidato à senatoria, que não teve a fortuna de ser escolhido, foi ultimamente promovido a tenente.

É um ato do governo que merece que merece elogios; é uma prova de que o ministério, apreciando em subido grau os serviços daquele prestante cidadão, não quis que ele entrasse no quartel dos inválidos, e habilitou-o para continuar em serviço ativo.

E o que é mais notável é que este favor foi feito a um deputado oposicionista! Que imparcialidade!

Já sabeis que as iguarias preparadas para a regata foram enviadas aos doidos do Hospício de Pedro II. Decididamente estavam predestinadas!

Seu primeiro destino era servir aos doidos, doidos de amor e de entusiasmo, que, depois das corridas dos escaleres e das amáveis conversas com as belas convivas, teriam de ir fazer um toast à rainha do dia em beleza e ao vencedor do páreo.

Mas tudo isto o tempo veio transtornar, e, em vez de uma regata, deu-se cinco ou seis, e bem regadas pela chuva, que a esta hora ainda cai a cântaros.

E por hoje, despedida à francesa; até o próximo domingo, em que é provável que esteja de melhor veia do que hoje.

XXXII

Rio, 27 de maio

Desculpai-me!

Vou contar-vos uma coisa que me sucedeu ontem: é um dos episódios mais interessantes de minha vida de escritor.

Aposto que nunca viste escrever sem tinta!

Pois lede estas primeiras páginas, compreendereis como aquele milagre é possível no século atual, no século do progresso.

Eis o caso.

Foi ontem, por volta das dez horas. Estava em casa de um amigo, e aí mesmo dispunha-me a escrever a minha revista.

Sentei-me à mesa, e, com todo o desplante de um homem, que não sabe o que tem a dizer, ia dar começo ao meu folhetim, quando...

Talvez não acrediteis.

Tomei a pena e levei-a ao tinteiro; mas ela estremeceu toda, coitadinha, e saiu intata e pura. Não trazia nem uma nulidade de tinta. Fiz nova experiência, e foi debalde.

O caso tornava-se grave, e já ia saindo do meu sério, quando a pena deu um passo, creio que temperou a garganta, e pediu a palavra.

Estava perdido!

Tinha uma pena oradora, tinha discussões parlamentares, discursos de cinco e seis horas. Que elementos para não trabalhar!

Nada; era preciso por um termo a semelhante abuso, e tomar uma resolução pronta e imediata.

Comecei por bater o pé, e passar uma repreensão severa nos meus dois empregados, que assim se esqueciam dos seus deveres.

O meio era bom, e surtiu o desejado efeito como sempre.

Entramos em explicações; e no fim de contas soube a causa dessa dissidência.

A pena se tinha declarado em oposição aberta; o tinteiro era ministerial quand même. E ambos tão decididos nas suas opiniões, que não havia meio de faze-los voltar atrás.

Era impossível, pois, evitar uma discussão; resignei-me a ouvir os prós e os contras deste meu pequeno parlamento.

A pena do meu amigo fez um discurso muito desconchavado, a falar a verdade. Por mais que lho tenha dito, não quer acreditar que a oratória não é o seu forte; tirando-a da mesa e do papel não vae nada.

Enquanto, porém, ela falava, o tinteiro voltava-lhe as costas de uma maneira desdenhosa, o que não achei bonito. Estive quase chamando-o à ordem; mas não me animei.

Chegou finalmente a vez de falar ele, e defendeu-se dizendo que todas as penas faziam oposição aos tinteiros logo que estes lhes recusaram o elemento para trabalhar, e se não lhe davam a tinta necessária para escrever, sem a qual ficavam a seco.

-C'est trop fort! Gritou a pena do meu amigo, que gosta de falar em francês. Quebro os meus bicos antes do que receber uma só gota de tinta em semelhante tinteiro.

E, se o disse, melhor o fez. Não houve forças que a fizessem molhar os bicos no tinteiro e escrever uma só palavra com aquela tinta.

Atirei-a de lado, abri a gaveta, e tomei um maço de penas que aí havia de reserva.

Mesma coisa: todas elas tinham ouvido, todas se julgavam comprometidas a sustentar a dignidade de sua classe.

Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Mas uma nova decepção me esperava.

A minha pena, de ordinário tão alegre e tão travessa, a minha pena, que é sempre a primeira a lançar-se ao meu encontro, a sorri-me a dar-me os bons dias, estava toda amuada, e quase escondidas entre um maço de papéis.

Quanto ao meu tinteiro, o mais pacato e o mais prudente dos tinteiros do mundo, este tinha um certo ar político, um desplante de chefe de maioria, que me gelou de espanto.

Alguma coisa se tinha passado na minha ausência, algum fato desconhecido que viera perturbar a harmonia e a feliz inteligência que existia entre amigos de tanto tempo.

Ora, é preciso que saibam que há completa disparidade entre esses dois companheiros fiéis das minhas vigílias e dos meus trabalhos.

O meu tinteiro é gordo e barrigudo como um capitão-mor de província. A minha pena é esbelta e delicada como uma mocinha de quinze anos.

Um é sisudo, merencóreo e tristonho; a outra é descuidosa, alegre, e às vezes tão travessa que me vejo obrigado a ralhar com ela para faze-la ter modo.

Entretanto, apesar desta diferença de gênios, combinavam-se e viviam perfeitamente. Tinha-os unido o ano passado, e a lua de mel ainda durava. Eram o exemplo dos bem casados.

Façam, portanto, idéia do meu desapontamento quando comecei a perceber que havia entre eles o que quer que fosse.

Era nada menos do que a repetição da primeira cena.

Felizmente não veio acompanhada de discussões parlamentares, mesmo porque na minha mesa de escrever não admito o sistema constitucional.

É o governo absoluto puro. Algumas vezes concedo o direito de petição; no mais, é justiça a Salomão, pronta e imediata.

A minha pena, como as penas do meu amigo, como todas as penas de brio e pundonor, tinha declarado guerra aos tinteiros do mundo.

Não havia, pois, que hesitar.

Lembrei-me que ela me tinha sido confiada há coisa de nove meses pura e cândida, e que assim a devia restituir.

Lembrei-me de muitas outras coisas, e tomei uma resolução inabalável.

Atirei o meu tinteiro pela janela fora.

A pena saltou, de tão alegre e contentinha que ficou. Fez-me mil carícias, sorriu, coqueteou, e por fim, fazendo-me um gestozinho de Charton no Barbeiro de Sevilha, um gestozinho que me mandava esperar,

lançou-se sobre o papel e começou a correr.

Escrevia sem tinta.

Quero dizer, desenhava; esgrafiava sobre o papel quadros e cenas que eu me recordava ter visto há pouco tempo; debuxava flores, céus, estrelas, nuvens, sorrisos de mulheres, formas de anjos, tudo de envolta e no meio de uma confusão graciosa.

E eu nem me lembrei mais de escrever, e fiquei horas esquecidas a olhar esses quadros, que decerto não conseguirei pintar-vos.

Recordo-me de um.

Passava-se na segunda-feira, na baia de Botafogo.

A uma hora o tempo fez umas caretas, como para meter susto aos medrosos.

Daí a alguns momentos o sol brilhou, o azul do céu iluminou-se, e uma brisa ligeira correu com os vapores do temporal que ainda toldavam a atmosfera.

Uma bela tarde desceu do seio das nuvens, pura, fresca e suave como uma odalisca, que, roçando as alvas roupagens de seu leito, resvala do seu divã de veludo sobre o macio tapete da Pérsia.

Era realmente uma odalisca, ou antes uma moreninha de nossa terra. Seu hábito perfumado se exalava na aragem que passava; os seus olhos brilhavam nos raios do sol; sua tez morena se refletia na opala dourada que coloria o horizonte.

Tudo sorria, tudo enamorava. As nuvenzinhas brancas que corriam no azul do céu, o vento a brincar com as fitas de um elegante toilette, uma réstia de sol que vinha beijar uma face que enrubescia ao seu contato, tudo isto encantava.

Apenas o mar, como um leão selvagem, eriçava a juba, estorcia-se furioso, e arrojava-se bramindo sobre as areias da praia.

Isto, em bom português, quer dizer que havia uma ressaca insuportável. Mas é necessário recorrer de vez em quando às imagens poéticas, e seguir os preceitos da arte; e foi por isso que dei ao mar a honra de compara-lo a um leão selvagem e indômito.

Na minha opinião, ele não passa de um sujeito muito malcriado, que, apesar de tanta moça bonita que se incomodou para ir vê-lo, pôs-se a fazer bravatas, como se alguém cá da terra tivesse medo dele.

Por isso, os barquinhos zombavam dos seus rompantes e brincavam sobre as ondas, e corriam tão ligeiros, tão graciosos, que era um gosto vê-los saltando nos cimos das vagas, e inclinando-se docemente com o fluxo da ressaca.

Às três horas e meia ouviu-se um tiro de peça e começou o páreo, que durou até cinco horas da tarde. Apesar de todos os contratempos que sobrevieram, havia um prazer e uma animação geral.

Todos os convidados se achavam reunidos no primeiro pavimento da casa do Sr. Teixeira Leite; e aí foi servido um excelente toast que a sociedade fizera preparar.

Sans pain et sans vin, l'amour n'est rien, diz Brillat Savarin, que é autoridade na matéria. Portanto não é de admirar que, depois do toast, todos os rostos se animassem, o sorriso se expandisse nos lábios, e a galanteria se tornasse mais amável e afetuosa.

Enquanto lançava um olhar sobre essas mesas carregadas de flores e de manjares, cercadas de tantas moças bonitas e de talhes tão delicados e tão mimosos, enquanto o Champanha espumava e as luzes cintilavam, fazendo brilhar o rubi líquido que tremia nos copos de cristal, vieram-me umas reflexões de filosofia gastronômica ou de gastronomia filosófica (como quiserem), que me envergonharam.

A minha poesia, a pouca que tenho, aproveitou o primeiro olhar que passou e foi refugiar-se nuns belos olhos que ela conhece, até que passassem as reflexões humorísticas que faziam trabalhar o meu espírito.

E ela tinha razão.

Numa mesa de jantar, a menos que não se tenha perdido a razão, declaro impossível a menor dose de poesia.

Neste lugar tudo se nivela, tudo se iguala. O rei e o mendigo, o rico e o pobre, a moça bonita e a mulher feia, todos têm fome.

Vedes aquela mulher bela e elegante; tem o corpinho tão mimoso, a cintura tão delicada, que julgais alimentar-se de perfumes e de essências do Oriente.

Admirai-lhe os olhos grandes que parecem refletir uma luz divina, os lábios feitos para o sorriso, a cercadura de pérola que ornam a sua boquinha, e que um beijo não ousaria profanar.

É uma flor, uma estrela, um anjo cercado de luz, que vive no meio de uma auréola celeste, uma fada que habita o palácio encantado de vossa imaginação.

Pois bem, chegai-vos a uma mesa bem servida, e olhai a vossa estrela, o anjo dos vossos sonhos.

Os dentes não são mais pérolas, porque mastigam como os vossos e como os de qualquer; os lábios rosados não sorriem, saboreiam tão bem uma iguaria como os de um consumado gastrônomo.

E daí a um momento, quando no meio do cheiro das iguarias e das fumaças do vinho, esta mulher vos disser que jantou bem, se ainda tiverdes um átomo de poesia na vossa alma, podeis gabar-vos de ser o maior poeta do mundo.

E assim como a mulher é tudo o mais.

O estadista profundo, que gasta a sua vida a resolver os grandes problemas sociais e políticos, que joga com as massas e com as nações, como um menino com a sua péla, senta-se à mesa e esgrime-se contra uma asa de peru, da mesma maneira que um estudante esfaimado no dia de um enterro de ossos.

A religião, a ciência, a glória, o amor, a arte, todas essas coisas grandes e sublimes do mundo, tudo num momento dado some-se pelo fundo de um prato, ou pelas bordas de um copo de vinho.

Deixemo-nos, pois, dessas veleidades, desses orgulhos todos e sem fundamento. Todos temos as mesmas misérias, todos saímos do pó, e um dia a ele tornaremos.

Bem razão tinhas tu, meu Brillat Savarin, quando dizias que a cozinha é a primeira e a única ciência deste mundo; e que os homens só se distinguem dos animais, porque estes comem, e nós saboreamos.

Quantas da minha leitoras não terão amarrotado estas páginas e condenado o meu folhetim como a pior das revistas passadas, presentes e futuras?

Entretanto não têm razão; porque, apesar de todas estas reflexões que me assaltavam, tive bastante força de imaginação para não descer do mundo da idealidade.

Quando via um rostinho bonito inclinado sobre a mesa, chamava em meu socorro todas as comparações dos poetas antigos e modernos, e assim conseguia salvar as minhas ilusões.

Então não era uma mulher que via a comer, era uma flor que absorvia os raios de luz e as gotas de orvalho da manhã, era uma falena que libava o mel e o perfume das flores.

E tanto que, depois dessa hora de tortura, tive de acrescentar uma máxima aos aforismos tão conhecidos da Phisiologie du Gout: "O melhor meio de experimentar o amor que se tem a uma mulher é vê-la comer"

É preciso, porém, que advirtam numa coisa, e é que não falo de um jantar a dois, de uma mesa à qual nos sentamos ao lado ou mesmo defronte de uma bela moça.

Não: isto é a quinta essência da poesia.

O que disse referia-se à posição crítica de um sujeito que está morrendo de fome, e que se acha condenado ao suplício de ver comer uma bela mulher: é esse caso especialíssimo que eu digo que o homem que é capaz de conservar as suas ilusões tem uma imaginação que eu respeito.

Voltemos à regata.

À noite improvisou-se um sarau nos salões do Sr. Leite, e todas as pessoas que se achavam na reunião da sociedade foram convidadas e instadas para subirem.

Havia moças, música e flores, esta trindade mística do prazer, e por conseguinte a festa foi soberba; completou-a a afabilidade dos hóspedes e a amabilidade com que todos eram recebidos.

Dançou-se, conversou-se, brincou-se, e às onze horas cada um retirou-se com a alma cheia das agradáveis impressões do dia.

Eu fui ler umas páginas de romance escritas na Revista dos Dois Mundos de 1º de março por...

Adivinhem por quem, senhores ministros presentes e futuros?

Por Guizot.

O grande estadista, o político profundo ainda se julga feliz em poder, depois dos reveses da fortuna, voltar à imprensa e entreter-se com a sua pena a traçar algumas cenas dramáticas e uma história simples do coração humano.

Entretanto no nosso país se diz que a imprensa é venal e corrompida, e se trata de desacreditar essa força civilizadora da sociedade.

Mas que importa?

Porque o homem num momento de humor se revolta contra a chuva, e desespera de apanhar sol, nem por isso os outros deixam de continuar o seu giro, e as estações de seguirem o seu curso regular.

Assim é a imprensa.

Obscura invenção de Gutenberg, simples maquinismo para escrever algumas palavras com pequenas formas de pau, cresceu, desenvolveu-se, foi-se estendendo por toda terra, e hoje está destinada a dominar o mundo, como a maior criação do homem.

Nela se concentram os dois mais poderosos elementos da civilização, os dois grandes agentes que fazem mover o mundo: a inteligência e o vapor.

Que poderá resistir a essa combinação do pensamento com a força, a essa união da palavra com a rapidez?

Tempo virá em que do obscuro gabinete do escritor a pena governará o mundo, como a espada de Napoleão da sua barraca de campanha.

Uma palavra que cair do bico da pena, daí a uma hora correrá o universo por uma rede imensa de caminhos de ferro e de barcos de vapor, falando por milhões de bocas, reproduzindo-se infinitamente como as folhas de uma grande árvore.

Esta árvore é a liberdade; a liberdade de imprensa, que há de existir sempre, porque é a liberdade do pensamento e da consciência, sem a qual o homem não existe; porque é o direito de queixa e defesa, que não se pode recusar a ninguém.

Mas esta bela idéia me levaria muito longe, tenho tanta coisa pequena de que falar, que não sei como me poderei sair desta dificuldade.

O melhor é cortar o nó górdio com a espada de Alexandre, e não falar de mais coisa alguma.

Sirva, pois, a pena de espada, e façamos ponto final.

XXXIII

Rio, 3 de junho

Passou ligeira e fugitiva como todos os prazeres deste mundo, a semana das belas noites, dos magníficos luares, dos brilhantes saraus musicais!

Passou, envolta entre as sombras da noite, e como que temendo crestar as suas asas diáfanas e o seu manto cor do céu aos raios ardentes do sol de nossa terra!

Passou, como essas crepusculares que adejam às últimas claridades do sai; ou como essas flores modestas que vivem à sombra, e se expandem à claridade suave das estrelas e ao brando sopro das auras da noite!

Havíeis de vê-la surgir, entre a tíbia claridade do crepúsculo da tarde, com uma lira d'ouro na mão, o olhar em êxtase, o gesto inspirado; e, de envolta com os últimos rumores do dia, talvez lhe ouvísseis os prelúdios harmoniosos.

Mas passou; e agora só nos restam as recordações das horas de prazer que nos deu, e que vamos desfolhar uma a uma, como as páginas de um belo livro, que lemos pela segunda vez frase por frase, apreciando a elegância do estilo, os lindos pensamentos e as brilhantes imagens.

E, se ao menos uma dessas mãozinhas feiticeiras quisesse for da semana, que abrimos aos nossos leitores, e do qual bem sentimos não lhe poder dar mais do que uma pálida tradução.

Muito; não é um livro, é um álbum de músicas e desenhos, um lindo keepsake, em que os mais hábeis artistas trabalharam para fazer uma dessas obras-primas, dignas das mãozinhas delicadas para que são destinadas.

E, se ao menos uma dessas mãozinhas feiticeiras quisesse folhear comigo as páginas desse pequeno livro da vida, talvez pudesse ler nele coisas bem lindas, que diria aos meus leitores, visto que não sou egoísta.

Abriríamos as primeiras páginas, e poderíamos ver essas belas noites de luar que tem feito, e um céu tão puro, e umas estrelas tão brilhantes, que ficaríamos encantados.

Poderíamos sentir a frescura dessas tardes serenas, ou acompanhar esses bandos de moças que passeiam, e ouvir as suas falas doces e os seus risos alegres e festivos.

Se tendes queda pelos antigos costumes dos nossos pais, que já vão caindo em desuso, iríamos correr as barracas do Espírito Santo, e talvez nos lembrássemos daquelas novenas do campo tão encantadoras com as suas ruas de palmeiras e as suas toscas luminárias.

Também podíamos passear aos belos arrabaldes da cidade, a Botafogo, às Laranjeiras, ao Engenho Velho ou a Andaraí, e, fugindo o gás, ir apreciar o luar na sua beleza primitiva, no meio das árvores e por entre as folhagens.

Mas voltemos a página. Estamos na terça-feira, no salão do Teatro Lírico, assistindo ao concerto do Arnaud.

Podemos ouvir boa música, de diferentes maestros e de gostos diversos, desde o travesso romance francês até a verdadeira música italiana cheia de sentimentos e de poesia.

Arnaud tocou, com o gosto que todos lhe conhecem, uma fantasia sobre motivos da Sonâmbula, e duas composições suas dedicadas a S.M. a Imperatriz e ao Rei de Nápoles.

A Charton cantou, entre outras coisas, uma ária de Marco Spada, tão graciosa na música como na letra. É um lindo gorjeio de rouxinol francês que acaba por este estribilho:

Vous pouvez soupirer,

Vous pouvez espérer;

Mais, songez-y bien,

Je n’accorde rien.

Já vêem, pois, as minhas leitoras que a tal ária do Marco Spada bem se poderia chamar ária dos bonitos olhos, que não dizem mais do que aquele estribilho enigmático.

O primeiro requebro de olhos que vos lança uma bela mulher, o primeiro sorriso de esperança que anima os vossos desejos, é o primeiro verso, é uma permissão, um consentimento tácito. Vous pouvez soupirer.

Daí a muito tempo, quando ela vê que já estais ficando tísico de tanto suspirar, pode ser que se condoa do vosso estado, e que vos lance um segundo olhar; é uma meia promessa Vous pouvez espérer

Ficais muito contente, fazeis loucuras e extravagâncias, julgai-vos o mais feliz dos homens, começais a ser um pouco exigente, quando lá vem o terceiro olhar carregado de uma ameaça. Mais, songez-y bien!

E não tardará muito que um último volver desdenhoso não venha deitar água fria na vossa paixão e intimar-vos a sentença final. Je n'accorde rien.

Ora, vós sabeis que toda a ária tem repetição (reprise); por conseguinte, depois deste primeiro ritornelo, os olhos cantam uma segunda vez o mesmo estribilho, e acabam executando um duo, porque também depois da ária quase sempre nas óperas se segue o dueto.

Não sei se lá no concerto sucedeu semelhante coisa, porque quase todo o tempo estive fora do salão com muitas pessoas, para quem não havia lugar dentro.

Ora, isto é uma prova de que o artista que dava o concerto é tão bem aceito da nossa sociedade, que mereceu uma grande concorrência; mas também é prova que o salão do teatro não se presta a uma reunião de mais de quinhentas pessoas.

Do contrário, dar-se-á o que sucedeu terça-feira, a se verão obrigados a fazer aquela mesma separação de homens e senhoras, que decerto não é nada galante.

A música é uma coisa muito bela, mas seguramente não é um fogo de Vesta que tenha o poder de nos afastar da companhia amável das senhoras e privar-nos da sua espirituosa conversação.

Não cuidem que digo isso por mim; apesar de sentir bastante aquela separação anti-social, anti-religiosa e anti-política, se tomo o negócio tão a peito, é unicamente por causa das senhoras, que eu adivinho haviam de estar desesperadas.

Os motivos do desespero são diversos.

Em umas era porque lhes faltava o quer que é, porque não ouviam uma fineza, não sentiam em torno o murmúrio de admiração a que estão talvez habituadas.

Em outras é porque não tinham quem lhes fosse ver o copo d'água, quem lhes dissesse de que maestro era a música que se tocava, quem informasse da hora que era, enfim quem lhes servisse de partner num pequeno jogo de alusões maliciosas. .

Mas deixemos os desconcertos, e voltemos ao concerto.

As glórias musicais da noite couberam a um trio do Padre Martini, composto em 1730, e que Ferranti foi desencavar não sei onde: é o trio das risadas.

Foi executado pela Charton e por Ferranti e Dufrene com muita graça e naturalidade.

Que excelente música para quando se está triste! Diz um provérbio que quem canta seus males espanta. O tal terceto, porém, faz mais do que espantar os males; obriga a rir; começa-se cantando, e acaba-se às gargalhadas.

Voltemos outra página.

Entramos no Teatro de São Francisco na quarta-feira à noite; representam-se duas pequenas comédias muito engraçadas e espirituosas.

Se quereis passar uma noite alegre e rir de coração durante umas duas ou três horas, não deixeis de ir aos domingos e às quartas-feiras ver as representações desse pequeno teatro.

Ouvireis as cômicas facécias de um artista que agora começa, mas que promete muito futuro, se o animarem e souberem dirigir. Vereis como a mobilidade extraordinária de sua fisionomia se presta admiravelmente às expressões de todos os sentimentos e de todas as paixões.

Lá de vez em quando, no meio dessas cenas espirituosas e cômicas, assistireis a um lance dramático, em que uma excelente artista já vossa conhecida pinta com a maior naturalidade o amor, a emoção, o susto ou o terror.

E vereis tudo isto no meio de uma sociedade escolhida, e admirando talvez pelos camarotes algumas moças bonitas e elegantes que começam a proteger a nascente empresa, e que prometem em pouco tempo fazer deste pequeno salão um dos mais agradáveis passatempos da cidade.

A sociedade tem lutado com muitas dificuldades, e uma delas, talvez a principal, seja a repugnância que tem ainda a classe pobre por esta profissão.

São prejuízos de tempos passados, de que ainda se ressentem os paises pouco ilustrados, e que devemos

procurar destruir como um erro muito prejudicial ao desenvolvimento da arte dramática.

O cômico hoje em dia já não é aquele volantin ou palhaço de outrora, sujeito aos ápodos e às surriadas do poviléu nas praças públicas; já não é aquele ente desprezível, aquele paria da sociedade, indigno do trato da gente que se prezava.

Todo o trabalho é nobre, desde que é livre, honesto e inteligente; toda a arte é bela e sublime, logo que se eleva à altura do espírito ou do coração.

O cômico pertence a esta grande classe de artistas que trabalham na grande obra da perfeição: é irmão do pintor, do estatuário,do músico, do arquiteto, de todos esses apóstolos da civilização que seguem por uma mesma religião e um mesmo culto: a religião da natureza e o culto do belo.

Cessem, pois, esses escrúpulos irrefletidos que muitas vezes cortam uma carreira e falseam uma vocação decidida.

Quantos grandes pintores da Itália e o mundo inteiro não teriam perdido, se o desprezo pela arte e os maus conselhos tivessem abafado na alma do artista o fogo sagrado, fazendo de um Ticiano e de outro um mau advogado ou um péssimo fidalgo?

Quem sabe também quanta menina pobre e quanto moço sem fortuna há por aí por esta grande cidade, e cujas esperanças não passam de um obscuro casamento ou de um emprego mesquinho, e que entretanto têm em si o germe de um brilhante futuro, perdido talvez por uma falsa idéia da arte?

Atualmente todo o mundo entende que seu filho deve ser negociante ou empregado público: e, tudo quanto não for isto é um desgosto para a família. Quanto à classe rica e abastarda, esta não quer outra coisa que não seja o sonoro título de doutor.

Doutor atualmente equivale ao mesmo que fidalgo nos tempos do feudalismo. É um grau, um distintivo, um título, uma profissão, um estado.

No tempo da revolução, os fidalgos, os condes, marqueses e barões emigraram e fizeram-se torneiros, sapateiros, pintores e mestres de meninos

É provável que daqui a dez anos, com a fertilidade espantosa das nossas academias, o mesmo venha a suceder aos doutores.

Tudo isto, porém, parte de um grande erro.

Todas as profissões encerram um grande princípio de utilidade social; todas, portanto, são iguais, são nobres, são elevadas, conforme a perfeição a que chegam.

Um mau discurso de deputado não vale um gorjeio ou uma volta da Charton. Um poema insulso, uma poesia sem sentimento não se compara a uma cena pintada por Bragaldi. Um desenho sem gosto não prima sobre as formas elegantes e graciosas que o nosso artista Neto costuma dar a um móvel trabalhado por ele.

E assim tudo o mais: o homem é que faz a sua profissão; a sua inteligência é que a eleva; a sua honestidade é que a enobrece.

Já é tempo de voltarmos a quarta página deste livro das noites, que me comprometo a traduzir-vos.

Chegamos à história de uma representação dada no Teatro de São Pedro, quinta-feira à noite, em benefício de um artista nacional.

Conheceis a comédia, e por conseguinte saltemos por ela para ouvir a Jacobson cantar a ária do Átila, que tão bem representava no Teatro Lírico.

Se a natureza não dotou a esta artista de uma voz doce e suave, deu-lhe em compensação o gosto, o sentimento e a inteligência necessária para compreender todos os mistérios desta arte divina que tem cordas para cada uma das pulsações do coração humano.

O beneficiado tocou no seu violoncelo uma fantasia do Trovador. Nesse momento, algumas pessoas distintas que aí se achavam sentiram decerto um assomo de orgulho e de brios nacionais, quando viram o artista brasileiro, filho da vontade e do estudo, arrancar aplausos no meio dos hábeis instrumentistas estrangeiros que tão cavalheirescamente se prestaram a coadjuva-lo.

.O violoncelo é um admirável instrumento. Fala, chora, geme e soluça como voz humana; se não diz as palavras, exprime os sentimentos com uma força de expressão que arrebata.

Como todos os instrumentos de cordas animais, ele tem com o coração humano essa afinidade poderosa que faz que cada uma das vibrações daqueles nervos distendidos arranque uma pulsação das fibras mais delicadas do homem.

Ainda uma página; a última do livro.

Voltamos ao Teatro Lírico para ouvir Ana Bolena em benefício do Bouché.

Ana Bolena foi uma das oito mulheres desse rei volúvel que estava destinado para nascer sultão na Turquia, mas que por um capricho do acaso, tornou-se filho de uma rainha de Inglaterra.

O caso é que tão mau como se diz que foi Henrique VIII, se ele não tivesse feito as suas brejeiradas, nós não

teríamos passado antes de ontem uma tão bela noite.

O que foi esta bela noite sabem os leitores: foi música de Donizetti cantada por Bouché e pela Charton.

Ora, dizer que o Bouché cantou bem seria repetir o que já disse, e isto é sempre monótono e aborrecido.

Quanto a Charton, que brilhou no romance e no rondó final, já não tenho nada de novo que escrever.

Portanto, como os meus leitores não poderiam suportar que lhes falasse do Teatro Lírico sem falar de sua cantora predileta, não há remédio senão, depois de esgotados os prós, recorrer aos contras.

De agora em diante vou estudar-lhe os defeitos, e afinar o ouvido para ver se ela canta em si bemol ou em la sustenido.

Naturalmente hei de descobrir alguma coisa, assim como já descobri que Casaloni canta pelo nariz e que o Capuri é ventríloquo.

Não se admirem se me calo sobre Ghioni, a nova comprimária, que fez nessa noite a sua estréia. Depois que Dufrene me enganou com as suas maneiras estudadas, não arrisco o meu juízo senão depois da terceira representação.

Entretanto, enquanto nada me animo a dizer, ficam sabendo que a nova comprimária tem uma bela figura em cena, e que foi aplaudida depois da ária do segundo ato.

O vestuário era todo novo, rico e a caráter. Henrique VIII estava trajado com muito gosto; mas Ana Bolena tinha um feio roupão de veludo roxo dobrado de cetim azul com uns galões de cor duvidosa, que por felicidade ficou esquecido à vista do elegante vestido de cetim preto com que apresentou no último ato.

Todo este vestuário veio-nos instruir de uma verdade que não se encontra nos livros de histórias; e é que naquele tempo os homens usavam de coleira e as mulheres de asas.

Ora, como as modas revivem, é natural que hoje se dê a mesma coisa; com a diferença que senhoras e homens trazem as suas asas e coleiras escondidas para que ninguém as veja. Antigamente havia mais franqueza.

Temos concluído felizmente a má tradução deste livro, que abrimos na primeira página e percorremos até a última.

É natural que os meus leitores me perguntem o que havia no verso da página.

Eram notas sobre a política, apontamentos a respeito de alguns discursos parlamentares, notícias curiosas do Paraguai, mas tudo em borrão, num tal estado de confusão, tão mal escrito e tão sem nexo, que não me animo a traduzir-vos esses trechos informes.

Prefiro antes dar-vos uma ligeira resenha de tudo, e fazer algumas pequenas observações...

Mau! lá secou-se-me a tinta!

XXXIV

Rio, 10 de junho

Falemos de política.

É um tema muito delicado, sobretudo na época atual.

Mas o que é política?

Se a etimologia não mente, é a ciência do governo da cidade.

Pode ser que esta definição não lhes agrade; mas isto pouco me embaraça. Estou expondo um novo sistema social; é natural que me aparte das opiniões geralmente admitidas.

Continuemos.

A política é o governo da cidade. A cidade se compõe de freguesias, de ruas, de casa, de famílias e de indivíduos, assim como a nação de províncias e municípios.

Já se vê, pois, que a política deve ser também a ciência de bem governar a casa ou a família, e de promover os interesses dos indivíduos.

Isto é lógico, e ninguém me poderá negar que, promovendo-se estes interesses, não se concorra poderosamente para o melhoramento da freguesia, da província e finalmente do país.

Daqui resultam, portanto, dois grandes sistemas políticos, dois princípios únicos da ciência do governo.

Um que procede à guisa da análise, que parte do particular para o geral, que promove os interesses públicos por meio dos interesses individuais.

O outro é uma espécie de síntese, desce do geral ao particular, e, melhorando o país, assegura o bem-estar dos indivíduos.

Este método, tanto em política, como em lógica, tem geralmente pouca aceitação: do contrário os espíritos esclarecidos preferem a análise.

Quereis saber como se faz a análise em política?

Em vez de examinarem-se as necessidades do país, examinam-se as necessidades deste ou daquele indivíduo, nomeiam-no para um bom emprego criado sem utilidade pública, e o país se incumbe de alimenta-lo por uma boa porção de anos.

Lá chega um dia em que se precisa de um ministro, e lança-se mão daquele indivíduo como de um homem predestinado, o único que pode salvar o país.

Eis, portanto, os favores feitos àquele indivíduo dando em resultado um benefício real à causa pública; eis a política por meio do empenho - quero dizer da análise, - criando futuros ministros, futuros presidentes, futuros deputados e senadores.

Alguns espíritos frívolos, que não têm estudado profundamente este sistema político, chamam a isto patronato!

Ignorantes, que não sabem que cálculo profundo, que sagacidade administrativa é necessária para criar-se um homem que sirva nas ocasiões difíceis!

Estes censuram o deputado que, em vez de se ocupar dos objetos públicos, trata dos seus negócios particulares; falam daqueles que sacrificam os interesses de sua província às exigências de sua candidatura de senador.

E não compreendem que estes hábeis políticos, promovendo os interesses de sua pessoa, de sua casa e de sua família, não tem em vista senão auxiliar o melhoramento do país, partindo do menor para o maior.

De fato, algum dia eles pagarão à nação tudo quanto dela receberam, em projeto de reformas, em avisos, em discursos magníficos. Isto enquanto não vão à Europa passear e fazer conhecida do mundo civilizado a ilustração dos estadistas brasileiros.

E há quem chame a isto patronato, empenho ou desmoralização! Como se em muitos outros paises, e até na França, não estivesse em voga este mesmo sistema de governar!

Outrora se dividiam as forma de governo em república, monarquia representativa e monarquia absoluta. Hoje está conhecido que estas duas divisões são puramente escolásticas, e que não há senão duas maneiras de governo: o governo individual e o governo nacional, o governo dos interesses particulares e o governo dos interesses do país.

Cada um deles pode conduzir ao fim desejado, procedendo por meios diversos.

Um,por exemplo, escolhe o indivíduo para o emprego, segundo a sua aptidão; o outro escolhe emprego para o indivíduo, segundo a sua importância.

O primeiro ganha um bom empregado, o segundo um excelente aliado. Um pode errar na escolha do indivíduo; o outro pode ser traído pelo seu protegido.

Se os meus leitores acham muito extravagante esta preleção política, têm bom remédio; é não lerem segunda vez, se tiverem caído na atualidade.

Não pensem contudo que pretendo fazer concorrência às últimas declarações feitas na Câmara dos Deputados; de maneira alguma.

Qualquer dos métodos ali apresentados é inquestionavelmente melhor do que o meu, começando pelo de um nobre deputado de São Paulo.

Que política salvadora! Voltaremos ao tempo das revoltas, das perseguições, das eleições armadas. Teremos uma espécie de fanatismos político, uma cruzada, a que se chama saquaremismo puro!

Ora, é inegável que se podem obter grandes resultados com esta política. A revolução, segundo dizem, é uma força civilizadora, regenera como o fogo, purifica como o martírio.

Portanto não há que hesitar! Adotemos esse programa salvador; arranjemos quanto antes uma meia dúzia de São José dos Pinhais, e avante, que o futuro é nosso! A jovem oposição entrará no senado, e teremos dado um grande passo para o engrandecimento da nossa pátria.

E a respeito de política, estou satisfeito, quero dizer estou suficientemente enfastiado.

E, o que mais é, não tenho nada de bonito que dizer-vos. A semana que acabou foi unicamente de esperanças. Todo o mundo esperava; nestes sete dias passados ninguém teve um pensamento que não fosse uma expectativa.

Até quinta-feira esperou-se que a procissão de São Jorge fosse brilhante, e por isso uma concorrência extraordinária enchia as ruas privilegiadas.

Quase todas as moças bonitas da cidade estavam reclinadas pelas varandas dessas casas, tão tristes e tão soturnas nos outros dias.

Cada janela era um buquê; e como um buquê pode ser bonito ou feio, perfumado ou inodoro, segundo as

flores de que se compõe, deve cada um entender a palavra a seu modo.

Há gente que gosta da rosa, porque tem espinhos; há outros que preferem a violeta, porque é modesta; e talvez que alguns apreciem o cravo amarelo, a papoula, e achem um certo sainete no cheiro da arruda e do manjericão.

Para todos estes gostos havia flores nos buquês de que falei. O jardim era completo, principalmente no que diz respeito a girassóis.

A procissão saiu.

Se ainda não sabeis, podeis ficar certo disto, assim como do logro que nos pregou. Anunciavam uma procissão muito bonita, e saiu uma muito feia.

São Jorge apareceu vestido de novo, mas posso afiançar-vos que não estava à son aise. Induzi isto da palidez, da cor de mortalha que tinha o seu semblante.

De fato o ativo guerreiro não podia estar ao seu gosto dentro daquele manto enorme, que cobria cavaleiro e cavalo, de tal maneira, que de longe apenas se via um capacete e uma capa que caminhavam com quatro pés.

Depois da imagem vieram as irmandades do costume; houve porém, uma que eu não conheci, e que entretanto ia de envolta com a do Carmo; falo de uma que trazia capa amarela, cor que não me consta tenha sido adotada por nenhuma confraria desta corte.

Depois de quinta-feira começou todo o mundo a esperar pelas ações da estrada de ferro, e pelo resultado das cartas entregues à comissão, as quais montam já a mais de cinco mil!

Nem os ministros, nem as moças bonitas, nem os lentes no tempo de exames, ou os eleitores em época de eleição, são capazes de apresentar um tal número de billets doux.

A comissão tem, portanto, de fazer o milagre de Jesus Cristo, dividir esse pão, não em fatias, porém sim em migalhas.

E é essa divisão que todos esperam ansiosos, calculando já pelos dedos os resultados prováveis do emprego deste dinheiro que tem seguro um interesse de sete por cento.

Além desta expectativa, preocupou igualmente os ânimos a esperança de uma decisão do governo a respeito da questão do Paraguai; porém, como todas as esperanças da semana, esta ainda não se realizou.

Entretanto, apesar de não sermos dos mais entusiastas da política atual, estamos convencidos que a resolução do governo, qualquer que seja, será ditada pela solicitude que nos inspira a todos a honra e a dignidade nacional.

Enquanto o mundo da sociedade, que passa o seu tempo a brincar e a divertir. O baile do Cassino na terça-feira equivale a uma expedição do Paraguai.

A diretoria, qual novo Pedro Ferreira, levou-nos para o salão da Fileuterpe, no qual tiveram lugar as exéquias do baile aristocrático.

Diz Auguez que para muitos homens a vida começa num salão de baile e acaba na sacristia de uma igreja.

Pode ser; mas o que sou capaz de apostar é que esse baile de que fala o escritor do Mosqueteiro não teve de certo nenhuma semelhança com o de terça-feira.

A casa, que é uma excelente estufa para curar constipações, parece que foi construída na Rússia ou na Sibéria, e de lá mandada vir de encomenda.

Demais, tem uma escada imoral, porque deixa ver as pernas de todas as moças e velhas que sobem. Basta postar-se um homem no saguão durante a noite para fazer um estudo completo da pernologia da cidade.

Pernologia é um termo novo que eu inventei na noite do Cassino, por não ter outra coisa que fazer; mal sabia eu que me havia de servir dele tão cedo.

Quanto ao serviço do Cassino, não direi mais do que três palavras: não havia pão.

Um baile sem pão é uma falta imperdoável, é um atentado à galantaria, uma coisa incompreensível.

E se não que reflitam no provérbio antigo, na máxima dos tempos em que se sabia amar e se prezavam todas as belas-artes: Sine Cerere et Baccho friget Vênus.

Uma sociedade como o Cassino deve ter um serviço magnífico, um serviço delicado e que não seja uma espécie de segunda edição do que se encontra por aí em qualquer bailezinho.

Já me enfastia esta infernal monotonia, que me persegue em todas as reuniões. É um drama em quatro atos que se repete mais do que os milagres de Santo Antonio. Ás dez

horas - primeiro ato - chá. Às onze horas - segundo ato - sorvetes. Á meia noite - terceiro ato - empadas. A uma hora - quarto ato - chocolate.

Há mais de três anos que os bailes do Rio de Janeiro rezam por esta cartilha, e reduzem-se a apresentar-nos empadas, como se já não estivéssemos faros delas.

E, a propósito de empadas, quero comunicar-vos umas reflexões que fiz há tempos sobre o casamento, em um sábado de tarde quando passavam uns carros destinados para este fim.

Em primeiro lugar, não pude deixar de estranhar que se escolhesse o sábado para a celebração deste ato,

quando, segundo a tradição popular, é neste dia que os diabos andam soltos.

Depois, lembrei-me do que diz um escritor, cujo nome não me lembro; esse santo homem, que naturalmente é celibatário, só compreende que se casem três classes de indivíduos: os políticos, os ambiciosos de fortuna e os velhos reumáticos e caquéticos.

Os políticos desposam uma boa posição na sociedade, uma proteção valiosa, uma família influente, um nome de prestígio. Para eles a mulher é um diploma.

Os ambiciosos casam-se com uma boa porção de contos de réis, com uma excelente mesa, um palácio, e todas as comodidades da vida. Para eles a mulher é uma letra de câmbio, ou uma hipoteca sobre boa herança.

Os velhos reumáticos casam com as cataplasmas e as tisanas.

Para estes a mulher é uma enfermeira, uma irmã de caridade, um xarope de saúde.

Além destas três classes gerais, há algumas exceções, que não deixam de ter a sua originalidade.

Há sujeitinho que casa unicamente para dizer - eu casei; outros que mudam de estado e deixam a vida de ser solteiros para fazer a experiência.

Alguns entendem que devem ter uma bela mulher na sua sala, assim como se tem uma étagère, um lindo quadro, ou um rico vaso de porcelana de Sèvres.

Gostam de levar pelo braço uma bonita moça, porque faz o mesmo efeito que uma comenda ou uma fita do Cruzeiro: chama a atenção.

Muitos casam para terem um autômato que lhes obedeça, sobre quem descarreguem o seu humor, a quem batam o pé e ruguem o sobrolho, como Júpiter Olímpico.

Finalmente, uns dizem que casam por inclinação e por amor, isto é, casam porque não têm motivo, e por isso são obrigados a inventar este pretexto.

Mas deixemos esta matéria vasta, e voltemos ao nosso pequeno mundo de seis dias.

Sabeis que vamos ter breve uma celebridade lírica no nosso teatro?

Temos tanto esperado, que já é tempo de uma vez cumprirem as velhas promessas que nos costumam fazer.

A nova cantora, o novo rouxinol da Ausônia, que vem encantar as noites da nossa terra, chama-se Emmy La Grua.

É uma bela moça, de formas elegantes, de grandes olhos, de expressão viva e animada. A boca, sem ser pequena, é bem modelada; os lábios são feitos para esses sorrisos graciosos e sedutores que embriagam.

Bem entendido, se o retrato não mente, e se aquela moça esbelta e airosa que vi desenhada não é uma fantasia em crayon.

Quanto à sua idade, bem sabeis que a idade de uma moça é um problema que ninguém deve resolver. Os indiscretos dizem que tem vinte e três anos; quando mesmo tenham trocado os números, não é muito para uma moça bonita.

As belas mulheres não têm idade; têm épocas, como os grandes monumentos; nascem, brilham em quanto vivem, e deixam depois essas melancólicas ruínas, em face das quais o viajante da terra vem refletir sobre o destino efêmero das coisas deste mundo.

Terminando, tenho de dar-vos os meus parabéns pela escolha do novo senador pelo Pará, o Sr. Conselheiro Souza Franco. É uma daquelas graças que honram a quem as faz, honrando ainda mais quem as recebe.

Como sei que alguns dos meus leitores são amantes de originalidades, recomendo-lhes que não deixem de ir contemplar uns jardins babilônicos que a Câmara Municipal e a polícia estão mandando fazer na Rua do Ouvidor, esquina da Vala.

Tem a altura de cerca de quarenta palmos; e, se um dos jarros cair, poderá esmagar algum pobre passante.

Mas é tão divertido, que não vale a pena proibi-los, por causa de tão mesquinha conseqüência.

Deveis ter lido hoje no Correio Mercantil um artigo da Revolução de Setembro sobre o tráfico de africanos no Brasil. Isto mostra quanto é apreciada, mesmo nos países estrangeiros, a grande regeneração que devemos aos esforços do Sr. Eusébio de Queirós.

É também um motivo para que paguemos com generosidade quaisquer serviços que se tenham prestado neste importante objeto; há dívidas sagradas que, uma vez contraídas, importam a honra e dignidade do governo, que neste caso equivale a uma injúria; e o governo não pode deixar de fazer calar essas queixas, ou pelo menos justificar-se delas.

XXXV

Rio, 17 de junho.

Sexta-feira, por volta de oito horas, ia meu caminho para o Teatro Lírico, assistir à terceira representação da Ana Bolena, quando me entregaram uma carta que me era dirigida!...

Uma carta!...

De todas as espécies de escritos que eu conheço, a carta é sem dúvida a mais interessante, a mais curiosa, e sobretudo a mais necessária.

A carta é um livro numa folha de papel, é uma história em algumas linhas, um poema sem cantos; pode ser um testamento, uma confidência, uma entrevista, um desafio, uma boa notícia, ou o anúncio de uma boa desgraça.

É um pássaro, uma ave de arribação, que voa a longes terras, aos climas mais remotos para levar ao amigo ausente as palavras e os pensamentos da amizade ou do amor.

É uma espécie de fio elétrico que comunica através do espaço e da distância duas almas separadas por uma infinidade de léguas, dois homens que muitas vezes nunca se viram, e que entretanto se conhecem.

Quando deram este nome a esse pequeno paralelogramo de papel, que num minuto pode devorar uma fortuna colossal, foi por analogia que talvez tenha escapado a muita gente.

Como a carta do baralho, a carta escrita produz as mesmas emoções, o mesmo delírio; também ela tem seus lances de fortuna ou de azar no jogo da vida.

Se uma dama, ou um ás, ou um valete que se volta sobre o tapete verde, pode arruinar-vos ou enriquecer-vos, da mesma maneira neste lansquenet do mundo a que se chama a existência, uma carta que se escreve pode trazer-vos o sorriso da ventura ou a alegria do desespero.

A única diferença é que o baralho tem quarenta cartas, e que a vida tem mil alternativas. No mais a semelhança é perfeita, e todas as cartas deste mundo são uma e a mesma coisa.

Deveis ter ouvido falar numa espécie de compromisso político, num salvatério que os governos costumam dar às nações, e a que se chama carta.

Que é isto senão uma carta com a qual os governos e os povos jogam essa partida de écarté político, na qual ganha o parceiro que marca seis pontos, isto é, que nomeia seis ministros?

Por isso nós fizemos bem em trocar o nome pelo de constituição, que é mais expressivo, e que não admite nem sequer esses jogos de palavras.

Tudo isto eram reflexões que me acudiam ao espírito enquanto seguia o meu caminho, e procurava adivinhar pela forma e pela dobra o que continha a tal carta.

Bem sabeis que isto é uma arte preciosa; e que há sujeitinho capaz de adivinhar a mão que escreveu uma carta, e o fim com que a escreveu, somente pela maneira por que se acha dobrada e pelo papel do envelope.

Assim, uma cartinha fina, perfumada, macia, trai sempre a mulher; uma capa elegante mas dobrada às pressas, indica geralmente o homem de Estado, um ministro, um funcionário, enfim, sobre que pesa um trabalho invencível.

Ora, a minha carta não tinha parecença alguma com estas duas espécies descritas; estava fechada simplesmente como qualquer carta que sai do correio.

Por isso, como nada tinha que me interessasse, meti-a no bolso e fui ouvir Ana Bolena, sem mesmo ler-lhe o sobrescrito.

Aí levei a conversar sobre a nova reorganização ministerial; e, quaisquer que fossem as opiniões daqueles com quem falei, a todos ouvi o mesmo pensamento e a mesma idéia sobre o novo ministro, o Sr. Wanderley.

É inegável que este nome dá nova força e novo prestígio ao gabinete, que decerto não podia fazer uma melhor aquisição.

Quanto à necessidade da completa retirada do ministério, isto é questão à parte, e sobre a qual só daqui a algum tempo se poderá emitir um juízo seguro.

Entretanto felicitemo-nos por ver definitivamente reconstituído o governo do pais, que durante os últimos dias deu sinais de uma solução definitiva.

Dizem que muitos não aceitarão a pasta; e por isso será bom cuidarmos desde já em fazer do cargo de ministro uma espécie de guarda nacional ou de juro, a que nenhum cidadão se poderá escusar.

É preciso de vez em quando fazermos um pequeno sacrifício pela pátria, por ela que tantas vezes se sacrifica por nossa causa, por nossos interesses pessoais.

Se não lhe fizermos esses sacrifícios, quem preencherá os lugares de senadores, deputados, presidentes, ministros e bispos de uma e outra igreja?

Além da reconstituição do gabinete, nada mais houve de interessante nos altos domínios da política.

A Câmara dos Deputados esperava e desesperava, conforme os diversos boatos que corriam pelos corredores

a cada hora e a cada instante.

O senado (coincidência notável), enquanto o ministério estava em crise, discutia magistralmente uma lei de pescarias.

Esta lei, apesar de muito bem sustentada pelo seu ilustre autor o Sr. Marquês de Abrantes, sofreu no senado grande oposição.

Apesar da consideração que merecem as opiniões opostas ao projeto, cumpre atender à penúria e à escassez de gêneros alimentícios, que quase todos os anos em certa época vai aparecendo no nosso país.

Uma lei de pescarias, sabiamente elaborada, seria não só um importante ramo de comércio e indústria, mas um meio eficaz de suprir no mercado a falta dos gêneros de primeira necessidade.

Ultimamente tem-se falado muito o nome do Sr. Conselheiro Vicente Pires da Mota, que deseja retirar-se do Ceará por incômodos de saúde.

Estamos convencidos que o governo empregará toda a sua solicitude para que o Sr. Pires da Mota continue a dirigir a província, que tão bem tem acolhido a sua administração.

Quando, porém, qualquer mudança se dê, esperamos que o Sr.Marquês de Paraná faça uma escolha acertada, nomeando um homem que tenha como o atual presidente, grande tino administrativo e a energia necessária para vencer exigências absurdas de pequenas influências locais.

É isto pelo menos o que exige a política do atual ministério, e a sua prudência governativa, a fim de não termos de lamentar cenas desagradáveis, e de não retrogradarmos de um estado, que, embora não seja o melhor, é contudo mil vezes preferível ao passado odiento de alguns anos atrás.

Ainda uma palavra.

Temos na nossa administração um empregado de alto merecimento, de qualidades eminentes, de uma inteligência e de um zelo provados por grandes serviços e importantes trabalhos.

Falo do Sr. Dr. Eduardo Olímpio Machado, atual Presidente do Maranhão, que vai dirigir a Província do Amazonas.

Estamos certos que, logo que haja oportunidade, o governo aproveitará melhor este hábil administrador, que uma moléstia cruel impede de continuar a residir nas províncias do norte.

Parece-nos mesmo que, se achando vagas algumas presidências de províncias do sul, se faria a uma delas grande serviço, e ao Dr. Olímpio estrita justiça, nomeando-o para um desses lugares.

Mas lá se ergue o pano, e, como desejo ouvir o terceiro ato sem perder uma nota, deixo a minha conversa, e entrego-me todo à arte, à música.

Mas decididamente estava na noite das distrações.

Apenas a Charton começou a cantar o seu belo romance, o meu pensamento deixou-me, e em menos de um segundo tinha transposto mares e serras.

Andava pela Europa, o brejeiro! Como eu não posso ir, ele mete-me inveja, e leva o tempo a fazer-me figas.

Num minuto passeou pela Itália, viu Emmy la Grua aprontando-se para a sua viagem de além-mar, e depois entrou em Londres, e foi a Convent-Garden ver a Julienne Dejean, que representava a Norma.

Esta é uma moça encantadora, como dizem que é a linda italiana; não é uma Rosina faceira e graciosa como a Charton, é uma mulher talhada para as grandes paixões, para as comoções fortes e violentas.

Sua voz de soprano, ampla, sonora, de uma grande extensão e volume, dizem que tem esses acentos do desespero, esses gritos d'alma, que fazem estremecer como um choque elétrico, que fazem correr pelo corpo um calafrio de emoção.

É uma voz para o ciúme selvagem da Norma, para a vingança e para as paixões de Lucrecia Borgia, para a ambição de Macbeth, para todos esses dramas enfim em que os sentimentos trágicos atingem à sublimidade.

Entretanto esse mesmo timbre de voz torna-se doce, terno, sentimental quando a artista traduz o amor feliz e essas delicadas emoções do coração que se expande.

Por isso afirmam que ela não tem repertório; canta a música italiana de preferência; e executa qualquer ópera de soprano que lhe designem.

Com ela deve vir o tenor Tamberlik, que atualmente goza na Europa da reputação de um dos melhores cantores no seu gênero.

Foi isto que o meu pensamento viu em viagem e que me veio contar, tirando-me assim todas as minhas belas ilusões da noite.

Comecei a refletir sobre o destino das glórias deste mundo.

"Ainda esta noite, pensava eu, a Charton pisa a nossa cena lírica como rainha e como soberana. Algumas reminiscências que nos deixou a Stoltz já estão apagadas. Brilha num céu sem nuvens como o astro das nossas noites, murmura ao ouvido como o eco das harpas eólicas, surge no meio de uma auréola de luz como o anjo da harmonia.

"Daqui a um mês, ou a dois talvez, quem sabe se não lhe arrancarão a sua coroa, e sei de tantos buquês, de tantos aplausos, terá uma flor solitária e um simples monossílabo de admiração, desses que partem espontaneamente do peito?"

Os abissínios foram um povo da antiguidade que, como os judeus, perderam a sua pátria e se espalharam pelo mundo, misturando o seu sangue a todas as raças.

Quando o sol se ergue, todos se levantam; quando ele chega ao ocaso, todos se recolhem, e tratam de dormir.

Há, porém, homens para quem a noite é mais bela do que o dia, para quem uma estrela perdida no azul do céu é mais encantadora do que o astro-rei com todo seu fulgor.

Estes saúdam o sol quando nasce, mas à noite contemplam a estrela fugitiva e a acompanham no seu caminho solitário.

Infelizmente, porém, ninguém neste mundo, depois de ter sido sol, deseja ficar estrela; e este é o grande mal.

De tudo isto nada se conclui.

Esperamos.

O pomo da discórdia está lançado; o banquete lírico se prepara, e o público, como Paris, tem de julgar.

Que julgue bem, porque a luta deve ser gigantesca como os combates da Ilíada e da Odisséia, como as peregrinações da Eneida.

Aposto, porém, que já estais desesperados por saber da carta que recebi quando ia para o teatro.

Chegamos a ela.

Era escrita em francês, e continha versos, versos feitos por mulher!

Devo, porém, prevenir-vos que não acreditei nem um momento na verdade da assinatura; tomei por uma inocente brincadeira de algum amigo desconhecido, e como os versos são bonitos, vo-los ofereço.

Eis a carta:

“13 de junho de 1855

“Monsieur. - Si vous voulez lês proteger, j’aurai lê courage de vous em envoier d’autres.

A jeudi prochain.

Souffrez que je garde l’anonyme; ce petit air de mystère a um je ne sais quoi, qui me rend plus hardie, ou plutôt moins craintive.

A vous d’amitié,

Elle.

DANS UM ALBUM

185

Dans votre álbum, ou la jeune amitié laisse

Des songes de bonheur, des projets d’avenir.

Pourquoi vouloir, ami, que ma sombre tristesse

Vienne jeter son deuil sur aussi doux loisir?

Vous ne savez donc os que lê rire de m lèvre

Déjà depuis çpngtemps ne va plus à mon coeur;

Et que de ce bonheur dont, hélas, on me sèvre,

Je crains même d'écrire lê nom si séducteur!

Moi aussi, j'ai connu ces jours pleins d'espérance

Quand je croyais à tout, aux promesses, au devoir,

Leur souvenir em moi éveille la souffrance,

Car ils ne m'ont laissé qu'un brulant dèsespoir.

Ce n'est dona pas la froid indifférence

Qui m'empêchait d'écrire um mot de souvenir;

Mais je ne voulais pás, vous dont la vie commence,

Que sitôt vous sussiez que vivre c'est souffrir!

Elle....

Rio de Janeiro

Bem vedes que, se é uma caçoada, é tão delicada e de tão bom gosto, que vale a pena deixar-me enganar, quando mais não fosse, ao menos para dar à vossa curiosidade, minhas belas leitoras, esse lindo tema para sobre ele fantasiardes à vontade.

É realmente uma mulher, uma mulher bonita que escreve lindos versos em francês, que no fundo d'alma o desengano e no lábio o sorriso, como uma flor pálida que nasce entre as ruínas, como essa chama lívida que lampeja um momento entre as cinzas quando o fogo se extingue?

Ou será alguma mocinha tímida que vota à poesia as primícias de sua alma, e que deixa cair sobre o papel, em versos, esses primeiros perfumes de um coração de dezoito anos, essas primeiras flores da mocidade e do amor?

Podeis fazer, como estas, mil outras suposições, e aceitar aquela que mais vos agradar e que mais se harmonizar com o vosso espírito e com os vossos sentimentos.

Quanto a mim, ou porque já estou um pouco cético a respeito dessas dores concentradas e desses sofrimentos mudos que sorriem, ou porque me achasse em más disposições para a poesia, o caso é que, apesar da letra fina e delgada, apesar do pronome da assinatura, nem um instante acreditei que houvesse nisto dedo de mulher.

Vi logo que toda esta história não passava de uma engenhosa invenção de algum sujeito que, ou queria abusar da minha boa-fé, ou se envolvia neste véu poético do mistério, para obter de mim a publicação de seus versos.

Fiquei, pois, firmemente convencido que a tal assinatura de tão misteriosa significação, não era outra coisa mais do que a letra inicial do nome do poeta, escrita por extenso - elle!

Também pode ser que o pronome deva ser lido em português, embora os versos sejam franceses; e então toda a poesia desaparece diante desta transformação de sexo, produzida pela mudança de línguas.

O que sei é que em tudo isto há uns olhos ou bonitos, de homem ou de mulher que estão percorrendo estas linhas, e procurando com ansiedade ver se conseguiram enganar-me; e queira Deus que um sorriso irônico não faça coro com esse olhar curioso.

Agora, minhas belas leitoras, deixo-lhes a decifração do enigma; e só lhes peço que, se acaso acertarem com ela, não se tornem egoístas, e ma comuniquem, para rir-me também da caçoada feita a todos nós.

Entretanto, se a nossa incógnita (incógnita em álgebra é comum de dois), se a nossa incógnita continuar a mandar-me os seus versos, e se eles forem bonitos como os primeiros, continuarei a publicá-los, e a dar-vos assim no meio da minha prosa chilra, algumas flores de poesia.

Conversemos agora a respeito de teatros.

O Ginásio conseguiu fazer a excelente aquisição de uma nova artista, moça de educação fina, e que promete um excelente futuro. É filha de um artista que já teve seus belos dias no nosso teatro.

A nova artista deve estrear segunda-feira, num pequeno papel que lhe foi distribuído para dar-lhe tempo a familiarizar-se com a cena.

O Teatro de São Pedro continua no mesmo estado. Breve, porém, o veremos transformado em uma bela cena lírica, na qual alguns cantores de cartello, que dizem devem chegar da Europa, nos darão noites bem agradáveis e bem animadas.

Com a rivalidade dos dois muito ganharemos na bondade dos espetáculos e no zelo dos empresários.

XXXVI

Rio, 24 de junho

A Botafogo!...

Acompanhemos essa linha de carros que desfila pela Glória e pelo Catete; sigamos esse numeroso concurso que vai pouco a pouco se estendendo pela praia, ao longo do parapeito.

O sol já descambou além dos montes; e as últimas claridades de um dia turvo e anuviado, foram se extinguindo entre as sombras do crepúsculo.

Daí a pouco fechou-se a noite; e no meio da escuridão e das trevas sobressaía uma multidão de luzes, refletindo-se sobre as águas do mar.

Ranchos de moças a passearem, bandas de música tocando nos coretos, senhoras elegantes debruçadas nas janelas iluminadas, muita concorrência, muita alegria e muita animação; tudo isto tornava a festa encantadora.

Quanto ao fogo, queimou-se às oito horas; dele só restam as cinzas no fundo do mar. Não estranhem, portanto, que o respeite como manda a máxima cristã. Parcis sepultis.

Às dez horas, pouco mais ou menos, tudo estava acabado. A praia ficara deserta; e nas águas tranqüilas da baía, apenas as nereidas murmuravam, conversando baixinho sobre o acontecimento extraordinário que viera perturbar os seus calmos domínios.

Não é preciso dizer-vos que isto se passava domingo, no começo de uma semana que prometia tantas coisas bonitas, e que afinal logrou-nos em grande parte.

Tivemos algumas boas noites de teatro italiano, e ouvimos o Trovador e o Barbeiro de Sevilha, com uma linda ária do Dominó noir, que foi muito aplaudida.

Se é verdade o que nos contaram, brevemente teremos o prazer de ouvir toda essa graciosa ópera, em benefício da Sociedade de Beneficência Francesa. A lembrança é feliz, e pode realizar-se perfeitamente com o concurso dos artistas franceses que possui atualmente o nosso Teatro Lírico.

A diretoria decerto não se oporá a uma representação, que, além do auxílio poderoso que deve dar a um estabelecimento de beneficência, não pode deixar de fazer bem aos seus artistas, fazendo-os conhecer num gênero de música diverso, e no qual é muito natural que se excedam.

Quem sabe mesmo se, depois deste primeiro ensaio, a empresa não julgará conveniente, para a variedade dos espetáculos e para excitar a concorrência, dar de vez em quando uma pequena representação francesa?

Sei que a música italiana é a mais apreciada no nosso país; porém lembro-me ainda do entusiasmo e do prazer com que foram sempre ouvidas em nossas cenas a Nongaret, a Duval e mesmo a Preti.

Já que não podemos ter ao mesmo tempo uma companhia italiana e uma francesa, não vejo porque não se hão de aproveitar os atores que atualmente possuímos, e, contratando mais um ou dois, deram-nos algumas óperas francesas, que estou certo haviam ser mui bem aceitas.

Se não há algum obstáculo, que ignoramos, é de crer que a diretoria pense em fazer valer este meio de tornar o Teatro Lírico mais interessante e mais variado.

As óperas francesas têm grande vantagem de não fatigarem tanto os atores como a música italiana; e por conseguinte se faria um benefício aos artistas, reservando os meses da força do verão para esse gênero de cantoria.

Assim, podiam-se das as representações italianas com maior intervalo, e não se sacrificaria a voz de alguns cantores, obrigando-os a executar música de Verdi duas ou três vezes por semana.

Fui-me deixando levar pelo gosto de advogar os vossos interesses, minhas belas leitoras, e esquecia-me contar-vos uma cena terna que teve lugar sexta-feira no teatro, quando se representava o segundo ato do Trovador.

Uns bravos e umas palmas fora de propósito acolheram a entrada em cena da Casaloni, e continuaram enquanto ela cantava e seu romance da Cigana.

A princípio a artista procurou resistir à emoção que de certo lhe causava essa zombaria imerecida; mas afinal o soluço cortou-lhe a voz e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

Lágrimas de mulher... Quem pode resistir a elas?

Depois de alguns momentos de confusão, em que a cena ficou deserta e a música em silêncio, a Casaloni entrou novamente em cena com os olhos rasos de pranto e a voz trêmula.

Neste momento é que eu reconheci bem o nosso público, e senti o coração generoso que animava todo esse concurso de espectadores que enchia o salão.

Ninguém disse uma palavra; mas uma salva continuada de aplausos percorreu todos os bancos de ponta à ponta: tudo que tinha um pouco de generosidade no coração e um pouco de sentimento no fundo d'alma protestava contra aquela amarga zombaria, contra aquela ofensa sem causa.

A mulher ofendida que chora é uma coisa sagrada e que se deve respeitar. Dizem que a lágrima é o símbolo da fraqueza; entretanto quantas armas, quantos braços fortes não se têm curvado ao peso dessa gota de linfa que não umedeceria sequer uma folha de rosa?

Deixemos aqui este episódio da semana, que não tem outro interesse senão o de mostrar o efeito de uma imprudência, e de provar a delicadeza do público que sabe preferir uma cantora, sem por isso ofender e maltratar a outras.

O Ginásio Dramático também teve esta semana uma noite feliz, honrada com a presença de SS. MM., que se dignaram estender sobre ele sua benéfica e augusta proteção.

Representavam-se nessa noite duas comédias, cujos papéis foram muito bem desempenhados pelo artista da pequena companhia, que parece se esmerou em dar provas dos progressos sensíveis que tem feito.

O Episódio do Reinado de Jaques I é uma comédia histórica e de muito espírito; tem algumas cenas de uma singeleza e de uma naturalidade encantadoras.

É um idílio de amor aos quinze anos, começado nos muros de uma prisão, à leitura da Bíblia, e entre as flores de clematites, - que de repente se vê oprimido nos salões de um palácio suntuoso, no meio das etiquetas da Corte.

O idílio esteve quase a transformar-se em drama ou tragédia; mas felizmente achou refúgio num coração de rei, coração cheio de bondade e de virtude, e aí continuou a sorrir em segredo até que...

Até que caiu o pano.

Todos os personagens estavam bem caracterizados e vestidos com bastante luxo e riqueza para os recursos da pequena empresa, que não se poupa a sacrifícios sempre que se trata de promover um melhoramento.

Suas Majestades prometeram voltar ao Ginásio esta semana. Neste fato devem os meus leitores ver a prova a mais evidente dos serviços que este teatro vai prestando à arte dramática do nosso país.

Animado por tão alta proteção, acolhido pela boa sociedade desta corte, o Ginásio poderá brevemente estabelecer-se em um salão mais espaçoso e mais elegante, e aí abrir-nos as portas ao prazer, à alegria, a um inocente e agradável passatempo.

No resto das noites, em que os teatros estiverem fechados, muita moça e muita família passeou pela Rua do Ouvidor para ver o modelo de casamento da Imperatriz Eugênia, que se achava exposto na vidraça do Beaumely.

As moças admiravam mais o vestido de cetim branco e o penteado, que dizem ser de um gosto chic; os homens, porém, admiravam mais as moças que o vestido, de quem tinham ciúme, porque lhes roubavam os olhares, a que supunham talvez ter direitos.

É incompreensível este costume que têm certos homens que gostam de uma mulher de se julgarem com direito exclusivo aos seus olhares, sem que ela lhes tenha feito a menor promessa.

Parece que o olhar de uma mulher bonita é como uma vaga de senador. Ninguém tem direito a ela, o que quer dizer que todos o têm.

Assim um fashionable apaixona-se por uma bonita mulher, e, sem que ela lhe tenha dito uma palavra, sem mesmo consulta-la, atravessa-se diante dos seus olhares, segue-a por toda parte como a sombra do seu corpo, julga-se enfim com direito a ser amada por ela. Se a moça de todo não lhe presta atenção e não se importa com a perseguição sistemática, o apaixonado toma uma grande resolução, e despreza a mulher bonita de que ele realmente não faz caso.

O mesmo sucede com a vaga de senador.

Um homem qualquer que tem quarenta anos, seja ou não filho de uma província, tenha ou não a afeição dos povos de certas localidades, sem consultar os votantes, apresenta-se candidato, enche o correio de cartas.

Se a província mostra não se importar com a sua candidatura, o homem de quarenta anos toma igualmente uma resolução, renuncia à eleição a que tinha direito.

Ora, eu não sei como se chama o homem de quarenta anos que renuncia à vaga de senador; mas o apaixonado que despreza a mulher bonita é conhecido entre certa roda pelo título de comendador da Ordem dos Verdes.

Esta ordem é a mais antiga do mundo; é anterior mesmo à época da cavalaria e da mesa redonda. Data dos tempos em que os animais falavam, e deve a sua origem a uma raposa espirituosa, que numa circunstância memorável soltou esta palavra célebre: Estão verdes.

Muito tempo depois Eduardo III, apanhando a liga da Condessa de Salisbury, disse também uma palavra, que é pouco mais ou menos a tradução daquela: Honny soit qui mal y pense.

Assim como desta palavra se criou a jarreteira, estabeleceu-se muito antes a Ordem dos Verdes, na qual são comendadores do número os namorados que desprezam as mulheres bonitas, os ministros que recusam pastas, os patriotas que renunciam a candidatura, os empregados que pedem demissão, e muitos outros que seria longo enumerar.

A insígnia da ordem é uma folha de parreira, que outrora foi o símbolo da modéstia e do pudor.

A cor é o verde, como emblema da esperança; porque o estatuto da ordem embora imponha a abnegação e o sacrifício de uma honra ou de um bem, não inibe que se trabalhe por alcançar coisa melhor.

Os membros desta ordem gozam de grandes honras, privilégios e isenções, e especialmente da graça de obterem tudo quanto desejarem. Para isso são obrigados apenas a uma insignificante formalidade, que é não desejarem senão o que puderem obter.

Concluiria aqui esta revista, se não tivesse dois deveres a cumprir.

O primeiro é a respeito de uma questão que tem ocupado a imprensa desta corte, e que atualmente se acha entregue aos tribunais do país.

Falo de abalroação da Indiana, simples fato comercial, a que a imprensa tem querido dar o caráter de uma

questão de classe e de brios nacionais.

Um estrangeiro que perde o seu navio não poderá defender os interesses do seu proprietário e dos carregadores, somente porque semelhante defesa vai ofender a tripulação de um vapor brasileiro?

Ninguém mais do que eu sabe respeitar o espírito de classe, e apreciar a generosa fraternidade que prende os homens de uma mesma profissão; porém confesso que essa maneira de identificar o homem com a classe, de julgar do fato pelo mérito pessoal, não é a mais acertada para a questão.

O comandante do vapor Tocantins pode ser um excelente oficial, a sua tripulação pode ser a melhor, e entretanto ter-se dado um descuido que ocasionasse o sinistro.

Felizmente hoje a questão vai ser perfeitamente esclarecida por testemunhas imparciais e dignas de todo o sinistro.

O Tocantins foi encontrado na mesma noite de 11, meia hora antes do sinistro, por um navio cujo capitão já atestou que o vapor trazia apenas uma luz ordinária, e não tinha sobre as rodas os faróis verde e encarnado.

Como este, existem muitos outros depoimentos importantes que aparecerão em tempo competente, e que mostrarão de que parte está a verdade e o direito.

O segundo ponto sobre que tenho de falar é a respeito dos espetáculos líricos no Teatro de S. Pedro de Alcântara, dos quais tratei na revista passada.

Um correspondente do Jornal do Comércio contesta a possibilidade desses espetáculos em virtude de um privilégio dado à atual empresa lírica.

Entretanto semelhante privilégio não pode existir; se o governo o concedeu, praticou um ato que não estava nas suas atribuições, um ato nulo, porque é inconstitucional.

Não é monopolizando uma indústria já conhecida no país, não é destruindo a concorrência que se promove a utilidade pública.

A própria diretoria do Teatro Lírico deverá desejar esta concorrência; porque se, como ela supõe a nova empresa não levar avante, dando-lhe nova força e novo prestígio.

Ainda voltarei a esta questão, que na minha opinião interessa muito ao futuro da arte nesta corte.

Por hoje faço-vos as minhas despedidas.

Vamos ver as fogueiras de São João, brincar ao relento, e recordar as poéticas e encantadoras tradições de nossos pais.

P.S. - À última hora recebo a minha carta prometida para quinta-feira; desta vez reservo para mim a carta, e dou-vos unicamente os versos.

O pronome (em falta do nome) persiste em ser lido em francês, e não em português; porém agora afianço-vos que estou convencido do contrário.

Podeis crer-me.

CONFIDENCES

Si tu vois une femme au sourir caressant,

Au limpide regard, à la marche assurée,

Et dont l’air de triomphe est toujours ravissant,

C’est qu’elle aime déjà, et sait qu’elle est aimée.

Si tu vois une femme à la marche incertaine,

Au long regard abaissé, à la voix animée,

Et ne se livrant jamais à une joie soudaime

C’est qu’elle aime, et doute si elle sera aimée.

Mais, si tu vois celle au regard triste et morne,

Dont lês mouvements brusques et la voix saccadée

Viennent montrer encore tout l’amour qu’elle donne

A celui qui l’aime, et qui l’a délaissée,

Oh! ne ris pás, ami! Sa douleur est poignante,

Elle ne croit plus à rien; sa raison égarée

Fait qu’elle ne desire que d’arriver mourante

Aux pieds de celui qui est toute sa pensée.

Puisque jamais, jamais, cette voix si aimée

Ne parlera plus pour elle le langage du coeur,

Elle que désormais le triste cours de sa vie

Ne sera plus marqué por un jour de bonheur.

Car il est vrai que les fêtes de ce monde

Passent sur la douleur sans jamais la guérir;

Et que celui qui souffre une peine profonde,

Peut assister aux joies sans jamais les sentir.

Elle....

Rio de Janeiro, 1855.

XXXVII

Rio, 8 de julho.

Se não quereis ficar doido, abandonai a cidade, fugi para Petrópolis, ou fechai-vos em casa.

Sobretudo não vos animeis a deitar a cabeça à janela ou a sair à rua, ainda mesmo de noite.

Apenas derdes os primeiros passos, encontrareis um homem grave, que vos apertará a mão como antigo conhecido.

Pensais que vai perguntar pela vossa saúde, ou falar-vos de algum negócio particular? Enganai-vos completamente.

Desde terça-feira que não há nesta grande cidade senão um negócio. A forma vulgar da saudação, o clássico bons dias, foi substituído por um cumprimento mais cheio de interesse e solicitude:

-Então, quantas teve?

-vinte.

-Ah! dou-lhe os parabéns.

E o sujeito deixa-vos com um pequeno sorriso de despeito ou de vaidade satisfeita.

Daí a dois passos encontrais um outro conhecido de mãos nos bolsos e chapéu à banda.

-Meu amigo, quer vender?

-O que, senhor?

-As suas ações.

-Ah! as minhas ações! Não se vendem.

-Pois, se quiser, fico com todas as dez.

Este especulador, que tomais por um comprador de ações, está desesperado por vender as suas antes do dia onze.

Mais adiante tomam-vos o braço de repente, e vos arrastam para a porta de uma loja ou para alguma esquina deserta.

-Quero pedir-lhe um favor.

-Pois não, senhor.

-Em quem vota?

-Em... Não sei ainda.

-Pois então peço-lhe o seu voto para o meu candidato.

-É membro da comissão?

-Não.

-Pois então está servido.

-Fico-lhe muito agradecido.

E continuais o vosso caminho, já um pouco azoado.

-Psiu!...psiu!

É um amigo que vem a correr, naturalmente para participar-vos alguma novidade importante.

-Sabe alguma coisa de novo?

-A respeito...

-Ora, a respeito das ações.

-Não; não tenho ouvido dizer nada.

-Fala-se numa segunda errata.

-Qual! não tinha jeito nenhum.

-Como! O regimento de custas era obra de jurisconsultos, e teve duas erratas.

-Tem razão!

-Adeus.

Quando pensai que vos desvencilhais do homem das erratas, caís nas mãos de um esquecido, que trata de comentar a grande lista dos agraciados, de princípio a fim.

Começa a calcular pelas famílias, depois passa a analisar os indivíduos, examinar a sua profissão, e por fim entra no vasto campo dos paralelos e das comparações.

O homem tem na memória uma certidão de batismo de cada um dos agraciados, e um registro dos bens, da morada e do gênero de vida de todos os agraciados na grande loteria do caminho de ferro.

Se o deixarem falar, disserta cinco horas a fio, sem copo d'água, sem mesmo temperar a garganta, sem fazer uma pausa, nem titubear numa vírgula.

Afinal vos larga para ir continuar além a sua propaganda, para ir pregar a nova cruzada contra os homens da comissão.

Assim enfastiado, aborrecido de todas estas coisas, tendo gasto inutilmente o vosso tempo, entrais no Wallerstein para conversar com algum amigo que não esteja contaminado.

Achai-vos no círculo de flâneurs, que passam o tempo alegremente a divertir-se a semear algumas flores neste vale de lágrimas.

Conversa-se sobre as novidades do dia, sobre a probabilidade da vinda de Thalberg e a notícia do contrato da Stoltz, sobre a próxima representação lírica em favor da Beneficência Francesa.

Se falais de uma moça elegante, de um lindo toilette preta que brilhava um desses dias nos salões, de uns bonitos olhos e de uns requebros graciosos, vos interrompem de repente:

-O pai não teve ações!

Se vos lembrais da Charton na Filha do Regimento, e se despertais todas as vossas belas recordações para sacia-las segunda-feira, ouvindo aqueles gorjeios maviosos de envolta com as facécias do Ferranti, não vos deixam acabar.

-É verdade, diz um, a propósito de Ferranti, deram-lhe dez ações!

E saís desesperado, correndo para a casa antes que vos venham atordoar novamente os ouvidos com a maldita palavra que está na ordem do dia.

Quanto mais se soubésseis o que é realmente para toda a sociedade a lista que publicaram na terça-feira os jornais diários da corte.

É uma espécie de cadastro, de registro, de livro negro da polícia, no qual se acham escritas as ações de cada um, por conseguinte o seu talento, a sua virtude, a sua consideração na sociedade.

As moças lá vão procurar os nomes dos noivos; os negociantes indagar se os seus devedores merecem a continuação do crédito; os amigos saber o grau de amizade que devem despender mutuamente.

Os curiosos divertem-se com as comparações, e os parasitas estudam os nomes daqueles a quem devem tirar o chapéu ou fazer simplesmente um cumprimento de proteção.

E assim são as coisas deste mundo.

Dante os homens tinham as suas ações na alma e no coração; agora tem-nas no bolso ou na carteira. Por isso naquele tempo se premiavam, ao passo que atualmente se compram.

Outrora eram escritas em feitos brilhantes nas páginas da história, ou da crônica gloriosa de um país; hoje são escritas num pedaço de papel dado por uma comissão de cinco membros.

Aquelas ações do tempo antigo eram avaliadas pela consciência, espécie de cadinho que já caiu em desuso; as de hoje são cotadas na praça e apreciadas conforme o juro e interesses que prometem.

::

Mas temos muita coisa agradável sobre que conversar, e não vale a pena estarmos a gastar o nosso tempo com esta questão de jornais.

Enquanto senadores, deputados, empregados públicos, desembargadores, negociantes e capitalistas correm à praça para saber a cotação das ações, vamos nós para o teatro ver o benefício do Gentile.

O público deu-lhe todas as demonstrações de apreço e simpatia; os ramos de flores e os versos choveram dos camarotes, e a Charton cantou melhor do que ela mesma costuma cantar.

É um pouco difícil, mas é verdade. Há certas noites em que se conhece que não é a obrigação que a faz cantar,

mas a inspiração, um movimento espontâneo, uma necessidade de expansão.

Nestas noites canta como o poeta que escreve versos inspirados, como o pintor que esboça o quadro que a sua imaginação ilumina, como a alma triste que dirige a sua prece a Deus, como a moça que sorri, como a flor que se expande, como o perfume que se exala.

Os lábios vertem os eflúvios d'alma, as melodias que um gênio invisível lhe murmura aos ouvidos, os segredos divinos que alta noite, a horas mortas, lhe contaram as estrelas, as sombras, as brisas que passavam sussurrando docemente.

Mas isto são coisas que se sentem, que se compreendem, e que não se explicam. Ouvi um artista cantar num dos seus bons dias, e percebereis essa nuança inexprimível que vai de bem representar o bem sentir.

Ia-me esquecendo dar-vos notícia do vosso pequeno teatro, do vosso protegido, minhas belas leitoras.

Se soubésseis como vos agradece a bondade que tendes tido em anima-lo, como se desvanece pelo interesse que vos inspira!

Agora já não é somente um pequeno círculo de homens de bom gosto que aí vai encorajar o seu adiantamento e aplaudir aos seus pequenos triunfos.

Na balaustrada dos seus camarotes se debruçam as senhoras mais elegantes, as moças as mais gentis dos nossos aristocráticos salões.

O lindo rosto expandindo-se de prazer, o sorriso da alegria nos lábios, elas esquecem tudo para interessar-se pelo enredo de uma graciosa comédia.

E depois a sua boquinha feiticeira vai repetir no baile, ou na partida, uma frase espirituosa, um dito chistoso, que requinta de graça, conforme os lábios são mais ou menos bonitos.

No Teatro Lírico podeis ver um semblante triste, uns olhos vendados pelos longos cílios de seda, uma fronte pensativa e melancólica.

Mas no Ginásio o prazer roça as suas asas d'ouro por todos esses rostos encantadores; e bafeja com o seu hálito celeste todos os pensamentos tristes, todas as recordações amargas.

Tudo sorri; os olhos cintilam, as faces enrubescem, a fronte brilha, o gesto se anima, e a alma brinca e se embala nas emoções doces, calmas e serenas.

A dor, a tristeza, a velhice e o pensamento, nada há que resista a esta franca jovialidade, que como um menino travesso não respeita nem as cãs, nem as lucubrações sérias, nem a gravidade e a sisudez.

E quando por volta da meia-noite vos retirais, ides satisfeito, julgando o mundo melhor do que ele realmente é.

E tudo isto é obra vossa, minhas amáveis leitoras: podeis ter este orgulho. Fostes vós que criastes este teatro; que o animastes com um sorriso, que o protegeis com a vossa graça, e que hoje o tratais como vosso protegido.

Entretanto peço-vos que, quando tiverdes ocasião, não lhe deixeis de dar umas dessas doces repreensões, uma dessas ligeiras advertências, como só sabem dar os lábios de mulher.

Dizei-lhe que faça com que seus artistas decorem melhor os papéis, e aprendam a pronunciar com perfeição os nomes estrangeiros.

Esqueci-me de pedir-vos isto naquela brilhante reunião em que vos encontrei seta-feira, tão bonitas, tão satisfeitas, tão risonhas, que bem se via que esta noite tem de ficar gravada na vossa memória, até que outra a venha fazer esquecer.

E agora atirai o jornal de lado, ou antes passai-o ao vosso marido, ao vosso pai ou ao vosso titio, para que ele leia o resto.

Bem entendido, no caso de que não esteja pensando em ações, porque então é escusado; não me dará a atenção de que eu preciso para falar a respeito da discussão que tem havido ultimamente na câmara.

O Sr. Sayão Lobato fazendo a exumação dos partidos políticos, procurou demonstrar que as idéias liberais tinham sido sempre estéreis para o país.

Em resposta duas vozes se ergueram; a do Sr. Melo Franco que defendia seus aliados, ea a do Sr. F. Otaviano que tomou a si a causa nobre do fraco e do proscrito.

Perdoe-nos o ilustre orador, que com tanto afã defende o passado de seu partido e que, apesar de magistrado imparcial se mostra parcialíssimo político nos seus retrospectos históricos.

Se o partido liberal não escreveu leis de 3 de dezembro, e não fez grande cópia de regulamentos, nem por isso deixou de fecundar as instituições do país com o germe civilizador de sua idéia, de suas crenças, de sua constância em pugnar pelas reformas úteis e necessárias.

A sua história é a história de muito pensamento generoso e nobre no nosso país, desde a sua independência até a calma e tranqüilidade de que atualmente gozamos.

Foi ele que nos deu, e que tem defendido ardentemente o júri e a imprensa; foi ele que primeiro proclamou o

princípio das incompatibilidades, das eleições diretas, da independência do poder judiciário, que iniciou todas estas reformas que hoje se trata de realizar.

Não podemos estender-nos mais; porém em qualquer tempo aceitaremos com o maior prazer esta discussão; pela nossa vez também, revolveremos as cinzas dos túmulos, mas para honrá-las, esquecendo os erros dos mortos, e não para profana-las excitando o desprezo dos vivos.

Os partidos desapareceram da cena política; pertencem ao domínio da história. Simples investigadores, podemos apreciar os fatos com a calma necessária, sem sermos influenciados por interesses pessoais.

*

E agora, vem minha boa pena de folhetinista, minha amiga de tantos dias, companheira inseparável dos meus prazeres, confidente de meus segredos, de minhas mágoas, dos meus prazeres.

Vem! Quero dizer-te adeus! Vamos separarmo-nos, e talvez para sempre!

Tenho saudade desses dias em que brincava comigo sorrindo-me, coqueteando, desfolhando as flores da imaginação, e levando-me por estes espaços infindos da fantasia.

Oh! tenho muita saudade! Sempre me lembrarei dessas nossas conversas íntimas ao canto de uma mesa, com os olhos nos ponteiros do relógio, aproveitando as últimas claridades do crepúsculo para recordar ainda algum fato esquecido.

Mas é necessário. Faço-te este sacrifício, bem que me pese, bem que o levem a mal os meus melhores amigos.

Os outros te esquecerão, mas eu me lembrarei sempre de ti: basta isto para consolar-te.

SEGUNDA PARTE FOLHETINS DO "DIÁRIO DO RIO"

(De 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro de 1855)

I

7 de outubro de 1855

Correi, correi de novo, minha boa pena de folhetinista!

És livre, como tuas irmãs, que cortam os ares nas asaa ligeiras; abri o vôo, lançai-vos no espaço.

Avante.

Mas como estão mudados os tempos; como são diferentes os dias de agora, daquelas semanas em que brincavas sorrindo com os bailes, com as moças, com a música, com tudo que era belo e sedutor!

Então tudo eram flores, - flores mimosas que desabrochavam aos raios de um belo sol de primavera, - que brilhavam sob um céu azul perfumando aqueles dias tão tranqüilos e tão serenos.

Hoje as rosas murcharam, o céu turvou-se; e nesta sáfara da vida por que passamos atualmente, apenas florescem os cardos com seus espinhos, as saudades com a sua melancolia, e os goivos com o seu triste emblema.

Felizmente todo o deserto tem seus oásis, nos quais a natureza por um faceiro capricho, parece esmerar-se em criar um pequeno berço de flores e de verdura, concentrando nesses cantinhos de terra toda a força de seiva necessária para fecundar as vastas planícies.

Assim nesta quadra de amarguras e sofrimentos, encontram-se de espaço a espaço alguns corações ricos de virtudes e de sentimento; são os oásis deste tempo.

Aí sim; aí há flores; não as rosas brilhantes de outrora ou as camélias aveludadas dos salões; mas as flores modestas, filhas da sombra e do retiro, as flores do - sentimento, as violetas.

Vós, minhas leitoras, que sabeis sentir, bem compreendeis o que são estas violetas de que falo; são as flores singelas de vossa alma, - a caridade, a beneficência, o zelo e a abnegação.

Também me compreendem os pobres e infelizes, que tantas vezes durante estes tempos de provação tem sentido os perfumes suaves, a fragrância consoladora dessas flores do coração, - flores que desabrocham

orvalhadas com as lágrimas da desgraça e do sofrimento.

E sobre tudo isto, há ainda a religião, - a nossa bela religião de Cristo, - mãe extremosa de todos os órfãos, - a irmã desvelada de todos os infelizes, - a amiga e companheira fiel dos pobres, - a consoladora de todas as misérias, e todas as aflições.

É ela que nos há de dar força e coragem para atravessarmos com resignação esses dias de atribuição, que felizmente parece irão pouco a pouco se acalmando, até nos deixarem aquela serenidade dos belos tempos de que hoje temos tanta saudade.

E agora, minhas leitoras, deixai-me dar-vos um conselho, que estou certo haveis de acolher com toda aquela amabilidade com que outrora acompanháveis os ziguezagues desta minha pena caprichosa, que bem vezes vos dava sérios motivos para um arrufo, para um enfado.

Voltemos porém ao conselho; não penseis já que é algum conselho muito grave, muito sério, vestido de calça e casaca preta com gravata branca, - à guisa de um antigo conselheiro da coroa.

Não; - é um pequeno conselho bem próprio para moças bonitas como sois, - um conselho que tem além de todas as outras vantagens, o merecimento de mostrar as pérolas de vossos dentes, e de fazer da vossa boca uma florzinha cor-de-rosa.

Aconselho-vos, que apesar dos tempos em que estamos, apesar de tanta tristeza e melancolia que envolve esta bela cidade, apesar de tudo, apesar mesmo das lágrimas, não deixeis de sorrir.

Notai porém que eu digo simplesmente sorrir e não rir.

O riso, é esta expressão vulgar com que exprimimos a alegria, e o humor; é muitas vezes mesmo um movimento nervoso, sem sentido sem significação, um hábito que se contrai como tantos outros, como o costume de estalar os dedos, de alisar o bigode, ou endireitar o colarinho.

Assim rir, quando alguém sofre, quando nossos irmãos padecem, é uma ofensa amarga, um insulto à dor e a desgraça; porque esse riso, se não é um escárnio, é uma indiferença fria. É uma insensibilidade estúpida.

Mas o sorriso, é diferente.

O sorriso, é esta exalação da alma, que nos momentos de calma e tranqüilidade vem desabrochar nos lábios, e abrir-se como uma dessas flores silvestres que o menor sopro desfolha.

Nunca vistes nas noites cálidas e límpidas, essas estrelas brilhantes que atravessam o horizonte, traçando no espaço um rasto luminoso, e brilhando um momento entre a escuridão das trevas?

Dizem que isto é um efeito da eletricidade. Pois o sorriso, - como as estrelas filantes, - é produzido também por esse choque de emoções, e de sentimentos, que se pode bem considerar como a eletricidade moral.

Portanto não há mal nenhum, minhas belas leitoras, em que deixeis vossos lábios sorrirem, e vossas almas expandirem-se no lindo rosto; há sorrisos alegres, porém, também os há serenos, tristes e melancólicos.

Demais, peço-vos isto também por nós. Que quereis que façamos, se nestes dias aflitos não virmos brilhar uma estrela, uma flor, um sorriso?

Quanto a mim, sou como o marinheiro do Mediterrâneo, perdido na vasta amplidão dos mares, batido pela procela, que no meio da escuridão e do vendaval, apenas vê brilhar no céu uma estrela furtiva, sente-se reanimado, cria novas forças, e murmura a sua prece. Ave Maria Stella.

Assim no meio dos desgostos e das tribulações, quando virdes um sorriso despontar nos lábios de uma linda mulher que vos ame, podeis fazer como o marinheiro; ajoelhai e murmurai a vossa prece. Ave Maria Stella.

Portanto, minhas belas leitoras, sorri, sorri sempre, como sorri o céu, o mar, e tudo que é belo; porque foi este o destino que deus deu as coisas mimosas: porque é esta a missão que representam neste mundo a beleza e a graça.

E quando quiserdes sorrir, não esquecei o vosso protegido, o Ginásio, aquele pequeno e lindo teatro, sobre o qual tantas vezes conversamos outrora, nos domingos.

Ainda é o mesmo; sempre digno da vossa solicitude, sempre esforçando-se em corresponder a amabilidade com que o tratais.

Depois que nos separamos tão repentinamente, tem havido nele muita coisa de novo, muita representação interessante; porém de tudo o que se me tem contado, a mais bela noite do Ginásio foi a de quinta-feira, - em que teve lugar o benefício dos pobres.

Se eu já não soubesse, minhas leitoras, que amais de coração este bom teatrinho, que vos dá tantas horas de agradável passatempo, podia contar que depois deste ato de beneficência, não lhe recusaríeis a vossa proteção, e sobretudo a vossa presença, que é a maior proteção que pode dar uma linda moça.

Não sei sobre que mais hei de falar-vos que já não tenha sido dito e repetido pôr tantas penas delicadas, que vos apresentam todos os domingos a história da semana.

Sobre Norma?

Quem é que não foi ver no teatro lírico esta criação de Emy La Grua; quem não ouviu esse canto inspirado e

profundo que os faz correr pelo corpo um arrepio de emoção?

Norma, como a vi num desses dias no teatro lírico, fez-me compreender o episódio da Velleda dos Mártires de Chateaubriand, que, segundo dizem, forneceu o assunto deste pequeno poema de paixão violenta, de ciúme selvagem, e de amor sublime.

Falam pôr aí de algumas exagerações que pretendem haver na criação deste papel dramático; mas quem assim pensa, não tem uma verdadeira idéia da arte.

Pôr mim, não concebo que um crítico possa dizer ao poeta, ao artista, ao gênio, enfim como Deus disse ao mar: - Vós não passareis daqui.

Desde o momento em que o homem, nos vôos de sua inteligência se eleva acima das circunstâncias ordinárias da vida, desde que o seu pensamento se lança no espaço, possuído desse desejo ardente, dessa inspiração insaciável de atingir ao sublime, não é possível marcar-lhe um dique, um ponto que lhe sirva de marco.

Ide dizer ao poeta que não deixe correr a sua imaginação pelos espaços infinitos da fantasia, - ide dizer ao pintor que force o seu pincel quando corre inspirado sobre a tela, e eles vos responderão que o pensamento que os anima neste instante escraviza e esmaga a sua vontade; que a alma e o corpo cedem à força da inspiração que os arrebata neste momento.

Como o poeta, como o pintor, é o artista dramático, quando se acha possuído de seu papel, quando sente abrasar-se-lhe nas veias o fogo sagrado; é preciso ainda notar que este tem mais um motivo para deixar-se arrastar, tem os aplausos e os bravos de uma multidão inteira.

Assim, tudo isto a que vulgarmente chamam exagerações, são apenas os arrojos da imaginação do artista, os primeiros esboços de sua criação, que ele ainda não teve tempo de polir e de limar; pôr isso se houverdes visto a Norma todas as vezes como eu, de certo tereis reparado que cada dia uma dessas exagerações vai tomando nova forma, vai-se desenhando mais brilhante, mais luminosa, como um painel que se retoca.

Pôr tudo isso que tenho escrito, não penseis que me faço um defensor cego de La Grua, um defensor quand même da cantora que é hoje a estrela brilhante do teatro Lírico.

Não: - nem ao público, nem a ela, nem a nós, conviria uma admiração tão cega, que excluísse a franqueza, quando pôr acaso se tornasse necessária.

O artista, a quem julgo ofender dizendo-lhe a verdade, e apontando-lhe um erro, - é sempre um artista medíocre que vive da sombra da glória, sem merecimento real.

Pôr isso nós, com Emy La Grua, faremos, se for necessário, como dizia Afonso Karr a propósito das mulheres bonitas; faremos como o escultor que talha o mármore de uma estátua, não para ofende-la, mas para modelar-lhe as formas elegantes e arredondar-lhe os mimosos contornos.

Se for necessário, o dissemos nós, porque parece-nos que nunca teremos ocasião de fazer de nossa pena de folhetinista um buril de escultor.

Al.

II

21 de outubro de 1855

Estava olhando para o fundo do meu tinteiro sem saber o que havia de escrever, e de repente veio-me à idéia um pensamento que teve Afonso Karr, quase que em idênticas circunstâncias.

Lembrei-me que talvez aquela meia onça de líquido negro contivesse o germe de muita coisa grande e importante. E que cada uma gota daquele pequeno lago tranqüilo e sereno podia produzir uma inundação e um cataclismo.

De fato o que é um tinteiro?

É a primeira vista a coisa mais insignificante do mundo; um traste que custa mais ou menos caro, conforme o gosto e a matéria com que é feito.

Entretanto, pensando bem, é que se compreende a missão importante que tem um tinteiro na história do mundo, e a influência que pode exercer nos futuros destinos da humanidade.

Assim pôr exemplo, aquele meu tinteiro, que ali está encestado a um canto, se pôr voltas deste mundo fosse parar a Europa, podia tornar-se célebre na história do gênero humano.

Lamartine ou Vitor Hugo se quisessem tirariam dali um poema, um drama, um livro cheio de poesia e de sentimento.

Rotschild, ou qualquer banqueiro da Inglaterra, podia com uma simples gota fazer surgir milhões e produzir de repente uma nova chuva de ouro.

Qualquer mulher bonita, com um só átomo daquela tinta, faria a felicidade de muita gente escrevendo na sua letrazinha inglesa três ou quatro palavras.

Meyerbeer ou Rossini num momento de inspiração achariam ali uma ópera divina, uma música sublime, como o Trovador, a Semiramis, ou o Nabuco

Enfim, o papa amaldiçoaria o mundo inteiro, como acaba de fazer com o Piemonte; Napoleão declararia a guerra à Europa; a Inglaterra levaria a destruição pôr todos os mares; e a guerra à Europa; a Inglaterra levaria a destruição pôr todos os mares; e a guerra do Oriente se terminaria de repente.

E tudo isto, todas essas grandes revoluções, todos esses fatos importantes, todas essas coisas grandes, dormiam talvez no fundo do meu tinteiro, e dependiam apenas de um capricho do acaso.

Para mim porém, para mim, obscuro folhetinista da semana, o que podia haver de interessante nas ondas negras da tinta que umedecia os bicos de minha pena?

Um devaneio sobre o teatro lírico, uma poesia sobre algum rostinho encantador, uma crítica mais ou menos espirituosa sobre a quadra atual, tão fértil em episódios interessantes para uma pena que os soubesse descrever e comentar?

A minha pena porém, já não presta para essas coisas; de travessa, de ligeira, e alegre que foi em algum tempo, tornou-se grave e sisuda, e olha pôr cima do ombro para todas essas pequenas futilidades do espírito humano.

A culpa porém não é dela; é a influência diabólica dessa quadra, que merece ser riscada dos anais da crônica elegante.

De fato, como se pode hoje brincar sobre um assunto, escrever uma página de estilo mimoso, falar de flores e de música, se o eco da cidade vos responde de longe: - Pão, - epidemia, - socorros públicos, - socorros públicos, - enfermaria!

Estais no teatro, esquecido deste mundo e de suas misérias, ouvindo a Grua cantar algum belo trecho de música, ou a Charton trinar as suas notas de rouxinol francês; não vos lembrais de coisa alguma, senão de que tendes a alma nos olhos, e os olhos noutros olhos, - quando sentis no ouvido um zumbido pouco harmônico.

É um sujeito que acabou de cear à luta e que vos pergunta como vai a epidemia, ou vos conta dois ou três casos que ele presenciou, e cuja impressão agradável deseja comunicar-vos como vosso amigo.

Se deitais o óculo para algum camarote e começais a contemplar um talhe elegante ou um colo acetinado, é justamente neste momento que um economista de polpa vos agarra para discutir a magna questão da farinha de trigo, e do comércio do pão de rala. Ainda se fosse a questão das carnes, - podia ter sua analogia!

Como é possível pois ter um pouco de poesia, e de espírito numa semelhante época? Conto escrever duas linhas sem falar da epidemia reinante, dos atos de caridade, e das enfermarias?

Se isto continua, daqui a pouco os jornais tornar-se-ão uma espécie de boletim; não há nada que diga respeito à moléstia que não se anuncie.

Abri um jornal qualquer do dia, e vereis pouco mais ou menos o seguinte:

“O Sr. A, partiu para tal parte; o Sr. B, voltou de tal lugar; o Sr. C, vai para tal vila; o Sr. D, tem dado providências; o Sr. E, ofereceu mil cobertores; o Sr.F, adoeceu, mas já ficou bom.

E assim pôr diante; ninguém escapa a esta febre de publicação, que já se estendeu até aos diversos períodos da moléstia.

No meio de tudo isto, as mulheres andam inteiramente absorvidas com a caridade, e não pensam noutra coisa; e a tal ponto, que as moças bonitas já não aparecem, de tão ocupadas que têm estado a fazerem trabalhos para o leilão de hoje.

O que há de ser este leilão, eu adivinho; há de ser uma linda festa, muito concorrida, onde a caridade brilhará no meio de sorrisos graciosos e de olhares brilhantes; em que o amor, a vaidade, o orgulho, todas essas paixões mundanas servirão de pedestal à bela estátua da virtude celeste.

É aí, que as lindas mulheres vão retribuir à Providência, os tesouros de beleza e de graça, que a natureza lhes deu; é aí que o seu belo olhar, o seu sorriso, o seu gesto elegante, pedindo para os pobres, renderão a Deus um verdadeiro culto.

Hoje pois terá lugar uma larga remissão de pecadilhos, e uma justa penitência da parte das moças bonitas e coquettes, que pôr tanto tempo zombaram impunemente dos protestos e da paciência de seus adoradores.

Deixemos porém estes assuntos já esgotados, e voltemos ao teatro lírico, que é atualmente o ponto de reunião mais interessante desta bela capital.

Ultimamente a nossa cena lírica ia perdendo muito no espírito público; embora possuísse duas artistas de incontestável merecimento, o repertório estava já tão conhecido que não oferecia a menor variedade.

Eu, pelo menos, ia ao teatro como um homem levado pelo hábito e acostumado a ouvir todas as noites,

recostado à janela, cantar nas moitas do seu jardim alguma ave melodiosa.

Uma noite, era um rouxinol que gorjeava as suas canções mimosas, - era a Charton. Outra, era a sereia que embriagava com os sons palpitantes de sua voz harmoniosa, - era Emy.

Havia gente, que gastava o seu tempo a discutir o que era mais agradável e mais artístico. Os homens de juízo e de bom gosto faziam como eu; admiravam a estrela do céu, e a flor do campo, sem procurar saber qual era mais bela.

Agora porém parece-nos que o teatro lírico vai tomar outro aspecto; preparam-se novas óperas, e trata-se de criar um novo repertório.

Além da Sapho que se deve representar breve, teremos com a Charton a Fidanzata Corsa cujo ensaio começou ontem, e depois o Nabuco com E. La Grua e o Walter.

Para o dia 2 de dezembro fala-se numa composição francesa, e numa ópera em que cantarão juntas as duas prima-donas rivais.

Com a chegada porém de Tamberlich e de Julienne Dejean, é que a nossa cena se reanimará completamente; e que fará gosto assistir a uma dessas lutas do talento e da arte, lutas cujos troféus são as camélias, as rosas, e os lindos ramos de flores que se abatem aos pés do vencedor.

A vinda do Tamberlich, é sobretudo muito necessária, não só pôr não termos um bom tenor, como pôr consideração para com as nossas patrícias.

Na verdade é uma injustiça imperdoável, que elas não tenham um cantor pôr quem se entusiasmem; entretanto, que nós temos Emy, Arsene, e Anneta; nada menos do que três, isto é; - um número suficiente para revolucionar o mundo.

Começo de novo a olhar para o fundo do meu tinteiro para ver se ainda há alguma coisa.

Esperai! Lá vejo surgir o que quer que seja, - um pequeno ponto, um ponto quase imperceptível e confuso, que vai pouco a pouco se tornando mais distinto, como uma vela que desponta no horizonte entre a vasta amplidão dos mares.

Talvez nos traga coisas interessantes e curiosas; notícias que vos compensem da insipidez destas páginas ingratas.

Oh! O ponto cresce, cresce! Vai tomando a fisionomia de uma espécie de porteiro de secretaria, ou de bedel de academia.

Agora vejo-o distintamente; é um amigo velho!

-Bem-vindo, meu bom amigo, bem-vindo, amigo sincero dos folhetinistas e dos escritores, bem-vindo, ponto final!

Não há remédio, senão ceder-vos o lugar que vos compete; ei-lo,

(.)

III

28 de outubro de 1855

Estava sem inspiração, o que me sucede muita vez.

Abri um livro, nem me lembra que livro era.

A primeira palavra que vi foi em latim; era um provérbio:

Res est magna tacere.

Façam idéia, pois, que impressão podia produzir uma semelhante máxima num espírito que procurava inspirações.

Quando eu desejava um tema para falar, - e falar mais do que uma moça que discute modas, ou um ministro que falta a uma promessa, - salta-me pela frente a sabedoria romana, e manda-me calar da maneira mais impertinente.

Ora para um folhetinista que não quer absolutamente indispor-se com os sábios, não havia remédio senão obedecer.

Resolvi portanto calar-me.

A resolução era a mais prudente, e também a mais cômoda possível mas tinha um inconveniente.

Os meus leitores, e sobretudo as minhas maliciosas leitoras, eram muito capazes de supor que me calava pôr não ter nada que dizer.

Isto seria uma quebra para a minha reputação de folhetinista; seria uma falta imperdoável para aqueles que julgam que o espírito de um escritor de revista deve ser uma esponja que durante a semana se embebeda e sature de idéias, e que ao domingo se esprema no papel, e deite uma chuva de bonitos pensamentos e lembranças graciosas.

Ora, apesar de não pretender a glória desta comparação polipiana, contudo o meu amor-próprio não podia consentir que me visse decaído das boas graças do leitor pôr causa de três palavras latinas.

E três palavras latinas que eram pôr si mesmas uma mentira e uma contradição; porque, se o tal sábio (Salomão ou Sócrates) estivesse bem convencido da utilidade de calar-se, não teria a indiscrição de falar e dizer aquelas palavras: Res est magna tacere.

Mas é que todos os sábios deste mundo são assim; pregam muito boas máximas, excelentes conselhos, e eles são os primeiros que fazem o contrário, e que dão o mau exemplo.

Tudo isto porém nada tem com a questão; o que é verdade é que me achava na mais difícil posição do mundo; pôr um lado a prudência e a sabedoria mandavam que me calasse, pôr outro o leitor e o público exigiam que falasse e escrevesse.

Se houvesse um meio de combinar as duas coisas, e ficar com ambas, seria para mim um salvatério.

Mas ainda estou pouco ao fato destes meios empregados pôr certos jornalistas e certos políticos, novos Janos da civilização que passam pela sociedade, sorrindo para um e outro lado com cada um dos cantos da boca.

Não me restava pois senão um expediente, e foi o que decidi-me a adotar.

Era preciso calar-me, visto que os sábios o ordenavam; mas, calando-me, restava-me o direito de dizer ao menos os assuntos diversos sobre que me calava.

Assim nem incorro na censura de falador, nem também se pode dizer que não tenho matéria sobre que escrever.

Uma das primeiras coisas sobre que eu me calo é sobre a questão atual da farinha de trigo, sobre a questão do pão.

Com efeito, poucas matérias são tão importantes como esta, que afeta geralmente a todos os diversos interesses da sociedade.

Os pobres e os ricos, os empregados, os ministros, os pretendentes, os confeiteiros, os gastrônomos, as senhoras, o país, a colonização, a estatística, enfim tudo tem uma relação imediata com esta grande questão.

Isto exige uma explicação.

Ei-la:

Há diversas espécies de pão: o pão branco e o pão de rala, o pão-de-ló, o pão d'ouro, e muitas outras espécies menos importantes; há igualmente uma espécie indefinida, genérica, ainda não caracterizada, e que se exprime ordinariamente pelo simples termo - o pão.

Esta última espécie é a mais importante; todos trabalham para ganhar o pão; o pobre muitas vezes não tem o pão para a boca; e o operário vê-se obrigado a regar o pão com o suor do seu rosto.

Já se vê que este pão não é feito nos fornos e nem se compõe de fermento, e que pôr conseguinte não é o preço da farinha de trigo ou uma padaria central e privilegiada que o tornarão mais fácil para o pobre.

Este pão é o pão do trabalho, do trabalho ativo, honesto e inteligente a que todo o pobre deve dedicar-se com amor, deixando os hábitos de indolência e os vícios, que quase sempre são a causa única da miséria.

Esta espécie pois exige do governo não só uma proteção à indústria do país, como uma política ativa e regular, com as competentes casas de detenção, necessárias para o trabalho dos velhos e mendigos.

A questão do pão-de-ló tem grande interesse também: este pão é muito saboroso e muito suave ao paladar, mas pôr isso mesmo é um pouco mais caro do que os outros.

Dizem que o pão-de-ló - higienicamente falando - é um pouco indigesto; mas a experiência tem mostrado o contrário: há estômagos que digerem um número extraordinário de boas fatias.

A respeito desta espécie já pusemos em prática o sistema francês da administração municipal da boulangerie parisienne.

Temos uma padaria central ou nacional, e diversas padarias provinciais, onde se fabrica excelente pão-de-ló, que se distribui conforme o estômago de cada um.

Esta organização precisa de uma reforma radical, que demanda longos estudos e muita prudência e reflexão da parte do governo.

Vejam pois que tinha razão quando disse que a questão do pão era uma das de maior vulto da atualidade.

Quanta reforma importante, quanta ciência, quanto estudo e prática não exige esta única palavra?

Que revolução econômica e social não são capazes de produzir estas três linhas juntinhas e cobertas com um til à guisa de chapéu-de-sol?

E ainda isto não é tudo. Disse que o país, as senhoras, as famílias, a população, a estatística, as modas, tudo

enfim estava empenhado na questão do pão.

E vou prova-lo.

Mas... agora me lembro que não posso falar, que obriguei-me a calar, em deferência aos provérbios latinos.

Portanto fiquem os leitores em jejum, a menos que algum dos tais impertinentes provérbios não queira falar pôr mim, como pôr exemplo, este: Sine Cerere et Baccho friget Vênus.

A bom entendedor meia palavra basta. Aquele friget que ali está com um ar tão sonso e tão ingênuo é um brejeiro de conta; e se ele quisesse falar mostrar-nos-ia a influência legítima do pão.

Porém é um verbo muito sisudo e discreto, e pôr isso não há meio de arrancar-lhe uma explicação mais clara.

Há ainda outras muitas coisas sobre que podia falar, mas a respeito das quais me calo para cumprir o prometido.

Podia falar da representação da Sapho, e dizer muita coisa bonita e interessante sobre a nossa grega, que inspira com seu canto os nossos poetas, e com os seus olhos os nossos diletantes.

Podia fazer um poema sobre esta história de um amor profundo, que se reproduz entre nós todos os dias, e que acaba sempre pôr um passo de Leucate.

A única diferença que existe é na posição geográfica e na qualidade do passo de Leucate moderno, o que é devido à diferença dos países e à diversidade das idades, dos usos e costumes.

Assim, o passo de Leucate antigo era um rochedo à beira do mar; o da Idade Média era um convento no cimo de uma montanha; o de nossos dias é um casamento de conveniência.

As Saphos de hoje, quando chegam ao triste desenlace de uma história de amor, sobem ao altar e de lá precipitam-se...

Precipitam-se nos braços de um homem que não amam, precipitam-se na monótona e triste existência de um casamento mal sucedido.

Mudados pois os nomes e os lugares, o drama é o mesmo, e as personagens idênticas.

Em continuação deste tema de Sapho moderna, podia falar-vos das Mulheres de mármore, representadas sexta-feira no Ginásio, e pintar-vos uma bela cena da Grécia criada pelo pincel do Bragaldi.

Haveis de saber o admirável efeito que produziu esta representação, a que deveis ir assistir esta noite; lá conversaremos a gosto, e apreciaremos juntos a habilidade com que todos os artistas desempenham os seus papéis.

Sobre o concerto do teatro lírico desta noite, também poderia escrever algumas linhas recomendando-vos o talento da distinta harpista Mme. Belloc, que não foi feliz na concorrência.

Mas a razão, eu a sei: nesta época de tantos desconcertos era impossível que fosse bem aceito um concerto.

Agora, tendo eu me calado sobre tanta coisa, é justo que converse um pouco com as minhas leitoras.

Tenho de lhes noticiar que se acha criada uma nova ordem - A ordem das violetas...

Esta ordem é dedicada especialmente à caridade, e teve sua origem no dia do leilão das Belas-Artes, em um bouquet de violetas.

Quem a criou (o que para mim é segredo) teve uma feliz inspiração; tirou o ramo do seio, distribuiu as flores à direita e à esquerda a quem as mereceu pôr caridade; e o sorriso de seus lábios dizia neste momento: - Honni soit que mal y pense.

O caso é que a ordem está criada, e que agora o luxo, o chic, é trazerem os gentlemen na casaca preta a modesta e linda florzinha, que tornou-se o emblema de uma tão santa virtude.

Pôr falar nisto lembro-me que hoje tem lugar o segundo leilão das Belas-Artes.

Quando criaram este edifício, nunca pensaram que ele teria o nobre destino que lhe deram domingo passado, e que o seu nome teria uma outra significação ainda mais apropriada.

Com efeito, que mais belas-artes, do que as artes, as travessuras, os meios engenhosos, que a caridade aí inspirou domingo passado às elegantes peregrinas da Glória?

Mas que há aí de admirar!

Eram brasileiras.

Se não sabeis o que quer dizer isto, ouvi-me.

Vou contar-vos uma história muito linda, um verdadeiro conto de fada.

Não sei se minha pena ainda se lembrará dessas coisas de outro tempo, desses contos árabes tão cheios de poesia oriental.

Mas enfim lá vai.

Foi um dia...

Lancei os olhos sobre uma página solta deste folhetim, e lá vi o meu Cabrion.

Res est magna tacere.

Calo-me pois, e desta vez seriamente; dou um ponto na boca, ou antes, no papel.

IV

4 de novembro de 1855.

Desejava dirigir uma pergunta aos meus leitores.

Mas uma pergunta é uma coisa que não se pode fazer sem um ponto de interrogação.

Ora, eu tenho uma birra muito séria a esta figurinha de ortografia, a esta espécie de corcundinha que parece estar sempre chasqueando e zombando da gente.

Com efeito, o que é um ponto de interrogação?

Se fizerdes esta pergunta a um gramático, ele vos atordoará os ouvidos durante uma hora com uma dissertação de arrepiar os cabelos.

Entretanto, não há coisa mais simples de definir do que um ponto de interrogação; basta olhar-lhe para a cara.

Vede: - ?

É um pequeno anzol.

Ora, para que serve o anzol?

Para pescar.

Portanto, bem definido, o ponto de interrogação é uma parte da oração que serve para pescar.

Exemplo:

1º Quereis pescar um segredo que o vosso amigo vos oculta, e que desejais saber; deitais o anzol disfarçadamente com a ponta da língua:

-Meu amigo, será verdade o que me disseram, que andas apaixonado?

2º Quereis pescar na algibeira de algum sujeito uma centena de mil réis; preparais o cordel e lançais o anzol de repente:

-O sr. Pode emprestar-me aí uns 200 mil réis?

3º Quereis pescar algum peixe ou peixãozinho: requebrais os olhos, adoçai a voz, e pôr fim deitais o anzol:

-Uma só palavra: tu me amas?

É preciso porém que se advirta numa coisa.

O ponto de interrogação é um anzol, e pôr conseguinte serve para pescar; mas tudo depende da isca que se lhe deita.

Nenhum pescador atira à água o seu anzol sem isca; ninguém portanto diz pura e simplesmente:

-Empresta-me 300 mil réis?

Não; é preciso que o anzol leve isca, e que esta isca seja daquelas que o peixe que se quer pescar goste de engolir.

Alguns pescadores costumam deitar um pouco de mel, e outros seguem o sistema dos índios que metiam dentro d'água certa erva que embebedava os peixes.

Assim, ou dizem:

-Meu amigo, o senhor, que é o pai dos pobres, (isca) empresta-me 300 mil réis? (anzol).

Ou então empregam o segundo meio:

-Será possível que o benfeitor da humanidade, o homem que todos apregoam como a generosidade personificada, que o cidadão mais popular e mais estimado desta terra, que o negociante que revolve todos os dias um aluvião de bilhetes do banco, me recuse a miserável quantia de 300 mil réis?

No meio do discurso já o homem está tonto de tanto elogio, de maneira que, quando o outro lhe lança o anzol, é com certeza de trazer o peixe.

Ainda tinha muita coisa a dizer sobre esta arte de pescar na sociedade, arte que tem chegado a um aperfeiçoamento miraculoso.

Fica para outra ocasião.

Pôr ora basta que saibam os meus leitores que o ponto de interrogação é um verdadeiro anzol.

O caniço desta espécie de anzol é a língua, e o fio ou cordel a palavra; fio elástico como não há outro no mundo.

Ás vezes, quando se olha para esta figurinha aleijada, o ponto de interrogação parece-se mais com um daqueles corcundinhas, espécie de demoninhos maliciosos, de que falam os contos de fada e que viviam a fazer pirraças aos homens.

É que de fato há ocasiões em que ele torna-se realmente um anãozinho zombeteiro e impertinente, que leva a ousadia até a rir-se nas barbas de um pobre homem.

Haveis de ter encontrado pelo mundo algum desses homens que depois de terem feito todo o mal que podem a outro, vêm com o riso nos lábios insultar a dor e envenenar com sua baba a ferida mal cicatrizada.

Este homem atira à cara do outro o corcundinha de que vos falei, e dirige pouco mais ou menos uma pergunta neste sentido:

-Então, meu amigo, pôr que não me conta os seus pesares? Não tem confiança em mim?

Há também um certo ponto de interrogação que tem seus ares de mestre de latim ou de professor de primeiras letras.

Este é carrancudo e severo; tem a voz áspera e fanhosa, como do homem que toma rapé; e ordinariamente anda aos pulos.

Lembro-me perfeitamente que na minha aula de latim às vezes estava eu bem distraído, quando ele saltava-me pela frente gritando:

-Hora-ae, vocativo?

Felizmente todas as coisas deste mundo têm verso e reverso; o ponto de interrogação, que quase sempre é um anzol, um anão corcunda, ou um pedagogo, parece-se às vezes com um desses meninos travessos e gentis, um desses anjinhos curiosos e inocentes que desejam saber tudo.

Então ele pergunta, mas é como o filho à sua mãe; ri-se, mas é de prazer e de alegria; e leva todo o tempo a brincar entre as palavras, como o colibri no meio das flores.

Vou mostrar-vos essa face risonha do ponto de interrogação, esse verso da medalha cunhada pelos gramáticos.

É uma poesia que li, não sei onde, e que só tem um defeito: o de ser uma pergunta sem resposta.

Ei-la:

A EMY LA-GRUA

Que geme de amor,

Que beija lasciva

O seio da flor,

Colhe em teus beijos

O brando suspiro,

A brisa furtiva

Os doces bafejos

De que eu me inspiro?

A onda ligeira

Que treme e palpita,

Que de feiticeira

Murmura e saltita,

Viu-te no sorrir

Que o lábio desata

Brincar e fugir

A doce volata?

A corda da lira

Que mal estremece,

E tênue suspira

Um som que entristece,

Bebe em teu pranto

O débil queixume,

Guarda de teu canto

O eco, o perfume?

Tens nos lábios teus

A flor da harmonia,

Que dás como Deus,

Aos sons melodia,

Acento divino,

A vaga o seu friso,

Às auras um hino,

E a tudo o sorriso?

Dos anjos soubeste

As notas sublimes

D'harpa celeste,

Com que tudo exprimes;

Ou deu-te o amor

A chama sagrada,

O grito da dor,

A voz inspirada?

Agora é muito natural que, depois de ter lido toda esta maçada, depois de ter virado e revirado em todos os sentidos o ponto de interrogação, o meu leitor esteja desesperado pôr saber qual era a pergunta que eu lhe pretendia fazer, e que deu causa a todo esse aranzel, misturado de poesia.

É muito justo, e pôr isso vou satisfaze-lo.

Queria contar domingo passado.

É um conto a respeito das mocinhas brasileiras.

O prometido é devido.

Aí vai pois:

"Um dia a fada Beleza desceu à terra, resolvida a distribuir pôr todas as moças os tesouros de graça e mimos que possuía.

"Mandou que seu irmão o anãozinho Amor chamasse uma mulher de cada nação, para receber o dom que lhe coubesse.

"Quando todas estavam reunidas, a fada começou a distribuição dos seus presentes.

"Deus à Andaluza cabelos negros e tão longos que lhe podiam servir de mantilha.

"A Italiana olhos brilhantes e ardentes como as estrelas do céu de Nápoles.

"A Árabe um moreno excitante e uma pele doce e macia como as penas do marabu.

"A Inglesa uma aurora boreal para tingir as faces, os lábios e as espáduas.

"A Alemã pérolas para os dentes e miosótis para os olhos suaves.

"A Russa a distinção de uma princesa e a nobreza necessária para trazer um nome de sete sílabas terminado pôr off.

"A Francesa a delicadeza do lírio com a graça e o mimo das rosas.

"Depois, passando aos detalhes, deitou a alegria nos lábios da Siciliana, o espírito na cabecinha loira da Irlandesa, o bom senso no coração da Holandesa.

"Então a Brasileira, que pôr modéstia e pôr timidez estivera retirada a um canto, puxou docemente a ponta da túnica azul da fada.

-"E eu?

-"Ah! tinha te esquecido.

-"É verdade.

“E agora como há de ser? Já dei tudo que trazia.

-“Mas eu fico sem nada?

A fada refletiu um momento: depois, chamando as outras com um sinal, disse-lhes:

-“Vós sois tão boas que espero haveis de reparar uma falta que cometi esquecendo na distribuição a vossa irmã do Brasil. Eu vos peço pois que cada uma tire um pouco do presente que lhe fiz, e o dê a esta menina tão modesta.

-Não era possível recusar.

“Todas as mulheres do mundo, com uma graciosa amabilidade, chegaram-se à Brasileira, e deram-lhe, uma os seus cabelos negros, outra as estrelas dos seus olhos, esta o sorriso de seus lábios, aquela a ondulação de suas formas acetinadas.

Eis a história que vos prometi contar domingo, quando vos falava das nossas patrícias. Ainda sei outras tão lindas como esta, mas que a pena a correr não pode demorar-se para contá-las.

Irão em ziguezague.

Não reparem se passo em silêncio pela representação de Sapho, apesar de ser a obra-prima de Paccini.

Digam o que quiserem os maestros, não gosto dessa música de barulho, que abafa a voz humana, e obriga os cantores a fazerem contorsões horríveis.

Na Norma e no Otelo, onde os cantores cantam, há prazer em ouvir-se uma bela voz, que brinca nuns lábios risonhos, desatar-se em ondas de harmonia, ou desprender-se de um seio que se ergue apenas numa ondulação suave.

Mas nestas óperas, onde a voz é um grito, onde o canto é uma convulsão, as notas são arrancadas com esforço, a boca se contrai, e a melodia desaparece num estrépido que atordoa; parece que assistimos ao martírio do cantor, a um suplício horrível da beleza, do talento e da inspiração.

Não; pôr mais que digam, a voz humana não foi feita para essa música de estrépito. Se desejais ouvir a natureza em suas convulsões, assisti ao espetáculo da tempestade numa

costa desabrida, mas não ide ao teatro pedir a um cantor que vos venda pôr uma mesquinharia de dinheiro as centelhas divinas de seu gênio e de sua alma.

O talento é uma vida, é a vida d'alma, da inteligência e do pensamento; nenhum artista tem pois o direito de cometer esse suicídio moral, e de esperdiçar, como Emy La-Grua, numa só noite, a seiva e o viço de uma existência inteira.

Quando assisti à primeira representação da Sapho, pareceu-me ver um quadro, no qual um pintor de gênio, querendo tocar o sublime, derramasse toda a sua inspiração e gastasse todas as tintas de sua palheta.

Havia alguns traços belos, porém no mais eram tons carregados, claros e escuros pouco harmoniosos, perfis ásperos e destacados sobre um fundo sombrio e confuso.

Depois de todo este preâmbulo, é necessário que conte aos meus leitores os acontecimentos notáveis da semana.

Todos os reduzem a um dia (o sábado), a um acontecimento (a chegada do paquete), e a uma notícia, que anda de boca em boca e de jornal em jornal:

A TOMADA DE SEBASTOPOL

Escrevendo-a, não traço unicamente a crônica da semana, mas a história do mundo durante um ano.

(.)

V

11 de novembro de 1855.

Estou decidido a não escrever hoje a minha revista, e como os meus leitores não quererão dispensar o seu folhetim dos domingos, não há remédio; vou fazer um romance.

Um romance!

Não é qualquer coisa, é uma história dividida em capítulos, que principia rindo e acaba chorando, ou vice-versa; e na qual devem entrar necessariamente um namorado, uma moça bonita, um homem mau, e diversas outras figurinhas de menos importância.

Um romance em regra só pode começar de manhã ao romper do dia, de tarde ao rugido da tempestade, e de noite ao despontar da lua: excetuam-se os romances domésticos, que não têm hora certa, e que regulam-se pelo capricho do autor.

Ora, o romance que eu pretendo fazer está inteiramente fora da regra, porque não tem começo, nem fim; e quanto aos personagens limitam-se a dois unicamente.

Enfim, sem mais preâmbulo, vou contá-lo aos meus leitores, que lhe darão o apreço que entenderem.

Foi há muito tempo.

A Malibran, a bela e poética Malibran, cismava sozinha, com a cabeça indolentemente caída sobre o ombro, e os grandes olhos negros e melancólicos vagando no espaço.

A noite estava límpidas e serena; as estrelas cintilavam no azul do céu; o vento que suspirava na ramagem das árvores mal quebrava o silêncio das horas mortas.

De repente os lábios da artista se entreabriram num sorriso, e um gorjeio sonoro, um trilo brilhante começou a brincar nas covinhas da boca, e pôr fim foi aninhar-se no cálice de uma margarida que crescia num vaso.

Um momento depois, o olhar da Malibran animou-se, a graça e a faceirice do sorriso desapareceram com a expressão ardente e apaixonada que iluminou o seu semblante.

A voz desprendeu-se vibrante e profunda do seio que palpitava, e soltou-se numa dessas volatas magníficas, num desses gritos d’alma que não se exprimem.

A nota pairou um momento nos ares; depois oscilou ao sopro da brisa, e caiu entre as folhas de um botão de rosa, como uma gota do orvalho da noite.

Até aqui o meu romance é muito simples e nada tem que admire.

São duas notas gêmeas, filhas do mesmo sorriso, criadas pelo mesmo sentimento, duas irmãs que a sorte deste mundo separou, dando-lhes um destino diverso.

Mas o que segue é o mais interessante; agora é que o romance vai começar.

A Malibran, apesar de artista e de achar-se então na flor da idade, aborreceu-se de cismar, e teve sono; o sono, assim como a fome, é um dos prosaísmos deste mundo a que ninguém escapa, seja rei ou poeta.

Logo que sentiu que as pálpebras lhe pesavam, a bela artista lançou um último olhar às flores do céu e às estrelas da terra, e fechou a sua gelosia.

Houve um momento de silêncio.

Depois a brisa travessa roçou ligeiramente as suas asa pelas folhas; e uns dons maviosos, um canto trinado e argentino exalou-se do seio de uma flor.

Era o gorjeio da Malibran, que balouçando-se no cálice da margarida, trilava uma ária do Barbeiro de Sevilha, como se estivesse na avant-scène do teatro lírico.

Mal tinha ele começado, quando sentiu-se um farfalhar de folhas agitadas pelo vento, e viu-se a rosa erguer a fronte de princesa, volver a haste com um meneio altivo, e deixar cair do seio uma nota límpida, sonora e brilhante, que ofuscou inteiramente o pobre gorjeio.

Desta vez era a volata da Malibran, que adormecida entre as folhas da rosa despertava de repente e se lançara no espaço, julgando que ia fazer estremecer o salão da Ópera com a tríplice salva de aplausos do costume.

Mas, em lugar desses admiradores entusiastas, não havia ali senão dilettanti modestos que apenas sabiam aplaudir com o silêncio; e pôr isso a viração calou-se, e as águas nem sequer murmuraram.

Entretanto a margarida teve inveja da rosa; o gorjeio teve ciúme de seu irmão, e para vingar-se abandonou o seio da flor, e transformou-se num rouxinol.

Largou-se então a cantar, a trinar, a fazer arrulhos doces e mimosos, como sons de pérola que corressem entre os dedos afilados de uma menina graciosa; tudo para ele era um hino de prazer: de um som fazia um canto, de um canto um poema de harmonia.

Todos o admiravam; porém, quando julgava o seu triunfo certo, viu deslizando nas águas tranqüilas do lago o cisne da Itália, que modulava o seu último canto, essa criação poética imaginada para exprimir o canto d'alma que se despede da terra e cria asas para remontar ao céu.

O cisne soltou um ou dois harpejos, cheios de melancolia e de sentimento; e bastou isto para que o rouxinol batesse as asas e cortasse os ares num vôo rápido.

Aqui termina a primeira parte do romance. Se quereis saber o resto, continuai a ler; se não, voltai a folha, e lede os anúncios, que não deixam de ter o seu interesse, sobretudo para quem tem de alugar amas de leite.

Voltem, aos assunto.

O rouxinol voou, até que chegou a uma bela terra toda coberta de loureiros em flor e de fustes de colunas de mármore espalhadas a esmo.

Era a Grécia, se bem me lembro.

Corria perto, entre um montão de ruínas tapeçadas de hera e de musgo, o Rio Alfeu, o amigo e colega dos poetas da Arcádia.

A alguns passos destacava-se um grupo de estátuas, que pelo primor da carnação e pela delicadeza do perfil pareciam ter saído do buril de Fídias ou Praxíteles.

O rouxinol pousou num ramo de árvore, e olhou as estátuas batendo as asas de contente; mas voltando-se viu o cisne que ele tinha deixado na Itália, banhando-se nas águas do Alfeu.

Ambos lançaram-se ao grupo das estátuas: o rouxinol aninhou-se no seio de uma ninfa, cujo nome não me lembro; o cisne pousou no ombro de uma Safo.

De repente as duas estátuas animaram-se, estremeceram, e pôr um movimento instintivo, elas que tinham vivido sempre juntas, elas que eram irmãs de arte e de pensamento, elas que eram feitas do mesmo mármore, voltaram-se as costas e separaram-se.

Assim viveram muito tempo, até que um dia ouviu-se um hino de amor, e as duas estátuas foram-se

aproximando a pouco e pouco, sorriram uma para a outra, e deram-se as mãos.

A música que se ouvia era o spartito de Romeu e Julieta; e as duas estátuas animadas pareceram-nos...

Adivinhem os leitores, ou antes esperem pelo dia 2 de dezembro, em que nos consta se representará Romeu e Julieta: aí acharão o fim deste romance, se é que ele tem fim.

Depois de ter escrito um romance, é duro fazer uma crônica, ainda mesmo de uma semana como esta, em que nada de bom há a dizer.

No teatro lírico tem-se representado o Nabuco, com geral aceitação. O Walter é um excelente artista, e tem um canto cheio de expressão e de elegância; quando se o ouve conhece-se que há nela mais do que bela voz e boa figura, há alma e sentimento.

A Grua canta perfeitamente, canta como ela costuma cantar, mas, com licença dos admiradores, e portanto com licença de mim mesmo, o folhetinista que viu o Otelo, a Norma, Sapho e Nabucodonosor, tem o que quer que seja a dizer sobre o desempenho desses diferentes papéis.

O artista é como o Proteu da fábula; deve ter o dom de metamorfosear-se a cada momento; deve mudar de figura, de sentimento, de expressão, assim como muda de vestuário.

Norma é uma mulher selvagem que ama com essa paixão violenta e profunda das naturezas primitivas, que sacrificou ao seu amor e crença de seus pais, a sua virgindade e os votos de sua religião; e tudo isto pôr um inimigo de sua pátria.

Norma é uma amante criminosa, desprezada, que procura vingar-se a todo o transe, que ameaça no seu desespero a sua rival, a seu amante, e a seus filhos; e que só à beira do túmulo, junto à fogueira, torna-se mulher, e perdoa.

Safo é um espírito cultivado, uma alma de poeta, que sente todos os extremos do amor, e que o desprezo leva à morte, não pôr uma vingança, mas pôr um sacrifício voluntário, pôr um desapego à vida.

A respeito de Abigail não falemos; caráter ambicioso, mais orgulho do que amor, condena-se à morte pôr despeito ou antes remorso.

Entretanto, mudado o vestuário, há na Safo o que quer que seja do ciúme da Norma, assim como em Abigail se reconhecem ainda uns longes da musa grega e da sacerdotisa druídica.

Faltava-me defender as Mulheres de Mármore de uma acusação injusta de imoralidade que se lhes tem feito.

Mas o público que tem concorrido ao Ginásio, e os diversos folhetinistas que elogiam constantemente o drama, me dispensam de gastar tempo e papel.

É preciso saber como entende-se essa imoralidade de que se trata; porque nós já não estamos no tempo em que as meninas de 20 anos ficavam com as faces em brasa quando um pai um pouco desbocado falava pôr descuido em amor ou casamento.

Hoje as moças de 10 anos geralmente discutem as diversas teorias do amor, e sabem o que é preciso para não ignorar coisa alguma; falam do casamento como de uma partida de prazer; lêem romances franceses, e riem-se com muito gosto quando se representam as proezas de Richelieu.

VI

18 de novembro de 1855

Desta vez estou de verve; vou escrever um livro.

Se bem me lembro, já dei aos meus leitores um folhetim-romance, um folhetim-comédia, um folhetim em viagem, um folhetim-álbum.

Faltava-me porém dar um folhetim-livro, e pôr isso quero hoje realizar essa nova transformação do Proteu da imprensa.

De fato o folhetim já pôr si é um livro; é o livro da semana, livro de sete dias, impresso pelo tempo e encadernado pela crônica; é um dos volumes de uma obra intitulada o Ano de 1855.

Neste volume a cidade do Rio de Janeiro faz as vezes de papel de impressão, os habitantes da corte são os tipos, os dias formam as páginas e os acontecimentos servem de compositores.

Mas não é disto que se trata, e sim do projeto gigantesco que concebi de escrever hoje um livro-folhetim.

Há de ser um livro completo, precedido de um prólogo, dividido em capítulos, e escrito com toda a gravidade de um homem predestinado a visitar a posteridade envolvido em

uma capa de couro e na companhia das traças, das teias de aranha e da poeira das estantes.

Preparem-se pois os meus leitores, limpem os vidros dos óculos, tomem a sua pitada de rapé, e... aí têm o livro.

Pôr ora é apenas o título:

LIVRO DA SEMANA

ou

HISTÓRIA CIRCUSNTANCIADA DO QUE SE PASSOU

DE MAIS IMPORTANTE

nesta

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

desde

O DIA 11 DO CORRENTE MÊS, EM QUE SUBIU AOS ARES

COM GERAL ADMIRAÇÃO, O BALÃO

AEROSTÁTICO ATÉ O DIA DE HOJE 18

compreendendo

todos os acontecimentos mais notáveis

da semana, não só a respeito de

teatros e divertimentos,

como em relação à po-

lítica, às artes

e ciências

OBRA CURIOSÍSSIMA

em todos os sentidos

escrita

no ano da graça de nosso senhor Jesus Cristo

de 1855

Pôr

UMA TESTEMUNHA OCULAR

RIO DE JANEIRO

MDCCCLV

Tipografia do Diário do

Rio de Janeiro.

Ao título segue-se a dedicatória.

Há certas obras em que a dedicatória é um simples luxo; em outras porém, como nesta, é de rigor.

Uma dedicatória deve ser simples e verdadeira.

Pôr exemplo:

AOS MEUS RESPEITÁVEIS LEITORES.

O. D. C.

Em sinal de consideração e preguiça de escrever o folhetim de hoje.

O AUTOR.

(Ora muito bem: quanto a título e dedicatória, estamos arranjados; passemos à terceira página, em que naturalmente deve vir o prólogo.

O prólogo é o bom dia de um escritor ao seu leitor, é o aperto de mão amigável de um sujeito que é apresentado a outro a quem não conhecia; é a cortesia do orador que cumprimenta o seu auditório antes de começar o discurso.

Vamos ver como nos saímos do prólogo: tenha o leitor a bondade de passar à outra página).

PRÓLOGO

Não é a ambição de glória que me faz dar hoje à luz este pequeno Livro da Semana, fruto de algumas horas de trabalho; é unicamente o desejo de tornar-me útil no meu país e de concorrer com um óbulo para a grande obra da nossa literatura pátria, que induziu-me a registrar os fatos importantes da semana que acabou ontem [1].

Se o público acolher bem este meu primeiro filho, talvez que animado pela sua benevolência me resolva a continuar na carreira encetada. Do contrário consolar-me-ei com a consciência de ter cumprido o meu dever.

Rio, 18 de novembro.

O AUTOR.

Depois do prólogo, o autor costuma fazer uma introdução, na qual apresenta o plano geral de sua obra, e prepara o espírito do leitor para seguir o desenvolvimento das idéias contidas na sua obra.

Passemos pois à

INTRODUÇÃO

Esta semana que acabou apresentou uma face curiosa pelo lado da insipidez.

Portanto o leitor não deve esperar uma descrição poética, nem mesmo essa variedade que encanta e deleita.

Omnis variatio delectat[2].

Apenas procurarei fazer a narração fiel, não desses boatos sem fundamento que pôr aí correm, mas daquilo que eu próprio vi e ouvi[3].

Começarei pelo começo.

Feita a introdução, passa-se ao primeiro capítulo, que é uma espécie de segunda introdução.

Alguns autores usam capítulos com sumários; outros apenas dão uma idéia geral daquilo sobre que vão tratar.

O meu autor é deste último sistema.

Eis o índice dos capítulos, que forma a 4ª página:

Cap. 1º - Em que o autor mostra pôr que feliz acaso lhe veio a idéia de escrever este livro.

Cap. 2º - Em que o autor, depois de refletir profundamente; resolve-se a começar pelo princípio e acabar pelo fim.

Cap. 3º - Que serve para mostrar como o domingo e a segunda-feira foram dois dias muito insípidos.

Cap. 4º - Como o autor foi ao teatro lírico terça-feira ouvir música, e voltou muito desgostoso pôr causa da

chuva, que fez com que a casa estivesse inteiramente vazia.

Cap. 5º - No qual se contam duas viagens importantes que fez o autor esta semana, uma ao redor da baía no vapor Marques de Olinda, e outra ao redor de uma mesa de almoço ao vapor do champanha.

Cap. 6º - Em que o autor, não tendo mais nada que contar, começa a dar tratos à imaginação para descobrir alguma boa idéia e encher o resto das páginas que lhe faltam.

Cap. 7º - Como o autor, sempre à busca da sua idéia, começa a roer as unhas, indício certo de que a imaginação já vai se iluminando.

Cap. 8º - No qual o autor lembra-se finalmente que podia falar da Grua e da Charton; mas pôr fim resolve-se a fazer reticência.

Cap. 9º - Em que o autor trata de diversas coisas, e especialmente de encher papel.

Cap.10º - Que serve de conclusão à obra.

Agora, eu podia escrever todos estes capítulos: mas de que servia?

Todo o mundo sabe que um livro hoje em dia não é mais do que o título, o prólogo, a introdução, e o índice dos capítulos.

O leitor passa os olhos rapidamente, folheia o livro, e apenas de espaço a espaço encontra uma boa idéia, um trecho interessante.

O mais não vale a pena ler, porque reduz-se a uma meia dúzia de palavras, a uma caterva de citações.

Suponha portanto o leitor que, depois de ter lido o título, folheia o nosso livro, e lê unicamente os seguintes trechos:

Afonso Karr diz não sei onde que o elogio não tem merecimento, senão quando aquele que elogia podia dizer o contrário, e aquele que é elogiado podia consentir que se fizesse uma censura.

Eu, que não posso deixar de aceitar este preceito de mestre, que o acho muito justo e razoável, sempre que censuro é unicamente para dar valor ao elogio quando chegar a ocasião de faze-lo.

Quando censurar a Charton, é unicamente para mostrar que os elogios que lhe fizeram foram merecidos; quando fizer um reparo a respeito da Grua, é somente porque desejo ter ocasiões de lhe fazer todos os elogios.

Demais uma censura tem sua graça e seus chistes, enquanto que o elogio constante é de uma monotonia insuportável.

Quem poderia aturar um céu azul, um sol brilhante e um dia límpido e sereno, se não fosse a chuva e a temperatura de que lhe servem de contraste?

Quem admiraria as moças bonitas, se não fosse a quantidade de mulheres feias que existe neste mundo, e que se encontra a cada passo?

Quem apreciaria certas iguarias, se não fosse a pimenta, a mostarda, e o tempero de que são adubadas?

O mesmo sucede com o elogio; a censura é a pimenta que lhe dá o sainete, é a fome que o faz saboroso, é a tempestade que quando se desfaz deixa o céu mais límpido e sereno.

Acho esta teoria tão boa que estou resolvido, pelo bem de todos, a sacrificar-me e a não elogiar a mais ninguém.

De agora em diante arrogo-me o direito de crítico, e começo a fazer censuras pôr conta dos elogios que já fiz e dos que possa vir a fazer.

E portanto comecemos.

Censuro em primeiro lugar os admiradores das cantoras que não admitem a menor observação, pôr mais delicada que seja.

Parece que ´`a força de olharem para o sol ficaram deslumbrados, e não vêem pôr conseguinte aquilo que salta aos olhos.

Censuro depois as próprias cantoras, porque julgam que é, exagerando-se que hão de realçar o seu merecimento.

Todos nós sabemos que isto nada vale; há bem pouco tempo que o céu mesmo nos deu uma lição mostrando-nos ao meio-dia uma estrela junto do sol.

O sol brilhava, mas a estrela derramava sua luz calma e serena.

Finalmente censuro-me a mim mesmo, porque não penso como os outros; e censuro ao meu leitor pôr não ter melhor empregado o seu tempo.

Finalmente censuro-me a mim mesmo, porque não penso como os outros; e censuro ao meu leitor pôr não ter melhor empregado o seu tempo.

VII

25 de novembro de 1855

Falemos das flores.

O que é uma flor?

Será esta criação vegetal que na primavera se abre do botão de uma planta?

Não: a flor é o tipo da perfeição, é a mais sublime expressão da beleza, é um sorriso cristalizado, é um raio de luz perfumado.

Pôr isso há muitas espécies de flor.

Há as flores do céu - as estrelas, - que brilham à noite no seu manto azul, como os olhos de uma linda pensativa.

Há as flores do ar - as borboletas, - que têm nas suas asas ligeiras as mais belas cores do prisma.

Há as flores da terra - as mulheres, - rosas perfumadas que ocultam entre as folhas os seus espinhos.

Há as flores dos lábios - os sorrisos, lindas boninas que o menor sopro desfolha.

Há as flores do mar - as pérolas, - filhas do oceano que saem do seio das ondas para se aninharem no seio de uma mulher morena.

Há as flores da poesia - os versos, - às vezes tão cheios de perfumes e de sentimentos como a mais bela flor da primavera.

Há as flores da religião - as preces, - modestas violetas que perfumam a sombra e o retiro.

Há as flores da harmonia - os gorjeios - que brincam nos lábios mimosos de uma bonequinha sedutora.

Há as flores do espírito - os ziguezagues, - que nascem sobre o papel como rosas silvestres e sem cultura.

(Não falo dos nossos ziguezagues, que, quando muito, são flores murchas).

Há enfim uma espécie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean-Jacques, como o crisântemo azul de George Sand.

É a flor da vida, este sonho dourado, este puro ideal a que todos aspiram e de que tão poucos gozam.

Porque a flor da vida apenas vive um dia, como as rosas da manhã que a brisa da tarde desfolha.

E quando murcha, deixa dentro d'alma os seus perfumes, que são essas recordações queridas que nos sorriem ainda nos últimos tempos da existência.

Para uns a flor da vida nasce nos lábios de uma mulher; para outros no seio de um amigo.

Feliz do caminhante que à beira do bosque pôr onde passa colhe esta florzinha azul, espécie de urze cingida de uma coroa de espinhos.

Muitas vezes, depois de muitas fadigas, quando já tem as mãos feridas dos espinhos, e que vai colher a flor, ela se desfolha.

O vento soprou sobre ela, ou um verme roeu-lhe os estames.

Até aqui os meus leitores têm visto o mundo pelo prisma de uma flor; mas não se devem iludir com isso.

Algum velho político de cabelos brancos lhes dirá que isto são simples devaneios de uma imaginação exaltada.

A flor é a poesia, mas o fruto é a realidade, é a única verdade da vida.

Enquanto pois os poetas vivem à busca de flores, os homens sérios e graves, os homens práticos só tratam de colher os frutos.

Eles vêem desabrochar as flores, exalar os seus perfumes, e esperam como o hortelão que chegue o outono e com ele o tempo da colheita.

E na verdade, a flor encerra sempre o germe de um fruto, de um pomo dourado, que outrora perdeu o homem, mas que é hoje a sua salvação.

A explicação disto me levaria muito longe, se eu não me lembrasse que até agora ainda não escrevi uma linha de revista, e ainda não dei aos meus leitores uma notícia curiosa.

Mas, a falar a verdade, não me agrada este papel de noticiador de coisas velhas, que o meu leitor todos os dias vê reproduzidas nos quatro jornais da corte, em primeira, segunda e terceira edição.

Poderia dizer-lhe que depois da epidemia vai-se revelando uma outra epidemia de divertimentos, realmente assustadora.

Fala-se em clube artístico, em baile mascarado no teatro lírico, em passeios de máscaras pelas ruas, numa companhia francesa de vaudevilles, e em mil outras coisas que tornarão esta bela cidade do Rio de Janeiro um verdadeiro paraíso.

Neste tempo é que os folhetinistas baterão as asas de contentes, e não terão trabalho de escrever tiras de papel; preferirão ir ao baile, ao passeio, ao teatro, colher as flores de que hão de formar o seu bouquet de domingo.

Enquanto porém não chega esta bela quadra, essa primavera dos salões, esse abril florido da nossa sociedade, não há remédio senão contentarmo-nos com o que temos, e em vez de rosas, apresentar ao leitor as folhas secas do ano.

A respeito de teatro, não falemos; é uma casa em cujo pórtico (digo pórtico figuradamente) a prudência parece ter gravado a inscrição de Dante: - Guarda e passa.

Se desprezais o aviso e entrais, daí a pouco tereis razão de arrepender-vos.

Sentai-vos em uma cadeira qualquer: a vossa direita está um guísta; a vossa esquerda um chartonista.

Levanta-se o pano: representa-se a Norma ou a Fidenzata Corsa; canta uma das duas prima-donas, uma das duas prediletas do público.

-Bravo! grita o gruísta entusiasmado.

-Que exageração! diz o chartonista estirando o beiço.

-Divino!

-Oh! é demais!

-Sublime!

-Insuportável!

E assim neste crescendo continuam os dois dilettanti, de maneira que o vosso ouvido direito está sempre em completa oposição com o vosso ouvido esquerdo.

Cai o pano.

No intervalo conversai um pouco com os vossos vizinhos.

-É preciso ser completamente ignorante, diz o gruísta com o aplomb de um maestro, para não se apreciar a sublimidade do talento desta mulher!

Vós, meu leitor, que não quereis assinar um termo de ignorante, não tendes remédio senão confessar-vos gruísta, e em lugar de dois pontos de admiração dais três.

-Com efeito, é uma artista exímia!!!

Apenas acabais a palavra, quando o chartonista vos interroga do outro lado.

-É possível que um homem de gosto e de sentimento admita semelhantes exagerações?

Ficais embatucado; mas, se não quereis passar pôr homem de mau gosto, deveis imediatamente responder:

-Com efeito, não é natural.

Daí a um momento o vosso vizinho da direita retruca:

-Veja, todos os camarotes da 4ª ordem estão vazios.

-É verdade!

Torna o vizinho esquerdo:

-Com esta chuva, que casa, hem!

-Boa!

Agora acrescentarei a isto as desafinações do Dufrene, a rouquidão do Gentile, os cochilos do contra-regra, e fazei idéia do divertimento de uma noite de teatro.

FIM

ANEXO B – Reprodução dos originais dos folhetins comentados neste trabalho, na ordem cronológica de publicação.

tecedente para socios, e resolveu-se que se convidassem os membros de ambas as camaras da actual legislatura e os presidentes das provincias para fazerem parte da sociedade.

No dia 16 haverá sessão para se nomearem os presidentes e secretarios das commissões.

— A direcção da nova empreza do theatro lyrico acha-se composta da seguinte maneira:

Presidente:—O Sr. visconde de Giquitinhonha.

Vice presidente com voto no conselho:—O Sr. barão do Mauá.

Secretario:—Dr. Duque-Estrada.

Thesoureiro:—Commendador Antonio José Domingues Ferreira Junior.

drogados, os reos tentárão roubar o armarinho de João Pedro Soares Luna, sito na rua de S. Pedro da Cidade-Nova n. 9, abrindo a porta do dito armarinho com chave ou gazúa, sendo logo o primeiro réo preso por pedestres que alli estavão de espia, e o outro réo depois.

O réo Soares allega em sua defesa que, sendo convidado por Ludgero para o acompanhar até o armarinho, alli chegando, entrou elle, e sahindo com uma trouxa lh'a entregou, dizendo-lhe que o esperasse emquanto ia chamar o réo Antunes, e que nessa occasião fôra elle réo preso; que Ludgero sendo o verdadeiro criminoso ficára denunciante, e testemunha ao processo.

O réo Antunes diz que são falsas as declarações

tando o P. Antonio João Joaquim da Silva Guimarães de proceder á medição de vinte leguas quadradas de terrenos devolutos vendidos pelo governo de V. M. Imperial ao major Caetano Dias da Silva, para nelles promover a colonisação, reclame aquelle director de Indios, que as terras em cuja posse figurão seus dirigidos sejão excluidas da referida medição, e como semelhante pretenção vai de encontro a direitos adquiridos dos abaixo assignados, e tambem de encontro á prosperidade do paiz, se apresentão elles submissos e respeitosamente a expôr a V. M. Imperial: 1º. que são possuidores de suas respectivas propriedades por si e seus ante-possuidores desde longas datas, o que só basta para firmar o seu direito; 2º, que taes pro-

Francisco Gomes de Bittencourt. — José Pereira Pedrosa, proprietario do sitio Coqueiro.—Joaquim Pereira Pedrosa, proprietario do sitio do Poço. Antonio Pereira Pedrosa, proprietario de um sitio na margem do Rio-Novo.—Luiz Gose Moreira, possuidor do sitio do Socego.—João Zenobio de Acciolli do Vasconcellos, proprietario do um sitio na Carreira-Comprida.—Arogo de Bernardino Angelo da Silva, proprietario de um sitio no logar denominado S. Pedro, Caetano Dias da Silva Junior.—João da Costa Guimarães, proprietario do sitio Boa-Esperança. — Arogo de D. Anna Maria da Conceição, dona de um sitio no logar Ruaço, José Maria da Costa Carneiro. — Arogo de Mauricio

Não ha conflicto de autoridade, nem o estado do referido becco é lamentavel.

E' bem impertinente o seu informante!

Publicando estas linhas, muito obrigará V. Mm. ao seu etc.

F.

S. C., 2 de maio de 1855.

Ao conjurador de ladrões.

(*Vide Mercantil de 2 do maio corrente.*)

Pedimos licença a V. S. para o felicitarmos e dar-lhe os nossos emboras pela descripção bem traçada com que lançou ao desprezo publico — esses BAYONEIROS, *infames como elles sós*, que no

minha existencia tinha-se tornado um longo lethargo, com bem poucos intervallos de acordado; mas tambem não soffria, porque as agoas do Lethes em que vivia engolfado, são a verdadeira panacéa para todas as dôres.

II.

Amen, amen, dico vobis, que não ha melhor balsamo para as chagas que pungem no coração o implacavel algoz da lembrança: portanto cra felix! Não o sei, porém o que humildemente confesso é que me zangou sobre maneira quando, ha dous ou tres mezes passados, o som agudo de uma trombeta veiu como partindo dos quatro ventos rasgar-me sem piedade o timpano, arrancar-me incivilmente da adoravel região dos sonhos.

minado, poderia adoçar o que naturalmente sahiu rabugento: *Æthiops non mutat pellem*; e logo para desviar o rasgo com que ia-me gratificar em estylo mais ou menos monastico, voltei-me para o meu primeiro interlocutor, o qual, não sendo menos perfido, é comtudo mais tratavel, e disse-lhe:—Temos aqui, sob o titulo de *Semana-Santa*, uma diatribe interminavel contra o nosso respeitavel bispo, que é seguida de outra, e esta ainda de outra, e tudo fóra do espirito evangelico e evidentemente em contradição com o titulo da vossa folha; que significa isto?

IX.

O que é?— V. S. não o póde ignorar. Viviamos em santa paz, unicamente occupados em satisfa-

PAGINAS MENORES.

Rio, 6 de maio.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Hontem por volta de nove horas do dia sahi de casa com tenção de visitar o novo estabelecimento optico do Reis na rua do Hospicio n. 71.

Tinhão-me feito tantos elogios deste armazem, do seu arranjo e elegancia, que assentei de julga-lo pelo meus proprios olhos.

Não foi porém esta a unica razão que excitou a minha curiosidade. O que principalmente me levava áquella casa era um sentimento egoista, um desejo de myope.

Les yeux sont les fenêtres de l'âme,—diz Alphonse Karr n'um livrinho espirituoso que dedicou ás mulheres.

Ora, ha muitas almas que teem a felicidade de poderem do manhã cedo abrirem as suas janellas do par em par, e se debruçarem nellas para espreitarem o que se passa adiante do nariz.

Outras mais modestas, como as almas das mocinhas timidas, abrem a meio as suas janellas, mas se escondem por detrás das *gelosias* que formão seus longos cilios de seda; e assim vêem tudo sem serem vistas.

Algumas porém são tão infelizes, que quando abrem as suas janellas, vêem-se obrigadas á descerem immediatamente as *empanadas*. Estas são as almas dos myopes que usão de oculos fixos.

Estou portanto convencido que as *janellas d'alma* são em tudo e por tudo semelhantes ás janellas das casas, com a unica differença do architecto.

Assim, ha olhos de sacada, de peitoril, de persianas, de empenadas, de cortinas; da mesma maneira que ha janellas azues, pretas, verdes, de fórma chineza, ou do estylo gothico.

Essas *janellas d'alma* são de todo o tamanho.

Umas excedem a medida da camara municipal, e devião ser multadas porque affecião a ordem e o socego publico: são os olhos grandes de uma mulher bonita.

Outras não passão de pequenas frestas ou seteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos que quando olhão fazem cocegas dentro do coração.

O que porém dava materia á um estudo muito interessante é o modo porque a alma costuma chegar á janella.

A alma é mulher e como tal padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas ha o menor barulho nas ruas, faz o mesmo que qualquer menina janelleira, atira a costura de lado, e corre á varanda.

Entretanto cada uma tem o seu systema differente.

As almas francas e leaes debruçao-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentão os conhecidos, e ás vezes offerecem a casa á algum dos seus intimos.

Outras, ao contrario, nunca se reclinão á janella; ficão sempre por detraz da cortina, e olhão o que se passa por uma pequena fresta. Deste numero são as almas dos diplomatas, dos *jesuitas* e dos ministros de estado.

Em compensação ha tambem algumas almas, que quando pilhão o espirito descuidado, saltão pela janella como um estudante vadio, e vão *flanar* pelas estrellas, abandonando por um instante o corpo, seu hospede e companheiro:

Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis.

As almas das andaluzas, e de algumas mulheres *coquetes* que eu conheço, teem um costume mui lindo de chegar á janella.

Escondem-se e começão á brincar com as cortinas, á fazer tantos requebros graciosos, tantos meneios encantadores, que seduzem e martyrisão um homem.

Para exprimir esta travessura d'alma na janella, os hespanhóes inventárão uma palavra muito doce, o verbo *ojear*, que não tem traducção nas outras linguas.

Ia eu meu caminho pensando em todas estas cousas, e formando um plano de estudo sobre as janellas d'alma, quando encontrei um amigo que se prestou a me acompanhar.

Chegámos juntos ao armazem optico da rua do Hospicio n. 71. O seu proprietario nos recebeu com toda a amabilidade e cortezia, e nos mostrou o seu estabelecimento.

Com effeito não erão exagerados os elogios que me tinhão feito desta casa, onde se encontra um sortimento completo de instrumentos e objectos de optica, — tudo perfeito e bem acabado.

Vi um telescopio que me assegurárão ser o melhor que existe no Rio de Janeiro actualmente, e com o auxilio do qual póde um homem uma bella noite ir fazer uma visita aos planetas, e examinar de perto os anneis de Saturno.

Vi muitos outros instrumentos para medir as distancias, tomar as alturas das montanhas, estudar as variações da atmosphera, muita cousa emfim que os nossos avós terião de certo classificado como *bruxaria*.

Chegámos finalmente aos oculos, e entre todos aquelles primores d'arte, no meio de tantos trabalhos delicados e de tantas invenções admiraveis,—causou-me reparo uma velha luneta de grossos aros de tartaruga, de feitio tão grosseiro que me pareceu ser uma das primeiras obras do inventor dos oculos.

Estava mettida n'uma caixa de marroquim roxo sobre o qual se destacavão uns traços apagados que me parecião de letras desconhecidas de alguma lingua antiga.

Disse-me o proprietario que esta luneta lhe viera por acaso entre uma collecção de elegantes *pince-nez* que lhe chegára ultimamente da Europa; excedia o numero da factura, o que fazia suppor que naturalmente tinha se confundido com as outras, quando o fabricante as arrumára na caixa.

Embora não me dê a estudos de antiquario, comtudo aprecio esses objectos de outros tempos, que muitas vezes podem ter um caracter historico.

Continuei a examinar a luneta, levei-a aos olhos, e por acaso fitei o amigo que me acompanhava.

Horresco referens!

Li na boca do meu companheiro, em letras *encarnadas*, estas formaes palavras:

— Forte massante! *Está me fazendo perder o tempo!*

Agarrei mais que depressa a minha alma que ia lançar-se á *janella*; e disfarçando a minha sorpreza, voltei-me para o proprietario.

Atravez do seu ar amavel e cortez, li ainda o seguinte:

— Que extravagancia! Com tantos oculos bonitos occupar-se com uma luneta velha que não vale nada!

Emfim olhei para o caixeiro da casa, e vi immediatamente a traducção de um sorriso complacente que lhe assomava aos labios:

— Ah! se o homem me livrasse desta alcaide!—dizia o sorriso do caixeiro.

Não havia que duvidar. Tinha em meu poder a celebre luneta magica de que fallão os sabios antigos. Comprei-a por uma bagatella apezar da insistencia do proprietario que não queria abrir preço a um traste velho e sem valia.

Despedi-me do meu amigo pedindo que desculpasse a massada, guardei com todo o cuidado a minha luneta, e segui o meu caminho.

Precisava reflectir.

Como é que aquelle vidro magico que se perdêra na antiguidade, e que depois Frederico Soulié achou nas Memorias do Diabo, e emprestou um instante a Luigi, se achava nesse momento na minha algibeira?

Porque fatalidade o *Lorgnon* de Delfina Gay viera parar ao Rio de Janeiro, e se achava naquella casa desconhecido, ignorado de todos, podendo cahir nas mãos do chefe de policia, que então se veria obrigado a prender nove decimos da cidade?

Pensem que turbilhão de idéas, que torvelinho de pensamentos, me agitava a mente exhaltada por este facto. Visões fantasticas surgião de repente, e começavão a danser um *sabbat* vertiginoso no meu cerebro escandecido.

Via scenas do Roberto do Diabo, do Macbet, do Paraiso Perdido, e da Divina Comedia, mais bem pintadas do que as de Bragaldi, de Dante, de Milton, e de todos os pintores e poetas do mundo.

Emfim decidi-me e fui almoçar.

O almoço,—e especialmente o almoço diplomatico e parlamentar, — é um dos mais poderosos calmantes que eu conheço. Actua sobre o espirito pelo systema homeopathico.

Se este anno podesse haver a mais pequena sombra de opposição, aconselharia aos ministros que pozessem em voga nesta estação os almoços parlamentares.

Depois de almoçar senti-me mais senhor de mim, e pude reflectir friamente sobre a posse da minha luneta.

Lembrei-me que era escriptor, e avaliei o alcance immenso que tinha para mim aquelle vidro magico.

Bastavão-me tres ou quatro *coups de lorgnon*, para escrever uma revista que antes me roubava bem boas horas de descanso e socego.

Não precisava mais estar preso a uma banca, a escrever, a riscar, a contar as taboas do tecto em busca de uma idéa, a esgrimir contra a musa rebelde.

O meu folhetim tornava-se um agradavel passeio, um doce espaciar, olhando á direita e á esquerda, medindo a calçada a passos lentos, e rindo-me das cousas engraçadas que me revelaria a minha luneta.

Assim pois não é um artigo ao *Correr da Penna* que ides hoje ler, mas um simples passeio, uma revista ao *correr dos olhos*.

§

São duas horas.

E' a hora da *flanerie* parlamentar.

Lá vem braço á braço dois deputados *opposicionistas*.

Opposicionistas?.... Quero dizer queixosos. Opposicionista é uma palavra anti-diluviana, cujo sentido se perdeu na confusão das linguas da Torre de Babel, e que naturalmente existiu no tempo em que havia governo.

Opposicionistas ou queixosos erão dois bellos typos á estudar. Isto é,— eu pensava que erão dois: mas fitando-lhes a minha luneta, vi com pasmo que ambos pensavão não só da mesma maneira, mas com as mesmas palavras.

— A fallar a verdade,— dizião os olhos de ambos,— é uma asneira comprometter-me com o ministerio, que parece estar seguro a duas amarras. O melhor é esperar!... Entretanto vamos a ver se este sujeitinho, que aqui vai, toma a cousa ao serio, e mette-se na corriola!....

Quasi ao mesmo tempo em que terminavão esta idéa luminosa, um delles virou-se para o outro:

— Então sempre estais decidido?

— De pedra e cal.

— Pois conta comigo.

Um sorriso, um aperto de mão, e separárão-se na mais estreita *entente cordiale*.

Um tomou a direcção do *Caminho Novo de Botafogo*; o outro entrou no *Jornal do Commercio*.

§

Estava ainda moralisando o facto, em pé na porta do Wallerstein, quando descobri um moço politico, — esperanças da patria, — que vinha mordendo os beiços de uma maneira desesperada.

— Que lhe terá acontecido? disse eu comigo.

E assestei-lhe a luneta.

Um interessante monologo, que tinha logar no seu espirito, acompanhava as furiosas mordeduras de beiços.

—Que época! Que época! —pensava o homem. *Le monde va de mal en pire*. Tudo se profana! Tudo se desmoralisa!

« Não ha mais *credito* senão no commercio. Em politica é vender a dinheiro, e não fiar de ninguem!

« Esses oradores, que promettião esmagar o ministerio, nem se atrevem á tocar na casa dos moribundos; antes de começarem os discursos já adoçárão a boca; já beberão o copo *d'agua com assucar*. »

« No tempo de *Cicero* e *Demosthenes* não se usava o copo d'agua com assucar: por isso nota-se que o estylo daquelles famosos oradores é forte e vigoroso.

« Os de hoje ao contrario levão *mel pelos beiços*, e por isso tem sempre palavrinhas doces e assucaradas.

« E tenha um homem principios n'uma quadra como esta! Tudo é mentira! Tudo é falsidade!

« *Fronti nulla fides!* Não ha homem hoje em dia no qual se possa acreditar.

« Até o reverendo *consta-nos* do *Jornal do Commercio*, já não é uma verdade official, uma confidencia de ministros, uma pagina da pasta....

Esse *pigeon* ministerial, mensageiro fiel dos segredos de estado, tornou-se velho, mudou de *pennas*, e hoje não passa de um *canard*, que por ahi anda mariscando á beira da praia *os poissons* do primeiro de abril!

« Ha dias fez o Sr. José Ricardo tomar posse da presidencia duas vezes; hontem nomeou um chefe de policia que infelizmente o ministro da justiça não quiz confirmar. »

Neste ponto do dialogo o nosso philosopho dobrou a esquina de modo que não pude mais acompanhar o seu monologo.

§

Voltando-me dei com um representante de provincia que cahio sob o *raio* do meu *lorgnon*.

Estava occupado a guardar um livrinho verde: o seu *Agenda*.

Veiu-me a curiosidade de ler uma pagina deste livro: e com o auxilio da luneta o consegui.

A primeira folha rezava assim:

LEMBRANÇAS.

1.º— Encommendar um fraque de côr no *Dagnan*, e visitar os ministros.

2.º— Projecto para que se trate seriamente de providenciar a respeito do papel existente no mercado, afim de que não se sinta falta com o consumo feito em regulamentos.

3.º— Proposta para que se autorise o governo a confeccionar um regimento de custas para a camara dos deputados, com o fim de estimular o trabalho, e fazer com que se abra a assembléa no dia marcado.

§

Pouco depois do representante, passou um folhetinista dando o braço á um personagem importante.

— Então como é isso, — dizia o personagem, desvaneceu-se a nuvem negra? Não ha mais opposição?

— Não; tudo isto acabou.

— Ora senhor....

— De que se admira, meu amigo?

— Pois esses homens que gritavão tanto....

— Ouvirão a missa do *Espirito-Santo*, meu caro.

— E então?...

— Ficárão *inspirados*.

— Ah! *Intendo*, como diz o Gentile.

— Por fallar nisto, — retrucou o folhetinista, — lembra-me que na occasião da abertura da assembléa á musica tocava á aria do tenor do 4º acto do Trovador. *Madre infelice corro á salvarti!*....

— Seria uma allusão?

— Não sei, meu amigo: mas a época é de calembures e trocadilhos.

§

Ahi vem um capitão de artilheria....

Enganei-me: é um correio do ministro vestido em grande uniforme.

Depois que os estafetas do correio adoptárão a jaqueta de panno com vivos,—é justo que o estafeta do ministro, que constitue a aristocracia da classe, recorra á sobrecasaca militar. *A tout seigneur, tout honneur*.

Tinha já visto tanta cousa, faltava-me ver o que existe dentro de uma pasta do ministro.

Em primeiro logar havia o rascunho de um projecto para estabelecer o emprego do escriptor publico, á guisa do promotor, do professor e do advogado publico.

Necessidade de marcar-se um bom ordenado ao escriptor publico,—o qual deve ser examinado como o professor, e marchar de accordo com a policia como o promotor.

Vi tambem os papeis relativos á nomeação do novo inspector da instrucção publica, logar que exerce interinamente o illustrado e infatigavel Dr. Pacheco da Silva.

Entre os nomes II e do Sr. visconde de Sapucahy, do Sr. marquez de Abrantes, e de muitas outras pessoas habilitadas; mas n'um cantinho descobri escripto de um modo especial o nome do Sr. Herculano Penna.

Deixei estes papeis, convencido que a dignidade e energia com que o Sr. visconde de Itaboraby exerceu este cargo, exige que o governo medite bem antes de decidir-se na escolha do seu successor.

Vi tambem uma porção de pedidos de demissões de presidentes, de nomeações de outros, de lembranças á respeito, que me derão a entender ia haver uma contradansa geral nas altas posições administrativas.

Tudo isto porém ainda é segredo; e vos conto em confidencia.

Parece que os Srs. Penna e Zacharias renunciárão as suas presidencias, e que irá para o Alto-Amazonas o actual presidente do Maranhão, um dos mais dignos caracteres e dos mais notaveis administradores que temos.

Os presidentes da Bahia e Rio Grande do Sul veem assistir a esta sessão com a idéa firme de não reassumirem os seus cargos.

Ia-me esquecendo dizer que estava na tal pasta um voto de agradecimento da provincia do Rio de Janeiro, por se acharem na vice-presidencia, e no cargo de chefe de policia, dous dignos fluminenses.

Vinha de envolta uma pequena queixa por ser tudo isto apenas uma interinidade; mas tambem para uma provincia cuja deputação não tem em seu seio quem a possa reger, é ser muito exigente.

§

Passou o tal capitão improvisado, e eu limpei os vidros de minha luneta, guardei-a cuidadosamente para me servir em melhores occasiões, e fui tratar de escrever alguma cousa, para que os meus leitores não me tomem por negligente.

Li hoje um bello *folhetim* lyrico em que se acha mão tudo quanto o *Mercantil* cabiu na asneira de achar bom. Li-o com muito prazer, e sem sorpreza.

Quem julga que a *Zechini* encantou na Luiza Miller, devia logica e necessariamente achar que a *Charton* cantou como uma furia nos Puritanos.

O *Campestre* deu sua partida no dia 28 de abril. O baile vai em decadencia quanto á dansa: mas em compensação o serviço é excellente e de uma profusão inexgotavel. O Francioni conseguiu vencer a sorvete e a empada a carga cerrada dos *Cossacos* e *Zuavos* de vinte pollegadas de altura.

A nova empreza lyrica fez a eleição da sua directoria, e da noticia que publicárão os jornaes haveis de ver o acerto da escolha. O Sr. visconde do Giquitinhonha aceitou a presidencia.

No horisonte poetico da bella sociedade já se lubriga um baile do Cassino, uma regata em Botafogo, e algumas partidas familiares e encantadoras.

Venhão essas flôres do mez de maio, flôres perfumadas dos salões, que apenas vivem uma noite, mas que deixão n'alma tantas reminiscencias.

Al

doncia de Goiaz para a do Maranhão.

— O Sr. Olimpio Machado, que administrou o Maranhão nestes quatro ultimos annos, foi nomeado presidente do Amazonas. Dizem-nos, porém, que attendendo ao seu estado de saúde o governo imperial lhe concedêra licença para vir á côrte.

Por fallarmos em Amazonas, referiremos a nossos leitores um facto que prova algum progresso nosso. Chegárão a esta côrte no dia 5 do corrente officios e cartas da capital do Amazonas com data de 10 do mez proximo passado. Esses papeis havião chegado á capital do Pará no dia 15 daquelle mez pelo vapor *Tapajós*, com 4 dias e algumas horas, e sahirão nesse mesmo dia para esta côrte no *Guanabara*. Se tivessem vindo no *Tocantins* teria sido possivel termos aqui datas da capital do Amazonas em 19 dias!

Antes da navegação a vapor no norte do Brasil era isto negocio para seis mezes pelo menos!

— Foi igualmente nomeado presidente da provincia do Piauhy o Sr. João Lustoza da Cunha Paranaguá.

— Pela policia da provincia do Rio de Janeiro mandou-se partir para Macabú, a fim de ali serem executados, os sentenciados á morte Florentino da Silva, Faustino Pereira da Silva e o preto Domingos, co-réos do justiçado Motta Coqueiro.

— Trata-se amanhã no senado, em 3ª discussão, das resoluções da camara dos deputados, que concedem aposentadoria ao desembargador Bernardo de Souza Franco e ao juiz de direito Manoel Joaquim de Sá Mattos, e carta de naturalisação ao padre Nicoláo Germaino e outros.

— A camara dos deputados occupar-se-ha na sessão de amanhã das materias anteriormente designadas, tanto na 1ª como na 2ª parte da ordem do dia, da 1ª discussão do projecto deste anno, que approvara a pensão concedida ao furriel Francisco Pereira da Costa; da 1ª dita do projecto deste anno, que crêa um collegio eleitoral na villa de Maracá, provincia da Bahia; e da 2ª dita do projecto deste anno, approvando o privilegio exclusivo e o auxilio pecuniario concedidos á Associação Sergipense, para a creação do serviço de reboque nas differentes barras da provincia de Sergipe.

— Hoje, dia de S. Manoel, alguns devotos do mesmo santo mandão celebrar uma missa á cantochão na igreja de Nossa Senhora da Candelaria, tendo antes instituido uma devoção para festejar todos os annos em igual dia o seu santo patrono.

O Exm. e Revm. Sr. bispo conde capellão-mór foi eleito unanimemente protector da nova irmandade.

cer da commissão de negocios ecclesiasticos sobre a desmembração da freguezia do Engenho-Velho.

Levantou-se a sessão á 1 hora da tarde.

Na camara dos deputados o Sr. Evangelista Lobato discorreu até á uma hora da tarde sobre os negocios do Rio Grande do Sul, tendo obtido permissão da camara para ultrapassar a hora marcada para os requerimentos.

A' uma hora da tarde passou-se á discussão da lei de fixação de forças. Estava presente todo o ministerio, á excepção do Sr. Marquez de Caxias.

Pedio a palavra o Sr. presidente do conselho e expoz que a modificação do gabinete não trazia mudança na politica, nem na marcha da administração. Os novos ministros da marinha e da guerra erão tirados da maioria do senado e da camara. Os ministros demissionarios não se tinhão retirado em consequencia de um voto das camaras em sentido hostil. O Sr. visconde de Abaeté desde o anno passado que instava por sua demissão para acompanhar sua senhora a uma viagem de saude, ordenada pelos medicos. O orador era de opinião que para esse fim bastaria uma licença com certo praso. Mas depois das ultimas noticias officiaes a respeito das negociações do Paraguay, o Sr. vis-

para uma retirada do Sr. visconde de Abaeté, e não o seu desejo de deixar a gestão dos negocios publicos por incommodos de familia.

O Sr. presidente do conselho concluiu dizendo que o governo imperial, quanto ao seu direito perfeito de navegação, tem o proposito de não o fazer valer pela força, sem esgotar todos os meios pacificos e diplomaticos; e que quanto á questão de limites, não se apartará do que expozera á camara.

O resto da sessão foi preenchido pelo Sr. conselheiro Dias de Carvalho, de cujo discurso daremos depois os topicos, que dizem respeito á situação e vistas do partido que esse illustre parlamentar representa.

CHRONICA JUDICIARIA.

(SESSÃO DO DIA 15 DE JUNHO.)

A sessão de ante-hontem teve seus incidentes bem devertidos, principalmente no julgamento do segundo processo. Tratou-se ainda de uma investida na têta da mãi patria. Não houverão tubos de chumbo; porém correntes de ferro:—a questão ainda foi metalica, e metal da fazenda publica. Não sabemos porque a raça dos larapios e ratoneiros tem tanta inclinação para o reino mineral.

tona, quiz dar de gamboes para a terra, que o viu nascer, empalmando o producto da venda do pretinho José de D. Francisca Maria da Conceição, moradora na Mangaratiba; mas não póde levar ao fim a sua especulaçãosinha, e lá foi para o xilindró comer o pão que o demo amaçou. Este pobre christão, feito Beduino, compareceu no tribunal sem padrinho, e quasi no risco de ficar pagão—encontrou um energico mantenedor, que depois de uma breve allocução—se offereceu para defende-lo. Esse cidadão foi João Ribeiro Pinto Cardozo, que assim se exprimiu eloquentemente, antes de subir á tribuna de advogado. « Senhores, o Sr. juiz, se ha de comprometter-se, e embaraçar-se a justiça, e a causa deste réo, eu « me offereço para esgotar a minha fraqueza, « defendendo este réo.... (*Retobrando de enthusiasmo.*) Não quero que se diga, que pisando « no solo brasileiro, *pisando nas leis brasileiras*... « era vergonha, que viesse ao tribunal um réo « não achasse advogado no Rio de Janeiro!!!... » Depois deste brilhante preludio de eloquencia, que é uma verdadeira amostra do que seria a defesa, o nosso heroe subiu, e empolgou-se na tribuna de onde confortava e dirigia o seu cliente José Domingues da Silva por entre longas risadas do respeitavel auditorio.

rador na rua Nova do Livramento. Convulsões.

João Augusto dos Santos, natural da ilha de S. Miguel, 19 annos, solteiro, compositor, morador na rua do Sabão. Tuberculos pulmonares.

José Maria da Assumpção, natural do Rio de Janeiro, 70 annos, solteiro, criado, morador na rua do Lavradio. Affecção cerebral.

Anna, innocente, filha de João Francisco Marques, natural do Rio Grande do Sul, 1 1/2 anno, morador na travessa da Barreira. Febres intestinaes.

Eugenia, innocente, filha de Rosa Isabel Monteiro, natural do Rio de Janeiro, 6 mezes, moradora na rua do Sacco do Alferes. Tuberculos mesentericos.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 14 do corrente, 4 pessoas livres e 1 escrava, a saber:

José Vieira, ignora-se a naturalidade, 25 annos, solteiro. Diarrhéa.

Antonio da Cunha Leite, natural do Porto, 18 annos. Diarrhéa.

Rita Maria de Souza, natural do Rio de Janeiro, 28 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.

Catharina Maria de Sant'Anna, natural do Rio de Janeiro, 79 annos, solteira, costureira. Demencia senil.

Attenção!!!

O Sr. Ignacio José Ferreira Maranhense, redactor da conceituada folha *O Brado do Amazonas*, fez publicar o seu n. 60, que está importantissimo; o nosso VATE DO BACANGA defende com toda a energia a sabia politica do NOBRE EXM. SR. MARQUEZ DE PARANÁ, PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS; acompanha o *Brado* o POMPOSO E BRILHANTE DISCURSO DO SABIO, HONRADO EXM. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA.

O Brado do Amazonas está muito importante e digno de toda a attenção, a 120 rs. a folha, na rua dos Ourives n. 15 B.

PAGINAS MENORES.

Rio, 17 de junho.

AO CORREIO DA PENNA.

(REVISTA.)

Sexta-feira por volta de oito horas ia meu caminho para o theatro lyrico; assistir a terceira representação da *Anna Boulena*, quando me entregárão uma carta que me era dirigida!...

Uma carta!

De todas as especies de escriptos que eu conheço, a carta é sem duvida a mais interessante, a mais curiosa, e sobretudo a mais necessaria.

A carta é um livro n'uma folha de papel, é uma historia em algumas linhas, um poema sem cantos; póde ser um testamento, uma confidencia, uma entrevista, um desafio, uma boa noticia, ou o annuncio de uma desgraça.

E' um passaro, uma ave de arribação, que vôa a longes terras, aos climas mais remotos para levar ao amigo ausente as palavras e os pensamentos da amizade ou do amor.

E' uma especie de fio electrico que communica atravez do espaço e da distancia duas almas separadas por uma infinidade de leguas, dous homens que muitas vezes nunca se virão, e que entretanto se conhecem.

Quando derão este nome a esse pequeno parallelogramo de papel, que n'um minuto póde devorar uma fortuna colossal, foi por uma analogia que talvez tenha escapado a muita gente.

Como a carta do baralho, a carta escripta produz as mesmas emoções, o mesmo delirio: tambem ella tem seus lances de fortuna ou de azar no jogo da vida.

Se uma dama ou um az, ou um valete que se volta sobre o tapete verde, póde arruinar-vos ou enriquecer-vos, da mesma maneira neste *lansquenet* do mundo a que se chama a existencia, uma carta que se escreve póde trazer-vos o sorriso da ventura ou a lagrima de desespero.

A unica differença é que o baralho tem quarenta cartas, e que a vida tem mil alternativas. No mais a semelhança é perfeita, e todas as cartas deste mundo são uma e a mesma cousa.

Deveis ter ouvido fallar n'uma especie de compromisso politico, n'um salvaterio que os governos costumão dar ás nações, e a que se chama [illegible].

Que é isto senão uma carta com a qual os governos e os povos jogão essa partida de *ecarté politico*, na qual ganha o parceiro que marca seis *pontos*, isto é, que nomeia seis ministros?

Por isso nós fizemos bem em trocar o nome pelo de constituição, que é mais expressivo, e que não admitte nem sequer esses jogos de palavras.

Tudo isto erão reflexões que me acudião ao espirito emquanto seguia o meu caminho, e procurava adevinhar pela fórma e pela dobra o que continha a tal carta.

Bem sabeis que isto é uma arte preciosa; e que ha sujeitinho capaz de adevinhar a mão que escreveu uma carta, e o fim com que a escreveu, sómente pela maneira porque se acha dobrada, e pelo papel da *enveloppe*.

Assim, uma cartinha fina, perfumada, macia, trahe sempre a mulher; uma capa elegante mais dobrada ás pressas indica geralmente o homem de estado, um ministro, um funccionario emfim sobre quem pesa um trabalho invencivel.

Ora a minha carta não tinha parecença alguma com estas duas especies descriptas; estava fechada simplesmente como qualquer carta que sahe do correio.

Porisso como, nada tinha que me interessasse metti-a no bolso e fui ouvir *Anna Boulena*, sem mesmo ler-lhe o sobre-escripto.

Ahi levei a conversar sobre a nova reorganisação ministerial; e quaesquer que fossem as opiniões daquelles com quem fallei, a todos ouvi o mesmo pensamento e a mesma idéa sobre o novo ministro o Sr. Wanderley.

E' innegavel que este nome dá nova força e novo prestigio ao gabinete, que de certo não podia fazer uma melhor acquisição.

Quanto á necessidade da completa retirada do ministerio, isto é questão á parte, e sobre a qual só daqui a algum tempo se poderá emittir um juizo seguro.

Entretanto felicitemo-nos por vêr definitivamente reconstituido o governo do paiz, que durante os ultimos dias deu signaes de uma crise bastante forte.

Já não veremos a curiosidade pintada em todos os semblantes, o receio de alguns e as esperanças de muitos em luta, e á mira de uma solução definitiva.

Dizem que muitos não acceitárão a pasta; e por isso será bom cuidarmos desde já em fazer do cargo de ministro uma especie de guarda nacional ou de jury, a que nenhum cidadão se poderá escusar.

E' preciso de vez em quando fazermos um pequeno sacrificio pela patria, por ella que tantas vezes se *sacrifica* por nossa causa, por nossos interesses pessoaes.

Se não lhe fizermos esses sacrificios, quem preencherá os logares de senadores, deputados, presidentes, ministros, e *bispos* de uma ou outra igreja?

Além da reconstituição do gabinete nada mais houve de interessante nos altos dominios da politica.

A camara dos deputados esperava e desesperava, conforme os diversos boatos que corrião pelos corredores a cada hora e a cada instante.

O senado (coincidencia notavel) em quanto o ministerio estava em crise discutia magistralmente uma lei de *pescarias*.

Esta lei, apezar de muito bem sustentada pelo seu illustre autor o Sr. marquez de Abrantes, soffreu no senado grande opposição.

Apezar da consideração que merecem as opiniões oppostas ao projecto, cumpre attender á penuria e á escassez de generos alimenticios, que quasi todos os annos em certa época vai apparecendo no nosso paiz.

Uma lei de pescarias sabiamente elaborada, seria não só um importante ramo de commercio e industria, mas um meio efficaz de supprir no mercado a falta dos generos de primeira necessidade.

Ultimamente tem-se fallado muito de mudança de presidentes, e entre aquelles que se designão, ouvimos o nome do Sr. conselheiro Vicente Pires da Motta, que deseja retirar-se do Ceará por incommodos de saude.

Estamos convencidos que o governo empregará toda a sua solicitude para que o Sr. Pires da Motta continue a dirigir a provincia, que tão bem tem acolhido a sua administração.

Quando porém qualquer mudança se dê, esperamos que o Sr. marquez de Paraná faça uma escolha acertada, nomeando um homem que tenha, como o actual presidente, grande tino administrativo, e a energia necessaria para vencer exigencias absurdas de pequenas influencias locaes.

E' isto pelo menos o que exige a politica do actual ministerio, e a sua prudencia governativa, afim de não termos de lamentar scenas desagradaveis, e de não retrogradarmos de um estado, que embora não seja o melhor, é comtudo mil vezes preferivel ao passado odiento de alguns annos atraz.

Ainda uma palavra.

Temos na nossa administração um empregado de alto merecimento, de qualidades eminentes, de uma intelligencia e de um zelo provados por grandes serviços, e importantes trabalhos.

Fallo do Sr. Dr. Eduardo Olimpio Machado, actual presidente do Maranhão, que vai dirigir a provincia do Amazonas.

Estamos certos que logo que haja opportunidade o governo aproveitará melhor este habil administrador, que uma molestia cruel impede de continuar a residir nas provincias do norte.

Parece-nos mesmo que se achando vagas algumas presidencias de provincias do sul, se faria a uma dellas grande serviço, e ao Dr. Olimpio estricta justiça, nomeando-o para um desses logares.

Mas lá se ergue o panno, e como desejo ouvir o terceiro acto sem perder uma nota, deixo a minha conversa, e entrego-me todo á arte, á musica.

Mas decididamente estava na noite das distracções.

Apenas a Charton começou a cantar o seu bello romance,—o meu pensamento deixou-me, e em menos de um segundo tinha transposto mares e serras.

Andava pela Europa,—o brejeiro! Como eu não posso ir, elle mette-me inveja, e leva o tempo a fazer-me figas.

N'um minuto passeou pela Italia, viu Emma la Grua aprontando-se para a sua viagem d'além mar, e depois entrou em Londres, e foi a *Covent-Garden* ver a Johanne Dejean, que representava a Norma.

Esta, não é uma moça encantadora como dizem que é a linda italiana, não é uma Rosina faceira e graciosa como a Charton, é uma mulher talhada para as grandes paixões, para as commoções fortes e violentas.

Sua voz de soprano, ampla, sonora, de uma grande extensão e volume, dizem que tem esses accentos de desespero, esses gritos d'alma, que fazem estremecer como um choque electrico, que fazem correr pelo corpo um calafrio de emoção.

E' uma voz para o ciume selvagem da *Norma*, para a vingança e para as paixões de *Lucrecia Borgia*, para a ambição de *Macbeth*, para todos esses dramas emfim em que os sentimentos tragicos attingem á sublimidade.

Entretanto esse mesmo timbre de voz torna-se doce, terno, sentimental, quando a artista traduz o amor feliz, e essas delicadas emoções do coração que se expande.

Por isso affirmão que ella não tem repertorio; canta a musica italiana de preferencia; e executa qualquer opera de soprano que lhe designem.

Com ella deve vir o tenor Tamberlik que actualmente goza na Europa da reputação de um dos melhores cantores no seu genero.

Foi isto que o meu pensamento viu em viagem; e que me veiu contar, tirando-me assim todas as minhas bellas illusões da noite.

Comecei á reflectir sobre o destino das glorias deste mundo.

« Ainda esta noite,—pensava eu,—a Charton pisa a nossa scena lyrica como rainha e como soberana. Algumas reminiscencias que nos deixou a Stoltz já estão apagadas. Brilha n'um céo sem nuvens como o astro das nossas noites, murmura ao ouvido como o éco das harpas eolias, surge no meio de uma aureola de luz como o anjo da harmonia.

« Daqui a um mez, ou a dous talvez, quem sabe se não lhe arrancarão a sua corôa, e os de tantos *bouquets*, de tantos applausos, terá uma flor solitaria, e um simples monosyllabo de admiração, desses que partem espontaneamente do peito? »

Os abysnios forão um povo da antiguidade que, como os judeus, perdêrão a sua patria e se espalhárão pelo mundo, misturando o seu sangue a todas as raças.

Quando o sol se ergue todos se *levantão*; quando elle chega ao occaso todos se *recolhem*, e tratão de dormir.

Ha porém homens para quem a noite é mais bella do que o dia, para quem uma estrella perdida no azul do céo, é mais encantadora do que o astro rei com todo o seu fulgor.

Estes saúdão o sol quando nasce,—mas á noite contemplão a estrella fugitiva e a acompanhão no seu caminho solitario.

Infelizmente porém ninguem neste mundo depois de ter sido sol, deseja ficar estrella; e este é o grande mal.

De tudo isto nada se conclue.

Esperemos.

O pomo da discordia está lançado; o banquete lyrico se prepara, e o publico, como Paris, tem de julgar.

Que julgue bem, porque a luta deve ser gigantesca, como os combates da Iliada e da Odyssea, como as peregrinações da Eneida.

Aposto porém que já estais desesperados por saber da carta que recebi quando ia para o theatro.

Chegamos á ella.

Era escripta em francez, e continha versos, versos feitos por mulher!

Devo porém prevenir-vos que não acreditei nem um momento na verdade da assignatura; tomei por uma innocente brincadeira de algum amigo desconhecido, e como os versos são bonitos, vo-los offereço.

Eis a carta:

« 13 de junho de 1855.

« Monsieur. — Si vous voulez les protéger, j'aurai le courage de vous en envoyer d'autres.

« A' jeudi prochain.

« Souffrez que je garde l'anonyme, ce petit air de mystère, a un je ne sais quoi, qui me rend plus *hardie*, ou plutôt moins craintive.

« A' vous d'amitié

« *Elle.* »

DANS UN ALBUM.

185'.

Dans votre album, où la jeune amitié laisse
Des songes de bonheur, des projets d'avenir,
Pourquoi vouloir, ami, que ma sombre tristesse
Vienne jeter son deuil sur aussi doux loisir.

Vous ne savez donc pas, que le rire de ma lèvre
[illegible]
[illegible]
[illegible]

Moi aussi, j'ai connu, ces jours pleins d'espérance,
Quand je croyais à tout, aux promesses, au devoir,
Leur souvenir est mal, éveille la souffrance,
Car ils ne m'ont laissé qu'un brûlant désespoir.

Ce n'est donc pas la froide indifférence
Qui m'empêche d'écrire un mot de souvenir;
Mais je ne voulais pas, vous dont la vie commence,
[illegible]

Elle...

Rio de Janeiro.

Bem vedes que se é uma caçoada, é tão delicada e de tão bom gosto, que vale a pena deixar-me enganar, quando mais não fosse, ao menos para dar a vossa curiosidade, minhas bellas leitoras, esse lindo thema para sobre elle fantasiares á vontade.

E' realmente uma mulher, uma mulher bonita que escreve lindos versos em francez, — que tem no fundo d'alma o desengano e no labio o sorriso, como uma flor pallida que nasce entre as ruinas, como essa chamma livida que lampeja um momento entre as cinzas quando o fogo se extingue?

Ou será alguma mocinha timida que vota á poesia as premicias de sua alma, e que deixa cahir, sobre o papel em versos, esses primeiros perfumes de um coração de dezoito annos, essas primeiras flôres da mocidade e do amor?

Podeis fazer como estas mil outras supposições, o acceitar aquella que mais vos agradar, e que mais se harmonisar com o vosso espirito e com os vossos sentimentos.

Quanto á mim, ou porque já estou um pouco sceptico a respeito dessas dôres concentradas e desses soffrimentos mudos que sorriem, ou porque me achasse em más disposições para a poesia, o caso é que, apezar da letra fina e delgada, apezar do pronome da assignatura, nem um instante acreditei que houvesse nisto *dedo de mulher*.

Vi logo que toda esta historia não passava de uma engenhosa invenção de algum sujeito que, ou queria abusar da minha boa fé, ou se envolvia neste véo poetico do mysterio, para obter de mim a publicação de seus versos.

Fiquei pois firmemente convencido que a tal assignatura de tão mysteriosa significação, não era outra cousa mais do que a letra inicial do nome do poeta escripta por extenso—*elle!*

Tambem póde ser que o pronome deva ser lido em portuguez, embora os versos sejão francezes; e então toda a poesia desapparece diante desta transformação do sexo, produzida pela mudança de linguas.

O que sei é que em tudo isto ha uns olhos feios ou bonitos, de homem ou de mulher, que estão percorrendo estas linhas, e procurando com anciedade ver se conseguirão enganar-me; e queira Deus que um sorriso ironico não faça côro com esse olhar curioso.

Agora, minhas bellas leitoras, deixo lhes a decifração do enigma; e só lhes peço que se acaso acertarem com elle, não se tornem egoistas, e m'o communiquem, para rir-me tambem da caçoada feita a todos nós.

Entretanto, se a nossa *incognita* (incognita em algebra é commum de dous) se a nossa *incognita* continuar a mandar-me os seus versos, e se elles forem bonitos como os primeiros, continuarei a publica-los, e a dar-vos assim no meio da minha prosa chilra algumas flôres de poesia.

Conversemos agora a respeito de theatros.

O Gymnasio conseguio fazer a excellente acquisição de uma nova artista, moça de educação fina, e que promette um excellente futuro. E' filha de uma artista que já teve seus bellos dias no nosso theatro.

A nova artista deve estrear segunda-feira, n'um pequeno papel que lhe foi distribuido para dar-lhe tempo á familiarisar-se com a scena.

O theatro de S. Pedro continúa no mesmo estado. Breve porém o veremos transformado em uma bella scena lyrica, na qual alguns cantores do *cartello* que dizem devem chegar da Europa, nos darão noites bem agradaveis e bem animadas.

Com a rivalidade dos dous theatros muito ganharemos na bondade dos espectaculos, e no zelo dos emprezarios.

Al.

um roteiro certo pelo qual se
que a seguem.
nisto, ia-me esquecendo dizer o
incommodado ver a causa do Sr.
iça,—uma tão bella causa,—com-
dó por um dos *P. P.* do minister
ornal do Commercio.
fallado (á proposito de custas) em
, em oraculos de Themis o sphyn-
nas historias da vovó, nos ico-
inistro Roland, e na abobada ce-
por chamar a justiça *barata!*
me diz a isto o Sr. ministro da
o se desrespeita a S. Ex., como se
instituição tão severa, como se
nação de tanta gravidade sobre a
ura, e sobre todos os empregados
?
barata, segundo diz o *P.* do *Jor-*
o, a consequencia é facil de tirar;
uter da lembrança teve o cuidado
inteiramente alheio a essas con-
forenses.
, por conseguinte, para bem tra-
lesta natureza!
ocio das custas, já não tenho nada
melhante discussão, visto que os
egimento estão fazendo sabbatina,
ituamente as objecções e argu-
um aprosenta.
l do Commercio elogia as custas,
ró, a razão dos seculos passados,
e carunchosas; o *P.* do *Correio*
a idéa civilisadora da revogação
demna o systema emolumentario
soleta dos nossos antepassados.
os justiça barata e gratuita, o ou-
azer os tribunaes accessiveis ao

se aveuhão os dous, que nós la-
este negocio: podem discutir li-
u brigar á sua vontade. Só peço
n do Sr. ministro da justiça, que
ntigo anezim: — *Brigão as co-*
m-se as verdades.
questão está o mais interessante
...ppa do Jornal do Commercio,

gistrar as terras dessa freguezia.

depois de uma luminosa definição de imposto, declarárão magistralmente que as custas não podem ser classificadas como uma contribuição daquella natureza. Hontem appareceu o *P.* na mesma folha, dizendo « que as custas se devem considerar como um *imposto*, que afinal recahe integralmente sobre o demandista de má fé para punir a sua avidez. »

Parece mesmo uma cousa de proposito, e caso pensado; um diz uma cousa, o outro contraria immediatamente, e, o que é mais engraçado, contradiz-se a si mesmo. Assim o Sr. *P.* do *Jornal*, que, « pouco sabe de estylo forense e de formulas sacramentaes, » declara dogmaticamente que não se devem prescrever essas palavras que elle nem comprehende.

Mas o correspondente tem medo que, « condemnando aquellas formulas como inuteis, se sacrifique uma garantia de precedencia (não entendo) para com os direitos da parte; » e como o Sr. *P.* tem medo, está acabado, não se deve fazer a reforma.

Na verdade, que fortes garantias não existem nesses *aranzois* dos termos antigos, nesses erros grammaticaes que formão uma giria, a que infelizmente se chama estylo forense!

Quando no começo de uma escriptura se diz: « *Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos e cincoenta e cinco, aos tantos de tal mez, etc*, » a parte tem mais garantia de que se se escrevesse simplesmente a data do anno e do mez.

Se o advogado no libello se esquecer de traçar meia duzia de letras *maiusculas*, que traduzidas formão um palavreado de rabula, a causa está perdida, as leis da justiça ficão desrespeitadas!

E portanto conservemos essas phrases ocas, que nada exprimem, que só servem de fazer da linguagem da justiça uma especie de algaravia, uma giria incomprehensivel que ainda mais auxilia a dependencia em que vivem as partes a respeito dos homens de justiça.

Olhe, Sr. *P.*, quem o obriga a fallar dessas cousas, commette uma impiedade, porque está mettendo á bulha uma questão séria, e compromettendo a sua reputação de anonymo, que já ia tão bem, cahindo com aquelles seus primeiros ataques

neios juridicos, com aquellas glosas feitas á reforma judiciaria.

Dizem que os *motes* vinhão da secretaria da justiça, mas eu não creio em semelhante aleive. São cousas que espalhão adrede os invejosos, que teem ciume do seu genio, da sua sciencia infusa, capaz de tratar profundamente de questões de que pouco entende.

E o erro de imprensa? Não é interessante essa omissão em que fallão todos os defensores do regimento, mas que nenhum delles sabe qual ella é? Não é tão regular que o regimento esteja em execução, que os porteiros vão recebendo o meio por cento, e que o ministro activo e laborioso, nem sequer se dê ao trabalho de expedir uma circular rectificando a omissão do regulamento?

Todos os dias apparece um novo achado. O primeiro foi o erro de imprensa, depois os erros de cópia. Pobres compositores, pobres copistas, que carregais com as culpas de vossos illustres collegas! Quando digo vossos illustres collegas refiro-me aos que *compoem* codigos, e aos que *copião* regulamentos e reformas dos livros francezes e das revistas de legislação.

Semelhante lembrança do erro de imprensa foi desgraçada; todos virão nisto uma confissão dos defeitos e das irregularidades do regimento de custas, — confissão desairosa — porque nem ao menos tivérão a coragem de a fazer como uma declaração formal, como uma satisfação ás justas e comedidas censuras que apparecêrão.

Mas entendêrão que ficava mal aos mestres, aos decanos da sciencia, aos novos Papinianos, dizerem claramente que tinhão errado, sobretudo quando discutião com uns ignorantes, que não sabem cousa alguma, e que sem a menor modestia ousão fallar em jurisprudencia, quando homens como o Sr. *P.*, sacudindo a sua cabelleira empoada, deixão cahir o *pelme succoso da sciencia*.

Esta ultima phrase é *augusta*: servimo-nos della, mas não sabemos o que quer dizer. Não faz mal: seguimos o exemplo do correspondente do *Jornal do Commercio*.

Concluindo porém este artigo, não podemos deixar de felicitar-mo-nos por ver que alguns dos mais distinctos e extremos defensores do regimento de custas confessão com a sua reforma a necessidade

conhecimentos a necessidade de acabar com as custas que percebem os juizes, e de livrar a magistratura desse cancro, — embora se conserve o regimen antigo para os officios de justiça.

Nunca desejámos reformas precipitadas. Quando atacámos em geral a instituição das custas, foi sempre na idéa de que, reconhecida ella como defeituosa, devia ser pouco a pouco substituida por um systema mais perfeito.

Por isso, se o Sr. ministro da justiça pretende realizar semelhante melhoramento, poderá contar da nossa parte com aquella mesma pequena e pouco valiosa adhesão, que temos mostrado sempre que S. Ex. tem iniciado uma medida util para a nossa legislação.

A penna, que sem interesses nem considerações defendeu a sua reforma hypothecaria, sustentou a sua reforma judiciaria, e censurou o seu regimento de custas, desejaria poder fazer alguma cousa para a adopção de uma idéa cujo grande alcance todos comprehendem.

Isto porém não quer dizer que voltamos da nossa maneira de pensar a respeito do regimento. Não: temos a este respeito uma opinião firme; mas desde que attingimos o fim desejado, guarde cada um a sua convicção, e unamo-nos para fazer um serviço á justiça do nosso paiz.

Quando a questão que presentemente se agita nos levar á extincção das custas que percebem os juizes, todos nós teremos motivos de nos felicitarmos.

Se a razão está da parte dos defensores do regimento que sustentão a necessidade de uma autorisação do corpo legislativo, cabe-nos a nós a iniciativa de uma idéa util e *conveniente*.

Se ao contrario nós temos a justiça pelo nosso lado, os defensores do regimento terão prestado um relevante serviço á causa publica, dando o exemplo de uma discussão leal, aceitando a verdade do onde quer que ella venha, e auxiliando com as suas luzes uma reforma de grande interesse.

Agora, meu amavel leitor, podemos conversar mais familiarmente sobre outras cousas da semana.

Esqueci que hoje é o 1º de abril. O que vos [illegible] a dizer é muito serio. Pretendia occupar-

vos um folhetim apropriado ao
tempo de *custas* tudo *custa*, e po
vos á semsaboria da quadra,

Demais, os *poissons* do 1º de
este anno tão cedo, que já perdêrã

O *tudo* e *nada* do *Jornal do Com*
creve sempre a segunda parte
nunca chega á primeira, descob
mento de custas era uma pulha.

No Maranhão os visionarios es
Dr. Olympio Machado fôra demitt
cia justamente no momento em qu
funccionario merece toda a confia
pela sua excellente administração.

Nesta côrte o Theatro Lyrico ta
gou um formidavel logro com o
nhado de *Remorso*. Se alguma
farça que se paroça com o titulo,
do autor por tê-la composto, e o d
se ter animado a fazer representar
grottesca.

O outro logro foi a recita de qu
se transferiu a pretexto de molesti
verdadeiro motivo, não sei; a dire
não dá satisfações ao publico; ma
que naquelle dia, por volta do m
não se tinha vendido um só bilhete
turalmente os apaixonados da *Z*
todos afflictos com a molestia da *le*

Ainda uma vez insistimos para q
esse monopolio lyrico, tão prejudic
ses do publico. Não sei que razão
escrupulo, póde fazer continuar s
todo, o recear uma concurrencia,
são geralmente reconhecidas.

Temos uma nova empreza lyrica
uma subvenção se propõe dar e
Theatro de S. Pedro de Alcantara.
via não só autorisar semelhante e
facilitar-lhe todos os meios de leva
projecto; porque assim conseguirã
lentes representações, melhores ar
mos dentro de alguns annos uma
mia, reconhecendo que podem o
lyricas não subvencionadas.

Outra grande vantagem desta e
tuição de um grande theatro [illegible]

quando está no mesmo theatro a c

u acompanhar esses baudos de moças que
, e ouvir as suas fallas doces e os seus
gros o festivos:

ides quéda pelos antigos costumes dos
ais, que já vão cahindo em desuso, irias
er as barracas do Espirito Santo, e tal-
lembrassemos daquellas novenas do cam
ncantadoras com as suas ruas de palmei-
suas toscas luminarias.

om podiamos passeiar aos bellos arrabaldes
e, a Botafogo, ás Larangeiras, ao Engenho
a Andarahy, e fugindo o paz, ir apreciar
a sua belleza *primitiva*, no meio das ar-
por entre as folhagens.

oltemos a pagina.

os na terça-feira, no salão do Theatro Ly-
istindo ao concerto do Arnaud.

nos ouvir boa musica, de differentes maes-
gostos diversos, desde o travesso romance
té a verdadeira musica italiana cheia de
to e de poesia.

d tocou com o gosto que todos lhe conhe-
a fantasia sobre motivos da *Sonnambula*,
mposições suas dedicadas a S. M. a Im-
e ao rei de Napoles.

rton cantou, entre outras cousas, uma
farco Spada, tão graciosa na musica como
E' um lindo gorgeio de rouxinol francez
a por este estribilho:

Vous pouvez soupirer,
Vous pouvez esperer,
Mais songez y bien
Je n'accorde rien.

em pois as minhas leitoras que a tal aria
o *Spada* bem se podia chamar a aria dos
olhos, que não dizem mais do que aquelle
o enigmatico.

meiro requebro de olhos que vos lança
a mulher, o primeiro sorriso de esperança
na os vossos desejos, é o primeiro verso, é
rmissão, um consentimento tacito. *Vous*
oupirer.

a muito tempo, quando ella vê que já os-
ndo tisico de tanto suspirar, póde ser que
da do vosso estado, e que vos lance um
olhar; é uma meia promessa. *Vous pou-*
rer.

muito contente, fazeis loucuras e extra-
s, julgais-vos o mais feliz dos homens,
s a ser um pouco exigente, quando lá vem
o olhar carregado de uma ameaça. *Mais!*
bien!

E não tardará muito que um ultimo volver dos-
denhoso não venha deitar agua fria na vossa pai-
xão e intimar-vos a sentença final. *Je n'accorde*
rien.

Ora, vós sabeis que toda a aria tem repetição
(*reprise*); por conseguinte, depois deste primeiro
ritornello, os olhos cantão uma segunda vez o mes-
mo estribilho, e acabão executando um duo, por-
que tambem depois da aria quasi sempre nas ope-
ras se segue o duetto.

Não sei se lá no concerto succedeu semelhante
cousa, porque quasi todo o tempo estive fóra do
salão com muitas pessoas, para quem não havia
logar dentro.

Ora, isto é uma prova de que o artista que dava
o concerto é tão bem acoito da nossa sociedade,
que mereceu uma grande concurrencia; mas tam-
bem é prova que o salão do theatro não se presta
a uma reunião de mais de quinhentas pessoas.

Do contrario dar-se-ha o que succedeu terça-
feira, e se verão obrigados a fazer aquella mesma
separação de homens e senhoras, que de certo não
é nada galante.

A musica é uma cousa muito bella, mas segura-
mente não é um fogo de Vesta que tenha o poder
de nos afastar da companhia amavel das senhoras,
e privar-nos da sua espirituosa conversação.

Não cuidem que digo isto por mim; apezar de
sentir bastante aquella separação anti-social, anti-
religiosa e anti-politica, se tomo o negocio tão
a peito, é unicamente por causa das senhoras,
que eu adivinho havião de estar desesperadas.

Os motivos do desespero são diversos.

Em umas era porque lhes faltava o quer que é,
porque não ouvião uma fineza, não sentião em
torno o murmurio de admiração a que estão tal-
vez habituadas.

Em outras é porque não tinhão quem lhes fosse
ver o copo d'agua, quem lhes dissesse de que
maestro era a musica que se tocava, quem lhes in-
formasse da hora que era, emfim quem lhes servis-
se de *partner* n'um pequeno jogo de allusões ma-
liciosas.

Mas deixemos os desconcertos, e voltemos ao
concerto.

As glorias musicaes da noite couberão a um trio
do padre Martini, composto em 1730, e que For-
ranti foi desencavar não sei onde: é o trio das
risadas.

Foi executado pela Charton e por Forranti e
Dufrenno com muita graça e naturalidade.

Que excellente musica para quando se está
triste! Diz um proverbio que quem canta seus
males espanta. O tal terceto porém faz mais do
que espantar os males; obriga a rir: começa-se
cantando, e acaba-se ás gargalhadas.

Voltemos outra pagina.

Entrámos no theatro de S. Francisco na quarta-
feira á noite: representão-se duas pequenas co-
medias muito engraçadas e espirituosas.

Se quereis passar uma noite alegre, e rir de co-
ração durante umas duas ou tres horas, não dei-
xeis de ir aos domingos e ás quartas-feiras ver as
representações desse pequeno theatro.

Ouvireis as comicas facecias de um artista que
agora começa, mas que promette muito futuro se
o animarem e souberem dirigir. Vereis como a
mobilidade extraordinaria de sua physionomia se
presta admiravelmente ás expressões de todos os
sentimentos e de todas as paixões.

Lá de vez em quando, no meio dessas scenas
espirituosas e comicas, assistireis a um lance dra-
matico, em que uma excellente artista já vossa
conhecida pinta com a maior naturalidade o amor,
a emoção, o susto ou o terror.

E vereis tudo isto no meio de uma sociedade
escolhida, e admirando talvez pelos camarotes al-
gumas moças bonitas e elegantes que começão a
protegera nascente empreza, e que promettem em
pouco tempo fazer deste pequeno salão um dos
mais agradaveis passatempos da cidade.

A sociedade tem lutado com muitas difficulda-
des, e uma dellas, talvez a principal, seja a repug-
nancia que tem ainda a classe pobre por esta
profissão.

São prejuizos de tempos passados, de que ainda
se rosentem os paizes pouco illustrados, e que de-
vemos procurar destruir como um erro muito pre-
judicial ao desenvolvimento da arte dramatica.

O comico hoje em dia já não é aquelle volan-
tim ou palhaço de outr'ora, sujeito aos apôdos e
ás surriadas do povilhéo nas praças publicas; já
não é aquelle ente desprezivel, aquelle pariá da
sociedade, indigno do trato da gente que se pre-
zava.

Todo o trabalho é nobre, desde que é livre, ho-
nesto e intelligente; toda a arte é bella e sublime
logo que se eleva á altura do espirito ou do coração.

O comico pertence a esta grande classe de artis-
tas que trabalhão na grande obra da perfeição: é
irmão do pintor, do estatuario, do musico, do ar-
chitecto, de todos esses apostolos da civilisação que
seguem por uma mesma religião e um mes-
mo culto: — a religião da natureza e o culto do
bello.

Cessem pois esses escrupulos irreflectidos que
muitas vezes cortão uma carreira e falseão uma
vocação decidida.

Quantos grandes pintores a Italia e o mundo
não terião perdido, se o desprezo pela arte e os
máos conselhos tivessem abafado na alma do ar-
tista o fogo sagrado, fazendo de um Ticiano e de
outros um máo advogado ou um pessimo fi-
dalgo?

Quem sabe tambem quanta menina pobre e
quanto moço sem fortuna ha por ahi por esta
grande cidade, e cujas esperanças não passão de
um obscuro casamento ou de um emprego mes-
quinho, e que entretanto tem em si o germen de
um brilhante futuro, perdido talvez por uma falsa
idéa da arte?

Actualmente todo o mundo entendo que seu fi-
lho deve ser negociante ou empregado publico: e
tudo quanto não fôr isto é um desgosto para a fa-
milia. Quanto á classe rica e abastada, esta não
quer outra cousa que não seja o sonoro titulo de
doutor.

Doutor actualmente equivale ao mesmo que
fidalgo nos tempos do feudalismo. E' um grão,
um distinctivo, um titulo, uma profissão, um es-
tado.

No tempo da revolução, os fidalgos, os condes,
marquezes e barões emigrárão e fizerão-se tor-
neiros, sapateiros, pintores e mestres de meninos.

E' provavel que daqui a dez annos, com a ferti-
lidade espantosa das nossas academias, o mesmo
venha a succeder aos doutores.

Tudo isto porém parte de um grande erro.

Todas as profissões encerrão um grande princi-
pio de utilidade social; todas portanto são iguaes,
são nobres, são elevadas, conforme a perfeição a
que chegão.

Um máo discurso de deputado não vale um gor-
geio ou uma volata da Charton. Um poema insul-
so, uma poesia sem sentimento não se compara a
uma scena pintada por Bragaldi. Um desenho sem
gosto não prima sobre as fórmas elegantes e gra-
ciosas que o nosso artista Neto costuma dar a um
movel trabalhado por elle.

E assim tudo o mais: o homem é que faz a sua
profissão; a sua intelligencia é que a eleva; a sua
honestidade é que a ennobrece.

Já é tempo de voltarmos a quarta pagina deste
livro das *noites*, que me comprometti a tradu-
zir-vos.

Chegamos á historia de uma representação
no theatro de S. Pedro, quinta-feira á noite
beneficio de um artista nacional.

Conheceis a comedia, e por conseguinte s
mos por ella para ouvir a Jacobson cantar a
do *Attila*, que tão bem representava no Th
Lyrico.

Se a natureza não dotou a esta artista de
voz doce e suave, deu-lhe em compensação o
to, o sentimento e a intelligencia necessaria
comprehender todos os mysterios desta art
vina que tem cordas para cada uma das puls
do coração humano.

O beneficiado tocou no seu violoncello
phantasia do *Trovador*. Nesse momento alg
pessoas distinctas que ahi se achavão sentirã
certo um assomo de orgulho e de brios nacio
quando virão o artista brasileiro, filho da von
e do estudo, arrancar applausos no meio do
beis instrumentistas estrangeiros que tão cava
ramente se prestárão a coadjuva-lo.

O violoncello é um admiravel instrum
Falla, chora, geme o soluça como a voz hum
se não diz as palavras, exprime os sentimentos
uma força de expressão que arrebata.

Como todos os instrumentos de cordas anim
elle tem com o coração humano essa affini
poderosa que faz que cada uma das vibraçõe
quelles nervos destendidos arranca uma puls
das fibras mais delicadas do homem.

Ainda uma pagina; a ultima do livro.

Voltamos ao Theatro Lyrico para ouvir *A*
Bolena em beneficio do Bouché.

Anna Bolena foi uma das oito mulheres
rei volavel, que estava destinado para nascer
tão na Turquia, mas que por um capricho
acaso tornou-se filho de uma rainha de Inglat

O caso é que tão máo como se diz que foi
rique VIII, se elle não tivesse feito as suas br
radas, nós não teriamos passado antes de hon
uma tão bella noite.

O que foi esta bella noite sabem os meus l
res: foi musica de Donizetti cantada por Bouc
pela Charton.

Ora, dizer que o Bouché cantou bem seria
petir o que já disse, e isto é sempre monoto
aborrecido.

Quanto á Charton, que brilhou no romance
rondó final, já não tenho nada de novo que
crever.

Portanto, como os meus leitores não pod
supportar que lhes fallasse do theatro lyrico

o governo, a vaccina e os soccorros medicos erão tambem levados, por ordem do mesmo, ás casas particulares.

Para conjurar esse terrivel flagello tinha sahido em procissão, na noite do 2, a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos. Concorrêrão, segundo affirma o *Estandarte*, mais de 10,000 pessoas.

Continuavão as faltas de chuva, occasionando serios cuidados á lavoura.

Tinhão chegado pela barca *Linda* 152 colonos mandados engajar pela presidencia.

O Sr. Olympio Machado tinha publicado tres importantes regulamentos que provão a sua applicação e zelo pelos interesses da provincia que administra. O primeiro dá instrucções para o governo da colonia militar do Gurupy; o segundo estabelece e regula uma casa de educandos na cidade de S. Luiz sob o titulo de *Asylo de Santa Thereza*; e o terceiro, o mais importante de todos, reorganisa o ensino elementar e secundario na referida provincia. Publicaremos opportunamente aquelles actos da presidencia.

No Piauhy os generos de primeira necessidade vendião-se por preço muito elevado; entretanto não havia falta delles: esse estado de mercado não era devido senão á ambição de alguns traficantes.

A provincia ia mandar a esta côrte o Sr. José Martins Pereira de Alencastre com o ordenado de 1:000$, afim de estudar o methodo Castilho.

Na Parahyba tinhão sido capturados alguns criminosos.

Apparecêra um novo periodico intitulado—*O Commercial Parahybano*.

Tinhão sido approvados os estatutos do Banco Parahybano.

Nas Alagôas o Sr. Manoel José Teixeira de Oliveira remettêra á presidencia algumas lascas de um mineral que muito se assemelha á *lignites*, por elle tiradas de uma grande lage que se acha no canal que communica as duas lagôas do Norte e Pilar: a côr da pedra é quasi preta, e parece ser de natureza betuminosa sulphurea; submettida ao fogo, ardeu com facilidade produzindo labaredas difficeis de apagar, e dando um cheiro semelhante ao do carvão de pedra.

O Sr. presidente da provincia tomava já as providencias para os necessarios exames e explorações.

ro. Procedêrão-se ás eleições de que falla o art. 26 dos respectivos estatutos, e sahirão eleitos para presidente e secretarios da assembléa geral os Srs.: barão da Boa-Vista, H. A. Millet e Luiz do Carvalho; para a nova directoria os Srs.: Potchet, Coulon, Amorim, Lemos Junior e Von Shasteo; para a commissão de exame os Srs.: Bregens, Lasso e Guerra Junior.

Tinhão havido alguns assassinatos e outros crimes contra a segurança individual nas comarcas do interior.

O *Great-Western* chegára a Pernambuco no dia 21.

Na Bahia fôra publicado o regulamento para a arrecadação do imposto sobre escravos despachados para fóra da provincia.

O Dr. Fairbank tratava de encorporar uma nova companhia para a introducção de colonos chins na provincia. Intitula-se — *Associação Chineza*.

No dia 19, na occasião em que sahia o *Great-Western*, levando a seu bordo o Sr. visconde do Uruguay, o forte do mar e a corveta *Euterpe* saudárão a S. Ex. com salva correspondente ao seu cargo. As vergas da corveta estavão cheias de marinhagem que dava vivas ao Imperador.

Progredião os trabalhos da estrada do Joazeiro.

O engenheiro Vignoles achava-se na Pajuca, e só lhe faltava o espaço de oito leguas para concluir os trabalhos de exploração.

Tinhão apparecido casos de febre amarella nos navios surtos no porto da capital.

O vapor *Tocantins* devia chegar a Bahia no dia 27, pois foi encontrado pelo *S. Salvador* nesse dia, já muito perto.

NOTICIAS DIVERSAS.

Consta-nos que uma casa estrangeira tem uma carga de 3,000 e tantas barricas de farinha de trigo, e exige 35$ por cada barrica, sem dar amostras. Compare-se a situação actual com os preços de ha 18 mezes, os quaes erão de 15$ por barrica, e ver-se-ha como vamos á vela! Não nos consta ainda que se haja tomado medida alguma a semelhante respeito. Já na Parte Commercial temos por mais de uma vez discutido este assumpto; e posto que a medida que propuzemos não possa ter um resultado immediato, todavia concorrerá para evitar que a situação se aggrave no futuro.

Por que razão tambem não se emprega algum esforço, não se dá um passo para animar a *replantação* do trigo ou o seu desenvolvimento no Rio

[illegible] nesta parte da approvação da assembléa geral.

Tiverão mercê da *serventia* vitalicia dos officios de

Escrivão dos orphãos da capital da provincia da Parahyba, Luiz da Veiga Pessoa Cavalcanti;

2º tabellião do judicial e notas, e escrivão do civel, crime e orphãos da villa de Baturité, no Ceará, Raymundo Antonio de Freitas.

Por decreto de 28 do dito mez foi reformado no posto de major da extincta 2ª legião da guarda nacional da provincia de Pernambuco, Firmiano José Rodrigues Ferreira.

Por decreto do 1º do corrente forão nomeados:

Commandante superior da guarda nacional dos municipios do Serinhaem, Rio Formoso e Barreiros, da provincia de Pernambuco, Paulo de Amorim Salgado;

Chefe do estado-maior do dito commando, Wenceslão Affonso Bigueira Pereira de Bastos;

Tenentes-coroneis commandantes dos dous batalhões de infantaria do municipio do Serinhaem, Gaspar Cavalcanti de Albuquerque Uchôa e Cyriolano Velloso da Silveira;

Major-commandante do esquadrão de cavallaria do Rio Formoso, Laurentino José de Miranda;

Tenente-coronel commandante do batalhão de artilharia dito, José Antonio Lopes;

Tenente-coronel commandante do batalhão de infantaria do mesmo municipio, Manoel Henrique Wanderley;

Tenentes-coroneis commandantes dos dous batalhões do municipio do Barreiros, Francisco Santiago Ramos e Thomaz Alves Maciel.

Major commandante da secção de batalhão da reserva do mesmo municipio, Ignacio Alves da Silva Santos.

— Foi hontem mandada para a Santa Casa da Misericordia, pelo inspector do 25º quarteirão do Sacramento, a preta escrava Antonia, que tendo-se lançado de uma janella do segundo andar á rua, fracturou a perna esquerda, e ferio o corpo em differentes partes.

Correios. — Parte hoje o de Campos, e o de cartas para Minas. — Amanhã o de Cantagallo.

Espectaculos. — Esta noite repete-se no theatro de S. Pedro o drama sacro — *Os Milagres de Santo Antonio*.

ESTATISTICA DA CIDADE.

Matadouro publico. — Matárão-se, no dia 3 do corrente, para consumo da cidade, 154 rezes, incluindo 4 vitelas: sendo de Francisco José de Mello Souza 132, de José Pereira Cardoso 38, de Raymond 32, de Antonio Pedro Duffour 46, de Zeliuo Antonio Pinto de Miranda 2, de Guegueneo 1, e de José Pedro Cunha 1.

Carne verde. — Durante o anno passado matárão-se, para consumo da cidade, 58,110 rezes.

Só me queixo por falta de materia para fazer a minha missiva, folgo por outro lado por communicar-lhe que continuamos a gozar completa tranquillidade: nem mesmo nos tres dias de entrudo deu-se facto que mereça mencionar-se.

Aqui chegou, no dia 18, pelas 3 horas da tarde, o *Great-Western*, e partiu no immediato ás 2 da tarde, salvando nessa occasião a Fortaleza do Mar e a corveta *Euterpe*, em honra ao Sr. visconde do Uruguay que vinha a seu bordo, e que em terra recebeu todas as demonstrações de consideração que lhe são devidas pela posição politica que occupa e pelo seu caracter pessoal, que não exclue o bom acolhimento a todos que procurão com elle relacionar-se. S. Ex. e toda a sua familia mostrárão-se reconhecidos a tantos obsequios, e no curto espaço de sua demora visitárão os arrabaldes mais aprazíveis, reconhecendo, como todos que nos visitão, que esta capital, vista do mar, tem um aspecto encantador, e que seus habitantes teem caracter franco e hospitaleiro.

Talvez o que deixo dito seja historia velha para o meu amigo, pois deveria ter recebido o *Jornal da Bahia*, publicado no dia da partida do *Paraguayo* para essa côrte.

O barbaro brinquedo do entrudo, que estava morto ha tres annos, resuscitou neste com todas as manhas e mazelas com que fôra sepultado. Os banhos forçados no mar e em gamellas, a seringada, a laranginha cheirosa, o pó branco e preto, o panno grosso embebido em lama, tudo entrou em acção, não obstante a prohibição pomposamente annunciada pelos jornaes. No entanto a policia, com as suas patrulhas armadas de espadas e pistolas, não só era impassivel como se envolvia neste barbaro jogo, para assim fazer o papel de Fr. Thomaz, que ordenava fizessem o que elle dizia, porém não imitassem o que elle fazia. Sinto fazer taes observações, verdadeira censura á autoridade que não sabe *fazer-se respeitar*; sinto que um uso, já em *desuso* por quatro annos, reapparecesse por negligencia da policia, que assim procedendo, pôde autorisar para o futuro a desobediencia ás suas ordens.

Se resuscitou um morto velho vicioso, porco, rixoso e malcriado, appareceu para fazer-lhe frente um gordo rapaz, folgazão, polido e espirituoso, — o baile mascarado, — pela vez primeira introduzido no theatro de S. João, onde foi recebido por um brilhante cortejo de homens e mulheres, e a que se dignárão assistir os Srs. presidente da provincia, general das armas, chefe de policia, desembargadores e negociantes de todas as cathegorias. Nem por ser o iniciado do tal divertimento deixou de ser aprazivel; e a grande concurrencia que houve na ultima noite provou que a planta pegou, e ha de crescer viçosa para dar no anno seguinte saborosos fructos que todos a seu modo irão colher. Apparecêrão *titis, turcos, dominós, hespanholas, pierrots, marinheiros, e até um chinez*. Nem todos dansavão o minuete, antes em uma quadrilha formada por duas crioulas e duas mulatas havia uma mistura de *lundum* que lhe dava graça. Não abundou o jogo de espirito, honra porém seja feita a quem mascarou-se tendo no chapéo o nome *Carijó*.

Falleceu ha dous dias a Sra. D. Maria Magdalena de Lima Queiroz, viuva do tenente coronel Manoel Marques da Rocha Queiroz, e proprietaria do engenho *Cotigipe*. Esta senhora, que recebeu o seu casal individado em cento e tantos contos, em doze annos solveu todas as dividas, e depois augmentou a sua fortuna comprando acções das companhias de credito. No testamento com que falleceu deixou libertos todos os seus escravos, e deou-lhes diversas quantias; em beneficio de outros afilhados e parentes legou para mais de trinta contos.

(*Carta particular.*)

PERNAMBUCO.

XLIV.

Recife, 20 de fevereiro de 1855.

Summario. — *Roubo feito a D. Joaquina Pereira Vianna.* — *A Companhia de Navegação Costeira.* — *Companhia de encanamento do rio Biberibe.* — *O auxilio concedido ao cofre provincial.* — *O entrudo e o inverno.* — *O Dr. Costa Gomes.* — O Liberal Pernambucano.

I.

Tendo deixado de escrever-lhe pelos ultimos vapores que por aqui passárão, em consequencia de estar fóra da cidade, quero hoje indemnisa-lo dessas faltas, sendo mais extenso do que tenho por costume, se bem que o antiquario *S. Salvador*, portador desta, pela sua morosidade não anima a gastar-se tempo em escrever por elle.

E para poupar maior cavaco, que se devem ser admittidos em vazante de noticias, passarei sem rodeios a tratar do roubo praticado na casa de D. Joaquina Pereira Vianna, que aqui tem sido propalado com dimensões tão avantajadas, que eu já principio a desconfiar que a exageração preoccupa de alguma fórma os narradores do acontecido. O que não admitte duvidas é a existencia do roubo, bem como a tentativa de incendio na casa para occultar o crime. Felizmente esse segundo acto de perversidade com que querião occultar o primeiro foi completamente mallogrado pelos promptos soccorros que apparecêrão.

Procedendo a policia, depois de extincto o incendio, ás necessarias pesquizas, achou que o roubo fôra feito pelo 1º andar, em que habitava um bacharel aliás bem reputado nesta cidade; e como se dessem varios indicios contra os locatarios desse andar, mandou immediatamente a policia buscar ao Poço da Panella, onde estava passando a festa, o referido bacharel, e pô-lo em custodia, e assim ainda o conserva até as ultimas averiguações. Em verdade a opinião publica é toda favoravel ao detido, e eu de minha parte acompanho nesse juizo enquanto provas evidentes me não convencerem do contrario; mas a policia, que nesses casos não julga de consciencia, e sim de facto, não podia ser indifferente aos indicios que encontrou. Creio portanto que o facto da prisão do bacharel não prejudica sua reputação, uma vez que elle se justifique, como é de esperar.

todos, e por isso devo declarar que o Sr. João Pinto de Lemos Junior é um daquelles que muito se tem empenhado pela companhia, prestando-se-lhe com a melhor boa vontade.

Entretanto quando a companhia corre assim rapida ao seu apogeu, alguem ha que, talvez por capricho unicamente, se tem encarregado de fazer recriminações á sua directoria, a qual só tem direito a louvores e gratidão da parte dos accionistas.

Servio de cavallo de batalha a censuras certas recompensas generosas a serviços feitos á empreza, e encommendas do vapor.

Não acho razão para que se censure a generosidade das remunerações, porque entendo que para bons serviços não ha paga sufficiente: quem paga mal é sempre mal servido. Se a companhia não pagasse bem os serviços que recebe, poderia contar que o Sr. Dr. Netto, com abandono de seus interesses, fosse o esse corte promover os seus melhoramentos com o zelo e dedicação com que se prestou? Por certo que não. Quanto á encommenda do vapor, querem uns que em vez de um grande fossem encommendados dous pequenos, sem attenderem que estes, conduzindo a mesma carga que aquelle, duplica a despeza da tripolação; sendo que o vapor encommendado deve demandar apenas oito pés d'agua, o mesmo que demandarião os pequenos; pelo que tem entrada em todos os portos em que podem entrar vasos de pequena tonelagem.

Não sirvão pois estas criticas mal cabidas de embaraço á companhia, porque a má vontade sempre está disposta a condemnar as cousas mais razoaveis e justas.

Já se procedeu á eleição da nova direcção, sendo reeleito presidente o Exm. barão da Boa-Vista, bem como directores os mesmos membros da antiga directoria. A escolha de secretarios recahiu nos Srs. H. A. Millet e Dr. Luiz do Carvalho Paes de Andrade.

III.

Está prompto o projecto de canalisação do rio Biberibe, e desseccamento do pantano de Olinda.

O Sr. Conrado em pouco tempo desempenhou esse trabalho, apresentando um minucioso relatorio, em que dá sua valiosa opinião sobre a empreza.

Feitos os trabalhos preliminares, não ha duvida que a obra vai por diante. O Sr. conselheiro José Bento mostra o maior interesse por essa obra, e basta isso para crer-se que ella não fica unicamente em projecto. Tanto é o zelo que tem S. Ex. por tudo quanto é melhoramentos desta provincia, tanto auxilio tem prestado a quanta empreza aqui se crêa, que basta vê-lo empenhado por qualquer obra ou associação para ter-se como certo o seu bom exito. E' um administrador incansavel e desvelado pela provincia confiada a seus cuidados; esta justiça lhe é devida.

Antes de passar a outro assumpto que não seja de companhias, notarei aqui uma pequena coincidencia, e vem a ser que a sorte das emprezas desta provincia estão exclusivamente entregue a barões. E' presidente da companhia de vapores o

do Limoeiro, foi para este logar despachado o Dr. José Francisco de Costa Gomes, ali residente.

Foi um acto de justiça que acaba de praticar o Exm. Sr. José Bento. O Dr. Costa Gomes desde 1844 que tem completo o seu quatriennio de juiz municipal, exercido com toda a honra e justiça. Posteriormente a essa época tem servido por diversas vezes esse logar em sua comarca, na qualidade do 1º supplente; bem como já por tres vezes tem exercido a delegacia á solicitação de administrações da provincia.

Sendo o Dr. Costa um dos membros importantes da politica actual por sua influencia eleitoral na comarca do Limoeiro, e por sua dedicação, tem feito consistir sua unica ambição em um logar na magistratura, sendo que apezar de seus recursos eleitoraes, é deputado provincial por assim o querer o partido a que pertence, visto como nunca isso o solicitou. Essa sua aspiração acaba agora o Exm. Sr. José Bento de preencher de alguma fórma, nomeando-o para aquella promotoria. Louvor a S. Ex. pela sua innata justiça.

Consta-me que o ex-promotor do Limoeiro, sendo um moço donzel, não aceita o logar para a Boa-Vista por não poder resistir á distancia em que fica aquella comarca. Faço votos para que esse moço seja melhor arranjado, por ser digno de melhor sorte.

VII.

Para concluir devo recommendar-lhe a leitura do *Liberal Pernambucano*, que tem estado interessante. Deste pequeno hemispherio dirige a palavra a todos os *liberaes* do imperio, chamando-os a incorporarem-se para tomar a defensiva contra as reformas do Sr. ministro da justiça. Lança em rosto a apathia em que estão os *martyres da liberdade* de outras epocas, accusa-os pela conciliação derivada de empregos e concessões, e por fim é a S. Paulo que se dirige especialmente. Para ahi volve elle todas as suas esperanças!

(*Carta particular.*)

MARANHÃO.

S. Luiz, 10 de fevereiro de 1855.

A quadra epidemica das bexigas continúa a apresentar-se com aspecto maligno, e a disseminar-se na população de um modo violento. Durante o mez de janeiro proximo passado chegou a mortalidade nesta cidade ao numero de 216 pessoas, isto é, mais do dobro dos tempos ordinarios, sendo 152 victimas da peste, e 61 de outras molestias.

Esta calamidade, reunida á de uma secca com que nos ameaça a colera divina, pois ainda estamos á espera do inverno, fizerão parte para que S. Ex. Revm. mandasse fazer preces em muitas igrejas, e deliberasse fazer uma procissão de penitencia, para o que no dia 30 de janeiro sahiu da igreja de Nossa Senhora do Carmo a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos para a igreja cathedral, onde esteve por espaço de tres dias depositado, afim de que os fieis ali fossem supplicar do Redemptor do Mundo remedio aos males que nos affligem. No dia 2 do corrente sahiu a procissão, que percorreu

PAGINAS MENORES.

Rio, 4 de março.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

A noticia da tomada de Sebastopol, a abertura das academias, a representação da *Linda de Chamounix*, duas procissões de quaresma, e a chuvinha aborrecida de todas as tardes,—são os factos mais importantes da semana.

Resta saber, entre tanta cousa interessante, por qual dellas começaremos.

Pela noticia da Criméa, ou antes da Bahia,—não. Estou pouco disposto hoje a fazer conjecturas e supposições sobre a probabilidade deste facto.

Pelas procissões,—ainda menos. A chuva declarou-lhes guerra este anno; e os anginhos, com receio do tempo, encolhêrão as azas, e não descêrão do céo, onde habitão.

Ora, para mim, procissões sem *anginhos* é cousa que se não póde ver. Os outros pensarão o contrario; estão no seu direito; cada um é livre de ter máo gosto.

Deixando pois de parte as procissões, não ha remedio senão irmo-nos *sentar* n'alguma das cadeiras do Theatro Lyrico, e passar tres ou quatro horas bem agradaveis a ver a *Linda de Chamounix*, ou qualquer outra *linda* mesmo aqui da nossa bella terra.

tadora, que traduz as impressões da vida tranquilla da aldêa, e que termina com o bello duetto do baixo e do barytono, e com a despedida de Linda.

Esperemos porém pelo segundo acto: deixemos passar algumas scenas comicas; cheguemos ao momento terrivel em que a palavra de maldição expira nos labios paternaes. Linda,—a pobrezinha innocente, — a menina illudida, — que se ajoelhára para implorar o perdão, — ergue-se louca.

Vêde como lutão naquelle espirito desvairado as recordações alegres de um bello tempo, com a lembrança tremenda da maldição paterna, e com a ameaça terrivel da colera celeste.

De repente esta voz suave e harmoniosa, cuja doçura todos nós conhecemos, estala n'um grito de dôr, n'uma agonia atroz; mas no fundo da alma brilha um raio de luz, uma idéa risonha, uma reminiscencia de gozos passados; e quando pensais que aquella angustia chega ao seu ultimo paroxismo, lá se desprende dos labios, de envolta com um sorriso, uma melodia graciosa, umas notas feiticeiras, que vem brincar docemente com o vosso ouvido arrebatado.

Vem afinal o terceiro acto, — o desenlace feliz desta historia simples da vida de uma moça.

A filha torna ao lar paterno; e a *graça de Deus* faz voltar a alegria, a paz e o socego ao coração de toda esta pobre gente, que experimentára por algum tempo todas as provanças da fortuna. O final é magnifico, como vos dirá com toda a sua graça costumada, o folhetim lyrico de terça-feira.

Eis o que é para mim a representação da *Linda de Chamounix*: uma noite de emoções deliciosas,

revista em uma semana, sobre a qual sou obrigado a confessar que não ha muito de que tratar.

Além de ser tempo de quaresma, tempo de provações, de jejum, de expiação de peccados, ainda em cima ahi vem todos os dias uma chuvinha miuda, umas nuvens cinzentas e carregadas tirar-nos o bello azul do céo, os raios do sol, e as lindas noites de luar que a folhinha nos tinha promettido.

Quem não está disposto a ser regado pelas aguas do céo como as ruas desta heroica cidade, ou como as flores dos jardins, passa o dia inteiro a resolver a importante questão — se deve sahir ou ficar em casa. Afinal vem uma estiada, decide-se, veste-se, e chega-se á porta, justamente quando começa de novo a chover. Não ha remedio senão despir-se, e resignar-se a desfiar as horas e os momentos sózinho, e a conversar com os seus botões.

Ora, se ha tempo em que a solidão seja insupportavel é este de agora, em que não se falla, não se trata, nem se pensa senão *em companhia*. Janta-se em *companhia* dos amigos, passa-se a noite em boa *companhia*, — e ganha-se dinheiro em *companhia*.—

Nada hoje se faz senão *por companhia*. A illuminação a gaz, as estradas, os açougues, o asseio publico, a construcção de ruas, tudo é promovido por este poderoso espirito de associação que agita actualmente a praça do Rio de Janeiro.

Se encontrardes por ahi algum sugeitinho de chapéo rapado, de laço de gravata á bandida, roendo as unhas, ou coçando a ponta da orelha, não penseis que é um poeta ou um romancista á cata de uma rima, ou de um desfecho para o seu

las já passou. Podeis apostar que o tal sugeitinho rumina o projecto de uma empreza gigantesca, e calcula na ponta dos dedos o ganho provavel de uma companhia qualquer.

E assim tudo o mais. Vê-se hoje pelos salões, pelas ruas, a cada canto, certos individuos a segredarem,—a trocarem palavras inintelligiveis,—e a fallar *á mezza voce* uma linguagem incomprehensivel, cabalistica. Um homem pouco experiente toma-los-hia por carbonarios ou membros de alguma sociedade invisivel, de alguma confraria secreta. Qual! são finorios que farejão a creação de uma companhia, e que tratão de se arranjarem para não ficarem *zés*, isto é, sem dinheiro.

Até a nova empreza lyrica, que se creou nesta côrte ha cousa de dous mezes, assentou de organisar uma companhia para a construcção de um novo theatro apropriado á cantoria, e consta-nos que já pedio ao governo a competente autorisação.

Com a facilidade que ha actualmente em conceder-se semelhante favor, parece-nos que o governo não deixará de autorisar a incorporação de uma companhia para um tão util e tão vantajoso para esta côrte.

Sómente lembrariamos a necessidade de exigirem-se para a construcção do edificio condições de grandeza e capacidade proporcional á população desta côrte. O Theatro Lyrico que possuimos presentemente não póde durar muito; e se outro não o substituir, breve teremos de nos vermos reduzidos ao acanhado salão de S. Pedro de Alcantara.

Assim como neste, [illegible]

espirito de empreza e associação que tão rapidamente se desenvolveu no nosso commercio.

Porque em vez de esperar que os interesses individuaes especulem sobre a utilidade publica, não promove elle mesmo a creação das companhias que entender convenientes para o paiz?

A limpeza publica, as postas ou correios urbanos, e muitos outros objectos de interesse vital, exigem essa solicitude da administração.

Uma cousa, por exemplo, de que ainda não vimos o governo se occupar sériamente, é da carestia progressiva dos generos alimenticios, tanto nacionaes como estrangeiros. O trigo está por um preço exhorbitante, segundo dizem. O pão diminue,— e diminue no seculo de progresso, em que tudo vai em augmento, em que as menores cousas tornão proporções gigantescas. Quanto ao *pão de rala*, celebre em outros tempos,—este desappareceu do mercado; pertence hoje á historia.

Os ministros, os grandes, os ricos, não sabem disto; mas o pobre o sente,— o pobre que, no meio de toda essa agitação monetaria, de todo esse jogo de capitaes avultados, vê as grandes fortunas crescerem e *formarem-se*, absorvendo os seus pequenos recursos, e elevando o preço dos generos de primeira necessidade a uma taxa quasi fabulosa.

Se os capitaes são para o paiz um poderoso agente de progresso e desenvolvimento, cumpre-nos não esquecer que em todos os paizes é na classe pobre que se encontrão as grandes intelligencias, as grandes almas, os grandes espiritos.

A Providencia parece tê-los lançado no mundo

rem sacrificados como martyres, ou se elevão ás summidades da hierarchia social para communicarem no paiz a actividade do seu espirito e as forças de sua intelligencia.

Tão desprezivel, tão digna de compaixão, como parece esta classe aos ricos enfatuados que rodão no seu *coupé*,—a ella pertence o futuro; nella está a alma, a força, a intelligencia, a esperança do paiz.

Quereis saber o que são e o que valem esses cresos modernos, ou esses capitaes amontoados, essas sommas de dinheiro de que o rico tanto blasona e tanto se desvanece? Uma materia bruta, uma alavanca inerte a que um dia algum homem sem fortuna, mas cheio de ambição e de talento, vem dar o impulso de sua actividade, e fazer trabalhar para um grande fim.

Esta classe pois merece do governo alguma attenção; o que hoje é apenas carestia e vexame,— se tornará em alguns annos miseria e penuria. E' preciso, ao passo que o paiz engrandece, prevenirmos a formação dessa classe de proletarios, dessa pobreza, que é a chaga e ao mesmo tempo a vergonha das sociedades européas. Appliquem-se os nossos espiritos economicos a este estudo digno de uma grande intelligencia e de um grande povo.

Porque a Europa ainda não conseguiu chegar á solução deste grande problema social, — não é razão para desanimarmos. Somos um paiz novo: o progresso espantoso da actualidade deve ter reservado alguma cousa para nós; o mundo velho eleva a industria a um desenvolvimento admiravel; talvez que os segredos da sciencia tenhão

O que é verdade é que não devemos deixar de concorrer com as nossas forças para essa obra philantropica da extincção da pobreza proletaria. E isto, não porque receiemos tão cedo a existencia deste cancro social, mas porque semelhante estudo deve-nos guiar nos meios de prevenir os vexames e miserias por que póde passar a classe pobre no nosso paiz.

Agora é que percebo que este folhetim vai muito grave de mais; porém lembro-me tambem que não devo distrahir as minhas leitoras do seu exame de consciencia para a proxima confissão da quaresma.

Que interessante cousa não deve ser o exame de consciencia de uma menina, pura e innocente, quando á noite, entre as alvas cortinas do seu leito, com os olhos fitos n'uma imagem, procura os refolhos mais profundos de sua alma á cata de um peccadilho que lhe faz enrubecer as faces côr de....

Arrependi-me! Não digo a *côr*. Reflictão e adivinhem se quizerem. Terão ao menos algum trabalho em lerem, assim como eu tenho em escrever.

Mas voltando ao nosso exame de consciencia, estou certo que se algum dos anjos que cercam o throno de Nossa Senhora [illegible] nesse momento, viria beijar aquelle [illegible] adormecido, e dizer-lhe em voz [illegible] não peccaria.

trais no Vallerstein para conversar com algum amigo que não esteja contaminado.

Achais-vos n'um circulo de *flaneurs*, que passão o tempo alegremente a divertir-se e a semear algumas flores neste valle de lagrimas.

Conversa-se sobre as novidades do dia, sobre a a probabilidade da vinda de Thalberg, e a noticia do contrato da Stoltz, sobre a proxima representação lyrica em favor da Beneficencia Franceza.

Se fallais de uma moça elegante, de um lindo toilete preto que brilhava um desses dias nos salões, de uns bonitos olhos, e de uns requebros graciosos, vos interrompem de repente.

— O pai não teve acções!

Se vos lembrais da Charton na *Filha do Regimento*, e se despertais todas as vossas bellas recordações para socia-las segunda-feira, ouvindo aquelles gorgeios maviosos de envolta com as facecias do Ferranti, — não vos deixão acabar.

— E' verdade, — diz um, — á proposito de Ferranti, derão-lhe dez acções!

E sahis desesperado, correndo para a casa, antes que vos venhão atordoar novamente os ouvidos com a maldita palavra que está na ordem do dia.

Quanto mais se soubesseis o que é realmente para toda a sociedade a lista que publicárão na terça-feira os jornaes diarios da côrte.

E' uma especie de cadastro, de registro, de *livro negro* da policia, no qual se achão escriptas as *acções* de cada um, e por conseguinte o seu talento, a sua virtude, a sua consideração na sociedade.

As moças lá vão procurar os nomes dos noivos; — os negociantes indagar se os seus devedores merecem a continuação do credito; — os amigos saber o grão de amizade que devem despender mutuamente.

Os curiosos divertem-se com as comparações, e os parasitas estudão os nomes daquelles a quem devem tirar o chapéo ou fazer simplesmente um cumprimento de protecção.

E assim são as cousas deste mundo.

Dantes os homens tinhão as suas acções na alma e no coração; agora levão-nas no bolso ou na carteira. Por isso naquelle tempo se premiavão, ao passo que actualmente se comprão.

Outr'ora erão escriptas em feitos brilhantes nas paginas da historia, ou da chronica gloriosa de um paiz; hoje são escriptas n'um podaço de papel dado por uma commissão de cinco membros.

Aquellas acções do tempo antigo erão avaliadas pela consciencia, especie de cadinho que já cahiu em desuso; as de hoje são cotadas na praça, e apreciadas conforme o juro e interesse que promettem.

. . . . . .

Mas temos muita cousa agradavel sobre que conversar, e não vale a pena estarmos a gastar o nosso tempo com esta questão de jornaes.

Em quanto senadores, deputados, empregados publicos, desembargadores, negociantes e capitalistas correm á praça para saber a cotação das acções, vamos nós para o theatro ver o beneficio do Gentile.

O publico deu-lhe todas as demonstrações de apreço e sympathia; os ramos de flôres e os versos chovêrão dos camarotes, e a Charton cantou melhor do que ella mesma costuma cantar.

E' um pouco difficil, mas é verdade. Ha certas noites em que se conhece que não é a obrigação que a faz cantar, mas a inspiração, um movimento espontaneo, uma necessidade de expansão.

Nestas noites canta como o poeta que escreve versos inspirados, como o pintor que esboça o quadro que a sua imaginação illumina, como a alma triste que dirige sua prece a Deus, como a moça que sorri, como a flôr que se expande, como o perfume que se exhala.

Os labios vertem os effluvios d'alma, as melodias que um genio nivisivel lhe murmura ao ouvido, os segredos divinos que alta noite á horas mortas lhe contárão as estrellas, as sombras, as brisas que passavão sussurrando docemente.

Mas isto são cousas que se sentem, que se comprehendem, o que não se explica. Quem nunca ouviu cantar a Charton, e não sentiu essa usança inexprimivel que vai do bom representar a bem sentir.

Ia-me esquecendo dar-vos noticia do vosso pequeno theatro, do vosso protegido, minhas bellas leitoras.

Se soubessis como elle vos agradece a bondade que tendes tido em anima-lo, como se desvanece pelo interesse que vos inspira!

Agora já não é sómente um pequeno circulo de homens de bom gosto que ahi vai encorajar o seu adiantamento, e applaudir aos seus pequenos triumpos.

Na balaustrada dos seus camarotes se debrução as senhoras mais elegantes, as moças as mais gentis dos nossos aristocraticos salões.

O lindo rosto expandindo-se de prazer, o sorriso da alegria nos labios, ellas esquecem tudo para interessar-se pelo enredo de uma graciosa comedia.

E depois a sua boquinha feiticeira vai repetir no baile, ou na partida uma frase espirituosa, um dito chistozo, que requinta de graça conforme os labios são mais ou menos bonitos.

No theatro lyrico podeis ver um semblante triste, uns olhos vendados pelos longos cilios de seda, uma fronte pensativa e melancolica.

Mas no Gymnasio o prazer roça as suas azas d'ouro por todos esses rostos encantadores; o bafeja com o seu halito celeste todos os pensamentos tristes, todas as recordações amargas.

Tudo sorri; os olhos scintillão, as faces enrubecem, a fronte brilha, o gesto se anima, e a alma brinca e se embala nas emoções doces, calmas e serenas.

A dôr, a tristeza, a volhice e o pensamento, nada ha nada que resista a esta franca jovialidade, que como um menino travesso não respeita nem as cãs, nem as locubrações sérias, nem a gravidade e a sisudez.

E quando por volta de meia-noite vos retirais, ides satisfeito, julgando o mundo melhor do que elle realmente é.

E tudo isto é obra vossa, minhas amaveis leitoras; podeis ver este effeito [illegible]

tes este theatro; que o anim
que o protegeis com a voss
tratais como vosso protegid

Entretanto peço-vos que,
casião, não lhe deixeis de
reprehensões, uma dessas
como só sabem dar labios de

Dizei-lhe que faça com q
rem melhor os papeis, e ap
com perfeição os nomes est

Esqueci-me de pedir-vo
lhante reunião em que vos
tão bonitas, tão satisfeitas,
se via que esta noite tem
vossa memoria, até que ou
quecer.

E agora atirai o jornal
sal-o ao vosso marido, ao
tilio, para que elle lêa o res

Bem entendido, na caso d
sando em acções, porque e
me dará a attenção de que
a respeito da discussão qu
mente na camara.

O Sr. Sayão Lobato fazer
partidos politicos, procurou
idéas liberaes tinhão sido s
paiz.

Em resposta duas vezes s
Mello Franco que defendia
Sr. F. Octaviano que tomou
fraco e do proscripto.

Perdôe-nos o illustre or
afan defendo o passado do se
zar do magistrado imparcial
simo politico nos seus retros

Se o partido liberal não
dezembro, e não fez grande
tos, nem por isso deixou de
ções do paiz com o germe
idéas, de suas crenças, do su
nar pelas reformas uteis o n

A sua historia é a historia

assão confusamente na fantasia, brilhão rapi-
ente, o se extinguem como esses fogos brilhan-
ue sulcão as trevas nas noites calmas e serenas.
ra aquelles que ainda se deixão involuntaria-
te dominar pela poetica e graciosa ficção do
bom, este dia é um oraculo cheio de presa-
e de vaticinios. Quanto desejo querido, quan-
to ardente, não vem affagar no fundo desses
ções aquella primeira aurora do anno! Nesté
ensa-se naquillo que mais se ama no mun-
anta-se no seio da familia, visita-se os ami-
troca-se mutuamente as boas entradas do
, os presentes de amizade, as *étrennes*.
assim no meio de tudo isto, no meio desses
dos e desses prazeres, dos receios e das espe-
as novamente creadas, esquecemos a verda-
e talvez a unica realidade deste dia. Um
que passa, — um outro anno que vem, e
elle a idade e a velhice.
m entendido, não falló aqui de certa gente,
desejaria que um anno fosse um minuto, e que
sse como uma hora de tedio, ou como um dia
nvalescença. Parece incrivel, porém não é
s verdadeiro.
go em primeiro logar temos o pretendente á
oria, que se acha na idade critica dos trinta
e annos. Vem depois o orphão que espera os
para requerer supplemento de idade, e
lgar a herança paterna. Finalmente a me-
que desterra as malditas calças e o vestido
, e entra no rol das moças em estado de ca-
o o estudantinho de latim que todos os dias
ra no queixo as promessas de um buço re-
, e que suspira pelo dia em que se emancipará
llegio, e conquistará a santa liberdade da aca-
, e o direito de fumar o seu charutinho.
preciso não esquecer o sugeito que tem os
cincoenta e nove annos, e que deseja os ses-
para ver-se livre da guarda nacional e do re-
mento; nem tambem o empregado publico
spira pelo ultimo anno para a jubilação, o
de direito que está a completar o tempo de
omovido á primeira intancia.
a esses o novo anno é sempre alegre e feliz;
anno da salvação. Mas para nós, que não
os neste caso, que nos promettorá este anno,
ascou no meio da chuva como um sopo, tendo
adrinha a lua cheia?
á isto não agouro, como entendem as velhas,
é ao contrario um presagio de abundancia e
dade, que nos livrará da carestia d'os generos,

e não nos deixará mais á mercê das usuras de alguns marchantes?

Creio antes nesta ultima versão. *Já* não me fascinão essas promessas brilhantes que nunca se realizão. Embora turvo e carrancudo, o anno novo para mim se annuncia cheio de futuro e de prosperidade para o meu paiz, cheio de flores, de sorrisos e de esperanças.

Ninguem sabe que encantadores mysterios, que risonhos segredos occultos no seu seio. Ninguem sabe quanto primor, quanta graça, quanto mimo de belleza, tuas azas de ouro exparzirão sobre alguma cabeciúha virgem que ainda brinca com os sonhos da infancia!

Vem, novo anno! Vem como o habil artista do tempo dar os ultimos toques á alguma bella estatua moldada pela natureza, e arredondar a curva graciosa, as ondulações suaves de umas fórmas encantadoras!

Vem, como o sopro de Deus, como o fogo do céo, desabrochar uma rosa ainda em botão; perfumar a flôrzinha delicada que apenas começa a abrir os seios ás auras da vida, e tecer de fios de ouro os dias de uma existencia pura e tranquilla!

Vem igualmente dar um pouco de juizo a muita cabecinha louca que ahi anda ás voltas por este mundo, tirando o juizo a quem o tem! Vem fertil de maridos, de bailes, de theatros, de modas, e de casamentos! Traze-nos da Europa algumas boas cantoras; e não te esqueças de substituir a anarchia que hoje reina no theatro por uma opera digna de ti, e da boa sociedade desta côrte. Para isto já tens o projecto de uma nova companhia lyrica no theatro de S. Pedro de Alcantara, o qual podes realizar perfeitamente.

Quando tiveres feito todas estas cousas, meu caro, tem paciencia, toma a vassoura e a carrocinha, e trata de varrer e de limpar as ruas da cidade, no que nos farás um grande serviço. Estimarei que removas ao menos a lama de algumas ruas, porque então ser-me-ha possivel especialisar as outras, e defender-me assim da censura que me fizerão nesta fólha e no *Jornal do Commercio* por ter fallado geralmente; como se a culpa fosse minha, de não poder achar uma excepção á falta de asseio!

Acho escusado dizer-te que dispensamos o calor de oitenta grãos, as febres de qualquer côr que seja, e as guerras por mais interessantes que te pareção. Quando muito para quebrares a monotonia do tempo, lises com o direito salvo de elevares a temperatura até o ponto de desejar-se o sorvete e os gelados; e de produzir algumas intermittentes, para que os medicos não esqueção de todo a sciencia. Em vez de guerras do Oriente pódes fazer apparecer alguns processos monstros, daquelles que passão á quarta geração, e que os advogados inglezes dão de dote ás suas filhas.

Se seguires este programma essencialmente conciliador, podes contar comigo. Escrever-te-hei as mais pomposas ephemerides de que haja noticia no mundo: e em dezembro far-te-hei um epitaphio, digo, um retrospecto, que occupará as columnas do *Correio Mercantil* durante oito dias consecutivos.

E para começar vou já cuidando em traçar a historia desta primeira semana, que começa pelas *étrennes*, e acaba pelas cantilenas dos *reis*. A chuva, as tardes de trovoadas, o tempo enfarruscado, entristecêrão quasi todos estes dias.

Na sexta-feira porém uma bella noite de luar, fresca e agradavel, parecia convidar á essas alegres procissões, que lembrão a antiga tradição dos tres reis magos, vindos do Oriente guiados por uma estrella para adorar o Menino-Jesus.

Hoje, como todos os antigos costumes, esta festa vai cahindo em desuso. Já quasi não se veem nesta côrte aquellas romarias folgazãs, aquelles grupos de pastorinhas, aquellas cantigas singelas que vinhão quebrar o silencio das horas mortas.

A noite de *Reis* actualmente é apenas a noite das ceias lautas, dos banquetes esplendidos; de maneira que, a julgar da tradição pelas festas d'agora, dir-se-hia que os reis magos orão tres formidaveis comilões, que vierão do Oriente unicamente para tomarem um fartão de peixe, de ostras, de *mayonaises* e gelatinas.

Em todas as épocas o homem teve a balda de desfazer no presente, e de encarecer o passado. «No nosso tempo era outra cousa,» dizem os velhos desde o principio do mundo. Entretanto, seja pelo que fôr, seja que aquillo que passou exerça sobre a nossa imaginação um prestigio poderoso, o que é verdade é que nossos pais sabião divertir-se melhor do que nós.

Outr'ora todas as festas tinhão o seu que de original, o seu cunho particular que as distinguia uma da outra. O *Natal* era a festa do campo; tinha a sua missa do gallo á meia-noite, as suas alegres soadas ao relento, os seus presepios toscos, mas encantadores. Logo depois vinhão os *Reis* com as suas cantigas, as suas romarias nocturnas, as suas collectas para o jantar do dia seguinte. *S. João* tinha as suas fogueiras, os seus horoscopos tirados á meia-noite. Ao *Espirito Santo* armavão-se as barraquinhas, e fazião-se leilões de fructos e de aves.

Presentemente todas as festas se parecem. Um baile, uma ceia, e está tudo feito. Desde o principio ao fim do anno vai-se ao baile ou ao theatro. Isto ainda seria supportavel se procurassem conformar esta especie de divertimento á estação que reinasse.

Agora, por exemplo, que entramos na força do verão, como não serião agradaveis alguns bailes campestres, onde se dansasse á fresca, entre as arvores, n'algum pavilhão elegante levantado no meio de jardins? As moças trajarião seus ligeiros vestidinhos brancos proprios da estação; os cavalleiros usarião de um toilette de verão. Nada de rigorismos diplomaticos e de penteados sobrecarregados de enormes jardineiras.

Ha nesta côrte uma *Sociedade Campestre* que se podia incumbir de realizar esta idéa; porém infelizmente parece que ella vai marchando rapidamente para sua completa extincção. De *campestre* só tem o titulo: no mais é uma sociedade como as outras, com a differença que dá as suas partidas n'um pavilhão muito sujo, muito velho e de muito máo gosto.

Houve a lembrança o anno passado de rehabilita-la, e para isso comprou-se um terreno para uma casa; distribuirão-se acções pelos socios, e recebeu-se a primeira prestação. Planejou-se, calculou-se, e por fim não se fez nada, na fórma do costume. O terreno está a vender, e os socios que esperem pelas calendas gregas para serem reembolsados do seu dinheiro.

Entretanto parece-me que a sociedade ainda tem muitos elementos que se podem aproveitar: e que se alguem procurasse dar-lhe um salutar impulso, poderiamos vir a ter uma reunião bem agradavel. Então a sociedade devia limitar as suas partidas campestres aos seis mezes do verão, e deixar os outros seis mezes para os bailes aristocraticos do Cassino, e para os serões brilhantes que costumão apparecer naquella quadra do anno.

Temos conversado tanto e sobre tantas cousas, que deixo ainda muita idéa bonita, que ali fica com as outras no fundo do tinteiro esperando a sua vez de se estenderem sobre o papel. Para as idéas é este um dia de baile: a penna fal-lhes o toilette, como uma criada grave; e depois de vestidinhas, o bom elegantes, largão-se pelo m do á namorar á torto e á direito, á fazer epig mas, á dizer graças, á bolir com este e com aqu até que um dia ninguem faz mais caso de

Antes porém de deixar-vos, minha gentil l ra, quero dar-vos as minhas *étrennes*, embora vos lembrasseis de mandar-me as festas. O me *deau* é uma noticia, que estou havêis de apre tanto quanto ella merece. Com o novo anno continuar (ou já continuou) a ser publicado lindo jornal italiano e portuguez, do habil fessor Galleano Navara. Já prevejo com que pr acolhereis a *Iride*, que, como uma boa mensag irá fallar-vos a doce e rica linguagem do Tasso Dante e de Petrarca, e recordar-vos aquellas gicas palavras de Romeu e Julieta, quando ou cantar o rouxinol e a cotovia ao raiar da a rada.

Por emquanto contentai-vos com estas doce cordações que vos avivarão saudades da Stoll das bellas noites do nosso theatro italiano. Di porém que daqui a algum tempo tereismais do simples reminiscencias: promettem-vos uma na lyrica, onde verdadeiros artistas executarão obras primas dos *maestros* antigos e moder Cumprir-se-hão tão bellas promessas?

Como sabeis, formou-se nesta côrte uma asso ção para montar no theatro de S. Pedro de Alc tara uma companhia italiana de primeira fo Já forão publicadas nesta folha as bases da nova ciedade que intenta levar a effeito aquelle proje

No estado em que se acha a nossa scena lyr semelhante idéa é um grande beneficio. A n empreza vem promover uma salutar emula entre os dous theatros, e destruir o monop que até agora tem existido, com gravo prejuizo publico.

Além deste melhoramento, que resulta do si ples facto da concorrencia, a organisação de u sociedade deste genero póde trazer muitas van gens importantes. Os bons espectaculos, o exe plo e a lição de artistas de merito, hão de nece riamente desenvolver entre nós o verdadeiro est da musica italiana, e aproveitar muito aos tal tos nacionaes que apparecerem.

Se a nova sociedade realizar as suas idéas, se vez de amestros lyricos nos der verdadeiras oper ainda continuará a admittir-se a absoluta nece dade de uma subvenção do governo? Ainda ha rá entretanto desinteressada que receba 120 co

im homem predestinado, o unico que póde sal-
o paiz.

is portanto os favores feitos áquelle individuo
do em resultado um beneficio real á causa pu-
a; eis a politica por meio de empenho,—quero
r da analyse—, creando futuros ministros, fu-
os presidentes, futuros deputados e senadores.
lguns espiritos frivolos, que não teem estudado
fundamento este systema politico, chamão a
patronato!

gnorantes, que não sabem que calculo profun-
que sagacidade administrativa é necessa-
para crear-se um homem que sirva nas occa-
s difficeis!

stes consurão o deputado que em vez de se oc-
ar dos objectos publicos trata dos seus negó-
particulares; fallão daquelles que sacrificão
interesses do sua provincia ás exigencias da sua
didatura do senador.

não comprehendem que estes habeis politicos,
movendo os interesses de sua pessoa, de sua
o de sua familia, não teem em vista senão au-
ar o melhoramento do paiz, partindo do menor
a o maior.

le facto algum dia elles pagarão á nação tudo
nto della recebêrão, em projectos de reformas,
avisos, em discursos magnificos. Isto em
nto não vão á Europa passeiar o fazer conhe-
a do mundo civilisado a illustração dos esta-
las brasileiros.

E ha ainda quem chame á isto patronato, em-
nho ou desmoralisação! Como se em muitos
ros paizes, e até na França, não estivesse em
a este mesmo systema de governar!

Outr'ora se dividião as fórmas de governo em
nocracia, monarchia representativa, e mo-
chia absoluta. Hoje está conhecido que estas
isões são puramente escolasticas, e que não ha
ão duas maneiras de governo: o governo in-
idual, e o governo nacional, o governo dos in-
esses particulares, e o governo dos interesses do
z.

Cada um delles póde conduzir ao fim desejado,
cedendo por meios diversos.

Um por exemplo, escolhe o individuo para o
prego segundo a sua aptidão; o outro escolhe
mprego para o individuo segundo a sua im-
rtancia.

O primeiro ganha um bom empregado, o segun-
um excellente alliado. Um póde errar na esco-
rdo individuo; o outro póde ser trahido pelo seu
otegido.

ão os meus leitores achão muito extravagante esta prolecção politica, tem bom remedio; é não a lerem segunda vez, se tiverem cahido na primeira.

Como estamos nos tempos das profissões de fé, entendi que devia tambem expor á minha opinião sobre a melhor politica a seguir na actualidade.

Não pensem comtudo que pretendo fazer concurrencia ás ultimas declarações feitas na camara dos deputados; de maneira alguma.

Qualquer dos methodos ali apresentados é inquestionavelmente melhor do que o meu, começando pelo de um nobre deputado de S. Paulo.

Que politica salvadora! Voltaremos ao tempo das revoltas, das preseguições, das eleições armadas. Teremos uma especie de fanatismo politico, uma crusada, á que se chama saquaremismo puro!

Ora é innegavel que se podem obter grandes resultados com esta politica. A revolução, segundo dizem, é uma força civilisadora, regenera como o fogo, purifica como o martyrio.

Portanto não ha que hesitar! Adoptemos esse programma salvador; arranjemos quanto antes uma meia duzia de *S. José dos Pinhaes*, e avante que o futuro é nosso! A joven opposição entrará no senado, e teremos dado um grande passo para o engrandecimento da nossa patria.

E a respeito de politica, estou satisfeito, quero dizer, estou sufficientemente enfastiado.

E o que mais é, não tenho nada de bonito que dizer-vos. A semana que acabou foi unicamente de esperanças. Todo o mundo esperava; nestes sete dias passados ninguem teve um pensamento que não fosse uma expectativa.

Até quinta-feira esperou-se que a procissão de S. Jorge fosse brilhante, o por isso uma concurrencia extraordinaria enchia as ruas privilegiadas.

Quasi todas as moças bonitas da cidade estavão reclinadas pelas varandas dessas casas tão tristes e tão soturnas nos outros dias.

Cada janella era um *bouquet*; e como um *bouquet* póde ser bonito ou feio, perfumado ou inodoro, segundo as flores de que se compõe, deve cada um entender a palavra a seu modo.

Ha gente que gosta da rosa, porque tem espinhos; ha outros que preferem a violeta porque é modesta; e talvez que alguns apreciem o cravo amarello, a papoula, o achem um certo sainete no cheiro da arruda e do mangericão.

Para todos estes gostos havia flores nos *bouquets* de que fallei. O jardim era completo, principalmente no que diz respeito á girasões

A procissão sahiu.

So ainda não sabieis, podeis ficar certos disto, assim como do logro que nos pregou. Annunciavão uma procissão muito bonita, e sahiu uma muito feia.

S. Jorge appareceu vestido de novo, mas posso affiançar-vos que não estava á *son aise*. Induzi isto da pallidez, da côr de mortalha que tinha o seu semblante.

De facto o activo guerreiro não podia estar a seu gosto dentro daquelle manto enorme, que cobria cavalleiro e cavallo, de tal maneira, que de longe apenas se via um capacete e uma capa que caminhavão com quatro pés.

Depois da imagem vierão as irmandades do costume; houve porém uma que eu não conheci, o que entretanto ia de envolta com a do Carmo; fallo de uma que trazia capa amarella, côr que não me consta tenha sido adoptada por nenhuma confraria desta côrte.

Depois de quinta-feira começou todo o mundo a esperar pelas acções da estrada de ferro, e pelo resultado das cartas entregues á commissão, as quaes montão já a mais de cinco mil!

Nem os ministros, nem as moças bonitas, nem os lentes no tempo de exames, ou os eleitores em época de eleição, são capazes de apresentar um tal numero de *billets doux*.

A commissão tem portanto de fazer o milagre de Jesus Christo, e dividir esse pão, não em fatias, porém sim em migalhas.

E é por essa divisão que todos esperão anciosos, calculando já pelos dedos os resultados provaveis do emprego deste dinheiro que tem seguro um interesse de sete por cento.

Além desta expectativa, preoccupou igualmente os animos a esperança de uma decisão do governo a respeito da questão do Paraguay; porém, como todas as esperanças da semana, esta ainda não se realisou.

Entretanto, apezar de não sermos dos mais enthusiastas da politica actual, estamos convencidos que a resolução do governo, qualquer que ella seja, será dictada pela solicitude que nos inspira a todos a honra e a dignidade nacional.

Em quanto o mundo politico e commercial se occupava com estes dous pontos importantes, o mundo elegante esperava por uma representação lyrica que o consolasse do lamentavel *echec* do Cassino.

Para esta fracção da sociedade, que passa o seu tempo á brincar e a divertir, o baile do Cassino na terça-feira equivale á uma expedição do Paraguay.

A directoria, qual novo Pedro Ferreira, levou-nos para o salão da Phil'Euterpe, no qual tiverão logar as exequias do baile aristocratico.

Diz *Auguez* que para muitos homens a vida começa n'um salão de baile e acaba na sacristia de uma igreja.

Póde ser; mas o que sou capaz de apostar é que esse baile de que falla o escriptor do *Mosquetciro*, não teve de certo nenhuma semelhança com o de terça-feira.

A casa, que é uma excellente estufa para curar constipações, parece que foi construida na Russia ou na Siberia, e de lá mandada vir de encommenda.

Demais tem uma escada immoral, porque deixa ver as pernas de todas as moças e velhas que sobem. Basta postar-se um homem no seguão durante a noite para fazer um estudo completo da *pernologia* da cidade.

Pernologia é um termo novo que eu inventei na noite do Cassino, por não ter outra cousa que fazer; mal sabia eu que me havia de servir delle tão cedo.

Quanto ao serviço do Cassino, não direi mais do que tres palavras; *não havia pão*.

Um baile sem pão, é uma falta imperdoavel, é um attentado á galanteria, uma cousa incomprehensivel.

E senão que reflictão no proverbio antigo, na maxima dos tempos em que se sabia amar e se presavão todas as bellas artes: *Sine Cerere et Bacho friget Venus*.

Uma sociedade como o Cassino deve ter um serviço magnifico, um serviço delicado e que não seja uma especie de segunda edição do que se encontra por ahi em qualquer bailezinho.

Já me enfastia esta infernal monotonia, que me persegue em todas as reuniões. E' um drama em quatro actos que se repete mais do que os Milagres de Santo Antonio. A's doz horas — primeiro acto — chá. A's onze horas, — segundo acto, — sorvetes. A' meia noite — terceiro acto — empadas. A' uma hora — quarto acto — chocolate.

Ha mais de tres annos que os bailes do Rio de Janeiro rezão por esta cartilha, e reduzem-se á apresentar-nos *empadas*, como se ja não estivessemos fartos dellas.

E a proposito de empadas, quero communicar-vos umas reflexões, que fiz ha tempos sobre o casamento, em um sabbado detarde quando passavão uns carros destinados para este fim.

Em primeiro logar não pude deixar de estranhar que se escolhesse o sabbado para a celebração deste acto, quando segundo a tradiçã
pular é neste dia que os diabos andão solt

Depois lembrei-me do que diz um escr
cujo nome não me lembro; este santo ho
que naturalmente é celibatario, só compre
que se casem tres classes de individuos: o
ticos, os ambiciosos de fortuna e os velhos rh
ticos e cacheticos.

Os politicos desposão uma boa posição na
dade, uma protecção valiosa, uma familia infl
um nome de prestigio. Para elles a mulher
diploma.

Os ambiciosos casão-se com uma boa por
contos de réis, com uma excellente mesa, u
lacio, e todas as commodidades da vida. Par
a mulher é uma letra de cambio, ou uma
theca sobre boa herança.

Os velhos rheumaticos casão com as catapl
e as tisanas. Para estes a mulher é uma enfe
ra, uma irmã de caridade, um xarope de sau

Além destas tres classes geraes ha alguma
cepções que não deixão de ter a sua originali

Ha sujeitinho que casa unicamente para
—ou casei—; outros que mudão de estado e d
a vida de ser solteiros para fazer a experienc

Alguns entendem que devem ter uma bell
lher na sua sala, assim como se tem uma *cô*
um lindo quadro, ou um rico vaso de porce
de Sèvres.

Gostão de levar pelo braço uma bonita m
por que faz o mesmo effeito que uma comm
ou uma fita do Cruzeiro; chama a attenção.

Muitos casão para terem um authomato que
obedeça, sobre quem descarreguem o seu
humor, á quem batão o pé e roguem o sobr
como Jupiter Olympico.

Finalmente uns dizem que casão por incli
e por amor, isto é, casão porque não teem me
e por isso são obrigados a inventar este pret

Mas deixemos esta materia vasta, e volt
ao nosso pequeno mundo de seis dias.

Sabeis que vamos ter breve uma celebri
lyrica no nosso theatro?

Temos tanto esperado que já é tempo de
vez cumprirem as velhas promessas que nos
tumão fazer.

A nova cantora, o novo rouxinol da Aus
que vem encantar as noites da nossa terra,
ma-se Emmy la Grua.

E' uma bella moça, de fórmas elegantes
grandes olhos, de expressão viva e animad

icamento o grande problema da amizade
dos tempos antigos.
rom dous namorados *en tête-à-tête*, que
m a desfazer-se em ternuras e meiguices,
ando os olhos e afinando o mais doce sor-
deis ter a certeza que ou zombão um do ou-
buscão uma incognita que não existe neste
,—a fidelidade.
utras occasiões a conversa a dous torna-se,
issemos, uma perfeita estrategia militar,
bate.
avra transforma-se então n'uma especie de
rompto ao ataque. Os olhos são duas sen-
dous ajudantes de campo postos de ob-
n'alguma eminencia proxima.
ar faz as vezes de espião que se quer in-
na praça inimiga. A confidencia é uma
rtida; o sorriso é uma verdadeira cilada.
succede frequentemente em politica e em
cia.
inisterio, aliás bem conceituado no paiz,
sente cheio de força e prestigio, vê-se in-
lado por uma pequena opposição nas ca-
—e recorre á *conversa*.
fazião os exercitos antigos, como fez Roma
em vez de uma batalha campal, acha mais
e mais *humano* appellar para o juizo
, e decidir a victoria pelo combate dos Ho-
dos Curiacios.
Horacio, separa os inimigos por uma *ruse*
e, e combate, isto é, conversa com cada
inimigos.
todos nós sabemos, desde o tempo em que
nos Tito Livio, que um Curiacio não é para
r com um Horacio; por conseguinte o re-
da conversa é sabido com antecedencia.
acias de uma parte, confidencias da outra,
s, accusações, queixas e promessas, tudo de
, eis em resumo os elementos de uma con-
inisterial e parlamentar.
dinario esta conversa começa friamente.
ão lado a lado, mas guardando uma certa
a. Nota-se na physionomia alguma reser-
indecisão mesmo. As palavras trocão-se
nto, e como que medidas e pesadas.
os primeiros passes, os botes preliminares
jogadores de florete.
ro. em pouco tempo ha um pequeno arra-
iz-se sangue. Os homens tomão fogo, fal-
nesmo tempo, gesticulão desesperadamen-
ndem o assoalho a passos largos e desen-
os,

Mas:

Depois de procellosa tempestade,
Sombras de opposição que leva o vento,
Traz a *pasta* serena claridade
Esperança de *voto* e salvamento.

(CAMÕES.)

A conversa chega ao seu terceiro periodo, á sua ultima phase. Passeião então braço a braço, ou sentão-se n'algum canto, risonhos, contentes, satisfeitos, como dous amigos que se encontrão ao cabo de uma longa ausencia, como dous amantes que se abração depois de um pequeno arrufo.

Desde que começou a ter voga este genero de conversa governativa, ou politica, immediatamente certos espiritos methodicos e systhematicos tratárão de classificar por ella as diversas especies de opposionistas ou descontentes.

Assim, ha hoje tres classes distinctas de opposicionistas. 1ª, dos que já conversárão; 2ª, dos que querem conversar; 3ª, dos que não admittem conversa.

Esta ultima classe dizem que é das mais pobres, e com toda a razão. E' preciso ser-se bem misantropo e anti-social para fugir a uma conversa tão amavel e de tão *grande interesse*.

Não vão tomar á má parte esta expressão. Quando eu disse que a conversa ministerial é de grande interesse, foi no sentido de ser instructiva e de deleitar o espirito, deixando impressões agradaveis.

Mas, voltando ao nosso assumpto, é innegavel a influencia benefica que exerce a *conversa* sobre a alma do homem civilisado.

Nos primeiros dias da sessão da camara, como ainda ha pouco se tinha conversado, a chapa ministerial da commissão de resposta á falla do throno soffreu um *échec*.

Porém neste dia mesmo conversou-se. O ministerio tem neste ponto uma grande vantagem: é um senhor que conversa por seis bocas.

O resultado foi que a cousa tomou outro caminho, e entrou nos seus eixos.

Dizem, é verdade, que a nomeação dos Srs. Ferraz e Assis Rocha para as commissões de fazenda e justiça civil foi uma verdadeira derrota.

Não creio: estou mesmo convencido que o ministerio desejou de coração que duas intelligencias distinctas, como são estes senhores, fossem aproveitadas, cada uma na sua especialidade.

E tanto isto é assim, tanto essas velleidades de opposição não tomão aspecto serio, que a resposta á falla do throno apresentada hontem mostra a inteira adhesão que presta a camara á politica do governo e á marcha da administração.

Felizmente estamos no tempo das ironias; e não se me dá de crer que a camara é capaz de approvar aquella resposta, e pouco depois declarar-se em opposição aberta.

E nisto não fazia mais do que seguir o exemplo dos ministros que promettem, protestão, dão palavra, e amanhã nem se lembrão de que disserão na vespera.

Ora, não vejo porque a camara não aproveitará das lições dos seus mestres, ainda mesmo que seja para dar-lhes lição.

Terá medo de dissolução? Acreditará n'um boato que por ahi espalhão certos visionarios?

Custa-me a crer. O tempo em que os ministerios dissolvião as camaras já passou; agora estamos no tempo em que as camaras é que hão de dissolver os ministerios.

Outr'ora, quando os deputados vinhão por sua vontade, com toda a pressa, o ministerio os mandava embora.

Actualmente, que é preciso que o governo mande buscar os deputados, é natural que estes mandem embora o ministerio.

E' a regra do mundo. Depois da acção vem a reacção.

Aqui vejo-me obrigado a abrir um parenthesis, e a trocar minha penna de folhetinista por uma penna qualquer de escriptor de artigos de fundo.

Não brinquem. O negocio é muito serio.

Vou escrever uma tirada politica

§

A situação actual apresenta um aspecto muito grave, e que póde ter grandes consequencias para o paiz.

Chegamos talvez a esse momento decisivo em que os sentimentos politicos por muito tempo adormecidos vão novamente reapparecer e tomar um grande impulso.

No meio do indifferentismo e do marasmo em que se sepultavão os antigos partidos politicos, começão a fermentar algumas idéas, algumas aspirações, que talvez sejão o germen de um novo partido.

Os principios desapparecêrão; as opiniões se confundem, as convicções vacillão, e os homens não se entendem, porque falta o pensamento superior, a idéa capital que deve traçar a marcha do governo.

A politica e a administração, deixando de ser um systema, reduzirão-se apenas a uma serie de factos que não são a consequencia de nenhum principio, e que derivão apenas das circumstancias e das necessidades do momento.

A conciliação apresentada como programma pelo ministerio actual ficou sem realização.

Foi apenas um meio transitorio a que se recorreu quando sentiu-se a necessidade de crear esperanças, que forão depois illudidas.

Todos os symptomas pois indicão que o orgasmo politico, em que esteve o paiz, começa a fazer crise. Deste cahos de opiniões, de idéas, de teorias, de convicções mortas e de opiniões que se vão creando, ha de necessariamente sahir um elemento novo, uma combinação de principios que deve formar um grande partido.

Quaes devem ser as tendencias e as bases fundamentaes dessa nova politica? Quaes serão as idéas, as reformas e os melhoramentos que constituirão o seu programma de governo?

E' difficil, é quasi impossivel dizê-lo; mas parece-me que a conciliação, que o ministerio não conseguiu realizar nos homens, se ha de operar nesta confusão de idéas extremas que deve formar o novo partido.

Ha certos factos necessarios, que não dependem da vontade humana, e que entretanto podem ser dirigidos e modificados por ella.

Na época actual o apparecimento de um partido filho das antigas facções politicas que dividirão o paiz é uma necessidade, é uma consequencia fatal do estado de cousas.

Cumpria pois que os homens eminentes que podem de alguma maneira imprimir a sua vontade nos acontecimentos tomassem a iniciativa, e creando os elementos desse novo partido, lhe dessem uma influencia benefica e salutar.

Ha no nosso paiz, ha no seio da representação nacional, ha nas altas posições administrativas homens que devião incumbir-se dessa missão, e levantar a bandeira, em torno da qual se agruparião immediatamente todos os espiritos que hoje vacillão, todas as aspirações que agora vão nascendo.

Iniciado na tribuna, sustentado pela imprensa, acolhido pela opinião geral, esse novo pensamento, essa nova profissão de fé, ficaria conhecida pelo paiz inteiro.

A politica não seria mais uma simples luta de interesses individuaes, uma opposição de certos homens. A influencia e o prestigio dos grandes nomes tornar-se-hia então um verdadeiro ciamento de idéas e principios.

Todos esperão com anciedade a disc parlamento; todos aguardão o momento de uma demonstração clara e expressa.

Se nem um desses homens de quem f fallámos tomar a iniciativa, então, por que inspirão os nomes conhecidos no p haverá remedio senão caminhar sem elles

Os homens novos, que não teem comp mentos nem precedentes, trabalharão co ples soldados. Algum dia acharão um ch o não acharem, crea-lo-hão.

Os melhores generaes forão soldados.

§

Já era tempo.

Vem de novo, minha boa penna do fo ta, vamos conversar sobre bailes e theatro essas cousas agradaveis que não custão a e e que brincão e sorriem sobre o papel, de do tanta recordação mimosa.

Lembras-te do Cassino?

O lindo baile já não é aquella brilha não de outros tempos, onde se vião ag como flores de uma grinalda todas as m nitas desta terra.

Tudo passa; algumas daquellas flôres pelas brisas do mar lá se forão perfuma salões; muitas brilhão aos raios de outr poucas ainda ahi vão talvez unicamente p tirem as reminiscencias de tempos passad

E' verdade que lá de vez em quando ne nalda já quasi murcha desabrocha uma n que faz esquecer um momento todo o pass

Nossa ultima noite era uma flôr do Bra depois de ter brilhado entre as pallidas an de Portugal, entre os alvos lirios da Franç as suaves myosotes da Allemanha, veiu aquecer-se aos raios do sol da patria, e p as bellas noites de nossa terra.

Se vissois como ella se balouçava doc sobre a haste delicada, e se reclinava co graça como para deixar cahir as perolas valho e fragancia que destillavão do seu s licado!

No meio de um baile tudo é fascinação

Tocava a valsa, e a flôr se transforma sylphide, em *lutin*, em fada ligeira que de docemente roçando apenas a terra com de um pézinho mimoso calçado com o mai ticeiro dos sapatinhos de setim branco.

Rego;

Idem, idem, idem, da Palma, em Goyaz, o Bacharel João Ignacio Silveira da Motta;

Juiz municipal e de orphãos do termo do Cabo, em Pernambuco, o bacharel Ernesto de Aquino Fonseca;

Idem, idem, do termo de Caçapava, na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, o bacharel Luiz Lopes Castello Branco.

Por decreto do 12 do dito mez forão nomeados:

Major-commandante da 6ª secção de batalhão de reserva da guarda nacional da provincia de Minas Geraes, Antonio Affonso Lamounier;

Commandante superior da guarda nacional do municipio do Bomfim, Santa Luzia e Villa Formosa da Imperatriz, da provincia de Goyaz, Francisco José da Silva;

Tenente-coronel chefe do estado-maior da mesma guarda nacional, Manoel José da Costa [illegible];

Major-commandante do 1º esquadrão de cavallaria, idem, Antonio Umbelino de Souza;

Tenente-coronel commandante do 4º batalhão de infantaria, idem, Antonio da Costa Ferreira e Silva;

Tenente-coronel commandante do 5º batalhão, idem, Modesto de Mello Alvares;

Tenente-coronel commandante do 6º batalhão, idem, idem, Lazaro de Mello Moraes.

— Um correspondente do *Diario de Pernambuco* escreve, da comarca de Santo Antão, áquella folha, em data de 19 de dezembro, noticiando-lhe, entre outros factos, a separação violenta de um casal; caso commum, e que nada tem de singular. Accrescenta porém o correspondente que o máo marido chama-se — *Alexandre [illegible] Salomão de Luna Freire Serra-Boda Guedes Bugio*.

Não devo admirar contudo que um homem que se chama *Salomão*, ainda de [illegible], e vem da *luz*, *serrasse* o laço conjugal.

— O governo inglez acaba de fretar por um anno, e pela enorme quantia de 100 mil libras esterlinas, os dous primeiros vapores que se achavão promptos da Companhia Sarda de Navegação a Vapor entre a America e o Mediterraneo.

Tanto o *Conde Cavour*, como o *Carlos Alberto* tem a lotação de 1,400 toneladas. O governo sardo exigiu que a companhia, a quem perdoou a multa por não começar a navegação no prazo marcado, empregasse esse fundo extraordinario na construcção de 5 novos barcos.

— Chegárão ante-hontem, a bordo da barca franceza *Julie*, quatro marmoreiros dos que o governo imperial mandou contratar á Europa para explorar as nossas pedreiras de marmore.

— Fazem hoje 33 annos que as côrtes portuguezas decretárão a extincção dos tribunaes creados no Rio de Janeiro, o estabelecendo por uma resolução, em todas as provincias do Brasil, uma nova fórma de administração publica, unicamente responsavel ao governo central de Lisboa.

PAGINAS MENORES.

Rio, 14 de janeiro.

AO CORRER DA PENNA.

(revista.)

As sociedades em commandita e a questão do dia. O abecedario [illegible] tem sahido a campo; e cada letra é um novo campeão que desce á liça do combate.

Todas as armas tem sido tomadas. A logica, o estudo profundo do objecto, a dialectica de uma argumentação vigorosa, revelão nos primeiros artigos, publicados no *Jornal do Commercio*, assignados por duas iniciaes, que, como todos sabem, denuncião uma das nossas capacidades, um dos espiritos mais bem organisados em materia de jurisprudencia.

Abandonando a questão d'um ponto de vista largo e profundo, aquelles artigos [illegible] a questão commanditaria, desde a sua verdadeira base até ás ultimas consequencias do decreto de 13 de dezembro de 1850.

Ha poucos dias um dos advogados mais distinctos do nosso fôro nos dizia, a respeito destes artigos, que poderião ter sido escriptos por elle: — Não é um artigo de jornal, é um tratado.

No *Correio Mercantil* a questão tomou outra face; mas foi habilmente tratada. A penna que defendeu o anno passado o projecto de reforma judiciaria, que se discutiu na camara, veio de novo á imprensa para sustentar o decreto do governo, com os conhecimentos, com o estylo claro e fluente de que já havia dado provas.

Infelizmente porém a questão não se manteve na altura a que a tinhão elevado os dous illustres membros da magistratura e da classe dos advogados.

Insinuações pessoaes, allusões injustas e deslocadas, viérão tomar o logar de argumentos, e responder áquillo que o direito, a justiça, e os principios de razão havião estabelecido no desenvolvimento da questão.

Por ora a discussão tem sido unicamente entre os commanditarios; as vozes conservão-se neutras, e esperão talvez o resultado da luta para emitti-rem, com verdadeiro conhecimento de causa, uma opinião consciençiosa.

So os espiritos graves se preoccupão com esta questão interessante, com as ultimas noticias do Oriente, e com o resultado provavel da nossa guerra do Paraguay, os outros pensão no carnaval, que ahi bate á porta, e que já nos está fazendo figas com todo o seu cortejo de folias e extravagancias.

O carnaval!... Emquanto elle está longe, emquanto não vem transtornar o juizo com os seus momos grotescos, e as suas voluptuosas bacchantes, aproveitemos a occasião, e fallemos serio a seu respeito.

Creio que são inteiramente infundados alguns receios que ha, de vermos reviver ainda este anno o jogo grosseiro e indecente do entrudo, que por muito tempo fez as delicias de certa gente. Além das boas disposições do publico desta côrte, devemos contar que a policia desenvolverá toda a vigilancia e actividade.

Depois que o Sr. desembargador Siqueira, entre tantos outros beneficios que nos fez, conseguio extinguir esse antigo costume portuguez, a policia carrega com uma responsabilidade muito maior do que nos annos anteriores. Outr'ora era um uso arraigado com o tempo, e por conseguinte difficil de extirpar; hoje seria um abuso, que só a negligencia poderia deixar que se renovasse.

Muitas cousas se preparão este anno para os tres dias do carnaval. Uma sociedade creada o anno passado, e que conta já perto de oitenta socios, todos pessoas da boa companhia, deve fazer no domingo a sua *grande promenade* pelas ruas da cidade.

A riqueza e luxo dos trajos, uma banda de musica, as librés, o aspecto original desses grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio de mascaras, o primeiro que se realizará nesta côrte, com toda a ordem e regularidade.

Quando se concluir a obra da rua do Cano, poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as bellas tardes do *Corso* em Roma.

Entretanto a sociedade teve já este anno uma boa lembrança. Na tarde de segunda-feira, em vez do passeio pelas ruas da cidade, os mascaras se reunirão no Passeio Publico, e ali passarão a tarde, como se passa uma tarde de carnaval na Italia, distribuindo flôres, *confetti*, e intrigando os conhecidos e os amigos.

Naturalmente, logo que a autoridade competente souber disto, ordenará que a banda de musica, que costuma tocar ao domingo, guarde-se para o segundo, e que em vez de uma sejão duas ou tres.

Confesso que esta idéa me sorri. Uma especie de baile mascarado, ás ultimas horas do dia, á fresca da tarde, n'um bello e vasto terreno, com todo o desafogo, deve ser encantador.

O que resta é que as nossas patricias, todas mimosas e aristocraticas como são, não se deixem levar de velhos prejuizos, e continuem a temer a simples vista de uma mascara como de uma cousa perigosa.

Todos os membros da sociedade são pessoas delicadas e do mais fino trato: — e por conseguinte podem ter certeza que qualquer palavras, qualquer galanteria, não será capaz de offender nem sequer uma susceptibilidade.

Assim pois cessem esses escrupulos. Quando vos offerecem com tanta amabilidade uma linda occasião de gozar de algumas horas de prazer, não está bem da vossa parte uma recusa e um completo desdem. Ao contrario, mostrai que lhe dais algum apreço, porque isto nos animará a fazer uma outra cousa, que ainda está em muito segredo, mas que eu vos conto em *confidencia*, com a condição de que ficará entre nós unicamente.

Lembrárão-se alguns amigos, a conversar a respeito do carnaval, que era possivel dar-se um baile de mascaras no qual vós podesseis tomar parte, e não ser simples espectadoras, como nos theatros.

Quereis ver que já estais a fazer algum muchocho de desdem, e a pensar que todo esse anno se falla nisto, e que nunca se chega a effectuar? Paciencia! Tanto se ha de fallar, que um dia a cousa se ha de realizar. Mais vale tarde que nunca.

Entretanto supponde que a directoria do Cassino toma a peito esta idéa, e que com os mesmos socios do Cassino, e com algumas outras pessoas approvadas por ella, fórma uma nova sociedade filial para dar todos os annos um baile mascarado, começando por este carnaval.

Feito isto, ainda duvidareis do bom exito da nossa lembrança? Estou certo que não. Vós conheceis os directores do Cassino, e vos lembrais dos bailes magnificos que nos tem dado o seu amavel presidente. Assim pois a difficuldade está em convencê-lo. Pedi-lhe; — e não se me dá de apostar que é cousa feita.

Como já deveis estar aborrecidas da prosa chã e rasteira deste artigo, dou-vos uns lindos versinhos que li n'um album um destes dias. Se os quereis achar ainda mais bonitos do que elles realmente são, supponde que vos forão dedicados.

M.

Ella ... tu chamas a brisa que [illegible]
Mysterios lá do céo...
As flores morrem: tu morrer não podes
Do mundo no escarcéo!

Mulher!... seria erguer em versos d'ouro
Um throno á [illegible];
E o vulcão de paixões que nelles arde
Em ti s'extinguiria.

Anjo te chamo eu — [illegible]
Emprestimo de Deus!...
A' terra vindo p'ra salvar a terra
Dos castigos seus!

Amei-te louco — que só loucos beijão
Sobre o altar a imagem;
Incenso e flôres — e não crimes — tecem
Dos anjos a homenagem.

F.

---

teo-hepatites.

Theodora Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 68 annos, solteira, moradora na travessa do Desterro. Diarrhéa chronica.

Fallecêrão nas diversas hospitaes, no dia 12 do corrente, 6 pessoas livres e 3 escravas, a saber:

Joaquim da Costa Ferreira, natural do Porto, 25 annos, solteiro. Tuberculos pulmonares.

José da Costa, natural do Porto, 21 annos, solteiro. Diarrhéa.

Francisco Ferreira da Silva, natural de Portugal, 19 annos, marinheiro do vapor brasileiro *Tocantins*. Pneumonia.

Francisco Tavares, natural do Porto, 33 annos, solteiro, trabalhador, morador no Caminho Novo. Febre typhoide.

Antonio Marques, natural de Lisboa, 27 annos, solteiro, carpinteiro, morador em S. Clemente. Tuberculos pulmonares.

Dominga, preta, natural de Angola, 35 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.

INTERIOR.

ALAGOAS.

Maceió, 28 de dezembro de 1854.

A chegada do *Guanabara* a este porto foi um dia de jubilo para todo aquelle que, não prestando ouvidos ás suggestões e odios dos partidos, deseja, como verdadeiro patriota, o melhoramento do seu paiz. Com effeito, os despachos que publicárão-se no dia sempre faustoso e memoravel do natalicio do chefe supremo da nação provárão a toda a luz que o paiz não se acha mais em uma época de reacções e de antagonismo politico, e que o governo de S. M. deseja vivamente realizar a séria e fecunda politica inaugurada pelo gabinete de 7 de setembro.

Em todos os espiritos, ainda os mais recalcitrantes, nasce a convicção intima de que só por meio de uma politica superior ao espirito de partido, o complemento senhora da situação e estado das cousas publicas, se póde corresponder ao desejo de prosperidade e de engrandecimento a que tanto aspira o gigante da America.

Nesta mesma provincia a propria gazeta, que se considera como orgão da opposição, tem dado provas manifestas de que acha-se possuida de bons desejos para com a politica dominante.

Vou citar-lhe aqui as passagens de dous artigos do *Tempo*, por onde Vm. conhecerá perfeitamente a verdade do que lhe tenho dito.

E' o Dr. Jacintho Paes Pinto da Silva, um dos mais distinctos membros da opposição, um dos que em outra época escrevêrão mais severamente contra o partido dominante, quem, respondendo cavalheirosamente a um officio em que a presidencia o encarregára de administrar os soccorros e medica-[illegible] todavia atacado do *spleen*. Gosto e amo extremecidamente os folgares e as danses, ou, para dizer-lhe tudo em poucas palavras, amo e busco o movimento como um furioso Parisiense.

Sinto que ia sahindo do meu serio; e antes que a cousa cheire a potisco, quero recolher-me aos bastidores.

Acho-me no Bebedouro, em um dos mais amenos arrabaldes da cidade; e aqui, no seio da natureza, entregue á leitura de alguns dos melhores romances da época, pretendo esperar a volta dos concertos e das reuniões das familias, unicos momentos em que nesta cidade se podem apreciar os encantos e as doçuras da sociedade.

S. Ex., que no dia 17 do corrente partira em um dos vapores da companhia do Pedroso para a cidade do Penedo, já se acha recolhido ao seio desta capital.

A recepção que fizerão a S. Ex. foi uma completa ovação. Cinco leguas antes do Penedo já as praias achavão-se apinhadas de povo, que de todas as partes affluia para comprimentar o muito illustrado administrador da provincia, que em tão pouco tempo de administração tem feito tão grandes beneficios á mesma.

Quando o vapor *Santa-Cruz* passava diante da povoação de Piassabussú, duas barcas occupadas pelas autoridades e pessoas mais distinctas do logar, demandárão o vapor ao som atroador de immensas gyrandolas de foguetes que subião ao ar. S. Ex. fez parar o vapor, e recebeu a bordo os comprimentos destes amaveis hospedes, que seguirão na comitiva até o Penedo.

A chegada de S. Ex. nessa cidade foi saudada com numerosas gyrandolas de foguetes, immenso concurso do povo, e uma commissão das pessoas mais gradas da cidade, que viérão ao encontro de S. Ex. quando ainda o vapor sulcava as aguas do magestoso S. Francisco.

Um baile esplendido, offerecido pelos Srs. tenentes-coroneis Innocencio José da Costa e José Vicente de Medeiros, estava ha muito preparado para significar ao presidente da provincia o contentamento que a sua administração tem causado a todos os habitantes da mesma.

Nada faltou ao baile para que estivesse completo. O esplendor das luzes, o numeroso concurso de senhoras e cavalheiros, a alegria, a franqueza, a cordialidade e a abundancia do coração, que reinavão em todos os convidados, tornárão aquella noite encantadora.

S. Ex. foi hospedado pelo commendador Manoel Gomes Ribeiro, um dos homens mais prestigiosos da provincia, um dos mais decididos e sinceros alliados do governo.

A camara municipal da cidade do Penedo por si, e em nome de seus municipes, comprimentou a S. Ex. pela sua ida e estada naquella cidade; o presidente da camara recitou tambem uma allocução analoga á circumstancia. S. Ex. respondeu, como convinha, a esses votos de sympathia. Não transcrevo aqui a felicitação e a resposta presidencial para não tornar extensa de mais esta missiva.

[illegible] seno.

Houve entre elles muitos que se esforçárão para acompanhar o mestre: *Marianna*, *Fr. Gil* não estiverão máos, porém ficárão distantes do *Antonio José*. O verdadeiro artista deve primeiro que tudo ter muita natureza, mas esta pouco ou nada adianta sem muitos estudos, sem continuas vigilias. E' este o meu modo de pensar, e não ha convencer-me do contrario.

O calor é muito: acho-me hoje na cidade, ouço tocar da vizinhança o *Trovador*, executa-se uma das minhas favoritas, que com isto me encanta sempre que venho á cidade, e que talvez pretenda arrancar-me da mesma frescura do meu Bebedouro.

Hei de porém resistir as tentações do magico instrumento, ás brilhantes seducções do Verdi, para atirar-me aos braços da minha terna *Julieta*.

Desejo-lhe boas festas, e prezo-me de ser seu amigo.

(*Carta particular.*)

VARIEDADE.

GUILHERME TELL

REGENERADOR DA LIBERDADE DA HELVECIA.

(*Anno de 1300.*)

XIV.

Deixemos a poesia, e tomemos de novo a tradição, essa outra poesia da verdade.

Gessler, senhor de Guilherme Tell, temendo que uma insurreição levantada pelo exemplo daquelle heróe dos naturaes de Uri não lhe arrancasse o prisioneiro, resolveu transportá-lo naquella mesma noite para uma fortaleza pertencente ao imperador em Kussnacht, no pico do Monte Rigi. Para ir-se a Kussnacht era mister atravessar o lago.

Gessler, não querendo confiar a ninguem a guarda do rebelde reservado a um supplicio exemplar, embarcou-se em Fluelen, pequeno porto de pescadores na margem occidental do lago dos Quatro Cantões. Alguns remadores, alguns guardas e um piloto incorporado compunhão a equipagem.

Guilherme Tell, amarrado, foi lançado a seus pés, como um fardo vil, no fundo da barca. Soltou-se a vela. Navegárão com felicidade até metade do lago; ali porém esconderão-se as estrellas e as vagas tremêrão; um vento ruidoso e pesado cahiu do S. Gothard, pela embocadura do Reuss; a vela, inchada de vento, fazia tombar a barca. Os remeiros procurárão em vão chegar a um reconcavo ao pé do Rigi para nelle abrigarem-se; repellidos pelas vagas espumantes, fluctuavão de abysmo em abysmo, sem poder achar rumo naquellas campinas liquidas; era força obedecer ao furacão, que os levou de uma á outra margem durante uma longa noite. «Não ha senão um [illegible] physionomia, da mão apertada pela mão. A alma de Guilherme, no momento em que elle destendia seu arco, hesitando entre a maçã collocada na cabeça de seu filho e o coração de Gessler, passou para a Suissa inteira.

A 31 de dezembro os tres chefes da conjuração arvorárão suas bandeiras, e chamárão seus companheiros ás armas. O estandarte de Uri representava uma cabeça de touro com a canga quebrada e pendente do pescoço; o de Schwytz, uma cruz, duplo symbolo do supplicio e da liberdade; o de Underwald, duas chaves, imagens das do apostolo S. Pedro, que lhe abrião as portas do ferro de sua antiga escravidão.

A' meia noite Stauffacher, seguido pela mocidade de Uri, subiu em silencio pelas escarpas do castello de Rosberg, uma das fortalezas da Austria; tudo dormia na morada dos tyrannos, excepto o amor e o patriotismo. Uma moça, da raça dos servos, e que servia no castello do senhor, era noiva de um dos conjurados. Advertida somente por elle do dia e hora, lançou-lhe ao fundo do precipicio uma corda de nós amarrada ás grades da sua janella. O moço, introduzido assim com vinte de seus companheiros, surprendeu a guarnição allemã em seu somno, desarmou-a, e metteu-a na prisão da fortaleza. Os vencedores deixárão fluctuar, como um laço, a bandeira da Austria sobre as ameias; no dia seguinte aquelle laço attrahiu para lá um grupo de senhores que fugião da rebellião; ficárão como refens aos revoltosos.

Em Sarnem, os filhos do paiz, occultando as armas debaixo da roupa, apresentárão-se carregados de carneiros, cabras, gamos e gallinhas, como para trazer ao senhor o tributo do primeiro dia do anno. O senhor, que sahia para ir á igreja de Sarnem, saudou-os passando, e disse-lhes que esperassem sua volta. Apenas tinha atravessado a ponte, que elles abaixárão, tirárão as armas que trazião escondidas, e tocando do alto da torre a buzina de chifre das montanhas, chamárão o povo á liberdade.

Durante essas sorpresas ou assaltos, os companheiros de Stauffacher, Walter Furst e Guilherme Tell, escalavão a fortaleza de Uri reputada inexpugnavel. Melchtal e seus heróes apoderárão-se de todas as outras cidadellas. A' noite, fogueiras acesas pelos vencedores, sobre todas as alturas conquistadas, reflectião de pico em pico, de vaga em vaga, o primeiro lampejo da independencia helvetica, que oito seculos não poderião extinguir. Esta data se confundia com o nome de Tell, que firmava-se o fundador, ao menos a occasião da liberdade de seu paiz. Felizes os homens cujos nomes são taes datas, e dão renome a seu povo. A posteridade não lhes pede senão seu titulo á gloria; nasce-lha e os confunde com a grandeza, a virtude, a eternidade de sua raça, e os abençoa nos ultimos de seus descendentes.

XVII.

Foi o que aconteceu a Guilherme Tell. Sua simplicidade tem uma maravilhosa analogia com o paiz simples e pastoral que celebra para sempre seu nome e aventuras em suas tradições. Sua imagem, [illegible]

Varela, a cuja *falta* (dizia o Sr. Lopes) de *capacidade e intelligencia*, o presidente da Republica confiava todos os empregos, menos o de ministro secretario de estado de relações exteriores, para receber e tratar com negociadores do tratado. Informado Dauban do que o procurarão, espontaneamente se apresentou na alfandega ao dito Sr. Varela, que já encontrou acompanhado de um advogado e de um escrivão, ou machinas de repetir perguntas, e de escrever.

Recolhidos a uma sala ou tribunal, onde os tres inquisidores tomárão assento, reunirão ás 9 horas da manhã um interrogatorio que durou, conservando Dauban em pé, até o meio-dia; por varias vezes se interrompeu a sessão para se remetterem a S. Ex., o Sr. presidente, as respostas dadas ás perguntas que já estavão formuladas e escriptas, como as que successivamente forão mandadas do palacio pelo mesmo presidente.

Ao meio dia, hora em que S. Ex. o Sr. Lopes costuma jantar, suspendeu-se a sessão, e foi Dauban conduzido ao centro de uma escolta de 10 soldados e 2 sargentos armados, aquelles de espingardas carregadas e bayonetas armadas, e estes de pistolas na mão esquerda e espadas desembainhadas na direita para o quartel que fica ao lado da alfandega, onde soffreu nova e escrupulosa revista, para lhe tirarem um canivete de aparar pennas; e o metterão no calabouço mais immundo e incommodo, e 2 sentinellas á vista, mas tambem com um par de grilhões nos pés.

Neste estado e logar, e com as mesmas circumstancias de perguntas, escriptas no palacio presidencial, se renovou ás 3 horas o interrogatorio, que durou até o pôr do sol, e deu em resultado lançar-se mais um par de machos ao mesmo, que continuou a ser interrogado de manhã e á tarde até ás 5 horas da tarde de 10 do [illegible], em que [illegible] a sua liberdade depois de por differentes vezes ter sido [illegible] levado ao logar do supplicio [illegible] outras bandidas para ser executado.

Sabem V., e os seus leitores, [illegible] do Paraguay, porque razão teve este Argentino [illegible]? Foi porque um innocente *Pedro Bur*[illegible] de Corrientes [illegible] que Dauban [illegible] D. João Pujol, governador de Corrientes e do Dr. Avila redactor da *Libre Navegação*, os quaes S. Ex. [illegible], por seu talento e uma administração [illegible] por maliciosa e perversa conveniencia queria que apparecessem como autores da conspiração, que os seus remettentes fazião crer tramar-se no Paraguay.

Sabem o que causou as torturas que padeceu o infeliz Dauban? O amor que o Exm. Sr. Carlos Antonio Lopes tem á verdade, e o ser innocente desejo de fazer a miraculosa descoberta de que a viagem do amigo dos Srs. Pujol e Avila tinha por fim ligar o nosso diplomata na Assumpção ao governo [illegible]

LEGITIMA PELLE DE PEIXE-BOI.

Sr. redactor.—Sirva-se publicar em o seu acreditado *Jornal*, para bem da humanidade, que padecendo eu ha mais de 35 annos de uma quebradura que me impossibilitava a maior parte do tempo de tratar dos meus negocios, applicando a pelle de peixe-boi, que se acha na rua da Quitanda n. 188, e no fim de 18 dias fiquei radicalmente curado, graças á Divina Providencia, e a tão santo remedio. Faço esta declaração não por ella me ser pedida, mas sim por ser verdadeira, e para prova da minha eterna gratidão.

Daniel Antonio Pereira.

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1854.

EDITAES.

N. 175. — Pela inspecção da alfandega da côrte se faz publico que, achando-se as mercadorias contidas nos volumes abaixo mencionados no caso de serem arrematadas para consumo, nos termos do § 2º do art. 1º do regulamento de 27 de fevereiro de 1849, se convida aos seus donos ou consignatarios a despachá-las no prazo de 30 dias, sob pena de, findo elle, serem vendidas por sua conta, sem que lhes fique competindo allegar contra os effeitos desta venda: 10 caixas ns. 41 a 49 e 65, e 10 [illegible]

ILEGIVEL.

accionistas.

n de todos, que não dei-
larmoyeur, pelas razões
ei algumas correspondên-
rlo, o chiste dos seus arti-
io vos esqueção os lindos
de rivalisar com as scenas
hola!
ma-lo algumas vezes, a pro-
io, de portento. *Gato ru-*
ida, — diz um proverbio

amigo de todo o mundo.
marquezes, viscondes, mi-
circulo dos seus intimos.
le, meu amigo Pedreira,
s, » são phrases que lhe
ao bico da penna.
por vangloriar-se; não, é
, é o poder da sympathia.
flux de todos os Castores, é
nidade ministerial.
se acha nesta posição, e
preciado, tem direito a fi-
lespeitado, e a esmagar os
tranchante, chamando-os
— isto é, atirando-se em
as e obras, sobre a cabeça
o reconhecêrão como tal!
, o publico tem sido in-
mercio ingrato. Já lá vão
, e nem sequer ainda fi-
quena *publicação a pedido*
imprensa que *tudo* sabe e
o de todo o mundo.
neu autor, a apparição do
-me lembrar uma pagina
e que recommendo aos

tuoso escriptor, a arte de
primeira das artes, assim
nica lingua universal que
provavelmente foi fallada

lagres de *S. Francisco*.

Quereis a prova?

Abri a boca e chorai.... todo o mundo entenderá que tendes fome.

Chorai e bebei as lagrimas; e logo se conhecerá que estais morrendo á sede.

Levai a mão ao coração e chorai olhando uma mulher; e ella comprehenderá que a amais.

Erguei ao céo os olhos razos de pranto, juntai as mãos; e ninguem deixará de entender a prece muda de uma alma infeliz.

Voltai as algibeiras e deixai correr algumas lagrimas; e logo se verá que não tendes dinheiro nem credito.

Uma lagrima isolada, que pende da palpebra, e corre lentamente por um rosto pallido e triste, exprime uma dôr silenciosa e concentrada; é como uma gotta de fel que verte o coração.

Duas lagrimas limpidas, que empanão ás vezes o brilho dos olhos, e se desfião docemente pelas faces, dizem uma saudade, uma suave recordação.

O pranto e os soluços são a expressão do desespero, assim como uns olhos razos de lagrimas e um sorriso, revellão o momento da suprema felicidade neste mundo.

E entretanto, apezar do poder irresistivel desta linguagem universal, todo o mundo trata de rir, e ninguem sabe chorar. As lagrimas vão cahindo em desuso; e apenas nas despedidas e nos enterros ainda se usa, bem que raras vezes, deste meio persuasivo.

O Sr. ministro do imperio na sua reforma da instrucção publica esqueceu-se de crear uma aula especial desta arte, ou desta lingua, como quizerem. N'um tempo em que o ensino se multiplica, em que ha escolas para tudo, é imperdoavel que não exista uma escola onde se aprenda a chorar a proposito.

O choro, segundo o nosso autor, é um *flux à deux robinets*: é um jorro que vos inunda n'um instante, penetra pelos póros da vossa sensibilidade, e vos faz transbordar o coração.

E' preciso portanto que cada homem tenha á sua disposição uma fonte lacrimal abundante, e sempre prompta a soltar o repuxo. E' preciso tambem que saiba usar della conforme as regras d'arte.

Assim, ás vezes é mais conveniente uma dessas lagrimas silenciosas de que já vos fallei; outras, é preferivel uma chuvinha, uma garoa; e alguns casos haverá que seja necessario uma inundação, um verdadeiro diluvio lacrimal, do qual nem o mesmo Noé escaparia.

Só os mestres podem ensinar esses segredos d'arte, e adestrar os seus discipulos nestes rasgos, nestes tropos, nestas figuras da eloquencia lacrimal: por conseguinte, uma escola de choro é indispensavel.

Aberta a aula, os primeiros que se matriculão são os namorados de ambos os sexos; em segundo logar os pretendentes, os candidatos á eleição; depois os oradores, os ministros e os jornalistas que aspirão á popularidade.

Finalmente se formará uma sociedade importante, uma ordem notavel, uma corporação destincta, cujos membros terão o titulo de—*chevaliers de la larme à l'œil*.

Não esqueção porém uma cousa, e é que não sou eu que digo essas cousas: se não lhes agradão, queixem-se de *Nestor Roqueplan*, que foi quem as inventou. Eu o que fiz apenas como bom traductor foi presumir alguns pensamentos que de certo lhe escapárão, e que elle naturalmente teria se escrevesse nesta cidade, e não em Paris.

Isto posto, estou ás vossas disposições; podemos conversar sobre o que nos parecer, sobre o *D. Paschual* no theatro lyrico, sobre as noticias do *Paraguay*, sobre o frio e sobre os divertimentos da semana.

Fostes sexta-feira á noite á Botafogo?

Vistes como estava brilhante a linda praia, com a sua bella illuminação, com as suas alegres serenatas, e com os bandos de passeadores que circulavão em frente do palacio?

Havia uma expansão de contentamento e de jubilo em todas estas demonstrações com que era acolhida e festejada a vinda de Suas Magestades.

aquillo que delle devemos esperar.

O arrabalde aristocratico se desvanecia por ser durante algum tempo a residencia da côrte.

Uma banda de musica desfilava ao longo da praia soltando ás brisas da noite e aos écos harmoniosos daquella bahia alguns themas favoritos do *Trovador*. Os grupos de mocinhas travessas e risonhas se encontravão e se confundião um momento n'uma nuvem de beijos e abraços.

Aquellas arêas felizes erão pisadas por muito pezinho mimoso, habituado á roçar com o seu sapatinho de setim os macios tapetes e o lustroso soalho dos ricos salões; e por isso, se observasseis bem, havieis de ver entre os passeiadores perdidos na multidão muito Romeu, muito Ossian, muito Goëthe improvisado.

As auras da noite, que agitavão aquelles cabellos avelludados, que roçavão por aquelles labios maliciosos, que passavão carregados de ruido, de musicas, de perfumes, trouxerão-me no meio dos rumores da festa ao logar onde estava umas palavras soltas que parecião a continuação de uma conversa interrompida.

A primeira voz que me chegou ao ouvido era doce e melodiosa: era de moça, e pelo timbre devia ser de uma boquinha bonita.

— Está tudo muito lindo, dizia a voz: mas acho que falta uma cousa.

— O que? perguntou o cavalheiro, que naturalmente dava o braço,—não á voz, mas á dona da voz.

— Devia haver um *fogo de artificio*.

— E o ha com effeito.

— Mas onde? Não vejo.

— Nem o póde ver, porque está nos seus olhos.

— Engraçado!...

A brisa escasseou neste momento, e não me trouxe o fim de conversa; mas eu fiquei comprehendendo a razão por que hoje já não se usão, como antigamente em todas as festas, as gyrandolas, as rodas de fogo, etc. Forão substituidas por outra especie de *fogo de artificio*.

O que se usava outr'ora tinha o inconveniente de queimar a gente: mas esta queimadura cura-

va-se ahi com qualquer rem
está em moda presentemen
vez de queimar abrasa, e
tempo.

O que eu sei é que é esta
zer concurrencia a do *ia*
serio estudo, não só para se
como para se evitarem os
em que póde cahir quem nã
cimento desses segredos da

Os homens que fallão de
teem ahi um bello thema para
mostrar a influencia util qu
tudo sobre o desenvolvimen
matica, tão desprezada e t
nós.

E isto vem a proposito, a
preza do Gymnazio Drama
promette fazer alguma cou
theatro.

Assistimos quinta-feira á
ção da nova companhia n
cisco: foi á scena um peque
e a comedia do Dr. Macedo.

Embora fosse um primo
deu-nos as melhores esperan
correu bem em geral, e em
excellente.

O que resta pois é que o
lio Doux sejão animados, e
alcance a protecção de que
prestar no futuro alguns ser

Cumpre que as pessoas q
posição elevada deem o exe
tecção generosa á nossa arte
a encorajarem com a sua pr
com os seus conselhos, estou
tempo a pequena empreza q
rará um theatro interessante
rão ouvir alguns dramas or
uma noite bem agradavel.

onarchia ; comprehendo que os homens possão
r chrismados em barões, condes e marquezes ;
as ha uma cousa a que decididamente não me
eito, e é como se poderá fazer de um sugeito
o, desengraçado e sem elegancia, um *gentil-*
mem.

Está bem entendido que isto não se refere a ne-
um dos ultimos agraciados, que são perfeitos
valheiros, servidores antigos, e que todos me-
cião o favor do monarcha. E' uma simples hy-
these que por ora não tem applicação, e que o
pirito e bom senso imperial repellem para não
ver occasião de se parodiar o dito de D. Pe-
o I a respeito do cavalleiro.

Um sugeito, contando-me hontem os festejos do
quatorze, disse-me : « Houve graças, *des*-gra-
e *sem*-graças. As graças os jornaes publicá-
; as *des-graças* sabem os que ficárão logrados ;
as *sem-graças* forão as daquelles que esperavão
a cousa e tiverão outra. »

Até que ponto isto é exacto não sei ; apenas
e lembro que já os nossos antigos dizião que não
dia haver graça sem *sal* ; razão esta porque na-
ralmente se inventárão os emolumentos, que
gumas vezes são bem salgados.

Já é tempo de passar a diante e acabar por hoje
m as graças, tanto mais quando já me sahi mal
r ter tido o arrojo de dizer que o paiz devia dar
tiça de graça.

Como me escapou semelhante blasphemia ? Pois n'um tempo em que tudo se compra e se vende,—em que até se trafica com o pensamento e com a consciencia,—é possivel fazer-se cousa alguma gratuita ?

Tudo tem um preço. A honra, a probidade, o dever, a reputação, essas cousas sagradas que Deus confiou ao coração humano, teem a sua cotação. Porque a justiça sahirá da regra geral, e deixará de receber a sua esportula ?

Já se vê que foi um absurdo em que cahi. Não ha cousa mais razoavel e mais sábia, como disse um correspondente do *Jornal do Commercio*, do que obrigar-se as partes a pagarem aos magistrados e officiaes de justiça, visto que estes empregados são instituidos para utilidade publica.

Ora, os ministros de estado, os presidentes de provincia, os militares, todos os funccionarios publicos emfim são creados por utilidade publica ; por conseguinte em vez de ordenado deem-se-lhes custas. O ministro ganhará dous mil réis por cada nomeação, privilegio, ou graça que conceder ; dez tostões por cada aviso ou portaria, etc.

Não veem como simplifica-se de repente todo este mecanismo administrativo, que a França e a Prussia, — nações ignorantes e atrasadas, — tanto teem estudado, e tanto se esforção para regularisar ? Deixará de haver thesouro, repartição de fazenda, loja de marca-sello, e systema de impostos, e receita e despeza publica. Tudo isto é burla. Quem precisar do empregado que o pague ; o governo o nomeia, o paiz o tolera, e nisto já fazem muito.

Quem diria que a sciencia administrativa, tão desenvolvida na Europa, tinha de ser completamente aperfeiçoada por um genio brasileiro que occulta modestamente o seu nome com receio de assombrar o mundo ?

Que força de dialectica, que logica de aço ! Os Francezes teem as *epices* ; logo, nós devemos conservar as custas. Pobre Genuense ! Que eras tu á vista deste portento ?

E eu animei-me a tocar na arca santa, no sagrado palladio, no regimento das custas ? Uma obra elaborada pelas summidades pretorianas póde ser discutida ahi por qualquer moço que ainda não teni, e nem quer ter o charlatanismo necessario para se fazer alguma cousa ?

Fechem-se as camaras ; mandem-se os senadores e deputados passeiar á Europa em missão especial ou geral : acaba-se de uma vez com a imprensa, e com a tribuna. Não percamos o tempo, que é precioso. O ministro fará as leis, e, tendo-as feito, não haverá que retrucar, *magister dixit*.

Santo regimen ! Quando te veremos em inteiro vigor, para felicidade do paiz, para o socego e a paz do governo ! Então a marcha da administração se aperfeiçoará, os ministros serão os unicos

pois do fogo veiu a chuva, como era natural; reinado um elemento, era justo que o outro uccedesse.

da a semana levou esta senhora a fazer-nos ças. Roubou-nos o bello divertimento da a; e de vez em quando escondia-se atrás da , isto é, por detrás do Corcovado, e deixava o sol brilhasse e que o céo se tornasse azul, e as pilhava um homem na rua, começava a tir-se á sua custa.

arsenal de marinha, que não dá grande imancia á extincção dos incendios, podia ao meratar de livrar-nos do contratempo da chuva, er a experiencia da theoria de Méry. E' naque as suas peças de artilharia estejão em or estado que as suas bombas.

ntretanto, apezar da chuva tivemos esta seuma noite de *Trovador* e outra do *Somnam-*

Dufrene fazia a sua quarta estréa nesta ultiopera. Na occasião em que se representava das scenas do primeiro acto, um amigo que va ao meu lado lembrou-me as seguintes paas de Balzac:

Un artiste qui a le malheur d'être plein de la
ion qu'il veut exprimer, ne saurait la peindre,
l est la chose même, au lieu d'en être l'image. »

que é que Balzac e o meu amigo quererião orm estas palavras? Não sei; mas estou-me

som commentario; o outro escreveu-as sem segunda attenção.

Nesta mesma noite teve logar a reunião da Sociedade Estatistica na sala onde se achavão expostos os productos industriaes dos Estados-Unidos, que o Sr. Fletcher offerecêra a Suas Magestades e a algumas corporações scientificas desta côrte.

Havia muita cousa a admirar naquella pequena exposição, especialmente pelo que toca a photographia, aos trabalhos de cromolithographia, e ás cartas geographicas feitas pelo novo systema da gravura sobre cêra.

Vimos um busto de Webster, que o Sr. Fletcher nos affirmou ser feito com uma machina, que por meio de um processo engenhoso copia os traços de um outro busto. A semelhança era completa, a julgar-se pelos retratos em photographia que existião na sala.

Aberta a sessão pelo Sr. visconde de Itaborahy, o Sr. Fletcher pronunciou um discurso em francez, no qual expoz as suas idéas e os projectos que o havião animado a voltar ao Brasil.

Depois de fallar sobre a ignorancia absoluta e reciproca que existe no nosso paiz e nos Estados-Unidos sobre a organisação politica, a administração e o progresso de uma e outra nação, —mostrou os desejos que tinha de fazer conhecido o Brasil na sua patria, e de estreitar assim as relações commerciaes e politicas dos dous povos americanos.

Se o Sr. Fletcher conseguir realizar esta idé pela qual parece trabalhar com tanto enthusia mo, fará um grande serviço á America. Talv dessas relações que vão começar nasça um gran pensamento de politica americana, que no futu venha a dirigir os destinos do novo mundo, e a p um termo á intervenção européa.

E se é exacta uma noticia que nos derão, ent é muito natural que os projectos do Sr. Fletch venhão a effectuar-se mais breve do que pensa.

O Sr. William Trousdale, ministro plenipote ciario dos Estados-Unidos na nossa côrte, é u dos candidatos á futura presidencia da Confed ração: e á vista dos valiosos serviços prestados p elle na guerra do Mexico, é de crer que esta ca didatura seja bem aceita pelos diversos Estados.

Quanto á politica, é hoje esse terreno tão i clinado, que nelle não nos queremos aventur quando os chefes deixão os seus soldados errant e dispersos combatendo em guerrilhas, sem sab rem ao certo que bandeira defendem.

A camara dos deputados tem approvado alg mas naturalisações de sugeitos que entendem q as leis do paiz não passão de letra morta, e q reclamão, pela importancia do seus nomes, d pensa naquellas leis.

Até reza a chronica que se deu o fôro de cid dão brasileiro a um estrangeiro recommendado [illegible]

« As nossas relações com a Hespanha achão-se no mesmo pé quo ao encerrar-se a ultima sessão. E' de esperar que o novo ministerio que dirige os destinos daquella nação se mostre mais favoravelmente inclinado a attender ás nossas justas reclamações, para que, por meio de amigaveis concessões, se restaure a harmonia e se mantenha a paz entre ambas as nações »

. . . .

« A expedição naval, mandada ha dous annos ao Japão para estabelecer relações amigaveis com aquelle imperio, foi habilmente dirigida e produzio os melhores resultados. Por um tratado abrirão-se alguns dos portos daquelle imperio ao commercio das nações. »

. . . .

« O tratado, ultimamente concluido com o Mexico, resolveu parte das grandes differenças que havião entre nós e aquelle paiz. Restão, porém, grandes motivos de queixa. A nossa legação naquellas paragens procura solvê-los favoravelmente. »

. . . .

Passando a fallar das Republicas do Prata e do Brasil, diz o presidente:

— « Os tratados que celebrámos com a Confederação Argentina, com as Republicas do Uruguay e Paraguay, asseguråo-nos a livre navegação do Rio da Prata e de muitos de seus grandes tributarios; falhárão, porém, as nossas tentativas para abrir o Amazonas.

« As razões que militão em favor da livre navegação daquelle rio já vos forão minuciosamente apresentadas em uma mensagem anterior. E, tendo em vista as relações de cordial amizade que de ha muito existe entre este governo e o do Brasil, deve esperar-se que as negociações, que actualmente pendem, tenhão um resultado favoravel. »

. . . .

A respeito do bombardeamento de Greytown, pelo vaso de guerra americano *Cyane*, a Mensagem faz uma longa exposição dos factos, sustentando o acto do official da armada americana; e conclue dizendo o seguinte:

— « Se fosse necessario estabelecer uma comparação, não seria difficil achar, na historia das nações que marchão á frente da civilisação, exemplos que provão que actos menos audazes e insolentes, que o dos habitantes de Greytown forão castigados com muito mais severidade; e que não só cidades forão reduzidas á cinzas, mas que se sacrificárão mizeravelmente milhares de vidas, misturando assim o sangue innocente com o sangue criminoso. »

. . . .

Segundo o relatorio do Secretario do Thesouro, a renda dos Estados-Unidos excedeu o anno passado de 20 milhões de pesos (40,000.000$000 pouco mais ou menos) á despeza.

e o paiz lamentamos essa perda.

— Foi hontem recolhido ao hospital da Santa Casa da Misericordia o portuguez João Francisco, caixeiro na villa da Estrella; estando a carregar uma espingarda, rebentou esta levando-lhe os dedos da mão direita.

— Forão tambem recolhidos ao mesmo hospital os escravos Joaquim e Manoel, o primeiro com uma ferida penetrante no ventre, e o segundo com uma ferida incisa nas costas, desde a região cervical até abaixo da região lombar; ambos forão feridos n'um conflicto de capoeiras.

— O governo imperial recebeu officios dos presidentes da Bahia, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, Piauhy, Amazonas e Alagôas, participando que todas as provincias gozavão socego.

Lê-se na *Concordia*:

— « Teve logar em Madrid um successo, que póde servir de lição a muitas jovens. Um namorado, bom moço, rico e talentoso, quiz surprender a dama dos seus pensamentos com um rico adereço de brilhantes no dia dos seus annos. Porém, para que a sorpresa fosse maior, quiz elle mesmo colloca-lo no gabinete da dama, e para conseguir o seu fim valeu-se da criada, que, mediante uma certa quantia, abriu-lhe a porta.

« Acabava o galante de collocar o mimo sobre a mesa, quando ouvio na camara vizinha a voz da sua amada e quiz vê-la; mas não pôde, porque a habitação estava ás escuras; porém ouvio-lhe dizer com voz terna:

« — Vem a meus braços.

« — Diabo! pensou elle, que será isto? Repplicou ainda mais o ouvido. A dama continuou:

« — Amante, quanto és formoso! Quanto te amo! Dá-me um beijo, outro.... »

« O amante não escutou mais. Voltou á mesa, pegou no adereço, sahiu de casa, tomou logar n'uma carruagem, e partiu para Sevilha, sua patria.

« A dama não tornou a saber delle. Adoeceu, está a ponto de morrer de desesperação; e não sabe a que attribuir este rompimento, porque naquella noite sinistra não viu ninguem, nem se dirigiu a ninguem mais que ao .... seu cão. Se o amante o soubesse!

« A' ultima hora. — Sabemos que o namorado andaluz chegou a saber a verdade ácerca do acontecido; porém, em vez de arrepender-se, como esperavamos, disse:

« — Tanto peior! Nunca beijarei os labios que beijárão um cão!

« Aprendei, mulheres. »

— Lê-se no *Popular* do Porto das Caixas:

« Foi descoberto o sacrilego ladrão da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Rio Bonito em cuja casa forão ainda encontrados alguns objectos da mesma igreja, que havião sido roubados, como as cortinas do nicho de Nossa Senhora, algumas toalhas do altar, etc.

natural do Rio de Janeiro, 20 dias, moradora na rua da Alfandega. Diarrhéa.

Francisca Innocencia, filha de Justiniano Wencesláo de Mello e Cunha, natural do Rio de Janeiro, 9 mezes, morador na Praia de S. Christovão. Meningite.

Florinda Rosa do Espirito Santo, natural do Rio de Janeiro, 73 annos, viuva, moradora na rua do Principe. Erysipela perniciosa.

Josepha Francisca Machado, natural do Rio de Janeiro, 23 annos, solteira, moradora na rua da Saude. Febre purulenta.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 19 do corrente, 3 pessoas livres e 2 escravas, a saber:

Christovão Massa, natural de Sardenha, 60 annos, solteiro. Syphiles no ultimo gráo.

Helena Candida Calisto, natural da Ilha de S. Miguel, 35 annos, casada. Tuberculos pulmonares.

Francisca Apolinaria, natural da Bahia, 50 annos, solteira, costureira. Hepatites.

VARIEDADE.

MOSAICO.

§

Como é que homens sensatos, espiritos afilados, sujeitos que teem pretenções elevadas podem gastar o tempo com trocadilhos, epigrammas, *calembures*, ou equivocações?

Perguntava-me ha dias um homem grave, daquelles que entendem que viemos ao mundo para representarmos a comedia do *Asno sisudo e silencioso* de não sei que autor hespanhol.

Esta pergunta nos fez scismar por alguns instantes, e levou-nos a provar que o *calembur* e os trocadilhos datão da creação do mundo e forão usados pelos homens mais importantes da antiguidade.

§

O primeiro trocadilho conhecido foi o do livro da creação do mundo. Ahi se diz que Deus tirou uma costella de Adão para desse *osso* fazer a mulher. A mulher era pois um osso que nosso pai Adão trazia *de costas*, segundo Moysés se exprime no primeiro dos seus livros.

§

Um trocadilho muito notavel dos livros santos é o episodio da condemnação do genero humano na pessoa de Adão, por ter comido o fructo prohibido da arvore do bem e do mal, que lhe fôra apresentado pela mão da mulher tentada por uma serpe.

Um theologo commentador tirou dahi estes corollarios:

O peccado veiu de uma causa ruim (a serpe);

A sciencia, desde os primeiros tempos, custou caro;

Quem tenta o homem é a mulher, quem tenta a mulher é o espirito máo (a serpente).

visto diario sentado entre as ruinas de Carthago! »

§

Poderiamos citar um milhão de exemplos desta ordem.

Agora passaremos a outra ordem de celebridades.

Tomemos um escriptor classico antigo, um poeta de primeira ordem.

Virgilio, por exemplo.

Logo na narração das desgraças de Troia, elle diz, fallando de Ulysses, que foi preciso metter-se na barriga de um cavallo para vencer os seus inimigos.

Quando Enéas começa a contar a Dido a historia de seus infortunios, faz sentir que já são horas de dormir e que por isso fallará *breviter*. Este *brevemente* do pai Enéas occupa 1,519 versos hexametros, ou dous cantos, ou a sexta parte do poema! Que noitada fizerão os ouvintes!

Descrevendo as portas do palacio do Somno, diz Virgilio que são duas, uma de *chifre* para a verdade, outra de marfim para a mentira.

E este verso intraduzivel, esta expressão raivosa de Juno, vendo Enéas edificar junto ao Tibre uma nova Troia;

Num *capti* potuere *capi?* num *incensa cremavit* Troja viros?

Quem souber latim que o traduza com o trocadilho; quem o não souber fuja daqui e dos exames *geraes*.

Outro dia, quando nos falte assumpto, continuaremos a provar que só não é *calemburista* quem o não póde ser. Até o proprio Luiz XIV, conversando com Duguay-Trouin, e dizendo-lhe este a respeito de um navio chamado *A Gloria*: Eu fiz signal para *A Gloria* me acompanhar.

« — E a gloria vos obedeceu, atalhou-o o rei com um sorriso. »

GARRETT.

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO

Terra da minha patria! abre-lhe o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver de um filho.....................
Camões.—GARRETT.

I.

Extincto é tudo já: silencio triste
Succede aos écos dos eternos cantos!
Chora tu Portugal que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
A' cruz da redempção ir abraçar-se...
Como a luz a expirar no santuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da fronte as vivas flores,
Vi-o cingir a c'rôa dos espinhos,
Agradecendo a Deus aquellas dores.

Vi-o grande nos dias de ventura
Erguer-se como genio da poesia!
Cahiu Athlante! e a lusitana gloria
De crepes se cobriu.
Porém, de pé; no pedestal da historia
O gigante surgiu!

E sustém outro mundo— um mundo immenso!—
O mundo do porvir!...
Que pasmado a seus pés fica suspenso
De nunca o ver cahir.

Agora a patria.... a patria emfim, que acorda
Vem com seus esquadrões.
Agora o povo.... que a chorar recorda
As immortaes canções.

E todos vão grupar-se nas fileiras
Do cortejo final.
Cobre-o com essas pompas derradeiras;
E chora Portugal....

Gemem trezentos annos que passárão....
Eternas convulsões!
Que só depois de seculos achárão
Um cantor de Camões!

IV.

Adeus, mestre! adeus, amigo...
Eu fico chorando aqui.
Como não posso ir comtigo,
Pedirei a Deus por ti.
Só á morada derradeira,
Não vou tambem na fileira,
Onde vão alguns dos teus:
E' que não posso.... é que o pranto
Parece que tem encanto
Nestes tristes olhos meus!

Como hei-de viver agora,
Um só dia sem chorar?
Se me lembro a toda a hora
Que não tornas a voltar...
E tudo que tenho comigo
Me lembra o mestre e o amigo,
A quem sempre me encostei!...
E os conselhos que me davas...
E tudo que me ensinavas...
Tudo, tudo quanto eu sei.

Oh! que sei eu desprezado?
Mas de que serve o saber?...
Se eu nunca tinha contado,
Que me havias de morrer!...
Tinha-te quando queria...
A ti — o rei da poesia! —
A ti — rival de Camões! —
A ti — que além de ensinar-me,
Descias sempre a mostrar-me
Tuas divinas canções!...

Oh! espirito sublime!
Nunca te soube pagar...
Mas a dôr que hoje me opprime
Diz-me se eu te soube amar!
Orvalhado com meu pranto,
Aceita o mimoso canto,
Que a saudade me inspirou.
Por ti amei a poesia;
Deixo a por ti neste dia,
Porque a luz se me apagou!

A cruenta desgraça do poeta
Que morreu com a patria.
Oh! que sina tão negra a do poeta!
Escolhido da dôr—perlustra a vida,
Rasgando o seio que a desgraça opprime,
A derramar nos cantos inspirados
Essa de vida seiva tão possante
Que prodigo offerece ás multidões,
E por troco o soffrer angustiado
Do maldito de Deus que vaga incerto
No caminhar continuo.

Nenhum consolo — sobre a terra ao pobre!
E quando era sentado sobre o marco
Pendendo a fronte á descantar ás auras
A dulia insoffrivel de seu seio —
A morte lhe interrompe o canto suave,
Que elle vai terminar na eternidade
Junto ao throno de Deus.

Que placido repouse nas alturas —
No remanso da paz — entre os archanjos,
Que em seus braços o acolhem prasurosos
E unindo sua lyra em nota amena
As harpas divinas — ufano exalte
Os hymnos do Senhor.

Feliz—despio a tunica pungente
E só prostrado jaz—na loisa frigida
Estagnado seu corpo pela morte,
Eternos viverão seus divos cantos,
Que não ha esquecer obras que o genio
Com seu sopro inspirou.

ANDRADA MACHADO.

O philosopho Wolff e o rei dos soldados.

(QUADROS DO PASSADO, POR FERNANDO SCHMIDT.)

III. — *Wusterhausen*.

Frederico Guilherme tinha feito uma excursão a seu palacete de caça, em Wusterhausen, de que a Margravo de Bayreuth, filha do rei, nas suas memorias dá a seguinte descripção:

« Por ordem do rei unia-se construido com grande dispendio, e á custa de muitos esforços, um morro de terra batida, limitando tão bem o horizonte, que não se avistava o palacio senão na descida. Esse chamado palacio consistia em um pequeno edificio principal, cuja belleza era realçada por uma torre antiga, á qual subia-se por uma escada de madeira em caracol. Cercado de um terreno á beira de um fosso, cujas aguas, negras e putridas, parecião-se com a do Styx, unia-se por meio de tres pontes com o páteo; o jardim e um moinho que lhe ficava fronteiro. De dous lados era o pateo fechado por edificios lateraes que habitavão as pessoas da comitiva do rei; e do terceiro lado, por uma estacada, a cuja entrada estavão presas, como sentinellas, quatro aguias, dous ursos, duas brancas e duas pretas, bem como um casal de ursos, animaes muito bravios, que, seja dito de passagem, aggredião a todos. »

me lembro de que lhe aconteceu na ultima caçada de javali... Ora, imagina o homem montado a cavallo em cima de um porco do matto!... e de mais a mais com as costas viradas para a cabeça... — não estejas olhando assim para elle, que poderá reparar que estou fallando a seu respeito, e então, adeus minhas encommendas!... Mas vamos ao caso do porco: ao molhar da caçada um porco montez correu em direcção ao tal Hanke, que, querendo mata-lo, estendo para elle o seu comprido facão de caça; quebra-se pelo meio o facão, e Hanke, afim de se livrar das presas do animal furioso, abre quanto póde as suas pernas de varapáos, pensando que o porco havia de escapar por baixo dellas, porém mais ou menos como d'antes passavão navios sob o colosso de Rhodes. Porém, como o cevado era muito elevado, o que aconteceu foi ficar Hanke montado no bicho, que disparou carregando o homem comsigo. A seus gritos acode o tenente-coronel von Muenchow, que precipita-se ao porco para perfura-lo de lado: mas fere a Hanke na barriga da perna, de sorte que este poz-se a gritar ainda mais. Até que finalmente chega uma matilha de cães correndo, que desembaração o cavalleiro e vencem o javali. Desde esse tempo Hanke anda por ahi coxeando, do pé amarrado, emquanto o rei e os mais officiaes estão se divertindo todos os dias em caçar.

— E qual é a caçada projectada para hoje? perguntou o lente.

— Provavelmente de veado.... respondeu Gundling. Ai, que elles ahi vem!... por vida minha.... ouço carros e cavallos!... Depressa, atrás da porta.

E rapido como o vento escamou-se o lente atrás de uma porta do edificio lateral.

Tudo isto não tinha escapado a Hanke. Pouco depois atravessou elle o pateo coxeando e sustentando-se em uma bengala. Quando se achou na proximidade de Gundling, disse meio amargurado, meio risado-se:

— Ah! ah! Sr. barão, esteve o mirando a seu mano o meu passeio a cavallo no porco!... Cale-se! eu bem o notei pela sua cara.... Mas espere, que ainda hei tambem de monta-lo, junto com seu mano, que está escondido alli atrás da porta!

Ouvindo isto, o lente ficou assombrado, porque então receiou ainda mais que Hanke fosse descobrir o seu escondrijo ao rei. Todo tremulo olhava pelas fendas da porta, para o lado da ponte, quando de repente viu approximar-se uma procissão de cavalleiros, á testa da qual vinha o rei; que, pela pouca distancia em que estava, pôde elle logo reconhecer. Trajava Sua Magestade uma simples vestimenta verde de caçador, com um chapéo da mesma côr e a sua figura não deixava admirar os receios do lente, que viu o seu monarch pela primeira vez. Era baixo, rechonchudo, tinha uma cabeça enorme enterrada nos hombros, e o rosto redondo, matizado de diversas côres: vermelho, azul, amarello e verde. Atrás delle vinhão seus pouco de alli dous, e depois desses dous caçadores de officio. Trazião todos paramentos escarlates com paramentos de velludo verde, colletes verdes guarnecidos de galões de ouro, calças de camurça amarella,

ções varião a cada momento, o sempre apresentando uma nova alta no preço.

Não se conversa sobre outra cousa. Os agiotas forjão a creação de uma nova companhia; os especuladores estudão profundamente a idéa de alguma empreza gigantesca. Emfim hoje já não se pensa em casamento rico, nem em sinecuras; assignão-se acções, vendem-se antes das prestações e ganha-se dinheiro por ter tido o trabalho de escrever o seu nome.

Este espirito de empreza, e esta actividade commercial promettem sem duvida alguma grandes resultados para o paiz; porém, é necessario que o governo saiba dirigi-lo e applica-lo convenientemente; do contrario em vez de beneficios, teremos de soffrer males incalculaveis.

E' preciso não conceder autorisação para incorporação de companhias que não revertão em bem do paiz e que não tenhão todas as condições de bom exito. Não procedendo desta maneira se falseará o espirito da lei e a natureza das sociedades anonimas, e se perderá indubitavelmente o concurso deste poderoso elemento de riqueza e de engrandecimento.

Companhias, que, como algumas que já existem, não forem creadas no pensamento de uma necessidade publica, ou de uma grande vantagem do paiz, não só cegarão os capitaes que podem servir para outras obras de maior alcance, como desacreditarão o espirito de empreza desde que, como é natural, os seus lucros não corresponderem ás esperanças do commercio.

Cumpre tambem — já que fallamos em companhias, — que o governo trate de examinar se algumas emprezas privilegiadas, que existem nesta côrte, principalmente sobre navegação de costeio,

vem satisfeito as condições de sua incorporação.

Falla-se em tantos abusos, em tantas negligencias, que é provavel haver um fundo de verdade nas exagerações que costumão envolver certas censuras.

E sobre isto me parece que é tempo de quebrar-se esse circulo de ferro do exclusivismo e do monopolio, que tanto mal comera a fazer á nossa navegação de costeio. O privilegio é um agente aproveitavel nos paizes novos; mas convem que seja empregado com muita reserva, e unicamente no periodo em que a industria que se quer proteger ainda não tem o desenvolvimento necessario.

Actualmente que nos nossos estaleiros, e na *Ponta da Areia*, já se construem tantos vapores proprios para a navegação do interior, qual é a vantagem que resulta das emprezas privilegiadas? Não é isto matar a concurrencia, e impedir que uma industria util se desenvolva e se aperfeiçôe?

Repetimos. O governo deve examinar escrupulosamente este objecto; e não só abster-se de conceder incorporações de companhias privilegiadas desta natureza, como desautorisar na fórma do codigo commercial a existencia daquellas que não tiverem cumprido as condições de sua organisação.

E' porque desejamos unicamente o bem do paiz, que lembramos esses desvios no espirito de empreza que se está desenvolvendo tão poderosamente no imperio, e sobretudo na praça do Rio de Janeiro.

Entretanto, ha algumas companhias, como por exemplo a da rua do Cano, que se encorporou ultimamente com o nome de *Reformadora*, a qual deve merecer do governo toda a protecção, por isso que para o futuro ella póde vir a realizar grandes melhoramentos urbanos, e crear um systema de

PAGINAS MENORES.

Rio, 21 de janeiro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

. . . .

Sexta-feira, era tarde da noite. Pensava, não me lembra á que proposito.

Se ha cousa que dê azas ao pensamento, que solte o vôo á fantasia, é uma dessas mudas contemplações pelo silencio da noite, quando n'um momento de todo o espirito se revolta contra as miserias do presente, e procura além, no futuro, ou nos tempos que passárão um novo elemento de força e de actividade.

A imaginação se lança no espaço, percorre mundos desconhecidos, atravessa o tempo e a distancia, e vai muitas vezes acordar os écos do passado, revolver as cinzas das gerações extinctas, ou contemplar as ruinas de uma cidade opulenta, de um vasto imperio abatido.

A historia se desenha então como um grande monumento. Ao volver lhe as paginas, volvem-se os seculos. Os annos correm por minutos. As raças, que desapparecêrão da face da terra, se levantão do pó, e passão como sombras fugitivas. Cada folha do grande livro, é o berço de um povo, ou o tumulo de uma religião,—um episodio na vida da humanidade.

Estava tarde da noite.

Ao redor tudo estava tranquillo. A cidade dormia; o silencio pairava nos ares. Apenas algumas luzes suspensas na fronte de uma ou outra casa e perdidas no clarão do gaz, fazião reviver do esquecimento uma grande recordação da nossa historia.

Havia apenas vinte dias que começára o novo anno; e esses dias que agora corrião tão calmos e tranquillos, ha mais de tres seculos passavão e repassavão sobre esta cidade adormecida, deixando-lhe sempre uma data memoravel, escrevendo-lhe o periodo mais brilhante dos seus annaes.

O tempo, por uma coincidencia notavel, parece ter confiado ao mez de janeiro os maiores acontecimentos, os destinos mesmos desta grande cidade que elle recebeu o seu nome,—que com elle surgiu do seio dos mares aos olhos dos navegantes portuguezes,—o nello recebeu o primeiro influxo da civilisação e ergueu-se das entranhas da terra para um dia talvez vir á ser a rainha da America.

E todas essas recordações se traçavão no meu espirito vivas e brilhantes. As sombras se animavão, os mortos se erguião, o passado renascia.

Aquella massa negra da cidade que se destacava no meio da escuridão da noite, levantava-se aos meus olhos como um pedestal gigantesco, onde do momento á momento vinha collocar-se uma grande figura da nossa historia, que se desenhava no fundo luminoso de um quadro fantastico.

Era uma visão como o sonho de Byron, como a scena da gruta no Macbeth de Shakspeare.

Vi ao longe os mares que se alisavão, as montanhas que se erguião, as florestas virgens que se balouçavão ao sopro da aragem, sob um céo limpido e sereno.

Tudo estava deserto. A obra de Deus não tinha ainda sido tocada pela mão dos homens. Apenas

a piroga do indio cortava as ondas, e a cabana selvagem suspendia-se na escarpa da montanha.

A bella virgem do Guanabara dormia ainda no seio desta natureza rica e magestosa, como uma fada encantada por algum condão das lendas de nossos paes.

A aurora de um novo anno—de 1531—surgia d'entre as aguas, e começava a illuminar esta terra inculta. Algumas velas brancas singravão ao longe sobre o vasto oceano dos mares.

Passou um momento. A figura de *Martim Affonso* destacou-se em relevo no fundo desta scena brilhante; e tudo desappareceu como um sonho que era.

Mas um novo quadro se desenhou no meu espirito.

No meio de um povo em lagrimas, ergueu-se o vulto imponente de um fidalgo portuguez. Sua vida lia-se no distico gravado sob o pedestal em letras de ouro.

Arte regit populos, bello precepta ministrat;
Mavortem cernis miles, pace Numam.

Ergueu-se. Era o *conde de Bobadella*. Contemplei um instante esta cidade que havia governado vinte e nove annos e cinco mezes, esta cidade que tinha aformoseado e engrandecido. Depois deitou-se no seu tumulo e passou. Um grande prestito funebre o seguiu.

Novo quadro ainda se desenhou no meu espirito.

Vi um combate naval. Vi o assalto de uma fortaleza,—de Villegaignon. A fumaça envolve os combatentes; ronca a artilharia; a flexa vôa com o pelouro; a piroga do selvagem lança-se no ataque.

Um cavalheiro desconhecido atira-se ao mais forte da peleja, e anima os combatentes portuguezes. Seu corpo é invulneravel, suas palavras excitão o enthusiasmo e a coragem. Dir-se-hia que uma aureola cinge a sua bella cabeça.

Mas longe o general portuguez expira, e seus soldados redobrão de esforço e de valor para vingar a sua morte, e para ganhar emfim uma victoria tão valentemente disputada pelos francezes.

Terminou o combate.—Aquelle soldado que com a ponta de sua espada ainda tinta do sangue do inimigo, traça sobre o campo da batalha a planta de uma nova cidade— é *Estacio de Sá*, o fundador do Rio de Janeiro.

A pequena colonia começou a estender-se pelas ribeiras da bahia, e cresceu no meio dessa terra cheia de força e de vigor. De simples governo passou a vice-reinado; depois á capital de um reino unido; e por fim tornou-se a côrte de um grande imperio.

Mas que vulto é este que assoma no meio do enthusiasmo e da exaltação patriotica do povo agradecido? Não tem ainda a corôa, nem o manto; mas ha nelle o typo de um grande imperador, de um heróe.

E' *D. Pedro I*, que em resposta á representação do senado da camara, e do povo da cidade, profere essa palavra memoravel, que decidiu do futuro do Brasil, e que firmando as primeiras bases da nossa independencia politica, concorreu igualmente para elevar o Rio de Janeiro a capital de novo imperio.

Contemplei por muito tempo, tomado de santo respeito, esse typo sympathico de um monarcha cavalheiro, que deixou na nossa historia os mais brilhantes traços de sua vida.

Lançando os olhos sobre esta cidade, que elle tanto amára seu rosto expandiu-se. Viu o commercio e a industria florecerem, creando esses grandes capitaes que alimentão as emprezas uteis para o paiz. Viu o amor e a dedicação nos degráos daquelle throno em que se sentára. Viu por toda a parte a paz e a prosperidade.

Volveu ainda um ultimo olhar; e sumiu-se de novo nas sombras do passado.

~~~~~~~~

O que acabais de ler é uma pagina perdida, é uma folha arrancada a um livro desconhecido, que talvez daqui a algum tempo vos passará pelos olhos, se não tiver o destino de tantos outros, que antes de nascidos, vão morrer entre as chammas.

A historia do Rio de Janeiro tem algumas paginas, como essa, tão bellas, tão poeticas, que as vezes dá tentações de arranca-las das velhas chronicas, onde jazem esquecidas, para orna-las com algumas flôres deste tempo.

Hoje não apparecem mais desses factos brilhantes de coragem e heroismo. A época mudou: aos feitos de armas succedêrão as conquistas da civilisação e da industria. O commercio se desenvolve; o espirito de empreza servindo-se dos grandes capitaes e das pequenas fortunas promove o engrandecimento do paiz, e prepara um futuro cheio de riqueza e de prosperidade.

Ide á Praça. Vereis que agitação, que actividade esperança preside as transacções mercantis, ás operações de credito, e sobretudo ás negociações sobre os fundos de diversas emprezas. Todo o mundo quer acções de companhias; quem as tem vende-as; quem não as tem compra-as. As cota-
~~~~~~~~

nisterio dos *regulamentos!* Bem se vê que são cousas a que não se deve dar o menor credito.

Assim pois, creio que se póde responder negativamente á pergunta que fazem todos os politicos. Não teremos opposição. Tratar-se-ha de uma ou outra questão juridica e administrativa; far-se-hão algumas interpellações, e nada mais.

Quatro mezes depressa se passão: e os ministros, que gostão tanto do *gabinete*, mas que teem uma ogeriza particular ás *camaras*, tomarão um meio termo, e decidirão nos *salões* com os deputados as questões mais importantes da administração.

O *salão* é um terreno neutro entre a camara e o gabinete. No *gabinete* só entrão os intimos, aquelles que estão no segredo do dono da casa, e que gozão da sua familiaridade. A *camara* é o aposento onde ordinariamente teem logar os arrufos e as zanguinhas do marido com a mulher, onde se ralha e se passão algumas horas de máo humor.

No salão porém recebem-se todas as visitas de ceremonia ou de intimidade; dão-se bailes, reuniões dansantes e concertos. Conversa-se ao som de musica; conferencia-se a dous no meio de muita gente, — de maneira que nem se falla em segredo nem em publico.

Se a palestra vai bem, procura-se alguma *chaise-longue* n'um canto de sala, e a pretexto de tomar sorvete ou gelados, faz-se uma transacção, effectua-se um tratado de alliança.

Se a conversa toma máo caminho, ahi apparece uma quadrilha que se tem de dansar, uma senhora a quem se devem fazer as honras, um terceiro que chega a proposito; e acaba-se a conferencia, e livra-se o ministro do dilemma em que se achava, do compromettimento de responder sim ou não.

Um ministerio prudente deve por conseguinte procurar sempre o *salão* antes de entrar na *camara*, e isto até mesmo por uma analogia com o que se passa nas relações domesticas e na vida familiar.

Um namorado imprudente que, prescindindo das etiquetas, quizesse logo do primeiro dia penetrar na *camara* de alguma belleza facil que requestasse, corria seu perigo de ver-se obrigado a saltar pela janella, a quebrar uma perna, e talvez a ser agarrado pela policia.

Ao contrario, um conquistador de tactica, que primeiro se faz apresentar no *salão*, que concilia as boas graças da mamãi, e se inicia nos negocios do papai, que se faz necessario, dahi a pouco passa á varanda, da varanda ao *gabinete*, e por fim conquista a *camara*.

Bem entendido, conquista a *camara* com o auxilio da igreja; assim como o ministerio deve conquista-la com o auxilio da justiça.

Está pois definido o programma da nossa situação politica. O ministerio deve abrir os seus salões, dar um baile todas as noites, e tratar de fazer com que haja bons espectaculos lyricos, afim de os theatros serem concorridos.

Realizando este programma, não deve ter medo dos deputados, porque ninguem deixará as bellas salas illuminadas, e as elegantes rainhas da moda com todas as suas fascinações, para se ir metter n'uma *camara* velha e escura, que até já foi *cadêa!*

Além do socego de espirito, ganharão os ministros uma popularidade espantosa entre as moças, entre os leões da cidade, e até entre os musicos e os sorveteiros, que abençoarão este diario consumo de *notas* e de sorvetes.

Nenhum folhetinista poderá deixar de fazer o seu elogio quando no domingo passar em rezenha os magnificos saráos que tiverem logar durante a semana, e acharem nas suas recordações as mais bellas idéas e as mais bonitas inspirações para um artigo poetico.

As moças com este trato continuo fascinarão de todo os seus adoradores: e o numero dos casamentos se multiplicará consideravelmente, trazendo um sensivel augmento de população, devido unicamente á politica do ministerio.

Deixemos por um momento esta perspectiva brilhante, para olhar um quadro triste da semana, — uma scena de luto em que devemos tomar parte.

Falleceu na noite de segunda-feira o Sr. conselheiro João Duarte Lisboa Serra. Ainda na flôr da idade, succumbiu a uma enfermidade cruel, depois de um longo soffrimento de cerca de tres mezes.

Reunia ás virtudes civicas e á intelligencia e integridade da vida publica, os mais nobres sentimentos do homem: era um zeloso empregado, um cidadão honesto, um amigo leal, e um excellente pai de familia.

Não ha muito tempo, n'uma carta que nos dirigiu, offereceu-nos uma poesia feita nas suas noites de insomnia e de padecimento. Mal sabiamos nós,—ao ler estes versos tão simples e tão repassados de magoa e de sentimento,—que ouviamos o *canto do cysne*.

Aqui os copio com o trecho da carta. Os seus amigos, aquelles que o estimavão, ouvirão ainda uma vez as suas palavras.

« Adeus!

« Bem quizera terminar mandando-lhe alguma flôr mimosa colhida como por encanto no meio

ctoria de certo não se oppora a uma re-
ão, que, além do auxilio poderoso que
a um estabelecimento de beneficencia,
deixar de fazer bem aos seus artistas
s conhecer n'um genero de musica di-
o qual é muito natural que se excedão.

abe mesmo se depois deste primeiro en-
preza não julgará conveniente, para a
dos espectaculos e para excitar a con-
, dar de vez em quando uma pequena
ação franceza?

a musica italiana é a mais apreciada no
z; porém lembro-me ainda do enthusias-
razer com que forão sempre ouvidas em
na a Nongaret, a Duval, e mesmo a

não podemos ter ao mesmo tempo uma
a italiana e uma franceza, não vejo
ão se hão de aproveitar os actores que
ite possuimos, e contratando mais um
darem-nos algumas operas francezas,
certo havião de ser mui bem aceitas.

ha algum obstaculo que ignoramos, é de
a directoria penso em fazer valer oste
ornar o theatro lyrico mais interessante
ciado.

as francezas teem a grande vantagem
igarem tanto os actores como a musica
o por conseguinte se faria um beneficio
s reservando-se os mezes da força do
a esse genero de cantoria.

odião-se dar as representações italianas
r intervallo, e não se sacrificaria a voz
cantores obrigando-os a executar musi-
li duas ou tres vezes por semana.

deixando levar pelo gosto de advogar
interesses, minhas bellas leitoras, e es-
contar-vos uma scena terna que teve
-feira no theatro, quando se represen-
undo acto do *Trovador*.

vos e umas palmas fóra de proposito
a entrada em scena da Casaloni, e con-
mquanto ella cantava o seu romance da

pio a artista procurou resistir á emoção
to lhe causava essa zombaria immereci-
final o soluço cortou-lhe a voz, e as la-
árão-lhe dos olhos.

Lagrimas de mulher.... Quem póde resistir a ellas?

Depois de alguns momentos de confusão, em que a scena ficou deserta e a musica em silencio, a Casaloni entrou novamente em scena com os olhos rasos de pranto e a voz tremula.

Neste momento é que eu reconheci bem o nosso publico, o senti o coração generoso que animava todo esse concurso de espectadores que enchia o salão.

Ninguem disse uma palavra; mas uma salva continuada de applausos percorreu todos os bancos de ponta a ponta: tudo que tinha um pouco de generosidade no coração e um pouco de sentimento no fundo d'alma, protestava contra aquella amarga zombaria, contra aquella offensa sem causa.

A mulher offendida que chora é uma cousa sagrada, e que se deve respeitar. Dizem que a lagrima é o symbolo da fraqueza; e entretanto quantas armas, quantos braços fortes não se tem curvado ao peso dessa gotta de lympha, que não humedeceria sequer uma folha de rosa?

Deixemos aqui este episodio da semana, que não tem outro interesse senão o de mostrar o effeito de uma imprudencia, e de provar a delicadeza do publico, que sabe preferir uma cantora, sem por isso offender e maltratar a outras.

O Gymnasio Dramatico tambem teve esta semana uma noite feliz, honrada com a presença de Suas Magestades, que se dignárão estender sobre elle a sua benefica e augusta protecção.

Representavão-se nessa noite duas comedias, cujos papeis forão muito bem desempenhados pelos artistas da pequena companhia, que parece se esmerou em dar provas dos progressos sensiveis que tem feito.

O *Episodio do reinado de Jacques I* é uma comedia historica e de muito espirito; tem algumas scenas de uma singeleza e de uma naturalidade encantadoras.

E' um idylio de amor aos quinze annos, começado nos muros de uma prisão, á leitura da Biblia, e entre as flôres de clematites,—que de reponte se vê opprimido nos salões de um palacio sumptuoso, no meio das etiquetas da côrte.

O idylio esteve quasi a transformar-se em drama ou tragedia; mas felizmente achou refugio n'um coração de rei, coração cheio de bondade e de virtude, e ahi continuou a sorrir em segredo até que...

Até que cahiu o panno.

Todos os personagens estavão bem caracterisados e vestidos com bastante luxo e riqueza para os recursos da pequena empreza, que não se poupa a sacrificios sempre que se trata de promover um melhoramento.

Suas Magestades promettêrão voltar ao Gymnasio esta semana. Neste facto devem os meus leitores ver a prova a mais evidente dos serviços que este theatro vai prestando á arte dramatica do nosso paiz.

Animado por tão alta protecção, acolhido pela boa sociedade desta côrte, o Gymnasio poderá brevemente estabelecer-se em um salão mais espaçoso e mais elegante, e ahi abrir-nos as portas ao prazer, á alegria, a um innocente e agradavel passatempo.

No resto das noites, em que os theatros estiverão fechados, muita moça e muita familia passeiou pela rua do Ouvidor para ver o modelo do vestido de casamento da imperatriz Eugenia, que se achava exposto na vidraça do Beaumely.

As moças admiravão mais o vestido de setim branco e o penteado que dizem ser de um gosto *chic*; os homens porém admiravão mais as moças do que o vestido, de quem tinhão ciume, porque lhes roubavão os olhares, a que suppunhão talvez ter direitos.

E' incomprehensivel este costume, que tem certos homens que gostão de uma mulher, de se julgarem com direito exclusivo aos seus olhares, sem que ella lhes tenha feito a menor promessa.

Parece que o olhar de uma mulher bonita é como uma vaga de senador. Ninguem tem direito a ella, o que quer dizer que todos o teem.

Assim um *fashionable* apaixona-se por uma bonita mulher, e sem que ella lhe tenha dito uma palavra, sem mesmo consulta-la, atravessa-se diante dos seus olhares, segue-a por toda a parte como a sombra do seu corpo, julga-se emfim com direito a ser amado por ella.

Se a moça de todo não lhe presta attenção e não se importa com a perseguição systematica, o apaixonado toma uma grande resolução, o *despreza* a mulher bonita do que elle realmente não *faz caso*.

O mesmo succede com a vaga de senador.

Um homem qualquer que tem quarenta annos, seja ou não filho de uma provincia, tenha ou não a affeição dos povos de certas localidades, sem consultar os votantes apresenta-se candidato, e enche o correio de cartas.

Se a provincia mostra não se importar com a sua candidatura, o homem de quarenta annos toma igualmente uma resolução, e *renuncia* á eleição a que *tinha direito*.

Ora, eu não sei como se chama o homem de quarenta annos que *renuncia* á vaga de senador; mas o apaixonado que *despreza* a mulher bonita é conhecido entre certa roda pelo titulo de commendador da *Ordem dos Verdes*.

Esta ordem é a mais antiga do mundo; é anterior mesmo á época da cavallaria e da mesa redonda. Data dos tempos em que os animaes fallavão, e deve a sua origem a uma raposa espirituosa que n'uma circumstancia memoravel soltou esta palavra celebre:—*Estão verdes*.

Muito tempo depois Eduardo III, apanhando a liga da condessa de Salisbury, disse tambem uma palavra, que é pouco mais ou menos a traducção daquella:—*Honny soit qui mal y pense*.

Assim como desta palavra se creou a jarreteira, estabeleceu-se muito antes a ordem dos *Verdes*, na qual são commendadores do numero os namorados que *desprezão* as mulheres bonitas, os ministros que *recusão* pastas, os patriotas que *renuncião* á candidatura, os empregados que *pedem* demissão, e muitos outros que seria longo enumerar.

A insignia da ordem é uma folha de parreira, que outr'ora foi o symbolo da modestia e do pudor. A côr é o verde, como emblema da *esperança*; porque o estatuto da ordem, embora imponha a abnegação e o sacrificio de uma honra ou de um bem, não inhibe que se trabalhe por alcançar cousa melhor.

Os membros desta ordem gozão de grandes honras, previlegios e isenções, e especialmente da graça de *obterem tudo quanto desejarem*. Para isso são obrigados apenas a uma insignificante formalidade, que é não *desejarem senão o que puderem obter*.

Concluiria aqui esta revista se não tivesse dous deveres a cumprir.

O primeiro é a respeito de uma questão que tem occupado a imprensa desta côrte, e que actualmente se acha entregue aos tribunaes do paiz.

Fallo da abalroação da *Indiana*, commercial, a que a imprensa tem caracter de uma questão de classe cionaes.

Um estrangeiro que perde o seu derá defender os interesses do seu dos carregadores, sómente porque se fesa vai offender a tripolação de um leiro?

Ninguem mais do que eu sabe r pirito de classe, e apreciar a genero de que prende os homens de uma são; porém confesso que essa mane ficar o homem com a classe, de ju pelo merito pessoal, não é a mais ac questão.

O commandante do vapor *Tocan* um excellente official, a sua tripolaç melhor, e entretanto ter-se dado um occasionasse o sinistro.

Felizmente hoje a questão vai mente esclarecida por testemunhas dignas de todo o credito.

O *Tocantins* foi encontrado na de 11, meia hora antes do sinistro, vio cujo capitão já attestou que o apenas uma luz ordinaria, e não rodas os pharóes verde e encarnado.

Como esto existem muitos outros importantes que apparecerão em to tonto, o que mostrarão de que parte es e o direito.

O segundo ponto sobre que tenho respeito dos espectaculos lyricos no th Pedro de Alcantara, dos quaes trate passada.

Um correspondente do *Jornal do* contesta a possibilidade desses espe virtude de um privilegio dado á act lyrica.

Entretanto semelhante privilegio nã tir; se o governo o concedeu, pratic que não estava nas suas attribuiçõe nullo, porque é inconstitucional.

Não é monopolisando uma industri cida no paiz, não é destruindo a concur se promove a utilidade publica.

A propria directoria do theatro ly desejar esta concurrencia; porque se,

... da fortaleza, o menor motivo de queixa; tem resistido com toda a moderação possivel ás questões que algumas vezes lhe suscitei para experimentar-lhe a exaltação. Acabará por conquistar a estima e a amizade de toda a fortaleza. »

margo;

Idem idem da 1ª secção do batalhão de artilharia da dita provincia, Antonio Pereira da Costa;

Tenente-coronel commandante do 1º batalhão de infantaria da dita provincia, Manoel Antonio Ferreira;

Idem idem do 2º dito dito, Manoel Leocadio de Oliveira.

Idem idem do 3º dito dito, Cypriano Custodio de Araujo.

Idem idem do 4º dito dito, Antonio Alves de Araujo.

Idem idem do 5º dito dito, Francisco Gonçalves Cordeiro Gomes;

Major-commandante da 1ª secção do batalhão da mesma provincia, Fernando Antonio de Miranda.

Foi conservada a graduação de major ao commandante da 1ª companhia do 6º batalhão da capital de Pernambuco, Anacleto Antonio do Monte, major da extincta guarda nacional.

Por decreto de 23 do mesmo mez forão nomeados supplentes do subdelegado de policia da freguezia de Santo Antonio desta côrte:

1º, José João da Cunha Telles; 2º, Dr. D. Nuno Eugenio de Locio e Seilbitz; 3º, Melchior Carneiro do Mendonça; 4º, Geraldo Caetano dos Santos.

— Hontem foi o setimo anniversario da revolução de fevereiro em França. De 1848 para cá já tem estado á testa daquelle paiz um governo provisorio, dous presidentes da republica e um imperador. Todos os homens que figurárão na opposição parlamentar de 1847 e 1848, e que alimentárão as paixões populares contra o gabinete Guizot e o rei Luiz Filippe forão absorvidos pela revolução. Todos os homens notaveis que apparecêrão em 1848, durante o movimento e depois delle, tambem desapparecêrão no exilio ou no esquecimento.

O velho apophthegma de que a revolução é como o Saturno da fabula que devorava os seus filhos, é comprovado cada dia por novos exemplos!

Janeiro, 51 annos, casado, pescador. Fractura.

José Francisco, natural de Portugal, 30 annos, casado, pedreiro. Congestão cerebral.

Claro, Africano livre, Moçambique, 30 annos. Ulceras.

Manoela, innocente, filha de Manoel da Ponte, natural do Rio de Janeiro. Mal de sete dias.

EXTERIOR.

A instrucção universal.

Acaba de fazer-se em Bruxellas uma nova edição da *Politica Universal*, de Emilio de Girardin. E' esta um capitulo inteiramente novo que o autor accrescentou ao seu livro.

—

Poderá existir um Estado sem constituições escriptas, sem leis positivas e sem penas afflictivas?

Respondo que sim.

Perguntão-me como.

E' facil a resposta. Dando a cada um e a todos a instrucção, sem a qual o homem não é *socialmente* mais do que uma criança ou um ilota.

O homem que não aprendeu a pensar nem a raciocinar está para a ordem social como a criança para a ordem natural antes de saber fallar e caminhar.

A criança, disse com profunda verdade J. J. Rousseau, póde fazer mal, mas nunca com intenção. O que J. J. Rousseau disse da criança, eu o digo do ignorante. O que é verdadeiro a respeito de um, não o é menos a respeito do outro.

Aprenda o homem tudo o que deve saber, e as penas afflictivas, as leis positivas, as constituições escriptas, todo esse regimen emfim do arbitrario que dá á razão individual uma tabella publica, ficará sem motivo ou pretexto para subsistir.

os instrumentos de guerra ou livros e em instrumentos de estudo! Ao cabo de um anno o que tem produzido um exercito de trezentos mil homens, tendo custado mais de trezentos milhões? — Nada.

Quem poderia calcular o que produziria o mesmo capital annualmente applicado ao roteamento, á cultura e á mondadura de toda a parte ainda nova de uma nação de trinta milhões de cabeças? Que progresso se faria esperar? Que riqueza ficaria sem ser explorada? Que difficuldades resistirião? Que cousa não se poderia comprehender? — Tudo.

O homem é o que o fazem a ignorancia e a miseria.

O homem é o que o fazem a instrucção e o bem-estar.

Mesmo no tempo de Platão, a influencia da riqueza sobre a moralidade era verificada nestes termos pelo autor da *Republica* e *das Leis*: « E' á riqueza que se deve em grande parte não se estar reduzido a enganar ou a mentir, e, o pobre, o homem, pagando suas dividas e cumprindo os sacrificios, sahir sem medo deste mundo, quito para com os pobres e para com Deus. »

Ora, a sociedade que, sob penas severas, exige que a respeitem até á superstição, e prohibe que alguem se atreva a examina-la, é o que deveria ser, para que todo o homem que emprega toda a sua força, toda a sua intelligencia, tire de sua intelligencia e da sua força, ultimamente empregadas, com que somdar proveitosamente em redor de si a instrucção e a prosperidade?

Por ventura faz ella tudo o que devo fazer para encher com o bem-estar o immenso abysmo que existe entre a miseria, o luxo, a privação e a fartação, e enchendo-o salvar assim do aviltamento, da estupidez da prisão, da caleta, do cadafalso, as victimas que esse abysmo attrahe para si pela vertigem que lhes dá?

Vouvenargues já disse: « Emquanto uma grande parte da nação definha na pobreza, no opprobrio, no trabalho, a outra abunda em honras, em com-

que se dirigem pela força que lhes é propria, parecem antes machinas que se movem pelo impulso recebido.

Exceptuando-se o parque de Versailles e uma aléa do jardim das Tuilerias, onde esta barbaria ficou usada e estimada, tem-se renunciado cortar e aparar as arvores, como se fazia no reinado de Luiz XIV, que não consentia que um ramo ou uma folha excedesse outra folha ou outro ramo; ramos e folhas recuperárão sua liberdade. Um dia tambem, eu o espero, as intelligencias tornarão a achar a sua; deixarão de ser sujeitas a esta uniformidade de estudos que a universidade lhes inflinge, e cuja idéa parece ter copiado dos jardins desenhados por Lenotre. Já desapparecêrão os certidões de estudos, que nenhum dos ministros da monarchia de 1830 ousou supprimir: por pequeno que seja, é um passo dado para a abolição dos gráos universitarios.

Substituir a *instrucção universitaria* pela *instrucção necessaria*, e estendê-la a todos, tal é a simples e facil reforma que o futuro terá que fazer, já que o passado não soube operar e o presente persiste em adiar.

Mas, perguntão-me, qual será o quem determinará a medida da instrucção necessaria, onde começará e acabará ella?

Respondo: acabará naturalmente onde acabar visivelmente a aptidão do estudante.

Não sendo idiota ou enfermo, todo menino, applicado antes da idade em que sua vontade tem adquirido certa força de resistencia, póde aprender o que segue:

Leitura,
Calligraphia,
Orthographia,
Geographia,
Calculo,
Desenho linear,
Contabilidade.

Ensinando-se-lhe a ler, escrever, pensar, desenhar, por meio de livros ornados de estampas,

por fim serão embotar e extinguir nelle o gosto do estudo.

Desenvolvendo-se sempre no sentido natural de suas disposições todo o progresso que fizer, e estimulará tanto mais quanto menos custoso tiver sido. Se pelo contrario o discipulo, que tiver aprendido o calculo e o desenho linear, tiver uma aptidão notavel para a geometria e para as mathematicas, não será obrigado a perder seu tempo em gravar machinal e difficultosamente em sua memoria rebelde muitas palavras latinas e gregas, das quaes não saberá depois que fazer, e que entretanto lhe terão custado para decorar mais trabalho do que lhe foi preciso para se elevar á altura dos theoremas os mais difficeis de resolver.

Cada um, aprendendo assim o que prefere aprender, o saber o que lhe é mais util saber, haverá mais homens especiaes e menos superficiaes, os quaes, tendo a pretenção de ser aptos em tudo, para nada servem na realidade. Será um duplo progresso.

Que vantagem ha em fazer-se um máo geometra de um discipulo que, naturalmente e sem esforços, poderia ser um bom litterato? E que se ganha em fazer um máo litterato de um discipulo que poderia ter sido um bom geometra?

Ganha-se fazer com muito dinheiro e muito trabalho dous homens mediocres. E' este o paradeiro da violencia intellectual exercida sobre as liberdades das vocações, pela tyrannia universitaria! Mas é para admirar que a universidade, fabrica de mediocridades, só produza mediocridades? A logica das cousas attesta-se por seus effeitos.

Assim reduzida a instrucção universal á sua mais simples expressão, resta examinar a questão do saber se ella deve ser obrigatoria ou facultativa.

Respondo: nem *facultativa* nem *obrigatoria*, mas *necessaria*. Nenhuma obrigação constrange o homem a comer pão, elle tem a faculdade de não come-lo: porque se nutre delle, por toda parte onde semeia e recolhe o trigo ou o centeio? Porque a razão lhe tornou necessario.

empregado em outras terras suas do Limousin:

« Convem dar-lhe exercicio, escrevia o pai, porque o que se ha de fazer dessa exhuberancia intellectual e sanguinea? Além disso estou em guarda com elle, e bem sei como a elasticidade de cabeça póde illudir um fundo de lodo. E' tambem impossivel que um espirito justo, um bom coração e uma alma forte se dilatem naquelle involucro informe e grosseiro: mas convem que tudo isto seja amassado, macerado! Além do que, elle domaria o diabo, e no fim do mundo deserto que habita creou já tres ou quatro divercões. — Confessai, Sr. conde, dizia hontem meu criado Lucio a teu sobrinho o Furacão, que um corpo é bem desgraçado quando tem de carregar com uma cabeça como aquella! — Estou admirado da porção de trabalho que elle toma sobre si; é preciso que seja homem rural para não ficar arruinado, homem nacional, para não ser indigno de seus pais, homem do mundo, para corresponder ao seu estado e á sua fortuna, homem de estudo para satisfazer a seus gostos e talentos. E'-lhe mister um exercicio forçado para escapar ás ameaças de nephrite. Deixemos amadurecer aquelle fructo azedo. »

O moço voltou a Bignon meio reconciliado; seu pai leva-o a Paris e o apresenta na côrte; elle aborda com nobre altivez todas aquellas grandezas de situação superior já em pensamento aos reis e aos principes, que elle media do alto da sua natureza e do seu genio. Voltando a Bignon, esforça-se por conquistar a todo o custo as boas graças perdidas do seu pai; compõe versos e scenas para festa de familia. « Minha ave de rapina, escrevia o pai, ao mesmo tempo ralhando e acariciando, faz-se ave do quintal. »

Esta calma é curta. O filho, voltando a Paris para estudar com os philosophos amigos de seu pai, desfia-lhe novos rancores.

« Elle trabalha como um desesperado. Esse moço tem na cabeça uma obstinação, uma decisão, um cahos, que nunca será desenredado; de nada duvida, o entretanto não sabe seu proprio nome.

O pai foi surdo a estas supplicas imparciaes.

Entretanto o amor, que foi durante toda a vida o laço e a consolação de Mirabeau, consolava-o em seu captiveiro. Uma mulher de condição servil, porém moça e seductora, esposa de um taverneiro da ilha, vivia livre na fortaleza. Esta mulher foi seduzida pela compaixão que lhe inspirára o innocente prisioneiro; dedicou-se a elle, até o ponto de aceitar a fuga. Este amor, revelado pela fuga, fez com que accusassem Mirabeau de ter aconselhado a mulher do taverneiro a sahir de casa de seu marido, e juntou a infamia do rapto ao crime do amor.

A accusação era uma calumnia; o proprio marido attestava a sua falsidade. Apezar disso, transferiu-se Mirabeau para o forte de Joux, prisão de estado, visinha da pequena cidade de Pontarlier, nas fronteiras do Jura e da Suissa.

Tudo indica que a escolha desta fortaleza, e a facilidade que ahi tinha o preso de evadir-se para paiz estrangeiro, tinhão por motivo secreto a tentação que se lhe queria dar de aggravar suas faltas exilando-se elle proprio de sua patria.

Um fidalgo de uma casa illustre, o conde de Saint-Maury, governava a fortaleza.

« Fica certo, escrevia o pai ao bailio, que timidamente lhe censurava este excesso de rigor, que elle esticará a corda, e que um pouco tempo acabará por uma reclusão perpetua, na qual serei bem servido. »

« Ah! escrevia por seu lado o prisioneiro ao bailio seu tio, se eu conhecesse um coração melhor e uma cabeça mais justa que a vossa, é a uma alma mais terna para os seus, dirigir-me-hia a esse ser privilegiado para perguntar a meu pai quando

PAGINAS MENORES.

Rio, 25 de fevereiro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

—

Foi-se o carnaval. Passou como um turbilhão, como um sabbat de feiticeiras, ou como um galope infernal.

Nesses tres dias de frenesi e de delirio a razão fugiu espavorida, e a loucura, qual novo *Mazaniello*, empunhou o sceptro da realeza.

Ninguem escapou ao prestigio fascinador desse demonio irresistivel: cabeças louras, grisalhas, encanecidas, — tudo cedeu á tentação.

Entre as amplas dobras do dominó se disfarçava tanto o corpinho gentil de uma moça travessa, como o porte grave de algum velho titular, que o espirito remoçava.

Dizem até que a politica, — essa dama sisuda e pretenciosa, — se envolveu um momento nas intrigas do carnaval, e descreveu no salão uma *parola* que ninguem talvez percebeu.

Deixemos porém dormir no fundo do nosso tinteiro esses altos mysterios que escapão á penna do folhetinista. Já não estamos no carnaval, tempo de livre pensamento, — tempo em que se póde tudo dizer, — em que é de bom gosto intrigar os amigos e as pessoas que se estimão.

Agora que as mascaras cahirão, que desapparecêrão os dominós, os amigos se encontrão, trocão um affectuoso aperto de mão, e riem-se dos dissabores que causárão mutuamente uns aos outros.

O nosso collega do *Jornal do Commercio*, que se disfarçou com tres iniciaes que lhe não pertencião, comprehende bem essas immunidades do carnaval.

Hoje, que o reconhecemos, não é preciso explicações: elle tem razões de sobra para acreditar que sinceramente estimamos o seu valioso auxilio na realização de uma idéa de grande utilidade para o paiz.

Nunca desejámos o monopolio; ao contrario teriamos motivos de nos felicitar, se vissemos geralmente adoptada pela imprensa do nosso paiz uma tentativa, um ensaio de publicação, cuja falta ora por todos sentida.

Quando deixamos cahir do bico da penna um ligeiro remoque á publicação do collega, não era que temessemos uma imitação; não era porque receiassemos uma emulação proveitosa entre os dous mais importantes orgãos da imprensa da côrte.

Esta luta, — mantida com toda a lisura e toda a lealdade, — nós a desejamos em bem do paiz, embora nos faltem os recursos para sustenta-la com vantagem. E della, é do calor da discussão, do choque das idéas, que tem nascido o que hão de nascer todos os progressos do jornalismo brasileiro.

O que nós receiavamos era a reproducção de uma dessas lutas mesquinhas, indignas de nós ambos, e das quaes a historia da nossa imprensa apresenta tão tristes exemplos. Era um desses manejos improprios de jornalistas, e aos quaes o mecanismo complicado da nossa administração tanto favorece. Era emfim uma representação dessa ridicula farça de *publicidade* tão em voga nas nossas secretarias, nas quaes se dão por *favor* as copias dos actos officiaes ao jornal que quer fazer um favor publicando-as.

Temiamos uma luta desta natureza, porque não estamos ainda affeitos á chicana; porque do momento em que ella se tornasse necessaria, seriamos forçados á abandonar uma idéa, pela qual trabalhamos com todo o amor que nos inspira a nossa profissão.

E' tempo porém de voltarmos ao carnaval, que preoccupou os espiritos durante toda a semana, e deu materia larga ás conversas dos ultimos dias.

Entre todos os festejos que tiverão logar este anno cabe o primeiro logar á sociedade — *Congresso das Summidades Carnavalescas*, — que desempenhou perfeitamente o seu programma, e excedeu mesmo á espectativa geral.

No domingo fez esta sociedade o seu projectado passeio pelas ruas da cidade com a melhor ordem; foi geralmente recebida nos logares por onde passou com flores e *bouquets* lançados pelas mãozinhas mimosas das nossas patricias, que se debruçavão graciosamente nas janellas para descobrirem entre a mascara um rosto conhecido, ou para ouvirem algum dito espirituoso atirado de passagem.

Todos os mascaras trajavão com riqueza e elegancia. Alguns excitavão a attenção pela originalidade do *costume*; outros pela graça e pelo bom gosto do vestuario.

Nostradamus, — uma das mais felizes idéas deste carnaval, — com o seu longo telescopio examinava as estrellas; — mas erão estrellas da terra.

Um *Merveilleux* dandynava se na sua carruagem, repetindo a cada momento o seu *c'est incroyable*, — quando a cousa mais incrivel deste mundo é a existencia de um semelhante typo da revolução franceza.

Luiz XIII, livro do cardeal de Richelieu, tinha ao lado uma *Bayadère*, e parecia não dar fé do seu rival *Lord Buckingham*, que o seguia a cavallo no meio de um bando de cavalleiros ricamente vestidos.

Esquecia-me dizer que ao lado do *Merveilleux* ia um *Titi* de maciulis, que atirava *concetti* em vez de *confetti*. Era o mais facil de conhecer, porque a mascara dizia o que elle seria se as moças que o olhavão fossem condeirinhas.

Em uma das carruagens ião de companhia *Themistocles*, *Soulouque*, *Benvenuto Cellini*, *Gonzalo-Gonzales*, quatro personagens que nunca pensárão se encontrar neste mundo, e fazerem tão boa amizade.

Se fosse possivel que Themistocles e Benvenuto Cellini passassem esta tarde por uma das ruas por onde seguiu o prestito, estou persuadido que o artista florentino crearia uma nova *Hebe* mais linda que a de Canova; e que o general antigo resgaria da historia a pagina brilhante da batalha de Salamina por um só desses sorrisos fugitivos que brincão um momento n'uma boquinha mimosa que eu vi, e que apenas roção os labios como um sopro d'aragem quando afaga o seio de uma rosa que se desfolha.

Quanto a *Van-Dick* — que seguia-se logo após — este quebraria o seu pincel de mestre, desesperado por não achar na sua palheta essas côres suaves e assetinadas, essas linhas puras, esses toques sublimes que o genio comprehende, mas que não póde imitar.

Erão tantos os mascaras e os trajes ricos que se apresentárão, que me é impossivel lembrar de todos; talvez que aquelles que agora esqueço sejão os mais geralmente lembrados; e portanto está feita a compensação.

Como foi este o primeiro ensaio da sociedade, de proposito evitamos fazer antes algumas observações á respeito do seu programma, com receio de occasionar, ainda que involuntariamente, difficuldades e embaraços á realização de suas idéas. Hoje porém essas reflexões são necessarias, afim que não se deem para o futuro os inconvenientes que houve este anno.

O entrudo está completamente extincto; e o gosto pelos passeios de mascaras tomou este anno um grande desenvolvimento. Além do *Congresso*, muitos outros grupos interessantes percorrêrão diversas ruas, e reunirão-se no Passeio Publico, que durante os tres dias esteve litteralmente apinhado.

Entretanto, como os grupos seguião diversas direcções, não foi possivel gozar-se bem do divertimento; não se sabia mesmo qual seria o logar, as ruas, d'onde melhor se poderia aprecia-lo.

Afim de evitar esse dissabor, a policia deve no anno seguinte designar com antecipação o circulo que podem percorrer os mascaras, escolhendo de preferencia as ruas mais largas e espaçosas, e fazendo-as preparar convenientemente para facilidade do transito.

Desta maneira toda a população concorrerá para aquelles pontos determinados: as familias procurarão as casas de seu conhecimento; os lões ornarão pelos passeios; e o divertimento, concentrando-se, tomará mais calor e mais animação.

Tomem-se estas medidas, preparem-se as ruas com todo o esmero, e não me admirarei nada se no carnaval seguinte apparecerem pelas janellas e sacadas grupos de moças disfarçadas, intrigando tambem por sua vez os mascaras que passarem, e que ficarão desesperados não podendo conhecer através de um *loup* preto o rostinho que os obriga a todas estas loucuras.

Se o Sr. desembargador chefe de policia entender que deve tomar essas providencias, achamos conveniente que trate quanto antes de publicar um regulamento neste sentido, designando as ruas por onde podem circular os mascaras, e estabelecendo as medidas necessarias para a boa ordem e para a manutenção da tranquillidade publica.

Estas ultimas medidas são faceis de prescrever, quando se tem um povo socegado e pacifico, respeitador das leis e da autoridade, como é o desta côrte. Nestes tres dias que passárão, o divertimento e a animação foi geral; e entretanto n'uma população de mais de trezentas mil almas não tivemos um só accidente desagradavel, um só desastre á lamentar. Exemplos como estes são bem raros, e fazem honra á população desta cidade.

Na terça-feira sobretudo houve no Passeio Publico uma concurrencia extraordinaria. Grande parte das *Summidades Carnavalescas* ahi se achavão; e a curiosidade publica não se cançava de vê-los, a elles e a muitos outros mascaras que tambem tinhão concorrido ao *rendez-vous* geral deste dia.

Ás oito horas da noite o theatro de S. Pedro abrio os seus salões, nos quaes por volta de meia noite [illegible] mil pessoas [illegible] momento, uma cousa sobrenatural, uma illuminação fantastica, no meio da qual se vião passar figuras de todas as côres, de todos os feitios, e de todos os tamanhos.

Muitas vezes julgarieis estar nos jardins do propheta, vendo brilhar entre a mascara os olhos negros de uma *houry*, ou sentindo o perfume delicioso que se exhalava de um corpinho de *latrin* que fugia ligeiramente.

Foi n'uma dessas vezes que, ao voltar-me, esbarrei face a face com *Lord Raglan*, que acabava de chegar da Criméa, e que deu-me algumas balas, não das que costuma dar aos Russos; erão de estalo. Conversámos muito tempo; e o nobre lord deixou-me para voltar de novo á Criméa, onde naturalmente não deixão pela sua escapula.

Á meia noite em ponto serviu-se no salão da quarta ordem, uma bella ceia que o *Congresso* offereceu aos seus convidados e socios. A mesa estava brilhantemente preparada; e no meio das luzes, das flores, das moças que a cercavão e dos elegantes trajes de phantasia dos socios, — apresentava um aspecto magnifico, um quadro *fascinador*.

Bem queria vos dizer todas as loucuras deste ultimo baile até as derradeiras arcadas do galopo infernal; mas na quarta-feira de cinza esqueci tudo, como manda a religião. Por isso ficais privados de muita chronica interessante, de muito segredo que soube naquella noite, mas de que já não me lembro.

Al.

...eranças, tão cheia de
...ementos que não fo-
...lesenvolvidos, podem
...cumstancias actuaes.
...ôa da conciliação dos
... substituida por uma
...ividuaes; —aceitem-
...ão se supplique nem
... intelligencias a con-
...aiz, mas não exija
...l e que não póde
...e todas as opiniões e
...mento livre, porque
...o, se fôr licenciosa se

...neus comprimentos á
...ons annos, e desejan-
...la para gosto dos seus
...milia: posso portanto
...que me vai por casa.
...nestre, que ainda uma
...uario da justiça, cuja
...ou convertido ás cus-
...aorante tenho algu-

...ndades e corporações
... juiz de capellas o re-
...n capital que não re-
...emandas nem pleitos;
...lgou conveniente ins-

...brava que tinha sido
...nção de Guttemberg!
Com que facilidade
...nna diz o que quer!
custas!
...rro de imprensa feita
...cio, dezenove dias do-
...nho, está me paro-
...ndonar a questão das

custas, porque do contrario a nossa imprensa fica desacreditada para o estrangeiro.

O meio por conto do porteiro? *Erro de imprensa.* Os seis por conto do juiz de capellas? *Erro de imprensa.* Os dez contos que ha de lucrar o porteiro de orfãos? *Erro de imprensa.* A ridicularia de estabelecerem custas de 200 rs. até para o presidente da Relação, em vez de uma gratificação annual? *Erro de imprensa.*

Já estou com medo que não descubrão que o titulo do regimento e a referenda do ministro são erros de imprensa.

Que papel ficamos nós fazendo, Sr. conselheiro Ferraz, tendo gasto o nosso tempo a atacar apenas uns *typos trocados*, e umas letras sem sentido, sem ideas?

Mas, que cousa celebre! Parece que os tres jornaes da côrte se apostárão para errar justamente no meio por cento! E o erro foi tão imperceptivel (era de côrca de dez contos annuaes) que só depois de um escrupuloso exame de *dezenove dias* é que se deu com elle!

O proprio Sr. P, no seu artigo de quinta-feira defendeu o erro de imprensa illudido como nós; e só hontem é que fez a importante descoberta. Maldita imprensa! Eis ahi a razão porque se prefere uma compilação do direito civil manuscripto, tendo-se uma em letra redonda, cujo unico defeito é estar prompta.

A proposito, tomo á liberdade de pedir ao Sr. P. que assista ao curso de leitura repentina do Sr. Castilho.

Como deve saber, o curso foi aberto quinta-feira por um discurso de uma extrema simplicidade, e que talvez por esta mesma razão satisfez o auditorio. Estavão presentes o Sr. ministro do imperio, o Sr. marquez de Monte-Alegre, viscondes de Itaborahy e Sapucahy, o conselho de instrucção publica, e muitas pessoas de distincção.

O Sr. ministro dos estrangeiros chegou tarde, porque foi *de gondola*, segundo observárão os mirones.

Se o methodo do Sr. Castilho produzir vantagens reaes, como esperamos, não acontecerá ao Sr. P. a mesma cousa que na quinta-feira, em que com as pressas do responder mostrou não ter lido o meu artigo de domingo.

Onde viu o correspondente que me queixei? Onde foi que lhe pedi tempo para expor as minhas opiniões? Quando viu que me calei, e fugi da questão?

A isto só uma resposta. Se o Sr. P. tem o costume de estudar, de trabalhar, e escrever para a imprensa, quando um motivo grave de afflicção exige todos os seus cuidados, e preoccupa inteiramente o seu espirito, eu o respeito como um homem forte, que não dá peso ás miserias da vida humana. Entretanto concidero-me muito feliz por fazer-lhe o contraste.

Quem se queixa é o correspondente, que, depois de ter commungado com as defezas improprias de certos campeões do regimento de custas, extranha que o motejo tenha substituido a argumentação, e pede não trilhemos a senda dos declamadores politicos.

Quem primeiro abriu esta senda? Quem primeiro chamou a discussão a semelhante terreno? Não fomos nós de certo,—nós que atacamos abertamente uma idéa, mas guardando toda a consideração para com o seu autor, sem procurarmos a capa do anonymo, e firmando com o nosso nome, essa censura comedida e extremamente delicada.

Como nos respondêrão? Não quero reviver uma cousa de que felizmente parece-nos que os defensores do regimento estão arrependidos; e já que o Sr. P. quer voltar á argumentação, pedimos-lhe que discuta, mas que não veja nas censuras feitas ao regimento uma contradicção com o tempo que levou a elaborar-se. Isto póde ser uma circumstancia aggravante contra o regimento, e nunca uma contradicção.

Com o artigo do correspondente, publicado no *Jornal* de hontem, lemos igualmente a noticia de ter professado um frade no convento do Carmo desta côrte.

Não sabemos quem autorisou semelhante acto, sobre o qual o nosso governo desde muito tempo guarda uma prudente reserva. Pretende-se acaso rehabilitar as ordens monasticas, o claustro, e fazê-lo concorrer para o bem publico auxiliando a instrucção publica, os estabelecimentos de caridade, a cathequese, ou mesmo a vigilancia das prisões, como se usa em Leão?

E' tarde;—os ultimos restos de algumas ordens religiosas que tivemos, não teem regra nem disciplina, nem a instrucção que outr'ora adquirião: e apenas vegetão entre quatro paredes, esperando o dia de sua completa extincção, que não ha de estar muito remoto.

A regeneração do claustro no nosso paiz é uma obra impossivel; alguns homens illustres que hoje existem, como Monte-Alverne, o bispo de Chrysopolis e outros, são representantes ainda daquelles tempos de prestigio e de illustração, em que a solidão do claustro era illuminada pelo fogo do céo.

Presentemente, se um ou outro moço de distingue, o que é raro, nada deve á clausura, e sim á sua intelligencia, ao seu estudo, aos seus esforços pessoaes; o frade antigo ainda póde existir, como uma velha ruina; mas a ordem, o espirito de união, o vinculo sagrado, desappareceu, e, com elle, a existencia dos conventos.

Se a regeneração pois não é possivel, que explicação tem esse acto da profissão? Não descubro nenhuma; não me occorre um motivo que possa actualmente justificar a inhabilitação de um homem para os cargos publicos, a condemnação de uma actividade e de um elemento de trabalho a que o paiz tem direito.

Para mim o frade é um typo de historia, que passou como o antigo apreciolo, cujos philoso-

...phos, os escolasti...
...os maçons, e que,
...tencom ás lendas

Não sabem qua...
...os frades justamen...
...tro remedio: e co...
...mens, e sim contr...
...cobro, a consciene...

Outra cousa ser...
...o morro de Santa ...
...colhimento da Aj...
...bem lindos myste...

Se o Sr. minis...
...obra meritoria, ó ...
...fim caritativo e ...
...lucra o paiz com t...
...ras presentearem ...

Ao contrario, se...
...sem crear mulhere...
...de,— é facil prevê...
...resultarião.

Demos um salto ...
...do o domingo de ...
...tratar de cousas pr...
...tendo dar bailes es...

N'um tempo de ...
...demais; porém se...
...porque, com a febr...
...momento se organ...

Vai crear-se uma...
...melhor. Muito su...
...contra o casamento...
...dá mulher na esper...
...sei eu que, accend...
Satanaz, se propõe ...
...nisterio: a duvida e...
...crá seriamente; e ...
...publia o aceitará.

Eu, se fosse a co...
...nas clausulas o res...
...pellindo todos os ...

desconxavado, a fallar a verdade. Por mais que lh'o tenha dito, não quer acreditar que a oratoria não é o seu forte: tirando-a da *mesa* e do papel não valo nada.

Em quanto porém ella fallava, o tinteiro voltava-lhe as costas do uma maneira desdenhosa, o que não achei bonito. Estive quasi chamando-o á ordem; mas não me animei.

Chegou finalmente a vez de ello fallar, o defendeu-se dizendo que todas as *pennas* fazião opposição aos tinteiros logo que estes lhes recusavão o *elemento* para trabalhar, e não lhe davão a *tinta* necessaria para escrever, sem a qual ficavão a secco.

— *C'est trop fort!* gritou a penna do meu amigo, que gosta de fallar em *francez*. Quebro os meus bicos antes do que receber uma só gota do tinta em semelhante tinteiro.

E se o disse, melhor o fez. Não houve forças que a fizessem molhar os bicos no tinteiro, e escrever uma só palavra com aquella tinta.

Atirei-a de lado, abri a gaveta, e tomei um masso de pennas que ahi havia de reserva.

Mesma cousa: todas ellas tinhão ouvido, todas se julgavão compromettidas a sustentar a dignidade de sua classe.

Porfim perdi a paciencia, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia larguei-me a toda a pressa para a casa, afim de escrever alguma cousa que podesse fazer as vezes de um folhetim.

Mas uma nova decepção me esperava.

A minha penna, de ordinario tão alegre e tão travessa, a minha penna que é sempre a primeira a lançar-se ao meu encontro, a sorrir-me e a dar-me os bons dias, estava toda amuada, e quasi escondida entre um masso de papeis.

Quanto ao meu tinteiro, o mais pacato e o mais prudente dos tinteiros do mundo, este tinha um certo ar politico, um desplante de chefe de maioria, que me gelou de espanto.

Alguma cousa se tinha passado na minha ausencia, algum facto desconhecido que viera perturbar a harmonia e a feliz intelligencia que existia entre amigos do tanto tempo.

Ora é preciso que saibão que ha completa disparidade entre esses dous companheiros fieis das minhas vigilias e dos meus trabalhos.

O meu tinteiro é gordo e barrigudo como um capitão-mór de provincia. A minha penna é esbelta e delicada como uma mocinha de quinze annos.

Um é sisudo, merencorio e tristonho; a outra é desenfadosa, alegre, e as vezes tão travessa que me vejo obrigado a ralhar com ella para fazê-la ter modo.

Entretanto, apezar desta differença de genios, combinavão-se o vivião perfeitamente. Tinha-os unido o anno passado, e a lua de mel ainda durava. Erão o exemplo dos bem casados.

Fação portanto idéa do meu desapontamento quando comecei a perceber que havia entre elles o que quer que fosse.

Era nada menos do que a repetição da primeira scena.

Felizmente não veiu acompanhada de discussões parlamentares, mesmo porque na minha mesa de escrever não admitto o systema constitucional.

E' governo absoluto puro. Algumas vezes concedo o direito de petição; no mais é justiça a *Salomão*, prompta e immediata.

A minha penna, como as pennas do meu amigo, como todas as pennas do brio e pundonor, tinha declarado guerra aos tinteiros do mundo.

Não havia pois que hesitar.

Lembrei-me que ella me tinha sido confiada á cousa de nove mezes pura e virgem, o que assim a devia restituir.

Lembrei-me de muitas outras cousas e tomei uma resolução inabalavel.

Atirei o meu tinteiro pela janella fóra.

A penna saltou, de tão alegre e contentinha que ficou. Fez-me mil caricias, sorriu, coqueteou, e por fim fazendo-me um gestosinho de Charton no *Barbeiro de Sevilha*, um gestosinho que me mandava esperar, — lançou-se sobre o papel, e começou a correr.

Escrevia sem tinta.

Quero dizer desenhava; esgraphiava sobre o papel quadros e scenas que eu me recordava ter visto ha pouco tempo: debuxava flores, céos, estrellas, nuvens, sorrisos de mulheres, fórmas de anjo, tudo de envolta, e no meio de uma confusão graciosa.

E eu nem me lembrei mais de escrever, e fiquei horas esquecidas a olhar esses quadros, que de certo não conseguirei pintar-vos.

Recordo-me de um.

Passava-se na segunda-feira, na bahia do Botafogo.

A' uma hora o tempo fez umas caretas, como para metter susto aos medrosos.

D'ahi á alguns momentos o sol brilhou, o azul do céo illuminou-se, e uma brisa ligeira correu com os vapores do temporal que ainda toldavão a atmosphera.

Uma bella tarde descem do seio das nuvens, pura, fresca e suave como uma odalisca, que roçagando as alvas roupagens de seu leito resvala do seu divan de velludo sobre o macio tapete da Persia.

Era realmente uma odalisca, ou antes uma moreninha de nossa terra. Seu halito perfumado se exhalava na aragem que passava: seus olhos brilhavão nos raios do sol; sua tez morena se reflectia na opala dourada que coloria o horisonte.

Tudo sorria, tudo enamorava. As nuvensinhas brancas que corrião no azul do céo, o vento a brincar com as fitas de um elegante *toilette*, uma restea de sol que vinha beijar uma face que enrubecia ao seu contacto,—tudo isto encantava.

Apenas o mar, como um leão selvagem, irrissava a juba, estorcia-se furioso, e arrojava-se bramindo sobre as areas da praia.

Isto,—em bom portuguez,—quer dizer que havia uma ressaca insupportavel. Mas é necessario recorrer de vez em quando as imagens poeticas, e seguir os preceitos da arte; e foi por isso que dei ao mar a honra de compara-lo a um leão selvagem e indomito.

Na minha opinião elle não passava de um sujeito muito malcreado, que, apezar de tanta moça bonita que se incommodou para ir vê-lo, poz-se a fazer bravatas, como se alguem cá de terra tivesse medo delle.

Por isso os barquinhos zombavão dos seus rompantes e brincavão sobre as ondas e corrião tão ligeiros, tão graciosos, que era um gosto vê-los saltando nos cimos das vagas, e inclinando-se docemente com o fluxo da resaca.

A's tres horas e meia ouviu-se um tiro de peça e começou o pareo que durou até cinco horas da tarde. Apezar de todos os contratempos que sobrevierão havia um prazer e uma animação geral.

Todos os convidados se achavão reunidos no primeiro pavimento da casa do Sr. Teixeira Leite; e ahi foi servido um excellente *toast* que a sociedade fizera preparar.

Sans pain et sans vin, l'amour n'est rien,—diz Brillat Savarin, que é autoridade na materia. Portanto não é de admirar que depois do *toast* todos as restos se animassem, o sorriso se expandisse nos labios, e a galantaria se tornasse mais amavel e mais affectuosa.

Emquanto lançava um olhar sobre essas mesas carregadas de flôres e de manjares, cercadas de tantas moças bonitas, e de talhes tão delicados e tão mimosos,—emquanto o Champagne espumava e as luzes scintillavão, fazendo brilhar o rubi liquido que tremia nos côpos de crystal, vierão-me umas reflexões de philosophia gastronomica ou de gastronomia philosophica (como quizerem), que me envergonhárão.

A minha poesia, a pouca que tenho, aproveitou o primeiro olhar que passou e foi refugiar-se n'uns bellos olhos que ella conhece, até que passassem as reflexões humoristicas que fazião trabalhar o meu espirito.

E ella tinha razão.

N'uma mesa de jantar, á menos que não se tenha perdido a razão, — declaro impossivel a menor dóse de poesia.

Neste logar tudo se nivella, tudo se iguala. O rei e o mendigo, o rico e o pobre, a moça bonita e a mulher feia, todos tem fome.

Vêdes aquella mulher bella e elegante; tem o corpinho tão mimoso, a cintura tão delicada, que julgaes alimentar-se de perfumes e de essencias do Oriente.

Admirai-lhe os olhos grandes que parecem reflectir uma luz divina, os labios feitos para o sorriso, a cercadura de perolas que ornão a sua boquinha, e que um beijo não ousaria profanar.

E' uma flôr, uma estrella, um anjo cercado de luz que vive no meio de uma aureola celeste, uma fada que habita o palacio encantado de vossa imaginação.

Pois bem, chegai-vos á uma mesa bem servida, e olhai a vossa estrella, o anjo dos vossos sonhos.

Os dentes, não são mais perolas, porque mastigão como os vossos e como os de qualquer; os labios rosados, não sorriem, saboreão tão bem uma iguaria, como os de um consumado gastronomo.

E dahi a um momento, quando no meio do cheiro das iguarias e das fumaças do vinho, esta mulher vos disser que jantou bem, — se ainda tiverdes um atomo de poesia na vossa alma, podeis gabar-vos de ser o maior poeta do mundo.

E assim como a mulher é tudo o mais.

O estadista profundo, que gasta a sua vida á resolver os grandes problemas sociaes e politicos, que joga com as massas, e com as nações como um menino com a sua péla, senta-se a mesa e esgrime-se contra uma aza de perú, da mesma maneira que um estudante esfaimado no dia de um entorro de ossos.

A religião, a sciencia, a gloria, o amor, a arte, todas essas cousas grandes e sublimes do mundo, tudo n'um momento dado some-se pelo fundo de um prato, ou pelas bordas de um copo de vinho.

Deixemo-nos pois dessas velleidades, desses orgulhos tolos e sem fundamento. Todos temos as mesmas miserias, todos sahimos do pó, e um dia a elle tornaremos.

Bem razão tinhas tu, meu *Brillat Savari* quando dizias que a cozinha é a primeira e unica sciencia deste mundo; e que os homens se distinguem dos animaes, porque estes *comem* e nós *saboreamos*.

Quantas das minhas leitoras não terão amaldiçoado estas paginas e condemnado o meu folhetim como a peior das revistas passadas, presentes e futuras?

Entretanto não tem razão, porque apesar de todas estas reflexões que me assaltavão, tive bastante força de imaginação para não descer do mundo da idealidade.

Quando via um rostinho bonito inclinado sobre a mesa, chamava em meu soccorro todas as comparações dos poetas antigos e modernos e assim conseguia salvar as minhas illusões.

Então não era uma mulher que eu via a comer, era uma flôr que absorvia os raios de luz e as gotas de orvalho da manhã, era uma phalena que libava o mel e o perfume das flôres.

E tanto que depois dessa hora de tortura, tive de accrescentar uma maxima aos aphorismos tão conhecidos da *Physiologie du Gout*: « O melhor meio de experimentar o amor que se tem a uma mulher, é ve-la comer. »

E' preciso porém que advirtão n'uma cousa, é que não fallo de um jantar á dous, de uma mesa á qual nos sentamos ao lado ou mesmo defronte de uma bella moça.

Não: isto é a quinta essencia da poesia.

O que disse referia-se á posição critica de um sujeito que está morrendo de fome, e que se acha condemnado ao supplicio de ver comer uma bella mulher: é nesse caso especialissimo que eu digo que o homem que é capaz de conservar as suas illusões, tem uma imaginação que eu respeito.

Voltemos á regata.

A' noite improvisou-se um sarão nos salões do Sr. Leite, e todas as pessoas que se achavão na reunião da sociedade forão convidadas e instadas para subirem.

Havia moças, musica e flôres, esta trindade mystica do prazer, e por conseguinte a festa foi soberba; completou-a a affabilidade dos hospedes e a amabilidade com que todos erão recebidos.

Dansou-se, conversou-se, brincou-se, e ás onze horas cada um retirou-se com a alma cheia das agradaveis impressões do dia.

Eu fui lêr umas paginas do romance escripto na *Revista dos Dous Mundos* do 1º de março por...

Advinhem por quem, senhores ministros presentes e *futuros*?

Por ninguem!

Tendo S. S. de requisitar a prisão do piloto Tho-

---

is estrellas. Ficareis

essa noite de que vos
musica, sobre a re-
bre o theatro, e de re-
iscas do fogo sagrado.
, e parecia-me ouvir
ue brincão nos seus
almente até confun-
lias,—que morrem a
r-se n'um sorriso ou
arte o seio.
s imagens. Seria ne-
artes, materialisar o
á musica, para des-
canto inspirado.
hammejão, que irra-
lançadas no ar; ha
e como gottas do or-
brilhantes que desfe-
flôres que exhalão

com os labios, ani-
a, fazem mil traves-
gem. Algumas suspi-
lagrima que se des-
um seio opprimido,
nente dentro d'alma.
beija-flôr se aninha
que bate as suas azas
ço colorindo-se nos

fantasias brilhantes
todas essas flores mi-
sses lindos coloridos,
emoções que se passe
ella voz harmoniosa.
o nosso theatro uma
a representação cor-
papois forão mais ou

bozar da pouca exten-

---

são do sua voz, agradou. E' um excellente artista, o canta com muito estylo e muita expressão. Estou certo que quando estivermos habituados com o seu canto, o ouviremos com muito mais prazer do que nas primeiras noites.

Bouché foi perfeitamente no seu pequeno papel. A sua bella voz produziu o melhor effeito no magnifico duetto do segundo acto.

A *Charton* excedeu-se. Graciosa nas expansões infantis de um amor feliz, sublime no desespero, natural nos desvarios da paixão, foi artista desde o começo ao fim. Havia naquelle dia o quer que seja que a animava, que a excitava a obscurecer os seus triumphos passados.

No dia antecedente já tinhamos ouvido a Charton; mas despida de todo este prestigio do theatro, de toda esta fascinação das luzes e da scena. Nem por isso a achámos menos brilhante.

Foi isto domingo na festa de S. Francisco. A igreja estava armada com toda a simplicidade. Apenas algumas grinaldas de rosas se destacavão pelas alvas paredes e cahião do tecto em festões.

Uma meia obscuridade, empallecida pelos raios dos cirios, realçava o aspecto grave e simples do templo, e dava-lhe uma expressão de recolhimento e de santidade, que não teem ordinariamente as nossas igrejas em dias de festa.

As litanias sagradas e os sons do orgão se confundião um momento; depois o silencio se restabelecia, e uma voz harmoniosa erguia ao céo uma prece traduzida n'alguma bella melodia que se casava perfeitamente com as palavras do ritual.

Cantou a Casaloni, o Bouché, o Gentili, o Arnaud, e finalmente a Charton.

Receiavamos uma desillusão; pensavamos que, fóra do theatro, o seu canto não tivesse o mesmo poder. Mas o verdadeiro artista tem n'alma o fogo sagrado, a scentelha divina, que, no instante em que se anima, dá brilho aos seus olhos e expressão aos seus gestos.

Um concurso numeroso enchia a igreja, e assistia com satisfação a esta solemnidade religiosa de uma das ordens mais importantes desta côrte.

Este anno muitos melhoramentos se introduzirão, devidos ao zelo de um dos definidores, o Sr. Miranda. Além da simplicidade com que elle fez ornar a igreja, admittiu o costume europeu, e mandou collocar na capella-mór elegantes assentos para as senhoras.

Tudo preparado com muita singeleza e bom gosto, de maneira que as senhoras podem assistir ás solemnidades, sem estarem expostas aos empurrões da multidão que ás vezes se apinha na igreja.

O hospital da ordem teve tambem um grande melhoramento com o serviço da illuminação a gaz que já se acha estabelecido, graças á generosidade de um dos definidores, o Dr. Izidro Borges Monteiro.

Estava em pratica que o definidor incumbido do hospital carregava com a despeza da exposição annual que era costume fazer-se.

Entendeu o Dr. Izidro que devia acabar com este precedente, que além de não trazer utilidade alguma para a ordem, era excessivamente incommodo aos doentes. Nesta idéa dotou o hospital com a illuminação a gaz, que monta a perto de dous contos de réis, e acabou com as exposições annuaes.

Não foi portanto unicamente uma generosidade, mas um beneficio real e muito proveitoso que o Dr. Izidro fez á ordem. O hospital póde ser visitado em qualquer dia pelas pessoas que solicitarem este favor; e estas poderão bem julgar do estado vantajoso em que se acha este estabelecimento.

Foi ainda por esforços destes dous membros da ordem que se acabou com o uso das mesas lautas e dos banquetes que se costumavão offerecer aos convidados depois da festa, fazendo assim da casa de Deus uma especie de café ou de *restaurant*.

Neste ponto do meu artigo vi-me obrigado, pela primeira vez, a passar uma reprehensão em particular o dessa testemunha que affirma ter

---

foi sempre o seu bondadoso coração.

---

muito séria á minha penna, que desejava escrever uma dissertação sobre o culto da igreja.

Não houve remedio senão lembrar-lhe os desvios em que muitas vezes cahem certas pennas que escrevem sobre cousas de que não teem perfeito conhecimento.

Assim ha nesta côrte um periodico, de que nem sei o nome, que se julgou habilitado a dirigir uma insinuação perfida a um dos nossos mais distinctos diplomatas, o Sr. Dr. José Maria do Amaral.

Responderiamos a este artigo se não estivessemos convencidos que o unico nome do Sr. Amaral contém a maior defesa e o maior elogio que se possa fazer do seu caracter honesto a toda a prova. Além do que, pessoa mais habilitada já mostrou todas as falsidades em que cahiu o autor daquelle escripto, o qual nem tem a coragem de sua opinião.

Batido com as suas proprias palavras, carregando com a responsabilidade de uma accusação grave feita contra um alto funccionario publico, devia ou aceitar a discussão que lhe offerecião, ou distratar-se do que havia dito. Não o fazendo, classificou muito claramente a natureza dessa insinuação.

Depois de lembrar este exemplo á minha penna, lembrei-lhe o que já lhe tinha acontecido a respeito do *Tudo e nada*.

Lembrei-lhe que n'uma das revistas passadas tinha-me compromettido horrivelmente e feito commetter uma injustiça clamorosa contra um dos mais notaveis escriptores do Brasil.

E tudo isto produzido por uma virgula travessa que sahiu do seu logar e foi-se intrometter onde não era chamada.

Eis o caso em duas palavras: N'uma das revistas passadas escrevi eu com a melhor boa fé e sem malicia o seguinte:

« Os homens que fallão de *tudo e nada*,—dizem teem ahi um bello thema para dissertarem, etc. »

Agora, passando pelos olhos o meu artigo, fiquei pasmo: em logar do que eu tinha escripto havia uma blasphemia deste theor:

Nunes.

« Os homens que falla
teem ahi um bello thema

E por isso vem o homem
palavras. « Os homens
dizem »!...

Eu que sou o primeiro
ponto de fé, como dogma
fina elegancia, o bom g
do sublime escriptor do *J*
dia cahir naquelle contra
falla de tudo e nada diz?

Falla de tudo!... Que in
podia ou dizer semelhan
falla do si e dos seus amigo

E nada diz!... Outra f
rediz, repete tres e quat
Queixa-se sempre de se
aquillo de que todos o de

Só quem não tiver lido
alguem póde deixar de
Não é possivel! Depois d
e das confissões, vem o te

Já veem os meus leitor
intenção escrever aquello
na, que tem a balda dos c
eu o sentisse, uma transp
ranjou-me assim este gra

O homem porém tomou
portanto estou perdido. Q
com uma penna que escrev
e que por conseguinte te
mundo!

E por onde foi começ
borrimas erratas! Que ha
metter-me no orçamento,
bituado a sommar o dinhe
os emolumentos que ás ve
requerimentos das partes
mestre me dê o quinão.

Demais, elle tinha justa
offendi-lhe um privilegio
um direito sagrado, ataqu

ASSEMBLÉA PROVINCIAL.

Sessão em 29 de setembro de 1854.

Preside a assembléa o Sr. commendador Netto dos Reis.

O expediente é o seguinte:

Officios do secretario do governo da provincia:

1.º Communicando não existir no archivo da secretaria officio algum da camara municipal de Capivary de 17 de julho do corrente anno.

2.º Remettendo cópia do officio do inspector da thesouraria de 22 do corrente e mais papeis relativos ao contracto da arrematação da barreira da Estrella.

Na primeira parte da ordem do dia entra em discussão o parecer da commissão de fazenda provincial sobre a pretenção de Domingos José Teixeira Chaves adiado na sessão de hontem, e é approvada a seguinte emenda do Sr. Cardoso: — « Depois da palavra *é de parecer*, diga-se: — Inclua-se no orçamento provincial a quantia de 2:600$230 para o pagamento devido a Domingos José Teixeira Chaves. »

Approvão-se os seguintes pareceres:

1.º Para que se approve a seguinte emenda ao § 2º do projecto n. 1 B.

« Depois das palavras — publicação dos debates — accrescente-se: — o que se ficar devendo ao *Diario* da sessão de 1856 desde já — e em logar de 6:000$ diga-se 8:000$. »

2.º Requerendo que se peção ao governo da provincia os trabalhos organisados pelo engenheiro Amelio Pralon para a construcção de uma ponte sobre o rio denominado — Dous Rios.

Julga-se objecto de deliberação o seguinte projecto:

Autorisando a presidencia a contratar com um emprezario, ou companhia, que melhores vantagens offerecer, a reconstrucção, alargamento e aperfeiçoamento do canal de Campos a Macahé, e sua continuação até a bahia de Nitheroly, preferindo qualquer ponto no municipio de Nitheroly para um dos extremos do canal, e incorporando ao mesmo linha a canalisação do rio — Tarrez.

Na segunda parte da ordem do dia prosegue a 1ª discussão do projecto mandando medir e demarcar as terras dadas em sesmaria á provincia pela lei de 22 de janeiro de 1842, e passa a 2ª discussão.

São adoptados em 2ª discussão e remettidos á commissão de redacção os seguintes projectos:

1.º Dando 6:000$000 para limpeza do corrego do Imbé, o outros que esgotão á Lagôa-Feia.

2.º Elevando a 300$000 annuaes o ordenado do zelador das galerias e do correio da assembléa.

3.º Concedendo a consignação annual de 300$, separadamente, ás filhas do fallecido professor publico Alexandre Bonard.

4.º Rejeitando para a 3ª discussão dos projectos creando escolas de instrucção primaria em varios logares da provincia com diversas emendas offerecidas.

Passão á terceira discussão os seguintes projectos:

1.º Reformando no posto de alferes ao sargento do corpo policial João Antonio Valleiros.

2.º Approvando as deliberações que aposentárão o padre João Hygino Bittencourt, professor do lyceu de Angra dos Reis.

3.º Garantindo á empreza da estrada de ferro denominada — de D. Pedro II — um juro até 2 por cento além dos cinco garantidos pelo governo imperial sobre o capital despendido na sua construcção.

---

estudar o choléra-morbus e todas as medidas de policia sanitaria, e outras que tenhão tomado as cidades onde este cruel hospede tenha feito invasão.

— Forão nomeados lentes da academia das Bellas-Artes os Srs. José Joaquim de Oliveira e Ernesto Gomes Moreira Maia: o primeiro, para a cadeira de mathematicas applicadas, o segundo, para a do desenho geometrico. O Sr. Carlos do Nascimento, pintor historico, foi tambem nomeado conservador e restaurador da galeria de quadros da mesma academia.

— Da cumieira de uma casa em construcção no largo da Ajuda cahio hontem um official de carpinteiro, que foi remettido para a Misericordia com uma forte contusão na face.

— O Sr. Francisco de Paula Mattos vai ser convidado a tomar assento como vereador da camara municipal, para occupar o logar que deixou vago o Sr. Dr. Lopes da Cunha, que desde hontem está exercendo o cargo de subdelegado da freguezia de Sant'Anna.

— Na sessão ultima do accionistas da empreza do theatro lyrico, o Sr. Dr. Candido José Cardoso apresentou a seguinte proposta, que foi a uma commissão afim de, depois de approvada, ser submettida á sancção do governo e posta em execução.

Para servir de additamento ao art. 8º dos estatutos da empreza theatral.

« A transferencia das acções dos accionistas do theatro Lyrico só será permittida no disposto do artigo acima mencionado, e depois de realizado o fundo total das mesmas acções. »

Emenda e additamento ao tit. 3º dos mesmos estatutos.

« A directoria do theatro Lyrico ficará pertencendo a um só membro director, a quem compete, na fórma dos estatutos da empreza, a administração geral e economia da sociedade, com as seguintes restricções:

« 1.º Que em geral todos os contratos de artistas do mesmo theatro só poderão ser feitos pelo membro director acima mencionado, de combinação e com o voto e assignatura de uma commissão de outros dous membros que a sociedade nomear; e bem assim a concessão de beneficios que não pertenção aos contratos e licenças de artistas.

« 2.º Que compete ao mesmo director com os outros dous membros de que trata o artigo antecedente, e sob proposta do primeiro, a nomeação e demissão dos empregados do theatro.

« 3.º Que no caso de impedimento temporario ou molestia pódo o director convidar um dos membros da commissão para servir em seu logar durante o impedimento.

« Esta commissão de dous membros, de que tratão estes artigos, chamar-se-ha commissão directora. »

ESTATISTICA DA CIDADE.

MATADOURO PUBLICO. — Para consumo da cidade matárão-se hontem 215 bois e 4 vitelas.

— Para consumo da cidade matárão-se no mez passado 1,525 bois e 91 vitelas.

METEOROLOGIA. — No dia 29 a maior temperatura foi de 25,6 gráos do thermometro centesimal, ou 78,1 de Fahrenheit; a maxima pressão atmosphe-

---

— Fallecêrão na cidade, no dia 30 de setembro, 6 pessoas livres e 6 escravas: das livres 3 homens e 3 mulheres, a saber:

José, innocente, filho de Antonio Luiz de Magalhães, natural do Rio de Janeiro, 1 anno, morador no becco do Cotovello. Gastro-interite.

João Francisco Damasceno, natural do Rio de Janeiro, 23 annos, soldado do 1º regimento de cavallaria, recolhido ao hospital militar. Tuberculos pulmonares.

Antonio José de Souza e Castro de Miranda, natural de Portugal, 49 annos, viuvo, procurador, morador na rua dos Arcos. Gastro-interite.

Thereza Maria de Jesus, natural do Rio de Janeiro, 48 annos, viuva, moradora na rua do Hospicio. Tisica.

Leopoldina da Costa Netto, natural do Rio de Janeiro, 24 annos, casada, moradora na Pedreira da Gloria. Metrite gangrenosa.

Maria do Rosario, natural do Rio de Janeiro, 60 annos, solteira, moradora na Pedreira da Candelaria. Gastro-hepatite.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 29 de setembro, 4 pessoas livres e 3 escravas, a saber:

João José da Costa, natural de Minas, 68 annos, viuvo. Infecção purulenta.

João Rodrigues, natural de Portugal, 30 annos, trabalhador. Dysenteria.

Vicentiana Rosa da Conceição, 35 annos. Entrou moribunda para a Santa Casa.

Maria Xavier de Lima Paiva, 90 annos. Diarrhéa.

COMMERCIO.

RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1854.

COTAÇÕES DA JUNTA DOS SRS. CORRETORES.

Dia 30.

Banco Rural, 105$000 de premio.

Em café pouco se fez hoje. Este mercado conserva-se firme, e os preços tornárão-se ainda mais firmes nos ultimos oito dias do mez, para as qualidades superiores e primeiras boas.

Orção as vendas do mez em 219,500 saccas, cujos destinos forão os seguintes:

America do Norte	66,000 sac.
California	3,500 »
Canal e portos do Norte da Europa	108,000 »
Mediterraneo	42,000 »
	219,500 »

Embarques de 1 a 30	226,763 saccas.
Existencias	50,000 »

ASSUCAR: — Este mercado achava-se completamente desprovido, e o desempenho de algumas vendas para consumo o mais elevado a preços mais moderados.

CAMBIOS: — As transacções para este paquete montão a cerca de 330,000 libras esterlinas aos cambios de 27 3/4 a 28 d., 60 e 90 dias, e a estes preços se tem conservado firme até esta data.

Sobre Hamburgo o total das transacções será por 500,000 marcos a 650 rs.

New-York, 15 de agosto de 1854.

CAFÉ: — O mercado tem estado firme; vendêrão-se hoje 1,200 saccas de do Rio a 10 e 10 1/2 c. Dentro dias antes tinhão-se vendido 2,400 saccas do do Rio tambem de 9 1/2 a 10 3/4 c.

Banco de Commercio	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Bispos Ancorados	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Omnibus	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Lubamancio	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Ponta d'Arêa	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Gamboa	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Illuminação a gaz	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Providencia	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Mauá e Compa.	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]

DESCARGAS PARA O DIA 2.

Navios atracados:

Ponte da alfandega — Brig. ing. *Rothesia*, Liverpool.

Dita da estiva — Barca ing. *Parima*, Liverpool.

Dita nova — Brig. belga *Adamastor*, Antuerpia.

Ilha das Cobras — Pol. franc. *Jules et Marie*, Bordeaux, por arribada.

Em descarga:

Alfandega — Barca franc. *Jules*, Nantes, varios generos.

— Barca brem. *Constituição*, Hamburgo, varios generos.

— Brig. hamb. *Bertha*, hamburgo, varios generos.

— a estiva — Brig. nac. *Brilhante*, Porto, varios generos.

— Barca hamb. *Rio Pachet*, Hamburgo, varios generos.

Estiva e sobre agua — Esc. hesp. *Engracia*, Barcellona, vinho e miudezas.

— Pol. hesp. *Amalthéa*, Barcellona, vinho e miudezas.

— Brig. hesp. *Fividado*, Cadiz, vinho e miudezas.

Ilha das Cobras — Esc. norueg. *Balder*, Hamburgo, vinho.

Descarregando carne secca.

Brig. nac. *Mercedites*, Buenos-Ayres.
Brig. port. *Imprevisto*, Montevidéo.

Descarregando carvão.

Brig. ing. *Belmont*, Cardiff.
Barca amer. *Sarah A. Nichols*, New-Castle.
Barca sueca *L'Inaccrur*, New-Castle.
Brig. ing. *Alnus*, New-Castle.
Brig. hamb. *Augusta e Bertha*, New-Castle.
Brig. ing. *Elisabeth Walt*, New-Port.
Brig. ing. *Lironia*, New-Castle.
Brig. dinam. *Betty*, New-Port.
Brig. ing. *Velo*, Leith.
Pal. belga *Pierre Octave*, Hull.

Descarregando guano.

Gal. ing. *Panamá*, Callão de Lima.

Descarregando sal.

Brig. franc. *St. Louis*, Marselha.
Brig. sardo *Verina*, Marselha.
Brig. sardo *Felicia*, Marselha.
Brig. hamb. *Atalante*, Cadiz.
Brig. hesp. *Fividado*, Cadiz.
Brig. nac. *Emperor*, Lisboa.
Brig. port. *Nossa Senhora da Boa Viagem*, Lisboa.
Brig. port. *Nossa Senhora do Bom Successo*, Porto.
Gal. franc. *Bayadère*, Bordeaux.
Brig. ing. *Maria*, Malta.
Brig. nap. *Antonietta*, Trapani.
Brig. sueco *Hector*, Cadiz.
Gal. franc. *Aimée*, Lisboa.
Gal. port. *Rubim I*, Lisboa.

Descarregando madeira.

Brig. amer. *Nancy*, Jackson City.
Brig. sueco *Zephiro*, Gothemburgo.

---

pipas, ... cobre velho, 2 caixas de polvilho, 1 dia de vinho do porto; recepção 6,004 libras de cobre e latão.

Copenhague — Berg. sueco *Galliver*, de 231 tons., consig. Kliegelhoefer; manif. 3,150 saccas de café.

Cidade da Victoria — Hiat. nac. *Capichaba*, de 38 tons., consig. Fernando José Martins.

Genova — Pat. port. *Maria Ignez*, de 167 tons., consig. B. A. Vieira de Mendonça; manif. 3,850 saccas de café.

Pernambuco — Berg. port. *Tarujo I.*, de 332 tons., consig. V. F. de Sá Pessoa; em lastro.

Colonia — Gal. ing. *Brisha Lee*, de 2,063 tons., consig. Naylor Irmãos; segue com a mesma carga com que entrou.

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO NO DIA 30.

Benguella — no berg. port. *Sophia*, José Corrêa Ferreira, 3,000 charutos.

Charlestown — no brig. amer. *A. Hayford*, Warre Schwind, 30 saccas de café.

Canal — no brig. lubecka *Bertha*, Barlow, 150 saccas de café.

California — na barca ing. *Machaon*, Hogg Adam, 814 saccas de café.

Falmouth — no berg. sueco *Hilda Charlotte*, G. e W. Heymann, 850 saccas de café.

Gibraltar — na barca port. *Oliveira*, F. e Rodocanachi, 971 saccas de café.

Lisboa — no vap. port. *D. Maria II*, Bravo e C., 18 barricas de assucar e 12 dias de gomma; Jacintho Fernandes Raposo, 45 saccas de café; Manoel Borges Diniz, 36 dias de dito; Fernandes e Andrade, 120 dias de dito.

Marselha — na barca franc. *St. Louis*, A. Lebérley, 2 duzias de conceiros de jacarandá.

New-Orleans — na barca brem. *Louise*, Saporta, 400 saccas de café.

Nantes — no berg. franc. *Sans Souci*, Miller, 236 saccas de café.

ANCORADOURO DA CARGA.

Abrio registro no dia 30:

Barca franc. *St Louis*, para Marselha.

EXPORTAÇÕES.

Buenos-Ayres — no berg. nac. *Pedro II*, A. Fry e C., 10 barris de linhaça e 4 fardos com fio de sapateiro.

ALFANDEGA DA CORTE.

EXERCICIO DE 1854 A 1855.

Rendimento do mez de setembro de 1854.

Direitos de consumo	1,152:550$510
» de reexportação para a Africa	4:412$077
» de exportação para fóra do imperio	39:923$73
» de reexportação para dentro do imperio	2:295$329
Expediente dos generos em geral	4:299$347
» » do paiz	3:115$789
» » livres ou ...	
Armazenagem	7:572$103
Premios de assignados	13:351$749
Emolumentos de certidões	9:022$347
Multas	502$000
Imposto dos despachantes	1:222$064
Pelas dos titulos dos mesmos	825$000
Sello fixo	2:257$780
Renda extraordinaria	282$001
	1,182:282$756

Antuerpia	25 de agost.	Londres	27 de agost.
Baltimore	15 de agost.	Montevidéo	9 de setem.
Buenos-Ayres	1 de setem.	New-Orleans	4 de agost.
California	15 de julho	New-York	14 de agost.
Hamburgo	20 de agost.	Paris	24 de agost.
Havre	24 de agost.	Porto	24 de agost.
Lisboa	2 de setem.	Trieste	19 de agost.
Liverpool	21 de agost.	Valparaiso	30 de julh.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

A' presidencia da assembléa provincial do Rio de Janeiro.

Ha um mez (desde 30 de agosto) que as commissões de estatistica, justiça civil e negocios ecclesiasticos dérão um parecer approvando a deliberação do governo da provincia, que fixou os limites entre as freguezias de S. José da Cacaria e S. Francisco Xavier e marcou a divisa dos municipios de S. João do Principe e de Iguassú.

Até hoje o Exm. Sr. commendador Netto dos Reis ainda não teve uma occasião propria para submetter á discussão o projecto que acompanha aquelle parecer!...

E' verdade que o negocio é de pouca importancia; interessa sómente o municipio de S. João do Principe.

Um habitante de Cacaria.

Amigos como somos do Pilar e de seus hospitaleiros habitantes, não podemos deixar de dar ao mui digno administrador da companhia de vapores, o Illm. Sr. Colombez, os sinceros e cordiaes agradecimentos pelo beneficio que fez a esta bella terra, com a experiencia da navegação a vapor que teve logar no dia 20 do corrente; experiencia tão bem succedida quão bem guiada foi a barca, e que de tanto jubilo encheu aos Pilarenses e passageiros do Inhomerim.

Concordamos com o que disserão os Pilarenses do *Jornal do Commercio*, pois que só a verdade e verdade filha do reconhecimento existe em suas palavras.

Até aqui era ponto controverso se se poderia ou não navegar a vapor pelo rio Iguassú até á confluencia do Pilar: uns dizião que a barra não permittia ingresso a uma barca, outros que as muitas e repetidas voltas do rio não se prestarião a esta especie de navegação, porque uma barca não poderia ali ser governada sem que fosse de encontro ás margens do rio, etc., etc.; chegou porém o dia de acabar-se o encanto, chegou o dia em que a experiencia veio sanccionar o que mais ambicionavão os Pilarenses, o uso da faixa com bella e risonha aurora para o Pilar, porque um outro astro desse linha havido em que esta mesma terra tinha tido a ventura de ver nascer em seu seio uma vergontea do tronco dos Vieiras da Motta, que, com o correr dos tempos, suas virtudes, nobres qualidades e caracter, lhe alcançárão o titulo de barão do logar que hoje possue.

Foi este Exm. senhor que, sempre amigo devotado ao logar, sempre desejoso de seu engrandecimento, comprehendendo as vantagens que resultarião da facil e prompta communicação entre o Pilar e a côrte, emprehendeu essa viagem exploradora, e

---

Et gardera, pour eux, ses tapis et son palais.

De la feuille qui meurt une autre prend la place,
Un nuage poursuit le nuage qui passe,
Le flot pousse le flot par la brise luitée,
Cimeterre, probité, pudeur, gloire, vertu,
Se suivent ici-bas comme au ciel les étoiles.

Crimes pétris d'orgueil, vicieux sans nobles voiles,
Grandeur d'âme, impudeur, bassesse, dignité,
Amour, hypocrisie, honneur, impiété,
Sous tes pieds, sous tes yeux, se suivront à tout heure;
Le célèbre qui rit, le grand-cœur qui pleure,
Le fat joint à l'air ses conquêtes du jour,
Le poltron dont la main renverse les murailles,
Le lâche dont la fuite a gagné cent batailles,
Celle qui vous trahit en vous parlant d'amour,
Tout se mêle ici-bas, tout sort du même moule,
Un cœur s'épanouit auprès du cœur qui soulle,
Les Abel, les Caïn, aimés, maudits de Dieu,
Les archanges allés groupés dans le ciel bleu,
Les démons se tordant au fond des flots brûlants,
Les rayons du soleil succèdent aux ténèbres,
L'Ode se combat aux plaintes des majestés,
La vipère insinuant son poison dans les veines,
Les innocents plaisirs s'associant aux peines,
Voilà tout ce qui fut, voilà ce qui sera.

L'homme du Créateur, œuvre de sa pensée,
Poëte, qui de nous en la cendre;
Et toi-même, esprit fin, esprit philosophique,
Qui rêves pour les tiens une ère pacifique,
Toi, qui railles si bien les travers de son temps,
Toi-même, sur ton front, en lignes brûlantes,
Tu verras se graver les outrages des ans......
Dieu seul est immortel, Dieu seul n'a point de rides.

Un nouveau venu au Brésil.

Debruçada em teu balcão.

Linda fada teus encantos
Vem prender meu coração,
Quando só de amor me fallas
Debruçada em teu balcão!...

Agora sem liberdade
Jaz triste na oppressão!...
E tu sorris-te contente
Debruçada em teu balcão.

E um saudoso gemido
O meu peito solta então;
Porque um anjo me pareces
Debruçada em teu balcão.

Outras vezes, compungido
Em mui grande agitação;
Se te não vejo apparecer
Debruçada em teu balcão!...

Linda fada, teus encantos,
Prendêrão meu coração,
Tu só me dás alegria
Debruçada em teu balcão!...

H. L. H.

PAGINAS MENORES.

Rio, 1º de outubro.

AO CORREIO DA PENNA.

(Revista.)

Meu caro Redactor, — Fora lá do seu despontamento quando receber esta carta em vez da nossa Revista costumada dos domingos; mas tenha paciencia, e lembre-se que o acaso é um menino todo cheio de caprichos, que nos dirige a seu modo, sem nem ao menos ter a deliberação de nos consultar de vez em quando. *Fatis agimur, cedite fatis.*

Sei que ha de ficar massadissimo comigo, que me accusará de remisso e de negligente, e accumulará sobre a minha cabeça uma serie de synonimos deste mesmo teor e feitio, capaz de entreter qualquer Cicero provinciano dos mais afamados na oratoria.

E já prevenindo esta eventualidade, que tomo a prudente partida de escrever-lhe, e não ir vocalmente desviar o longo [illegible]

O que vai é que a borrasca ha de passar. Quanto maior for a zanga, tanto maior graça ha de achar depois no logro que lhe preguei, involuntariamente, está entendido: e por fim de contas, quando se lembrar do seu tempo de folhetinista, estou certo que me ha de dar carradas de razões. Previno-o porém desde já, que não é preciso mandar-me á casa as tres *carradas de razões*; isto póde importar-lhe uma grande despeza de carretos sem necessidade.

Tenho decidido contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor duvida sobre a boa fé com que procedi em todo este negocio; e para assim habilita-lo a redigir uma daquellas descalços da rotina, com que ordinariamente todos os jornaes (comprehendendo o nosso por polidez), embalão os leitores logo pela manhã, e em jejum, occasião esta em que naturalmente os estomagos são do mais facil ingestão.

Os nossos velhos da era antiga dizião, — que não havia domingo sem missa, nem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte do proverbio tem soffrido nos ultimos tempos alguma modificação, principalmente a respeito dos redactores dos grandes jornaes, que substituírão á missa o folhetim. Mas em compensação ninguem ainda se animou a revogar a ultima parte do anexim; e por [illegible]

res e leitoras, todos desejarão poder saborear as delicias do *dolce far niente*.

Como isto não é possivel a todos, o que se segue é que muitas vezes o corpo parece que trabalha, em quanto a mente, como uma sultana favorita, se embala mollemente nas doces recordações do domingo e de toda a semana passada.

O redactor estende a folha de papel para escrever o seu artigo de *fundo*, mas quando procura pelo pensamento vai descobri-lo no fundo de algum *boudoir* elegante, donde não ha forças que o possão arrancar. Resulta dahi, que depois de algumas horas de esforço baldado, o tal artigo de fundo fica no fundo do tinteiro.

A mocinha com os olhos quebrados, e corpinho languido toma o seu bordado e começa a trabalhar. Pensa que está fazendo ponto de *crochet*? Qual! está fazendo namoro á *crochet*, á cinco e a bouquinha aos gauchos; cada ponto é um olhar provocador; cada malha um fogo vivo do sorriso; á direita e á esquerda. Quando a agulha fere-lhe um dos dedinhos rosados, sou capaz de apostar que lembrou-se de um despeito, ou de um arrufo no baile.

A respeito do folhetinista não fallemos. Na segunda-feira tem a cabeça que é um cahos de recordações, de factos, de anecdotas e observações curiosas. A imaginação toma ares de pintor chinez [illegible]

dança no Cassino. A memoria parecia no meio do salão de braço dado com a ironia, gracejando e fazendo reflexões a proposito.

Emfim os cinco sentidos pozerão-se ao fresco, e largárão-se a passear cada um para seu lado. O ouvido ficou recordando a cabaletta do *Trovatore*. O paladar e o olfato sentão-se commodamente á mesa da ceia. O olhar erige-se em daguerreotypo e diverte-se a tirar retratos *d'après nature*. E o tacto vai estudar praticamente o magnetismo, para descobrir as cousas mysteriosas dos estremecimentos, que produz a pressão doce e tepida de uma mãozinha delicada.

A' vista disto, *meu caro Redactor*, já vê que a segunda-feira é um dia inteiramente perdido, e que só vem na folhinha para encher o numero dos sete que formão a semana, assim como succede nas listas triplices para senador. Acredite que não se faz nada, nem mesmo quando se põe a receita infallivel que eu tenho sobre a mesa, de um libello ou de uns processos, cujo effeito poderoso o senhor deve conhecer.

Os antigos tinhão razão. E estou certo que se Josué vivesse no nosso seculo havia de adoptar o anexim portuguez, e pedindo licença a Galiléo, todos os domingos á meia noite faria parar o sol até terça-feira, para assim poder bem saborear o dia consagrado á preguiça, sem temer a claridade importuna que de madrugada, ás dez horas, vem lembrar-lhe ... palpebras, como um credor

impertinente que não comprehende a verdadeira organisação do credito.

Ora, eu sei que me podem objectar que a Biblia manda trabalhar seis dias, e descansar no setimo. Mas aquelle preceito foi inventado na primeira semana, isto é, quando ainda não se tinha trabalhado antes; e por isso não podia haver preguiça na segunda-feira. Além de que, como ainda não se sabia ao certo o peso do trabalho da semana, julgou-se que era bastante um só dia de descanso. Veja o senhor, que é deputado, o inconveniente de fazer leis sem primeiro estudar-se aprofundadamente as verdadeiras necessidades do objecto.

Logo que os homens aprendêrão por experiencia propria, quanto custavão os taes seis dias de trabalho, entendêrão que era preciso pelo menos dous ou tres dias de descanso. Dahi veio que os antigos, pensando sobre a gravidade do caso, inventárão os dias santos para illudirem o preceito da Biblia; e modernamente se instituio nas semanas em que não ha dias santos o feriado da quinta-feira para os estudantes e os lentes, porém especialmente para estes.

Emfim o nosso amavel redactor, sabe, que a propria astronomia confirma a convicção profunda em que estou de que pelas leis divinas e humanas a segunda-feira deve ser completamente consagrada á preguiça. A segunda-feira é o dia da lua, e ninguem ignora a influencia poderosa que exerce esta senhora sobre os pobres mortaes, a quem ella

persegue como uma velha cheia de flatos e modices. Ora, não podendo o corpo assim indisposto entregar-se ao trabalho, é evidente que as proprias leis physicas, que regulão a harmonia e o equilibrio do mundo, destinárão a segunda-feira para a calaçaria.

Parece-me, que tenho provado o ponto controvertido, com argumentos dignos de figurar em uma *conclusão magna*. Está portanto a segunda-feira fóra de toda a questão; e por isso, forte da minha consciencia, não tenho o menor escrupulo em confessar-lhe que naquelle dia não trabalhei em cousa alguma.

Passei o dia, como faço-lhe a justiça de acreditar que passou o seu, sem dar attenção ás miserias deste mundo; e tratando de realizar aquelle dito de Marcial, que apezar de poeta (com perdão de V. S.) disse um dia uma cousa boa, talvez mesmo por não ser muito forte na poesia: *Vive hodie, cito posse priore fruire.*

Acho escusado dizer-lhe, que apezar de o dia ser inteiramente contemplativo não me descuidei da carne, e livo o cuidado do almoçar, jantar e ceiar. A' noite fui ao theatro Lyrico ouvir ainda uma vez o *Trovatore*, e ver Leonora morrer depois de nos ter dado algumas horas de vida deliciosa.

Apezar de ser segunda-feira, quiz ver se trazia alguma idéa boa para o nosso folhetim. Mas o senhor sabe o que é uma idéa; é a cousa mais

bandoleira, e mais voluvel que eu conheço. As idéas são as borboletas do espirito; são, como diz um proverbio oriental a respeito das mulheres, a sombra do nosso corpo que nos acompanha sempre, e que nos foge apenas as queremos apanhar.

Esperei por conseguinte pela terça-feira, em que verdadeiramente devia começar o trabalho da semana, segundo os principios que já tive a honra de lhe expender. Entretanto servindo-me eu daquelles mesmos principios com que provei que os antigos tinhão toda a razão em destinar a segunda-feira para o santo ocio, succedeu que tive na terça-feira ao acordar uma lembrança luminosa, cujo peso deixo ao seu alto criterio.

Se os antigos que não tinhão bailes, nem theatros lyricos, nem concertos, nem clubs, nem corridas, e que se contentavão com algum sarão de vez em quando, inventárão os dias santos para ficarem assim dous dias de descanso; nós que temos durante a semana todo esse enorme accrescimo de trabalho imposto pela sociedade, nós que já fomos privados dos dias santos, devemos em todo o rigor da justiça lograr mais um dia de descanso, e juntar a terça-feira á segunda, afim de poder na quarta encetar o trabalho, com o espirito calmo e o corpo bem disposto.

Este argumento sem replica calou-me no animo a convicção inabalavel, de que seria anti-racional e anti-philosophico trabalhar na terça-feira, princi-

ras, Luso-Brasileira e outras que gozão os mesmos favores concedidos á Real Companhia de Southampton.

Levanta-se a sessão ás 11 1/2 horas.

Na camara dos deputados, depois de regeitado por 31 votos contra 30 o requerimento do Sr. Junqueira, pedindo informações sobre os estatutos de bancos e caixas filiaes, assumpto a respeito do qual o mesmo Sr. Junqueira discorreu por meia hora, passou-se á discussão do projecto concedendo o credito para o pagamento das prezas e reclamações de lord Cochrane.

A sessão foi preenchida pelo Sr. ministro da marinha, que respondeu aos diversos oradores que tinhão discutido a materia. Procuraremos dar alguma idéa do discurso de S. Ex.

Sobre a questão preliminar, isto é, a responsabilidade dos captores, S. Ex. pensa que ella não precisara ser submettida especialmente á camara, visto que a concessão ou denegação do credito importa a solução daquelle ponto. A camara não tinha que estabelecer em lei os principios geraes ácerca das prezas; mas sim de regular-se por esses principios na concessão dos creditos para pagamento dellas.

A questão portanto não é marcar-se em lei aquelles principios, mas saber-se se os apresadores cumprirão á risca as instrucções do seu governo, e se os tribunaes os excluirão ou não do direito ás suas apprehensões.

Esta questão assim posta, resolve-se muito facilmente no tocante á guerra da independencia, o tanto que ninguem contestou no correr da discussão o direito dos captores, fundado em que: 1°, deixou-se ao commandante da esquadra pleno arbitrio, não se lhe dando instrucções que o limitassem; 2°, o governo imperial assegurou lhe e ás guarnições da esquadra, que ficaria a cargo do Estado o pagamento das prezas que fossem julgadas improcedentes.

A questão porém soffreu algumas duvidas e alguma controversia relativamente ás prezas do Rio da Prata. O Sr. ministro entendeu pois que neste ponto devia demorar-se mais, esclarecendo-o com os documentos officiaes. Antes de tudo, S. Ex. observa que o direito dos apresadores, nas guerras do Rio da Prata, já lhe pareceu virtualmente reconhecido pelo poder legislativo, quando mandou pagar as indemnisações pedidas pelos neutros, sem obrigar os ditos apresadores a essas indemnisações, nem ordenar que se tirassem as quantias do deposito existente das prezas daquella guerra. Acaso póde se argumentar dizendo que o poder legislativo ignorava a existencia daquelle deposito?

Mas deixe-se mesmo de parte esta consideração importante. Discuta-se de novo a responsabilidade dos captores. A questão, neste caso, fica limita-gua, em aviso de 26 de junho de 1826, significou ao almirante Pinto Guedes que « Sua Magestade o « Imperador approvava o seu discreto e energico « comportamento nos negocios que fazião objecto « daquella correspondencia. »

O Sr. ministro, para não tomar o tempo á camara, deixa de parte outros avisos, e cita finalmente o de 7 de dezembro daquelle mesmo anno. Portanto, o procedimento do barão do Rio da Prata foi regular e pautado pelas idéas do governo de então. Logo não é elle responsavel, nem a sua esquadra, pelas aprehensões depois julgadas más; tanto mais quando se sabe que os tribunaes de 1ª e 2ª instancia havião condemnado como boas muitas dessas prezas, e que pelo poder administrativo forão ellas depois relaxadas por uma revista de graça especialissima.

Além disto deve-se attender ás circumstancias em que se achou o barão do Rio da Prata. É hoje historico que um de nossos maiores inimigos naquelle bloqueio foi o commercio dos neutros. Até mesmo em Montevidéo, que era então praça nossa, carregárão-se navios com destino a Buenos-Ayres. Esta especulação tenaz, apoiada pelos agentes consulares das nações estrangeiras, frustrava todos os esforços da esquadra brasileira. Cumpria atalhar esse commercio; e foi nestas vistas que o barão do Rio da Prata, sustentado pelo seu governo, arremetteu contra os navios que zombavão do imperio.

Mudou-se porém o ministerio. Ao visconde de Paranaguá succedêrão o marquez de Maceió e depois o chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito. A politica mudou tambem, e as novas instrucções mandárão observar o principio da intimação. Por ventura o barão do Rio da Prata, depois dessas ordens, fez prezas sem aquella solemnidade? Seguramente não. Assim, pois, nunca deixou elle de obrar conforme as ordens do governo imperial; e os poderes judiciario, executivo e legislativo, isto mesmo reconhecêrão, absolvendo-o um, elogiando-o o segundo, e não o fazendo responsavel o terceiro quando votou as indemnisações das más prezas.

Elucidado este facto, de que o governo imperial apoiou sempre a politica que presidiu a todas as phases do bloqueio, está reconhecido o direito dos aprezadores.

O Sr. ministro observou que com esta sua exposição pretendeu tambem captar o voto do Sr. deputado Ferraz, que daquella elucidação o fez dependente.

Entrando na questão do *quantum* que se deve fixar, o Sr. ministro observa que não se conhece bem a quanto montão as prezas das duas guerras, quer da independencia quer do Rio da Prata, havendo todavia em relação ás desta ultima guerra mais luz para se fazer uma estimativa approximada e uma distribuição mais justa. Não falla da ignorancia em que se está re-

---

O Sr. 1° secretario occupa a cadeira da presidencia.

Abre-se a sessão e approva-se a acta da antecedente, com declaração de que o Sr. Claudionor não obteve dispensa do cargo de 2° secretario senão depois que reiterou á assembléa o seu pedido.

EXPEDIENTE.

Officios do secretario do governo da provincia remettendo:

1.° As informações pedidas ácerca do projecto n. 25—R.—A quem fez a requisição.

2.° A planta e orçamento da ponte para o rio Macahé, na estrada que segue da cidade.—A' commissão de fazenda e de obras publicas.

« 3.° A planta dos logares por onde deve passar uma nova estrada entre a villa de Cantagallo e a freguezia de Santa Rita, seguida do respectivo orçamento. — A' commissão de fazenda e obras publicas.

« 4.° A planta e orçamento da ponte para o rio Dous Rios, na estrada de Campos para S. José de Leonissa. »

As mesmas commissões:

« 5.° As informações ao requerimento de Manoel Jorge de Faria, professor publico de instrucção primaria em S. Gonçalo. — A quem fez a requisição. »

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Approvão-se os seguintes pareceres:

1.° « Foi presente ás commissões reunidas de fazenda provincial e de instrucção publica, o requerimento em que Manoel Raymundo Galvão pede á assembléa um auxilio para montar, na freguezia de Nossa Senhora do Desterro de Itamby, do municipio de Itaborahy, uma escola de instrucção elementar para os meninos pobres. Estando garantido o ensino primario gratuito á mocidade de toda a provincia, mas por meio de professores estipendiados pelos cofres provinciaes, e dispondo o regulamento de 14 de dezembro de 1849, no art. 113, o caso em que o ensino privado póde ser auxiliado; entendem que este requerimento deve ser remettido ao governo para considera-lo como merecer. Sala das sessões, 1° de setembro de 1854. — *Angelo do Amaral*. — *Dr. Souza*. — *Dr. Brandão*. — *Fabiano*. — *J. M. de Macedo*. »

2.°—« A commissão de fazenda provincial é de parecer que se adopte o projecto n. 71—R—de 30 de agosto do corrente anno, autorisando o governo a adiantar pelo cofre da provincia, á matriz de Itaborahy, o beneficio da loteria de 120 contos de réis, que lhe foi concedida pela lei n. 238 de 8 de maio de 1851, para compra de paramentos e alfaias de que necessita. Sala das commissões, 1° de setembro de 1854. — *Angelo do Amaral*. — *Fabiano*. »

sexo feminino, na freguezia da Ribeira, em Angra; e approva-se o seguinte requerimento do Sr. Varella:

« Requeiro que o projecto n. 20—R—seja remettido ao governo da provincia, para tomal-o na consideração que merecer. »

Entra em 2ª discussão o projecto n. 54—M, aposentando o secretario da camara municipal de Nova-Friburgo.

São apoiados os seguintes requerimentos:

1.° Do Sr. Souto: « Requeiro que o projecto não entre em 3ª discussão, sem que a seu respeito seja ouvida a camara municipal de Nova-Friburgo. »

2.° Do Sr. Teixeira Junior: « No art. 1° do projecto n. 54 — M — diga-se: — É aposentado com o vencimento proporcional ao tempo de seu serviço, de maneira que só se dê o seu ordenado por inteiro tendo 30 annos de serviço. »

A' hora e meia da tarde fica a discussão adiada por não haver casa.

O Sr. presidente declara que a ordem do dia 5 é a 1ª discussão do projecto n. 53—Q; 2ª dos de ns. 57—R, 38—R, 29—R, 63—R; e 3ª dos de ns. 4—R, 6—R, 25—R; e 48—R.

Levanta-se a sessão.

NOTICIAS DIVERSAS.

Parte hoje o correio para Campos, e o de cartas para Minas, o amanhã para Cantagallo.

— Festeja-se hoje, na igreja da Lapa dos Mercadores, Sant'Anna e S. Joaquim.

— Hoje é a festa de S. Roque, na Ilha de Paquetá.

— Casou-se em dias do mez passado, o Sr. João Cardoso Viçosa Francisco com a Sra. D. Fausta Arlinda das Neves, tendo lugar as ceremonias na sua fazenda denominada — do Engenho, — em Suruhy.

— No theatro de S. Pedro representa-se hoje o drama *Pedro Sem*, comedia *Para obsequiar a meu amigo*. Em um dos intervallos Mlle Farrichon cantará uma canção hespanhola, em outro haverá um dansado.

— No dia 10 de julho, diz o *Courrier du Havre*, no momento em que o navio *La Caroline*, de Bordeaux, chegando do Rio de Janeiro, entrava no porto, a policia foi a seu bordo, onde em virtude de uma ordem do Sr. procurador-imperial, procedeu á prisão do passageiro chamado Ch. B.... Este homem, que se arroga o caracter de medico oculista,

EXTERIOR.

Corresp. do Correio Mercantil.

Lisboa, 6 de agosto de 1854.

Sendo de summa importancia as noticias de Hespanha em comparação do pouco interesse que offerecem hoje as de Portugal, inverterei a ordem que tenho seguido em todas as minhas correspondencias, e darei áquellas noticias o primeiro logar.

Na minha correspondencia passada tinha eu dito que duvidava muito das noticias officiaes que davão os sublevados do commando do general O'Donnell em fuga para Portugal. Na falta de informações positivas induzia-me áquella opinião, não só o que se lia em algumas cartas particulares, como tambem a circumstancia de não se terem ainda encontrado com os sublevados as forças que o governo de Madrid asseverava ter mandado marchar de todos os pontos para suffocar a revolta. Os factos vierão em tudo confirmar aquella minha opinião.

As forças do governo de Madrid, pelo que agora se vê, não atacavão os sublevados, antes pelo contrario tinhão todo o cuidado em se afastar delles, porque conhecião os seus chefes que não podião contar com os soldados que commandavão, do que resultou ir O'Donnell successivamente ganhando, em força moral o que seus adversarios perdião, e vir a contar uma força de 2,100 homens de cavallaria e 4,500 de infantaria, tendo a seu lado alguns chefes de importancia, como o general Serrano e o celebre coronel Buceta, que trazia ás suas ordens um grande numero de paisanos armados e alguns corpos de linha, com cujas forças se tinha apoderado de Cuenca.

Nestas circumstancias era impossivel que o governo de Madrid não conhecesse a sua triste posição, e não visse o que os menos atilados claramente vião, isto é, que o seu poder estava nos ultimos paroxismos. Talvez confiasse nos caprichos da guerra, e não quizesse desamparar o posto sem o ultimo desengano.

Este desengano chegou finalmente no dia 17 do corrente, porque neste dia é que se recebeu em Madrid a noticia official de se ter sublevado Barcellona, Valhadolid, Samora, Burgos e outros muitos pontos importantes, o que junto á certeza que já havia da impossibilidade de anniquilar O'Donnell, decidiu a final o decantado ministerio Sartorius a pedir a sua demissão, a qual lhe foi logo aceita.

Porém este acto tardio da côrte, que de pouco podia servir no extremo a que chegárão as cousas, produziu effeito contrario ao que a mesma côrte esperava; resultado de uma nova imprudencia que pezo de diversos tributos, pede tambem a V. M. a diminuição dos mesmos. Victima e joguete de ambições bastardas e caprichosas, atreve-se a esperar que só o merito e a virtude sejão ouvidos no conselho da corôa. Digne-se V. M. acolher os sentimentos do povo de Madrid, que com toda a fidelidade transmittem os exponentes.

« Deus guarde muitos annos a vida de V. M. Madrid, 17 de julho de 1854. »

A commissão, voltando á camara, tinha quasi conseguido tranquillisar os animos, quando a circumstancia de que acima fiz menção, os tornou novamente a exaltar.

Na noite de 17 para 18, em consequencia da aggressão da tropa de linha, o povo construiu algumas barricadas, que apparecêrão promptas no dia 18, continuando-se neste dia a formar muitas outras.

Neste dia 18 soube-se tambem que o general Cordova não tinha conseguido a formação do novo gabinete, e que o seu unico acto tinha sido referendar o decreto que elevou ao posto de brigadeiro e deu o commando da cavallaria ao coronel D. Antonio Garigó, que tinha sido feito prisioneiro na acção do Vicalvaro, entre as forças de O'Donnell e as do governo decahido. Por conseguinte aquelle encargo foi dado a outro, e nesse mesmo dia appareceu nomeado o seguinte ministerio: — D. Angelo de Saavedra, duque de Rivas, presidente do conselho de ministros e ministro da marinha; D. Luiz Mayans, ministro dos negocios estrangeiros; D. Pedro Gomes de la Serna, ministro das justiças; tenente-general D. Fernando Fernandes de Cordova, ministro da guerra; D. Manoel Cantero, ministro da fazenda; D. Antonio de los Rios Rosas, ministro do reino; D. Miguel de Roda, ministro do fomento.

Contudo este ministerio não pôde ainda socegar os espiritos; o povo continuou a armar-se e a formar barricadas; apparecêrão alguns militares progressistas a commandar e a dirigir a multidão, e appareceu uma commissão denominada — Junta de Salvação e Armamento — composta de exaltados progressistas, a saber — Presidente, o general D. Evaristo S. Miguel; vogaes, marquez de Fontes do Douro, generaes D. Francisco Valdez, D. Manoel Crespo, o Clarin; D. Francisco Joaquim Pacheco, D. Gregorio Mollinedo, D. Caetano Cardero, D. Mathias Angulo, D. José Martinez Luna, D. Joaquim Aguirre, marquez de Tabueruiza, D. José Ordax y Avecilla, D. Domingos Villa-Sante, D. João de Ranero, D. Manoel Becerra, o marquez de la Vega de Armijo, D. João Posada Queijano, D. Antonio Martinez, D. Vicente Rodriguez, D. Alonso Escallante, o marquez de Perales, D. Francisco Salmeron y Alonso e D. Angelo Fernandes de los Rios.

Esta Junta publicou logo a seguinte proclamação:

tendo-se limitado a uma suspensão de hostilidades.

Apezar de tudo, os populares não abandonárão a sua attitude ameaçadora. Ficárão nas barricadas e cortaduras, que se achão no mesmo estado. Parecia que lhes faltava alguma cousa para sua completa satisfação; e com effeito esta lhe foi dada no dia 20, em que se publicou a demissão definitiva do ministerio do duque de Rivas, sendo nomeado capitão-general de Madrid, o ministro da guerra o general Evaristo de S. Miguel, exaltado progressista, que é hoje quem governa em Madrid de combinação com a junta salvadora.

No meio de tudo isto vem naturalmente a pergunta — e a rainha Isabel? — A rainha não mandava cousa nenhuma em Hespanha, e apenas tratava da sua segurança individual, encerrando-se no paço, onde estava rodeada dos ministros estrangeiros, que dali se não affastavão nem de dia nem de noite. A rainha Christina, dizem que se achava escondida em casa do ministro de França; e o ex-ministro Sartorius e seus collegas não se sabe que destino tiverão. Depois soube-se que a rainha Christina, auxiliada pelo general Evaristo, tinha conseguido refugiar-se em França.

No mesmo dia em que se fazia o pronunciamento em Madrid, tinha logar igual movimento em outros pontos, como em Saragoça, onde se nomeou uma junta, á testa da qual se poz o general Espartero, que logo organisou a guarda nacional, e deu postos de accesso aos officiaes que derão os primeiros vivas. O mesmo aconteceu em Barcellona, onde o capitão-general do governo decahido se poz á testa do movimento com a tropa do seu commando. Em Badajoz, Sevilha, Alicante, finalmente em todas as capitaes de consideração se forão seguindo os pronunciamentos, á proporção que se recebião as noticias de Madrid, e em todas se nomeárão juntas de salvação e armamento.

Entre as medidas que tomárão as differentes autoridades, que successivamente se teem seguido em Madrid á quéda do ministro Sartorius, forão a suspensão do decreto em que se impoz a antecipação forçada de um semestre da contribuição territorial e industrial na parte que não estivesse cumprido; foi a suspensão das leis de repressão da imprensa; foi a dissolução da municipalidade actual, mandando-se reunir a ultima constitucional que tinha sido dissolvida em 1843; foi a reorganisação da guarda nacional; a restituição aos seus postos, honras e condecorações dos generaes O'Donnell, Serrano, Concha, Messina, Ros de Olano e Dulce. A Junta de Madrid publicou tambem um decreto suspendendo os empregados de todos os ministerios, mandando fechar estes, e dividindo-se ella em tantas secções quantas as secretarias; dissolveu o conselho provincial e a guarda civil, e convocou a deputação provincial de 1843; estabeleceu pensões ás viuvas e orphãs dos combatentes nas barricadas; tomou providencias para acudir com os

---

PAGINAS MENORES.

Rio, 3 de setembro.

AO CORRER DA PENNA.

(Revista.)

O titulo que tem este artigo me lembra um conto de fada, que se passou não ha muito tempo, e que desejo contar por muitas razões, porque acho-o interessante, porque me livra dos embaraços de um começo, e me tira de uma grande difficuldade, dispensando-me de uma explicação, que de qualquer modo seria obrigado a fazer. Ha de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantastico, mas isto me é indifferente, convencido como estou de que aquillo que se escreve ao correr da penna, deve ser lido ao correr dos olhos.

Um bello dia, não sei de que anno, uma linda fada, que chamarei, como quizerdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um moço de talento, um pouco voluvel como é ordinario serem as fantasias ricas e brilhantes, que gostão de admirar o bello em todas as fórmas. Ora dirão que as fadas não podem soffrer a inconstancia, no que lhes acho toda a razão: e por isso a fada do meu conto, temendo a rivalidade dos anjinhos cá deste mundo, onde os ha tão bellos, tomou as fórmas de uma penna, penna de cisne, linda como os amores, e entregou-se ao seu amante de corpo e alma.

Não serei eu que desvendarei os mysterios desses amores fantasticos, e que vos contarei as horas deliciosas, que corrião no silencio do gabinete, mudas e sem palavras. Só vos direi, e isto mesmo em confidencia, que depois de muito sonho e de muita inspiração, a penna se lançava sobre o papel, deslisava docemente, brincava como uma fada que era, bordando as flores mais delicadas, destillando perfumes mais exquisitos que todos os perfumes do Oriente. As folhas se enchião, [illegible] brilhantes de graça é possivel desejo.

Por fim é deshoras, quando já não havia mais papel, quando a luz a morrer apenas empallidecia as sombras da noite, a penna tremula e vacillante cahia sobre a mesa sem forças e sem vida, e soltava uns accentos doces, umas notas estremecidas como de cordas de harpa feridas pelo vento. Era o ultimo beijo da fada que se despedia, o ultimo canto do cysne moribundo.

Assim se passou muito tempo; mas já não ha amores que durem sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quaes o symbolo de constancia é uma borboleta. O poema fantastico acabou no fim de dous annos; e um dia o heróe do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua penna de ouro. O outro aceitou-a como um deposito sagrado; sabia o que lhe esperava, mas era um sacrificio que devia á amizade, e por conseguinte assentou de carregar aquella penna que já adivinhava seria para elle como uma cruz pesada que teria de levar ao calvario.

Com effeito a fada tinha soffrido uma mudança completa: quando a lançavão sobre a mesa só fazia correr. Havia perdido as fórmas elegantes, os meneios feiticeiros, e deslisava rapidamente sobre o papel sem aquella graça e aquella faceirice de outr'ora. Já não tinha flores nem perfumes, e nem scentelhas de ouro e de poesia: erão lettras, unicamente lettras, que nem sequer tinhão o merito de serem de prata, o que consolaria um pouco o espirito mais prosaico. Por fim de contas, o outro, depois de riscar muito papel e de rasgar muito original, convenceu-se que, a escrever alguma cousa com aquella fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão — *Ao correr da penna*.

De facto começou a escrever ao correr da penna, e como se trata de conto phantastico, não vos admirareis de certo se vos achardes de repente e sem esperar a ler o que elle escreveu. Estou persuadido que não gastareis o vosso tempo a commentar o titulo, que vale tanto como qualquer outro. Quanto ao artigo correrá como elle, como já vos disse, deixar correr a penna, e posso assegurar-vos que, ainda assim nem uns nem a outra, correrão tão rapidamente como os ministros hespanhoes diante das pedradas e do motim revolucionario de Madrid.

Já sabeis em que [illegible], e por isso prefiro contar [illegible] della. [illegible] pe-los dous ultimos paquetes a respeito da questão do Oriente, que, segundo uma observação muito espirituosa, tomou para a Austria um certo caracter medicinal de muita importancia. Napier, como velho teimoso, continuava de namoro ferrado com a soberba Cronstadt, que em negocio de amores parece-me ter mais fé nos Cossacos do que nos Inglezes, e principalmente Inglezes velhos. Entretanto, por prudencia, o nosso almirante foi-se arranjando com Bomarsund para passar o inverno. Bem mostra que é Inglez e teimoso. Jurou que havia de passar, e como não lhe deixão passar o canal, emburrou que havia de passar o inverno. Queira Deus porém não seja o inverno que passe por elle!

Enquanto os Inglezes na Finlandia se conservão *frios*, não por causa dos gelos do norte, mas sim por causa do fogo da Russia, os Inglezes de Londres sahirão do sério, e derão a mais formidavel pateada em Mario, o bello tenor, que cantava *Cujus animam* n'uma noite de representação em Covent-Garden. A historia desse motim theatral, contada pelo folhetim do *Constitutionnel*, deveria ser bem estudada por grande numero dos nossos *dilettanti*, que se contentão em fazerem um barulho insupportavel no theatro, desapprovando pobres artistas sem merito, que não teem culpa de os haverem contratado, e deixando em paz os unicos responsaveis de semelhantes actos.

O povo de Londres é mais positivo; depois de ter desapprovado os cantores, obrigou a vir á scena o emprezario e a todos os seus *speechs*, respondeu em um grito unisono: *money, money*. A cousa não prestava, exigião a restituição do dinheiro, o que era muito justo: ás dez horas da noite pagárão-se bilhetes recambiados! O emprezario teve de repor dinheiro da sua algibeira; mas no dia seguinte Mario foi applaudido com tres salvas estrepitosas no romance da *Favorita*.

De certo a causa desta demonstração a favor de Mario não foi unicamente a sua bella voz de tenor e a sua presença agradavel, mas tambem a influencia da *Favorita*, que ainda nos desperta tantas emoções, e na qual os Parisienses, mais felizes do que nós, vão recordar saudades ouvindo a Stoltz, que se esperava devia cantar no primeiro meado de agosto na opera de Pariz. Tambem nós tivemos esta semana as nossas recordações bem doces da *Stoltz* e da *Favorita*, e lembramo-nos com saudade do *Arsace* na noite do concerto Malavazi, que esteve brilhante em todos os sentidos. Nada faltou, houve de tudo, e até desgostosos que sentião que ainda faltava alguma cousa; o que isto era não sei; é provavel que fosse o chá do costume, que a fallar a verdade não atino com o principio hygienico porque foi banido dos concertos.

Além destas recordações tivemos a nossa festa musical na segunda-feira, noite do beneficio do Ferranti. O actor sympathico cantou como nos seus bons dias, e desempenhou primorosamente a scena das *Prigioni di Edimburgo*, que á custa de esforços seus foi o mais bem ensaiada possivel. Nesta noite as mãos pagárão os prazeres do ouvido, n'um e n'outro sentido, e, depois de muitas salvas de applausos, consta-nos que o nosso barytono brilhante sahiu do theatro mais brilhante do que nunca entrára.

Tão felizes como Ferranti não forão dous inspectores de quarteirão lá das bandas de S. Christovão, que fazião o seu *beneficio* á nossa custa, sem nem ao menos terem a delicadeza de nos advertirem. A policia, que nem sempre está occupada em dar passaportes e prender negros fugidos, assentou que como a semana era de beneficios, devia tambem fazer o nosso, o do publico, demittindo-os, isto é, dispensando aquelles honrados senhores do grande obsequio que nos fazião em servir-nos de graça.

O excesso em tudo porém é prejudicial, e o beneficio quando não é pedido é incommodo, como esta resolução dos numeros dos bilhetes de theatro, que hontem foi posta em vigor. Tirárão-nos o lenço e as marcas, que erão mais pitorescas, e mostrárão no publico uma delicadeza louvavel. Achárão que isto era máo; devem-nas cousa melhor, e não puzerem um homem grave na dura necessidade de ir ao Theatro Lyrico recordar a taboada. Além de não se saber que numero terão as travessas e mochos, se pertencerão aos inteiros, aos quebrados, ou aos decimaes, faço idéa em que apertos não se verá um pobre homem que não souber ler, ou que for myope, a procurar o tal numero constante de um pedacinho de papel microscopico, que precisamente no momento necessario, e como para fazer pirraça, some-se no labyrintho de uma cadeira, ou nas profundezas de um desses bolsos a mineira, de vastas dimensões!

Quando vi pela primeira vez enfileirados pelos recostos das cadeiras aquelles batalhões de numeros brancos, que sem licença e com a maior sem ceremonia do mundo se tinhão retratando á daguerreotypo nas costas das nossas pobres casacas, julguei que aquillo seria uma medida policial, por meio da qual os agentes occultos poderião seguir fóra do theatro algum individuo ou suspeito de importancia, que fosse reconhecido no salão. Mas nunca pensei que depois de numerarem os bancos e as casacas dos *dilettanti*, quizessem ainda numerarem-lhe os assentos, e obrigarem um homem a comprar por dous mil réis o direito de estar preso n'uma cadeira e adstricto a um numero como um servo da gleba.

Tambem o que nos faltava, era justamente uma nova questão de bancos, embora de especie differente, porque a outra, a das sociedades commanditarias, já vai ficando velha e está quasi a ir fazer companhia á do Oriente, á dos seis centos contos e outras, que provavelmente hão de reapparecer daqui a algum tempo, como está succedendo na camara dos deputados com a das prezas da independencia.

O credito proposto pelo ministerio da marinha tem sido combatido por falta de uma liquidação regular; mas tudo induz a crêr que desta vez o negocio ficará decidido. E depois disto, neguem-me que o Brasil seja um gigante! Uma criancinha que só aos trinta annos lhe começão a sahir as primeiras *prezas*! A fallar a verdade já era mais que tempo de soltarem-se estas malditas *prezas*, por causa das quaes andão *presas* tantas algibeiras.

Fallemos serio. A independencia de um povo é a primeira pagina de sua historia; é um facto sagrado, uma recordação que se deve conservar puro e sem mancha, porque é ella que nutre esse alto sentimento de nacionalidade, que faz o paiz grande, e o povo nobre. Comprehendo marcar essas reminiscencias de gloria com exprobrações pouco generosas. Cumpre não fallar a linguagem do calculo e do dinheiro, quando só deve ser ouvida a voz da consciencia e da dignidade da nação.

Com essa questão importante tem occupado a attenção da camara a discussão de um projecto do Sr. Wanderley sobre a prohibição do transporte de escravos de uma para outra provincia. Este projecto, que encerra medidas muito previdentes a bem da nossa agricultura, e que tende a prevenir ou pelo menos atenuar uma crise eminente, é combatido pelo lado da inconstitucionalidade, por envolver uma restricção ao direito de propriedade. Entretanto a propria constituição authoriza a limitar o exercicio da propriedade em favor da utilidade publica, que ninguem contestará achar-se empenhada no futuro da nossa agricultura e da nossa industria, principal fim do projecto.

Por hoje basta. Vamos acabar a semana no baile da *Beneficencia Franceza*, onde felizmente não ha como em Pariz, a *quête* feita pelas lindas marquezinhas, e onde teremos o duplo prazer de beneficiar aos pobres e a nós mesmos divertindo-nos.

AL.

AS MOLETAS DE SIXTO V.

Aquella tão sabida historia das moletas do inquisidor de Veneza, é a parabola da hypocrisia, que tem applicação a todos os actos da vida humana. Todos neste mundo andão de moletas, e todos as atirão ao chão quando trocão o seu barrete em mitra.

Como vai um candidato á casa de um eleitor? De moletas.

Como vai um pretendente á casa de um ministro? De moletas.

Como entra um cortezão nos paços reaes? De moletas.

Mas o candidato apenas conta a victoria esquece o nome do eleitor, faz nova profissão de fé, ou antes faz profissão de nova fé, porque todas as profissões são iguaes apezar de haver tanta fé differente, ergue a cabeça, põe a mitra, atira fóra as moletas: é deputado, é papa!

Um pretendente que alcançou despacho não é mais do que um cardeal que subiu ao papado: fóra pois com as moletas da humildade!

Um cortezão quando sahe da presença real deixa as moletas atraz da porta do paço, e caminha de mitra alta, mandando cortar a lingua que lhe dirige o mais leve epigramma.

Todos, cada um no seu genero, são Sixtos V neste mundo; uns serios, outros caricatos, uns sempre, outros algumas vezes, mas não ha ninguem que o não seja.

As mulheres, que fazem excepção a todas as regras, não o fazem desta, e antes muito a confirmão.

Vede aquella moça: tem a modestia nos olhos, a candura no sorriso, toda ella respira innocencia e bom genio. Crêr, porque o rapaz apaixonado que a leva pelo braço na sala do baile disse-lhe baixinho alguma palavra mais ardente, ou porque lhe apertou com mais força a mão na volta da contradansa; é timida como a rôla, docil como um cordeirinho...... É um cardeal em candidatura.

Amanhã é noiva; corôão-na de flôres de laranja.

Por a mitra!

Vão agora ver das portas para dentro o Sixto V do genero feminino!

Um redactor de jornal de partido anda de moletas até a hora em que triumpha o lado cuja causa advogava.

Um deputado de opposição anda de moletas até que caia em suas mãos uma pasta de ministerio, que é a sua mitra.

Anda de moletas o caixeiro, até o dia em que o amo lhe dá sociedade.

Um actor em vesperas de beneficio anda de moletas por casa dos amigos e conhecidos.

Anda de moletas o cantor antes do debut.

O marido hypocrita que tem mulher ciumenta anda por casa de moletas; quando sahe á rua deixa-as na porta.

Muitos velhos de moral austera, que não perdoão á sociedade o menor desvio, sempre com a virtude nos labios, andão de moletas á luz do dia; vão observal-os em outras horas; estão de mitra, são papas.

Os procuradores de viuvas ricas tomão as moletas na escada de suas clientes; entregão-nas ao vigario no dia em que a infeliz não póde mais resistir ás saudades do defunto.

Toda a sciencia consiste em se não largar as moletas enquanto não se tem bem segura a mitra na cabeça; o esquecimento desta regra é a desgraça de muita gente; largão-nas antes de tempo, e cahem então por terra os infelizes, perdendo o equilibrio.

Quem observa este preceito com todo o rigor tem talento.

Se se procurasse um emblema para o frontespicio da historia do homem, eu proporia um par de moletas e uma mitra.

A.

lia. O defensor que procurado e sustentando [illegible] a lavra apresentado alguns liberaes sem outro fim senão de saciar uma vingança ignobil, a providencia local da provincia e o cunho da comarca de uma indignação, e do preceito nobre [illegible] as victimas da brutal [illegible]. Oh! em outros tempos todos os homens serão [illegible] para premiar a nobre acção do tal tyranete de loja. »

A publicação dos julgados dos diversos tribunaes e juizes tem uma dupla vantagem de utilidade para os empregados do fôro e para as pessoas cujos interesses se achão confiados aos mesmos tribunaes.

Exceptuando brevemente esta publicação, tratamos de acompanha-la com a discussão dos pontos mais importantes que emergirem na nossa jurisprudencia e com uma revista semanal sómente consagrada aos assumptos forenses.

Quaesquer communicações, noticias ou reclamações a semelhante respeito devem ser dirigidas ao Sr. Dr. José Martiniano de Alencar, que se incumbe desta parte da redacção.

NOTICIAS DIVERSAS.

Parte hoje o correio para Campos, e amanhã para Cantagallo.

— Ante-hontem, pelas 9 horas da noite, foi assassinado com uma punhalada no coração um marinheiro inglez que se suppõe pertencer á fragata *Constituição*. Foi preso como indiciado Lourenço Bertani, morador no public-house da rua de D. Manoel n. 28, defronte do qual foi commettido o crime, por se ter achado na bocca que ahi se deu um punhal dentro do barril do despejo.

— Faz hoje o seu beneficio Mme Charton Demeur. Canta-se a partitura — *Os Puritanos*. A graciosa artista terá sem duvida mais um triumpho na parte de *Elvira*.

— Falleceu no municipio de Vassouras o Sr. Dr. José Maria Frederico de Souza Pinto, advogado que deixou nome no fôro desta côrte pelo seu talento, illustração e grande pratica na jurisprudencia commercial e criminal.

— Lê-se no *Tyrannyi*:

« Escrevem de Porto-Alegre: — No dia 6 do corrente foi condemnado á morte, por unanimidade de votos no jury convocado extraordinariamente para este fim, o preto José, escravo do fazendeiro Domingos Ferreira da Silva, pelo assassinato do mesmo.

« O réo respondeu ao interrogatorio com toda a lucidez, confessando [illegible] S. Paulo de um fazendeiro de nome Damaso, que deu uma facada em um filho do mesmo, que foi acabado de assassinar pelos outros escravos, e que em consequencia disso fora vendido para Porto-Alegre; que fugira por muitas vezes do poder de seu senhor para Campinas e outros logares, pedindo que queria ser vendido; e como não o conseguisse nunca, uma occasião, trabalhando na roça, não sabe como teve impetos de assassinar o dito seu senhor, o que de facto levou a effeito com uma foice. »

gação ao Rio de Janeiro 368 estrangeiros, sendo: Allemães 25, Americanos 3, Argentinos 6, Francezes 29, Hespanhóes 12, Inglezes 36, Italianos 15, Orientaes 2, Portuguezes 177, Russo 1, Suissos 6.

Durante o mesmo periodo sahirão 135, sendo: Africanos 6, Americanos 3, Allemães 4, Belgas 3, Francezes 8, Hespanhóes 8, Inglezes 20, Italianos 6, Orientaes 2, Portuguezes 71, Russo 1, Suissos 3.

O total dos estrangeiros entrados até esta data, desde o 1º de janeiro, é de 8,829, e o dos sahidos é de 5,882.

Obituario. — Fallecêrão na cidade, nos dias 1 e 2 do corrente, 23 pessoas livres e 13 escravas: das livres 15 homens e 8 mulheres, a saber:

Joaquim, innocente, filho de Joaquim Mendes Guimarães, natural do Rio de Janeiro, 4 mezes, morador na rua da Ajuda. Tetano.

José, innocente, filho de João Bernardo Vianna Dias Berquó, natural de Lisboa, 15 mezes, morador no Catete. Sarampo.

João, innocente, filho de João Coelho, natural do Rio de Janeiro, 18 mezes, morador na rua da Harmonia. Metro-colite.

Miguel, innocente, filho de Miguel Ferreira dos Santos, natural do Rio de Janeiro, 22 mezes, morador na rua de S. Pedro da Cidade Nova. Gastro-hepato-interites.

Carlos, innocente, natural do Rio de Janeiro, 22 mezes, morador na rua de Santa Rosa. Tuberculos pulmonares.

José, innocente, filho de Ricardo José do Amaral, natural do Rio de Janeiro, 1 mez, morador na rua de S. Pedro da Cidade Nova. Febre perniciosa.

Victorino, innocente, filho da Africana livre Ilonia, natural do Rio de Janeiro, 3 mezes, morador na rua do Passeio. Gastro-interites.

Bernardino José de Almeida, natural do Rio de Janeiro, 50 annos, casado, fazendeiro, morador na Saude. Offensas organicas.

Carlo Cole, natural da Italia, 33 annos, solteiro, fogueteiro, morador nas Laranjeiras. Tuberculos pulmonares.

Conselheiro José Wernecque Ribeiro de Aguilar, natural de Portugal, 77 annos, casado, magistrado, morador na rua do Resende. Febre intermittente.

José Carlos Penna, natural do Rio de Janeiro, 40 annos, casado, artista, morador na Praia da Gamboa. Erysipela.

Fortunato José Luiz, natural do Rio de Janeiro, 37 annos, casado, carpinteiro, morador na Copacabana. Falleceu repentinamente.

Joaquim de Moura Ferreira, natural do Rio de Janeiro, 32 annos, casado, morador na rua do Jogo da Bola. Tuberculos pulmonares.

Delfino Theodoro dos Anjos, natural do Rio de Janeiro, 58 annos, casado, morador na rua Nova do Principe. Cacheria.

Manoel Florencio, natural da Bahia, 24 annos, soldado, recolhido ao hospital militar. Tuberculos pulmonares.

Candida, innocente, filha de Serafim Fonseca e Sá, natural do Rio de Janeiro, 1 anno, moradora em S. Christovão. Angina.

Thereza, innocente, filha de José Joaquim Fernandes Fortes, natural do Rio de Janeiro, 1 mez, moradora na Praia do Sacco do Alferes. Tuberculos mesentericos.

Maria Joaquina Rodrigues da Silva, natural do Rio de Janeiro, 56 annos, casada, moradora na Ucharia do Paço. Hypertrophia.

Francisca de Jesus, natural da Ilha do Fayal, 25

soldo correspondente [illegible] uma gratificação igual á terça parte do mesmo soldo.

§ 2º No fim de dezeseis annos de serviço, a uma gratificação igual á metade do soldo.

§ 3º Tendo completado vinte annos de serviço, á reforma com o soldo inteiro correspondente á classe em que se acharem.

Art. 2º Os Imperiaes Marinheiros que assentarem praça voluntariamente, e não procederem das companhias de aprendizes, sómente serão obrigados a servir por tempo de seis annos, se entrarem para o corpo em alguma das praças de marinheiro, ou a obtiverem dentro do primeiro anno; e por tempo de dez annos, se entrarem na praça de grumete, e não passarem á de marinheiro dentro do primeiro anno.

Continuando no serviço, gozarão das vantagens que acima se concedem aos recrutados e aos aprendizes marinheiros.

Art. 3º Os voluntarios de que trata o artigo anterior começarão a vencer a gratificação da terça parte do soldo desde o dia em que declararem que querem continuar, tendo completado o seu tempo de serviço; e a gratificação da metade do soldo logo que tambem fizerem igual declaração, findo o prazo de dezeseis annos.

Estas declarações podem ser successivamente renovadas, nunca porém por tempo menor de um anno. Aquelle que as não fizer póde continuar no serviço por tempo indeterminado, mas não terá direito a qualquer das sobreditas gratificações.

Art. 4º O Imperial Marinheiro, dos comprehendidos no art. 1º, que tiver como tal servido por espaço de seis annos, e com bom comportamento, poderá obter até quatro annos de licença para empregar-se a bordo de navios mercantes nacionaes. Esta licença sómente será concedida por prazos de um a dous annos.

Apresentando-se o licenciado, e sendo julgado capaz de todo o serviço, continuará na mesma classe em que se achava ao tempo da licença, e entrará no gozo das vantagens que pelo presente decreto e outras disposições vigentes se concedem aos Imperiaes Marinheiros, deduzido o tempo da interrupção.

Art. 5º Será considerado desertor aquelle que se não apresentar no corpo ou a alguma autoridade do Imperio logo que finde o prazo da licença que na conformidade do artigo antecedente lhe for concedida.

Taes licenças serão concedidas pela secretaria de estado, e reguladas por instrucções expedidas ao commandante-geral do corpo, ás capitanias dos portos, e a quem mais convier, ficando as praças licenciadas debaixo da vigilancia especial das mesmas capitanias, e para esse fim matriculadas como os paizanos empregados na vida do mar.

Art. 6º O voluntario que se houver separado do corpo, findo o seu prazo de serviço, poderá ser readmittido, como se fôra licenciado, em qualquer tempo e na mesma classe a que pertencia, uma vez que seja julgado capaz de todo o serviço.

Serão preferidos aquelles que menos tempo houverem estado fóra do corpo, e d'entre esses os que, ao requererem baixa, declararem a intenção de continuar no serviço.

Nestes alistamentos se levará em conta o tempo de serviço anterior, e serão feitos ou pelo mesmo prazo dos recrutados, ou por menor numero de annos, á vontade do readmittido. Os primeiros porém serão preferiveis aos segundos, e não excluem a concessão das licenças de que trata o art. 4º.

Art. 7º As disposições do presente decreto não

cebendo uma gratificação mensal igual á quarta parte do soldo correspondente á sua classe, sendo os recrutados desde então considerados como voluntarios.

Art. 3º Os prazos fixados no art. 2º poderão ser preenchidos com interrupções, mediante guias de licença ou resalvas, passadas em virtude de ordem da secretaria de estado.

Taes interrupções não poderão exceder de tres annos, e serão concedidas por prazos de um a dous annos.

Nenhuma praça se poderá obter antes de haver servido metade do tempo a que for obrigada, nem para outro mister que não seja o de marinheiro em navios mercantes nacionaes.

Art. 6º A classificação dos alistados nas praças que lhes competirem, e depois para o seu regular accesso ás diversas classes de marinheiros, será feita mediante um exame, a que procederá no [illegible] de commandante [illegible] um tenente de navio e chefe e de mais um outro official de apito.

Semelhantemente se procederá a bordo dos navios soltos, e dos que, pertencendo a uma estação ou força naval, se acharem em porto onde não esteja o navio-chefe.

Art. 7º Os premios, prazos, e mais condições dos contractos de alistamento para as classes de marinhagem serão marcados em avisos regulamentares, na conformidade das disposições legislativas.

Os nacionaes podem contratar-se do mesmo modo que os estrangeiros, mas não se lhes levará em conta esse tempo de serviço para a escusa de que trata o art. 3º, se não sujeitarem-se em seus contratos ás condições prescriptas no mesmo artigo e no art. 5º.

Todavia não poderão ser recrutados dentro do anno que decorrer da data em que receberem a guia de desembarque, salvo o caso de circumstancias extraordinarias, durante as quaes fica suspensa a dita isenção.

Art. 8º As disposições do presente decreto são extensivas ás praças actuaes, levando-se-lhes em conta o tempo que já houverem servido; ficando porém as mesmas, á que estas tenhão direito os recrutados, dependentes da entrada de novas praças que os substituão.

José Maria da Silva Paranhos, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha, o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1854, 33º da independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. M. o Imperador. — *José Maria da Silva Paranhos.*

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

3ª secção. — Rio de Janeiro, em 31 de outubro de 1854. — Illm. e Exm. Sr. — Foi presente a S. M. o Imperador o officio de V. Ex. datado de 8 de fevereiro proximo passado, sob n. 117, pedindo que se declare se compete ao presidente da provincia ou ao da relação expedir os titulos de nomeação dos solicitadores ou requerentes dos auditorios; e houve o mesmo augusto senhor por bem, ouvido o conselheiro procurador da corôa, e por sua imperial e immediata resolução de 25 do corrente mez, sobre consulta da secção de justiça do conselho de estado, decidir que a dita nomeação compete exclusivamente aos presidentes das relações em todos os auditorios do respectivo districto, e sómente aos juizes de 1ª instancia nos logares em que não hou-

BRIGUE — MARGARETHE — DE SHIELDS.

Carvão: 213 tons. e 18 quintaes a Castor.

PATACHO CHILE — MELES — DO CABO DA BOA ESPERANÇA.

Cavallos: 8 a Prechet e Ribero.

BERGANTIM DINAMARQUEZ — AGNES — DE CADIZ.

Sal: 126 1/2 lastros a Schroeder.

PATACHO NACIONAL — SANTA CRUZ — DE MONTEVIDÉO.

Carne secca: 1,811 quintaes. — Couros: 70 a Miguel de Avellar.

BARCA FRANCEZA — LAFAYETTE — DO HAVRE.

Absyntho: 12 vols. a Deroche. — Aguardente: 2 barris a Paquet. — Aguas mineraes: 2 vols. a Lecomte e 2 a Santos. — Armamento: 12 vols. a Lapart. — Azeite: 12 caixas a Leberley, 4 a Gicard, 3 a Castel, 2 a Petit a 1 a Wellerstein.

Bonecas: 2 vols. a Blanche e 1 a A. Reis.

Calçado: 16 vols. a Lecomte, 9 a Blanche, 3 a Pecher, 2 a Castel, 2 a Gournier, 8 a Kuenzi, 3 a Leuba, 1 a Gillies, 1 a Levard, 1 a Sarmento, 1 a Guimaraens e 1 a Lacarriere. — Camisas: 4 vols. a Lassalle, 2 a Desmarais, 1 a A. Reis, 1 a D. Chaves, 1 a Hanquet, 1 a Leberley, 1 a Wollenweider. — Canos de ferro: 2 vols. a Farro. — Carvão vegetal: 83,016 kil. a Levard. — Carneiros: 1 vol. a Bresson, 1 a Mauret e 1 a Desnilker. — Cartas de jogar: 1 vol. a Leberley. — Casquinhas: 3 vols. a Diederick. — Carne conservada: 1 vol. a Deroche. — Chapéos: 9 caixas a Blanche, 6 a Dubreuil, 4 a Lecomte, 4 a Haunier, 3 a D. Braga, 3 a Fry, 3 a Souplquet, 2 a Castel, 2 a Campos, 2 á viuva Torres, 2 a Kuenzi, 1 a Gicard, 1 a Gilles, 1 a Rusk, 1 a Pantaleão e Faria, 1 a Lassalle, 1 a Sarmento e 1 a Moreira Freire. — Ditos de palha: 1 vol. a Villetti. — Chapéos de sol: 2 vols. a Kuenzi e 1 a Nervi. — Chocolate: 1 vol. a Deroche. — Conservas: 48 vols. a Blanchoud, 27 a Leberley, 25 a Rosario, 20 a Leuba, 10 a Hanquet, 10 a Costa Carvalho, 3 a Peixoto e Irmão e 2 a Lassalle. — Cofres de ferro: 2 vols. a Laurent, 1 a Blachon, 1 a Fabre e 1 a Castel. — Crystaes: 3 vols. a Delpeche, 2 a Hanquet, 1 a Estienne, 1 a Perrotier, 1 a Carvalho Junior, 1 a Carvalho Rocha. — Cutilaria: 1 vol. a Klunzer.

Drogas: 1 vol. a J. Andrade.

Espelhos: 2 vols. a Levard e 1 a Cardoso. — Espoletas: 2 vols. a Castor.

Fazendas de algodão: 23 vols. a Lutz, 19 á ordem, 11 a Dubreaux, 7 a David, 7 a Leuba, 6 a Weber, 4 a Santos Junior, 3 a Estienne, 3 a Wollenweider, 3 a Reimers, 3 a Blanche, 3 a Serrailier, 2 a Ferauly, 2 a Kuenzi, 1 a P. Castro, 1 a Klingler, 1 a Gournier, 1 a Nervi e 1 a Leberley. — Ditas de algodão e lã: 10 vols. a David, 5 a Wollenweider e 2 a Nervi. — Ditas de algodão e seda: 4 vols. a Weber, 1 a Lutz e 1 a Lecomte. — Ditas de lã: 6 vols. a Dreyfus, 4 a David, 3 a Haunier, 2 a Estienne, 2 a Wegmann, 2 a Lecomte, 2 a L. A. de Oliveira, 2 a Lutz, 2 a Reimers, 2 a Leuba, 2 a Dubreaux, 2 a Lassalle, 1 a A. Reis, 1 a Nervi, 1 a Dermmenn, 1 a Greenup, 1 a Wollenweider, 1 a Zieze, 1 á ordem e 1 a Kuenzi. — Ditas de algodão, lã e seda: 3 vols. a David. — Ditas de seda: 3 vols. a David, 2 a Falque, 1 a Weber, 1 a Lutz, 1 a Leuba e 1 a F. Pinto. — Ditas diversas: 8 vols. a Estienne, 6 a Pecher, 3 a Lutz, 3 a Meyer, 3 a Leuba, 2 a Payat, 2 a Castel, 2 a Diederick, 2 a Hasenclever, 2 a Kuenzi, 2 a Raunier, 1 a Wollenweider, 1 a Reimers, 1 a Edmond, 1 a Casteux,

Dito [illegible] Lecomte e 2 a O. Duclos. — Folhas preparadas: 26 vols. a Lecomte, 8 a Blachon, 7 a Kuenzi, 5 a Campos, 5 a Bresson, 4 a Desvenaux, 2 a Zieze, 1 a Meireles, 1 a Vianna, 1 Gournier, 1 a Fry, 1 a Castel, 1 a Lutz e 1 á ordem. — Pedras de lithographar: 3 vols. a Leuba. — Pianos: 6 a Hellys. — Porcellana: 10 vols. a Diederick, 9 a Desmarais, 2 a Lecomte, 1 a Ferauly, 1 a Estienne, 1 a Leuba e 1 a Delpeche. — Perfumarias: 6 vols. a Lassalle, 2 a Blanche, 2 a Bravo, 1 a Castel e 1 a Dermarais. — Prensas: 2 vols. a Douziere.

Quadros: 2 vols. a Brot e 1 a Fonseca. — Queijos: 2 vols. a Leuba, 1 a Rabo e 1 a Sturzenegger.

Relojoaria: 3 vols. a Chatenay, 4 a Bealin e 1 a Brot. — Retratos: 1 caixa a Brot. — Rolhas: 1 vol. a Lassalle. — Roupa feita: 3 vols. a Gonet, 3 a Lacarriere, 1 a Lecomte, 1 a Lassalle, 1 a Dubreux e 1 a Gournier.

Taxas: 1 vol. a Maurot. — Tintas: 3 barris a Diederick, 2 a Lecomte e 1 a Fellipone. — Ditas: 2 vols. a Gonçalves. — Typos: 1 vol. a Torres.

Vidros: 6 vols. a Diederick, 3 a I. Pinto, 3 a Lecomte, 1 a Morange, 1 a Madei, 1 a A. Reis e 1 a Seurat. — Vinho: 100 barris a Silva Vianna, 320 vols. a Leberley, 200 a Blachon, 50 a Wollenweider, 50 a Larrivere, 39 a Blanche, 31 a Paquet, 23 a Tranmesal, 16 a Sarmento, 8 a Seller, 8 a Lagarde, 4 a Depuan, 3 a Cazans e 2 a Dazon. — Dito branco: 95 caixas a Leberley. — Dito de champagne: 60 cestos a Lassalle, 40 a Greenup e 26 a Schmitt.

Xaropes: 2 vols. a Deroche.

ENTRADAS POR CABOTAGEM NO DIA 2.

Generos nacionaes.

Aguardente: 13 pipas e 14 barris. — Arroz: 1 sacco. — Assucar: 210 saccos. — Café: 15,626 ditos. — Couros: 77. — Fumo: 322 rolos e 217 fardos. — Sal: 1,040 alqueires. — Sola: 1,170 meios. — Velas de composição: 3 caixas.

Generos estrangeiros.

Drogas: 1 volume. — Estolas: 1 dito. — Fazendas: 23 ditos. — Louça: 21 ditos. — Medicações: 30 fardos. — Objectos diversos: 16 volumes. — Pregos: 2 barris.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 2 . . . . 37:547$318

DESCARGAS PARA O DIA 3.

Navios atracados:

Ponte da alfandega — Gal. ing. *Golden Eagle*, Liverpool.

Dita da estiva — Gal. franc. *Lafayette*, Havre.

Em terreiros:

Alfandega e estiva — Brig. port. *Eustaquio*, Lisboa, varios generos.

— estiva e sobre agua — Brig. port. *Viajante*, Lisboa, varios generos.

— sobre agua — Brig. ing. *Iceni*, Terra-Nova, bacalháo.

— Brig. belga *Rousseau*, Antuerpia, tijolos.

— Sum. hamb. *Feliz Ventura*, Paraty, couros velhos.

— Brig. sueco *Senadio*, Buenos-Ayres, farinha de trigo.

Ilha das Cobras — Brig. hesp. *Conchito*, Barcelona, vinho.

— Brig. ing. *Brothers*, Londres, varios generos.

1,000 saccos de café.

Porto — na barca port. *Leal*, Joaquim Pinto de Souza, 6 caixas de assucar; José Francisco dos Santos Silva, 9 meias barricas de assucar.

— na barca port. *Nossa Senhora da Boa Viagem*, D. Fernandes Guimarães, 30 caixas de assucar.

REEXPORTAÇÕES.

Pernambuco — no brig. nac. *Damião*, Antonio Joaquim Nogueira, 32 pipas de vinagre.

ALFANDEGA DA CORTE.

EXERCICIO DE 1854 A 1855.

Rendimento do mez de outubro de 1854.

Direitos de consumo	[illegible]
» de reexportação para fóra do imperio	[illegible]
» de reexportação para dentro do imperio	[illegible]
Expediente dos generos com guia.	1:260$056
» » do paiz . .	[illegible]
» » livres e outros . . .	[illegible]
Armazenagem	13:[illegible]
Premios do assignados.	7:[illegible]
Emolumentos de certidões	[illegible]
Multas.	[illegible]
Imposto dos despachantes.	[illegible]
Feitio dos titulos dos socios . . .	144$400
Sello fixo.	[illegible]
Renda extraordinaria.	[illegible]
	1,065:[illegible]

Depositos.

Em dinheiro	6:[illegible]	
Em letras de reexportação.	38:334$611	
		42:194$313
Somma total.		1,108:114$701

Alfandega da côrte, 31 de outubro de 1854. — Pelo escrivão da alfandega, *Felippe Vieira de Couto.*

MESA DO CONSULADO.

EXERCICIO DE 1854 A 1855.

Rendimento do mez de outubro de 1854.

Imposto de ancoragem para fóra do imperio	7:635$610
» do 5 % na venda das embarcações nacionaes. .	477$500
» do 15 % na das estrangeiras.	9:100$000
Direitos de 5 % de exportação . .	189:866$736
» de 2 % » . . .	209$532
» de 1/2 % » . . .	9:728$800
Dizimo do municipio para fóra do imperio.	3:160$578
» para dentro do dito	1:245$290
Sello fixo	605$640
» proporcional	255$518
Venda do papel sellado.	367$640
Capatazias da ponte auxiliar. . . .	333$800
» desta ponte	4:202$003
Armazenagem do trapiche da ordem.	1:777$360
Certidões	50$600
	212:120$870

FOLHETIM.

Rio, 4 de novembro.

MAQUINAS DE COSER.

Meu caro collega. — Acho-me seriamente embaraçado na maneira por que descreverei a visita que fiz hontem á fabrica de coser de Mme Besse, sobre a qual já os nossos leitores tiverão uma ligeira noticia neste mesmo jornal.

O que sobretudo me incommoda é o titulo que leva o meu artigo. Os litteratos, apenas o lerem, entenderão que o negocio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas acharão o assumpto prosaico, e talvez indigno de preoccupar os vôos do pensamento. Os commerciantes, como não se trata de uma *sociedade* em commandita, é de crer bem pouca attenção deem a esse melhoramento da industria.

Por outro lado tenho contra mim o bello sexo, que não póde deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga.

Aquelles lencinhos embalsamados, penhor de um amor fiel; o aquellas camisinhas de cambraia destinadas a um primeiro filho, primores de arte e [illegible] primeiros desvelos da maternidade, [illegible]

As mãosinhas delicadas da amante, ou da mãi extremosa, tremulas de felicidade e emoção, não se occupavão mais com aquelle doce trabalho, fructo de longas vigilias, povoadas de sonhos e de lindas imagens risonhas. Que coração sensivel póde supportar friamente semelhante profanação do sentimento?...

Declarando-se as senhoras contra nós, quasi que podemos contar com uma conspiração geral, porque é cousa sabida que desde o principio do mundo os homens gastão a metade do seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que ellas fazem.

Por conseguinte, reflectindo bem, só nos restão para leitores alguns homens graves e sisudos, que não se deixão dominar pela influencia dos bellos olhos e dos sorrisos provocadores. Mas como é possivel distrahir estes espiritos preoccupados com as altas questões do estado, e fazê-los descer das sumidades da sciencia e da politica á uma simples questão de costura?

Parece-lhe isto talvez uma cousa muito difficil; entretanto tenho para mim que não ha nada mais natural. A historia, essa grande mestra de verdades, nos apresenta innumeros exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos povos da antiguidade, não só a arte de coser, como as outras que lhe são accessorias.

Eu podia commemorar o facto do Hercules fiando aos pés de Omphale, e mostrar o importante papel que representou na antiguidade a téa de Penelope, [illegible]

to á *agulha de Cleopatra*, esse lindo obelisco de marmore, é a prova mais formal de que os Egypcios votavão tanta admiração á arte da costura, que elevárão aquelle monumento á sua rainha, naturalmente porque ella excedeu-se nos trabalhos desse genero.

As tradições de todos os povos conservão ainda hoje o nome dos inventores da arte de vestir os homens. Entre os Gregos foi Minerva, entre os Lidios Arachne, no Egypto Isis, e no Perú Mamacella, mulher do Manco-Capa.

Os Chinezes attribuem essa invenção ao imperador Yao; e na Allemanha, conta a legenda que a fada Ave, tendo um amante muito friorento, compadeceu-se delle, e inventou o tecido para vesti-lo. Naquelle tempo feliz ainda erão as amantes quem pagavão os gastos da moda; hoje porém este artigo tem soffrido uma modificação bem sensivel. As fadas desapparecêrão, e por isso os homens vão cuidando em multiplicar as maquinas.

Só estes factos bastarião para mostrar que importancia derão em todos os tempos e entre todos os povos as artes que servem para preparar o trajo do homem. Além disto, porém, a tradição religiosa conta que já no Paraiso Eva creára, com as folhas da figueira, diversas modas, que infelizmente cahirão em completo desuso.

Já não fallo de muitas rainhas, como Berta, que forão mestras e professoras na arte de coser e fiar; e nem das sabias pragmaticas dos reis de Portugal a respeito do vestuario, as quaes mostrão a [illegible]

char, e especialmente do grande ministro marquez de Pombal, a importante questão dos trajes.

Hoje mesmo, apezar do rifão antigo, todo o mundo entende que o *habito faz o monge*; ou não, vista alguem uma calça velha e uma casaca de cotovellos roidos, e embora seja o homem mais relacionado do Rio de Janeiro, passará por toda a cidade incognito e invisivel, como se tivesse no dedo o annel de Gigés.

Assim pois é justamente para os espiritos graves, dados aos estudos profundos e ás questões de interesse publico, que resolvi descrever a minha visita á fabrica de coser de Mme Besse, certo de que não perderei o meu tempo, e concorrerei quanto em mim estiver para que se favoreça este melhoramento da industria, que póde prestar grandes beneficios, fornecendo não só á população desta côrte, mas tambem a alguns estabelecimentos nacionaes.

A fabrica está situada na rua do Rosario n. 74. Não é uma posição tão aristocratica como a das modistas da rua do Ouvidor; porém tem a vantagem de ser no centro da cidade; e portanto as senhoras do tom podem facilmente e sem derogar os estylos da alta *fashion* fazer a sua visita a Mme Besse, que as receberá com a graça e a amabilidade que a distingue.

Era na occasião de uma dessas visitas que eu desejaria achar-me lá para observar o desapontamento das minhas amaveis leitoras (se é que as tenho), visto que estou escrevendo para os homens pensadores. Dizem que o espirito da industria

tem despoetisado todas as artes; e que as maquinas vão reduzindo o mais bello trabalho a um movimento monotono e regular, que destróe todas as emoções, e transforma o homem n'um automato escravo de outro automato.

Podem dizer o que quizerem; eu tambem pensava o mesmo antes de ver aquellas lindas maquinazinhas que trabalhão com tanta rapidez e até com tanta graça. Figurai-vos umas banquinhas de costura fingindo xarão, ligeiras e commodas, podendo collocar-se na posição que mais agradar, e sobre esta mesa uma pequena armação de aço, e podeis fazer idéa approximada da vista da maquina. Um pézinho o mais mimoso do mundo, um pézinho de *Cendrillon*, como conheço alguns, basta para fazer mover sem esforço todo este delicado maquinismo.

E dizião-me ainda que as maquinas despoetisão a arte! Até agora, se tinhamos a ventura de ser admittido no sanctuario de algum gabinete de moça, e de passarmos algumas horas a conversar e a vê-la coser, só podiamos gozar dos graciosos movimentos das mãos; porém não se nos concedia o supremo prazer de entrever sob a orla do vestido um pézinho encantador, calçado por alguma botinazinha azul; um pézinho de mulher bonita, que é tudo quanto ha de mais poetico neste mundo.

Emquanto este pézinho travesso, que imaginareis, como eu, pertencer a quem melhor vos aprouver, faz mover rapidamente a maquina, as duas mãozinhas, não menos ligeiras, fazem passar pela agulha uma ourela de seda ou de cambraia,

ao longo da qual vai-se estendendo com incrivel velocidade uma linha de pontos, que acaba necessariamente por um ponto de admiração (!).

Está entendido que o ponto de admiração é feito pelos vossos olhos, e não pela *maquina*, que infelizmente não entende nada de grammatica, senão podia-nos bem servir para elucidar as famosas questões do genero do cholera e da orthographia da palavra asseio. Questões estas muito importantes, como todos sabem, porque, sem que ellas se decidão, nem os medicos podem assentar no curativo da molestia, nem o Sr. ministro do imperio póde publicar o seu regulamento da limpeza da cidade.

Voltando porém á nossa maquina, posso assegurar-lhe que a rapidez dos pontos é tal, que nem o mais cabula dos estudantes de S. Paulo ou de medicina, nem um poeta e romancista a fazer reverencias, são capazes de ganha-la a dar pontos. Se a deixarem ir á sua vontade faz uma ninharia de trezentos por minuto; mas se a instigarem vai aos seiscentos; e então, ao contrario do que dizia um nosso espirituoso folhetinista contemporaneo, o Sr. Zaluar, póde-se dizer que quando começa a fazer *ponto* nunca faz *ponto*.

Mão! Já me andão os *calembourgs* ás voltas! É preciso continuar, mas antes de passar adiante sempre aconselharei a certos oradores infatigaveis, a certos escriptores cuja verve é inexgotavel, que vão examinar aquellas maquinas a ver se aprendem della a arte de fazer ponto. É uma cousa muito conveniente ao nosso bem-estar, e será mais um melhoramento que deveremos a Mme Besse.

É aos Estados-Unidos que se deve a invenção das maquinas de coser, que hoje se tem multiplicado naquelle paiz de uma maneira prodigiosa, principalmente depois dos ultimos aperfeiçoamentos que se lhe tem feito. Mme Besse possue actualmente na sua fabrica seis destas maquinas, e tem ainda na Alfandega doze, que pretende despachar logo que o seu estabelecimento tomar o incremento que é de esperar.

Mme Besse corta perfeitamente qualquer obra de homem ou de senhora; o logo que for honrada com a confiança das moças elegantes, é de crer que se torne a modista do tom, embora não tenha para isto a patente do *Francezo*, e não more na rua do Ouvidor.

Além disto, como ella possue maquinas de diversas qualidades, umas que fazem a costura mais fina, outras proprias para coser fazenda grossa e ordinaria, podem tambem muitos estabelecimentos desta côrte lucrarem com a sua fabrica um trabalho, não só mais rapido e mais bem acabado, como mais modico no preço.

Presentemente a fabrica já tem muito que fazer, mas quando se possuir seis machinas, e que por conseguinte se dê tres mil e seiscentos pontos por minuto, é preciso que se tenha muito panno para mangas.

Sou, meu caro collega, etc.

Al.

Rio, 2 de novembro.

De uma correspondencia de [illegible], datada de 20 de outubro, colhemos apenas o seguinte:

Umas mãos criminosas e occultas tratão de perverter os Indios já algum tanto civilisados, que são [illegible] á fogo, e levados a commetter [illegible] todos, como o fazião nos campos do Clementino.

Havia mais de um mez que uma nuvem de gafanhotos, tão grande que chegava a vedar a luz do sol, passava pelos districtos de S. Angelo, S. Miguel e Jahyr, destruindo com furor as plantações de milho e feijão.

Em Botucarahy, um negocio, sómente por divertir-se, preparou um [illegible] com jacarés, [illegible] é casa do seu negro, matou-o, assim como ao pai deste, apoderou-se depois o machado, e levando-os afinal aos jacarés, os fêz [illegible] em um capão!

Dizem que esse monstro ainda andava são e salvo na freguezia de S. Martinho.

Tambem uma mulher de 50 annos, tendo feito tentativas inuteis para tirar a vida a seu marido de nome Diogo Trilhas, propinando-lhe vidro moído, encarregou afinal a um individuo desta missão, o que este satisfez com um tiro de pistola.

O crime é confessado por ambos com o maior sangue-frio.

Já se achão ambos presos.

Ante-hontem, na occasião do cortejo, o Sr. Porto-Alegre, como orador do Instituto Historico, dirigio a S. M. o Imperador a seguinte allocução:

« Senhor. — O anno de 1854 é um dos annos mais fecundos para o Brasil, e dos mais gloriosos do imperado de V. M. Imperial.

« As letras, as sciencias e as artes tiverão nelle um grande incremento, nelle tiverão uma época memoravel. A instrucção publica adquirio uma

em presença do Sr. ministro do imperio.

S. Ex. chegou á Academia das Bellas Artes ás 9 horas da manhã, e ahi foi recebido pela congregação dos professores.

Tendo S. Ex. tomado assento na sala das sessões, leu o Sr. Araujo Porto Alegre, director da Academia, o seguinte auto, que depois da leitura foi assignado pelo Sr. ministro do imperio, pelos Srs. director e secretario, e por todos os professores presentes:

« Imperando o muito alto e muito poderoso principe o Sr. D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, no dia 2 de dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1854, 33º da independencia e do imperio, e 29º da idade do soberano, o conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, collocou perante um grande concurso a pedra fundamental da Pinacotheca Imperial.

« Nas caixas em que se encerra este auto, para esclarecimento das gerações vindouras, estão depositadas tres medalhas: a primeira, de prata, tem na face a effigie do soberano e no reverso a inscripção que attesta a fundação deste estabelecimento; a segunda, de ouro, é igual ás dos premios annuaes que a academia concede; e a terceira, quarta, quinta e sexta, são as moedas de prata do corrente anno.

« O desenho exterior deste edificio é obra do professor de architectura Job Justino de Alcantara; a grande medalha foi gravada pelo artista João José da Silva Monteiro; a de ouro pelo professor da academia José da Silva Santos; e as outras pelos gravadores da casa da moeda.

« Abrilhantou este acto o Conservatorio de Musica, cantando um hymno ás artes, composto por Manoel de Araujo Porto-Alegre e Francisco Manoel da Silva, mestre da Capella Imperial e presidente do Conservatorio.

« E para que conste fielmente algum dia o que se fez, o secretario da academia lavrou este auto, o qual vai assignado pelo ministro do imperio, como presidente da mesma, pelo director, secretario e mais membros do corpo academico.

« Palacio da academia das Bellas-Artes, em 2 de dezembro de 1854. »

Meteorologia.—No dia 1º foi a maior temperatura de 25 grãos do thermometro centesimal, ou 77 do Fahrenheit ás 2 horas da tarde; a maxima pressão atmospherica de 755,31 millimetros do barometro, ás 11 da manhã, e a maior humidade de 21 grãos do hygrometro condensador ás 6 da manhã.

— No dia 2 foi a maior temperatura de 25,1 grãos do thermometro centesimal, ou 75,6 de Fahrenheit ás 3 horas da tarde; a maxima pressão atmospherica de 754,99 millimetros do barometro ás 9 da manhã, e das 6 ás 3 da manhã, a maior humidade de 19 grãos do hygrometro condensador.

Obituario.—Fallecêrão na cidade, nos dias 2 e 3 do corrente, 18 pessoas livres e 10 escravas: das livres 11 homens e 7 mulheres, a saber:

José, innocente, filho de Antonio Delfino Rodim, natural do Rio de Janeiro, 7 dias, morador na Gamboa. Tetano dos recem-nascidos.

João, innocente, filho de Joanna, natural do Rio de Janeiro, 16 mezes, moradora na rua das Marrecas. Dentição.

Antonio, innocente, filho de Francisco Ribeiro, natural do Rio de Janeiro, 2 annos, morador na rua do Conde. Enterites.

Florencio, innocente, filho de José Antonio da Silva, natural do Rio de Janeiro, 26 dias, morador na rua da Lampadosa. Convulsões.

João, innocente, filho de Joaquim Antonio Horta, natural do Rio de Janeiro, 1 anno, morador na rua da Assembléa. Coqueluche.

José Simões da Fonseca Junior, natural do Rio de Janeiro, 16 annos, solteiro, bacharel, morador na travessa do Paço. Febre typhoide.

Raymundo José da Cruz, natural do Rio de Janeiro, 60 annos, viuvo, carpinteiro, morador no Largo da Sé. Tuberculos pulmonares.

Antonio Pinheiro de Sampaio, natural do Rio de Janeiro, 45 annos, casado, morador em Iguassú. Typho.

Joaquim Soares Valente, natural de Minas-Geraes, 20 annos, solteiro, tropeiro, morador na rua de S. Pedro. Typho.

---

que o acha, perde, torna a achar, e [illegible] os seus auditores até á sociedade entre o terror, o aborrecimento e a compaixão. Quando a linguagem da tyrannia não é prompta como a vontade, é ridicula. Assemelha-se ás cartas de Caprée ao senado romano, ou ás allocuções de Bonaparte vencido ao corpo legislativo francez em 1813. A força absoluta, que se procura fazer adivinhar ou se explica diante dos vencidos vendidos, ou diante de cidadãos escravisados, embaraça-se em sophismas, exalta-se ás nuvens, ou arrasta-se nas trivialidades. O silencio é a unica eloquencia da tyrannia, porque não admitte réplica.

VII.

Em parte alguma estes caracteres da palavra de Cromwell se manifestárão mais do que nas suas respostas ao parlamento, que vinte e tres vezes em 1658 lhe offerecera a corôa. A primeira vez foi apenas uma simples deputação do parlamento que o mandou em sua camera ácerca do offerecimento que lhe o parlamento ia fazer; a resposta é familiar como a entrevista. Não queria o titulo de rei, porque a sua inspiração politica lhe dizia que não seria bastante forte para que não fosse esmagado. Por outro lado não ousava recusar abertamente este titulo, porquanto os seus generaes, mais ambiciosos ainda do que elle, o obrigarião a subir ao throno, afim de comprometter sem réplica a sua grandeza e a da sua familia com a sua fortuna. Temia que os seus generaes fossem, movidos pelo descontentamento da sua recusa, offerecer o throno a algum outro chefe de exercito mais temerario e menos escrupuloso do que elle; comprehende-se o seu embaraço em suas palavras; emprega elle dias e mil circumvoluções a explicar-se.

« Senhores, responde no primeiro dia á deputação confidencial do parlamento, vivi a maior « parte da minha vida (se posso fallar assim) no « meio do fogo e das revoltas; mas todas as cousas « que tem acontecido depois que tomei parte nos « negocios do bem publico se podem ser accumuladas em monte em uma só perspectiva, não « me encherião tanto de terror e de respeito diante de Deus, como isso do que acabais de pronunciar o nome em minha presença; o titulo que « acabais de offerecer-me!

« que vai obrigar a dar, e a mim a aceitar o titulo « de rei.... tanto mais que qualquer outro nome « é da mesma sorte util!... »

Depois, com um abandono muito humilde para não ser sincero: « Cromwell-me accrescentou elle, « de fazer aqui em voz alta um regresso sobre mim « mesmo. No momento em que fui chamado e « preferido para a minha obra, por Deus ha tantos « outros que valião mais, que era eu? Não era « mais do que um simples capitão em um corpo « de milicias; tinha ali por chefe um amigo, um « nobre coração, cuja memoria sei que honrais « tanto como eu, M. Lampden. A primeira vez « que entrei em fogo com elle vi que as nossas « tropas bisonhas, indisciplinadas, compostas de « homens que não temião a Deus, erão sempre « batidas em todos os recontros: introduzi um « novo espirito, com a permissão de M. Lampden, « um espirito de zelo e religiosidade no meio delles; formei a minha gente no temor de Deus. « Desde então não cessárão de vencer o inimigo! « Gloria a Deus!

« Aconteceu o mesmo, e o mesmo acontecerá, « senhores, no governo. O zelo e a religiosidade « nos salvarão sem rei! Comprehendei-me bem; « consentirei de boa vontade em ser victima aqui « para salvação de todos; não penso, não, na verdade, não penso que seja necessario que esta victima por todos seja um rei! »

Lembrava-se desgraçadamente de Carlos I: o sangue do rei protestava já tarde contra as suas palavras. Quiz um rei innocente por victima, não sacrificado ao povo, mas ao exercito!

IX.

Começava a revolver-se em seus remorsos. Foi, dizem, para os acalmar ou para os nutrir que, durante os dias em que o parlamento tinha deste modo a corôa suspensa sobre a sua cabeça, elle fez com que o conduzissem ao carneiro subterraneo de White-Hall, onde repousava, esperando uma outra sepultura, o corpo decapitado de Carlos I. Iria procurar naquelle espectaculo o oraculo de suas incertezas e o exemplo de sua ambição? Iria implorar da sua victima o perdão do assassinato que permittira a absolvição da vida e do throno que lhe havia roubado? Ignora-se; o que dizem é que

os que estavão proximos delle o contemplavão. O quaker Fox, um dos fundadores desta seita piedosa e philosophica que reduzio toda a theologia á caridade, praticava algumas vezes livremente com Cromwell; Fox escrevia por este tempo a um de seus amigos: « Encontrei hontem « Cromwell no parque de Hampton-Court; estava a cavallo e á frente de seus guardas. Antes que o visse, senti como um sopro de morte « que passava entre mim e elle. Quando me « achei em sua presença, vi sobre seu rosto a « pallidez da morte. Parou; fallei-lhe dos soffrimentos dos amigos (os quakers); fiz-lhe as « advertencias que o senhor pôz em meus labios. Elle me disse: — *Vinde procurar-me amanhã*. No dia seguinte fui a Hampton-Court; disserão-me que estava indisposto. Não o tornei « mais a ver desde esse dia. »

Hampton-Court, magnifica residencia feudal de Henrique VIII, era uma morada que pela sua silenciosa e monarchal grandeza devia agradar a Cromwell. O castello, flanqueado de torres largas e abaladas como baluartes de uma praça forte, está cercado de ameias de continuo [illegible] pelos bandos de corvos. Está edificado á beira destas profundas florestas, que são o luxo da terra, e queridas da raça saxonia. Os carvalhos seculares do seu vasto parque parecem affectar a magestade de uma vegetação real para se igualar á altura das gothicas torres do palacio feudal. Longas alamedas sombreadas e nubladas só tem por perspectiva as verdes e rasteiras grammas atravessadas em silencio pelos rebanhos de gamos domesticados. Portas estreitas, baixas, arqueadas em ogivas, semelhantes a aberturas de cavernas no massiço dos rochedos, dão accesso para subterraneos e aquartelamentos de soldados, e salas de armas em abobada, atopetadas de frisos de armaduras antigas, de escudos e bandeiras cavalheirescas. Tudo ahi respira essa soberania taciturna que abre o espaço em roda dos reis pelo respeito ou pelo terror. Hampton-Court era a residencia predilecta de Cromwell; mas a dôr ahi o retinha tanto neste momento como o refrigerio.

A Providencia tinha collocado, como acontece a muitos homens grandes, a vingança e a expiação da

[illegible] qual conhecia o terno interesse de sua filha, consentisse, por uma condescendencia qualquer, dar presente á sua clemencia. Porém o intrepido Hewit (era o nome do condemnado) affrontára o protector diante da justiça, como affrontou o perigo na conspiração. Cromwell, surdo pela primeira vez ás supplicas, aos soluços, ao desespero de sua filha prostada a seus pés para lhe arrancar a vida do homem que lhe era caro, ordenou a execução. Lady Claypole sentio-se morrer com o mesmo golpe. Cromwell matou sua filha pelo coração de um dos seus inimigos. Isabel, desfallecida em uma languidez mortal, e retirada a Hampton-Court para ahi receber os cuidados de sua mãi e mais irmãs, não sahiu do seu abatimento senão para exprobrar a seu pai o sangue da sua victima, suas tragicas imprecações, interrompidas pelos arrependimentos e recordações de ternura por seu pai, enchião o palacio de desordem, mysterio, remorsos e consternação. A vida de lady Claypole consumio-se rapidamente nestas alternativas de lagrimas e maldições. A de Cromwell devorava-se tambem em agonias, supplicas e tardios arrependimentos. Sentia-se odiar do ser a quem mais amava sobre a terra pela sua crueldade, e para cumulo do remorso era a si mesmo que tinha castigado em sua filha. Assim a republica, que tinha enganado, de um lado, a realeza que martyrisára do outro, tomavão, uma o fanatismo, a outra o coração de suas filhas, para vingar sobre seu proprio coração, em sua mesma casa, sua ambição ou deshumanidade contra as duas causas. Situação de moderno Atrida, que corrompia todas as suas apparentes prosperidades, capaz de fazer compaixão a seus mais implacaveis inimigos.

Lady Claypole morreu em seus braços, em Hampton Court, nos fins de 1658, perdoando a seu pai. Porém a natureza não lhe perdoára.

Desde o dia em que desceu á sepultura sua filha predilecta, não fez senão definhar.

Bem que fosse na apparencia robusto de corpo, e que a sua verde maturidade de cincoenta e nove annos, alimentada pela guerra, o exercicio, a sobriedade, a castidade dos costumes, lhe conservasse a destreza e o vigor do mancebo, o desgosto

---

PAGINAS MENORES.

Rio, 3 de dezembro.

AO CORRER DA PENNA.

(Revista.)

Um dos mais bellos traços, que apresenta a historia da humanidade, é o culto respeitoso que votão os grandes povos aos grandes dias de sua patria. A influencia mysteriosa que exerce o passado sobre o futuro tem o que quer que seja de grande e do sublime.

Ha um sentimento nobre nessa força irresistivel que de anno á anno, de seculo á seculo, n'um momento determinado, obriga as gerações que se vão succedendo á irem por sua vez depositar no livro dos factos nacionaes o testemunho de uma justa veneração pelas suas antigas tradições, renovando assim o exemplo a fé e a crença nas instituições do paiz.

As datas memoraveis figurão na vida das nações como esses marcos que se collocão á beira do caminho para designar o espaço percorrido, e ao pé dos quaes o viandante vem descansar, refazendo-se das fadigas, e cobrando novas forças para continuar a jornada.

Assim quando o historiador, elevando-se pelo pensamento acima das condições materiaes da existencia humana, lança os olhos sobre o quadro da humanidade, póde ver cada povo, cada nação, percorrendo o seu caminho através dos seculos, como o individuo que transpõe dia por dia o curto espaço da vida.

Como o individuo, a nação passa por todas as vicissitudes da existencia, vai da infancia á velhice, do mal ao bem, soffre todas as alternativas da fortuna. Como o homem tem o germen de todos esses nobres sentimentos que vivem no coração, fortifica-os pela união, engrandece-os pelo enthusiasmo, e os transmitte pela tradição.

Como nós, o povo sente todos os affectos, curte todas as dôres, experimenta todos os estados da vida. Como nós, ama, odeia, chora ou ri: é um pai ou um filho, um amigo ou um inimigo; é um menino frágil que precisa ser guiado, um delinquente á quem se infringe o castigo, e muitas vezes um soberano que dicta a sua vontade, e impõe a lei.

Por isso ha vinte nove annos, no dia de hontem, a nação brasileira vinha aos pés de um berço saudar o nascimento de um menino com toda a effusão do homem, que contempla o seu primeiro filho. Durante quinze annos servia-lhe de pai; e em todo este tempo nem uma só vez se desmentio esse amor paternal que a nação votava ao seu imperador ainda na infancia.

Veio o anno de 1840. A' infancia seguia-se a juventude: o berço foi substituido por um throno. A nação brasileira veio então, não mais como um pai, e sim como um depositario fiel, restituir a coróa e o sceptro que lhe foi confiado. A scena ia mudar-se: o amor, que um dia fôra paternal, começava á envolver-se do respeito que inspira o poder e a magestade.

Deixemos ainda correr o tempo; cheguemos ao dia de hontem; vinte nove annos apenas nos separão, porém a mudança é completa. Sabeis o que significão essas festividades que por toda a extensão do paiz celebrárão o dia 2 de dezembro? Sabeis que sentimento exprimem essas manifestações espontaneas da nação, por occasião do anniversario do seu monarcha?

E' o povo brasileiro que, como um filho reconhecido, veio aos degráos do throno para beijar a mão ao pai da nação, para agradecer-lhe os beneficios recebidos, e pedir-lhe ainda a direcção, a paz, o trabalho, a instrucção, a industria, a colonisação, e todos esses outros elementos de força e de grandeza, todos esses germens de civilisação, que o paiz encerra no seu seio, e que serão um dia fecundados pelo pensamento creador do seu governo.

A' esta grande manifestação do seu povo, o imperador respondeu agraciando-o na pessoa daquelles Brasileiros, cujos serviços entendeu merecião ser remunerados. Algumas dessas mercês, não são unicamente uma graça, mas uma antiga divida que S. M. pagou em nome da nação á alguns velhos servidores do estado, cuja vida se acha intimamente ligada á historia de nosso paiz. Entre esses ha especialmente alguns nomes, que, para fazer-se o seu elogio aos Brasileiros, basta despi-los do seu titulo, e repeti-los.

Havia cinco annos que não se realizava esse poetico costume das monarchias, de fazer a distribuição das graças nos dias anniversarios de algum acontecimento feliz. Sempre uma contrariedade qualquer vinha obstar aquelle acto. Este anno, porém, as circumstancias favoraveis de uma actualidade calma e serena, permittirão que a munificencia imperial pudesse ao mesmo tempo pagar as dividas da nação, e auxiliar a realização do pensamento de união e concordia, que é o programma de governo do Sr. D. Pedro II, e o seu voto o mais ardente como brasileiro e como soberano.

Este anno já a tolerancia tinha passado a esponja por sobre todos estes nomes de guabirú e de praieiro, de luzia e de saquarema, de exaltado e conservador, aos quaes outr'ora os odios politicos fizerão representar na luta encarniçada dos partidos o papel de guelpos e gibelinos. S. M. por conseguinte podia lançar os olhos pela união brasileira, e ver unicamente cidadãos que se distinguião pelo seu merito e pelos seus serviços, sem que uma necessidade dolorosa do seu governo viesse, como nos annos anteriores, baptisa-los de miaisterises, de descontentes, ou de opposicionistas. O preceito constitucional começou emfim a ser para os Brasileiros uma verdade benefica, precursora de novos melhoramentos.

Além destes factos, que se prendem necessariamente ao dia 2 de dezembro, tiverão hontem logar alguns extraordinarios, que forão reservados para este dia, para assim receberem maior realce, e se realizarem sob os auspicios felizes de uma data memoravel para o Brasil.

A's dez horas do dia a camara municipal desta côrte inaugurava na sala de suas sessões, e em presença de um grande concurso, o novo retrato de S. M. O salão está pintado com todo o apuro. O tecto representa um quadro allegorico da industria e do commercio, trazendo a abundancia ao Brasil; aos lados estão os bustos de D. João VI e de D. Pedro I, do conde de Bobadella, de D. Luiz de Vasconcellos, de Estacio de Sá e de José Bonifacio.

Todo o trabalho de pintura, executado por Raphael D'Agostini e Julio Lecherrel, debaixo da direcção dos Srs. Porto-Alegre e Costa Ferreira, é digno de attenção pelo bem acabado, e pelo risco do desenho; merece com effeito ser examinado pelas pessoas que sabem apreciar essas obras de arte, ainda bem raras no nosso paiz.

Depois desta solemnidade teve logar na academia das Bellas-Artes, por volta do meio-dia, a inauguração da *Pinacotheca Imperial* pelo Sr. ministro do imperio. A medalha da inscripção gravada na casa da moeda, com o busto de S. M. n'uma face, e o nome do fundador na outra, é um trabalho que mostra os progressos que vamos fazendo neste ramo da arte.

A fundação da Pinacotheca Imperial, destinada á exposição das obras dos artistas nacionaes, vai dar um salutar impulso ao desenvolvimento da pintura, da esculptura e da estatuaria no nosso paiz. E' com as suas grandes exposições annuaes, com os seus premios de honra, que a França, promovendo uma nobre emulação entre os artistas, e creando o bom gosto na população, tem conseguido elevar a arte á um gráo de perfeição e desenvolvimento, que actualmente nada tem que desejar á Italia, á terra das obras primas, á patria dos grandes pintores, dos grandes estatuarios, dos grandes architectos.

O dia que começára tão artisticamente, devia acabar da mesma maneira, e de facto acabou com a representação do *Roberto do Diabo* no Theatro Lyrico. Apezar de estarmos conversando hoje, creio que comprehendeis bem a razão por que não vos conto alguma cousa dessa representação que se deu hontem: são cousas da imprensa.

Comtudo, como estamos no theatro, supponde que houve na scena uma mutação rapida, e que vos achais de repente n'um salão illuminado, no meio de musica, de perfumes, de flôres, de espelhos, de moças, e de velhas tambem. Dansa-se... Adivinhai o que?

Não é nem a quadrilha diplomatica, nem a valsa estonteada, nem a schottisch com os seus requebros, ou a polka com os seus pulinhos. E' uma cousa que tem um pouco de tudo isto, e que me fez lembrar o meu bom tempo de collegio, porque ha uma especie de marcha que se executa ao som de palmas, tal e qual como nas classes. Chama-se esta dansa *Bil da Virginia*, terra donde eu sabia que vinha bom fumo, mas donde não me consta que nunca se despachassem danças na alfandega.

O caso é que, pela alfandega ou por contrabando, dansa-se hoje no Rio de Janeiro o *Bil da Virginia*, que as velhas bailarinas aborrecem de morte, pela razão muito simples de não admittir canelas de cincoenta annos passados. Os moços porém adorão-n'o; e isto tambem por uma razão muito simples, porque cada um, embora tire o seu par, nem por isso deixa de dansar com todas as moças, e de ser ao mesmo tempo par de todos os pares dos outros.

De maneira que agora já não ha risco de se ir tarde para o baile, e não encontrar o par que se deseja; nem de andar á catar pelo meio da casa as moças bonitas e espirituosas. Outra vantagem ainda: como a dansa é uma roda-viva, estamos dispensados de estar ahi á inventar motivos de conversa, e de levarmos uma boa meia hora á exprimir-nos contra um *sim* ou um *não*, que se encastalhão n'alguma boquinha arrebitada, donde não ha força tira-los.

Ao menos se o *sim* fosse constante, eu começava logo por pedir alguma cousa que me conviesse. Mas qual! O *sim* e o *não* se revezão como duas sentinellas sempre alerta e promptas a impor o respeito á menor infracção da disciplina. Por conseguinte, o melhor é tomar-se o expediente de que uso, — fazer-lhes a continencia, e passar de largo.

Mas onde já ando eu? Comecei n'um salão de baile, e parece-me que estou n'algum corpo de guarda. Eis-ahi o risco de escrever ao *correr da penna*. Se eu tivesse um compasso e um tira-linhas, não me havia de succeder semelhante cousa. Riscaria primeiramente o meu papel, escreveria o meu artigo letra por letra, pensando maduramente sobre cada palavra, reflectindo profundamente na collocação dos pontos e virgulas; depois convocaria um conselho de sabios, e discutido o artigo em conclusões magnas, entrega-lo-hia ao compositor, quando se findassem os nove annos de correcção que impõe o preceito da *Arte Poetica*. Então cheio de enthusiasmo ao contemplar o meu artigo mettido entre quatro gravuras de páo, exclamaria como Sanzio: — *Anch'io son pittore!* Agora já posso aspirar á honra de escrever um artigo *illustrado!*

O que é verdade é que já não sei onde deixei a nossa agradavel *soirée*, na qual se dansava com tanto prazer e tanta animação o *Bil da Virginia*, dança que daqui a alguns dias deve estar com muita razão no galarim da moda. E sobre isto desejo communicar aos directores de sociedades uma observação que fiz á proposito desta dansado. Tenho notado que depois de um *bil*, cada um daquelles turcos transforma-se n'um cossaco terrivel; e então não ha empadas nem chocolate que os farte. A' respeito do gelo não fallemos; seria necessario algum Hymalaia ou Chimborazo feito sorvete. Por isso a moda tem muito razoavelmente destinado a dansa para o fim da noite.

Com tudo isto ainda não vos disse em que logar da cidade nos achamos; mas contentai-vos em saber que estamos n'um dos nossos lindos arrabaldes, n'uma excellente casa de campo. E como já é perto de duas horas, e as estrellas começão á fugir com as claridades precursoras do dia, segui o meu exemplo, dizei adeus á esses salões, á essas horas de prazer, que tão cedo não voltarão, e ide fazer poeticamente ao vosso travesseiro as intimas confidencias de algum segredo do coração.

---

4 DE DEZEMBRO.

O *Jornal* demorou-se; e portanto arrentei de pagar-vos já a divida em que estou á respeito da representação do *Roberto do Diabo*, que teve logar na noite de sabbado.

Erão 8 horas quando SS. MM. apparecêrão na tribuna, e recebêrão as saudações costumadas ao som do hymno nacional. Uma chuva de rosas e de versos cahio sobre a platéa; houve algumas pessoas que recebêrão na cabeça seguramente uma resma de papel.

Os camarotes apresentavão neste instante uma vista encantadora. Cada ordem formava uma especie de graciosos chores de corpinhos seductores e de lindos rostinhos, entre os quaes apparecia á espaços a cabeça calva e a farda bordada de algum novo visconde, ou barão, ou commendador.

Muitas vezes é este o mais bello momento de uma noite de theatro em dia de gala. Com um simples lanço d'olhos corre-se todo esse painel magnifico, desenhado ao mesmo tempo pela natureza, pela arte e pela moda. Póde ver-se, ali um typo suave, uma bella face sempre pensativa, um pouco melancolica, como dessas almas puras, filhas do céo, que sentem na terra as saudades de sua mansão divina. Além o rostinho moreno de uma houri de olhar scintillante e labio risonho. Deste lado uma imagem de mulher, a qual a natureza deu a mais bella expressão da belleza altiva, e que recebeu de Deus, em vez do coração, a mania dos caprichos.

Depois de alguns recitativos, de dous sonetos, sobre os quaes eu me calo, para seguir o exemplo do poeta, cantou-se o novo hymno do imperador; e os espectadores, attentos e cheios de curiosidade, esperavão o momento de ouvir pela primeira vez naquelle theatro as harmonias de Meyerbeer.

Onde quer que te aches agora, sublime maestro, estou certo que sabbado á noite, até por volta de duas horas em que o diabo na figura do Bouché sumiu-se pelo tablado, não pudeste conciliar o somno, e levaste á rolar na cama, como se te perseguisse um exercito de pulgas e de mosquitos. Esses sobresaltos que naturalmente sentiste, esses ardores de orelhas, esses fruídos de pelle, tudo isto não era nada menos do que as pancadas da vaqueta de Barbieri, a rouquidão do Gentili, a desafinação do não sei quem, e finalmente a tesoura de cristaleiro, que dizem cortou á larga pela tua sublime partitura. Consola-te pois, meu amigo, são os precalços do officio.

Em tudo isto porém só te deves queixar daquelle que asseguraram á directoria que era possivel metter-se em scena, com os modestos recursos do nosso theatro, uma peça que tu sabes quanto te custou a *montar* no *Grande Opera* de Paris. Sem cantores, sem orchestra, sem machinismo proprio, era facil prever o que resultaria de semelhante projecto.

E não pára ahi: para que a caricatura fosse mais completa, ensaiou-se na vespera até duas horas da noite, a admittiu-se que o mestre de dansa lhe désse a ultima demão, inventando um dansado no meio de um torneio, e prolongando infinitamente a scena do cemiterio, como se ainda não fossem sufficientes seis horas de massada.

Nem o habil pincel do Bragaldi, nem a expressão original da musica, ás vezes terrivel, ás vezes singela e encantadora, puderão destruir a desagradavel impressão que produzio nos *dilettanti* esta vigilia lyrica, que durou até a madrugada.

O Gentili, rouco como estava, não pôde fazer valer os seus recursos; o Bouché não estava em bom dia. A Charton porém foi, apezar de tudo, para a scena e para os *dilettanti*, o bom anjo que protegia Roberto do Diabo: — com a differença porém que na scena venceu o diabo, e no animo dos *dilettanti* não pôde vencer o caiporismo fatal que presidiu á execução da partitura. O duque da Normandia foi para o céo: — a representação da opera de Meyerbeer cahio no inferno..

Talvez muita gente nesta noite estivesse como Roberto na scena, ás lutas com dous sentimentos oppostos, tendo á direita o seu bom anjo, á esquerda o seu máo genio. Queira Deus que a imagem encantadora de alguma Alice lhes tenha apparecido com seu ingenuo sorriso, e os salvasse de uma vez para sempre da *tentação*, — guiando-os como sua boa estrella através dos escolhos da vida, — e acenando-lhe de longe com suas azas côr de rosa, como o Anjo da Guarda que figura nas poeticas legendas da nossa religião.

AL.

E a V. S. que, com igual dedicação patriotica, presidio á Phil'Euterpe, e promove o pio myster dos pomares devotados de Santa Thereza, rogo o favor de levar o mesmo voto ao conhecimento da illustre directoria e de todos os membros da sociedade, a quem tenho a honra de dirigir-me.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1854.—Illm. Sr. Dr. Thomaz José Pinto Serqueira.—*Visconde de Abrantes.*

NOTICIAS DIVERSAS.

Fecha hoje o correio para Iguassú, e amanhã para Minas.

— *No theatro de S. Pedro* representa-se hoje o drama *O Esforçado* e a comedia *O Noviço*. Um dos intervallos é preenchido com danças.

— Representa-se hoje no theatro Lyrico *O Trovador*, e a comedia *Os Boleiros de Cadiz*.

— Trasladou-se esta tarde a imagem de S. Jorge, da capella onde até agora tem sido venerada, para a igreja de S. Gonçalo Garcia.

— E' hoje a festa de Santa Ephigenia na sua igreja.

— Na freguezia do Engenho Velho commemora-se hoje, com missa cantada e Te-Deum, as Dôres de Nossa Senhora.

— Em um dos dias da semana ultima passou pela praia do Sacco do Alferes o Sagrado Viatico. [illegible] e a devoção, os janellas; um velho morador de uma pequena casa em frente á ponte do embarque não se recordando de que [illegible] se deverão vizinhos; e acompanhado de um escravo velho, e vaio ajoelhar-se fóra da porta. Hei dabido posto o joelho em terra, e a casa que acabára de deixar veio desabando completamente, ficando em poucos instantes um montão de ruinas. E' de notar que nada parecia ameaçar semelhante successo, porque nem sombra se vira de ruina nas paredes.

Não noticiamos este facto para alimentar superstições; mas é impossivel crer n'um acaso com tantos caracteres de providencial. Quem saberia que fim lhe fosse reservado a vida de um pobre velho? Que partido poderá tirar a Providencia dos dias que lhe restão para a realização de seus designios?!

Um recem-nascido, filho de Emilia Rosa da Conceição, natural do Rio de Janeiro, morador no Campo de Sant'Anna. Falleceu ao nascer.

Paulo, innocente, filho de Herculina da Silva e Almeida, natural do Rio de Janeiro, 7 annos, morador no Campo de S. Christovão. Gastro-hepatite.

Manoel, innocente, filho de Francisco Martins Vianna Junior, natural do Rio de Janeiro, morador na rua dos Invalidos. Falleceu ao nascer.

Severino Soares, natural do Piauhy, 30 annos, soldado. Gastro-interite.

Antonio Dutra Baião, natural de Portugal, 19 annos, solteiro, charuteiro, morador na rua de S. José. Gastro-interite.

Manoela, innocente, filha de Antonio José Pacheco, natural do Rio de Janeiro, 7 mezes, morador no Largo da Carioca. Tuberculos mesentericos.

Ludovina, innocente, filha de José Alves da Cunha, natural do Rio de Janeiro, 13 mezes, morador na Prainha. Pneumonia.

Francisca, innocente, filha de Antonio Antunes Barbosa, natural do Rio de Janeiro, 13 mezes, morador na rua Formosa. Febre perniciosa.

Anna Rosa do Sacramento, natural do Rio de Janeiro, 74 annos, solteira, moradora na rua dos Barbonos. Erysipela.

Polucena, preta forra, natural do Rio de Janeiro, 0 annos, moradora na rua de S. Jorge. Gastro-interite.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 3 do corrente, 2 pessoas livres e 1 escrava, a saber:

João Rodrigues da Silva, Congo, 35 annos, solteiro. Congestão cerebral.

Francisco Alves da Veiga, natural de Guimarães, 21 annos, solteiro. Abscesso na região pulmonar.

Um homem de côr parda, que representa ter 40 annos, o qual entrou sem falla para a Santa Casa, onde falleceu.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

Nos dias 1 e 2 do corrente não houve sessão por não comparecerem os jurados.—O escrivão do tribunal, *José Antonio Lopes de Castro.*

SESSÃO EM 3 DE NOVEMBRO DE 1854.

Presidencia do Sr. Dr. Castro Menezes.

(Promotor publico interino, o Sr. Dr. Russell.)

A's 10 1/2 horas do dia faz-se a chamada, e comparecendo numero legal de jurados abre-se a sessão.

Illm. e Exm. Sr.—Lendo no *Diario* de hoje um artigo sob a rubrica—NOTICIAS DIVERSAS—, no qual o seu autor, denunciando a V. Ex. o estado lamentavel em que se acha esta repartição, diz que em geral os credores da provincia clamão não só contra a demora de pagamentos, como contra o modo pouco delicado e attencioso com que são tratados pelo thesoureiro; e bem assim que não são executadas as ordens para pagamento senão quando o thesoureiro entende que o deve fazer; e finalmente, que ha vezes, muitas vezes dinheiro em caixa, o thesoureiro paga de preferencia aos amigos [illegible] protecção de outros com mais direito, como diz ter-lhe acontecido o autor do artigo, para quem o thesoureiro nunca tem dinheiro para pagar o que lhe é devido, por não querer, ou porque o dinheiro da provincia não está nos cofres provinciaes...; apresso-me em levar ao conhecimento de V. Ex. o dito artigo, em que sou tão altamente calumniado; digo que sou calumniado, porque como chefe da repartição sobre mim deveria recahir, se verdadeiras fossem, todas essas arguições, por consentir que empregados que me são subordinados menosprezem, ou deixem de cumprir por mero capricho, ordens do governo que por mim lhes são transmittidas. Felizmente porém taes arguições não são mais que um desabafo do autor do artigo, por não ter talvez sido preferido a outros credores.

O estado financeiro da provincia não permitte, como V. Ex. bem sabe, ter em dia todos os pagamentos, e dahi nascem as queixas de alguns credores, inclusive o autor do artigo; para preveni-las muito havia ordenado ao thesoureiro que pagasse em prestações o que se devesse aos diversos credores da provincia, de sorte que uns não ficassem de melhor condição do que outros, tendo sempre um fundo de reserva para acudir ao pagamento das lettras emittidas. Essa medida, fundada na equidade, em vez de merecer do autor do artigo em questão os louvores de que é digna, serviu-lhe ao contrario de thema para investivar ao thesoureiro desta repartição, a quem empregado, prototypo da probidade, a ponto de pôr-se em desfavor da provincia se adiantassem os dinheiros da provincia estiveram no respectivo cofre! E isto porque? Por não ter sido pago o autor do artigo senão de metade da subvenção pela publicação dos debates da assembléa provincial do mez de agosto ao dia 20, e o restante do dia 30 de setembro, e não ter sido hoje ainda recebido o do mez de setembro!!

Do exposto, Exm. Sr., se prova que só o despeito, e não o bem publico, levou o autor do artigo a fazer

A pessoa hydraulica do engenheiro [illegible] e hoje muito usada nos laboratorios, pela vantagem de obter-se com ella todas as pressões, offerecendo ao mesmo tempo a commodidade de serem faceis e exactamente a força que tem de ser empregada; além de que com a sua valvula de segurança calculada para differentes effeitos, consegue-se constantemente o mesmo gráo de compressão, condição indispensavel para a boa uniformidade e semelhança nos projectis ou artificios do mesmo calibre: a sua substituição do artigo machinas de queda ou macacos foi uma grande reforma na arte de fabricar, [illegible] para quem o maneja.

No estabelecimento pyrotechnico do Campinho existem funccionando tres destas prensas, com as quaes temos obtido resultados bem satisfactorios, como ainda ha pouco attestou a illustre commissão de melhoramentos do material do exercito relativamente ás espoletas modernas nelle fabricadas para bombas e granadas, de que acima fallámos; com effeito, a experiencia mostrou que ellas satisfizerão plenamente o fim para que tem artificios são destinados, attento que o tempo da inflammação do rastilho nunca mostrou-se em desharmonia com as indicações do index.

Em já chegado o tempo de fazer caducar a praxe ainda seguida entre nós de carregar a pancadas tubos de madeira para servirem de espoletas, methodo que não póde de modo algum ser aceito pelo estado presente da sciencia; porquanto além de não ser possivel, praticamente fallando, fazer que as diversas camadas de mistura sobrepostas tenhão igual compressão, pela difficuldade a conseguir dos trabalhadores constantemente a mesma força e altura para a queda do maço, accresce que a carencia de homogeneidade na mistura do polvorim com salitre e salitre, e outra tanta causa de irregularidade na marcha de sua inflammação.

Nas espoletas de Bormann, denominadas *zonaris incendiarias*, por causa do seu fórma annular, não só dá tambem este ultimo inconveniente, por isso que ellas são carregadas simplesmente com polvora moida.

Muitos outros melhoramentos importantissimos [illegible] experimentados as munições e artificios, mas opportunamente trataremos delles, cada um de per si, segundo a ordem de seu valor no exercicio

deração á cotação.

COTAÇÕES.

Cambio sobre Londres, 27 7/8 a 28 1/4 d.
» » Marselha em Paris, 316 a 60 dias.
» » Havre em Paris, 316 a 60 dias.
» » Paris, 345 a 90.
» » Hamburgo, 630 a 90 dias.

METAES E FUNDOS PUBLICOS.

Onças hespanholas	29$000
» da patria	28$600 a 28$650
Peças de 6$400 velhas	16$000
Moedas de 4$000	[illegible]
Soberanos	8$700 a 8$800
Pesos hespanhóes	1$840 a 1$960
» da patria	1$900
Patacões	1$840
Apolices de 6 por cento	108 %
» provinciaes	102 %, ex-div.

FRETES.

Antuerpia	45/.	Havre	50 fr.
Canal	55/.	Liverpool	45 a 50/.
Sal-Cadiz	75 a 100 cent.	Londres	50/.
Hamburgo	57 a 4 d. a 60/.	Mediterraneo	65 a 70/.
		New-York	70 cent.

COMPANHIAS PUBLICAS.

NOMES.	VAL. NOMIN.	ENTRAD.	PREÇO ACTUAL.	ULTIMO DIVID.
Banco do Brasil	200$	100$	175$ pr.	2$000
Banco Rural	400$	30$	183$ pr.	6$700
Banco de Bahia	400$		nom.	
Est. de fer. Mauá	500$	150$	30$ desc.	
Viação e Industria	100$	50$	nom.	
Mucury	200$	150$	140$ pr.	10$412
Amazonas	400$	200$	250$ pr.	17$000
Paquetes de vapor	240$	240$	210$ pr.	21$000
Ribeirão	250$	250$	220$000	16$000
Monte de Socorro	100$	100$	40$ pr.	6$000
Paquetes Bacurins	200$	150$	nom.	
Omnibus	100$	100$	nom.	4$000
Seguradora	200$	200$	45$ pr.	11$000
Ponte d'Arêa	250$	250$	40$ pr.	
Gondolas	250$	250$	nom.	10$000
Illuminação a gaz	200$	200$	220$000	
Providencia	1:000$	10$	30$ pr.	
Macahé e Campos	1:000$	1:000$	nom.	20$000

Brig. [illegible]
Gal. sue. *Lavrador*, Cardiff.

Descarregando madeira.

Barca sueca *Maria Theresa*, Stockolmo.
Pat. amer. *Anna D. Terry*, Bangor.

Descarregando sal.

Brig. port. *Ribeiro*, Lisboa.
Pat. franc. *Elizabeth*, Ilha do Sal.
Gal. amer. *Sophia Walker*, Ilha do Sal.
Barca ing. *Taurus of Liverpool*, Ilha do Sal.
Brig. belga *Ocean*, Cadiz.
Gal. amer. *Armaingo*, Cadiz.
Brig. dinam. *Agnes*, Cadiz.

CONSULADO.

Rendimento do dia 2 a 3	8.633$298
» do dia 4	3.738$804
Réis	12.372$102

EMBARQUES DE CAFÉ NO CONSULADO NO DIA 4.

J. Bocaguera (Mediterraneo) 2,407 saccas; Soportas (Antuerpia e Hamburgo) 1,100; Astley (Charleston) 720; Phipps (New-York) 500; A. T. P. Velloso (Porto) 20; A. Leuba (Havre) 200.

Ponte municipal.

Nada embarcou.

Total	4,917 saccas.
E desde o 1º do mez	9,320 »

EXPORTAÇÃO.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS NO DIA 4.

Trieste pela Bahia—Esc. hol. *Pienciar*, de 229 tons., consig. Schroeder; segue em lastro.

Havre—Barca franc. *Jules*, de 395 tons., consig. Augusto Leuba e Comp.; manif. 2,795 saccas de café e 1 barrica de dito, 360 coçoeiras de jacarandá, 37 libras de cabello, 160 barricas de tapioca, 2,600 chifres e 80 couros seccos.

Genova—Brig. din. *Maria Catharina*, de 168 tons., consig. Alexandre Fery; manif. 1,963 saccas de café e 21 coçoeiras de jacarandá.

Lisboa—Barca port. *Assumpção*, de 318 tons., consig. Victorino Pinto de Sá Passos; manif. 1,889 saccas de café, 28 caixas e 33 barricas de assucar, 122 coçoeiras de oleo, 2 meias barricas de farinha, 4 pacotes de fumo e 4 vols. com diffe-

Tres portas novas de alfandega.

Fardos 309, caixas 709, embrulhos 16, barricas 26, volumes differentes 783.

Total 1,843

Porta do armazem n. 16.

Barricas 9, pipas 126.

Total 135

Dita do caifre.

Caixas 736, pipas 301, meias pipas 27, barris 1,067, barricas 673, fardos 30, garrafões 839, canastras 84, saccos 246, gaiolas 12, quartolas 3, volumes 15, gamellas de côco 17, ancoretas 31, lata 1, dinas 6, botijas 300, resmas de papel 1,900.

Total 6,250

Ponte da meza.

Caixas 102, barris 60, ancoretas 60, barricas 82.

Total 304

Somma total 8,545

Alfandega da côrte, 4 de novembro de 1854.—*José Antonio Pires Carioca.*

ULTIMAS DATAS.

INTERIOR.

Bahia	18 de outb.	Pernambuco	14 de outb.
Ceará	5 de outb.	Porto-Alegre	21 de outb.
Maranhão	3 de outb.	Rio Gr. do Sul	27 de outb.
Pará	30 de setemb.	Santa Cathar.	2 de outb.

EXTERIOR.

Antuerpia	21 de setemb.	Londres	23 de setemb.
Baltimore	6 de setemb.	Montevidéo	15 de outb.
Buenos-Ayres	12 de outb.	New-Orleans	4 de setemb.
California	15 de agost.	New-York	6 de setemb.
Hamburgo	20 de setemb.	Paris	23 de setemb.
Havre	23 de setemb.	Porto	27 de setemb.
Lisboa	20 de setemb.	Trieste	20 de setemb.
Liverpool	21 de setemb.	Valparaiso	7 de agost.
Boston	24 de agost.		

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

São parentes, ou compadres?

Ahi está mais uma historia maritima: larga-se de Havana, aproa-se a Nação, e faz-se escala forçada pelo Rio. Toca a fogo, abrem-se e fechão-se as escotilhas, alija-se carga ao mar, larga-se todo o panno, apromptá-se a lancha, e perigo era gran-

PAGINAS MENORES.

Rio, 3 de novembro.

AO CORREIO DA PENNA.

(REVISTA.)

I.

Lacrimæ rerum....

A religião, essa sublime epopéa do coração humano, tem um symbolo para cada sentimento, uma imagem para todos os accidentes da nossa existencia.

E' ao pé do altar que o homem vê abrir-se para elle a fonte de todas as supremas ventura deste mundo—a familia; e quando o sopro da desgraça vai desfolhando uma á uma as flores da vida, é ainda aos pés do altar que achamos consolo para as grandes dôres, a esperança para os maiores infortunios.

E' que nesta breve romaria que fazemos pelo mundo, a religião nos acompanha como essas guias nobres do deserto, apontando-nos umas vezas o nada de nada perimos, outras a eternidade para onde caminhamos; e mostrando-nos á espaços com um aceno a linha negra que prognostica o simoun, ou os traços dos animaes que annuncião o oasis no meio das vastas solidões da arêa.

Quantas vezes no seio das alegrias e dos prazeres, quando nossos olhos vêem tudo côr de rosa, quando o seu que torpiçamos parece vir perfumado dos beijos da ventura, não sentimos de chofre o coração apertar-se como tocado por um doloroso presentimento, e a alma confrangir-se n'uma saudade pungente?

O deslumbramento passa rapido como o pensamento, que o produzio. Mas diz-se-hia que o coração, comprimindo-se, como que vertêra na taça do prazer uma gota de fel; e que entre o rumor da festa e os sons alegres da musica, vêem ferir-nos o ouvido um eco surdo das lamentações de Job: *Memento quia pulvis es!...*

Tambem ás vezes a fortuna nos embala docemente [illegible] com [illegible]

carro, ao passo que a gloria envolve-nos com a sua aureola brilhante. Então o homem caminha com os olhos fitos na sua estrella, e com a cabeça alta passa sem perceber as miserias do mundo. *Sublimi feriam sidera vertice.*

Mas lá vem um dia, uma hora, um instante em que o corpo verga como o peso de tanta grandeza, e a cabeça curva-se para a terra. Os olhos que medião o espaço, vacillão; a vista que se dilatava pelos horizontes e corria avidamente sobre os arcanos do futuro, queixa-se de encontrar á sua lousa, á um como, onde a pé do coveiro traçou n'um estreito quadro de e com um punhado de terra revolvida o emblema daquella sentença do Ecclesiastico:—*Vanitas vanitatum et omnia vanitas!*

Se porém a religião é severa nos seus conselhos, se durante os dias de paz e da ventura fortifica o homem por meio da tristeza, na dôr ao contrario é de uma bondade ineffavel.

Nem uma fibra palpita no corpo humano, nem uma pulsação abala o coração, nem um soluço arrança n'um peito quebrado pelo soffrimento, que não ache nella um éco, uma voz que lhe responda.

Neste grande livro da fé e da esperança, neste sublime dialogo entre Deus e o homem, todas as lagrimas teem uma palavra, todos os gemidos teem uma phrase, todas as dôres uma prece, todos os infortunios uma historia.

A vida humana se resume na religião: nella se acha a essencia de todos os grandes sentimentos do homem e de todas as grandes cousas do mundo.

Tem a severidade e o respeito que inspira a paternidade, e ao mesmo tempo todos os raios da maternidade. Aconselha como um pai, quando falla pelos labios do sacerdote; é amiga que se multiplica para seus filhos, quando abriga no seu seio todos os infelizes.

Mas quando se folhêa este livro da vida, e que se chega á ultima pagina—á morte,—quando a alma, em face do nada, sente-se tomada deste grande e assombroso receio de completo aniquilamento, é que se sente quanto ha de consolador na religião.

Entre as sombras da duvida, entre o vago do infinito, a eternidade surge para o nosso alma como uma doce estrella [illegible] que brilha entre o [illegible]

era negro da tempestade, e que guia o nauta perdido na vasta amplidão dos mares.

Se quereis ler a legenda desta crença sublime de todos os povos, e de todos os tempos, ide no dia 2 de novembro, dia que a Igreja destinou á commemoração dos finados, fazer uma visita aos nossos cemiterios.

Haveis de sentir coar-se-vos dentro d'alma um effluvio consolador, quando virdes toda aquella piedosa romaria que percorre as alêas formadas pelos tumulos, rezando entre o pranto as lettras de um epitaphio singelo, e espargindo sobre a lousa algumas flôres misturadas de lagrimas e de preces.

Este aspecto de uma multidão forte e cheia de vida prostrada ante as cinzas de alguns mortos, não exprime alguma cousa de mysterioso, alguma cousa de incomprehensivel, que de certo se prende a uma religioso culto dos tumulos, sempre venerado por todos os povos?

Para que o homem venha assim cada anno avivar uma dôr quasi extincta, e vir reflectir-se na lousa da campa os traços sereno de uma triste provança já acalmada pelo correr dos tempos, é necessario a força irresistivel da verdade revelada pelos impulsos do coração.

Sem isto não é possivel comprehender-se o respeito que votamos aos mortos, nem essa melancolica poesia da saudade que inspira a religião dos tumulos.

Se nestas campas que ha annos se abrirão para receber um corpo, houvesse apenas um pouco de terra e alguns vermes, o homem que se prostrasse em face dellas não commetteria uma profanação? Ajoelhando á beira da lousa, e sagrando um culto ao pó, não rebaixariamos a dignidade de um ser moral, escravisando a razão á materia, a vida ao nada? Se outra cousa mais forte do que a recordação não nos impellisse a estes espectaculos do luto e da tristeza, não dariamos uma mesquinha idéa da natureza humana?

E' verdade; mas os restos dos mortos encerrão a envolta com as recordações deste mundo as esperanças da outra vida. E' por isto que no meio das preces, e das lagrimas e flôres que vem depôr ao pé da campa a mão amiga, a cruz simples [illegible]

Os nossos cemiterios creados ha bem pouco tempo, ainda não apresentão este aspecto grave e imponente que reveste ordinariamente os campos dos mortos.

Ainda não ha ahi essas longas e sombrias alamedas de arvores, essas bancadas de relva onde se destaca uma lousa branca, nem esses cyprestes e chorões plantados á beira de uma sepultura sym bolisando no seu aspecto triste e melancolico a oração que se eleva ao céo, ou as lagrimas que se deixão á tombar sobre a terra.

A nudez do campo quasi despido de arvores, o desabrigo das lousas, sobre cujas pedras brancas o sol bate constantemente, punge o coração, e como que torna acre e acerba aquella magoa da saudade, que a religião reveste de tanta doçura e de tanto allivio. Naquellas quadras descampadas a morte não tem sombras, a dôr não tem écos, a religião não tem mysterios.

Entretanto este anno, cumpre dizer em honra do espirito religioso da nossa população, empregarão-se todos os esforços para fazer desapparecer aquelle aspecto de nudez, e a romaria foi talvez mais numerosa do que nos annos anteriores.

O cemiterio de S. João Baptista sobretudo estava preparado da melhor maneira possivel; e além do arranjo devido aos esforços do administrador, podia-se admirar alguns monumentos funerarios de uma singeleza e de um gosto perfeito.

Sinto que não me seja possivel copiar aqui algumas inscripções, cheias desta simplicidade e desta uncção que respira uma dôr verdadeiramente sentida; mas vós que lá fostes devíeis tê-las lido, embora uma não descubrira que não houvesse ahi gravado aquelle epitaphio antigo: *Sta viator!*

II.

Não sei que poeta disse que a vida é um contraste. Pindaro chamou-a o sonho de uma sombra, e Byron comparou-a á uma estrella, que ora desliza docemente entre o azul do céo, ora vacilla entre as nuvens escuras da borrasca.

Para mim, que não sou poeta, e que por consequinte não aspiro á metaphysica do sentimento e das imagens, a vida tem se na compa[illegible] e vida e alguma [illegible]

bolisaria um anno, um dia ou uma hora da nossa vida.

Assim umas flôres morrem crestadas pelo ferro ou pisadas ao chão, outras murchão lentamente ao tepido contacto de um seio assetinado. Umas são desprezadas e seccas por lagrimas de despeito, ou depositadas n'uma campa como pia offerenda, outras passão de uma mão á outra mão amiga, e vem embellezar-nos alguns momentos de ventura.

De qualquer modo que se compare a vida, o que é certo é que a semana que findou foi uma pequena miniatura do grande quadro da existencia humana.

O dia 2 de novembro tirou a sombra da idéa; os claros forão lançados aqui e ali, uns mais brilhantes, outros mais desvanecidos pelo acaso, que é um grande pintor de quadros historicos.

A segunda-feira foi um dia de decepção, porque não só falhou-nos o beneficio da Charton, como o espectaculo annunciado em substituição, que não teve logar, segundo dizem, por molestia do Gentili.

Em compensação tivemos na terça um baile do Cassino. Cabe a comparação de Byron sobre a vida humana seja exacta, creio que nesta noite se para alguns as horas correrão deliciosamente, para outros nem o céo esteve azul, nem luzia a estrella (de Byron, está entendido). Provavelmente as nuvens escondêrão-n'a.

Para outros que preferem a comparação do poeta grego, a vida foi durante essas horas não o sonho de uma sombra, mas a sombra de um nome ou de uma letra.

Estão já os leitores curiosos por saber que nome e que letra era esta que me incommodava tão seriamente, a ponto de fazer-me sonhar com ella no meio de um baile. O nome não lho direi, mas a letra é um—*C*.

Este—*C*—memoravel, com que se escreve *carta*; o que eu apezar do amor que lhe consagro tive a desgraça lembrança de substituir por dous —*SS*—valeu-me um quinão em orthographia dado pelo collega do *Velho Brasil*, que não deixa passar camarão pela malha.

Esquecia-me porém dizer que podem saltar esta virgula, que não vale a pena de ser lida. Como o um [illegible]

claro do quadro da semana, acho razoavel que o passem em claro.

Asseguro-lhes que nada perderão com isto, porque neste artigo não se trata de cousa nenhuma rica e grande. Prometti uma vez vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e tiverão logo a impiedade de chama-lo monstro! Portanto agora, quando me vier á idéa trajar mais caricatamente o meu folhetim, lá de ser de casaca parda com botões amarellos e calças de ganga, como costuma saber na semana e especialmente no domingo um collega contemporaneo.

III.

Estamos quasi no fim do quadro.—Fez uma bella noite, a lua parecia solitaria pelo céo reflectindo-se nas aguas serenas de um lago, e reflecte sua pallida claridade sobre as lousas de um cemiterio. Algumas ruinas, o silencio da noite, a sombra das arvores completão a vista.

Dous vultos, um amante infeliz e uma moça em desespero,—um condemnado e uma louca—, occupão o meio da scena. Canta um dueto, desenlace feliz de uma historia triste; se a musica se podesse perceber entre os applausos ruidosos que enchem o salão, ouviríeis o bello dueto dos Puritanos, magnifico trecho da musica de Bellini, cantado pela Charton, que nesta noite fazia o seu beneficio.

Todos esperavão ancioso esta festa musical dada pela cantora predilecta do publico, e ás oito horas a creme dos *dilettanti* desta côrte enchia o salão com as suas pessoas, e com uma quantidade enorme de flôres e versos, que opportunamente surgirão de dentro dos bolsos e dos lenços, a inundárão o theatro.

Ergueu-se o panno, e começou o côro da alvorada. De repente mudou-se a vista, e a platéa estremeceu com uma salva triplice de applausos quasi unanimes, que annunciárão a entrada da cantora.

Vinha trajada de azul, da mais bella côr que a natureza creou para cobrir as cousas mais lindas deste mundo,—as andorinhas, o céo, o mar, o emfim as moças bonitinhas e alvas como o lirio, que não podem deixar de comprehender que o azul foi feito para moldurar o branco.

A Charton disse admiravelmente a aria do segundo acto, e apezar de todos os contratempos que sobrevierão, teve o poder de fazer da noite do seu beneficio um completo triumpho.

Algumas scenas desagradaveis tiverão logar esta noite; porém a imprudencia que as motivou foi sufficientemente castigada, não só pela manifestação publica, como pela energia da policia, que conseguio reprimir muitos abusos. A' sua actividade devemos ter-se evitado um facto, que calamos por vergonhoso, e que talvez produzisse consequencias bem tristes, pela exacerbação a que tinhão sido levados os animos.

Ao terminar o espectaculo a orchestra do theatro, executando varias musicas, conduzio triumphalmente á sua casa a Charton, que seguio a pé no meio de um concurso de mais de quatrocentos *dilettanti*, entre os quaes se contavão pessoas muito decentes, que o enthusiasmo impellira a dar essa subida prova de dilettantismo.

Eu, apezar de muito enthusiasmado, retirei-me prosaicamente de carro, envergonhadissimo de que a musica não tivesse o poder de obrigar-me a andar mais de uma legua a pé.

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(TERCEIRA VERSÃO.)

Coração de menina é um mysterio
Que ninguem comprehende;
E' perfume da flôr na solidão
Que de noite recende.

E' linda sensitiva,
Ou estrella furtiva;
Rosa que desabrocha inda em botão,
O primeiro sentir d'uma alma amiga;
Talvez uma illusão,
Uma letra, uma só de lingua antiga.

(*Y.*)

por conta de Francisco
reis a 160 rs. a libra;

a explendida claridade

todo aquelle confuso e
da, a torre de alguma
um campanario, como
ne do meio das saudades
e alguem ante que se lhe
e erguer-se a Deus no

estavam em alvos frocos
ceiros, celebres na chro-
pelo quasi naufragio do
ras não conheço ao mes-
mario e são capazes de
vais naufragios! Ha po-
duas pequenas differen-
ma umas morre-se pela
ga. A segunda differença
les *Paitoiras* do mar o
ser um barco novo: ne-
rtamente os barcos novos
igo.

ração humoristica, meu
nheiro de viagem; pro-
na. Abandonemos de uma
o pensamento, esta cidade
para nós. Querieis o bello
a natureza da nossa terra
gai os olhos por este vasto
des ao sólpro caricialor da
pos de pequenas ilhas ver-
a carreira da barca pare-
as atrás das outras; vêde
onde a vega se espreguiça
claros e escuros das encos-
anhas que se debuxão no

lesenlaçque que se alonga
egamos á Mauá. Saltemos,
tem nada que ver, como as
anhãs ainda estão em prin-
nado de curioso, tratemos
ogares no *wagon*, e de pre-
wagon. [illegible]
de regulamento.

O escrivão do tribunal, *José Antonio Lopes de Castro*.

Deu-se o signal. Lá vamos levados pelo monstro de fogo que se lança, rugindo como uma féra, vomitando fumo, devorando o espaço. Alexandre Dumas já o disse: o prazer da velocidade tem um gozo, uma voluptuosidade inexprimivel. A' primeira vez porém a novidade, e vago do desconhecido, destróem em parte aquelle prazer, e produzem uma especie de embriaguez de espirito, que de alguma maneira paralisa o pensamento. Não ha idéa fixa, não ha preoccupação por mais forte que seja, que resista á esse choque subito de tantas emoções, a esse tumulto confuso das impressões, que se succedem rapidamente, que se agglomerão, se repellem e se destróem.

Depois de dezesseis minutos desse vôo fantastico, desse sonho acordado, despertais repentinamente aos gritos do cocheiro, e aos trancos de um dos incommodos carros da Companhia, que vos faz immediatamente lembrar dos passeios ao Catete. Resignai-vos como eu; e se tendes alguma idéa favorita, alguma imagem suave, que vos ande a sorrir na mente, abri-lhe a vossa alma, e esquecei as miserias deste mundo. Quando mal pensardes estareis no alto da serra.

Salve, louçã e faceira Petropolis! Salve, lindos *cottages*, casinhas campestres, montanhas, cascatas, canaes! Como tudo isto é gracioso e simples; como a existencia é doce e tranquilla nestes logares apraziveis e nesta convenientia agradavel da gente da terra! Que risonha quesão essas manhãs de verão, que ao nascer do sol começão a desdobrar o seu véo branco, com toda a garridice e todo o disfarce de uma andaluza, quando entreabre a sua mantilha!

E comtudo nunca Petropolis esteve como agora entregue ao abandono e ao deleixo. O estado das suas ruas é pessimo; não se cuida da limpeza dos canaes, e de outros melhoramentos urgentes. Ao passo porém que isto succede, consome-se dinheiro em edificar uma capellinha no antigo hospital, que ha muito se trata de remover. Compra-se um terreno para servir de matadouro publico, e consente-se que um particular continue a [illegible] pela rua da coluna [illegible] da Imperatriz.

Pelo menos é isto o que dizem todos os habitantes de Petropolis, cujo clamor é geral. Foi preciso que chegasse o tempo da viagem costumada de SS. MM. para que se tratasse de melhorar os caminhos, e reparar algumas ruas que se achão em miseravel estado, e que offerecem peior transito do que a estrada da serra.

Em quanto o director da colonia não lhe obrigado a residir em Petropolis, embora tenha boas intenções e grande actividade, não poderá prestar a devida attenção ás necessidades do logar, nem entregar-se completamente ao estudo dos objectos de sua competencia. O governo devia tomar isto em consideração, e regular melhor as obrigações da directoria, ou então acabar com ella e substituil-a por outro qualquer meio de administração.

Entretanto, apezar do máo estado das ruas, meu leitor, se já não estaes fatigado e não me abandonaste na viagem, vamos subir á pennia e dar uma vista de olhos áquillo que nos parecer mais interessante, e mais digno de attenção. Queres ir ao Palacete, ver o jardim que se está concluindo? Quereis subir ás colonias, e dar um gyro á cavallo até á cascata de Itamaraty? Ou preferis atruar sem destino, onde vos levar a fantasia?

Como quizerdes; mas se estaes dispostos a seguir o meu conselho, não deixai de fazer uma visita aos dous collegios Kopke e Kalogeras. O primeiro tem a grande vantagem de ser uma casa construida de proposito para o fim a que foi destinada, e reune por conseguinte todas as condições economicas e hygienicas. Assim o que se nota logo neste estabelecimento é o asseio, a limpeza, a claridade dos aposentos, a facilidade com que o ar se renova nos dormitorios, e finalmente as bôas camas, o vigor, a boa disposição que mostrão os collegiaes. A par disto a regularidade dos trabalhos, a acertada divisão das classes e a vigilancia activa do director, tornão este collegio muito util para a educação, não só dos meninos filhos da côrte, como daquelles que vem das provincias, o que por conseguinte [illegible] por conta do cabeça [illegible] pelo.

No estudo das primeiras letras, o Sr. Kopke adoptou o methodo do ensino repentino com algumas modificações, e tem tirado delle grandes vantagens. Nos outros ramos, os seus alumnos apresentão igualmente muitos progressos; e quando observamos que, apezar do adiantamento geral dos alumnos, são justamente os meninos de menor idade os que respondião com mais acerto e maior segurança, confirmamo-nos na idéa de que isto era devido ao systema de estudo seguido pelo director.

O collegio Kalogeras é um estabelecimento montado em grande escala, mas cujo edificio não foi construido com a idéa de adapta-lo á instrucção primaria e secundaria. Possue alguns professores muito habeis, começando pelo seu director e proprietario. Sobre os seus trabalhos nada posso dizer, porque apenas corri o edificio, e um horas destinadas ao repouso dos alumnos.

[illegible] temos visto muito; portanto montemos a cavallo, e deixemos a serra com as primeiras claridades do dia, quando o sol mal desponta entre os cabeços da montanha. Correi os olhos por essas quebradas da serrania, por essa nevoa da manhã docemente esclarecida pela frouxa luz da aurora, e não tenhaes receio que como a Horacio os cuidados montem na garupa para seguir-vos. *Post equitem sedit atra cura.*

Quatro horas de caminho,—e eis-nos de novo no Rio de Janeiro, restituidos ao nosso penates, e ás obrigações esquecidas durante tres dias. Recomecemos a vida interrompida, voltemos á fallar de theatros, de jornaes, á criticar, palestrar, estudar a questão das carnes verdes, e á prepararmo-nos para a fome que nos ameaça senão tomarmos promptas providencias, e senão cuidarmos seriamente deste objecto, procurando quanto antes os meios de evitar a escacez dos generos alimenticios.

Se bem me lembro, o Sr. marquez de Abrantes iniciou a sessão passada no senado um projecto a respeito de pescarias, que era em minha opinião um dos grandes recursos a lançar mão para o futuro. [illegible] que [illegible] aquelle pensamento que [illegible] uma grande

---

necessidade, e produzir um beneficio muito se devia ter realisado.

Com estas medidas e outras tendentes a creação dos gados, plantando-se de passagem e de barreiras, é de esperar-se consiga prevenir essas faltas de generos, que não se devião dar n'um paiz de grandes recursos, e extraordinariamente fertil, como é o nosso.

Estes factos porém servem de dar mais a nossa attenção para a colonisação e navegação dos grandes rios, principalmente Amazonas, cujas varzeas immensas e incultas, e encerrão nas suas matas virgens manancial de riqueza, que convem quanto explorado.

Ultimamente, um moço destemido, de poucos recursos, sem meios, que penetrou pelos sertões, e desceu o grande rio desde [illegible] emprehendeu de [illegible] provavelmente ha de conter observações de muito interesse. Este moço é o [illegible] tenente da nossa armada, e que os leitores vem conhecer pelo curioso artigo que sahio na sexta-feira no *Jornal do Commercio* sobre as origens da lingua tupy.

E' de crêr que o Sr. Dutra publique brevemente o relatorio de sua viagem, e que o governo não deixará sem remuneração os serviços prestados por elle, durante essa longa viagem cheia de tantos perigos e de tantos soffrimentos, que só um homem de genio emprehendedor animaria a tenta-la com os mesquinhos recursos pecuniarios que tinha a sua disposição. Só um homem desta quilate, quasi espontaneos, que se sacrifica generosamente, para excitar e dar exemplo desse espirito de louvavel ambição, movel das grandes emprezas.

Por em quanto ainda, convém estimular os officiaes á emprender cousas uteis, cousas de tanta utilidade para o paiz, visto como tem a França e a Inglaterra, [illegible] e sua marinha, bastante [illegible]

ha forças que o abale. Através do tempo
ainda e sempre, esse sublime dialogo que
como diz L'Hermenier, as relações do ge-
a humanidade.

aquelles dous grandes vultos, que parecem
nas sombras do passado, se reflectirão com
u brilho na posteridade, principalmente
o primeiro tem para desenha-lo a penna
omem como Lamartine, e o outro a his-
uma nação como o Brasil.

que então, quando a marcha dos tempos
vendado os altos mysterios do destino, a
lade possa comprehender esse elo invisivel
de dous acontecimentos tão remotos, essa
inexplicavel entre dous grandes homens,
cidencia providencial de duas revoluções
épocas differentes se realizárão no mes-

sabe se o facto que veiu depois de tres
não era o complemento e o remate do
? Quem sabe se D. Pedro I não foi o
dor de Colombo? Quem sabe se a funda-
perio do Brasil não devia ser uma con-
encial nos futuros destinos da America?
ponsamentos nos levarião muito longe,
ém do presente, e nos farião esquecer que
gnas somos o homem do passado, o sim-
nista dos acontecimentos de uma semana.
portanto as altas elocubrações, e volte-
factos da actualidade.

Fallavamos de genio, de talento, de glorias pas-
sadas, e destinos futuros. O presente não é menos
fertil em qualquer destas cousas, sobretudo em
talento.

O talento! *Divinæ particulam auræ!* Não ha
nada como o talento. Riquezas, honras, nasci-
mento, nobreza, nada disto vale uma pequena
dóse daquella inspiração divina. Só ella tem o
privilegio da divindade, o dom de crear e inven-
tar.

Se duvidão do que estou dizendo, tomem
qualquer jornal da semana, e corrão-lhe os olhos,
que terão a prova desta minha assersão.

O cholera-morbus andava muito socegado lá pela
Europa, e nem sequer ainda se tinha lembrado de
escrever o Brasil no seu itinerario ou jornal de
viagem, quando alguem, um homem de talento
necessariamente, teve a feliz idéa de affirmar que a
molestia já estava em caminho, e não tardaria a
chegar.

Immediatamente fez-se uma revolução, e tive-
mos uma verdadeira epidemia do cholera-morbus
in nomine. Não se fallava em outra cousa; não
se escrevia sobre outro assumpto. Os medicos dis-
sertavão largamente, os profanos gracejavão ou
discutião, a camara municipal trabalhava, e a
academia de medicina fazia sessões publicas.

Ouvi queixar-se muita gente que de todas essas
luminosas discussões nada se concluia; creio po-
rem que estão mal informados. Se lessem os es-
criptorio de qualquer das folhas diarias desta cid
havião de ver entrar para a caixa a consequen
logica e verdadeira de toda esta argumentação,
paga das correspondencias e publicações a pedi

A epidemia foi tal, que até forão bulir com a p
bre grammatica, que estava bem socegada, e el
márão-na á campo para decidir se o cholera-m
bus era masculino ou feminino.

Não me devo metter em semelhante questã
mas a fallar a verdade, prescindindo da grammati
creio que aquelles que dão ao cholera o genero
minino teem alguma razão, por isso que os ma
res flagellos deste mundo, a guerra, a morte,
fome, a peste, a miseria, a doença, etc., são rep
sentados por mulheres.

E o que torna-se mais notavel ainda, é que
Gregos, gente sempre tida em conta de sab
quando inventárão os seus deuses fizerão home
Apollo e Cupido, e para mulheres escolhêrão
Parcas, as Furias e as Harpias.

Se as minhãs amaveis leitoras não gostarem d
sa razão, o que acho muito natural, chamem
contas os pintores e os poetas, que são os a
tores de tudo isto. Quanto a mim não tenho cu
pa nenhuma das extravagancias dos outros, e a
estou prompto a admittir a opinião do meu colle
A. Karr, que explica aquelle facto, pela razão
que as senhoras são extremos em tudo, tanto q
as mais bellas cousas deste mundo são tambem si
nificadas por mulheres, assim como a belleza,

Foi construido pelo mestre-geral das obras da 5ª secção do arsenal de marinha João Mamede Zeferino.

— Ante-hontem terminárão no Collegio Marinho os exames começados no dia 1. Fizerão 97 exames de latim, 58 de francez, 37 de inglez, 5 de allemão, 4 de grego, 7 de philosophia, e 18 de geographia. Nas materias acima referidas deixárão de fazer acto 13 alumnos, e forão dispensados do exame os principiantes de grammatica latina, franceza e ingleza, e os alumnos de primeiras letras.

O systema seguido neste collegio para os exames nos parece excellente. Para examinarem os alumnos são preferidos os pontos estranhos que vão assistir aos actos, e a cujo arbitrio se deixa a abertura dos classicos que se tem de traduzir, e sua sciencia, a designação do ponto em que o alumno tem de ser arguido. A grande utilidade desta forma de exames verificou-se neste mesmo collegio, em que os alumnos apresentárão, fóra de qualquer suspeita, conhecimentos geraes da materia que estudão.

— Noticia o Semanario do Porto das Caixas que lhe consta que o Exm. Sr. bispo Diocesano vai a Itaborahy benzer a igreja no dia 23 do corrente, e que no dia 25 terá logar a brilhante festa de S. João Baptista.

— EXEMPLO QUE DEVE SER SEGUIDO.

Lê-se tambem na mesma folha:

« Conta-nos, por pessoa fidedigna, que o Sr. Joaquim Carlos, picador de carne verde para os lados da Pavuna, matando no dia 6 do corrente uma rez, aliás mui gorda, achára na occasião de tirar-lhe a pelle, uma pequena ulcera com alguns vermes e mandára por isso enterra-la. Por este facto é o Sr. Joaquim Carlos credor de muitos elogios; não quiz, á troco de algumas patacas de ganho, comprometter seu credito e a vida de seus freguezes; permitta á Deus que todos o imitassem. »

...ra de Vasconcellos Torres.

Majores ajudantes-d'ordens do commando superior da guarda nacional do municipio de Garanhuns, da mesma provincia, Arnaldo Americo Tavares da Cunha Mello e Honorato Olimpio da Cunha Rego Barros.

Capitão secretario geral do dito commando, o Dr. João Floripes Dias Barreto.

Capitão quartel-mestre, dito dito Feliciano Francisco Fernandes.

Capitão cirurgião-mór dito dito, o Dr. José Joaquim Firmino.

Por decretos de 13 do mesmo mez.

Forão removidos:

O desembargador Antonio Baptista Gitirana, da relação do Maranhão, para a de Pernambuco.

O juiz municipal e de orphãos Antonio de Souza Mendes Junior, dos termos reunidos do Principe Imperial e Marvão, para o de Barras e Valença, da provincia do Piauhy, por o haver pedido.

Forão nomeados:

Desembargador da relação do Maranhão, o juiz de direito Antonio Manoel Fernandes Junior;

Juiz municipal e de orphãos do termo de Barra-Mansa, da provincia do Rio de Janeiro, o bacharel Carlos Augusto da Silveira Lopo;

Idem idem dos termos reunidos de Victoria e Espirito Santo, da provincia deste nome, o bacharel João Cavalcanti de Albuquerque;

Idem idem dos de Parahybuna e Rio Preto, na provincia de Minas Geraes, o bacharel José Feliciano Dias de Gouvêa, ficando sem effeito o decreto que o nomeára para o termo do Serro.

Idem idem dos de Vigia e Cintra, da provincia do Pará, o bacharel Gratuliano da Silva Porto.

Idem idem de Manáos, na provincia do Amazonas, o bacharel Claudino José dos Santos Leal.

Idem idem dos da Barra do Rio Negro e Barcellos, da mesma provincia, o bacharel Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond.

Idem idem do de Catalão, da provincia de Goyaz, o bacharel Manoel de Oliveira Cavalcanti.

livres, 11 libertos e 2 escravos: 6 são artistas, 3 militares, 179 artezãos, 38 trabalhadores, 118 sem officio e 53 menores. Das mulheres 80 brazileiras, 86 estrangeiras: 142 solteiras, 21 casadas, 10 viuvas; 131 livres, 31 libertas, 14 escravas e 37 menores. Destes cortiços 4 são humidos e immundos, e em geral tem todos poucos commodos para o numero de pessoas que nelles habitão.

Obituario.—Fallecêrão na cidade, no dia 16 do corrente, 10 pessoas livres e 5 escravas: das livres 6 homens e 4 mulheres, a saber:

João, innocente, filho de Maria Henriqueta da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 1 anno, moradora na rua de S. Pedro. Gastro-interites.

Alfred Vogue, natural do Havre, 26 annos, solteiro, caixeiro, morador na rua da Quitanda. Amollecimento.

Brigadeiro Antonio Rodrigues Gabriel de Castro, natural de Lisboa, 75 annos, casado, morador em Nitheroby. Gastro-hepato-colite.

Januario Alexandrino Correa, natural de Pernambuco, 21 annos, solteiro, alferes alumno do 1º batalhão de artilharia a pé, recolhido ao hospital militar. Febre perniciosa.

Francisco José de Carvalho Rocha, natural do Rio de Janeiro, 38 annos, casado, archivista da secretaria da Santa Casa, morador na rua da Misericordia. Febre perniciosa.

João José, natural da Bahia, 18 annos, soldado do 1º regimento de cavallaria, recolhido ao hospital militar. Tuberculos pulmonares.

Guilhermina, innocente, filha de Felippe, natural do Rio de Janeiro, 2 annos, moradora na rua da Quitanda. Croup.

Genoviana, innocente, filha de Luiza Zeferina da Rosa, natural do Rio de Janeiro, 3 annos, moradora na travessa do Senado. Convulsões.

Gertrudes Benedicta da Assumpção Cardoso, natural de S. Paulo, 68 annos, casada, moradora nas Laranjeiras. Amollecimento do cerebro.

Antonia Gomes Mauricia, natural do Rio de Janeiro, 24 annos, solteira, moradora no Caminho Novo do Botafogo. Tuberculos pulmonares.

Sellada e publicada na secretaria do governo da provincia do Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 1854. — O secretario interino, *Angelo Thomaz do Amaral.*

Registrada a fl. 109 do liv. 4º da legislação provincial. Secretaria da presidencia da provincia, em 9 de novembro de 1854. — *José Jorge da Motta.*

INTERIOR.

ALAGOAS.

Maceió, 9 de dezembro de 1854.

Em todas as gazetas do paiz ha hoje uma columna reservada para a correspondencia das provincias; descubro nesse habito grande utilidade, especialmente se, compenetrado de sua alta missão, o noticiador se propuzer unicamente a fallar a verdade á nação que o escuta.

Em uma provincia como esta não ha tanta variedade de assumptos que possa tornar sempre interessante uma correspondencia; apezar disso porém estou convencido de que haverá entre os milhões de habitantes do imperio muita gente que procure anciosamente ouvir noticias desta terra, onde tudo cresce com a força e petulancia da juventude. Attenda-se pois.

Ainda ha poucos annos agitada pelo espirito revolucionario de uma politica anarchica e esterilisadora, achava-se esta provincia dividida em dous campos oppostos, que se guerreavão tão encarniçadamente, como guelfos e gibelinos. Esquecidos do que devião a seus concidadãos a moralidade de seus actos e o exemplo de uma discussão humana e pacifica, elles, em vez de advogarem a causa do paiz, embalhião-se em uma polemica pessoal e mesquinha, que apenas servia de cavar mais os abysmos que os separavão. A imprensa, pondo á margem a idéa de seu augusto sacerdocio, abdicára a causa da civilisação, convertendo-se em pelouri-

...Dr. Sá e Albuquerque. Franco, leal e accessivel, dotado além disso de um espirito sagaz e profundo, amestrado pela experiencia de uma administração progressista e civilisadora, o Sr. Sá e Albuquerque era sem duvida o cavalheiro talhado para realizar de todo a pacificação da provincia, que o seu illustre antecessor deixára em tão lisongeira situação.

No curto espaço de tempo em que tem dirigido a provincia, tem grangeado a estima de todos e conquistado geral sympathia. Incansavel em promover os seus melhoramentos de toda a especie, a provincia tem conhecido que a missão do Sr. Sá e Albuquerque é toda de paz e de progresso, e que o delegado de um gabinete sabio e illustrado, como o que actualmente está na governança do Estado, comprehendeu perfeitamente qual o papel que lhe cumpria seguir para corresponder á confiança que nelle depositára esse gabinete.

Fazer justiça a todos, sem distincção de côres politicas, é este o pensamento do governo da provincia, porque tambem é por esse modo que podem nascer a tranquillidade e segurança individual, debaixo de cujo imperio florescem a riqueza e a prosperidade dos povos.

Uma administração parcial é uma administração corrupta, e uma administração corrupta é o principio de toda a anarchia e de toda a calamidade social.

Como aqui vem a talho, quero dizer-lhe alguma cousa ácerca da administração da justiça, afim de que Vm. fique sciente de que o principio da autoridade vai se fortalecendo cada dia mais com o desenvolvimento das instituições do paiz.

Como Vm. deve saber, e muito melhor do que eu, existe actualmente em todos os pontos do imperio uma cruzada contra os criminosos de todo o genero. O quadro lastimoso, porém verdadeiro, que o actual ministro da justiça descreveu ácerca do estado do paiz sob o ponto de vista da estatistica criminal, avivou ainda mais no coração daquelles, a cujo cargo corre a administração da justiça e a causa da civilisação, a vontade perseverante de acabar definitivamente com todos os crimes.

Nesta provincia tem havido nestes ultimos tem-

...

A' noite houve theatro, e á vista do estado da provincia esteve magnifico. Para fallar-lhe desapaixonadamente, ainda não vi cousa melhor nas terras que tenho corrido.

A companhia, que é uma reunião de particulares, que se dedicárão a tão util e tão vantajoso divertimento, não é inteiramente perfeita, mas o Borarde, director della, que tem merecido applausos, mesmo nessa côrte, onde o João Caetano revive a gloria de Kean e de Talma, é, sem duvida alguma, muito superior ao Germano e ao Guimarães, que lhe devem ser bem conhecidos.

O Borarde é um moço de grande intelligencia, e que vê no theatro a gloria, o encanto, o resumo de toda a sua vida. Creio que bastão estas palavras para dizer-lhe que elle representa em todas as côres, ainda as mais delicadas e transparentes, o pensamento de todos os dramaturgos, que procura interpretar.

A salubridade publica vai menos mal. Espalhou-se aqui a noticia de que a febre amarella fazia estragos no Pilar e em Porto Calvo; posso porém affiançar-lhe que nada ha que deva assustar a população.

Houve, é verdade, alguns casos de febre no Porto Calvo, porém hoje quasi se não falla mais alli nesse mal. S. Ex. mandou ambulancia e pharmaceutico, e a população, soccorrida em tempo, nada soffreu. No Pilar tambem appareceu a febre, mas sem demora partiu, a mandado da presidencia, um medico munido de ambulancia, e hoje o mal está quasi inteiramente extincto, tendo sido muito poucas as victimas. Nesta cidade a salubridade publica é optima contra o costume dos annos anteriores na estação do calor.

Em outra pretendo fallar-lhe do mercado da provincia, e de muitas outras cousas, em que me não era possivel tocar nesta pelo receio que tive de tornar-me enfadonho.

Deseje-lhe saude, e desde já dá-lhe as boas festas o seu amigo

Pl.

BRIGUE DINAMARQUEZ — CHARLOTTE MARIE — DE NEW-CASTLE.

Carvão: 372 toneladas e 19 quintaes ao barão de Mauá.

BRIGUE PORTUGUEZ — CLARA — DE LISBOA.

Figos seccos: 520 caixas. — Sal: 280 moios á ordem.

BARCA AMERICANA — [illegible] — DE JACKSONVILLE.

Breu: 370 barricas. — Carne de porco: 15 barris. — Fumo: 3 caixas. — Taboado: 63,106 pés a Maxwell.

ENTRADAS POR CABOTAGEM NO DIA 16.

Generos nacionaes.

Aguardente: 82 pipas. — Arroz: 443 saccos. — Assucar: 179 caixas, 113 barricas, 3,040 saccos e 7 feixes. — Café: 334 saccos. — Carne secca: 1,870 arrobas. — Cima: 35 saccos. — Couros: 2,115. — Fumo: 200 rolos. — Graxa: 15 pipas. — Jacarandá: 18 couçoeiras. — Pelles: 83 molhos. — Sola: 134 barricas. — Taboado: 65 8/12 duzias. — Vellas: 1,000 caixas. — Ditas de cêra: 1 caixa.

Generos estrangeiros.

Patacho nacional *Amisade Constante* de Pernambuco.

Chá: 5 caixas á ordem.

Brigue nacional *Catharina* de Pernambuco.

Armamento: 1 vol. — Chapéos de palha: 9 caixas. — Drogas: 22 vols. — Esteiras: 20 vols. — Instrumentos de musica: 6 vols. — Mercadorias: 11 caixas. — Objectos de metal: 2 vols. á ordem. — Panellas de ferro: 17. — Pedra pomes: 2 caixas. — Prata em obra: 1 vol. á ordem. — Vinho: 10 pipas. Tudo á ordem.

Patacho nacional *Bom-Fim*, de Porto Alegre.

Mercadorias: 1 vol. a Francisco J. A. Leite e C.

Barca nacional *Mathilde*, de Pernambuco.

Drogas: 1 vol. a Telles e C. — Fio porrete: 3 vols. á ordem. — Objectos de metal e vernis: 2 caixas a Corrêa Leite. — Tintas: 19 vols. a Sá Vianna. — Vinho tinto: 41 pipas e 46 barris á ordem e 68 pipas e 8 ... ditas a R. Miranda.

PAGINAS MENORES.

Rio, 17 de Dezembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Por emquanto, em falta de melhor, fallemos do Theatro Lyrico, que está hoje na *ordem do dia*, justamente pela desordem em que tem andado todas estas noites, depois que o diabo lhe entrou no corpo.

Todos os jornaes tem dito a sua opinião a respeito: todas as opiniões são muito acertadas; mas parece-me que ainda ninguem chegou á consequencia necessaria deste estado anormal em que se acha o nosso theatro italiano.

Nas circumstancias actuaes, só ha um remedio, e é interromper os espectaculos pelo menos durante um mez, para dar tempo a que a nossa companhia de cantores invalidos se restabeleça, e possa novamente entrar em trabalhos.

Consta-nos que a maior parte dos embaraços e difficuldades, que a directoria tem ultimamente encontrado, nasce dos seus proprios empregados. Ora com o fechamento do theatro durante um mez, poderão os directores restabelecer a ordem necessaria, e destruir essa *soberania do capricho*, que até agora era privilegio das *prima-donas*, mas que já se vai estendendo ás comprimarias, e breve passará ás coristas e ás comparsas.

Temos um regulamento do theatro, que se não é perfeito, contém ao menos um bom numero de disposições acertadas, sufficientes para impor o respeito á alguns cantores, que, por terem meia duzia de panegyristas, entendem poder abusar da indulgencia do publico.

Faça a directoria cumprir rigorosamente este regulamento, requisite nos casos necessarios a acção da policia que se tem mostrado zelosa, e póde ficar certa que ninguem deixará de applaudir essa boa resolução, cujos effeitos salutares em pouco tempo se começarão a fazer sentir.

Que importa que um cantor, punido por uma falta de suas obrigações, seja recebido com palmas a primeira vez que apparece na scena, depois do seu acto de insubordinação? Ha sempre nos homens um bom instincto que os illude, e os faz tomar o partido daquelles que julgão opprimidos; ...

uma razão para que se deixe de manter o principio da autoridade, sem o qual não ha ordem nem tranquillidade possivel.

Se todas as infracções do regulamento tivessem sido punidas como essa de que fallamos, ninguem se lembraria de erguer uma victima no actor que cahira em falta, nem de protestar contra o acto dos directores por uma semelhante manifestação de sympathia.

Tomando a directoria a posição que lhe convem, e fechando o theatro pelo tempo necessario para preparar as operas que tem de levar á scena, poderá em pouco tempo continuar os espectaculos sem interrupção e com aquella regularidade que até hoje tem sido impossivel conseguir.

Todos os annos por este tempo a imprensa lembra a idéa de fechar-se o theatro Lyrico por um ou dous mezes, e, apezar disto, ainda não nos compenetrámos bem desta necessidade; não queremos reconhecer que se na Europa a opera italiana abre-se por uma estação, no nosso paiz, com o nosso clima, é quasi impossivel continuar os espectaculos sem dar aos artistas algum tempo de repouso e descanço.

Estou certo que este anno succederá a mesma cousa; que a directoria não julgará necessaria uma medida sem a qual se passou muito bem os annos anteriores. Mas tambem este anno veremos acontecer o mesmo que o verão passado. O theatro continuará aberto por formalidade e por luxo unicamente; os cantores estarão constantemente doentes; passarão-se dias sem espectaculo; o calor e o receio das transformações afugentará os espectadores; e por fim, depois de durar um tormentoso verão, a companhia ficará estragada e incompleta, e como o anno passado, seremos obrigados a fechar o theatro justamente quando se acabar o verão, e quando os espectaculos começarem a ser agradaveis.

Talvez percamos o nosso tempo a fallar destas cousas. O theatro Lyrico que já tomou as proporções gigantescas de uma questão de gabinete, hoje apenas serve de thema sediço ás palestras e correspondencias de jornaes. Entretanto isto não póde continuar assim; já não podemos passar sem opera italiana, e por conseguinte mais cedo ou mais tarde se descobrirão os meios de possuirmos constantemente no nosso theatro uma companhia regular e composta de artistas de merecimento.

Para isso o governo póde achar um grande auxilio no nosso *Conservatorio de musica*, dirigido pelo habil professor, o Sr. Francisco Manoel da Silva. O gosto e a aptidão que tem geralmente as brasileiras para o canto póde concorrer para o futuro do nosso theatro fornecendo as emprezas de coristas e comprimarias, e facilitando-lhe assim os meios de contratar na Europa as primeiras partes, pelo preço que pagão os melhores theatros europeus.

Na visita que o Sr. ministro do imperio fez ultimamente a este estabelecimento, assistiu aos trabalhos da aula destinada ao sexo feminino. Fizerão presentes 31 jovens alumnas, que executárão entre outras, tres peças de musica sacra, compostas pelo director, duas sobre poesias do padre Caldas, e uma sobre a letra latina — *O' salutaris hostia.*

O Sr. ministro do imperio conta visitar igualmente a aula dos meninos, e depois que tiver assistido a todos os trabalhos do Conservatorio, é de crer trate de completa-lo, annexando-lhe aulas rudimentaes, unicas que faltão, aulas de applicação, que poderão daqui a algum tempo dar-nos optimos instrumentistas para as nossas orchestras.

A escassez dos recursos é a primeira causa do pouco desenvolvimento que tem tido o Conservatorio. Os auxilios concedidos por meio de loterias, estão hoje reconhecidos como pouco efficazes, principalmente correndo ellas com longo espaço. Fôra preferivel que o corpo legislativo votasse uma dotação annual, com a qual o governo poderia contar para ir melhorando gradualmente esta instituição.

Hoje ninguem se lembra do *Conservatorio de musica*. Entretanto quem sabe d'aqui a alguns annos quantas horas agradaveis não nos dará elle por occasião dos seus concursos e dos seus exames annuaes? Quem sabe se ainda não terei de contar aos meus leitores a historia de alguma Rosina Stoltz brasileira, educada neste Conservatorio, e para quem algum Donizetti tambem brasileiro escreverá uma nova Favorita.

Talvez julguem que isto são vôos de imaginação; é possivel. Como não dar largas á imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quasi phantasticas, quando a civilisação faz prodigios, quando no nosso proprio paiz a intelligencia, o talento, as artes, o commercio, as grandes idéas, tudo pullula, tudo cresce e se desenvolve.

Na ordem dos melhoramentos materiaes sobretudo cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma cousa util para o engrandecimento do paiz.

...

de fundar em terras de uma fazenda sua uma colonia, que recebeu o nome de Petropolis. O anno passado, á imitação da primeira, se começou a crear uma nova cidade, á qual se deu o nome de Theresina. Hoje sabemos que uma terceira colonia se vai formar na serra dos Orgãos, na fazenda do Mareh; já começou a divisão dos prazos, pelo mesmo systema de Petropolis.

A situação é a mais aprazivel e a mais linda que se póde imaginar: é plana, cortada por um bello rio, e acha-se no alto da serra, n'um ponto de muita passagem, e por onde talvez tenha de seguir um dos ramaes da estrada de ferro do valle do Parahyba.

A viagem desta côrte é a mais commoda possivel. Vai-se até Sampaio em barca de vapor; o resto é um agradavel passeio de duas leguas e meia, que se póde fazer de carro, por uma excellente estrada. Reune portanto todas as condições, a commodidade, a rapidez e a segurança.

Isto no estado actual; porque logo que se começar a povoar o logar, logo que os habitantes desta côrte tiverem gozado aquelle clima frio e secco, aquelle céo sempre azul, aquellas aguas frescas e puras, logo que se estabelecer a concurrencia, não faltarão companhias regulares de omnibus e de carros, que ainda tornarão a ida mais breve e mais commoda. Então não será uma viagem, mas um passeio: poderes-ha almoçar na côrte, e ir lá jantar-se, mas jantar-se á hora curial, e não ás cinco como succede com Petropolis por causa da maré.

De maneira que daqui a uns dez ou vinte annos se as cousas continuarem assim, em vez de se passar o domingo em Andarahy, Botafogo, ou no Jardim Botanico, iremos á Petropolis, á Theresina, ou á cidade dos Orgãos; depois do almoço se estivermos aborrecidos, tomaremos a estrada de ferro e iremos por distracção ver correr o Parahyba, de noite voltaremos para o theatro, ou para o baile, e nos recolheremos tendo andado de leguas o que hoje andamos de braças.

Talvez ainda me taxem isto de sonho e de utopia. Será sonho, não o nego; mas que melhor se póde fazer neste tempo de repouso e descanso, do que sonhar? O trabalho vai cessar; as festas ahi vem, cheias de prazeres e de folias para aquelles que estão alegres e dispostos á goza-las.

As ferias começão. Os collegios se fechão desde que concluem os seus exames, os quaes este anno tem mostrado mais zelo da parte dos directores, ...

apenas o que em cada collegio o ensino resente-se um pouco da influencia de uma ou outra especialidade, conforme a educação dos directores.

Com as ferias, com os dias de festa, vem a exposição da rua do Ouvidor, verdadeira *exposição*, porque deixa a bolsa dos passeantes exposta a um perigo terrivel. Este anno apresenta-se á concurrencia uma nova casa brasileira do Sr. C. Lage, que entrou pelos dominios estrangeiros, mas com um luxo e um brilhantismo que nada tem que invejar ás casas francezas.

Se não preferis pois o socego e a tranquillidade do campo, tereis durante esses dias algumas horas bem agradaveis, vendo passar diante daquelles salões brilhantemente illuminados, tudo quanto ha de elegante e distincto na nossa sociedade.

Tereis ainda o prazer de poder escolher entre tantas galanterias, uma bem delicada, bem mimosa como as mãozinhas á que a destinardes; e em paga recebereis algum olhar, alguma palavra de agradecimento, que vos fará andar por ahi a roer as unhas e á sorrir ás palavras das calçadas até o momento em que o cruel e positivo negociante vos traduzir aquelle encantador olhar em linguagem de cifra, e lhe der um valor em moeda corrente.

Tudo isto, e os mais divertimentos que gozardes durante a festa, me referireis a primeira vez que nos encontrarmos no anno seguinte. Em troca vos contarei as festas do campo, os dias passados á sombra a conversar com algum amigo, á contemplar a natureza, e á evocar as lembranças adormecidas de outros dias já passados.

II.

Voltemos uma folha ao livro da semana. Um grande pensamento, uma idéa brilhante foi nella escripta pelo amor da patria, e pelo amor da sciencia.

O Instituto Historico do Brasil celebrou a sua sessão anniversaria sexta-feira no Paço imperial. SS. MM., o seu conselho de estado, alguns ministros, o corpo diplomatico, e quasi todas as illustrações do paiz, assistirão a este acto solemne, celebrado com as formalidades do estylo.

Depois da breve allocução do Exm. visconde de Sapucahy, o Sr. Dr. Macedo, 1º secretario, leu o seu relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno. E' um resumo completo, um pouco longo como exigia o seu assumpto, mas ao qual o seu autor soube, com rara habilidade, dar uma forma amena, e muitas vezes eloquente. Depois de mostrar a incansavel sollicitude com que S. M. continua a proteger o Instituto, o Sr. Dr. Macedo passou á enumeração dos trabalhos, e terminou por um bello trecho, notavel não só pela boa dicção da phrase, como por uma verdadeira apreciação da actualidade.

« A obra se adianta.... Vêde o quadro que já o Brasil apresenta hoje aos nossos olhos. A côrte já tem na luz do gaz um sol para as suas noites, e no fluido electrico o mensageiro de encantada rapidez. O Amazonas saúda os vapores que o sulcão, e suas margens se preparão para pagar com abundancia os esforços da industria e da civilisação. A breve estrada de Mauá accende a esperança no valle do Parahyba, por onde deve passar uma extensa linha ferrea, e o orgulho nos valles do Rio de S. Francisco, que exigem não menos de duas. De Nitheroby a Campos se projecta ainda uma outra promissora de brilhantes resultados. Ao norte e ao sul crêão-se colonias, estendem-se estradas, cavão-se canaes. Os desertos das provincias do Espirito Santo e de Minas, vão entregar suas riquezas pelo valle do Mucury.

« Ao mesmo tempo a estatistica estabelece uma academia; Colombo vê honrada sua memoria; aos cegos prepara-se uma luz artificial; o cinzel do estatuario dá vida ao marmore bruto; um grande poeta deixando a formosa Parthenope vem como Camões trazendo um poema de presente á patria atravez do Oceano, e um outro poeta não menos grande descança a penna com que cantava o descobridor do novo mundo, sómente para voltar-se á regeneração das artes.

« Sim! O Brasil progride; o futuro não póde desconvir as nossas esperanças, a obra irá avante, porque a causa acena, o genio vela, o Imperador inspira! E quando os annos tiverem corrido, a nova geração que succeder á nossa fallará com respeito e veneração do seculo de D. Pedro II. »

Em seguida, o orador do Instituto, o Sr. Porto Alegre, leu um brilhante discurso, que prima pela energia do pensamento e belleza do estylo que caracterisão sempre os seus escriptos. Ser-nos-hia difficil na riqueza daquella producção escolher como mais fino este ou aquelle trecho aquilatando-o de mais precioso do que os outros. Não podendo tambem, pelo limitado de nosso artigo, transcrever todo o discurso, apenas indicaremos ao leitor, mais ao acaso, do que por selecção, umas linhas primorosas sobre a entomologia, e um periodo bem sentido e verdadeiro, sobre as *Irmãs de Caridade*.

« A entomologia, considerada áparte, não apresenta aos espiritos fogosos e brilhantes esses encantos que a cada passo procurão; porém, se a considerarmos como um ramo dessa arvore immensa da creação, — cujo tronco, semelhante á espada do Apocalipse, parece nascer dos labios divinos, que pronunciárão o *fiat*, — é de um encanto indizivel e de relações mais amplas, do que se crê, na vida do universo.

« A Providencia parece haver cedido uma planta a cada insecto, e mostrado nessa vida de metamorphoses, ...

das diarias e annuaes, na historia de um insecto, toda a historia do homem e da verdade que elle busca.

« Todo o procedimento e a chrysalida mysteriosa de uma verdade intuitiva; o mytho é o envoltorio de um facto historico, é o casulo de uma phalena que não define á luz dos tempos, á sua luz da analyse e raciocinio, e entes prosegue atravez de novas gerações.

« A entomologia póde conduzir o estadista a formar a estatistica approximada da riqueza de um paiz: cada insecto tem sua planta, a planta o seu terreno, e o terreno as suas variedades e riquezas. Mr. Auguste de St.-Hilaire lastima, na sua estimabilissima viagem ao Brasil, a respeito dos companheiros das flôres, o seguinte:

« Os que formão collecções tem levado para a « Europa a maior parte dos insectos que vivem no « littoral do Brasil; os tem arranjado em quadros « com mais ou menos ordem; os tem classificado « com arte, segundo sua organização; mas ninguem cuidou ainda até hoje em estudar seus « costumes tão variados, suas astucias, seus amores, e a America ainda espera um Reaumur ou « um De Geer. »

Fazendo depois o elogio do fallecido socio e senador José Clemente Pereira, o Sr. Porto Alegre *diz*, a respeito dos monumentos que deixou e das *Irmãs de Caridade*, o seguinte:

« Nestes dous monumentos, levantados á caridade, caminha a par do util o serio e o luxo no interior; elles são as balizas d'arte que marcão por sua grandeza e magnificencia a transição do espirito brasileiro para uma nova época; todo o poder decorreu das nobres aspirações que elaboramos, e que em parte já estão encetadas. E para mais dignamente os edificar no mundo da santidade, para mais torna-los dignos do respeito e do amor de todos os corações bem formados; para torna-los um jardim celeste e milagrosas saudades, e tantos trabalhos, o nosso consocio os adornou com as filhas de S. Vicente de Paula, com as heroicas Irmãs da Caridade.

« Heroinas sem par nas legiões das virgens do campo; mulheres incomparaveis; deixão a christianissima patria, passão os mares, e vem das regiões longinquas da America conquistar a palma do martyrio, o erguer os tropheos da sua virtude sobre a base daquelle monolitho, necropolis dos missionarios de Jesus: a peste as definha, queima e prostra, e ellas se erguem impavidas pronunciando o nome de Jesus e correm ao perigo, ao leito do moribundo, onde a morte as espera, mas onde a caridade as fortifica e immortaliza.

« Eu beijo com veneração as pegadas dos seus passos, e felicito-me de haver encontrado na patria essas peregrinas do amor divino; essas virgens que nos purificão com o seu nobre exemplo, o sagrão o solo brasileiro com seus corpos inanimados, com os companheiros de sua alma bemaventurada. »

A sessão litteraria terminou pela leitura de uma memoria importante do Sr. Dr. Schluch de Capanema sobre o celebre naturalista Saint-Hilaire.

experiencia de guerra, recebe o collega os nossos cordiaes agradecimentos.

Vamos porém á conciliação, e neste momento respondemos tanto ao *Velho Brasil* como aos seus novos alliados os redactores da *Patria*, folha que se publica em Nitheroby. Donde vem essa ogeriza com a palavra, se não guerreia a idéa? O *Velho Brasil* declara que todas as suas tendencias, todas as suas aspirações, o seu estado reflectido de situação, o levárão em certa quadra a pregar o atrasamento completo dos partidos politicos em antagonismo, afim de que todos alhassemos para os adversarios sem os preconceitos da luta, e portanto de modo a fazermos justiça aos seus merecimentos individuaes. Refere um facto que é do dominio publico;—o plano que se malogrou da fundação de um grande jornal, sob as inspirações de um grupo conservador da provincia do Rio de Janeiro, jornal de concordia e de doutrinas, em que devião collaborar os Srs. Amaral, Rocha, Salles, Octaviano e outros. Nos fazendo essas declarações, o collega as fecha sentenciosamente com a seguinte restricção: « *Não quero que um desertôr, só por esse titulo, obtenha favores do governo.* »

Concordamos plenamente com o *Velho Brasil*. Tambem nós não queremos esse extremo vicioso, e julgamos que mais do que ninguem o governo tem interesse em não adoptar semelhante aberração como principio de politica. Mas agora diga-nos o collega se o governo deve repellir do seu presença qualquer cidadão, só pelo facto de ter sido propugnador de uma causa condemnavel, mormente quando esse facto foi atalhado em muita constitucional, ... pelo chefe do Estado? Diga-nos o collega se pela sua theoria de conciliação ficão excluidos da sociedade brazileira, e não podem promover os interesses materiaes e moraes das provincias onde nascêrão, todos os liberaes que por um errado calculo se atirárão da estrada constitucional em outras épocas?

Ao menos a *Patria* procede mais logicamente; a questão para ella não é conciliação maior ou menor, tanto que se declara contra todos os que se lembrão que o governo representa a direcção do paiz, e que pensando assim acolhão as nomeações do governo como meio de servirem o paiz. A *Patria* desconfia com razão da politica tolerante e moderada do gabinete, porque enxerga ahi a morte do antagonismo politico, e portanto a duração de um gabinete composto de homens que não pertencem ao lado extremo em que milita aquella folha. Mas a *Patria*, apezar da habilidade com que se apresenta doutrina do *Velho Brasil*, deixa claramente entrever que no dia da victoria, se acaso esses dous contendores derrotassem o ministerio, o ajuste de contas dos alliados se converteria em uma nova guerra.

para Igualdade e Soledade.

— Festejo-se hoje:

O Senhor de Redempção na igreja da Lampadosa;

Nossa Senhora das Dôres na freguezia do Santissimo Sacramento.

ESTATISTICA DA CIDADE.

Matadouro publico.—Para consumo da cidade matárão-se hontem 216 bois e 5 vitelas.

Meteorologia.—No dia 17 foi a maior temperatura de 25,5 gráos do thermometro centesimal, ou 77,9 de Fahrenheit, ás 2 horas da manhã; a menor pressão atmospherica de 753,45 millimetros do barometro a 0, e a humidade de 81 gráos do hygrometro condensador em todo o dia.

Cortiços.—Segundo as indagações policiaes a que se procedeu ultimamente na freguezia de Santa Rita, consta que ahi existem 32 cortiços com 483 quartos, nos quaes morão 786 homens e 591 mulheres.

Dos homens 186 são Brasileiros e 600 estrangeiros; 460 são solteiros e 126 casados; 718 são livres, 38 libertos e 10 escravos; 39 são menores, e os mais adultos e velhos; 403 são artistas, 80 quitandeiros, 95 carroceiros, 118 trabalhadores, 71 sem profissão conhecida.

Das mulheres 173 são Brasileiras e 96 estrangeiras; 228 são solteiras e 40 casadas; 223 são livres, 37 libertas e 8 escravas; 37 são menores, e as mais adultas e velhas.

Nos 32 cortiços ha 382 quartos terreos e 126 assobradados. Dos terreos 32 são assoalhados; os corredores, areas e pateos de 6 cortiços estão calçados de pedra ou ladrilho; 11 não tem o necessario asseio, e 1 ameaça ruina.

Dos dados que acabamos de apresentar fica demonstrado que se achão aglomeradas em 32 casas, pela maior parte immundas e acanhadas, 1,054 pessoas!

Obituario.—Fallecêrão na cidade, no dia 16 do corrente, 5 pessoas livres e 6 escravas: das livres 1 homem e 4 mulheres, a saber:

Quintiliano de Mello Souza Menezes, natural do Rio de Janeiro, 48 annos, casado, official reformado, morador no Castello. Gastro-interites.

Maria, innocente, filha de Luiz Gomes Anjos, natural do Rio de Janeiro, 2 1/2 annos, moradora na rua do Conde. Gastro-hepatites.

Rita, innocente, filha de Francisca Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 18 mezes, moradora na rua do Aljube. Meningite.

Luiza Maria da Conceição, Bahia, 40 annos, casada, moradora na rua Nova do Principe. Congestão cerebral.

Anna Rita da Conceição, natural de Santa Catharina, 13 annos, moradora no Campo de Santa Anna. Bexigas.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 17 do corrente, 3 pessoas livres e 2 escravas, a saber:

Manoel Mendes Farias, Brasileiro, 27 annos. Ascite.

Thomé de Paula Freire, natural do Rio-Grande do Sul, 27 annos, solteiro, negociante. Ascite.

Francisco Antonio da Silva Brandão, natural da Africa, 16 annos, solteiro, pescador. Tuberculos pulmonares.

não estão muito seguros, e que Espartero está alinhado em terreno tão baixo, que a vista do mar que se alcança do porto é mui limitada. Presumimos antes que os Judeus que tiverem podido retirar-se das costas ter-se-hão recolhido para o seu valle sagrado, que é quasi inaccessivel, e onde aprendêrão dos antigos tempos a recorrerem os seus thesouros, para fugirem de certos encargos que todavia não temem mais do que a actual conscripção. Nesse valle ... elles uma fortaleza; mas ainda que os Russos os obriguem a cedê-la para servir de fortificação ao Czar, não ficarão os alliados de peior partido, porque a unica fonte que fornece agua está ao pé do rochedo, d'onde com facilidade poderião os invasores apoderar-se da fortaleza.

Lembraremos que os Judeus karaites se distinguem dos Russos pela sua intrepidez, e dos Tartaros pela sua illustração, e que constituem elles uma parte muito importante da população da Crimêa.

E' a melhor gente daquelle paiz, exceptuando-se todavia a élite dos Armenios e alguns Allemães. A consideram-se a liberdade de que actualmente gozão de facto os Judeus na Turquia, comparada com a que ora lhes é concedida na Russia, difficil seria presumir da parte dos Judeus da Crimêa mui seria opposição a que esta magnifica região fosse restituida ao mahometismo, e libertada pelas mãos de outros christãos que não da igreja grega.

Os Tartaros, apezar de reduzidos em numero e bens, são ainda os que mais avultão na população. Suppõe-se que sobem a metade, cerca de 100,000 almas. Não erão nem muito valentes nem muito fortes quando o exercito de Catharina tomou posse do paiz que lhes pertencia. Todos fugirão ou rendêrão-se ao primeiro fogo dos Russos; e por isso congratulou-se a Czarina de ter annexado para todo sempre a Crimêa ao imperio moscovita. Ha dizer 72 annos; e desde esse tempo a população tartara nunca tem cessado de decahir em espirito e industria, em caracter e fortuna. Ainda sobrevivem tradições do antigo esplendor do seu paiz e povo; fiel á sua fé religiosa, e o sultão é o seu chefe espiritual.

As planicies que habitão, outr'ora ferteis, talvez se tenhão tornado estereis, secundando-se a aberta no meio de circumstancias, e passando algumas nas ruinas dos oblidos tartaros; por essa razão ainda menos gostão os Tartaros dos Russos, e de certo não desejão que se prolongue a oppressão do Czar no seu paiz. Não se cansão muito, nunca tomão o trabalho de andarem a pé o comprimento de um só valle que possão percorrer a cavallo; e não é difficil adivinhar para onde se dirigem. Do alto de seus ninhos, no meio dos rochedos, estão sem duvida de vigia, a fazerem signaes para baixo de suas familias. Ainda deltes estende-se a planicie, como sombrio mar, até ao horizonte; e algumas vezes, á espera de tropas do Occidente ou do correio do Mencor. Diante delles estende-se até o horizonte o opposto e verdadeiro mar, brilhante e azulado; e na haste volta desponta do lado da costa Armenia dirigindo-se para Theodosia, ou de Anapa para Kertch. Outros olhão para o lado do Occidente ainda com mais ardor. Abaixo dos das casas elles...

... chaleiras, no meio dos quaes estão empoleirados, velhos pinheiros; por baixo dos pinheiros, ... carvalhos, ... o espelho da Russia; por baixo dos carvalhos, terras cultivadas, matizadas de casualinhas e oliveiras, as quaes se seguem, sempre descendo plantas de vinhas, pomares e jardins que se estendem até á beira-mar; e sobre esta costa vê-se ao longe brilhar ao sol da tarde uma pastagem coberta de pontos pretos e cercada de edificios. E' Sebastopol. Ha ali mais perto olhos observando das alturas os seus tanques, o seu

... feitos de primeira ... encontra os Jesuitas, ainda que os bons padres fossem obrigados a recorrer aos seus interpretes para lhes traduzir os sermões, que depois repetião do pulpito sem os comprehender, mas sem commetter erros de pronunciação.

Quando o novo culto contava mais de um milhão de adherentes entre todas as classes, suscitárão-se conflictos de etiqueta pela importancia de certos dignitarios ecclesiasticos; e accusações verdadeiras ou falsas ... o governo que a propagação religiosa ... das massas ... dos seus neophytos.

Foi pois promulgado um decreto de proscripção, e o christianismo nascente extinguiu-se entre as torrentes de sangue dos seus neophytos.

Esta crise ainda não estava apaziguada quando a lembrança da riqueza ameaçada pelos catholicos, e que todos os annos transportavão do Japão para Macáo, excitou os Hollandezes, que então se achavão numa expedição naval. O unico navio chegado às paragens Japonezas perdeu-se sobre os rochedos; era commandado por um inglez chamado William Adams, nascido em Gillingham, no condado de Kent, que por sua morte deixou uma narração curiosa, da qual muitos fragmentos se conservárão. Depois de haver jazido por algum tempo com os seus companheiros doentes em uma casa posta á sua disposição pelas autoridades locaes, Adams foi chamado junto ao imperador, que o interrogou a respeito da sua nação e do estado politico da Europa. Apezar dos esforços dos Jesuitas, que pretendêrão fazer passar os Inglezes e Hollandezes por povos piratas, pondo mesmo alguns em prisões, Adams ganhou os favores do principe, recebendo delle as mais claras provas de interesse, sem comtudo se poder escapar.

Nesta época os Japonezes mantinhão um commercio activo com os paizes situados a leste do estreito de Malaca. Em 1608 um dos seus juncos, construido de cedro, com velas de esteira, ancorou de páo e cordas de palha, entrou em Macáo. Foi seguido de muitos outros, cujas equipagens não tardárão em commetter excessos. O governador da cidade, André Pessoa, ... atacar e prender pelos seus tropas em uma casa. Os japonezes defendêrão-se corajosamente; mas forão mortos, outros prisioneiros e remettidos ao Japão, depois de obrigados a assignar uma exposição do negocio, que o governador dirigiu ao imperador, mas que elles tiverão o cuidado de desmentir apenas chegados ao meio dos seus compatriotas. No anno seguinte Pessoa levou a imprudencia de conduzir elle mesmo um galeão a Nangasaki, onde os Portuguezes tinhão a permissão de traficar.

As difficuldades sobrevierão promptamente, suscitando-se projectos de vingança, quando ... Arima foi encarregado de pôr em pratica. A ambição dos grandes fez esquecer a Pessoa todos os conselhos da prudencia ... o galeão foi ... sitiado, e primeiro assalto ... resultado. Mas uma calmaria o surprendeu em uma passagem estreita; foi entao atacado, sendo destruido o seu navio carregado de riquezas; e todos aquelles que pretendião nadar forão mortos a tiro de espingarda. Este incidente não foi termo de relações que os jesuitas e os negociantes de Macáo mantinhão; mas todas as confianças foi subjugada, e depois de diversas vicissitudes os Portuguezes forão expulsos, recebendo a fé catholica ao mesmo tempo o ultimo golpe.

No entretanto William Adams não havia perdido a esperança de tornar a ver o seu paiz natal;

não diverão melhor resultado.

Em 1849 o navio *Mariner* visitou o Japão, e lançou ferro em Orowaga a 25 milhas da capital. O commandante não teve licença de desembarcar, e durante a sua demora o navio esteve cercado de botes armados, promptos a atacá-lo em caso de resistencia.

Os Estados-Unidos pela sua parte já havião mandado para o mesmo fim os navios *Morrison* e *Hearmaiden*, sem obterem melhor successo. Estava reservado ao commodoro Perry conseguir um resultado tão satisfactorio, podendo á frente da uma esquadra ... entrar com ... na côrte do Japão, e obriga-lo a concordar que lacrasse os portos do principio as transacções entre as nações europeas, e um imperio que, salva uma unica excepção, persistira até hoje em afastar-se das seus mercados.

(*Prose.*)

VARIEDADE.

A pyrotechnia militar e a chimica.

(*Continuado do n. 304.*)

VII.

Forão ainda os alchimicos, esses herméticos ... da idade média, que, na expressão de Voltaire, pulsirão os corpos e os espiritos, os primeiros que fizerão um estudo serio das substancias inflammaveis, e determinárão as propriedades e os effeitos de projecção do mixto formado de salitre, enxofre e carvão, corpos alliás conhecidos de mais remotos tempos, colhendo dest'arte os principaes factos em que no depois devia assentar-se a sciencia pyrotechnica.

O apparecimento da polvora na Europa, uma das épocas mais notaveis da marcha progressiva do espirito humano, constitue por si só a mais importante pedra lançada para fundamento do grande edificio da arte militar.

Nem se diga que o conhecimento que povos de mais longe data possuirão desses ingredientes empregando-os simplesmente em fórma de gomaina misturas, preparadas só no intuito de produzirem o fogo de tanta predilecção como meio de ataque para certos paizes da Grecia, possa ser tomado como uma prova evidente de que nesse tempo já era conhecido o nosso principal agente de guerra; porquanto, quer nas lingua incendiarias que eram apenas empregadas em serem combate corpo a corpo, quer tambem nos tubos grupos, lançados por intermedio de machinas de projecção, differentes dos nossos canhões, dirião-se o mais leve vestigio das qualidades dynamicas da polvora actual; e tão composições inflammaveis, mas que não deixavão ... no momento de sua inflammação força capaz de mover corpos pesados como os projectis de artilharia. Dizem que o architecto Callinico e Marcus Græcus, que vivêrão no sexto e nono seculo, redigirão tratados ácerca da fabricação e emprego dos fogos de guerra; mas todas as composições, cujas receitas elles indicárão, não passavão de materias incendiarias que nunca detonárão.

A differença entre o que se faz hoje e o que se faria outr'ora, quiçá com os mesmos elementos, provém em grande parte de que então a arte de

lutar ... que em ... a ... por de ... logo pelo proprio fogo, assim como outr'ora essas pesadas massas erão lançadas pelos onagros, catapultas, fundibulos e outras machinas de projecção. O uso que anteriormente fazia-se dos fogos gregos, do que ha pouco fallámos, e teremos ainda occasião de fallar quando tratarmos dos foguetes de guerra, impropriamente denominados de congreve, trouxe a idéa de encerrar em espheras ôcas ou tubos materias incendiarias e explosivas, no intuito de produzir-se o incendio e a explosão; daqui igualmente não era difficil conceber um modo de impellir corpos duros e chocantes, tães como de cobre, ferro, chumbo, etc.

A descoberta pois da polvora, que teve logar no fim do decimo-terceiro seculo, trouxe como necessaria e infallivel consequencia a invenção das armas de fogo e de todos os projectis de artilharia. Ella não devera nascer de uma combinação de circumstancias imprevistas ou do acaso que produzio o alchimista do alambique, hoje ainda citado, mas dos esforços e fadigas de um sabio mathematico, que, conhecendo a importancia da chimica, cultivou-a de um modo por que já fizemos ver; a historia nos fornece a respeito provas as mais incontestaveis.

(F. C. de Luz.—*Continúa.*)

COMMERCIO.

RIO DE JANEIRO, 18 DE NOVEMBRO DE 1854.

Cotações da junta dos srs. corretores.

Dia 18.

Acções:

Banco Rural, 115$000 de premio.

Em café nada se fez.

COTAÇÕES.

Cambio sobre Londres,	26 d. a 26 1/8 d.	
»	» Antuerpia,	313.
»	» Paris,	345 a 348.
»	» Hamburgo,	630.
»	» Havre em Paris,	346.
»	» Marselha em Paris,	342 a 345.

METAES E FUNDOS PUBLICOS.

Onças hespanholas	29$000
» da patria	28$950 a 28$950
Peças de 6$400 velhas	16$000
Moeda de 4$000.	9$000
Soberanos.	8$700 a 8$800
Pesos hespanhoes.	1$910 a 1$960
» da patria.	1$900
Patacões	1$910
Apolices de 6 por cento. . . .	110 %
» provinciaes.	102 % ex-div.

FRETES.

Antuerpia. . . .	42 a 45 d.	Havre.	70 fr.
Canal.	55/.	Liverpool. . . .	45 a 50/.
Falmouth . . .	70 a 80 sem.	Londres	50/.
Hamburgo . . .	55/.	Mediterraneo . .	57 a 60/.

— Barca amer. *Grey Eagle*, Philadelphia, varios generos.

Entrão sobre agua — Brig. dinam. *Otto*, Hamburgo, varios generos.

— Brig. ing. *Golden Eagle*, Liverpool, varios generos.

— Barca ing. *Harriett*, Londres, varios generos.

— Barca ing. *Mebretl*, Terra-Nova, bacalháo.

CONSULADO.

Rendimento do dia 1 a 17.	112:8784758
» do dia 18.	1:1892296
Réis.	113:9982054

EMBARQUES DE CAFÉ NO CONSULADO NO DIA 18.

G. Moon e C. (New-Orleans) 700 saccas; Putrocochino (dito) 480; Naylor irmãos e C. (dito) 384; Schroeder e C. (New-York) 320.

Ponte municipal.

M. F. Pinto (Havre) 362; D. Leverd e C. (Havre) 17.

Total.	2,263 saccas.
E desde o 1° do mez.	94,200 »

EXPORTAÇÃO.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS NO DIA 18.

Cabo da Boa Esperança—Barca sueca *Sirbalmo*, de 279 tons., consig. o capitão; segue com a carga com que entrou.

Falmouth—Lug. hamb. *Maria del Pilar*, de 221 tons., consig. Kersteln e Sibeth; manif. 2,260 saccas de café.

Marselha—Berg. dinam. *Carl Emil*, de 216 tons., consig. Schroeder; manif. 2,800 saccas de café.

Porto—Barca port. *Nossa Senhora da Boa Viagem*, de 394 tons., consig. Antonio Gomes Netto; manif. 26 saccas e 1 barrica de café; 100 caixas, 17 barricas e 3 feixes de assucar, 36 couçoeiras de jacarandá, 88 duzias de olho e 4,619 couros.

New-York—Pal. amer. *Delphin*, de 273 tons., consig. Astley; manif. 2,951 saccas de café.

New-Orleans—Barca amer. *Maria*, de 433 tons., consig. Astley; manif. 4,504 saccas de café.

—Berg. amer. *Zeno*, de 262 tons., consig. Astley; manif. 2,882 saccas de café.

Pernambuco—Berg. ing. *Harriet*, de 233 tons., consig. o capitão; segue em lastro.

Paranaguá—Brig.-esc. nac. *Flôr de Itapemby*, de 86 tons., consig. Joaquim Alves da Costa Pinto; manif. varios generos.

Rio Grande—Berg. nac. *Norma*, de 214 tons., consig. José Maria de Sá; manif. varios generos.

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO NO DIA 18.

Havre — na gal. franc. *Leveillant*, Henri Fraget, 4 fardos de algodão em rama.

Lisboa—no berg. port. *Fortunata*, A. J. A. Souto, 8 caixas de assucar.

Montevidéo — no pat. nac. *Philémio*, José Ignacio da Cunha Vianna, 8 caixas de tijolos de doce.

New-Orleans—no berg. amer. *Zeno*, Naylor irmãos, 300 saccas de café.

New-York—na barca amer. *Maine Law*, Schroeder, 320 saccas de café.

PAGINAS MENORES.

Rio, 18 de novembro.

AO CORRER DA PENNA.

(*Revista.*)

Se a mythologia dos povos antigos tivesse dado *Venus* de mulher, de fada ou nympha, ás semanas, como o fez com as luas, não me veria ás vezes em tão serios embaraços para escrever esta revista.

Em logar de estar á cogitar idéas, á pensar novidades, e á lembrar-me de factos e cousas passadas, pediria emprestado a alguns dos typos da grande galeria feminina as feições e os traços para desenhar o meu original.

Assim quando me viesse uma semana alegre e risonha, mas muito inconstante, com uns dias cheios de nuvens, e outros, limpidos e brilhantes illuminados pelos raios esplendidos do sol, uma semana elegante de theatros e de bailes, imaginaria alguma fada de formas graciosas, de olhos grandes, com uma certa altivez misturada de uma *désinvolture* de fazer-l'ar...

Vestiria a minha fada de branco com algumas flôres côr de rosa, e pedir-lhe-hia que me contasse com toda a graça e travessura do seu espirito os segredos de suas horas e de seus instantes.

Ao contrario, se fosse uma semana bem calma e bem tranquilla, em que os dias corressem puros e serenos, em que houvesse umas bellas noites de luar bem suaves e bem calmas, de céo azul e de estrellas scintillantes, lembrar-me-hia de alguma morenninha da minha terra, de faces côr de jambo, e jos *adormidillos*, como dizem os Hespanhóes.

Então escreveria uma poesia, um poema, um romance ou um idyllio singelo, e livrava-me assim de metter-me em certas questões graves e importantes que occupão a actualidade. Faria como o poeta; e limitar-me-hia ás pequenas cousas que me tivessem interessado. *Nugæ*, *quorum pars parva fui*.

E' verdade, que quando me acertasse cahir uma semana como esta passada, onde iria eu procurar um typo, um modelo que a caracterisasse perfeitamente? Lembro-me de uma mulher, que descreveu Byron, a qual, com algumas modificações, talvez me pudesse bem servir para o caso.

Seu unico aspecto (da mulher) valia um discurso academico; cada um de seus olhos era um sermão; na sua fronte estava estampada uma dissertação grammatical. Emfim, era uma arithmetica ambulante. Dir-se-hia uma correspondencia ou algema velha polemica que se houvesse despegado do seu competente jornal, para andar pelo mundo á discutir e á argumentar.

Com effeito só este typo imitado do D. Juan poderia dar uma ligeira idéa da semana passada, a qual n'um formulario de botica podia bem traduzir-se pela seguinte receita: — uma dóse de sol, duas de chuva, e tres de maresia. Admiravel receita para curar a população desta côrte da febre de novidades que tem produzido a guerra do Oriente.

Os antigos porém, que fazião tanta cousa boa, esquecêrão-se dessa invenção de personificar a semana, e por conseguinte não ha remedio senão deixar as comparações, e voltar ao positivo da chronica, desfiando facto por facto, dia por dia.

Aposto que já estais a rir deste meu projecto, perguntando com os vossos botões, que factos são estes que descobri na semana passada, que acontecimentos se derão nestes dias, que valhão a pena, não já escrever simplesmente, mas contar.

Has ver. Em primeiro logar contar-vos-hei que a semana teve sete dias e sete noites, tal e qual como as outras. Destes sete dias muitos forão de chuva, e alguns estiverão tão bellos, tão frescos, tão puros, que sentia-se a gente renascer com o sol que vivificava a natureza. As noites forão quasi todas de inverno e de theatro.

No Provisorio estreou a nova cantora, completando-se assim o numero das tres damas que devem disputar o pomo de ouro, o qual tambem foi pomo da discordia. O publico *dilettante* está por conseguinte arvorado em Paris; e os poetas já se preparão para cantar a nova Illiada e as causas terriveis de tão funesta guerra. *Et teterrima belli causa.*

Em S. Pedro de Alcantara o apparecimento de João Caetano produzio uma noite de enthusiasmo, e um novo triumpho para o artista distincto, unico representante da arte dramatica no Brasil.

Infelizmente as circumstancias precarias do nosso theatro, ou outras causas que ignoramos, não tem dado logar á que João Caetano forme uma escola sua, e trate de elevar a sua arte, que no nosso paiz ainda se acha completamente na infancia.

E' á este fim que deve presentemente dedicar-se o actor brasileiro. Sua alma já deve estar saciada destes triumphos e dessas ovações pessoaes que são apenas a manifestação de um facto que todos reconhecem. Como actor, já fez muito para sua gloria individual; é preciso que agora como artista e como Brasileiro trabalhe para o futuro da sua arte e para o engrandecimento do seu paiz.

Se João Caetano comprehender quanto é nobre e digna de seu talento esta grande missão, que outros, antes de mim, já lhe apontárão; se, corrigindo pelo estudo alguns pequenos defeitos, fundar uma escola dramatica que conserve os exemplos e as boas lições do seu talento e da sua experiencia, terá aberto-se para elle uma nova época.

O governo não se negará certamente a auxiliar uma obra tão util para o nosso desenvolvimento moral; e em vez de vãs ostentações, de corôas e de versos que se procurão engrandecer unicamente pelo assumpto, terá o que lhe tem faltado até agora, o apoio e a animação da imprensa desta côrte.

Uma das cousas que tem obstado á fundação de um theatro nacional é o receio da inutilidade a que será condemnado este edificio, com o qual de certo se deve despender avultada somma. O governo não só conhece a falta de artistas, como sente a difficuldade de crea-los, não havendo elementos dispostos para esse fim.

Não temos uma companhia regular, nem esperanças de possui-la brevemente. A unica scena onde se representa em nossa lingua occupa-se com *vaudevilles* e comedias traduzidas do francez, nas quaes nem o sentido nem a pronuncia é nacional.

Deste modo ficamos reduzidos unicamente ao theatro italiano, para onde somos obrigados, se não preferimos ficar em casa, a dirigirmo-nos todas as noites de representação, quer *cante* a Casaloni, quer *encante* a Charton, quer *desencantem* as coristas. Tudo é muito bom, visto que não ha melhor.

Já algumas vezes temos censurado a directoria do theatro por certas cousas que nos parece se podem melhorar sem grandes sacrificios. Hoje cumpre-nos fazer-lhe uma justiça, e até um elogio, que ella merece sem duvida alguma, pela resolução que nos consta ter tomado de reparar o edificio e illumina-lo á gaz.

A policia tambem tem-se esmerado em fazer cessar as scenas tumultuarias e desagradaveis, que se ião tornando tão frequentes naquelle theatro, e que se continuassem, acabarião por afugentar delle os apaixonados da musica italiana, deixando em socego os apaixonados da musica de batuque.

Não é porém unicamente no theatro que a policia tem dado provas de actividade. Effectuou-se esta semana a prisão de um moedeiro falso, que se preparava á montar uma fabrica dessa industria lucrativa.

O crime de moeda falsa é um dos mais severamente punidos em todos os paizes, porque ameaça a fortuna do Estado e a dos particulares. Entretanto não acho razão no legislador em ter punido unicamente o falsificador de moeda, deixando impunes muitos outros falsificadores bem perigosos para a nossa felicidade e bem-estar.

Todos os dias lemos nos jornaes annuncios de dentistas, de cabelleireiros e de modistas, que apregoão postiços de todas as qualidades, sem que a lei se inquiete com semelhantes cousas.

Entretanto imagine-se a posição desgraçada de um homem que tendo-se casado, leva para casa uma mulher toda falsificada, e que de repente em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresenta-lhe o desagradavel aspecto de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificadores pendurou um producto de sua industria.

Quando chegar o momento da decomposição deste todo mechanico, — quando a cabelleira, o olho de vidro, os dentes de porcellana, o peito de algodão, as anquinhas, se forem arrumando sobre o *toilette*,—quem poderá avaliar a tristissima posição desse infeliz victima dos progressos da industria humana!

Nem ao menos as leis lhe concedem o direito de intentar uma acção de falsidade contra aquelles que o lográrão, abusando de sua confiança e boa fé. E' uma injustiça clamorosa que cumpre reparar.

Um homem qualquer que nos dá a descontar uma letra de uns miseraveis cem mil réis falsificada por elle, é condemnado á uma porção de annos de cadêa. Entretanto aquelles que falsificão uma mulher, e que desgração uma existencia in-

nos planos de um despota a entrar no circulo de seus dominios. Apresentou-se perante o mundo solicitando, por meio dos agentes diplomaticos, o reconhecimento daquella independencia. Obteve-o da Austria, de Portugal, de Venezuela e do Estado Oriental. O Paraguay passou a ser estado, de provincia que era; a ambição de Rosas achou-se em luta com o desinteresse e generosidade do Brasil.

O passo estava dado: cumpria-nos ir por diante. O agente de Rosas muito cêdo fulminou-nos com as suas iras de papel; a imprensa de Buenos-Ayres agitou-se em objurgatorias infamantes; Oribe fazia correrias contra as nossas propriedades e commercio. Entretanto não recuámos. Pedio-nos por fim que nos conservassemos neutraes, que deixassemos os Paraguayos a sós com os seus recursos.

Respondemos a esse pedido com a remessa das munições de guerra no tempo do Sr. Pimenta Bueno; com a remessa de armas feita pelo presidente do Rio Grande do Sul, Pedro Ferreira de Oliveira; com outra remessa importante para a qual um cidadão natural do imperio pedio o obteve autorisação do governo.

Respondemos ainda, mandando instructores para o exercito paraguayo, os Srs. major Portocarrero e capitão Cabrita, e para a sua marinha os tenentes Cunhada e Soares Pinto; — remettendo peças de artilharia e munições de guerra; — negociando em Roma a confirmação de dous bispos, que forão sagrados em Cuyabá.

Respondemos finalmente com o tratado de 25 de dezembro de 1850, em que asseguramos ao Paraguay uma alliança offensiva e defensiva.

As consequencias desses nossos actos, dessa protecção franca e decidida, vierão logo após. Tivemos de soffrer todas as aggressões de Rosas e de Oribe, até que a marcha dos acontecimentos levou-nos a Palermo.

Então, para coroar a sua obra, o governo imperial alcançou, por meio dos diplomatas brazileiros, um tratado em que a Confederação Argentina reconhecera solemne e terminantemente a independencia do Paraguay.

Agora que os nossos leitores seguirão o fio destes factos, de que o governo paraguayo já se não lembra (pouco tempo lhe bastou para isso!), vamos dar-lhes conhecimento de um artigo publicado no n. 55 do *Semanario*, folha official e confidencial daquelle governo, unica que se tolera naquelle paiz, escripta até mesmo pelo presidente da Republica, segundo o asseverou officialmente o consul americano, o Sr. Hopkins, ultimamente destituido e expulsado pelo dito governo.

... Rio de Janeiro pelas pretenções exorbitantes do governo imperial, que agora chama concessões.

Então foi que o Sr. Pereira Leal, encarregado de negocios do Brasil, teve a missão de negociar um tratado de navegação, commercio e limites. Porém trazia-nos o ultimatum de que o Paraguay reconheceria ao Brasil a divisa do Apa, e o Brasil ao Paraguay a Bahia Negra no Chaco, e isto sob a condição de obrigar-se o Paraguay a ajudar o Brasil nas suas questões com a Bolivia. Pelo Alto-Paraná queria o Brasil dominar as duas costas desde o logar onde principião as possessões brasileiras, sem assignalar esse logar, a buscar o Apa.

Tal foi o projecto que apresentou o Sr. Leal, sem acompanha-lo de nenhum poder do seu governo, mas satisfeito de dizer que os obtinha plenos; não era possivel dar logar a semelhantes pretenções: — prejudicar o Paraguay em seus limites, e isto com a pretenção de que lhe reconhecesse direito desde o sul da Bahia Negra, e o ajudasse contra a Bolivia. O nosso governo, naquella occasião, fez o conveniente protesto de suas melhores disposições, e da confiança que nutria de chegar a um arranjo de limites conveniente ao bem e segurança dos dous paizes, e declarou que, no entretanto, não era possivel um tratado de navegação e commercio no Alto Paraguay.

Diz o Sr. ministro dos negocios estrangeiros que o nosso governo apresentára pretenções absolutamente inadmissiveis: — a neutralidade do territorio situado entre os rios Apa e Branco, na margem oriental do Paraguay, e na occidental do Alto-Paraná, uma linha divisoria a começar do Salto-Grande pelo cume das serras de Amambay e Maracajú até encontrar as vertentes do dito rio Branco, pelo seu curso até á sua confluencia com o Paraguay. Desde que o governo brasileiro repelliu estas bases por absolutamente inadmissiveis, ficámos livres para retirar e revogar inteiramente essas bases inconvenientes que o governo da Republica adoptou unicamente *porque forão propostas pelo seu encarregado de negocios*, quando não erão conhecidas as vistas que agora revela o gabinete do Rio de Janeiro.

Nenhum fundamento teve D. Manoel para dizer que o Sr. Pimenta Bueno afastou o Exm. Sr. presidente da Republica da alliança projectada por Rosas; jámais aquelle homem funesto pôde sonhar em semelhante alliança, incompativel do seu insensato designio de dominar a Republica, porque teria sido um acto de reconhecimento da nacionalidade paraguaya. Pelo contrario, quando o nosso governo ajustou com o de Corrientes um tratado de alliança offensiva e defensiva contra Rosas, o Sr. ministro brasileiro censurou o Sr. Pimenta Bueno por não se ter empenhado em dissuadir desta alliança o governo da Republica, com o especioso pretexto de que *esperar não é calar*. Felizmente o nosso governo acertou na medida daquella alliança, porque a ella foi devida a retirada do general Urquiza; sem o exercito auxiliar paraguayo teria podido vencer Corrientes, e collocar-nos em apuros para augmentar as forças da nossa fronteira. O que a Republica podia esperar então do Brasil, já o disse o Sr. Jobim, que o governo do Brasil entendera que não devia involver-se em complicações, tratando com o governo do Paraguay.

Como pois o Sr. Jobim pôde dizer que na missão do Sr. Pimenta Bueno a necessidade e o medo do dictador da Confederação Argentina obrigára o presidente da Republica a apoiar-se no Brasil e tratá-lo com todas as attenções? Era o Brasil e não o bom do com os Estados vizinhos.

Disse mais D. Manoel que o Brasil é tratado sem nenhum respeito por uma republica sem grande importancia. Seja qual fôr nossa importancia, não a devemos ao Brasil nem a ninguem, e só aos nossos proprios esforços pela nossa liberdade e pela nossa independencia. Se somos fortes ou debeis, dirão os successos que tanto se apressão a annunciar-nos. Nos casos que até agora temos apprecido, temos provado que valemos alguma cousa.

Respeitamos o governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil e a Nação Brasileira: desejamos conservar sua amizade e suas boas relações, com a condição porém de que o nosso governo seja respeitado como é de direito internacional.

Falta á verdade o Sr. Jobim quando diz que os esforços do Sr. Leal para remover os embaraços que achou para a celebração dos ajustes que devia concluir derão logar a que se lançassem sobre elle as graves accusações que chama infundadas. Basta dizer que a não admissão do accusado projecto do Leal foi devida ás fortes razões dadas na nota de 18 de junho, que publicámos no numero 12. Leal, despeitado por esse acto, se entregou á vil desabafo, que em parte forão apontadas na nota de 10 de agosto.

Olhamos com indifferença a fanfarronada do Sr. Jobim, de que no momento em que o Brasil diga aos seus indigenas — avança — o Paraguay deixa de existir. Falla dos selvagens de Miranda, que nos dias do dictador Francia, misturados com os Brasileiros, roubárão por sorpreza as fazendas da Campanha da villa da Conceição, e são os mesmos que teem procurado tantas vezes, durante a nossa actual administração, sorprender as nossas guarnições do rio Apa, como temos publicado em varios artigos. Lembre-se o Sr. Jobim dos successos da esquerda do Paraná no anno de 1812, e do Pão d'Assucar em 1830, e cessará de insultar-nos com o poder dos seus indigenas.

Descançamos na sabedoria politica de S. M. o Imperador do Brasil, e em sua augusta palavra, de que espera que esta desagradavel occurrencia terminará de um modo honroso, sem que se altere a paz. Este nobre sentimento nos inspira a confiança de que S. M. I. não prestará ouvidos aos que quizerem perturbar as boas relações por uma questão mais propria de uma negociação pacifica do que do recurso á guerra.

Ha dias demos a noticia de que o Sr. ministro do imperio havia tomado providencias para o asseio da cidade, de accordo com o presidente da camara municipal, e incumbido da inspecção e direcção desse serviço ao chefe de policia o Sr. desembargador Figueira de Mello. Hoje sabemos que, segundo o regulamento especial que será publicado brevemente, a cidade fica dividida para aquelle fim em districtos, e estes em quarteirões, sendo confiada á vigilancia de cada um delles a uma pessoa ahi residente, preferindo-se os vereadores da camara, em deferencia ao elemento municipal.

O primeiro trabalho a que se procederá, logo que o regulamento seja publicado, será a limpeza de todas as praias, ruas e praças, e bem assim a remoção de quaesquer focos de infecção das casas

Inspector geral das medições, na mesma provincia, o engenheiro Pedro Taulois;

Inspector geral, na provincia do Maranhão, o engenheiro Epiphanio Candido de Souza Pitanga.

ASSEMBLÉA PROVINCIAL.

Canal do Nogueira.

SESSÃO EM 4 DE OUTUBRO DE 1854.

Terceira discussão do orçamento provincial com as emendas approvadas.

DISCURSO DO SR. SOUTO. — (Continuado do n. 290.)

Observou o nobre deputado que a lei n. 639 que applicou para realização da obra fôra sobras, e que sobras não haveria. O Sr. vice-presidente, quando fez o contrato, mandou ouvir a thesouraria a respeito da importancia da receita provavel, e teve informações que ella dava para que ella não só chegava para a despeza, como excedia. O relatorio do Sr. conselheiro Barbosa ainda o diz a pag. 8: «Calculando a thesouraria em 1.306:285$931 a despeza total do exercicio de 1853, conforme V. Ex. me expoz (no seu relatorio de 10 de outubro de 1853) e renda com que V. Ex. contava, se [illegible] se realizasse, devia haver; porém occorre que, além de verificar-se o contrario, etc.»

Vê-se por esta maneira que falhárão os calculos da thesouraria, o que é muito possivel acontecer quando se trata de avaliar rendas e despezas futuras. Reconhecerá portanto o nobre deputado que não havia *deficit* naquella occasião, e que até a thesouraria esperava sobras.

Accresce porém que o Sr. vice-presidente da provincia fez o contrato por fórma que, no exercicio de 1853, não tinha que pagar-se um vintem por conta da obra do canal do Nogueira. O prazo para a promptificação do canal foi estipulado em 30 mezes, de maneira que vem os pagamentos a recahir repartidamente pelos exercicios de 1854, 1855 e 1856....

O Sr. Fucarano: — Os pagamentos não devião ser divididos, em virtude da lei n. 639, porque mandava fazer o canal com as sobras do orçamento de 1853.

O Sr. Souto: — A lei diz que o canal se fará com as sobras da receita da lei do orçamento provincial; não se refere só ás do orçamento de 1853, e sim ás de todos os orçamentos emquanto a obra não estiver concluida e paga....

O Sr. Fuckarrano: — Não, senhor. A assembléa não póde dispor assim de sobras futuras.

O Sr. Souto: — Não tenho nada com isso: eu não era ainda membro da assembléa em 1853, e não concorri para a lei, nem agora ella se discute. O que affirmo é que a lei não se refere só ás sobras da receita de 1853, mas ás de todas as leis de orçamento emquanto durar a obra do canal.

Continuou o nobre deputado observando que não só não se davão sobras, como havia *deficit*. Já mostrei que o Sr. barão do Rio Bonito, á vista das informações da thesouraria, não podia contar com o *deficit*.

Perguntou o nobre deputado se nas circumstancias que se davão, devendo-se prever um *deficit*, era prudente comprometter a provincia com [...] celebrar um contrato quatro dias antes de passar a administração ao Sr. conselheiro Barbosa? Não, de certo que não. O mesmo Sr. conselheiro Barbosa é ainda quem neste caso responde por mim ao nobre deputado. Não era possivel que S. Ex. enxergasse naquelle acto falta de delicadeza, senão S. Ex. não celebraria o contrato para a obra da ponte do Parahyba quatro dias antes de deixar a administração; nem o contrato para a illuminação de Nitherohy por meio do gaz, na vespera do dia em que o Sr. vice-presidente da provincia assumio a presidencia.

Entendo pois que não houve falta de delicadeza nem de uma parte nem de outra. Quando um administrador tem dado todos os passos, tomado todas as medidas, estudado todas as informações a respeito da celebração de um contrato, e só falta a redacção deste e lavra-lo no livro competente, porque não ha de fazê-lo ainda que dahi a tres ou quatro dias deixe a administração? Não ha razão para que assim não proceda. Portanto não houve falta de delicadeza por parte do Sr. barão do Rio Bonito, nem por parte do Sr. conselheiro Barbosa.

Vamos á outra censura.

Sustentou o nobre deputado que o Sr. barão do Rio Bonito postergou todas as considerações, offendeu disposições de lei só para mimosear o seu predilecto amigo. Ha de permittir que lhe diga que estas expressões equivalem ao mesmo de que arvorar-se o nobre deputado em juiz de consciencia do Sr. barão do Rio Bonito, attribuindo a má parte os seus actos, e isto da maneira a mais grave que é possivel!

O nobre deputado affirmou que o Sr. vice-presidente da provincia, para mimosear ao seu amigo, ao *seu alter ego* em Campos, celebrou um contrato contra expressas disposições de lei; isto importa nada menos do que accusar o Sr. barão do Rio Bonito dos *crimes de prevaricação e suborno!* Considere o nobre deputado qual é o perigo que corre quem quer explicar qualquer acto pelas intenções da autoridade que o pratica.

No tit. 5º do nosso codigo criminal, que trata — dos crimes contra a boa ordem e administração publica, — o cap. 1º versa sobre — prevaricações, abusos e omissões dos empregados publicos. — E na 1ª secção desse capitulo, que contém as penas para a — prevaricação, — o primeiro artigo é este:

«Art. 129. Serão julgados prevaricadores os empregados publicos que, por *affeição*, odio ou *contemplação*, ou para promover interesse pessoal seu:

«§ 1.º *Julgarem ou procederem contra a litteral disposição da lei.*

«§ 2.º *Infringirem qualquer lei ou regulamento, etc.*»

O nobre deputado disse que fez-se o contrato da maneira que se fez, infringindo-se as leis, tudo isso para *mimosear* o amigo do Sr. vice-presidente da provincia; logo, á vista do art. 129 do codigo criminal, accusou o Sr. barão do Rio Bonito de prevaricador.

Ainda mais. Na secção 3ª do mesmo capitulo, que trata do — suborno, — ha o art. 133 que diz:

«*Deixar-se corromper, por influencia ou peditorio de alguem, para obrar o que não dever, ou deixar de obrar o que dever.* — Penas: — As mesmas estabelecidas para os casos de peita.» [...] até ahi só Deus.

O Sr. Fucarano: — Julgo os homens pelos seus actos.

O Sr. Souto: — Esses actos podem ser resultados de erros de intelligencia; mas ninguem tem o direito de entrar nas intenções e vistas com que forão praticados.

Observarei que o art. 21º do acto addicional é exactamente o mesmo que o art. 26 da constituição, que diz: «Os membros de cada uma das camaras (*da assembléa geral*) são inviolaveis pelas opiniões que proferirem no exercicio de suas funcções.» Ora, o que diz, a respeito deste artigo da constituição, a respeitavel autoridade do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira? Nas suas observações sobre a carta do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil lê-se ácerca do artigo que concede a immunidade aos legisladores o seguinte:

«Cumpre acautelar se não entenda que a constituição do Estado declara impune o par ou deputado que, no exercicio de suas funcções, ataca o *direito que toda a pessoa tem ao seu bom nome, emquanto por sentença judicial lhe não fôr provado delicto que o esbulhe daquella propriedade*; ou se, limitando-se a theses geraes, se resolvar de um modo illegal; se praticar actos oppostos ás leis e regimentos da respectiva camara, ou se fizer parte da maioria pela qual se vencer alguma decisão que ataque os inauferiveis direitos de propriedade, liberdade e segurança de quaesquer pessoas, com manifesto abuso dos poderes de sua procuração, que lhe hão sido conferidos para defender e não para atacar estes naturaes direitos.»

O Sr. Silvestre Pinheiro pois entende que a immunidade do deputado não lhe póde permittir que offenda o direito que toda a pessoa tem ao seu bom nome, emquanto por sentença judicial lhe não fôr provado delicto que o esbulhe desta propriedade; e como penso da mesma maneira, nunca, analysando os actos de qualquer autoridade ou empregado publico, seguirei o exemplo do nobre deputado, quando impugnou os do Sr. barão do Rio Bonito. S. Ex. podia errar como homem, mas nunca a sua intenção podia ser deixar de cumprir a lei para mimosear a um seu amigo. O caracter do Sr. barão do Rio Bonito não dá direito para que qualquer dos seus actos seja explicado por semelhante maneira. (*Numerosos apoiados.*)

Eu vou adiante.

Disse o nobre deputado que havia quem fizesse a obra por cem contos de réis, e que disto sabião os nobres deputados residentes em Campos. Os nobres deputados residentes em Campos, que aqui estavão (além do Sr. presidente, que não quiz fallar e que apenas não pôde deixar de dar um aparte, quando o Sr. Caldas Vianna disse que o chefe de policia quiz tambem pronunciar a S. Ex. pelo espancamento do emprezario do canal do Nogueira para mostrar que nunca lhe constou isso), erão o Sr. Almeida Pereira e o Sr. Almeida Barbosa.

O primeiro destes honrados membros declarou nada saber officialmente a tal respeito. E aproveito esta occasião para rogar ao nobre deputado (pois que elle não esteja presente, rogo ao Sr. tachygrapho que não deixe de tomar minhas palavras, para que possão chegar aos seus ouvidos), que haja de dizer-nos qual é a sua opinião a respeito da urgencia da obra do canal do Nogueira; da legalidade do contrato celebrado para conclusão delle; da maneira por que os trabalhos se estão fazendo; [...] do seu contrato, e esse honrado cidadão não o quiz. O nobre deputado tambem tem conhecimento deste facto.

O Sr. Almeida Barbosa: — Sim, senhor.

O Sr. Souto: — Espalhárão-se esses boatos quando se suppunha que a extensão do canal era apenas de mil braças; mas depois que se soube qual era na realidade a extensão da obra que havia a fazer, tudo acabou.

Declarou ainda o nobre deputado a quem respondo que sentia não ter presente o relatorio do engenheiro Halfeld para mostrar como a obra se está fazendo. Eu não sei da existencia deste relatorio; creio mesmo que ainda não foi feito. Este engenheiro, vindo de Minas Geraes, o que dizem ser muito distincto, foi mandado a Campos, encarregado pelo Sr. conselheiro Barbosa de examinar os dous canaes; findo de apresentar seu relatorio a que o nobre deputado allude, mas partio para a provincia de Minas sem o enviar ao governo. Não sei pois qual é a sua opinião a respeito da obra do canal do Nogueira.

De maneira que o nobre deputado se exprimia pôde alguem entender que o Sr. Halfeld acha que esses trabalhos vão mal; se assim é, tenho para oppor a essa opinião as dos Srs. Pralon e Taulois, tão distinctos engenheiros, pelo menos, como elle, e que dizem o contrario.

Em 24 de maio deste anno dizia o Sr. Pralon em officio dirigido ao Sr. vice-presidente da provincia:

«Aproveito a occasião para dar conta a V. Ex. de que, em dias de março, foi o canal examinado pelo engenheiro Taulois, que provavelmente terá dado conta a V. Ex. dos elogios que fez á obra; assim como communico a V. Ex. que tive hontem a honra de assistir alli á visita do Exm. Sr. Dr. José Ricardo de Sá Rego, chefe de policia desta provincia, que se servio tambem louvá-la com as phrases mais agradaveis ao engenheiro do arrematante e ao do governo.»

Em 6 de agosto, tambem deste anno, officiava o Sr. Taulois ao Sr. vice-presidente da provincia nestes termos:

«Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento da portaria de V. Ex. de 18 do corrente, ordenando-me que, visto ter examinado as obras do canal do Nogueira, désse a esta presidencia uma informação circumstanciada da maneira por que vão sendo executadas, e se o engenheiro que por parte do arrematante se acha á testa dellas tem a necessaria capacidade para desempenha-las, tenho a informar a V. Ex. o seguinte:

«Que é verdade que a minha chegada a esta cidade visitei por curiosidade as obras do canal do Nogueira, e as achei bem conduzidas; mas, não me bastando essa simples inspecção para informar conscienciosamente, tive de novo de dirigir-me ao logar, e, examinando-as com toda a minuciosidade, reconheci exacto o meu primeiro juizo, isto é, que a obra ia conduzida com inteira pericia e toda a boa fé na sua execução.

«Conferenciando depois com o engenheiro do arrematante, á vista dos planos, e especialmente o da eclusa, que examinei em todos os seus detalhes, por ser a peça mais importante daquelle trabalho, reconheci que a obra estava perfeitamente estudada por aquelle engenheiro, Eusebio Stevaux, cujo nome levo á presença de V. Ex. por ser elle muito recommendavel pelo seu merecimento scientifico e pratico; não podendo á vista de tudo o que calhi, e

---

PAGINAS MENORES.

Rio, 22 de outubro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

O tempo [illegible] ennuveado-se, e deixão ver á espaços uma pequena nesga de céo azul, por onde passa algum raio de sol desmaiado, que ainda como que entorpecido com o frio e com a humidade da chuva, vem espreguiçar-se indolentemente sobre as alvas pedras das calçadas.

Aproveitemos a entrada da manhã, e vamos, como os outros, acompanhando a devota romaria, assistir á festividade de S. Pedro de Alcantara, que se celebra na Capella Imperial.

A igreja recordava daquella severa e imponente magestade dos templos catholicos. Em face dessas grandes sombras que se projectão pelas naves, da luz frouxa e vacillante dos cirios lutando com a claridade do dia que penetra pelas altas abobadas, do silencio e das pompas solemnes de uma religião verdadeira, sente-se o espirito tomado de um suave recolhimento.

Perdido no centro de uma nave escura, lembrado de todos e dos meus proprios amigos, que talvez condemnarião sem remissão um indifferentismo imperdoavel, assisti com o espirito do verdadeiro christão a esta festa religiosa, que apresenta o que quer que seja de inexprimivel e do lico do coração.

Sob o aspecto contrito e reservado daquelle numeroso concurso, elevando-se gradualmente do mais humilde crente até as ultimas sommidades da hierarchia social, transparecião os assomos de uma curiosidade [illegible] e de uma anciedade mal reprimida. Qual seria a causa poderosa que perturbava assim a gravidade da oração? Que pensamento podia assim distrahir o espirito dos extasis e dos enlevos da religião?

Não era de certo um pensamento profano, uma causa estranha que animava aquelle sentimento. Ao contrario: neste templo que a religião enchia com todo o vigor de suas imagens e toda a poesia dos seus mythos, neste recinto em que as luzes, o silencio e as sombras, as preces e a musica representavão todas as expressões do sentimento, faltava a palavra, mas a palavra do Evangelho, a palavra de uma inspiração sublime e divina, a palavra que cahe do céo sobre o coração como um éco da voz de Deus, e que refranga nos labios para poder ser comprehendida pela linguagem dos homens.

Era isto o que todos esperavão. Os olhos se voltavão para o pulpito onde havia prégado Sampaio, S. Carlos e Januario; e parecião evocar dos seus tumulos aquelles mesmos illustres para virem contemplar um dia de sua vida, uma reminiscencia de suas passadas glorias.

Deixai que cumulação as orações, que se calem os sons da musica religiosa, e que os ultimos écos dos canticos sagrados se vão perder pelo fundo dos espaços corredores, ou pelas frestas arrendadas das tribunas.

Cantico de todo as orações. Recrece a espectação e a anciedade; mas cada um se retrahe na mudez da concentração. Os gestos se reprimem, contem-se as respirações anhelantes. O silencio vai descendo frouxa e lentamente do alto das abobadas ao longo das paredes, e sepulta de repente o vasto ambito do templo.

Chegou o momento. Todos os olhos estão fixos, todos os espiritos attentos.

No vão escuro da estreita arcada do pulpito assomou um vulto. E' um velho cego, quebrado pelos annos, vergado pela idade. Nessa bella cabeça quasi calva e encanecida pousa-lhe o espirito da religião sobre a triplice auréola da intelligencia, da velhice e da desgraça.

O rosto pallido e emmagrecido cobre-se desse vago, dessa oscillação do homem que caminha nas trevas. Entre as mangas do burel do seu habito de franciscano cruzão-se os braços nús e descarnados.

Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do pulpito, e revolvendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mysterio entre elle e Deus.

Que ha em tudo isto que désse causa á tamanha espectação? Não se encontra a cada momento um velho, a quem o claustro sequestrou do mundo, a quem a cegueira privou da luz dos olhos? Não ha ahi tanta intelligencia que um voto encerra n'uma cellula, o que a desgraça sepulta nas trevas?

E' verdade. Mas deixai que termine aquella rapida oração; esperai um momento.... um segundo.... ei-lo!

O velho ergueu a cabeça; alçou o porte; a sua physionomia animou-se. O braço descarnado abriu um gesto largo; os labios, quebrantando o silencio de vinte annos, lançárão aquella palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os écos adormecidos de outros tempos.

Fr. Francisco de Monte-Alverne prégava! Já não era um velho cego, que a desgraça e a religião mandavão respeitar. Era o orador brilhante, o prégador sagrado, que impunha a admiração com a sua eloquencia viva e animada, cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas.

Desde este momento o que foi aquelle rasgo de eloquencia não é possivel exprimi-lo, nem sei di-lo. A intonação grave de sua voz, a expressão nobre do gesto energico que copiava a sua phrase eloquente, arrebatava; e levado pela força e vehemencia daquella palavra vigorosa, o espirito, transpondo a distancia e o tempo, julgava-se nos desertos de Saïd e da Thebaida, entre os rochedos alcantilados e as vastas [illegible], presenciando todas as austeridades da solidão.

De repente, em dous traços, com uma palavra, com um gesto, muda-se o quadro; e como que a alma se perde naquellas vastas e sombrias abobadas do mosteiro de S. Justo, para ver com assombro Pedro de Alcantara em face de Carlos V, o santo em face da grandeza decahida.

Aquelles que em outros tempos ouvirão Monte Alverne, e que podem comparar as duas épocas de sua vida cortada por uma longa reclusão, confessão que todas as suas reminiscencias dos tempos passados, apezar do prestigio da memoria, cedêrão a esse triumpho da eloquencia.

Entre as quatro paredes de uma cellula estreita, privado da luz, é natural que o pensamento se tenha retrahido; e que a intelligencia, cedendo por muito tempo a uma força poderosa de concentração, se preparasse para essas exposições brilhantes.

O digno professor de eloquencia do collegio de Pedro II, desejando dar aos seus discipulos uma lição pratica de oratoria, assistia com elles, e acompanhado do respeitavel director daquelle estabelecimento, ao bello discurso de Monte Alverne.

Não me animo a dizer mais sobre um assumpto magnifico, porém esgotado por uma dessas pennas que com dous traços esboção um quadro, como a palavra de Monte Alverne com um gesto e uma phrase.

Contudo se este descuido de escriptor carece de desculpas, parece-me que tenho uma muito valiosa na importancia do facto que preoccupou os espiritos durante os ultimos dias da semana, e deu materia á todas as conversações.

Parece porém que a chuva só quiz dar logar a que a cidade do Rio de Janeiro podesse ouvir o illustre prégador, sem que o rumor da chuva perturbasse o silencio da igreja.

A' tarde o tempo annuviou-se, e a agua cahia á jorros. Entretanto isto não impedio que a alta sociedade, todas as notabilidades politicas e commerciaes, em trajos funerarios concorressem ao enterro de uma senhora virtuosa, estimada por todos que a tratavão, conhecida pelos pobres e pelas casas pias.

A Sra. baroneza do Rio Bonito contava muitas affeições, não só pelas suas virtudes, como pela estimação geral de que gozão seus filhos. O grande concurso de carros que acompanhárão o seu prestito funebre em uma tarde desabrida, é o mais solemne testemunho desse facto.

Entre as pessoas que carregárão o seu caixão notárão-se o Sr. presidente do conselho, o Sr. ministro do imperio, e alguns directores do Banco do Brasil. E' o apanagio da virtude, e o unico consolo da morte. Ante os despojos exanimes de uma alma bem formada se inclinão sem humilhar-se todas as grandezas da terra.

Estes dous factos, causa de sentimentos oppostos, enchêrão quasi toda a semana. Desde pela manhã até a noite a chuva cahia com poucas intermittencias, e parecia ter destinado aquelles dias para as solemnidades e os pensamentos religiosos.

Apezar da esterilidade e sensaboria que produz sempre esse tempo n'uma cidade de costumes como os nossos, apezar dos dissabores dos namorados privados dos devaneios da tarde, e dos ataques de nervos das moças delicadas, os homens previdentes não deixavão de estimar essas descargas de electricidade, e essas pancadas d'agua, que depurão e refrescão a atmosphera.

Na sua opinião (quanto á mim estou em duvida), essas caretas que o tempo fazia aos prognosticadores de molestias imaginarias, valião mil vezes mais do que todas as discussões de todas as academias medicas do mundo.

Quanto mais se [illegible] que o Sr. ministro do imperio durante esses dias se preoccupou seriamente das medidas necessarias ao asseio da cidade, mostrando assim todo o zelo em proteger esta bella capital dos ataques do *diabo azul*. Sirvo-me deste nome, porque estou decidido a não fallar mais em *cholera* emquanto não resolverem definitivamente se é homem, se é mulher, ou hermaphrodita.

Para este fim o Sr. Pedreira consultou o presidente da camara municipal, e incumbio ao Sr. desembargador chefe de policia a inspecção do serviço, cujo regulamento será publicado opportunamente.

Com as providencias que se tomárão, e especialmente com a medida da divisão dos districtos e da combinação da acção policial com o elemento municipal, além de remover quaesquer obstaculos, creio que podemos esperar resultados uteis e efficazes.

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(IMITAÇÃO.)

Coração de menina tenro e novo
Parece bem um ovo,
Que debaixo das azas delicadas
Choca o amor.

E o ovo é tão fecundo,
E é tão doce o calor,
Que em breve só as cascas
Se encontrão sobre o ninho....
Feliz quem apanhou o passarinho.

Alpha.

… 70 dias.

As duas Americas,

POR XAVIER EYMA.

Artigo segundo.

Depois de estabelecer o seu plano de reconstituição da *America central* para impedir a marcha invasora dos *Estados-Unidos*, o Sr. Eyma examina a *situação* das republicas do Sul em relação ao Brasil, que na sua opinião tende a absorvê-las por modo menos violento do que a União Americana.

As suas considerações ácerca do Brasil merecem ser copiadas textualmente para intelligencia plena dos leitores.

« *Quando* o Brasil, diz elle, se separou de Portugal, não rompeu com a tradição monarchica. *Continuou* sob a fórma de um imperio, já poderoso então, o que, se não progredia na proporção de seus recursos, não tem deixado de adquirir uma certa preponderancia na politica.

« O Brasil teria podido, e parecia a isso destinado, representar na America do Sul o mesmo papel que os Estados-Unidos na America do Norte. Causa mesmo estranheza que com os elementos de que esse imperio dispunha não tenha cahido sobre a America do Sul com todo o peso da influencia que lhe parecia reservada.

« Diversas causas se interpuzerão. E' bom assignala-las para que se não imagine que no caso de uma irrupção dos Estados-Unidos na America do Sul o Brasil se acharia em força e posição de contrabalançar aquelle poderio.

« O Brasil, desde o momento da sua independencia, se achou em posse de um territorio immenso, desproporcional á sua população, ao seu gráo de civilisação, á importancia commercial e maritima do paiz. Disseminar suas forças por um espaço tão consideravel houvera sido impolitico da parte de um governo recentemente investido da sua autoridade e de seu direito de acção. O governo brasileiro se occupou, pelo contrario, em concentrar-se, e applicou toda a sua actividade sobre a parte de seu territorio que lhe offerecia immediatamente mais probabilidades de desenvolvimento e de prosperidade.

« A vantagem que os Estados-Unidos levárão em relação ao Brasil, foi que se constituirão em um territorio estreitado e relativamente povoadissimo. Demais, a acção governamental não tinha necessidade, pela natureza mesmo de suas instituições communaes, eminentemente desenvolvidas nas colonias inglezas, de se fazer sentir em toda a extensão do solo. Assim pois, tanto os Estados-Unidos erão levados a se espalhar, o tinhão mesmo

« Mas se o Brasil é impotente no norte, no sul é temivel.

« Sobre este ponto, a ultima phrase de sua politica ainda não foi proferida. Realizem-se os acontecimentos que sua ambição espreita, e elle tomará com tanta autoridade como os Estados-Unidos essa preponderancia que hoje ainda não exerce de um modo absoluto nos negocios da America.

« E' assim que o Brasil representou nas lutas internas da Republica Argentina e na luta entre Buenos-Ayres e Montevidéo um papel importante, habilmente preparado com toda a antecedencia.

« Qual é pois o fim que o Brasil tem em vistas?

« E' facil de entrever-se.

« A Republica Oriental do Uruguay é um dos theatros onde mais a miudo se tem representado as paixões politicas que anniquilão a seiva nativa de um paiz, e por sua posição vantajosa, o porto de Montevidéo é, de ha longo tempo, o objecto de ardentes cobiças.

« Com o pretexto muito attendivel de proteger o Uruguay contra Buenos-Ayres e de pacifica-lo, o Brasil poz o pé no terreno do Uruguay e a mão em seus negocios internos. Ora, é certo que o Uruguay, invocando o auxilio do Brasil, contrahiu uma divida para com este imperio, que cedo ou tarde lh'a fará pagar. O Uruguay terá de ser inscripto de novo no livro das conquistas do Brasil.

« O mesmo succederá ao Paraguay e a todos os territorios encravados actualmente entre os limites do imperio e a margem esquerda do Paraná e do Paraguay que, na sua juncção com o primeiro, fórma como uma linha recta que parece uma fronteira natural.

« O Brasil, não o pomos em duvida, terá de arrostar difficuldades diplomaticas ao realizar este voto de sua ambição, porque não tem ainda a audacia dos Estados-Unidos; mas elle trocaria de boa vontade, em caso de precisão, parte do seu territorio do norte para se fortalecer na conquista destes paizes do sul, cuja posse augmentaria verdadeiramente sua importancia maritima e commercial.

« Mas em summa, será isso um mal?

« Montevidéo é um rival incommodo para o porto de Buenos-Ayres, e a Republica Argentina olhará sempre para o Uruguay com olhos torvos de inveja. Este ultimo chegou desgraçadamente a todo o seu desenvolvimento: é-lhe impossivel estender-se, a menos que invada o territorio de Buenos-Ayres. Entre as duas republicas exclusivamente o desfecho de uma luta não seria longe. Pois bem! não sómente o Uruguay não está em posição de atacar, mas para se defender é obrigado a recorrer ao Brasil.

« Eis-ahi, de facto, dous paizes ricos do solo e … pias no momento actual, outro será o seu modo de proceder, outros serão os seus interesses actuaes. Em vez de procurar, á custa de seu sangue e do seu dinheiro, á custa de todos os sacrificios, restabelecer a ordem no Uruguay, firmar a independencia do Paraguay, e procurar desenvolver todos os elementos de riqueza e de importancia das republicas vizinhas, o Brasil facilitaria mais seu futuro de invasor ou de preponderante deixando-as dilacerarem-se pelas lutas intestinas, e correrem para sua ruina.

Mas pelo modo por que o Brasil tem procedido soffrendo por largo tempo tudo quanto o ex-dictador de Buenos-Ayres tentou contra o imperio, esgotando até o derradeiro meio pacifico e diplomatico antes de mandar o seu exercito e a sua marinha argumentarem mais efficazmente,—suppor que tenhamos calculos de uma ambição refolhada, é reputar-nos imbecis. E' note-se que nesta argumentação em resposta ao Sr. Eyma, não pomos em relevo, como o poderiamos fazer e fa-lo-hiamos com justiça,—a generosidade e sentimentos nobres que sempre presidirão á politica exterior do governo imperial.

(Continuaremos.)

Por falta de numero não houve hontem sessão na assembléa provincial.

NOTICIAS DIVERSAS.

Parte hoje o correio para Cantagallo, e amanhã para Iguassú.

— A ordem terceira de Nossa Senhora das Mercês festeja hoje a sua padroeira.

— Com o temporal da tarde de ante-hontem perdeu-se fóra da barra uma canôa de quatro remos de voga, morrendo quatro pretos remadores pertencentes ao Sr. José Maria Fragoso, morador na Ponta do Cajú.

ESTATISTICA DA CIDADE.

MATADOURO PUBLICO.— Para consumo da cidade matárão-se hontem 219 bois e 2 vitelas.

OBITUARIO.—Fallecêrão na cidade, no dia 23 do corrente, 7 pessoas livres e 6 escravos: das livres 3 homens e 4 mulheres, a saber:

O cadaver de um preto que foi achado na rua da Providencia, e remettido pela policia. Ignora-se a molestia.

José Francisco da Silva, natural de Pernambuco, 22 annos, soldado, recolhido ao hospital militar. Febre eruptiva.

Francisco de Mello do Nascimento, natural de Maceió, 28 annos, soldado, recolhido ao hospital militar. Endocardo-arterite.

Florencia, innocente, filha de José Esteves Velloso, natural do Rio de Janeiro, 3 mezes, moradora na rua de S. Diogo. Dysenteria.

4.° Que [illegible] o terreno se presta, vai recebendo grande desenvolvimento.

5.° Que pretendo introduzir a cultura do anil e da amoreira.

6.° Que o clima é o melhor possivel. Só um colono morreu no principio do estabelecimento e de molestia antiga.

7.° Que os colonos comportão-se por tal modo, que ainda não houve um delicto nem queixa.

A base do systema adoptado na colonia é aforar ou vender lotes de terra aos colonos, os quaes teem a propriedade de todo o resultado de seu trabalho com a só clausula de, em igualdade de preço, ser preferido o fundador na compra ou preparação dos productos que lhe pertencem.

Está se vendo que a colonia do Superaguhy é menos uma colonia propriamente dita do que um nucleo ou uma esperança de colonia.

Reduzido ainda a tão mesquinhas proporções, presta comtudo já o estabelecimento o inapreciavel serviço de ensinar, de um modo pratico, aos habitantes daquellas paragens, que melhor cem vezes do que a pesca, de que muitos se subsistem miseravelmente, é lavrar a terra, e de attrahir, se, como é de esperar, fôr prosperando, novos emprehendedores a seguir o exemplo do fundador da colonia, aproveitando-se assim tantos terrenos incultos e desprezados nos municipios da serra-abaixo, aliás mui ferteis.

Torna-se pois digno de protecção e apoio, no que estiver ao alcance da assembléa e governo provincial, o plano da colonia Superaguhy, cujo fundador não omitte diligencia e esforços para dar impulso á sua nascente empreza.

O governo imperial, a quem elle com os habitantes do Superaguhy endereçou pela presidencia de S. Paulo uma representação pedindo auxilio para a colonia e certos melhoramentos para o povo daquelle logar, respondeu já, por meu intermedio, que tal pretenção só poderia ser tomada em consideração depois que se puzesse em execução a lei n. 601 de 18 de setembro de 1850, pois que os favores que se imploravão dependião da intelligencia que se désse ao art. 18 da mesma lei.

Succede porém que o governo imperial, justamente compenetrado da necessidade de distribuir com preferencia os seus auxilios e favores com as emprezas de colonisação que se propuzerem povoar terras devolutas, comprehendidas na zona de 10 leguas nos limites do imperio com os paizes estrangeiros, no regulamento que expediu com data de 30 de janeiro ultimo, o n. 1318, declarou, em o art. 85, receber propostas de emprezarios ao sentido que se acaba de expor, sob as bases: 1.ª, da concessão de 10 leguas em quadro, ou o seu equivalente, para cada colonia de 1,600 almas, sendo as terras de cultura, e 400 sendo campos proprios para a creação de animaes; 2.ª, de um subsidio para ajuda da empreza, que será regulado segundo as difficuldades que ella offerecer.

E pois, a intelligencia dada pelo governo ao art. 18 da lei das terras parece pouco favoravel á colonia do Superaguhy, que não está nos limites do imperio com paizes estrangeiros, mas proxima ao Atlantico.

Em outro officio de 23 do mez acima citado o mesmo Gentil, tomando a colonisação debaixo de um ponto de vista mais elevado, como meio de introduzir população laboriosa e moralisada desde a margem do mar até o interior da provincia, e partindo do pressupposto que não é possivel aqui estabelecer-se colonisação sem auxilio e impulso do

tendencias mercantis que nellas ha não obstante malignamente sobre o seu destino, que é (expressão de seu fundador) tornar o homem feliz e virtuoso, foi escorar-se no centro da provincia á margem do Yvahy na confluencia do ribeirão das Campinas, de sorte que, no isolamento e distancia das grandes povoações, que de ordinario estorvão a prosperidade das colonias e as acabão, vê o Dr. Faivre um dos predicados mais recommendaveis de seu estabelecimento.

Outra vantagem, realmente incontestavel, da colonia Thereza, é estar collocada á margem de um rio navegavel, que se lança no Paraná, quasi em face da embocadura do Yvinheima do Matto-Grosso, offerecendo assim uma commoda via fluvial, por onde, no presente não, mas em um futuro talvez pouco remoto para aquella provincia, é possivel fazer não só remessa de quaesquer objectos do governo ou de particulares, mas fornecimento de sal, que com profusão são capazes de produzir aquelles logares, que abundão, conforme a noticia do mesmo Dr. Faivre, em minas de salgemma do que pode-se tirar puro chlorureto de soda para abastecer toda a provincia de Matto-Grosso, e parte das provincias vizinhas.

Esta tentativa de colonisação, se fôr avante, terá ainda o merecimento de ser como um celleiro para outros grupos de colonos que emprehendão estabelecer-se pelas vizinhanças, sendo portanto um passo seguro para o aproveitamento de tantos terrenos ora absolutamente incultos.

E para que não omitta uma consideração de valor no plano de colonisação por grupos, idéa predilecta do Dr. Faivre, direi que elle se propõe assim catechisar e reduzir os indigenas vizinhos, persuadido como está de que cada grupo que se estabelecer será um estorvo ás invasões e correrias das hordas selvagens, e a continuação dellas apertará de tal arte os indios com seus laços civilisadores, que não terão meios de escapar-lhes.

O clima da colonia é mui saudavel.

Os seus terrenos são de notavel fertilidade.

Dá-se perfeitamente alli a canna, o trigo, o milho, o arroz, a mandioca, o feijão, a banana, o fumo e o algodão; prospera a criação de porcos e gallinhas e de animaes em geral, e cultiva-se com vantagem a larangeira e outras arvores fructiferas.

O rio Yvahy abunda em peixe.

A colonia possue 20 casas contendo 90 pessoas, dous moinhos, alguns pilões, uma machina para raspar mandioca, uma forja bem montada, um alambique e uma olaria.

Cada colono tem sua propriedade, o trabalho por sua propria conta.

A colheita deste anno avalia-se em 12 mil botelhas de aguardente e 50 arrobas de rapadura, que para o anno vindouro será o dobro. A aguardente é de qualidade superior á de S. Paulo, e vende-se a 200 rs. a botelha.

O perseverante fundador desta colonia, desde o principio protegido não só de Sua Magestade o Imperador, que á mesma deu seu nome, mas pelo governo imperial, acaba de obter delle novos favores, com que suas esperanças mais se alargão.

Em consequencia dos auxilios recebidos está elle obrigado:

1.° A promover o melhoramento da colonia Thereza, e estabelecer dous novos nucleos de colonisação no prazo de tres annos.

2.° A abrir duas estradas que da colonia Thereza vão ter á Ponta Grossa e Guarapuava, recebendo instrucções do governo da provincia.

… Não ha ainda funccionarios encarregados especialmente da catechese e civilisação dos indigenas que orientem-me com seus esclarecimentos, nem da provincia de S. Paulo recebi uma palavra siquer de informação sobre tão importante assumpto: exporei todavia o que pude colher.

O aldeamento da freguezia de Palmas, victima de clamorosas injustiças que o fizerão sahir de Guarapuava, onde primeiramente estava para aquelle districto, acha-se reduzido á miseria de não ter terrenos sufficientes que cultive, nem os recursos mais indispensaveis á existencia.

E entretanto os indios que o compõe, toda a vez que os selvagens das mattas vizinhas espalhão-se o terror por entre a gente civilisada, tomão a defesa della, expondo a vida com generosidade tão mal retribuida!

Veri, cacique desta tribu, veio visitar-me, acompanhado de 13 de seus subditos, e pedio-me:

1.° Machados, enxadas, foices, espingardas e alguma fazenda.

2.° Dous bois para os trabalhos de construcção de uma grande casa em que todos morem juntos, e melhor se defendão de algum assalto dos indios barbaros, seus mortaes inimigos.

3.° Ordem para ser-lhe entregue um filho que se achava em casa de pessoa daquelle municipio.

A esses pedidos attendi, e voltou o cacique, ao que parecia, satisfeito, ficando-me prova irrefragavel do abandono desses indios e seu estado de penuria.

Já propuz ao governo o nome de um cidadão capaz de exercer o logar de director-geral dos indios da nova provincia, conforme o regulamento ácerca das missões de catechese e civilisação dos indigenas n. 426 de 24 de julho de 1845.

Solicitei tambem do governo imperial um missionario que conserve á religião e á vida social esses indios já mansos, e chame á fé e á civilisação outros que por ali vivem em hordas errantes; e mais solicitaria se não conhecesse a penuria de missionarios actualmente á disposição do governo.

A parcialidade de Veri consta de

Homens	45
Mulheres e crianças	107
Ao todo	152

Ha nas fronteiras do Matto-Grosso com o Paraguay, nas vizinhanças do Yguatemi, confluente do Paraná, uma nação de indios—Cayuás—, gente do brando natural e dada á agricultura, dos quaes o barão de Antonina tem buscado attrahir uma parte ao Jatahy.

E diz-me Joaquim Francisco Lopes, pelo mesmo barão encarregado de receber os indigenas, em officio de 20 de maio ultimo, que com effeito tem alli chegado uns 385 indios, a saber:

Em 1853	233
Em abril de 1854	89
Em maio de 1854	63

A permanencia dessa nação naquella parte da fronteira teria a vantagem de guarnecê-la (no caso de serem amigos sinceros do imperio) de defensores mui valentes e pouco dispendiosos; mas, dada sua emigração na escala que indiquei, é dever do governo recebê-los bem, e isso ha de fazê-lo.

Tive já occasião de dizer-vos que os indios selvagens mais de uma vez teem ameaçado a segurança dos habitantes dos Ambrozios, districto de S. José dos Pinhaes.

… parte que os alcançarem.

Ou não tem havido reducção de indios, ou ella tem sido obra de homens apostolicos, sem outra arma que uma cruz nas mãos, sem outros recursos que os do Evangelho.

Só os meios brandos, só a religião, que em si os resume e sublima, ha de pois effectuar verdadeiramente a civilisação dos nossos indigenas.

E tanto é esse o pensamento da suprema administração do estado, que o regulamento de 24 de julho de 1845 ácerca das missões de catechese e civilisação dos indios expressamente manda empregar na respectiva conversão todos os meios suaves, desde o mimo que toca a sua cobiça, até as pompas e apparatos das festas do christianismo, que ferem-lhes a imaginação e os enlevão e arrebatão, toda brandura e condescendencia até deixar ao arbitrio dos pais fazerem baptisar, se quizerem, seus filhos.

Mas então como não faz progresso a catechese, e continuão os indigenas no estado primitivo?

Eu penso que, omittindo outras causas, ha duas particulares que para isso muito concorrem.

Primeiramente, a mão da autoridade civil, alliás odiosa ao indigena que vê nella o conquistador que o expulsou do territorio em que nascêra e vivia livremente, pesa demasiado sobre o aldeamento.

Conforme as circumstancias a aldêa póde ter:

1 director.
1 thesoureiro.
1 almoxarife.
1 cirurgião.
1 enfermeiro.
1 partida de força militar ou de pedestres, maior ou menor, segundo as necessidades.

Toda essa gente, ou a maior parte della, vai fazer na aldêa precisamente o contrario do que devo fazer: é um dissolvente da civilisação que possa ir apontando entre os indigenas.

Ao revés disso, bem simples era o regimen a que no Paraguay deverão o seu esplendor e prosperidade as celebres reducções dos Jesuitas, e tão simples, que se continha nas seguintes palavras: corregedores, alcaides, regedores e outras autoridades eleitas por eleição do seio da aldêa, milicia composta só de indigenas para defesa commum, mas o cura acima de tudo, como mola e alma de todas as reducções.

Por outro lado, os nossos missionarios, conforme as disposições em vigor, devem circumscrever-se de tal arte ao que é puramente espiritual, que não ha que esperar delles as direcções praticas e providencias esclarecimentos com que poderião ser uteis aos seus neophytos, a exemplo do que outr'ora fizerão, de modo a excitar a admiração de seus proprios calumniadores, os grandes catechistas do Paraguay.

Isso porém é o menos, pois o que verdadeiramente magôa é que os missionarios actuaes de ordinario não são bem apparelhados instrumentos para a grande obra espiritual da regeneração dos indigenas.

Dotados, muito embora, de vastos conhecimentos concernentes ao seu estado, fallando, supponha-se mesmo com perfeição e elidem, uma ou mais linguas da Europa, elles mettem hombros á empreza sem ter a menor noticia da lingua que fallão os indigenas!

Engano em que não cahirão os Jesuitas, que aprendião com esmero o idioma Guarani e dialectos que fallavão as hordas a que se dirigião!

PAGINAS MENORES.

Rio, 24 de setembro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Domingo passado o caminho de S. Christovão rivalisava com os aristocraticos passeios da Gloria, do Botafogo e S. Clemente, no luxo e no concurrencia, na animação e até na poeira. O *Jockey-Club* annunciára a sua primeira corrida; e apezar dos bilhetes amarellos, dos erros typographicos e do silencio dos jornaes, a sociedade elegante se esforçou em corresponder á amabilidade do convite.

Fazia uma bella manhã:—céo azul, sol brilhante, viração fresca, ar puro e sereno. O dia estava soberbo. Ao longe o campo corria entre a sombra das arvores e o verde dos montes; e as brisas da serra vinhão impregnadas daquella deliciosa fragrancia das relvas e das folhas, que predispõe o espirito para as emoções placidas e serenas.

Desde sete horas da manhã começárão a passar as elegantes carruagens, e os grupos dos *gentlemen riders*, cavalleiros por gosto ou por economia. Apoz o *vis-à-vis* aristocratico tirado pela brilhante parelha de cavallos do Cabo, vinha á trote curto o *cabriolet* da praça puxado pelos dous burrinhos classicos, que, apezar do nome, davão nesta occasião a mais alta prova de sabedoria, mostrando que comprehendião toda a força daquelle proverbio inventado [illegible]

Tudo isto luzindo de enthusiasmo e ligeireza, turbilhonando entre nuvens de pó, animando-se com a excitação da carreira, formava uma confusão magnifica; e passava no meio dos estalos dos chicotes, dos gritos dos cocheiros, do rodar das carruagens, e do rir e vozear dos cavalleiros, como uma especie de *sabat* de *feiticeiras* que começava no campo de Sant'Anna, e ia perder-se por baixo da sombra das arvores do Prado, e das taboas sujas e carcomidas de uma barraca, a que por capricho assentárão de chamar pavilhão, e que de velha já se está rindo das miserias do mundo.

A's 10 horas abriu-se a raia (*turf*), e começou a corrida com a irregularidade do costume. Os parelheiros pouco adestrados, sem o ensino conveniente, não partião ao signal e ao mesmo tempo, e disto resultou que muitas vezes o premio da victoria não coube ao *jockey*, que montava o melhor corredor, e sim áquelle que tinha a felicidade de ser o primeiro á lançar-se na *raia*. A ultima corrida, que durou um minuto e dezanove segundos, teria sido brilhante, se dous dos cavalleiros não se tivessem lembrado de imitar as pombinhas de Venus, que, dizem, voavão presas por um laço de amor.

A directoria, que envidou todos os seus esforços para tornar agradaveis as novas corridas, deve tomar as providencias necessarias afim de fazer cessar estes inconvenientes, formulando com o auxilio dos entendidos um regulamento severo do *turf*. Convém substituir o signal da partida por outro mais forte e mais preciso, e só admittirá inscripção cavallos parelheiros já habituados á *raia*.

Seria tambem para desejar que se tratasse de melhorar a quadra (*sport*) com as innovações necessarias para commodidade dos espectadores; e que se désse alguma attenção á parte comica do divertimento, instituindo-se corridas de burrinhos e de pequiras. Nós ganhavamos com isto uma boa meia hora de rir franco e alegre, e estou certo que por esta maneira o gosto dos passatempos hyppicos se iria popularisando consideravelmente.

A' uma hora da tarde estava tudo acabado, e os socios e convidados disserão adeus ás verdes collinas do Engenho-Novo, e voltárão á cidade para descansar e satisfazer a necessidade tão trivial e commum de jantar, insupportavel costume, que apezar de todas as revoluções do globo e todas as vicissitudes da moda, dura desde o principio do mundo.

A' tarde, aquelles que tiverão a honra de um convite, forão a Sando assistir á inauguração do instituto dos cegos na casa que servio de residencia ao primeiro barão do Rio Bonito.

Ha muito tempo que se esperava a realização desta bella instituição humanitaria, destinada a dar ás pobres creaturas privadas da luz dos olhos, a luz do espirito e da intelligencia. Devemos esperar do zelo das pessoas a quem foi confiada a sua administração e os seus trabalhos, que em pouco conseguiremos resultados tão proficuos como tem obtido a França e os Estados-Unidos.

A inauguração teve logar em presença de SS. MM. e de um luzido e numeroso concurso de senhoras e de pessoas de distincção, que alli se achavão animados pelo mesmo sentimento, e como para realizarem aquelle acto humanitario com a triplice auréola da magestade, da virtude e da illustração.

Depois de tudo isto, uma bella noite sem lua, fresca e estrellada; algumas partidas no Cattete, um passeio agradavel ao relento, ou o doce serão da familia em redor da mesa do chá; e por fim cada um se recolheu a repassar lentamente na memoria os prazeres do dia, e a lembrar-se de um sorriso que lhe derão e de uns olhos que não vio.

Entretanto a mim não me succedeu o mesmo. Tinha-me divertido, é verdade; mas aquelle domingo cheio, que estreava a semana de uma maneira tão brilhante, fazia-me pressentir uma tal fecundidade de acontecimentos, que me inquietava seriamente. Já via surgir de repente uma serie interminavel de bailes e serões, um catalogo enorme de revoluções, e uma cópia de noticias capaz de produzir dous supplementos de qualquer jornal no mesmo dia. E eu, mettido no meio de tudo isto, com uma penna, uma pouca de tinta e uma folha de papel, esta trapeça do genero feminino, com a qual trabalhão alguns escriptores modernos, á moda do sapateiro remendão dos tempos de outr'ora!

E uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horacio, deste novo Protheu, que chamão folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candêas ás avessas, e escrever-lhe-hia uma biographia, que com as annotações de certos criticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno, no purgatorio onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéa.

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assumpto serio, do riso e do prazer ás miserias e ás chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as paginas douradas do seu *album*, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto á tres duzias de adoradores! Fazerem do escriptor uma especie de colibri a esvoaçar em zig-zags, e a sugar, como o mel das flôres, a graça, o sal e o espirito que deve necessariamente descobrir no facto o mais comesinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o misero folhetinista por força de vontade conseguiu attingir a este ultimo esforço da volubilidade, quando á custa de magia e de encanto fez que a penna se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. Cuida que é uma borboleta que quebrou a crisalida para ostentar o brilho fascinador de suas côres; mas engana-se; é apenas uma formiga que creou azas para perder-se.

De um lado um critico, aliás de boa fé, é de opinião que o folhetinista inventou em vez de contar, o que por conseguinte excedeu os limites da chronica. Outro affirma que plagiou, e prova immediatamente que tal autor, se não disse a mesma cousa, teve intenção de dizer, porque emfim *nihil sub sole novum*. Se se trata de cousa séria, a amavel leitora amarrota o jornal e atira-o de lado com um momozinho displicente a que é impossivel resistir. Quando se falla de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos brejeiros, o velho tira os oculos de massado, e diz entre dentes: « Ah! o sujeitinho está namorando á minha custa! Não falla contra as *reformas*! Hei de suspender a assignatura. »

O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo *toilette*, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas ao domingo, as velhas porque não fallou na decadencia das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante por que não tratou das cotações da praça, e finalmente o litterato porque o homem não achou a mesma idéa brilhante, que elle ruminava no seu alto bestunto.

Nada, isto não tem geito! E' preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas cousas. Quando queremos jantar vamos ao hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o theatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnan. O poeta glosa o mote que lhe dão, o musico fantasia sobre um thema favorito, o escriptor adopta um titulo para o seu livro ou o seu artigo. Sómente o folhetim não é que ha de sahir da regra geral, e ser uma especie de panacéa, um tratado *de omni scibili et possibili*, um diccionario hespanhol que contenha todas as cousas e algumas cousinhas mais. Emquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem n'uma exacta definição do folhetim, tenho para mim que a cousa é impossivel.

Fação idéa, estando ainda dominado por estas impressões da vespera, como não fiquei desapontado no dia seguinte, quando me foi entrar com a nova da chegada do paquete de Southampton, o qual parece que mesmo de proposito trouxe quanta noticia nova e velha havia lá pela Europa.

Nicoláo, vendo que não arranjava nada com os seus primos da Austria e da Prussia, assentou de alliar-se com o *Judeu Errante*, um certo individuo inventado no tempo em que ainda se inventava, e correcto e augmentado no seculo dezanove pelo Sr. Eugenio Sue. Entretanto sahiu-lhe a cousa ás avessas, porque os Inglezes e Francezes com a cholera, ficárão verdadeiramente *cholericos*, e então não ha mais nada que lhes resista. Tomárão Bomarsund, e é de crer que a esta hora já tenhão empolgado Sebastopol.

Ao passo que elles lá no Oriente pelejão combates e batalhas para se distrahirem durante a convalescença da molestia, os Egypcios derão ao mundo uma grande lição de politica constitucional á seu modo em duas palavras — *páo e corda*; e mostrárão claramente que toda a sciencia de governar está na maneira de empregar aquelles dous termos.

Se Abbas-Pachá tivesse aprendido na escola de Napoleão pequenino, em vez de mandar metter o bastão nos mamelucos para estes o enforcarem, teria usado da outra fórma symbolica de governar, *corda e páo*, isto é, tel-os-ia mandado enforcar n'um páo qualquer, e estaria agora vivo e bem disposto para mandar enforcar uma nova porção.

Politicos do mundo inteiro! Jornalistas do orbe catholico! Publicistas que desde Hugo Grocio quebrais as pestanas a resolver a grande questão das fórmas do governo! podeis fazer cartuxo dos vossos jornaes, podeis vender os vossos enormes in-folio

po, não devia deixar de dar algum espectaculo na noite de hoje, afim de vos preparar, por um banho russiano, para a visita das estufas nas igrejas.

É pena que não se lembrassem de repetir o *Roberto do Diabo*, que acaba justamente de 2 horas, tempo em que cantão os psalmos degenerados da cidade, e em que os sacristães da côrte, dando descanso á antiquidade da tradição, começão a tanger os sinos.

Todo este mundo depende das occasiões, disse-me um *dilettanti* que vós conheceis: — Se a directoria tivesse sabido aproveitar a noite de hoje, o *Roberto do Diabo* estaria apenas no purgatorio, d'onde naturalmente o conseguiria tirar algum artigo hieroglyphico, maçonico ou brahmino, escripto unicamente para os espiritos sublimes. Então não se veria na dura necessidade de conservar o theatro aberto, recordando atenuados e obrigando os actionistas e os assignantes a pagarem as libranças, não do *Roberto*, mas de algum *S. Bartholomeu* que não conhecemos.

Eu não concordo com esta opinião. Julgo-a é principio que convinha interromperem-se os espectaculos por um mez ao menos; porém hoje estou convencido que o tirar-se uma tão grande utilidade a esta côrte, que a policia devia intervir para que houvesse representação todas as noites. Se duvidão vou enumerar-lhes as enormes vantagens economicas, hygienicas, politicas e moraes, que resultão do theatro.

Em primeiro logar cura constipações pelo systema homeopathico, allivia o rheumatismo dos velhos, e dá ás mocinhas do tom uma côr baça e amarella, do melhor effeito, a qual os poetas tem convencionado chamar — a *pallidez romantica*. No fim de uma semana ou quinze dias uma bella menina viva e rosada, começa á definhar: desmaiando-lhe as côres, as olheiras tornão-lhe interessante... corpo tomou-se de languidez mysteriosa.

Para o medico, homem positivo, isto é o symptoma funesto de alguma consumpção; mas o poeta, espirito elevado, que tem a pretenção de viver de ar como os camaleões, extasia-se em face desse rosto macerado pelas vigilias, satisfeito por achar uma occasião de applicar a sublime comparação de *pallida lilia longeldamente reclinada sobre a haste delicada*.

No fim de certas o medico faz um diagnostico importante; o poeta escreve algumas centenas de versos no estylo de Byron, ou de Alfredo de Musset. O boticario avia receitas sobre receitas; e o typographo tira duas edições do volume de poesias. Faz-se uma consulta de medicos, em quanto os folhetins e as revistas criticas discutem e fazem a anthropsia dos versos novamente dados á luz. Trava-se a discussão, e no momento justo em que os medicos enchem de cataplasmas a barriga do romance, o poeta attonito reconhece que surgio alli o seu Petrarca, o seu Dante, o seu Tasso.

Eis ahi pois o theatro Provisorio concorrendo para o desenvolvimento litterario, e tornando apreciavel o estudo da medicina. Isto porém não é tudo. A directoria que empreheudeu a regeneração da nossa opera lyrica viu tambem a outras reminiscencias mais reaes e positivas.

A Charton é a cantora predilecta do publico, é o rouxinol das bellas noites pintadas por Bragaldi, é a rosa perfumada em cujo calix bebul fez o seu ninho gracioso, e onde se reclina soltando nos ares as ricas melodias de suas notas. Pois bem; a Charton continuará a representar pelo verão sem ter nem sequer um mez de descanso: bebul cantará todo o estio como uma cigarra importuna: a fera se fanará exposta ao tempo, sem sombra e sem abrigo.

Não bastão ás Charton ficar com a voz empallidecida e *Zerchini*, o rico publico espirituoso e exigente ficará ensinado, e acceitará alli qualquer comprimaria que lhe queirão impingir na qualidade de cantora de cartello.

Então, como a guerra do Oriente e a exposição de Paris não permittirão novos emprehendimentos na Europa, a empreza, livre de reclamações exageradas, poderá fazer importantes economias, contentando nesta côrte algumas centenas de medinhas para coristas, e promovendo por antiguidade as coristas á comprimarias e á prima-donnas: teremos neste caso espectaculos baratos, a pataca e a quinhentos réis. O publico tomará o seu banho de vapor pela quinta parte do que paga hoje.

Pouco tempo depois que a directoria tiver obtido este grande resultado, o publico se convencerá que se a musica (do theatro Lyrico), como disse alguem, é o mais supportavel dos barulhos, o theatro é o mais insupportavel dos suadores.

Os espectaculos pois serão abandonados, o *dilettante* começará a ser uma especie de mastodonte *anti-roberticus*, objecto de estudo dos archeologos e antiquarios, e o barracão terá um destino muito semelhante ao que tem hoje, e ficará sendo uma dependencia do Museu.

Não se póde portanto deixar de tributar todos os elogios a quem emprehendeu, e trata de executar com tanta habilidade a util empreza de desacreditar a opera italiana e de nos fazer abborrecer o theatro lyrico. Todo o publico desta côrte deve auxiliar este projecto, por todas as rasões, até mesmo porque é de melhor gosto, é mais elegante, nestas noites de calma, ir suar no Provisorio, do que tomar fresco no Passeio Publico.

No theatro olha-se para um camarote, procura-se uma feição mimosa e acetinada, umas faces que são de setim côr de rosa, um collo alvo de jaspe, e tem-se o desgosto de ver uma nota azul-ferrete, matizada de rôxo, um olho arregalado diffirmando com aquellas duas pinceladas

...alia, á estas paredes, que serão testemunhas
...os momentos deliciosos, cuja lembrança
...tempo não apagará.
...e, que alia lá não teem tão remotas recordações
...despertão-se da saudade pelliciante que se
...contrita aquella noite, e que daqui á alguns
...irão dispersando como as folhas de uma
...que vão á direcção e ao capricho dos

...ega do verão já se vai fazendo sentir; e aquella
...vida entre o prazer e a vida da cidade, vão já
...o de fugir essa última embora, e do prazer
...uma reflexão aos calores da estação.

...opolis, —a alta e graciosa Petropolis, com
...ermas matinaes, com as suas cabanas alle-
...com seus jardins, seus campos, suas pra-
...s, — lá nos muda de longe um cavalheiro
...s seus gasetas poetico, á vida folgasã que se
...no-seus hoteis, á mesa dos domingos na ca-
...ha da frequezia, e á tantos outros passatem-
...pompeiros, que se gozão levando essas dias
...ai vivemos como aves de arribação,
...pias á haver as azas ao primeiro sorriso da
...avera.

...anta cabecinha loura ou morena já não se
...recordando do verão passado, e refazendo na
...s os gozos doces dias alegres e descuidosos!
...a imaginação não começou já á fazer esta
...ersa viagem, e não vai sinzando pelas aguas
...blue... azues da nossa linda bahia, á vista

...plar o formoso panorama que desenrola as vidraças
...do mar sobre a praia da praia, e as recostas das
...montanhas nas lindas recostas do horizonte!

Além de Petropolis, muito além, lá estão as serras, as matas ainda virgens, as florestas sombrias de nossa terra, as arvores seculares, os lagos e as correntes d'agua que atravessão os logares e as planicies.

Ali se eleva á espaços pelas abas das montanhas uma pobre mangueira de algum rio, a fumaça do agricultor, onde se vive a verdadeira vida do campo, onde as boas crenças teem de cultivo e de tradições no doce remanso de uma existencia simples e tranquilla.

Como Petropolis, como a Tijuca, como todos os arredabbles da cidade, a serra tambem vai convidar uma á uma as suas bellas flores da nossa cidade, as mais preciosas joias dos nossos valles, as mais lindas estrellas do nosso céo. Uma bella noite, quando levantardes os olhos, vereis as vossas flores transformadas no horizonte, como esses astros de que falla Virgilio, deixando apenas nas trevas um longo resto de luz.

Stellas
Præcipites cœlo labi, noctisque per umbram
Flammarum longos a tergo albescere tractus.

No outro dia, quando procurardes por ellas terão completamente desapparecido. Uma manhã de ...

...puros, que dão vida e saude, que fazem voltar de faces empallidecidas as côres frescas e rosadas.

Quanto á vós, que ficais curtindo as magoas da ausencia, consolai-vos com essa idéa; e se durante a ausencia encontrardes por acaso n'alguma passeio pelos jardins uma linda florzinha azul, que os jardineiros chamão *miosotis*, e á que os Allemães dão o nome de *vergis-mein-nicht*, lazei, como Alfredo de Musset, alguma bella poesia á saudade, e mandai-m'a, que eu a publicarei nas *Paginas Menores*.

Se isto ainda não vos consolar de todo, lêde as noticias da guerra do Oriente, que cada vez se vão tornando mais interessantes. O ultimo vapor trouxe-nos a noticia de que em honra de Saint-Arnaud se tinha levantado em Constantinopla uma cruz. — a primeira depois de quatrocentos annos. Ora, se é exacto que o diabo foge da cruz, como diz um ditado portuguez, é de crer que á esta hora toda a canalha do Turco, principiando pelo Sultão, tenha abandonado a formosa Stamboul.

Quanto á tomada de Sebastopol, não se realisou ainda; mas pelo vapor seguinte teremos por ahi infallivelmente esta portentosa noticia, que, á fallar a verdade, já vai se parecendo alguma cousa com os annuncios do nosso theatro Provisorio.

De manhã os jornaes avisão aos seus leitores que á noite haverá espectaculo lyrico; á tarde apparece uma molestia qualquer, e o espectaculo fica

... ministro do imperio, sem dependencia de deliberação da mesma camara.

A este acto da camara chamamos nós prudencia e zelo pelo bem publico. Não ha ahi a menor questão de importancia municipal; ha sómente uma prova de tino em aproveitar os bons desejos do governo.

O Sr. ministro do imperio, tendo ouvido o presidente da municipalidade e a da junta de hygiene publica, depois de mandar em diversas providencias para o caso em que tivéssemos invasão da epidemia que ultimamente assolava alguns paizes da Europa, cuidou logo em organisar um systema, não para um serviço permanente, mas para que o asseio da cidade pudesse ser levado a effeito na maxima brevidade possivel. Já em outro numero expuzemos as vistas do ministerio de que S. Ex. faz parte, e as principaes idéas do regulamento que foi elaborado para aquelle fim. Hoje apenas examinaremos duas questões que se tem suscitado a proposito do mesmo regulamento.

Haverá alguma offensa das attribuições do corpo municipal em dar-se ao chefe de policia a fiscalisação do serviço que se vai montar? A resposta é facil, se se attender a que este serviço não entra no circulo das medidas ordinarias do asseio da cidade: é uma providencia extraordinaria, que deve ter uma execução prompta e immediata, para dar logar depois a um systema constante e regular. Se o governo declarasse que de ora em diante a camara municipal ficaria inhibida de fiscalisar a limpeza da cidade, por certo commetteria uma illegalidade: só póde alterar a lei do 1º de outubro o corpo legislativo; nisso concordamos. Porém o governo, querendo prestar um serviço em concurrencia com o poder municipal, — um serviço estipendiado pelos cofres publicos, — propõe á sua fiscalisação uma autoridade de sua escolha, com quem se póde entender mais facilmente, e que tem meios de mais directa e efficaz inspecção: está no seu direito, e não ha ahi que ver.

... não forão mais do que o reconhecimento de que ellas se achão mal dotadas e defeituosamente constituidas. A municipalidade da côrte é sem duvida mais energica, mais cuidadosa do que muitas outras, graças ao zelo e actividade de seus membros; mas os seus poucos recursos em relação a seus grandes encargos obstão a que ella occorra a essa necessidade da ordem desta, que deve ser immediatamente satisfeita ao mesmo tempo em toda a cidade.

Accresce que o Sr. ministro do imperio guardou nesta occurrencia toda a deferencia devida á corporação municipal, ouvindo previamente o seu presidente, conferenciando com alguns de seus membros, e preferindo os vereadores para os cargos de delegados da inspecção que se vai organisar.

A outra balela que se tem querido suscitar contra o regulamento e contra o serviço do asseio da cidade é relativa á visita sanitaria das casas particulares. Quem sabe como em muitas casas, já não diremos nos quintaes, mas dentro dos predios, se cura pouco do asseio e da saude, conservando-se fócos de infecção prejudiciaes não só a seus moradores, como á visinhança e á salubridade geral, não póde censurar uma medida tendente a acabar com semelhante abuso. E quer o publico saber como neste assumpto se houve o governo tão prudentemente, e attendeu a todas as conveniencias e respeitos? Basta-nos extractar em resumo as providencias do regulamento:

« Os encarregados dos districtos e quarteirões evitarão que se conservem nas casas particulares fócos de infecção, e que se lancem despejos de immundicias nos quintaes, cocheiras, ou em outros pontos das ditas casas.

« No desempenho desta tarefa procurarão entender-se com os respectivos moradores, persuadindo-os da necessidade desta medida.

« Farão annunciar pelas folhas publicas a época ou os dias em que tiverem de visitar as mesmas casas, e guardarão nas visitas toda a urbanidade, procedendo durante ellas por fórma que não deem motivo fundado de queixa ou reluctancia.

« Se encontrarem depositos de immundicias ou qualquer fóco de infecção, marcarão um prazo ...

... da dita provincia, o bacharel Francisco da Costa Carvalho.

Foi removido o juiz municipal e de orphãos José Vicente Marcondes do termo de Jundiahy para o de Pindamonhangaba, da dita provincia, por o haver pedido.

Por decreto de 27 do dito mez foi perdoada a Manoel Carlos de Castro Camargo a pena de 2 mezes de prisão simples e multa que lhe foi imposta por sentença do juiz de direito da comarca de Campinas.

Por decretos de 28 do dito mez forão reformados nos mesmos postos:

O tenente-coronel da antiga guarda nacional do municipio da Parnahyba, da provincia do Piauhy, Simplicio Dias de Salles e Silva;

O tenente-coronel commandante do extincto 1º batalhão da guarda nacional do municipio da cidade do Serro, da provincia de Minas Geraes, Pedro Maria Xavier da Silva Brandão;

O major da extincta legião da guarda nacional do municipio do Curvello, da mesma provincia, José Felippe Benicio.

NOTICIAS DIVERSAS.

Parte hoje o correio para Cantagallo, e amanhã para Iguassú.

— Esta noite representa-se no theatro de S. Pedro de Alcantara o drama *Raphael* e a comedia *O Misanthropo*. Nos intervallos ha varias danças.

— Ha hoje as seguintes festas religiosas:

Na igreja da Lampadosa a da sua padroeira, com missa pontifical e *Te-Deum*;

Na da Candelaria, a de S. Crispim e S. Crispiniano. A musica é dirigida pelo Sr. Bento Fernandes das Mercês, e executada em parte por discipulos seus;

Na do Carmo, a de Nossa Senhora do Cabo da Boa Esperança. A' noite, coreto e illuminação junto ao oratorio da mesma Virgem, na rua Detraz do Carmo.

— Toca esta tarde no Passeio Publico a banda de musica nacional do corpo de Permanentes.

... Formoso. Erysipela.

Sebastiana Maria de Jesus Amaral, natural do Rio de Janeiro, 82 annos, viuva, moradora no becco do Imperio. Febre perniciosa.

Mathildes Victorina da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 26 annos, casada, moradora na Praia da Gamboa. Febre perniciosa.

Maria Joaquina da Annunciação, natural do Rio de Janeiro, 80 annos, solteira, moradora na rua da Misericordia. Gastro-interite.

Anna Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 16 annos, solteira, moradora na rua Estreita de S. Joaquim. Tuberculos pulmonares.

Fallecêrão nos diversos hospitaes, no dia 27 do corrente, 6 pessoas livres e 3 escravas, a saber:

Felippe de Frias, natural do Rio de Janeiro, 35 annos, solteiro. Irritação gastrica.

Manoel Ferreira Mesquita, natural de Portugal, 24 annos, maritimo. Tuberculos pulmonares.

Francisco dos Santos, natural de Portugal, 41 annos. Tuberculos pulmonares.

Catharina, preta forra, Cabunga, 70 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.

Leocadia Xavier Galvão Branco, natural do Rio de Janeiro, 18 annos, solteira. Congestão cerebral.

Eliza Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro, 22 annos, solteira. Febre intermittente.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

SESSÃO EM 27 DE OUTUBRO DE 1854.

Presidencia do Sr. Dr. Castro Menezes.

(Promotor-publico, o Sr. Dr. Ferreira Baptista.)

A's 10 1/2 horas do dia fez-se a chamada, e comparecendo numero legal de jurados abrio-se a sessão.

E' presente á barra do tribunal o réo Mariano Antonio, natural de Lisboa, de 46 annos de idade, solteiro, sapateiro; accusado pela justiça publica de ter commettido o crime de ferimentos graves de que trata o art. 204 do codigo penal.

Consta do processo que no dia 25 de maio do corrente anno, na freguezia de Inhaúma, o accusado dera duas facadas em Manoel José da Silva Barroso, de cujos ferimentos fallecera o mesmo, resultando a morte pela gravidade do ferimento no ventre, a juizo dos facultativos.

O accusado nega ter commettido este crime. Terminados os debates, sendo defensor o Dr. Antonio de Saldanha da Gama, em vista da decisão do ...

... os acontecimentos havidos no espaço de um anno.

No nosso entender, cumpre primeiro que tudo reconhecer que a guerra tem-se tornado um objecto do menor importancia do que se esperava — um negocio que nos preoccupa menos, um elemento que já não altera tanto nas occupações da vida diaria. Esta reflexão parecerá talvez extemporanea, na presente expectativa em que estamos, do exito de uma expedição tão vasta como a que se intenta contra Sebastopol; comtudo, ainda assim julgamos poder sustentar o que avançamos. Todos se imaginavão que a direcção das nossas idéas, bem como o rumo da nossa politica, teria de soffrer uma completa modificação pela passagem de um estado de paz para um estado de guerra. A geração actual tinha tão pouca experiencia do que são hostilidades, e considerava-se o rompimento de uma paz de quarenta annos como uma contingencia tão pouco provavel, que difficil seria medir as consequencias só pela existencia do facto. Os vaticinios dos homens de Estado, — mesmo dos mais bellicosos nas suas idéas, — apresentavão os resultados da guerra quasi como incalculaveis; e a nação, no meio de sua enthusiastica resolução, acceitou a alternativa de um appello para as armas com a profunda consciencia dos perdimentos e indefinitos encargos que a ler. Nos parece que podemos agora invocar a experiencia do publico para confirmar a nossa opinião de que esses receios inteiramente não se realisárão.

Estamos bem longe de querer insinuar que a guerra não seja um compromettimento muito serio, e um mal terrivel, — de sobejo o provárão as noticias que dentro em poucos dias temos de receber; — porém até ao presente a influencia que ella tem exercido nos tramites ordinarios da vida publica não tem sido muito grande. Principalmente se de uma extremada avidez de noticias, certeria a descobrir-se grande differença entre o modo geral de pensar de hoje e o do anno passado. Trabalhamos e divertimo-nos exactamente com o mesmo affinco e a mesma seguridade. Viajamos por onde bem nos parece com inabalavel confiança, e não nos consta que Inglez algum peregrinador tenha sido molestado, á excepção, em uma alta longa zona, de um ou dous que se atirárão de longa paz ...

... [illegible] ...

Em summa, parece realmente que podemos continuar as operações, até o Czar cançar-se dellas, com certa perspectiva de impunidade para nós.

Até ao presente nenhum ponto tem havido em que a Russia tenha-se mostrado mais forte, ou a Inglaterra mais fraca do que era de esperar; posto que por mais de uma vez ficámos surprehendidos nos momentos do nosso poder em comparação com a impotencia do nosso adversario.

Bem longe de apoderar-se de Constantinopla *por um coup de main*, a Russia nem sequer póde conseguir ascendente algum sobre o Danubio; bem longe de fazer frente ás forças alliadas, não póde mesmo resistir aos ataques dos Turcos; e se os meios de que ella dispõe na Criméa excederem ao que se presume, será esta a primeira vez que semelhante cousa terá de acontecer em todo o curso da guerra. Todos os calculos podem tender a provar o contrario. Ha fortes motivos para se suppôr que as forças russas contra as quaes agora avançamos sejão designaes ás dos alliados, não só em numero como pela confiança em si proprias; e comquanto sejão arriscadas todas e quaesquer conjecturas a esse respeito, não nos parece muito fóra das probabilidades que o resultado daquella empreza venha a ser antes inferior do que superior aos meios empregados para ella ser posta em execução.

Assim feita a resenha deste primeiro anno de guerra, nada vemos de certo que seja susceptivel de induzir a desesperar; mas ha uma circumstancia para o qual com extremo satisfação podemos volver os olhos. A necessidade de um appello em defeza do equilibrio europeu trouxe-nos a uma alliança com a França, que mal poderia ter resultado de quaesquer outras condições, e alli mesmo a sem hesitar, esse alliança é digna de todo quanto a guerra nos tem custado.

A sincera e constante cordialidade que hoje reina entre ambas as nações unidas em armas, é o mais seguro penhor para os seus bons feitos como para a tranquillidade e progresso do mundo civilisado. Um rompimento da paz europea teve o merecimento de ligar a França e a Inglaterra por laços de verdadeira amizade, e de todo o coração esperamos que os perigos e glorias de uma victoria alcançada em commum já tenha contribuido, a este tempo, para o completo desarraigamento de tradicionaes desconfianças.

(Times.)

... mesmo coronel, pelos recursos do thesouro publico; mas, qual não foi a decepção de uns sujeitos quando se virão descobertos em sua excursão pela vulgarisação do motivo de semelhante chamamento, que cartas dalli mesmo ser por demais honroso ao referido coronel, a quem, segundo consta, já ter confiado o commando das armas de Matto-Grosso, commando que, na presente occasião, não é para ser dado a qualquer.

E nem de outro modo poderia acontecer, quando não havia razão alguma para suppôr-se no batalhão de artilharia, o menos de seu bravo commandante, digno por sem duvida do apreço em que por muitos titulos é tido.

Pouco depois de haver chegado a este porto, procedente desta capital, o vapor *D. Maria II.*, o Dr. Schrio, delegado do 2º districto, acompanhado de um official da secretaria da policia, apresentou-se a bordo para interrogar o Portuguez Francisco Antonio da Camara, que por communicação do commandante do mesmo vapor ao consul respectivo, e deste ao Dr. chefe de policia, era indigitado como autor de um roubo. Em conclusão das diligencias a que procedeu o Dr. delegado, o qual em suas investigações foi grandemente auxiliado pelo digno commandante do vapor, retirou-se para a terra trazendo comsigo o criminoso para proceder-se ulteriormente conforme fôr de direito.

No altar-mór da igreja matriz de Sant'Anna do Sacramento o respectivo vigario conego Capistrano de Campos celebrou no dia 3 do corrente uma missa pelo eterno repouso da virtuosa esposa do deputado Apeigio, fallecida nesta côrte; e no mesmo acto cantou o vigario de S. Pedro conego Fonseca Lima em outro altar daquella igreja officiou em identico sentido e com a mesma tenção.

Um grande numero de amigos do inconsolavel consorte e do extremoso irmão da finada, o Exm. Sr. Tiberio, acudio ao convite do vigario de Sant'Anna, que não quiz deixar de dar essa prova de sua dedicação áquelles dous estimaveis cidadãos.

Conforme annunciámos o novo regulamento da secretaria do governo desta provincia, o Exm. Sr. presidente acaba de nomear o bacharel Joaquim Ayres de Almeida Freitas official de seu gabinete. — Os talentos e circumspecção do nomeado são o mais seguro garante do acerto da nomeação de S. Ex., cujo acto foi applaudido pelos que de perto conhecem o merecimento do Sr. Dr. Ayres.

Vagando assim o logar de promotor publico da comarca do Inhambupe, que era occupado por aquelle bacharel, teve S. Ex. de provê-lo; e em minha opinião bem se houve S. Ex. nomeando para elle o bacharel João dos Reis de Souza Dantas, cujos precedentes, firmeza de principios e actividade, estão superiores a qualquer contestação.

PAGINAS MENORES.

Rio, 29 de outubro.

AO CORRER DA PENNA.

(REVISTA.)

Quando estiverdes de bom humor e n'uma excellente disposição de espirito, aproveitai uma destas bellas tardes de verão como tem feito nos ultimos dias, e ide passar algumas horas no Passeio Publico, onde ao menos gozareis a sombra das arvores e um ar puro e fresco, e estareis livres da poeira e do incommodo rodar dos omnibus e das carroças.

Talvez que contemplando aquellas velhas e toscas alamedas com seus gradis quebrados, e suas arvores mirradas e carcomidas, e vendo o descuido e a negligencia que reina em todo isto, vos acudão ao espirito as mesmas reflexões que me assaltárão a mim e á um amigo meu, que ha cerca de um anno teve a habilidade de transformar em uma semana uma tarde no Passeio Publico.

Talvez pensareis como nós, que o estrangeiro, que procurar nestes logares banhados pela viração da tarde um refrigerio á calma abrazadora do clima, deve ficar fazendo bem alta idéa não só do passeio, como do publico desta côrte.

A nossa sociedade é ali dignamente representada por dous typos curiosos e dignos de uma physiologia no gosto de Balzac. O primeiro é o estudante de latim, que ao sahir da escola, ainda com os *Commentarios* debaixo do braço e o quaderno de significados no bolso, atira-se intrepidamente qual novo Cesar á conquista do ninho dos pobres passarinhos. O segundo é o velho do seculo passado, que em companhia do indefectivel compadre, recorda as tradições dos tempos coloniaes, e conta anecdotas sobre a rua das Bellas-Noites, e sobre o excellente governo do Sr. vice-rei D. Luiz de Vasconcellos.

Assim pois não ha razão de queixa. O passado e o futuro, a geração que finda e a sociedade esperançosa que desponta, fazem honra ao nosso Passeio, o qual [illegible] muito racionalmente, para dar tempo ao passado de ir crer, e ao futuro de ir cuidar nos seus significados.

Quanto ao presente, não passeia, é verdade; porém, em compensação, vai ao Casino, ao theatro Lyrico, toma sorvetes, e tem mil outros divertimentos agradaveis, como o de encher os olhos de poeira, fazer um exercicio hygienico de costellas dentro de um carro nas ruas do Catete, e sobretudo o prazer incomparavel de dansar, isto é, de andar no meio da sala, como um lapis vestido de casaca, a fazer altos nas contradansas, e a gyrar na valsa como um pião, ou como um corrupio.

Com tão bellos passatempos, que se importa o presente com esse desleixo imperdoavel, esse completo abandono de um bem nacional, que sobrecarrega de despezas os cofres do estado, sem prestar nenhuma das grandes vantagens de que poderião gozar os habitantes desta côrte?

Quando por acaso se lembra de semelhante cousa, é unicamente para servir-lhe de pretexto a um estribilho de todos os tempos e de todos os paizes, para queixar-se da administração e lançar sobre ella toda a culpa. Ora, eu não pretendo defender o governo, não só porque tendo tanta cousa á fazer ha de por força achar-se sempre em falta; como porque elle está para a opinião publica na mesma posição que o menino de escola para o mestre, e que o soldado para o sargento, isto é, tendo a presumpção legal contra si.

Comtudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso Passeio Publico não é unicamente devido á falta de zelo da parte do governo, mas tambem aos nossos usos e costumes, e especialmente a uns certos habitos caseiros e pregiçosos, que tem a força de fechar-nos em casa dia e noite.

Nós que macaqueamos dos Francezes tudo quanto elles tem de máo, de ridiculo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformar-nos em bonecos e bonecas francezes, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores cousas que elles tem, uma cousa que elles inventárão, que lhes é peculiar, e que não existe em nenhum outro paiz, a menos que não seja uma pallida imitação: — a *flanerie*.

Vós sabeis o que é a *flanerie*? E' o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou scismando, contemplando a belleza natural ou a belleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. O companheiro inseparavel do homem quando *flana* é o charuto; — o da senhora é o seu *bouquet* de flôres.

O que ha de mais encantador e de mais apreciavel na *flanerie* é que ella não produz unicamente o movimento material, mas tambem o exercicio moral. Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espirito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções.

A cidade do Rio de Janeiro, com seu bello céo de azul e sua natureza tão rica, com a belleza de seus panoramas e de seus graciosos arrabaldes, offerece muitos desses pontos de reunião, onde todas as tardes, quando quebrasse a força do sol, a boa sociedade poderia ir passar alguns instantes n'uma reunião agradavel, n'um circulo de amigos e conhecidos, sem etiquetas e ceremonias, com toda a liberdade do passeio, e ao mesmo tempo com todo o encanto de uma grande reunião.

Não fallando já do Passeio Publico, que me parece injustamente votado ao abandono, temos na Praia de Botafogo um magnifico *boulevard* como talvez não haja um em Paris, pelo que toca á natureza. Quanto á belleza da perspectiva, o adro da pequena igrejinha da *Gloria* é para mim um dos mais lindos passeios do Rio de Janeiro. O lanço d'olhos é soberbo: vê-se toda a cidade ao vol d'oiseau, embora não se tenha azas para voar á algum cantinho onde nos leva sem querer o pensamento.

Mas entre nós ninguem dá apreço a isto. Comtanto que se vá ao baile do tom, á opera nova, que se pilhe duas ou tres constipações por mez e uma tisica por anno, a boa sociedade se diverte; e do alto de seu *coupé* aristocratico lança um olhar de soberano desprezo para esses passeios pedestres, que os charlatães dizem ser uma condição de vida e de bem-estar, mas que enfim não tem a agradavel emoção dos trancos, e não dão a um homem a figura de um boneco de engonço a fazer caretas e a deslocar os hombros entre as almofadas de uma carruagem.

A boa sociedade não precisa passear; tem á sua disposição muitos divertimentos, e não deve por conseguinte invejar esse mesquinho passatempo do caixeiro e do estudante. O passeio é a distracção do pobre que não tem carros e reuniões.

Entretanto se por acaso encontrardes o *Diabo-Coxo* de Lesage, pedi-lhe que vos acompanhe em alguma nova excursão aerea, e que vos destampe os telhados das casas da *cidade*; e se fôr noite em que o Charton esteja doente, e o Casino fechado, vereis que atmosphera de tedio e monotonia encontrareis nessas habitações, cujos moradores não passeião nunca porque se divertem de uma maneira extraordinaria.

Felizmente creio que vamos ter breve uma salutar modificação nesta maneira de pensar. As obras para a illuminação á gaz do Passeio Publico, e alguns outros reparos e melhoramentos necessarios já começárão e brevemente estarão concluidos.

Autorisando-se então a administração a admittir o exercicio de todas essas pequenas industrias que se encontrão nos passeios de Paris para commodidade dos frequentadores, e havendo uma banda de musica que toque á intervallos, talvez haja a concurrencia, e o Passeio comece a ser um passatempo agradavel.

Já houve a idéa de entregar-se a administração á uma companhia, que sem nenhuma subvenção do governo, se obrigaria a estabelecer os aformoseamentos necessarios, obtendo como indemnisação um direito muito modico sobre a entrada, e a autorisação de dar dous ou tres bailes populares durante o anno. Não achamos inexequivel semelhante idéa; e se não ha nella algum inconveniente que ignoramos, é natural que o Sr. ministro do imperio já tenha reflectido nos meios de leva-la a effeito.

Entretanto o Sr. ministro que se acautele, e pense maduramente nesses melhoramentos que está promovendo. São uteis, são vantajosos: nós soffremos com a sua falta, e esperamos anciosamente a sua realização. Mas se ha nisto uma *incompetencia de jurisdicção*, nesse caso, perca-se tudo, com tanto que salve-se o principio: *Quod Dei Deo, quod Cæsaris Cæsari*.

A semana passada já o Sr. Pedreira deu motivo a graves censuras com o seu regulamento do asseio publico. E eu que cahi em dizer algumas palavras a favor! Não tinha ainda estudado a questão, e por isso julgava que não dispondo a camara municipal dos recursos necessarios para tratar do asseio da cidade, o Sr. ministro do imperio fizera-lhe um favor isentando-a desta obrigação onerosa e impossivel, e a nós um beneficio, substituindo a realidade do facto á letra morta das Posturas.

Engano completo! Segundo novos principios modernamente descobertos em um jornal *velho*, a camara municipal não tem obrigação de *zelar* na limpeza da cidade, tem sim um direito; e por conseguinte dispensa-la de cumprir aquella obrigação é esbulha-la de seu direito. Embora tenhamos as ruas cheias de lama e as praias immundas, embora a cidade ás dez horas ou meia noite esteja envolta n'uma atmosphera de miasmas putridos, embora vejamos nossos irmãos, nossas familias e nós mesmos, victimas de molestias provenientes destes focos de infecção! Que importa isto? *La garde meurt, mais ne se rend pas.* Morramos, mas respeite-se o elemento municipal; salve-se a sagrada inviolabilidade das Posturas!

Felippe III foi legalmente assassinado, em virtude do rigor das etiquetas da côrte hespanhola. Não é muito pois que nós, os habitantes desta cidade, sejamos legalmente pestados, em virtude das prerogativas de um novo regimen municipal.

A pouco tempo eu diria que isto era mais do que um contrasenso, porém hoje, não; reconheço que o ministro do imperio não deve tocar no elemento municipal, embora o elemento municipal esteja na pasta do ministro do imperio, que approva as posturas, e conhece dos recursos de suas decisões.

Respeite-se portanto a independencia da edilidade, e continuemos a admirar os bellos fructos de tão importante instituição, como sejão a reedificação das casas terreas na rua do Ouvidor, a conservação das biqueiras, o melhoramento das calçadas das ruas da Ajuda e da Lapa, e a irregularidade da construcção das casas, que se regula pela vontade do proprietario, e pelo preceito poetico de Horacio — *Omnis varietas delectat*.

Ora, na verdade um elemento municipal, que tem feito tantos serviços, que além de tudo tem portado esta bella côrte com a applicação dos preceitos de Horacio, não póde de maneira alguma ser privado do legitimo direito que lhe deu a lei de servir de *valet de chambre* da cidade.

Pelo mesmo principio, sendo o pai obrigado a alimentar o filho, sendo cada um obrigado a alimentar-se a si mesmo, qualquer esmola feita pela *caridade*, qualquer instituição humanitaria como o recolhimento de orphãos e de expostos, não póde ser admittida, porque constitue uma offensa ao direito de terceiro.

E agora que temos chegado ás ultimas e absurdas consequencias de um principio arbitrario, desculpem-nos aquelles a quem contestamos, o bem a que trouxemos a discussão. Neste mundo, onde não faltão motivos de tristeza, é preciso rir mesmo á custa das cousas as mais sérias.

A não ser isto, provariamos que o Sr. ministro do imperio, tomando as medidas extraordinarias que reclama a situação, ainda assim respeitou e considerou o elemento municipal, e deixou-lhe plena liberdade de obrar dentro dos limites de sua competencia. Se me contestarem semelhante facto, então não terei remedio senão vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e voltar á discussão com a lei n'uma mão, e a logica na outra.

Aposto porém que a esta hora já o meu respeitavel leitor está torcendo a cabeça em fórma do ponto de interrogação para perguntar-me se pretendo escrever uma revista hebdomadaria sem dar-lhe nem ao menos uma ou duas noticias curiosas?

Que quer que lhe faça? O paquete de Liverpool chegou domingo, mas a unica noticia que nos trouxe foi a do desembarque na Criméa. Ora, parece-me que não é preciso ter o dom prophetico para adivinhar os lances de semelhante expedição, que deve ser o segundo tomo da tomada de Bomarsund, já tão bem descripta, todos sabem por quem.

Ha tres ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméa; depois disto as noticias vierão, e continuarão a vir pouco mais ou menos desta maneira. — As forças alliadas embarcárão. — Estão em caminho. — Devem chegar em tal tempo. — Chegárão. — Desembarcárão. — Estão a dez leguas da cidade. — Estabeleceu-se o sitio. — Reunio-se o conselho-general para resolver o ataque. — O ataque foi definitivamente decidido. — Começou o assalto. — Interrompeu-se o combate para que os pintores inglezes tirem a vista da cidade no meio do assalto. — Continuou o combate. — Fez-se uma brecha. — Nova interrupção para tirar-se a vista da brecha.

Isto, a dous paquetes por mez, dá-nos uma provisão de noticias que póde chegar até para meiados do anno que vem. Provavelmente durante este tempo mudar-se-hão os generaes, e os pintores da Europa terão objecto para uma nova galeria de retratos, os escriptores thema para novas brochuras, e os jornalistas materia vasta para publicações e artigos de fundo. E todo este movimento litterario e artistico promovido por um barbaro russo, que com a ponta do dedo abalou a Europa, e tem todo o mundo suspenso!

E' um phenomeno este tão admiravel como o que se nota no theatro Lyrico nas noites em que canta a Casaloni. A sua voz extensa e volumosa, e os enormes ramos de flôres enchem o salão de tal maneira, que não cabe senão um pequeno numero de espectadores: o resto, não achando espaço e não podendo resistir á força de tal voz, é obrigado á retirar-se. Entretanto os [illegible] de camera, dizem que ella não tem enthusiastas e admiradores! Tudo porque ainda não comprehendêrão aquelle phenomeno artistico e musical!

Al.

CORAÇÃO DE MENINA.

(OUTRA VERSÃO.)

Coração de menina — é branco lyrio,
A' sombra vegetado;
Que perfuma, consola, divinisa,
Um peito á dor votado.

O amor que elle gera,
E' puro, nobre e santo:
E basta uma só vez vê-lo gerado,
P'ra que raio de luz largo e brilhante,
Nos doure nesse instante
O presente, o porvir; mesmo o passado!

Berna.

— Por decreto de 23 do corrente :

Foi promovido o capitão Marcos Aurelio Rodrigues Coelho ao posto de tenente-coronel commandante do batalhão de infantaria da guarda nacional da freguezia de Nossa Senhora do Livramento do municipio do Parnaguá, da provincia do Piauhy.

Por decretos de 26 do mesmo mez :

Foi nomeado juiz municipal e de orphãos do termo de Franca do Imperador, na provincia de S. Paulo, o bacharel Antonio Ribeiro da Silva Porto ;

Foi removido o juiz municipal e de orphãos João ...vades de Almeida, do termo de Franca do Imperador, para o de Jundiahy, na provincia de S. Paulo, por assim o haver pedido.

Por decretos de 29 do mesmo forão nomeados :

Commandante superior da guarda nacional do municipio de Mogimirim, Limeira, S. João do Rio Claro e Araraquara, da provincia de S. Paulo, João Gonçalves dos Santos Cruz ;

Chefe do estado maior dito dito dito, Ignacio José da Silveira Bueno ;

Tenente-coronel commandante do corpo de cavallaria n. 3 dito dito dito, Manoel Netto de Oliveira ;

Tenente-coronel commandante do batalhão n. .. dito dito dito, Antonio Joaquim de Freitas ...

Tenente-coronel commandante do batalhão n. .. dito dito dito, João Ferraz de Campos ;

Tenente-coronel commandante do batalhão n. 24 dito dito dito, Antonio José Vieira Barbosa ;

Tenente-coronel commandante do batalhão n. 20 dito dito dito, Joaquim Lourenço Corrêa.

Chefe do estado-maior do commando superior da guarda nacional dos municipios de Guaratin-...

O rendimento do mesmo mez, no anno de 1853, foi de . . . . 1,286:850$686

sendo da provincia de Minas Geraes . . . 122:451$367
e da do Rio de Janeiro . . . . . 1,233:380$319

— Lê-se no Semanario do Porto das Caixas :

« No dia 21 do corrente, das duas para as tres horas da tarde, cahirão sobre a villa de Santo Antonio de Sá dous terriveis aguaceiros, que desde ... não tiverão iguaes; entretanto, a menos de duas leguas de distancia, em Itaborahy, apenas algumas ... tocados pelo vento do SO.

« No dia 25 continuava em Santo Antonio de Sá a chuva, alagando os terrenos baixos e muitas casas da villa. »

ESTATISTICA DA CIDADE.

Matadouro publico.— Matárão-se, no dia 30 do corrente, para consumo da cidade, 236 reses, incluindo 3 vitelas ; sendo por conta de Francisco José de Mello Souza, 172 a 180 rs. a libra ; de José Pereira Cardoso, 26 ; de Raymond, 25 ; de João Xavier, 1 ; de Gurgumé, 1, e de José Pedro Cotta, 1.

Meteorologia.— A maior temperatura no dia 29 foi de 30,1 gráos do thermometro centesimal, ou 86,2 de Fahrenheit ás 3 horas da tarde ; a maior humidade de 93 gráos do hygrometro condensador centigrado á mesma hora ; a maior pressão atmospherica de 751,98 millimetros do barometro ás 11 horas da manhã, e houve chuva de 6 millimetros do pluviometro durante a noite do dia 28.

... reclamar ... prejuizos, ... dentro de 10 mezes ... da provincia de Matto-Grosso, e dentro de 8 mezes ... de todas as outras.

Art. 5.º Estas reclamações não terão effeito suspensivo, e a relação provincial só ...

Art. 6.º Se a reclamação fôr attendida, o supremo tribunal remetterá ao governo e publicará a alteração que fôr feita na relação.

Art. 7.º Se, em razão do tempo, ficar prejudicado o julgamento do tribunal para o anno corrente, será elle em consideração na revisão do anno futuro.

José Thomaz Nabuco de Araujo, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 20 de dezembro de 1854, 33º da independencia e do Imperio.— Com a rubrica de S. M. o Imperador.— José Thomaz Nabuco de Araujo.

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

Decreto n. 764.—1854.—n. 31.

Luiz Antonio Barbosa, do conselho de S. M. o Imperador e presidente da provincia do Rio de Janeiro: Faço saber a todos os seus habitantes que a assembléa legislativa provincial decretou e resolução seguinte :

Art. 1.º Ficão approvadas as seguintes posturas da camara municipal de Cabo Frio.

1.º Prohibe-se a matança, o corte e pêso de porco, ... como dos porcos que vagarem pelas ruas da cidade e arrabaldes, devendo o fiscal fazer apprehender os porcos e recolher ao curral, ou deposito, para serem ...tados em hasta ...

COMMERCIO.

RIO DE JANEIRO, 30 DE DEZEMBRO DE 1854.

Cotações da junta dos srs. corretores.

Dia 30.

Cambio sobre Londres, 27 7/8 a 98; 28 a 90; 27 3/4 a 60 e 90 dias.
» » Paris, 347 a 60 dias.
» » Hamburgo, 645 a 90 dias.
» » Antuerpia, 342 a 90 dias.
» » Marselha em Paris, 345 a 346 a 60 dias.

Café.— As vendas forão mais que regulares.

Entrárão 1,105 saccas.

Em cambios sobre Londres fez-se transacções de importancia de cotações.

As mais negociações em cambios forão mais ou menos regulares.

Fretou-se 2 navios para o Canal a 65 s.

Temos folhas da Bahia até 20 do corrente, e da revista commercial de uma dellas, de 9 a 16, extrahimos o seguinte :

Cambios.— Fizerão-se saques sobre Londres a 28 d., mas nos ultimos dias tomou-se letras a 27 3/4.

Assucar.— O mercado está animado. Os vendedores esperão alta nos preços, mas até agora não consta de maior de 1$640 a 2$000.

Manteiga :— De irlandeza, vendeu-se 400 barris de 580 a 780 réis.

A franceza, tanto pelo Ville de Paris como pelo Empereur du Brésil, realizou 580 réis cada libra.

Massas :— As nabiças, chegadas pelo Pachetto Dominicano, venderão-se entre 7$000 e 7$500.

Presuntos :— Os penultimos e os do Catherina venderão-se acima de 540 réis por libra.

Sal :— Effectuou-se transacção de 730 a 740. O artigo tende a uma baixa.

Tabaco :— Os preços regulárão de 340 a 360.

Velas :— Das de composição houve vendas a 760 rs. por libra.

Vinhos :— Com excepção do carregamento do Mogueza, que se vendeu a cerca de 2$00, do de Cette a cerca de 2700 e do de Port-Vendres, do qual não transpirou preço exacto, nada se fez de importancia.

As existencias, tanto em primeira como em segunda mão, são consideraveis, e se bem que temos de opinião que os preços não baixem, cremos firmemente que elles não podem por ora quanto subir tanto pelo motivo de serem grandes as existencias, como porque os compradores não querem decidir-se a comprar, senão para as necessidades immediatas. Os preços de do Lisboa, não soffrêrão alteração desde a nossa ultima revista.

EXPORTAÇÃO.

Café :— Desde que partio o paquete inglez Severn as transacções forão de pouca importancia até o dia 22, e nesse dia venderão-se cêrca de 15,000 saccas. O mercado desde então esteve pouco animado até o dia 28, vendendo-se então 16,000 saccas. De 18 a 29 houve uma baixa de 50 a 100 rs. Ha em ser cêrca de 70,000 saccas.

Nos primeiros dias da quinzena os preços bei-...

2 vols. á Faria e Irmão.

Drogas : 10 vols. a Souza Barto, 4 a Vialle e 3 a Lasaille.

Encerados : 1 vol. á Rêe.

Fazendas de algodão : 78 vols. a Lutz, 6 a David, 10 a Santos Junior, 5 a Leube, 3 a Binoche, 3 á ordem, 2 a Leconte, 1 a Dagnan, 1 a Larivière, 1 a Weber, 1 a Gournier e 1 a Besnzieyr.— Ditas de algodão e seda : 1 vol. a Lutz.— Ditas de algodão e lã : 6 vols. a Kuenzi e 2 a Frolich.— Ditas de algodão e seda : 2 vols. a Reimers.— Ditas de lã : 4 vols. a Lutz, 3 a Larivière, 3 a Wollenweider, 3 a Reimers, 2 a Glette, 2 a Leconte, 2 a Kuenzi, 1 a A. & Basto, 1 a A. J. Bernardes, 1 a Leube, 1 a David, 1 a Moyjonado e 1 a Gournier.— Ditas de lã e seda : 2 vols. a Lutz e 1 a Leconte.— Ditas de linho : 1 vol. a Wollenweider e 1 a Leconte.— Ditas diversas : 6 vols. a Kuenzi, 3 a Diederich, 2 a Larivière, 1 a Pecher e 1 a Leal & Gama.

Instrumentos de musica : 2 vols. a Diederick.

Livros : 11 vols. a Garnier, 2 á ordem, 1 a Pacheco da Silva e 1 a Leammert.— Louça : 3 vols. a Leconte.

Montagem : 63 barris a Weber, 60 a Lahéricy e 60 a David.— Mervores : 1 vol. á ordem.— Mercearia : 4 vols. a Leube, 2 a Binoche, 1 a Kerstein e 1 a Lavard.— Meias : 1 vol. a Dreyfus.— Mobilia : 13 vols. a Léger, 2 a Soyez, 1 a Gay, 1 a Serpa Pinto, 1 a Diederick e 1 a B. da Costa.— Modas : 3 vols. a Leube, 3 a Dester, 2 a B. e Braga, 1 a Vianna, 1 a Soares Filho, 1 a Pecher, 1 a Diederick e 1 a Larivière.

Objectos de chapelaria : 6 vols. a Ferraudy e 2 a Dias de Abreu.— Ditos para chapéos de sol : 6 vols. a Felque, 6 a Vasseur, 5 a Guerin, 1 a J. A. da Motta e 1 a Guerin.— Ditos diversos : 1 vol. a Meyer, 5 a Léger, 1 a Kerstein, 7 a Mourot, 14 a Saport, 1 a Schmidler, 2 a Payant, 3 a Desmas-...

Cacáo : 319 ... [illegible]

ENTRADAS POR CABOTAGEM NO DIA 30.

Generos nacionaes.

Café : 1,163 saccos.— Couros : 33.— Tabaco : 2 duzias.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 29. . . . . 754:794$673
» do dia 30. . . . . 21:580$116
Réis. . . . . 776:374$789

DESCARGAS PARA O DIA 2.

Navios atracados :

Ponte da alfandega—Gal. franc. Ville de Paris, Havre.
Dita nova—Esc. dinam. Laura, Londres.
Dita da estiva—Brig. ing. Johan Der Ander, Liverpool.

Em numeros :

Alfandega e estiva—Brig. dinam. Catharina, Hamburgo, varios generos.
—Brig. hesp. Jorge, Maiorca, varios generos.
—Brig. norueg. Fanmerik, Stockolmo varios generos.

Descarregando carne secca.

Barca hesp. Prompta, Buenos-Ayres.
Pol. hesp. Pastorista, Montevidéo.
Brig. hesp. Anna, Montevidéo.

Descarregando carvão.

Brig. dinam. Caroline, New-Castle.
Gal. franc. Albert, Cardiff.
Brig. dinam. Anna Margareth, Copenhague.
Barca sueca Familien, Cardiff.

PAGINAS MENORES.

Rio, 31 de dezembro.

...RREB DI PESSI.

(...)

...es de tudo, preciso contar-vos um caso ... que me succedêra ha dous dias.

...nha acabado de ler os contos de Hoffmann, ...me á meza, cortei as minhas tiras de papel, e principiar o meu artigo quando chegou-me visita inesperada.

...algum dia forão jornalista havais de comprehender como é importuno o homem que vem dis... ...vos, justamente no momento em que a ...idéa, ainda em estado de embrião, começa ...-se no pensamento, e quando a penna ...ciente espera o primeiro signal para lançar-se ...o papel.

...vais de ver que não ha nada neste mundo que ...ompare ; nem mesmo o sujeito que vem in... ...precisamente na occasião em que ...a declaração de amor, ou o namo... ...que a vos fez perder a hora do ...ncia.

...deis imaginar com que máo humor, ...disposição de espirito, me prepa... ...ceber a tal visita, que escolhêra uma ...propria, a menos que não fosse uma ...nta, para quem estou persuadido que ...não os relogios.

...tio-se ; entrou-me um homem já ido... ...em trajes de pretendente, de calça, ca... ...preto. Havia naquelle certo um não ...ar do ministro demittido, de de... ...foi rasteiro, ou do diplomata em ...

...do braço um mesmo enorme de ...planos de estrada de ferro, de projec... ...Suvial e de regulamentos e leis ...ndo dei com aquella papelada, ...do e com a idéa do que o sujeito ...a desenrolar.

...chegou-se, fez as duas corte... ...tylo, temperou a garganta, e dirigio-me ...

...ao Sr. Al. que tenho a honra de fallar? ...mo cuado.

... o Anno de 1854.

1854.

...devidar ; Gulia ouvido ...um hospede ...

então queria caçoar comigo. Em qualquer dos casos não ganhava nada com zangar-me ; por conseguinte tomei o bom partido de acceitar a minha visita por aquillo que ella se annunciava.

— Muito bem, senhor ; respondi-lhe eu, queira ter a bondade de sentar-se, e dizer-me o que me dá a subida honra de ser visitado pelo anno de 1854.

— O senhor não ignora que estou breve a concluir a minha carreira politica, e a retirar-me de uma vez dos negocios.

— Não, senhor, não ignoro : depois de amanhã, creio que é dia de S. Silvestre, dia em que todos os membros de sua familia costumão abdicar.

— E' verdade, replicou-me o sujeito com um suspiro ; depois d'amanhã terei cessado de reinar !

— Mas creio que não foi para me dar esta grande novidade que tomou o incommodo de procurar-me ?

— De certo ; o que me trouxe aqui foi especialmente pedir-lhe a sua benevolencia.

— Como ! a minha benevolencia !...

— Pois o senhor não é folhetinista ?

— Tenho esta honra.

— Ora, os folhetinistas costumão sempre fazer a despedida ao anno que finda, e emittir o seu juizo a respeito dos seus actos.

— Não me lembrava disso ! Assim....

— Vinha supplicar-lhe toda a indulgencia para comigo, visto a boa vontade que sempre manifestei de bem servir, não só a este paiz, como a toda a humanidade.

— Meu amigo, a boa vontade só não basta. Os homens estão hoje muito positivos ; exigem factos.

— Posso apresenta-los.

— Então vamos a isso : espere, deixe-me ver um pouco de papel para tomar meus apontamentos. Agora estou ás suas ordens.

— Em primeiro logar, senhor, mencionarei a estrada de Mauá, o primeiro caminho de ferro que se construio no Brazil. Isto é uma gloria que ninguem me póde roubar : um facto pelo qual a posteridade me abençoará.

— Concordo, sim Sr. ; mas, que contas me dá dos promessas brilhantes da estrada de ferro do valle do Parahyba, que já se devia estar construindo ?

— A culpa não é minha ; isto foi herança que recebi, e negocio que já vinha um pouco transtornado. Entretanto, eu organisei a companhia do Joazeiro, e dei começo aos seus primeiros trabalhos.

— Bem, escrevo cá nos meus apon... estradas de ferro : — passemos ao ...

— O Sr. lembra-se que foi ... empreguei toda a sollicitude ... da cidade ...

— Basta, basta !.... Por ahi adivinho-lhe que vai mal. A' respeito de limpeza e de asseio da cidade, temos contas á ajustar ; o Sr. comprometteu-me horrivelmente.

— Eu, senhor ! Não é possivel !

— Escute-me : Quando o senhor começou com as suas emplumas do asseio das ruas, de regulamentos, etc., eu julguei que o negocio era serio, fiz-lhe o meu elogio, e defendi-o contra aquelles que o atacavão ; mas, hoje vejo que tudo aquillo quasi que não passou de palavras, e que as ruas continuão a ser charcos de lama.

— Mas, Sr....

— Tenha paciencia, deixe-me acabar. Ha ahi uma pretendida rega, que o Sr. por em voga, e que só serve de enlamear os passeios todas as tardes : — ao meio dia tudo está secco ; quando ameaça chover ahi temos as carrocinhas á refrescarem as ruas, provavelmente para que a chuva não as constipe.

— Já vejo que neste ponto o senhor está prevenido contra mim.

— Prevenido, não. O senhor caçoou completamente commigo ; não tem desculpa.

— Bem, não insisto mais sobre isso ; mas, creio que não me poderá negar a illuminação á gaz.

— Ah ! a illuminação á gaz ! Não estou bem certo, mas tenho uma lembrança vaga de que isto já é idéa de 53. Entretanto concedo que seja sua. Como se defende o senhor contra as accusações que se lhe tem feito de nos ter roubado o encanto dos bellos luares, e de haver privado os namorados daquellas noites escuras tão favoraveis á uma conversinha de rotula, ou á um passeio da rua do Ouvidor ?

— Ora, senhor, esses homens não sabem o que dizem : todo o namorado, toda a mocinha — é cousa sabida — precisa de um pouco de gaz. Quanto á lua, é já tão antiga que era bem tempo de acabar com ella. Entretanto esses ingratos, que fallão de tudo, não se lembrão que lhes fiz um grande beneficio livrando-os da lua.

— E esses eclipses não annunciados na folhinha, a má qualidade do gaz, o preço exhorbitante dos combustores, o calculo excessivo da quantidade consummida ? Como se defende desta e outras censuras graves que lhe tem feito os jornaes ?

— A' fallar a verdade eu carreguei um pouco a mão ; mas, além d... ...ndes, era preciso não desacreditar o g... ...o muito barato logo ...

...u não posso ...rmittir que ... ...mentos : — e illu... ...torie e muito ra-...

— Porém...

— E' negocio decidido ; que mais temos ?

— A rua do Cano.

— Isto é, o projecto da rua do Cano.

— Eu não tenho culpa que o tempo não me chegasse para leva-lo á effeito.

— Mas tem culpa de haver demorado perto de quatro mezes a incorporação da companhia : durante este tempo só o senhor não se anda divertindo com questões de prerogativas municipaes, podia ter ao menos dado começo áquella obra importante.

— De maneira que o senhor não me concede nem a rua do Cano ?

— Concedo-lhe o projecto, e nada mais ; a idéa creio que foi de 53.

— Pois bem, passemos agora á uma outra ordem de cousas. Fui eu que iniciei na camara dos deputados diversos projectos importantes ; que effectuei a reforma da instrucção publica e reorganisei a academia das Bellas-Artes. Parece-me que estes factos são illustres e estima publica.

— Certamente ; sou o primeiro á confessar : é verdade que eu tenho minhas duvidas sobre alguns desses melhoramentos ; mas, isto não comma para que eu trataria de deslindar com o seu successor, que amanhã deve-me mandar o seu bilhete de faire part.

— E' preciso não esquecer as condecorações do dia dous...

— O que ? O senhor toma-me por algum official da secretaria do imperio ?

— Como ! O senhor mesmo já não me elogiou por ter tido a idéa desta festa.

— Está enganado ; elogiei-o por ter cumprido o legado dos cinco annos passados ;— e, demais, isto é uma cousa que póde dar gloria á um dia como o 2 de dezembro, mas nunca á um anno como o senhor.

— Finalmente esta cidade não póde deixar de agradecer-me o não ter querido imitar aquelle malvado 1850.

— Parce sepultis, meu caro.

— Perdão, senhor ; não quero fallar mal do ninguem ; mas, á vista daquelle anno, acho que se deve levar-me em conta a ausencia da febre amarella e de outra qualquer epidemia.

— Ora, é boa ! Nisso não fez o senhor mais do que cumprir o seu dever.

— Entretanto...

— Espere.... espere.... lembra-me agora ; e aquelle grande medo que o senhor nos metteu com o cholera !

— Ora, senhor ; interrompeu-me o sujeito com um risozinho malicioso !

— Explique-se.

— Aqui em segredo ; aquillo foi um negocio com os medicos.

— Ah ! o senhor então protege os medicos ?

— Não se zangue, senhor ; lembre-se do que eu fiz pelos advogados com a questão das sociedades commanditarias ; do que fiz pelos jornalistas, a quem presenteei com uma boa quantidade de pufs ; lembre-se, finalmente, que esse mesmo receio do cholera deu-lhe materia para um folhetim em occasião em que o Sr. estava bem apertado.

— Bem ; o dito por não dito. A' respeito da salubridade publica póde ficar descançado.

— Agradeço infinitamente a V. S.

— Não se apresse tanto ; talvez no fim não tenha muito que agradecer-me. Até aqui tem o senhor allegado certos direitos ; agora ha de permittir-me que capitule as minhas queixas. Trate portanto de defender-se, e bem.

— Farei o que puder.

Havia já algum tempo que me parecia que o tal sujeito ia emmagrecendo de uma maneira espantosa, e tornando-se delgado como um vassoura ; mas, como já era alta noite attribui isto á allucinação da vista, effeito talvez da fadiga e dos raios amortecidos da luz que mal esclarecia o vasto aposento. Não fiz portanto muito caso disto, e tratei de continuar a minha singular conversação.

— Meu caro senhor ; sinto dizer-lhe que o senhor, embora me desse alguns momentos de prazer, comtudo fez-me muitos males, e um principalmente que eu não lhe posso por maneira alguma perdoar.

— Qual, senhor ?

— O ter-me feito mais velho um anno.

O homem ficou fulminado. Eu continuei ;

— Roubou-me uma boa parte daquellas doces illusões dos primeiros annos da mocidade ; desfolhou-me algumas dessas flores que nascem nos seios d'alma, orvalhadas com as primeiras lagrimas do coração, e que perfumão os sonhos mais bellos desta vida.

Cada dia, cada hora, cada momento que passa, rouba-nos um pouco dessa poesia sublime, que embeleza os nossos prazeres e consola as nossas dôres. Lá vem um tempo em que a alma perde as suas azas de ouro, azas que Deus lhe deu para voar ao céo.

O que ha neste mundo... ...nhos côr de rosa, as noites... ...templação, os idilios suaves de ... á conversar com algumas estrella... ...ha no céo. ...nte á ...

Qui se cerchent ...
Et reviennent ...

Quando todas estas flôres murchão, que resta para encher o vacuo que fica em nossa alma ? Nada ; o tempo foge rapidamente, e apenas deixa uma ruga na face, alguns cabellos brancos na cabeça, e um numero de mais á somma dos nossos dias.

— Não. Com os annos ahi vem os pensamentos serios, as grandes cousas, a gloria, a ambição, a politica, as honras, os estudos graves. Confesse que isto vale mais do que todas estas frivolidades que preoccupão o espirito da mocidade, e com as quaes se gasta o tempo inutilmente.

— Chama á isso frivolidades ? O que é então que ha neste mundo de serio e de real ? A gloria por ventura ? E' interessante ; trata-se de bagatella o amor, as verdadeiras affeições, as mais bellas expansões de nossa alma ; zomba-se do homem, que segue por toda a parte um vestidinho de uma certa côr, que se mataria por um sorriso, e que guardaria preciosamente uma flôr murcha que cahisse de um bouquet.

Entretanto vós, homens serio e grave, que calculaes reflectidamente, que do alto da vossa importancia lançaes um olhar de desprezo para estas futilidades do mundo, que fazeis vós ?

Sacrificaes a vida, a preguiça, o prazer, como diz Alphonso Karr, para um dia atar á gola da casaca uma fita de uma certa côr. Em quanto nós supplicamos um sorriso de uma bella mulher, vós daríeis um dedo da mão pelo sorriso do ministro ou do conselheiro de estado.

Desprezaes a moda ; é uma cousa ridicula ; mas sonhaes noite e dia com a farda bordada. Se nós esquecemos tudo para, em um momento de expansão, colher n'uma linda boquinha rosada duas palavras que nos abrem o céo ;— vós renegaes os amigos, prostituis a consciencia unicamente para ter o prazer de ouvir (que gloria !) um passante dizer-vos — Sr. barão.

Oh ! se tudo é illusão e chimera neste mundo, meu Deus, deixai-me os lindos sonhos da mocidade, deixai-me as visões poeticas de meus vinte annos, as minhas horas de scismar ; deixai-me todas estas futilidades, e reservai para outros as cousas sérias, calmas e reflectidas. Meu isto é desejo. Daqui mais á alguns annos ... rado, e tambem entraremos, co... luta dos homens graves ...

Não sei se disse, ou se unicamente pensava todas estas cousas. Tinha-me esquecido do meu hospede.

Deu meia noite. Senti um estalar de juntas. Voltei os olhos para o sugeito. A' ultima pancada do relogio, um outro homem se destacou do primeiro e desappareceu.

Obstupui, steteruntque comae, et vox faucibus haesit. Fiquei pasmo. Decididamente passava-se naquelle momento alguma cousa de fantastico e de sobrenatural.

Entretanto o sugeito, calmo, mas repentinamente emmagrecido, olhava-me com um semblante tranquillo, um pouco melancolico. Comprehendeu o meu espanto, e respondeu á pergunta muda que lhe fazia o meu olhar espantado.

— E' o dia 29 que acabou, e que se foi embora. Só me restão agora dous dias de vida. —

Esta resposta ainda mais me atordoou. Mas, afinal, como o meu companheiro esperava pacientemente a continuação da conversa, tomei uma resolução, accendi o meu charuto na vela que estava quasi a apagar-se, e fui por diante, disposto a não me admirar de mais cousa alguma.

Palestrámos muito tempo. Dissertámos sobre a guerra do Oriente, sobre a Europa, e mais largamente sobre os futuros destinos do Brasil. Contou-me algumas chronicas escandalosas que presenciou, referio-me muita anecdota engraçada, e muita historia galante.

Viemos á fallar do theatro ; e elle confessou-me francamente que, á principio, tentou deita-lo á baixo com o negocio das thesouras, e mesmo com algumas chuvas e com a grande ventania do mez passado. Que infelizmente não o conseguio ; e por isso assentou de torna-lo a cousa a mais ruim e a mais desenxabida, para ver se assim se resolvião á caldar da opera lyrica, e á construir um palacio digno desta côrte.

Por fim, já pela madrugada, comecei ... olhos insensivelmente ... passou ...

particular uma pensão de 1:600$000 rs. á viuva do Dr. Betamio: o publico desta côrte não deixará pois de acompanhar o exemplo de seu monarcha, concorrendo para salvar aquella familia habituada a abastancia, dos vexames de que se acha ameaçada.

A' imprensa, á reveladora de todas as boas acções, á amiga dos que soffrem, compete sempre dar o primeiro passo nestas occasiões; por isso chamamos nossos leitores a virem assignar essa subscripção, feita por motivo tão nobre e tão digno.

RIO DE JANEIRO.

7 de outubro.

Chronica Diaria.

Os antigos redactores do *Diario* derão hontem no Hotel Pharoux um jantar de despedida ao Sr. Navarro, ex-gerente daquella empreza.

Assistio a esta reunião a redacção do *Mercantil* e do *Correio da Tarde*.

E' esta uma prova de confraternalidade litteraria que nos lisongeia.

— A musica dos menores do arsenal de marinha toca, hoje das 4 ás 6 horas da tarde, no mesmo arsenal.

— A assembléa provincial do Rio de Janeiro foi prorogada até o dia 10 do corrente mez de outubro.

— A molestia reinante tem atacado fortemente a cazas de correcção nesses ultimos quinze dias. De ante-hontem para hontem sobretudo tem feito grandes estragos; no dodo 21 casos tem sido fataes. Na penitenciaria porém desapparecem a molestia hontem ás duas horas da tarde, e houve um caso simplesmente.

Estatistica Diaria.

OBITOS. — No dia 5 fallecerão 72 pessoas; particularmente 1 escravo de uma carreira publica para nossa mocidade, porque seria tambem a primeira palavra da litteratura patria.

Acreditamos que ninguem dirá que erramos nesta conjectura de que nos possuimos ainda uma imprensa periodica, que não tenha uma verdadeira palavra de condemnação, uma mesma nos estados de doença publica e administrativa que tanto importancia tem em nosso paiz.

Em politica o jornalismo periodico não tem emprehendido a missão que lhe compete.

Todos os nossos periodicos desse genero, dão passo, porque a poeira do caminho que trilhão tem embaçado a vista, as flores viçosas de outras regiões ao verdade, e os leva ao desperdiçadeiro onde se precipitão os ultimos passos de todos os que tem existido.

Se não recuassemos um artigo ligeiro e no ponto de vista geral, se tivessemos de dar um exemplo, citariamos a — Ilhura — jornal politico, filho da academia de S. Paulo, que promettia muito: seria o principio lições de direito publico das aulas, mas depois a experiencia do homem de estado ha suppir a insufficiencia do estudante. Desmantelou-se: a febre da politica do partido tomou-o, e elle morreu instantaneamente.

Assim, tem cahido tambem todos os outros. Reparemos muitas vezes sobre suas cinzas como o pó que o vento levanta n'um ponto para lá cahir mais adiante.

Na actualidade existe um ou outro, aqui e ali, que succumbe para morrer d'aqui a um dia; a esses que sem querermos offender, julgamos que ainda não realisão a imprensa periodica nesse genero, recommendamos como companheiros de trabalho o empenho de sua tarefa, e todos os esforços nesta quadra de amarguras e soffrimentos, encontrão-se de espaço a espaço alguns coloridos ricos de virtude e de sentimento; são os *oasis* deste tempo.

Ahi sim; ahi ainda ha flores; não as rozas brilhantes de outr'ora ou as camelias avelludadas dos salões; mas as flores modestas, filhas da sombra e do retiro, as flores do — sentimento, as violetas.

Vós, minhas leitoras, que sabeis sentir, bem comprehendeis o que são estas *violetas* de que falo: são as flores singelas do vosso alma, — a caridade, a beneficencia, o zelo e a abnegação.

Tambem me comprehendem os pobres e infelizes, que tantas vezes durante estes tempos de proração tem sentido os perfumes suaves, a fragancia consoladora dessas flores do coração, — flores que desabrochão orvalhadas com as lagrimas da desgraça e de soffrimento.

E sobre tudo isto, ha ainda a religião, — a nossa bella religião de Christo, — a mãe extremosa de todos os orphãos, — a irmã desvelada de todos os infelizes, — a amiga e companheira dos pobres, — a consoladora de todas as miserias, e todas as afflicções.

E' ella que nos ha de dar força e coragem para atravessarmos com resignação esses dias de tribulação, que felizmente parece irão pouco a pouco se acalmando, até nos deixarem aquella serenidade dos bellos tempos de que hoje temos tanta saudade.

E agora, minhas leitoras, deixae-me dar-vos um conselho, que estou certo haveis de acolher com toda aquella amabilidade com que outr'ora acompanhaveis os *zig-zags* desta minha penna caprichosa, que bem vezes vos dava serios motivos para um arrufo, para um enfado.

Voltemos porém ao conselho: não penseis já que é algum conselho muito grave, muito serio, vestido de calça e casaca preta com gravata branca, — á guiza de um antigo conselheiro da corte.

Não; — é um pequeno conselho bem proprio para moças bonitas como sois, — um conselho que tem além de todas as outras vantagens, o merecimento de mostrar as perolas de vossos dentes, e de fazer da vossa boca uma florinha côr de roza.

Aconselho-vos, que apezar dos tempos em que estamos, apezar de tanta tristeza e melancolia que envolve esta bella cidade, apezar de todo, apezar mesmo das lagrimas, não deixeis de *sorrir*.

Notae porém que eu digo simplesmente *sorrir* e não *rir*.

O riso, é esta expressão vulgar com que exprimimos a alegria, é o bom humor; é muitas vezes mesmo um movimento nervoso, sem sentido e sem significação, um habito que se contrahe como tantos outros, como o costume de estalar os dedos, de aliar o bigode, ou endireitar o collarinho.

Assim rir, quando alguem soffre, quando nossos irmãos padecem, é uma offensa amarga, um insulto á dôr e á desgraça; porque esse riso, senão é um escarneo, é uma indifferença fria, e uma insensibilidade estupida.

Mas o sorriso, é differente.

O sorriso, é esta exhalação da alma, que nos momentos de calma e tranquillidade vem desabrochar nos labios, e abrir-se como uma dessas flores silvestres que o menor sopro desfolha.

Nunca vistes nas noites calidas e limpidas, essas estrellas brilhantes que atravessão o horisonte, traçando no espaço um rastro luminoso, e brilhando um momento entre a escuridão das trevas?

Dizem que isto é um effeito da electricidade. Pois o sorriso, — como as estrellas filantes, — é produsido tambem por esse choque de emoções, e de sentimentos, que se póde bem considerar como a electricidade moral.

Portanto não ha mal nenhum, minhas bellas leitoras, em que deixeis vossos labios sorrirem, e vossas almas expandirem-se no lindo rosto; in sorrisos alegres, porém tambem os ha serenos, tristes e melancolicos.

Demais, peço-vos isto tambem por nós. Que quereis que lagrimos, se nestes dias afflictos não virmos os vossos labios brincarem, se nesta noite escura que nos envolve, não virmos brilhar uma estrella, uma flor, um sorriso?

Quanto a mim, sou como o marinheiro do Mediterraneo, perdido na vasta amplidão dos mares, batido pela procella, que no meio da escuridão e do vendaval, apenas vê brilhar no céo uma estrella fortuna, sente-se reanimado, crêa novas forças, e murmura a sua prece. *Ave Maria stella.*

Assim no meio dos desgostos e das tribulações, quando virdes um sorriso despontar nos labios de uma linda mulher que vos ame, podeis fazer como o marinheiro; ajoelhai, e murmurai a vossa prece. *Ave anima stella.*

Portanto, minhas bellas leitoras, sorri, sirri sempre, como sorri o céo, o mar, e tudo que é lyrico, fez-me comprehendere o episodio da Velleda dos Martyres de Chateaubriand, que, segundo dizem, forneceo o assumpto deste pequeno poema de paixão violenta, de ciume selvagem, e de amor sublime.

Falhão por ahi de algumas exagerações que pretendem haver na creação deste papel dramatico; mas quem assim pensa, não tem uma verdadeira idéa da arte.

Por mim, não concebo que um critico possa dizer ao poeta, ao artista, ao genio, emfim como Deus disse ao mar: — *Vás não passareis daqui.*

Desde o momento em que o homem, nos vôos de sua intelligencia se eleva acima das circumstancias ordinarias da vida, desde que o seu pensamento se lança no espaço, possuido desse desejo ardente, dessa inspiração insaciavel de attingir ao sublime, não é possivel marcar-lhe um digue, um ponto que lhe sirva de marco.

Ide dizer ao poeta que não deixe correr a sua imaginação pelos espaços infinitos da fantesia, — ide dizer ao pintor que force o seu pincel quando corre inspirado sobre a tela, e elles vos responderão que o pensamento que os anima neste instante escraviza e esmaga a sua vontade, que a alma e o corpo cedem á força da inspiração que os arrebata neste momento.

Como o poeta, como o pintor, é o artista dramatico, quando se acha possuido de seu papel, quando sente abrasar-se-lhe nas veias o fogo sagrado; é preciso ainda notar que este tem mais um motivo para deixar-se arrastrar, que os applausos e os bravos de uma multidão inteira.

Assim, todo isto a que vulgarmente chamão exagerações, não apenas os arrojos da imaginação do artista; os primeiros esboços de sua creação, que elle ainda não teve tempo de polir e de limar; por isso se louvardes visto a *Norma* todas as vezes como eu, de certo tereis reparado que cada dia uma dessas *exagerações* vai tomando nova forma, vai-se desenhando mais brilhante, mais luminosa, como um painel que se retoca.

Por tudo isso que tenho escripto, não penseis que me faço um defensor cego da La Grua, um *defensor quand même* da cantora que é hoje a estrella brilhante do theatro Lyrico.

Não — nem ao publico, nem a ella, nem a nós, converia uma admiração tão cega, que excluisse a franqueza, quando por acaso se tornasse necessaria.

O artista, a quem julgo offender dizendo-lhe a verdade, e apontando-lhe um erro, — é sempre um artista mediocre que vive da sombra da gloria, sem merecimento real.

Porisso nós, com Emmy La Grua, faremos, se fôr necessario, como dizia Affonso Kar a proposito das mulheres bonitas: fazemos como o escultor que talha o marmore de uma estatua, não para offendel-a, mas para modelar-lhe as formas elegantes e arredondar-lhe os mimosos contornos.

Se fôr necessario, o diremos nós, porque parecemos que nunca teremos occasião de fazer de nossa penna de folhetinista um buril de escultor.

M.

FOLHETIM.

7 de outubro.

AO CORRER DA PENNA

(REVISTA.)

Corri, corri de novo, minha boa penna de folhetinista!

E' livre, como tuas irmãas, que cortão os ares nas asas ligeiras; abri o vôo, lançae-vos no espaço.

Avante.

Mas como estão mudados os tempos: como são differentes os dias de agora, daquellas semanas em que brincavas sorrindo com os hoiles, com as moças, com a musica, com tudo que era bello e seductor!

Então tudo eram flores, — flores mimosas que desabrochavão aos raios de um bello sol de primavera, — que brilhavão sob um céo de azul, perfumando aquelles dias tão tranquillos e tão serenos.

Hoje as rozas murcharão, o céo tornou-se; e nesta quadra da vida porque passamos actualmente, apenas florescem os cardos com seus espinhos, as saudades com a sua melancolia, e os goivos com o seu triste emblema.

Felizmente todo o deserto tem seus *oasis*, nos quaes a natureza por um faceiro capricho, parece esmerar-se em crear um pequeno berço de flores e de verdura, concentrando nesse cantinhos de terra toda a força de seiva necessaria para fecundar as vastas planicies.

... limitados, e tentar o impossivel.

[illegible] as mais fortes objecções que se [illegible] a esta theoria nova, que se [illegible] saber até onde deve [illegible], e até que gráo de [illegible] progresso incessante do [illegible].

O Sr. Wolowski, o sabio economista a quem devemos grande parte das idéas d'este artigo, [illegible] dos argumentos que se têm dirigido contra a estatistica, apresenta a sua defesa de [illegible] brilhante.

Na sua opinião [illegible] argumentos d'aquelles que desconhecem a utilidade dos estudos estatisticos, um grande erro, e é o de suppor que a sciencia da estatistica se occupa unicamente de uma época determinada, e colligé sómente os elementos que se ligão á vida de um estado.

Entretanto o verdadeiro e grande reconhecimen-tir, voltaremos a este assumpto de tanta importancia para nós, que agora mal começamos a apreciar a incontestavel vantagem d'essa sciencia nova, cujo rapido progresso é a prova mais evidente.

RIO DE JANEIRO.

Chronica Diaria.

Toca hoje, 4 do corrente, das 4 ás 6 horas da tarde, no arsenal de marinha, a musica dos menores do mesmo arsenal.

Da serra de Petropolis em data de hontem informa o Sr. Dr. José Ferreira da Cunha que tinha a seu cargo 9 doentes, sendo dous trabalhadores, quatro Africanos livres, e tres escravos.

MOVIMENTO DO PORTO. — Entrárão 8 navios, 2 dos portos estrangeiros e 3 dos nossos. Sahirão 10; para os portos estrangeiros 8, para os nossos 2.

MOVIMENTO DA POPULAÇÃO. — Entrárão 64 passageiros livres. Sahirão 8.

PRISÕES POLICIAES. — Forão presas 7 pessoas, sendo 2 escravas.

PARTIDA DOS CORREIOS. — Hoje o de Cantagallo, amanhan o de Iguassú.

EPHEMERIDES. — Observações meteorologicas nas horas de maior variação da temperatura, a 2 do corrente.

Hora	Th. Farenhait.	Th. Centigrado.	Barometro a 0.º	Hygrometro cond. cent.
7 da M.	72,7	22,6	756,55	19
9 » »	74,3	23,5	756,86	20
2 » T.	74,5	23,6	756,40	19
5 » »	75,2	24,0	756,57	20

... como nós sabemos que tem dous ou tres planetas.

N'este caso o mais difficil é quando os planetas estão em conjuncção, o que o satellite não sabe para qual d'elles se voltar.

E então que o satellite, por uma aberração das leis ordinarias, se torna estrella fixa.

A' vista d'isto, quem quizer fazer a côrte ás moças deve aprender astronomia, e sobre tudo ter bem de memoria o *systema planetario*.

O correspondente do *Correio da Tarde* respondeu-nos hontem que não traz na testa as estrellas com que se dá a conhecer.

Onde as traz então?

As unicas creaturas que conhecemos com estrellas em outra parte do corpo são certos entes que as trazem como marca nas ancas.

NOTICIAS.

Paquetes da Europa.

Entrou hontem pelo vapor de [illegible]

O dia 8 de setembro foi fixado para o ataque.

Como já tive a honra de expor a V. Ex., o inimigo devia ser atacado nos principaes pontos do seu vasto recinto para o impedir de encaminhar todas as suas reservas contra um só ataque, e para lhe incutir receio a respeito da cidade em que estava lançada a ponte por onde poderia retirar-se.

O general Salles com o 1.º corpo, reforçado por uma brigada piemonteza que nos offereceu o general de La Marmora, devia atacar a cidade pela esquerda; no centro os Inglezes assaltarião o grande Redente; finalmente, em a nossa direita o general Bosquet atacaria Malakoff e o pequeno Redente da bahia da Quarentena, bastião n. 2 dos Russos, os pontos salientes do recinto de Karabelnaia.

Tomárão-se as seguintes disposições para cada um d'estes ataques. Na esquerda a divisão do general Levaillant composta do [illegible] regimento de [illegible] corpos da brigada Couston, 9.º batalhão de caçadores a pé, commandante Rogé, 21.º de linha, tenente coronel Villeret, 42.º de linha, tenente coronel de M[illegible] brigada Trochu 46.º de linha, tenente coronel Le Banneur, 80.º de linha, coronel [illegible], era encarregada do ataque do bastião central e [illegible] e estava postada [illegible] reparamento da frente quasi todas as divisões do ataque, e as reservas ficárão bem collocadas no velho entrincheiramento, bem adaptado para protegel-as, como tambem nos barrancos de Karabelnaia e da bahia da Quarenagem. Era essencial, para melhor illudir o inimigo, que a concentração d'estas tropas se mantivesse secreta; por isso, todas as linhas de communicação que conduzem ás nossas praças d'armas avançadas forão cuidadosamente abandonadas, e onde quer que havia probabilidade de ser vista a tropa, os parapeitos alteárão-se.

Tanto para o ataque da direita como da esquerda escolhêrão-se destacamentos de artifices engenheiros e de artilheiros, munidos de ferramentas, para precederem as testas das colunnas. Os sapadores com o auxilio da guarda avançada de cada ataque tão preparados a lançar pontes, do que tinhão aprendido a manobra, cujos materiaes estavão de prevenção postos na primeira linha. Os serventes das peças estavão providos de todos os objectos necessarios, ou para encravar, conforme o requeresse o caso, ou para voltar contra o inimigo a artilharia. Além d'isso, nos primeiros batalhões de cada corpo de ataque certo numero de homens ia prevenido de ferramentas curtas para abrir passagem, para o entulho de fossos, ao grito de viva o imperador, milhares de vozes repetião em toda a extensão da linha, os nossos valentes soldados arrojárão-se contra as defesas do inimigo. Foi um momento solemne. A 1.ª brigada da divisão Mac-Mahon com o 1.º de zuavos na frente, seguida pelo 7.º de linha, tendo na sua esquerda o 4.º de caçadores, arremessárão-se á face esquerda e saliente de Malakoff: a largura e profundidade do fosso, a altura da escarpa tornárão muito difficil á nossa gente a escalada; mas por fim alcançárão o parapeito guarnecido pelos Russos, que alli fizerão morrer, tendo pelejado com pedras, com picaretas, e com tudo que puderão haver á mão. Seguio-se uma luta corpo a corpo, um dos mais irritantes conflictos em que só a intrepidez de nossos soldados e de seus chefes lhe podião dar superioridade. Sahindo de pancada dentro da fortificação, repellírão os Russos que continuavão a resistir, e poucos minutos depois a bandeira da França estava hasteada em Malakoff para nunca mais ser derrubada.

Na direita e no centro, com o mesmo ardor, que vencia todos os obstaculos e fazia recuar o inimigo, as divisões Dulac e de la Motterouge com seus chefes á frente tomárão posse do pequeno redente de Quarenagem e da cortina, avançando até o segundo recinto. Por toda a parte es-

---

FOLHETIM.

1 DE NOVEMBRO.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

Desejava dirigir uma pergunta aos meus leitores.

Mas uma pergunta é uma cousa que não se póde fazer sem um *ponto de interrogação*.

Ora, eu tenho uma birra muito séria a esta figurinha de orthographia, a esta especie de corcundinha que parece estar sempre clusquando e zombando da gente.

Com effeito, o que é um *ponto de interrogação*?

Se fizerdes esta pergunta a um grammatico, elle vos aborrecerá os ouvidos durante uma hora com uma dissertação de arripiar os cabellos.

Entretanto não ha cousa mais simples de definir do que um ponto de interrogação; basta olhar-lhe para a cara.

Vêde: — ?

E' um pequeno anzol.

Ora, para que serve um anzol?

Para pescar.

Portanto, bem definido, o ponto de interrogação é uma parte da oração que serve para pescar.

Exemplo:

1.º Quereis *pescar* um segredo que o vosso amigo vos occulta, e que desejais saber; deitais-lhe disfarçadamente com a ponta da lingua:

— Meu amigo, será verdade o que me disseram, que andas apaixonado?

2.º Quereis *pescar* na algibeira de algum sujeito uma centena de mil réis; preparais o corpo e lançais o anzol de repente:

— O Sr. póde emprestar-me ahi uns 200$ rs.?

3.º Quereis *pescar* algum peixe ou *peixãozinho*; requebrais os olhos, adoçais a voz, e por fim deitais o anzol:

— Uma só palavra: tu me amas?

E' preciso porém que se advirta n'uma cousa.

O ponto de interrogação é um anzol, e por conseguinte serve para *pescar*; mas tudo depende da isca que se lhe deita.

Nenhum *pescador* atira á agua o seu anzol sem isca; ninguem portanto diz pura e simplesmente:

— Empresta-me 300$ rs.

Não; é preciso que o anzol leve isca, e que esta isca seja d'aquellas que o peixe que se quer pescar goste de engolir.

Alguns *pescadores* costumão deitar um pouco de mel, e outros seguem o systema dos indios que mettião dentro d'agua certa herva que embebedava os peixes.

Assim, ou dizem:

— Meu amigo, o senhor, que é o pai dos pobres, (*isca*) empresta-me 300 mil réis? (*anzol.*)

Ou então empregão o segundo meio:

— Será possivel que o bemfeitor da humanidade, o homem que todos apregoão como a generosidade personificada, que o cidadão mais popular e mais estimado d'esta terra, que o negociante que revolve todos os dias um alluvião de bilhetes de banco, me recuse a miseravel quantia de 300$ rs.?

No meio do discurso já o homem está tonto de tanto elogio, de maneira que, quando o outro lhe lança o anzol, é com certeza de trazer o peixe.

Ainda tinha muita cousa a dizer sobre esta arte de *pescar* na sociedade, arte que tem chegado a um aperfeiçoamento miraculoso.

Fica portanto para outra occasião.

Por ora basta que saibão os meus leitores que o ponto de interrogação é um verdadeiro anzol.

O caniço d'esta especie de anzol é a lingua, e o fio ou cordel a palavra; fio elastico como não ha outro no mundo.

Ás vezes, quando se olha para esta figurinha aleijada, o ponto de interrogação parece-se mais com um d'aquelles corcundinhas, especie de demoninhos maliciosos, de que fallão os contos de fada e que vivião a fazer pirraças aos homens.

E' que de facto ha occasiões em que elle torna-se realmente um anjinho zombeteiro e impertinente, que leva a ousadia até a rir-se nas barbas de um pobre homem.

Haveis de ter encontrado pelo mundo alguns d'esses homens que depois de terem feito todo o mal que podem a outro, vêm com o riso nos labios insultar a dor e envenenar com sua baba a ferida mal cicatrisada.

Este homem atira á cara do outro o corcundinha de que vos fallei, e dirige pouco mais ou menos uma pergunta n'este sentido:

— Então, meu amigo, porque não me conta os seus pezares? Não tem confiança em mim?

Ha tambem um certo ponto de interrogação que tem seus ares de mestre de latim ou de professor de primeiras letras.

Este é carrancudo e severo; tem a voz aspera e fanhosa, como do homem que toma rapé, e ordinariamente anda aos pulos.

Lembro-me perfeitamente que na minha aula de latim às vezes estava eu bem distrahido, quando elle saltava-me pela frente gritando:

— *Hora-æ*, vocativo?

Felizmente todas as cousas d'este mundo têm verso e reverso; o ponto de interrogação, que quasi sempre é um anzol, um anjo corcunda, ou um pedagogo, parece-se às vezes com um d'esses meninos travessos e gentis, um d'esses anginhos curiosos e innocentes que desejão saber tudo.

Então elle pergunta, mas é como o filho á sua mãi; ri-se, mas é de prazer e de alegria; e leva todo o tempo a brincar entre as palavras, como o colibri no meio das flores.

Vou mostrar-vos esta face risonha do ponto de interrogação, esse verso da medalha conhecida pelos grammaticos.

E' uma poesia que li, não sei onde, e que só tem um defeito: o de ser uma pergunta sem resposta.

Eil-a:

?

[illegible]

A[illegible]

[illegible] furtiva
Que geme de amor,
Que [illegible]
O seio da flor,
Colhe em teus beijos
O [illegible] suspiro,
Os doces harpejos
De que eu me inspiro?

A onda ligeira
Que treme e palpita,
Que de feiticeira
Murmura e saltita,
Vio-te no sorrir
Que o labio deixa
Brincar e fugir
A doce volata?

A corda da lyra
Que mal estremece,
E tenue suspira
Um som que entristece,
Bebe em teu pranto
O debil queixume,
Guarda de teu canto
O echo, o perfume?

Tens nos labios teus
A flor da harmonia,
Que dás como Deus
Aos sons melodia,
Accento divino,
A' vaga o seu friso,
A's auras um hymno,
E a tudo o sorriso?

Dos anjos soubeste
As notas sublimes
D'harpa celeste,
Com que tudo exprimes;
Ou deu-te o amor
A chamma sagrada,
O grito da dor,
A voz inspirada?

Agora é muito natural que, depois de ter lido toda esta [illegible], depois de ter virado e revirado em todos os sentidos o ponto de interrogação, o meu leitor esteja desesperado por saber qual era a pergunta que eu lhe pretendia fazer, e que deu causa a toda esta arenga, [illegible].

E muito justo, e por isso vou satisfazel-o.

Queria perguntar-lhe se se lembrão da historia que lhes prometti contar domingo passado.

Uma conta a respeito das nossas patricias *brasileiras*.

O promettido é devido.

Ahi vai pois:

« Um dia a fada *Belleza* desceu á terra, resolvida a distribuir por todas as moças os thesouros de graça e mimos que possuia.

« Mandou que seu irmão o anjozinho *Amor* chamasse uma mulher de cada nação, para receber o dom que lhe coubesse.

« Quando todas estavão reunidas, a fada começou a distribuição dos seus presentes.

« Deu á *Andaluza* cabellos negros e tão longos que lhe podião servir de mantilha.

« A' *Italiana* olhos brilhantes e ardentes como as estrellas do céo de Napoles.

« A' *Arabe* um moreno excitante e uma pelle doce e macia como as pennas do marabout.

« A' *Ingleza* uma aurora boreal para tingir as faces, os labios e as espaduas.

« A' *Alleman* perolas para os dentes, e miosotis para os olhos suaves.

« A' *Russa* a distincção de uma princeza e a nobreza necessaria para trazer um nome de sete syllabas terminado por *off*.

« A' *Franceza* a delicadeza do lyrio com a graça e o mimo das rosas.

« Depois, passando aos detalhes, deitou a alegria nos labios da *Siciliana*, o espirito na cabecinha loura da *Irlandeza*, o bom senso no coração da *Hollandeza*.

« E como não tinha mais que dar, levantou-se para abrir as azas e voltar ao céo.

« Então a *Brasileira*, que por modestia e por timidez estivera retirada a um canto, puxou docemente a ponta da tunica azul da fada.

— « E eu? disse ella.

— « Ah! tinha-te esquecido.

— « E' verdade.

— « E agora como ha de ser? Já dei tudo que trazia.

— « Mas eu fico sem nada?

A fada reflectiu um momento; depois, chamando as outras com um signal, disse-lhes:

— « Vós sois tão boas que espero haveis de reparar uma falta que commetti esquecendo na distribuição a vossa irman do Brasil. Eu vos peço pois que cada uma tire um pouco do presente que lhe fiz, e o dê a esta menina tão modesta.

« Não era possivel recusar.

« Todas as mulheres do mundo, com uma graciosa amabilidade, chegárão-se á Brasileira, e derão-lhe, uma os seus cabellos negros, outra as estrellas dos seus olhos, esta o sorriso de seus labios, aquella a ondulação de suas fórmas assetinadas. »

Eis a historia que vos prometti contar domingo, quando vos fallava das nossas patricias. Ainda sei outras tão lindas como esta, mas que a *penna a correr* não póde demorar-se para contal-as.

Irão em *zig-zag*.

Não reparem se passo em silencio pela representação da Sapho, apezar de ser a obra prima de Paccini.

Digão o que quizerem os *maestros*, não gosto d'essa musica de barulho, que abafa a voz humana, e obriga os cantores a fazerem contorsões horriveis.

Na Norma e no Othelo, onde os cantores cantão, ha prazer em ouvir-se uma bella voz, que brinca n'uns labios risonhos, deslisar-se em ondas de harmonia, ou desprender-se de um seio que se ergue apenas n'uma ondulação suave.

Mas n'estas operas, onde a voz é um grito, onde o canto é uma convulsão, as notas são arrancadas com esforço, a bocca se contrahe, e a melodia desapparece n'um estrepito que atordoa; parece que assistimos ao martyrio do cantor, a um supplicio horrivel da belleza, do talento e da inspiração, que se torturão para merecer alguns applausos e algumas flores.

Entretanto, a noite passa, e no manhan seguinte vem a fadiga, o cansaço, a rouquidão; até que um dia a voz se extingue, como uma flor que fenece, e que nem deixa os perfumes que exhalava outr'ora.

Não; por mais que digão, a voz humana não foi feita para essa musica de estrepito. Se desejais ouvir a natureza em suas convulsões, assisti ao espectaculo da tempestade n'uma costa deserta, mas não ide ao theatro pedir a um cantor que vos venda por uma mesquinharia de dinheiro as centelhas divinas de seu genio e de sua alma.

O talento é uma vida, é a vida d'alma da intelligencia e do pensamento; nenhum artista tem pois o direito de commetter esse suicidio moral, e de esperdiçar, como *Kanny le Grau*, n'uma só noite, a seiva e o viço de uma existencia inteira.

Quando assisti á primeira representação da Sapho, pareceu-me ver um quadro, no qual um pintor de genio, querendo tocar o sublime, derramasse toda a sua inspiração e gastasse todas as tintas da sua palheta.

Havia alguns traços bellos, porém mais erão tons carregados, claros e escuros pouco harmoniosos, perfis asperos e destacados sobre um fundo sombrio e confuso.

Depois de todo este preambulo, é necessario que conte aos meus leitores os acontecimentos notaveis da semana.

Todos se reduzem a um dia (*o sabbado*), a um acontecimento (*a chegada do paquete*), e a uma noticia, que anda de bocca em bocca e de jornal em jornal:

A TOMADA DE SEBASTOPOL.

Escrevendo-a não traço unicamente a chronica da semana, mas a historia do mundo durante um anno.

[illegible] ... o que deseja ... [illegible] ... da sua activi- ... [illegible] ... proprio, mas tam- ...

[illegible] ... ainda este ... a força muscular que do ... sentimento da terra, e ... [illegible] ... [illegible] ... defendelos contra ... Foi portanto sobre ... constituio a sociedade antiga, ... fórmas, uma mista e rica, ... [illegible] ...

[illegible] pelo espirito e reduzido afinal ... [illegible] ... ao jugo, sem ... [illegible] ... que tanto ... [illegible] ... o mecanismo da ... [illegible] ... estacionario, ... [illegible] ... braço e do ... [illegible] ... de inventar ... [illegible] ... subsiti- ... [illegible] ...

[illegible] ... continuou por ... transformações vi- ... homem d'este estado de bruteza, e ... influencia do christianismo deu-lhe ... [illegible] ... no festim social.

A invenção das machinas, a descoberta do vapor, [illegible], como todos sabem, da éra moderna.

Agora, vemos hoje por toda a parte aperfei- ... [illegible] ... multiplicarem-se os produc- ...

de S. Ex.

E' necessario que o tilbury, que hoje é quasi um luxo dos ricos, se torne uma commodidade dos remediados.

—

Publicamos hoje uma correspondencia sobre a letra de 20:600$000 aceita pelo Sr. Antonio de Souza Ribeiro, que nos dirigio o Sr. Dr. Araujo Basto. Nada temos com a questão da falsidade da letra, e apenas confirmamos a noticia que démos de ter sido a mesma letra julgada falsa pelos dous peritos que a examinárão na 2.ª delegacia, os Srs. João Getulio Monteiro de Mendonça, e Francisco Lopes de Oliveira Araujo.

Insistimos sobre isto, para que não se ponha em duvida a veracidade do facto que noticiámos.

—

Finalmente vai desapparecer da rua Direita a pequena casa que faz canto com a rua do Hospicio, que era o nestor das casas do bairro commercial, e talvez uma das primeiras construcções dos Portuguezes n'aquella rua.

Foi comprada um d'estes dias por uma pessoa que tenciona edificar alli um excellente predio, e que deu pelo seu terreno sessenta apolices, no valor de sessenta e dous contos.

Ora, tendo o terreno sessenta palmos, vêm a custar cada palmo de terra mais de um conto de réis. Se a cousa vai n'este progresso, chegará o tempo em que a terra da rua Direita valerá mais do que o ouro da California.

—

A confraria de N. S. da Lampadosa festeja ...

de Capivary, Felicio Augusto de Lacerda e Francisco Baptista de Lacerda Braun concorrêrão, além de outros generos para serem distribuidos pela pobreza, com uma não pequena porção de sal, de que n'aquella freguezia se sentia grande alta.

—

Foi communicado em data de 7 do corrente, que ainda se não tinha dado caso algum fatal do cholera na enfermaria de Petropolis; e que na do Fragoso não havia um só doente.

—

Segundo communica a commissão sanitaria da villa de Santo Antonio de Sá, em officio de 29 do mez passado, a enfermidade reinante continúa a grassar alli com intensidade. A enfermaria está funccionando com toda a regularidade, nada faltando aos doentes pobres. O numero d'estes, tratados desde 7 até 29 do mez proximo findo, foi de 61, dos quaes fallecêrão 14; d'estes entrárão 12 no estado algido, e apenas durárão 24 horas. Sahirão 20 curados, e ficárão 7, sendo 1 moribundo, 4 em tratamento e 2 convalescentes.

Na freguezia da villa, desde 23 (?) até ao dia 26 individuos: d'estes fallecêrão 3. Chega porém a 170, segundo constava á commissão sanitaria, o numero dos affectados, e o dos fallecidos a 30.

—

Na freguezia de Sant'Anna de Macacú, até o dia 25, se dérão 14 casos do cholera, dos quaes 11 forão fataes.

—

Da freguezia de S. José da Boa Morte, segundo communicação de 28 do passado, a enfermidade grassa com força. Desde 2 do mesmo mez

...teira de Miranda, gerente da companhia Macahé e Campos, prestou-se com franqueza e a melhor vontade ao fretamento do vapor, não exigindo senão o necessario para cobrir as despezas da viagem.

—

Além do Sr. Dr. Cardoso, que se acha em Itaipú, parte para o mesmo lugar o Sr. Dr. José Paulo de Gouvêa; e ao delegado de policia se expedirão as convenientes ordens para mandar syndicar dos factos publicados no *Diario do Rio*, providenciando logo sobre as necessidades mais urgentes que tenha aquella população.

—

Estatistica Diaria.

OBITOS. — No dia 9 fallecêrão 45 pessoas, 23 das quaes da epidemia reinante, sendo livres 12 e escravos 11; de outras molestias 22, sendo livres 14, e escravos 8. Das pessoas livres, 21 erão homens e 5 mulheres.

MOVIMENTO DO PORTO. — Entrárão 7 navios; dos portos estrangeiros 4, e dos nossos 3.

Sahirão 15; para os portos estrangeiros 7, e para a nossa costa 8.

MOVIMENTO DA POPULAÇÃO. — Entrárão 147 passageiros, sendo 2 escravos.

Sahirão 59, sendo escravos 20.

PRISÕES POLICIAES. — Forão presas 5 pessoas, sendo 2 escravos.

PARTIDA DOS CORREIOS. — Hoje o de Minas, amanhan o de S. Paulo.

THEATROS. — Hoje o de S. Pedro e o do Gymnasio.

...de vinte e tantos, nada soffrêrão, e felizmente até esta hora não nos consta que na povoação tenha apparecido caso algum.

« Não ha portanto razão para tanto terror, que consta-nos se tem apoderado dos habitantes da capital e do interior da provincia, que erradamente pensão que deve ser Santos o lugar d'onde lhes virá o mal. A epidemia já appareceu nas margens do rio Parahyba, e por conseguinte ha outra tanta probabilidade que por meio d'esse rio se communique á provincia. Oxalá que não se realize um boato, que n'estes dias se espalhou n'esta cidade, de cortar a communicação com S. Paulo por meio de um cordão sanitario, pois este meio preventivo, o que não é, trará infallivelmente tanto para Santos como para os negociantes e fazendeiros do interior os mais funestos resultados. »

—

ERRATA.

No nosso artigo de hontem, *A politica do Brasil em Montevidéo*, em lugar de *nota collectiva*, lêa-se *nota circular*.

PARTE OFFICIAL.

Ministerio da Justiça.

Por decreto de 2 do corrente mez, foi nomeado juiz de direito da comarca da Palma, em Goyaz, o bacharel Vicente Ferreira Gomes.

Por decreto de 9 do mesmo mez:

Foi concedida a demissão que pedio o juiz de direito José Ricardo de Sá Rego, do cargo de chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro.

Forão nomeados:

O juiz de direito José Ricardo de Sá Rego para a comarca de Nictheroy.

O bacharel Candido de Faria Lobato para juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos de Formiga e Piumhy, da provincia de Minas-Geraes.

...no lugar o Dr. João de Siqueira Queiroz.

Paço da Illma. camara municipal, 30 de outubro de 1855. — *Mesquita*. — Dr. *Lopes da Cunha*. » — Foi approvada.

O Sr. Dr. Lopes da Cunha leu os seguintes pareceres:

« O requerimento de Bernardina de Oliveira em que pede a esta camara para ser considerada locataria da banca n. 21 da praça do Mercado, que em outro tempo esteve arrendada a seu fallecido marido Apolinario de Campos, não póde ser favoravelmente deferido, porque, segundo a informação junta do respectivo fiscal, o locatario da referida banca é Vicente Antonio José Francisco, da qual está elle de posse desde dezembro de 1850. Demais, os documentos que Bernardina de Oliveira apresenta, longe de justificarem a sua pretenção, me parece que lhe são desfavoraveis, visto que, tendo seu marido fallecido em 8 de março de 1849 (documento n. 1), e sendo a banca em questão arrendada por arrematação em dezembro de 1850 (documento n. 2), não podia então ser elle o arrematante, quando do mesmo documento n. 2 se vê que foi Vicente Antonio José Francisco que n'esta occasião arrematou, sendo ainda actualmente locatario, como informa o fiscal. Quanto aos precedentes que diz terem havido, consentindo a camara em transferencias das bancas do mercado ás viuvas e filhos dos locatarios fallecidos, talvez lhe podesse valer, se solicitasse tal transferencia, logo depois da morte de seu marido; e não agora estando Vicente Antonio José Francisco, ha mais de quatro annos, considerado locatario da banca em questão. Rio, 22 de outubro de 1855. — Dr. *Lopes da Cunha*. » — Foi approvado.

Sobre o requerimento de Vicente Antonio José Francisco: — « Em vista do parecer por mim exarado na petição de Bernardina de Oliveira ácerca do mesmo objecto de que trata a petição do supplicante e dos documentos que este juntou, sou de parecer que se considere locatario da banca n. 21, de que está de posse na praça do Mercado. Rio, 22 de outubro de 1855. — Dr. *Lopes da Cunha*. » — Foi approvado.

Conforme o parecer do mesmo Sr. vereador concedeu-se licença para toldos volantes na

a licença só deve ser concedida nos termos propostos pelo contador em sua informação.

« Sala das sessões, em 30 de outubro de 1855. — *Lima Nogueira*. » — Foi approvado.

Sobre a informação do contador ácerca do requerimento de José Joaquim de Carvalho e Abelhas, declarando que se póde conceder licença para vender os predios ns. 76 e 136 da rua do Senhor dos Passos pagando fôro igual ao que paga o padre Wenceslau de Andrade Rosa: — « Conformo-me com o parecer do Sr. contador, respeito ao quantitativo do fôro.

« Sala das sessões, em 30 de outubro de 1855. — *Lima Nogueira*. » — Foi approvado.

« No incluso officio participa o fiscal da freguezia de S. José que o calceteiro da rua da Ajuda e da de S. José tem estreitado os lagedos da frente das casas, reduzindo uns a 5 palmos e outros a 4 1/2, quando o codigo de posturas da Illma. camara municipal manda que os lagedos n'essas ruas tenhão seis palmos de largura, e pede em conclusão que a Illma. camara municipal lhe determine o que deve fazer. Esta representação parece que deve ser tomada em consideração pela Illma. camara municipal pelas consequencias que d'esse facto podem resultar em prejuizo dos proprietarios, porque estes forão intimados pelos fiscaes d'esta e das outras freguezias para substituirem o lagedo de 5 palmos por outro de 6 de largura: uns têm substituido, e outros ainda o não fizerão por differentes causas, sendo a mais geral o não haver tantos canteiros que ao mesmo tempo possão preparar os lagedos de 6 palmos para substituir o de 5 em todas as ruas d'esta cidade; assim uns proprietarios já substituirão o lagedo e outros lutão com os canteiros para lhes promptificar o de 6 palmos de largura para a substituição que devem fazer em frente de suas casas. E' sabido que cada braça de lagedo custa, posto no lugar, de 23$ a 24$, conforme a qualidade da pedra, e é duro que os proprietarios em um dia inutilisem o lagedo de 5 palmos, colloquem o de 6, e no dia seguinte venha o calceteiro e lhe corte esse lagedo reduzindo-o a 5 palmos, ou a 4 1/2: em tal caso ou o calceteiro está autorisado pelo contrato feito com o governo a estreitar o lagedo, ou não; no 1.º caso, isto é,

---

FOLHETIM.

11 DE NOVEMBRO.

Ao correr da penna.

REVISTA [illegible]

Estou de todo a não escrever hoje a minha revista; e como os meus leitores não quererão ficar privados do seu folhetim dos domingos, não ha remedio: vou fazer um romance.

Um romance!

Não é qualquer cousa; é uma historia dividida em capitulos, que principia rindo e acaba chorando, ou vice-versa; e na qual devem entrar necessariamente um namorado, uma moça bonita, um homem muito mau, e diversas outras figurinhas de menos importancia.

Um romance em regra só póde começar de manhã ao romper do dia, de tarde ao rapido da tempestade, e de noite ao despontar da lua; exceptuão-se os romances domesticos, que não têm hora certa, e que regulão-se pelo capricho do autor.

Ora, o romance que eu pretendo fazer está inteiramente fóra da regra, porque não tem comeco, nem fim; e quanto aos personagens, limitão-se á dous unicamente.

Enfim, sem mais preambulo, vou contal-o a os meus leitores, que lhe darão o apreço que entenderem.

Foi ha muito tempo.

A Malibran, a bella e poetica Malibran, scismava sósinha, com a cabeça indolentemente cahida sobre o hombro, e os grandes olhos negros e melancolicos vagando no espaço.

A noite estava limpida e serena: as estrellas scintillavão no azul do céo; o vento que suspirava na ramagem das arvores mal quebrava o silencio das horas mortas.

De repente os labios da artista se entreabrirão n'um sorriso, e um gorgeio sonoro, um trilo brilhante começou a brincar nas covinhas da boca, e por fim foi aninhar-se no calice de uma margarida que crescia n'um vaso.

Um momento depois, o olhar da Malibran animou-se, a graça e a faceirice do sorriso desapparecêrão com a expressão ardente e apaixonada que illuminou o seu semblante.

A voz desprendeu-se vibrante e profunda do seio que palpitava, e soltou-se n'uma d'essas volatas magnificas, n'um d'esses gritos d'alma que não se exprimem.

A nota pairou um momento nos ares; depois oscillou ao sopro da brisa, e cahio entre as folhas de um botão de rosa, como uma gotta do orvalho da noite.

Até aqui o meu romance é muito simples e nada tem que admire.

São duas notas gêmeas, filhas do mesmo sorriso, creadas pelo mesmo sentimento, duas irmans que a sorte d'este mundo separou, dando-lhes um destino diverso.

Mas o que se segue é o mais interessante; agora é que o romance vai começar.

A Malibran, apezar de artista e de achar-se então na flor da idade, aborreceu-se de scismar, e teve somno; o somno, assim como a fome, é um dos prosaismos d'este mundo a que ninguem escapa, seja rei ou poeta.

Logo que sentio que as palpebras lhe pesavão, a bella artista lançou um ultimo olhar ás flores do céo e ás estrellas da terra, e fechou a sua gelosia.

Houve um momento de silencio.

Depois a brisa travessa roçou ligeiramente as suas azas pelas folhas; e uns sons maviosos, um canto trinado e argentino exhalou-se do seio de uma flor.

Era o *gorgeio* da Malibran, que balouçando-se no calice da margarida, trilava uma aria do Barbeiro de Sevilha, como se estivesse na *avant-scene* do theatro lyrico.

Mal tinha elle começado, quando sentio-se um farfalhar de folhas agitadas pelo vento, e vio-se a rosa erguer a fronte de princeza, volver a haste com um meneio altivo, e deixar cahir do seio uma nota limpida, sonora e brilhante, que offuscou inteiramente o pobre *gorgeio*.

D'esta vez era a *volata* da Malibran, que adormecida entre as folhas da rosa despertára de repente e se lançára no espaço, julgando que ia fazer estremecer o salão da *Opera* com a triplice salva de applausos do costume.

Mas, em lugar d'esses admiradores enthusiastas, não havia alli senão *dilettanti* modestos que apenas sabião applaudir com o silencio; por isso a viração calou-se, e as aguas nem sequer murmurárão.

Entretanto a margarida teve inveja da rosa; o gorgeio teve ciume de seu irmão, e para vingar-se abandonou o seio da flor, e transformou-se n'um rouxinol.

Largou-se então a cantar, a trinar, a fazer arrulhos doces e mimosos, como sons de perola que corressem entre os dedos afilados de uma menina graciosa: tudo para elle era um hymno de prazer: de um som fazia um canto, de um canto um poema de harmonia.

Todos o admiravão; porém, quando julgava o seu triumpho certo, vio deslisando nas aguas tranquillas do lago o cysne da Italia, que modulava o seu ultimo canto, essa creação poetica imaginada para exprimir o canto d'alma que se despede da terra e cria azas para remontar ao céo.

O cysne soltou um ou dous arpejos cheios de melancolia e de sentimento; e bastou isto para que o rouxinol batesse as azas e cortasse os ares n'um vôo rapido.

Aqui termina a primeira parte do romance. Se quereis saber o resto, continuai a ler; senão, voltai a folha, e lêde os annuncios, que não deixão de ter o seu interesse, sobretudo para quem tem de alugar amas de leite.

Voltemos ao assumpto.

O rouxinol voou, voou, até que chegou a uma bella terra, toda coberta de loureiros em flor e de fustes de columnas de marmore espalhadas a esmo.

Era a Grecia, se bem me lembro.

Corria perto, entre um montão de ruinas tapeçadas de hera e de musgo, o rio Alpheu, o amigo e collega dos poetas da Arcadia.

A alguns passos destacava-se um grupo de estatuas, que pelo primor da carnação e pela delicadeza do perfil parecião ter sahido do buril de Phidias ou Praxiteles.

O rouxinol pousou n'um ramo de arvore, e olhou as estatuas batendo as azas de contente; mas voltando-se vio o cysne que elle tinha deixado na Italia, banhando-se nas aguas do Alpheu.

Ambos lançárão-se ao grupo das estatuas: o rouxinol aninhou-se no seio de uma nympha, cujo nome não me lembro; o cysne pousou no hombro de uma Sapho.

De repente as duas estatuas animárão-se, estremecêrão, e por um movimento instinctivo, ellas que tinhão vivido sempre juntas, ellas que erão irmans de arte e de pensamento, ellas que erão feitas do mesmo marmore, voltárão-se as costas e separárão-se.

Assim vivêrão muito tempo, até que um dia ouvio-se um hymno de amor, e as duas estatuas forão-se approximando a pouco e pouco, sorrirão uma para a outra, e dérão-se as mãos.

A musica que se ouvia era o spartito de *Romeu e Julieta*; e as duas estatuas animadas parecêrão-nos....

Adivinhem os leitores, ou antes esperem pelo dia 2 de dezembro, em que nos consta se representará *Romeu e Julieta*; ahi acharão o fim d'este romance, se é que elle tem fim.

Depois de ter escripto um romance, é duro fazer uma chronica, ainda mesmo de uma semana como esta, em que nada de bom ha a dizer.

No theatro lyrico tem-se representado o *Nabuco*, com geral acceitação. O Walter é um excellente artista, e tem um canto cheio de expressão e de elegancia; quando se o ouve conhece-se que ha n'elle mais do que *bella voz* e *boa figura*, ha alma e sentimento.

A Cruz canta perfeitamente, canta como ella costuma cantar; mas, com licença dos admiradores, e portanto com licença de mim mesmo, o folhetinista que vio o Othelo, a Norma, Sapho e Nabucodonosor, tem o que quer que seja a dizer sobre o desempenho d'esses differentes papeis.

O artista é como o Protheu da fabula; deve ter o dom de metamorphosear-se a cada momento; deve mudar de figura, de sentimento, de expressão, assim como muda de vestuario.

Norma é uma mulher selvagem que ama com essa paixão violenta e profunda das naturezas primitivas, que sacrificou ao seu amor a crença de seus pais, a sua virgindade e os votos de sua religião; e tudo isto por um inimigo de sua patria.

Norma é uma amante criminosa, desprezada, que procura vingar-se a todo o transe, que ameaça no seu desespero á sua rival, a seu amante, e a seus filhos; e que só á beira do tumulo, junto á fogueira, torna-se mulher, e perdôa.

Sapho é um espirito cultivado, uma alma de poeta, que sente todos os extremos do amor, e que o desprezo leva á morte, não por uma vingança, mas por um sacrificio voluntario, por um desapego á vida.

A respeito de Abigail não fallemos; caracter ambicioso, mais orgulho do que amor, condemna-se á morte por despeito ou antes remorso.

Entretanto, mudado o vestuario, ha na Sapho o que quer que seja do ciume da Norma, assim como em Abigail se reconhecem ainda uns longes da musa grega e da sacerdotisa druidica.

Faltava-me defender as *Mulheres de Marmore* de uma accusação injusta de immoralidade que se lhes tem feito.

Mas o publico que tem concorrido ao Gymnasio, e os diversos folhetinistas que elogião constantemente o drama, me dispensão de gastar tempo e papel.

E' preciso saber como entende-se essa immoralidade de que se trata; porque nós já não estamos no tempo em que as *meninas* de 20 annos ficavão com as faces em braza quando um pai um pouco desbocado fallava por descuido em *amor* ou casamento.

Hoje as moças de 10 annos geralmente discutem as diversas theorias do amor, e sabem o que é preciso para não ignorar cousa alguma; fallão do casamento como de uma partida de prazer; lêm romances francezes, e riem-se com muito gosto quando se representão as proezas do Richelieu.

[illegible] ... Deixamos aqui escripta esta conclusão, sem mais tirarmos d'ella consequencia alguma.

Quando ... para quando se nos vier dizer que nos ... apoiando a politica do Brasil ... Montevidéo, ... tambem por agora de ... o caso se devia entender a garantia mal prestada pela França, Inglaterra e Hespanha, ... se ellas podião ou não prestal-a em ... se convinha ou não ao Brasil obstal-a.

RIO DE JANEIRO.

Chronica diaria.

Toca hoje 18 do corrente no arsenal de marinha ... a musica dos menores do mesmo arsenal.

—

Corria hontem em alguns circulos que tinha havido um desembarque de Africanos nas approximações da côrte, o que tinha feito com que o Sr. ministro da justiça enviasse vapores e tropa ao lugar que havia sido indicado á policia. Não sabemos até agora que fundamento tem este boato.

—

Publicou-se na lithographia do Sr. Rensburg, rua da Ajuda n. .., o 4.º volume da *Ornithologia Brasileira*. A perfeição do trabalho cromo-lithographico e a importancia d'esse estudo sobre um ramo da historia natural do nosso paiz o recommendão á attenção do publico. É necessario que animemos essas publicações, ainda bem raras entre nós, por causa das grandes despezas que obrigão a fazer. As assignaturas continuão a receber-se na mesma lithographia.

—

Entrárão hontem em julgamento no jury os tres Italianos accusados do roubo da antiga casa de Cropp Leay e C. na rua d'Alfandega, do roubo de cem relogios da rua da Misericordia, e de mais um roubo de fazendas de uma casa franceza de A. S. Vermelin.

Ás oito horas ainda durava a sessão, que pro... ...do, e o mal ... rapido da temperatura deu em resultado o fallecimento de 3, sendo uma Africana livre, uma preta velha escrava, e uma criança tambem escrava. Os existentes não inspirão receio, com quanto dous ficassem graves.

—

O Sr. Dr. Geraldo Franco de Leão, que se ... das freguezias de Merity e Jacotinga, foi alli affectado do mal; e retirou-se para a côrte. O Sr. Dr. Joaquim José de Mello Côrte Real offereceu-se gratuitamente para o substituir, e está acompanhado do estudante de medicina, o Sr. José Lobo Vianna.

A epidemia ainda alli continúa, porém com menos intensidade, e só houve 2 casos fataes nos dias 15 e 16 do corrente.

—

Em 10 do mez communicou-se que era bom o estado sanitario da cidade de Paraty.

—

Na freguezia de S. José do Rio Preto, o Sr. subdelegado José Francisco de Sousa Werneck agenciou uma subscripção no valor de 2:000$000, para soccorrer aos pobres que enfermarem da epidemia reinante.

—

Tivemos folhas de Campos até 14. A epidemia continúa a devastar aquella infeliz povoação. Apezar dos medicos e dos soccorros que para lá tem ido, parece lavrar grande terror entre os seus habitantes. Mais algumas pessoas conhecidas do lugar havião fallecido. O acêrto das medidas do governo e a caridade dos Campistas, esperamos em Deus, farão desapparecer em breve tamanha calamidade.

... chronica do jury da côrte, gazetilha, publicações a pedido e o folhetim.

Correio Mercantil. Contém em artigos editoriaes, o vapor *Marquez d'Olinda*, o jornalismo, guerra aos cães, noticias diversas, chronica judiciaria, revista dos tribunaes, o correio de Londres, catholicismo em Goyaz, o jardim de Belchibe, correspondencias, ... *Mohicanos de Paris*.

Correio da Tarde. Em artigo editorial o fisco, parte noticiosa, um artigo transcripto do *Ypiranga*, revista dos jornaes, publicações a pedido e um folhetim hebdomadario.

NOTICIAS.

Recebemos folhas de S. Paulo e de Santos.

Em S. Paulo até o dia 10 do corrente, que é a ultima data que recebemos, não constava ter havido nenhum caso da epidemia, e o seu estado sanitario portanto continuava a ser lisongeiro.

De Ubatuba e Iguape as noticias são tambem satisfactorias.

No entanto o governo da provincia continúa a tomar providencias com acerto e actividade.

Em Bragança é que se têm dado alguns casos de febre typhoide; porém, tratados convenientemente, ninguem tem succumbido. Em um bairro proximo, denominado o Campo Novo, é que por falta de recursos fallecêrão umas oito pessoas.

Consta que foi nomeado para delegado de policia na cidade de Sorocaba o Dr. Rodrigues, e para subdelegado o professor de grammatica latina Toledo.

Em Santos, além da morte dos tres marinheiros do vapor *Catharinense*, de que já demos noticia, nenhum outro caso da epidemia reinante tinha occorrido n'aquella cidade.

... pelo, fazer com que o governo francez mandasse desoccupar em fim aquelles postos, visto ser claro o direito do Brasil, em virtude do tratado de Utrecht e da convenção de 1817. Foi no tempo em que era nosso ministro dos negocios estrangeiros o Sr. Lopes Gama, hoje visconde de Maranguape, que o Sr. Ouseley, encarregado de negocios de Inglaterra, fez esta communicação official.

[illegible] ... esses pontos, em que apenas tocamos ligeiramente; porém ... mui longe, e por isso contentamo-nos com ... deixando preenchido o nosso intento de apresentar com clareza a razão, a justiça, e o direito que nos assistem relativamente aos nossos limites com a França e soberania sobre o Amazonas e seu territorio.

Partindo de taes bases, está claro que a nós compete legislar para aquelle territorio; que podemos conservar fechado ou abrir, segundo nossa propria conveniencia, o rio Amazonas á navegação e commercio estrangeiros; e que portanto, se ... sonhos, existem ... na imaginação do redactor do *Jornal do Havre*, que gratificou ultimamente os ... com uma doutrina nova, suggerida talvez pelo feliz successo dos batalhões francezes na Criméa, e successo aceito logo pelo seu bello sonho com os preliminares de conquistas na America, depois de cortadas as pernas do gigante moscovita, cujos pés viahão de ser decepados no mar Negro, mas cuja cabeça ainda em pé será necessario procural-a em Moskow.

Verdade é que o direito o mais bem firmado, que os principios de direito publico os mais reconhecidos e sanccionados por todas as nações nem sempre têm sido respeitados pelos governos fórtes, quando reclamados pelos estados fracos; e a Inglaterra, dizemos mal, o gabinete inglez, mais do que nenhuma outra nação, tem abusado com luxo e prodigalidade d'essa preponderancia e força moral de que tem gozado, e na qual grande brecha lhe tem feito a guerra actual, para menosprezar direitos adquiridos, para conquistas e espraiamentos, para ingerir-se nos negocios dos pequenos estados, para em fim saciar suas ambições e interesses.

Não somos nós sós que isso dizemos, não são estrangeiros quem o repete: são os mesmos Inglezes quem o apregôa, é o primeiro jornal ... que occupão e os cargos que acceitárão impõem rigorosos deveres, compete pensar maduramente nas soluções e illações que deverião esperar para nós do desfecho d'essa luta sanguenta, do desenredo d'esse drama que se representa actualmente, e que a Inglaterra se esforça em fazer n'elle tomar parte a Europa inteira.

O que desejamos é pôr patente o quanto absurda é a doutrina do *Jornal do Havre* ... ras amazonicas; memorar quaes as bases em que se firmão esse direito, essa soberania sobre aquelle territorio e rio; trazer á lembrança em fim as difficuldades graves que encontrará o Sr. visconde do Uruguay, os escolhos contra os quaes esbarrará a alta e reconhecida capacidade do Sr. Paulino para concluir na actualidade um tratado de limites com a França.

Se nossas idéas não forão expendidas e desenvolvidas com elegancia, ao menos esperamos que sua exposição tenha sido clara e intelligivel.

Seja-nos agora licito apresentar algumas reflexões sobre a conveniencia ou não conveniencia de persistirmos na politica seguida até hoje sobre o Amazonas.

Se o Brasil estivesse nas circumstancias em que se achão os Estados-Unidos; se a raça que constitue a base de nossa população tivesse o mesmo gráo de energia e actividade que se observa na raça saxonia; nem o Amazonas se teria conservado por tanto tempo no estado em que se acha, nem pensariamos nós como pensamos a respeito d'essa questão.

Em tal caso teriamos de certo partilhado a opinião de commercio e navegação d'aquelle rio unicamente para nós; e até mesmo inclinar-nos-iamos á idéa de que fossem esse commercio e navegação auxiliados por meio de premios, de isenções, ou de quaesquer outras protecções indirectas; porém, dadas as difficuldades ou antes a impossibilidade em que nos vemos, para tirar d'aquelle territorio immenso, d'aquelle magestoso rio vantagens que em grande proveito nosso podem ser colhidas por meio da abertura d'esse rio rei dos rios aos pavilhões estrangeiros, não nos é possivel comprehender porque de tal nos ...

(1) Officio datado de Vienna em 7 de dezembro de 1835, do conde de St. Aulaire ao duque de Broglie, ministro dos negocios estrangeiros de França.

... Europa, dos Estados-Unidos e do Brasil, que houverão de ser consumidos no Perú, na Bolivia, mesmo no Equador, na Nova-Granada, e até em Venezuela e no Chile; e as nossas provincias de Mato-Grosso e Goyaz ... do estado de apathia e languidez em que jazem, receberião uma vida, um impulso incalculavel.

Com um tal meio de communicação ... numero dos consumidores ... paizes, e o Brasil perceberá um direito de transito em ... navegação, em vez de pagar a somma avultada que paga á companhia pelas viagens que ali fazem os seus vapores.

A adopção de uma tal politica produzirá em todos os sentidos vantagens infinitas ... que não carregamos de certo á penetração do entendimento dos nossos estadistas.

Se não fossemos ... as idéas de um illustre e finado Brasileiro, o senhor visconde de Cayrú; sem a insistencia d'esse nobre varão, cuja dialectica e eloquencia era admirada no senado brasileiro em 1832, se bem se achasse elle então já curvado sob o peso dos annos; não se teria obtido a carta régia, datada da Bahia de 28 de janeiro de 1808, que ordenava a abertura dos portos do Brasil; e ... estaria este imperio sem essa concessão, que o digno Bahiano, valendo-se dos laços de amizade que o união a D. Fernando José de Portugal, depois marquez d'Aguiar, conseguio, não sem grande trabalho e luta?

Entretanto, essa grande medida politica, que o patriotismo, as suas luzes em uma palavra aconselhárão ao visconde de Cayrú, encontrou grande desapprovação, sobretudo de parte de negociantes portuguezes que tinhão communicações só com Lisboa e Porto, e que receiavão que a concorrencia de outras nações lhes causasse damno. Fizerão mil tentativas para que se revogasse a carta régia, ... que os acompanhavão em seu favor contra Silva Lisboa, e até houve quem o appellidasse de — réo do estado —, quem dissesse que elle merecia a pena capital, pois queria vender *o paiz aos estrangeiros*. Mas Silva Lisboa foi por diante com suas idéas, sem mesmo temer o que temia Voltaire, que dizia: — *Je crains plus un sot qu'un méchant.*

Para nós, a questão do Amazonas é a primeira ...

FOLHETIM.

18 DE NOVEMBRO.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

D'esta vez estou de *verve*; vou escrever um livro.

Se bem me lembro, já dei aos meus leitores um folhetim-romance, um folhetim-comedia, um folhetim em viagem, um folhetim-annuncio.

Faltava-me porém dar um folhetim-livro, e por isso quero hoje realisar essa nova transformação do Protheu da imprensa.

De facto o folhetim já por si é um livro; é o livro da semana, livro de sete dias, impresso pelo tempo e encadernado pela chronica; é um dos volumes de uma obra intitulada *O Anno de* 1855.

N'este volume a cidade do Rio de Janeiro faz as vezes de papel de impressão; os habitantes da côrte são os typos, os dias formão as paginas, e os acontecimentos servem de compositores.

Mas não é d'isto que se trata, e sim do projecto ... que concebi de escrever hoje um livro-folhetim.

Ha de ser um livro completo, precedido de um prologo, dividido em capitulos, e escripto com toda a gravidade de um homem predestinado a viajar á posteridade envolvido em uma capa de ... e na companhia das traças, das têas de aranha e da poeira das estantes.

Preparem-se pois os meus leitores, limpem os ... tomem a sua pitada de rapé, e ... o livro.

Por ora é apenas o titulot

LIVRO DA SEMANA

OU

HISTORIA CIRCUNSTANCIADA DO QUE SE PASSOU DE MAIS IMPORTANTE

n'esta

Cidade do Rio de Janeiro

desde

O DIA 11 DO CORRENTE MEZ, EM QUE SUBIO AOS ARES COM GERAL ADMIRAÇÃO,

O BALÃO AEROSTATICO

até o dia de hoje 18

COMPREHENDENDO

todos os acontecimentos mais notaveis da semana, assim a respeito de theatros e divertimentos, como em relação á politica, ás artes e sciencias:

OBRA CURIOSISSIMA

EM TODOS OS SENTIDOS

Escripta

no anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 1855

Por

UMA TESTEMUNHA OCULAR.

—

Rio de Janeiro.

MDCCCLV.

Typographia do Diario do Rio de Janeiro.

Ao titulo segue-se a dedicatoria.

Ha certas obras em que a dedicatoria é um simples luxo; em outras porém, como n'esta, é de rigor.

Uma dedicatoria deve ser simples e verdadeira.

Por exemplo:

—

Aos meus respeitaveis leitores.

O. D. C.

Em signal de consideração e preguiça de escrever o folhetim de hoje.

O AUTOR.

—

(Ora muito bem: quanto a titulo e dedicatoria, estamos arranjados; passemos á terceira pagina, em que naturalmente deve vir o prologo.

O prologo é o *bom dia* de um escriptor ao seu leitor, é o *aperto de mão* amigavel de um sujeito que é apresentado a outro a quem não conhecia; é a *cortezia* do orador que comprimenta o seu auditorio antes de começar o discurso.

Vamos ver como nos sahimos do prologo: tenha o leitor a bondade de passar á outra pagina.)

PROLOGO.

Não é a ambição de gloria que me faz dar hoje á luz este pequeno *Livro da Semana*, fructo de algumas horas de trabalho; é unicamente o desejo de tornar-me util ao meu paiz e de concorrer com um obolo para a grande obra da nossa litteratura patria, que induzio-me a registrar os factos importantes da semana que acabou hontem. (1)

Se o publico acolher bem este meu primeiro filho, talvez que animado pela sua benevolencia me resolva a continuar na carreira encetada. Do contrario consolar-me-hei com a consciencia de ter cumprido o meu dever.

Rio, 18 de novembro.

O AUTOR.

—

Depois do prologo, o autor costuma fazer uma introducção, na qual apresenta o plano geral de sua obra, e prepara o espirito do leitor para seguir o desenvolvimento das idéas contidas na sua obra.

Passemos pois á

INTRODUCÇÃO.

Esta semana que acabou apresentou uma face curiosa pelo lado da insipidez.

Portanto o leitor não deve esperar uma descripção poetica, nem mesmo essa variedade que encanta e deleita.

Omnis variatio delectat. (2)

Apenas procurarei fazer a narração fiel, não d'esses boatos sem fundamento que por ahi correm, mas d'aquillo que eu proprio vi e ouvi (3).

Começarei pelo começo.

—

Feita a introducção, passa-se ao primeiro capitulo, que é uma especie de segunda introducção.

Alguns autores usão capitulos com summarios; outros apenas dão uma idéa geral d'aquillo sobre que vão tratar.

O meu autor é d'este ultimo systema.

Eis o indice dos capitulos, que fórma a 4.ª pagina:

—

INDICE.

Cap. 1.º Em que o autor mostra por que feliz acaso lhe veio a idéa de escrever este livro.

Cap. 2.º Em que o autor, depois de reflectir profundamente, resolve-se a começar pelo principio e a acabar pelo fim.

Capitulo 3.º Que serve para mostrar como o domingo e a segunda-feira forão dous dias muito insipidos.

Cap. 4.º Como o autor foi ao theatro lyrico terça-feira ouvir musica, e voltou muito desgostoso por causa da chuva, que fez com que a casa estivesse inteiramente vasia.

Cap. 5.º No qual se contão duas viagens importantes que fez o autor esta semana, uma ao redor da bahia no vapor *Marquez de Olinda*, e outra ao redor de uma mesa de almoço ao vapor do champagne.

Cap. 6.º Em que o autor, não tendo mais nada que contar, começa a dar tratos á imaginação para descobrir alguma boa idéa e encher o resto das paginas que lhe faltão.

Cap. 7.º Como o autor, sempre á busca da sua idéa, começa a roer as unhas, indicio certo de que a imaginação já vai se illuminando.

Cap. 8.º No qual o autor lembra-se finalmente que podia fallar da Grua e da Charton; mas por fim resolve-se a fazer reticencia.

Cap. 9.º Em que o autor trata de diversas cousas, e especialmente de encher papel.

Cap. 10. Que serve de conclusão á obra.

—

Agora, eu podia escrever todos estes capitulos ...

Todo o mundo sabe que um livro hoje em dia não é mais do que o titulo, o prologo, a introducção, e o indice dos capitulos.

O leitor passa os olhos rapidamente, folhêa o livro, e apenas de espaço a espaço encontra uma boa idéa, um trecho interessante.

O mais não vale a pena ler, porque reduz-se a uma meia duzia de palavras, a uma caterva de citações.

Supponha portanto o leitor que, depois de ter lido o titulo, folhêa o nosso livro, e lê unicamente os seguintes trechos:

—

Alfonso Karr diz não sei onde que o elogio não tem merecimento, senão quando aquelle que elogia podia dizer o contrario, e aquelle que é elogiado podia consentir que se fizesse uma censura.

Eu, que não posso deixar de aceitar este preceito de mestre, que o acho muito justo e razoavel, sempre que censuro é unicamente para dar valor ao elogio quando chegar a occasião de fazel-o.

Quando censurar a Charton, é unicamente para mostrar que os elogios que lhe fizerão forão merecidos; quando fizer um reparo á respeito da Grua, é simente porque desejo ter occasiões de lhe fazer todos os elogios.

Demais uma censura tem sua graça e seus chistes, enquanto que o elogio constante é de uma monotonia insupportavel.

Quem poderia aturar um céo azul, um sol brilhante e um dia limpido e sereno, se não fosse a chuva e a tempestade que lhe servem de contraste?

Quem admiraria as moças bonitas, se não fosse ...

Quem apreciaria certas iguarias, se não fosse a pimenta, a mostarda, e o tempero de que são adubadas?

Quem sentiria o prazer de uma boa mesa coberta de manjares e de vinhos escolhidos, sem ter fome e séde?

O mesmo succede com o elogio; a censura é a pimenta que lhe dá o sainete, é a fome que o faz saboroso, é a tempestade que quando se desfaz deixa o céo mais limpido e sereno.

—

Acho esta theoria tão boa que estou resolvido, pelo bem de todos, a sacrificar-me e a não elogiar a mais ninguem.

De agora em diante arrogo-me o direito de critico, e começo a fazer censuras por conta dos elogios que já fiz e dos que possa vir a fazer.

E portanto comecemos.

Censuro em primeiro lugar os admiradores das cantoras que não admittem a menor observação, por mais delicada que seja.

Parece que á força de olharem para o sol ficárão deslumbrados, e não vêm por conseguinte aquillo que salta aos olhos.

Censuro depois as proprias cantoras, porque julgão que é exagerando-se que hão de realçar o seu merecimento.

Todos nós sabemos que isto nada vale; faz bem pouco tempo que o céo mesmo nos deu uma lição mostrando-nos ao meio dia uma estrella junto do sol.

O sol brilhava, mas a estrella derramava sua luz calma e serena.

Finalmente censuro-me a mim mesmo, porque não penso como os outros; e censuro ao meu leitor por não ter melhor empregado o seu tempo ...

(1) O autor allude naturalmente á representação da *Fidanzata Corsa*, á subida do balão, ao desenvolvimento e progresso da *claque* do theatro lyrico, que sem duvida tem um grande alcance para o futuro do paiz.

(*Nota do editor.*)

(2) A citação latina, além de dar ao livro um certo cunho de erudição, é uma linha que se poupa e que o autor enche á custa dos que o precedêrão.

(*Nota do folhetinista.*)

(3) O autor é myope, e quasi sempre anda distrahido.

[illegible] dos individuos so- [illegible] responsabilidade.

[illegible]

Quanto ao pequeno e [illegible]

Deste principio resulta igualmente a regra de legislação fiscal de reposição da parte, do imposto por engano de facto, ou de calculo não satisfeita, regra que é exactamente observada, e que ninguem contradiz.

No entretanto actualmente se observa na pratica entre nós um preceito fiscal, que soube contrariar todos estes principios, e regras, de direito divino e humano, inspiraria uma perfeita extorsão.

A mercadoria que se despacha por engano como de certa qualidade, verificando-se antes de sua sahida que é de outra muito mais inferior, e que por consequencia pagou direitos mais altos do que lhe cabião, e não obstante ser feita esta verificação de um modo solemne e incontestavel, e de ficar a mesma mercadoria em deposito, é considerada sempre como foi erradamente, ou por engano qualificada, e se nega a restituição da respectiva differença dos direitos!

Assim foi julgado e se pratica, e entre outros exemplos que ha, apontaremos um, que se deu com a casa dos Srs. Lebreton e C.

Esta casa despachou 144 peças de *cambraeto*, de envolta com outras fazendas. Esse cambraeto tinha sido manifestado sob a denominação generica de — fazendas de linho. —

O despachante por um engano de traducção da factura na nota do despacho lhe deu a denominação de *cambraia*.

O feitor do despacho sem reparar nos volumes, que são muito conhecidos, e não se occultão, tomou somente as notas de sua medida, e o despacho correndo seus tramites foi pago, e prompto foi apresentado para a conferencia da sahida. Então verificou-se o engano, o proprio feitor do des-

... hoje, 21 do corrente, das 4 as 6 horas da tarde no arsenal de marinha, a musica dos menores do mesmo arsenal.

—

O Sr. D. Tousel, medico dos Collegios Calogeres e Kopk de Petropolis, e que pela presidencia da provincia encarregado de prestar-se tambem ali ao tratamento dos enfermos pobres da epidemia, mediante uma gratificação, teve a generosidade de aceitar o encargo que lhe foi confiado, desistio da referida gratificação, visto que deseja aproveitar-se das occasiões que se lhe offerecem de pagar ao Brazil sua divida de gratidão, pela hospitalidade que lhe tem dado.

E' digno de todo o elogio o procedimento do Sr. Dr. Tousel.

—

O Sr. José Pereira de Almeida, proprietario das fazendas do Ubá e Coral, no Paty do Alferes, fez offerecimento da quantia de quinhentos mil réis mensaes, para serem applicados em recursos ás pessoas pobres daquella freguezia, que forem atacadas da molestia reinante e em quanto ella durar. Da mesma fórma por a disposição não só dos seus aggregados, como de quaesquer outras pessoas que possão necessitar, as enfermarias que tem bem providas naquellas fazendas.

—

Pelas communicações officiaes de Angra, Paraty, e Vassouras não consta a apparição de caso algum de enfermidade reinante naquelles municipios.

—

No porto das Caixas continúa a ser atacada a escravatura da fazenda do Sampaio, subindo já a

no exercito o tempo marcado na lei, seja estensiva ás praças que, tendo concluido este tempo, não poderem ter baixa por falta de recrutas que as substituão.

Por decretos de 19 tambem deste mez foi demittido do serviço por assim havel-o pedido o alferes do corpo de estado maior de 1.ª classe Baptista Caetano de Almeida Nogueira; e perdoado do crime de deserção, que commetteu, o soldado do 1.º batalhão de infantaria Francisco Eduardo Manso.

—

Informão-nos que em Itaguahy até 18 do corrente não se tinha manifestado caso algum da epidemia reinante; o estado sanitario era o mais satisfactorio possivel, pois que nenhuma enfermidade grave ali tinha apparecido.

—

Suicidou-se hontem o Sr. Ignacio da Silva Amaral, Brasileiro, com 33 annos de idade, casado, de boa familia, bem quisto, educado, e intelligente, morador na rua da Lampadosa n. 90, onde tinha seu escriptorio, e dava dinheiro a premio; seu cadaver foi achado no lugar onde principião os canos da Carioca.

Ainda ante-hontem, conversando elle com um parente, reprovara o suicidio do Hespanhol Honorato, sahindo de casa de manhã, foi encontrado ás 11 horas do dia na rua dos Ourives, e julga-se que de seguida foi procurando o lugar que projectara terminar seus dias; e com effeito no ponto onde foi encontrado morto se achou uma navalha ensanguentada, uma vareta de pistola, polvarinho e espoletas, mas não se achou a arma com que em si o proprio desfechára o tiro afinal.

... seus orfãos, revista dos tribunaes, continuação da historia de Cezar por Lamartine, emigração allemã, uma correspondencia do Pirahy, noticiario estrangeiro, publicações a pedido e a continuação dos *Mohicanos*.

Correio da Tarde. — Publica o expediente do ministerio da fazenda, um retrospecto semanal, parte noticiosa, revista dos jornaes, variedades, e um folhetim sob o titulo de — *correspondencia familiar*.

A REDACÇÃO.

PARTE OFFICIAL.

Ministerio do imperio.

OFFICIO DIRIGIDO PELO SR. DESEMBARGADOR J. M. FIGUEIRA DE MELLO, QUANDO CHEFE DE POLICIA, — A RESPEITO DA CARESTIA DOS GENEROS ALIMENTICIOS E MEIOS DE OBVIAL-A.

(Continuação.)

CARNE VERDE.

O commercio da carne verde tem-se augmentado extraordinariamente nesta cidade, em consequencia do augmento da sua população. Assim sendo o consumo geral da carne de 138 cabeças de gado, ou de 51,000 libras de carne fresca por dia, equivalentes a 450,370 rezes, e 18,615,000 libras por anno, segundo as avaliações de meu antecessor em seu officio de 8 de fevereiro de 1834, este consumo se elevou em 1854 a 58,110 rezes, equivalentes a 21,411,488 libras, dando o consumo diario de 58,661 libras, segundo demonstrão os mappas officiaes do matadouro, que pedi se organisem com declaração do peso da carne, visto que o numero de rezes não podia servir para calculo razoavel, sendo umas rezes maiores ou menores.

Nos tres primeiros mezes deste anno tem-se morto 16,593 rezes, pesando 6,113,936 libras,

os gados e estimular a população com que a autoridade interviesse por modo algum nas suas criminosas especulações, e se animassem conseguintemente a ir buscal-o nos proprios lugares da criação para obstarem que Francisco José de Mello Souza o obtivesse nos mercados do estylo por preços razoaveis, e ficasse inhabilitados a vendêl-o pelo de 120 rs. a libra, á que se havia compromettido para com o publico; 2.º, a noticia que se espalhára entre os criadores, de que as carnes magras serião repellidas do consumo pela autoridade policial, e forão inutilisadas por meu antecessor; e 4.º, a falta de campos proprios, onde os criadores e boiadeiros deitem o seu gado, mediante certa retribuição, quando por acaso elle não encontre preço conveniente no mercado, ou se ache tão desfeito pela viagem, que ninguem o queira comprar. Nos primeiros tempos, a fazenda imperial de Santa Cruz servia para este fim, mas os fazendeiros e boiadeiros encontrárão taes perdas no gado que ali fizerão invernar, que assentárão que mais conveniente lhes era dispensar o falso adjutorio que d'ahi lhes provinha.

Ora, tendo-se mantido por espaço de vinte ou mais annos o preço da libra de carne verde, ao passo que o valor da moeda tem diminuido, e que o preço de todos os generos alimentares se tem augmentado, parece-me que não é exagerado o de 120 rs., que actualmente pede-se por cada libra de carne verde, e que grande serviço se faria a população do municipio se esse preço lhe podesse ser garantido sem offensa dos principios economicos, e da liberdade do commercio, que convém manter. Tanto mais persuadido estou desta opinião, quando observo, que em muitos paizes da Europa, onde a subsistencia é barata, a carne se vende por preços superiores. Em Lisboa a libra de carne fresca se vende por 80 rs. fortes, equivalentes a 160 rs. de nossa moeda. Em Paris o preço da carne, que era em 1800 de 70 centesimos, tem regulado a um franco 10 centesimos o kilogramma; o kilogramma tem pouco mais ou menos duas libras das nossas; e conseguintemente, regulando-se o franco a 360 rs., segue-se que o preço monta a 200 rs. por libra. Em Londres a libra de carne fresca se vende por . . . . . . o que equivale á . . . . de nossa moeda.

Por outro lado não se póde affirmar, que o

atalhando-se o imposto de 500 rs., que actualmente se exige por cada animal, que se expuzer á venda na denominada feira de Campinho, em vista da postura municipal de 25 de junho de 1854. Para que este genero possa ainda tornar-se mais barato, eu ainda lembraria a conveniencia de abolir os direitos que pagão os porcos [illegible] visto que elles supprem em muitos casos a carne verde, e a carne de porco outro no [illegible] popular.

Taes são as informações, que posso prestar a V. Ex. sobre os generos alimentares [illegible], que a estreiteza do tempo, e a molestia que soffri ultimamente, por espaço de [illegible] dias, e a necessidade de acudir aos negocios da policia [illegible] a meu cargo, me não [illegible] mais minucioso, e talvez mais [illegible] esclarecimentos indicados, remetto a V. Ex. [illegible] por copia, constantes da nota junta, que me derão alguns dos principaes [illegible] da cidade, que commercião [illegible], e a quem consultei, acompanhado de uma informação do 2.º delegado de policia, acerca do commercio do pão; e muito estimarei que os dados por mim ministrados possão dar lugar a medidas uteis em beneficio da população fluminense, que já tanto deve á desvellada solicitude do governo imperial para tudo quanto se peita á sua salubridade e commodidade.

Deus guarde a V. Ex. — *Jeronimo Martiniano Figueira de Mello.*

(1) Relatorio sobre a producção e consumo das carnes verdes.

FOLHETIM.

21 DE OUTUBRO DE 1855.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

Estava olhando para o fundo do meu tinteiro sem saber o que havia de escrever, e de repente lembrou-me a idéa um pensamento que teve *Alphonse Karr*, quasi que em identicas circumstancias.

Lembrei-me que talvez aquella meia onça de liquido negro encerrasse o germen de muita cousa importante; e que cada uma gotta daquelle pequeno lago tranquillo e sereno podia produzir uma inundação e um cataclismo.

De facto o que é um tinteiro?

E' primeira vista apenas a mais insignificante do mundo; um traste que custa mais ou menos caro, conforme o gosto e a materia com que é feito.

Entretanto pensando bem, é que se comprehende a relação importante que tem um tinteiro na historia do mundo, e a influencia que póde exercer nos futuros destinos da humanidade.

Assim por exemplo, aquelle meu tinteiro, que ali está encostado á um canto, se por voltas deste mundo fosse parar á Europa, podia tornar-se celebre na historia do genero humano.

Lamartine ou Victor Hugo se quizessem tirarião dali um poema, um drama, um livro cheio de poezia e de sentimento.

Rotschild, ou qualquer banqueiro da Inglaterra podia com uma simples gotta fazer surgir milhões e produzir de repente uma nova chuva de ouro.

Qualquer mulher bonita, com um só atomo daquella tinta, faria a felicidade de muita gente escrevendo na sua lettrasinha ingleza tres ou quatro palavras.

Meyerbeer ou Rossini n'um momento de inspiração acharião ali uma opera divina, uma musica sublime, como o *Trovador*, a *Semiramis*, ou o *Nabuco*.

Emfim o papa amaldiçoaria o mundo inteiro, como acaba de fazer com o Piemonte; Napoleão declararia a guerra á Europa; a Inglaterra levaria a distruição por todos os mares; e a guerra do Oriente se terminaria de repente.

E tudo isto, todas essas grandes revoluções, todos esses factos importantes, todas essas cousas grandes, dormião talvez no fundo do meu tinteiro, e dependião apenas de um capricho do acaso.

Para mim porém, para mim, obscuro folhetinista da semana, o que podia haver de interes-

sante nas ondas negras da tinta que humedecia os bicos de minha penna?

Um devaneio sobre o theatro lyrico, uma poesia sobre algum rostinho encantador, uma critica mais ou menos espirituosa sobre a quadra actual, tão fertil em episodios interessantes para uma penna que os soubesse descrever e commentar?

A minha penna porém já não presta para essas cousas; de travessa, de ligeira, e alegre que foi em algum tempo, tornou-se grave e sisuda, e olha por cima do hombro para todas essas pequenas futilidades do espirito humano.

A culpa porém não é della; é a influencia diabolica dessa quadra, que merece ser riscada dos annaes da chronica elegante.

De facto, como se póde hoje brincar sobre um assumpto, escrever uma pagina de estylo mimoso, fallar de flores e de musica, se o éco da cidade vos responde de longe: — *Pão, — epidemia, — soccorros publicos, — enfermarias!*

Estaes no theatro, esquecido deste mundo e de suas miserias, ouvindo a *Grua* cantar algum bello trecho de musica, ou a *Charton* trinar as suas notas de rouxinol francez; não vos lembraes de cousa alguma, senão de que tendes a alma nos olhos, e os olhos n'outros olhos, — quando sentis no ouvido um zumbido pouco harmonico.

E' um sugeito que acabou de cear á tanta e que vos pergunta como vai a epidemia, ou vos conta dous ou tres casos que elle presenceiou, e

cuja impressão *agradavel* deseja communicar-vos como vosso amigo.

Se deitaes o oculo para algum camarote e começaes á contemplar um talhe elegante ou um collo assetinado, é justamente neste momento que um *economista* de polpa vos agarra para discutir a magna questão da farinha de trigo, e do commercio do pão de rala. Ainda se fosse a questão das carnes, — podia ter sua analogia!

Como é possivel pois ter um pouco de poesia, e de espirito n'uma semelhante época? Como escrever duas linhas sem fallar da epidemia reinante, dos actos de caridade, e das enfermarias?

Se isto continúa, d'aqui a pouco os jornaes tornar-se-hão uma especie de boletim; não ha nada que diga respeito á molestia que não se annuncie.

Abri um jornal qualquer do dia, e vereis pouco mais ou menos o seguinte:

« O Sr. *A*, partio para tal parte; o Sr. *B*, voltou de tal lugar; o Sr. *C*, vae partir para tal villa; o Sr. *D*, tem dado providencias; o Sr. *E*, offereceu mil cobertores; o Sr. *F*, adoeceu, mas já ficou bom.

E assim por diante; ninguem escapa a esta febre de publicação, que já se estendeu até aos diversos periodos da molestia.

No meio de tudo isto, as mulheres andão inteiramente absorvidas com a caridade, e não pensão n'outra cousa; é a tal ponto, que as

moças bonitas já não apparecem, de tão occupadas que tem estado a fazerem trabalhos para o leilão de hoje.

O que ha de ser este leilão, eu adivinho; ha de ser uma linda festa, muito concorrida, onde a caridade brilhará no meio de sorrisos graciosos e de olhares brilhantes; em que o amor, a vaidade, o orgulho, todas essas paixões mundanas servirão de pedestal á bella estatua da virtude celeste.

É ahi, que as lindas mulheres vão retribuir á Providencia, os thesouros de belleza e de graça, que a natureza lhes deu; é ahi que o seu olhar, o seu sorriso, o seu gesto elegante, pedindo para os pobres, renderão a Deus um verdadeiro culto.

Hoje pois terá lugar uma larga remissão de peccadilhos, e uma justa penitencia da parte das moças bonitas e *coquettes*, que por tanto tempo zombárão impunemente dos protestos e da paciencia de seus adoradores.

Deixemos porém estes assumptos já esgotados, e voltemos ao theatro lyrico, que é actualmente o ponto de reunião mais interessante desta bella capital.

Ultimamente a nossa scena lyrica ia perdendo muito no espirito publico; embora possuisse duas artistas de incontestavel merecimento, o repertorio estava já tão conhecido que não offerecia a menor variedade.

Eu, pelo menos, ia ao theatro como um ho-

mem levado pelo habito e acostumado á ouvir todas as noites, recostado á janella, cantar nas moitas do seu jardim alguma ave melodiosa.

Uma noite, era um rouxinol que gorgeava as suas canções mimosas, — era a Charton. Outra, era a sereia que embriagava com os sons palpitantes de sua voz harmoniosa, — era Emmy.

Havia gente, que gastava o seu tempo a discutir o que era mais agradavel e mais artistico. Os homens de juiso e de bom gosto fazião como eu; admiravão a estrella do céo, e a flôr do campo, sem procurar saber qual era mais bella.

Agora porém parece-nos que o theatro lyrico vai tomar outro aspecto; preparão-se novas operas, e trata-se de criar um novo repertorio.

Além da *Sapho* que se deve representar breve, teremos com a Charton a *Fidanzata Corsa* cujo ensaio começou hontem, e depois o *Nabuco* com a La Grua e o Walter.

Para o dia 2 de dezembro falla-se n'uma composição franceza, e n'uma opera em que cantarão juntas as duas primas-donnas rivaes.

Com a chegada porém de Tamberlick e de Julienne Dejean, é que a nossa scena se reanimará completamente; e que fará gosto assistir a uma dessas luctas do talento e da arte, luctas cujos tropheos são as camelias, as rosas, e os lindos ramos de flôres que se abatem aos pés do vencedor.

A vinda do Tamberlick, é sobretudo muito ne-

cessaria, não só por não termos um bom tenor, como por consideração para com as nossas patricias.

Na verdade é uma injustiça imperdoavel, que ellas não tenhão um cantor por quem se enthusiasmem; entretanto que nós temos *Emmy*, *Arsene*, e *Annetta*; mais mesmo do que isso, isto é, — um numero sufficiente para revolucionar o mundo.

Começo de novo a olhar para o fundo do meu tinteiro para vêr se ainda ha alguma cousa.

Espera! Lá vejo surgir o que quer que seja, — um pequeno *ponto*, um ponto quasi imperceptivel e confeso, que vai pouco a pouco se tornando mais distincto, como uma vela que desponta no horisonte entre a vasta amplidão dos mares.

Talvez nos traga cousas interessantes e curiosas; noticias que vos compensem da insipidez destas paginas ingratas.

Oh! O ponto cresce, cresce! Vai tomando a phisionomia de uma especie de porteiro de secretaria, ou de bedel de academia.

Agora vejo-o distinctamente; é um amigo velho!

— Bem vindo, meu bom amigo; bem vindo amigo sincero dos folhetinistas e dos escriptores, bem vindo, ponto final!

Não ha remedio, senão ceder-vos o lugar que vos compete; eil-o,

(•)

cando á importação a maior franqueza, diminuindo gradualmente e em relação a muitos objectos os direitos da tarifa actual.

Este systema, que foi adoptado no projecto da commissão, não tem infelizmente no conselho de estado nenhuma opinião decidida.

A secção de fazenda ou aquelles que aceitão o seu parecer entendem que o projecto de tarifa da commissão acarretaria uma diminuição de perto de quatro mil contos na receita publica, conforme os calculos feitos pelo inspector da alfandega da Bahia.

Accrescentão que na quadra actual, quando o paiz acaba de soffrer a devastação de uma epidemia, que necessariamente ha de influir na sua producção, seria imprudente fazer uma reducção tão consideravel da renda.

Além d'isto encerrão no projecto algumas innovações que não são convenientes á industria do paiz e não comportão com o nosso estado actual.

A esta opinião quasi geral do conselho de estado oppoz-se uma outra, allegando que, se a razão de não admittir-se o trabalho importante da commissão era o receio de uma diminuição de receita, isto seria de alguma maneira compensado se deve adoptar o systema opposto apresentado pela secção de fazenda, a qual, sem a pratica da administração aduaneira, está de certo muito menos habilitada do que a commissão para esta especie de trabalhos.

O que convem pois fazer? Em nossa opinião o melhor alvitre que podia tomar o conselho de estado nas circunstancias presentes era fazer desde já algumas alterações essenciaes, e depois com a calma e reflexão necessaria estudar a questão e decidir de uma vez qual o systema que convem seguir na reforma geral da tarifa.

As alterações essenciaes de que fallamos são as reducções dos direitos de importação que pagão os generos alimenticios e que tanto concorrem para a escassez e penuria que soffremos periodicamente: são as isenções de materias primas e a diminuição das taxas de certos objectos de primeira necessidade, que embora não façáo parte da alimentação, servem comtudo para o vestuario e subsistencia das classes pobres.

Feitas estas alterações, o conselho de estado examinaria a importante questão tantas vezes agitada pelos economistas a respeito dos inconvenientes que produz o systema protector,

FOLHETIM.

25 DE NOVEMBRO DE 1855.

CORRER DA PENNA.

(Revista.)

Fallemos das flores.

O que é uma flor?

Será esta criação vegetal que na primavera se abre do botão de uma planta?

Não: a flor é o typo da perfeição, é a mais sublime expressão da belleza, é um sorriso crystallisado, é um raio de luz perfumado.

Porisso ha muitas especies de flor.

Ha as flores do valle — mimosas creaturas que vivem o espaço de um dia, que se alimentão de orvalho, de luz e de sombras.

Ha as flores do céo — *as estrellas*, — que brilhão á noite no seu manto de azul, como os olhos de uma linda pensativa.

Ha as flores do ar — *as borboletas*, — que têm nas suas azas ligeiras as mais bellas côres do arco-iris.

Ha as flores da terra — *as mulheres*, — rosas perfumadas que occultão entre as folhas os seus espinhos.

Ha as flores dos labios — *os sorrisos*, — lindas boninas que o menor sopro desfolha.

Ha as flores do mar — *as perolas*, — filhas do oceano que saem do *seio* das ondas para se aninharem no *seio* de uma mulher morena.

Ha as flores da poesia — *os versos*, — ás vezes tão cheios de perfumes e de sentimento como a mais bella flor da primavera.

Ha as flores d'alma — *os sentimentos*, — flores a que o coração serve de vaso, e as lagrimas de orvalho.

Ha as flores da religião — *as preces*, — modestas violetas que perfumão a sombra e o retiro.

Ha as flores da harmonia — *os gorgeios* — que brincão nos labios mimosos de uma boquinha seductora.

Ha as flores do espirito — *os zig-zags*, — que nascem sobre o papel como rosas silvestres e sem cultura.

(Não fallo dos nossos *zig-zags*, que, quando muito, são flores murchas.)

Ha emfim uma especie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean Jacques, como o crisanthème azul de George Sand.

E' a *flor da vida*, este sonho dourado, este puro ideal a que todos aspirão e de que tão poucos gozão.

Porque a flor da vida apenas vive um dia, como as rosas da manhan que a brisa da tarde desfolha.

E quando murcha, deixa dentro d'alma os seus perfumes, que são essas recordações queridas que nos sorriem ainda nos ultimos tempos da existencia.

Para uns a *flor da vida* nasce nos labios de uma mulher; para outros no seio de um amigo.

Feliz do caminhante que á beira do bosque por onde passa colhe esta florzinha azul, especie de urze cingida de uma corôa de espinhos.

Muitas vezes, depois de muita fadiga, quando já tem as mãos feridas dos espinhos, e que vai colher a flôr, ella se desfolha.

O vento soprou sobre ella, ou um verme roeu-lhe os estames.

Até aqui os meus leitores têm visto o mundo pelo prisma de uma flor; mas não se devem illudir com isso.

Algum velho politico de cabellos brancos lhes dirá que isto são simples devaneios de uma imaginação exaltada.

A *flor* é a poesia, mas o *fructo* é a realidade: é a unica verdade da vida.

Emquanto pois os poetas vivem á busca de *flores*, os homens serios e graves, os homens praticos só tratão de colher os *fructos*.

Elles vêem desabrochar as flores, exhalar os seus perfumes, e esperão como o horticultor que chegue o outomno e com elle o tempo da collecta.

E na verdade, a flôr encerra sempre o germen de um fructo, de um pomo dourado, que outr'ora perdeu o homem, mas que é hoje a sua salvação.

A explicação d'isto me levaria muito longe, se

A taxa do expediente de certos generos do paiz.

Com este titulo se propõe um correspondente do *Correio Mercantil* de hontem a refutar as idéas que expendemos sobre a ordem de 31 do mez passado.

Esperamos que o correspondente conclua a sua luminosa argumentação, para respondermos como nos for possivel ao expositor dos despachos da alfandega d'esta côrte.

Entretanto, desde já lhe fazemos lembrar que desde maio até outubro de 1853 o Sr. conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz teve assento na camara dos deputados, e por conseguinte não

sideração pessoal de amizade ou deferencia, o direito de justa defesa.

Isto tanto mais, quanto estamos sempre prómptos a responder ás censuras que nos fizerem, a menos que não sejão da natureza daquellas que só têm uma resposta, o — silencio e a indifferença.

A estas estamos certos que o collega como nós recusará as suas columnas; salvo que não seja para termos o prazer de sermos os primeiros a tomar a defesa de um amigo injustamente atacado.

mado como termo medio do trabalho util ao seu curso, conseguiu este senhor que os seus discipulos aprendessem a lêr com o desembaraço que difficil lhes seria obter com um anno de ensino pelo methodo ordinario.

Tendo de regressar no paquete do Norte para a sua provincia, e querendo antes da sua partida dar uma prova da maneira por que forão coroados os seus esforços, o Sr. Alberto convidou hontem algumas pessoas d'esta côrte para assistirem a um pequeno ensaio, cujos resultados forão os mais satisfactorios.

Entre as pessoas que se achavão presentes contavão-se o Exm. Sr. conego Geraldo, padre mestre frei Francisco de Mont'Alverne, Dr. Pacheco, Dr. Paula Menezes, Dr. Mello Moraes, differentes jornalistas e muitas outras pessoas distinctas, que reconhecêrão unanimemente em presença dos factos as vantagens praticas d'aquelle methodo.

Estatistica Diaria.

OBITOS. — No dia 23 fallecêrão 36 pessoas: 15 da epidemia reinante, sendo livres 8 e escravos 7; de outras molestias 21, sendo livres 17

[illegible] o commercio soffre, porque a medida não foi baseada nos verdadeiros principios de fiscalisação, nem nos dictames da experiencia.

Devemos esperar a reforma da lei n'esta parte? Vejamos.

Direitos dos officios de justiça.

Ha em nossa legislação de fazenda um precedente firmado por alguns actos legislativos, que repugna com os principios de razão, e que o governo deve cassar quanto antes de revogar.

As instrucções de 26 de janeiro de 1832 e as ordens do thesouro de 12 de outubro de 1834 [illegible] e de 5 de janeiro de 1848, estabelecêrão que os proprietarios interinos de officios de justiça devião pagar novos direitos na fórma das leis e regulamentos respectivos.

Ultimamente apparecêrão pelo ministerio da justiça algumas reclamações contra este precedente, e consultou-se a respeito o tribunal do thesouro e o procurador da corôa e soberania nacional.

Este magistrado, fundando-se na tabella que acompanha o decreto de 30 de novembro de 1841, e na qual não achou artigo algum que podesse ser applicado ao caso em questão, julgou, no seu parecer de 7 de setembro do corrente, que o

De facto, adoptando o principio de que o provimento interino é uma nova mercê e accedida pelo governo, ficaria ao proprietario o direito de demorar aquelle acto dando-se por prompto o assumindo o exercicio do seu officio.

Ora, onde é que já se vio o governo fazer concessões que fiquem dependentes da vontade de um particular? Seria digno da autoridade fazer nomeações assim precarias e incertas?

Para fugir pois a esta consequencia, serão obrigados a admittir comnosco que o provimento interino não é outra cousa senão uma licença e uma permissão do governo, sem a qual não era possivel ter lugar a substituição, ainda mesmo temporaria; e n'este caso não poderão deixar de concordar que a percepção de novos direitos é sem fundamento.

Finalmente comparem-se dous officios de justiça, um dos quaes tenha sido exercido unicamente por seu proprietario, e outro em que durante igual tempo tenhão servido quatro ou cinco serventuarios interinos.

Por um a fazenda terá cobrado 40 % de direitos, e pelo outro virá a perceber 80, ou 90 %: entretanto, o que é que a nação perdeu mais com um, do que com outro, para haver esta desproporção enorme na contribuição?

Durante todo o tempo, não forão os rendimentos dos dous officios igualmente arrecadados pe-

humanidade, devido ao zelo dos Srs. Manuel José de Castro e José Joaquim de Moraes.

A associação de caridade, fundada n'esta côrte sob a alta protecção de S. M. a Imperatriz, conta já como associadas mais de 550 senhoras da primeira sociedade. Muitas d'ellas, além de terem pago adiantado um anno de suas mensalidades, tem feito grandes donativos e offertas á Exm.ª Sra. marqueza de Olinda, presidente da associação, a qual muito tem contribuido para o augmento e estabilidade da mesma.

As familias pobres começarão a receber de novembro em diante como mensalidades as esmolas que a sua caixa lhes mandará entregar.

No dia 25 do corrente entrárão para a enfermaria de Petropolis mais 4 doentes do cholera, sendo 3 de condição livre e 1 escravo, dos quaes um apresenta caracter grave e pouco esperançoso. Estes individuos tambem chegárão de debaixo da serra, soffrendo os effeitos precursores da molestia.

Dos doentes antigos dous tiverão alta e dous fallecêrão n'aquelle dia.

Na Estrella continuão as alternativas de melhoras e recrudescencias, segundo o estado hygrometrico da atmosphera e sua temperatura, e isso a

juiz municipal, e delegado da capitania do porto d'aquella cidade; mas forão para o Assú em consequencia do naufragio da galera belga *Neyrerheid*.

Estatistica Diaria.

OBITOS. — No dia 26 fallecêrão 60 pessoas, 43 da epidemia reinante, sendo 17 livres e 26 escravos; de outras molestias 17, sendo livres 10 e 7 escravos; das pessoas livres 16 erão homens e 13 mulheres.

ABASTECIMENTO DE CARNES VERDES. — Cortárão-se, para consumo da cidade, no matadouro publico, 216 rezes, sendo [illegible]

MOVIMENTO DO PORTO. — Entrárão 25 navios, dos portos estrangeiros 3, dos nossos [illegible]. Sahirão [illegible] os do Brasil 1.

MOVIMENTO DA POPULAÇÃO. — Entrárão 19 passageiros, sendo 1 escravo. Sahirão [illegible]

PRESOS POLICIAES. — [illegible] presos 6 [illegible] sendo 1 escravo.

PARTIDA DOS CORREIOS. — Hoje parte o de Campos, amanhã o de Cantagallo.

[illegible] — Observações meteorologicas [illegible] de maior variação da temperatura em 26 do corrente.

a posse de seus vastos e ricos patrimonios, já nas épocas de sua verdadeira grandeza e riqueza, quando o trabalho e a humildade erão preceitos e regras de seus estatutos, e a caridade sua lei economica.

Avezados serenos de suspeitas á simples vista de nossa assignatura; qualquer porém que seja nosso habito, preferimos sobre tudo a verdade, e muito desejamos em todas as cousas seu completo triumpho.

Porque attendem com as ordens religiosas? Não farão ellas quanto, conforme seu estado e organisação, podem na quadra actual? O que podem mais fazer?....

Murmura-se que em quanto tudo se despende em passatempos, em opiparos jantares, onde o espumante champagne, o magnifico setubal, o rico [illegible] constancia, e tantos outros [illegible] licores quantas são diversas castas, [illegible] corrêrão para obsequiar os deputados que [illegible] cujos favores [illegible] menos [illegible]

[illegible] verdadeiro [illegible] provincias [illegible] patrimonio das ordens [illegible] devem [illegible] ao proximo. O que é porém verdade é que as ordens religiosas tem-se con[illegible] de tanta dor e desolação, e pare[illegible] criminoso indifferentismo. — [illegible] parecem tocadas de terror, e abandonar o campo do trabalho no momento daninho, [illegible] em que se vê se pode perder-se...., [illegible] curão de si, e nem ao menos acompanhão esse

[illegible] *e profunda eloquencia a coincidade com que a miseria com suas aguçadas garras ia levando de rojo e prostrando por terra um sem numero de christãos, e com patheticos accentos tal emoção produzirão no animo de seu auditorio que antes de concluidas suas praticas a bolsa da caridade se sentia cheia de soccorros.*

Suas doutrinas dominavão por toda a parte, sua voz era ouvida; e a par das esmolas, legados e outros dons se recolhião para um tão santo fim.

Mostrámos já a maneira por que o producto das esmolas e os soccorros erão com previdencia, tento e escrupulo distribuidos.

Tudo revelava que um dos primeiros deveres da igreja era a caridade.

No correr do tempo a igreja foi capitalisando os dons que recebia para os pobres e para sua manutenção, com o fim de ter recursos promptos e certos nos tempos de dôr e de agonia.

Muitos padres, e entre elles S. Chrysostomo, se oppuzerão a esta medida; porque (dizião elles) o que pertence á igreja se destroe com o tempo, ou torna-se a presa dos delapidadores, e ao contrario o que se distribue logo aos pobres o diabo não póde arrebatar.

(*Continua.*)

Zig-zags.

Hoje sobe ás nuvens o balão, e tambem hoje tem lugar o segundo leilão na academia das bellas-artes.

Já no ultimo domingo fez-nos esperar a simultaneidade d'estes dous factos: querendo dar aos nossos leitores uma razão d'isso, consultámos um homem sabio que pertence á empresa aeronauta, e foi-nos respondido:

O tenente-coronel da antiga guarda nacional da villa de S. João, na provincia da Parahyba, Justino Gomes da Silveira.

O tenente-coronel da antiga guarda nacional do municipio de S. Gonçalo, no Rio Grande do Norte, Francisco da Rocha Bezerra e Mello.

O tenente-coronel do extincto 6.º batalhão de infantaria da guarda nacional da capital do Ceará Francisco Teixeira Bastos.

O tenente-coronel do extincto 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional do municipio de S. Bento, no Maranhão José Leandro Ribeiro.

O major do extincto 2.º batalhão da guarda nacional de Mearim, na mesma provincia Clemente Joaquim de Souza.

Sua Magestade o Imperador ha por bem approvar, e mandar que se observe, para execução do paragrapho 8.º do artigo 3.º do regulamento que baixou com o decreto n.º 1,331 A, de 17 de fevereiro de 1854, o regulamento interno para as escolas publicas de instrucção primaria, que adiante se segue, organisado e assignado pelo conselheiro de estado visconde de Itaborahy, como inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte.

Palacio do Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1855. — *Luiz Pedreira do Couto Ferraz.*

REGIMENTO INTERNO PARA AS ESCOLAS PUBLICAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Dos deveres dos professores.

Art. 1.º O professor publico deve:

§ 1.º Procurar por todos os meios infundir no coração de seus discipulos o sentimento dos deveres para com Deus, para com a patria, pais e parentes, para com o proximo e para comsigo mes-

---

FOLHETIM.

21 DE OUTUBRO.

Ao correr da penna.

(REVISTA.)

Estava sem inspiração, o que me succede muita vez.

Abri um livro; nem me lembra que livro era. A primeira palavra que vi foi em latim; era um proverbio:

Res est magna tacere.

Fazei idéa, pois que impressão podia produzir uma semelhante maxima n'um espirito que procurava inspirações.

Quando eu desejava um thema para fallar, — e fallar mais do que uma moça que discute modas, ou um ministro que falta a uma promessa, — salta-me pela frente a sabedoria romana, e manda-me calar da maneira mais impertinente.

Ora, para um folhetinista que não quer absolutamente indispôr-se com os sabios, não havia remedio senão obedecer.

Resolvi portanto calar-me.

A resolução era a mais prudente, e tambem a mais commoda possivel; mas tinha um inconveniente.

Os meus leitores, e sobretudo as minhas maliciosas leitoras, erão muito capazes de suppôr que me calava por não ter nada que dizer.

Isto seria uma quebra para a minha reputação de folhetinista; seria uma falta imperdoavel para aquelles que julgão que o espirito de um escriptor de revista deve ser uma esponja que durante a semana se embebe e satura de idéas, e que ao domingo se esprema no papel, e deite uma chuva de bonitos pensamentos e lembranças graciosas.

Ora, apezar de não pretender a gloria d'esta comparação polipiana, com tudo o meu amor proprio não podia consentir que me visse decahido das boas graças do leitor por causa de tres palavras latinas.

E tres palavras latinas que erão por si mesmas uma mentira e uma contradicção; porque, se o tal sabio (Salomão ou Socrates) estivesse bem convencido da utilidade de calar-se, não teria a indiscrição de fallar e dizer aquellas palavras: *Res est magna tacere.*

Mas é que todos os sabios d'este mundo são assim; prégão muito boas maximas, excellentes conselhos, e elles são os primeiros que fazem o contrario, e que dão o máo exemplo.

Tudo isto porém nada tem com a questão; o que é verdade é que me achava na mais difficil posição do mundo; por um lado a prudencia e a sabedoria mandavão que me calasse, por outro o leitor e o publico exigião que fallasse e escrevesse.

Se houvesse um meio de combinar as duas cousas, e ficar bem com ambas, seria para mim um salvaterio.

Mas ainda estou pouco ao facto d'estes meios empregados por certos jornalistas e certos politicos, novos *Janos* da civilisação que passão pela sociedade, sorrindo para um e outro lado com cada um dos cantos da boca.

Não me restava pois senão um expediente, e foi o que decidi-me a adoptar.

Era preciso calar-me, visto que os sabios o ordenavão; mas calando-me restava-me o direito de dizer ao menos os assumptos diversos sobre que me calava.

Assim nem incorro na censura de fallador, nem tambem se póde dizer que não tenho materia sobre que escrever.

Uma das principaes cousas sobre que eu me calo é sobre a questão actual da farinha de trigo, sobre a questão do *pão*.

Com effeito, poucas materias são tão importantes como esta, que affecta geralmente a todos os diversos interesses da sociedade.

Os pobres, e os ricos, os empregados, os ministros, os pretendentes, os confeiteiros, os gastronomos, as senhoras, o paiz, a colonisação, a estatistica, emfim tudo tem uma relação immediata com esta grande questão.

Isto exige uma explicação.

Eil-a:

Ha diversas especies de pão; o pão branco e o pão de rala, o *pão de ló*, o pão d'ouro, e muitas outras especies menos importantes; ha igualmente uma especie indefinida, generica, ainda não caracterisada, e que se exprime ordinariamente pelo simples termo — o *pão*.

Esta ultima especie é a mais importante; todos trabalhão para ganhar o *pão*; o pobre muitas vezes não tem o *pão* para a boca; e o operario vê-se obrigado a regar o *pão* com o suor do seu rosto.

Já se vê que este *pão* não é feito nos fornos e nem se compõe de fromento, e que por conseguinte não é o preço da farinha de trigo ou uma padaria central e privilegiada que o tornarão mais facil para o pobre.

Este *pão* é o pão do trabalho, do trabalho sensitivo, honesto e intelligente a que todo o pobre deve dedicar-se com amor, deixando os habitos de indolencia e os vicios que quasi sempre são a causa unica da miseria.

Esta especie pois exige do governo [illegible] protecção á industria do paiz, como uma policia activa e regular, com as competentes casas de detenção, necessarias para o trabalho dos vadios e mendigos.

A questão do *pão de ló* tem grande interesse tambem: e te pão é muito saboroso e muito suave ao paladar, mas porisso mesmo é um pouco mais caro do que os outros.

Dizem que o *pão de ló* — hygienicamente fallando — é um pouco indigesto; mas a experiencia tem mostrado o contrario: ha estomagos que digerem um numero extraordinario d'estes fatias.

A respeito d'esta especie já puzemos em pratica o systema francez da administração municipal da *boulangerie-parisienne*.

Temos uma padaria central ou nacional, e diversas padarias provinciaes, onde se fabrica excellente *pão de ló*, que se distribue conforme o estomago de cada um.

Esta organisação precisa de uma reforma radical, que demanda longos estudos e muita prudencia e reflexão da parte do governo.

Vejão pois que tinha razão quando disse que a questão do *pão* era uma das de maior vulto da actualidade.

Quanta reforma importante, quanta sciencia, quanto estudo e pratica não exige esta unica palavra?

Que revolução economica e social não são capazes de produzir estas tres letras juntinhas e cobertas com um til á guisa de chapéo de sol?

E ainda isto não é tudo. Disse que o paiz, as senhoras, as familias, a população, a estatistica, a [illegible] estava empenhado na questão do *pão*.

E vou proval-o.

Mas.... agora me lembro que não posso fallar, que obriguei-me a calar, em deferencia aos proverbios latinos.

Portanto fiquem os leitores em jejum, a menos que algum dos taes impertinentes proverbios não queira fallar por mim, como por exemplo, este: *Sine Cerere et Baccho friget Venus.*

A bom entendedor meia palavra basta. Aquelle *friget* que alli está com um ar tão sonso e tão ingenuo é um brejeiro de conta: e se elle quizesse fallar mostrar-nos-hia a influencia legitima do *pão*.

Porém é um verbo muito sisudo e discreto, e porisso não ha meio de arrancar-lhe uma explicação mais clara.

Ha ainda outras muitas cousas sobre que podia fallar, mas a respeito das quaes me calo para cumprir o promettido.

Podia fallar da representação da *Sapho*, e dizer muita cousa bonita e interessante sobre a [illegible] grega, que inspira com seu canto os nossos poetas, e com os seus olhos os nossos dilettanti.

Podia fazer um poema sobre esta historia de um amor profundo, que se reproduz entre nós todos os dias, e que acaba sempre por um passo de Leucate.

A unica differença que existe é na posição geographica e na qualidade do passo de Leucate moderno, o que é devido á differença dos paizes e á diversidade das idades, dos usos e costumes.

Assim, o *passo de Leucate* antigo era um rochedo á beira do mar; o da idade media era um convento no cimo de uma montanha; o de nossos dias é um casamento de conveniencia.

As *Saphos* de hoje, quando chegão ao triste desenlace de uma historia de amor, sobem ao altar e de lá precipitão-se....

Precipitão-se nos braços de um homem que não amão, precipitão-se na monotonia e triste existencia de um casamento mal succedido.

Mudados pois os nomes e os lugares, o drama é o mesmo, e as personagens identicas.

Em continuação d'este thema da *Sapho* moderna, podia fallar-vos das *Mulheres de Marmore*, representadas sexta feira no *Gymnasio*, e pintar-vos uma bella scena da Grecia creada pelo pincel do Dragaldi.

Haveis de saber o admiravel effeito que produzio esta representação, á que deveis ir assistir esta noite; conversaremos a gesto, e apreciaremos juntos a habilidade com que todos os artistas desempenhão os seus papeis.

Sobre o concerto do theatro lyrico d'esta noite, tambem poderia escrever algumas linhas, recommendando-vos o talento da distincta harpista *Mme. Bellos*, que não foi feliz na concurrencia.

Mas a razão, eu a sei; n'esta época de tantos *desconcertos* era impossivel que fosse bem aceito um *concerto*.

Agora, tendo eu me calado sobre tanta cousa, é justo que converse um pouco com as minhas bellas leitoras.

Tenho de lhes noticiar que se acha creada uma nova ordem — *A ordem das violetas*.

Esta ordem é dedicada especialmente á caridade, e teve sua origem no dia do leilão das Bellas-Artes, em um *bouquet* de violetas.

Quem a creou (o que para mim é segredo) teve uma feliz inspiração; tirou o ramo do seio, distribuio as flores á direita e á esquerda a quem as merecem *por caridade*; e o sorriso de seus labios dizia n'este momento: — *Honny soit qui mal y pense.*

O caso é que, a ordem está creada, e que agora o luxo, a *elite*, é trazerem os *gentlemen* na casaca preta a modesta e linda florzinha, que tornou-se o emblema de uma tão santa virtude.

Por fallar n'isto lembra-me que hoje tem lugar o segundo leilão das *Bellas Artes*.

Quando crearão este edificio, nunca pensarão que elle teria o nobre destino que lhe derão domingo passado, e que o seu nome teria uma outra significação ainda mais apropriada.

Com effeito, que mais *bellas artes*, do que as artes, as travessuras, os meios engenhosos, com que a caridade alli inspirou domingo passado as elegantes peregrinas da Gloria?

Mas que ha ahi de admirar?

Erão Brazileiras.

Se não sabeis o que quer dizer isto, ouvi-me.

Vou contar-vos uma historia muito linda, um verdadeiro conto de fada.

Não sei se minha penna ainda se lembrará d'essas cousas, do outro tempo, d'esses contos arabes tão cheios de poesia oriental.

Mas emfim lá vai.

Foi um dia....

Lancei os olhos sobre uma pagina solta d'este folhetim, e lá vi o meu Calirion

Res est magna tacere.

Calo-me pois, e d'esta vez seriamente; dou um *ponto* na boca, ou antes no papel.

(.)